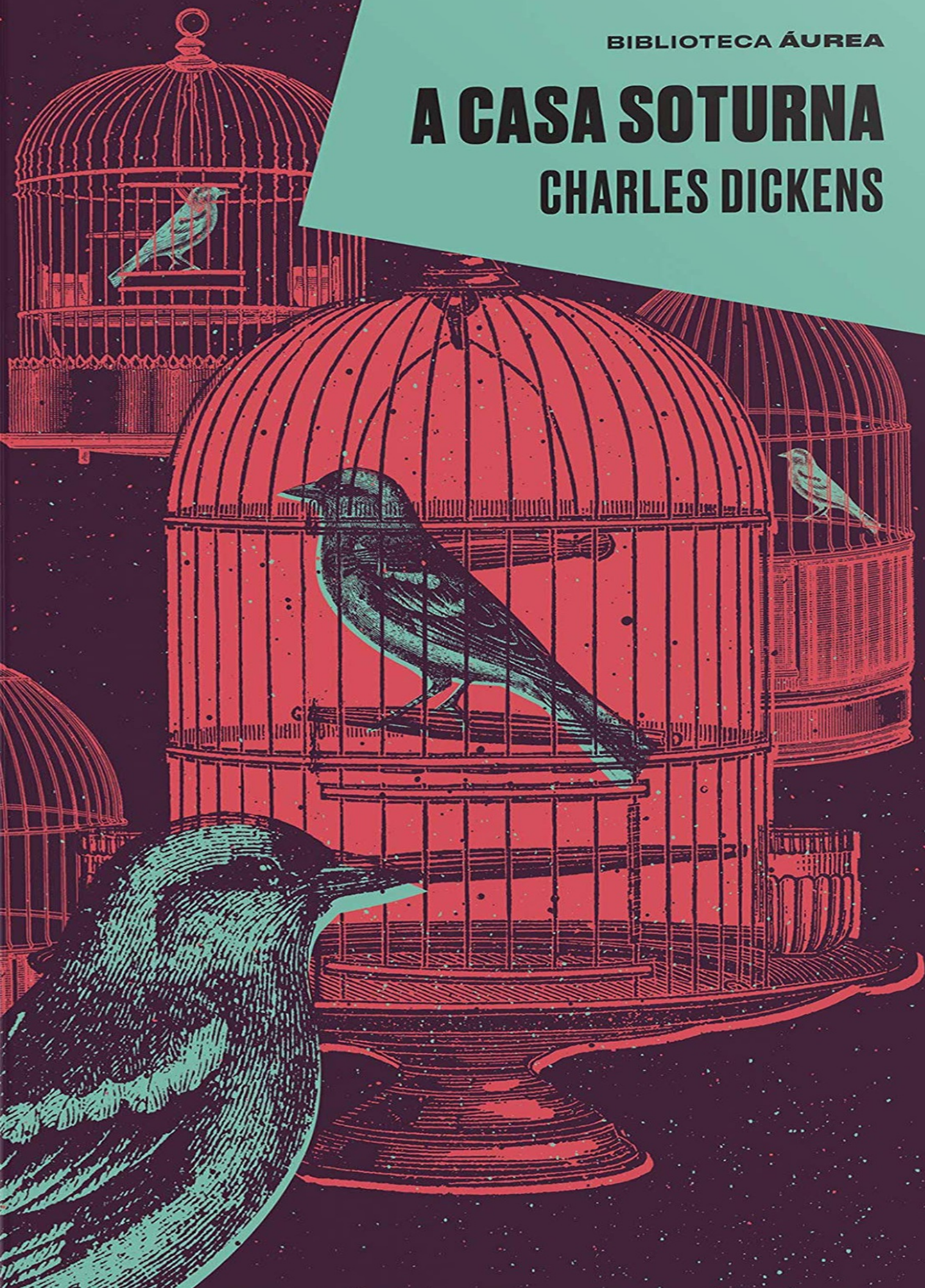


BIBLIOTECA ÁUREA

A CASA SOTURNA

CHARLES DICKENS





A CASA SOTURNA

DE CHARLES DICKENS

A CASA SOTURNA

Este livro ocupa um lugar de destaque entre os grandes clássicos da arte da narração, da qual Dickens sempre foi mestre consumado. No início de sua carreira, e ainda como repórter em Londres, ele conheceu profundamente a estrutura e os meandros do sistema judiciário inglês, sobre o qual mais tarde construiu este romance, contrapondo ao absurdo dessa estrutura o desenvolvimento rigorosamente lógico e perfeito entrelaçamento dos fatos que fizeram dele um dos maiores contadores de histórias de todos os tempos.

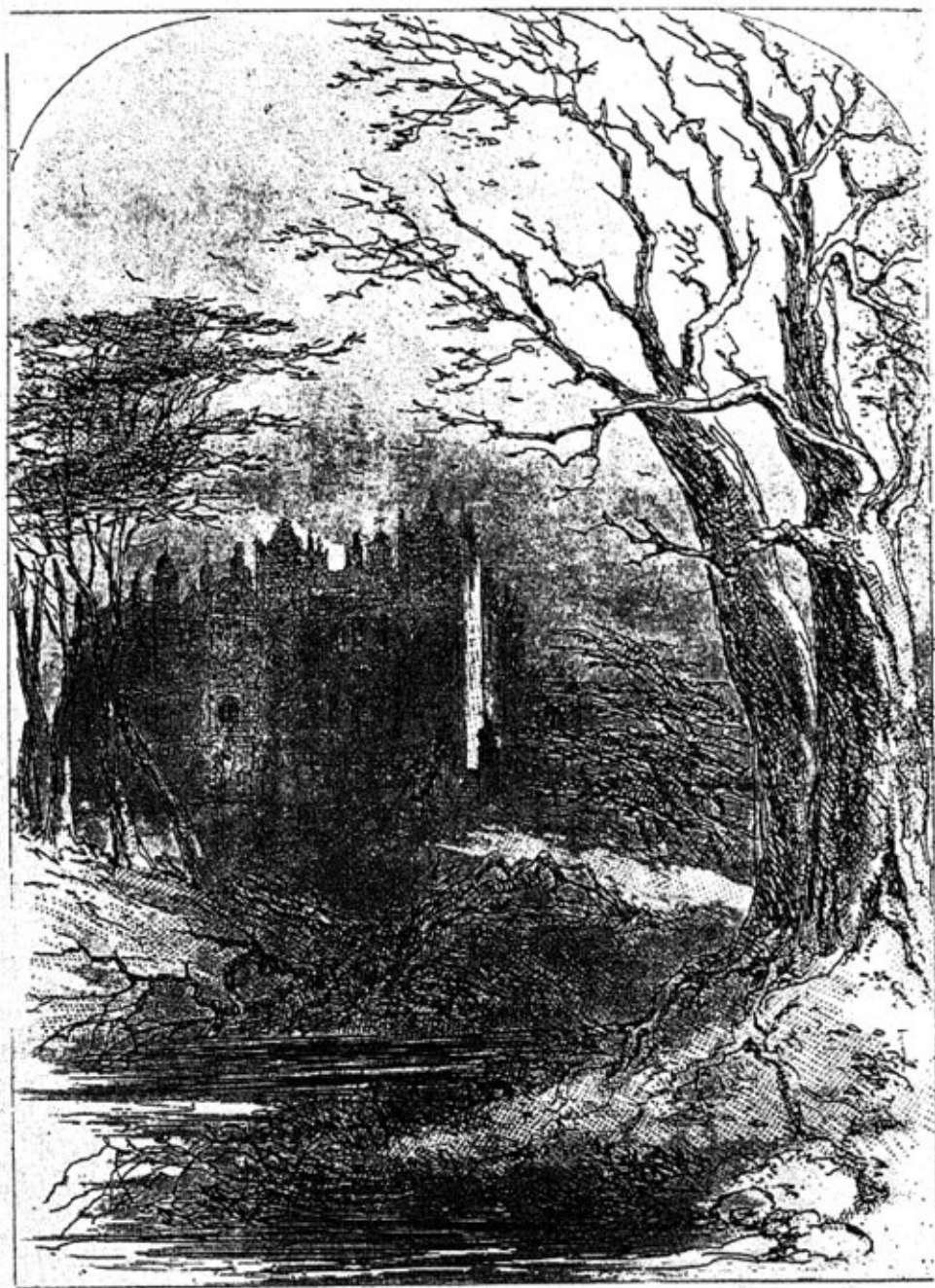
A técnica narrativa de Dickens enriquece-se, neste romance, com a capacidade de criar uma atmosfera, um clima, o que não é muito frequente num autor que se ateve preferencialmente à descrição objetiva. Lembramos, como exemplo dessa habilidade de criar um clima, o capítulo em que o personagem Krook é vitimado pela combustão humana espontânea, estranho fenômeno já mencionado em textos orientais antigos e com muitas ocorrências modernas, e que constitui um dos enigmas da Parapsicologia.

Nestas páginas encontram-se algumas das figuras mais marcantes da extensa galeria de personagens dickensianos, como o patriarcal e bonachão Jarndyce (ligado ao interminável processo em torno do qual gravitam os personagens e que, sob muitos aspectos, lembra o de Kafka), a suave e abnegada Ester, o caviloso Tulkinghorn, e a figura mais trágica de toda essa galeria, a infeliz Lady Dedlock. E encontramos também alguns dos mais comoventes casos de amor dos romances de Dickens, como a ligação entre Ada e Richard, ou entre Ester e Allan.

Pela magistral combinação das histórias paralelas, que se entrecruzam em determinados momentos para tecer o desenho mais amplo do conjunto da trama, pela habilidade com que dosa o crescendo dramático do trecho, Dickens realiza em A casa soturna um romance que os especialistas consideram o mais perfeito de sua extensa obra.

Manejando com consumada mestria dezenas de personagens e várias histórias paralelas, Dickens nos oferece neste romance um vasto painel da sociedade inglesa do século XIX, desde os mais altos círculos da nobreza até as crianças abandonadas que vagavam pelas ruas sombrias da Londres de então. Todo esse universo humano gira em torno de um processo judicial que, arrastando-se durante muitos anos, perdeu qualquer sentido e transformou-se, no dizer de um dos personagens, num monumento ao sistema judicial inglês — ao que ele tinha de absurdo e desumano. Vamos encontrar também nestas páginas algumas das criações mais impressionantes da extensa galeria de personagens dickensianos, e alguns de seus mais emocionantes casos de amor.

De Charles Dickens



BLEAK HOUSE,

BY

CHARLES DICKENS.



LONDON.

CHAPMAN & HALL LTD.

Título original: BLEAK HOUSE

(c) copyright de Charles Dickens

Revisão tipográfica

VALDIR CORRÉA ARAÚJO

EDILSON CHAVES CANTALICE

URANGA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

Dickens, Charles, 1812-1870

D545c

A casa soturna / Charles Dickens; tradução de Oscar Mendes. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

(Grandes romances)

Tradução de: Oscar Mendes.

I. Literatura inglesa — Romance. I. Mendes, Oscar, 1902. II. Título. III. Série.

86-0668

CDD — 823

Direitos exclusivos de tradução para o Brasil da Editora Globo S. A.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP 22251 — Tel.: 286-7822

Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR

Rio de Janeiro, RJ

SUMÁRIO

1. No tribunal
2. Na alta roda
3. Progressos
4. Filantropia filosófica
5. Uma aventura matinal
6. No lar
7. O passeio do fantasma
8. Acobertando uma multidão de pecados
9. Sinais e indícios
10. O copista forense
11. Nosso caro irmão
12. A espreita
13. A narrativa de Ester
14. A elegância
15. Bell Yard
16. Tom-All-Alone's
17. A narrativa de Ester
18. Lady Dedlock
19. Andando sempre
20. Um novo inquilino
21. A família Smallweed

- 22. O senhor Bucket
- 23. A narrativa de Ester
- 24. Uma apelação
- 25. A Sra. Snagsby vê tudo
- 26. Bons atiradores
- 27. Mais outro antigo soldado
- 28. O industrial do ferro
- 29. O rapaz
- 30. A narrativa de Ester
- 31. Enfermeira e doente
- 32. A hora marcada
- 33. Intrusos
- 34. Apertando o parafuso
- 35. A narrativa de Ester
- 36. Chesney Wold
- 37. “Jarndyce e Jarndyce”
- 38. “Uma Luta”
- 39. Advogado e cliente
- 40. Nacional e doméstico
- 41. No quarto do sr. Tulkinghorn
- 42. Nos aposentos do sr. Tulkinghorn
- 43. A narrativa de Ester
- 44. A carta e a resposta

- 45. Em confiança
- 46. Detenha-o
- 47. O testamento de Jo
- 48. Encerrando
- 49. Respeitosa amizade
- 50. A narrativa de Ester
- 51. A explicação
- 52. Obstinação
- 53. A pista
- 54. Fazendo saltar uma mina
- 55. Fuga
- 56. Perseguição
- 57. A narrativa de Ester
- 58. Um dia e uma noite de inverno
- 59. A narrativa de Ester
- 60. Perspectiva
- 61. Uma descoberta
- 62. Outra descoberta
- 63. Aço e ferro
- 64. A narrativa de Ester
- 65. Começando o mundo
- 66. Em Lincolnshire
- 67. Fim da narrativa de Ester

A CASA SOTURNA

NO TRIBUNAL

Londres. As férias forenses da festa de São Miguel acabaram e o Lorde Chanceler está dando audiência no Lincoln's Inn Hall. Temperatura aspérrima de novembro. Tanta lama nas ruas, como se a superfície da terra houvesse acabado de emergir das águas, e não seria maravilha encontrar-se um megalossauro, de doze metros de comprimento mais ou menos, saracoteando-se como um lagarto elefantino, no alto da colina de Holborn. Poder-se-ia imaginar que a fumaça que descia das chaminés, formando uma garoa leve e escura, com flocos de fuligem, tão grandes como fornidos capulhos de neve, era luto posto pela morte do sol. Cães indistintos no meio do lodaçal. Em não melhor estado os cavalos, enlameados até os antolhos. Pedestres, entrechocando os guarda-chuvas, como que contagiados todos de mau humor, escorregando nas esquinas das ruas, onde dezenas de milhares de outros pedestres vinham deslizando e escorregando desde que o dia raiou (se é que um dia assim pode raiar), acrescentavam novos depósitos às crostas e mais crostas de lama, que aderiam tenazmente naqueles pontos ao calçamento, acumulando-se a juro compostos.

Nevoeiro por toda a parte. Nevoeiro rio acima, onde este corre entre verdes ilhotas e campinas; nevoeiro rio abaixo, onde ele rola, sujo, entre os renques de embarcações e a sujeira das praias duma grande cidade (grande e imunda). Nevoeiro nos pantanais de Essex, nevoeiro nas alturas de Kent. Nevoeiro insinuando-se nas cozinhas de brigues carvoeiros; nevoeiro pairando sobre os estaleiros e suspendendo-se do cordame dos grandes navios; nevoeiro caindo sobre as amuradas de barças e pequenos botes. Nevoeiro nos olhos e gargantas de antigos reformados de Greenwich, respirando, asmáticos, junto às lareiras de suas enfermarias; nevoeiro na boquilha e no forninho do cachimbo vespertino do colérico capitão de navio mercante, fechado no seu camarote; nevoeiro beliscando cruelmente os dedos dos pés e das mãos do grumetezinho a tremer ali no tombadilho. Gente

ociosa, nas pontes, espreitando por cima dos parapeitos o firmamento baixo de nevoeiro, toda cercada de nevoeiro, como se se encontrasse num balão, a plainar em meio de nuvens de névoa.

O gás entreluzia no nevoeiro em diversos pontos das ruas, como a luz do sol que lavradores e labregos enxergam, a bruxulear nos campos encharcados. Acenderam-se as luzes na maior parte das lojas duas horas antes do costume, o que parece não ter agradado ao gás, pois se mostrava macilento e maldisposto.

A tarde nevoenta é mais nevoenta, mais denso o denso nevoeiro e as ruas enlameadas mais lamacentas ainda, perto daquela velha barreira, encimada de chumbo, apropriado ornamento para o limiar duma velha corporação de cabeças de chumbo — Temple Bar. E perto de Temple Bar, no Lincoln's Inn Hall, mesmo no coração do nevoeiro, exerce suas funções S. Ex.^a o Lorde Chanceler, na sua Alta Corte de Justiça.

Jamais podia ali descer nevoeiro mais espesso, jamais podia ali juntar-se lama e lodo mais profundos, para combinar com a categoria de gente, tateante e cambaleante, que aquela Alta Corte de Justiça, os mais malignos dos pecadores encanecidos, julga, nesse dia, perante o céu e a terra.

Numa tarde dessas, se já houve alguma assim, S. Ex.^a o Lorde Chanceler devia estar julgando aqui — como está — com uma auréola de nevoeiro em torno da cabeça, rodeado maciamente de panos carmesins e cortinas, ouvindo um gordo advogado de grandes suíças e voz minguada, que a ele dirige interminável requisitório; e aparentando contemplar intensamente o candeeiro pendurado do forro, onde nada mais pode ver senão nevoeiro. Numa tarde assim, algumas vintenas de membros do foro da Alta Corte de Justiça deveriam estar — como realmente estavam — nevoentamente empenhados em um dos dez mil estágios duma causa infundável, atropelando-se uns aos outros com escorregadias jurisprudências, enredando-se nas sutilezas processuais, dando com as cabeças, protegidas de pelos de cabra ou de cavalo, nas paredes de palavras, e requerendo um simulacro de justiça com os rostos graves que jogadores podem exhibir. Numa tarde assim, os vários advogados da causa, dois ou três dos quais a herdaram de seus pais, que se enriqueceram com ela, deveriam estar — e como não estariam? — colocados numa fila, num longo espaço esteirado (mas em vão procuraríeis a Verdade dentro dele), entre a mesa vermelha do escrivão e as becas de seda, com mandados,

contramandados, interrogatórios, réplicas, recursos, certidões, decisões, arbitramentos para peritos, relatórios de peritos, montanhas de caros disparates, empilhados à sua frente. Bem pode estar sombrio o tribunal, como velas a consumirem-se aqui e ali; bem pode o nevoeiro pousar espesso dentro dele, como se nunca devesse sair; bem podem as janelas de vidros vermelhos perder sua cor e não deixar passar a luz do dia; bem podem os não iniciados das ruas, que perscrutam através dos quadrados de vidro da porta, desistir de entrar, por causa de seu aspecto lúgubre, e de leitura arrastada, languidamente ecoando sob o teto, lá do estrado alcatifado, onde S. Ex.^a o Lorde Chanceler contempla o candeeiro sem luz e onde os juízes subalternos estão todos cravados no nevoeiro espesso! Esta é a Corte de Justiça que tem casas decadentes e terras estéreis em cada condado; que tem seus malucos alquebrados em cada hospício e seus mortos em cada cemitério; que tem seus demandantes arruinados, de calcanhares cambados e roupas coçadas, correndo a roda dos conhecidos, a fazer empréstimos e a pedir dinheiro; que dá aos poderosos endinheirados os meios abundantes de fatigar o direito; que de tal modo exaure finanças, paciência, coragem e esperança, de tal modo arruína o cérebro e destroça o coração, que entre os seus profissionais não existe um homem honrado que não dê — que muitas vezes não dê — o seguinte conselho: “Suporte toda e qualquer injustiça que lhe hajam feito, em vez de vir pedir justiça aqui!”

Quem estará no Tribunal do Lorde Chanceler, nessa tarde fusca, além de sua excelência, do advogado da causa, de dois ou três advogados que nunca estão em causa alguma e de todos os causídicos acima mencionados? Vê-se o escrivão, abaixo do juiz, de cabeleira e beca, e dois ou três oficiais de justiça, ou juízes inferiores, ou beleguins, ou o que quer que pudessem ser, de vestes talares. Todos bocejam, porque nenhuma migalha de divertimento jamais caiu de “JARNDYCE E JARNDYCE” (a causa em questão), que vinha sendo espremida sem dar sumo, havia anos e anos. Os taquígrafos, os relatores do tribunal e os repórteres dos jornais invariavelmente tratam de escapulir-se com os demais funcionários quando “Jarndyce e Jarndyce” entra. O lugar deles fica vazio. Sentada a um banco, ao lado do salão, o melhor lugar para se ver o recinto sagrado cheio de cortinas, está uma velhinha maluca, com um chapéu amassado, sempre vista no tribunal, desde que começa a funcionar até terminar, à espera de algum incompreensível julgamento em seu favor, que nunca chega. Alguns dizem que ela é realmente, ou foi, parte numa demanda;

mas ninguém sabe com certeza, porque ninguém se interessa. Carrega numa bolsinha reticulada um amontoado de coisas, que chama de seus documentos, os quais consistem principalmente em torcidas de papel e alfazema seca. Um prisioneiro lívido surgiu, sob custódia, pela sexta vez, para fazer uma petição, a fim de “ver-se absolvido do crime de desacato”; mas, sendo único testamenteiro sobrevivente, enredado num amontoado de contas das quais não se pode alegar que tenha tido jamais qualquer conhecimento, não é provável que alguma vez o consiga. Entrementes, as perspectivas de sua vida terminaram. Outro demandante arruinado, que periodicamente aparece, vindo de Shopshire, e lança mão de todos os esforços para se dirigir ao Chanceler, ao encerrarem-se os trabalhos do dia, e que não pode de modo algum ser induzido a compreender que o Chanceler ignora legalmente sua existência, depois de havê-la devastado por um quarto de século, planta-se num bom lugar e fica de olho no juiz, pronto a gritar: “Excelência!”, com uma voz de queixa estrepitosa, no momento em que ele se levantar. Alguns escreventes de advogados e outros que conhecem de vista esse demandante ficam à espera de que lhes proporcionem alguma diversão, que alegre um pouco a atmosfera sombria.

“Jarndyce e Jarndyce” bezoa. Essa questão de má morte tornou-se, com o correr do tempo, tão complicada que nenhuma criatura viva sabe o que ela significa. As partes compreendem-na ainda menos. E tem sido observado que basta que dois advogados comecem a conversar a respeito dela para logo, cinco minutos depois, chegarem a um desentendimento total a respeito de todas as premissas. Inúmeras crianças têm nascido no decorrer da causa, inúmeros jovens se têm casado e inúmeros velhos têm morrido. Dezenas de pessoas viram-se loucamente transformadas em partes no caso “Jarndyce e Jarndyce”, sem saberem como nem por quê. Famílias inteiras herdaram, com o processo, ódios lendários. O pequeno querelante ou o pequeno demandado, a quem prometeram novo cavalo de balouço quando se liquidasse o caso “Jarndyce e Jarndyce”, cresceram, tornaram-se donos dum cavalo de verdade e trotaram para o outro mundo. Lindas tuteladas murcharam, transformadas em mães e vovós; longa procissão de juízes entrou no processo e dele saiu; as legiões de certidões do processo transformaram-se em meras certidões de óbito. Talvez não restem na terra três Jarndyces vivos, desde que o velho Tom Jarndyce, desesperado, estourou os miolos num café do Beco do Tribunal: mas “Jarndyce e Jarndyce” ainda arrasta sua monótona duração perante o

Tribunal, perenemente sem esperança.

“Jarndyce e Jarndyce” virou pilhéria. Foi a única coisa boa que daí resultou. Para muitos foi caso de morte, mas é uma pilhéria na profissão. Todo perito do foro teve ingerência nele. Todo Chanceler esteve “nele”, a favor deste ou daquele, quando era advogado no Tribunal. Boas coisas foram contadas a respeito dele, por velhos magistrados de nariz azulado e joanetes bulbosos, na sala de visitas, em reuniões após o jantar, regadas a escolhido vinho do Porto. Escreventes principiantes habituaram-se a saciar nele a finura do espírito jurídico de que eram dotados. O finado Lorde Chanceler dele se valeu com sutileza quando, retificando o Sr. Blowers, o eminente advogado real, que dissera que certa coisa só poderia acontecer quando chovessem batatas, observou: — Ou quando conseguirmos livrar-nos de “Jarndyce e Jarndyce”, Sr. Blowers — gracejo que lisonjeou particularmente maceiros, portadores do sinete real e oficiais de justiça.

Não seria coisa fácil de dizer a quanta gente fora do processo “Jarndyce e Jarndyce” estendeu sua mão contagiosa para despojar e corromper. Desde o perito que defrontava resmas de poeirentos laudos de “Jarndyce e Jarndyce” em muitos formatos, enroscados e já bem sujos, até o copista do Cartório dos Seis Escreventes, que copiou suas dezenas de milhares de papéis de autos, encimados por aquele nome eterno, nenhuma natureza humana se tornou melhor por conta dele. Em meio de trapaças, evasivas, adiamentos, espoliações, aborrecimentos, autoridades há que nunca conseguem nada de bom. Os próprios empregadinhos de advogados, que se descartaram dos desgraçados demandantes, afirmando-lhes com calor, vezes sem conta, que o senhor Fulano ou Sicrano, ou lá quem fosse, estava em conferência particular e tinha compromissos marcados até a hora do jantar, podem ter adquirido de “Jarndyce e Jarndyce” uma deformação extra moral e certas manhas. O depositário público da causa obteve ótima soma de dinheiro graças a ela, mas aprendeu também a desconfiar de sua própria mãe e a desprezar a espécie humana. Fulano, sicrano ou outro qualquer habituaram-se a prometer vagamente a si próprios que examinariam aquele negociozinho em litígio e veriam o que se poderia fazer em favor de beltrano — que não era bem tratado — quando “Jarndyce e Jarndyce” fosse retirado do cartório. Esquivaças e fraudes de múltiplas espécies foram semeadas fartamente pela malfadada causa; e mesmo aqueles que lhe contemplaram a história, desde o círculo mais exterior de tal calamidade, foram insensivelmente tentados a

deixar com displicência que as coisas más seguissem sozinhas seu mau caminho e a acreditar com indiferença que, se o mundo anda torto, é que de qualquer maneira nunca quis andar direito.

Assim, em meio da lama e no coração mesmo do nevoeiro, dá audiência S. Ex.^a o Lorde Chanceler, na sua Alta Corte de Justiça.

— Sr. Tangle — diz S. Ex.^a o Chanceler, ultimamente um tanto inquieto diante da eloquência daquele ilustrado cavalheiro.

— Excelência — diz o Sr. Tangle. O Sr. Tangle sabe mais a respeito de “Jarndyce e Jarndyce” que qualquer outra pessoa. A causa lhe deu fama, pois que nunca leu outra coisa a não ser isso desde que saiu da escola.

— Falta pouco para o senhor acabar sua alegação?

— Não, meritíssimo... Há vários pontos que julgo de meu dever expor a vossa excelência — é a resposta que escorrega dos lábios do Sr. Tangle.

— Creio que há ainda vários senhores membros do foro que devem ser ouvidos — diz o Chanceler, com um leve sorriso.

Dezoito dos eruditos amigos do Sr. Tangle, cada um armado dum pequeno sumário de 1.800 folhas, agitam-se como dezoito martelinhos num piano, fazendo dezoito curvaturas e mergulham na obscuridade de seus dezoito lugares.

— Prosseguiremos com a audiência na quarta-feira da próxima quinzena — diz o Chanceler. Pois a questão em litígio é apenas uma questão de custas, mero botão na árvore copada do processo original, e realmente virá a ser solucionada qualquer dia destes.

O Chanceler levanta-se; levanta-se o foro; o prisioneiro é levado às pressas para a frente; o homem de Shropshire grita: “Excelência!” Oficiais de justiça, maceiros e portadores do sinete real ordenam silêncio e fecham a cara para o homem de Shropshire.

— Com relação — continua o Chanceler, ainda tratando de “Jarndyce e Jarndyce” — à moça...

— Peço perdão a vossa excelência... rapaz — diz o Sr. Tangle, interrompendo-o.

— Com relação — prossegue o Chanceler, com voz excepcionalmente

distinta — à moça e ao rapaz, aos dois jovens...

(O Sr. Tangle abateu-se.)

— A quem intimei para comparecerem hoje, e que se acham agora no meu gabinete particular, irei ter com eles e terei a satisfação de lavar, sem demora, a ordem para que passem a residir com seu tio.

O Sr. Tangle põe-se de pé novamente.

— Perdão, excelência... Ele morreu.

— Com seu... — o Chanceler olha através dos óculos para os papéis sobre a mesa — avô.

— Perdão, excelência... vítima dum gesto precipitado... miolos.

De repente, um advogado bem pequenino, com uma terrificante voz de baixo, levanta-se, todo cheio de si, lá das mais baixas camadas do nevoeiro e diz: — Com licença, meritíssimo senhor. Compareço em nome dele. É um primo muito distante. Não estou preparado no momento para informar ao Tribunal em que grau ele é primo, mas que é primo, é.

Deixando essa petição (proferida como uma mensagem sepulcral) a ecoar nos barrotes do teto, o advogadinho senta-se e o nevoeiro não mais toma conhecimento dele. Todos olham para ele. Ninguém pode vê-lo.

— Falarei com ambos os moços — diz de novo o Chanceler — e terei a satisfação de falar com eles a respeito de passarem a residir com seu primo. Mencionarei esta matéria amanhã de manhã, por ocasião de minha audiência.

O Chanceler está a ponto de cumprimentar o Tribunal, quando o prisioneiro é apresentado. Nada pode ser resolvido daquela trapalhada referente ao prisioneiro, a não ser recambiá-lo para a prisão, o que é logo feito. O homem de Shropshire aventura outro protesto: “Excelência!”, mas o Chanceler, notando sua presença, habilmente desapareceu. Todos também se apressam a desaparecer. Uma bateria de pastas azuis é abarrotada de pesadas cargas de papéis, transportadas por amanuenses; a velhinha sai com seus documentos; o Tribunal vazio é fechado. Se todas as injustiças que ele tem cometido e todas as misérias que tem causado pudessem ser com ele aferrolhadas e tudo incendiado numa grande pira funerária — então, tanto melhor para as outras partes que não são partes em “Jarndyce e Jarndyce”.

NA ALTA RODA

Queremos apenas lançar um olhar ao mundo da alta roda, nesta mesma tarde lamacenta. Não é ela tão diferente do Tribunal de Justiça que não possamos passar duma cena para outra, em voo direto. Tanto o mundo da alta roda como o Tribunal de Justiça são coisas de protocolo e de praxe — super dorminhocos Rip Van Winkles,¹ que se entretiveram com estranhos jogos durante um enorme tempo trovejante; Belas Adormecidas a quem o Cavaleiro despertará um dia, quando todos os espetos parados na cozinha começarem a girar prodigiosamente!

Não é um mundo muito vasto. Comparado mesmo a este mundo nosso, que também tem seus limites (como vossa alteza descobrirá quando lhe houver dado a volta e chegado à beira do vácuo), ele é uma manchinha de nada. Há nele muita coisa boa: há nele gente muito boa e muito verdadeira; ele tem seu lugar determinado. Mas o diabo é ser ele um mundo todo envolvido, por demais, em algodão de joalheiro e lã fina, que não pode ouvir a atividade dos mundos mais vastos e não pode vê-los, quando se alinham em redor do sol. É um mundo amortecido e seu crescimento se torna muitas vezes doentio por falta de ar.

S. Ex^a Lady Dedlock voltou à sua casa na cidade para aí passar uns poucos dias antes de partir para Paris, onde pretende permanecer algumas semanas, ignorando-se, porém, seu futuro itinerário. Para conforto dos parisienses fala assim o noticiário elegante que conhece todas as coisas de gosto refinado. Conhecer as coisas de outro modo não seria um requinte. Lady Dedlock tem estado ali, no que ela chama, na linguagem familiar, sua “quinta” em Lincolnshire. As águas transbordaram em Lincolnshire. Um arco da ponte do parque foi minado e encharcou-se. A baixada adjacente, por uma meia milha de largura, transformou-se num rio estagnado, com ilhas de árvores melancólicas e com a superfície pontilhada o dia inteiro pelos pingos da chuva ininterrupta. A quinta da Exma Lady Dedlock mostra-se

extremamente lúgubre. O tempo, durante muitos dias e noites, tem estado tão úmido que as árvores parecem ensopadas e os galhos nem chegam a estalar ou estrondar, ao caírem aos golpes surdos do machado do lenhador que os poda e desbasta. Os veados, que parecem empapados, deixam poças de lama por onde passam. O tiro de um rifle perde o estrondo no ar molhado e sua fumaça move-se como uma nuvenzinha lenta na direção da verde elevação coberta de árvores, que forma um pano de fundo para a chuva que cai. A vista que se descortina das próprias janelas de Lady Dedlock é alternativamente um quadro cor de chumbo ou de nanquim. Os vasos do terraço de pedra da frente recolhem a chuva o dia todo e os pesados pingos caem a noite inteira, toque, toque, toque, sobre as largas lajes do pavimento, chamado, desde antigos tempos, o Passeio do Fantasma. Nos domingos a capelinha do parque está cheia de bolor, o púlpito de carvalho transuda um suor frio e sente-se como que um cheiro e um sabor dos antigos Dedlocks ali sepultados. Lady Dedlock (que não tem filhos), olhando da janela de sua alcova, à luz do crepúsculo antecipado, para a casinha de um coiteiro e vendo o lume de um fogo nas vidraças dos postigos, a fumaça saindo da chaminé e uma criança perseguida por uma mulher, correndo na chuva para ir ao encontro da figura reluzente de um homem todo encapotado, que ia entrando pelo portão, ficou completamente mal-humorada. Diz Lady Dedlock que tem sido “horrivelmente incomodada”.

Em consequência, ela regressou de Lincolnshire, deixando sua quinta entregue à chuva, aos corvos, aos coelhos, aos veados, às perdizes e faisões. Dir-se-ia que os retratos dos mortos Dedlocks, numa simples prostração de espírito, se haviam sumido dentro das paredes úmidas, quando a governanta atravessou os vetustos salões, fechando as janelas. E o noticiário elegante — que, como o demônio, conhece todo o passado e todo o presente, mas não o futuro — não pode ainda arriscar-se a dizer se eles em breve tornarão a aparecer.

Sir Leicester Dedlock é um simples baronete. Mais poderoso, porém, do que ele não existe outro. Sua família é tão velha como as colinas e infinitamente mais respeitável do que elas. Mantém ele uma opinião geral de que o mundo poderia continuar a existir sem colinas, mas que, sem Dedlocks, pereceria. Poderia admitir, em conjunto, que a natureza é uma boa ideia (um pouco vulgar, talvez, quando não encerrada dentro da cerca de um parque), mas uma ideia cuja execução depende de nossas grandes famílias dos

condados. É um cavalheiro de consciência severa, desdenhoso de qualquer pequenez e mesquinhez e pronto, ao menor aviso, a morrer qualquer morte que vos aprouver mencionar, contanto que não dê ocasião à menor censura à sua integridade. É um homem reto, obstinado, amante da verdade, brioso, cheio de fortes preconceitos e perfeitamente desarrazoado.

Sir Leicester é, plenamente, vinte anos mais velho do que sua esposa. Não verá de novo os sessenta e cinco anos, nem talvez os sessenta e seis, nem ainda os sessenta e sete. De vez em quando sofre um ataque reumático e anda um pouco teso. Tem uma aparência digna, com seus cabelos e suíças levemente encanecidos, com os belos folhos de sua camisa, com seu colete de uma alvura imaculada e o casaco azul de botões dourados, sempre abotoado. É cerimonioso, majestoso, polidíssimo, em qualquer ocasião, para com sua mulher e tem em elevada estima os atrativos pessoais de que é dotada. Seus modos galantes para com a esposa, que nunca mudaram desde o tempo em que lhe fez a corte, são os únicos e leves traços de fantasia romântica que nele se encontram.

Casou-se, efetivamente, com ela por amor. Diz-se ainda à boca pequena que Lady Dedlock nem família possuía; seja como for, Sir Leicester talvez tivesse família até demais, podendo dá-la a quem não a tivesse. Ela, porém, tinha beleza, orgulho, ambição, resolução insolente e bastante senso para repartir com uma legião de belas senhoras. Riqueza e posição social, acrescentadas a isso, em breve ergueram-na bem alto, e durante anos, agora, Lady Dedlock tem estado no centro do noticiário elegante e no tope da árvore da moda.

Toda a gente sabe quanto chorou Alexandre quando não teve mais mundos que conquistar — ou tem motivo de o saber atualmente, pois que o caso tem sido mencionado com certa frequência. Lady Dedlock, tendo conquistado o “seu” mundo, começou, não a derreter-se, mas a mostrar-se congelada. Uma compostura exausta, uma placidez alquebrada, uma serenidade fatigada que não se deixa agitar pelo interesse ou pela satisfação, são os troféus da sua vitória. É uma obra-prima de boa criação. Se lhe ocorresse ser transportada ao céu amanhã, poder-se-ia esperar que a ele ascendesse sem nenhum arrebatamento.

Possui ainda alguma beleza que, se já não se encontra no seu apogeu, pelo menos não está ainda no outono. Tem um belo rosto — que

originalmente mais se diria ser muito bonito que formoso, mas melhorado num sentido de aparência clássica, expressão essa adquirida graças à sua condição de mulher da moda. Seu porte é elegante e dá a impressão de que ela é alta. Não que seja realmente assim, mas porque, como tem frequentemente afirmado, sob juramento, o ilustre Bob Stables, “tudo nela é sabiamente composto”. A mesma autoridade observa que ela é perfeita no trajar e acrescenta, elogiando-lhe especialmente o cabelo, que é o espécime mais bem cuidado de toda a coudelaria.

Com todas as suas perfeições na cabeça, Lady Dedlock regressou lá de sua quinta de Lincolnshire (perseguida com ardor pelo noticiário elegante) para passar uns poucos dias em sua casa da cidade, antes de partir para Paris, onde sua senhoria tenciona permanecer algumas semanas. Depois disso não sabe ainda que rumo seguirá. E em sua casa da cidade, naquela tarde fusca e lamacenta, apresenta-se um velho advogado, trajado à moda antiga e também solicitador da Alta Corte de Justiça, que tem a honra de desempenhar o cargo de conselheiro legal dos Dedlocks, e tem tantas caixas de ferro fundido em seu escritório com este nome escrito por fora, como se o atual baronete fosse a moeda das peloticas do prestidigitador e estivesse sendo escamoteado em todas as partidas. Vestíbulo adentro, escadas acima, ao longo dos corredores e através das salas, bastante brilhantes no tempo conveniente e bastante sombrias fora dele — país de fadas digno de ser visitado, mas deserto para se morar nele —, é conduzido o velho cavalheiro, por um Mercúrio empoadado, até a presença da senhora.

O velho cavalheiro tem aspecto rústico, mas diz-se que logrou ótimos lucros com ajustes de casamentos aristocráticos e de testamentos da nobreza e que se tornou riquíssimo. Cerca-o um misterioso halo de confidências familiares, de que se sabe ser ele o silencioso depositário. Há nobres mausoléus plantados há séculos, em retiradas clareiras de parques, entre fetos e troncos que crescem, os quais talvez contenham menos segredos nobres que os que andam entre os homens, trancados no peito do Sr. Tulkinghorn. Pertence ele, como se diz, à velha escola — frase que significa em geral qualquer escola que parece jamais ter sido jovem — e usa calções até os joelhos, atados com fitas e polainas ou meias. Uma particularidade de suas roupas pretas e de suas meias pretas, quer sejam de seda ou de lã, é que nunca brilham. Mudo, fechado, silencioso a qualquer luz cintilante, seu traje é como ele próprio. Jamais conversa, a não ser quando profissionalmente consultado.

Pode ser visto muitas vezes calado, mas inteiramente à vontade, em cantos de mesas de jantar, em grandes casas de campo e junto de portas de salões de visita, interessado naquilo em que o noticiário elegante é eloquente; onde todos o conhecem e onde metade da nobreza se detém para dizer: “Como vai passando, Sr. Tulkinghorn?” Recebe essas saudações com gravidade e sepulta-as com o resto de seu saber.

Sir Leicester Dedlock encontra-se em companhia da esposa e mostra-se satisfeito por ver o Sr. Tulkinghorn. Há nele um ar de praxes, sempre agradável a Sir Leicester. Recebe-o como uma espécie de tributo. Gosta do traje do Sr. Tulkinghorn. Há nisso também uma espécie de tributo. É coisa eminentemente respeitável e tem igualmente, de modo geral, qualquer coisa de acolhedor. Exprime, por assim dizer, o despenseiro dos mistérios legais, o mordomo da adega legal dos Dedlocks.

Terá o próprio Sr. Tulkinghorn qualquer ideia disso? Talvez que sim, talvez que não. Mas existe esta notável circunstância a ser observada em tudo quanto se relaciona com Lady Dedlock como membro de uma classe — como um dos chefes e representantes de seu pequeno mundo; ela se supõe um ser inescrutável, completamente fora do alcance e da vista dos mortais comuns, olhando-se ao seu espelho, onde na verdade é assim que aparece. Contudo, qualquer estrelinha apagada que gire em torno dela, desde sua criada até o diretor da ópera Italiana, conhece-lhe as fraquezas, os preconceitos, as loucuras, as arrogâncias e os caprichos e estabelece um cálculo tão acurado e uma medida tão exata de sua natureza moral, quanto é exata a medida das proporções físicas que a modista lhe toma. Há acaso um novo vestido, um novo costume, uma nova cantora, uma nova dançarina, uma nova forma de joias, um novo anão ou gigante, uma nova capela, uma nova qualquer coisa a lançar ou erguer? Há pessoas obsequiosas, das mais díspares profissões, a quem Lady Dedlock encara apenas como criaturas prosternadas diante de si, que podem dizer-vos como podereis tratar dela, como se fosse uma criancinha; que nada fazem, durante suas vidas, senão cuidar dela; que, afetando humildade, ao acompanhá-la com profunda subserviência, na realidade a conduzem e a toda a sua tropa atrás de si; que, fisgando um, fisga a todos e os arrasta, como Lemuel Gulliver arrastava a soberba armada da majestosa Lilliput. “Se desejais cortejar nosso povo, Sir — dizem os joalheiros Blaze e Sparkle, significando, com este “nosso povo”, Lady Dedlock e os demais —, deveis lembrar-vos de que não estais tratando com o

público em geral; deveis atingir nosso povo no seu ponto mais fraco e o seu ponto mais fraco é um tal lugar.” “Para fazer baixar este artigo, cavalheiros — dizem Sheen e Gloss, os lojistas, a seus amigos fabricantes —, deveis vir ter conosco, porque sabemos onde encontrar a gente da moda e podemos torná-la da moda.” “Se desejais ver esta obra em cima das mesas das altas pessoas do meu conhecimento, Sir — diz o Sr. Shaddery, o livreiro —, se desejais que esse anão ou esse gigante tenha entrada nas altas camadas de meu conhecimento, Sir, ou se desejais obter como certo o patrocínio de minhas elevadas amizades para essa festa, Sir, por favor deixai isso a meu cargo; porque estou acostumado a estudar as figuras exponenciais de minhas elevadas relações, Sir, e digo-vos sem vaidade que posso fazê-las girar em torno de meu dedo” — e nisso o Sr. Shaddery, que é um homem honesto, em coisa alguma exagera.

Por conseguinte, ainda que o Sr. Tulkinghorn não possa saber o que se está passando no momento, na mente dos Dedlocks, é bem possível que o saiba.

— A causa de minha mulher foi novamente levada perante o juiz, não foi, Sr. Tulkinghorn? — pergunta Sir Leicester, estendendo-lhe a mão.

— Foi, sim. Hoje, de novo — responde o Sr. Tulkinghorn, fazendo uma daquelas suas sossegadas vênias à excelentíssima Lady, sentada num sofá, junto ao fogão, sombreando o rosto com um para-fogo.

— Seria desnecessário perguntar — diz a senhora, ainda possuída da tristeza de sua quinta de Lincolnshire — se foi feita alguma coisa.

— Nada do que vossa senhora poderia chamar alguma coisa foi feito hoje — responde o Sr. Tulkinghorn.

— Nem nunca se fará — diz a senhora.

Sir Leicester nada tem que objetar contra uma interminável questão judiciária. Isso faz parte do temperamento inglês, lerdo e dispendioso. Para falar a verdade, ele não tem interesse vital pela causa em questão, sendo sua parte na mesma a única propriedade que a senhora lhe trouxe e tem uma vaga impressão de que é um acidente bastante ridículo o fato de estar o seu nome — o nome de Dedlock incluído numa causa e não ser o próprio título dessa causa. Mas encara o Tribunal de Justiça, mesmo implicando ele um accidental retardamento de justiça e um frívolo acervo de confusão, como algo

inventado, em conjunção com uma enorme variedade de outros algos, pela perfeição da sabedoria humana, para a eterna estabilização (humanamente falando) de todas as coisas. E tem opinião totalmente fixa de que dar seu apoio a quaisquer queixas contra ele seria encorajar alguém das classes mais baixas a subir de certo modo — como Wat Tyler.²

— Como alguns recentes depoimentos já constam dos autos — diz o Sr. Tulkinghorn — e como são curtos e como a minha maneira de agir se baseia no penoso princípio de pedir permissão a meus clientes, para trazê-los ao corrente de quaisquer novos trâmites de uma causa (homem cauteloso, o Sr. Tulkinghorn só tomava as responsabilidades necessárias) — e além do mais, como vejo que estais de partida para Paris, trouxe-os no meu bolso.

(A propósito, Sir Leicester também estava de viagem para Paris, mas o gozo da informação de alto requinte via-se na senhora.) O Sr. Tulkinghorn tirou do bolso seus papéis, pediu permissão para colocá-los sobre o talismã dourado de uma mesa ao lado da senhora, pôs os óculos, e começou a ler à luz de uma lâmpada velada.

— Tribunal de Justiça. Entre João Jarndyce...

A senhora interrompe, pedindo-lhe que salte quanto possível os horrores das formalidades.

O Sr. Tulkinghorn olha por cima dos óculos e começa de novo a ler, mais baixo ainda. A senhora, displicente e desdenhosamente, permanece abstraída. Sir Leicester, numa grande cadeira, olha para o fogo e demonstra um gosto sublime por aquelas repetições e prolixidades legais, que se alinham entre os baluartes da nacionalidade. Acontece que o calor é bastante forte, no lugar onde se acha a senhora, e que o para-fogo é mais belo do que útil, pois é inestimável, mas pequeno. Lady Dedlock, mudando de posição, vê os papéis em cima da mesa — olha para eles mais de perto — olha para eles mais de perto ainda — e pergunta impulsivamente: — Quem copiou isto?

O Sr. Tulkinghorn para de repente, surpreendido pela animação e pelo tom insólito da senhora.

— É a isso que, entre os senhores, se chama caligrafia tabelioa? — pergunta ela encarando-o de novo, com aquele seu ar displicente e brincando com o para-fogo.

— Não, senhora. Provavelmente — o Sr. Tulkinghorn examina-a,

enquanto fala — o caráter forense que ela tem foi adquirido depois que a caligrafia original se formou. Por que pergunta isso?

— Apenas para variar esta detestável monotonia. Oh! continue, continue!

O Sr. Tulkinghorn lê de novo. O calor torna-se maior; Lady Dedlock protege o rosto com o para-fogo. Sir Leicester cochila, desperta de repente e grita: — Hem? Que está dizendo?

— Estou dizendo que acho — diz o Sr. Tulkinghorn, que se levantou às pressas — que Lady Dedlock esteja doente.

— Abatida — murmura a senhora, com os lábios brancos — apenas isto; mas é como se fosse o abatimento da morte. Não me fale. Toque a campainha e leve-me para meu quarto!

O Sr. Tulkinghorn retira-se para outra sala; soa a campainha, pés se arrastam, compassados. Segue-se o silêncio. Por fim, Mercúrio pede ao Sr. Tulkinghorn que volte.

— Está melhor agora — cochicha Sir Leicester, fazendo um gesto para que o advogado se sente e leia para ele sozinho. — Fiquei bastante alarmado. Nunca vira minha senhora desmaiar. Mas o tempo está extremamente incômodo... e ela, na realidade, quase morre de tédio na sua quinta de Lincolnshire.

1. Personagem do Sketch Book, do Irving . Tendo bebido certo licor, cai num profundo sono que dura vinte anos. (N. do T.)

2. Rebelde inglês que tomou parte na Revolta dos Camponeses. (N. do T.)

PROGRESSOS

Tenho enorme dificuldade em começar a escrever a parte que me cabe destas páginas, pois reconheço que não sou inteligente. Sempre reconheci isso. Recordo-me de que, quando era bem menina ainda, costumava dizer à minha boneca, quando estávamos sós: “Ora, Nenê, você sabe muito bem que não sou inteligente e deve ter paciência comigo, queridinha!” E assim ela costumava ficar sentada, de encontro ao encosto de uma grande cadeira de braços, com seus lábios rosados e seu lindo rosto a olhar para mim — tanto podia ser para mim como para coisa nenhuma — enquanto eu, atarefadamente, costurava e lhe contava todos os meus segredos.

Minha velha e querida boneca! Eu era uma coisinha tão tímida que raramente ousava descerrar os lábios e jamais abrir o coração a quem quer que fosse. Quase me arranca lágrimas pensar que alívio costumava ser para mim, ao voltar da escola, correr escada acima até meu quarto e dizer: “Ó queridinha e fiel Nenê, eu sabia que você estava à minha espera!”, e depois sentar-me no chão, inclinando-me sobre o braço da sua grande cadeira e contar-lhe tudo quanto observara, desde que nos havíamos separado. Sempre tive certo jeito de observar — não um jeito muito esperto, isso não! —, um jeito de observar o que se passava diante de mim e pensar que gostaria de compreender tudo melhor. Não tinha absolutamente uma compreensão rápida das coisas. Quando gosto realmente de uma pessoa, com toda a ternura parece que tudo se aclara. Mas mesmo isso talvez seja vaidade minha.

Fui criada, segundo minhas mais remotas recordações — como algumas das princesas das histórias de fadas, com a diferença de não ser eu encantadora —, por minha madrinha. Pelo menos apenas a conhecia como tal. Era uma boa, uma excelente mulher. Aos domingos ia três vezes à igreja, às quartas e sextas-feiras, às orações da manhã, e a conferências sempre que havia conferências. Nunca deixava de ir. Era bela. E se alguma vez sorrisse, seu sorriso (costumava eu pensar) teria sido como o de um anjo. Mas nunca

sorria. Era sempre grave e rigorosa. Ela era tão boa, pensava eu, que a maldade dos outros a fazia estar a vida inteira de cara fechada. Sentia-me bastante diferente dela, mesmo descontando todas as diferenças entre uma criança e uma mulher. Sentia-me tão pobre, tão frívola e tão distante, que nunca podia estar à vontade com ela — nem ainda pude jamais querer-lhe como desejava. Causava-me extrema tristeza considerar quão boa ela era, e quão indigna dela eu era. Ardente era a minha esperança de poder vir a ter melhor coração e sobre isso conversava muitas e muitas vezes com a minha queridíssima boneca. Mas nunca amei minha madrinha como devia tê-la amado e como sentia que a devia amar, se tivesse sido uma menina melhor.

Isso, suponho, tornava-me mais tímida e retraída do que naturalmente era, e me lançava sobre Nenê, como a única amiga com a qual me sentia à vontade. Mas quando eu era ainda uma coisinha de nada, aconteceu qualquer coisa que muito concorreu para isso.

Nunca ouvira falar a respeito de minha mãe. Nunca ouvira falar tampouco a respeito de meu pai, mas meu maior interesse era a respeito de minha mãe. Que me lembrasse, eu nunca havia usado um vestido preto. Nunca me haviam mostrado a sepultura de minha mãe. Nunca me haviam dito onde ela jazia. Além disso, nunca me haviam ensinado a rezar por qualquer parente, a não ser pela minha madrinha. Mais de uma vez transmiti essas minhas cismas à Sra. Rachael, nossa única criada, que retirava a luz quando eu estava na cama (outra mulher muito boa, embora severa para comigo) e ela apenas dissera: “Boa noite, Ester!” e saíra, deixando-me só.

Conquanto houvesse sete meninas na escola vizinha, onde eu era semi-interna, e apesar de me chamarem Esterzinha, Summerson, nada sabia delas em casa. Todas eram mais velhas do que eu (eu era a mais moça dali), mas parecia haver outra separação entre nós além desta, bem como serem elas muito mais inteligentes do que eu e saberem muito mais do que eu sabia. Uma delas, na primeira semana de minha ida para a escola (lembro-me disto muito bem), convidou-me a ir à sua casa para assistir a uma festinha, o que me causou grande alegria. Mas minha madrinha escreveu em meu nome uma carta muito seca, declinando do convite, e jamais pus lá os pés. Sair mesmo, eu nunca saía.

Dia de meus anos. Havia sueto na escola em outros aniversários. No meu, nunca. Havia regozijo em cada casa nos outros aniversários, como eu

sabia por ouvir as meninas contarem umas às outras. No meu, nada havia. O dia dos meus anos era o mais melancólico da casa durante todo o ano.

Fiz menção ao fato de minha compreensão se tornar mais rápida quando mais rápida se torna também minha afeição, a não ser que minha vaidade me engane (como sei que me pode enganar, pois posso ser bastante vaidosa sem suspeitá-lo, embora na verdade não o suspeite). Meu temperamento é muito afetivo e talvez eu ainda sentisse aquela ferida se tal ferida pudesse ser recebida mais de uma vez, com a vivacidade daquele aniversário.

Acabara o jantar e minha madrinha e eu estávamos sentadas à mesa, diante do fogo. O relógio batia compassadamente, o fogo estralejava; nenhum outro som fora ouvido na sala ou na casa, por quanto tempo, não sei. Aconteceu que eu olhasse timidamente, lá de onde estava a costurar, para minha madrinha e no seu rosto vi que me olhava com tristeza: — Teria sido melhor, Esterzinha, que você não fizesse anos, que você nunca tivesse nascido!

Rompi a chorar e a soluçar e disse:

— Oh! querida madrinha, diga-me, rogo-lhe que me diga se minha mãe morreu quando eu nasci.

— Não — respondeu ela. — Não me pergunte mais nada, menina.

— Oh! suplico-lhe, diga-me alguma coisa a respeito dela. Diga agora, afinal, querida madrinha, por favor. Que fiz eu a ela? Como a perdi? Por que sou tão diferente das outras crianças e por que é isso culpa minha, querida madrinha? Não, não, não se vá embora. Oh, diga-me alguma coisa!

Além da dor, eu tinha medo. Agarrei-lhe o vestido, ajoelhando-me a seus pés. Enquanto isso, ela ia dizendo: — Deixe-me ir! — Mas depois ficou de pé, silenciosa.

Seu rosto ensombrado tinha tal poder sobre mim, que fez cessar toda a minha veemência. Ergui a mãozinha trêmula para agarrar a dela ou pedir-lhe perdão com todo o ardor de que era capaz, mas retive-a, quando ela olhou para mim, e deixei-a cair sobre meu coração palpitante. Ela levantou-me, sentou-se em sua cadeira e, pondo-me diante de si, disse devagar, com voz fria e grave — vejo-lhe o sobreceño contraído e o dedo em riste: — Sua mãe, Ester, é a sua desgraça e você a desgraça dela. Tempo virá — e não demorará muito — em que você compreenderá isso melhor e também o

sentirá como ninguém pode sentir senão uma mulher. Perdoei-lhe (e seu rosto não se abrandou) o mal que ela me fez e não falo mais disso, embora fosse maior do que você jamais o saberá, do que alguém jamais o saberá, exceto eu que o sofro. Quanto a você, infeliz menina, tornada órfã e desgraçada desde o primeiro desses maléficos aniversários, reze diariamente para que os pecados dos outros não caiam sobre sua cabeça, de acordo com o que está escrito. Esqueça sua mãe e deixe que todos os outros façam à sua infeliz filha a grande bondade de esquecê-la. Agora pode ir.

Fez-me parar, porém, no momento em que me retirava — tão gelada estava eu — e acrescentou o seguinte: — Submissão, renúncia, trabalho diligente são a preparação para uma vida que começou com tamanhas sombras. Você é diferente das outras crianças, Ester, porque não nasceu como as outras da iniquidade comum e da cólera. Você é uma criatura à parte.

Subi para meu quarto, atirei-me sobre a cama, encostei o rosto de minha boneca ao meu, todo umedecido de lágrimas, e, apertando aquela solitária amiga de encontro ao peito, chorei até adormecer. Por imperfeita que fosse a compreensão da minha tristeza, eu sabia que não alegrara em tempo algum o coração de ninguém e que não era para pessoa alguma da terra o que Nenê era para mim.

Ai de mim! Quando penso quanto tempo passamos sozinhas as duas depois e quantas vezes repeti à boneca a história do meu nascimento e lhe confiei que tentaria com todas as minhas forças reparar a falta com que nasci (da qual confessadamente me sentia culpada, mas ao mesmo tempo inocente) e me esforçaria, quando crescesse, por tornar-me ativa, contente e bondosa, fazendo algum bem a alguém e conseguindo algum amor para mim mesma, se pudesse. Espero que não seja complacência para comigo mesma derramar estas lágrimas ao pensar nisso. Sinto-me bastante grata, bastante satisfeita, mas não posso impedir absolutamente que elas me encham os olhos.

Basta. Enxuguei-as agora e posso continuar convenientemente.

Senti que a separação que havia entre mim e minha madrinha aumentara muito mais depois do aniversário, e percebi tão bem que eu preenchia em sua casa um lugar o qual deveria ter ficado vazio, que agora achava mais difícil aproximar-me de sua pessoa, conquanto no íntimo mais do que nunca ardesse em gratidão para com ela. O mesmo se passava comigo em relação às minhas companheiras de escola; o mesmo sentia para com a Sra. Rachael, que era

viúva, e oh! para com sua filha, de quem ela se mostrava orgulhosa, e que veio vê-la uma vez durante uma quinzena! Eu era muito retraída e sossegada e tentei tornar-me diligente.

Numa tarde de sol, ao voltar da escola com meus livros e minha pasta, observando minha comprida sombra ao meu lado e enquanto subia silenciosamente para meu quarto, como de costume, minha madrinha apareceu na porta da sala e chamou-me. Ali encontrei, sentado — o que era, na verdade, bastante insólito —, um estranho, um cavalheiro corpulento e de aspecto majestoso, todo de preto, de gravata branca, grossa cadeia de relógio de ouro, óculos dourados e um pesado anel de sinete no dedo mínimo.

— É esta a criança — disse minha madrinha em tom baixo. Depois falou no seu modo habitualmente severo: — Esta é Ester, senhor.

O cavalheiro pôs os óculos para olhar-me e disse:

— Venha cá, meu bem.

Apertou-me as mãos e pediu que eu tirasse o chapéu, fitando-me durante muito tempo. Quando satisfiz o seu pedido, disse: — Ah! —, e depois: — Sim! — Em seguida, retirando os óculos que meteu num estojo vermelho, encostou-se à poltrona, fazendo girar o estojo entre os dedos das duas mãos e fez um aceno para minha madrinha, que logo tratou de dizer-me: — Pode subir agora, Ester. — Cumprimentei-o e saí.

Deve ter sido dois anos depois e eu tinha quase catorze anos quando, numa noite terrível, estávamos minha madrinha e eu sentadas ao lado da lareira. Eu lia em voz alta e ela escutava. Havia eu descido às nove horas, como sempre fazia, para ler a Bíblia para ela e estava lendo aquele capítulo de São João em que se narra que nosso Salvador se curvou, escrevendo com o dedo na areia, ao trazerem à sua presença a mulher pecadora.

“— Continuando, porém, eles a interrogá-lo, levantou-se e disse-lhes: — O que dentre vós está sem pecado seja o que lhe atire a primeira pedra.”

Parei ao ver minha madrinha levantar-se, pondo a mão na cabeça e gritando com voz terrível um outro trecho do livro: “— Vigiai, pois, para que, vindo eu de repente, vos não encontre dormindo. O que eu, pois, digo a vós, digo-o a todos: Vigiai.”

E num instante, enquanto ia repetindo diante de mim aquelas palavras,

caiu no soalho. Não foi preciso que eu gritasse por alguém; sua voz ressoara por toda a casa e fora ouvida na rua.

Deitaram-na em sua cama. Por mais de uma semana ali jazeu, apresentando poucas alterações exteriores em seu velho rosto, belo e resoluto, que eu tão bem conhecia, de linhas fortemente esculpidas. Muitas e muitas vezes, de dia e de noite, com a cabeça pousada no travesseiro ao lado dela, para que meus sussurros pudessem ser mais bem percebidos, beijei-a, agradeci-lhe, rezei por ela, pedi-lhe a bênção e o perdão, roguei-lhe que me desse um sinal, mínimo que fosse, de que me reconhecia e me ouvia, nada, nada, nada. Seu rosto não se movia. Até o fim e mesmo depois, seu cenho severo permaneceu imóvel.

No dia seguinte ao do enterro de minha pobre e bondosa madrinha, o cavalheiro de preto e de gravata branca reapareceu. A Sra. Rachael veio chamar-me e encontrei-o no mesmo lugar como se ele jamais houvesse ido embora.

— Meu nome é Kenge — disse ele —, não se esqueça: Kenge e Carboy, Lincoln's Inn.

Respondi-lhe que me recordava de já tê-lo visto antes.

— Tenha a bondade de sentar-se aqui junto de mim. Não se aflija; não é preciso. Sra. Rachael, não necessito informá-la, pois estava a par dos negócios da falecida Miss Barbary, que seus bens desaparecem com ela, e que esta senhorita, agora que sua tia morreu...

— Minha tia, senhor!

— É realmente inútil manter uma ilusão quando nada se pode ganhar com isso — disse o Sr. Kenge brandamente. — Tia de fato, ainda que não legal. Não se aflija! Não chore! Não trema! Sra. Rachael, sem dúvida nossa amiguinha ouviu falar do... de... dum... caso... “Jarndyce e Jarndyce”.

— Nunca — disse a Sra. Rachael.

— Será possível — prosseguiu o Sr. Kenge, pondo os óculos — que nossa amiguinha — rogo-lhe que não se aflija! — nunca tenha ouvido falar de “Jarndyce e Jarndyce”?

Meneei a cabeça, imaginando o que viesse a ser isso.

— Nunca ouviu falar de “Jarndyce e Jarndyce”? — perguntou o Sr.

Kenge, olhando por cima dos óculos para mim, girando devagar o estojo, como se estivesse afagando alguma coisa. — Nada conhece de um dos maiores processos do foro? Nada conhece de “Jarndyce e Jarndyce” o... um... esse verdadeiro monumento de prática forense, no qual (direi) todas as dificuldades, todas as contingências, todas as ficções magistrais, todas as formas de processo conhecidas naquele tribunal são apresentadas repetidamente umas depois das outras? É uma causa que não poderia existir fora deste livre e grande país. Posso dizer-lhe, Sra. Rachael, que o montante das custas de “Jarndyce e Jarndyce” (veio-me o receio de que estivesse a dirigir-se a ela, por eu me mostrar pouco atenta) atinge, na hora presente, de sessenta a setenta mil libras! — disse o Sr. Kenge, recostando-se na cadeira.

Senti-me demasiado ignorante, mas que podia fazer? Desconhecia tão inteiramente o assunto, que mesmo depois nada compreendi dele.

— Então, na realidade, ela nunca ouviu falar da causa? — perguntou o Sr. Kenge. — É surpreendente!

— Miss Barbary, senhor — replicou a Sra. Rachael —, que se acha agora entre os serafins...

— Assim o espero, estou certo — disse o Sr. Kenge, polidamente.

— ...desejava que Ester só conhecesse o que lhe pudesse ser útil. E a não ser o pouco que aprendeu aqui, nada mais sabe.

— Está bem! — disse o Sr. Kenge. — Falando de um modo geral, muito justo. Agora vamos ao que importa — disse, dirigindo-se a mim — Miss Barbary, tendo falecido o seu único parente (de fato é isso, pois sou forçado a observar que, legalmente, a senhorita não tem nenhum), e, naturalmente, não sendo de esperar que a Sra. Rachael...

— Oh! ai de mim, não! — disse a Sra. Rachael, depressa.

— Isso mesmo — assentiu o Sr. Kenge — ...que a Sra. Rachael se encarregue da manutenção e sustento (peço-lhe que não se aflija) da senhorita, creio que se acha em situação de receber a renovação de uma oferta, que me deram instruções para fazer a Miss Barbary há uns dois anos passados e que, apesar de rejeitada então, entendeu-se ser renovável agora, depois das lamentáveis circunstâncias ocorridas. Ora, se eu declaro francamente que represento, em “Jarndyce e Jarndyce” e outros, um homem altamente humanitário, mas ao mesmo tempo singular, deverei comprometer-

me por qualquer delonga de minha cautela profissional? — perguntou o Sr. Kenge, recostando-se de novo na cadeira e fitando calmamente a nós duas.

Parecia gozar mais do que tudo com o som de sua própria voz. Não havia de que admirar-me, pois era uma voz mole e cheia e dava grande importância a cada palavra pronunciada. Ele ouvia a si próprio com evidente satisfação e muitas vezes, devagarinho, marcava o compasso de sua própria música com a cabeça, ou boleava uma frase com a mão. Causou-me aquilo funda impressão, mesmo depois que vim a saber que ele tomara como modelo um grande lorde seu cliente e que, geralmente, o chamavam Kenge Conversa.

— Conhecendo o Sr. Jarndyce — continuou ele — a... eu diria, tristonha posição de nossa amiguinha, oferece-se para colocá-la num estabelecimento de primeira classe, onde sua educação será completada, onde lhe será garantido o conforto, onde seus razoáveis desejos serão adivinhados, onde ela ficará eminentemente habilitada para cumprir seu dever no estado de vida para o qual for chamada... não sei se poderei dizer, pela Providência.

Meu coração transbordava, tanto pelo que ele dizia, como pela sua maneira afetada de dizê-lo, e não me foi possível falar, conquanto o tentasse.

— O Sr. Jarndyce — prosseguiu ele — não impõe condições; só manifesta o desejo de que a nossa amiguinha em tempo algum se transfira do estabelecimento em causa, sem sua aprovação e conhecimento. Que ela fielmente se dedique à aquisição daqueles conhecimentos de que mais tarde terá de utilizar-se. Que ela palmilhe as veredas da virtude e da honra, e... o... um... etc...

Eu me sentia cada vez mais incapaz de falar.

— Ora, que diz a nossa amiguinha? — continuou o Sr. Kenge. — Não se apresse, não se apresse! Esperarei sua resposta. Não se apresse!

Não preciso repetir o que tentou dizer a desamparada criatura a quem era feita uma tal oferta. Poderia mais facilmente contar o que ela disse, se merecesse ser contado. O que ela sentiu, e sentirá até a hora de sua morte, nunca poderia relatar.

Essa entrevista realizou-se em Windsor, onde eu tinha passado (até onde me chega a memória) a vida inteira. Uma semana depois, amplamente provida de tudo o necessário, saí de Windsor, numa diligência, para Reading.

A Sra. Rachael era demasiado bondosa para sentir qualquer emoção à hora da partida; mas eu, como não era tão boa, chorei amargamente. Pensei que deveria tê-la conhecido melhor depois de tantos anos e que deveria ter-me tornado de tal modo sua favorita que lhe causasse agora tristeza. Quando ela me deu um frio beijo de despedida na testa, como um pingo de degelo tombado do pórtico de pedra (estava um dia bastante glacial), senti-me tão mesquinha e tão digna de censura que me agarrei a ela e lhe disse que sabia ser culpa minha o estar-se ela despedindo de mim com tamanha calma.

— Não, Ester — respondeu ela —, é a sua infelicidade!

O coche estava diante do portão do jardim — só havíamos saído quando ouvimos o barulho das rodas — e dessa forma separei-me dela com o coração pesado de tristeza. Ela entrou, antes que minhas malas fossem colocadas no tejadilho do coche, e fechou a porta. Enquanto pude avistar a casa, olhei-a da janela, através das lágrimas que me enchiam os olhos. Minha madrinha havia deixado para a Sra. Rachael o pouco que possuía; ia haver leilão e um velho tapete grosso, de rosas estampadas, que sempre me parecera a coisa mais bela do mundo que eu já vira, estava pendurado do lado de fora, à geada e à neve. Um ou dois dias antes, havia eu enrolado a querida bonequinha no seu xale e cuidadosamente a enterrei — estou meio envergonhada ao contar isso — na areia do jardim, debaixo da árvore que dava sombra à minha velha janela. Nenhum companheiro tinha, a não ser o meu passarinho, que levei comigo numa gaiola.

Quando a casa se perdeu de vista, sentei-me, com a gaiola do pássaro na palha a meus pés, na frente do assento baixo, para poder ver pela alta janela, contemplando as árvores geladas, semelhantes a lindas peças de espato; e os campos, todos macios e brancos com a neve da última noite; e o sol, tão vermelho, mas irradiando tão pouco calor; e o gelo, escuro como metal, de onde os patinadores e escorregadores tinham varrido a neve. Havia no coche um cavalheiro sentado no banco em frente, parecendo muito gordo, a julgar pela quantidade enorme de agasalhos que o envolviam. Mas conservava-se a olhar para fora, lá da outra janela, sem prestar-me atenção.

Eu pensava na madrinha morta; nas noites em que lia para ela ouvir; no seu sobreceño tão fixo e severo, em sua cama; no lugar estranho para onde me dirigia; nas pessoas que encontraria ali, como poderiam ser e no que diriam de mim... quando uma voz dentro do coche me causou terrível

sobressalto.

— Por que diabo está você chorando?

Fiquei tão aterrorizada que perdi a voz e apenas pude responder, num sussurro: — Eu, senhor? — Pois sem dúvida, eu sabia que só poderia ter sido o cavalheiro todo enrolado em agasalhos, posto que se conservasse a olhar para fora pela janela.

— Sim, você — disse ele, voltando-se.

— Não sabia que estava chorando, meu senhor — gaguejei.

— Mas está — disse o cavalheiro. — Olhe aqui! — Aproximou-se, lá do canto do coche onde estava, pôs-se bem defronte de mim, passou um dos grandes punhos de pele do seu casaco pelos meus olhos (mas sem magoar-me) e mostrou-me que estava molhado.

— Está vendo? Agora já sabe que está, não é?

— Sim, senhor.

— E por que está chorando? Não deseja ir para lá?

— Para onde, senhor?

— Para onde? Ora, para onde você vai, seja lá onde for.

— Sinto-me muito alegre em ir para lá, senhor — respondi.

— Bem, então mostre cara alegre! — disse o cavalheiro.

Achei que ele era bastante estranho ou pelo menos era bastante estranho o que eu dele podia ver, pois estava envolvido até o queixo e seu rosto quase se escondia dentro de um gorro de pele, com largas alças de pele aos lados da cabeça, amarradas debaixo do queixo. Mas readquiri a calma e não tive medo dele. De modo que lhe contei que deveria estar chorando por causa da morte de minha madrinha e por não ter a Sra. Rachael ficado triste ao despedir-se de mim.

— Que o diabo leve a Sra. Rachael! — disse o cavalheiro. — Deixe-a ir voando, numa rajada de vento, montada num cabo de vassoura!

Comecei de novo a ficar realmente com medo dele e fitei-o com o maior assombro. Mas achei que ele tinha olhos alegres, conquanto continuasse a resmungar consigo mesmo, num tom colérico, chamando nomes à Sra.

Rachael.

Depois de algum tempo, abriu o agasalho de fora, que me pareceu bastante largo para enrolar o coche inteiro, e meteu o braço num profundo bolso de lado.

— Agora olhe aqui! — disse ele. — Neste papel — que estava lindamente dobrado — encontra-se um pedaço do melhor bolo de ameixas que se pode comprar. Açúcar pelo lado de fora, com uma polegada de espessura, como gordura em costeletas de carneiro. Aqui está uma pequena torta (uma joia, tanto pelo tamanho como pela qualidade), feita na França. E de que é que você supõe que ela é feita? De fígados de ganso gordo. Que torta! Agora vamos ver você comer tudo isso!

— Obrigada, meu senhor — respondi —, agradeço-lhe muito, na verdade, e espero que o senhor não se julgue ofendido: são coisas demasiado caras para mim.

— Derrotado de novo! — disse o cavalheiro, que eu não compreendia absolutamente, e jogou as duas coisas pela janela.

Não me dirigiu mais a palavra, até apear-se do coche, a pouca distância de Reading, quando me aconselhou a ser uma boa menina, estudiosa, apertando-me a mão. Devo confessar que me senti aliviada com a saída dele. Deixamo-lo diante de um marco miliário. Mais tarde passei muitas vezes por ali e nunca, durante muito tempo, deixei de pensar nele, na expectativa de encontrá-lo. Mas isso nunca aconteceu, e assim, com o correr dos tempos, ele desapareceu da minha memória.

Quando o coche parou, uma senhora muito elegante ergueu a vista para a janela e disse: — Miss Donny.

— Não, senhora, Ester Summerson.

— É isso mesmo — disse a senhora. — Miss Donny.

Compreendi então que ela estava a apresentar-se com aquele nome e pedi-lhe desculpa do meu engano, apontando-lhe minhas malas a pedido seu. Sob a direção de uma criada bastante limpa, foram as malas postas do lado de fora de uma carruagemzinha verde. Depois Miss Donny, a criada e eu entramos e o carro partiu.

— Tudo está pronto à sua espera, Ester — disse Miss Donny —, e o

plano de seus estudos foi organizado de acordo com os desejos do seu tutor, o Sr. Jarndyce.

— Do que... que foi que a senhora disse?

— Do seu tutor, o Sr. Jarndyce — respondeu Miss Donny.

Fiquei tão perturbada, que Miss Donny pensou que o frio fora demasiado forte para mim e passou-me seu frasco de sais.

— A senhora conhece meu... tutor, o Sr. Jarndyce? — perguntei, depois de demorada hesitação.

— Pessoalmente, não, Ester — disse Miss Donny —, simplesmente através de seus advogados, os Srs. Kenge e Carboy, de Londres. Um cavalheiro distintíssimo, o Sr. Kenge. Bastante eloquente, na verdade. Algumas de suas frases são mesmo majestosas!

Concordei inteiramente com isso, mas sentia-me por demais confusa para prestar atenção ao caso. Nossa pronta chegada ao nosso destino, antes que eu houvesse tido tempo de recuperar a calma, aumentou minha confusão e nunca esquecerei o ar de insegurança e de irreabilidade de tudo quanto havia em Greenleaf (a casa de Miss Donny) naquela tarde.

Mas logo me acostumei. Adaptei-me tão depressa à rotina de Greenleaf que parecia ter estado ali já há muito tempo e que a vida que levava na casa de minha madrinha fora mais um sonho que uma realidade. Nada poderia ser mais preciso, mais exato, mais ordenado que Greenleaf. Havia tempo para cada coisa, durante todo o curso das horas e tudo era executado no momento marcado.

Éramos doze pensionistas e havia duas Miss Donnys, gêmeas. Ficou entendido que eu teria logo de preparar-me para ser professora, e fui não somente instruída em tudo quanto se ensinava em Greenleaf, mas bem depressa encarregada de ensinar a outras. Embora fosse tratada, a todos os outros respeitos, como as demais alunas, essa única diferença foi feita no meu caso, desde o começo. À medida que fui sabendo mais, tive de ensinar mais, e assim, com o correr do tempo, tinha muita coisa que fazer, o que me agradava sobremaneira, porque isso tornava as queridas meninas muito minhas amigas. Por fim, quando chegava uma nova aluna, um tanto abatida e infeliz, estava tão certa — não sei, na verdade, por quê — de vir a tornar-se minha amiga, que todas as novatas eram confiadas ao meu cuidado. Diziam que eu era

muito delicada; mas estou certa de que elas é que o eram. Muitas vezes pensava na resolução que tomara, no dia de meu aniversário, de procurar ser trabalhadora, contente e sincera, de fazer algum bem a alguém e merecer algum afeto se pudesse. E na verdade, na verdade, sentia-me quase envergonhada de ter feito tão pouco e ter merecido tanto.

Passei em Greenleaf seis anos felizes e sossegados. Quando passava o dia do meu aniversário, graças a Deus nunca li em nenhum rosto ali que se achasse melhor que eu nunca houvesse nascido. Quando chegava o dia, tantas demonstrações de afeição e lembrança me adivinham, que meu quarto ficava embelezado por elas desde o Dia de Ano-Bom até o Natal.

Naqueles seis anos eu nunca estivera fora, a não ser em visitas à vizinhança nas férias. Depois dos seis primeiros meses mais ou menos, tomei o conselho de Miss Donny a respeito da conveniência de escrever ao Sr. Kenge para dizer-lhe que me sentia feliz e agradecida e, com aprovação dela, escrevi a tal carta. Recebi uma resposta cerimoniosa, acusando o recebimento da mesma e dizendo: “Anotamos o teor da sua missiva, que será devidamente comunicado ao nosso cliente.” Depois disso ouvi muitas vezes Miss Donny e sua irmã referirem-se à regularidade com que eram pagas as minhas contas. Umas duas vezes por ano ousava escrever uma carta semelhante. Sempre recebi, pela volta do correio, exatamente a mesma resposta, com a mesma caligrafia redonda, com a assinatura de Kenge e Carboy noutra letra, que eu supunha ser do Sr. Kenge.

Parece-me bastante curioso ser obrigada a escrever tudo isso a meu respeito. Como se esta narrativa fosse a narrativa da “minha” vida! Mas minha insignificante pessoa em breve passará a segundo plano.

Seis anos tranquilos (vejo que estou dizendo isto pela segunda vez) passara eu em Greenleaf, vendo naquelas pessoas que me cercavam, como se fosse num espelho, cada estágio do meu próprio crescimento e mudança ali, quando, numa manhã de novembro, recebi esta carta. Omito a data.

Old Square, Lincoln's Inn

Minha senhora,

Jarndyce e Jarndyce

Estando nosso cliente, Sr. Jarndyce, autorizado a receber em sua casa, por ordem do Conde de Chy, uma pupila do Conde nesta causa, a quem deseja assegurar uma escolhida companhia, dá-nos instruções para informá-la de que se sentirá satisfeito com seus serviços, na supramencionada qualidade.

Providenciamos sua condução em carro livre para a diligência das oito horas de Reading, na próxima manhã da segunda-feira, até a Loja do Cavalo Branco, em Piccadilly, Londres, onde um de nossos escreventes estará à sua espera para conduzi-la ao nosso escritório no endereço acima.

Somos, minha senhora, seus obedientes servos,

KENGE E CARBOY.

Miss Ester Summerson.

Oh! nunca, nunca me esquecerei da comoção que esta carta causou na casa! Era tão enternecedor o cuidado extremo delas por mim; era tamanha a bondade daquele Pai que não me tinha esquecido, tornando minha condição de órfã tão branda e fácil e dirigindo a afeição de tantas naturezas jovens para mim, que eu mal podia suportar tudo isso. Não que eu desejasse vê-las menos tristes... creio que não. Mas o prazer e o pesar, o orgulho e a alegria e a humilde saudade que tudo aquilo me causava eram tão misturados, que meu coração parecia prestes a rebentar, tão cheio de enlevo estava.

A notícia chegava com cinco dias apenas de prazo para minha mudança. Cada minuto aumentava mais as provas de amor e de bondade que me eram dadas naqueles cinco dias. Quando afinal chegou o dia e elas me levaram através de todos os quartos, para que eu pudesse vê-los pela derradeira vez; quando algumas diziam chorando: “Ester querida, diga-me adeus aqui, ao lado da minha cama, onde você pela primeira vez tão bondosamente me falou!” e quando outras me pediam apenas que lhes escrevesse os nomes, “Com o amor de Ester”; quando todas elas me cercavam com seus presentes de despedida, e se agarravam a mim, chorando e dizendo: “Que faremos quando a nossa queridinha Ester se for embora” e quando eu tentei dizer-lhes quão tolerantes e bondosas tinham sido todas para mim e quando as abençoava e agradecia a todas — ninguém pode imaginar o que senti no coração!

E quando as duas Miss Donnys se mostraram tão pesarosas na despedida como a menor das meninas; quando as criadas disseram: “Deus a abençoe, senhorita, aonde quer que vá!” e quando o velho jardineiro, feio e coxo, que

eu pensava que mal tivesse prestado atenção em mim durante todos aqueles anos, veio ofegante até o carro, para oferecer-me um ramalhetinho de gerânios e me disse que eu tinha sido a luz de seus olhos — o velho disse mesmo isso — que dor senti no meu coração!

Com isso tudo e com a chegada à escola infantil, e o espetáculo inesperado das pobres criancinhas do lado de fora acenando com seus chapéus e toucas para mim, e de um cavalheiro e de uma senhora grisalhos, cuja filha eu ajudara a ensinar e cuja casa eu visitara (eram tidos como as pessoas mais orgulhosas de toda aquela região) que não se importavam de gritar: “Adeus, Ester! Desejamos-lhe muitas felicidades!” — podia eu deixar de inclinar-me no coche e dizer: “Oh! obrigada, muito obrigada!” muitas e muitas vezes?

Mas, sem dúvida, logo considerei que não devia chegar chorando aonde ia, depois de tudo quanto havia sido feito por mim. Por isso tratei de enxugar as lágrimas e procurei ficar tranquila, dizendo muitas vezes: “Ester, agora você deve parar com isto! Não chore mais!” Consegui por fim apresentar um aspecto prazenteiro, embora com algum custo e depois de refrescar os olhos com água de alfazema, era já tempo de olhar para Londres.

Acreditei que já estávamos ali quando nos achávamos ainda a uma distância de dez milhas, e quando realmente lá chegamos, pensei que nunca haveríamos de chegar. Contudo, quando começamos a dar solavancos por cima de uma calçada de pedras e, particularmente, quando todos os outros veículos pareciam estar correndo na nossa direção e nós parecíamos estar correndo ao encontro de todos os outros veículos, comecei a acreditar que estávamos realmente chegando ao fim de nossa jornada. Logo depois paramos.

Um moço, que acidentalmente se sujara de tinta, dirigiu-se a mim desde o passeio e disse: — Vim da parte de Kenge e Carboy de Lincoln’s Inn, senhorita.

— Oh! muito prazer, meu senhor — disse eu.

Ele mostrou-se muito gentil. Quando me deu a mão para eu entrar num cabriolé, depois de dirigir a remoção de minhas malas, perguntei-lhe se havia um grande incêndio em alguma parte, pois as ruas estavam tão cheias de densa fumaça escura que dificilmente se podia enxergar qualquer coisa.

— Oh! Nada disso, senhorita — respondeu ele. — Isso é uma

particularidade de Londres.

Nunca ouvira falar em tal coisa.

— Um nevoeiro, senhorita — disse o moço.

— Oh! realmente! — tornei eu.

Fomos devagar através das ruas mais sujas e mais escuras que eu já vira no mundo (pensava) e em tal estado de perturbadora confusão que fiquei a imaginar como podiam todas aquelas pessoas conservar o sentido da direção, até que passamos para uma súbita quietude, por baixo dum velho portão e o carro atravessou um largo silencioso, levando-nos ao estranho recanto duma esquina, onde havia uma entrada para um lanço de escada larga e íngreme, semelhante a uma escadaria de igreja. E havia realmente um adro de igreja, lá fora, debaixo de alguns claustros, pois avistei da janela da escada as pedras tumulares.

Era a casa de Kenge e Carboy. Depois de atravessarmos um escritório, introduziu-me o rapaz na sala do Sr. Kenge — não havia ninguém nela — e delicadamente me ofereceu uma poltrona junto ao fogo. Depois chamou-me a atenção para um pequeno espelho que pendia dum prego, a um lado da prateleira da chaminé.

— Caso a senhorita queira mirar-se depois da viagem, antes de comparecer perante o juiz... Creio que não será necessário — disse o rapaz polidamente.

— Comparecer perante o juiz? — perguntei, um tanto espantada.

— Apenas uma formalidade, senhorita — respondeu o rapaz. — O Sr. Kenge acha-se presentemente no foro. Deixou seus cumprimentos à senhorita e desejaria que se servisse de alguma coisa (havia biscoitos e uma garrafa de vinho em cima duma mesinha) — e passasse a vista pelo jornal — que o rapaz me entregou, enquanto falava. Depois atçou o fogo e retirou-se.

Tudo era tão estranho — o mais estranho era ser noite em pleno dia, velas ardendo com uma chama branca e parecendo úmidas e frias — que li as palavras do jornal sem entender o que significavam e surpreendi-me a ler as mesmas palavras repetidamente. Como era inútil prosseguir daquela maneira, larguei o jornal, dei uma olhadela ao meu chapéu no espelho, para ver se estava direito e observei a sala (muito pouco iluminada) e as mesas poeirentas

e gastas, as pilhas de papéis e uma estante cheia de livros de aparência inexpressiva que nada diziam por si mesmos. Depois comecei a pensar, a pensar, a pensar. O fogo continuava a arder, a arder, a arder. As velas continuavam a tremeluzir e a gotejar, pois não havia espevitadores, até que o rapaz trouxe um par deles bastante sujos, durando tudo isso umas duas horas.

Por fim chegou o Sr. Kenge. Não mudara, mas mostrou-se surpreso por ver a enorme mudança que em mim se operara e pareceu inteiramente satisfeito.

— Como a senhorita vai fazer companhia à jovem dama que se acha agora numa sala particular do foro, Miss Summerson — disse ele —, achamos bom que a senhorita esperasse também um pouco. Creio que não ficará perturbada diante do Lorde Chanceler.

— Não, senhor — disse eu —, penso que não ficarei. — Realmente, não via naquilo nenhum motivo para perturbação.

Então o Sr. Kenge me deu o braço, dobramos a esquina por baixo duma colunata e entramos numa porta lateral. Desse modo chegamos, ao longo dum corredor, a uma espécie de sala confortável, onde uma jovem dama e um moço estavam de pé perto dum fogo enorme e barulhento. Separava-os da lareira um biombo, ao qual se encostavam conversando.

Ambos ergueram a vista quando entrei e vi que a jovem dama, em que se refletia o clarão do fogo, era uma formosa moça, com abundantes cabelos dourados, mansos olhos azuis e um rosto brilhante, inocente e leal.

— Miss Ada — disse o Sr. Kenge —, esta é Miss Summerson.

Ela veio ao meu encontro, com um sorriso de boas-vindas e de mão estendida, mas num instante pareceu mudar de ideia e beijou-me. Em suma, tinha uma maneira tão natural, tão cativante e encantadora que, dentro de poucos minutos, achávamo-nos sentadas no silhar da janela, com o clarão do fogo a refletir-se em nós, conversando do modo mais franco e mais feliz.

Que carga foi tirada do meu pensamento! Era tão delicioso saber que ela poderia confiar em mim e gostar de mim! Quanta bondade de sua parte e quanto isso me dava alento!

Disse-me que o rapaz era seu primo afastado e se chamava Ricardo Carstone. Era um belo moço, de rosto ingênuo e sorriso muito atraente.

Depois que ela o chamou para onde estávamos sentadas, ficou de pé ao nosso lado, também iluminado pelo clarão do fogo, conversando alegremente, como um menino jovial. Era bem moço — não mais de dezenove anos, se tanto, sendo, contudo, quase dois anos mais velho do que ela. Eram órfãos e (o que era bastante inesperado e curioso para mim) nunca se haviam encontrado antes daquele dia. O fato de virmos todos três a encontrar-nos pela primeira vez num lugar tão insólito era coisa que merecia comentários e esse foi o tema da nossa conversa. E o fogo, que deixara de crepitar, piscava — no dizer de Ricardo — seus olhos vermelhos para nós, como o velho leão sonolento dos papéis timbrados do tribunal.

Conversávamos em voz baixa, porque um cavalheiro todo uniformizado e de cabeleira postiça entrava e saía frequentemente, e, quando assim fazia, podíamos ouvir, a distância, um som arrastado que, disse-nos ele, era a voz dum advogado da nossa causa, dirigindo-se ao Lorde Chanceler. Disse ao Sr. Kenge que o juiz estaria livre dentro de cinco minutos e, daí a pouco, ouvimos um barulho e o arrastar de pés, e o Sr. Kenge disse que a sessão do Tribunal estava suspensa e sua excelência se achava na sala contígua.

O cavalheiro de cabeleira postiça abriu a porta quase ao mesmo tempo e convidou o Sr. Kenge a entrar. Todos seguimos no mesmo instante — o Sr. Kenge em primeiro lugar, com a minha querida amiga (é tão natural para mim isso agora que não posso deixar de escrevê-lo) — e vimos ali, todo de preto, sentado numa poltrona, junto duma mesa ao lado do fogo, sua excelência, cuja toga, bordada com belos galões dourados, estava lançada sobre outra cadeira. Lançou-nos, ao entrarmos, um olhar inquisitivo, mas suas maneiras eram ao mesmo tempo cortesias e bondosas.

O cavalheiro de cabeleira postiça depositou maços de autos sobre a mesa de sua excelência, que, silenciosamente, escolheu um, cujas folhas começou a passar.

— Miss Clare — disse o Lorde Chanceler. — Miss Ada Clare?

O Sr. Kenge apresentou-a e sua Excelência pediu-lhe que se sentasse a seu lado. Que ele a admirasse e estivesse interessado por ela até eu percebi no mesmo instante. Comoveu-me ver que o lar de tão bela e tão jovem criatura estivesse representado por aquele seco lugar oficial, e o Lorde Chanceler me parecia, quando muito, um pobre substituto do amor e do orgulho paterno.

— O Jarndyce de que se trata — falou o Lorde Chanceler, ainda

passando as páginas — é Jarndyce da Casa Soturna.

— Jarndyce da Casa Soturna, excelência — disse o Sr. Kenge.

— Um nome lúgubre — tornou o Lorde Chanceler.

— Mas atualmente não é um lugar triste, excelência — retrucou o Sr. Kenge.

— E a Casa Soturna — continuou sua excelência — está situada...

— Em Hertfordshire, excelência.

— O Sr. Jarndyce da Casa Soturna não é casado? — perguntou sua excelência.

— Não é não, excelência — respondeu o Sr. Kenge.

Pausa.

— O jovem Ricardo Carstone está presente? — perguntou o Lorde Chanceler, lançando-lhe um olhar.

Ricardo inclinou-se e caminhou para diante.

— Hum! — disse o Lorde Chanceler, passando mais páginas.

— O Sr. Jarndyce da Casa Soturna, excelência — observou o Sr. Kenge em voz baixa —, se vossa excelência me dá permissão de lembrar, providenciou uma companhia adequada para...

— Para o Sr. Ricardo Carstone? — pensei (mas não estou muito segura) ouvir sua excelência dizer, num mesmo tom de voz baixa e com um sorriso.

— Para Miss Ada Clare. É esta senhorita... Miss Summerson.

Sua excelência deitou-me um olhar indulgente e recebeu minha cortesia com bastante gentileza.

— Miss Summerson, penso eu, não está aparentada com qualquer uma das partes em questão?

— Não, excelência.

O Sr. Kenge inclinou-se antes de acabar de falar e cochichou. Sua excelência, de olhos postos nos autos, escutou, meneou a cabeça duas ou três vezes, passou mais algumas folhas e não olhou mais para mim até que nos retiramos.

O Sr. Kenge então se afastou, em companhia de Ricardo, para onde eu estava, perto da porta, deixando a minha amiga predileta (é tão natural que assim fale, que não posso de novo evitá-lo!) sentada ao lado do Lorde Chanceler, com a qual sua excelência falava um pouco à parte, perguntando-lhe (como ela me contou depois) se tinha refletido bem sobre o arranjo proposto e se achava que seria mais feliz sob o teto do Sr. Jarndyce da Casa Soturna e por que é que assim julgava. Daí a pouco levantou-se cortesmente e despediu-a. Depois dirigiu a palavra, por um ou dois minutos, a Ricardo Carstone, não sentado, mas de pé e com muito mais vontade e menos cerimônia, como se ainda soubesse, embora “fosse” Lorde Chanceler, a maneira de atingir diretamente a ingenuidade de um rapaz.

— Muito bem! — exclamou sua excelência em voz alta. — Concederei o alvará. O Sr. Jarndyce da Casa Soturna escolheu, até onde me é dado julgar — e foi então que olhou para mim —, uma companhia muito boa para a jovem dama, e esse arranjo parece-me o melhor que as circunstancias permitem.

Despediu-nos com afabilidade e saímos todos muito agradecidos a ele, por ter-se mostrado tão afável e cortês, com o que não havia certamente perdido nada de sua dignidade, e nos pareceu que até havia ganho mais alguma.

Quando íamos passando pela colunata, o Sr. Kenge lembrou-se de que precisava voltar por um instante a fim de fazer uma pergunta, e deixou-nos no meio da cerração, com a carruagem e criados do Lorde Chanceler à espera de que ele saísse.

— Bem — disse Ricardo Carstone —, acabou-se! E agora para onde vamos, Miss Summerson?

— O senhor não sabe? — perguntei.

— Não, não sei — respondeu ele.

— E “você” não sabe, meu bem? — perguntei a Ada.

— Não! — respondeu ela. — E você?

— Absolutamente! — disse eu.

Olhamos uns para os outros, meio a rir, por nos acharmos na mesma situação das crianças perdidas na mata e nisto uma velhinha de aspecto curioso, com um chapéu amarrotado e carregando uma bolsa reticulada,

aproximou-se de nós, cumprimentando e sorrindo, com ar de grande cerimônia.

— Oh! — disse ela. — Os pupilos da questão “Jarndyce”! Garanto que me sinto muito feliz por ter a honra de conhecê-los! É um bom agouro para a mocidade, a esperança e a beleza, quando se encontram neste lugar e ignoram o que dele possa advir.

— Maluca! — cochichou Ricardo, pensando que ela não pudesse ouvir.

— Isso mesmo! Maluca, meu rapaz — replicou ela, tão depressa que o jovem ficou completamente confundido. — Eu também fui uma tutelada. Não era doida naquele tempo — e ia fazendo rasgadas cortesias e sorrindo, entre cada pequena frase que dizia. — Tinha mocidade e esperança. Acredito que também beleza. Isso agora pouco importa. Nenhuma das três coisas me serviu ou me salvou. Tenho a honra de frequentar o Tribunal com regularidade. Com meus documentos. aguardo um julgamento. Só isso. No dia do Juízo Final. Descobri que o sexto selo mencionado na Revelação é o Grande Selo. Há muito tempo que foi rasgado! Queiram aceitar a minha bênção.

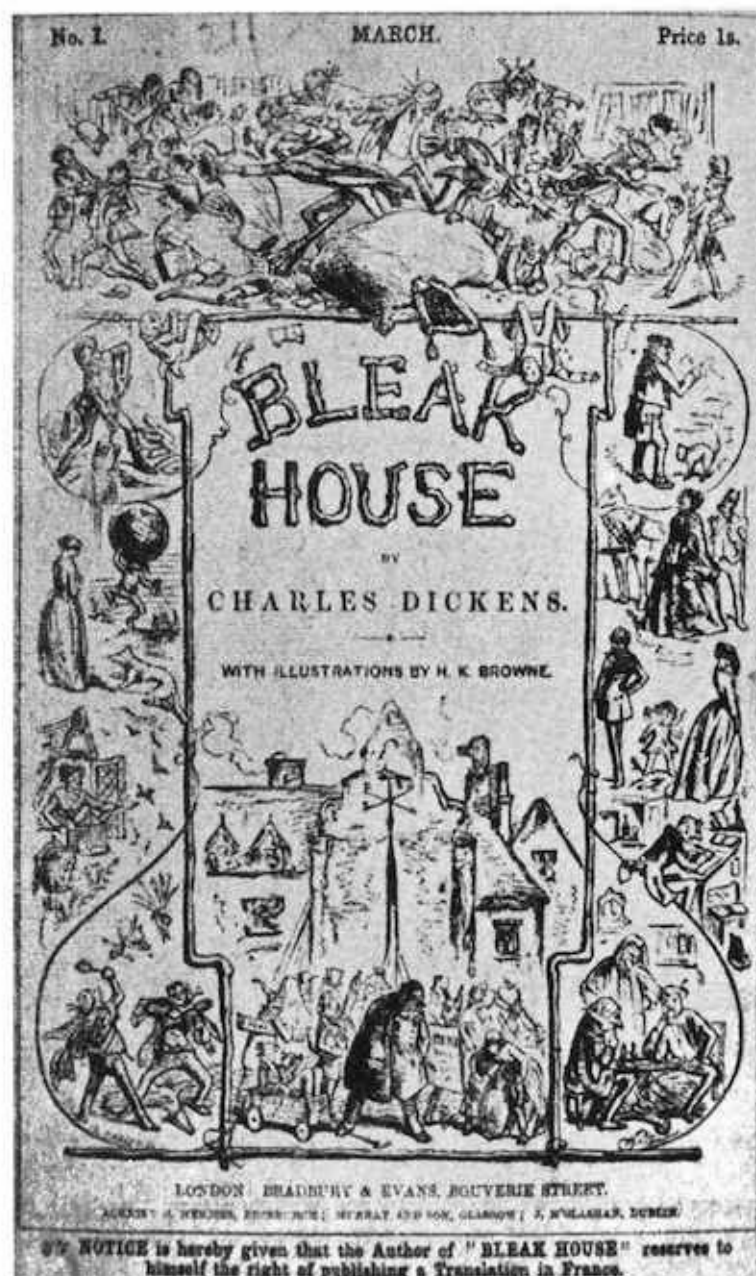
Como Ada se mostrasse um pouco amedrontada, para agradar à pobre velha eu disse que lhe ficávamos muito agradecidos.

— Si.. .i.. .m — disse ela com afetada lentidão. — Imagino. Aqui vem Kenge Conversa. Com os seus documentos! Como vai vossa excelência?

— Muito bem, muito bem! Mas agora não seja importuna. É uma boa alma! — disse o Sr. Kenge, chefiando a volta.

— De modo algum — disse a pobre velha, acompanhando Ada e a mim. — Sou apenas importuna. Concederei propriedades a ambas — o que, estou certa, não é ser importuna. Espero um julgamento. Só isso. No dia do Juízo Final. É um bom agouro para vossas senhorias. Aceitem minha bênção!

Parou na extremidade do íngreme e largo lanço de escada. Voltamos a vista à medida que subíamos e vimo-la ainda ali, dizendo, com as mesmas cortesias e o mesmo sorriso entre uma frase e outra: — Mocidade. E esperança. E beleza. E Tribunal. E Kenge Conversa. Ah! Queiram aceitar a minha bênção!



A edição original de Bleak House é de 1852, e apareceu em fascículos mensais, de março de 1852 a setembro de 1853. Esta é a reprodução da capa ilustrada do primeiro fascículo. Pode-se ver, ao pé da página, uma nota em que Dickens reservava-se o direito de publicar uma tradução da obra, em França.



A SRTA JELLYBY, TRATADA EM FAMÍLIA POR CADDY

Caroline Jellyby, filha mais velha da Sra Jellyby, é uma bela jovem ativa, mas sempre sobrecarregada de trabalho.

FILANTROPIA FILOSÓFICA

Teríamos de passar a noite — disse-nos o Sr. Kenge, quando chegamos ao seu gabinete — em casa de Sra. Jellyby. — Depois voltou-se para mim e disse supor que eu soubesse quem era a Sra. Jellyby.

— Na verdade, não sei quem seja, senhor — respondi. — Talvez o Sr. Carstone... ou a Srta. Clare...

Era engano. Eles nada sabiam a respeito da Sra. Jellyby.

— Deveras! A Sra. Jellyby — disse o Sr. Kenge, de costas para o fogo e de olhos fixos no empoeirado tapete, como se este fosse a biografia da Sra. Jellyby — é uma senhora de notabilíssima força de caráter, devotada inteiramente às coisas públicas. Dedicou-se a uma imensa variedade de assuntos públicos em várias ocasiões e atualmente (até que alguma outra coisa a atraia) vem-se devotando a assuntos africanos, tendo em vista uma cultura geral do café, dos nativos e da feliz localização, nas margens dos rios africanos, de nossa população superabundante. O Sr. Jarndyce, que está desejoso de auxiliar qualquer obra que possa ser considerada uma boa obra, e que é muito procurado pelos filantropos, tem, creio eu, uma opinião muito elevada a respeito da Sra. Jellyby.

O Sr. Kenge ajustou a gravata e depois olhou para nós.

— E o Sr. Jellyby? — sugeriu Ricardo.

— Ah! O Sr. Jellyby — disse o Sr. Kenge — é... um... não sei se poderei descrevê-lo melhor do que dizendo que é o marido da Sra. Jellyby.

— Uma nulidade, senhor? — perguntou Ricardo com ar gaiato.

— Não digo isto — respondeu o Sr. Kenge com gravidade. — Não posso dizer isso, na verdade, pois nada sei a respeito do Sr. Jellyby. Nunca, que eu saiba, tive o prazer de ver o Sr. Jellyby. Pode ser um homem superior, mas, por assim dizer, acha-se imerso... imerso... nas qualidades muito mais

cintilantes de sua mulher.

O Sr. Kenge continuou a dizer-nos que, como a viagem para a Casa Soturna deveria ser muito longa, escura e enfadonha numa tarde como aquela, e como nós já havíamos viajado, o próprio Sr. Jarndyce propusera aquele arranjo. Um carro estaria à porta da Sra. Jellyby para conduzir-nos para fora da cidade, no dia seguinte de manhã cedo.

Depois tocou uma campainha e o rapaz entrou. Dirigindo-se a este pelo nome de Guppy, perguntou o Sr. Kenge se as malas e o resto da bagagem da Srta. Summerson tinham sido “despachados”. O Sr. Guppy disse que sim, tinham sido despachados e um “coche” estava também esperando para nos levar, logo que fosse do nosso agrado.

— Então apenas me resta — disse o Sr. Kenge, apertando-nos as mãos — exprimir-lhes minha viva satisfação (passe bem, Miss Clare!) pelo acordo concluído hoje e minha (adeus, Srta. Summerson!) viva esperança de que ele conduzirá à felicidade, ao (muita satisfação em ter tido a honra de conhecê-lo, Sr. Carstone!) bem-estar, às vantagens, sob todos os pontos de vista e a respeito de tudo. Guppy, conduza todos direitinho até lá.

— Onde é esse “lá”, Sr. Guppy? — perguntou Ricardo, enquanto descíamos as escadas.

— Não é distante — disse o Sr. Guppy. — Na esquina de Thavies Inn, o senhor sabe.

— Não posso dizer que sei, porque venho de Winchester e sou estranho em Londres.

— É só dobrar a esquina — disse o Sr. Guppy. — Cruzaremos o Beco do Tribunal, cortaremos Holborn e lá estaremos dentro de quatro minutos, ao mais tardar. Londres tem *agora* um aspecto bem característico, não é, senhorita?

Mostrava-se bastante satisfeito por minha causa.

— O nevoeiro é bastante denso, de fato — disse eu.

— No entanto, creio que isto não a impressiona — disse o Sr. Guppy, erguendo os degraus do carro. — Pelo contrário, parece fazer-lhe bem, senhorita, a julgar pelo seu aspecto.

Eu bem percebia o que ele queria dizer, fazendo-me aquele

cumprimento; por isso ri comigo mesma, por ter corado ao ouvi-lo, depois que o Sr. Guppy fechara a porta e subira para a boleia. Todos três rimos e tagarelamos a respeito da nossa inexperiência e do aspecto estranho de Londres, até chegarmos ao nosso destino, parando debaixo de um arco — estreita rua de altas casas, semelhante a uma cisterna oblonga, para conter o nevoeiro. Havia ali uma confusa multidão, composta principalmente de crianças, diante da casa em frente à qual havíamos parado e que ostentava na porta uma placa de bronze toda manchada, com a inscrição: JELLYBY.

— Não tenha medo! — disse o Sr. Guppy, olhando pela janelinha para dentro do coche. — Um dos jovens Jellybys meteu a cabeça entre os varões da grade!

— Oh, coitadinho! — disse eu. — Deixe-me sair, por favor!

— Rogo-lhe que tenha cuidado consigo mesma, senhorita. Os meninos Jellybys estão sempre prontos a fazer das suas — disse o Sr. Guppy.

Dirigi-me à pobre criança, o mais sujo desgraçadinho que eu já vira em minha vida e verifiquei que estava febril e apavorado, a chorar em voz alta, com o pescoço preso entre dois varões de ferro, enquanto um leiteiro e um sacristão, com as melhores intenções, tentavam arrancá-lo dali, puxando-o pelas pernas, sob a impressão geral de que, por aquele meio, conseguiriam comprimir-lhe o crânio. Descobrimo (depois de sossegá-lo) que era um menininho de cabeça naturalmente grande, pensei que talvez seu corpo poderia passar por onde havia passado a cabeça e aconselhei que o melhor meio de tirá-lo dali seria empurrá-lo para a frente. Esta minha proposta foi tão favoravelmente recebida pelo leiteiro e pelo sacristão, que o menino teria sido imediatamente empurrado para dentro da área, se eu não houvesse agarrado seu avental, enquanto Ricardo e o Sr. Guppy atravessavam correndo a cozinha para agarrá-lo quando fosse solto. Por fim foi posto felizmente a salvo, sem qualquer acidente, e então começou a bater no Sr. Guppy com um pau curvo, de maneira totalmente frenética.

Ninguém que pertencesse à casa havia aparecido, exceto uma pessoa de tamancos, que estivera a empurrar a criança com uma vassoura, não sei com que intuito, e penso que ela própria não o sabia. Supus, portanto, que a Sra. Jellyby não estivesse em casa e fiquei completamente surpreendida quando a tal pessoa apareceu sem tamancos no corredor, e foi subindo para a sala traseira do primeiro andar, na minha frente e de Ada, anunciando-nos como

“Aqueles duas moças, ‘nhora Jellyby!” Na subida fomos encontrando muitas crianças a quem dificilmente evitávamos de pisar no escuro e, ao chegarmos à presença da Sra. Jellyby, uma das pobres criaturinhas rolou degraus abaixo, numa arrancada (como me pareceu), numa barulheira tremenda.

A Sr. Jellyby, cujo rosto não mostrava inquietação alguma, como a que não podíamos deixar de exprimir em nossas faces, à medida que a cabeça da coitadinha da criança ia assinalando sua passagem com uma pancada em cada degrau (Ricardo disse mais tarde que havia contado sete, além de uma para o patamar), recebeu-nos com perfeita serenidade. Era uma mulherzinha bonita e rechonchuda, de quarenta a cinquenta anos, com lindos olhos, embora tivessem o hábito curioso de parecer olhar a distância. Como se — estou citando Ricardo de novo — nada de mais perto pudessem ver senão a África!

— Sinto-me na verdade muito contente — disse a Sra. Jellyby, num tom agradável de voz — por ter o prazer de recebê-las. Respeito muito o Sr. Jarndyce e ninguém por quem ele se interessa pode ser-me indiferente.

Agradecemos e sentamo-nos por trás da porta, onde havia um sofá sem uma das pernas... A Sra. Jellyby tinha uns cabelos bem bonitos, mas vivia muito ocupada com suas obrigações africanas para ter tempo de penteá-los. O xale, no qual estivera negligentemente enrolada, caíra na cadeira, quando ela se adiantou ao nosso encontro. E voltando a sentar-se não pudemos deixar de notar que seu vestido quase não se juntava nas costas e que o espaço deixado aberto era resguardado por uma espécie de grade de cordões de espartilho, lembrando o gradil duma casa de verão.

A sala, juncada de papéis e quase toda ocupada por uma enorme escrivaninha coberta de igual papelada, estava, devo dizê-lo, não só muito desarrumada, mas muito suja. Fomos obrigados a notar isto com o sentido da vista, enquanto com o ouvido acompanhávamos a pobre criança, que rolara pela escada abaixo, creio que até a cozinha, onde alguém parecia querer abafar-lhe o choro.

Mas o que principalmente nos chocou foi o espetáculo duma moça, de aparência fatigada e doentia, mas de modo algum feia, sentada à escrivaninha, mordendo uma caneta e de olhos fitos em nós. Suponho que ninguém jamais se viu tão sujo de tinta. E desde o cabelo desgrenhado até os lindos pés, desfigurados por chinelas rotas de cetim e acalcanhadas, parecia não ter realmente nenhuma peça de vestido, dos pés à cabeça, que estivesse em

condições próprias ou no lugar devido.

— Encontram-me, meus caros amigos — disse a Sra. Jellyby, espevitando as duas grandes velas de cozinha, em castiçais de estanho, que davam à sala um cheiro forte de sebo quente (o fogo se apagara e na grelha nada havia senão cinzas, um feixe de lenha, e um atizador) — encontram-me, meus caros amigos, como de costume, bastante atarefada. Mas hão de desculpar-me. O projeto africano ocupa presentemente todo o meu tempo. Obriga-me a manter correspondência com instituições públicas e com particulares ansiosos pelo bem-estar de seus semelhantes por todo o país. Sinto-me feliz por poder dizer que a coisa está progredindo. Esperamos ter, por este tempo, no ano vindouro, de cento e cinquenta a duzentas famílias sadias, cultivando café e educando os naturais de Borriobula-Gha, na margem esquerda do Níger.

Como Ada nada dissesse, mas olhasse paramim, eu disse que aquilo devia ser um prazer.

— Prazer é — concordou a Sra. Jellyby. — Exige o devotamento de todas as minhas energias, tais como são; mas isso nada é, contanto que se alcance o êxito esperado. E cada dia estou mais confiada nesse êxito. Sabe duma coisa, Miss Summerson? Quero crer que a *senhorita* nunca voltou seus pensamentos para a África.

Foi realmente tão inesperada aquela chamada direta de mim mesma para o assunto, que fiquei sem saber o que responder. Lembrei que a qualidade do clima...

— O melhor clima do mundo! — exclamou a Sra. Jellyby.

— Deveras, minha senhora?

— Certamente. Tomando-se precauções — disse a Sra. Jellyby. — A senhora pode viver em Holborn sem precaução e apanhar alguma doença. Pode viver em Holborn com precaução e gozar saúde. O mesmo acontece com a África.

— Sem dúvida — disse eu, pensando em Holborn.

— Se quiserem — disse a Sra. Jellyby, empurrando para o nosso lado numerosos papeis — poderão lançar uma vista sobre algumas observações a respeito desse assunto especial e da questão em geral (que já foi extensamente

ventilada) enquanto eu acabo uma carta que estava ditando à minha filha mais velha que é minha secretária...

A moça da mesa deixou de morder a caneta e retribuiu nosso cumprimento meio tímida, meio irritada.

— Terei então acabado por hoje — continuou a Sra. Jellyby com um doce sorriso — ainda que meu trabalho nunca esteja concluído. Onde estava você, Caddy?

— Apresenta seus cumprimentos ao Sr. Swallow e pede... — disse Caddy.

— E pede — disse a Sra. Jellyby, ditando — licença para o informar, relativamente à sua carta em que indagava a respeito do projeto da África. Não, Peepy! Não, de modo nenhum!

Peepy (que a si mesmo dera esse nome) era a infeliz criança que havia rolado escada abaixo e agora interrompia a correspondência, apresentando-se com uma tira de esparadrapo na testa e mostrando os joelhos feridos, nos quais Ada e eu não sabíamos o que mais lastimar, se as equimoses, se a imundície. A Sra. Jellyby acrescentou apenas com a serena compostura com que dizia tudo: — Vá-se embora daqui, seu travesso! — e fixou de novo os belos olhos na África.

Contudo, enquanto ela continuava imediatamente seu ditado e como, fazendo o que fiz, eu não a interrompia, aventurei-me silenciosamente a deter o pobre Peppy, quando se ia retirando, e tomei-o nos braços para niná-lo. Ele mostrou-se bastante surpreso diante disso e pelo beijo que Ada lhe deu. Mas dentro em pouco adormeceu em meus braços, soluçando a intervalos cada vez mais longos, até ficar de todo sossegado. Estava eu tão ocupada com Peepy, que não pude ouvir os pormenores da carta, embora dela ganhasse tal impressão da momentosa importância da África e da transcendente significação de todos os outros lugares e coisas, que me senti completamente envergonhada por ter pensado tão pouco a esse respeito.

— Seis horas! — exclamou a Sra. Jellyby. — E a nossa hora de jantar é nominalmente (pois jantamos a todas as horas) cinco! Caddy, mostre a Miss Clare e Miss Summerson seus quartos. Talvez queiram fazer alguma modificação. Espero que me desculparão por estar tão atarefada. Oh! esse menino encapetado! Peço-lhe que o ponha no chão, Miss Summerson!

Pedi permissão para conservá-lo comigo, dizendo com sinceridade que ele não me incomodava de maneira alguma e carreguei-o escada acima, deitando-o na minha cama. Ada e eu tivemos dois quartos em cima, com uma porta de comunicação entre ambos. Estavam completamente desmobiados e em desordem, e a cortina de minha janela era presa por um garfo.

— Gostariam de um pouco de água quente, não? — perguntou Miss Jellyby, olhando em roda, à procura de um jarro com asa, mas inutilmente.

— Se não for incômodo — dissemos.

— Oh! incômodo não é — respondeu Miss Jellyby — a questão é saber se há alguma.

A noite estava tão fria e os quartos tresandavam tanto a mofo que, devo confessar, sentia-me um tanto enjoada e Ada estava quase a chorar. Em breve, porém, desfechamos a rir e estávamos ocupadas em desfazer os embrulhos, quando Miss Jellyby voltou para dizer que lamentava não haver água quente, pois não podiam encontrar a chaleira e a caldeira não funcionava.

Dissemos-lhe que não se afligisse e fizemos a toda a pressa tudo quanto tínhamos que fazer, para podermos voltar de novo para perto do fogo. Mas todas as criancinhas haviam subido para o patamar exterior, a fim de contemplarem um fenômeno — Peepy a dormir na minha cama; e a nossa atenção era distraída pela constante aparição de narizes e dedos, em situações perigosas entre as dobradiças das portas. Era impossível fechar as portas de qualquer dos quartos, pois minha fechadura, sem maçaneta, não dava voltas e, conquanto a haste da de Ada girasse à vontade e com a maior maciez, isso de nada valia. Em consequência, propus às crianças que entrassem e se sentassem quietas à minha mesa, que eu lhes contaria a história do Chapeuzinho Vermelho enquanto me vestia, o que elas fizeram, ficando quietinhas como camundongos, inclusive Peppy, que despertou justamente antes da aparição do lobo.

Ao descermos, encontramos uma caneca, com os dizeres “Presente de Tunbridge Wells”, acesa na janela da escada, com um pavio balouçante, e uma moça, de cara inchada, amarrada com uma faixa de flanela, soprando o fogo da sala de visitas (posta agora em comunicação, por uma porta aberta, com o quarto da Sra. Jellyby) e engasgando-se terrivelmente. Em resumo, desprendia-se tanta fumaça que todos nós nos sentamos a tossir e a chorar, com as janelas abertas por meia hora, e durante esse tempo a Sra. Jellyby,

com a mesma mansidão de índole, ditava cartas a respeito da África. Devo dizer que era um grande alívio para mim estar ela tão ocupada, pois Ricardo nos contou que havia lavado as mãos numa travessa de pastel e que a chaleira fora encontrada em cima da mesa de seu quarto, fazendo Ada rir tanto que me fizeram rir também, da maneira mais grotesca.

Logo depois das sete horas, descemos para jantar, fazendo isso com todo o cuidado, por conselho da Sra. Jellyby, pois a passadeira da escada, além de estar bastante desprovida de pegadores, estava tão rasgada que os buracos formavam verdadeiras armadilhas. Tivemos ao jantar um belo bacalhau, um pedaço de bife, um prato de costeletas e um pudim. Excelente jantar, se se pudesse dizer que estava cozinhado, mas na verdade estava quase cru. A moça da faixa de flanela servia e largava tudo em cima da mesa, em qualquer lugar, e dali não removia coisa nenhuma, a não ser quando tornava a levar tudo para a cozinha. A pessoa que eu vira de tamancos (e que supus fosse a cozinheira) entrava frequentemente e discutia com a outra na porta, parecendo não estarem em boa amizade uma com a outra.

Durante todo o jantar — que foi demorado, em consequência de alguns acidentes, como o ter sido o prato de batatas levado por engano para o balde de carvão e o cabo do saca-rolhas ter saltado e ferido o queixo da moça — a Sra. Jellyby conservou a mesma uniformidade de gênio. Contou-nos muita coisa interessante a respeito de Borriobula-Gha e dos naturais e recebeu tantas cartas que Ricardo, que estava sentado a seu lado, viu quatro envelopes ao mesmo tempo metidos no molho. Algumas das cartas eram atas de comissões de senhoras, ou resoluções de reuniões de senhoras, que ela lia para nós. Outras eram pedidos de pessoas entusiasmadas de várias maneiras com o cultivo do café e com os nativos, outras solicitavam respostas, o que ela fazia mandando sua filha levantar-se da mesa três ou quatro vezes para escrevê-las. Estava cheia de negócios e indubitavelmente, como nos dissera, devotada à sua causa.

Eu estava um tanto curiosa por saber quem era um homem sossegado e calvo, de óculos, que se enterrou numa cadeira vazia (não havia encosto nem fundo, para que digamos) depois que o peixe foi levado, e parecia submeter-se passivamente a Borriobula-Gha, apesar de não mostrar nenhum interesse ativo por aquela colônia. Como não dissesse sequer uma palavra, poderia ter sido tomado como um dos nativos, não fosse a sua fisionomia. Foi somente quando deixamos a mesa e ele ficou só com Ricardo, que me entrou na cabeça

a ideia de que possivelmente ele era o Sr. Jellyby. E era mesmo. E um rapaz tagarela, chamado Quale, de grandes fontes luzentes e nodosas, e com o cabelo todo penteado para trás, o qual chegou à noite e se apresentou a Ada como um filantropo, também a informou de que chamava à aliança matrimonial da Sra. Jellyby com o Sr. Jellyby a união do espírito com a matéria.

Este rapaz, além de ter muita coisa que dizer por sua conta a respeito da África e dum projeto seu para ensinar os colonos do café a ensinar os naturais a tornear pés de piano e estabelecer um comércio de exportação, deleitava-se em animar a Sra. Jellyby, dizendo: “Acredito, Sra. Jellyby, que recebeu para mais de cento e cinquenta a duzentas cartas a respeito da África num único dia, não foi?” ou “Se a memória não me falha, Sra. Jellyby, a senhora mencionou, em certa ocasião, haver remetido cinco mil circulares por uma única agência de correio e duma só vez” — sempre repetindo para nós a resposta da Sra. Jellyby, como se fosse um intérprete. Durante toda noite, o Sr. Jellyby ficou sentado a um canto, com a cabeça apoiada à parede, como se se achasse num estado de depressão de espírito. Pareceu ter aberto a boca várias vezes depois do jantar, quando a sós com Ricardo, como se tivesse alguma coisa em mente; mas sempre a havia fechado de novo, com extrema confusão de Ricardo, sem dizer coisa alguma.

A Sra. Jellyby, sentada num verdadeiro ninho de papéis velhos, bebeu café toda a noite e, a intervalos, ditava para sua filha mais velha. Travou também uma discussão com o Sr. Quale, cujo objeto parece ter sido — se é que o entendi — a Confraternização da Humanidade, tendo ocasião de exprimir alguns belos sentimentos. Não fui, porém, um ouvinte tão atento como o desejara ser, pois Peepy e as outras crianças se aglomeraram em redor de Ada e de mim, a um canto da sala de visitas, pedindo que contássemos outra história. De modo que nos sentamos no meio delas e contamos-lhes em voz baixa a história do Gato de Botas e não sei que mais, até que, lembrando-se delas por acaso, mandou-as a Sra. Jellyby para a cama. Como Peepy chorasse, exigindo que eu o pusesse na cama, carreguei-o até lá em cima, onde a moça da faixa de flanela na cara investiu, como um dragão, para os meninos, jogando-os dentro dos berços.

Depois disso, ocupei-me em arrumar um pouco nossos quartos e em atear um fogo que havia sido aceso, o que enfim consegui, pois ardeu brilhantemente. Descendo a escada de volta, senti que a Sra. Jellyby se

mostrava um tanto desdenhosa para comigo, por eu me haver revelado assim tão frívola, e isso me entristeceu, conquanto, ao mesmo tempo, eu soubesse que não eram muito elevadas as minhas aspirações.

Somente quase à meia-noite logramos oportunidade de ir deitar-nos e mesmo então deixamos a Sra. Jellyby entre seus papéis, a tomar café e Miss Jellyby a morder sua caneta.

— Que casa estranha! — disse Ada, quando subimos a escada. — É curioso que nosso primo Jarndyce nos houvesse mandado para aqui!

— Meu bem — disse eu —, isso também me confunde inteiramente. Desejo compreendê-lo e não consigo compreender nada.

— O que? — perguntou Ada, com seu lindo sorriso.

— Tudo isso, meu bem — disse eu. — Deve ser muito louvável da parte da Sra. Jellyby tomar tanto trabalho com um projeto em benefício dos nativos... e, contudo, Peepy e o governo da casa!

Ada riu e pôs o braço em torno do meu pescoço, enquanto eu olhava para o fogo, dizendo que eu era uma criatura muito querida e muito boa e que havia conquistado seu coração.

— Você é tão judiciosa, Ester — disse ela —, e contudo tão alegre e faz tudo isso tão despretensiosamente... Conseguiria fazer mesmo duma casa como esta um lar.

Minha cândida amiga! Não tinha consciência de que estava a louvar apenas a si mesma e que era a bondade de seu coração que a fazia pensar tão bem de mim!

— Permite que lhe faça uma pergunta? — disse eu, quando nos sentamos por algum tempo diante do fogo.

— Quinhentas — respondeu Ada.

— A respeito de seu primo, o Sr. Jarndyce. Devo-lhe tanto... Quer fazer-me uma descrição dele?

Sacudindo para trás seu cabelo dourado, Ada lançou os olhos para mim dum modo tão divertido que fiquei também cheia de admiração, quer diante de sua formosura, quer diante de sua surpresa.

— Ester! — exclamou ela.

— Minha querida!

— Quer uma descrição de meu primo Jarndyce?

— Meu bem, eu nunca o vi.

— E eu também nunca o vi! — respondeu Ada.

E era verdade.

Nunca o vira. Jovem como era quando sua mãe morreu, lembrava-se de como as lágrimas enchiam os olhos dela ao referir-se a ele e à nobre generosidade de seu caráter que, dizia ela, devia merecer confiança acima de todas as coisas terrestres. E Ada confiava nele. Havia poucos meses seu primo Jarndyce lhe escrevera “uma carta franca e honesta” — disse Ada, propondo o arranjo que estávamos agora realizando e dizendo-lhe que “a seu tempo poderiam ser cicatrizadas algumas das feridas causadas pela miserável demanda no foro”. Respondera aceitando, agradecida, a proposta. Ricardo recebera carta semelhante e dera igual resposta. Vira o Sr. Jarndyce uma vez, uma única vez, havia cinco anos, na escola de Winchester. Dissera a Ada, quando se encostavam ao biombo diante do fogo, onde o havia encontrado, que se lembrava dele como de “um sujeito franco e rosado”. Esta era a descrição mais completa que Ada me podia fazer.

Pus-me a pensar tanto que, quando Ada adormeceu, fiquei ainda diante do fogo, imaginando coisas a respeito da Casa Soturna, e a pensar, a pensar quanto já parecia distante aquela manhã do dia anterior. Não sabia mais por onde vagueavam meus pensamentos, quando uma batida à porta me chamou à realidade.

Abri a porta devagar e encontrei Miss Jellyby ali a tremer, trazendo numa das mãos uma vela partida num castiçal quebrado, e na outra mão um oveiro.

— Boa noite! — disse ela com bastante enfado.

— Boa noite! — respondi.

— Posso entrar? — perguntou ela, brusca e inesperadamente, com a mesma maneira enfadada.

— Sem dúvida — respondi. — Não desperte Miss Clare.

Não quis sentar-se, mas ficou junto ao fogo, mergulhando seu dedo

médio, todo sujo de tinta, no ovelho, que continha vinagre, e espalhando-o pelas manchas de tinta que tinha na cara; estava de carranca durante todo o tempo e me parecia bastante triste.

— Meu desejo é que a África estivesse morta! — disse ela de repente.

Eu ia objetar.

— Desejo sim! — disse ela. — Não me fale, Miss Summerson. Odeio a África, detesto-a. É um animal!

Disse-lhe que ela estava fatigada e que eu lamentava aquilo. Pus a mão sobre sua cabeça, toquei-lhe a testa e disse que estava quente agora, mas que no dia seguinte refrescaria. Ela ficou ainda mal-humorada e de má cara para mim, mas logo largou o ovelho e dirigiu-se de manso para a cama onde Ada dormia.

— Ela é muito bonita! — exclamou, com o mesmo cenho franzido e com os mesmos modos rústicos.

Concordei, com um sorriso.

— Órfã, não é?

— Sim.

— Mas sabe muita coisa, suponho. Sabe dançar, tocar música e cantar. Creio que sabe falar francês e conhece geografia, globos, trabalhos de agulha e muitas outras coisas.

— Sem dúvida.

— Eu não sei nada — disse ela. — Não posso fazer coisa alguma senão escrever. Estou sempre escrevendo coisas da mamãe. Admiro-me de não se terem envergonhado vocês duas, quando chegaram hoje de tarde, de me verem incapaz de fazer qualquer outra coisa. Foi uma maldade da parte de vocês. E contudo creio que vocês se julgam muito delicadas!

Percebi que a pobre moça estava quase a chorar e tornei a sentar-me, sem dizer uma palavra, olhando para ela (pensava eu) da maneira mais indulgente que me era possível.

— É uma vergonha — disse ela. — Você sabe que é. A casa toda é uma vergonha. As crianças fazem vergonha. Eu causo vergonha. Meu pai é um infeliz e não é de admirar! Priscila bebe, está sempre bebendo. Será uma

vergonha e um grande fingimento de sua parte, se disser que não percebeu hoje quanto ela fedia a bebida. Fedia tanto como uma taberna antes do jantar. Você bem sabe disso!

— Meu bem, não sei, não.

— Sabe, sim — disse ela, com todo o desabrimento, — Não pode dizer que não percebeu. Percebeu sim.

— Oh! minha cara — disse eu —, se você não me deixa falar...

— Está falando agora. Sabe que está. Não me venha com lorotas, Miss Summerson.

— Minha querida — disse eu — enquanto não me quiser ouvir...

— Não quero ouvi-la.

— Oh! Penso que deve ouvir-me, porque, do contrário, não seria nada razoável. Não percebi o que você diz porque a criada não se aproximou de mim durante o jantar. Mas não duvido do que você me disse e lamento sabê-lo.

— Não precisa fazer disso uma virtude.

— Não, minha querida. Seria uma tolice completa.

Ela estava ainda de pé junto da cama e então curvou-se (mas ainda com o mesmo rosto descontente) e beijou Ada. Isso feito, recuou de mansinho e ficou ao lado de minha cadeira. Seu peito arfava duma forma aflitiva, o que me causava profunda pena, mas achei melhor não dizer nada.

— Desejava morrer! — irrompeu ela. — Desejava que todos morrêssemos. Seria muito melhor para todos nós.

Logo em seguida ajoelhou-se no chão, a meu lado, escondeu o rosto no meu vestido, pediu-me apaixonadamente perdão, soluçando. Confortei-a e tê-la-ia erguido; ela, porém, disse chorando que não e não, que desejava ficar ali assim!

— Você está acostumada a ensinar a moças — disse ela. — Se ao menos tivesse podido ensinar-me, eu teria aprendido com você! Sou tão infeliz e gosto tanto de você!

Não pude persuadi-la a sentar-se a meu lado, ou a fazer outra coisa a não

ser arrastar um tamborete esfarrapado, para onde ela estava ajoelhada, e fazê-la sentar-se, segurando, porém, o meu vestido do mesmo modo. Pouco a pouco a pobre moça extenuada adormeceu e então tratei de levantar-lhe a cabeça, de forma que pudesse descansar no meu colo, cobrindo-nos a ambas com xales. O fogo apagou-se e durante toda a noite ela repousou assim, diante da grade cheia de cinzas. A princípio fiquei dolorosamente desperta, tentando em vão engolfar-me, de olhos fechados, nas cenas daquele dia. Afinal, pouco a pouco elas se tornaram indistintas e confusas. Comecei a não perceber quem fosse a pessoa adormecida no meu regaço. Ora era Ada, ora uma de minhas velhas amigas de Reading, de quem não me podia convencer que me houvesse tão recentemente separado; ora a velhinha louca, a curvar-se sorridente, toda mesuras; ora alguém com autoridade na Casa Soturna. Por fim, não era ninguém e peguei no sono.

A luz da manhã, ainda imprecisa, lutava fracamente contra o nevoeiro quando abri os olhos, e encontrei os dum pequenino fantasma de cara suja, fixos em mim. Peepy havia descido do seu berço e viera-se arrastando, com sua camisola e seu barrete de dormir, e estava com tanto frio que seus dentes matraqueavam, como se estivessem todos soltos.

UMA AVENTURA MATINAL

Posto que a manhã estivesse úmida e o nevoeiro ainda parecesse denso (digo parecesse, porque as janelas estavam tão encrostadas de sujo que teriam tornado baça a luz esplendente do verão), fiquei suficientemente prevenida a respeito da falta de conforto ali dentro, àquela hora matinal, e suficientemente curiosa a respeito de Londres para pensar que seria uma boa ideia aceitar a proposta de Miss Jellyby para dar um passeio.

— Mamãe não descerá tão cedo — disse ela — e depois será uma sorte se, perdendo tempo com estas ninharias, estiver pronto o desjejum uma hora depois. Quanto a papai, come o que encontra e vai para o escritório. Nunca consegue o que se poderia chamar um almoço regular. Priscila deixa de fora para ele o pão e algum leite, quando sobra de véspera. Muitas vezes não há leite nenhum porque o gato o bebeu. Mas receio que a senhora esteja cansada, Miss Summerson, e talvez prefira ir deitar-se.

— Não estou absolutamente cansada, minha querida — disse eu — e prefiro mesmo sair.

— Se acha que prefere mesmo — replicou Miss Jellyby —, vou me preparar.

Ada disse que iria também e logo tratou de levantar-se. À falta de coisa melhor, fiz uma proposta a Peepy, para ele deixar que eu o levasse e o deitasse depois de novo em minha cama. Submeteu-se a isso com a melhor vontade possível, fitando-me durante todo aquele arranjo como se nunca tivesse estado e nunca pudesse estar tão admirado em toda a sua vida — com cara de quem se sentia muito mal, é certo, mas sem queixar-se, e indo deitar-se bem agasalhado, para adormecer assim que tudo acabou. A princípio hesitei, antes de tomar tal liberdade, mas logo refleti que ninguém na casa iria provavelmente perceber coisa alguma.

Com o alvoroço de despachar Peepy, de aprontar-me a mim mesma e de

ajudar Ada, em breve eu estava abrasada de calor. Encontramos Miss Jellyby tentando aquecer-se diante do fogo do escritório, que Priscila estava então acendendo com um enfarruscado castiçal de sala, utilizando-se da vela para fazer o fogo pegar melhor. Estava tudo tal qual havíamos deixado na noite anterior e não havia dúvida de que se pretendia deixar tudo assim. Embaixo a toalha do jantar não fora retirada, estando, portanto, já pronta para o desjejum. Migalhas, poeiras e papel velho havia-os pela casa inteira. Algumas panelas de estanho e uma caçarola de leite pendiam das grades do pátio. A porta estava aberta e encontramos a cozinheira, que dobrava a esquina, saindo duma taberna, a enxugar a boca. Disse, ao passar por nós, que fora ver que horas eram.

Mas, antes de encontrarmos a cozinheira, topamos com Ricardo, que dançava de um lado para outro em Thavies Inn para aquecer os pés. Ficou agradavelmente surpreendido ao ver-nos em movimento tão cedo e disse que partilharia de bom grado o nosso passeio. Ele se encarregou de Ada, e Miss Jellyby e eu tomamos a dianteira. Posso afirmar que Miss Jellyby havia recaído na sua sombria maneira habitual e que eu realmente não me podia convencer de que ela gostasse de mim bastante, a não ser que assim mo confessasse.

— Aonde desejam ir? — perguntou.

— A qualquer parte, meu bem — respondi.

— A qualquer parte é a nenhuma parte — disse Miss Jellyby, estacando.

— Seja como for, vamos a alguma parte — disse eu.

Ela então pôs-se a andar comigo bastante depressa.

— Não me importa! — exclamou ela. — Agora que a senhora é testemunha, Miss Summerson, afirmo que não me importa. Mas se ele tivesse de vir à nossa casa toda noite com aquela sua grande testa encaroçada e brilhante, até ficar tão velho como Matusalém, eu não haveria de dizer uma palavra sequer. Como mamãe e ele se fazem verdadeiros pedaços de asno!

— Meu bem — admoestei, referindo-me ao epíteto e à vigorosa ênfase com que Miss Jellyby o acentuou. — Seu dever de filha...

— Oh! não fale em dever de filha, Miss Summerson. Onde está o dever de mamãe como mãe? Tudo para o público e para a África! Então deixemos

que o público e a África cumpram seu dever de filha. É muito mais negócio deles que meu. Garanto que a senhora está escandalizada com isso! Muito bem, também eu estou escandalizada. Estamos ambas escandalizadas e pronto!

Caminhou comigo mais depressa ainda.

— Mas apesar de tudo isso, repito, ele pode vir, vir, vir, à vontade, que não terei uma palavra sequer para dizer-lhe. Não posso suportá-lo. Se há um assunto no mundo que eu odeio e detesto é esse que ele e mamãe debatem. Admiro-me que as próprias pedras do calçamento em frente à nossa casa tenham a paciência de ficar ali e ser testemunhas de tais incongruências e contradições, como todas aquelas tolices e a administração de mamãe!

Não pude deixar de entender que ela se referia ao Sr. Quale, o jovem cavalheiro que aparecera depois do jantar no dia anterior. Salvou-me da desagradável necessidade de continuar com aquele assunto a chegada de Ricardo e de Ada a passos apressados, rindo e perguntando se tencionávamos competir numa corrida. Assim interrompida, Miss Jellyby calou a boca e caminhou pensativamente a meu lado, enquanto eu admirava as longas sucessões e variedades de ruas, a quantidade de gente que já andava em todos os sentidos, o número de veículos que passavam e repassavam, os preparativos atarefados para arranjar as vitrinas e varrer as lojas e as criaturas extraordinárias, em farrapos, remexendo disfarçadamente entre o lixo, à procura de alfinetes e outros refugos.

— De modo que, minha prima — disse a alegre voz de Ricardo, dirigindo-se a Ada, atrás de mim —, nunca haveremos de sair do Tribunal! Chegamos, por outro caminho, ao nosso ponto de encontro ontem e... pelo selo real, lá vem a velha de novo!

Na verdade, ali estava ela, bem à nossa frente, mesureira, sorrindo e dizendo, com aquele seu mesmo ar de proteção do dia anterior:

— Os pupilos de Jarndyce! Mui...to felizes, estou certa!

— Saiu cedo, minha senhora — disse eu, quando ela me cumprimentou.

— Si...im! Passeio habitualmente por aqui bem cedo. Antes que o Tribunal funcione. É um lugar retirado. Concentro aqui meus pensamentos para os negócios do dia — disse a velha com afetação. — Os negócios do dia requerem enorme quantidade de meditação. É tão difícil de acompanhar a

justiça do Tribunal...

— Quem é essa, Miss Summerson? — cochichou-me Miss Jellyby, apertando mais meu braço, de encontro ao seu.

A velhinha tinha um ouvido bastante fino. Respondeu por si mesma, diretamente.

— Uma demandista, minha menina. Às suas ordens. Tenho a honra de frequentar o foro regularmente. Com meus documentos. Terei por acaso o prazer de dirigir-me a outra das jovens partes do processo Jarndyce? — perguntou a velha, reerguendo-se, com a cabeça para um lado, da rasgada cortesia que havia feito.

Ricardo, ansioso por reparar sua leviandade da véspera, de boa vontade explicou que Miss Jellyby não estava ligada ao processo.

— Ah! — exclamou a velha. — Ela não está aguardando um julgamento? Ainda envelhecerá. Mas não ficará tão velha. Oh, não! Este é o jardim de Lincoln's Inn. Chamo-o meu jardim. É um verdadeiro caramanchel no tempo de verão. Onde os pássaros gorjeiam melodiosamente. Passo a maior parte das férias grandes aqui. Em contemplação. As senhoras acham as férias grandes excessivamente longas, não acham?

Respondemos que sim, visto como ela parecia esperar que assim respondêssemos.

— Quando as folhas estão caindo das árvores e não há mais flores em botão para formar ramalhetes para o Tribunal do Lorde Chanceler — disse a velha —. as férias estão completadas e o sexto selo, mencionado na Revelação, de novo prevalece. Por favor, venham à minha residência. Será um bom agouro, para mim. Juventude, esperança e beleza são coisas bem raras por lá. Faz muito, muito tempo que não tenho uma visita de qualquer delas.

Tomara minha mão e, conduzindo-me a mim e a Miss Jellyby para diante, acenou a Ricardo e Ada que nos acompanhassem. Não sabia como escusar-me e olhei para Ricardo em busca de socorro. Como ele se mostrasse meio divertido e meio curioso e hesitante de como livrar-se da velha sem ofendê-la, ela continuava a conduzir-nos, e ele e Ada continuavam a acompanhar-nos. Durante todo o tempo nossa estranha condutora ia-nos informando com muita condescendência que morava perto.

Era mesmo verdade, como não tardamos em verificar. Morava tão perto que não tivemos tempo de com ela conversar amistosamente por alguns minutos, antes que chegasse à sua casa. Fazendo-nos passar por diante dum portãozinho lateral, a velha parou inesperadamente numa estreita rua traseira, que era parte de alguns quintais e becos logo fora do muro do foro e disse: “Esta é a minha residência. Queiram subir!”

Tinha parado diante duma venda, sobre a qual estava escrito: armazém krook, trapos e garrafas. E em longas letras finais: krook negociante de artigos navais. Numa parte da vitrina havia um desenho representando uma fábrica de papel, em vermelho, diante da qual uma carroça descarregava enorme quantidade de sacos de trapos velhos. Noutra lia-se a inscrição compram-se ossos. Noutra: compram-se legumes. Noutra: compra-se ferro velho. Noutra: compram-se papéis velhos. Noutra: compram-se roupas de homens e senhoras. Parecia que tudo ali se comprava e nada se vendia. Em todas as partes da vitrina havia enormes quantidades de garrafas sujas: garrafas de graxa, frascos de remédios, garrafas de soda e de jinjibirra, vidros de conservas, garrafas de vinho e garrafas de tinta. Lembro-me, ao mencionar estas últimas, que a loja tinha, por várias pequeninas particularidades, o ar de estar nas vizinhanças de qualquer tribunal e de ser, por assim dizer, um sujo parasita ou um parente repudiado da lei. Via-se ali enorme quantidade de garrafas de tinta. Havia um banquinho cambaleante cheio de velhos volumes estragados, do lado de fora da porta, com um cartaz: “Livros de direito, todos a nove pence.” Alguns dos letreiros que citei estavam escritos com letra tabelioa, como os papéis que eu tinha visto no escritório de Kenge e Carboy e as cartas que eu recebera da firma há bastante tempo. Entre os cartazes havia um, com a mesma letra, nada tendo que ver com o negócio da loja, mas anunciando que um homem respeitável, de quarenta e cinco anos, se encarregava de copiar e passar a limpo com asseio e presteza: “Dirigir-se a Nemo, aos cuidados aqui do Sr. Krook.” Viam-se penduradas várias pastas de segunda mão, azuis e vermelhas. Um pouco adiante da porta da loja ostentavam-se montes de velhos rolos de pergaminho, cheios de rachaduras, e papéis legais descoloridos e de pontas dobradas. Eu podia imaginar que todas as chaves enferrujadas, das quais existiam ali centenas, amontoadas como ferro velho, tinham outrora pertencido a portas de salas ou a cofres de escritórios de advogados. A pilha de trapos derramada, parte dentro, parte fora, duma escada manca de madeira, pendente sem qualquer equilíbrio duma

trave, podia ser composta de faixas e de togas rasgadas de juízes. Não se podia deixar de imaginar, para ter-se o quadro completo, como cochichou Ricardo a Ada e a mim, enquanto estávamos todos ali olhando, que os ossos que se viam num canto, empilhados e bem limpos, eram ossos de clientes.

Como estivesse ainda nevoento e escuro e como a loja era, além disso, obscurecida pelo muro de Lincoln's Inn, que interceptava a luz num espaço de duas jardas, não teríamos visto tanta coisa se não fosse uma lanterna acesa que um velho de óculos e de boné de pelos meneava pela loja. Voltando-se na direção da porta, avistou-nos então. Era baixo, cadavérico e mirrado, com a cabeça afundada de través entre os ombros, e o hálito saía-lhe em visível fumaça da boca, como se houvesse nele um fogo interno. A garganta, o queixo e o sobrecenho estavam tão cobertos de cabelos brancos e tão entrecruzados de veias e de rugas, que ele parecia, do peito para cima, uma raiz velha coberta de neve.

— Eh! eh! — disse o velho, encaminhando-se para a porta. — Têm alguma coisa para vender?

Recuamos naturalmente e olhamos para nossa condutora, que estivera tentando abrir a porta da casa com uma chave que tirara do bolso e a quem Ricardo agora dizia que, como tivéramos o prazer de ver onde ela morava, deveríamos deixá-la, pois o tempo urgia. Não era, porém, tão fácil assim desembaraçar-nos dela. Tornou-se tão absurdamente solícita nas suas súplicas para que subíssemos e víssemos por um instante o seu alojamento e mostrava-se tão curvada, no seu jeito inofensivo, ao conduzir-me para dentro, como parte do bom presságio que ela desejava, que eu (fizessem os outros o que quisessem) não via outro recurso senão satisfazê-la. Suponho que estávamos todos mais ou menos curiosos. Seja como for, quando o velho acrescentou seus argumentos persuasivos aos dela e disse: “Ora, ora, deem-lhe esse prazer! É um minuto só! Entrem, entrem! Passem pela loja se a outra porta não estiver funcionando!”, entramos, estimuladas pelo riso alentador de Ricardo e confiadas na sua proteção.

— Meu senhorio, Krook — disse a velhinha, condescendendo com ele do alto de sua elevada condição, quando no-lo apresentou. — É chamado aqui na vizinhança Lorde Chanceler. Sua loja chama-se o Supremo Tribunal. É um sujeito muito excêntrico. Estranho demais. Oh, garanto-lhes que é bastante estranho!

Abanou a cabeça muitas vezes e batia com o dedo na testa, para exprimir que deveríamos ter a bondade de desculpá-lo.

— Porque ele é um pouco... vocês sabem. .. gira! — disse a velha com grande dignidade. O velho escutou e riu.

— E bem verdade — disse ele, indo à nossa frente com a lanterna — que eles me chamam o Lorde Chanceler e à minha loja Tribunal. E por que acham que eles me chamam o Lorde Chanceler e Tribunal à minha loja?

— Posso garantir que não sei! — respondeu Ricardo, um tanto desatento.

— Vejam — disse o velho, parando e voltando-se —, eles.. . Ih! que lindo cabelo! Tenho lá embaixo três sacos com cabelos de mulheres, mas nenhum há tão belo e tão fino como este. Que cor é que contextura!

— Basta, meu bom amigo — disse Ricardo, desaprovando com energia, por estar o velho pegando com sua mão amarela uma das tranças de Ada.

— Pode admirar como qualquer de nós, sem tomar essa liberdade.

O velho dardejou sobre ele um olhar repentino, que mesmo a mim distraiu a atenção que eu fixara em Ada. Esta, assustada e ruborizada, se mostrava tão notavelmente bela que pareceu prender a atenção errante da própria velhinha. Mas como Ada se interpusesse e sorridente dissesse que só podia sentir-se orgulhosa diante de tão autêntica admiração, o Sr. Krook voltou à sua primeira maneira de ser, tão subitamente quanto dela se havia apartado.

— Estão vendo que tenho aqui tantas coisas — continuou ele, erguendo a lanterna —, de tantas qualidades, e tudo, como pensam os vizinhos (mas eles não sabem de nada), deperecendo e arruinando-se, e por isso é que eles deram uma alcunha a mim e à minha casa. E tenho tantos pergaminhos e papéis no meu estoque! E sou doido por ferrugem, por mofo, e teias de aranha. Tudo quanto é peixe cai na minha rede. E não tolero separar-me de coisa alguma a que alguma vez tenha deitado a mão (ou assim pensam meus vizinhos, mas que sabem eles?) ou alterar qualquer coisa, ou conservá-la limpa, não esfregando, não limpando, não consertando nada que me cerca. Foi por isso que ganhei o mau nome de Tribunal. Não me incomodo. Vou muito bem todos os dias ver meu nobre e ilustrado irmão, quando da audiência no foro. Ele não repara em mim, mas eu reparo nele. Não há grandes diferenças entre nós. Ambos vivemos na mesma confusão. Ih, Lady Jane!

Uma grande gata cinzenta pulou de alguma prateleira próxima sobre o ombro dele, causando susto a todos nós.

— Ih! Mostre a todos como você sabe arranhar. Ih! Pule fora, minha senhora! — disse seu dono.

A gata pulou para baixo e começou a unhar, com suas garras de tigre, uma trouxa de farrapos, com um ruído que me arrepiava toda.

— O mesmo faria ela com qualquer pessoa contra quem eu a açulasse— disse o velho. — Entre outros objetos, negocio com peles de gato, e ela me foi oferecida. É um pelo muito bonito, como podem ver, mas não quis esfolá-la. Posso assegurar que isso não está de acordo com as práticas do Tribunal!

A esse tempo já nos havia feito atravessar a loja e, em seguida, abriu uma porta do fundo que conduzia para a entrada da casa. Enquanto ele se detinha, com a mão no ferrolho, a velha graciosamente lhe disse, antes de passar adiante:

— Basta, Krook. Você fala bem, mas é maçante. Meus jovens amigos estão com muita pressa. Eu mesma não tenho muito tempo a perder, pois devo ir logo mais ao Tribunal. Meus jovens amigos são os pupilos do caso Jarndyce.

— Jarndyce! — exclamou o velho, num sobressalto.

— “Jarndyce e Jarndyce”. O grande processo, Krook! — respondeu sua inquilina.

— Ih! — exclamou o velho, num tom de meditativo espanto e com mais arregalado olhar de pasmo que antes. — Imagine-se!

Mostrava-se tão subitamente enlevado e nos olhava a todos tão curiosamente, que Ricardo disse:

— Ora, o senhor parece perturbar-se excessivamente com processos a cargo de seu nobre e ilustrado irmão, o outro Chanceler!

— Sim — disse o velho, abstratamente. — Decerto! o seu nome então é...

— Ricardo Carstone.

— Carstone — repetiu ele lentamente, contando aquele nome no dedo indicador e foi mencionando cada um dos outros em dedos separados. — Sim.

Havia Barbary, havia Clare e Dedlock também, se não me engano.

— Ele conhece tanto o processo como o verdadeiro Chanceler pago! — exclamou Ricardo, muito admirado, dirigindo-se a Ada e a mim.

— Ai! — suspirou o velho, saindo lentamente de sua abstração. — Sim! Tom Jarndyce... como parentes, queiram desculpar-me, mas no Tribunal não lhe davam outro nome e era tão conhecido ali como... é ela agora — (e acenou de leve para sua inquilina). — Tom Jarndyce entrava aqui muitas vezes. Habitou-se a andar inquieto e sem rumo, quando o processo estava em sessão, ou esperando, conversando com os mais modestos lojistas e dizendo-lhes que se mantivessem fora do Tribunal, fizessem o que fizessem. Pois, diz ele, é ser triturado miudamente num moinho vagoroso: é ser assado a fogo lento; é ser picado por abelhas até morrer; é ser afogado gota a gota; é enlouquecer aos poucos. Esteve vai não vai a suicidar-se justamente onde se encontram agora as senhoritas.

Ouvimos isso cheias de horror.

— Entrou pela porta — disse o velho, apontando lentamente para um imaginário trajeto através da loja — no dia em que tentou matar-se (a vizinhança inteira dissera meses antes que, com toda a certeza, ele faria aquilo mais cedo ou mais tarde), entrou pela porta naquele dia, veio andando por ali, sentou-se num banco que ali havia e pediu-me (hão de saber que eu cru então muito mais jovem) que lhe arranjasse uma pinta de vinho. “Porque”. disse ele, “estou muito abatido, Krook. Meu processo acha-se de novo em andamento e penso estar mais perto do julgamento do que nunca.” Não era intenção minha deixá-lo só e persuadi-o a ir à taverna ali perto, do outro lado do meu beco (quero dizer do Beco do Tribunal). Acompanhei-o pela janela, olhei para dentro, vendo-o instalado confortavelmente, como pensei, na poltrona junto ao fogo, eu com gente em sua companhia. Mal havia regressado para aqui, quando ouvi o estrondo dum tiro e algazarra justamente do lado do foro. Saí a correr, vizinhos saíram a correr... vinte de nós gritaram imediatamente: “Tom Jarndyce!”

O velho parou, encarou-nos fito, baixou depois o olhar para a lanterna e soprou a luz, apagando-a de todo.

— Não é preciso dizer aos meus ouvintes que estávamos certos. Ih! Não imaginam como a vizinhança toda invadiu o Tribunal naquela tarde, enquanto decorria o processo! Como meu nobre e ilustrado irmão e todos os outros se

moíam e remoíam, como de costume, e procuravam aparentar não ter ouvido uma palavra sequer a respeito do último acontecimento do processo, como se eles — Deus meu! — nada tivessem que ver com aquilo, como se tivessem ouvido falar daquilo por acaso!

Ada havia perdido inteiramente a cor e Ricardo estava pouco menos pálido. Eu não podia deixar de imaginar, a julgar pelas minhas próprias emoções e mesmo não sendo parte no processo, que, para corações tão pouco experientes e tão jovens, era coisa bem desagradável entrar na herança duma desgraça prolongada, presente no espírito de tanta gente, com tão terríveis recordações. Eu tinha outro motivo de inquietação na possível identificação daquela penosa história com a da pobre criatura meio simplória que nos conduzira até ali. Mas, com surpresa minha, ela parecia perfeitamente inconsciente disso e apenas continuou a subir na frente, informando-nos, com a tolerância que uma criatura superior tem pelas fraquezas dum mortal comum, que seu senhorio era “um pouco... gira. .. como as senhoras sabem!”

Morava no alto da casa, num belo e grande quarto, do qual avistava o salão do foro. Parecia ter sido este seu principal intento ao estabelecer primitivamente sua residência ali. Podia olhar para ele, dizia, de noite — especialmente à luz da lua. Seu quarto estava limpo, mas quase desmobiado. Notei que havia apenas o estritamente necessário, quanto a móveis. Umas poucas gravuras, arrancadas de livros, de magistrados e advogados, coladas à parede e uma meia dúzia de redes e sacos de trança, “contendo documentos”, segundo nos informou. Não havia carvão nem cinzas na grade e não vi roupas em parte alguma nem qualquer espécie de alimento. Em cima da prateleira dum armário aberto viam-se um ou dois pratos, uma ou duas xícaras e assim por diante, mas tudo desnudo e vazio. Havia uma significação mais impressionante no ar de penúria da velha, pensei eu ao olhar em torno, do que eu antes percebera.

— Sinto-me extremamente honrada — disse nossa pobre anfitriã, com a maior suavidade — com esta visita dos pupilos de Jarndyce. É muito grata pelo bom agouro. É uma posição muito isolada. Em vista de... tenho de limitar-me quanto à minha situação. Em consequência da necessidade de acompanhar o Chanceler. Tenho vivido aqui muitos anos. Passo meus dias no Tribunal e minhas tardes e minhas noites aqui. Acho as noites compridas, porque durmo pouco e penso demais. Isso, sem dúvida, é inevitável, estando eu no Tribunal. Lamento não poder oferecer-lhes chocolate. Espero uma

sentença para breve e então tratarei de estabelecer-me em condições bem superiores. No momento, não me importa confessar aos pupilos de Jarndyce (segredo absoluto) que às vezes acho difícil conservar uma aparência agradável. Tenho sentido frio aqui. Tenho sentido algo mais agudo do que frio. Isso pouco importa. Queiram desculpar-me se menciono semelhantes ninharias.

Afastou um pouco a cortina da longa e baixa janela do sótão e chamou nossa atenção para numerosas gaiolas ali penduradas, algumas das quais com vários pássaros. Havia cotovias, pintarroxos e pintassilgos, creio que pelo menos uns vinte.

— Comecei a criar os bichinhos — disse ela — com uma intenção que compreenderão prontamente. Com a intenção de restituir-lhes a liberdade. Quando tiver recebido a sentença que espero. Si...im! Morrem na prisão, porém. Suas vidas, pobres e inocentes criaturinhas, são bastante curtas, em comparação com os processos judiciais, de modo que, um a um, a coleção inteira já morreu e foi sendo revezada sempre. Sabem? Duvido que qualquer deles, conquanto sejam todos ainda novinhos, viva a tempo de alcançar a liberdade. É muito mortificante isso, não é?

Posto que muitas vezes fizesse uma pergunta, nunca parecia esperar resposta, mas continuava divagando, como se tivesse o hábito de assim fazer quando se achava a sós.

— Na verdade — prosseguiu —, receio positivamente muitas vezes que, enquanto as questões estão ainda sem solução e o sexto selo ou o selo real ainda prevalece, eu possa ser algum dia encontrada rígida e insensível aqui, como já tenho encontrado muitos desses pássaros.

Ricardo, como em resposta ao que vira nos olhos compassivos de Ada, aproveitou a oportunidade para depositar algum dinheiro, ligeira e disfarçadamente, em cima da prateleira da chaminé. Todos nos aproximamos das gaiolas, fingindo examinar as aves.

— Não posso permitir que eles cantem muito — disse a velha —, porque (vão achar isto muito curioso) sinto minha mente confusa com a ideia de que eles estão cantando enquanto eu acompanho os debates no Tribunal. E minha mente necessita de estar bastante desanuviada. Noutra ocasião lhes direi como eles se chamam. Agora não. Num dia de tão bom agouro cantarão tanto quanto quiserem. Em honra da mocidade — e aqui fez uma cortesia sorridente

—, da esperança — outro sorriso e outra cortesia — e da beleza — mais um sorriso e uma cortesia. — Pronto! Deixemos que a luz jorre!

Os passarinhos começaram a revoltear e a gorjear.

— Não posso deixar que o ar entre aqui livremente — disse a velha (o quarto estava fechado e melhor seria que o arejasse) — por causa daquela gata lá debaixo. Lady Joana, que vive louca para comê-los. Fica lá fora no parapeito, acorada na tocaia horas e horas. Descobri — e aqui cochichou em ar de mistério — que a crueldade natural da gata é aguçada por um temor ciumento de que os pássaros recuperem a liberdade. Em consequência do julgamento, espero que esta em breve lhes será dada. A gata é astuta e cheia de malícia. Às vezes chego a acreditar que ela não é gata, mas o lobo da velha história. É muito difícil conservá-la afastada da porta.

Alguns sinos da vizinhança, lembrando à coitada que já eram nove e meia, fizeram mais a nosso favor, no sentido de dar por terminada a nossa visita, do que o poderíamos ter feito por nós mesmos. Às pressas agarrou ela seu saco de documentos, que havia colocado em cima da mesa ao entrar, e perguntou se tínhamos também de ir ao Tribunal. Diante da nossa resposta negativa e de que não se detivesse por nossa causa, abriu a porta para acompanhar-nos até embaixo.

— Com tão bom agouro, é mesmo mais necessário do que de costume que eu esteja lá antes da chegada do Chanceler, pois ele pode mandar apregoar o meu caso em primeiro lugar. Tenho o pressentimento de que o mandará apregoar em primeiro lugar esta manhã.

Parou para dizer-nos, num cochicho, enquanto descíamos, que toda a casa estava cheia de estranhos trastes que seu proprietário havia comprado pouco a pouco e não tinha vontade de vender, por ser um tanto “gira”. Foi isto no primeiro andar. Mas ela havia feito uma parada anterior no segundo e apontara silenciosamente para uma escura porta ali existente.

— O outro único inquilino — murmurou ela então, explicando —, um escrevente. As crianças daqui dos becos dizem que ele se vendeu ao diabo. Não sei o que fez com o dinheiro. Psiu!

Pareceu desconfiar de que o inquilino pudesse ouvi-la mesmo ali, e, repetindo “psiu!”, seguiu na nossa frente, em pontas de pés, como se até mesmo o ruído de seus passos pudesse revelar-lhe o que ela dissera.

Passando pela loja, ao dirigir-nos para fora como tínhamos feito ao entrar, encontramos o velho amontoando uma quantidade enorme de maços de papéis velhos, numa espécie de vão existente no soalho. O trabalho parecia duro, pois sua testa estava toda perolada de suor. Tinha ao lado um pedaço de giz, com o qual, à medida que ia arrumando cada pacote ou maço separado, fazia uma marca curva no artesão da parede.

Ricardo e Ada, Miss Jellyby e a velhinha tinham passado a seu lado e eu ia passando também quando ele me tocou no braço para que parasse, e escreveu a giz a letra J na parede, duma forma bastante curiosa, começando pelo fim da letra e formando-a ao revés. Era uma letra maiúscula, não de imprensa, mas uma letra como qualquer escrevente do escritório dos Srs. Kenge e Carboy teria feito.

— Sabe lê-la? — perguntou-me com um olhar ávido.

— Decerto — respondi. — Está muito claro.

— Que é isto?

— Um J.

Com outro olhar para mim e um para a porta, apagou a letra e rabiscou um “a” em seu lugar (não letra maiúscula desta vez) e perguntou: “que é isto?”

Eu disse-lhe o que era. Depois apagou também essa letra e traçou um “r”, fazendo-me a mesma pergunta. Continuou assim depressa, até haver formado, da mesma curiosa maneira, começando pelos fins e extremidades das letras, a palavra JARNDYCE, sem deixar, uma vez sequer, duas letras juntas na parede.

— Como se lê isso? — perguntou-me.

Quando ouviu minha resposta, riu. Do mesmo modo estranho e sempre com a mesma rapidez, traçou uma por uma, e apagou-as uma a uma, as letras que formam as palavras CASA SOTURNA. Com certo espanto li também estas e ele riu de novo.

— Ih! — disse o velho, largando o giz —, tenho jeito de copiar de memória, como está vendo, senhorita, ainda que não saiba ler nem escrever.

Sua aparência era tão desagradável e sua gata olhava com tanta maldade para mim, como se eu tivesse parentesco de sangue com os pássaros lá de

cima, que me senti bastante aliviada quando Ricardo apareceu na porta e disse:

— Miss Summerson, espero que não esteja fazendo negócio para vender seu cabelo. Não se deixe tentar. Três sacos lá embaixo são já suficientes para o Sr. Krook!

Não perdi tempo em despedir-me do Sr. Krook e juntar-me lá fora aos meus amigos, onde nos despedimos da velhinha, que nos desejou felicidades com grandes cerimônias e renovou sua garantia do dia anterior, referente à intenção que tinha de doar propriedades a Ada e a mim. Antes, porém, de nos afastarmos daqueles becos, olhamos para trás e vimos o Sr. Krook, de pé à porta de sua loja, de óculos, olhando para nós, com a gata no ombro e a cauda desta enristada a um lado do gorro peludo, como uma enorme pena.

— Uma verdadeira aventura, numa manhã em Londres — disse Ricardo, com um suspiro. — Ah! prima, prima, esta palavra Tribunal é na verdade uma palavra enfadonha.

— Para mim é e tem sido até onde vai minha memória — respondeu Ada. — Aflige-me saber que tenha de ser a inimiga, como suponho que sou, de grande número de parentes e de outras pessoas, e que elas tenham de ser minhas inimigas, como suponho que são, e que tenhamos todos de arruinarmos uns ao outros, sem sabermos como ou por quê, numa constante dúvida durante toda a nossa vida. Parece bastante estranho, uma vez que deve existir a verdade em alguma parte, que um juiz honesto, com verdadeira boa fé, não tenha sido capaz de descobri-la, durante todos estes anos.

— Ah! prima — exclamou Ricardo —, é estranho na verdade! Todo este jogo de xadrez desenfreado e dispendioso é muito estranho. Ver aquele tranquilo Tribunal, ontem movimentando-se tão serenamente, e pensar na miséria dos processos em juízo deu-me ao mesmo tempo dor de cabeça e dor no coração. Minha cabeça doía ao imaginar o que aconteceria se os homens não fossem loucos e tratantes. E meu coração doía ao pensar que eles poderiam deixar de ser uma coisa e outra. Mas em todo o caso, Ada.. . posso chamá-la Ada?

— Sem dúvida que pode, primo Ricardo.

— Em todo o caso, Ada, o Tribunal não conseguirá exercer nenhuma de suas más influências sobre nós. Felizmente nos reuniram, graças ao nosso

bondoso parente, e nada nos pode separar agora!

— Nunca, espero, primo Ricardo! — exclamou Ada com doçura.

Miss Jellyby apertou-me o braço e lançou-me significativo olhar. Sorri, por minha vez, e percorremos o resto do caminho de volta, cheios de alegria.

Meia hora depois da nossa chegada, a Sra. Jellyby apareceu, e durante uma hora as várias coisas necessárias para o almoço foram postas na sala de jantar. Não duvido que a Sra. Jellyby tivesse ido deitar-se e se houvesse levantado da maneira usual, pois não dava mostras de haver mudado o vestido. Mostrou-se grandemente ocupada durante o almoço, pois o correio da manhã trouxera pesada correspondência relativa a Borriobula-Gha, que lhe faria passar (disse ela) um dia bastante atarefado. As crianças rolavam por ali, gravando recordações de seus tombos nas perninhas, que eram assim perfeitos calendários, marcando desastres. Peepy, perdido durante hora e meia, foi trazido do mercado de Newgate por um polícia. A maneira serena com que a Sra. Jellyby suportou tanto sua ausência como sua volta ao círculo da família surpreendeu a todos nós.

Esteve durante todo aquele tempo ditando persistentemente a Caddy e esta dentro em pouco se achava nas mesmas condições de enxovalhamento de tinta em que a havíamos encontrado. A uma hora um carro aberto chegou para nós e uma carroça para a nossa bagagem. A Sra. Jellyby encarregou-nos duma infinidade de lembranças para o nosso bom amigo, o Sr. Jarndyce. Caddy abandonou sua escrivaninha para ver-nos partir, beijou-me no corredor e ficou na escada, mordendo a caneta e soluçando. Peepy felizmente estava dormindo e poupou-nos a dor da separação (não me saía da cabeça que ele fora ao mercado de Newgate à minha procura) e todas as outras crianças subiram à traseira da carroça, donde caíram, e nós as víamos, com grande inquietação, espalharem-se pela superfície de Thavies Inn, enquanto rodávamos para fora de seus limites.

NO LAR

O dia tinha-se aclarado bastante e ainda se tornou mais brilhante à medida que avançávamos para oeste. Seguíamos nosso caminho à luz do sol e ao ar fresco, maravilhando-nos diante da extensão das ruas, do brilho das lojas, do grande tráfego e das multidões humanas que o tempo mais agradável parecia ter feito desabrochar, como flores multicoloridas. Pouco a pouco começamos a deixar a maravilhosa cidade e a atravessar subúrbios que, por si mesmos, teriam formado, a meu ver, lindas e grandes cidades. Por fim entramos de novo numa verdadeira estrada rural, com moinhos de vento, campos cheios de medas, marcos miliários, carroças de lavradores, cheiro de feno velho, tabuletas oscilantes e cochoss para cavalos, árvores, campos e sebes vivas. Era delicioso contemplar a verde paisagem à nossa frente e a imensa metrópole lá atrás de nós. E quando uma carroça, puxada por belos cavalos, ajaezados de arreios vermelhos e de guizos de som argentino, passou por nós com sua música, acredito que nós três poderíamos ter cantado, acompanhados pelas campainhas, tão prazenteiro era tudo quanto nos cercava.

— Toda esta estrada tem-me feito lembrar de meu homônimo Whittington — disse Ricardo — e aquela carroça é a última pincela. Alô! que é que há?

Tínhamos parado e a carroça parara também. Sua música cessara com a parada dos cavalos e permanecia apenas um leve tilintar, exceto quando um cavalo sacudia a cabeça ou se mexia, derramando uma chuvinha de sons guizalhante.

— Nosso postilhão está perguntando alguma coisa ao carroceiro — disse Ricardo — e o carroceiro está voltando para o nosso lado. — Bom dia, amigo! — O carroceiro parou diante da porta do nosso coche. — Ora essa, que coisa extraordinária! — acrescentou Ricardo, olhando atentamente para o homem. — Ele está com o seu nome, Ada, no chapéu!

Estava com todos os nossos nomes no chapéu. Metidos dentro da fita do chapéu, estavam, três bilhetes, um dirigido a Ada, um a Ricardo e outro a mim, que o carroceiro entregou, respectivamente, a cada um de nós, lendo primeiro o nome em voz alta. Em resposta a Ricardo, que indagara quem os mandara, respondeu em poucas palavras: “O patrão, senhor”, e, pondo de novo o chapéu na cabeça (o qual parecia uma tigela mole), estalou o chicote, fez ressoar sua música e continuou seu caminho cercado de melodias.

— Aquela carroça é do Sr. Jarndyce? — perguntou Ricardo ao nosso postilhão.

— É, sim senhor — respondeu ele. — Vai a Londres. Abrimos os bilhetes.

Tinham todos a mesma redação e continham estas palavras, escritas numa letra firme e clara:

“Almejo que nosso encontro seja cordial e sem constrangimento para nenhum de nós. Portanto, proponho que nos encontremos como velhos amigos e esqueçamos o passado. Será possivelmente um alívio para você e para mim com toda a certeza, de modo que queira aceitar a expressão da minha amizade.

João Jarndyce.”

Eu tinha talvez menos razão de ficar surpreendida que qualquer de meus companheiros, nunca tendo tido ainda oportunidade de agradecer a alguém que fora meu benfeitor e único auxílio na terra, durante tantos anos. Não havia imaginado como poderia agradecer-lhe, pois minha gratidão permanecia demasiado profunda em meu coração. Mas agora começava a considerar como poderia encontrá-lo sem agradecer-lhe e senti que seria, na verdade, muitíssimo difícil.

Os bilhetes reavivaram em Ricardo e em Ada uma impressão geral que tinham — sem que chegassem a saber como brotara — de que seu primo Jarndyce nunca aceitaria gratidão por qualquer benefício praticado, e que, em vez de recebê-la, recorreria aos mais singulares expedientes e evasivas, ou trataria até de esquivar-se. Ada recordava-se confusamente de ter ouvido sua mãe contar, quando ela era ainda bem criança, que Jarndyce tivera outrora para com ela um gesto de generosidade pouco comum e que, indo sua mãe à sua casa para agradecer-lhe, logrou o primo avistá-la duma janela, diante da porta, e tratou de escapar imediatamente por um portão dos fundos, não se tendo depois notícia dele durante três meses. Essa conversa prolongou-se

durante muito tempo sobre o mesmo assunto, durou mesmo o dia inteiro e pouco falamos doutra coisa qualquer. Se por acaso derivávamos para outro assunto, logo voltávamos àquele e imaginávamos como poderia ser a casa, quando chegaríamos, se veríamos o Sr. Jarndyce logo que lá chegássemos, ou se haveria alguma demora, o que ele nos diria e o que teríamos de dizer-lhe. Imaginávamos tudo isso muitas e muitas vezes.

As estradas eram muito penosas para os cavalos, mas a vereda era geralmente boa. De modo que descíamos do coche e galgávamos as colinas e tanto isso nos agradava que prolongávamos o nosso passeio nos planos, quando chegávamos ao alto. Em Barnet havia outros cavalos à nossa espera, mas, como mal haviam acabado de comer, tivemos de esperar por eles também e demos um longo e fresco passeio por uma pastagem e por um velho campo de batalha antes que a carruagem subisse. Essas delongas retardaram tanto a jornada que o dia curto já se passara e a comprida noite já caía, antes de chegarmos a Saint Albans, cidade perto da qual sabíamos estava a Casa Soturna.

Já então estávamos tão ansiosos e nervosos que até mesmo Ricardo confessou, enquanto o carro rolava pelas pedras da velha rua, sentir um desejo insensato de voltar atrás. Quanto a Ada e a mim, que ele havia agasalhado com grande cuidado, pois a noite estava muito fria, tremíamos da cabeça aos pés. Quando, ao dobrar uma esquina, nos afastamos da cidade e Ricardo nos disse que o postilhão, que por muito tempo se penalizara com a nossa excitada expectativa, estava olhando para trás e acenando, nós duas nos levantamos na carruagem (enquanto Ricardo segurava Ada, com receio de que ela caísse) e circunvagamos a vista pelo campo aberto e pela noite estrelada, buscando a casa a que nos destinávamos. Havia uma luz cintilando no alto de uma colina diante de nós, e o condutor, apontando para ela com o chicote e gritando: “Lá está a Casa Soturna!”, meteu os cavalos a meio galope e levou-nos para a frente com tal velocidade, apesar de ser uma subida, que as rodas jogavam a areia da estrada por sobre nossas cabeças como borrifos de um moinho d’água. Ora perdíamos a luz de vista, ora tornávamos a vê-la, sucessivamente, até enveredarmos por uma alameda e seguirmos a galope na direção de um clarão bem vivo. Era o de uma janela do que parecia ser uma casa à antiga, com três cúspides no telhado da frente e um passeio circular conduzindo até o pórtico. Uma campainha estava tocando quando paramos, e entre o seu tom profundo no ar silencioso, o ladrar distante de alguns cães, a

fumaça e o vapor dos cavalos aquecidos e o apressado bater de nossos corações, apeamos, não sem considerável embaraço.

— Ada, meu bem. Ester, minha querida, sejam muito bem-vindas. Alegro-me por vê-las. Rick, se tivesse mais uma mão agora, estendê-la-ia para você!

O cavalheiro que dissera essas palavras, numa voz clara, viva e hospitaleira, tinha um dos braços em torno da cintura de Ada e o outro em torno da minha e beijou-nos a ambas, de uma forma toda paternal, levando-nos através do vestibulo para uma saleta cor-de-rosa, toda esplendente das labaredas do fogo. Ali nos beijou de novo e, abrindo os braços, fez-nos sentar lado a lado num sofá adrede arrastado para perto da lareira. Senti que, se houvéssemos expandido imediatamente nossos sentimentos, ele teria fugido no mesmo instante.

— Agora, Rick — disse ele —, tenho uma mão em liberdade. Uma palavra sincera vale tanto quanto um discurso. Sinto-me cordialmente satisfeito por vê-los. Estão em sua casa. Aqueçam-se.

Ricardo apertou-lhe ambas as mãos com uma mistura intuitiva de respeito e de franqueza, e apenas dizendo (embora com uma seriedade que me alarmou um tanto, pois eu estava com enorme receio de que o Sr. Jarndyce desaparecesse de repente): “É muita bondade sua, senhor. Estamos-lhe muito agradecidos”, pôs do lado o chapéu e a capa, aproximando-se do fogo.

— Gostou da viagem? Gostou da Sra. Jellyby? — perguntou o Sr. Jarndyce a Ada.

Enquanto Ada lhe respondia, lancei um olhar (não necessito dizer com que enorme interesse) para seu rosto. Era um belo rosto vivo, cheio de mutações e movimento, e seu cabelo tinha a cor de um cinzento prateado. Achei que devia estar mais perto dos sessenta do que dos cinquenta, embora fosse ereto, esperto e robusto. Desde o momento em que se dirigiu pela primeira vez a nós, sua voz se ligara a uma associação de ideias que eu não podia definir: mas depois, de repente, qualquer coisa de repentino nas suas maneiras e uma agradável expressão do seu olhar fizeram-me lembrar do cavalheiro da diligência, havia seis anos no dia memorável de minha viagem para Reading. Tinha certeza de que era ele. Nunca fiquei amedrontada na vida como quando fiz essa descoberta, pois ele surpreendeu meu olhar e, parecendo ler meus pensamentos, lançou tal olhar para a porta que pensei que

íamos perdê-lo.

Contudo, sinto-me feliz em dizer que ele permaneceu onde estava e perguntou-me o que eu pensava a respeito da Sra. Jellyby.

— Ela se dedica demasiado à África, senhor — disse eu.

— Nobremente! — replicou o Sr. Jarndyce. — Mas sua resposta é igual à de Ada. — A quem eu não tinha ouvido. — Todos vocês pensam alguma coisa mais, pelo que vejo.

— Pensamos — disse eu, olhando para Ricardo e para Ada, que com seus olhares me incitavam a falar — que talvez ela se descuide um pouco de sua casa.

— Pronto! — exclamou o Sr. Jarndyce.

Fiquei um tanto alarmada de novo.

— Bem, desejo conhecer sua verdadeira opinião, minha cara. Talvez eu haja mandado vocês lá de propósito.

— Pensamos que, talvez — continuei, hesitante —, o direito é começar pelas obrigações de casa, senhor, e que, talvez, enquanto estas são desdenhadas e descuidadas, nenhum outro dever pode substituí-las.

— Os pequenos Jellybys — disse Ricardo, vindo em meu auxílio — estão realmente — não posso deixar de exprimir isto com certa energia, senhor — num estado lastimável.

— A intenção dela é boa — disse o Sr. Jarndyce, apressadamente —, o vento está de leste.

— Estava do norte, senhor, quando descemos — observou Ricardo.

— Meu caro Ricardo — disse o Sr. Jarndyce, atizando o fogo —, posso jurar que ele está de leste, ou irá para leste. Experimento sempre uma sensação desagradável quando o vento está soprando de leste.

— Reumatismo, senhor? — perguntou Ricardo.

— Talvez seja, Ricardo. Creio que é De modo que os pequenos Jel... Eu tinha minhas dúvidas a respeito deles... acham-se num... Oh! meu Deus, sim, o vento vem de leste!

Dera duas ou três voltas indecisas para lá e para cá, enquanto

pronunciava aquelas frases truncadas, conservando o atizador numa das mãos e alisando o cabelo com a outra, com uma aflição bondosa, ao mesmo tempo tão esquisita e tão simpática, que estou certa de que ficamos mais satisfeitos com ele do que nos teria sido possível exprimir com quaisquer palavras. Deu um braço a mim e outro a Ada e, ordenando a Ricardo que trouxesse uma vela, ia conduzir-nos quando de repente nos fez voltar de novo.

— Aqueles pequenos Jellybys. Não poderiam vocês... não fizeram... ora, se houvessem chovido rebuçados, ou tortas triangulares de framboesa, ou qualquer coisa assim! — exclamou o Sr. Jarndyce.

— Oh! primo... — começou Ada, apressadamente.

— Muito bem, minha queridinha. Gosto desse “primo”. Primo João, talvez seja melhor.

— Então, primo João... — disse Ada, rindo e começando de novo.

— Ah! ah! ah! Muito bem, deveras! — exclamou o Sr. Jarndyce, com grande satisfação.

— Soa com uma naturalidade fora do comum. Sim, minha querida.

— Choveu melhor do que aquilo. Choveu Ester.

— Sim? — perguntou o Sr. Jarndyce. — Que fez Ester?

— Ora, primo João! — disse Ada, pegando-lhe no braço e agitando a cabeça para mim, por trás dele, pois eu lhe fazia sinais de que se calasse. — Ester tornou-se logo amiga deles. Ester cuidou deles, levou-os para dormir, banhou-os e vestiu-os, contou-lhes histórias, conservou-os quietos, comprou-lhes presentes — (Minha querida amiga! eu havia saído apenas com Peepy, depois que ele fora encontrado e lhe dera um cavalinho de lata) — e, primo João, ela tratou carinhosamente da pobre Carolina, a mais velha, tanto, tanto, e comigo mostrou-se cheia de solitudes e de carinho! Não, não, não admito que você me desminta, querida Ester! Você bem sabe que tudo isso é verdade!

A querida menina, de coração tão bondoso, inclinou-se por trás do primo João e beijou-me. Depois, erguendo a vista para o rosto dele, disse ousadamente: — Seja como for, primo João, *devo* agradecer-lhe a companheira que me deu.

Tive a sensação de que Ada o desafiava a fugir. Mas ele não fez tal.

— Onde disse você que o vento estava, Ricardo? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— No norte, quando descemos, senhor.

— Você está certo. Não está ventando de leste. Engano meu. Venham, meninas, venham ver sua casa.

Era uma daquelas casas deliciosamente irregulares, onde a gente sobe o desce escadas de uma sala para outra e onde se encontram cada vez mais malas quando se pensa já ter visto todas e onde há uma provisão farta de pequenos vestíbulos e corredores e onde se descobrem ainda os mais antigos quatinhos de casa de campo em lugares inesperados, com janelas de postigo e vegetação verde intrometendo-se através delas. O meu, onde primeiro entramos, era desta espécie, com um telhado cheio de altos e baixos, com muitas esquinas que eu sempre contava depois, e uma chaminé (havia na lareira fogo alimentado por lenha) toda coberta de ladrilhos alvíssimos, em cada um dos quais cintilava uma miniatura do fogo. Saindo desse quarto desciam-se dois degraus para uma encantadora saleta que dava sobre um jardim todo florido e que iria dali por diante pertencer a Ada e a mim. Da maleta subiam-se três degraus para o quarto de dormir de Ada, dotado de uma bela e larga janela, de onde se descortinava uma linda vista (vimos uma grande extensão de trevas sob as estrelas) e na qual havia um banco côncavo, com fechadura de mola, no qual três de minha querida Ada poderiam perder-se de uma só vez. Desse quarto passava-se para uma pequena galeria, com a qual se comunicavam as outras melhores salas (duas apenas) e assim, por uma pequena escada de degraus baixos, cheia de degraus de esquina, demasiados para sua extensão, descia-se ao vestíbulo. Mas se, em vez de sair pela porta de Ada, a gente voltasse para o meu quarto e saísse pela porta por onde havia entrado e subisse uns poucos degraus arqueados que se esgalhavam da escada de uma forma imprevista, perder-se-ia em corredores onde havia calandras, mesas de três quinas e uma cadeira da índia, que era também um sofá, uma arca e uma armação de cama, e parecia, em qualquer dessas formas, uma espécie de esqueleto de bambu ou uma enorme gaiola de pássaro e fora trazida da índia, ninguém sabia por quem nem quando. Dali chegava-se ao quarto de Ricardo, que, era, ao mesmo tempo, biblioteca, sala de visitas e dormitório, e parecia na verdade um confortável conjunto de vários quartos. Dali se passava diretamente, através de um pequeno corredor, para o vasto quarto onde dormia o Sr. Jarndyce durante todo o ano, de janela aberta, com

sua armação de cama sem quaisquer aprestos, bem no meio do quarto, para receber mais ar e seu banho frio esperando por ele numa saleta contígua. Em seguida havia outro corredor, onde se viam escadas traseiras e onde se podia ouvir os cavalos, ao serem almofaçados lá embaixo, fora da estrebaria, aos gritos de “Firme!” e “Passa!” quando escorregavam muito nas pedras desiguais. Ou podia-se, se se saísse por outra porta (cada quarto tinha pelo menos duas), descer diretamente ao vestíbulo de novo por meia dúzia de degraus e por uma baixa arcada, ficando a gente a imaginar como voltara ali ou como conseguira sair dali.

A mobília, mais fora de moda do que velha, como a casa, tinha a mesma agradável irregularidade. O quarto de dormir de Ada era todo flores de chita e de papel, de veludo, de crochê, no bordado de duas tesas e elegantes cadeiras, colocadas de cada lado da lareira, cada uma delas ladeada, para maior pompa, de um tamborete. Nossa sala de visitas era verde e tinha, encaixilhados e envidraçados sobre as paredes, numerosos pássaros, surpresos e surpreendentes, olhando lá dos quadros para uma autêntica truta numa caixa, tão parda e tão brilhante, como se tivesse sido servida com molho: para a morte do capitão Cook e para todo o processo de preparar chá na China, tal como é pintado por artistas chineses. No meu quarto havia baixos-relevos ovais representando os meses, fidalgas segando feno, de jalecos curtos e grandes chapéus amarrados debaixo do queixo, para o mês de junho, fidalgos de pernas lisas, apontando, com tricórnios, para campanários de aldeia, representando o mês de outubro. Retratos de meio corpo a creiom enchiam toda a casa, mas andavam tão espalhados que eu achei o irmão de um jovem oficial no meu guarda-louça e o encanecido marido de minha linda e jovem desposada, com uma flor no corpete, na sala de almoçar. Substituindo-os, tinha eu quatro anjos, do reinado da rainha Ana, levando para o céu com certa dificuldade um complacente cavalheiro, em meio de festões, e uma composição de crochê, representando frutas, uma chaleira e um abecedário. Todos os móveis, desde os guarda-roupas até as cadeiras, mesas, cortinas e espelhos, e até mesmo as almofadas de alfinetes e vidros de perfume, em cima dos toucadores, exibiam a mesma estranha diversidade. Em nada combinavam, a não ser na perfeita limpeza, na exibição dos linhos mais alvos e na acumulação, onde quer que uma gaveta, pequena ou grande, a tornasse possível, de enormes quantidades de pétalas de rosas e de suave alfazema. Tais foram — com suas janelas iluminadas, suavizadas aqui e ali pelas

sombras das cortinas, brilhando lá fora na noite estrelada; com sua luz, seu calor e seu conforto; com o hospitaleiro tilintar, a distância, dos preparativos para o jantar; com o rosto de seu generoso dono a iluminar tudo quanto víamos e lá fora o vento suficiente apenas para formar um leve acompanhamento a tudo quanto ouvíamos — nossas primeiras impressões da Casa Soturna.

— Fico contente por ver que gostaram — disse o Sr. Jarndyce quando nos trouxe de volta à sala de visitas de Ada. — Não tem pretensões, mas espero que seja um lugarzinho confortável e será muito mais ainda com tão brilhantes jovens aqui. Vocês têm apenas meia hora antes do jantar. Não há ninguém mais aqui, a não ser a mais admirável criatura deste mundo... uma criança.

— Mais crianças, Ester! — exclamou Ada.

— Não quero dizer literalmente uma criança — prosseguiu o Sr. Jarndyce —, uma criança em idade. Cresceu — é pelo menos tão velho como eu —, mas na simplicidade, na viveza, no entusiasmo, e numa notável e pura inaptidão para todos os negócios terrenos, é uma perfeita criança.

Achamos que esse tal deveria ser bem interessante.

— Ele conhece a Sra. Jellyby — disse o Sr. Jarndyce. — É músico. Um diletante, poderia ter sido um profissional. É também um artista. É homem de talento e de maneiras cativantes. Tem sido infeliz em seus negócios, infeliz nas suas pretensões, infeliz com a sua família. Mas pouco se lhe dá... é uma criança!

— O senhor quer dizer que ele tem filhos também? — perguntou Ricardo. — Sim, Rick. Meia dúzia. Mais... Quase uma dúzia, creio eu. Mas nunca cuidou deles. E como poderia fazê-lo? Ele mesmo precisaria de alguém que dele cuidasse. Se é uma criança!

— E as crianças sempre cuidaram de si mesmas? — inquireu Ricardo.

— Ora, justamente tal como você supõe — disse o Sr. Jarndyce, de fisionomia subitamente abatida. — Diz-se que os filhos dos verdadeiros pobres não são criados, mas vegetam. Os filhos de Haroldo Skimpole cresceram desta ou daquela forma. Receio que o vento esteja soprando de novo. Sinto-o um pouco.

Ricardo observou que o lugar era desabrigado para uma noite inclemente.

— É desabrigado — disse o Sr. Jarndyce. — A causa é essa, sem dúvida. A Casa Soturna está numa angra desabrigada. Mas vocês estão de acordo comigo. Vamos!

Tendo chegado nossa bagagem e estando tudo à mão, vesti-me em poucos minutos e tratei de arrumar minhas coisas, quando uma criada (não a que estava servindo Ada, mas outra que eu não tinha visto) trouxe uma cesta para dentro do meu quarto, com duas pencas de chaves, todas rotuladas.

— Para a senhorita. Tenha a bondade — disse ela.

— Para mim? — perguntei. — As chaves para governar a casa, senhorita.

Demonstrei minha surpresa, porque ela também acrescentou com certa surpresa de sua parte: — Disseram-me que as trouxesse logo que a senhorita estivesse só. É Miss Summerson, se não me engano?

— Sim. Este é o meu nome.

— A penca maior é das chaves da casa e a pequena a das adegas, senhorita. A qualquer hora que lhe agrade marcar, amanhã de manhã, estarei pronta a mostrar-lhe os armários e as coisas neles contidas.

Disse que estaria à disposição às seis e meia e, depois que ela saiu, fiquei a olhar para a cesta, inteiramente abismada na magnitude do meu encargo. Ada encontrou-me assim e mostrou tão deliciosa confiança em mim quando lhe mostrei as chaves e lhe falei a respeito delas, que teria sido falta de sensibilidade de minha parte e de gratidão não me sentir animada. Para falar a verdade, sabia que aquilo era bondade da querida menina, mas gostava de ser tratada com tanto agrado.

Quando descemos, fomos apresentadas ao Sr. Skimpole, que estava de pé diante do fogo contando a Ricardo quanto fora louco por futebol, nos seus tempos de escola. Era uma criatura vivaz, com uma cabeça um tanto grande, mas de rosto delicado e voz suave, e era um homem encantador. Tudo quanto dizia revelava-se tão livre de esforço e tão espontâneo, e era dito com tão cativante jovialidade, que sua conversa se tornava uma verdadeira fascinação. Sendo mais esbelto que o Sr. Jarndyce e de complexão mais forte, com o

cabelo mais negro, parecia mais jovem. Na verdade tinha mais a aparência, sob todos os aspectos, de um rapaz envelhecido do que de um velho bem conservado. Havia certa negligência natural nas suas maneiras e até no seu modo de trajar (o cabelo penteado descuidadamente, e frouxo e esvoaçante o lenço que usava no pescoço, como tenho visto artistas pintarem seus próprios retratos), que me impunha a ideia de uma mocidade romântica que houvesse sofrido algum singular processo de depreciação. Aquilo não me parecia absolutamente maneira ou aparência de um homem que avançara pela vida seguindo o caminho usual dos anos, dos cuidados e das experiências.

Coligi da conversa que o Sr. Skimpole havia sido educado para seguir a profissão de médico e que, no exercício desta, vivera outrora na casa de um príncipe alemão. Contou-nos, porém, que como sempre tinha sido uma simples criança, em questões de pesos e medidas, e nunca ficara conhecendo coisa alguma a respeito deles (a não ser que lhe causavam aversão), nunca fora capaz de receitar com a devida exatidão de minúcias. Na verdade, dizia ele, não tinha cabeça para coisas miúdas. E contou-nos com muita graça que, quando tinha de sangrar o príncipe ou dar remédio a qualquer de seus súditos, achava-se geralmente deitado de costas na cama, lendo os jornais ou fazendo extravagantes esboços a lápis e por isso não podia ir. Tendo o príncipe afinal reclamado contra isso, “no que tinha toda a razão”, disse o Sr. Skimpole com a maior franqueza, o contrato terminou, e não tendo o Sr. Skimpole (como acrescentou com deliciosa jovialidade) “nada com que viver senão o amor, apaixonou-se, casou-se e cercou-se de rostos rubicundos”. Seu bom amigo Jarndyce e alguns outros bons amigos seus o ajudaram então, em mais rápida ou em mais lenta sucessão, proporcionando-lhe várias oportunidades na vida, mas sem resultado, porque era seu dever confessar que sofria das duas mais antigas enfermidades que há no mundo: uma, não ter noção do tempo; outra, não ter noção do dinheiro. Em consequência disso, nunca compareceu a um encontro marcado, nunca pôde fechar qualquer transação e nunca soube o valor de coisa nenhuma. Pois bem. Assim continuara a viver e ali estava! Gostava muito de ler jornais, de fazer fantásticos desenhos a lápis da natureza e da arte. Tudo quanto exigia da sociedade era que o deixasse viver. Isso não era muito. Suas necessidades eram poucas. Dessem-lhe os jornais, conversa, música, paisagem, carneiro, café, frutas da estação, algumas folhas de papel de desenho e um pouco de vinho clarete, e nada mais pediria. Era uma simples criança no mundo, mas não chorava pedindo a lua. Dizia ao mundo:

“Siga seus vários caminhos em paz! Use casacos vermelhos, casacos azuis, mangas de cambraia, ponha canetas atrás das orelhas, use aventais. Corra atrás da glória, da santidade, do comércio, da indústria, de qualquer coisa que preferir. Apenas uma coisa — deixe Haroldo Skimpole viver!”

Tudo isso e muito mais nos disse ele, não só com o mais extraordinário brilho e contentamento, mas com certa candura vivaz, falando de si mesmo, como se não se tratasse de sua pessoa, como se Skimpole fosse um terceiro, como se soubesse que Skimpole tinha suas singularidades, mas tinha ainda também suas reivindicações, que eram a ocupação geral da comunidade e não deviam ser descuidadas. Era absolutamente encantador. Se me senti de qualquer modo confusa, naquela primeira vez, quando tentei conciliar tudo quanto ele dizia com tudo quanto eu pensava a respeito das obrigações e responsabilidades da vida (das quais estou longe de estar certa), confusa fiquei por não compreender exatamente a razão pela qual ele estava livre delas. Que ele *estava* livre mal podia eu duvidar. Nada ocultava ele próprio a tal respeito.

— Nada cobiço — dizia o Sr. Skimpole com a mesma vivacidade. — A propriedade nada é para mim. Aqui está a excelente casa do meu amigo Jarndyce. Sinto-me grato a ele por possuí-la. Posso desenhá-la e alterá-la. Posso pô-la em música. Quando estou aqui, tenho dela a posse suficiente, sem nenhuma perturbação, custo ou responsabilidade. Em resumo, o nome do meu administrador é Jarndyce e ele não me pode enganar. Mencionamos a Sra. Jellyby. Eis uma mulher de olho vivo, de grande força de vontade e de imensa capacidade de trabalho miúdo, que se lança às coisas com surpreendente ardor! Não lamento não ter força de vontade e uma imensa capacidade de trabalho miúdo, para lançar-me às coisas com ardor surpreendente! Posso admirá-la sem invejá-la. Posso simpatizar com as coisas. Posso sonhar com elas. Com bom tempo, posso deitar-me na grama e flutuar ao longo de um rio africano, abraçando todos os nativos que encontre, muito sensível ao silêncio profundo e desenhando as densas frondes da floresta tropical de uma forma tão realista como se lá estivesse. Não sei se assim estou procedendo como convém, mas é tudo quanto posso fazer e faço-o integralmente. Portanto, pelo amor de Deus, tendo Haroldo Skimpole, criança confiante, requerido a vocês, ao mundo, a uma aglomeração de gente prática de hábitos comerciais, que o deixem viver e admirar a família humana, concedam-lhe desta ou daquela maneira o que pede, como boas almas que são e tolerem que ele cavalgue seu

cavalinho de rodas!

Era bem evidente que o Sr. Jarndyce não desdenhara semelhante apelo. A situação geral o Sr. Skimpole demonstrava-o, sem ser sequer necessário acrescentar o que ele disse depois.

— Somente a vocês, generosas criaturas, é que invejo — disse o Sr. Skimpole, dirigindo-se a nós, seus novos amigos, de um modo impessoal. — Invejo em vocês o poder de fazer o que fazem. É com isso que tenho de deleitar-me. Não sinto por vocês nenhuma gratidão vulgar. Quase sinto que vocês é que deveriam ser-me gratos por eu lhes proporcionar o ensejo de gozar a volúpia da generosidade. Sei que gostam muito disso. Pois diga eu o que disser, pode ser que eu tenha vindo ao mundo expressamente com o fim de aumentar o cabedal de felicidade de vocês. Pode ser que tenha nascido para ser benfeitor de vocês, dando-lhes muitas vezes oportunidade de auxiliarme nos meus pequenos embaraços. Por que havia eu de lamentar minha incapacidade pelas minúcias e pelos negócios materiais, quando ela me conduz a tão agradáveis consequências? Por isso não a lamento.

De todas as suas divertidas falas (divertidas, conquanto sempre bastante significativas), nenhuma parecia ser mais do agrado do Sr. Jarndyce do que esta. Tive muitas vezes depois novas tentações de imaginar se era realmente singular, ou apenas singular para mim, que ele, sem perder a menor ocasião de se mostrar a mais agradecida de todas as crianças humanas, se revelasse sempre desejoso de fugir à gratidão dos outros.

Estávamos todos encantados. Achei que era merecido tributo às qualidades atraentes de Ada e de Ricardo mostrar-se o Sr. Skimpole, que os via pela primeira vez, tão sem reservas e expandir-se de maneira tão deliciosamente agradável. Os dois (especialmente Ricardo), pelas mesmas razões, sentiam-se naturalmente desvanecidos e consideravam privilégio não-comum merecerem tão franca confiança de um homem tão atraente. Quanto mais nós o escutávamos, mais alegre era a conversa do Sr. Skimpole. É que agradavam suas finas maneiras divertidas, sua cativante candura e seu cordial modo de referir-se com leveza às suas próprias debilidades, como se dissesse: “Como vocês sabem? Sou uma criança! Comparados comigo, vocês são gente ladina — (acabei por considerar-me realmente tal) —, mas eu sou alegre e inocente; esqueçam-se de suas artes mundanas e venham brincar comigo!” — o efeito era absolutamente deslumbrante.

Era também tão dotado de sensibilidade e tinha um senso tão sutil do que era belo ou delicado, que só por isto poderia conquistar um coração. À noite, quando eu estava a preparar o chá e Ada tocava piano na sala próxima, cantarolando baixinho uma canção para seu primo Ricardo, que eles por acaso haviam mencionado, o Sr. Skimpole veio sentar-se no sofá perto de mim e de tal modo se referia a Ada, que eu quase cheguei a amá-lo.

— Ela é como a manhã — disse ele. — Com aqueles cabelos dourados, aqueles olhos azuis e aquele viço floral nas faces, é como a manhã de verão. Os pássaros daqui serão capazes de enganar-se, tomando uma pela outra. Não podemos chamar órfã a uma tão linda e jovem criatura que é um prazer para toda a humanidade. Ela é filha do universo.

Descobri que o Sr. Jarndyce estava de pé, perto de nós, com as mãos nas costas e um sorriso atento na face.

— Creio que o universo — observou ele — pode ser um pai um tanto indiferente.

— Oh! não sei! — exclamou o Sr. Skimpole alegremente.

— Pois eu assim julgo — disse o Sr. Jarndyce.

— Bem — disse o Sr. Skimpole —, você conhece o mundo (que no sentido que você lhe dá é o universo) e eu dele nada conheço, de modo que você terá lá a sua opinião. Se eu pudesse ter opinião própria — e olhou para os dois primos — não haveria espinheiros de realidades sórdidas no caminho deles. Seria juncado de rosas; atravessaria caramanchéis onde não haveria primavera, outono ou inverno, mas um perpétuo verão. Nem a idade, nem as mudanças o afetariam. A vil palavra dinheiro jamais seria sussurrada perto dele!

O Sr. Jarndyce, a sorrir, deu-lhe uma palmadinha na cabeça, como se ele fosse realmente uma criança e, dando um ou dois passos para a frente e parando um instante, lançou um olhar para os jovens primos. Era um olhar pensativo, mas nele havia uma expressão benévola que eu muitas vezes (oh quantas!) vi de novo e que desde muito tempo ficou gravada no meu coração. A sala onde eles se encontravam e que comunicava com a em que nos achávamos estava iluminada apenas pela lareira. Ada achava-se sentada ao piano e Ricardo, de pé, a seu lado, curvava-se sobre ele. Na parede, suas sombras se fundiam, cercadas de formas estranhas, não sem um movimento

fantasmal produzido pelo fogo inquieto, embora refletidas de objetos imóveis. Ada tocava tão de leve e cantava tão baixinho, que o vento, gemendo ao longe nas colinas distantes, era ouvido tão bem como a música. O mistério do futuro e a fraca sugestão que lhe fornecia a voz do presente pareciam expressas em todo aquele quadro.

Mas não é para relembrar essa fantasia, como tão bem a recordo, que evoco a cena. Em primeiro lugar, eu não estava inteiramente alheia ao contraste, a respeito do significado e da intenção, entre o olhar silencioso dirigido daquele modo e o fluxo de palavras que o havia precedido. Em segundo lugar, conquanto o olhar do Sr. Jarndyce, ao desviar-se, permanecesse apenas por um instante sobre mim, tive naquele momento a sensação de que ele me confidenciava — e sabia que eu lhe recebia a confidência — sua esperança de que Ada e Ricardo pudessem algum dia ter um pelo outro sentimentos mais ternos.

O Sr. Skimpole sabia tocar piano e violoncelo. Era compositor — compusera outrora metade de uma ópera mas cansou-se dela — e tocava com gosto o que compusera. Depois do chá tivemos um pequeno concerto completo, no qual Ricardo — que estava dominado pelo canto de Ada e me dizia que ela parecia conhecer todas as canções que já foram compostas —, o Sr. Jarndyce e eu éramos o auditório. Após algum tempo notei a ausência, primeiro do Sr. Skimpole e, depois, de Ricardo, e enquanto estava pensando como poderia Ricardo estar tanto tempo fora e perder tanta coisa, a criada que me dera as chaves espreitou da porta e me disse: — Por favor, senhorita, podia conceder-me um minuto?

Quando, fechada a porta, fiquei a sós com ela no vestíbulo, disse, erguendo as mãos: — Oh! tenha a bondade, senhorita, o Sr. Carstone pede-lhe que suba até o quarto do Sr. Skimpole. Ele caiu, senhorita!

— Caiu? — perguntei. — Caiu, senhorita. Quando menos o esperava.

Fiquei apreensiva. Julguei tratar-se de alguma doença perigosa. Mas pedi naturalmente à criada que ficasse tranquila e não incomodasse mais ninguém e, contendo-me à medida que a acompanhava às pressas pela escada acima, fui conseguindo pensar quais seriam os melhores remédios a aplicar, caso se tratasse de um ataque. Ela escancarou uma porta e entrou num quarto onde, com indizível surpresa minha, em vez de encontrar o Sr. Skimpole estendido na cama ou prostrado no chão, avistei-o de pé, diante do fogo, sorrindo para

Ricardo, enquanto este, com fisionomia de grande embaraço, olhava para uma pessoa sentada no sofá, envolvida num casacão branco, com ralos cabelos alisados sobre a cabeça, que enxugava de mansinho com um lenço, tornando-os ainda mais lisos.

— Miss Summerson — disse Ricardo, precipitadamente —, agrada-me vê-la aqui. Poderá dar-nos algum conselho. Nosso amigo, o Sr. Skimpole — não fique alarmada! —, foi detido por dívidas.

— É, na verdade, minha querida Miss Summerson — disse o Sr. Skimpole, com sua agradável candura —, nunca estive numa situação em que fosse mais necessário aquele excelente senso e sossegado hábito de método e de utilidade, que não escapará a quem quer que tenha tido a felicidade de gozar um quarto de hora de sua companhia.

A pessoa sentada no sofá e que parecia sofrer de um resfriado deu um espirro tão alto que me assustou.

— Sua detenção é motivada por quantia muito grande, senhor? — perguntei ao Sr. Skimpole.

— Minha querida Miss Summerson — respondeu ele, sacudindo a cabeça alegremente —, não sei. Creio que foram mencionadas algumas libras, uns poucos xelins e meio *penny*.

— São vinte e quatro libras, dezesseis xelins e sete *pence* e meio — observou o estranho. — É o que é.

— E isso representa... representa de certo modo — perguntou o Sr. Skimpole — uma pequena quantia?

A estranha criatura nada respondeu, mas deu outro espirro, tão forte que quase a levantou do sofá.

— O Sr. Skimpole — disse-me Ricardo — sente certo escrúpulo de dirigir-se ao primo Jarndyce, porque este ultimamente tem... penso, senhor, ter entendido que o senhor ultimamente...

— Oh! sim — concordou o Sr. Skimpole, sorrindo. — Embora eu tenha esquecido quanto foi e quando foi, Jarndyce estaria pronto a fazê-lo de novo. Mas tenho como que o gozo epicureu da novidade no auxílio... preferindo — e olhou para Ricardo e para mim — fazer viçar a generosidade em novo solo e numa nova forma de flor.

— Que pensa que será melhor, Miss Summerson? — perguntou Ricardo, de parte.

Aventurei-me a perguntar, de maneira geral, antes de responder, o que aconteceria se o dinheiro não fosse pago.

— Cadeia — disse o estranho homem, pondo friamente o lenço dentro do chapéu, que estava no chão, a seu lado. — Ou Coavinses.

— Posso perguntar-lhe o que é isso, senhor?

— Coavinses — disse o estranho homem. — Uma casa.

Ricardo e eu olhamos de novo um para o outro. O mais estranho é que a detenção causasse embaraço a nós e não ao Sr. Skimpole. Ele nos observava com jovial interesse, mas parecia, se ousou aventurar-me a tal contradição, que nada havia de relativo a si próprio. Lavara inteiramente suas mãos daquela dificuldade, que passara a ser nossa.

— Penso — alvitrou ele, como se nos prestasse um cordial auxílio — que, sendo partes num processo judiciário, em torno (como diz o povo) de grandes propriedades, o Sr. Ricardo ou a sua linda prima, ou ambos, poderiam assinar qualquer coisa ou transferir alguma coisa, ou dar alguma espécie de penhor, ou fiança, ou caução. Não sei qual o nome desse negócio, mas suponho que, dentro das possibilidades deles, há algum meio para solucionar isso.

— Nem por sombras — disse o estranho.

— Deveras? — replicou o Sr. Skimpole. — Ora, isso parece estranho para quem não é juiz de tais coisas.

— Estranho ou não — disse de mau modo o desconhecido — posso afirmar-lhe que nem por sombras!

— Contenha o seu mau humor, meu rapaz, contenha o seu mau humor! — retorquiu o Sr. Skimpole com delicadeza, enquanto lhe fazia um pequeno desenho da cabeça na folha de guarda de um livro. — Não se irrite por causa de sua profissão. Nós podemos separar o senhor de sua profissão. Podemos separar o indivíduo de sua ocupação. Não temos tantos preconceitos que nos levem a supor que na sua vida privada não seja o senhor um homem bastante estimável, com grande dose de poesia na sua natureza, sem que tenha disso consciência.

O estranho apenas respondeu com outro violento espirro. Não me deu a saber, porém, se o fez aceitando o tributo da poesia ou rejeitando-o desdenhosamente.

— Ora, minha querida Miss Summerson e meu caro Sr. Ricardo — disse o Sr. Skimpole alegremente, inocentemente, confiadamente, enquanto olhava para seu desenho com a cabeça inclinada para um lado. — Aqui me veem extremamente incapaz de ajudar-me a mim mesmo e inteiramente em suas mãos! Apenas peço que me deixem livre. As borboletas são livres. A humanidade por certo não negará a Haroldo Skimpole o que concede às borboletas!

— Minha querida Miss Summerson — disse Ricardo num sussurro — tenho dez libras que recebi do Sr. Kenge. Vou ver o que conseguirei com isso.

Eu possuía quinze libras e uns poucos xelins que economizara de minha pensão trimestral, durante vários anos. Sempre havia pensado que poderia acontecer algum acidente que me lançasse de súbito, sem nenhum parente nem propriedade, no mundo e sempre tentara guardar um pouco de dinheiro para não vir a ficar sem vintém. Disse a Ricardo que possuía essa quantia e que não tinha presentemente nenhuma precisão dela. Pedi-lhe que informasse delicadamente ao Sr. Skimpole, enquanto eu ia buscá-la, que teríamos prazer em pagar sua dívida.

Quando voltei, o Sr. Skimpole beijou minha mão, parecendo muito comovido. Não por sua causa (eu verificava de novo aquela extraordinária e estupefaciente contradição), mas por nossa causa, como se fosse impossível ele sentir preocupações consigo mesmo e somente o impressionasse o espetáculo da nossa felicidade. Tendo Ricardo, para maior delicadeza da transação, como disse ele, pedido que eu resolvesse o caso com Coavinses (como o Sr. Skimpole pilhericamente passou então a chamar o estranho), contei o dinheiro e recebi a necessária quitação. Isso também deleitou o Sr. Skimpole.

Seus cumprimentos foram expressos tão delicadamente, que corei menos do que devia ter feito e arranjei as coisas com o estranho de casacão branco sem cometer nenhum erro. Ele meteu o dinheiro no bolso e disse secamente: — Bem, então desejo-lhe uma boa noite, senhorita.

— Meu amigo — disse o Sr. Skimpole, de costas para o fogo, depois de largar o desenho, ainda por terminar —, gostaria de fazer-lhe uma pergunta,

sem melindrá-lo.

Penso que a resposta foi: “Avie-se, então!”

— Sabia você esta manhã que viria executar esta diligência? — perguntou o Sr. Skimpole.

— Soube-o ontem de tarde, na hora do chá — respondeu Coavinses.

— Isso não atrapalhou o seu apetite? Não o deixou inteiramente constrangido?

— Nem um tico — disse Coavinses. — Sabia que, se não encontrasse o senhor hoje, não poderia deixar de encontrá-lo amanhã. Um dia só não faz muita diferença.

— Mas quando veio para cá — prosseguiu o Sr. Skimpole — era um lindo dia. O sol brilhava, o vento soprava, as luzes e as sombras cruzavam os campos, os pássaros cantavam.

— Que eu ouvisse, ninguém disse que eles não estavam cantando — tornou Coavinses.

— Não — observou o Sr. Skimpole. — Mas em que pensava você durante o caminho?

— Que quer o senhor dizer? — resmungou Coavinses, aparentando grande ressentimento. — Pensar! Tenho muito que fazer e pouco tempo para isso, para ir ainda perdê-lo com pensamentos. Pensar! (Disse isso com profundo desprezo.) — Então, seja como for, o senhor não pensava — prosseguiu o Sr. Skimpole — numa coisa assim: “Haroldo Skimpole gosta de ver o sol brilhar, gosta de ouvir o sopro do vento, gosta de observar o jogo vário das luzes e das sombras, gosta de ouvir os pássaros, esses coristas da grande catedral da natureza. E parece-me que estou a ponto de privar Haroldo Skimpole de sua parte em tais bens, que são seu único direito de herança! Você não pensava em nada disso?

— Eu... por certo... que... NÃO — disse Coavinses, cuja rudeza em rejeitar inteiramente a ideia era de uma intensidade tal que ele só lhe podia dar adequada expressão fazendo um longo intervalo entre cada palavra e acompanhando a última com um movimento de cabeça, que poderia ter-lhe deslocado o pescoço.

— É bastante estranho e bastante curioso o processo mental em vocês,

homens de negócios — disse o Sr. Skimpole, pensativo. — Obrigado, meu amigo. Boa noite.

Como nossa ausência fora bastante longa e já podia causar estranheza lá embaixo, voltei sem demora e achei Ada sentada, a trabalhar, ao lado do fogo, conversando com seu primo João. O Sr. Skimpole logo apareceu e pouco depois dele Ricardo. Estive bastante ocupada durante o resto da noite em receber minha primeira lição de gamão do Sr. Jarndyce, que gostava muito desse jogo e com quem eu desejava aprendê-lo o mais depressa que pudesse, a fim de me tornar capaz de jogá-lo, mesmo mal, quando ele não tivesse melhor adversário. Mas, quando o Sr. Skimpole tocava alguns trechos de suas composições, ou quando tanto ao piano como ao violoncelo e diante de nossa mesa, conservava, sem nenhuma aparência de esforço, seu bom humor e a fluência de sua conversa, eu ia pensando que Ricardo e eu parecíamos reter, transferida para nós, a impressão de termos sido detidos desde o jantar, e isso era, realmente, bem curioso.

Já era tarde quando nos íamos separar mas no momento em que Ada se retirava, às onze horas, o Sr. Skimpole foi para o piano e matraqueou, divertidamente, que a melhor maneira de prolongar nossos dias era furtar umas poucas horas à noite, meu bem! Já passava da meia-noite quando ele tomou sua vela e se retirou da sala com o rosto radiante. — E achou que ele nos reteria ali se tivesse sido necessário, até o raiar do dia. Ada e Ricardo demoraram-se um pouco diante do fogo, imaginando se a Sra. Jellyby teria acabado de ditar suas cartas daquele dia, quando o Sr. Jarndyce, que estivera ausente do salão, entrou.

— Oh! oh! que foi isso, que foi isso? — exclamava ele, esfregando a cabeça e a caminhar para lá e para cá, com aquela sua espécie de contrariedade bem-humorada. — Que foi que me contaram? Rick, meu rapaz, Ester, minha querida, que fizeram vocês? Por que o fizeram? Como puderam fazê-lo? Quanto coube a cada um? O vento está soprando de novo. Sinto-o envolver-me todo!

Nenhum de nós sabia absolutamente o que responder.

— Venha cá, Rick, venha cá! Devo resolver isso antes de deitar-me. Quanto despendeu você de seu bolso? Vocês dois completaram a quantia, não é? Por que o fizeram? Como puderam fazê-lo? Ó meu Deus, sim, é mesmo vento leste... deve ser!

— Na verdade, senhor — disse Ricardo —, não pensei que fosse honroso de minha parte dizer-lho. O Sr. Skimpole confiou em nós...

— Ora, benza-o Deus, meu rapaz! Ele confia em todo o mundo! — disse o Sr. Jarndyce, dando forte esfregadela na cabeça e parando de repente.

— Deveras?

— Em todo o mundo! E estará de novo nas mesmas aperturas na próxima semana! — disse o Sr. Jarndyce, tornando a dar grandes passadas, com uma vela apagada na mão. — Está continuamente nos mesmos apuros. Nasceu nestes mesmos embaraços. Creio verdadeiramente que a notícia nos jornais quando sua mãe o deu à luz, foi: “Na terça-feira passada, em sua residência em Botheration Buildings, a Sra. Skimpole deu à luz um filho em dificuldades.”

Ricardo riu gostosamente, mas acrescentou:

— Cale a boca, senhor, não desejo abalar a confiança dele nem violar seu segredo. E se submeto ao seu melhor julgamento o fato de dever guardar o segredo dele, espero que considere isso antes de instar comigo mais ainda. Sem dúvida, se o senhor insistir, acabarei reconhecendo que estou errado e contarei tudo ao senhor.

— Bem! — gritou o Sr. Jarndyce, parando de novo e fazendo várias tentativas distraídas para meter o castiçal no bolso. — Eu... aqui estou! Não se incomode, meu caro. Não sei mesmo o que estou fazendo. Tudo por causa do vento... Ele tem sempre este efeito. Não insistirei com você, Rick. Pode ser que você tenha razão. Mas, na realidade, pegar de você e de Ester e espremê-los como um par de tenras laranjas de São Miguel! Vamos ter um temporal no correr da noite!

Estava agora alternadamente metendo as mãos nos bolsos, como se fosse conservá-las ali muito tempo e tirando-as de novo para fora a fim de esfregá-las com força na cabeça.

Tentei aproveitar essa oportunidade para aludir à circunstância de ser o Sr. Skimpole, em assuntos como esse, uma perfeita criança.

— Em minha querida? — perguntou o Sr. Jarndyce, pegando na palavra.

— O fato de ser ele uma perfeita criança e tão diferente das outras pessoas...

— Você tem razão! — exclamou o Sr. Jarndyce, desanuviando o rosto. — Sua agudeza feminina acertou o alvo. Ele é uma criança... uma criança absoluta. Eu lhe disse que Skimpole era uma criança — lembra-se? — na primeira vez que lhe mencionei o nome.

— É verdade! é verdade! — dissemos.

— E ele é uma criança. Não é mesmo? — perguntou o Sr. Jarndyce, de rosto cada vez mais vivo.

Ele o era realmente, dissemos.

— Se vocês chegam a pensar assim, é o cúmulo da puerilidade em vocês... quero dizer em mim — disse o Sr. Jarndyce — considerá-lo um instante como um homem. Vocês não podem responsabilizá-lo. Era o que faltava: Haroldo Skimpole às voltas com projetos e planos, e com o conhecimento das respectivas consequências! Ah! ah! ah!

Era tão delicioso ver aclararem-se as nuvens que lhe empanavam o rosto brilhante e vê-lo tão sinceramente contente — e saber, como nem era possível deixar de saber, que a fonte de seu contentamento era a bondade que se via torturada por ter de condenar, de desconfiar ou de acusar secretamente alguém — que vi lágrimas nos olhos de Ada, enquanto ela lhe acompanhava o riso, e sentias também nos meus olhos.

— Ora, que tolo que sou — disse o Sr. Jarndyce —, precisando de que me recordem isso! O negócio todo mostra a criança, desde o começo até o fim. Ninguém, a não ser uma criança, teria pensado em escolher vocês dois como partes no negócio! Ninguém, a não ser uma criança, teria imaginado que vocês tivessem o dinheiro necessário! Se se tratasse de um milhar de libras, teria sido exatamente a mesma coisa!

O rosto todo do Sr. Jarndyce resplandecia. Todos confirmamos o que ele dizia, em virtude do que víamos naquela noite.

— Por certo, por certo — disse o Sr. Jarndyce. — Contudo, Rick, Ester e você também, Ada (pois sei lá se até mesmo o seu dinheirinho ficara a salvo da inexperiência dele!), hão de prometer-me firmemente que não acontecerá mais uma coisa semelhante. Nada de adiantamentos! Nem ainda seis *pence*.

Todos prometemos fielmente, enquanto Ricardo, com uma olhadela divertida para mim, tocava no bolso, como se quisesse lembrar-me que não

havia perigo de transgredirmos a promessa.

— Quanto a Skimpole — disse o Sr. Jarndyce —, tendo uma habitável casa de boneca, com boa comida e umas poucas pessoas endinheiradas com quem possa endividar-se e das quais possa arrancar dinheiro, estará com a vida feita o rapaz! A estas horas, suponho, estará a dormir como uma criança. Já é tempo de reclinar esta minha ladina cabeça no meu materialíssimo travesseiro. Boa noite, meus queridos, Deus os abençoe!

Voltou a espreitar de novo, com o rosto sorridente, antes de acendermos nossas velas, e disse: — Oh! estive a observar o catavento. A respeito do vento, descobri que não passara tudo de falso alarme. Ele sopra do sul! — E saiu cantarolando.

Ada e eu concordamos, enquanto conversávamos um pouco, subindo as escadas, que aquela história de vento não passava de um ardil com que ele procurava disfarçar qualquer decepção que não conseguia ocultar, em vez de atacar a verdadeira causa dela ou depreciar alguém. Achamos que isso era bem característico de sua excêntrica gentileza e marcava a diferença entre ele e aqueles indivíduos rabugentos que fazem do tempo e dos ventos (especialmente daquele desgraçado vento por ele escolhido para um intuito tão diverso) o bode expiatório de seus humores atribiliários e sombrios.

Com efeito, tanta afeição por ele se acrescentara naquela única noite à minha gratidão, que eu já esperava começar a compreendê-lo através daquele confuso sentimento. Quaisquer visíveis incompatibilidades no Sr. Skimpole ou na Sra. Jellyby não pretendia eu conciliar, tendo tão pouca experiência prática e conhecimentos tão reduzidos. Nem tentei fazê-lo, pois meus pensamentos estiveram ocupados quando me achei só com Ada e Ricardo e com a confiança que eu parecia merecer da parte deles. Minha imaginação, talvez um tanto desordenada pelo vento, não se acomodaria a ser de todo desinteressada, conquanto, se eu o pudesse, a teria persuadido a ser tal. Tornou à casa de minha avó e foi andando pelas veredas transversas, despertando sombrias especulações que às vezes haviam tremeluzido ali no escuro, relacionadas com o conhecimento que o Sr. Jarndyce tinha da história do começo da minha vida (até mesmo à possibilidade de ser ele meu pai) embora aquele sonho ocioso houvesse agora inteiramente desaparecido.

Tudo desaparecera agora, lembrava-me eu, afastando-me do fogo. Não me competia cismar sobre coisas passadas, mas agir com espírito prazenteiro

e coração agradecido. Portanto, disse comigo: “Ester, Ester, Ester! O dever, minha querida!” e dei tamanha sacudidela ao molho de chaves da casa, que elas soaram como campainhas, anunciando ao meu coração cheio de esperança que era hora de dormir.

O PASSEIO DO FANTASMA

Enquanto Ester dorme e enquanto Ester desperta, faz ainda um tempo úmido na quinta, em Lincolnshire. A chuva está sempre a cair, gota a gota, gota a gota, de dia e de noite, sobre o largo terraço lajeado, O Passeio do Fantasma. O tempo está tão ruim em Lincolnshire que a mais viva imaginação dificilmente poderia suspeitar que alguma vez viesse a ficar belo de novo. Não que houvesse qualquer superabundante vida de imaginação no lugar, pois Sir Leicester não está aqui (e, na verdade, ainda que estivesse, não faria muita coisa nesse particular), mas encontra-se em Paris com sua excelentíssima esposa, e a solidão, com suas asas foscas, senta-se, meditativa, sobre Chesney Wold.

Talvez haja alguns sinais de fantasia entre os animais mais baixos de Chesney Wold. Os cavalos nas estrebarias — as compridas estrebarias, num estéril pátio de tijolos vermelhos, onde se vê um grande sino num torreão e um relógio de enorme mostrador, que os pombos que moram perto, e que gostam de empoleirar-se-lhe nos ombros, parecem estar sempre a consultar — podem completar certos quadros mentais de belo tempo, em certas ocasiões, e talvez se mostrem melhores artistas diante deles do que os criados. O velho cavalo ruão, famoso nas corridas de obstáculos, voltando a enorme bola de seus olhos para a janela gradeada, perto de sua manjedoura, pode-se recordar das frescas folhas que em outras ocasiões ali brilham e dos perfumes que ali entram e pode dar uma bela corrida com os lebréus, ao passo que a criatura humana que dele cuida, limpando a baia vizinha, nunca se agita, a não ser quando empunha seu forcado e sua vassoura de vidoeiro. Os cavalos pigarços, cujo lugar é em frente à porta, e que, com um impaciente barulho do cabresto, fitam as orelhas e voltam a cabeça, cheios de ansiedade, quando a porta se abre, e aos quais quem a abriu diz: “Olá, seus pigarços, como é? Estão prontos? Ninguém precisa de vocês hoje!”, podem saber disso tão bem quanto o homem. A meia dúzia aparentemente monótona e insociável, ali estabulada,

pode passar as longas horas úmidas, quando a porta está fechada, em comunicação mais agradável do que a que reina na sala dos criados ou cm Dcdlock Arms, ou pode mesmo enganar o tempo educando (ou talvez corrompendo) o pônei, solto lá num canto.

Da mesma forma o mastim, dormitando no seu canil, no pátio, com a enorme cabeça metida entre as patas, pode pensar no clarão quente do sol, quando as sombras das cavaliças fatigam sua paciência pelas suas mudanças, deixando-o, em certa hora do dia, sem mais largo refúgio do que a sombra de sua casa, onde ele se senta, ereto, ofegante e rosnando, ansioso por achar alguma coisa de que cuidar, além de si mesmo e de sua corrente. E então, meio desperto, meio dormindo, pode recordar-se da casa cheia de gente, das cocheiras cheias de veículos, dos estábulos cheios de cavalos e das alpendradas cheias de servidores a cavalo, até que fica indeciso a respeito do presente e sai para ver as coisas. Depois, com uma impaciente sacudidela de si mesmo, pode rosnar lá consigo: “Chuva, chuva, chuva! Nada mais senão chuva... e família nenhuma aqui!”, quando torna a entrar no canil e se deita com um melancólico bocejo.

O mesmo se passa com os cães dos canis do parque, que têm seus acessos de intranquilidade e cujas vozes dolentes, quando o vento se mostra muito teimoso, se têm feito ouvir até mesmo na casa, subindo e descendo escadas e entrando no quarto da senhora. Podem caçar em toda a região, enquanto os pingos de chuva tamborilam em torno da inatividade deles. Da mesma forma os coelhos, com suas caudas que os denunciam, saltando para dentro e para fora de buracos nas raízes das árvores, podem estar animados com ideias de dias ventosos, quando suas orelhas são agitadas pelas brisas, ou daquelas estações interessantes, quando há tenras plantas verdes para roer. O peru, no galinheiro, sempre perturbado por uma aflição particular (provavelmente relacionada com o Natal) pode estar-se recordando daquela manhã de verão, que injustamente lhe estragaram, quando se meteu pela vereda entre as árvores caídas, onde havia um celeiro e cevada. O ganso descontente, que se abaixa para passar por baixo da velha cancela de seis metros de altura, pode grasnar, se pudéssemos entendê-la, sua saracoteadora preferência pelo tempo em que a cancela lança sua sombra no chão.

Seja como for, não há muita fantasia a agitar-se em Chesney Wold. Se houver um pouquinho, em qualquer momento vago, seguirá, como um leve ruído naquela velha quinta ressoante, um longo caminho, e frequentemente

conduzirá aos fantasmas e ao mistério.

Tem chovido tão forte e tanto tempo em Lincolnshire que a Sra. Rouncewell, a velha governanta de Chesney Wold, tem várias vezes tirado os óculos para limpá-los, certificando-se assim de que não havia gotas sobre os vidros. A Sra. Rouncewell podia ter-se certificado suficientemente ouvindo a chuva, se ela não fosse um tanto surda, mas não há nada que a convença disso.

É uma velha admirável, bonita, majestosa, maravilhosamente asseada, e tem tais costas e tal barriga que, se seu espartilho vier a transformar-se, quando ela morrer, numa grelha familiar, larga e antiquada, ninguém que a conheça ficará com isso admirado. O tempo pouca impressão faz na Sra. Rouncewell. Em qualquer tempo a casa está ali, e a casa, no dizer dela, “é aquilo que ela está vendo”. Senta-se no seu quarto (num corredor lateral, no andar térreo, com uma janela arqueada donde se descortina um quadrângulo plano, adornado, a intervalos regulares, de uniformes árvores redondas e de uniformes blocos redondos de pedra, como se as árvores fossem jogar bola com as pedras) e em sua mente repousa a casa inteira. Pode abri-la no tempo devido e mostrar-se agitada e atarefada. Mas agora está fechada e jaz sobre toda a largura do seio cingido de ferro a Sra. Rouncewell, num sono majestoso.

Coisa difícil, se não impossível, seria imaginar Chesney Wold sem a Sra. Rouncewell, pois lá está há já cinquenta anos. Perguntau-lhe, nesse dia chuvoso, há quanto tempo, e ela responderá: “Cinquenta anos, três meses e quinze dias, graças a Deus, se eu viver até terça-feira.” O Sr. Rouncewell morreu algum tempo antes do desaparecimento da linda moda das cabeleiras de rabicho, e modestamente escondeu a sua (se é que a levou consigo) num canto do adro da capela no parque, perto do pórtico bolorento. Nascera, como sua jovem viúva, numa cidade de mercado. Sua carreira na família começou no tempo do derradeiro Sir Leicester e originou-se na despensa.

O atual representante dos Dedlocks é um excelente patrão. Supõe que todos os seus empregados estão inteiramente despojados de características individuais, de intenções ou opiniões, e está persuadido de que nasceu para cuidar de que eles venham a ter alguma. Se viesse a descobrir o contrário, ficaria simplesmente atordoado, e é bastante provável que jamais se refizesse, a não ser para arquejar e morrer. Mas ainda assim é um patrão excelente,

considerando que isso faz parte da sua posição. Tem grande simpatia pela Sra. Rouncewell. Diz que ela é uma senhora respeitabilíssima e de grande confiança. Sempre lhe aperta a mão quando vem a Chesney Wold e, quando se ausenta, e se estivesse bastante doente ou se tivesse sido derrubado por algum acidente, ou se fosse atropelado, ou colocado em qualquer situação que representasse uma diminuição para um Dedlock, diria, se pudesse falar: “Deixem-me e mandem-me cá a Sra. Rouncewell”, sentindo, em tal passo, sua dignidade mais a salvo com ela do que com qualquer outra pessoa.

A Sra. Rouncewell tivera desgostos. Tinha dois filhos dos quais o mais moço se dera a estroinices e sentara praça, nunca mais voltando. Mesmo agora, as mãos tranquilas da Sra. Rouncewell perdem sua compostura quando ela fala dele, e, descruzando-se de sobre seu regaço, ficam suspensas em torno dela, agitadas, quando passa a dizer que rapaz agradável, que rapaz bonito, que rapaz alegre, bem-humorado e inteligente ele era! Seu segundo filho teria sido empregado em Chesney Wold e a seu tempo viria a ser seu despenseiro, mas deu-se, quando ainda colegial, a construir máquinas a vapor com as caçarolas e a pôr pássaros a puxar sua água de beber, com o mínimo esforço possível, ajudando-os com engenhoso aparelho de pressão hidráulica, de modo que um canário com sede precisava apenas, num sentido literal, empurrar a roda para que o serviço fosse feito, Essas tendências eram motivo de grande inquietação para a Sra. Rouncewell. Sentia com angústia maternal que aquilo era tendência para as ideias de Wat Tylcr,¹ bem sabendo que tal era a impressão geral que tinha Sir Leicester de qualquer aptidão por um ofício em que a fumaça e uma chaminé alta pudessem ser consideradas essenciais. Mas, não dando o perdido jovem rebelde (por outro lado, moço manso e persistente) nenhum sinal de ceder, h medida que se fazia mais velho, mas, pelo contrário, construindo um modelo de tear mecânico, resignou-se ela, com muito pranto, a comunicar ao baronete as reincidências do rapaz. “Sra. Roimcewell”, disse Sir Leicester, “jamais consinto discutir, como a senhora sabe, com qualquer pessoa sobre qualquer assunto. O melhor que a senhora faz é livrar-se do rapaz. O melhor que a senhora faz é metê-lo em alguma fábrica. A região siderúrgica do extremo norte é, suponho, o lugar ideal para um rapaz com tais tendências.” E para o extremo norte seguiu ele e lá cresceu, e se Sir Leicester alguma vez o viu, quando ele vinha a Chesney Wold visitar sua mãe, ou se pensou nele depois, é certo que apenas o considerava como parte dum grupo de uns poucos milhares de conspiradores, tismados e

carrancudos, que tinham o hábito de sair à luz de tochas, duas ou três noites por semana, com fins ilegais.

Não obstante, o filho da Sra. Rouncewell, no curso da natureza e do ofício, cresceu, estabeleceu-se, casou-se e chamou para junto de si o neto da Sra. Rouncewell, o qual, tendo concluído seu aprendizado e estando fora de casa, em viagem por países distantes, aonde fora enviado para aumentar seus conhecimentos e completar seu preparo para as aventuras desta vida, está, nesse mesmo dia, de pé, encostado à prateleira da chaminé, no quarto da Sra. Rouncewell, em Chesney Wold.

— E repito, e torno a repetir, que estou muito contente por vê-lo, Watt! E não me canso de dizer que estou contente por vê-lo, Watt! — diz a Sra. Rouncewell. — Está um belo rapaz. Parece-se com seu pobre tio Jorge. Ah! — agitam-se como de costume as mãos da Sra. Rouncewell, ao mencionar o filho.

— Dizem que eu pareço com papai, vovó.

— Com ele também, porém mais com seu pobre tio Jorge. E seu querido pai — a Sra. Rouncewell torna a cruzar as mãos — como vai? Está bem?

— Prosperando sob todos os aspectos, vovó.

— Graças a Deus!

— A Sra. Rouncewell é louca pelo filho, mas tem certa queixa contra ele — como se ele fosse um soldado respeitabilíssimo, que se houvesse passado para o inimigo.

— Lie se sente inteiramente feliz?

— Inteiramente.

— Graças a Deus! De modo que ele educou você para seguir a sua carreira e enviou-o a países estrangeiros ou coisa assim? Bem, ele sabe as coisas melhor que eu. Talvez haja para além de Chesney World um mundo que eu não compreendo. Aliás, já não sou criança e tenho visto também muita gente boa.

— Vovó — diz o rapaz, mudando de assunto. — Que bonita moça essa que acabo de encontrar com a senhora. Chamou-lhe Rosa?

— Sim, menino. É filha de uma viúva da aldeia. As criadas são tão

difíceis de ensinar hoje em dia que, ainda mocinha, eu a trouxe para junto de mim. É uma aluna inteligente e sair-se-á bem. Já mostra a casa aos visitantes com bastante gentileza. Vive comigo aqui.

— Espero que não se tenha retirado por minha causa.

— Ela supõe, creio, que temos assuntos de família a tratar. É muito modesta. Admirável qualidade numa moça. E mais rara — diz a Sra. Rouncewell, expandindo o peitilho até seus extremos limites — do que era antigamente.

O rapaz inclina a cabeça, concordando com os preceitos da experiência. A Sra. Rouncewell escuta.

— Rodas! — diz ela. O barulho de rodas já fora ouvido muito antes pelo seu jovem companheiro. — Pelo amor de Deus, quem viria aqui de carro num dia como este?

Depois de curto intervalo, bateram à porta. “Entre!” Tímida beldade aldeã, de olhos e cabelos negros, entra, tão fresca na sua rósea e ainda delicada beleza, que as gotas de chuva, que lhe haviam caído nos cabelos, pareciam o orvalho sobre uma flor ainda há pouco colhida.

— Que gente é essa, Rosa? — pergunta a Sra. Rouncewell.

— São dois moços num cabriolé, minha senhora, que desejam visitar a casa... Sim, é isso mesmo, com sua licença, disse eu a eles! — explicou a jovem, em rápida resposta a um gesto de discordância da governanta. — Cheguei à porta do vestíbulo e lhes disse que não era nem dia, nem hora destinada a visitas, mas o rapaz que dirigia o cabriolé tirou o chapéu na chuva e pediu-me que trouxesse este cartão para a senhora.

— Leia-o, meu caro Watt — disse a governanta.

Rosa está tão tímida ao entregar-lhe o cartão que o deixa cair entre ambos e quase esbarram as cabeças uma na outra, ao apanharem-no ao mesmo tempo. Rosa fica mais acanhada do que antes.

— Sr. Guppy! — é a única informação que o cartão contém.

— Guppy! — repete a Sra. Rouncewell. — O Sr. Guppy! Absurdo! Nunca ouvi falar a seu respeito.

— Com sua licença, ele me disse isso mesmo! — explicou Rosa. — Mas

disse que ele e o outro moço chegaram de Londres na noite passada pela diligência, a negócios na audiência judiciária, a 22 km distantes daqui, esta manhã. E que, como a questão que deviam tratar ficou resolvida logo e tinham ouvido falar muito a respeito de Chesney Wold, e não sabendo em que ocupar o tempo, resolveram, ainda debaixo de chuva, vir visitar a casa. São advogados. Diz que não está no escritório do Sr. Tulkinghorn, mas afirma que, se for necessário, poderá utilizar-se do nome do Sr. Tulkinghorn.

Descobrimo, ao terminar, que estivera a falar durante muito tempo, Rosa fica mais acanhada que nunca.

Ora, o Sr. Tulkinghorn faz, de certo modo, parte do lugar e, além disso, diz-se que foi ele quem fez o testamento da Sra. Rouncewell. A velha se abrande, consente na entrada dos visitantes a título de favor e despede Rosa. O neto, porém, estimulado por um súbito desejo de correr ele próprio a casa, propõe juntar-se ao grupo. A avó, satisfeita por vê-lo demonstrar tal interesse, acompanha-o, embora, façamos-lhe justiça, se tenha ele mostrado insistentemente desejoso de não causar-lhe incômodo.

— Muiíssimo agradecido à senhora — diz o Sr. Guppy, tirando no vestíbulo o capotão molhado. — Nós, advogados em Londres, raramente conseguimos escapulir de lá e, quando o fazemos, gostamos de aproveitar o mais possível essa oportunidade.

A velha governanta, com graciosa severidade de atitude, acena com a mão na direção da grande escadaria. O Sr. Guppy e seu amigo acompanham Rosa, a Sra. Rouncewell e seu neto os seguem, enquanto à frente um jovem jardineiro vai abrindo os postigos.

Como acontece geralmente com gente que corre casas, o Sr. Guppy e seu amigo estão exaustos antes mesmo de bem começada a visita. Perdem-se em lugares sem importância, contemplam coisas sem valor e deixam de olhar as que merecem ser vistas, bocejam quando novas salas são abertas, demonstram profundo abatimento e mostram-se claramente fatigados. Em cada sucessivo aposento em que entram, a Sra. Rouncewell, que é tão tesa quanto a própria casa, permanece de parte, num banco junto à janela, ou em outro qualquer canto, e escuta com majestosa aprovação a exposição que Rosa faz. Seu neto mostra-se tão atento a isso que Rosa está mais confusa do que nunca... e mais bela. Dessa forma passam dum aposento a outro, fazendo surgir, por breves minutos, os Dedlocks, pintados, à medida que o jovem jardineiro vai

deixando entrar a luz, e reconduzindo-os aos seus túmulos, ao fechar de novo os postigos. Ao aflito Sr. Guppy e ao seu inconsolável companheiro afigura-se que os Dedlocks não acabam nunca, parecendo consistir a grandeza da família em jamais ter feito qualquer coisa que a distinga, durante setecentos anos.

Nem mesmo o comprido salão de Chesney Wold consegue reanimar o espírito do Sr. Guppy. Acha-se tão abatido que se sente desfalecer no limiar e mal tem força de ânimo para entrar. Mas um retrato sobre a banquetta da chaminé, pintado pelo artista da moda, atua sobre ele como um encanto.

Recupera o ânimo num instante. Contempla o retrato com interesse fora do comum. Parecia ter sido detido e fascinado por ele.

— Meu Deus! — exclamou o Sr. Guppy. — Quem é?

— O retrato em cima da banquetta da chaminé — diz Rosa — é o da atual Lady Dedlock. A semelhança é considerada perfeita e o retrato é tido como o melhor trabalho do mestre.

— Valha-me Deus — diz o Sr. Guppy, olhando para seu amigo numa espécie de consternação —, se é que já a vi! E contudo conheço-a. O retrato foi gravado, senhorita?

— O retrato jamais foi gravado. Sir Leicester sempre recusou permissão para isso.

— Bem — diz o Sr. Guppy em voz baixa. — Morto eu seja se não conheço muito bem este retrato! Com que então é mesmo Lady Dedlock?

— O retrato à direita é o do atual Sir Leicester Dedlock. O da esquerda é seu pai, o falecido Sir Leicester.

O Sr. Guppy não tem um olhar sequer para aqueles dois magnatas. — Não sei mesmo explicar — diz ele, olhando fito ainda para o retrato — como conheço tão bem este retrato! Posso quase jurar — acrescenta o Sr. Guppy, olhando em redor — já ter sonhado com ele!

Como nenhum dos presentes mostra interesse especial pelos sonhos do Sr. Guppy, a probabilidade do juramento não se realiza. Mas ele permanece ainda tão absorvido pelo retrato, que fica imóvel diante dele, até que o jardineiro fecha os postigos, e então ele sai do salão num estado de deslumbramento, estranho, mas bem próximo do interesse, e prossegue a visita pelos aposentos sucessivos com um ar confuso, como se estivesse a

procurar de novo por toda a parte Lady Dedlock.

Não vê mais retratos dela. Vê seus aposentos, os últimos mostrados, por sinal que bem elegantes, e olha para fora das mesmas janelas, donde ela observava, ainda não havia muito tempo, a chuva que a entediava mortalmente. Todas as coisas têm um fim até as casas cuja visita causa infinitos incômodos às pessoas que as querem ver e que se cansam antes mesmo de começar a percorrê-las. Chegara ele ao fim da perspectiva, e a fresca beldade aldeã ao fim de sua descrição, que é sempre esta: O terraço lá embaixo é muito admirado. Chamam-lhe, em virtude de velha história da família, O Passeio do Fantasma.

— É mesmo? — pergunta o Sr. Guppy, cheio de ávida curiosidade. — E qual é a história, senhorita? Tem qualquer relação com um retrato?

— Rogo-lhe que nos conte essa história — diz Watt num leve sussurro.

— Não sei qual é a história, senhor — responde Rosa, mais tímida do que nunca.

— Não é contada aos visitantes, está quase esquecida — diz a governanta, adiantando-se. — Nunca passou duma anedota de família.

— Desculpem-me se pergunto de novo se há qualquer coisa de relacionado com um quadro, minha senhora — observa o Sr. Guppy —, porque asseguro que, quanto mais penso naquele retrato, tanto melhor julgo conhecê-lo, sem saber como o conheço.

A história nada tem que ver com um retrato segundo afirma a governanta. O Sr. Guppy agradece-lhe a informação e mostra-se, além disso, grato por tudo. Retira-se com seu amigo, guiado até embaixo, por outra escada, pelo jovem jardineiro e dentro em breve se ouve o barulho do cabriolé que se afasta. Está escuro agora. A Sra. Rouncewell pode confiar na descrição de seus dois jovens ouvintes e conta-lhes como o terraço veio a ter aquele nome de fantasma. Senta-se numa vasta cadeira perto da janela que depressa escurece e começa: — Nos infelizes tempos, meus caros, do Rei Carlos I, quero dizer, nos infelizes tempos dos rebeldes que se ligaram contra aquele excelente rei.

— Sim, Morbury Dedlock era o proprietário de Chesney Wold. Não sei dizer se havia alguma história de fantasma na família, antes daqueles tempos. Pode bem ser que houvesse.

A Sra. Rouncewell sustenta essa opinião, porque considera que uma família de tal antiguidade e importância tem direito a um fantasma. Encara um fantasma como um dos privilégios das classes altas, gentil distinção a que a gente comum não tem direito.

— Sir Morbury Dedlock — diz a Sra. Rouncewell — estava, nem é preciso dizê-lo, do lado do abençoado mártir. Mas supõe-se que sua esposa, que nenhum sangue da mesma família tinha em suas veias, favorecesse a má causa. Dizia-se que ela mantinha relações entre os inimigos do rei Carlos, que se correspondia com eles e lhes ministrava informações. Quando qualquer dos nobres da região, que acompanhavam a causa de Sua Majestade, se encontrava aqui, dizia-se que a senhora estava sempre mais perto da porta da sala de reunião deles do que supunham. Ouviu você um tropel de passos lá no terraço, Watt?

Rosa aproximou-se mais da governanta.

— Ouço o bater das gotas de chuva sobre as pedras — responde o rapaz — e um curioso eco... suponho que é um eco... bem semelhante a passadas dum coxo.

A governanta meneia gravemente a cabeça e continua:

— Quer por causa dessa cisão entre eles, quer por outros motivos, Sir Morbury e sua esposa levavam uma vida tempestuosa. Ela era mulher de temperamento arrogante. Não combinavam bem os dois nem em idade, nem em caráter, e não tinham filhos que lhes contivessem as querelas. Depois que o irmão predileto dela, um jovem cavalheiro, foi morto nas guerras civis por um parente próximo de Sir Morbury, seus sentimentos se tornaram tão violentos que ela passou a odiar a raça inteira na qual se havia casado. Quando os Dedlocks estavam prestes a partir de Chesney Wold, para defender a causa do rei, supõe-se que ela haja descido mais duma vez, às ocultas, na calada da noite, às estrebarias, para aleijar os cavalos. E a história diz que certa vez, a tal hora, seu marido viu-a deslizando pelas escadas e acompanhou-a até a baia, onde se encontrava o cavalo favorito dele. Ali agarrou-a pelo pulso e numa luta ou numa queda, ou por ter-se o cavalo espantado, escouceando-a, ela ficou estropeada do quadril, e desde aquela hora começou a definhar.

A governanta havia baixado a voz a pouco mais que a um sussurro.

— Fora uma mulher de lindo rosto e nobre aspecto. Nunca se queixava da mudança. Nunca falava a quem quer que fosse a respeito da sua invalidez ou das dores que sentia. Mas dia a dia tentava caminhar pelo terraço c, com o auxílio da balaustrada de pedra, andava de um lado para outro, ao sol ou à sombra, com maior dificuldade cada dia que passava. Afinal, numa tarde, seu marido (para quem ela nunca mais, sob qualquer pretexto, abrira os lábios desde aquela noite), que se achava à grande janela do sul, viu-a cair sobre o pavimento. Desceu correndo para levantá-la. Ela, porém, repeliu-o, quando o viu curvar-se sobre seu corpo e, encarando-o com frieza, disse: “Morrerei aqui onde tenho andado. E por aqui andarei, ainda estando no túmulo. Passarei por aqui até que o orgulho desta casa se quebre. E quando uma calamidade ou uma desgraça dela se aproximar, os Dedlocks hão de ouvir os meus passos!”

Watt olha para Rosa. Rosa, na penumbra que se espessa, baixa a vista para o chão, meio aterrorizada, meio tímida.

— Logo depois morreu. E desde aqueles tempos — diz a Sra. Rouncewell — surgiu o nome: O Passeio do Fantasma. Se o tropel de passos é um eco só é ouvido depois que anoitece. E muitas vezes passa longo tempo sem que se ouça. Mas, de tempos a tempos, volta e assim que aparece doença ou morte na família, ele faz-se ouvir de novo.

— É desgraça vovó? — diz Watt.

— A desgraça nunca chega a Chesney World — responde a governanta.

Seu neto desculpou-se com um “deveras, deveras”.

— Essa é a história. Qualquer que seja o ruído, é um ruído inquietador — diz a Sra. Rouncewell, erguendo-se da cadeira — e o que é para notar nele é que “deve ser ouvido”. Minha senhora, que de nada tem medo, reconhece que, quando ele surge, deve ser ouvido. Não se pode impedir sua entrada. Watt, há um grande relógio francês aí atrás de você (colocado aí de propósito), cuja batida é forte quando está trabalhando, e pode tocar música. Sabe você como se regulam essas coisas?

— E muito, vovó, penso eu.

— Ponha-o a trabalhar.

Watt põe o relógio a trabalhar — com música e tudo.

— Agora venha cá — diz a governanta. — Aqui, menino, na direção do travesseiro de minha senhora. Não tenho certeza de que já esteja bastante escuro, mas escute! Pode ouvir o ruído lá no terraço, no meio da música, do batida e de tudo mais?

— Decerto que posso.

— O mesmo diz minha senhora.

1. Rebelde inglês que tomou parte na revolta dos camponeses (1381). (N. do T.)

ACOBERTANDO UMA MULTIDÃO DE PECADOS

Foi interessante quando me vesti, antes de raiar o dia, para espiar da janela, onde minhas velas se refletiam nas escuras vidraças como dois faróis e descobrindo que tudo lá fora estava ainda envolto na indistinção da passada noite, observar como tudo ia surgindo, à medida que o dia ia rompendo. À proporção que a paisagem gradualmente se revelava e fazia surgir a cena sobre a qual o vento tinha vagado no escuro, como minha memória sobre minha vida, sentia certo prazer em descobrir os objetos desconhecidos que me haviam cercado enquanto dormia. A princípio eram fracamente perceptíveis no nevoeiro, e acima dele as derradeiras estrelas ainda luziam. Passada aquela pausa de luz indecisa, o quadro começou a alargar-se e a encher-se tão depressa que, a cada nova olhadela, poderia descobrir o bastante para contemplar durante uma hora. Imperceptivelmente minhas velas tornaram-se a única parte desconexa da manhã. Os lugares escuros do meu quarto desfizeram-se e o dia brilhou sobre uma alegre paisagem, no meio da qual se destacava a velha Igreja Abacial, com sua torre maciça, lançando um rastro de sombra sobre o panorama mais tênue do que parecia compatível com seu caráter tosco. Mas (espero ter aprendido isso) de aspectos exteriores assim rudes é que muitas vezes provêm influências delicadas e serenas.

Cada parte da casa estava em tal ordem e todos se mostravam tão atenciosos para comigo, que nenhuma perturbação me causavam meus dois molhos de chaves — embora tentando lembrar-me do conteúdo de cada gaveta e armário da despensa, organizando listas num caderninho, enumerando geleias, conservas, compotas, garrafas, copos, porcelanas e grande número de outras coisas e sendo eu geralmente uma espécie de pessoinha maluca, metódica como uma solteirona, tivesse estado tão ocupada que não pude acreditar que já eram horas do almoço quando ouvi a sineta tocar. Saí correndo, porém, e fiz o chá, uma vez que já havia assumido a responsabilidade da chaleira, e depois, como estivessem todos um tanto

atrasados e ninguém houvesse descido ainda, pensei que poderia dar uma olhada ao jardim, para ficar conhecendo-o também. Achei que era um lugar encantador; na frente, a linda avenida e a calçada por onde havíamos chegado (e onde, a propósito, havíamos sulcado tão fundamente o cascalho com as rodas do nosso carro, que pedi ao jardineiro para reacomodá-lo); atrás, o jardim de flores, com a minha querida na sua janela lá em cima, abrindo-a para sorrir para mim, como se me houvesse beijado daquela distância. Para lá do jardim, havia uma horta e em seguida uma tapada, um delicioso patiozinho com medas e por fim um aprazível quintalejo. Quanto à própria mansão, com suas três cúspides no telhado, suas janelas de vários formatos, umas bastante largas, outras bastante pequenas e todas muito lindas, com grades de ripas de encontro à fachada do sul para rosas e madressilvas, e com seu aspecto familiar, confortável e acolhedor, era, como disse Ada, quando saiu ao meu encontro, de braço dado com o dono dela, digna de seu primo João — coisa perigosa de dizer, embora ele apenas lhe houvesse dado por causa disso um leve beliscão no rostinho amado.

O Sr. Skimpole mostrou-se tão amável ao almoço como estivera na noite anterior. Havia mel na mesa e isso o levou a fazer uma preleção sobre abelhas. Nada tinha que dizer contra o mel, afirmou (e creio mesmo que não tivesse, pois parecia gostar dele), mas protestou contra as coisas presunçosas que se atribuem às abelhas. Não havia absolutamente motivo para que lhe propusessem como modelo as operosas abelhas: supunha que as abelhas gostavam de fabricar mel, do contrário não o fariam, pois ninguém lhes havia pedido que o fizessem. Não era necessário que as abelhas dessem tanta importância a seus gostos. Se todo fabricante andasse pelo mundo zumbindo, esbarrando contra tudo quanto encontrasse em seu caminho e visitando egoisticamente toda a gente para que tomasse nota de que ele estava seguindo para seu trabalho e não devia ser interrompido, o mundo seria um lugar insuportável. Depois, afinal, era uma situação ridícula ser expulso da sua fortuna com fumaça de enxofre, logo que a gente acabou de reuni-la. Ter-se-ia uma opinião bem mesquinha dum homem de Manchester se ele fiasse algodão sem nenhum outro propósito. Cria ser sua obrigação dizer que achava o Zângão a encarnação duma ideia mais agradável e mais sábia. O Zângão diz sem afetação: “Desculpem-me, mas realmente não posso tomar conta da loja. Encontro-me num mundo em que há tanta coisa para se ver e tão curto tempo para vê-las, que devo tomar a liberdade de olhar em redor de mim e pedir que

me sustentem os que não desejam olhar as coisas que os cercam.” Esta parecia ao Sr. Skimpole ser a filosofia do Zângão que ele considerava uma ótima filosofia, sempre supondo que o Zângão estivesse em boa harmonia com a Abelha; e o Zângão, pelo que ele sabia, era sempre um bom camarada, uma vez que a importante criatura não se intrometesse na sua vida e não se mostrasse tão orgulhosa do seu mel.

Continuou essa sua fantasia com a maior agilidade mental e sobre os mais variados terrenos, alegrando-nos a todos, conquanto parecesse de novo haver uma significação séria no que ele dizia, até onde era possível esperar seriedade da parte dele. Deixei-os ainda a ouvi-lo quando me retirei para atender as minhas novas obrigações. Tomaram-me elas algum tempo, e ia atravessando os corredores de volta, com meu cestinho de chaves no braço quando o Sr. Jarndyce me chamou para um pequeno quarto ao lado do seu quarto de dormir, que descobri ser, ao mesmo tempo, uma pequena biblioteca, contendo livros e papéis e um completo museuzinho com suas botas, sapatos e caixas de chapéu.

— Sente-se, minha querida — disse o Sr. Jarndyce. — Isto aqui, você deve saber, é a Resmungadoria. Quando estou mal-humorado venho resmungar aqui.

— Creio então que raramente o senhor vem cá — disse eu.

— Oh! você não me conhece! — replicou ele. — Quando estou desiludido ou decepcionado, o vento é de leste, e eu refugio-me aqui. A Resmungadoria é a sala mais utilizada da casa. Você não conhece ainda nem a metade do meu gênio. Minha querida, como você está trêmula!

Não podia evitar isso. Tentei-o com todas as forças. Mas sozinha, diante daquela benévola presença, fitando os seus bondosos olhos, sentindo-me tão feliz e tão respeitada ali e com o coração tão cheio...

Beijei-lhe a mão. Não sei o que disse ou mesmo se falei. Ele ficou desconcertado e encaminhou-se para a janela — quase acreditei que com a intenção de pular para fora, até que voltou e eu me tranquilizei ao ver em seus olhos o que fora esconder ali. Bateu de leve na minha cabeça e eu sentei-me.

— Ora! Ora! — exclamou ele. — Passou. Vamos! Não seja tonta.

— Não acontecerá de novo, senhor — repliquei —, mas a princípio é difícil...

— Tolice! — disse ele. — É fácil, é muito fácil. Por que não? Ouvi falar duma boa orfãzinha sem protetor e meteu-se-me na cabeça ser seu protetor. Ela cresceu, e justifica plenamente minha boa opinião, e eu continuei seu tutor e amigo. Que há de mais em tudo isso? Vamos, vamos! Ora, saldamos agravos antigos e tenho diante de mim novamente o seu rosto agradável, sincero e confiante.

Disse para mim mesma: “Ester, minha querida, você me surpreende! Isto, na verdade, não é o que eu esperava de você!” e tão bom efeito produziu, que peguei do cesto e senti-me completamente refeita. O Sr. Jarndyce, com sua aprovação expressa no rosto, começou a conversar comigo tão confidencialmente, como se eu tivesse o hábito de conversar com ele todas as manhãs, havia já não sei quanto tempo. A impressão que eu tinha era quase essa.

— Sem dúvida, Ester — disse ele —, você não compreende esse negócio de Tribunal?

Meu aceno de cabeça não podia deixar de ser negativo.

— Não sei quem entende — tornou ele. — Os advogados misturaram tudo em tamanha confusão, que os méritos originais da causa há muito desapareceram da face da terra. Trata-se de um testamento, e dos legados de um testamento — ou era disso que se tratava antigamente. Agora nada mais resta senão custas. Estamos sempre comparecendo e desaparecendo, prestando juramento, sendo interrogados, cruzando e descruzando petições, discutindo, selando, movimentando, encaminhando, relatando e dando voltas em torno do Lorde Chanceler e de todos os seus satélites, e todos por igual valsando em torno das custas, até ficarmos reduzidos ao pó da morte. Essa é a grande questão. Tudo mais, em virtude de certos meios extraordinários, se esvaeceu.

— Mas, senhor, a coisa era então — perguntei, para fazê-lo voltar ao natural, pois já começava a coçar a cabeça — a respeito dum testamento?

— Sim, era a respeito dum testamento, quando ainda era a respeito de alguma coisa. Certo Jarndyce, numa maldita hora, conseguiu fazer grande fortuna e fez também um grande testamento. No discutir-se como os legados do tal testamento deveriam ser administrados, a fortuna deixada pelo testamento foi-se dissipando; os legatários constituídos pelo testamento estão reduzidos a tão miserável condição que estariam suficientemente punidos se

tivessem cometido o enorme crime de receber uma herança, e o próprio testamento se tornou letra morta. Dum extremo a outro da deplorável causa, tudo quanto toda gente que nele está, exceto um homem, já conhece, está dependendo desse único homem que nada conhece para descobrir; dum extremo a outro da deplorável causa, todos precisam ter cópias sobre cópias de tudo quanto se tem acumulado em torno dela, capazes de encher uma carroça de autos (ou deve pagá-las sem possuí-las, o que é usual, pois ninguém as quer); e tem de entrar e sair de tanta coisa, em meio de tão infernal contradança de custas, honorários, asneiras e corrupção, como nunca foi sonhada nas mais horrendas visões do Sabá das Bruxas. A Justiça faz perguntas à Lei; em troca, a Lei faz perguntas à Justiça; e a Lei acha que não se pode fazer isto, a Justiça acha que não se pode fazer aquilo; qualquer delas só sabe dizer que não se pode fazer nada sem o solicitador tal informar, e o advogado tal comparecer representando A, e o solicitador tal Informar, e o advogado tal comparecer em nome de B, e assim por diante, pelo alfabeto inteiro, como na história da Torta de Maçãs. E dessa forma, durante anos e anos, durante vidas e vidas, tudo continua, constantemente começando e recomeçando, sem que coisa alguma tenha fim. E não podemos sair do processo de forma nenhuma, porque nos fizeram partes dele, e temos de ser partes dele, quer gostemos, quer não. Mas de nada vale pensar nisso. Quando meu tio avô, o pobre Tom Jarndyce, começou a pensar nisso, foi o começo do fim.

— O Sr. Jarndyce, cuja história eu ouvi?

Gravemente, fez ele um gesto afirmativo.

— Fui seu herdeiro e esta era a casa dele, Ester. Quando vim para aqui, era soturna, mesmo. Ele havia deixado as marcas de sua miséria sobre ela.

— Quão mudada deve estar agora! — exclamei.

— Antes do seu tempo, chamava-se a isto aqui os Picos. Seu nome atual foi ele quem pôs e aqui viveu encerrado dia e noite, esquadrinhando as malditas pilhas de papel do processo, e esperando, contra toda esperança, desemaranhá-lo de sua mistificação e trazê-lo a uma solução final. Nesse meio-tempo, o lugar foi-se estragando, o vento assobiava entre as paredes rachadas, a chuva penetrava pelo telhado partido, o mato invadia o caminho para a porta apodrecida. Quando eu trouxe para aqui o que restava dele, pareceu-me que também os miolos da casa haviam saltado, tão estragada e

arruinada estava ela.

Caminhou um pouco para lá e para cá, depois de dizer isso de si para consigo, com um movimento de ombros, e depois olhou para mim, iluminando-se-lhe o rosto. Sentou-se de novo com as mãos nos bolsos.

— Bem lhe disse que isto aqui era a Resmungadoria, minha querida. Onde estava eu?

— Na esperançosa mudança que ele operara na Casa Soturna — ajudei-o a lembrar-se.

— Casa Soturna — de fato. Há na cidade de Londres certa propriedade nossa que é hoje muito mais triste do que era então a Casa Soturna. Digo propriedade nossa, querendo dizer do processo, pois devia chamá-la propriedade das custas, uma vez que custas é o único poder sobre a terra que conseguirá lucrar alguma coisa ainda com ela, ou a conhecerá como outra coisa que não seja um horror para a vista e uma dor para o coração: É uma rua de arruinadas casas tenebrosas, sem um vidro sequer nas vidraças, sem nem ao menos um caixilho de janela, com os postigos nus, vazios, pendendo das dobradiças e caindo aos pedaços, as grades de ferro descascando-se em escamas de ferrugem, as chaminés desmoronando-se, os degraus de pedra de cada porta (e cada porta poderia ser a Porta da Morte) esverdeando-se, verdadeiras muletas sobre as quais as ruínas se escoram, deperecendo. Embora a Casa Soturna não estivesse em litígio, seu dono estava e ela foi marcada com o mesmo estigma. São essas as marcas do grande selo, minha querida, por toda a Inglaterra — as crianças as conhecem!

— Como está mudada! — repeti de novo.

— Ora, mudada está — respondeu ele, muito mais alegre —, e é boa mostra de critério de sua parte fazer-me olhar o lado brilhante do quadro. (Que ideia fazia ele do meu critério!) Coisas são estas a respeito das quais nunca falei, ou sequer pensei, exceto aqui na Resmungadoria. Se achar que deve mencioná-las a Rick e a Ada — e olhou seriamente para mim —, pode fazê-lo. Deixo isso à sua descrição, Ester.

— Espero, senhor... — Acharia melhor que me chamasse de tutor, minha querida.

Senti que estava sufocando de novo e censurei-me por isso: “Ester, agora você sabe quem é você!” — quando ele fingir dizer aquilo

despreocupadamente, como se fosse uma extravagância e não uma ternura significativa. Mas dei às chaves da casa uma sacudidela mínima, e aferrando com mais força a cestinha, olhei para ele sossegadamente.

— Espero, meu tutor — disse eu —, que não confie demais na minha discrição. Espero que não se engane a meu respeito. Receio que venha a ser uma decepção para o senhor saber que eu não sou inteligente, mas é esta realmente a verdade, e o senhor não tardaria a descobri-la se eu não tivesse a honestidade de confessá-la.

Não pareceu inteiramente decepcionado, muito pelo contrário. Disse-me, com um sorriso que lhe inundava todo o rosto, que me conhecia muito bem e que para ele eu era muitíssimo inteligente.

— Espero poder tornar-me tal, mas receio muito.

— Você é bastante inteligente para ser a boa mulherzinha das nossas vidas aqui, minha querida — replicou ele todo prazenteiro —, a velhinha da Canção Infantil (Não me refiro à de Skimpole):

“Pra onde vai subindo assim, velhinha?”

“Para varrer os aranhóis do céu.”

Você os limpará tão bem do nosso céu, enquanto dirigir esta casa, Ester, que qualquer dia destes teremos de abandonar a Resmungadoria e pregar-lhe a porta.

Foi daí que se originou vir eu a ser chamada Velha, Velhinha, Teia de Aranha, D.^a Shipton, Mãe Hubbard e D.^a Durden e muitos outros nomes da mesma espécie, a ponto de se tornar inteiramente esquecido entre eles o meu verdadeiro nome.

— Mas voltemos à nossa conversa — disse o Sr. Jarndyce. — Aqui temos Rick, um belo rapaz que muito promete. Que se há de fazer com ele?

— Oh! meu Deus, que ideia essa de me pedirem opinião sobre tal assunto!

— Temo-lo aqui, Ester — disse o Sr. Jarndyce, metendo comodamente as mãos nos bolsos e estirando as pernas. — Ele deve ter uma profissão. Deve

escolher alguma coisa para si mesmo. Haverá mais um mundo de Perucagem em torno dele, suponho, mas de qualquer forma isso há de ser feito.

— Um mundo de quê, tutor? — perguntei.

— Um mundo de Perucagem, de cabeleiras postiças — explicou ele. — É o único nome que conheço para isso. É um tutorado do Tribunal, minha querida. Kenge e Carboy terão alguma coisa que dizer a esse respeito; o Sr. Fulano — espécie de ridículo coveiro, cavando sepulturas para o mérito das causas, num quarto dos fundos do Tribunal de Categoria, no Beco do Tribunal — terá alguma coisa que dizer a esse respeito; o Conselho terá alguma coisa que dizer a esse respeito; o juiz terá alguma coisa que dizer a esse respeito; os satélites terão alguma coisa que dizer a esse respeito; todos terão de ser belamente alimentados pormenorizadamente, a esse respeito; tudo isso será vastamente cerimonioso, palavroso, insatisfatório e dispendioso, e chamo a isso, em geral, Perucagem. Como a humanidade veio a ser afligida pela Perucagem e por quais pecados vieram tantos jovens a cair nesse abismo, não sei. Mas assim é.

Começou a coçar de novo a cabeça e a dar sinais de que estava sentindo o vento. Mas era um delicioso sinal de sua bondade para comigo que — ou coçasse ele a cabeça ou passeasse abaixo e acima, ou fizesse ambas as coisas — seu rosto recobrava a expressão benigna ao olhar para o meu, estando certo de que voltaria a tranquilizar-se, metendo as mãos nos bolsos e estirando as pernas.

— Talvez fosse melhor, antes de tudo — disse eu —, perguntar ao Sr. Ricardo quais as suas preferências.

— Exatamente isso — disse ele. — Era mesmo o que eu tencionava fazer. Você saberá habituar-se a bordar, com seu tato e seu jeito sossegado, o assunto com ele e Ada, e ver o que decidirão a respeito. Estamos certos que chegaremos ao âmago do negócio graças a você, mulherzinha.

Na verdade, eu estava atemorizada, diante da importância que ia ganhando e do número de coisas que me estavam sendo confiadas. Não havia pensado naquilo absolutamente; a minha ideia era que ele falasse a Ricardo. Mas sem dúvida eu nada disse em resposta, exceto que faria o que melhor pudesse, conquanto receasse (achei realmente necessário repetir isso) que ele me julgasse muito mais sagaz do que eu era. Ouvindo isto, meu tutor apenas riu, dando a risada mais agradável que já ouvi.

— Vamos! — disse ele, levantando-se e empurrando a cadeira para trás.
— Creio que por hoje podemos dar por terminada esta sessão na Resmungadoria. Apenas uma palavra para terminar. Ester, minha querida, deseja você perguntar-me alguma coisa?

Olhava tão atentamente para mim, que o encarei também com toda a atenção e teve certeza de que eu o compreendia.

— A respeito de mim mesma, senhor? — perguntei.

— Sim.

— Tutor — disse eu, aventurando-me a pôr na dele a minha mão, que se tornara subitamente mais fria do que eu desejaria —, nada! Estou certa de que, se houvesse alguma coisa que eu devesse conhecer ou tivesse necessidade de conhecer, não seria preciso que eu lhe pedisse pra me contar. Se toda a minha confiança e a minha fé não estivessem postas no senhor, muito duro coração teria eu na verdade. Nada tenho que perguntar-lhe... nada deste mundo.

Ele colocou minha mão no seu braço e saímos à procura de Ada. Desde aquela hora senti-me completamente à vontade com ele, completamente sem reserva, completamente contente de nada mais saber, completamente feliz.

A princípio, nossa vida na Casa Soturna foi cheia de ocupações, pois tivemos de travar conhecimento com várias pessoas residentes dentro e fora das vizinhanças, que conheciam o Sr. Jarndyce. A Ada e a mim parecia que ele era conhecido de toda a gente e que todos desejavam fazer alguma coisa com o dinheiro dos outros. Isso nos encheu de espanto, quando começamos a arranjar as suas cartas e responder a algumas em seu nome na Resmungadoria certa manhã, descobrindo que o grande fim das vidas de quase todos os seus correspondentes parecia ser formarem-se comissões para obter e despendar dinheiro. As mulheres mostravam-se tão encarniçadas quanto os homens: creio que eram até mais encarniçadas do que eles. Lançavam-se em comissões da maneira mais apaixonada e reuniam subscrições com uma veemência inteiramente fora do comum. A nós nos pareceu que algumas delas deviam passar a vida inteira remetendo cartões de subscrição a todas as Diretorias de Correio... cartões de xelim, de meia coroa, de meio soberano, de *pence*. Precisavam de tudo. Precisavam de máquinas de costura, precisavam de trapos de linho, precisavam de dinheiro, precisavam de combustível, precisavam de sopa, precisavam de juros, precisavam de autógrafos,

precisavam de flanela, precisavam de tudo quanto o Sr. Jarndyce tinha ou não tinha. Os objetos que pediam eram tão variados como seus pedidos. Iam construir novos edifícios, iam pagar dívidas de velhas casas, iam estabelecer num pitoresco prédio (anexando uma gravura do projeto da fachada ocidental) a Irmandade das Marias Medievais; iam prestar uma homenagem à Sra. Jellyby; iam mandar pintar um retrato do secretário delas e dá-lo de presente à sogra dele, cujo profundo devotamento a seu genro era bastante conhecido; iam arranjar tudo, creio eu, desde quinhentas mil áreas de terreno até uma renda anual, desde um monumento de mármore até um bule de prata. Usavam uma multidão de títulos. Eram as Mulheres da Inglaterra, as Filhas da Bretanha, as Irmãs de todas as Virtudes Cardinais separadamente, as Fêmeas da América, as Senhoras de centenas de denominações. Pareciam estar sempre agitadas com solicitação de votos e eleições. Pareciam às nossas pobres inteligências e de acordo com seus próprios relatórios, estar constantemente registrando dezenas de milhares de pessoas, sem nunca, contudo, conseguir eleger seus candidatos para qualquer coisa. Só de pensar na vida febril que elas deviam levar, vinha-nos dor de cabeça.

Entre as senhoras que se distinguiam mais por essa benevolência rapace (se me é permitindo usar esta expressão), havia uma Sra. Pardiggle, que parecia, como julguei pela quantidade de suas cartas ao Sr. Jarndyce, ser uma correspondente quase tão importante como a própria Sra. Jellyby. Observamos que o vento sempre mudava quando a Sra. Pardiggle se tornava o assunto da conversa, e que isso invariavelmente interrompia o Sr. Jarndyce e o impedia de prosseguir; observava ele então que havia duas classes de pessoas caridosas — a das que fazem pouco e produzem muito barulho e a das que fazem muito sem barulho nenhum. Sentíamos por isso grande curiosidade de conhecer a Sra. Pardiggle, suspeitando que ela fosse um tipo daquela primeira classe, e ficamos contentes quando certo dia ela nos fez uma visita, acompanhada de seus cinco filhos.

Era uma senhora de estilo formidável, de óculos, nariz proeminente e voz alta, que exigia muito espaço para expandir-se. E assim realmente fazia, pois que com suas saias derrubava cadeirinhas a grande distância. Como somente eu e Ada estivéssemos em casa, recebemo-la cheias de timidez, porquanto ela parecia entrar como um tempo frio, tornando azuis os pequenos Pardiggles que a acompanhavam.

— Estes, senhoritas — disse a Sra. Pardiggle com grande volubilidade,

depois dos primeiros cumprimentos —, são meus cinco meninos. Talvez tenham visto seus nomes impressos numa lista de subscrição (talvez mais de uma), de posse de nosso estimado amigo, Sr. Jarndyce. Egberto, meu mais velho (doze anos), foi o menino que enviou o conteúdo de sua carteirinha de bolso, num montante de cinco xelins e três *pence*, para os índios tockahupos. Osvaldo, o segundo (dez anos e meio), é a criança que contribuiu com dois xelins e nove *pence* para a Grande Coleta Nacional de Fragmentos. Francisco, o terceiro (nove anos), um xelim, seis *pence* e meio; Félix, o quarto (sete anos), oito *pence* para as Viúvas Inválidas; Alfredo, o mais moço (cinco anos), alistou-se voluntariamente na Liga Infantil da Alegria, jurando nunca usar tabaco, sob qualquer forma, em sua vida.

Jamais víramos crianças tão desagradáveis. Não que fossem simplesmente franzinas e chupadas — conquanto fossem certamente também isso — mas tinham um aspecto de absoluta ferocidade, acompanhada de descontentamento. Ao ouvir mencionar os índios tockahupos, cheguei a supor realmente que Egberto fosse um dos mais sinistros membros daquela tribo, tal a carranca selvagem com que me olhou. O rosto de cada criança, à medida que o montante de sua contribuição era mencionado, escurecia-se de uma forma particularmente vingativa, mas o dele era, sem dúvida alguma, o pior. Devo excetuar, porém, o pequeno filiado à Liga Infantil da Alegria, que tinha cara de pacóvio e ao mesmo tempo de infeliz.

— Soube que visitaram a Sra. Jellyby — disse a Sra. Pardiggle.

Respondemos afirmativamente que havíamos passado uma noite em sua casa.

— A Sra. Jellyby — continuou a mulher, sempre no mesmo tom conclusivo, alto e áspero a ponto de sua voz figurar-se, na minha imaginação, como se também usasse um par de óculos (aproveito a oportunidade para notar que seus óculos se tornavam ainda menos atraentes por serem seus olhos, como lhes chamava Ada, “uns olhos engasgados”, querendo dizer, muito salientes) —, a Sra. Jellyby é uma benfeitora da sociedade e merece ser auxiliada. Meus meninos contribuíram para o projeto africano. Egberto com um xelim e seis *pence*, correspondendo a todo o dinheiro que recebe durante nove semanas; Osvaldo, um xelim e um *penny* e meio, correspondendo à mesma coisa; os demais, de acordo com os seus poucos recursos. Apesar de tudo, não vou com a Sra. Jellyby em todas as coisas. Não vou com ela no

tratamento que dá à sua família. Já se tem reparado nisso. Já tem sido observado que seus filhos são excluídos da participação nos objetivos a que ela se dedicou. Pode ser que ela tenha ou não tenha razão; mas, certa ou errada, não é esse o sistema que sigo com meus filhos. Levo-os a toda a parte.

Convenci-me mais tarde (e Ada também) que aquelas palavras provocaram no mal-encarado filho mais velho um grito agudo, que ele transformou num bocejo, mas no começo ia sendo um berro.

— Assistem às Matinas comigo (lindamente executadas), às seis e meia da manhã, durante o ano inteiro, inclusive, é claro, no coração do inverno — disse a Sra. Pardiggle rapidamente —, e comigo estão durante os correntes deveres do dia. Sou Mestre-Escola, Visitadora, Conferencista, Distribuidora. Faço parte da Comissão da Mala de Roupas local e de numerosas Comissões gerais; e meu rol de eleitores é bastante numeroso; talvez nenhum seja mais numeroso do que o meu. Eles me acompanham por toda a parte e, por esse meio, adquirem aquele conhecimento do pobre e aquela capacidade de tratar em geral de coisas caridosas, numa palavra, aquele gosto pela sorte das coisas que os tornarão mais tarde na vida um auxílio para seus vizinhos e uma satisfação para si mesmos. Meus filhos não são frívolos: sob minha direção, gastam em subscrições todo o dinheiro que recebem, e já assistiram a muitas reuniões públicas e já ouviram muitas conferências, discursos e discussões, o que raramente acontece às crianças, Alfredo (o de cinco anos), que, como já disse, por sua espontânea vontade, se filiou à Liga Infantil da Alegria, foi uma das poucas crianças que se mantiveram despertas naquela ocasião, depois de um fervoroso apelo de duas horas do presidente da assembleia naquela noite.

Alfredo olhou ferozmente para nós, como se nunca pudesse ou nunca quisesse perdoar o que padecera naquela noite.

— Talvez já tenha notado, Miss Summerson — disse a Sra. Pardiggle em algumas das listas a que me tenho referido, de posse do nosso estimado amigo Sr. Jarndyce, que os nomes de meus filhos estão completados com o nome de O.A. Pardiggle M.S.R. (Membro da Sociedade Real), uma libra. É o pai deles. Observamos usualmente a mesma rotina. Ponho em primeiro lugar o meu insignificante óbolo; depois meus filhos fazem a lista de suas contribuições, de acordo com sua idade e com seus poucos recursos, e, em seguida, o Sr. Pardiggle fecha a retaguarda. O Sr. Pardiggle sente-se feliz em contribuir com seu limitado donativo, sob minha direção. E dessa forma as coisas são feitas,

não apenas de modo agradável para nós, mas, estou certa, para melhoramento dos outros.

Supondo que o Sr. Pardiggle tivesse de jantar com o Sr. Jellyby, e supondo que o Sr. Jellyby tivesse de aliviar o espírito depois do jantar, fazendo confidências ao Sr. Pardiggle — faria o Sr. Pardiggle em troca alguma comunicação confidencial ao Sr. Jellyby? Fiquei inteiramente confusa ao notar que estava pensando nisso, mas o certo é que a coisa me veio à cabeça.

— Estão agradavelmente localizados aqui! — exclamou a Sra. Pardiggle.

Sentimo-nos contentes por mudar de assunto, e, indo à janela, aponte as belezas da paisagem, sobre as quais os óculos me pareceram pousar com estranha indiferença.

— Conhecem o Sr. Gusher? — perguntou nossa visitante.

Fomos obrigadas a dizer que não tínhamos o prazer de conhecer o Sr. Gusher.

— Quem perde com isso são as senhoritas, garanto — disse a Sra. Pardiggle com seu jeito autoritário. — É um orador bastante fervoroso e apaixonado, cheio de fogo! Se o pusessem num carro, parado nesta campina, a qual, pelo formato da região, está naturalmente adaptada para uma reunião pública, seria capaz de improvisar, em qualquer ocasião que quisessem, durante horas e horas! Já agora, senhoritas — disse a Sra. Pardiggle, voltando para sua cadeira e fazendo tombar, como por invisível influência, a considerável distância, uma mesinha redonda, sobre a qual estava minha cesta de costura —, posso garantir que descobriram o que sou, não é mesmo?

Era essa, na verdade, uma pergunta tão perturbadora que Ada olhou para mim num estado de completa consternação. Quanto à natureza culpada de minha própria consciência, depois do que estivera pensando, deveria estar estampada na cor de minhas faces.

— Quero dizer que descobriram o ponto saliente do meu caráter. Estou certa de que é tão saliente que facilmente vem a ser descoberto. Sei que me abro mesmo a qualquer descoberta. Bem. Admito francamente que sou uma mulher de negócios. Gosto do trabalho duro. Agrada-me. A excitação me faz bem. Estou tão acostumada e calejada no trabalho árduo, que não sei o que seja fadiga.

Murmuramos que isso era espantoso e agradável, ou coisa parecida. Acho que não sabíamos o que fosse, mas foi o que nossa polidez exprimiu.

— Não compreendo o que seja estar cansada. As senhoritas, se o tentassem, não conseguiriam fatigar-me! A quantidade de esforço (que para mim não é esforço), a quantidade de ocupações (que considero como coisa nenhuma), com que tenho de avir-me, muitas vezes me espanta. Tenho visto meus filhos e o Sr. Pardiggle completamente extenuados só com presenciar o que faço, enquanto eu posso, na verdade, afirmar que me conservo vivaz como uma cotovia!

Se o menino mais velho, de rosto ensombrado, pudesse mostrar um ar mais maligno do que o que já tinha, aquela era a ocasião de fazê-lo. Observei que ele fechou o punho direito e descarregou um golpe oculto na copa de seu boné, que estava debaixo de seu braço esquerdo.

— Isto me dá uma grande vantagem, quando estou fazendo meus giros — disse a Sra. Pardiggle. — Se encontro uma pessoa mal disposta a ouvir o que tenho de dizer, digo a essa pessoa diretamente: “Sou incapaz de fatigar-me, minha boa amiga, nunca estou cansada, e não paro enquanto não deixo minha obra concluída.” É uma resposta admirável! Miss Summerson, espero contar imediatamente com seu auxílio em minhas visitas habituais, e com o da Miss Clare dentro em breve.

A princípio tentei escusar-me no momento com o pretexto geral de ter ocupações que atender e que não poderiam ser descuradas. Mas como este foi um protesto sem efeito, então disse, de modo mais particular, que não estava segura de minha capacidade, que não tinha experiência na arte de adaptar minha mente a outras mentes situadas em níveis bem diversos, dirigindo-me a elas de pontos de vista convenientes, que não possuía aquele delicado conhecimento do coração humano que deve ser essencial para um trabalho daquela natureza, que tinha muito que aprender antes de poder ensinar aos outros e que não podia confiar apenas nas minhas boas intenções. Por essas razões, achava melhor ser útil, dentro das minhas possibilidades e prestar a espécie de serviços de que era capaz aos que me cercavam mais de perto e deixar que aquele círculo de deveres se expandisse natural e gradualmente. Tudo isso eu disse, evidentemente não com muita segurança porque a Sra. Pardiggle era muito mais velha do que eu, tinha grande experiência e tinha uns modos assaz marciais.

— Está errada, Miss Summerson — disse ela —, mas talvez não seja talhada para o trabalho duro ou para a excitação que ele causa, e isso faz uma enorme diferença. Se quiser ver como desempenho minhas funções, estou a caminho, com meus filhos, para a casa de um tijoleiro das vizinhanças (sujeito de péssimo caráter), e terei muito prazer em levá-la comigo. Miss Clare também, se me quiser conceder esse obséquio.

Ada e eu trocamos olhares e, como tínhamos mesmo de sair, aceitamos o convite. Quando apressadamente voltamos do quarto aonde havíamos ido pôr nossos chapéus, encontramos os meninos mirrando a um canto e a Sra. Pardiggle andando impetuosamente pela sala e pondo abaixo quase todos os objetos leves que nela se achavam. A Sra. Pardiggle tomou conta de Ada, e eu acompanhei-a com a família.

Ada contou-me depois que a Sra. Pardiggle conversou no mesmo tom de voz alta (que, aliás, não deixei de escutar) durante todo o caminho até a casa do tijoleiro, a respeito de uma exaltada contenda que ela travara, durante dois ou três anos, com outra senhora, relativa à reclamação de uma pensão em qualquer parte para os candidatos de sua rival. Houve uma quantidade enorme de impressos, procurações e votações, e parece que se dedicou grande atividade a tudo isso, menos aos pensionistas — que ainda não tinham sido eleitos.

Gosto muito de captar a confiança das crianças e tenho a felicidade de lograr, em geral, êxito ao tratá-las, mas naquela ocasião foi grande a dificuldade que enfrentei. Assim que nos vimos fora, Egberto, com jeito de um pequeno salteador, exigiu de mim um xelim, sob pretexto de que seu rico dinheirinho tinha sido “abafado”. Tendo eu salientado a grande impropriedade daquela palavra, especialmente por se referir à sua mãe (pois ele havia acrescentado de mau humor: “Por ela!”), deu-me um beliscão e disse: “Oh! essa agora! Quem é você? Não gostou do que eu disse, não é? Por que então ela trapaceia, fingindo dar-me dinheiro para depois tomá-lo de novo? Por que chamam vocês a isso meu dinheiro, se nunca me deixam gastá-lo?” Essas perguntas exasperadoras inflamaram tanto seu espírito e o de seus irmãos Osvaldo e Francisco, que todos eles se lançaram a beliscar-me a um só tempo e de uma forma terrivelmente ativa, arrancando de tal modo pequenos pedaços de meus braços, que dificilmente me contive que não gritasse. Ao mesmo tempo, Félix pisava nos meus pés. E o da Liga da Alegria, que, por ficar sempre e antecipadamente privado do seu pequeno rendimento, estava

na realidade obrigado pela sua promessa a abster-se de bolos e de tabacos, mostrou tanta dor e raiva ao passarmos diante de uma pastelaria, que me aterrorizou pela cor roxa de seu rosto. Nunca sofri tanto, no corpo e na alma, no decorrer de um passeio com crianças, como com aqueles meninos desumanamente constrangidos, quando me prestaram a homenagem de se mostrar no seu natural.

Dei-me por contente quando chegamos à casa do tijoleiro, conquanto ela fizesse parte de um grupo de miseráveis choças numa olaria, com chiqueiros de porcos perto das janelas quebradas e com mesquinhos jardinzinhos diante das portas, onde só se viam charcos d'água estagnada. Aqui e ali via-se uma tina velha, posta a recolher os pingos da chuva, que caíam do telhado, ou se misturavam com a lama de um pequeno tanque, formando uma enorme torta de imundície. Nas portas e janelas, alguns homens e mulheres preguiçavam ou andavam à toa, e pouca atenção nos deram, exceto para rir uns com os outros ou, dizer alguma coisa, quando passamos, a respeito de burgueses que deveriam cuidar de seus negócios, e não perturbar as cabeças e enlamear os sapatos, vindo intrometer-se na vida dos outros.

A Sra. Pardiggle, abrindo a marcha com grande mostra de determinação moral, e falando com a maior volubilidade a respeito dos hábitos de sujeira do povo (embora eu duvidasse que qualquer de nós pudesse conservar-se limpo num lugar como aquele), conduziu-nos até uma casinha no extremo mais distante, cuja sala do rés-do-chão nós quase enchemos. Além de nós havia naquela sala úmida e desagradável uma mulher com um olho inchado, ninando junto ao fogo um pobre bebezinho arquejante; um homem, todo manchado de barro e lama e parecendo muito embriagado, estava estendido a fio comprido no chão, fumando um cachimbo; um robusto rapaz amarrava uma coleira num cachorro e uma moça forte lavava qualquer coisa numa água muito suja. Todos ergueram os olhos para nós, ao entrarmos, e a mulher pareceu voltar o rosto para o fogo, como se quisesse ocultar o olho machucado. Ninguém nos cumprimentou.

— Bem, meus amigos — disse a Sra. Pardiggle, mas sua voz não tinha um tom muito cordial, era por demais sistemática e comercial. — Como vão vocês todos? Estou aqui de novo. Já lhes disse que vocês não conseguirão cansar-me. Gosto do trabalho duro e sei cumprir minha palavra.

— Não há mais — resmungou, enquanto nos olhava, o homem deitado

no solo e cuja cabeça repousava na mão —, não há mais ninguém para entrar, não?

— Não, meu amigo — disse a Sra. Pardiggle, sentando-se num tamborete e derrubando outro. — Estamos todos aqui.

— Porque pensei que talvez a turma de vocês não estivesse completa — disse o homem com o cachimbo entre os beiços, passando-nos uma revista com o olhar.

O rapaz e a moça puseram-se a rir. Dois amigos do rapaz, que ele havia chamado para a porta de entrada e que ali permaneciam de mãos nos bolsos, fizeram eco barulhento às risadas.

— Vocês não conseguem fatigar-me, minha boa gente — disse a Sra. Pardiggle a estes últimos. — Gosto do trabalho pesado e quanto mais duro vocês o tornarem para mim, tanto mais gostarei dele.

— Então vamos facilitar-lhe a coisa — resmungou o homem lá do chão. — Desejo tudo feito e acabado. Desejo pôr um fim a essas liberdades na minha casa. Desejo pôr um fim a esse negócio de ser puxado da toca como um texugo. Agora a senhora vai começar a bisbilhotar e a fazer perguntas como de costume. Sei bem o que a senhora está querendo. Pois bem! Não terá oportunidade de consegui-lo. Vou poupar-lhe a trabalhadeira. Minha filha está lavando roupa? Sim, está lavando roupa. Olhe para a água. Cheire-a! É a que bebemos. O que acha dela? Não lhe parece que seria melhor tomar gim em vez dela? Minha casa é suja? Sim, é suja... é naturalmente suja e é naturalmente insalubre. Tivemos cinco filhos sujos e doentes, todos morreram crianças e foi muito melhor para eles e para nós também. Li o livrinho que a senhora nos deixou? Não, não li o livrinho que a senhora deixou aqui. Não há ninguém aqui que saiba ler, e, se houvesse, não seria esse um livro adequado para mim. É um livro bom para bebês, e eu não sou um bebê. Se a senhora deixasse uma boneca para mim, eu não a ninaria. Qual tem sido minha maneira de proceder? Ora, há três dias que estou bêbado e ficaria bêbado quatro se tivesse dinheiro. Nunca trato de ir à igreja? Não, nunca trato de ir à igreja. Se fosse, não seria muito bem recebido lá; o sacristão é gentil demais comigo. Sabe como foi que minha mulher ficou com o olho preto daquele jeito? Ora, bati nela. E se ela disser que eu não fiz tal, é uma mentirosa.

Havia tirado o cachimbo da boca para dizer tudo isso e depois virou-se para o outro lado, pondo-se de novo a fumar. A Sra. Pardiggle, que estivera a

mirá-lo através dos óculos, com uma atitude enérgica, calculada, para atirá-lo ainda mais (não pude deixar de pensar que assim fosse) exibiu um avantajado livro, como se fosse um cacete de polícia, para pôr a família inteira sob custódia. Quero dizer sob custódia religiosa, sem dúvida. Mas na realidade o fez como se fosse um inexorável polícia da moralidade, levando toda aquela gente para um posto policial.

Ada e eu nos sentíamos constrangidas. Sentíamo-nos ambas como intrusas e fora de lugar e achávamos que a Sra. Pardiggle se teria saído muito melhor se não exibisse aquele jeito tão mecânico de tomar posse das pessoas. As crianças estavam de mau humor e olhavam fixamente. A família de maneira alguma nos prestava atenção, exceto quando o rapaz fez o cão latir, o que era usual quando a Sra. Pardiggle se tornava mais enfática. Sentíamos ambas, penosamente, que havia entre nós e aquela gente uma barreira de ferro, que não poderia ser removida pela nossa nova amiga. Por quem, ou como poderia ela ser removida, não sabíamos. Mas sabíamos que poderia. O que ela lia e dizia parecia-nos mal escolhido para tais ouvintes, ainda mesmo que houvesse sido transmitido com toda a modéstia e com grande tato. Quanto ao livrinho a que se havia referido o homem deitado no chão, viemos a conhecê-lo mais tarde e o Sr. Jarndyce disse que duvidava que o próprio Robson Crusoe o pudesse ler, ainda que nenhum outro tivesse em sua ilha deserta.

Em tais circunstâncias ficamos bastante aliviadas quando a Sra. Pardiggle acabou. O homem do chão, voltando então a cabeça de novo, disse lentamente: — Bem. Já acabou, não é?

— Por hoje acabei, meu amigo. Mas eu nunca me canso. Voltarei de novo, com metódica regularidade — replicou a Sra. Pardiggle com manifesta satisfação.

— Contanto que a senhora se vá agora — disse ele, cruzando os braços e fechando os olhos com uma praga —, pode fazer o que quiser!

De acordo com isso, a Sra. Pardiggle levantou-se, provocando um pequeno turbilhão na apertada sala, ao qual quase não escapou o próprio cachimbo. Pegando em cada mão um de seus filhos, dizendo aos outros que a acompanhassem de perto e exprimindo a esperança de que o tijoleiro e toda a sua família melhorassem na sua próxima visita, encaminhou-se para outra casa. Espero que não seja falta de bondade minha dizer que ela certamente

mostrou naquela, como em qualquer outra parte, uma atitude nada conciliatória de fazer caridade por atacado e de negociar com ela em larga escala.

Ela supôs que a houvéssemos acompanhado, mas logo que o espaço foi deixado desimpedido, aproximamo-nos da mulher sentada junto ao fogo, para perguntar-lhe se o bebê estava doente.

Ela apenas olhou para a criança que tinha no colo. Observáramos antes que, quando ela olhava para o bebê, cobria com a mão o olho machucado, como se desejasse afastar da pobre criança qualquer associação de ideia com barulho, violência ou maus-tratos.

Ada, cujo coração terno se comoveu diante do aspecto do menino, curvou-se para tocar-lhe o rostinho. Ao fazê-lo, percebi o que havia acontecido e puxei-a para trás. A criança morrera.

— Oh, Ester! — exclamou Ada ajoelhando-se ao lado dela. — Veja!! Oh! Ester, meu bem, coitadinho! O coitadinho tão sofredor, tão quieto, tão lindo! Quanta pena tenho dele! Quanta pena tenho de sua mãe! Nunca vi antes um espetáculo tão triste como este! Oh! bebê, bebezinho!

Tal compaixão, tal ternura, com que ela se curvou, soluçando, e pôs a mão sobre a da mãe, não podia deixar de abrandar qualquer coração de mãe que palpitasse. A princípio a mulher olhou para ela com assombro e depois rompeu em pranto.

Então retirei-lhe do colo a leve carga, fiz o que podia para tornar o repouso do bebê mais lindo e mais suave, deitei-o em cima dum banco e cobri-o com o meu lenço. Tentamos consolar a mãe e lhe sussurramos o que nosso Salvador disse das crianças. Nada respondeu, mas sentou-se chorando, soluçando.

Quando me volvei, vi que o rapaz tinha levado o cachorro para fora e estava de pé, à porta, olhando para nós, de olhos secos mas quieto. A moça também se imobilizara e fora sentar-se a um canto, olhando para o chão. O homem se levantara. Fumava ainda seu cachimbo, com ar de desafio, mas conservava-se calado.

Uma mulher feia, pobremente trajada, entrou correndo, enquanto eu olhava para eles, e veio ter diretamente com a mãe, dizendo: “Jenny! Jenny!” A mãe, ao ouvir isso, levantou-se e deixou cair a cabeça sobre o ombro da

mulher.

Esta apresentava também no rosto e nos braços as marcas de maus-tratos. Nenhuma graciosidade havia no seu rosto, a não ser a da simpatia, mas via-se-lhe no rosto um quê de beleza, quando se condoía da outra e deixava que suas próprias lágrimas corressem. Digo quando se condoía, mas suas únicas palavras eram: “Jenny! Jenny!” Tudo estava no tom com que ela as proferia.

Achei muito comovedor ver aquelas duas mulheres, grosseiras, esfarrapadas, batidas, tão unidas; ver o que podiam ser uma para a outra; ver o que uma sentia pela outra; ver que o coração de cada uma se enternecia diante das duras provações de suas vidas. Penso que a parte melhor de tais pessoas vive quase oculta de nós. O que o pobre é para o pobre pouco se sabe, exceto eles mesmos e Deus.

Achamos que seria melhor retirar-nos e deixá-las à vontade. Tratamos de escapular-nos silenciosamente, sem que ninguém nos percebesse, exceto o homem. Estava encostado à parede junto da porta, e, vendo que havia muito pouco espaço para passarmos, saiu da nossa frente. Pareceu querer ocultar que fazia isso por nossa causa, mas percebemos que seu propósito fora esse e lhe agradecemos. Não deu resposta.

Ada estava tão pesarosa, durante todo o caminho de regresso a casa, e Ricardo, a quem encontramos em casa, ficou tão consternado por vê-la a chorar (embora me dissesse, não estando ela presente, quão bela estava mesmo a chorar!) que combinamos voltar de noite com algumas coisas confortadoras, repetindo nossa visita à casa do tijoleiro. Ao Sr. Jarndyce contamos o mínimo possível, mas o vento mudou imediatamente.

Ricardo acompanhou-nos de noite à cena de nossa excursão da manhã. A caminho para lá tivemos de passar diante duma taverna barulhenta onde numerosos homens se juntavam na porta. Entre eles, e destacando-se numa discussão, estava o pai da criancinha. A pouca distância nos cruzamos com o rapaz e o cão, em fraterna companhia. A irmã estava com outras moças, rindo e conversando, à esquina da fileira de casebres, mas pareceu ficar envergonhada, e voltou-se quando passamos perto.

Deixamos nosso cavaleiro à vista da residência do tijoleiro e continuamos sós. Ao chegarmos à porta, encontramos a mulher, que tanto consolo havia trazido com sua presença ali, a olhar ansiosamente para fora.

— São as senhoritas, não são? — perguntou ela bem baixinho. — Estou vigiando meu homem. Tenho o coração na boca. Se ele não me encontrar em casa, é capaz de me matar.

— Quer dizer seu marido? — perguntei.

— Sim, senhora, meu homem. Jenny pegou no sono, completamente sem forças. Poucas vezes largou do colo a coitadinha da criança durante sete dias e sete noites, exceto quando eu podia dar um pulo aqui para ficar com ela um ou dois minutos.

Dando-nos passagem, entrou também devagarinho e pôs o que havíamos trazido perto da miserável cama sobre a qual a mãe dormia. Nada fora feito para limpar o quarto. Parecia impossível qualquer limpeza ali, mas o cadaverzinho cor de cera, do qual se difundia tanta solenidade, tinha sido novamente arranjado, lavado e vestido com pedaços de pano branco, e sobre meu lenço, que ainda cobria o bebezinho, um pequeno ramalhete de ervas cheirosas tinha sido posto pelas mesmas mãos rudes e cheias de cicatrizes, com toda a delicadeza e com toda a ternura.

— Deus lhe pague! — dissemos a ela. — A senhora é uma boa mulher.

— Eu, minhas senhoras? — replicou ela com surpresa. — Silêncio! Jenny, Jenny!

A mãe havia resmungado no sono, movendo-se. O som da voz familiar pareceu acalmá-la de novo. Estava mais uma vez tranquila.

Quão pouco pensei — quando ergui meu lenço para contemplar o pequenino adormecido que ele cobria e me pareceu ver um halo de luz brilhar em torno da criança, através dos cabelos soltos de Ada, quando esta curvou a cabeça cheia de piedade — quão pouco pensei no colo agitado, sobre o qual aquele lenço viria a pousar, depois de cobrir o peito imoto e sossegado! Apenas pensei que talvez o Anjo da criança não deixasse de reparar na mulher, que havia recolocado o lenço com mão tão compassiva, não deixaria de lhe notar a presença ali, quando tivemos de deixá-lo, à porta, olhando e escutando de vez em quando, cheia de terror por si mesma e dizendo na sua velha maneira acariciadora: “Jenny, Jenny!”

SINAIS E INDÍCIOS

Não sei como, mas parece que estou sempre a escrever a meu respeito. Tenciono sempre escrever a respeito de outras pessoas e procuro pensar em mim o menos possível e estou certa de que, quando me descubro entrando de novo na história, fico realmente vexada e digo: “Minha querida, não quero que sejas uma criaturinha aborrecida!” Mas é tudo inútil. Espero que qualquer leitor desta história compreenderá que, se estas páginas contêm muita coisa a meu respeito, só posso supor que isso se deva ao fato de ter eu realmente alguma parte nelas, e não posso estar delas ausente.

Minha querida amiga e eu líamos juntas, costurávamos, estudávamos piano; encontrávamos tanta coisa em que ocupar nosso tempo, que os dias de inverno voaram por nós como pássaros de asas brilhantes. Geralmente de tarde, e sempre de noite, Ricardo fazia-nos companhia. Conquanto fosse ele uma das criaturas mais irrequietas do mundo, mostrava-se muito amante da nossa companhia.

Estava muito, muitíssimo apaixonado pela minha querida Ada. Assim pensava e achei melhor dizê-lo imediatamente. Nunca antes vira jovens apaixonados, mas descobri bem cedo que eles o estavam. Não podia dizer isso, sem dúvida, ou mostrar que já o havia percebido. Pelo contrário, mostrava-me tão reservada e costumava parecer tão indiferente, que muitas vezes considerava comigo mesma, quando sentada a costurar, se não me estava tornando uma fingida.

Mas não havia jeito. O que me cumpria fazer era ficar quieta, e fiquei quieta como um camundongo. Eles também estavam quietinhos como camundongos, até onde é possível afirmá-lo. Mas a maneira inocente com que confiavam cada vez mais em mim, à medida que mais e mais se amavam, era tão encantadora, que eu tinha grande dificuldade em não demonstrar quanto aquilo me interessava.

— Nossa querida velhinha é uma dona de casa tão perfeita — costumava Ricardo dizer, vindo ao meu encontro no jardim, de manhã cedo, com sua agradável risada e talvez com um leve toque de rubor — que eu não posso passar sem ela. Antes de começar meu estabonado dia, engolfado naqueles livros e instrumentos, a galopar depois colinas acima e vales abaixo, por toda a região vizinha, como um ladrão de estrada, faz-me tanto bem vir dar um seguro passeio com a nossa confortadora amiguinha, que aqui estou de novo.

— Sabe duma coisa, querida D.^a Durden — dizia Ada de noite, com a cabeça sobre meu ombro e com a luz do fogo a cintilar nos seus olhos pensativos —, não gosto de falar quando subimos para aqui, mas apenas ficar sentada um pouco, pensando, com seu querido rosto junto ao meu, e ouvir o vento e lembrar-me dos pobres marinheiros que andam pelo mar...

Ah! talvez Ricardo viesse a ser marinheiro. Conversávamos agora muitas vezes a esse respeito, e falava-se em satisfazer a inclinação de sua meninice pelo mar. O Sr. Jarndyce havia escrito a um parente da família, um importante Sir Leicester Dedlock, pedindo seu interesse em favor de Ricardo, e Sir Leicester havia respondido de maneira bastante gentil “que se sentiria feliz em favorecer as esperanças do jovem cavalheiro no que estivesse ao seu alcance, embora nada pudesse garantir; e que sua senhora enviava seus cumprimentos ao jovem cavalheiro (a quem, recordava-se perfeitamente, estava ligada por consanguinidade remota) e esperava que ele sempre cumprisse seu dever em qualquer honrada profissão que abraçasse”.

— Pelo que compreendo com toda a clareza — disse-me Ricardo —, terei eu mesmo de abrir o meu caminho. Não importa. Muita gente antes de mim teve de fazer isso e o fez. Apenas desejava ter, para começar, o comando de um corsário à vela a fim de raptar o Chanceler e conservá-lo a meia ração, até que dê a sentença em nossa causa. E, se não se apressar, verificará que não tardará a emagrecer!

Com uma vivacidade, uma boa disposição e uma alegria que dificilmente arrefeciam, Ricardo mostrava em seu caráter certa displicência que me tornava perplexa, sobretudo porque ele a entendia, erroneamente e de uma forma bastante estranha, como prudência. Fazia isso parte de todos os seus cálculos referentes a dinheiro, duma maneira singular, e não posso explicar melhormente a coisa senão retrocedendo por um instante ao nosso empréstimo ao Sr. Skimpole.

O Sr. Jarndyce tinha averiguado o montante, tanto com o próprio Sr. Skimpole como com Coavinses, e havia posto o dinheiro em minhas mãos, com instruções para que eu retirasse a parte que me tocava e entregasse o restante a Ricardo. O número de pequenos gestos de descuidada prodigalidade que Ricardo justificou com o fato de haver recuperado suas dez libras, e o número de vezes que me falava como se houvesse guardado ou ganho aquela quantia, dariam um belo total, se fossem somados.

— Minha prudente Mãe Hubbard, e por que não? — disse-me ele quando desejou, sem a menor consideração, dar cinco libras ao tijoleiro. — Ganhei francamente dez libras com o negócio de Coavinses.

— Como assim? — perguntei.

— Ora, livre-me de dez libras de que muito me alegrava livrar-me e nunca esperava ver mais. Você não pode negar isso, não é?

— Não — disse eu.

— Muito bem. Depois entro de posse de dez libras...

— As mesmas dez libras — acudi eu.

— Nada tem que ver uma coisa com a outra! — replicou Ricardo. — Ganhei dez libras mais do que esperava ter e por isso posso dar-me ao luxo de gastá-las sem escrúpulos.

Exatamente da mesma forma, quando se persuadiu da inutilidade do sacrifício daquelas cinco libras, pôs essa soma a seu crédito e começou a girar com ela.

— Vejamos — disse ele. — No negócio do tijoleiro consegui salvar cinco libras; de modo que, se eu desse um pulo de ida e volta até Londres numa carruagem de posta e gastasse nisso quatro libras, teria ganho uma. E deixe que lhe diga: é coisa muito louvável poupar uma moeda. Vintém poupado, vintém ganho.

Acredito que a natureza de Ricardo era a mais franca e generosa possível. Ele era ardente e bravo, e no meio de toda a sua agitada turbulência, tão gentil que dentro de poucas semanas eu já o conhecia como a um irmão. Sua gentileza era-lhe natural e ter-se-ia manifestado copiosamente, mesmo sem a influência de Ada. Com isso, pois, tornou-se o mais sedutor dos companheiros, sempre pronto a mostrar-se serviçal e sempre muito feliz,

cordial e ardente. Estou certa de que, sentando-me ao lado deles, passeando com eles, conversando com eles e notando de dia para dia como continuavam a amar-se cada vez mais profundamente, nada dizendo a esse respeito e pensando cada qual timidamente que esse amor fosse o maior dos segredos, talvez nem sequer suspeitado pelo outro, estou certa de que pouco menos encantada do que eles me encontrava e pouco menos satisfeita com o lindo sonho.

Continuávamos nesse andar quando uma manhã, ao almoço, o Sr. Jarndyce recebeu uma carta e, olhando para o sobrescrito, disse: “De Boythorn? Ai, ai!”, abriu-a e leu-a com evidente prazer, anunciando-nos, num parêntese, quando levava a carta já lida pela metade, que Boythorn vinha fazer-nos uma visita. Ora, pensamos todos, quem era Boythorn? E ousou afirmar que todos pensamos também — eu pelo menos pensei — que interferência poderia ele ter de qualquer modo com o que ia acontecendo?

— Fui companheiro de escola desse camarada, Lourenço Boythorn — disse o Sr. Jarndyce, dando piparotes na carta ao pô-la sobre a mesa — há mais de quarenta e cinco anos. Era então o rapaz mais impetuoso do mundo, e é agora o homem mais impetuoso. Era então o rapaz mais barulhento do mundo, e agora é o homem mais barulhento. Era então o rapaz mais alegre e mais resolutivo do mundo, e agora é o homem mais alegre e mais resolutivo. É um camarada formidável.

— Em tamanho, senhor? — perguntou Ricardo.

— Por falar nisso, seu tamanho é bem bom — disse o Sr. Jarndyce. — Ele é uns dez anos mais velho do que eu e cinco centímetros mais alto, com a cabeça lançada para trás como a dum velho soldado, o peito forte e empinado, as mãos como as de um perfeito ferreiro, e os pulmões... ah! não pode haver pulmões iguais aos dele! Falando, rindo ou roncando, faz estremecer as vigas da casa.

Quando o Sr. Jarndyce se sentou, enlevado com a recordação do seu amigo Boythorn, notamos o favorável presságio de que não havia a mínima indicação de qualquer mudança de vento.

— Mas é do íntimo do homem, do ardente coração do homem, da paixão do homem, do sangue vivo do homem, Rick e Ada e você também, Teiazinha de Aranha (pois todos estão interessados pelo visitante), que falo — continuou ele. — Sua linguagem é tão sonora como sua voz. Está sempre nos

extremos, perpetuamente no grau superlativo. Condenando, é toda ferocidade. Pelo que ele diz, não de pensar que ele é um ogre e acredito que muita gente assim pense a seu respeito. Basta. Nada direi mais dele antecipadamente. Não devem ficar surpreendidos quando o virem tomar-me sob sua proteção, pois nunca se esqueceu de que eu era um menino débil na escola e de que nossa amizade começou quebrando ele dois dentes do meu principal tirano (diz ele que foram seis), antes do almoço, Boythorn e seu criado — disse-me ele — estarão aqui esta tarde, minha querida.

Cuidei de que fossem feitos os preparativos necessários para receber o Sr. Boythorn, e ficamos aguardando sua chegada, com certa curiosidade. A tarde passou-se, porém, sem que ele aparecesse. Chegou a hora do jantar e ele não havia ainda aparecido. O jantar foi retardado de uma hora e nós estávamos sentados em redor do fogo, sem luz, apenas com o clarão das brasas, quando a porta do vestibulo foi de súbito escancarada e o vestibulo ressoou com estas palavras, proferidas com a maior veemência e com o tom mais estentórico: — Erramos o caminho, Jarndyce, por causa dum desavergonhado bandido que nos disse que dobrássemos à direita, em vez de dobrar à esquerda. É o mais intolerável canalha que existe na face da terra. O pai dele deve ter sido o mais consumado vilão para ter produzido um tal filho. Eu daria um tiro naquele sujeito sem o menor remorso.

— Ele fez isso de propósito? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Não tenho a menor dúvida de que o patife tem passado a vida inteira a transviar viajantes — replicou o outro. — Pela minha alma, achei-o o cão de pior cara que já vi, quando estava a dizer-me que deveria tomar o caminho da direita. E, no entanto, fiquei de pé diante daquele sujeito, cara a cara, e não lhe arrebentei os miolos!

— Os dentes, quer você dizer! — disse o Sr. Jarndyce.

— Ah! ah! ah! — riu o Sr. Lourenço Boythorn, fazendo realmente a casa toda tremer. — Com que então você ainda não se esqueceu daquilo! Ah! ah! ah! E aquele era outro consumadíssimo vagabundo! Pela minha alma, a cara daquele sujeito, quando menino, era a imagem mais negra da perfídia, da covardia e da crueldade, armada como espantalho num campo de biltres. Se me acontecesse encontrar amanhã na rua aquele incomparabilíssimo déspota, eu o abateria como a uma árvore podre!

— Não tenho dúvida nenhuma a respeito — disse o Sr. Jarndyce. — Mas,

vamos, quer subir? — Pela minha alma, Jarndyce — replicou o hóspede, que parecia dirigir-se a seu relógio —, se você fosse casado, eu preferiria ter voltado do portão do jardim e sumir-me para os mais altos cumes do Himalaia a aparecer aqui numa hora tão extemporânea.

— Espero que não precise ir tão longe — disse o Sr. Jarndyce.

— Por minha vida e por minha honra que sim! — exclamou o visitante. — Por nenhuma consideração terrestre, eu teria a audaciosa insolência de deixar uma dona de casa à minha espera todo este tempo. Preferiria mil vezes destruir-me a mim mesmo... infinitamente!

Falando dessa forma, subiram as escadas e logo ouvimo-lo trovejando no seu quarto: “Ah! ah! ah! ah! ah! ah!” — até que o mais fraco eco na vizinhança pareceu ter sido contagiado e rir tão prazenteiramente como ele fazia ou como nós fazemos quando ouvimos alguém rir.

Todos sentimos uma predisposição favorável para com ele, pois havia um tom de franqueza naquela risada e na sua voz vigorosa e saudável, na sinceridade e na plenitude com que pronunciava cada palavra e na verdadeira fúria de seus superlativos, que pareciam canhões de pólvora seca que não fazem nenhum mal. Mas estávamos insuficientemente preparados para ver aquela impressão confirmada pela sua aparência, quando o Sr. Jarndyce no-lo apresentou. Não era apenas um velho fidalgo bastante belo — espigado e forte, como havia sido descrito, com uma maciça cabeça cinzenta, um rosto de belas linhas quando silencioso, um corpo que podia tornar-se fornido de carnes, não fosse estar ele em tão contínua atividade que não lhe dava descanso, e um queixo que poderia ter-se tornado rebarbativo, não fosse a veemente ênfase que era sempre chamado a prestar. Mas era um fidalgo tão autêntico em suas maneiras, tão cavalheirescamente polido, seu rosto iluminava-se dum sorriso de tanta doçura e suavidade e parecia tão evidente que ele nada tinha a esconder, mas se mostrava tal qual era — incapaz (como dizia Ricardo) de qualquer coisa em escala mesquinha, e dando tiros com aqueles grandes canhões de pólvora seca, porque não carregava consigo pequenas armas de nenhuma espécie — que realmente eu não podia deixar de olhar para ele com igual prazer quando se sentou para jantar, quer ele sorrisse ao conversar com Ada e comigo, quer fosse levado pelo Sr. Jarndyce a alguma de suas salvas de superlativos, quer jogasse a cabeça para cima como um cão de raça, explodindo naquele seu tremendo “Ah! ah! ah!”.

— Suponho que você trouxe seu passarinho? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Caramba, que aquilo é a ave mais maravilhosa da Europa! — respondeu o outro. — É o bicho mais maravilhoso que existe. Não aceitaria nem dez mil guinéus por aquele pássaro. Para seu sustento deixei em testamento uma pensão, caso ele me sobreviva. No que se refere a sensibilidade e a afeto, é um fenômeno. E, antes dele, seu pai era um dos pássaros mais extraordinários que houve.

O objeto desses louvores era um canário pequenino, tão manso que foi trazido para baixo pelo criado do Sr. Boythorn no dedo indicador, e, depois de ter dado um leve voo em torno da sala, pousou na cabeça do dono. Ouvir o Sr. Boythorn no mesmo instante exprimir os sentimentos mais implacáveis e mais apaixonados, com aquele frágil pedacinho de animal, sossegadamente empoleirado na sua cabeça, era ter, suponho eu, uma boa amostra do seu caráter.

— Pela minha alma, Jarndyce — disse ele, erguendo delicadamente um pedacinho de pão, para que o canário o bicasse — se eu estivesse em seu lugar, agarraria pela garganta cada um dos juízes do Tribunal amanhã de manhã e os sacudiria até que seu dinheiro rolasse fora dos bolsos e seus ossos chocalhassem por baixo da pele. Arrancaria de alguém uma sentença, por meios decentes ou indecentes. Se você me desse poderes para fazer isso, eu o faria por você com a maior satisfação. (Durante todo este tempo o canarinho estivera a comer-lhe na mão.) — Agradeço-lhe, Lourenço, mas a questão está em tal fase atualmente — respondeu o Sr. Jarndyce, rindo — que dificilmente avançaria, mesmo pelo processo legal de sacudir os jurados e todo o Tribunal.

— Nunca houve na face da terra um caldeirão do inferno como esse Tribunal — disse o Sr. Boythorn. — Nada senão uma mina por baixo dele, num dia bem ocupado, em plena sessão, com todos os seus relatórios, regras e Precedentes reunidos, e todos os funcionários a ele pertencentes, superiores e inferiores, desde seu filho, o Contador Geral, até seu pai, o Diabo, e tudo reduzido a átomos, com dez mil toneladas de pólvora, poderia reformá-lo na menor coisa.

Era impossível não rir diante da gravidade enérgica com que ele recomendava esta forte medida reformadora. Quando rimos, jogou ele a cabeça para cima e sacudi o largo peito, e de novo toda a região pareceu

ecoar com o seu “Ah! ah! ah!”. Isso, porém, não produziu o menor efeito perturbador no pássaro, cujo sentido de segurança era completo, e que saltitava pela mesa, com sua viva cabecinha ora dum lado, ora doutro, virando os olhinhos brilhantes e ligeiros para seu dono, como se este não passasse também de um pássaro.

— Mas como vão você e seu vizinho a respeito daquela questão sobre um direito de caminho? — perguntou o Sr. Jarndyce. — Nem você está livre das canseiras da lei.

— O sujeito moveu ação de violação contra mim, e eu movi contra ele ação de violação. Ele é a mais orgulhosa de todas as criaturas vivas. É moralmente impossível que seu nome possa ser Sir Leicester. Devia ser Sir Lúcifer.

— São cumprimentos ao nosso parente afastado — disse meu tutor, rindo para Ada e Ricardo.

— Pediria perdão a Miss Clare e pediria perdão ao Sr. Carstone — continuou o nosso visitante —, se não estivesse tranquilizado pelo belo rosto da senhorita e pelo sorriso do cavalheiro, que me exprimem ser inteiramente desnecessário fazê-lo e que eles mantêm seu parente afastado a uma distância bastante agradável.

— Ou é ele que nos mantém assim — sugeriu Ricardo.

— Pela minha alma — exclamou o Sr. Boythorn, subitamente lançando outra salva —, aquele sujeito é, seu pai era e seu avô foi o palerma de pescoço mais teso, mais arrogante, mais imbecil, mais cabeçudo que, por algum inexplicável engano da Natureza, já nasceu em qualquer época da vida, a não ser um castão de bengala! Toda aquela família é formada dos idiotas mais solenemente convencidos e chapados. Mas não importa; nem que ele fosse cinquenta baronetes misturados num só e morando numa centena de Chesney Wolds, uns dentro dos outros, como as bolas de marfim de uma gravura chinesa, eu deixaria que ele fechasse meu caminho. O sujeito, por intermédio de seu agente ou secretário, ou lá o que for, escreve-me: “Sir Leicester Dedlock, baronete, apresenta seus cumprimentos ao Sr. Lourenço Boythorn, e chama sua atenção para o fato de que pela vereda verde, junto da velha casa paroquial, agora de propriedade do Sr. Lourenço Boythorn, o direito de passagem pertence a Sir Leicester, sendo, como é, parte do parque de Chesney Wold, razão pela qual Sir Leicester acha conveniente mandar fechar

o dito caminho.” Escrevo ao sujeito: “O Sr. Lourenço Boythorn apresenta seus cumprimentos a Sir Leicester Dedlock, baronete, e vem chamar sua atenção para o seguinte: nega totalmente todas as proposições de Sir Leicester Dedlock em todo e qualquer assunto possível, e tem a acrescentar, no que se refere ao fechamento da vereda, que terá prazer em ver o homem que estiver disposto a fazê-lo.” O sujeito despacha o mais descarado vilão, com um olho só, para fazer uma cancela. Divirto-me com uma mangueira de apagar incêndio à custa daquele execrável patife, até quase fazê-lo perder o fôlego. O sujeito levanta uma porteira durante a noite. Derrubo-a e queimo-a de manhã. Ele manda seus esbirros atravessarem a cerca, passando e tornando a passar. Apanho-os com armadilhas para gente, dou-lhes tiros nas pernas com ervilhas secas, jogo-lhes água com a mangueira, resolvido a libertar a humanidade da carga intolerável que é a existência daqueles refalsados bigorrilhas. Ele move uma ação de violação; eu movo uma ação de violação. Ele move ação por assalto e fuzilaria; eu a revido e continuo a assaltar e a atirar. Ah! ah! ah!

Ouvindo-o dizer tudo isso, com inigualável energia, poder-se-ia pensar que ele fosse a criatura humana mais colérica do mundo. Vê-lo, ao mesmo tempo, contemplando o passarinho, agora empoleirado no seu polegar, e alisando-lhes as penas com o dedo indicador, fazia pensar que estava ali a criatura mais delicada. Ouvi-lo rir e ver depois a larga cordialidade de seu rosto fazia supor que nenhum cuidado, nenhuma discussão, nenhum desgosto o aborrecesse, mas que toda a sua vida era uma brincadeira de verão.

— Não, não consinto — dizia ele — que Dedlock algum ouse fechar minhas estradas. Embora confesse de bom grado — e aqui amansou no mesmo instante — que Lady Dedlock é a dama mais prendada deste mundo, a quem eu prestaria qualquer homenagem que poderia prestar um cavalheiro autêntico e não um baronete com uma cabeça de setecentos anos de espessura. Um homem que se alistou no seu regimento aos vinte anos e, dentro de uma semana, desafiou o mais prepotente, presunçoso e pretensioso comandante que alguma vez aspirou o hálito da vida por meio dum peito estreito, e deu baixa por causa disso, não é homem para ser espezinhado por todos os Sir Lucíferes mortos ou vivos fechados ou não fechados. Ah! ah! ah!

— Nem homem para permitir que seu amigo mais novo tampouco seja espezinhado — disse o meu tutor.

— Por certo que não — disse o Sr. Boythorn, batendo-lhe no ombro,

com ar de proteção e um tanto sério, embora risse. — Estará sempre ao lado do menino fraco. Jarndyce, pode confiar em mim. Mas, a propósito dessa violação — e peço desculpas a Miss Clare e a Miss Summerson pela extensão que estou dando a assunto tão árido — não há nada para mim, mandado por aqueles sujeitos, Kenge e Corboy?

— Acho que não, não é, Ester? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Nada, tutor.

— Muito obrigado — disse o Sr. Boythorn. — Não havia mesmo necessidade de perguntar, depois da leve experiência que tenho do cuidado com que Miss Summerson nos cerca a todos. (Todos me animavam; estavam resolvidos a fazê-lo.) Pergunto, porque, vindo de Lincolnshire, eu ainda não havia estado na cidade e pensei que algumas cartas pudessem ter sido enviadas para cá. Posso garantir que amanhã de manhã eles relatarão algum progresso.

No decurso da noite, que correu tão agradável, vi-o contemplar Ricardo e Ada com um interesse e uma satisfação que tornavam seu belo rosto notavelmente agradável, quando se sentou a pequena distância do piano, ouvindo música (e não precisava dizer-nos que gostava apaixonadamente de música, pois seu rosto o mostrava), vi-o, digo, tantas vezes enlevado na contemplação do lindo par, que perguntei a meu tutor, quando nos sentamos à mesa de gamão, se o Sr. Boythorn já fora casado.

— Não — respondeu ele — não.

— Mas pretende casar-se?

— Como descobriu você isso? — perguntou ele com um sorriso.

— Ora, tutor — expliquei, não sem corar um pouco, arriscando-me a dizer o que pensava —, há qualquer coisa de tão terno em suas maneiras, e ele se mostra tão cortês e delicado conosco.

O Sr. Jarndyce dirigiu o olhar para o lado onde ele se achava, tal como eu o havia justamente descrito.

Nada mais acrescentei.

— Você tem razão, mulherzinha — respondeu ele. — Esteve quase a casar-se certa vez. Há muito tempo. E uma só vez.

— A moça morreu? — Não... mas para ele ela morreu. E aquilo teve influência mais tarde em toda a sua vida. Acha você que ele ainda tenha uma cabeça e um coração cheios de romance?

— Penso, tutor, que foi isso que supus. Mas é fácil agora afirmá-lo, depois do que o senhor me contou.

— Desde aquele tempo nunca mais foi o que poderia ter sido. E agora você o vê já idoso, sem ninguém a seu lado, a não ser o servo, e seu amiguinho amarelo. É a sua vez de jogar, meu bem.

Pelos modos do meu tutor, percebi que além deste ponto não podia eu estender o assunto sem provocar mudança do vento. Por isso evitei fazer quaisquer outras perguntas. Estava interessada, mas não curiosa. Durante a noite, pensava um pouco naquela velha história de amor, quando fui despertada pelo vigoroso ronco do Sr. Boythorn e tentei então fazer esta coisa bastante difícil: imaginar as pessoas velhas, jovens de novo, revestindo-as das graças da mocidade. Mas peguei no sono antes de poder fazê-lo e sonhei com os tempos em que vivia na casa de minha madrinha. Não estou suficientemente a par desses assuntos para saber se é mesmo extraordinário que eu quase sempre sonhe com aquele período da minha vida.

Pela manhã chegou uma carta dos Srs. Kenge e Carboy para o Sr. Boythorn, informando-o de que um de seus escreventes o procuraria à tarde. Como era o dia da semana em que eu deveria pagar as contas, somar os livros e resolver tanto quanto possível os negócios da casa, não saí enquanto o Sr. Jarndyce, Ada e Ricardo aproveitavam o belo dia para dar uma volta. O Sr. Boythorn tinha de esperar o escrevente de Kenge e Carboy e depois ir a pé ao encontro deles, ao regressarem.

Pois bem, estava eu atarefadíssima, examinando cadernetas de comerciantes, somando colunas de números, efetuando pagamentos, enchendo recibos, enfim, numa azáfama extrema, quando o Sr. Guppy foi anunciado e apareceu. Tivera alguma ideia de que o tal escrevente podia ser o rapaz que fora ao meu encontro no escritório da diligência, e fiquei satisfeita ao vê-lo, porque ele estava ligado à minha atual felicidade.

De uma elegância tão fora do comum se apresentou ele, que quase não o reconheci. Usava uma roupa inteiramente nova de pano acetinado, um chapéu lustroso, luvas de couro de cabrito lilases, uma gravata de cores variegadas, uma enorme flor de estufa na lapela e um grosso anel de ouro no dedo

mínimo. Além disso, quase encheu a sala com o cheiro de brilhantina e de outros cosméticos. Olhou para mim com uma atenção que quase me perturbou, quando o convidei a sentar-se, até que o criado voltasse. E quando se sentou a um canto, cruzando e descruzando as pernas, e lhe perguntei se fizera uma viagem agradável e lhe disse que esperava que o Sr. Kenge estivesse de boa saúde, não olhei uma só vez para ele, mas surpreendi-o a olhar para mim da mesma forma curiosa e investigadora.

Quando vieram dizer-lhe que subisse até o quarto do Sr. Boythorn, avisei-o de que haveria um almoço para ele quando descesse, e que o Sr. Jarndyce esperava que ele o aceitasse. Com algum embaraço, disse ele, pegando na maçaneta da porta: — Terei a honra de encontrá-la aqui, senhorita? — Respondi que sim, que estaria ali, e ele saiu, fazendo uma curvatura e lançando-me outro olhar.

Pensei que ele fosse apenas canhestro e tímido, pois estava visivelmente embaraçado, e imaginei que a melhor coisa que eu poderia fazer era esperar para ver se ele tinha tudo quanto desejasse, e depois deixá-lo entregue a si mesmo. O almoço não demorou a vir, mas permaneceu por algum tempo em cima da mesa. A entrevista com o Sr. Boythorn foi longa e, também, tempestuosa, poderia eu imaginar, pois, embora seu quarto estivesse a certa distância, ouvi de vez em quando sua voz reboar como uma ventania forte, a soprar verdadeiras descargas de acusações.

Por fim voltou o Sr. Guppy, parecendo ainda em pior situação por causa da conferência. — Palavra de honra, senhorita — disse ele em voz baixa —, esse homem é um alarve.

— Tenha a bondade de aceitar alguma coisa, senhor — disse eu.

O Sr. Guppy sentou-se à mesa e começou nervosamente a amolar o trinchante no garfo, olhando ainda para mim (o que percebi sem olhar para ele) da mesma forma insólita. A amolação da faca demorou tanto que, afinal, senti que era uma espécie de obrigação minha levantar os olhos a fim de quebrar o encanto sob o qual ele parecia agir, ou do qual parecia incapaz de libertar-se.

Olhou imediatamente para o prato e começou a trincar.

— E a senhorita que vai aceitar? Não quer um pedaço de qualquer coisa?

— Não, obrigada.

— Não aceita de modo nenhum um pedaço de qualquer coisa, senhorita?
— perguntou o Sr. Guppy, bebendo apressadamente um copo de vinho.

— Não, nada, obrigada. Esperei apenas para ver se o senhor não desejava mais alguma coisa. Haverá alguma coisa em que eu possa servi-lo?

— Não, estou-lhe muito agradecido senhorita. Tenho aqui tudo quanto poderia desejar para me sentir confortado... pelo menos eu... confortado, não... nunca me sinto tal... — e virou mais dois copos de vinho, um depois do outro.

Achei melhor retirar-me.

— Peço-lhe perdão, senhorita — disse o Sr. Guppy, levantando-se, quando me viu levantar. — Mas poderia conceder-me o favor de um minuto de conversa particular?

Não sabendo o que responder, sentei-me de novo.

— O que se segue não há de trazer nenhum dano, senhorita — declarou o Sr. Guppy, puxando nervosamente uma cadeira para o lado da minha mesa.

— Não compreendo o que o senhor quer dizer — respondi, admirada.

— É uma de nossas expressões forenses, senhorita. Não deverá fazer nenhum uso disso, em detrimento meu, junto a Kenge e Carboy ou mais alguém. Se nossa conversa não conduzir a nada, tudo deverá ficar como dantes, e não terei de ser prejudicado em minha posição ou em meus projetos mundanos. Em resumo, é uma confiança absoluta.

— Não consigo de modo algum imaginar o que o senhor possa ter para comunicar-me em confiança absoluta, a mim a quem nunca viu, a não ser uma vez. Muito lamentaria, porém, causar-lhe qualquer dano.

— Obrigado, senhorita. — Estou certo de que... de que isso é suficiente. — Durante todo esse tempo o Sr. Guppy ora estava alisando a testa com o lenço, ora esfregando rijamente a palma da mão direita na palma da mão esquerda. — Se a senhorita quisesse desculpar-me o beber eu outro copo de vinho, penso que isso seria de grande auxílio para que eu pudesse continuar sem esse contínuo choque, que não pode deixar de ser desagradável para nós ambos.

Bebeu e voltou de novo. Aproveitei a oportunidade para colocar-me bem por trás da mesa.

— Não consente que lhe ofereça um copo, senhorita? — perguntou o Sr. Guppy, aparentemente mais à vontade.

— Não, nenhum.

— Nem meio copo? Um quarto apenas? Não? Então prossigamos. Meus atuais honorários, Miss Summerson, no escritório de Kenge e Carboy são duas libras por semana. Quando tive a felicidade de ver a senhorita pela primeira vez, eram uma libra e quinze xelins, e tinham ficado nessa quantia durante prolongado período. Um aumento de cinco xelins se verificou então e posterior aumento de cinco já está garantido ao expirar dum prazo não excedente de doze meses, a partir da presente data. Minha mãe possui uma pequena propriedade em forma de pequena anuidade vitalícia, vivendo assim de maneira independente, conquanto modesta, na Estrada da Rua Velha. É o tipo da mulher indicada para sogra. Nunca se mete em coisa alguma, é toda pela paz e de bom gênio. Tem suas fraquezas (quem não as tem?) mas nunca a vi cometê-las em público. Em qualquer tempo pode a senhorita confiar-lhe livremente vinhos, licores e cervejas. Quanto a mim, moro numa pensão na Praça Penton, em Pentonville. É baixa, mas arejada, de acesso livre por trás e considerada um dos lugares mais saudáveis. Miss Summerson, na mais meiga das linguagens, eu a adoro. Quer ter a bondade de permitir que eu (se assim posso dizer) formule uma declaração... e faça uma oferta?

O Sr. Guppy caiu de joelhos. Eu estava bem resguardada por trás da mesa e não muito espantada. — Levante-se — disse-lhe eu — imediatamente dessa posição ridícula, senhor, ou me obrigará a quebrar a promessa que lhe fiz e tocar a campainha!

— Ouça-me, senhorita! — exclamou o Sr. Guppy, cruzando as mãos.

— Não posso consentir em ouvir mais uma palavra sequer, senhor — respondi —, a menos que se levante imediatamente de cima do tapete e vá sentar-se à mesa, como devia fazer se tivesse algum juízo.

Olhou para mim com aspecto lastimoso, mas ergueu-se depressa e fez como mandei.

— Contudo, senhorita, é uma verdadeira zombaria — disse ele, com a mão em cima do coração, e sacudindo a cabeça para mim de maneira melancólica, por cima da bandeja — estar parado por trás de qualquer alimento num tal passo. A alma refoge da comida num instante destes,

senhorita.

— Peço-lhe que termine — disse eu. — Pediu-me que o ouvisse, e portanto peço-lhe que acabe o que tinha que dizer.

— Concluirei, senhorita. Da mesma forma que amo e honro, obedecerei. Dar-se-ia que eu pudesse fazer de sua pessoa o objeto de um voto perante o altar?

— Isso é completamente impossível e nem pode ser objeto de discussão.

— Estou certo — disse o Sr. Guppy, inclinando-se para a frente, por cima da bandeja e olhando para mim, à medida que eu ia de novo tendo uma sensação estranha, conquanto meus olhos não estivessem voltados para ele, diante daquele seu olhar solícito —, estou certo de que, dum ponto de vista mundano e de acordo com todas as aparências, meu oferecimento é uma pobre coisa. Mas, Miss Summerson! Meu anjo!... Não, não toque a campainha... Eu fui educado numa dura escola e estou acostumado a uma prática geral bem variada. Apesar de moço, tenho esmiuçado provas, suscitado causas e visto muitas vidas. Abençoado pela sua mão, que meios não descobrirei para fazer progredir seus interesses e aumentar sua fortuna! Que não faria eu para conhecer quase tudo o que lhe diz respeito! Agora nada sei, é certo; mas que não poderia eu fazer se gozasse de sua confiança e do seu estímulo?

Respondi-lhe que ele se dirigia ao meu interesse, ou ao que ele supunha ser meu interesse de uma forma tão infeliz como se dirigira à minha inclinação e que deveria agora, por obséquio, retirar-se imediatamente.

— Senhorita cruel, escute apenas mais uma palavra! Penso que deve ter visto que fiquei ferido pelos seus encantos naquele dia em que a esperei em Whytorseller. Penso que deve ter notado que não pude deixar de prestar uma homenagem àqueles encantos, quando levantei os degraus do carro. Era um fraco tributo a você, mas era bem-intencionado. Sua imagem ficou desde então gravada dentro do meu peito. Andei de um lado para outro uma noite, diante da casa de Jellyby, apenas para olhar os tijolos por trás dos quais uma vez você se abrigou. Esta vinda aqui hoje, completamente desnecessária no que se refere ao serviço, e que apenas serviu de pretexto, foi planejada por mim só e só por sua causa. Se falo de interesse, é apenas para recomendar-me e recomendar minha respeitável miséria. O amor antepunha-se a ele e se antepõe ainda.

— Sentir-me-ia pesarosa, Sr. Guppy — disse eu, levantando-me e pegando na corda da campainha —, de fazer ao senhor ou a qualquer outra pessoa que fosse sincera a injustiça de menoscabar qualquer sentimento honesto, ainda que desagradavelmente expresso. Se o senhor realmente tenciona dar-me uma prova de sua boa opinião, conquanto em má hora e fora de propósito, sinto que devo agradecer-lhe. Tenho muito poucos motivos para ser orgulhosa e não sou orgulhosa. Espero — penso que acrescentei isso sem saber muito bem o que dizia — que o senhor se retire, como se nunca se houvesse mostrado tão louco, e cuide dos negócios dos Srs. Kenge e Carboy.

— Meio minuto, senhorita! — gritou o Sr. Guppy, fazendo-me parar quando eu estava a ponto de tocar a campainha. — Sem nenhuma ofensa, não é?

— Jamais mencionarei o que ocorreu, a não ser que de futuro o senhor me dê ocasião de fazê-lo.

— Um quarto de minuto, senhorita! No caso de a senhorita pensar melhor — em qualquer tempo, por mais distante que seja, pouco importa, pois meus sentimentos jamais se alterarão — a respeito de tudo quanto disse, particularmente do que não pude dizer, basta... Sr. Guilherme Guppy, Praça Penton, 87, ou se me tiver mudado ou houver morrido (de esperanças frustradas ou coisa semelhante) aos cuidados da Sra. Guppy, Estrada da Rua Velha, 302, Toquei a campainha, a criada veio, e o Sr. Guppy, deixando seu cartão de visita em cima da mesa e fazendo uma inclinação desalentada, partiu. Erguendo os olhos quando ele saiu, vi-o mais uma vez a olhar para mim depois de haver transposto a porta.

Fiquei ali sentada uma hora ou mais, acabando de pôr em dia meus livros de contas e pagamentos, e resolvendo uma porção de negócios. Depois arrumei minha escrivaninha, guardei tudo e senti-me tão sossegada e alegre que pensei haver esquecido completamente o inesperado incidente. Mas, quando subi as escadas para meu quarto, vi que estava rindo do caso, e depois mais me surpreendi ainda por ter começado a chorar por causa daquilo. Em resumo, senti-me confusa por alguns instantes, e fiquei comovida como se uma velha corda houvesse sido mais rudemente tocada do que o fora desde os dias da velha e querida boneca, há tanto tempo enterrada no jardim.

O COPISTA FORENSE

Nos limites orientais do Beco do Tribunal, ou para falar mais especificadamente, na Rua Cursitor, no Largo do Cozinheiro, o Sr. Snagsby, copista-papeleiro, continua sua profissão legal. A sombra do Largo do Cozinheiro, na maior parte do tempo lugar bastante sombrio, o Sr. Snagsby tem comerciado com todas as espécies de fórmulas em branco de processos legais; com peles e rolos de pergaminho; com papel — de 35 x 43, de memorial, de minuta, pardo, branco, pardo esbranquiçado e mata-borrão; com estampilhas; com cálamos, penas, tinta, borracha, areeiro, alfinetes, lápis, lacre e obreias; com fita vermelha e com fita verde; com cadernetas de bolso, almanaques, diários e anuários jurídicos; com rolos de cordão, réguas, tinteiros — de vidro e de chumbo —, canivetes, tesouras, furadores e outros objetos de cutelaria para escritório: em resumo, com artigos demasiado numerosos para serem mencionados, desde que ele atingira a maioridade e se associara com Peffer. Nessa ocasião, o Largo do Cozinheiro foi, de certo modo, revolucionado pela nova inscrição, de tinta fresca, peffer e snagsby, substituindo a legenda antiga, respeitável e não facilmente decifrável, Peffer, sem mais nada, porque a fumaça, que é a hera de Londres, havia-se enroscado de tal maneira em torno do nome de Peffer e de tal maneira se havia agarrado à sua residência, que o carinhoso parasita sobrepujara inteiramente a árvore materna.

Nunca se encontra agora Peffer no Largo do Cozinheiro. Não é esperado ali, porque jaz, durante este quarto de século, no adro de Santo André, em Holborn, com os bagageiros e carroças passando rumorosamente a seu lado o dia inteiro e metade da noite, como um dragão imenso. Se alguma vez se escapole, quando o dragão está em repouso, para tomar ar de novo no Largo do Cozinheiro, até que o canto do sanguíneo galo no porão da pequena leiteria da Rua Cursitor o advirta que é hora de recolher de novo — dessa Rua Cursitor, cujas ideias à luz do dia seria curioso averiguar, uma vez que ele,

por observação pessoal, quase nada sabe a seu respeito — se Peffer alguma vez torna a visitar os pálidos reflexos do Largo do Cozinheiro (o que nenhum copista no comércio de papéis forenses pode positivamente negar), ele chega invisivelmente, e ninguém ganha nem perde.

Durante sua vida e igualmente no período de sete longos anos de aprendizado de Snagsby, ali vivia com Peffer, no mesmo local da papelaria, uma sobrinha, baixa e sagaz, de cintura violentamente comprimida, com um nariz pontudo, tendendo a gelar-se na extremidade. Os moradores do Largo do Cozinheiro boquejavam entre si que a mãe daquela moça, na meninice da filha, movida pelo extremado desejo de que o corpo dela se aproximasse o mais possível da perfeição, esticava-lhe os cordões do espartilho, apoiando o pé maternal na coluna da cama, para maior firmeza e, além disso, que ela ingeria pintas de vinagre e suco de limão, ácidos esses, afirmavam, que haviam subido ao nariz e ao temperamento da paciente. Seja qual for das muitas línguas do boato a que deu origem a essa frívola história, nunca ela chegou aos ouvidos do jovem Snagsby, que, tendo cortejado e depois conquistado a sua linda aspiração, ao chegar à maioridade, entrou em duas sociedades ao mesmo tempo. De modo que agora, na Rua Cursitor, no Largo do Cozinheiro, o Sr. Snagsby e a sobrinha são uma só pessoa; e a sobrinha ainda cuida com carinho de seu corpo, o qual, quaisquer que sejam as diferenças de gosto, é inquestionavelmente tão precioso, que resta muito pouco dele.

O Sr. e a Sra. Snagsby são não somente um só osso e uma só carne, mas, no pensar dos vizinhos, também uma só voz. Essa voz, que parece provir apenas da Sra. Snagsby, é ouvida muitas vezes no Largo do Cozinheiro. O Sr. Snagsby, que outra coisa não pode fazer senão exprimir-se por meio daqueles harmoniosos sons, raramente é ouvido. É um homem manso, tímido e calvo, duma calva brilhante, com um ralo feixe de cabelos pretos repontando na nuca. Tem tendência à docilidade e à obesidade. De pé, à sua porta no Largo do Cozinheiro, com seu casaco cinzento de serviço e mangas de pano de algodão pretas, de vista erguida para as nuvens, ou por trás de uma escrivaninha na sua escura loja, com uma pesada régua chata, cortando e recortando folhas de pergaminho em companhia de seus dois aprendizes, é categoricamente um homem retraído e modesto. Debaixo de seus pés, em tais ocasiões, como de um gemente fantasma inquieto em sua cova, irrompem frequentemente queixas e lamentações na voz já mencionada, e quando por

acaso, em certas ocasiões, aquelas atingem um grau de elevação mais agudo do que o habitual, o Sr. Snagsby diz para os aprendizes: “Acho que minha mulherzinha está dando uma lição a Guster.”

Este nome próprio assim usado pelo Sr. Snagsby tinha antes dado tratos à sagacidade dos moradores do Largo do Cozinheiro, que achavam que devia ser o nome da Sra. Snagsby, merecedora de ser assim denominada com grande força e expressão, em homenagem ao seu gênio tempestuoso.¹ A dona desse nome, porém, única coisa que ela possui, à exceção de cinquenta xelins por ano e um bauzinho cheio de peças de roupa ordinária, é uma moça magra, ex-operária duma fábrica (que alguns supõem ter sido batizada com o nome de Augusta), que, embora tivesse sido tratada ou contratada durante o período de seu crescimento por um amável benfeitor da própria espécie, residente em Tooting, e não possa deixar de ter-se desenvolvido sob as circunstâncias mais favoráveis, “tem desmaios”, coisa que o pessoal da freguesia não sabe explicar.

Guster, na verdade com vinte e três ou vinte e quatro anos, mas parecendo bem ser dez anos mais velha, perde com essa inexplicável desvantagem dos desmaios, e tão temerosa vive de voltar a cair nas mãos de seu santo patrono, que, exceto quando sua cabeça se encontra no balde, na pia, no tacho, na louça de jantar, ou no que aconteça estar perto dela quando lhe vem a macacoa, está sempre a trabalhar. É uma satisfação para os pais e tutores dos aprendizes verem que há pouco perigo de que ela inspire sentimentos ternos nos corações dos moços. Causa também satisfação à Sra. Snagsby poder descobrir-lhe sempre algum defeito, e ao Sr. Snagsby pensar que é um ato de caridade conservá-la no seu serviço. O estabelecimento do comerciante de papéis forenses é, aos olhos de Guster, um templo de fartura e de esplendor. Acredita que o salãozinho lá de cima, sempre conservado, como se diria, com o cabelo em papélotes e de avental, é o aposento mais elegante da cristandade. Considera a vista que dele se descortina, num extremo, do Largo do Cozinheiro (para não citar um trecho de esguelha da Rua Cursitor) e no outro, do quintal do oficial de justiça de Coavinses, como uma perspectiva de beleza inigualável. Os retratos a óleo — e também cheios de óleo — que nele se exibem, do Sr. Snagsby olhando para a Sra. Snagsby e da Sra. Snagsby olhando para o Sr. Snagsby, são para seus olhos obras-primas de Rafael ou Ticiano. Guster goza de algumas recompensas em troca de suas muitas privações.

O Sr. Snagsby entrega tudo, exceto os mistérios práticos do negócio, à Sra. Snagsby. Ela maneja o dinheiro, briga com os cobradores de impostos, marca as horas e lugares de devoção aos domingos, consente nas diversões do Sr. Snagsby e não assume a responsabilidade do que acha conveniente aprontar para o jantar; a tal ponto é ela considerada como elevado padrão de confronto entre as mulheres da vizinhança, por ambos os lados de todo o beco do Tribunal e mesmo fora, em Holborn, que, em qualquer briga doméstica, chamam habitualmente a atenção de seus maridos para a diferença entre a posição delas (mulheres) e a da Sra. Snagsby, e a conduta deles (maridos) e a do Sr. Snagsby. O boato, sempre a voar, como um morcego, pelo Largo do Cozinheiro e deslizando para dentro e para fora de todas as janelas, diz que a Sra. Snagsby é ciumenta e curiosa e que o Sr. Snagsby se sente mais do que farto de sua casa e de seu lar e que, se tivesse até mesmo o espírito de um ratinho, não o suportaria. Observa-se mesmo que as mulheres que o citam aos seus obstinados maridos como um brilhante exemplo na realidade o desprezam, e que ninguém faz isso com maior arrogância do que certa dona, em particular, cujo marido é mais do que suspeitado de baixar seu guarda-chuva nas costas dela, como instrumento de correção. Mas esses vagos mexericos podem derivar da circunstância de ser o Sr. Snagsby, a seu modo, um homem um tanto meditativo e poético, gostando de passear em Staple Inn no verão e de verificar como são rústicas as folhas e os pardais, e de vaguear por Rolls Yard numa tarde de domingo, observando (se está de bom humor) que houve velhos tempos outrora e persuadido de que, se cavásseis, descobriríeis um ou dois ataúdes de pedra agora, embaixo daquela capela. Conforta sua imaginação, também, pensando nos numerosos chanceleres e vice-chanceleres e arquivistas-mores já mortos. E acha tal sabor no campo, só de contar aos aprendizes como ouviu dizer que um regato “claro como cristal” outrora corria justamente pelo meio de Holbom, quando Torniquete (Tumstile) era realmente um torniquete, conduzindo de repente para os campos — acha, digo, com isso tal sabor no campo, que nunca deseja ir até lá.

O dia está findando e a luz do gás acesa, mas não ilumina ainda plenamente, porque não está de todo escuro. Estando o Sr. Snagsby de pé à porta de sua loja, a olhar para as nuvens, vê um corvo retardatário, deslizando na direção do oeste, sobre a nesga de céu que pertence ao Largo do Cozinheiro. O corvo voa direto, através do beco do Tribunal e do jardim de Lincoln's Inn, na direção dos Campos de Lincoln's Inn.

Aqui, numa vasta casa antigamente nobre, mora o Sr. Tulkinghorn. Está dividida agora em quartos de aluguel, e naqueles reduzidos fragmentos de sua grandeza vivem advogados, como vermes em nozes. Mas suas amplas escadas, corredores e antecâmaras ainda permanecem e mesmo seus forros pintados, onde a Alegoria, de capacete romano e vestes celestiais, se estende horizontalmente entre balaustradas e pilares, flores, nuvens e meninos de pernas compridas, e produz dor de cabeça — parecendo ser sempre este mais ou menos o objeto da Alegoria. Aqui, entre suas numerosíssimas caixas, marcadas de nomes transcendentais, mora o Sr. Tulkinghorn, quando não silenciosamente à vontade nas casas de campo, onde os grandes da terra vivem quase mortos de tédio. Aqui está ele hoje, quieto, à sua mesa. Uma ostra da velha escola, que ninguém pode abrir.

Na penumbra dessa tarde, sua sala tem o mesmo aspecto que ele. Bolorenta, fora de moda, sem despertar a atenção, mas capaz de fazê-lo. Rodeiam-no pesadas cadeiras de mogno e de crina, de largos espaldares à moda antiga, não muito fáceis de levantar, mesas antiquadas com pernas em forma de fusos e panos de baeta empoeirados, gravuras de brindes com retratos dos possuidores de grandes títulos da última geração ou da penúltima. Um espesso e sujo tapete turco cobre o soalho, no lugar onde ele está sentado, alumiados por duas velas em antigos castiçais de prata, que dão claridade insuficiente para aquela sua vasta sala. Os títulos nas lombadas de seus livros sumiram da encadernação. Tudo quanto pode ter um ferrolho tem um. Mas não se vê uma só chave. Muito poucos papéis esparsos se veem por ali. Tem junto de si um manuscrito, mas não lhe dá atenção. Com a extremidade redonda de um tinteiro e dois pedaços partidos de lacre, trabalha silenciosa e lentamente, elaborando qualquer corrente de indecisão que lhe vai pelo espírito. Ora a extremidade do tinteiro está no meio, ora o pedaço vermelho de lacre, ora o pedaço preto. Não é isso. O Sr. Tulkinghorn tem de reuni-los todos de novo e começar mais uma vez.

Aqui, sob o forro pintado, com a Alegoria esboçada, a olhar para baixo diante daquela intrusão, como se quisesse descer rapidamente sobre ele, sem que ele lhe dê atenção, o Sr. Tulkinghorn tem ao mesmo tempo sua casa e seu escritório. Não tem empregados. Apenas um homem de meia-idade, de mangas um tanto puídas, que se senta num alto estrado à entrada e raramente está sobrecarregado de serviço. A posição do Sr. Tulkinghorn não é comum. Não necessita de escreventes. É um grande reservatório de confidências,

donde não se pode extrair nada. Seus clientes precisam dele. É único para tudo. Minutas que ele requer sejam extraídas são extraídas por advogados especiais do Temple, sob instruções misteriosas; cópias livres que ele requer sejam feitas, são feitas pelas copistas, sem se olhar a despesa. O homem de meia-idade que está sentado sobre aquele estrado conhece pouco mais dos negócios da nobreza do que qualquer limpa-chaminés em Holborn.

O pedaço vermelho, o pedaço preto, a boca do tinteiro, a outra extremidade do tinteiro, o pequeno areeiro. Com efeito! Você no meio, você à direita, você à esquerda. Essa indecisão deve ser liquidada agora ou nunca. Pronto! O Sr. Tulkinghorn levanta-se, ajeita os óculos, põe o chapéu, mete o manuscrito no bolso, sai, diz ao homem de meia-idade e de mangas puídas: “Não me demorarei.” Bem raramente lhe diz qualquer coisa mais explícita.

O Sr. Tulkinghorn segue quando o corvo chega — não muito diretamente, mas quase — para a Rua Cursitor, no Largo do Cozinheiro. Dirige-se à loja de Snagsby, copista-papeleiro. Passam-se a limpo e copiam-se escrituras, cópias de autos de todos os gêneros *etc. etc. etc.*

São quase cinco ou seis horas da tarde, e um cheiro balsâmico de chá quente paira no Largo do Cozinheiro. Paira em redor da porta de Snagsby. Tudo ali é cedo; jantar à uma e meia e ceia às nove e meia. O Sr. Snagsby estava prestes a descer as regiões subterrâneas para tomar chá quando olhou da porta de sua loja, justamente na ocasião em que passava o corvo retardatário.

— O patrão está em casa?

Guster está tomando conta da loja, pois os aprendizes tomam chá na cozinha com o Sr. e a Sra. Snagsby. Por isso as duas filhas do alfaiate, penteando o cabelo diante de dois espelhos, nas duas janelas do segundo andar da casa fronteira, não estão distraindo os dois aprendizes, como carinhosamente supõem, mas estão despertando simplesmente admiração inútil do Guster, cujo cabelo não quer crescer e — aqui muito à pureza — nunca crescerá.

— O patrão está em casa? — pergunta o Sr. Tulkinghorn.

O patrão está em casa, e Guster irá chamá-lo. Guster desaparece, alegre por sair da loja, que ela olha com um misto de temor e veneração, como um armazém dos terríveis utensílios da grande tortura da lei — lugar onde não se

deve entrar depois do gás apagado.

O Sr. Snagsby aparece — untuoso, caloroso, herbáceo e mastigante. Engole um pedaço de pão com manteiga. Diz: — Benza-me Deus! O Sr. Tulkinghorn!

— Uma meia palavrinha com o Sr. Snagsby.

— Com todo o prazer. Meu caro senhor, por que não mandou seu empregado chamar-me? Tenha a bondade de entrar cá para dentro, senhor.

Num instante Snagsby se mostra muito contente.

O quarto retirado, saturado do cheiro de gordura de pergaminho, é, ao mesmo tempo, depósito, escritório e cartório. O Sr. Tulkinghorn senta-se num tamborete, diante da mesa.

— “Jarndyce e Jarndyce”, Snagsby.

— Sim, senhor. — O Sr. Snagsby aumenta a luz do gás e tosse por trás da mão, prevendo modestamente o lucro. O Sr. Snagsby, como homem tímido, está acostumado a tossir, com grande variedade de expressões, poupando assim as palavras.

— O senhor copiou para mim algumas certidões nessa causa recentemente.

— Sim, senhor, copiamos.

— Há uma delas — diz o Sr. Tulkinghorn apalpando descuidadamente (impermeável e fechada ostra da velha escola!) o bolso, mas não o que queria, do casaco — cuja letra é característica e de que gostei. Como aconteceu passar eu por aqui e pensasse tê-la comigo no bolso, entrei para perguntar-lhe. Mas não a encontro. Não tem importância. Noutra qualquer ocasião servirá. Ah! aqui está! Entrei para perguntar-lhe quem copiou isto.

— Quem copiou isto, senhor? — diz o Sr. Snagsby, tomando a cópia, estendendo-a em cima da escrivaninha, e separando todas as folhas imediatamente com uma viravolta e uma torção da mão esquerda, características dos copiadores de autos. — Distribuímos esta, senhor. Estivemos distribuindo uma quantidade bem grande de serviço justamente naquela ocasião. Posso dizer-lhe num instante quem copiou isto, senhor, verificando no meu livro.

O Sr. Snagsby tira seu livro do cofre, engole de novo o pedaço de pão com manteiga, que parecia haver parado no meio da garganta, mira a certidão ao lado e corre o indicador da mão direita pela página do livro. “Jewby — Packer — Jarndyce.”

— Jarndyce! Aqui estamos, senhor — diz o Sr. Snagsby. Pois não! Podia ter-me lembrado logo. Foi distribuída a um escrevente que mora justamente do lado de lá do beco.

O Sr. Tulkinghorn viu a entrada, encontrou-a antes do papaleiro, leu-a enquanto o dedo vinha baixando pela coluna.

— Como é que o senhor o chama? — Nemo? — pergunta o Sr. Tulkinghorn.

— Nemo, sim, senhor. Aqui está. In-fólio quarenta e dois. Entregue na quarta-feira à noite, às oito horas. Trazido na quinta-feira de manhã, às nove e meia.

— Nemo! — repete o Sr. Tulkinghorn. — Nemo é latim e quer dizer ninguém.

— Deve ser inglês e quer dizer alguém, penso eu, senhor — explica o Sr. Snagsby, com sua tosse condescendente. — É nome de pessoa. Aqui está. Veja, senhor! In-fólio quarenta e dois. Distribuído na quarta-feira à noite, às oito horas; trazido na quinta-feira de manhã, às nove e meia.

O rabo do olho do Sr. Snagsby nota a cabeça da Sra. Snagsby olhando para dentro, lá da porta da loja, para saber o que o fizera desertar do seu chá. O Sr. Snagsby dirige uma tosse explicativa à Sra. Snagsby, como quem dissesse: “Minha querida, é um freguês!”

— Às nove e meia, senhor — repete o Sr. Snagsby. — Nossos escreventes, que ganham por tarefa, são uma gente curiosa, e esse pode não ser o nome dele, mas é o nome que usa. Lembro-me agora, senhor, que ele deu esse nome num aviso escrito e pregado no Escritório da Ordem, no Escritório do Tribunal do Rei, na Câmara dos Juizes e assim por diante. O senhor sabe que espécie de documento é oferecimento de emprego. O Sr. Tulkinghorn lança um olhar através da janelinha para o quintal do delegado de Coavinses, onde luzes brilham nas janelas de Coavinses. A sala de café de Coavinses está atrás, e as sombras de vários cavalheiros, debaixo de uma nuvem, aparecem indistintamente nos vidros das janelas. O Sr. Snagsby

aproveita a oportunidade para voltar ligeiramente a cabeça, lançar de esguelha um olhar para sua mulherzinha e fazer movimentos escusatórios com a boca, significando: “Tulking-horn... rico... in-flu-en-te!”

— Já havia dado antes trabalho a esse homem? — pergunta o Sr. Tulkinghorn.

— Oh, decerto, sim, senhor! Trabalho do senhor mesmo.

— Com o pensamento em assuntos mais importantes, esqueci onde o senhor disse que ele morava.

— Do lado de lá do beco, senhor. Na verdade, mora numa... — O Sr. Snagsby faz de novo por engolir, como se o pedaço de pão com manteiga fosse quase indeglutível — numa loja de trapos e garrafas.

— Como vou voltar, quer mostrar-me o lugar?

— Com o maior prazer, senhor!

O Sr. Snagsby tira as mangas e o casaco cinzento, veste o casaco preto, tira o chapéu do cabide. — Oh! — exclama ele em voz alta — aqui está minha mulherzinha! Meu bem, quer ter a bondade de dizer a um dos rapazes para tomar conta da loja, enquanto eu atravesso o beco com o Sr. Tulkinghorn? A Sra. Snagsby, senhor. — Não demorarei nem dois minutos, querida!

A Sra. Snagsby faz uma vênica ao advogado, retira-se para trás do balcão, espreita-os através da rótula da janela, vai de leve até o escritório, revista as entradas no livro que ainda se conserva aberto. Está evidentemente curiosa.

— O senhor vai achar o lugar bem ruim — diz o Sr. Snagsby, caminhando com toda a deferência pela rua, e deixando o passeio estreito para o advogado — e a gente bastante grosseira. Mas, em geral, são assim mesmo. A vantagem desse tal homem é que nunca precisa dormir. Fica desperto o tempo que o senhor quiser, por demorado que seja.

Está completamente escuro agora e os lampiões de gás atingiram seu efeito completo. Acotovelando empregados que iam deitar no correio as cartas do dia, procuradores e advogados que regressavam a casa para o jantar, querelantes e demandados e litigantes de toda a espécie e a multidão em geral, em cujo caminho a sabedoria forense das idades interpôs um milhão de obstáculos às transações dos negócios mais comuns da vida — mergulhando

através da lei e da equidade e daquele mistério afim, a lama das ruas, que é feita de ninguém sabe o quê, e se junta em torno de nós ninguém sabe donde nem como; conhecendo nós apenas, em geral, que, quando há muita, é necessário retirá-la com uma pá — e o advogado e o escrivão chegaram a uma loja de trapos e garrafas, e empório geral das mais desencontradas mercadorias, situada à sombra do muro de Lincoln's Inn, e mantida, como está anunciado na tabuleta, para todos aqueles a quem interessar, por um tal Krook.

— É aqui que ele mora, senhor — disse o copista e papeleiro forense.

— É aqui então que ele mora? — pergunta o advogado com indiferença.
— Obrigado.

— Não vai entrar, senhor?

— Não, obrigado, não vou. Tenho de ir agora até os Campos. Boa noite.
Obrigado!

O Sr. Snagsby ergue o chapéu e volta para o lado de sua mulherzinha e para o seu chá.

Mas o Sr. Tulkinghorn não vai agora para os Campos. Caminha um pouco, volta, chega de novo diante da loja do Sr. Krook e nela entra. Está bastante escuro, com uma vela fumarenta ou coisa parecida nas janelas, e um velho com uma gata, sentado no fundo, junto ao fogo. O velho levanta-se e adianta-se, com outra vela fumarenta na mão.

— Seu inquilino está, por obséquio?

— Macho ou fêmea, senhor? — pergunta o Sr. Krook.

— Macho. O sujeito que faz cópias.

O Sr. Krook mirou com minuciosa atenção o homem. Conhece-o cie vista. Tem uma impressão um tanto vaga de sua reputação aristocrática.

— Deseja vê-lo, senhor?

— Sim.

— É o que eu mesmo raramente consigo — diz o Sr. Krook, fazendo uma careta. — Quer que o chame aqui embaixo? Mas há muito pouca probabilidade de que ele venha, senhor.

— Então subirei para ir ter com ele — diz o Sr. Tulkinghorn.

— No segundo andar, senhor. Leve a vela. Lá em cima. — O Sr. Krook, com a gata ao lado, fica no pé da escada, acompanhando com a vista o Sr. Tulkinghorn. — Ih! ih! — diz ele, quando o Sr. Tulkinghorn está prestes a desaparecer. O advogado olha para baixo por cima do corrimão. A gata escancara a bocarra e produz um resmungo.

— Quietinha, Lady Jane! Comporte-se diante das visitas, minha senhora! Sabe o que dizem do meu inquilino — cochicha Krook, subindo um ou dois degraus.

—Que é que dizem dele?

—Dizem que ele se vendeu ao Inimigo. Mas eu e você sabemos mais — ele não compra. Eu contarei a você o quê; porém meu inquilino é de humor tão negro e tão lúgubre que acredito que faria tão depressa esse negócio como qualquer outro. Não o irrite, senhor. É o conselho que lhe dou.

O Sr. Tulkinghorn, com um aceno afirmativo, segue seu caminho. Chega à porta escura do segundo andar. Bate, não recebe resposta, abre-a, e acidentalmente apaga a vela ao fazê-lo.

Se ele não a houvesse apagado, quase que a atmosfera viciada do quarto bastaria para isso. É um quarto pequeno, quase negro de fuligem, de gordura e de sujeira. No enferrujado esqueleto duma grelha, contraído no meio, como se a pobreza o houvesse apertado, um fogo vermelho de carvão de pedra arde fracamente. No canto junto à chaminé, vê-se uma mesa de pinho e uma escrivaninha quebrada; um deserto marcado com uma chuva de tinta. Noutro canto, uma velha maleta rasgada, em cima de uma das duas cadeiras, serve de papeleira ou guarda-roupa; não é preciso uma maior, pois se desmorona como as bochechas dum homem faminto. O soalho nada tem, exceto um velho tapete, exibindo pelos rasgões as cordas de que é feito, que se vai estragando junto da lareira. Nenhuma cortina vela a escuridão da noite, mas os postigos sem cor estão cerrados e pelos dois buracos que ostentam poderia estar a espreitar a miséria a fada agoureira do homem que está estendido na cama.

Em cima duma cama baixa, do lado oposto ao fogo, numa confusão de sujos remendos, de manchas estriadas e de serapilheira ordinária, o advogado hesitante no umbral da porta vê um homem. Está ali estendido, de camisa e calças, e de pés nus. Tem um ar amarelado, à luz baça e espectral de uma vela

que foi gotejando até que toda a extensão da mecha (ainda a arder) se dobrou e deixou acima de si uma torre de pingos. Tem o cabelo esfarripado, misturando-se com as suíças e a barba — esta última também rala e crescida desleixadamente, como a fuligem e a névoa em torno dele. Sujo e imundo como está o quarto, mefítica e corrupta como está a atmosfera, não é fácil perceber quais os odores que mais oprimem os sentidos ali dentro. Mas, em meio daquela atmosfera nauseante e entontecedora e do cheiro de fumo velho, entra na boca do advogado o gosto amargo e insípido do ópio.

— Olá, meu amigo — gritou ele, batendo com o castiçal de ferro de encontro à porta.

Pensa ter acordado seu amigo. Ele jaz um pouco voltado, mas seus olhos estão certamente abertos.

— Olá, meu amigo! — grita de novo. — Olá, olá!

Ao bater ele na porta, a vela, que esteve inclinada tanto tempo, apaga-se e deixa-o no escuro, com os olhos lívidos dos postigos cravados no leito.

1. Trocadilho com a palavra “gust”, pé-de-vento, rajada, e “Guster”, corruptela de Augusta. (N. do T.)

NOSSO CARO IRMÃO

Um toque na mão contraída do advogado enquanto ele se achava irresoluto, no quarto escuro, fê-lo dar um salto e perguntar: “Que é isso?”

— Sou eu — responde o velho da casa, cujo hálito ele sente junto à sua orelha. — Não consegue despertá-lo?

— Não

— Que aconteceu com sua vela?

— Apagou-se. Aqui está ela.

Krook toma-a, dirige-se ao fogo, inclina-se sobre o borralho vermelho e tenta produzir uma labareda. As cinzas amortecidas não têm luz a dar e os esforços dele são inúteis. Resmungando — depois dum inútil chamado a seu inquilino — que vai descer para buscar uma vela acesa lá da loja, o velho sai. Lá por alguma nova razão sua, o Sr. Tulkinghorn não espera por ele dentro do quarto, mas do lado de fora, no patamar.

A luz abençoada logo brilha na parede quando Krook vem lentamente subindo, com sua gata de olhos verdes acompanhando-o, bem de perto.

— O homem em geral dorme dessa maneira? — pergunta em voz baixa o advogado.

— Ih! Não sei — responde Krook, sacudindo a cabeça e erguendo as sobrancelhas. — Quase nada sei dos hábitos dele, exceto que costuma viver fechado.

Assim cochichando, entraram os dois juntos no quarto. A entrada da luz, os grandes olhos dos postigos, escurecendo, pareceram cerrar-se. Não assim os olhos em cima da cama.

— Deus nos acuda! — exclamou o Sr. Tulkinghorn. — Ele está morto.

Krook deixa cair tão subitamente a pesada mão que havia levantado, que o braço oscila por cima do lado da cama.

Olham um para o outro por um instante.

— Mande chamar um médico. Vá chamar Miss Flite lá em cima, senhor. Eis aqui veneno, ao lado da cama! Faça o favor de chamar Miss Flite — diz Krook, com as magras mãos espalmadas sobre o corpo, como as asas dum vampiro.

O Sr. Tulkinghorn sai correndo para o patamar e grita: — Miss Flite! Flite! Venha depressa aqui, quem quer que a senhora seja! Flite! — Krook acompanha-o com os olhos e, enquanto ele está chamando, tem oportunidade de aproximar-se furtivamente da maleta e de voltar sem ser notado.

— Depressa, Flite, depressa! Vá buscar o primeiro que encontrar. Corra! — Assim se dirige Krook a uma mulherzinha tonta, sua inquilina, que aparece e desaparece num átimo e logo volta acompanhada dum médico, irritado por ter sido arrancado do seu jantar, com um largo beijo superior todo sujo de rapé e um modo de falar notoriamente escocês.

— Bem! Deus nos acuda! — diz o médico, levantando a vista para eles, depois dum breve exame do corpo. — Está morto e bem morto!

O Sr. Tulkinghorn (de pé junto da velha maleta) pergunta se a morte se deu já faz algum tempo.

— Algum tempo, senhor? — pergunta o facultativo. — É provável que haja morrido há umas três horas.

— Deve ser isso mesmo — observa um rapaz moreno, do outro lado da cama.

— Exerce o senhor também a profissão médica? — pergunta o primeiro.

O rapaz moreno diz que sim.

— Então trato de retirar-me — responde o outro — pois de nada valho aqui.

Com essa observação, termina seu breve auxílio e volta para acabar seu Jantar.

O cirurgião moreno passa a vela para lá e para cá, diante do rosto, e examina cuidadosamente o escrevente, que reivindicou direitos a seu nome,

tornando-se na verdade Ninguém.

— Conheço muito bem esse sujeito de vista — diz ele. — Tem-me comprado ópio há já um ano e meio. Alguma das pessoas presentes tem parentesco com ele? — e lança um olhar às três pessoas presentes.

— Era meu inquilino — responde Krook, carrancudo, tomando a vela da mão estendida do cirurgião. — Disse-me ele uma vez que eu era o seu parente mais próximo.

— Morreu — diz o cirurgião — duma dose excessiva de ópio, não há dúvida. O quarto cheira muito a isso. E ainda há bastante aqui — acrescenta, tomando um velho bule das mãos do Sr. Krook — para matar uma dúzia de pessoas.

— Acha que ele fez isso de propósito? — pergunta Krook.

— Tomar a dose excessiva?

— Sim! — Krook quase faz estalar os lábios com o fervor dum horrível Interesse.

— Não o posso afirmar. Acho pouco provável, dado o hábito que ele tinha de tomar bastante. Mas quem pode dizê-lo? Era muito pobre, suponho.

— Suponho que sim. Seu quarto... não parece de rico — diz Krook, que devia ter trocado olhares com sua gata, ao circunvagiar atentamente os olhos. — Mas nunca entrei aqui, desde que lho aluguei, e ele era um sujeito muito calado para me relatar sua situação.

— Estava lhe devendo algum aluguel?

— Seis semanas.

— Nunca mais lhe pagará — diz o rapaz, recomeçando seu exame. — É fora de dúvida que está morto e bem morto, e, a julgar pelo seu aspecto e posição, acho que teve uma morte feliz. Contudo deve ter tido um bom corpo quando moço e, ousou mesmo afirmar, uma bela aparência. — Diz isso com certa emoção, enquanto se conserva sentado na beira da cama, com o rosto voltado para aquele outro rosto exânime e com a mão na região do coração. — Recordo-me de ter pensado certa vez que havia qualquer coisa nas suas maneiras, embora toscas, que denotava uma decadência na vida. Seria isso mesmo? — continuou ele, olhando em redor.

Krook retruca:

— Seria tão difícil responder-lhe como descrever as mulheres cujos cabelos conservo em sacos lá embaixo. Além do fato de ser meu inquilino durante ano e meio e de viver — ou de não viver — de copiar autos, nada mais sei a seu respeito.

Durante esse diálogo, o Sr. Tulkinghorn tem-se conservado à parte, junto da velha maleta, com as mãos nas costas, igualmente distante, segundo toda aparência, das três espécies de interesses demonstrados ali, junto àquele leito de morte: o interesse profissional do jovem cirurgião pelo desenlace, possível de observar como completamente separado das suas apreciações sobre o morto como indivíduo; o fervor do velho e o espanto reverente da mulherzinha maluca. O rosto imperturbável do Sr. Tulkinghorn tem estado tão inexpressivo como suas roupas bolorentas. Nem sequer se poderia dizer que ele tenha estado a pensar durante todo esse tempo. Não demonstrou nem paciência nem impaciência, nem atenção nem distração. Nada mais mostrou senão sua casca. Seria tão fácil inferir pela caixa o tom dum delicado instrumento musical como inferir o tom do Sr. Tulkinghorn pela sua caixa corpórea.

De repente dirige-se ao jovem cirurgião, no seu modo frio e profissional: — Entrei aqui — observa ele — pouco antes do senhor, com a intenção de dar a este homem morto, a quem nunca vi quando vivo, alguma ocupação, encarregando-o de fazer umas cópias. Tive informações a seu respeito por meio de meu copista forense — Snagsby, do Largo do Cozinheiro. Uma vez que ninguém aqui sabe coisa alguma a respeito dele, seria bom mandar chamar Snagsby. Ah! — e dirige-se à mulherzinha lunática, que muitas vezes o tem visto no Tribunal, e a quem ele também muitas vezes tem visto, e que propõe, com mímica aterrorizada, ir chamar o copista — creio que a senhora podia ir.

Enquanto ela se retira, o cirurgião desiste de sua investigação inútil e cobre o cadáver com a colcha de retalhos. O Sr. Krook e ele trocam algumas palavras. O Sr. Tulkinghorn nada diz, mas conserva-se sempre de pé, junto da velha maleta.

O Sr. Snagsby chega apressadamente, com seu casaco cinzento e suas mangas pretas.

— Meu Deus, meu Deus — exclama ele —, a coisa chegou a este ponto,

a este ponto! Valha-me Deus!

— Poderá o senhor prestar alguma informação ao dono da casa a respeito desta infeliz criatura, Snagsby? — pergunta o Sr. Tulkinghorn. — Estava atrasado nos aluguéis, ao que parece. E tem de ser enterrado.

— Bem, senhor — diz Snagsby, tossindo a sua tosse de desculpas por trás da mão —, eu realmente não sei que conselho posso dar, exceto mandar chamar o meirinho.

— Não me refiro a conselho — replica o Sr. Tulkinghorn. — Opinião podia eu dar... (Ninguém melhor do que o senhor poderia dar, estou certo — diz o Sr. Snagsby, com a sua tosse reverente.) — Refiro-me a dar informações a respeito das relações dele, de onde ele veio, ou qualquer coisa assim.

— Garanto-lhe, senhor — diz o Sr. Snagsby, depois de prefaciara resposta com sua tosse de conciliação geral — que sei tanto de onde ele veio, como sei...

— Para onde ele foi, talvez — acode o cirurgião para auxiliá-lo.

Uma pausa. O Sr. Tulkinghorn olha para o escrivão. O Sr. Krook, de boca aberta, olha para quem vá falar.

— Quanto às suas relações, senhor — diz o Sr. Snagsby — se uma pessoa viesse dizer-me: “Snagsby, aqui estão vinte mil libras, à sua disposição no Banco da Inglaterra, se nomear apenas uma delas, eu não poderia fazê-lo, senhor! Cerca de um ano e meio ou, para ser mais categórico, na ocasião em que ele veio hospedar-se nesta loja de trapos e garrafas...

— O tempo é mesmo esse — atalha Krook, com um aceno afirmativo.

— Há cerca de um ano e meio — diz o Sr. Snagsby, animado — chegou ele à nossa casa, certa manhã depois do almoço e encontrando minha mulherzinha (é assim que costumo chamar a Sra. Snagsby) na nossa loja, exibiu uma amostra de sua caligrafia e deu-lhe a entender que estava precisando de fazer trabalhos de cópia e que, para encurtar razões (desculpa favorita tio Sr. Snagsby para falar claro, e que ele sempre utiliza com uma espécie ele franqueza argumentativa), estava em má situação financeira. Minha mulherzinha não se mostra, em geral, muito favorável a estranhos, especialmente, para encurtar razões, quando eles precisam de alguma coisa. Mas havia algo nesse indivíduo que a fez mudar de disposição, não sei se o

fato de estar ele de barba crescida, ou de ter o cabelo despenteado, ou qualquer outra razão de ordem feminina que deixo à ponderação dos presentes. O certo é que ela aceitou a amostra bem como o endereço. Minha mulherzinha não tem bom ouvido para nomes — continua o Sr. Snagsby, depois de consultar sua conciliadora tosse por trás da mão — e achou que Nemo era o mesmo que Nemrod. Em consequência disso, ganhou o hábito de dizer-me na hora das refeições: “Sr. Snagsby, ainda não achou trabalho nenhum para Nemrod?” ou então: “Sr. Snagsby, por que não deu aqueles autos de trinta e oito páginas de Jarndyce a Nemrod?”, ou coisa assim. E foi dessa forma que ele pouco a pouco passou a prestar serviço à nossa casa. Isso é o mais que sei a respeito dele, exceto que escrevia ligeiro e não se furtava a trabalhos noturnos, e que, se o senhor lhe desse, digamos, quarenta e cinco folhas na quarta-feira à noite, tê-las-ia de volta na quinta-feira de manhã. Tudo isso — (conclui polidamente o Sr. Snagsby, movendo o chapéu na direção da cama, tanto para acrescentar) — não tenho dúvida que o meu honrado amigo confirmaria, se estivesse em condições de fazê-lo.

— Não seria melhor — pergunta o Sr. Tulkinghorn a Krook — que o senhor verificasse se ele possuía alguns documentos que pudessem de qualquer modo identificá-lo? Haverá por certo um inquérito e hão de fazer-lhe essa pergunta: Sabe ler?

— Não, não sei — responde o velho, numa repentina careta.

— Snagsby — diz o Sr. Tulkinghorn —, passe uma revista no quarto para ele. Do contrário, poderá o Sr. Krook meter-se em alguma complicação ou dificuldade. Já que aqui estou, esperarei, se você não demorar. Depois poderei servir de testemunha a favor dele, se vier a ser necessário, de que tudo correu limpo e direito. Se o senhor quiser segurar a vela aqui para o Sr. Snagsby, meu amigo, ele logo verá se há alguma coisa que lhe pode ser útil.

— Em primeiro lugar, aqui está uma velha maleta, senhor — diz Snagsby.

Sim. Ali está ela. O Sr. Tulkinghorn parece não tê-la visto antes, conquanto esteja tão perto dela e embora haja por ali muito pouca coisa mais.

O comerciante de objetos marítimos segura a luz e o escrivão-papeleiro dirige a busca. O cirurgião apoia-se ao ângulo da prateleira da chaminé: Miss Flite espia e treme, bem junto da porta. O inteligente e velho discípulo da velha escola, com seus calções dum preto sem brilho, amarrados com fitas

nos joelhos, com seu vasto colete preto, com seu casaco preto de mangas compridas e com o tufo mole da gravata branca, amarrado com aquele nó que a nobreza tão bem conhece, fica exatamente no mesmo lugar e na mesma atitude.

Há algumas peças ordinárias de roupa na velha maleta; um maço de duplicatas de casa de penhores, esses bilhetes de molinete na estrada da pobreza; um papel amarrotado, cheirando a ópio, no qual estão garatujados rápidos apontamentos, como “tomados em tal dia tantos grãos; tomados em tal outro tantos mais”, iniciados havia algum tempo, na provável intenção de ser regularmente continuados mas dentro em breve abandonados; alguns retalhos sujos de periódicos, todos referentes a inquéritos policiais. E era só. Deram busca no armário e na gaveta da mesa toda manchada de tinta. Em nenhum daqueles lugares se encontrou nem um fragmento de qualquer carta antiga ou de qualquer outro escrito. O jovem cirurgião examina a roupa que o copista traja. Uma faca e uns poucos niqueis é tudo quanto encontra. O alvitre do Sr. Snagsby é afinal o mais prático, e trata-se de mandar chamar o meirinho.

De modo que a inquilina adoidada tem de ir buscar o meirinho, e os outros retiram-se do quarto.

— Não deixe a gata ali! — diz o cirurgião — não convém! — E assim o Sr. Krook fá-la sair na sua frente; ela desce furtivamente as escadas, agitando a cauda flexível e lambendo os beiços.

— Boa noite! — diz o Sr. Tulkinghorn e volta para a sua Alegoria e para a sua meditação. Mas já a esse tempo as notícias ganharam o largo. Grupos de moradores dali reúnem-se para discutir o caso, e os postos avançados do exército da bisbilhotice (principalmente rapazes) já se adiantaram para a janela da casa do Sr. Krook, contra a qual investem cerradamente. Um policial subiu até o quarto e desceu novamente para a porta, onde permanece como uma torre, só de vez em quando condescendendo em ver os meninos que estão ao pé de si, mas toda vez que olha para os meninos, estes tremem e recuam. A Sra. Perkins, que durante algumas semanas não dava uma palavra à Sra. Piper em consequência duma desavença por ter o jovem Perkins “sentado” um “cascudo” no jovem Piper, reata suas relações cordiais em ocasião tão auspiciosa. O caixeiro da taverna da esquina, que é um conhecedor privilegiado por ter conhecimento oficial da vida e por ter de

lidar, uma vez ou outra, com sujeitos bêbados, troca informações confidenciais com a polícia e tem o aspecto duma mocidade inexpugnável, incapaz de ser domada por cacetes e refratária a salas de delegacia. Há gente a conversar de janela a janela do largo; batedores, de cabeça descoberta, vêm correndo do Beco do Tribunal para saber de que se trata. O sentimento geral parece ser o de que é um louvar a Deus não ter o Sr. Krook sido liquidado há mais tempo, sentimento esse misturado a uma natural decepção por não ter sido esse o caso. Em meio dessa sensação chega o meirinho.

O meirinho, apesar de considerado na redondeza como uma instituição ridícula, não deixa de gozar de certa popularidade no momento, pelo fato de ser pelo menos um homem que vai ver o corpo. O policial considera-o um civil lorpa, um remanescente dos bárbaros tempos dos guardas-noturnos, mas deixa-o entrar, como algo que se deve tolerar até que o governo resolva abolilo. A sensação sobe de ponto quando correm de boca em boca as notícias de que o meirinho se acha no local e já entrou.

Daí a pouco sai o meirinho, intensificando mais uma vez a sensação que, com o intervalo, havia um tanto arrefecido. Depreende-se que ele está precisando de testemunhas para o inquérito do dia seguinte, que possam contar ao delegado e ao Júri o que quer que seja a respeito do morto. Citam-lhe imediatamente numerosas pessoas, que não sabem dizer nada de nada. Fica assim mais desorientado quando lhe dizem que o filho da Sra. Green “era também copista e conhecia-o melhor do que qualquer outra pessoa”; ao indagar-se, vem-se a saber que o filho da Sra. Green parece estar naquela ocasião, a bordo dum navio que seguiu para a China há três meses, mas pode ser consultado por meio do telégrafo, à requisição dos lordes do Almirantado. O meirinho entra em várias lojas e salas de visitas, fazendo perguntas aos moradores, sempre fechando a porta antes, a exasperar o público com a sua reserva, a sua demora, a sua inépcia total. Viu-se o polícia trocar um sorriso com o caixeiro da taverna. O público perde o interesse e passa a reagir. Vaia o meirinho com assobios e vozes de falsete, dizendo que ele cozinhou um menino. São cantados em coro trechos duma canção popular, em que se diz que o menino foi transformado em sabão para a fábrica. O polícia afinal acha que é necessário garantir a lei e agarra um dos cantores que, com a fuga dos demais, é solto, com a condição de acabar com aquilo na mesma hora, condição que ele imediatamente aceita. De modo que a sensação morre mais uma vez, e o polícia insensível (para quem um pouco de ópio, mais ou menos,

nada é), com seu capacete brilhante, seu tronco rijo, seu inflexível casaco, seu forte cinturão, seu bracelete, e todos os matadores, prossegue seu ocioso passeio, num andar pesado, batendo as palmas de suas luvas brancas uma contra a outra e parando de vez em quando à esquina de uma rua para olhar casualmente em redor, como quem procura ou uma criança perdida, ou um assassino.

Protegido pela noite, o meirinho imbecil chega com rapidez ao Beco do Tribunal, com suas intimações, nas quais estão erroneamente escritos os nomes de todos os jurados, só estando certo o seu nome, que ninguém sabe ler nem deseja saber. Feitas as intimações e avisadas as testemunhas, o meirinho segue para a casa do Sr. Krook para não faltar a um encontro que marcou com certo indigentes, os quais, chegando no momento, são conduzidos lá acima onde deixam aos grandes olhos dos postigos algo de novo que fitar, naquela derradeira forma que os alojamentos da terra tomam para Ninguém... e para Toda a Gente.

E durante toda aquela noite o caixão permanece pronto, junto da velha maleta, e sobre a cama jaz o solitário vulto, cuja jornada pela terra se estendeu por quarenta e cinco anos, sem mais nenhum rastro atrás de si, que qualquer um possa rastrear, do que o dum menino abandonado.

No dia seguinte, o largo mostra-se cheio de vida. Parece uma feira, como diz a Sra. Perkins, mais agora que reconciliada com a Sra. Piper, em amigável conversa com essa excelente mulher. O delegado vai iniciar o inquérito na sala do primeiro andar da Sol's Arms, onde se realizam as Reuniões Harmônicas duas vezes por semana e onde a presidência é ocupada por um cavalheiro de celebridade profissional, tendo à sua frente Little Swills, cantor cômico, que espera (de acordo com o cartaz da vitrina) que seus amigos se reúnam em torno dele para apoiar-lhe o talento de primeira classe. A Sol's Arms realiza magníficos negócios a manhã inteira. Até as crianças tanto necessitam de alimento, naquela excitação geral, que um doceiro, que naquele momento se postou na esquina do largo, diz que seus doces e pastéis se evaporaram como fumaça. Uma vez ou outra o meirinho, rondando entre a porta da loja do Sr. Krook e a da Sol's Arms, suscita a curiosidade, ao conversar com uns poucos sujeitos discretos, e aceita, em troca, a homenagem dum copo de cerveja ou coisa parecida.

A hora marcada chega o delegado, pelo qual estão esperando os

membros do Júri, e é recebido com uma saudação de paus do jogo *skittle*, partida lá do bom e seco campo de jogo ligado à Sol's Arms. O delegado frequenta mais tavernas do que qualquer homem vivo. O cheiro de serradura, de cerveja, de fumo, de tabaco e de bebidas alcoólicas é, na sua profissão, inseparável da morte nos seus aspectos mais terríveis. É conduzido pelo meirinho e pelo proprietário até a sala da Reunião Harmônica, onde põe seu chapéu em cima do piano e senta-se numa cadeira Windsor, à cabeceira duma comprida mesa formada de várias mesas pequenas juntas e ornamentadas de círculos pegajosos em infindáveis circunvoluções de jarros e copos. Todos os membros do Júri que ali se podem reunir sentam-se à mesa. Os restantes metem-se entre as escarradeiras e pipas ou encostam-se ao piano. Por cima da cabeça do delegado vê-se uma pequena grinalda de ferro, o cabo pendurado duma sineta, que dá à Majestade do Tribunal o aspecto de que vai ser enforcada naquele instante.

Chamada e juramento do Júri! Enquanto a cerimônia se desenrola, produz-se certa sensação com a entrada de um homenzinho rechonchudo, de enorme colarinho, de olho úmido e nariz inflamado, que modestamente toma lugar perto da porta, como qualquer pessoa do público, mas que parece estar bastante familiarizado com a sala. Circula um cochicho que é Little Swills. Considera-se provável que irá compor uma imitação do delegado, para torná-la, à noite, a principal atração da Reunião Harmônica.

— Bem, meus senhores — começa o delegado.

— Silêncio aí! — grita o meirinho, mas não para o delegado, embora assim parecesse.

— Bem, meus senhores — continua o delegado —, estais alistados aqui para investigardes a morte de certo homem. Provas vos serão fornecidas, referentes às circunstâncias que cercaram essa morte, e deveis dar vosso veredicto de acordo com... (Esses paus! Mande parar com isso, seu meirinho!) com as provas, e não de acordo com qualquer outra coisa. A primeira coisa a fazer é examinar o cadáver.

— Abram caminho aí! — grita o meirinho.

Saem então, numa descuidada procissão, assim à laia de um enterro disperso, e fazem sua inspeção no segundo andar da casa do Sr. Krook, donde alguns dos jurados se retiram pálidos e a correr. O meirinho toma todas as providências para que dois cavalheiros de punhos de camisa e de botões não

muito limpos (para cuja acomodação já ele havia providenciado uma mesinha especial, perto da do delegado, na sala da Reunião Harmônica) possam ver tudo quanto seja digno de ver-se. São os cronistas públicos de tais inquéritos, e, não sendo o meirinho superior à universal fraqueza humana, espera ler impresso o que “Mooney, o ativo e inteligente meirinho do distrito” disse e fez, e aspira mesmo a ver o nome de Mooney mencionado com tamanha familiaridade e condescendência, como acontece ao do carrasco, de acordo com os exemplos mais recentes.

Little Swills aguarda a volta do delegado e do Júri. O Sr. Tulkinghorn também. O Sr. Tulkinghorn é recebido com distinção e colocado perto do delegado, entre esse alto funcionário judicial, uma mesa de bilhar e a barrica de carvão. O inquérito prossegue. O Júri fica sabendo como morreu o objeto de sua inquirição e nada mais a seu respeito. — Acha-se presente um eminentíssimo advogado, meus senhores — diz o delegado —, que, segundo me informaram, estava por acaso no local, quando se encontrou o homem morto, mas ele pode apenas repetir o testemunho que já ouvistes do médico, do senhorio, da pensionista e do copista, não sendo, portanto, necessário incomodá-lo. Haverá alguém entre os presentes que saiba mais alguma coisa?

A Sra. Piper é empurrada para a frente pela Sra. Perkins. A Sra. Piper presta juramento.

Anastácia Piper, senhores. Casada. Ora, Sra. Piper, que tem a senhora que dizer a respeito deste caso?

A Sra. Piper tem um ror de coisas a dizer, principalmente entre parênteses e sem pontuação, mas não muita coisa que contar. A Sra. Piper mora no largo (o marido é marceneiro) e desde muito tempo era sabido na vizinhança (a contar do dia anterior ao semi batismo de Alexandre Jaques Piper, com dezoito meses e quatro dias de idade, porque não se esperava que vivesse, tal o sofrimento daquela criança, meus senhores, nas gengivas) que o Queixoso — era com este apelido que a Sra. Piper insistia em chamar o morto — segundo se dizia, havia-se vendido. Acho que esse boato se originou da cara que tinha o Queixoso. Via o Queixoso muitas vezes e achava-lhe um ar feroz, de afugentar as crianças tímidas (e se duvidarem é só chamar a Sra. Perkins, que está aqui, podendo-se dar crédito ao marido dela, a ela mesma e à sua família). Viu o Queixoso incomodado e importunado pelas crianças (pois crianças sempre serão crianças e delas só se podem esperar disposições

para brincadeiras). Por causa disso e do ar sombrio do homem, muitas vezes ela sonhou que o via tirar do bolso uma picareta e rachar com ela a cabeça de Joãozinho (criança essa que não sabia o que era medo e que andava muito agarrada com o tal homem). Nunca viu, porém, o Queixoso pegar uma picareta ou qualquer outra arma. Tinha-o visto afastar-se depressa quando chamado ou perseguido, como se não gostasse de crianças, e nunca o vira dirigir a palavra a qualquer criança ou pessoa grande em tempo algum (exceto ao rapazinho que varre a travessia lá embaixo, no beco, no caminho que passa pela esquina, o qual, se ali estivesse, podia contar que foi visto muitas vezes a conversar com o homem).

Pergunta o delegado: — Está aqui esse menino? — Responde o meirinho: — Não, senhor, não está aqui. — Diz o delegado: — Vá buscá-lo então. — Na ausência do ativo e inteligente meirinho, o delegado conversa com o Sr. Tulkinghorn.

— Oh! Aqui está o rapazinho, meus senhores!

— Aqui está ele, muito enlameado, muito rouco, muito maltrapilho. Vamos, rapaz! Não, espere um minuto. Cautela. Alguns passos preliminares são precisos antes de interrogá-lo.

Jo é seu nome. E nada mais. Não sabe que toda a gente tem dois nomes. Nunca ouviu tal coisa. Não sabe que Jo é abreviatura dum nome mais comprido. Acha que é bastante comprido para ele. Gosta de seu nome. Sabe escrevê-lo? Não. Não sabe. Não tem pai, nem mãe, nem amigos. Nunca esteve na escola. Que é um lar? Sabe que uma vassoura é uma vassoura e que é mau dizer mentiras. Não se recorda quem lhe falou a respeito da vassoura, ou a respeito da mentira, mas sabe essas coisas. Não sabe dizer exatamente o que lhe acontecerá depois de morto, se contar uma mentira àqueles senhores ali, mas acredita que será uma coisa muito ruim para castigá-lo, e por isso é melhor andar direito e contar a verdade todinha.

— Isso não serve, meus senhores! — diz o delegado com melancólico abanar de cabeça.

— Acha o senhor que o depoimento dele não pode ser ouvido? — pergunta um jurado atento.

— Claro que não. Nem se discute — responde o delegado. — Os senhores ouviram o rapaz: “Não pode dizer exatamente”, “não saberia” etc.

Não podemos aceitar isso num tribunal de justiça, meus senhores. Degeneração terrível! Ponham de lado o rapaz.

O rapaz é posto de lado... com grande edificação da assistência, especialmente de Little Swills, o cantor cômico.

Bem. Há outras testemunhas? Não há outras testemunhas.

Muito bem, senhores! Temos aqui um homem desconhecido, provavelmente com o hábito de tomar ópio em grandes quantidades, durante um ano e meio, encontrado morto por ter tomado uma dose excessiva. Se os senhores acham que têm alguma prova que os leve à conclusão de que ele se suicidou, chegarão a esta conclusão. Se acharem que é caso de morte accidental, encontrarão um veredicto em conformidade com isso.

Veredicto unânime. Morte accidental. Sem dúvida. Meus senhores, estão dispensados. Boa tarde.

Enquanto o delegado abotoa seu casacão, o Sr. Tulkinghorn e ele ouvem particularmente, a um canto, a testemunha rejeitada.

A desgraçosa criatura apenas sabe que o morto (a quem reconheceu, justamente naquele instante, por causa do rosto amarelo e do cabelo preto) era muitas vezes vaiado e perseguido pelas ruas. Que numa fria noite de inverno, quando ele, o rapaz, estava a tremer numa porta, perto da sua travessia, o homem virou-se para olhar para ele, voltou e, tendo-o interrogado e sabido que ele não possuía um só amigo no mundo, disse: “Nem eu tampouco. Nenhum!” e deu-lhe o preço duma ceia e duma dormida. Que desde então o homem lhe tinha muitas vezes falado, perguntando-lhe se ele dormia profundamente de noite, como suportava o frio e a fome, se desejara alguma vez morrer, e outras perguntas assim esquisitas. Que, quando o homem não tinha dinheiro, dizia ao passar: “Hoje estou tão pobre como você, Jo”; mas, quando tinha algum, sentia-se sempre satisfeito (como o rapaz, de todo coração, acredita) em reparti-lo com ele.

— Era muito bom para mim — diz o rapaz, limpando os olhos com as mangas rasgadas. — Quando o vi ali estirado agora mesmo, desejei que ele me pudesse ouvir dizer isso. Era muito bom para mim, muito bom mesmo!

Enquanto ele vai descendo arrastadamente a escada, o Sr. Snagsby, que estava à sua espera, coloca-lhe na mão uma meia coroa. — Se alguma vez você me vir passando pela sua travessia com minha mulherzinha — quero

dizer, com uma senhora — diz o Sr. Snagsby, com o dedo no nariz — não faça referência a isso!

Por algum tempo os jurados ficam ali pela Sol's Arms, conversando. Passado algum tempo, meia dúzia deles são envolvidos numa nuvem de fumaça de cachimbo, que invade a sala Sol's Arms. Dois seguem descansadamente para Hampstead, e quatro combinaram uma partida, a meio preço, para noite, rematando a coisa com ostras. Little Swills é solicitado de vários lados. Perguntado sobre o que pensa de processos, caracteriza-os (com a sua energia vocabular toda feita de gíria) como sendo uma “paulada na cabeça”. Descobrimo o proprietário da Sol's Arms a grande popularidade de Little Swills, recomenda-o com calor aos jurados e ao público, observando que, como cantor característico, não conhece outro igual a ele e que o guarda-roupa teatral daquele homem daria para encher uma carroça.

Assim, pouco a pouco, a Sol's Arms mergulha nas sombras da noite, e depois resplandece dentro delas com uma forte luz de gás. Chegada a hora da Reunião Harmônica, o cavalheiro de celebridade profissional assume a presidência, de cara (cara vermelha) para Little Swills. Seus amigos reúnem-se em redor dele e apoiam aquele talento de primeira ordem. No apogeu da noite, diz Little Swills: — Meus senhores, se me permitirem, tentarei uma pequena descrição de uma cena da vida real que hoje aqui ocorreu. — É bastante aplaudido e estimulado. Sai da sala como Swills, entra, porém, como delegado (a mais perfeita imitação); descreve o inquérito, com intervalos recreativos de acompanhamento de piano ao estribilho: — Com o seu (do delegado) tra-lá-lá-lá-lá.

O piano desafinado cala-se afinal e os amigos harmônicos reúnem-se em torno de suas almofadas. Depois há silêncio em redor da solitária figura, que agora jaz na sua derradeira morada terrestre e observada pelos lívidos olhos dos postigos, durante algumas sossegadas horas da noite. Se esse homem abandonado pudesse ter sido profeticamente visto ali deitado, junto da mãe em cujo seio repousou, quando criança, de olhos erguidos para o seu rosto adorável e com a mãozinha leve mal sabendo como agarrar o pescoço para junto do qual se arrastava, que visão impossível devia ter parecido! Oh! se, em dias mais brilhantes, o fogo agora extinto dentro dele alguma vez ardeu por alguma mulher que o apertasse de encontro ao peito, onde andar ela, enquanto essas cinzas se acham em cima da terra?

Não será uma noite de repouso a que se passa em casa do Sr. Snagsby, no Largo do Cozinheiro, onde Guster mata o sono, passando, como o próprio Snagsby reconhece — para encurtar razões —, de um a vinte desmaios. O motivo desse ataque é Guster ter um coração terno e alguma coisa de suscetível, que talvez pudesse chamar-se imaginação, se não fosse Tooting e seu santo padroeiro. Ora, seja como for, ficou tão impressionada, à hora do chá, com a narrativa feita pelo Sr. Snagsby do inquérito a que tinha assistido, que, à hora da ceia, atirou-se para dentro da cozinha precedida na queda por um queijo holandês, e mergulhou num desmaio de insólita duração, do qual só saiu para cair outro e mais outro, e assim por diante, numa série de desmaios, com pequenos intervalos, dos quais pateticamente se aproveitou para suplicar à Sra. Snagsby que não a admoestasse “quando de todo recobrasse os sentidos” e pedindo também a todos da casa que a deixassem em cima das pedras e fossem deitar-se. Por isso o Sr. Snagsby, ouvindo por fim o galo da pequena leiteira da Rua Cursitor cair naquele seu desinteressado êxtase diante da luz do dia, diz, dando um longo suspiro, apesar de ser o mais paciente dos homens: — Pensei que você estivesse morta!

Que questão essa entusiástica ave doméstica supõe propor quando se esganiça a tal ponto, ou por que assim canta (muitos homens cantam como galo, em várias ocasiões públicas triunfais) diante daquilo que não pode ter nenhuma importância para ela, é assunto privativo da mesma. Basta que a luz do dia chegue, que a manhã chegue, que a tarde chegue.

Depois o ativo e inteligente meirinho, que como tal apareceu nos jornais da manhã, chega com seu grupo de indigentes à casa do Sr. Krook, e dela retira o corpo do nosso caro irmão falecido para um adro fechado de igreja, pestilencial e asqueroso, onde doenças malignas são transmitidas aos corpos de nossos caros irmãos e irmãs que ainda não morreram, enquanto nossos caros irmãos e irmãs que rondam pelas escadas secretas oficiais — a Deus provesse tê-los chamado! — são bastante complacentes e conformados. Para um sórdido pedaço de terra, que um turco rejeitaria como uma brutal profanação e diante do qual um cafre estremeceria, carregam eles o nosso caro irmão falecido, para receber sepultura cristã.

Com casas fronteiras de cada lado, exceto onde um fumarento tunelzinho dá acesso dum largo para o portão de ferro — com cada vilania da vida em ação bem ligada com a morte e cada elemento venenoso da morte em ação bem ligada com a vida — ali descarregam eles o nosso caro irmão, a um ou

dois pés de profundidade; ali a plantam corrupto, para que se erga corrupto; fantasma vingativo junto a muita cabeceira de doente, vergonhoso testemunho para idades futuras de como a civilização e a barbaria andavam juntas nesta orgulhosa ilha.

Vem, noite, vem, escuridão, pois não podes chegar demasiado cedo ou permanecer muito tempo num lugar como este! Vinde, luzes errantes, para dentro das janelas das casas horrendas, e vós que praticais ali iniquidades, praticai-as pelo menos com exclusão desta cena terrível! Vem, chama do gás, ardendo tão tristemente por cima do portão de ferro, sobre o qual o ar envenenado deposita seu bálsamo de bruxas, peganhento como visgo! É bom que chames a atenção de todos os passantes: “Olhai para aqui!”

Com a noite surge um vulto curvado, que atravessa o túnel, na direção do portão de ferro. Agarra o portão com as mãos e olha para dentro, através das grades, assim permanecendo por algum tempo.

Depois, com uma velha vassoura, que carrega consigo, vai de mansinho varrendo o degrau, limpando a passagem abobadada. Faz isso com bastante diligência e primor, olha para dentro ainda um pouco e vai-se embora.

És tu, Jo? Muito bem, muito bem! Embora testemunha recusada que “não sabe dizer com exatidão” o que farão com ele mãos mais poderosas do que as dos homens, não estás completamente nas trevas exteriores. Há qualquer coisa parecida com um distante raio de luz na tua balbuciante razão quando dizes:

— Ele era muito bom para mim, era muito bom!

A ESPREITA

Deixou por fim de chover em Lincolnshire, e Chesney Wold recobrou ânimo. A Sra. Roucewell está cheia de afazeres domésticos pois Sir Leicester e a esposa estão de regresso de Paris. O noticiário elegante descobriu isso e comunica a alegre nova à ignorante Inglaterra. Descobriu-se também que eles hospedarão brilhante e distinto círculo da *élite* do *beau monde* (o serviço de informações elegantes é fraco em inglês, mas um gigante animoso em francês), na antiga e hospitaleira propriedade da família, em Lincolnshire.

Para maior honra do brilhante e distinto círculo, bem como para Chesney Wold, o arco quebrado da ponte do parque está consertado, e a água, agora confinada dentro de seus limites e de novo a correr graciosamente, forma um belo quadro na perspectiva da casa.

O frio e claro brilho do sol cintila dentro dos bosques frágeis e com sinais de aprovação vê o vento agudo dispersando as folhas e secando o paul. Desliza sobre o parque, no encalço das sombras movediças das nuvens e as afugenta o dia inteiro, sem nunca conseguir apanhá-las. Olha para dentro das janelas e lança sobre os retratos avitos listras e manchas de claridade jamais contempladas pelos pintores. Do lado oposto, sobre o retrato da senhora, que encima a grande prateleira da chaminé, lança uma larga faixa de luz enviesada, que desce também de través para o chão e parece fender o retrato.

Através da mesma fria luz do sol e do mesmo agudo vento, a senhora e Sir Leicester, na sua carruagem de viagem (a criada da senhora e o criado de Sir Leicester na maior cordialidade no assento traseiro do carro) partem de volta para casa. Com considerável quantidade de retintins e estalos de chicote e muitas demonstrações saltitantes da parte de dois cavalos sem selim e com dois cocheiros de chapéus acetinados, botas de montar e entre crinas e caudas flutuantes, partem do pátio do Hotel Bristol, na Praça Vendôme, a meio galope, entre o xadrez de luz e sombra da colunata da Rua de Rivoli e o

jardim do malfadado palácio dum rei e duma rainha cujas cabeças foram decepadas, passam pela Praça da Concórdia, pelos Campos Elísios e pela Porta da Estrela, saindo de Paris.

Para falar a verdade, não podem ir muito depressa, pois mesmo aqui Lady Dedlock tem estado morta de tédio. Concerto, assembleia, ópera, teatro, passeios de carro — nada existe de novo para a senhora, sob os gastos céus. Somente no último domingo, quando pobres-diabos se sentiam alegres — no recinto dos muros, brincando com crianças entre as árvores podadas e as estátuas do Jardim do Palácio; passeando, uns vinte metros adiante, pelos Campos Elísios, tornados ainda mais elísios por cães adestrados e cavalos de pau; a intervalos filtrando-se (alguns) através da sombria Catedral de Notre-Dame, para dizer uma ou duas palavrinhas junto à base duma coluna dentro do espaço iluminado pelo fulgor dos violentos ciriozinhos metidos na enferrujada grelha das arandelas; fora dos muros, circundando Paris de danças, galanteios, bebedores de vinho, fumantes, visitantes de cemitérios, jogadores de bilhar, baralho e dominó, curandeiros e muitos outros criminosos rebotalhos, animados e inanimados — somente no último domingo, a senhora, em plena desolação do tédio e nas garras de gigantesco desespero, quase teve ódio à sua própria criada, por se achar esta de alegre humor.

Quer, por isso, afastar-se de Paris o mais depressa possível. O tédio da alma está à sua frente como está à sua retaguarda — seu Ariel estendeu um círculo de tédio em redor da terra inteira que não pode ser desatado —, mas o remédio imperfeito é sempre voar do último lugar onde o tédio foi sentido. Que Paris se esfume, pois, na distância, trocando-o por avenidas infindáveis e por alamedas transversas de árvores inverniais! E quando de novo for vista, estará a algumas léguas de distância, com a porta da Estrela, branca mancha cintilando ao sol, e a cidade, mero montão numa planície — duas escuras torres quadradas erguendo-se do meio dela e a luz e a sombra a descer sobre ela de través, como os anjos no sonho de Jacó!

Sir Leicester acha-se, em geral, num estado de complacência e raramente se mostra aborrecido. Quando nada mais tem que fazer, resta-lhe sempre a ocupação de contemplar a própria grandeza. É uma vantagem considerável para um homem ter um assunto tão inexaurível. Depois de ler suas cartas, encosta-se a um canto da carruagem e passa uma revista geral à sua importância em relação à sociedade.

— O senhor está com uma quantidade de correspondência fora do comum esta manhã — diz a senhora, depois de longo tempo. Está cansada de ler. Quase leu uma página durante o percurso de vinte milhas.

Nada, porém, de importância. Nada, nada.

— Creio ter visto aí uma das longas efusões do Sr. Tulkinghorn.

— A senhora tudo vê — diz Sir Leicester, cheio de admiração.

— Ah! — suspirou a senhora — ele é o homem mais aborrecido do mundo.

— Manda — queira desculpar-me —, manda — diz Sir Leicester, retirando dentre as outras a carta e desdobrando-a — um recado para a senhora. Nossa parada, para mudar de cavalos, quando eu havia chegado ao sobrescrito da carta, fez-me esquecer o recado. Peço-lhe que me desculpe. Diz ele — Sir Leicester demora tanto em tirar os óculos e ajustá-los, que a senhora se mostra um pouco irritada diz ele: “A respeito do direito de passagem”... Desculpe-me, não é isso. Diz ele... sim! Aqui está! Diz “Apresento meus respeitosos cumprimentos a senhora, que espero tenha logrado benefícios com a mudança. Queira fazer-me o obsequio de dizer-lhe (uma vez que pode interessar-lhe) que tenho alguma coisa para contar-lhe, quando ela voltar, a respeito da pessoa que copiou a certidão do processo do tribunal e que tão fortemente lhe estimulou a curiosidade. Vi essa pessoa.”

A senhora, inclinando-se para a frente, começa a olhar para fora da janela.

— É esse o recado — observa Sir Leicester.

— Gostaria de caminhar um pouco — diz a senhora, olhando ainda para fora da janela.

— Caminhar? — repete Sir Leicester, em tom de surpresa.

— Gostaria de caminhar um pouco — diz a senhora, com uma clareza pouco cordial. — Queira mandar parar a carruagem.

Para a carruagem. O dedicado criado do assento traseiro abre a porta e arma os degraus, obedecendo a um impaciente gesto da mão da senhora. Esta apeia tão ligeira e caminha com tanta pressa, que Sir Leicester, apesar de toda a sua escrupulosa polidez, não tem possibilidade de ajudá-la e deixado para trás. Decorre um espaço de um ou dois minutos, antes que ele possa alcançá-

la. Ela sorri, mostra-se muito formosa, pega-lhe o braço, passeia com ele cerca de um quarto de milha, mostra-se muito cansada e retoma seu lugar na carruagem.

O matraquear e a bulha continuam durante a maior parte de três dias, com mais ou menos retinir de guizos e estalos de chicote e mais ou menos cabriolas de cocheiros montados e de cavalos sem selim. A polidez cortesã de um para com o outro nos hotéis onde pousam é assunto de admiração geral. Embora sua excelência seja um pouco idoso em relação a senhora, diz madame, a hoteleira do MACACO DE OURO, e conquanto pudesse ser seu carinhoso pai, vê-se logo, a primeira vista, que eles se amam. Repara-se no lorde, com seu cabelo branco, de pé, chapéu na mão, ajudando a lady a entrar ou a sair da carruagem. Repara-se na lady, tão grata a gentileza do lorde, inclinando a graciosa cabeça e estendendo-lhe seus mimosos dedos! É de arrebatat!

O mar não da importância aos grandes homens, mas sacode-os como peixinhos miúdos. Habitualmente maltrata bastante Sir Leicester, cuja fisionomia fica mosqueada de verde, como queijo temperado com salva, e em cujo aristocrático organismo exerce funesta revolução. Para ele é o Radical da Natureza. Não obstante, sua dignidade é recobrada depois que ele se refaz dos estragos. E prossegue sua viagem com a senhora para Chesney Wold, ficando apenas uma noite em Londres, a caminho de Lincolnshire.

Através da mesma fria luz do sol — mais fria à proporção que o dia declina — e através do mesmo agudo vento — mais agudo à medida que as dispersas sombras das árvores nuas se adensam nos bosques — vão seguindo, e quando o Passeio do Fantasma, tocado na extremidade ocidental por uma fogueira no céu, se resigna a noite que chega, entram no parque. As gralhas balouçando-se nas suas elevadas casas, na avenida de olmos, parecem discutir a questão de saber quem vai dentro da carruagem, quando esta passa ali por baixo — umas concordando que sejam Sir Leicester e a senhora, de volta; outras descontentes, teimando em que isso não é admissível; ora consentindo todas em considerar a questão resolvida: ora explodindo todas de novo em violento debate, incitadas por uma ave obstinada e sonolenta, que teimara em meter na discussão um derradeiro crocitar contraditório. Deixando-as a balouçar e a grasnar, a carruagem viageira roda para a casa, onde fogos cintilam calidamente, através de algumas janelas, embora não através de tantas que deem um aspecto de casa habitada à massa sombria da fachada.

Mas o círculo brilhante e distinto em breve fará isso.

A Sra. Rouncewell esta a espera e recebe com profunda medida o costumeiro aperto de mão de Sir Leicester.

— Como vai passando, Sra. Rouncewell? Tenho prazer em vê-la.

— Espero ter a honra de cumprimentá-lo pela sua boa saúde, Sir Leicester.

— Excelente saúde, Sra. Rouncewell.

— A senhora tem uma aparência encantadoramente saudável — diz a Sra. Rouncewell, com outra cortesia.

A senhora dá a entender, sem profuso gasto de palavras, que esta tão bem quanto pudera esperar que assim fosse.

Mas Rosa acha-se a certa distancia, por trás da governanta, e a senhora que tendo embora vencido tudo mais, não venceu a presteza da sua observação, pergunta: — Quem é aquela moça?

— Uma jovem discípula minha, Lady Dedlock. É a Rosa.

— Venha cá, Rosa! — Lady Dedlock acena para ela, dando mostras de interesse. — Sabe você que é muito bonita, menina? — pergunta tocando-lhe no ombro com os dois dedos indicadores.

Rosa, muito envergonhada, diz: — Desculpe-me, mas não sei, não, minha senhora — e olha para cima, olha para baixo, sem saber para onde olhar, mas ficando cada vez mais bonita.

— Que Idade tem?

— Dezenove anos, minha senhora.

— Dezenove anos — repete a senhora pensativamente. — Tome cuidado para que não estraguem você com lisonjas.

— Sim, minha senhora. A senhora dá uma pancadinha na face cheia de covinhas de Rosa, com os mesmos dedos delicados e enluvados, e caminha para o sopé da escada de carvalho, onde Sir Leicester esta parado a sua espera, como sua cavalheiresca escolta. Um velho Dedlock espantado em um painel, tão largo e tão sombrio como a vida, tem um aspecto de quem não sabe o que fazer da vida — sendo este por certo o estado geral de sua mente

nos dias da rainha Isabel.

Naquela noite, no quarto da governanta, Rosa outra coisa não sabe fazer senão murmurar louvores a Lady Dedlock. E tão afável, tão graciosa, tão bela, tão elegante; tem uma voz tão doce e um tato tão delicado, que Rosa ainda pode senti-lo! A Sra. Rouncewell confirma tudo isso, não sem orgulho pessoal, fazendo reserva apenas a um ponto: o da afabilidade. Disso a Sra. Rouncewell não tem muita certeza. Deus não permita que ela diga uma sílaba em deslouro de qualquer membro daquela excelente família e, acima de tudo, da senhora, a quem o mundo inteiro admira; mas se a senhora fosse ao menos “um pouco mais acessível”, não tão fria e retraída, a Sra. Rouncewell acha que ela seria mais afável.

— E quase uma pena — acrescenta a Sra. Rouncewell — (apenas “quase”, porque raia pela impiedade supor que alguma coisa deva ser melhor do que é em tão expressa revelação a respeito dos negócios dos Dedlocks) — que a senhora não tenha família. Se tivesse agora uma filha, uma senhorita já crescida, pela qual se interessasse, acho que teria a única espécie de excelência que lhe falta.

— Não a teria isso tornado ainda mais orgulhosa, vovó? — diz Watt, que fora a casa e voltara, como bom neto que é.

— Mais e muito, meu caro — responde a governanta, com dignidade — são palavras que não cabe a mim usar — nem tampouco ouvir — aplicadas em desabono de minha senhora.

— Peço-lhe perdão, vovó. Mas ela é orgulhosa, não é?

— Se é, tem razão para ser. A família Dedlock tem sempre razão para ser.

— Bem — diz Watt —, seria bom que eles marcassem no seu Livro de Orações certa passagem para a gente comum, a respeito do orgulho e da vanglória. Perdoe-me, vovó! É apenas uma brincadeira.

— Sir Leicester e Lady Dedlock, meu caro, não são pessoas que se prestem a troças.

— Sir Leicester não é de modo algum assunto para pilherias — diz Watt —, por isso peço-lhe humildemente perdão. Suponho, vovó, que mesmo com a família e seus convidados aqui, não é nada de mais que eu prolongue minha

estada na hospedaria dos Dedlocks por um dia ou dois, como o poderia fazer qualquer outro viajante, não é?

— Por certo que não, menino.

— Isso me alegra — diz Watt —, porque tenho um desejo irreprimível de alargar meus conhecimentos a respeito destes belos arredores.

Olha casualmente para Rosa, que baixa os olhos e se mostra na verdade muito tímida. Mas, de acordo com velha superstição, as orelhas de Rosa é que deveriam ficar vermelhas, e não suas frescas e brilhantes faces, pois a criada da senhora esta nesse momento a falar a respeito dela, com excessiva energia.

A criada da senhora é uma francesa de trinta e dois anos, nascida em alguma parte da região meridional, nas proximidades de Avinhão e Marselha, mulher de grandes olhos castanhos e cabelos negros, que seria bonita se não tivesse uma boca felina e um desagradável rosto muito tenso que lhe tornava os maxilares demasiado agudos e o crânio demasiado proeminente. Há qualquer coisa de indefinivelmente aguçado e descorado na sua compleição, e tem ela um jeito vigilante de olhar com os cantos dos olhos, sem voltar a cabeça, que poderia ser agradavelmente dispensado — especialmente quando está de mau humor e perto de facas. Apesar de todo o bom gosto de seu traje e dos poucos adornos, esses defeitos se salientam de tal modo, que ela parece andar de um lado para outro, como uma verdadeira loba não inteiramente domesticada. Além de ser perfeita no pleno conhecimento das atribuições de seu cargo, é quase uma inglesa na familiaridade que tem do idioma. Em consequência, não lhe faltam palavras para falar de Rosa por haver atraído a atenção da senhora, e as faz jorrar com tão mau gosto quando se senta para jantar, que seu companheiro, o atencioso criado, se sente um tanto aliviado, quando a refeição chega ao fim.

Ah, ah, ah! Ela Hortense, a serviço da senhora há já cinco anos, e sempre conservada a distancia, e aquele manequim, aquela boneca, acariciada — isto mesmo, acariciada — pela senhora no momento de sua chegada a casa! Ah, ah, ah! — E sabe você que é muito bonita, menina? — Não, minha senhora. — Esta vendo só? — E que idade tem, menina? E tome cuidado para que não a estraguem com lisonjas, menina! — Oh! mas que bonequinha! E a coisinha “melhor” do mundo, pois não!

Em suma, é uma coisa tão admirável que Mlle. Hortense não pode esquecê-la, tanto que a hora das refeições, durante os dias que se seguiram,

ainda entre suas contrerêneas e outras pessoas exercendo as mesmas funções que ela, no grupo dos visitantes, recai no silencioso gozo da brincadeira — gozo expresso, ao seu jeito próprio de ser jovial, por uma maior tensão da face, alongamento dos lábios comprimidos e olhares de esguelha, extrema avaliação essa de humor, frequentemente refletida nos espelhos da senhora, quando esta não se encontra entre eles.

Todos os espelhos da casa entram agora em ação, muitos deles depois de longo intervalo. Refletem lindos rostos, rostos pretensiosos, rostos juvenis, rostos de setenta anos que não se conformam com a velhice, a inteira coleção de rostos que vieram passar uma ou duas semanas de janeiro em Chesney Wold, e que o noticiário elegante, poderoso caçador diante do Senhor, caça com agudo faro, desde sua toca, na Corte de São Jaime, ate serem prostrados pela morte. A casa de Lincolnshire esta repleta de animação. De dia, tiros e vozes são ouvidos ecoando pelos bosques, cavaleiros e carros animam as estradas do parque, criados e agregados invadem a vila e a hospedaria de Dedlock. Vista a noite, por entre distantes abertas das arvores, a fila de janelas no longo salão, onde o retrato da senhora se ostenta sobre a prateleira da chaminé, é como uma fieira de joias colocadas numa moldura negra. Aos domingos, a igreja fria fica quase aquecida com tanta e tão elegante companhia, e o cheiro geral da poeira de Dedlock é sufocado por delicados perfumes.

O brilhante e distinto círculo não abrange em seu âmbito nenhuma quantidade condensada de educação, inteligência, coragem, honra, beleza e virtude. Contudo, a despeito de suas imensas vantagens, há ali qualquer coisa que não anda bem. Que poderá ser?

Casquilhice? Já não existe agora o rei Jorge IV (maior é a pena!) para estabelecer modas casquilhas; não ha mais lentos de pescoço engomados e grossos, nem casacos de cintura curta, nem falsas panturrilhas, nem espartilhos. Não há caricaturas agora de afeminados pretensiosos ataviadíssimos, desmaiando em camarotes de ópera por excesso de prazer, e recobrando os sentidos por meio de outras criaturas melindrosas, que lhes chegam às narinas frasquinhos de cheiro, com compridos gargalos. Não ha nenhum peralvilho que precise de quatro homens ao mesmo tempo para enfiar-lhe os calções de pele de gamo, ou que vá ver todas as execuções, ou que se mostre perturbado por censurar a si próprio o ter, certa vez, engolido uma ervilha. Não obstante, haverá casquilhice no brilhante e distinto círculo,

casquilhice da espécie mais perniciosa, que se ocultou por baixo da superfície e está causando menos coisas prejudiciais do que engravatar-se fartamente e interromper suas digestões, a qual coisa nenhuma criatura racional precisaria particularmente opor-se?

Há, sim, e não pode ser disfarçado. Há em Chesney Wold, nessa semana de janeiro, algumas damas e cavalheiros da moda mais recente, que passaram a ostentar certa casquilhice — em religião, por exemplo; que, por simples falta sentimental de emoção, concordam em travar uma conversinha janota a respeito da vulgar falta de fé nas coisas em geral, querendo significar, nas coisas que foram experimentadas e verificadas estarem em falta, como se um camarada humilde devesse estranhamente perder a fé num xelim falso depois de descobri-lo! E que tornariam o Vulgar bastante pitoresco e cheio de fé, atrasando os ponteiros do Relógio do Tempo e cancelando uns poucos séculos de história.

Há também damas e cavalheiros de outra moda, não tão novos, mas bastante elegantes, que concordaram em colocar um leve verniz sobre o mundo para conservar por baixo dele todas as suas realidades; para os quais todas as coisas devem ser lânguidas e bonitas; que descobriram a perpétua parada; que devem alegrar-se com coisa nenhuma e sentir-se tristes diante de nada; que não devem ser perturbados por ideias; sobre os quais até mesmo as Belas-Artes, servindo empoadas e caminhando aos recuos, como o Lorde Camarista, devem ataviar-se segundo os modelos de modistas e alfaiates das passadas gerações, e mostrar-se particularmente cuidadosos em não falar a sério ou em receber qualquer impressão da época que passa.

Depois há Lorde Boodle, de considerável reputação em seu partido, que conheceu o que é repartição e que diz a Sir Leicester Dedlock, com muita gravidade, depois do jantar, que realmente não vê para onde tende a idade presente. Um debate não é o que costumava ser um debate. A Câmara não é o que a Câmara costumava ser. Até mesmo um Gabinete não é o que era antigamente. Percebe com espanto que, supondo ser o atual Governo derrubado, a escolha limitada da Coroa, na formação de um novo Ministério, recairá entre Lorde Coodle e Sir Thomas Doodle — supondo que seja impossível para o Duque de Foodle trabalhar com Goodle, o que pode ser aceito como verdadeiro, em consequência da ruptura surgida daquele negócio com Hoodle. Em seguida, dando o Ministério do Interior e a Liderança da Câmara dos Comuns a Joodle, a Tesouraria a Koodle, as Colônias a Loodle e

o Ministério do Exterior a Moodle, que se há de fazer com Noodle? Não se pode oferecer-lhe a Presidência do Conselho, porque está reservada para Poodle. Não se pode colocá-lo no Ministério de Bosques e Florestas, porque isso já é bastante bom para Quoodle. Que se segue daí? Que o país está naufragado, perdido e vai esmigalhar-se (como é patente ao patriotismo de Sir Leicester Dedlock), porque não se pode arranjar um lugar para Noodle!

Por outro lado o Exmo Guilherme Buffy, membro do Parlamento, discute por cima da mesa com mais alguém que o naufrágio do país — a respeito do qual não há dúvida, estando apenas em discussão a maneira pela qual se realizará — é atribuível a Cuffy. Se se tivesse feito com Cuffy o que se devia ter feito, logo que ele entrou para o Parlamento e se se houvesse impedido que ele desertasse para o lado de Duffy, ter-se-ia conseguido que ele se aliasse com Fuffy, ter-se-ia aliciado a importância de Guffy para um debate elegante, ter-se-ia atraído, para pesar sobre as eleições, a riqueza de Huffy, ter-se-iam eleito, por três condados, Juffy, Kuffy e Luffy e ter-se-ia fortificado a administração, por meio do conhecimento burocrático e dos hábitos de negócio de Muffy. Tudo isso, em vez de se estar como se está agora, dependendo do simples capricho de Puffy!

Quanto a esse ponto e a alguns tópicos de menos importância, há opiniões diferentes, mas está perfeitamente claro para o brilhante e distinto círculo ali reunido, que a questão toda gira apenas em redor de Boodle e seu séquito, de Buffy e do séquito deste. São esses os grandes atores para os quais o palco está reservado. Há sem dúvida um Povo — certo vasto número de supranumerários, a quem de vez em quando se deve dirigir a palavra e com quem se deve contar para vivas e coros, como nos teatros. Mas Boodle e Buffy, seus partidários e famílias, seus herdeiros, seus testamenteiros, administradores e cessionários, são os primeiros atores natos, empresários e condutores, e nenhuns outros podem aparecer em cena eternamente.

Nisso também há talvez em Chesney Wold casquilhice em maior quantidade do que a que o brilhante e distinto círculo, com o correr do tempo, achará conveniente para seu uso. Pois dá-se com os círculos mais sossegados e mais polidos o que se dá com o círculo que o nigromante traça em torno de si, isto é, que aparições muito estranhas podem ser vistas em ativo movimento do lado de fora. Com esta diferença que, sendo realidades e não fantasmas, há tanto maior perigo com a sua irrupção.

Como quer que seja, Chesney Wold está completamente cheio, tão cheio que uma sensação ardente de ofensa irrompe no peito das criadas mal alojadas e não pode ser extinta. Há apenas um quarto vago. É uma câmara de torreão de terceira classe, chã mas confortavelmente mobiliada, e com um ar de coisa fora da moda. E o quarto do Sr. Tulkinghorn, nunca cedido a quem quer que seja, pois ele pode chegar a qualquer momento. Ainda não chegou. É seu costume tranquilo vir da vila pelo parque, quando faz bom tempo, meter-se no quarto, como se nunca houvesse estado dele ausente desde a última vez que lá fora visto, chamar um criado e mandá-lo dizer a Sir Leicester que ele, Tulkinghorn, já chegou, no caso de ser necessária sua presença, e aparecer dez minutos antes do jantar, à sombra da porta da biblioteca. Dorme no seu torreão, com um rangente pau de bandeira por cima da cabeça, e há lá fora um telhado chato, de folhas de chumbo, sobre o qual, quando ele aqui se encontra, seu negro vulto pode ser visto a passear antes do almoço, como uma espécie maior de gralha.

Todos os dias antes do jantar a senhora procura-o na penumbra da biblioteca, mas ele ali não está. Todos os dias na hora do jantar, a senhora baixa o olhar para o lugar vazio, que estaria à sua espera para recebê-lo, se ele acabasse de chegar. Mas não há lugar vago. Todas as noites a senhora casualmente pergunta à sua criada: — O Sr. Tulkinghorn chegou?

Todas as noites a resposta é: “Não, senhora; ainda não.”

Uma noite, enquanto desmancha os cabelos, a senhora perde-se em profunda meditação depois dessa resposta, até ver seu próprio rosto meditativo no espelho fronteiro e um par de olhos negros curiosamente a observá-la.

— Tenha a bondade de prestar atenção ao seu serviço — diz a senhora dirigindo-se então à imagem de Hortense. — Deixe para contemplar sua beleza noutra ocasião.

— Perdão! E a beleza da senhora que eu estou contemplando.

— Esta, você não precisa absolutamente contemplar — diz a senhora.

Afinal uma tarde, pouco antes do pôr-do-sol, quando os brilhantes grupos de pessoas que até a última hora estiveram enchendo de vida o Passeio do Fantasma, se dispersam todos, e apenas Sir Leicester e a senhora permanecem no terraço, aparece o Sr. Tulkinghorn. Aproxima-se deles com

seu costumeiro passo metódico que nunca se apressa, nem se retarda. Ostenta sua habitual máscara inexpressiva — se é que é máscara — e carrega segredos de família em cada membro do corpo e em cada ruga da roupa. Se toda a sua alma está devotada aos grandes, ou se lhes presta apenas serviços que lhes vende, é segredo pessoal dele. Guarda-o, como guarda os segredos de seus clientes: nessa matéria é seu próprio cliente e jamais trairá a si mesmo.

— Como vai, Sr. Tulkinghorn? — pergunta Sir Leicester, dando-lhe a mão.

O Sr. Tulkinghorn vai passando excelentemente bem. Sir Leicester vai passando excelentemente bem. A senhora vai passando excelentemente bem. Todos num estado altamente satisfatório. O advogado, com as mãos atrás das costas, passeia, ao lado de Sir Leicester, ao longo do terraço. A senhora passeia do outro lado.

— Esperávamos o senhor antes — diz Sir Leicester. Afável observação. O mesmo que dizer: “Sr. Tulkinghorn, lembramo-nos de sua existência quando o senhor não se encontra aqui, para lembrar-nos dela com a sua presença. Veja só, nós concedemos um fragmento de nossos pensamentos ao senhor!”

O Sr. Tulkinghorn, compreendendo isso, inclina a cabeça e diz sentir-se muito obrigado.

— Teria chegado aqui muito mais cedo — explica ele —, mas é que estive muito atarefado com aqueles negócios das várias demandas entre o senhor e Boythorn.

— Homem de ideias muito mal reguladas — observa Sir Leicester com severidade. — Criatura extremamente perigosa no seio de qualquer comunidade. Homem de ideias de muito baixo caráter.

— É obstinado — diz o Sr. Tulkinghorn.

— É natural que tal homem seja assim — diz Sir Leicester, parecendo ele próprio mais profundamente obstinado. — Não me causa surpresa alguma ouvir isso.

— A única questão é — prossegue o advogado — se o senhor cederá alguma coisa.

— Não, senhor — responde Sir Leicester. — Nada. Eu ceder?

— Não me refiro a qualquer coisa de importância. Nisso, sem dúvida sei que o senhor não cederia. Refiro-me a coisa de menor importância.

— Sr. Tulkinghorn — retruca Sir Leicester —, não pode haver coisas de somenos importância entre mim e o Sr. Boythorn. Se vou além e observo que não posso conceber prontamente como algum direito meu possa ser de menor importância, falo não tanto com referência a mim mesmo como indivíduo, mas com referência à posição de família que tenho a meu cargo manter.

O Sr. Tulkinghorn inclina novamente a cabeça. — Tenho agora as instruções devidas — diz ele. — O Sr. Boythorn vai nos causar não poucas complicações...

— Está no caráter daquele indivíduo, Sr. Tulkinghorn — interrompe-o Sir Leicester —, provocar complicações. É um sujeito de condição baixa e excessivamente má. Sujeito que, há cinquenta anos passados, teria sido provavelmente julgado em Old Bailey por algum crime de demagogia e severamente punido... talvez — acrescenta Sir Leicester, depois de um instante de pausa —, talvez enforcado, estripado e esquartejado.

Sir Leicester parece ter aliviado seu poderoso peito de uma carga, ao deixar escapar essa sentença capital, como se a coisa mais satisfatória depois fosse vê-la executada.

— Mas a noite está caindo — diz ele — e minha senhora poderá resfriar-se. Minha querida, entremos.

Ao voltarem-se na direção da porta do salão, Lady Dedlock dirige-se pela primeira vez ao Sr. Tulkinghorn.

— O senhor mandou-me um recado a respeito da pessoa de cuja letra pedi informações. Achou o senhor conveniente lembrar a circunstância. Eu havia esquecido completamente o assunto. Seu recado fez com que eu dele me lembrasse de novo. Não sei que associação de ideias me despertou aquela letra, mas certamente alguma houve.

— Veio-lhe alguma associação? — repete o Sr. Tulkinghorn.

— Oh sim! — responde a senhora displicentemente. — Creio que deveria haver alguma. E o senhor tomou verdadeiramente o trabalho de descobrir quem escreveu aquela coisa — como é que se chama? — certidão,

não é?

— É, sim, senhora.

— É bastante estranho!

Passam para um sombrio salão de almoço no andar térreo, iluminado durante o dia por duas janelas bem rasgadas. Agora é o crepúsculo. O fogo arde brilhantemente sobre a parede apainelada e com luz pálida nos vidros das janelas, onde, através do frio reflexo do clarão, a paisagem, ainda mais fria, estremece ao vento, e um cinzento nevoeiro se vai arrastando — único viajante além da imensidade de nuvens.

A senhora recosta-se numa grande cadeira a um canto da chaminé, e Sir Leicester senta-se em outra grande cadeira em frente. O advogado fica de pé diante do fogo, com a mão estendida em todo o comprimento do braço, protegendo os olhos contra a claridade. Olha para a senhora por cima do braço.

— Sim — diz ele. — Indaguei a respeito do homem e encontrei-o. E, o que é bastante estranho, encontrei-o...

— Não muito fora de mão, suponho — antecipa languidamente Lady Dedlock.

— Encontrei-o morto.

— Oh! não diga! — censura Sir Leicester chocado não tanto com o fato em si, mas com a circunstância de ser tal fato mencionado.

— Havia-me dirigido à sua residência — um lugar pobre, miserável — e encontrei-o morto.

— Queira desculpar-me, Sr. Tulkinghorn — observa Sir Leicester. — Penso que quanto menos se referir...

— Por favor, Sir Leicester, deixe-me ouvir a história toda (agora é a senhora quem fala). — E uma autêntica história para ser contada ao cair da noite. Que coisa chocante! Morto?

O Sr. Tulkinghorn reafirma com outra inclinação da cabeça. — Se por sua própria mão...

— Ora essa! — exclama Sir Leicester. — Com efeito!

— Deixe-me ouvir a história — insiste a senhora.

— Como queira, minha querida. Mas devo advertir...

— Não, não deve advertir nada! Continue, Sr. Tulkinghorn.

A delicadeza de Sir Leicester cede, conquanto ainda ache que trazer semelhante espécie de sordidez até as classes elevadas seja realmente, realmente...

— Ia eu dizendo — prossegue o advogado com calma imperturbável — que, se ele morreu por suas próprias mãos ou não, estava fora do meu alcance dizê-lo. Devo emendar, porém, essa frase, dizendo que ele indubitavelmente morreu por ato voluntário seu, ainda que jamais se possa vir a saber com certeza se por sua própria e deliberada intenção, se por engano. O Júri do delegado achou que ele havia tomado veneno acidentalmente.

— E que espécie de homem — pergunta a senhora — era essa lastimável criatura?

— É bem difícil dizer — responde o advogado, meneando a cabeça. — Vivia tão miseravelmente e tão sem cuidados consigo próprio, com sua cor de cigano e com seus cabelos e sua barba tão incultos e negros, que eu não poderia deixar de considerá-lo a ínfima das criaturas ínfimas. O médico tinha uma vaga lembrança de que ele outrora estivera um tanto melhor, tanto no aspecto como na situação.

— Como chamavam a essa miserável criatura?

— Chamavam-no pelo nome que ele próprio dera, mas ninguém lhe sabia o verdadeiro nome.

— Nem ainda as pessoas que trataram dele?

— Ninguém havia tratado dele. Foi encontrado morto. Na verdade, eu é que o encontrei.

— Nenhum outro indício mais?

— Nenhum outro. Havia — diz o advogado meditativamente — uma velha maleta; mas... não havia papéis.

Durante todo esse curto diálogo, Lady Dedlock e o Sr. Tulkinghorn, sem nenhuma outra alteração no seu aspecto habitual, tinham estado a olhar muito fixamente um para o outro — como era natural, talvez, na discussão de

assunto tão fora do comum. Sir Leicester estivera olhando para o fogo, com a expressão geral do Dedlock lá do patamar. Terminada a narrativa, renova seu vigoroso protesto dizendo que está bastante claro que nenhuma associação de ideias pode haver entre o espírito da senhora e aquele pobre coitado (a menos que ele fosse desses que escrevem cartas pedindo dinheiro) e espera não mais ouvir falar de um assunto tão distanciado da condição social da senhora.

— É por certo uma coleção de coisas horrendas — diz a senhora, juntando suas mantas e peles —, mas interessam à gente por alguns instantes. Tenha a bondade, Sr. Tulkinghorn, de abrir a porta para mim.

O Sr. Tulkinghorn faz isso com toda a deferência e mantém-na aberta enquanto a senhora sai. Ela passa por ele com seu jeito habitual de fadiga e sua graça insolente. Encontram-se de novo ao jantar, novamente no dia seguinte, novamente durante muitos dias seguidos. Lady Dedlock é sempre a mesma divindade exausta, cercada de cultuadores e terrivelmente exposta a entender-se até a morte, mesmo enquanto preside ao seu próprio santuário. O Sr. Tulkinghorn é sempre o mesmo repositório mudo de nobres confidências — tão estranhamente fora de lugar e contudo tão perfeitamente à vontade. Parecem prestar tão pouca atenção um ao outro, como o fariam duas pessoas encerradas entre as mesmas paredes. Mas cada um eternamente vigia o outro e dele suspeita, eternamente desconfiado de alguma grande reserva; cada um está eternamente preparado, em todos os pontos, para enfrentar o outro, nunca sendo tomado de surpresa; quanto um não daria para saber quanto o outro sabe — tudo isso está oculto, por enquanto, em seus próprios corações.

A NARRATIVA DE ESTER

Realizamos várias reuniões consultivas, a respeito da carreira que Ricardo deveria seguir, primeiramente sem o Sr. Jarndyce, como ele havia pedido, e depois com ele. Mas muito tempo se passou antes que se decidisse alguma coisa. Ricardo dizia que estava pronto para tudo. Quando o Sr. Jarndyce duvidou que ele já estivesse passado da idade de entrar para a Marinha, Ricardo disse que já havia pensado nisso. Quando o Sr. Jarndyce lhe perguntou o que pensava do Exército, Ricardo disse que havia pensado nisso também e que não era má ideia. Quando o Sr. Jarndyce o aconselhou a tentar decidir por si mesmo se a sua antiga predileção pelo mar era uma corriqueira inclinação pueril ou um forte impulso, Ricardo respondeu que realmente havia tentado muitas vezes, mas que não conseguia resolver esse problema.

— Até que ponto essa indecisão de caráter — disse-me o Sr. Jarndyce — é atribuível àquele inacreditável amontoado de incertezas e adiamentos em que ele tem vivido desde que nasceu, não pretendo dizê-lo. Mas o Tribunal, entre seus outros pecados, posso muito bem verificar, é responsável por certa parte disso. Suscitou ou confirmou no rapaz um hábito de adiar, de confiar nesta, nessa ou naquela outra oportunidade, sem saber qual delas, deixando tudo instável, incerto e confuso. O caráter de pessoas muito mais velhas e mais firmes pode vir a transformar-se, em virtude das circunstâncias ambientes. Seria exigir demais de um rapaz, ainda em formação, que, sofrendo tais influências, pudesse furtar-se a elas.

Achei que ele dizia uma verdade, conquanto, se ousar dizer o que pensava a respeito, julgasse lamentável não haver a educação de Ricardo neutralizado aquelas influências ou orientado melhor seu caráter. Ele havia estado oito anos numa escola particular e aprendera, segundo me disseram, a compor versos latinos de várias espécies e de maneira admirável. Mas nunca ouvi dizer que alguém tivesse descoberto qual era a tendência natural dele ou quais eram as suas falhas, alguém que procurasse adaptar a ele qualquer

espécie de conhecimento. Educaram-no para compor versos, e *ele* aprendeu a arte de fazê-los, com tal perfeição que, se houvesse permanecido na escola até a maioridade, suponho que apenas teria continuado a fazê-los indefinidamente, a não ser que tivesse ampliado sua educação, acabando por esquecer-se da arte de compô-los. Todavia, embora eu não tivesse dúvida de que esses versos eram bastante belos, bastante perfeitos e prestadios para muitos propósitos da vida e sempre lembrados a vida inteira, duvidava de se não teria sido melhor para Ricardo que alguém o houvesse estudado um pouco, em vez de ter ele ficado tanto tempo a estudar versos.

Para falar a verdade, eu não sabia nada do assunto e até hoje não sei se os rapazes da Grécia e da Roma clássica faziam versos em tal quantidade — ou se os rapazes de qualquer país algum dia os fizeram.

— Não tenho a menor ideia — dizia Ricardo, brincando — do que seria melhor que eu fosse. Só tenho certeza de uma coisa: não desejo seguir a carreira eclesiástica; isso posso garantir.

— Não tem você inclinação pela profissão do Sr. Kenge? — sugeriu o Sr. Jarndyce.

— Não conheço nada disso, senhor! — respondeu Ricardo. — Gosto de navegar. Muitos são os escreventes aprendizes que vão para a Marinha. É uma excelente profissão!

— E cirurgião? — sugeriu o Sr. Jarndyce.

— Isso mesmo, senhor! — gritou Ricardo.

Duvido que ele já tivesse pensado nisso antes.

— E isso mesmo! — repetiu Ricardo com o maior entusiasmo. — Demos com a coisa afinal. Doutor em cirurgia!

Não havia por onde ridicularizá-lo por causa disso, mas ele ria cordialmente. Disse que havia escolhido sua profissão e que, quanto mais pensava nela, tanto mais sentia que seu destino estava bastante claro: a arte de curar era, para ele, a arte das artes. Receando que ele só tivesse chegado a essa conclusão porque, jamais conseguindo descobrir por si mesmo aquilo que melhor lhe quadrava e nunca tendo sido encaminhado a uma descoberta como essa, deixara-se arrebatar pela ideia mais nova e se sentia satisfeito por libertar-se do incômodo de deliberar, pus-me a refletir se os versos latinos

muitas vezes não davam nisso, ou se Ricardo era um caso solitário.

O Sr. Jarndyce teve muito trabalho a conversar com ele seriamente e repô-lo no bom senso, para que não viesse a decepcionar-se em matéria tão importante. Ricardo ficava um tanto sisudo depois dessas conversas, mas dizia invariavelmente a mim e a Ada “que ia tudo bem” e depois começava a falar a respeito de outra coisa qualquer.

— Por Deus! — exclamava o Sr. Boythorn, que se interessava fortemente pelo caso (pois, não é preciso repeti-lo, nada podia ele fazer, a não ser fortemente) — folgo de encontrar um jovem espirituoso e galante, dedicando-se a tão nobre profissão! Quanto mais espírito houver nela, tanto melhor para a humanidade e tanto pior para aqueles mercenários profissionais e baixos charlatães que se deliciam em desmoralizar perante o mundo tão ilustre arte! Por tudo o que é baixo e vil — vociferava o Sr. Boythorn —, o tratamento de cirurgiões a bordo de navios é tal que eu submeteria as pernas — ambas as pernas — de cada um dos membros do Conselho do Almirantado a uma fratura composta e, consideraria merecedor de deportação qualquer médico que as endireitasse, se o sistema não fosse radicalmente mudado em 48 horas!

— Por que não lhes daria uma semana? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Não! — exclamou o Sr. Boythorn com firmeza. — Não, de maneira nenhuma! Quarenta e oito horas! Quanto às Corporações, Paróquias, Fábricas de Igreja, e semelhantes ajuntamentos de capadócios que se reúnem para trocar discursos tais que, francamente, deviam ser postos a trabalhar em minas de mercúrio durante o curto resto de suas miseráveis existências, ainda que fosse apenas para impedir que o detestável inglês que falam contaminasse a língua falada na presença do sol — quanto àqueles camaradas que vilmente tiram vantagem do ardor dos cavalheiros em busca do saber, para recompensar-lhes os inestimáveis serviços dos melhores anos de suas vidas, de seus longos estudos e de sua dispendiosa educação, com rações demasiado pequenas para serem aceitas por escreventes, torcer-lhes-ia os pescoços e arrumar-lhes-ia os crânios na Sala dos Cirurgiões, para que todos os profissionais os contemplassem, a fim de que os membros mais jovens pudessem desde cedo compreender, pela medição atual, como os crânios se podem tornar espessos!

Concluiu essa veemente declaração passeando os olhos por todos nós,

com o mais amável dos sorrisos, e de repente trovejou “Ah! ah! ah!” repetidas vezes, até não ser possível a nenhum dos presentes eximir-se à ação avassaladora daquela formidável contensão.

Como Ricardo continuasse ainda a dizer que estava firme na sua escolha, depois de repetidos períodos de consideração lhe terem sido recomendados pelo Sr. Jarndyce e haverem expirado, e como continuasse ainda a afirmar a mim e a Ada, da mesma forma definitiva, que “ia tudo bem”, tornou-se aconselhável ouvir a opinião do Sr. Kenge. O Sr. Kenge, portanto, veio jantar conosco certo dia, e, recostado na sua cadeira, a revirar os óculos, falou com voz sonora e fez exatamente aquilo que eu me recordava tê-lo visto fazer quando era menina.

— Ah! — disse o Sr. Kenge. — Sim. Muito bem! Uma profissão muito boa, Sr. Jarndyce, uma profissão excelente.

— O curso dos estudos e o preparo requerem uma diligência continuada — observou meu tutor, com um olhar para Ricardo.

— Oh! sem dúvida — tornou o Sr. Kenge. — Muita diligência.

— Mas sendo esse, mais ou menos, o caso com todas as ocupações que valem muito — disse o Sr. Jarndyce —, não é essa uma consideração especial à qual escape qualquer outra profissão que venha a ser escolhida.

— É verdade — disse o Sr. Kenge. — E o Sr. Ricardo Carstone, que com tanto mérito se houve no trato (poderei dizer das sombras clássicas?) no qual sua mocidade se passou, sem dúvida aplicará os hábitos, se não os princípios e a prática da versificação naquela língua em que se disse que um poeta (salvo engano) deveria nascer e não fazer-se, ao campo mais eminentemente prático de ação em que agora entra.

— Pode ficar descansado — disse Ricardo, na sua maneira desestudada — que seguirei a profissão e nela farei o melhor que puder.

— Muito bem, Sr. Jarndyce — disse o Sr. Kenge, assentindo gentilmente com a cabeça. — Na realidade, quando somos tranquilizados pelo Sr. Ricardo de que ele tenciona seguir essa profissão e fazer o melhor que puder — meneia de novo expressiva e levemente a cabeça, ao proferir estas expressões — submeterei apenas à sua atenção que nos resta somente indagar qual a melhor maneira de levar a cabo o objeto da sua ambição. Ora, no que se refere à colocação do Sr. Ricardo com algum profissional de certa Importância, há

algum atualmente em vista?

— Nenhum, creio eu, não é, Ricardo? — perguntou o meu tutor.

— Nenhum, senhor — respondeu Ricardo.

— Muito bem — observou o Sr. Kenge. — E quanto ao emprego, há alguma ideia formada sobre o assunto?

— N... não — disse Ricardo.

— Muito bem — observou de novo o Sr. Kenge.

— Gostaria de variar um pouco — disse Ricardo —, quero dizer, gostaria de ter um curso em que minha experiência pudesse ter campo mais vasto.

— É de toda a conveniência, sem dúvida — assentiu o Sr. Kenge. — Creio que isso pode ser facilmente arranjado, não é, Sr. Jarndyce? Temos apenas, em primeiro lugar, de descobrir um profissional cuja escolha satisfaça suficientemente, e, assim que tornemos conhecido o nosso desejo (e, será preciso acrescentar, a nossa capacidade de pagar bem), a nossa única dificuldade estará na escolha de um dentre inúmeros. Temos apenas, em segundo lugar, de observar aquelas pequeninas formalidades que se tornam necessárias em nossos dias e o fato de estarmos sob a guarda do Tribunal. E dentro em pouco estaremos todos, para falar segundo a maneira tão cordial do Sr. Ricardo, plenamente satisfeitos. Há uma coincidência — disse o Sr. Kenge, com um tom de melancolia no sorriso —, uma dessas coincidências que podem ou não exigir uma explicação acima de nossas atuais e limitadas faculdades; a de ter eu um primo que exerce a profissão médica. Os senhores poderiam tomar em consideração a sua escolha, e ele poderia estar disposto a responder a essa proposta. Posso, é claro, responder tão pouco por ele quanto pelos senhores. Mas acho que ele pode responder por si!

Como isso era uma oportunidade, ficou combinado que o Sr. Kenge iria ter com o primo. E como o Sr. Jarndyce havia antes proposto levar-nos a Londres para passarmos umas semanas, no dia seguinte ficou assentado que faríamos nossa viagem imediatamente e combinaríamos o caso de Ricardo na mesma ocasião.

Tendo-nos o Sr. Boythorn deixado ao cabo duma semana, hospedamo-nos numa alegre pensão perto da Rua Oxford, por cima duma loja de móveis e

tapeçarias. Londres era para nós uma grande maravilha, e ficávamos na rua horas e horas de cada vez, vendo as curiosidades, que pareciam inesgotáveis. Percorremos também os principais teatros com enorme prazer e assistimos a todas as peças dignas de ver-se. Menciono esse fato porque foi no teatro que de novo comecei a ser importunada pelo Sr. Guppy.

Estava eu sentada uma noite com Ada na frente do camarote e Ricardo no lugar que mais lhe agradava, atrás da cadeira de Ada, quando aconteceu, olhando eu para a plateia, avistar o Sr. Guppy, com o cabelo muito bem alisado na cabeça e a mágoa estampada no rosto, de olhos levantados para mim. Percebi, durante todo o espetáculo, que ele não olhara uma vez sequer para os atores, mas ficara a olhar-me constantemente e sempre com uma expressão, cuidadosamente preparada, da mais profunda aflição e do mais extremo abatimento.

Isso me estragou completamente o prazer daquela noite, porque era, na verdade, uma coisa bastante embaraçosa e muito ridícula. E, daquela vez em diante, nunca voltamos ao teatro sem que eu visse o Sr. Guppy na plateia, sempre com o cabelo corrido e liso, o colarinho da camisa dobrado, e com um aspecto geral de debilidade. Se ele ali não se encontrava quando entrávamos, e eu começava a ter esperanças de que ele não aparecesse, dedicando por um pouco de tempo todo o meu interesse ao que se passava na cena, tinha, no entanto, a certeza de encontrar seus olhos compridos, quando menos o esperasse, e desde então senti-los invariavelmente fixos em mim, durante toda a noite.

Não tenho expressões para significar quanto aquilo me incomodava. Se ele pelo menos houvesse penteado melhor o cabelo ou virado o colarinho, já seria bastante mau; mas saber que aquela figura grotesca estava sempre a fitar-me e sempre naquele estado de manifesto abatimento, constrangia-me de tal maneira que me tirava a vontade de rir durante a peça, ou de chorar, ou de comover-me, ou de falar. Parecia faltar-me a naturalidade em tudo quanto fazia. Quanto a escapar aos olhares do Sr. Guppy, retirando-me para a parte de trás do camarote, não me agradava fazê-lo, porque sabia que Ricardo e Ada contavam com a minha presença ao lado deles e que nunca poderiam conversar com tanto prazer um com o outro, se outra qualquer pessoa estivesse no meu lugar. De modo que ali ficava, sem saber para onde olhar, pois para onde quer que voltasse a vista, sabia que os olhos do Sr. Guppy me acompanhavam, e pensava na terrível despesa que aquele rapaz estava

fazendo por minha causa.

Pensava às vezes em contar o caso ao Sr. Jarndyce. Depois receava que o rapaz perdesse seu emprego e que fosse eu a causa de sua ruína. Às vezes pensava em desabafar-me com Ricardo, mas desistia da ideia diante da possibilidade de vir ele a entrar em luta com o Sr. Guppy, deixando-o com os olhos pisados. Outras vezes pensava se deveria fechar a cara para ele ou voltar a cabeça num movimento brusco de desagrado. Depois percebia que não poderia fazer isto. Noutras ocasiões considerava que talvez fosse melhor escrever à mãe dele, mas acabava por convencer-me de que iniciar uma correspondência seria piorar ainda mais o caso. Sempre chegava à conclusão de que, definitivamente, nada podia fazer. A perseverança do Sr. Guppy durante todo esse tempo não somente o levava a aparecer com toda a regularidade em qualquer teatro a que fôssemos, mas fazia-o surgir no meio da multidão, quando saíamos, e até a montar na traseira do nosso cabriolé, onde tenho a certeza de tê-lo visto duas ou três vezes a lutar desesperadamente com os espigões. Depois que entrávamos em casa, ficava ele ao pé dum poste, em frente do nosso prédio. A loja de móveis por cima da qual estávamos morando ficava situada na esquina de duas ruas, e achando-se a janela do meu quarto de dormir bem defronte do poste onde o Sr. Guppy permanecia, eu tinha receio de aproximar-me da janela quando subia, com medo de vê-lo (como aconteceu numa noite de luar) apoiado ao poste, expondo-se evidentemente a apanhar um resfriado. Se, felizmente para mim, ele não estivesse ocupado durante o dia, creio que realmente não me daria descanso.

Enquanto gozávamos essa temporada de diversões, da qual o Sr. Guppy participava de maneira tão extraordinária, o negócio que nos havia trazido à cidade não fora descuidado. O primo do Sr. Kenge era um tal Sr. Bayham Badger, com um bom consultório em Chelsea e além disso trabalhando numa vasta instituição pública. Mostrou-se francamente pronto a receber Ricardo em sua casa e dirigir-lhe os estudos, e como pareceu que estes poderiam ser feitos vantajosamente sob o teto do Sr. Bayham e como o Sr. Badger gostou de Ricardo e Ricardo disse que gostou “muitíssimo” do Sr. Badger, entrou-se em acordo, obteve-se o consentimento do Lorde Chanceler e tudo ficou arranjado.

No dia em que os negócios ficaram concluídos entra Ricardo e o Sr. Badger, comprometemo-nos todos a jantar em casa deste. Seria “uma reunião

meramente familiar”, como dizia o convite da Sra. Badger, e não encontramos lá nenhuma mulher, a não ser a própria Sra. Badger. Vários objetos cercavam-na no seu salão, indicando que ela pintava um pouco, tocava um pouco de piano, tocava um pouco de guitarra, tocava um pouco de harpa, cantava um pouco, costurava um pouco, lia um pouco, escrevia um pouco de poesia e herborizava um pouco. Era uma mulher de cerca de cinquenta anos, pensei, juvenilmente trajada e com um rosto de admiráveis cores. Se acrescentar a essa pequena lista de suas habilidades que ela pintava um pouquinho o rosto, não quero dizer que houvesse nisso algum dano.

Quanto ao Sr. Bayham Badger, era um cavalheiro de rosto rosado, fresco e de cabelos crespos e louros, com voz fraca, dentes alvos e olhos de surpresa, alguns anos mais moço, ousaria dizer, que a Sra. Bayham Badger. Ele sentia pela esposa uma admiração extrema, mas, principalmente e em primeiro lugar, pelo curioso fato (como nos pareceu) de ter ela tido três maridos. Mal nos havíamos assentado, disse ele ao Sr. Jarndyce, num tom de triunfo: — O senhor mal poderia acreditar que eu sou o terceiro marido da Sra. Bayham Badger!

— Deveras? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Seu terceiro marido! — exclamou o Sr. Badger. — Não acha, Miss Summerson, que a Sra. Bayham Badger não tem nenhum aspecto de uma mulher que já foi casada duas vezes?

— Nenhum, absolutamente — disse eu.

— E casada com homens notabilíssimos! — exclamou o Sr. Badger em tom confidencial. — O Capitão Swosser, da Armada Real, primeiro marido da Sra. Badger, foi um oficial distintíssimo. O nome do Professor Dingo, meu predecessor imediato, é de reputação europeia.

A Sra. Badger sorriu ao ouvi-lo.

— Sim, minha querida — respondeu o Sr. Badger ao sorriso —, estava eu chamando a atenção do Sr. Jarndyce e de Miss Summerson para o fato de você ter tido dois maridos antes de mim, ambos homens notáveis, e acharam isso, como em geral acontece a toda gente, bem difícil de acreditar.

— Tinha eu apenas vinte anos — disse a Sra. Badger — quando me casei com o Capitão Swosser, da Armada Real. Estive no Mediterrâneo com ele. Sou um marinheiro completo. No décimo segundo aniversário do meu

casamento, tornei-me esposa do Professor Dingo.

— De reputação europeia — acrescentou o Sr. Badger em voz baixa.) — E, quando o Sr. Badger e eu nos casamos — prosseguiu a Sra. Badger casamo-nos no mesmo dia do ano. Havia-me ligado a esse dia.

— De modo que a Sra. Badger casou-se com três maridos, dois deles homens altamente notáveis — disse o Sr. Badger, resumindo os fatos —, e, de cada vez, no dia 21 de março, às onze horas da manhã!

Todos exprimimos nossa admiração.

— Se não fosse a modéstia do Sr. Badger — disse o Sr. Jarndyce — tomaria a liberdade de corrigi-lo e diria três homens notáveis.

— Obrigada, Sr. Jarndyce. É o que sempre digo a ele — observou a Sra. Badger.

— E, minha querida — disse o Sr. Badger —, que é que eu sempre digo a você? Que sem qualquer aparência de querer depreciar o distinto posto profissional que cheguei a adquirir (e que o nosso amigo Sr. Carstone terá muitas oportunidades de apreciar), não sou tão fraco, oh não! — disse o Sr. Badger, dirigindo-se a todos nós — tão insensato a ponto de colocar minha reputação no mesmo nível da de homens de primeira ordem, como o Capitão Swosser e o Professor Dingo. Talvez possa causar-lhe interesse, Sr. Jarndyce — continuou o Sr. Bayham Badger, encaminhando-se para o salão próximo —, este retrato do Capitão Swosser. Foi tirado no seu regresso da Guarnição Africana, onde sofreu as febres do país. A Sra. Badger acha-o demasiado amarelo. Mas é uma belíssima cabeça. Uma belíssima cabeça!



A TRISTEZA DO SR GUPPY

William Guppy, que se apaixona por Esther Summerson, a heroína da história, declara-lhe os seus sentimentos de maneira verdadeiramente engraçada.



O Sr Guppy, seguido de seu amigo Tony, de vela na mão, penetra na sala no momento exato em que o fogo tudo envolve, enquanto o gato, arrepiado e como petrificado, olha o soalho

— **U**ma belíssima cabeça! — respondemos todos, em eco.

— Ao olhar para este retrato, sinto — disse o Sr. Badger — que é dum homem que eu gostaria de ter visto! Revela de modo admirável o homem de primeira ordem que o Capitão Swosser preeminentemente foi. Do outro lado, o Professor Dingo. Conheci-o muito bem. Tratei-o na sua última doença. De tão parecido, só falta falar! Em cima do piano, a Sra. Bayham Badger quando era Sra. Swosser. Em cima do sofá, a Sra. Bayham Badger quando era Sra. Dingo. Da Sra. Bayham Badger *in esse*, possuo o original e não a cópia.

O jantar foi então anunciado e descemos. Foi uma reunião agradável, sendo o jantar profusamente servido. Mas o capitão e o professor ainda andavam na cabeça do Sr. Badger, e como Ada e eu tivemos a honra de ficar sob seu especial cuidado, fomos amplamente beneficiadas com as excelências dos dois falecidos.

— Água, Miss Summerson? Com licença! Por favor, não bebam neste copo sem pé. Jaime, traga-me a taça do professor!

Ada mostrou-se muito admirada ante algumas flores artificiais que estavam debaixo duma redoma.

— É espantoso ver como estão conservadas! — disse o Sr. Badger. — Foram dadas de presente à Sra. Bayham Badger quando ela se achava no Mediterrâneo.

Convidou o Sr. Jarndyce para tomar um copo de clarete.

— Desse clarete, não! — exclamou ele. — Desculpe-me. Este é um momento excepcional e num momento excepcional gosto de mandar servir algum clarete especial que atualmente possuo. (Jaime, o vinho do Capitão Swosser!) Sr. Jarndyce, foi este um vinho importado pelo Capitão Swosser, não sabemos dizer há quantos anos. O senhor vai achá-lo bastante estranho. Minha querida, terei muita satisfação em beber um pouco deste vinho em sua companhia. (Clarete do Capitão Swosser para a senhora, Jaime!) Meu amor, à sua saúde!

Depois do jantar, quando nós, mulheres, nos retiramos, levamos conosco o primeiro e o segundo marido da Sra. Badger. Esta dera-nos no salão um esboço biográfico da vida e dos serviços do Capitão Swosser, antes de seu

casamento, e mais minuciosa descrição dele, a datar do tempo em que se apaixonou por ela, em um baile a bordo do “Crippler”, dado aos oficiais daquele navio, quando ancorado na baía de Plymouth.

— Ah! querido “Crippler”! — exclamou a Sra. Badger, meneando a cabeça. — Era um belo navio. Bem arranjado, alto, catita, como costumava dizer o Capitão Swosser. Desculpem-me se por vezes me utilizo de alguma expressão náutica. Já fui um marinheiro completo. O Capitão Swosser amava aquela embarcação por minha causa. Quando ela foi posta fora de serviço, dizia ele frequentemente que se tivesse bastante dinheiro para comprar-lhe o velho casco, mandaria gravar uma inscrição nas gambotas do tombadilho, onde ficávamos como pares na dança, para marcar o lugar onde ele caiu — varrido de proa a popa (costumava dizer o Capitão Swosser) pelo fogo de minhas gáveas. Era a expressão naval que ele usava para designar meus olhos.

A Sra. Badger sacudiu a cabeça, suspirou e olhou para dentro do copo.

— Grande foi a mudança do Capitão Swosser para o Professor Dingo — continuou ela, com um sorriso lastimoso. — Senti muito a princípio. Foi uma inteira revolução no meu modo de vida! Mas o hábito, combinado com a ciência — especialmente a ciência —, acabou por vencer-me. Sendo a única companhia do Professor Dingo nas suas excursões botânicas, quase me esqueci de que andara outrora a bordo, e tornei-me inteiramente entendida no novo assunto. O mais singular é que o professor era a antítese do Capitão Swosser, e que o Sr. Badger não se parece absolutamente com nenhum dos outros dois!

Passamos depois para uma narrativa das mortes do Capitão Swosser e do Professor Dingo, que parecem ter sido bastante lastimadas. No curso dessa narrativa, a Sra. Badger deu-nos a entender que só estivera loucamente apaixonada uma vez e que o objeto de tão extremo afeto, jamais renovado no seu vivo entusiasmo, fora o Capitão Swosser. O professor estava morrendo ainda, polegada a polegada, da maneira mais sombria, e a Sra. Badger ministrava-nos imitações do modo de falar dele, com grande dificuldade: “Onde está Laura? Deixem Laura trazer minha torrada e a água”, quando a entrada dos homens o despachou para a cova.

Ora, observei naquela noite, como havia observado durante alguns dias passados, que Ada e Ricardo estavam mais do que nunca ligados um ao outro, o que era bastante natural, dado que iam separar-se dentro em pouco. Não me

causou surpresa, pois, quando voltamos para casa e Ada e eu subimos, achá-la mais silenciosa do que de costume, conquanto eu não estivesse inteiramente preparada para vê-la atirar-se aos meus braços e começar a falar-me, com o rosto oculto.

— Minha querida Ester — murmurou Ada. — Tenho um grande segredo para lhe contar.

Um enorme segredo, sem dúvida, minha belezinha!

— Qual é, Ada?

— Oh! Ester, você nunca haveria de adivinhar.

— Quer que eu tente?

— Oh, não! Não faça isso! Peço-lhe! — gritou Ada, bastante assustada com a ideia de que eu viesse a fazê-lo.

— Ora, posso imaginar a respeito de quem seja? — perguntei, fingindo pensar.

— É a respeito — disse Ada, num cochicho — é a respeito... do meu primo Ricardo!

— Bem, minha querida — disse eu, beijando-lhe o cabelo louro, que era tudo quanto eu podia ver — e que me diz dele?

— Oh! Ester, você nunca haveria de adivinhar.

Era tão bonito vê-la agarrada a mim daquela maneira, ocultando o rosto, e saber que ela não estava chorando de tristeza, mas no ardor da alegria, do orgulho e da esperança, que a deixei desabafar à vontade.

— Diz ele (sei que isto é uma coisa muito louca, somos tão moços ainda), mas diz ele — e as lágrimas jorram — que me ama com toda a ternura, Ester.

— Disse isso mesmo? — perguntei. — Nunca ouvi dizer semelhante coisa! Ora, queridinha do meu coração, eu poderia ter dito isso a vocês há muitas semanas.

Era tão agradável ver Ada erguer o rosto enrubescido de alegre surpresa e agarrar-me pelo pescoço, rindo, chorando, corando!

— Ora, minha querida — disse eu —, então, por que espécie de lorpa me

toma você? Seu primo Ricardo tem estado a namorá-la o mais claramente que pode, há já não sei quanto tempo!

— E contudo você nunca disse uma palavra a esse respeito! — exclamou Ada, beijando-me.

— Não, meu bem. Esperei que você me contasse.

— Mas agora lhe contei. Você não vai levar a mal isso, não é? — replicou Ada. Ela podia ter-me induzido a dizer Não, se eu fosse a dama de companhia de coração mais duro do mundo. Não sendo isso ainda, disse Não com a maior franqueza.

— E agora — disse eu — já sei o pior de tudo.

— Oh! isso não é de modo algum o pior de tudo, querida Ester! — exclamou Ada, agarrando-me mais apertadamente e encostando de novo o rosto de encontro ao meu peito.

— Não? — perguntei. — Nem mesmo isto?

— Não, nem mesmo isto! — disse Ada, sacudindo a cabeça.

— Ora, não é possível que você queira dizer... — fui começando, em tom de gracejo.

Mas Ada, erguendo a vista e sorrindo por entre as lágrimas, exclamou: — Sim, é possível! Você sabe, você bem sabe que é possível! — e depois, entre soluços: — É possível, Ester, digo-o de todo o meu coração!

Falei-lhe então, rindo, que também sabia disso, da mesma forma que descobrira tudo mais. Sentamo-nos diante do fogo e durante algum tempo a conversa correu só por minha conta (embora não houvesse muito que dizer) e Ada não tardou a sossegar e sentir-se feliz.

— Você acha que o primo João já sabe, querida D^a Durden? — perguntou ela.

— A menos que o primo João seja cego, meu bem — respondi —, penso que ele sabe tão bem quanto nós.

— Desejamos falar-lhe antes que Ricardo se vá — disse Ada com timidez — e queremos que você nos aconselhe e fale a ele também. Talvez você não se importe que Ricardo entre aqui agora, não é, D^a Durden?

— Oh! Ricardo está lá fora, meu bem? — Não tenho muita certeza — replicou Ada com um ar de simplicidade envergonhada, que me teria conquistado o coração se desde muito ela já não o houvesse conquistado —, mas creio que ele está esperando aí do lado de fora da porta.

Lá estaria, decerto. Trouxeram cadeiras, que colocaram de cada lado meu, deixando-me no meio, e na verdade mais parecia que estavam ambos apaixonados por mim do que um pelo outro, tão confiantes se mostravam, tão expansivos e carinhosos a meu respeito. Deixei-os falar por algum tempo a seu modo, cheio de vivacidade, sem os interromper uma vez sequer. Eu mesma gozava extremamente com aquilo. Depois passamos pouco a pouco a considerar quão jovens eles eram, que o espaço de alguns anos deveria decorrer antes que aquele amor juvenil viesse a realizar-se, e que felicidade só poderia haver se ele fosse real e duradouro e lhes inspirasse uma decidida resolução de cumprir cada qual seu dever para com o outro, com constância, fortaleza e perseverança: um sempre por causa do outro. Ricardo disse que gastaria os dedos até os ossos por causa de Ada e Ada disse que gastaria os dedos até os ossos por causa de Ricardo. Chamaram-me com todos os nomes carinhosos e ternos e ali ficamos, aconselhando-nos e conversando, metade da noite. Finalmente, antes de nos separarmos, fiz-lhes a promessa de falar com o primo deles no dia seguinte.

Assim, no outro dia fui ter com meu tutor depois do almoço, no quarto que naquela casa da cidade substituía a nossa Resmungadoria, e disse-lhe que tinha alguma coisa que contar-lhe em confiança.

— Muito bem, mulherzinha — disse ele, fechando o livro que lia —, se você aceitou o encargo, é porque não há nada de mau naquilo que lhe confiaram.

— Espero que não, tutor — disse eu. — Posso garantir que não há segredo nisso, pois só aconteceu ontem.

— Ah! E que é, Ester?

— Tutor — disse eu —, lembra-se daquela noite feliz em que pela primeira vez chegamos à Casa Soturna? Quando Ada estava cantando na sala escura?

Desejava fazê-lo recordar do olhar que me lançara então. Se não estou muito enganada, vi que o conseguira.

— Porque ... — disse eu, um tanto hesitante.

— Sim, minha querida — disse ele. — Não se apresse.

— Porque — disse eu — Ada e Ricardo apaixonaram-se um pelo outro e confessaram mutuamente seu amor.

— Já! — exclamou meu tutor, completamente atônito.

— Sim! — respondi — e para falar-lhe a verdade, tutor, eu já esperava por isso.

— Ora, não diga, Ester! — exclamou ele.

Ficou meditando um ou dois minutos, com seu sorriso, ao mesmo tempo tão belo e tão bondoso, estampado no rosto mudável, e depois pediu-me que fosse dizer-lhes que desejava vê-los. Quando chegaram, passou um braço em volta da cintura de Ada, com seu jeito paternal, e dirigiu-se a Ricardo com uma gravidade prazerosa.

— Rick — disse o Sr. Jarndyce —, sinto-me satisfeito por haver conquistado sua confiança. Espero conservá-la. Quando considerei estas relações entre nós quatro, que tanto iluminaram a minha vida, dotando-a de novos interesses e prazeres, por certo considerarei também, para mais tarde, a possibilidade de você e esta sua bela prima (não fique encabulada, Ada, não fique encabulada, minha querida!) resolverem passar o resto da vida juntos. Vi, e vejo, várias razões para que isso seja uma coisa desejável. Mas isso era para mais adiante, Rick, para muito mais adiante!

— Achamos que é para mais adiante, senhor! — replicou Ricardo.

— Bem! — disse o Sr. Jarndyce. — Isso é razoável. Ora, escutem aqui, meus queridos. Eu poderia dizer que vocês ainda não sabem bem o que pensam, que milhares de coisas podem acontecer para desviar um do outro, que muito bem pode acontecer que essa cadeia de flores em que vocês se prenderam se parta com facilidade, ou venha a tornar-se uma cadeia de chumbo. Mas não farei isso. Tal discernimento, ousado afirmar, se tiver de vir, não haverá de demorar. Posso garantir que daqui a poucos anos vocês serão no seu coração um para o outro o que são hoje. Tudo quanto direi antes de falar-lhes, de acordo com tal suposição, é, se vocês mudarem —se vocês vierem a descobrir que são um para outro, quando homem e mulher, primos mais comuns do que eram quando rapaz e moça (sua virilidade me

desculpará, Rick!) — não se envergonhem ainda de confiar em mim, pois não haverá nada de monstruoso ou de extraordinário nisso. Sou apenas amigo de vocês e parente afastado. Não tenho poder de espécie alguma sobre vocês. Mas desejo e espero conservar a confiança de vocês, se nada fizer para desmerecê-la.

— Tenho toda a certeza, senhor — replicou Ricardo —, de que falo também em nome de Ada quando digo que o senhor tem sobre nós o maior dos poderes, baseado no respeito, na gratidão e no afeto, tornando-se cada dia mais forte.

— Querido primo João — disse Ada, apoiada no ombro dele —, o lugar de meu pai não tornará a ficar vazio. Todo o amor e todo o acatamento que eu poderia ter-lhe dedicado estão transferidos para o senhor.

— Venham cá! — exclamou o Sr. Jarndyce. — Vamos tratar de nossos projetos. Agora ergamos nossos olhos e olhemos esperançosos para o futuro. Rick, o mundo está à sua frente, e é muito provável que ele o acolherá de acordo com a maneira pela qual você nele entrar. Em nada confie senão na Providência e em seus próprios esforços. Nunca separe as duas coisas, como o carroceiro pagão. Constância no amor é uma boa coisa, mas nada significa e nada é sem a constância em toda a espécie de esforço. Se você tivesse o talento de todos os grandes homens do passado e do presente, nada poderia fazer bem sem sinceramente tencionar fazê-lo e meter decididamente mãos à obra. Se você acalenta a suposição de que qualquer autêntico êxito, tanto nas grandes coisas como nas pequenas, alguma vez foi ou pôde ser, alguma vez será ou poderá ser, arrancado da Fortuna às tontas, deixe aqui esta ideia errada ou deixe aqui sua prima Ada.

— Deixarei essa ideia aqui, senhor — respondeu Ricardo, sorrindo —, se é que a trouxe para aqui agora (mas acho que não o fiz), e tratarei de abrir caminho para ir ter com minha prima Ada no futuro cheio de esperança.

— Está direito! — disse o Sr. Jarndyce. — Se você não estivesse disposto a fazê-la feliz, por que haveria de persistir em segui-la?

— Não a faria infeliz, não, nem ainda por amor dela — redarguiu Ricardo com orgulho.

— Muito bem! — exclamou o Sr. Jarndyce — você falou muito bem! Ela fica aqui, em seu lar, comigo. Ame-a, Ricardo, tanto na sua vida ativa

como aqui em casa dela, quando tornar a visitá-la, e tudo irá bem. Do contrário, tudo irá mal. Com isso termino o meu sermão. Acho que a melhor coisa que vocês deveriam fazer agora era dar um passeio.

Ada abraçou-o com ternura e Ricardo apertou-lhe cordialmente a mão, e depois os primos saíram da sala — embora voltando o olhar para mim, como a dizer que estariam à minha espera.

A porta ficou aberta e nós dois acompanhamo-los com a vista, vendo-os atravessar a sala contígua, sobre a qual o sol brilhava, até se perderem na distância. Ricardo, com a cabeça inclinada e a mão da prima no seu braço, conversava com ela fervorosamente, enquanto Ada, de olhos fitos nele, escutava, parecendo nada mais ver em redor. Tão jovens, tão belos, tão cheios de esperanças e de promessas, caminhavam, alegres, sob a luz do sol, como seus próprios pensamentos felizes poderiam depois ir atravessando os anos por vir, tornando-os todos anos de esplendor. Assim perderam-se na sombra e se foram. Foi apenas uma explosão de luz, que se mostrara tão radiante. A sala escureceu quando eles se retiraram, e o sol se toldou de nuvens.

— Estou certo, Ester? — perguntou o Sr. Jarndyce quando eles se afastaram.

Ele, que era tão bom e tão sábio, perguntar a mim se estava certo!

— Rick poderá ganhar com isso a qualidade que lhe falta, a que lhe falta dentre tanta coisa boa que possui — disse o Sr. Jarndyce, sacudindo a cabeça. — Eu nada disse a Ada, Ester. Ela tem sua amiga e conselheira sempre perto.

E descansou com amor a mão sobre minha cabeça.

Não pude deixar de mostrar que estava um tanto comovida, apesar de fazer tudo para ocultá-lo.

— Psiu, psiu! — disse ele. — Mas devemos tomar cuidado também para que a vida da nossa mulherzinha não se consuma toda em cuidados pelos outros.

— Cuidados? Meu querido tutor, creio que sou a criatura mais feliz do mundo!

— Também creio — disse ele. — Mas alguém pode descobrir — o que Ester nunca descobrirá — que a mulherzinha há de ser recordada acima de todas as outras pessoas!

Esqueci-me de mencionar a tempo que havia alguém mais no jantar da família. Não era uma senhora. Era um cavalheiro, um cavalheiro moreno — um jovem clínico. Mostrava-se um pouco reservado, mas achei-o muito sensato e agradável. Pelo menos Ada me perguntou isso e eu respondi que sim.

A ELEGÂNCIA

Ricardo deixou-nos logo na tarde seguinte para começar sua nova carreira, entregando Ada aos meus cuidados, com grande amor para com ela e grande confiança em mim. Sensibilizou-me então refletir, e me sensibiliza agora, mais de perto ainda, relembrar (tendo o que tenho de referir) quanto ambos pensavam em mim, mesmo naquele tempo absorvente. Era eu parte em todos os seus planos, para o presente e para o futuro. Eu tinha de escrever a Ricardo uma vez por semana, fazendo um fiel relatório a respeito de Ada, que deveria escrever-lhe dia sim, dia não. Tinha de ser informada, do próprio punho dele, de todos os seus trabalhos e êxitos; tinha de observar seu procedimento resoluto e perseverante; tinha de ser a dama de honra de Ada no seu casamento; tinha de viver com eles depois; tinha de tomar conta de todas as chaves da casa deles; tinha de ser feliz para todo o sempre.

— E se o processo nos tornar ricos, Ester — o que pode acontecer, você bem sabe! — exclamou Ricardo, para. coroar tudo.

Uma sombra passou pelo rosto de Ada.

— Minha querida Ada — perguntou Ricardo —, por que não?

— Seria melhor que ele nos declarasse pobres de uma vez — disse Ada.

— Oh! nada sei a esse respeito — replicou Ricardo —, mas, seja como for, ele não declarará nada imediatamente. Nada declarou, sabe Deus há quantos anos.

— É bem verdade — disse Ada.

— Sim, mas — instou Ricardo, respondendo ao que sugeriam os olhos dela, mais do que diziam suas palavras — quanto mais ele se prolongue, querida prima, mais perto, em todo o caso, estará de uma solução. Ora, não é isso razoável?;

— Você sabe melhor do que eu, Ricardo. Mas receio que, se confiarmos

nele, nos faça infelizes.

— Mas, minha Ada, nós não vamos confiar nele! — exclamou Ricardo. — Em vez de confiar nele, sabemos o que nos importa. Apenas dizemos que, se ele nos tornar ricos, não teremos propriamente nenhuma objeção contra isso. O Tribunal é, por solene dispositivo da lei, nosso velho e rabugento tutor, e cumpre-nos supor que o que ele nos dá (quando nos dá alguma coisa) é direito nosso. Não vamos alterar com o nosso direito.

— Não — disse Ada —, mas seria melhor que nos esquecêssemos disso.

— Muito bem, muito bem! — exclamou Ricardo — então tratemos de esquecê-lo. Relegaremos tudo isso ao olvido. D. Durden porá de novo seu rosto aprobativo e pronto!

— O rosto aprobativo de D. Durden — disse eu, erguendo a vista do caixote onde estava arrumando os livros dele — não estava bastante visível quando vocês o chamaram com este nome; mas aprova e acha que melhor coisa não poderiam vocês fazer.

E com isso Ricardo deu por liquidado o assunto e começou imediatamente, sem nenhuma base, a construir tantos castelos no ar, que poderiam guarnecer a grande muralha da China. E partiu em excelente • disposição de espírito. Ada e eu, preparadas para sentir a sua falta, começamos nossa vida com mais sossego. Na nossa chegada a Londres, tínhamos ido em companhia do Sr. Jarndyce visitar a Sra. Jellyby, mas não tivéramos a felicidade de encontrá-la em casa. Aconteceu que fora a alguma parte, a um chá, e levava consigo Miss Jellyby. Além do chá, haveria discursos a fazer e cartas a escrever sobre as vantagens gerais do cultivo do café, em união com nativos, na colônia de Borriohula-Gha. Tudo isso implicava, sem dúvida, suficiente exercício ativo de pena e tinta, tornando a participação de sua filha em tudo aquilo coisa bem diferente de uma diversão. Tendo deixado passar o tempo necessário para a volta da Sra. Jellyby, tornamos a visitá-la. Estava na cidade, mas não em casa, tendo ido a Mile End, logo depois do almoço, por conta de algum caso borriouhulano, originado de uma sociedade chamada Ramal Auxiliar do Leste de Londres. Como eu não tivesse visto Peepy por ocasião da nossa última visita (não tendo sido ele encontrado em parte alguma e, segundo a opinião da cozinheira, talvez se houvesse metido a passear na carroça do lixeiro), tornei a perguntar por ele. As cascas de ostra, com que estivera a construir uma casa

no corredor, ainda ali estavam, mas não era possível encontrá-lo em nenhuma parte, e a cozinheira achou que ele talvez tivesse ido “atrás dos carneiros”. Quando repetimos com alguma surpresa: “Dos carneiros?”, ela respondeu: “Sim, nos dias de feira, ele às vezes os acompanha até fora da cidade e volta num estado que só vendo!” Estava eu sentada com meu tutor à janela, na manhã seguinte, e Ada ocupada, escrevendo — sem dúvida a Ricardo — quando foi anunciada Miss Jellyby, que entrou conduzindo o próprio Peepy, em quem fizera algumas tentativas de torná-lo apresentável, limpando-lhe a sujeira nos cantos do rosto e das mãos e molhando-lhe bastante os cabelos para depois frisá-los violentamente com os dedos. Tudo quanto o pobre menino usava ou era demasiado grande, ou demasiado pequeno para seu corpo. Entre outros desconhecidos adornos seus, usava o chapéu de um bispo e as luvinhas de um bebê. Suas botinas eram, em tamanho menor, as de um lavrador, ao passo que suas pernas, tão cruzadas e recortadas de arranhões que mais pareciam um mapa, estavam nuas, abaixo de um curtíssimo par de calcinhas de tecido escocês, terminadas em dois babados de padrões totalmente diferentes. Os botões que faltavam em sua blusinha escocesa tinham sido evidentemente substituídos pelos de algum casaco velho do Sr. Jellyby: eram de latão e extremamente grandes. As mais extraordinárias amostras de rendas apareciam em várias partes de seu traje, onde quer que tivesse sido apressadamente remendado, e o mesmo acontecia no de Miss Jellyby. Esta, porém, havia inexplicavelmente melhorado de aspecto e parecia bastante bonita. Ela percebia bem que o pobrezinho do Peepy estava uma lástima, apesar de todo o cuidado que ela tivera em melhorá-lo, e demonstrou isso mesmo ao entrar, pela maneira com que olhou, primeiro para ele, e depois para nós.

— Oh, meu Deus! — disse o meu tutor — é exatamente o vento leste!

Ada e eu demos-lhe cordiais boas-vindas e apresentamo-la ao Sr. Jarndyce, a quem ela disse, ao sentar-se:

— Mamãe envia seus cumprimentos e espera que o senhor a desculpará porque está corrigindo provas do plano. Vai lançar 5 mil novas circulares e está certa de que o senhor se interessará com esta notícia.

Trouxe comigo urna das circulares, com os cumprimentos de mamãe.

Dizendo isso, apresentou a circular, com bastante mau humor.

— Obrigado — disse meu tutor. — Estou muito grato à Sra. Jellyby. Oh!

Deus meu — é mesmo aquele vento tão incômodo!

Ficamos às voltas com Peepy, tirando-lhe o chapéu clerical, perguntando-lhe se se lembrava de nós, e assim por diante. A princípio Peepy quis ocultar-se por trás do cotovelo, mas abrandou à vista dum pão de ló e consentiu que eu o pusesse no colo, onde se sentou, mastigando sossegadamente. Tendo-se depois o Sr. Jarndyce retirado para a Resmungadoria temporária, Jellyby iniciou uma conversa com a sua habitual rudeza.

— Vamos mal como sempre em Thavies Inn — disse ela. — Não tenho sossego na minha vida. Só se fala em África! Mais infeliz não poderia eu ser, se fosse um — como é que se diz mesmo? — homem ou irmão!

Tentei dizer alguma coisa para acalmá-la.

— Oh! é inútil, Miss Summerson — exclamou Miss Jellyby —, mas ainda assim agradeço sua bondosa intenção. Sei quão farta estou disto e é inútil discutir. A senhorita também não discutiria se estivesse tão farta como eu. Peepy, vá brincar de bicho-do-mato debaixo do piano!

— Eu não! — disse Peepy.

— Está bonito, seu ingrato, seu desobediente, seu desalmado — replicou Miss Jellyby, com lágrimas nos olhos. — Nunca mais me darei ao trabalho de vestir você!

— Então eu vou, Caddy — gritou Peepy, que era realmente um bom menino e que se sentiu tão comovido com o vexame de sua irmã, que se apressou em obedecer-lhe.

— Parece uma tolice chorar por causa disto — disse a pobre Miss Jellyby, desculpando-se —, mas é que estou inteiramente extenuada. Estive endereçando as novas circulares até as duas horas da madrugada. Detesto lido isso que só me faz doer a cabeça, a ponto de me deixar quase sem vista. E vejam essa pobre e desgraçada criança! Nunca se viu semelhante espantinho! Peepy, felizmente inconsciente dos defeitos do seu aspecto, sentou-se no tapete por trás de um dos pés do piano, olhando calmamente para nós, de seu esconderijo, enquanto comia seu bolo.

— Mande-o para o outro lado da sala — observou Miss Jellyby, arrastando sua cadeira para junto de nós — porque não desejo que ele ouça

missa conversa. Esses pirralhinhos são tão perspicazes! Como eu estava dizendo, vamos indo de mal a pior. Dentro em breve papai falirá, e então espero que mamãe fique satisfeita. A ninguém, senão a mamãe, se deve agradecer isso. Expressamos nossos votos de que os negócios do Sr. Jellyby não estivessem assim em tão mau estado.

— É escusado ter esperanças, embora seja muita bondade da parte das senhoras — replicou Miss Jellyby, sacudindo a cabeça. — Papai me contou ontem de manhã (e como se sente ele terrivelmente desgraçado!) que não poderia resistir à tempestade. Surpresa me causaria se ele pudesse. Quando todos os comerciantes nossos conhecidos enviam para nossa casa o que lhes dá na telha, e os criados fazem com isso o que bem entendem, e eu não lenho tempo de melhorar as coisas, ainda que soubesse como, e mamãe não se importa com coisa nenhuma, gostaria de descobrir como poderia papai arrostar a borrasca. Afirmo que, se eu fosse papai, fugiria.

Minha querida — disse eu, sorrindo —, seu papai, sem dúvida, pensa na família.

Oh! sim, sua família é uma maravilha, Miss Summerson — retorquiu Miss Jellyby —, mas que conforto tem sido sua família para ele. Sua família passa de contas a pagar, de imundície, desperdício, barulho, tombos escada abaixo, confusão e miséria. Seu lar todo atrapalhado, entra semana, sai semana, é como um grande dia de lavagem de casa... apenas não há vagem nenhuma! Miss Jellyby bateu com o pé no soalho e enxugou os olhos.

— Percebo que lamento papai a tal ponto — disse ela — e tenho tanta ruiva de mamãe, que não encontro palavras para exprimir-me! Por isso estou resolvida a não suportar mais tal situação. Não serei escrava minha vida inteira e não me submeterei a casar-me com o Sr. Quale. Linda coisa, tia verdade, casar com um filantropo. Como se eu já não estivesse mais que farta disso!

Devo confessar que eu mesma não podia deixar de ter um pouco de raiva da Sra. Jellyby, vendo e ouvindo aquela moça abandonada, e sabendo quanto havia de verdade amargamente satírica no que ela dizia.

— Não fosse a intimidade que entre nós se estabeleceu quando as senhoras estiveram em nossa casa — continuou Miss Jellyby —, eu me sentiria envergonhada de vir hoje aqui, pois sei que espécie de figura posso parecer às senhoras. Mas, seja como for, resolvi fazê-lo, especialmente por

não ter certeza de que tornarei a vê-los na próxima vez que vierem à cidade.

Disse isso de maneira tão significativa que Ada e eu olhamos uma para a outra, antevendo alguma coisa mais.

— Não! — disse Miss Jellyby, sacudindo a cabeça. — É de todo improvável. Sei que posso confiar nas senhoras. Tenho certeza de que não haverão de trair-me. Estou noiva.

— Sem conhecimento de sua família? — perguntei.

— Ora, valha-me Deus, Miss Summerson — respondeu ela, justificando-se de maneira apressada, mas não colérica — como poderia ser de outro modo? A senhorita sabe como é mamãe, e não tenho necessidade de tornar o meu pobre pai mais infeliz do que está, contando-lhe isso.

— Mas não seria aumentar-lhe a infelicidade casar-se você sem conhecimento ou consentimento dele, minha querida? — perguntei.

— Não — respondeu Miss Jellyby, enternecendo-se. — Espero que não. Tentaria torná-lo feliz e satisfeito quando viesse ver-me, e Peepy e os outros viriam ter comigo, cada um por sua vez, para ficar a meu lado. Então poderiam ter alguém que cuidasse deles. Havia boa dose de ternura na pobre Caddy. Foi-se comovendo cada vez mais, enquanto dizia isso, e chorou tanto diante do inusitado quadrinho do lar que forjara em sua mente, que Peepy, lá da sua toca debaixo do piano, ficou comovido e caiu de costas, a chorar em altos berros. Só quando eu o trouxe para beijar sua irmã e o repus no meu colo, mostrando-lhe que Caddy estava rindo (ela riu, de propósito, para tal efeito) foi que ele se acalmou. Mesmo depois, esteve por algum tempo, como para certificar-se de que nada havia, a pegar-nos pelo queixo e a alisar nossos rostos com a mão. Afinal, como não estivesse disposto a voltar para o piano, pusemo-lo em cima duma cadeira para olhar pela janela, enquanto Miss Jellyby, segurando-o por uma perna, continuava suas confidências.

— O caso começou com a vinda das senhoritas à nossa casa — disse ela. Naturalmente perguntamos como.

— Senti-me tão sem graça — respondeu — que meti na cabeça que devia aperfeiçoar-me fosse como fosse, a esse respeito, e devia aprender a dançar. Disse a mamãe que sentia vergonha de mim mesma e que precisava aprender a dançar. Mamãe olhou para mim daquela sua maneira provocante, como se eu não estivesse diante de seus olhos. Mas eu estava completamente

decidida a aprender a dançar, de modo que me dirigi à academia do Sr. Turveydrop, na Rua Newman.

— E foi lá, minha querida... — comecei eu.

— Sim, foi lá — disse Caddy —, e estou noiva do Sr. Turveydrop. Há dois Turveydrops, pai e filho. O meu Turveydrop é o filho, está claro. Lamento apenas não ser mais bem-educada para que ele pudesse orgulhar-se de sua mulher, pois gosto imensamente dele.

— Causa-me tristeza ouvir isso, devo confessar — disse eu.

— Não vejo motivo para a senhora ficar triste — replicou ela com certa ansiedade —, mas estou noiva do Sr. Turveydrop, em todo o caso, e ele está muito apaixonado por mim. É ainda segredo, mesmo da parte dele, porque o velho Sr. Turveydrop tem sua parte na sociedade e poderia partir-lhe o coração, ou provocar-lhe qualquer outro choque, receber a notícia assim abruptamente. O velho Sr. Turveydrop é um perfeito cavalheiro.

— A mulher dele sabe disso? — perguntou Ada.

— A mulher do velho Sr. Turveydrop, Miss Clare? — perguntou Miss Jellyby, arregalando os olhos. — Não existe tal pessoa. Ele é viúvo. Fomos aqui interrompidos por Peepy, cuja perna tinha suportado ao extremo os arroubos enfáticos da irmã, que inconscientemente a puxava, como se o estivesse fazendo a uma corda de campainha. A torturada criança não aguentou mais e abriu um berreiro tremendo para exprimir seus sofrimentos. Como Peepy apelasse para minha compaixão e eu fosse apenas uma ouvinte, jornei conta dele. Miss Jellyby continuou, depois de ter pedido desculpas a Peepy com um beijo, garantindo-lhe que não havia feito aquilo por querer.

— É esse o estado em que se acha o caso — disse Caddy. — Se eu alguma vez me censurar a mim mesma, não deixarei de pensar que a culpa de minha mãe. Vamos casar-nos quando pudermos; depois me dirigirei no escritório de papai e escreverei a mamãe. Mamãe não ficará muito agitada. Para ela eu sou apenas tinta e pena. Grande alívio será para mim — disse Caddy com um soluço — nunca mais ouvir falar em África, depois do meu casamento. O jovem Sr. Turveydrop a odeia por minha causa, e, e o velho Sr. Turveydrop sabe que existe tal lugar, daí não passa.

— Penso que ele é que é bastante cavalheiresco, não é? — perguntei.

— Bastante cavalheiresco, deveras — disse Caddy. É muito elogiado, quase em toda a parte, pela sua elegância.

— Que ensina ele? — perguntou Ada.

— Não, não ensina nada de particular — respondeu Caddy. — Mas sua elegância é admirável.

Caddy continuou e disse, com extrema relutância e hesitação, haver mais uma coisa que desejava contar-nos e achava que devíamos saber, esperando que isso não nos ofendesse. Foi que havia estreitado as relações com Miss Flite, a velhinha adoidada, e que frequentemente ia lá de manhã cedo, para encontrar-se com seu namorado, alguns minutos antes do almoço — apenas alguns minutos.

— Vou lá em outras ocasiões — disse Caddy — mas Príncipe ali não aparece então. O nome do jovem Sr. Turveydrop é Príncipe. Não gosto desse nome. Parece nome de cachorro. Mas decerto não foi ele que o escolheu para seu nome de batismo. O velho Sr. Turveydrop batizou-o com o nome de Príncipe, como recordação do Príncipe Regente. O velho Sr. Turveydrop adorava o Príncipe Regente por causa de sua elegância. Espero que não façam mau juízo de mim por causa desses meus encontros rápidos na casa de Miss Flite, aonde fui pela primeira vez em companhia das senhoras, porque gosto da coitada e creio que ela também gosta de mim. Se as senhoras pudessem ver o jovem Sr. Turveydrop, estou certa de que haveriam de pensar bem a seu respeito — pelo menos, estou certa de que nada de mau haveriam de pensar a respeito dele. Vou lá agora por causa da minha lição. Não ouse pedir-lhe que venha comigo, Miss Summerson, mas se a senhora quisesse vir — acrescentou Caddy, que tinha dito tudo isso, com gravidade e a tremer — eu ficaria muito contente, muito contente mesmo.

Aconteceu que havíamos combinado com meu tutor ir à casa de Miss Flite naquele dia. Déramos-lhe conta da nossa visita anterior e ele se mostrara interessado. Mas alguma coisa sempre nos tinha impedido de voltar lá de novo. Como eu acreditava ter suficiente influência sobre Miss Jellyby para impedi-la de dar qualquer passo irrefletido, se aceitasse plenamente a confiança que a coitadinha de tão boa vontade me fizera, propus que ela, eu e Peepy iríamos à Academia e depois nos encontraríamos, meu tutor e Ada, em casa de Miss Flite, cujo nome eu ouvia agora pela primeira vez. E tudo com a condição de voltarem Miss Jellyby e Peepy para jantar conosco. Tendo

sido prazenteiramente aceito por ambos o último artigo do acordo, tratamos de tornar Peepy um pouco mais elegante, graças a alguns alfinetes, um pouco de sabão e água e uma escovadela no cabelo. E saímos, dirigindo nossos passos na direção da Rua Newman, que ficava bem próxima.

A Academia achava-se instalada numa casa de pouco asseio, na esquina duma passagem abobadada, com bustos em todas as janelas das escadas. No prédio estavam também instalados, como verifiquei das placas na porta, um professor de desenho, um negociante de carvão (não havia, por certo, lugar para sua mercadoria) e um litógrafo. Na placa que em tamanho e posição tinha precedência sobre todas as outras, li: SENHOR TURVEYDROP. A porta estava aberta e o vestíbulo atravancado por um piano de cauda, uma harpa e vários outros instrumentos musicais em caixas, todos prontos para serem removidos e todos parecendo velhos à luz do dia. Miss Jellyby informou-me que a Academia havia sido alugada para um concerto na noite antecedente.

Subimos as escadas — fora outrora uma casa bem bonita, quando havia quem a conservasse limpa e arejada, e não havia quem fumasse nela o dia inteiro — e penetramos no grande salão do Sr. Turveydrop, construído numa das alpendradas da parte de trás do prédio e iluminado por uma claraboia. Era um salão vazio e reboante, cheirando a cavalaria, com bancos de vime ao longo das paredes e as paredes ornamentadas, a intervalos regulares, de liras pintadas e pequenos castiçais de cristal para velas, que pareciam deixar cair suas antiquadas gotas, como galhos de árvores deixam cair folhas outonais. Estavam ali reunidas algumas alunas, mocinhas desde treze ou catorze anos de idade, até vinte e dois ou vinte e três. Estava eu entre elas à procura do seu professor quando Caddy, beliscando-me o braço, repetiu a cerimônia de apresentação:

— Miss Summerson, o Sr. Príncipe Turveydrop!

Cumprimentei um homenzinho louro, de olhos azuis e aparência juvenil, com os cabelos cor de linho partidos ao meio e encaracolados nas extremidades, em torno de toda a sua cabeça. Tinha debaixo do braço esquerdo um violino, que na escola chamávamos rabequinha, com seu pequeno arco na mesma mão. Seus pequeninos sapatos de dança eram diminutos e ele apresentava um arzinho inocente e feminino, que não somente me atraiu de maneira amigável, mas me causou o singular efeito de dar-me a

impressão que ele era como sua mãe, e que sua mãe não tinha sido levada em grande consideração ou bem tratada.

— Tenho grande satisfação em conhecer a amiga de Miss Jellyby — disse ele, fazendo uma grande curvatura. — Começava a recluir — acrescentou com tímida ternura —, uma vez que havia passado o tempo habitual, que Miss Jellyby não viesse.

— Rogo-lhe a bondade de atribuir isso a mim, que a detive, e aceitar minhas desculpas, senhor — disse eu.

— Não há por quê! — exclamou ele.

— E rogo-lhe — insisti — não permita que eu seja causa de mais demora.

Com essa desculpa retirei-me para um assento entre Peepy (que, segundo o seu costume, havia pulado para um canto) e uma velha de fisionomia severa, cujas duas sobrinhas eram alunas e se mostrava muito indignada com as botinas de Peepy. Príncipe Turveydrop então deu um sinal com os dedos nas cordas de sua rebeca, e as moças começaram a dançar. Justamente nessa ocasião apareceu, entrando por uma porta lateral, o velho Sr. Turveydrop, em todo o brilho de sua elegância.

Era um velho gordo, de falso colorido, de dentes postiços, de suíças postiças e de cabeleira postiça. Usava uma gola de pele e um peitilho postiço, a que faltava apenas uma estrela ou uma larga fita azul para estar completo. Estava apertado, enchumado, armado, acolchetado, o mais que podia suportar. Usava um lenço de pescoço tal (fazendo seus olhos esbugalharem-se demais), e seu queixo e até mesmo suas orelhas nele mergulhavam de modo tal que parecia inevitavelmente dividir o homem em dois se lhe desatassem o lenço. Trazia debaixo do braço um chapéu de grande tamanho e de grande peso, com um declive da copa à aba, e na mão um par de luvas brancas, com as quais lhe dava pequenas pancadas, permanecendo apoiado sobre uma perna, numa inextinguível posição elegante, de ombros erguidos e cotovelos em arco. Tinha uma bengala, unia luneta, uma caixa de rapé, anéis, punhos, tudo, menos qualquer vislumbre de naturalidade. Não tinha aspecto de moço, não tinha aspecto de velho, não tinha aspecto de coisa nenhuma no mundo, a não ser o de um manequim elegante.

— Papai! Uma visita. A amiga da Miss Jellyby, Miss Summerson.

— Muito me desvanece — disse o Sr. Turveydrop — a presença de Miss Summerson.

Quando ele se curvou para mim, com todas aquelas banhas tão apertadas, estive quase a crer que via gorduras subirem-lhe ao branco dos olhos.

— Meu pai — disse o filho, à parte, para mim, com enternecedora crença nele — é uma figura famosa. Meu pai é grandemente admirado.

— Vamos, Príncipe! Vamos! — disse o Sr. Turveydrop, de pé, com as costas para o fogo e agitando as luvas, condescendente. — Vamos, meu filho!

Com essa ordem, ou graças a essa graciosa permissão, a lição continuou. Príncipe Turveydrop às vezes tocava rabeca, dançando; às vezes tocava piano, de pé; às vezes trauteava o tom, com o pouco fôlego que lhe restava, enquanto ensinava a uma discípula, sempre a mover-se conscienciosamente, com o menos de artifício possível a cada passo e em cada parte da figura, sem descansar um instante sequer. Seu distinto pai nada fazia, a não ser ficar de pé diante do fogo, como um modelo vivo de elegância.

— E ele outra coisa não faz senão isso — disse a velha de aspecto severo. — Como se pode, pois, acreditar que seja o nome dele que está na placa da porta?

— Como a senhora sabe, o nome do filho é o mesmo — disse eu.

— Ele não consentiria que seu filho usasse um nome qualquer, se pudesse arrancá-lo dele — retorquiu a velha. — Repare na roupa do filho! — Era efetivamente ordinária, coçada, quase andrajosa. — E, no entanto, o pai anda todo ajaezado e enfeitado — disse a velha — por causa da sua elegância. Ah! eu é que bem saberia dar-lhe elegância!

Senti curiosidade de conhecer mais alguma coisa a respeito daquele personagem e perguntei:

— Vive ele agora de dar lições de elegância?

— Agora? — respondeu a velha concisamente. — Nunca o fez.

Depois de refletir um instante, insinuei que talvez a esgrima tivesse sido o seu maior talento.

— Não acredito absolutamente que ele saiba esgrima, minha senhora — replicou a velha.

Lancei-lhe um olhar surpreso e interrogativo. A velha, ficando cada vez mais exaltada contra o Mestre de Elegância, à medida que se engolfava no assunto, deu-me algumas informações a respeito da carreira dele, com fortes garantias de que eram até muito atenuadas.

Casara-se com uma doce professorinha de dança, de sofrível clientela (nada tendo ele feito antes em sua vida senão cuidar de sua elegância) e fizera-a trabalhar até morrer, ou tinha, pelo menos, tolerado que ela trabalhasse até morrer para mantê-lo com todas as despesas indispensáveis à sua posição. Para ao mesmo tempo exibir sua elegância, de acordo com os melhores modelos e manter os melhores modelos constantemente diante de si, achara necessário frequentar todos os lugares públicos da fina flor da elegância e da ociosidade, ser visto em Brighton e em toda a parte nas temporadas elegantes, levando uma vida ociosa, trajando as melhores roupas. Para proporcionar-lhe tal vida, a apaixonada professorinha de dança afanara-se e mourejara, e ter-se-ia afanado e mourejado até aquela hora se sua energia houvesse durado tanto tempo. Pois a mola principal da história foi que, apesar do absorvente egoísmo do homem, sua mulher (empolgada pela elegância dele) tinha, até o final, acreditado nele e confiara-o, no leito de morte, a seu filho, como alguém que possui inextinguíveis direitos sobre ele e para quem jamais poderia olhar senão com o maior orgulho e deferência. O filho, herdando a crença de sua mãe e tendo sempre diante de si a elegância, vivera e crescera na mesma fé, agora, na idade de trinta anos, trabalhava para seu pai doze horas por dia e contemplava-o com veneração, alcandorado no mesmo antigo e imaginário pináculo.

— Veja só os ares de importância do sujeito! — disse minha informante, sacudindo a cabeça para o lado do velho Sr. Turveydrop, com uma indignação muda, vendo-o calçar as luvas apertadas, sem dúvida inconsciente da homenagem que ela estava prestando. — Acredita plenamente que é um aristocrata! E mostra-se tão condescendente com o filho que tão egregiamente engana, que a senhora era capaz de crer que ele fosse o mais virtuoso dos pais. Ah! — exclamou a velha, apostrofando-o com infinita veemência — sinto ganas de dar-lhe uma dentada!

Não pude deixar de achar aquilo divertido, embora ouvisse a velha com sentimentos de real preocupação. Era difícil duvidar dela, tendo ali à minha frente o pai e o filho. O que poderia ter pensado deles sem a história da velha, ou o que podia ter pensado da narrativa da velha sem eles, não sei dizer.

Havia em tudo tamanha concordância das coisas que era impossível não se ficar convencida.

Meus olhos vagavam ainda do jovem Sr. Turveydrop trabalhando de maneira tão árdua para o velho Sr. Turveydrop portando-se com tanto aprumo, quando este último se dirigiu saltitante para o meu lado e encetou uma conversa.

Perguntou-me, antes de tudo, se eu não daria a Londres encanto e distinção residindo aí. Em vez de responder-lhe ao galanteio, disse simplesmente onde morava.

— Uma moça tão graciosa e prendada — disse ele, beijando sua luva direita e depois estendendo-a na direção das alunas — saberá dar compassivo desconto às deficiências que aqui encontrar. Fazemos o mais que podemos para polir, polir, polir!

Sentou-se a meu lado no banco, tendo certa dolorosa dificuldade em fazê-lo para imitar, pensei, a gravura de seu ilustre modelo que estava em cima do sofá. E, na verdade, parecia-se bastante com ele.

— Polir... polir... polir! — repetiu ele, tomando uma pilada de rapé e mexendo elegantemente os dedos. — Estamos longe, se assim me posso exprimir, de alguém formado para ser gracioso, tanto pela Natureza como pela Arte — disse ele com os ombros erguidos, coisa que lhe parecia impossível fazer sem levantar as sobrancelhas e fechar os olhos. — Não somos o que costumávamos ser em pontos de elegância.

— É possível, meu senhor? — perguntei.

— Degeneramos — tornou ele, meneando a cabeça, o que podia fazer até um limite muito reduzido, metido como estava na sua gravata. — Uma época de nivelamento não é favorável à elegância. Desenvolve a vulgaridade. Talvez eu esteja falando com um pouquinho de parcialidade. Talvez não caiba a mim dizer que fui chamado, há alguns anos, o Gentil homem Turveydrop, ou que S.A.R., o Príncipe Regente, me deu a honra de perguntar, quando eu tirava o chapéu ao vê-lo sair de carro do Pavilhão, em Brighton (aquele belo edifício): “Quem é? Quem diabo é ele? Por que não o conheço? Por que não tem ele 30 mil libras por ano?” Mas tudo isso são temazinhos anedóticos, coisas de curso geral, minha senhora, ainda repetidas, uma vez ou outra, entre as classes altas.

— Deveras? — perguntei.

Respondeu inclinando a cabeça e levantando os ombros.

— O que nos foi deixado de elegância ainda perdura — acrescentou. A Inglaterra — ai! pobre do meu país! — degenerou bastante e vai degenerando cada dia que passa. Não lhe restam muitos gentis homens. Somos poucos. Nada vejo que nos possa suceder, a não ser uma raça de tecelões.

— Poder-se-ia esperar que a raça dos gentis homens fosse perpetuada aqui — disse eu.

— É muita bondade de sua parte — sorriu ele, levantando de novo os ombros. — A senhorita me lisonjeia. Mas não, não! Nunca fui capaz de transmitir ao meu pobre rapaz essa parte da sua arte. Não permita Deus que eu desfaça no meu querido filho, mas ele... não tem elegância.

— Parece ser um excelente professor — observei.

— Compreenda-me, minha cara senhorita, ele é um excelente professor. Tudo quanto podia ser adquirido, ele adquiriu. Tudo quanto pode ser ensinado, ele ensina. Mas coisa há... — tomou outra pitada de rapé e fez de novo sua vênia e ergueu os ombros, como se acrescentasse “esta espécie de coisa, por exemplo”.

Lançou um olhar para o centro do salão, onde o namorado de Miss Jellyby, agora às voltas com alunas isoladas, tinha um trabalho mais penoso que nunca.

— Meu amado filho! — murmurou o Sr. Turveydrop, ajustando a gravata.

— Seu filho é infatigável — disse eu.

— É a minha recompensa — disse o Sr. Turveydrop — ouvir dizer tal coisa. A certos respeito, caminha ele nas pegadas de sua santa mãe. Ela era uma criatura cheia de devotamento. Mas, ó Mulher, amável Mulher! —disse o Sr. Turveydrop, numa galanteria bastante desagradável — que sexo o vosso!

Levantei-me e juntei-me a Miss Jellyby, que nessa ocasião estava pondo o chapéu. Tendo plenamente decorrido o tempo de uma lição, todas tratavam de pôr os chapéus. Quando Miss Jellyby e o infeliz Príncipe encontraram uma oportunidade de ficarem noivos não sei, mas certamente que nessa ocasião não encontraram nenhuma para trocar sequer uma dúzia de palavras.

— Meu caro — disse o Sr. Turveydrop benignamente a seu filho — sabe que horas são?

— Não, meu pai. — O filho não tinha relógio. O pai tinha um, belíssimo, de ouro, que tirou do bolso com um ar que era um exemplo para a humanidade.

— Meu filho — disse ele —, são duas horas. Lembre-se de sua aula em Kensington às três.

— Tenho bastante tempo, papai — respondeu Príncipe. — Posso comer de pé um pouco do jantar e sair.

— Meu caro rapaz — tornou o pai. — Você deve andar depressa. Encontrará carne de carneiro fria em cima da mesa.

— Obrigado, papai. Vai sair agora?

— Sim, meu caro. Suponho — disse o Sr. Turveydrop, fechando os olhos e erguendo os ombros com modesta convicção — que devo mostrar-me, como de costume, pela cidade.

— Seria melhor que o senhor jantasse fora e mais à vontade, em qualquer parte — disse o filho.

— Meu querido rapaz, é essa a minha intenção. Farei meu modesto repasto, creio eu, no restaurante francês, na Colunata da Ópera.

— Está muito bem. Adeus, meu pai! — disse Príncipe, apertando-lhe a mão.

— Adeus, meu filho. Deus o abençoe!

O Sr. Turveydrop disse isso de uma maneira muito piedosa, que pareceu fazer o filho sentir-se bem, pois, ao despedir-se dele, mostrava-se tão satisfeito, tão respeitoso e tão orgulhoso de seu pai, que quase tive a sensação de que seria maldade do homem mais moço não acreditar implicitamente no mais velho. Os poucos instantes ocupados por Príncipe em despedir-se de nós (e particularmente de uma de nós, segundo notei, senhora do segredo como estava) aumentaram minha impressão favorável a respeito de seu caráter quase pueril. Senti simpatia por ele e compaixão ao vê-lo meter no estojo a rabequinha — e com ela seu desejo de ficar um pouquinho com Caddy — e sair bem-humorado para ir comer o seu pedaço de carneiro frio e dar sua aula em Kensington. Não sei se isso me provocou menos indignação contra seu pai

do que a que sentira a severa velha.

O pai abriu a porta do salão para nós e, despedindo-se, curvou-se de uma forma, devo reconhecer, digna de seu brilhante original. No mesmo estilo daí a pouco passou por nós no outro lado da rua, dirigindo-se à parte aristocrática da cidade, onde iria mostrar-se ao lado dos poucos gentis homens ainda restantes. Durante alguns momentos fiquei tão absorvida considerando o que ouvira e vira na Rua Newman, que me senti inteiramente incapaz de conversar com Caddy ou mesmo de fixar a atenção no que ela me dizia, especialmente quando comecei a indagar de mim mesma se haveria ou se já teria havido outros gentis homens não-dançarinos, que vivessem e baseassem uma reputação inteiramente sobre elegância. Tornou-se isso tão desconcertante e sugeria a possibilidade de existirem tantos Srs. Turveydrops, que eu disse: “Ester, trate de abandonar inteiramente esta questão e prestar atenção a Caddy.” Assim fiz e conversamos durante todo o resto do caminho para Lincoln’s Inn.

Caddy contou-me que a educação de seu namorado fora tão descurada, que nem sempre era fácil ler seus bilhetes. Disse que, se ele não se mostrasse tão niquento a respeito de ortografia e se desse menos ao trabalho de torná-la clara, faria muito melhor. Mas punha tantas letras desnecessárias em palavras curtas, que muitas vezes perdiam inteiramente sua aparência de palavras inglesas. — Faz isso com a melhor das intenções — observou Caddy —, mas não produz o efeito que o pobre rapaz espera! — Continuou depois Caddy a discorrer a respeito da impossibilidade de vir ele a ser um homem culto, passando toda a sua vida na escola de dança e nada mais fazendo senão ensinar e estafar-se, estafar-se e ensinar, de manhã, de tarde e de noite! Mas que importava isso? Ela poderia escrever cartas pelos dois (sabia bem quanto lhe custara isso) e era bem melhor para ele ser agradável que ser instruído. — Além disso, outro seria o caso se eu fosse uma moça prendada, que tivesse o direito de dar-se ares de importância — disse Caddy. — Tenho pleno conhecimento do pouco que sei, graças à minha mãe!

— Há outra coisa que desejo contar-lhe, agora que estamos sós — continuou Caddy — e que não gostaria de mencionar antes que a senhora tivesse visto Príncipe, Miss Summerson. A senhora sabe o que é a nossa casa. São infrutíferas minhas tentativas de aprender em nossa casa qualquer coisa que seria útil que a mulher de Príncipe conhecesse. Vivemos em tal estado de confusão que é impossível e só tenho conseguido ficar ainda mais desanimada

todas as vezes que o tenho tentado. Aprendi alguma prática com — com quem havia a senhora de pensar? — com a pobre Miss Flite! De manhã cedo ajudo-a a limpar seu quarto e cuidar dos passarinhos. Preparo-lhe a xícara de café (ela me ensinou, é claro) e aprendi a fazê-lo tão bem que Príncipe diz ser o melhor café que já provou e que satisfaria plenamente o velho Sr. Turveydrop, o qual é muito exigente em questão de café. Sei também fazer pudins ligeiros e comprar pescoço de carneiro, chá, açúcar, manteiga e boa quantidade de coisas para casa. Não sou ainda muito perita em trabalhos de agulha — disse Caddy, lançando um olhar para os remendos da roupa de Peepy — mas talvez venha a melhorar. Desde que me tornei noiva de Príncipe e comecei a fazer todas essas coisas, tenho-me sentido de melhor humor, creio eu, e mais complacente para com mamãe. Senti-me a princípio um tanto desconcertada esta manhã, ao ver a senhora e Miss Clare tão asseadas e lindas, e envergonhei-me de Peepy e de mim mesma. Mas, em geral, creio que estou de melhor humor do que estava outrora, sendo mais capaz de perdoar a mamãe.

A pobre moça, que vinha fazendo tão duros esforços, dizia isso com todo e coração e comovia o meu.

— Caddy, meu bem — respondi —, começo a ter grande afeto por você e espero que nos tornemos amigas.

— Oh! deveras? — exclamou Caddy. — Como isso me fará feliz!

— Minha querida Caddy — disse eu —, sejamos amigas desde agora e conversaremos muitas vezes a respeito dessas questões, para podermos descobrir o caminho que nos cumpre trilhar.

Caddy mostrava-se contentíssima. Eu disse tudo quando podia, no meu jeito antiquado, para confortá-la e animá-la; e o mínimo que eu exigiria do velho Turveydrop naquele dia era dar um dote à sua futura nora.

Por esse tempo havíamos chegado à casa do Sr. Krook, cuja porta particular estava aberta. Havia um papelão pregado na porta, anunciando um quarto por alugar no segundo pavimento. Lembrou-se Caddy de contar-me, quando subíamos a escada, que ali se dera uma morte súbita e tinha havido um inquérito e que nossa amiguinha adoecera de medo. A porta e a janela do quarto vazio estavam abertas, e olhamos para dentro. Era o quarto da porta escura, para o qual Miss Flite tinha secretamente chamado minha atenção quando eu estivera na casa. Era um lugar triste e desolado, um lugar sombrio

e tristonho, que me causava uma estranha sensação de pesar e até de morte. — A senhora está pálida — disse Caddy, quando saímos — e com frio. — Minha sensação era de que o quarto me havia enregelado.

Tínhamos andado devagar, enquanto conversávamos, e meu tutor e Ada já estavam à nossa espera. Encontramo-los na água-furtada de Miss Flite. Estavam a olhar os pássaros, enquanto um médico que tratava de Miss Flite, com muita solicitude e compaixão, falava jovialmente com ela junto ao fogo.

— Acabei minha visita profissional — disse ele, adiantando-se. — Miss Flite está muito melhor e pode comparecer ao Tribunal (uma vez que está decidida a isso) amanhã. Segundo ouço dizer, lá tem sido muito notada a sua ausência.

Miss Flite recebeu o cumprimento com complacência e nos fez a todos uma reverência.

— Muita honra deveras — disse ela — receber outra visita das pupilas do processo Jarndyce! Muito feliz em receber Jarndyce da Casa Soturna sob meu humilde teto! — e fez uma cortesia especial. — Fitz-Jarndyce, minha querida — conferira este nome a Caddy, ao que parece, e sempre a chamava assim —, duplas boas-vindas!

— Ela tem estado muito doente? — perguntou o Sr. Jarndyce ao cavalheiro a quem encontrara cuidado da velha. Esta respondeu diretamente e sem intermediário, conquanto ele tivesse feito a pergunta num sussurro.

— Oh! decididamente muito mal! muito mal deveras! — disse ela em tom confidencial. — Não se trata de dor, mas de contrariedade. Não tanto doença do corpo como nervosismo. A verdade é — acrescentou com voz velada e trêmula — que tivemos morte aqui. Houve envenenamento nesta casa. Sou muito sensível a essas coisas horrendas. Fiquei apavorada. Somente o Sr. Woodcourt! sabe quanto. Meu médico, o Sr. Woodcourt! —disse ela com grande dignidade. — As pupilas do processo Jarndyce... Jarndyce da Casa Soturna... Fitz-Jarndyce!

— Miss Flite — disse o Sr. Woodcourt num tom de voz grave, como se estivesse suplicando a ela, enquanto falava a nós, e pousando a mão delicadamente no braço da velha —, Miss Flite descreve sua doença com sua habitual precisão. Ficou alarmada com o que ocorreu na casa e que era de assustar mesmo uma pessoa mais forte, adoecendo em virtude da

contrariedade e da agitação. Trouxe-me aqui no primeiro alvoroço da descoberta, embora demasiado tarde para que eu pudesse ser de utilidade para o desgraçado homem. Essa decepção foi, porém, compensada pelo fato de estar eu vindo aqui desde então, e poder prestar algum serviço a ela.

— O médico mais bondoso de toda a classe — murmurou Miss Flite para mim. — Aguardo uma Sentença. No dia do Juízo Final. E então distribuirei propriedades.

— Ela estará tão bem, dentro de um ou dois dias — disse o Sr. Woodcourt, olhando para Miss Flite com sorriso vigilante —, como nunca esteve. Em outras palavras, completamente boa, sem dúvida. Ouviram falar da sua boa sorte?

— A mais extraordinária! — disse Miss Flite, sorrindo, radiante. — Nunca ouviram falar de tal coisa. Deus meu! Todos os sábados Kenge Conversa ou Guppy (escrevente de Kenge Conversa) coloca em minha mão um papel contendo xelins. Xelins. Dou-lhes minha palavra! O papel contém sempre o mesmo número de xelins. Sempre um para cada dia da semana. Agora ficam sabendo. Muito oportuno, não é? Si... i... im! Onde vêm esses xelins? hão de perguntar. Aí é que está a grande questão. É natural. Querem saber o que eu penso? Penso — disse Miss Flite, recuando com um ar de muita sagacidade e sacudindo o indicador da mão direita de maneira bastante significativa — que o Lorde Chanceler, ciente da extensão de tempo, durante o qual o selo real tem estado aberto (porque tem estado aberto há muito tempo!) paga-os adiantadamente. Até a Sentença que espero seja dada. Ora, isso é bastante honroso, como sabem. Confessar dessa maneira que ele é um pouco vagaroso para a vida humana. Tão delicado! Presente ao Tribunal outro dia — compareço lá regularmente com meus documentos —, acusei-o disso, e ele quase confessou. Isto é, sorri para ele lá do meu banco, e ele sorriu para mim da sua cadeira. Mas é muito boa sorte, não é? E Fitz-Jarndyce, com grande eficiência, faz as despesas de que necessito. Oh! garanto-lhe, com a maior eficiência!

Felicitei-a (uma vez que ela ultimamente se dirigia a mim) por esse feliz acréscimo à sua renda e desejei-lhe longa continuação disso. Não me pus a especular para descobrir a fonte donde lhe vinha o dinheiro, ou a imaginar quem era que se mostrava tão discreto na sua humanidade. Meu tutor estava à minha frente, contemplando os passarinhos, e não tive necessidade de

estender mais longe o meu olhar.

— Como é que a senhora chama estes camaradinhas? — perguntou ele no seu tom agradável. — Eles têm nome?

— Posso responder, em lugar de Miss Flite, que eles têm nome — disse eu — porque ela prometeu dizer-nos quais eram. Lembra-se, Ada? Ada lembrava-se muito bem.

— Prometi? — perguntou Miss Flite. — Quem está à minha porta? Por que é que está aí escutando à minha porta, Krook?

O velho da casa, abrindo a porta, apareceu com seu boné de pele na mão e a gata aos calcanhares.

— Não estava escutando Miss Flite — disse ele. — Já ia dar um piparote com os nós dos dedos, mas a senhora é tão ligeira!

— Faça descer sua gata! Leve-a para fora! — exclamou a velha, encolerizada.

— Ora, ora! Não há perigo, meus fidalgos — disse o Sr. Krook, olhando atenta e vagarosamente de um para outro até ter contemplado a todos nós —, ela nunca se atiraria aos pássaros enquanto eu estivesse aqui, a não ser que eu mesmo lhe ordenasse.

— Os senhores queiram desculpar o meu senhorio — disse a velha com ar digno. — Maluco, inteiramente maluco! Que deseja você, Krook, justamente quando tenho visitas?

— Ih! — disse o velho. — A senhora sabe que eu sou o Chanceler.

— Muito bem! — exclamou Miss Flite. — E daí?

— É estranho para o Chanceler — disse o velho com uma risadinha entre os dentes — não conhecer um Jarndyce, não é mesmo, Miss Flite? Permite que tome a liberdade? Um seu criado, meu senhor. Conheço o processo “Jarndyce e Jarndyce” quase tão bem como o senhor. Conheci o velho morgado Tom. Mas ao senhor nunca, que eu saiba, tive o prazer de conhecer, nem mesmo no Tribunal. No entanto, ali vou um horror de vezes, no correr do ano, um dia atrás do outro.

— Nunca vou lá — disse o Sr. Jarndyce (coisa que ele realmente nunca fez em nenhuma circunstância). — Mais depressa iria... a qualquer outra

parte.

— É mesmo? — replicou Krook, com uma careta. — O senhor está fazendo mau juízo do meu nobre e ilustrado irmão, no seu íntimo, senhor, conquanto talvez isso seja natural da parte de um Jarndyce. Gato escaldado... Como? Está olhando para os passarinhos da minha inquilina, Sr. Jarndyce? — O velho havia entrado pouco a pouco no quarto, até poder já agora tocar em meu tutor com o cotovelo e olhá-lo bem cara a cara, através de seus óculos. — É uma das excentricidades dela nunca dizer os nomes dessas avezitas, se pode deixar de fazê-lo, embora dê nome a todas elas. — Isso foi dito num cochicho. — Posso dizer-lhe os nomes, Flite? — perguntou ele em voz alta, piscando para nosso lado e apontando para ela, quando Miss Flite se voltou, afetando limpar a grelha.

— À vontade — disse ela, apressadamente.

O velho, levantando os olhos para as gaiolas, depois de ter olhado para nós, foi desfiando a lista:

— Esperança, Alegria, Mocidade, Paz, Repouso, Vida, Pó, Cinzas, Devastação, Necessidade, Ruína, Desespero, Loucura, Morte, Astúcia, Tolice, Palavras, Chinós, Farrapos, Pergaminho, Roubo, Protocolo, Geringonça, Peta e Espinafre. A coleção completa! — disse o velho. — Toda engaiolada junta pelo meu nobre e ilustrado irmão.

— Que vento áspero! — murmurou meu tutor.

— Quando o meu nobre e ilustrado irmão der sua Sentença, eles serão postos em liberdade — disse Krook, piscando de novo para o nosso lado. — E então — acrescentou, cochichando e carateando —, se isso algum dia acontecer — o que não acontecerá —, os pássaros que nunca estiveram engaiolados os matarão.

— Se alguma vez o vento soprou de leste — disse o meu tutor, fingindo olhar pela janela para um cata-vento —, não pode deixar de ser hoje!

Tivemos muita dificuldade em sair da casa. Não foi Miss Flite quem nos deteve. Ela era uma criaturinha muito razoável no que diz respeito às comodidades alheias. Foi o Sr. Krook. Parecia incapaz de desligar-se do Sr. Jarndyce. Nem que estivesse amarrado a ele, poderia tê-lo acompanhado mais de perto. Propôs mostrar-nos seu Tribunal e toda a estranha miscelânea nele contida. Durante toda a nossa visita (prolongada por ele) conservou-se bem

junto do Sr. Jarndyce e muitas vezes o detinha, com um pretexto ou outro, até que passássemos adiante, como se estivesse atormentado pelo desejo de entrar no terreno de algum assunto secreto, do qual não sabia como aproximar-se. Não posso imaginar fisionomia e maneiras mais singularmente expressivas de cautela e indecisão e um perpétuo impulso para fazer alguma coisa, sem saber resolver-se a fazê-la, do que as do Sr. Krook naquele dia. Sua atenção no meu tutor era incessante. Raramente desviava os olhos do seu rosto. Se caminhava a seu lado, observava-o com a manha duma velha raposa branca. Se ia à sua frente, voltava-se para olhá-lo. Quando parávamos, punha-se diante dele e passava a mão repetidas vezes diante da boca aberta, com uma curiosa expressão de senso de força, revirando os olhos e baixando as sobancelhas grisalhas, até parecer estarem elas fechadas, a esquadrihar cada traço das feições do Sr. Jarndyce.

Por fim, tendo percorrido (sempre acompanhados pela gata) toda a casa e tendo visto toda a misturada tralha que não deixava de ser curiosa, chegamos à parte de trás da loja. Ali, no tampo duma barrica vazia, havia uma garrafa de tinta, alguns velhos cotos de penas e uns sujos programas de teatro, e, colados à parede, vários alfabetos grandes, impressos, de diferentes talhos de letra corrente.

— Que anda o senhor fazendo aqui? — perguntou meu tutor.

— Tentando ensinar a mim mesmo a ler e a escrever — respondeu Krook.

— E como vai indo?

— Devagar e mal — tornou o velho com impaciência. — É difícil, na idade em que estou.

— Seria mais fácil se alguém o ensinasse — disse meu tutor.

— Sim, mas poderiam ensinar-me errado! — retrucou o velho, com um fulgir de olhos pasmosamente suspeito. — Não sei imaginar o que posso ter perdido por não haver aprendido antes. E não gostaria de perder alguma coisa, se agora me ensinassem errado.

— Errado? — perguntou meu tutor, com seu sorriso jovial. — Quem lhe havia de ensinar errado?

— Não sei, Sr. Jarndyce da Casa Soturna — replicou o velho, levantando

os óculos para a testa e esfregando as mãos. — Não sei quem poderia fazê-lo, mas prefiro confiar em mim mesmo, em vez de confiar em outro!

Essas respostas e seus modos eram muito estranhos, e levaram meu tutor a perguntar ao Sr. Woodcourt, quando juntos nos dirigíamos para Lincoln's Inn, se o Sr. Krook tinha realmente, como o dava a entender sua inquilina, algum transtorno de cabeça. O jovem cirurgião respondeu negativamente. Não via motivo para pensar assim. O homem era excessivamente desconfiado, como em geral acontece com pessoas ignorantes, e vivia sempre, mais ou menos, sob a influência de gim puro, do qual bebia grandes quantidades e a que tresandavam fortemente tanto ele como sua loja, como bem devíamos ter notado. Mas ainda não o considerava doido.

De volta para casa, conciliei tanto o afeto de Peepy, comprando-lhe um moinho de vento e dois saquinhos de farinha, que ele não tolerou que ninguém mais lhe tirasse o chapéu e as luvas senão eu e só quis sentar-se a meu lado para jantar. Caddy sentou-se a meu outro lado, junto de Ada, a quem contamos toda a história do noivado, logo que chegamos a casa. Tratamos Caddy e Peepy também com todo o carinho, e Caddy se mostrou contentíssima. Meu tutor estava tão alegre como nós e todos nos sentíamos na verdade bem felizes, até que Caddy voltou para casa, à noite, num carro de aluguel, com Peepy ferrado no sono, mas agarrando com força seu moinho de vento.

Esqueci-me de falar — pelo menos não falei — que o Sr. Woodcourt era o mesmo cirurgião, jovem e moreno, que eu havia encontrado em casa do Sr. Badger, e que o Sr. Jarndyce o convidou para jantar naquele dia, e que ele veio, e que, quando eles se foram, eu disse a Ada: “Agora, meu bem, vamos conversar um pouquinho a respeito de Ricardo!” — Ada riu e disse...

Mas não acho que tenha importância o que a minha querida amiga disse. Ela é sempre muito brincalhona.

BELL YARD

Quando estávamos em Londres, o Sr. Jarndyce vivia constantemente assediado pela multidão de damas e cavalheiros excitáveis, cujas maneiras de proceder tanto nos haviam espantado. O Sr. Quale, que apareceu logo depois da nossa chegada, era dos tais que partilhavam de todas essas excitações. Parecia projetar aquelas suas duas reluzentes têmporas protuberantes em tudo quanto lhe chegava ao alcance e escovar o cabelo cada vez mais para trás, até que as próprias raízes pareciam quase dispostas a voar-lhe da cabeça, numa implacável filantropia. Todos os assuntos eram iguais para ele, mas estava sempre particularmente disposto a tudo que cheirasse a homenagem em favor de alguém. Sua grande força parecia residir no seu poder de indiscriminada admiração. Era capaz de ficar horas esquecidas num estado de extremo contentamento, banhando as têmporas na luz de qualquer espécie de luminária. Tendo-o visto pela primeira vez completamente arrebatado de admiração pela Sra. Jellyby, supus fosse ela o objeto absorvente de sua admiração. Logo dei pelo meu engano e descobri que ele era um caudatário e um trombeteiro de todo um batalhão de pessoas.

A Sra. Pardiggle apareceu um dia pedindo algum donativo para qualquer coisa, e com ela apareceu o Sr. Quale. Tudo quanto a Sra. Pardiggle dizia o Sr. Quale repetia para nós, e da mesma forma que fizera falar a Sra. Jellyby, agora fazia falar a Sra. Pardiggle. Escrevera a Sra. Pardiggle uma carta de apresentação ao meu tutor em favor do eloquente amigo dela, o Sr. Gusher. Com o Sr. Gusher apareceu de novo o Sr. Quale. Sendo o Sr. Gusher um cavalheiro flácido, oleoso e de olhos tão miúdos para a sua cara de lua cheia, que pareciam ter sido feitos primitivamente para outra pessoa, não se mostrava à primeira vista muito atraente. Contudo, mal se havia sentado, já o Sr. Quale perguntava a Ada e a mim, de maneira bastante perceptível, se o seu amigo não era uma criatura extraordinária, o que certamente era, no que se refere a flacidez — embora o Sr. Quale se referisse a beleza intelectual — e se

não nos sentíamos abaladas pela maciça configuração da testa do seu amigo. Em resumo, ficamos conhecendo uma quantidade enorme de Missões das mais variadas espécies, entre todo aquele grupo de pessoas; mas nada a respeito delas era nem de longe tão claro como a missão do Sr. Quale, isto é, ficar em êxtase diante da missão de quem quer que fosse, sendo esta a mais popular de todas as missões.

O Sr. Jarndyce viera parar no meio de semelhante gente por causa da ternura de seu coração e do vivo desejo de fazer todo o bem que estivesse ao seu alcance. Mas disse-nos francamente que sentia, vezes sem conta, que aquela não era uma companhia agradável, pois para essa gente a bondade tomava formas espasmódicas, a caridade era vestida, como se fosse um uniforme regular, por professores ruidosos e especuladores de notoriedade barata, veemente nas suas declarações de fé, inquietos e vãos na prática, servis no mais baixo grau da abjeção, diante dos grandes, adulando-se uns aos outros, e intolerantes para com aqueles que estavam modestamente ansiosos por evitar a queda dos fracos, em vez de estarem empenhados em blasonar e vangloriar-se desmedidamente por tê-los levantado um pouco depois da sua queda. Quando o Sr. Gusher lembrava uma subscrição em favor do Sr. Quale (que já havia feito o mesmo em prol do Sr. Gusher), e quando o Sr. Gusher falava hora e meia a esse propósito numa reunião, incluindo duas escolas de caridade de meninos e meninas, a quem se lembrava especialmente o exemplo do óbolo da viúva e de quem se exigia contribuíssem com meio *penny* e fossem vítimas aceitas, penso que o vento soprava de leste durante três semanas inteiras.

Faço menção disso porque volto a falar do Sr. Skimpole. Parecia-me que as suas espontâneas manifestações de puerilidade e desleixo eram um grande alívio para o meu tutor, contrastando as coisas supramencionadas, e mais prontamente acreditadas, uma vez que encontrar um homem perfeitamente cândido e displicente, entre tantos outros que eram o oposto disso, não podia deixar de causar-lhe prazer. Muito me entristeceria insinuar que o Sr. Skimpole adivinhasse isso e agisse por cálculo. A verdade é que nunca o compreendi bastante bem para poder tirar a coisa a limpo. O que ele era para meu tutor era certamente para todas as outras pessoas.

O Sr. Skimpole não estivera passando muito bem, e assim, embora vivesse em Londres, não o tínhamos visto ainda. Apareceu uma manhã com suas usuais maneiras agradáveis e tão cheio de jovialidade como sempre.

Com que, disse ele, ali estava! Estivera doente de bÍlis. Mas como os homens ricos muitas vezes se tornam biliosos, vinha se convencendo de que era um homem de posses. Assim era, de certo ponto de vista — nas suas intenções expansivas. Estivera a enriquecer seu médico assistente da maneira mais pródiga. Sempre duplicara e às vezes lhe quadruplicara os honorários. Dissera ao doutor: “Ora, meu caro doutor, é completa ilusão de sua parte supor que me está tratando de graça. Eu o estou submergindo em dinheiro — nas minhas intenções expansivas — o senhor nem pode imaginar!” E na realidade (dizia ele) tal era a verdade com que afirmava isso, que, para ele, dizer e realizar era a mesma coisa. Se estivesse de posse daqueles pedacinhos de metal ou de papel fino, a que a humanidade liga tanta importância, e os pudesse pôr na mão do médico, pô-los-ia na mão do médico. Não estando, substituí-a o ato pela vontade. Muito bem! Se realmente sua intenção era essa — se a sua vontade era autêntica e real, como era — a ele lhe pareceu que valia tanto quanto a moeda, e assim cancelou a dívida.

— Em parte pode ser por desconhecer eu o valor do dinheiro — disse o Sr. Skimpole — mas muitas vezes sinto isso. Parece-me tão razoável! Meu açougueiro me diz que está precisando daquela continha. Faz parte da agradável e inconsciente poesia da natureza humana chamar ele sempre àquilo uma “continha” — para fazer o pagamento parecer suave a nós ambos. Respondo ao açougueiro: “Meu bom amigo, se você soubesse, estaria pago. Não teria o trabalho de vir cobrar a continha. Você está pago. É o que lhe digo.”

— Mas suponha — disse meu tutor, rindo — que ele só tivesse a intenção de pôr a carne na conta, em vez de fornecê-la.

— Meu caro Jarndyce — tornou ele —, você me surpreende. Você toma o partido do açougueiro. Um açougueiro com quem tive de avir-me certa vez usou o mesmo argumento. Dizia ele: “Por que come o senhor carne de cordeirinho de dezoito *pence* a libra?” “Por que como eu carne de cordeirinho de dezoito *pence* a libra, meu honrado amigo?” — repeti eu, naturalmente admirado da pergunta. “Porque gosto de carne de cordeirinho.” Isso era demasiado convincente. “Bem, meu senhor”, diz ele, “eu queria me referir à carne, como o senhor se referiu ao dinheiro.” “Meu bom amigo”, retorqui, “rogo-lhe que raciocinemos como dois seres dotados de inteligência. Como poderia ser isso? Seria impossível. Você tinha o cordeiro, e eu não tinha o dinheiro. Você não podia realmente referir-se ao cordeiro, sem enviá-lo, ao

passo que eu posso referir-me e realmente me refiro ao dinheiro sem pagá-lo.” Ele não tugi nem mugiu. Estava liquidado o assunto.

— Não recorreu ele a medidas legais? — perguntou meu tutor.

— Sim, recorreu — disse o Sr. Skimpole. — Mas nisso mostrou-se influenciado pela paixão e não pela razão. A paixão me traz à lembrança Boythorn. Escreveu-me ele que você e as senhoras lhe prometeram uma curta visita à sua casa de solteirão em Lincolnshire.

— Minhas meninas gostam muito dele — disse o Sr. Jarndyce — e eu prometi por elas essa visita.

— Penso que a natureza se esqueceu de esfumá-lo um pouco — observou o Sr. Skimpole a Ada e a mim. — Um pouco tempestuoso demais — como o mar. Um pouco veemente demais — como um touro que acostumou o pensamento a considerar vermelhas todas as cores. Mas concedo que ele possui uma espécie de mérito de malhador.

Muito me surpreenderia se aqueles dois pudessem fazer alto juízo um do outro; o Sr. Boythorn dando demasiada importância a muitas coisas, e o Sr. Skimpole incomodando-se tão pouco com tudo. Além do quê, eu vira o Sr. Boythorn mais de uma vez a ponto de explodir em alguma opinião forte quando se fazia referência ao Sr. Skimpole. Sem dúvida, apenas fiz como Ada, dizendo que havíamos gostado muito dele.

— Ele me convidou — disse o Sr. Skimpole — e se uma criança pode confiar-se a tais mãos (o que esta criança aqui está animada a fazer, tendo a ternura conjugada de dois anjos para protegê-la) eu irei. Propõe pagar minha passagem de ida e volta. Suponho que custará dinheiro. Talvez xelins. Talvez libras. Ou quem sabe se qualquer coisa dessa espécie? A propósito. Coavinses. Lembra-se de nosso amigo Coavinses, Miss Summerson?

Foi a pergunta que ele me fez, quando o assunto lhe surgiu na mente, com sua maneira graciosa e displicente e sem o menor embaraço.

— Oh, sim — respondi.

— Coavinses foi detido pelo supremo meirinho — disse o Sr. Skimpole. — Nunca mais fará violências ao brilho do sol.

Chocou-me extremamente ouvir isso, pois já me havia lembrado — se bem que com uma associação de ideias um tanto grotesca — da figura

daquele homem sentado no sofá aquela noite, a esponjar a testa.

— Seu sucessor informou-me disso ontem — disse o Sr. Skimpole. — Seu sucessor acha-se agora em minha casa — tomou posse — creio que é assim que ele diz. Veio ontem, no dia do aniversário de minha filha de olhos azuis. Fiz esta objeção: “Isso é uma coisa desarrazoada e inconveniente. Se você tivesse uma filha de olhos azuis, não gostaria que eu, sem ser convidado, fosse ao aniversário dela, não é?” Mas ele ficou.

O Sr. Skimpole riu com o seu engraçado absurdo, e despreocupadamente feriu algumas teclas do piano junto ao qual estava sentado.

— E disse-me — continuou ele, tocando pequenos acordes onde eu porei pontos finais —: Aquele Coavinses morreu. Três crianças. Sem mãe. E aquela profissão, de Coavinses. Nada popular. Os jovens Coavinses. Estavam numa situação bem precária.

O Sr. Jarndyce levantou-se, coçando a cabeça, e começou a andar. O Sr. Skimpole tocou a melodia de uma das canções favoritas de Ada. Ada e eu olhamos para o Sr. Jarndyce e pensamos conhecer o que se estava passando em sua mente.

Depois de andar e parar e de deixar várias vezes de coçar a cabeça e recomeçar de novo, meu tutor pôs a mão sobre as teclas, interrompendo a música do Sr. Skimpole.

— Não gosto disso, Skimpole — disse ele pensativamente.

O Sr. Skimpole, que havia esquecido completamente o assunto, levantou os olhos, surpreso.

— O homem era necessário — prosseguiu meu tutor, andando para lá e para cá, no espaço bastante curto entre o piano e a extremidade da sala, e alisando o cabelo para trás, como se um forte vento de leste lho houvesse despenteado para a frente. — Se, com as nossas faltas e loucuras, ou com os nossos infortúnios, tornamos necessária a existência de homens como Coavinses, não devemos vingar-nos deles. Mal não havia na sua profissão. Sustentava seus filhos. Seria bom saber mais alguma coisa a respeito disso.

— Oh! De Coavinses? — exclamou o Sr. Skimpole, percebendo por fim o que meu tutor queria dizer. — Nada mais fácil. Dê um pulo até o quartel-general dos Coavinses e poderá você saber o que quiser.

O Sr. Jarndyce acenou para nós, que estávamos apenas à espera do sinal.

— Vamos. Daremos assim um passeio, minhas queridas. Por que não darmos esse passeio, em vez de outro qualquer?

Não tardamos em aprontar-nos e saímos. O Sr. Skimpole foi conosco plenamente satisfeito com a excursão. Era tão novo e tão reconfortante, dizia ele, ir procurar Coavinses, em vez de Coavinses procurá-lo a ele! ...

Levou-nos primeiro à Rua Cursitor, no Beco do Tribunal, onde havia uma casa de janelas gradeadas, à qual chamou ele Castelo dos Coavinses. Ao dirigirmo-nos para a entrada e tocarmos uma campainha, um menino muito feio saiu duma espécie de gabinete e nos mirou por cima dum postigo, cheio de varões de ferro.

— Que desejam? — perguntou o rapaz, apertando o queixo de encontro a dois dos varões.

— Havia aqui um beleguim, ou agente de polícia, ou coisa assim — indagou o Sr. Jarndyce —, que veio a falecer?

— Sim — respondeu o rapazinho. — E então?

— Desejava saber o nome dele, por obséquio.

— Chamava-se Neckett.

— E o seu endereço?

— Bell Yard. Numa venda, ao lado esquerdo dum tal Blinder.

— Era ele (não sei como formular a pergunta) — murmurou meu tutor — ativo?

— Neckett? — perguntou o rapaz. — Sim, muito. Nunca se cansava de vigiar. Era capaz de ficar junto de um poste, numa esquina de rua, oito ou dez horas a fio, se estivesse encarregado de fazê-lo.

— Podia ter feito coisa pior — ouvi eu meu tutor monologar. — Podia ter-se encarregado de fazê-lo e não tê-lo feito. Obrigado. É tudo quanto desejo saber.

Deixamos o rapaz, com a cabeça de lado e os braços em cima do portão, acariciando os varões de ferro da grade, e regressando a Lincoln's Inn, onde nos esperava o Sr. Skimpole, que cuidara de não se aproximar muito de

Coavinses. Depois seguimos todos para Bell Yard, estreito beco a bem curta distância. Logo descobrimos a tal venda. Nela estava uma velha de aspecto simpático, hidrópica ou asmática, ou ambas as coisas, talvez.

— Os filhos de Neckett? — disse ela, em resposta à minha pergunta. — Sim, decerto, minha senhora. Três, nada menos. A porta logo em frente da escada.

E entregou-me a chave por cima do balcão.

Olhei para a chave e olhei para a velha; ela, porém, viu logo que eu saberia o que fazer com aquilo. Como a chave só podia destinar-se à porta das crianças, saí sem fazer quaisquer outras perguntas e tratei de subir a escura escada, à frente dos demais. Subimos o mais devagarinho que nos era possível, mas quatro pessoas não podiam deixar de fazer barulho em tábuas tão velhas, e, quando chegamos ao segundo andar, verificamos que havíamos incomodado um homem, ali de pé, a olhar para fora do seu quarto.

— Estão procurando Gridley? — perguntou ele, cravando em mim um olhar colérico.

— Não, senhor — respondi. — Vou mais para cima.

Ele olhou para Ada, para o Sr. Jarndyce e para o Sr. Skimpole, dirigindo o mesmo olhar colérico a cada um, sucessivamente, à medida que passavam à sua frente e me seguiam. O Sr. Jarndyce cumprimentou-o. — Bom dia! — respondeu ele com rude altivez. Era um homem alto e lívido, com uma cabeça vergada ao peso dos cuidados, na qual poucos cabelos restavam, um rosto fundamente marcado e olhos saltados. Tinha um olhar combativo e uns modos incômodos e irritantes, que, associados a seu porte, ainda volumoso e robusto, mas evidentemente em declínio, me alarmaram um pouco. Tinha uma pena na mão e, no relance de vista que dei ao quarto, ao passar, vi neste grande quantidade de tiras de papel.

Deixando-o ali de pé, subimos ao quarto do último andar. Bati à porta e uma vozinha trêmula disse lá de dentro: — Estamos fechados. A Sra. Blinder levou a chave.

Ao ouvir isso, utilizei-me da chave e abri a porta. Num quarto pobre, com o forro em declive e com muito pouca mobília, via-se um menininho, de cinco ou seis anos, ninando uma pesada criança de ano e meio. Não havia fogo, apesar do tempo estar frio. Ambas as crianças estavam enroladas em

alguns velhos xales e palatinas, para suprir a falta do fogo. Suas roupas não eram tão quentes, porém, que evitassem que seus narizes estivessem vermelhos e seus corpinhos tremessem quando o menino andava de um lado para outro, acalentando a criança que tinha a cabeça em seu ombro.

— Quem fechou vocês aqui sozinhos? — perguntamos naturalmente.

— Charley — disse o menino, parado, a olhar para nós.

— Charley é seu irmão?

— Não. É minha irmã Carlota. Papai tratava-a de Charley.

— Há mais outros além de Charley?

— Eu — disse o menino —, Ema — e deu uma pancadinha na mole touca da criança que estava ninando — e Charley.

— Onde está Charley agora?

— Foi lavar roupa — disse o menino, pondo-se de novo a andar de um lado para outro, e levando a touquinha parda perto demais da armação da cama, quando tentava olhar para nós ao mesmo tempo.

Estávamos a olhar uns para os outros e para aquelas duas crianças quando entrou no quarto uma menininha, de porte infantil, mas com um rosto inteligente e de aspecto mais velho, bonita, usando uma espécie de touca de mulher, grande demais para ela, a enxugar os braços nus, numa espécie de avental de mulher. Seus dedos estavam brancos e enrugados pela lavagem, e a espuma de sabão, que ia enxugando dos braços, ainda vaporava. Não fosse isso, talvez parecesse uma criança, brincando de lavar roupa e imitando uma pobre mulher no trabalho.

Viera a correr de algum lugar qualquer na vizinhança, o mais depressa que lhe era possível. Por isso, embora fosse bastante leve, estava sem fôlego e a princípio não pôde falar, enquanto permanecia ali, ofegante, a enxugar os braços e olhando sossegadamente para nós.

— Oh! aqui está Charley! — exclamou o menino.

A criança que ele estava ninando estendeu os bracinhos e pediu aos gritos que Charley a tomasse. A menininha tomou-a, com um jeito todo maternal que o avental e a touca completavam, e continuou a olhar para nós, por cima do vulto pesado da criança, que se lhe agarrara com extrema afeição.

— Será possível — cochichou meu tutor quando oferecemos uma cadeira para a criaturinha e a fizemos sentar com a sua carga, enquanto o menino ficava juntinho dela, agarrado a seu avental — que esta criança trabalhe para o resto? Vejam isto! Pelo amor de Deus, vejam isto!

Era coisa digna de contemplar-se. As três crianças juntas e duas delas dependendo apenas da terceira, da terceira tão jovem, e contudo com um ar de idade e de firmeza que assentava bem estranhamente a seu rosto infantil.

— Charley, Charley! — disse meu tutor — que idade tem você?

— Mais de treze anos, meu senhor — respondeu a menina.

— Oh! que grande idade! — exclamou meu tutor. — Que grande idade, Charley!

Não posso descrever a ternura com que ele lhe dirigiu a palavra, meio brincalhão e, contudo, cheio de piedade e de tristeza.

— E mora só aqui com estes bebês, Charley? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Sim, senhor — respondeu a criança, levantando os olhos para o rosto dele, com perfeita confiança — desde que papai morreu.

— E como vive você, Charley? Oh, Charley — continuou meu tutor, voltando o rosto um instante —, como vive você?

— Desde que papai morreu, saí a procurar trabalho, meu senhor. Hoje estava lavando roupa fora.

— Deus que a ajude, Charley! — exclamou ele. — Você não é lá muito alta para alcançar a tina!

— De tamancos sou — apressou-se ela em dizer. — Ganhei um par bem alto que pertenceu a mamãe.

— E quando morreu sua mãe? Pobre mãe!

— Mamãe morreu logo depois que Ema nasceu — disse a criança, lançando um olhar para o rosto que lhe pousava no colo. — Então papai disse que eu tinha de ser, o mais que pudesse, uma boa mãe para ela. Foi o que procurei ser. Por isso trabalhei em casa, fazendo limpeza, ninando e lavando durante muito tempo, antes de começar a trabalhar fora. E foi assim que eu aprendi, vê o senhor?

— Você sai para trabalhar muitas vezes?

— Tantas quantas posso — disse Charley, arregalando os olhos e sorrindo — para ganhar seis *pence* e xelins!

— E você sempre fecha os meninos quando sai?

— Para que eles fiquem em segurança, meu senhor — disse Charley. — A Sra. Blinder sobe cá de vez em quando e o Sr. Gridley vem algumas vezes. Doutras, dou uma carreira até aqui. Eles podem brincar, e Tom não tem medo de ficar fechado aqui, não é, Tom?

— Nã... ã ...o! — disse Tom com intrepidez.

— Quando fica escuro, os lampiões são acesos lá embaixo no largo, e a luz deles chega até aqui bem clara, bem clara, não é Tom?

— É, sim, Charley — disse Tom —, bem clara.

— E, depois, ele é um menino de ouro — disse a criaturinha, e de que jeito tão feminino, tão maternal, disse ela isso! — Quando Ema está cansada, ele a põe na cama. E, quando está cansado, vai deitar-se também. Quando eu chego e acendo a vela e trago alguma coisa para cear, ele se levanta e vem cear comigo. Não é verdade, Tom?

— É sim, Charley! — exclamou Tom. — É assim mesmo que eu faço.

E tanto por causa dessa evocação do grande prazer da sua vida, como por gratidão e amor a Charley, que valia tudo para ele, encostou o rosto às dobras escassas do vestido dela e passou do riso ao pranto.

Era a primeira vez desde que entráramos, que se derramavam lágrimas ali, entre aquelas crianças. A orfãzinha havia falado de seu pai e de sua mãe, como se todo aquele pesar estivesse dominado pela necessidade de ter coragem, pela sua juvenil importância de ser capaz de trabalhar e pelo seu jeito atarefado e diligente. Mas agora que Tom chorava, conquanto ela se conservasse tranquilamente sentada, olhando para nós, sem tocar, por um movimento sequer, num cabelo da cabeça das duas crianças que tinha a seu lado, vi duas silenciosas lágrimas rolares-lhe pelo rosto.

Eu estava à janela com Ada, fingindo olhar para as cumeeiras das casas, para o enegrecido conjunto de chaminés, para as míseras plantas, para os pássaros em gaiolinhas, pertencentes aos vizinhos, quando percebi que a Sra. Blinder, vindo da loja, havia entrado (talvez estivera todo esse tempo a subir

as escadas) e conversava com o meu tutor.

— Não é muito perdoar-lhes o aluguel, meu senhor — disse ela. — Quem seria capaz de cobrar aluguel a estas crianças?

— Bem, bem — disse meu tutor para nós duas. — Mas basta que tempo virá em que esta boa mulher descubra que foi muito, e isso tanto mais quanto ela o fez até que o menor... Poderia — acrescentou ele, depois de alguns instantes — esta criança continuar assim?

— Na verdade, meu senhor, creio que ela poderia — disse a Sra. Blinder, retomando penosamente o ritmo pesado da sua respiração. — Ela é extraordinariamente jeitosa. Ah! meu senhor, a maneira pela qual ela cuidou das duas crianças depois que a mãe morreu foi o assunto da conversa aqui no largo. Foi maravilhoso deveras vê-la tratar do pai, depois que ele adoeceu. “Sra. Blinder” — disse-me ele enquanto pôde falar (estava estendido ali) —, “Sra. Blinder, qualquer que tenha sido a minha profissão, o certo é que vi um anjo neste quarto, a noite passada, acompanhando minha filha, e eu a confio ao nosso Pai!”

— Não tinha ele outra profissão? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Não, senhor — respondeu a Sra. Blinder. — Não passava de um beleguim. Quando chegou aqui, da primeira vez, para alojar-se, eu não sabia o que ele era e confesso que, quando vim a saber, dei-lhe prazo para mudar-se. Aqui no largo ninguém gostava disso. Os outros moradores não aprovariam. Não é uma profissão decente e a maior parte das pessoas não a tolera. O Sr. Gridley opôs-se fortemente, e ele é um bom inquilino, posto que seu gênio tenha sido duramente experimentado.

— De modo que a senhora o despediu? — indagou meu tutor.

— De modo que o despedi — disse a Sra. Blinder. — Mas realmente, quando chegou a ocasião da mudança e não conhecendo eu outra qualquer coisa em desabono dele, fiquei na dúvida. Ele era pontual e diligente. Fazia o que tinha de fazer, senhor — continuou a Sra. Blinder, fitando inconscientemente o Sr. Skimpole —, e até fazer isso é alguma coisa neste mundo.

— De modo que afinal a senhora consentiu que ele ficasse?

— Ora, eu disse que, se ele pudesse avir-se com o Sr. Gridley, eu poderia

arranjar as coisas com os outros inquilinos e careceria de importância gostarem ou não gostarem dele no largo. O Sr. Gridley deu seu consentimento, mal-humorado, mas deu. Estava sempre de mau humor com ele. Mas desde então mostrou-se muito bondoso com as crianças. Só se conhece uma pessoa quando ela é posta à prova.

— Muita gente tem-se mostrado bondosa para com as crianças? — perguntou o Sr. Jarndyce.

— Dum modo geral, não as tratam mal — respondeu a Sra. Blinder — mas por certo tratariam melhor, se outra tivesse sido a profissão do pai. O Sr. Coavins deu um guinéu e os outros beleguins fizeram uma pequena coleta. Alguns vizinhos do largo, que sempre haviam pilheriado e encolhido os ombros quando ele passava, fizeram uma pequena subscrição. É como digo: em geral, não as tratam pior. O mesmo se dá com Carlota. Algumas pessoas não quizeram empregá-la, porque era filha dum beleguim. Outras, que a aceitam como empregada, lançam-lhe isso em rosto. Outras consideram um ato meritório tê-la a trabalhar para si, tirando disso vantagem à custa da criança, e talvez lhe paguem menos e lhe deem mais serviço. Ela, porém, é mais paciente do que outras, e também inteligente, sempre de boa vontade, indo além dos limites de sua força. De modo que, em geral, diria que não a tratam tão mal assim, mas poderiam tratar bem melhor.

A Sra. Blinder sentou-se para proporcionar a si mesma uma oportunidade mais favorável de recobrar o fôlego, exausta novamente por tão longa fala, antes mesmo de se haver refeito de todo do esforço. O Sr. Jarndyce havia-se voltado para nos falar, quando sua atenção foi atraída por ter entrado inesperadamente no quarto o Sr. Gridley, já mencionado, e a quem havíamos visto, ao subirmos para ali.

— Não sei o que possam estar fazendo aqui, senhoras e senhores — disse ele, como se a nossa presença o incomodasse — mas hão de desculpar minha entrada. Não vim aqui para espiar. Corno é, Charley? E você, Tom? E você, pequerrucha? Como vamos hoje?

Curvou-se sobre o grupo de maneira carinhosa, e via-se claramente que as crianças o olhavam como um amigo, conquanto seu rosto conservasse seu caráter rígido e suas maneiras para conosco fossem extremamente rudes. Meu tutor percebeu isso e respeitou-lhe os sentimentos.

— Ninguém por certo viria aqui para espiar — disse ele em tom

condescendente.

— Talvez que sim, talvez que sim — replicou o outro, pondo Tom nos joelhos e balançando-o com impaciência. — Não desejo discutir com senhoras e senhores. O que já tenho discutido chega para encher a vida inteira dum homem.

— O senhor terá razão suficiente, tomo a liberdade de dizer — disse o Sr. Jarndyce — para estar irritado e exasperado...

— E o senhor a dar-lhe! — exclamou o homem, tornando-se violentamente colérico. — Tenho temperamento brigão. Sou irascível. Não sou um homem delicado!

— Não muito, penso eu.

— Senhor — disse Gridley, afastando a criança dos joelhos e avançando para o Sr. Jarndyce como se tencionasse bater-lhe —, sabe alguma coisa a respeito de Tribunais de Justiça?

— Talvez que sim, para infelicidade minha.

— Para infelicidade sua? — disse o homem, moderando a cólera. — Se é assim, peço-lhe desculpa. Sei que não sou delicado. Peço-lhe desculpa, senhor — e voltou-lhe a violência —, tenho sido arrastado, durante vinte e cinco anos, por cima de ferro candente e perdi o costume de caminhar sobre veludo. Vá até o Tribunal de Justiça e pergunte qual é uma das pilhérias comuns que algumas vezes alegra aquele ambiente, e eles lhe dirão que a melhor pilhéria em voga é o homem de Shropshire. Eu — disse ele, batendo com força uma mão na outra —, eu sou o homem de Shropshire.

— Creio que eu e minha família também temos tido a honra de proporcionar alguma distração àquele lugar solene — disse meu tutor sossegadamente. — O senhor deve ter talvez ouvido o meu nome: Jarndyce.

— Sr. Jarndyce — disse Gridley com uma rude espécie de saudação —, o senhor suporta os seus agravos mais sossegadamente do que eu posso suportar os meus. Mais do que isso, digo-lhe — e digo a este cavalheiro e a estas jovens damas, se são seus amigos — que, se eu suportasse meus agravos de qualquer outro modo, acabaria doido! Somente sentindo-os com paixão, vingando-me deles em espírito e reclamando com cólera uma justiça que nunca me concedem, é que sou capaz de conservar íntegro o juízo. Só assim!

— disse ele, falando num tom rústico e familiar e com grande veemência. — O senhor dirá que me excito em demasia. Respondo que está na minha natureza assim proceder contra um agravo, e é meu dever fazê-lo. De duas uma: ou assim se procede ou mergulha-se no estado sorridente da pobre velhinha maluca que frequenta, como um fantasma, o Tribunal. Se eu tivesse alguma vez de submeter-me a isso, me tornaria imbecil.

A paixão e o ardor que o abrasavam, a maneira como seu rosto os exprimia e os violentos gestos com que acompanhava o que dizia eram coisa bastante penosa de ver.

— Sr. Jarndyce — disse ele —, considere o meu caso. Como é verdade que existe um céu sobre nossas cabeças, é este o meu caso. Sou um de dois irmãos. Meu pai (um lavrador) fez testamento e deixou sua propriedade e gado e tudo mais a minha mãe, por toda a vida dela. Depois da morte de minha mãe, tudo teria de vir parar-me às mãos, exceto um legado de trezentas libras que eu tinha então de pagar a meu irmão. Minha mãe morreu. Meu irmão, algum tempo depois, reclamou seu legado. Eu e alguns de meus parentes dissemos que ele já havia recebido uma parte dele em alimento, alojamento e algumas outras coisas. Ora bem! Essa era a questão e nada mais. Ninguém refutou o testamento, ninguém pôs em dúvida coisa alguma, a não ser o fato de parte daquelas trezentas libras ter sido já paga. Para firmar essa questão, meu irmão entrou com um requerimento e eu fui obrigado a comparecer àquele maldito Tribunal. Fui forçado a ir lá porque a lei me obrigava e não permitia que eu fosse a nenhum outro lugar. Dezesete pessoas se tornaram partes nessa simples questão! Primeiramente, só avançou depois de dois anos. Depois ficou paralisada durante outros dois anos, enquanto o magistrado (que lhe apodreça a cabeça!) indagava se eu era filho de meu pai, a respeito do que não havia divergência de espécie alguma com nenhuma criatura mortal. Depois descobriu que não havia bastantes litigantes — lembre-se o senhor de que já havia dezesete! — mas que devíamos ter mais um, que fora deixado de parte, e que tudo deveria começar outra vez. As custas a esse tempo — antes que a coisa começasse! — já excediam três vezes o legado. Meu irmão teria de bom grado desistido do legado, dando-se por satisfeito de escapar de mais custas. Toda a minha propriedade, deixada para mim no testamento de meu pai, fora-se em custas. A demanda, ainda não decidida, resultou em tortura, ruína e desespero, com tudo mais que se segue. E aqui estou até hoje! Ora, Sr. Jarndyce, na sua demanda há milhares e

milhares de pessoas envolvidas, ao passo que na minha há centenas. Será a minha menos dura de suportar, ou o será mais, quando tudo quanto eu possuía nela se foi, vergonhosamente sugado?

O Sr. Jarndyce disse que se condoía dele de todo o coração e que não fazia monopólio para si do fato de ser injustamente tratado por tão monstruoso sistema.

— Aí está! — disse o Sr. Gridley, sem diminuir sua raiva. — O sistema! Dizem, de todos os lados, que é o sistema! Eu não devo considerar indivíduos. É o sistema. Não devo comparecer ao Tribunal e dizer: “Exmo Sr. juiz, rogo-lhe que me diga o seguinte: está direito ou errado? Quer dizer-me, sem subterfúgios, que recebi justiça e que portanto estou dispensado?” O Exmo juiz nada sabe. Está ali para administrar o sistema. Não devia procurar o Sr. Tulkinghorn, advogado em Lincoln’s Inn Fields, para dizer-lhe quando me põe furioso, mostrando-se tão frio e satisfeito (como todos se mostram, pois sei que eles ganham, enquanto eu perco, não é mesmo?) para dizer-lhe que arrancarei alguma coisa de alguém em paga da minha ruína, por meios decentes ou indecentes? Ele não é responsável. É o sistema. Mas se não pratiquei violência contra nenhum deles até aqui... ainda posso praticar! Não sei o que poderá acontecer, se afinal me puserem fora de mim! Acusarei os observadores individuais de tal sistema contra mim, face a face, diante do grande tribunal eterno!

Sua raiva era terrível. Eu não acreditaria em tanta cólera se não a houvesse visto.

— Eu o fiz! — disse ele, sentando-se e enxugando o rosto. — Sr. Jarndyce, eu o fiz! Sou violento, bem sei. Devia saber disso. Fui preso por desrespeito ao Tribunal. Estive preso por haver ameaçado o procurador. Estive metido nesta e naquela complicação e de novo me meterei. Sou o homem de Shropshire e às vezes faço ainda mais que diverti-los — embora eles tenham achado também engraçado isto: verem-me metido no xadrez, verem-me sob custódia no Tribunal e tudo mais. Seria melhor para mim, dizem-me eles, se me contivesse. Respondo-lhes que, se me contivesse, acabaria ficando idiota. Creio que fui outrora um homem de muito bom gênio. As pessoas da minha terra dizem que se lembram de que eu era assim. Mas agora tenho de conservar esta válvula de escape para o sentimento de injúria que sofro, do contrário, nada conseguirá evitar que eu venha a perder o juízo.

“Seria melhor para o senhor, Gridley”, disse-me o Lorde Chanceler, na semana passada, “não perder o seu tempo aqui e ir para Shropshire, empregando lá utilmente a sua vida.” “Sr. juiz, sr. juiz, sei que seria mesmo”, respondi-lhe eu, “e teria sido bem melhor para mim nunca ter ouvido o nome de seu elevado cargo; mas, desgraçadamente, não posso desfazer o passado e o passado arrasta-me para aqui!” Além do mais — acrescentou ele, explodindo com violência —, hei de envergonhá-los. Até o derradeiro instante me mostrarei naquele Tribunal, para vergonha deles. Se soubesse a hora da minha morte e pudesse ser transportado até lá e tivesse voz para falar-lhes, morreria ali, dizendo: “Vocês me trouxeram para aqui e me expulsaram daqui muitas e muitas vezes. Agora ponham-me para fora, com os pés para a frente!”

Sua fisionomia havia-se, talvez durante anos, habituado de tal modo a uma expressão de rigidez, que nem mesmo agora com a calma se apresentava mais suave.

— Vim buscar estas crianças para levá-las ao meu quarto por uma hora — disse, dirigindo-se para elas de novo — e deixá-las brincar lá à vontade. Não tencionava falar tanto, mas não tem importância. Você não está com medo de mim, não é, Tom?

— Não! — exclamou Tom. — Você também não está zangado comigo!

— Tem razão, meu bem. Você vai voltar, Charley? Hem? Venha então, minha pequenina! — Tomou a mais moça das crianças no braço, onde ela estava gostando bem de ser carregada. — Não me espantaria se encontrássemos um soldado de pão de gengibre lá embaixo. Vamos lá procurá-lo!

Fez a mesma rude saudação, que a certos aspectos não era lá muito sem jeito, ao Sr. Jarndyce e, curvando-se ligeiramente para nós, desceu para o seu quarto.

Nisto o Sr. Skimpole começou a falar, pela primeira vez desde a nossa chegada, no seu costumeiro tom jovial. Era realmente divertido, disse ele, ver como as coisas se adaptam indolentemente a seus fins. Aqui estava aquele Sr. Gridley, homem de robusta vontade e surpreendente energia — intelectualmente falando, uma espécie de ferreiro desarmonioso —, e podia facilmente imaginar o que fora Gridley, anos passados, vagando pela vida à procura de alguma coisa com que gastar sua combatividade supérflua —

espécie de Cupido entre espinhos — quando se lhe atravessa no caminho o Tribunal de Justiça e o acomoda exatamente à coisa de que ele necessitava. Ali estavam eles, ligados sempre desde então! De outro modo, ele poderia ter sido um grande general, arrasando toda a espécie de cidades, ou poderia ter sido um grande político, a lidar com toda a espécie de retórica parlamentar. Mas, conforme a coisa calhou, ele e o Tribunal de Justiça haviam-se casualmente encontrado da mais divertida das maneiras e sem prejuízo de ninguém, ficando Gridley, desde aquela hora, perfeitamente arrumado. Depois contemplemos Coavinses! Quão deliciosamente ilustrava o pobre Coavinses (pai daquelas encantadoras crianças) o mesmo princípio! Ele próprio, Skimpole, havia muitas vezes lamentado a existência de Coavinses. Coavinses se atravessara em seu caminho. Podia perfeitamente ter passado sem Coavinses. Vezes houve em que, se tivesse sido um sultão e lhe houvesse seu grão-vizir perguntado uma manhã: “Que quer das mãos deste escravo o Chefe dos Fiéis?”, ele teria ido ao extremo de responder: “A cabeça de Coavinses!” Mas em que veio a dar o caso? Que durante todo aquele tempo ele estivera dando emprego a um homem que bem o merecia; que fora um benfeitor de Coavinses; que na realidade habilitara Coavinses a criar aquelas crianças de uma forma tão agradável, desenvolvendo as virtudes sociais! De sorte que seu coração se intumescia e as lágrimas lhe subiam aos olhos, quando, ao circunvagando a vista pelo quarto, pensava: “Fui eu o grande protetor de Coavinses: o pouco conforto que teve foi obra minha!”

Havia um quê de tão cativante na sua leve maneira de ferir aquelas fantásticas cordas, e ele era uma criança tão jovial, ao lado daquelas crianças mais sérias que havíamos visto, que fez meu tutor sorrir, ao voltar-se para nós, depois de uma pequena conversa particular com a Sra. Blinder. Beijamos Charley e descemos as escadas com ela, parando do lado de fora da casa, para vê-la ir correndo para o seu serviço. Não sei para onde ela ia, mas vi aquela criaturinha correr, com sua touca e seu avental de mulher, por um caminho coberto, na extremidade do largo, misturando-se à luta e ao tumulto da cidade, como uma gota de orvalho no oceano.

TOM-ALL-ALONE'S

Lady Dedlock está irrequieta, muito irrequieta. O atônito noticiário elegante dificilmente sabe onde localizá-la. Hoje está em Chesney Wold; ontem esteve em sua casa da cidade; amanhã poderá estar no estrangeiro, apesar de tudo quanto o noticiário elegante possa com segurança predizer. A própria galantaria de Sir Leicester tem certa dificuldade em acompanhar-lhe os passos. E mais teria, não fosse seu outro fiel aliado, para mal ou para bem — a gota —, que se lança dentro do velho dormitório de carvalho em Chesney Wold e o agarra pelas duas pernas.

Sir Leicester recebe a gota como um demônio enfadonho, mas ainda assim um demônio de classe patricia. Todos os Dedlocks, na linha masculina direta, por um curso de tempo durante o qual e além do qual a memória do homem não anda às avessas, sofreram de gotas. Pode-se provar isso, meus senhores. Os pais de outros homens podem ter morrido de reumatismo, ou podem ter tido um contato bastardo do sangue maculado do vulgo doente, mas a família Dedlock transmitiu qualquer coisa de exclusivo, mesmo para o processo nivelador da morte: morrer da gota da família. Ela veio sendo transmitida, através da linha ilustre, como a prata, os quadros, a propriedade em Lincolnshire. Está incluída entre as suas dignidades. Sr. Leicester talvez não deixe de sentir inteiramente a impressão — embora jamais a haja expresso em palavras — de que o anjo da morte, no cumprimento de seus imprescindíveis deveres, possa dirigir-se nestes termos aos manes da aristocracia: “Meus lordes e cavalheiros, tenho a honra de apresentar-vos mais um Dedlock aqui chegado de acordo com o que rezam seus papéis, graças à gota da família.”

Por isso Sir Leicester entrega suas pernas da família à doença da família, como se mantivesse seu nome e sua fortuna sobre aquela posse feudal. Percebe que, para um Dedlock, estar deitado de costas e sentir beliscões espasmódicos e punhaladas nas extremidades não deixa de ser uma liberdade

que se toma em alguma parte. Mas, pensa ele, “Nós todos temos cedido a isto. Isto nos pertence. Há algumas centenas de anos vem sendo entendido que não havemos de tornar interessantes as abóbadas do parque com dizeres mais ignóbeis, e eu me submeto à convenção.”

E belo espetáculo ele apresenta, cercado de carmesim e ouro em profusão, no meio da grande sala de visitas onde jaz, diante do retrato preferido da sua senhora, com largas faixas de luz solar a fulgir ali dentro, pela longa perspectiva abaixo, atrás da comprida fileira de janelas e alternando com macios relevos de sombras. Lá fora, os majestosos carvalhos, arraigados durante séculos no solo verde que jamais conheceu relha de arado, mas era ainda parque de caçadas quando reis cavalgavam para guerrear com espada e escudo e para caçar com arco e flecha, davam testemunho da grandeza de Sir Leicester. No interior, seus antepassados, contemplando-o das paredes, dizem: “Cada um de nós foi uma realidade passageira aqui e deixou esta mancha colorida de si mesmo, e nos fundimos numa recordação tão vaga como as vozes distantes das gralhas, que agora embalam o teu repouso” e dão também testemunho da grandeza dele. E ele se sente verdadeiramente grande nesse dia. E aí de Boythorn ou de outra atrevida criatura qualquer que tenha a presunção de contender com ele sobre uma polegada que seja!

A senhora acha-se nesse instante representada, perto de Sir Leicester, pelo seu retrato. Batera as asas até a cidade, sem intenção de lá ficar, e dentro em breve baterá as asas, de volta para casa, desorientando os organizadores do noticiário elegante. A casa da cidade não está preparada para recebê-la. Está toda embuçada e lúgubre. Apenas um Mercúrio empoado boceja, macambúzio, à janela do salão, e contou, na noite passada, a outro Mercúrio seu conhecido, também habituado à boa sociedade, que se aquilo fosse durar — o que não poderia ser, pois um homem com o seu gênio não poderia suportá-lo, e não se poderia admitir que um homem de seu porte o tolerasse — não haveria outro recurso para ele, palavra de honra, senão cortar a garganta!

Que relação pode haver entre a propriedade em Lincolnshire, a casa da cidade, o Mercúrio empoado e o paradeiro de Jo, o pária de vassoura que tinha a brilhar sobre si aquele distante raio de luz, quando varreu o degrau do cemitério? Que ligação pode ter existido entre muita gente, nas inúmeras histórias deste mundo, que, de lados opostos de grandes abismos, têm vindo a reunir-se de modo muito curioso?

Jo limpa a travessia o dia inteiro inconsciente do elo, se é que existe algum elo. Sintetiza sua condição mental, quando interrogado, respondendo que “nada sabe”. Sabe que é difícil conservar a lama afastada da travessia no tempo chuvoso, e mais difícil ainda viver fazendo isso. Ninguém lhe ensinou nem sequer isso; descobriu-o ele por si mesmo.

Jo vive (isto é, Jo ainda não morreu) num lugar arruinado, conhecido dos iguais do pobre varredor pelo nome de Tom-All-Alone's. E numa rua escura e estragada, que todas as pessoas decentes evitam, onde as casas desconjuntadas foram invadidas, quando sua decadência já se achava bastante adiantada, por alguns ousados vagabundos, que, depois de consolidar sua posse, passaram a alugá-las a outrem. Ora, essas habitações quase a cair abrigam da noite um enxame de miseráveis. Assim como num pobre-diabo decadente aparece a bicharia parasitária, da mesma forma aqueles antros em ruínas têm produzido uma multidão de vidas asquerosas, que se arrastam para dentro e para fora de buracos nas paredes e soalhos; e se amontoam para dormir como vermes ali onde a chuva goteja; e entram e saem, trazendo e levando febre, e semeando mais males em cada passo que dão do que Lorde Coodle e Sir Tomas Doodle e o Duque de Foodle e todos os distintos cavalheiros em atividade, desde aqueles até Zoodle, hão de espalhar em quinhentos anos, apesar de nascidos expressamente para isso.

Duas vezes, ultimamente, houve em Tom-All-Alone's um desmoronamento e uma nuvem de pó, fazendo lembrar a explosão de uma mina, e de cada vez caiu uma casa. Esses acidentes foram noticiados em poucas linhas nos jornais e povoaram umas duas camas do hospital mais próximo. As lacunas permanecem e não há entre os destroços alojamentos impopulares. Como muitas outras casas estão prestes a cair, a próxima derrocada em Tom-All-Alone's vai ser, como é de esperar, um notável desmoronamento.

Essa invejável propriedade acha-se em litígio, é óbvio. Seria um insulto ao discernimento de qualquer homem de mediana esperteza dizer-lhe isso. Se esse “Tom” é o representante popular do primitivo queixoso ou acusado em “Jarndyce e Jarndyce”, ou se ele viveu aqui sozinho quando o processo deixara devastada a rua, até que outros moradores vieram juntar-se a ele, ou se o título tradicional é um sinônimo de valhacouto, impróprio para gente honesta e arredado do pátio da esperança — é o que talvez ninguém sabe. Jo decerto não sabe.

— Quanto a mim — diz Jo —, não sei nada.

Estranha condição deve ser a de Jo! Vagar pelas ruas, sentindo-se estranho às coisas que o cercam e na mais extrema ignorância a respeito do significado daqueles misteriosos símbolos, tão abundantes sobre as lojas, nas esquinas das ruas e sobre as portas e nas janelas! Ver gente ler e ver gente escrever e ver os carteiros entregar cartas, e não ter a mínima ideia de toda aquela linguagem — ser, para cada mínimo fragmento de tudo isso, totalmente mudo e cego! Devia ser bem embaraçoso ver as pessoas decentes indo às igrejas aos domingos, com os livros de reza na mão, e pensar (pois que talvez Jo pense de vez em quando) na significação de tudo isso! E se isso significa alguma coisa para alguém, como é que nada significa para mim? Ser empurrado, acotovelado, sacudido e sentir realmente que pareceria ser de todo verdadeiro que eu não tenho ocupação aqui, ali ou em qualquer parte; e contudo ficar perplexo diante da consideração de que, seja como for, eu estou aqui também e ninguém fez caso de mim, até que me tornei a criatura que sou! Deve ser uma estranha condição não apenas dizerem-me que mal posso ser considerado uma criatura humana (como no caso de oferecer-me para testemunha), mas sentir isso, como meu próprio conhecimento, durante toda a vida! Ver os cavalos, os cães e o gado passarem a meu lado, e saber que, em ignorância, sou igual a eles e não aos seres superiores que têm a mesma forma que eu e cuja delicadeza eu ofendo! As ideias de Jo a respeito dum julgamento criminal, de um juiz, de um bispo, de um governo ou dessa inestimável joia para ele (se ao menos a conhecesse), a Constituição, deviam ser estranhas! Toda a sua vida material e imaterial é maravilhosamente estranha; sua morte, a mais estranha de todas as coisas!

Jo sai do Tom-All-Alone's, ao encontro do dia lento, sempre moroso a chegar ali, e vai manducando o seu sujo pedaço de pão, enquanto caminha. Tendo de atravessar muitas ruas e não estando as casas ainda abertas, senta-se, para fazer a sua parca refeição, nos degraus da Sociedade para a Propagação do Evangelho nos Países Estrangeiros, e dá-lhes uma vassourada ao acabar, em reconhecimento pela acomodação que lhe deram. Admira o tamanho do edifício e imagina o que será ele todo. Não tem ideia, pobre coitado, do desamparo espiritual dum banco de coral no Pacífico e de quanto custa socorrer as preciosas almas perdidas entre cocos e frutas-pão.

Segue para a sua travessia e põe-se a prepará-la para o dia que começa. A cidade desperta: a grande piorra está pronta para seu giro e remoinho diário;

todo aquele inexplicável ler e escrever, suspenso por algumas horas, recomeça. Jo e os outros animais inferiores engolfam-se como podem na ininteligível barafunda. É dia de mercado. Os bois vendados, aguilhoados, arrastados, jamais guiados, afastam-se da estrada e são batidos, e de olhos vermelhos e boca espumante, vão marrar contra muros de pedra e muitas vezes magoam inocentes, e muitas vezes magoam a si mesmos. Bem semelhantes a Jo e a seus iguais; bem semelhantes!

Uma banda de música chega e toca. Jo escuta. O mesmo faz um cão — um cão de tangedor de gado, esperando por seu dono do lado de fora dum açougue, a pensar evidentemente naqueles carneiros que estiveram a seu cargo por algumas horas e de que agora felizmente está livre. Parece perplexo a respeito de três ou quatro: não pode lembrar-se do lugar onde os deixou; olha para uma extremidade e outra da rua, como se esperasse vê-los transviados por ali; de repente, fita as orelhas e lembra-se de tudo. É um cão vagabundo, acostumado com tavernas e companhias ordinárias; cão terrífico para carneiros; pronto, a um assobio, a saltar-lhes no lombo e a arrancar a dentadas bocados de sua lã; mas é um cão educado, adiantado, desenvolvido, a quem ensinaram suas obrigações e que sabe desempenhá-las. Ele e Jo escutam a música, provavelmente com a mesma dose de satisfação animal; semelhantemente, no que se refere a associação alerta, aspiração ou pesar, melancolia ou alegre referência a coisas superiores a seus sentidos, é provável que estejam no mesmo pé de igualdade. Mas, por outra parte, quão acima do ouvinte humano está o animal!

Asselvajem-se os descendentes daquele cão, como Jo, e, dentro de poucos anos, estarão tão degenerados que perderão até o latido... mas não a dentada.

O dia muda à medida que vai passando, e torna-se escuro e brumoso. Jo moureja na sua travessia, no meio da lama e das rodas entre os cavalos, chicotes e guarda-sóis, e ganha apenas o suficiente para pagar o insalubre abrigo Tom-All-Alone's. O crepúsculo vem baixando, o gás começa a acender-se nas lojas: o acendedor de lampiões, com sua escada, vai andando ao longo da beirada do passeio. Uma tarde horrível está prestes a findar.

Em seus aposentos o Sr. Tulkinghorn medita numa petição que dirigirá ao mais próximo magistrado na manhã seguinte, referente a um alvará. Gridley, o demandante decepcionado, esteve aqui hoje e mostrou-se

assustador. Não havemos de continuar apavorados, e aquele indivíduo de maus bofes terá de prestar fiança de novo. Lá do teto, a Alegoria escurçada, na pessoa dum incrível romano de cabeça para baixo, aponta, importuna, com o braço de Sansão (deslocado e bem estranho) na direção da janela. Por que estaria o Sr. Tulkinghorn, sem razão alguma, a olhar para fora da janela? Não está sempre aquela mão apontando para ali? De modo que ele não está a olhar para fora.

E, se estivesse, que importância teria ver uma mulher que vai passando? Há muitas mulheres no mundo, pensa o Sr. Tulkinghorn, muitas. Estão no fundo de tudo quanto anda desordenado no mundo, se bem que, por causa disso mesmo, proporcionam trabalho aos advogados. Que importância teria ver uma mulher passando pela rua, ainda que ela o fizesse secretamente? Todas elas são misteriosas. O Sr. Tulkinghorn sabe disso muito bem.

Mas não são todas iguais à mulher que agora se distancia dele e de sua casa; entre o vestido simples daquela mulher e suas maneiras distintas existe algo de excessivamente contraditório. Poderia ser uma criada de condição superior mas, pelos seus trajes, pelo seu aspecto e pelo seu andar, embora se note neles uma pressa afetada (tanto quanto lhe é dado mostrar-se presumida naquelas ruas barrentas, nas quais os seus pés não têm costume de pisar), vê-se que é uma dama. Seu rosto está oculto por um véu e, não obstante, atraiçoa-se suficientemente, fazendo mais de uma pessoa, dentre as que passam por ela, voltar-se e olhá-la com curiosidade.

Nunca volta a cabeça. Dama ou criada, tem um propósito em vista e deve executá-lo. Não volta a cabeça, até chegar à travessia onde Jo dá trabalho à sua vassoura. Passa por ela e pede-lhe uma esmola. No entanto, ela só volta a cabeça quando se encontra do outro lado da rua. Então faz-lhe um ligeiro aceno e diz: — Venha cá!

Jo acompanha-a, numa ou duas passadas, até o recinto dum pátio tranquilo.

— É você o rapaz a que se referem os jornais? — perguntou ela por trás do véu.

— Não sei — disse Jo, olhando fixamente e pensativo para o véu —, não sei de nada a respeito de jornais. Não sei de nada a respeito de nada.

— Foi examinado num inquérito?

— Não sei de nada disso; a senhora quer dizer o lugar para onde o meirinho me levou? — perguntou Jo. — Chamava-se Jo o rapaz do tal inquérito?

— Sim.

— Sou eu.

— Chegue mais para cá.

— A senhora se refere ao homem? — perguntou Jo, obedecendo. — O que morreu?

— Psiu! Fale baixinho! Sim. Quando ele era vivo, parecia assim tão doente e tão pobre?

— Oh! isso mesmo!

— Parecia-se assim... era como você? — perguntou a mulher com aversão.

— Oh! não. Não era tão miserável como eu — respondeu Jo. — Eu sou mesmo assim, um miserável. E a ele a senhora não conhecia?

— Como ousa perguntar-me se o conhecia?

— Sem ofensa, minha senhora — diz Jo, com bastante humildade, pois até mesmo ele chegara a suspeitar que se tratava duma fidalga.

— Não sou nenhuma senhora. Sou uma simples criada.

— Pois é uma linda criada! — diz Jo, sem a mínima ideia de dizer qualquer coisa ofensiva, simplesmente como um tributo de admiração.

— Escute e fique calado. Não me fale e conserve-se afastado de mim! Poderá mostrar-me todos os lugares mencionados nas notícias que li? O lugar para o qual ele escrevia, o lugar onde morreu, o lugar para onde você foi levado e o lugar onde ele foi enterrado? Sabe em que lugar ele foi enterrado?

Jo responde afirmativamente, com a cabeça, tendo feito o mesmo gesto à medida que cada um dos outros lugares ia sendo mencionado.

— Vá à minha frente e mostre-me todos esses horrendos lugares. Pare diante de cada um e não me fale, a menos que eu lhe dirija a palavra. Não olhe para trás. Faça o que desejo, que lhe pagarei bem.

Jo presta toda atenção enquanto as palavras são pronunciadas. Vai

destacando-as apoiado no cabo da vassoura, e acha-as um pouco difíceis. Faz uma pausa para considerar-lhes o significado. Pondera-o com satisfação e acena afirmativamente, com sua cabeça desgrenhada.

— Batuta eu sou! O negócio é a lama. Tenho de empilhar a bicha!

— Que quererá dizer com isso essa horrenda criatura? — exclama a criada, recuando.

— Tenho de arrastar a bicha!

— Não o entendo. Siga adiante! Dar-lhe-ei tanto dinheiro como nunca teve em sua vida.

Jo aperta a boca como para assobiar, dó uma esfregada na cabeça desgrenhada, mete a vassoura debaixo do braço e abre caminho, andando destramente, de pés descalços, por cima das duras pedras e através da lama e do lodo.

Largo do Cozinheiro. Jo para. Uma pausa.

— Quem mora aqui?

— O tal que dava a ele coisa para escrever e que me deu meia-coroa — diz Jo num cochicho, sem olhar por cima dos ombros.

— Continue para o lugar seguinte.

Casa de Krook. Jo para de novo. Uma pausa mais longa.

— Quem mora aqui?

— Ele morava aqui — responde Jo como antes.

Depois de um silêncio, é-lhe perguntado: — Em que quarto?

— No quarto detrás, lá em cima. Deste canto a senhora pode ver a janela. Lá no alto! Foi lá que eu o vi espichado. Esta é a taberna para onde me trouxeram.

— Siga para o outro lugar!

Agora a caminhada era maior. Mas Jo, aliviado de suas primeiras suspeitas, cumpre rigorosamente as ordens que lhe são impostas e não olha em redor. Por alguns caminhos escusos, exalando odores fétidos de várias espécies, chegam eles ao pequeno túnel dum pátio, com um lampião (aceso agora) diante do portão de ferro.

— Ele foi enterrado ali — diz Jo, agarrando-se às grades e olhando para dentro.

— Onde? Oh! que cena horrível!

— Ali! — diz Jo, apontando. — Bem para lá. Entre aqueles montes de ossos e perto daquela janela de cozinha! Enterraram-no bem perto do canto. Foram obrigados a pisar em cima para ele poder caber ali dentro. Eu poderia descobri-lo para a senhora com a minha vassoura, se o portão estivesse aberto. É por isso que eles fecham o portão, suponho — diz ele, sacudindo o portão. — Está sempre fechado. Olhe a ratazana! — exclamou Jo, excitado. — Xi! Olhe! Lá vai ela! Oh! meteu-se pelo chão!

A criada refoge para um canto daquela repugnante arcada, com suas nódoas mortíferas a contaminar-lhe o vestido, e estendendo suas duas mãos e dizendo com toda a veemência ao rapaz que se conserve afastado dela, pois sua presença lhe causa asco, assim permanece por alguns momentos. Jo fica a olhar e está ainda olhando, quando ela consegue dominar-se.

— Este lugar abominável é terreno consagrado?

— Não sei nada de terreno consagrado — diz ele, ainda de olhar fito.

— É abençoado?

— O QUÊ? — pergunta Jo, no último grau de espanto.

— É abençoado?

— Abençoado seja eu se sei — diz Jo, com o olhar mais espantado que nunca —, mas acho que não. Abençoado? — repete Jo, com a mente um tanto confusa. — Não lhe faria grande hem se fosse. Abençoado? Pra mim. amaldiçoado é que ele é! — Mas não sei de nada!

A criada presta tão pouca atenção ao que ele diz como ao que ela mesma havia dito. Descalça a luva para tirar algum dinheiro da bolsa. Jo silenciosamente nota como a mão dela é branca e pequena, e que elegante criada deve ser para usar anéis tão coruscantes.

Deita uma moeda em sua mão sem tocá-la, estremecendo quando as mãos dele se aproximam.

— Agora — diz ela — mostre-me de novo o lugar.

Jo mete o cabo da vassoura entre as grades do portão e, com o mais

extremo apuro, aponta o lugar. Por fim, olhando para o lado, para ver se se tinha feito compreender, verifica que está só.

A primeira coisa que faz é pôr a moeda sob a luz do lampião e sentir-se empolgado ao descobrir que ela é amarela, de ouro. A segunda é dar-lhe uma dentada na ponta para verificar sua qualidade. A terceira, metê-la na boca para guardá-la com segurança e limpar o degrau e a passagem com grande cuidado. Terminada sua tarefa, parte para Tom-All-Alone's, parando à luz de inúmeros lampiões para tirar a moeda de ouro e dar-lhe novas dentadas, a fim de certificar-se da sua legitimidade.

O lacaio empoado não precisa de companhia essa noite, pois a senhora vai a um grande jantar e a três ou quatro bailes. Sir Leicester está nervoso em Chesney Wold, sem outra companhia a não ser a gota. Queixa-se a Sra. Rouncewell de que a chuva produz no terraço pancadas tão monótonas que ele não pode ler o jornal, nem junto ao fogão, no seu próprio e agasalhado quarto de vestir.

— Sir Leicester teria feito melhor se tentasse servir-se do outro lado da casa, meu bem — diz a Sra. Rouncewell a Rosa. — Seu quarto de vestir está do mesmo lado do da senhora. E durante todos estes anos nunca ouvi os passos no Passeio do Fantasma mais distintamente do que esta noite!

A NARRATIVA DE ÉSTER

Ricardo veio ver-nos muitas vezes enquanto estivemos em Londres (embora logo começasse a mostrar-se negligente na sua correspondência) e com suas vivas habilidades, sua jovialidade, seu bom gênio e sua vivacidade, era sempre agradável. Mas, conquanto eu gostasse sempre mais dele, à proporção que melhor o conhecia, contudo cada vez mais sentia quanto era de lamentar não houvesse ele sido educado em hábitos de aplicação e concentração. O sistema que com ele fora empregado, da mesma forma que o fora com centenas de outros rapazes, variando todos em caráter e capacidade, havia-o habilitado a meter mão às suas tarefas sempre com toda a honra e muitas vezes com distinção, mas de um modo caprichoso e enganosamente brilhante, que o confirmara na confiança que depositava naquelas suas verdadeiras qualidades que seria mais desejável fossem dirigidas e aperfeiçoadas. Eram qualidades boas, sem as quais nenhuma elevada posição pode ser meritoriamente conquistada; mas, como o fogo e a água, embora excelentes servos, não deixavam de ser maus senhores. Se estivessem sob a direção de Ricardo, teriam sido suas amigas, mas, estando Ricardo sob a direção delas, tornaram-se suas inimigas.

Consigno aqui essas impressões, não porque acredite que esta ou qualquer outra coisa fosse assim pelo fato de eu assim pensar, mas somente porque eu pensava assim, e desejo ser inteiramente franca a respeito de tudo quanto pensava e fazia. Essas eram as minhas ideias a respeito de Ricardo. Penso ter muitas vezes observado, além disso, o acerto da opinião do meu tutor, segundo o qual as incertezas e dilações da questão judiciária tinham deixado na índole de Ricardo uma pitada do espírito descuidado de um jogador, que cuidava fazer parte de um grande sistema de jogo.

O Sr. e a Sra. Bayham Badger vieram visitar-nos uma tarde em que meu tutor não estava em casa, e no curso da conversa eu naturalmente pedi informações acerca de Ricardo.

— Ora, o Sr. Carstone — disse a Sra. Badger — vai muito bem e é, garanto-lhe, uma grande aquisição para a nossa sociedade. O Capitão Swosser costumava dizer de mim que eu era sempre melhor que terra pela frente e brisa por trás para o rancho dos aspirantes de Marinha, quando a carne salgada do comissário de bordo se havia tornado tão dura como as cordas da vela mestra de barlavento. Era sua maneira naval de falar que eu era uma boa aquisição para qualquer sociedade. Estou certa que posso prestar a mesma homenagem ao Sr. Carstone. Mas eu... não me vai achar muito precipitada se falo assim?

Respondi que não, uma vez que o tom insinuativo da Sra. Badger parecia não admitir outra resposta.

— E Miss Clare? — perguntou a Sra. Bayham Badger com doçura.

Ada também disse que não, parecendo, porém, pouco à vontade.

— Ora, vejam vocês, minhas queridas — disse a Sra. Badger. — Desculpem-me se as chamo de minhas queridas.

Dissemos à Sra. Badger que não havia de que pedir desculpas.

— Porque vocês realmente são, se é que posso tomar a liberdade de assim dizer — continuou a Sra. Badger —, perfeitamente encantadoras. Vejam vocês, minhas queridas, que conquanto eu ainda seja jovem (como, por delicadeza, se exprime o Sr. Bayham Badger)...

— Não, não — acode o Sr. Badger, como alguém que grita um “não apoiado” num comício. — Não é por delicadeza...

— Muito bem — sorriu a Sra. Badger — nós diremos ainda jovem.

(— Sem dúvida — disse o Sr. Badger.)

— Minhas queridas, apesar de ainda jovem, tenho tido muitas oportunidades de observar rapazes. Eram numerosíssimos, asseguro-lhes, a bordo do velho e querido “Crippler”. Mais tarde, quando eu estava com o Capitão Swosser no Mediterrâneo, aproveitava todas as oportunidades de conhecer e travar amizade com os aspirantes sob o comando do Capitão Swosser. Vocês nunca ouviram eles serem chamados de “jovens cavalheiros”, minhas queridas, e provavelmente não entenderiam alusões à sua prestação de contas semanal; mas comigo a coisa é diferente, pois a água salgada foi um segundo lar para mim e eu fui um marinheiro completo. Da mesma forma,

com o Professor Dingo.

(— Homem de reputação europeia — murmurou o Sr. Badger.) — Quando perdi meu querido primeiro e tornei-me mulher do meu querido segundo — disse a Sra. Badger, referindo-se a seus anteriores maridos como se fossem partes duma charada —, ainda tive ensejo de observar a mocidade. A classe que assistia às conferências do Professor Dingo era bastante numerosa, e tornou-se motivo de orgulho meu, como esposa de um eminente homem de ciência (buscando eu própria na ciência o consolo máximo que ela podia ministrar), trazer nossa casa aberta para os estudantes, como uma espécie de Bolsa Científica. Todas as terças-feiras, à noite, havia limonada e biscoitos variados para todos quantos gostassem de refrescos. E havia ali ciência em grau ilimitado.

— Notáveis reuniões aquelas, Miss Summerson — disse o Sr. Badger reverentemente. — Deve ter havido ali intenso intercâmbio cultural, sob os auspícios de um tal homem.

— E agora — prosseguiu a Sra. Badger —, agora que sou a mulher do meu querido terceiro, o Sr. Badger, ainda persisto nos mesmos hábitos de observação que formara durante a vida do Capitão Swosser e que se adaptaram a novos e inesperados intuitos durante a vida do Professor Dingo. Portanto, não considero o Sr. Carstone um neófito. E contudo sou de opinião, minhas queridas, que ele não escolheu sua profissão avisadamente.

Ada mostrava-se agora tão intensamente ansiosa, que perguntei à Sra. Badger em que baseava sua suposição.

— Minha querida Miss Summerson — respondeu ela —, no caráter e no procedimento do Sr. Carstone. É ele dotado dum gênio tão dócil que jamais pensará que vale a pena revelar quais são seus verdadeiros sentimentos, mas a verdade é que não tem lá muito entusiasmo pela profissão. Não tem por ela aquele interesse positivo que revela uma vocação. Se ele tem alguma decidida impressão a seu respeito, eu diria que para ele essa carreira não passa duma ocupação enfadonha. Ora, isso não é promissor. Jovens como o Sr. Allan Woodcourt, que dedicam forte interesse a tudo quanto sua carreira pode proporcionar, encontrarão nela alguma recompensa através de enorme quantidade de trabalho em troca de muito pouco dinheiro, e durante anos de considerável paciência e desilusões. Mas tenho inteira convicção de que isso nunca se dará com o Sr. Carstone.

— O Sr. Badger pensa também assim? — perguntou Ada timidamente.

— Ora — disse o Sr. Badger —, para dizer a verdade, Miss Clare, esse aspecto do caso não me havia ocorrido até que a Sra. Badger falou nisso. Mas, quando a Sra. Badger o mostrou debaixo desse aspecto, dei-lhe, como é natural, muita atenção, sabendo que o espírito da Sra. Badger, além de suas naturais prendas, teve esta outra raríssima de haver sido formado por dois distintíssimos homens públicos (diria mesmo ilustres) como o Capitão Swosser da Marinha Real e o Professor Dingo. A conclusão a que cheguei é, em suma, a conclusão da Sra. Badger.

— Era uma máxima do Capitão Swosser — disse a Sra. Badger na sua maneira de falar figurada e naval — que, quando a gente esquento o breu, não pode esquentá-lo demais e, quando a gente tem apenas de esfregar uma prancha, devia esfregá-la como se tivesse atrás de si Davy Jones.¹ Parece-me que essa máxima se aplica tanto à profissão médica como à profissão náutica.

— A todas as profissões — observou o Sr. Badger. — É uma admirável máxima essa do Capitão Swosser. Lindamente dita.

— Muita gente censurava o Professor Dingo, quando estivemos no norte de Devon depois do nosso casamento — disse a Sra. Badger —, por ele desfigurar algumas casas e prédios, arrancando-lhes fragmentos com o seu martelinho geológico. Mas o professor replicava que nenhum prédio conhecia, a não ser o Templo da Ciência. O princípio é o mesmo, penso eu.

— Precisamente o mesmo — disse o Sr. Badger. — Belamente expresso! O professor fez a mesma observação, Miss Summerson, durante sua última doença, quando, no delírio, insistia em conservar seu martelinho debaixo do travesseiro para com ele arrancar pedacinhos da cara dos criados. Ah! a paixão dominadora!

Conquanto pudéssemos dispensar a prolixidade com que o Sr. e a Sra. Badger prosseguiram a conversa, percebemos ambas que eles exprimiam sua opinião desinteressadamente, e que havia grande probabilidade de ser verdadeiro tudo aquilo. Concordamos em nada dizer ao Sr. Jarndyce até que tivéssemos falado a Ricardo, e, como ele viria na tarde seguinte, resolvemos ter com ele uma conversa muito séria.

Assim, depois que ele estivera um pouquinho com Ada, entrei e encontrei a minha querida (tal qual eu previra) disposta a achar que o

namorado tinha carradas de razão em tudo quanto dissesse.

— Como é, Ricardo, está progredindo? — perguntei. Sempre me sentava do outro lado dele. Eu era para ele uma verdadeira irmã.

— Oh! magnificamente! — exclamou Ricardo.

— Outra coisa melhor não poderia ele dizer, não é, Ester? — exclamou por sua vez a minha predileta, com ar de triunfo.

Tentei olhar para ela da maneira mais sisuda, mas não me foi possível.

— Magnificamente? — repeti.

— Sim — respondeu Ricardo —, magnificamente. É um tanto vagaroso e estúpido. Mas vale tanto quanto outra coisa qualquer!

— Oh! meu querido Ricardo — admoestei.

— Que é que há? — perguntou Ricardo.

— Vale tanto quanto outra coisa qualquer!

— Não creio que haja mal no que ele disse, D^a Durden — comentou Ada, olhando bastante confiadamente para mim —, porque, se vale tanto quanto outra coisa qualquer, valerá muito, conforme espero.

— Oh! sim, também o espero — tornou Ricardo, afastando descuidadamente o cabelo da testa. — Afinal, talvez seja apenas uma espécie de provação, até que o nosso processo seja... ah! perdão. Não devo citar o processo. É território proibido! Oh! sim, corre tudo muito bem. Mas vamos mudar de assunto.

Ada o teria feito de muito boa vontade, na inteira persuasão de que havíamos levado a questão ao seu ponto mais satisfatório. Mas achei que seria inútil parar ali, de modo que recomecei.

— Não, de modo algum, Ricardo, e você, minha querida Ada! Consideremos quão importante é para vocês dois o assunto, e que ponto de honra representa para seu primo que você, Ricardo, leve a coisa a sério e sem nenhuma reserva. Acho que seria muito melhor conversarmos a respeito disso, Ada. Olhem que em breve seria demasiado tarde.

— Oh! sim. Devemos tratar disso — conveio Ada. — Mas creio que Ricardo tem razão.

Que utilidade havia em tentar eu mostrar-me sisuda quando ela se mostrava tão linda, tão atraente, tão apaixonada por ele!

— O Sr. e a Sra. Badger estiveram aqui ontem, Ricardo — disse eu e pareciam inclinados a pensar que você não tem lá muito gosto pela profissão.

— É mesmo? — perguntou Ricardo. — Oh! Isso altera um tanto o caso, porque eu não imaginava que eles assim pensassem, e não gostaria de desapontá-los ou incomodá-los. O fato é que não dou grande importância àquilo. Mas, oh! E daí? Aquilo vale tanto quanto outra coisa qualquer!

— Está ouvindo, Ada? — perguntei.

— O fato é — prosseguiu Ricardo, entre pensativo e jocoso — que a coisa não é lá muito ao meu jeito. Não me interessa. E já estou farto do primeiro e do segundo da Sra. Bayham Badger.

— Acho isso muito natural — exclamou Ada, inteiramente satisfeita. — Foi justamente o que dissemos ontem, Ester!

— Depois — continuou Ricardo — a coisa é monótona; hoje é igualzinho a ontem e amanhã será a mesmíssima coisa que hoje.

— Mas quer-me parecer — disse eu — que esta seja uma objeção a toda espécie de aplicação... à própria vida, exceto em algumas circunstâncias nada comuns.

— Pensa assim? — replicou Ricardo, ainda meditativo. — Talvez! Ah! Ora, vê você — acrescentou ele, tornando-se subitamente alegre de novo —, demos uma volta para chegarmos ao que acabei de dizer. Vale tanto como outra coisa qualquer. Oh! está tudo muito direito! Vamos mudar de assunto?

Mas mesmo Ada, com o seu rostinho amável (se ele me parecera inocente e confiante quando pela primeira vez o vi naquele memorável nevoeiro de novembro, muito mais o parecia agora, que eu conhecia o inocente e confiante coração da sua dona), até mesmo Ada meneou a cabeça diante daquela displicência, e ficou séria. Então pensei que seria uma boa oportunidade sugerir a Ricardo que, se ele às vezes se mostrava descuidado de si mesmo, eu estava certa de que nunca tencionava mostrar-se descuidado a respeito de Ada, e que fazia parte de seu afeiçoado interesse por ela não desdenhar a importância de um passo que poderia ter influência sobre a vida de ambos. Isso fê-lo tornar-se quase grave.

— Minha querida Mamãe Hubbard — disse ele —, esta é que é a coisa! Tenho pensado nisso muitas vezes, e tenho ficado bem zangado comigo mesmo por pretender levar a coisa a sério e não consegui-lo inteiramente. Não sei como é isso. Parece que me falta alguma coisa em que apoiar-me. Até mesmo você não faz ideia de quanto amo Ada (minha querida prima, eu gosto tanto de você!), mas não logro ter constância em outras coisas. É um trabalho de costa acima e toma tanto tempo! — disse Ricardo, com um jeito aflito.

— Talvez seja — disse eu — porque você não gosta da profissão que escolheu.

— Coitado! — exclamou Ada. — Não é de estranhar que assim seja!

Não. Era inteiramente inútil querer mostrar-me sisuda. Tentei-o de novo. Mas como o conseguiria, ou, no caso de consegui-lo, que efeito poderia produzir a minha seriedade se, enquanto isso, Ada permanecia de mãos cruzadas sobre o ombro de Ricardo, que contemplava os ternos olhos azuis de sua amada, os quais por sua vez fitavam amorosamente os dele?

— Você vê, minha preciosa menina — disse Ricardo, acariciando-lhe os anéis dourados dos cabelos —, que fui talvez um pouco apressado. Ou talvez não soube compreender minhas próprias inclinações. Parece que elas não se orientam naquela direção. Nada podia afirmar enquanto não a houvesse experimentado. A questão agora é saber se convém desfazer tudo quanto já foi feito. Parece que é fazer muito barulho em torno de uma coisa que nada tem de especial.

— Meu caro Ricardo — disse eu —, como pode você dizer que isso nada tem de especial?

— Não é o que eu quero dizer — retrucou ele. — Quero dizer que pode não haver nada de especial nisso, porque eu talvez nunca o deseje.

Tanto Ada como eu insistimos, em resposta, que não só convinha desfazer o que tinha sido feito, mas que aquilo devia mesmo ser desfeito. Depois perguntei a Ricardo se ele havia pensado em qualquer outra profissão mais adequada.

— Isso, minha cara Sra. Shipton! — disse Ricardo. — Você deu no vinte. Sim, tenho. Tenho estado pensando que o direito é a carreira que me convém.

— O direito! — repetiu Ada, como se o nome lhe causasse medo.

— Se entrar para o escritório de Kenge — disse Ricardo — e me colocar como seu aprendiz, terei os olhos postos no — hum! — no terreno proibido, e serei capaz de estudá-lo, dominá-lo e convencer-me de que não foi descurado e estava sendo convenientemente dirigido. Assim eu estaria habilitado a olhar pelos interesses de Ada e pelos meus (o que é a mesma coisa) e me poria a estudar com o mais vivo ardor o Blackstone e outros juristas.

Eu não estava de modo algum tão tranquila a esse respeito e vi que aquela sua ânsia de coisas vagas e incertas e aquelas esperanças que tanto custavam realizar-se punham uma sombra no rosto de Ada. Mas pensei ser melhor estimulá-lo em qualquer projeto de contínuo esforço e apenas adverti-lo de que deveria certificar-se da irrevogabilidade da sua decisão atual.

— Minha querida Minerva — disse Ricardo —, estou tão decidido como você. Pratiquei um erro. Todos nós estamos sujeitos a erros. Não me enganarei mais agora e me tornarei um advogado tal como poucas vezes se encontra. Isto é — acrescentou ele, recaindo na dúvida —, se realmente vale a pena, afinal, fazer tanto barulho em torno de uma coisa que nada tem de especial.

Isso levou-nos a repetir com toda a seriedade tudo quanto já havíamos dito antes, chegando afinal às mesmíssimas conclusões. Mas tão fortemente aconselhamos Ricardo a ser franco e sincero com o Sr. Jarndyce, sem um instante de demora, e sua disposição era naturalmente tão avessa a ocultar qualquer coisa, que saiu imediatamente à sua procura (levando-nos consigo) e fez uma confissão plena.

— Rick — disse meu tutor, depois de ouvi-lo com toda a atenção —, podemos retirar-nos com honra e assim o faremos. Mas temos de ser cuidadosos (por causa de nossa prima, Rick, por causa de nossa prima!) para não incorrermos mais em tais enganos. Por conseguinte, a respeito do direito, devemos tentar uma longa experiência, antes de nos decidirmos. Nada de pulos no escuro!

A energia de Ricardo era de tão impaciente e caprichosa espécie, que nada de melhor teria achado do que ir naquela mesma hora ao escritório de Kenge, para combinar tudo com ele. Resignando-se, porém de bom grado à cautela que lhe mostramos ser necessária, contentou-se com sentar-se entre nós, cheio de animação, a conversar, como se seu invariável propósito na

vida, desde a infância, tivesse sido aquele que agora se apoderara dele. Meu tutor mostrou-se muito bondoso e cordial para com ele, mas um tanto sério, o bastante para induzir Ada, quando ele partiu e nós subimos para deitar-nos, a dizer: — Primo João, espero que não pense mal de Ricardo.

— Não, meu bem — respondeu ele.

— Porque foi muito natural que Ricardo se houvesse enganado num caso de tamanha dificuldade. Não é coisa fora do comum isso.

— Não, não, meu bem. Não se preocupe.

— Oh! não estou preocupada, primo João! — disse Ada, sorrindo alegremente, com a mão no ombro dele, ao desejar-lhe boa noite. — Mas me preocuparia um pouco se o senhor viesse a fazer mau juízo de Ricardo.

— Minha querida — disse o Sr. Jarndyce —, eu faria mau juízo dele só se você viesse a ser infeliz, o mínimo que fosse, por causa dele, e estaria mais disposto a brigar comigo mesmo do que com o pobre Ricardo, porque eu é que juntei vocês dois. Mas ora, nada disso tem importância. Ricardo tem muito tempo à sua frente e uma corrida que correr. Fazer mau juízo dele, eu? Eu não, minha querida prima! E você também não, posso jurar!

— Não, é claro, primo João — disse Ada. — Estou certa de que não o poderia, estou certa de que não faria qualquer mau juízo de Ricardo, ainda mesmo que o mundo inteiro fizesse. Eu poderia e deveria mesmo pensar então melhor a seu respeito do que em outro qualquer tempo!

Ela disse isso com tal sossego e candidez, com as mãos sobre os ombros dele — ambas as mãos agora — e de olhos fitos no seu rosto, que parecia a figura da Verdade!

— Penso — disse meu tutor, contemplando-a pensativamente —, penso que deve estar escrito em alguma parte que as virtudes das mães serão ocasionalmente recompensadas nos filhos, bem como punidos neles os pecados dos pais. Boa noite, meu botão de rosa. Boa noite, mulherzinha. Um sono agradável! Sonhos felizes!

Foi essa a primeira vez que o vi acompanhar Ada com os olhos, tendo um como perpassar de sombra na sua fisionomia benevolente. Bem me lembrava do olhar com que ele havia contemplado Ada e Ricardo, quando ela estava cantando à luz da lareira; havia muito pouco tempo que ele os vira

atravessar o salão onde o sol brilhava, e entrava na penumbra; mas a expressão de seus olhos estava mudada e até o silencioso olhar de confiança em mim, que agora mais uma vez seguia aquela expressão, já não era tão cheio de esperança e sereno como fora a princípio.

Ada elogiou mais Ricardo na minha presença aquela noite do que jamais o fizera antes. Foi deitar-se com uma pequena pulseira que ele lhe tinha dado, presa ao braço. Imaginei que estivesse a sonhar com Ricardo, quando lhe beijei a face, depois que estava a dormir havia já uma hora e vi quão tranquila e feliz se mostrava.

Quanto a mim, estava com tão pouca vontade de dormir, naquela noite, que me sentei e pus-me a costurar. Não valia a pena fazer referência à coisa em si, mas eu estava desperta e um tanto desanimada. Não sei por quê. Pelo menos, penso que não sei por quê. Pelo menos, talvez saiba, mas não acho que tenha importância.

Seja como for, tratei de mostrar-me tão ardorosamente ativa que não me concederia nem um momento de ócio para ficar desanimada. Por isso, disse naturalmente: — Ester! Você ficar desanimada! Você! — E era realmente tempo de falar assim, porque eu... sim, eu me vi realmente ao espelho prestes a chorar. — Como se você tivesse alguma coisa que a tornasse infeliz, em vez de tudo para fazê-la feliz, sua ingrata! — disse eu.

Se me pudesse dispor a ir dormir, tê-lo-ia feito sem perda de tempo, mas, na incapacidade de assim fazer, retirei da minha cesta de costura certo trabalho ornamental para nossa casa (quero dizer a Casa Soturna), trabalho com que me ocupava naquela ocasião, e sentei-me a fazê-lo com grande decisão. Era necessário contar todos os pontos daquele trabalho, e resolvi ir fazendo isso, até que não pudesse mais conservar os olhos abertos, e então iria deitar-me.

Dentro em breve achava-me bastante atarefada. Mas havia deixado alguma seda lá embaixo na gaveta duma mesa de costura, na Resmungadoria temporária, e tendo sido obrigada a interromper o meu trabalho por falta da dita seda, peguei da vela e descí de manso para buscá-la. Com grande surpresa minha, encontrei meu tutor ainda ali sentado a contemplar as cinzas. Estava absorto em pensamentos, seu livro jazia desprezado a seu lado, seu cabelo prateado e dum cinzento de ferro espalhava-se-lhe descuidadamente pela testa como se sua mão houvesse estado a remexer nele, enquanto os

pensamentos vagavam por qualquer parte, e seu rosto parecia fatigado. Quase amedrontada por ter dado com ele tão inesperadamente, fiquei parada um instante, e ter-me-ia retirado sem falar se ele, tornando a passar distraidamente a mão pelo cabelo, não me tivesse visto, assustando-se.

— Ester!

Disse-lhe o que viera fazer.

— Costurando tão tarde — minha querida?

— Estou trabalhando tão tarde esta noite — disse eu — porque não podia dormir e quis fatigar-me. Mas, meu querido tutor, o senhor também está tresnoitado e parece cansado. Espero que não haja nada que o preocupe, tirando-lhe o sono.

— Nada, mulherzinha, que você pudesse prontamente compreender — disse ele.

Falava num tom pesaroso, tão novo para mim que eu interiormente repeti, como se isso me auxiliasse a compreendê-lo: “Que eu pudesse prontamente compreender!”

— Fique um instante, Ester — disse ele. — Estava pensando em você.

— Espero que não seja eu a causa da sua preocupação, tutor.

Acenou levemente com a mão e voltou ao seu modo usual. A mudança era tão notável e ele parecia operá-la à força de tanto domínio de si mesmo, que me achei de novo a repetir interiormente: “Nada que eu pudesse compreender!”

— Mulherzinha — disse meu tutor —, eu estava pensando, isto é, tenho estado a pensar desde que me sentei aqui, que você deveria conhecer, de sua própria história, tudo quanto eu sei. É muito pouco. Quase nada.

— Caro tutor — respondeu —, quando o senhor me falou antes naquele assunto...

— Mas desde então — interrompeu-me ele gravemente, antecipando o que eu queria dizer — refleti que ter você alguma coisa para me perguntar e ter eu alguma coisa para lhe contar são considerações diferentes, Ester. É talvez dever meu comunicar a você o pouco que sei.

— Se o senhor pensa assim, tutor, está direito.

— Penso assim — replicou ele com muita delicadeza e bondade e com toda a distinção. — Minha querida, penso assim agora. Se qualquer real desvantagem pode prender-se à sua posição no pensamento de qualquer homem ou mulher de valor, convém que você, pelo menos, dentre todos, não a avolume para si, tendo vagas impressões quanto à sua natureza.

Sentei-me e disse, depois de pequeno esforço para ficar tão calma quanto deveria estar: — Uma de minhas mais remotas lembranças, tutor, é a das seguintes palavras: “Sua mãe, Ester, é a sua desgraça, e você foi a dela. Tempo virá, muito breve, em que você compreenderá isso melhor, e senti-lo-á como só uma mulher pode sentir.”

Cobrira meu rosto com as mãos, ao repetir essas palavras, mas depois retirei-as, creio que com uma melhor espécie de vergonha, e disse-lhe que a ele eu devia a dita que tive, desde a infância até aquela hora, de nunca haver sentido isso. Levantou a mão como para fazer-me parar. Eu sabia que ele não gostava de que lhe agradecessem, e nada mais disse.

— Nove anos, minha querida — disse ele, depois de pensar por alguns instantes —, se passaram desde que recebi uma carta duma senhora que vivia reclusa, escrita com tamanha energia e áspera paixão, que a tornavam diferente de todas as outras cartas que eu alguma vez já lera. Era escrita a mim (como me dizia numas tantas palavras) talvez porque viera a veneta à signatária de depositar tal confiança em mim, talvez porque a mim tocasse justificá-la. Falava-me duma criança, duma menina órfã, então com doze anos de idade, e com palavras tão cruéis como as que vivem na lembrança de você. Dizia-me que a signatária a havia criado em segredo desde o berço, havia apagado todos os traços de sua existência, e, caso viesse ela a morrer antes que a criança se fizesse mulher, a menina ficaria inteiramente sem amigos, sem nome, desconhecida. Pedia-me que considerasse se, naquele caso, eu poderia acabar aquilo que a signatária havia começado.

Eu escutava em silêncio, olhando atentamente para ele.

— Suas lembranças infantis, minha querida, completarão a atmosfera através da qual tudo isso era visto e expresso pela signatária, e a religião deformada que lhe enevoava o espírito a ponto de julgar ela necessário que uma pobre menina expiasse uma falta da qual era completamente inocente. Senti-me interessado pela criaturinha na sua entenebrecida vida e respondi à carta.

Tomei-lhe da mão e beijei-a.

— A carta impunha que eu jamais deveria procurar ver a signatária, que de há muito estava afastada de todo o convívio mundano, mas que se avistaria com um agente confidencial, se eu o designasse. Dei poderes ao Sr. Kenge. Ela confessou de modo próprio, e não porque ele o descobrisse, que seu nome era suposto, que ela era, se houvesse quaisquer laços de sangue em tal caso, tia da criança, e que, mais do que isso, por nenhuma consideração humana (e ele estava bem persuadido da firmeza da resolução dela) jamais revelaria. Minha querida, contei-lhe tudo o que sabia.

Conservei a mão dele presa na minha durante algum tempo.

— Via minha pupila muito mais vezes do que ela me via a mim — acrescentou ele, num tom alegremente despreocupado — e sempre soube que ela era amada, útil e feliz. Ela me retribuiu com uma paga vinte mil vezes maior a cada hora de cada dia!

— E muitas vezes mais ainda — disse eu — ela abençoa o tutor que é um pai para ela!

À palavra pai, vi a anterior perturbação assomar-lhe ao rosto. Dominou-a como antes, fazendo-a desaparecer no mesmo instante. Mas o certo é que aparecera e sobreviera tão rapidamente, logo em seguida às minhas palavras, que tive a impressão de que elas lhe haviam causado um choque. De novo, inteiramente, repeti, imaginando: “Que eu pudesse prontamente compreender. Nada que eu pudesse prontamente compreender!” Não, era verdade. Eu não compreendia aquilo. Não, por muitos e muitos dias.

— Receba um paternal boa-noite, minha querida — disse ele, beijando-me a fronte — e vá repousar. São horas muito tardias estas, para se trabalhar e pensar. Você já faz isso para todos nós o dia inteiro, minha pequena dona de casa.

Não trabalhei, nem pensei mais em coisa alguma naquela noite. Abri meu coração agradecido a Deus, rendendo-lhe graças pela sua Providência e seu cuidado para comigo, e adormeci.

Tivemos uma visita no dia seguinte: a do Sr. Allan Woodcourt. Veio despedir-se de nós. Já se decidira a fazê-lo de antemão. Seguia para a China e para a Índia, como médico de bordo. Ia ficar ausente durante muito tempo.

Acredito — pelo menos assim acho — que ele não fosse rico. Tudo quanto sua mãe viúva pudera poupar havia sido gasto em prepará-lo para a sua profissão. Não era ela lucrativa para um jovem profissional com muito pouca influência em Londres, e, embora estivesse, dia e noite, a serviço de numerosos pobres e fizesse maravilhas de gentileza e habilidade para eles, ganhava muito pouco com isso em dinheiro. Era sete anos mais velho do que eu — não que eu tenha necessidade de mencionar isso, pois dificilmente parecerá ter alguma importância.

Acho — quero dizer, ele contou-nos — que exercera a medicina durante três ou quatro anos, e que, se tivesse esperança de se manter por mais três ou quatro, não faria a viagem para a qual se destinava. Mas não tinha fortuna nem recurso próprios e por isso não tinha outro jeito senão ausentar-se. Viera visitar-nos muitas vezes. Achamos uma pena ter ele de partir, porque se distinguia na sua profissão entre os que mais a conheciam, e as sumidades que a ela pertenciam tinham-no em alta conta.

Quando veio apresentar-nos suas despedidas, trouxe consigo sua mãe pela primeira vez. Era uma bonita velha, de brilhantes olhos negros, mas parecia orgulhosa. Viera do País de Gales e tivera, há muitíssimo tempo, como antepassado uma pessoa eminente chamada Morgan-ap-Kerrig, de certo lugar de nome parecido com Gimlet, que foi a pessoa mais ilustre que já se conheceu, formando todos os seus parentes uma espécie de família real. Parece que passou a vida inteira sempre subindo montanhas e combatendo alguém, e um bardo, cujo nome era mais ou menos Crumlinwallinwer, cantara-lhe os louvores num poema chamado, pelo que pude perceber, Mewlinnwillinvodd.

A Sra. Woodcourt, depois de discorrer prolixamente a respeito da fama de seu grande parente, disse que, sem dúvida, para onde quer que seu filho Allan fosse, se lembraria de sua linhagem e de forma alguma contrairia uma aliança inferior a ela. Disse-lhe que havia muitas senhoras inglesas formosas na Índia, ali metidas em especulações comerciais, e que algumas delas haviam adquirido fortuna, mas que nem encantos, nem fortuna seriam bastantes para o descendente de tal linhagem, se não houvesse nobreza de nascimento — o que devia ser sempre considerado em primeiro lugar. Falou tanto a respeito de nascimento que, durante um momento, quase imaginei, e com pesar, que não se tratasse de ociosa fantasia supor que ela pudesse pensar ou cuidar de qual fosse o “meu”!

O Sr. Woodcourt pareceu um pouco embaraçado com a prolixidade de sua mãe, mas era demasiado discreto para deixar que ela o percebesse e se esforçava delicadamente por conduzir a conversa para o ponto de agradecer a meu tutor o acolhimento que lhe dera e as horas verdadeiramente felizes — ele as chamou “horas verdadeiramente felizes” — que havia passado conosco. A lembrança delas, disse ele, acompanhá-lo-ia aonde quer que fosse e sempre a guardaria como um tesouro. E assim estendemos-lhe nossas mãos, uma após outra — pelo menos todos o fizeram — e eu também. E assim ele beijou a mão de Ada e a minha. E assim partiu ele para a sua longa, a sua longuíssima viagem!

Estive na verdade ocupadíssima o dia inteiro, escrevi ordens de serviço caseiro para as criadas, escrevi notas para meu tutor, espanei seus livros e papéis, e fiz tilintar minhas chaves dos armários não poucas vezes, correndo para cá e para lá. Estava ainda ocupada ao entardecer, cantando e costurando junto à janela, quando quem haveria de aparecer senão Caddy, a quem não esperava ver!

— Oh! minha querida Caddy — exclamei —, que lindas flores!

Trazia ela na mão um primorosíssimo ramalhete.

— Também acho, Ester — replicou Caddy. — São as flores mais belas que já vi!

— Foi Príncipe, meu bem? — perguntei baixinho.

— Não — respondeu Caddy, meneando a cabeça e estendendo as flores para que eu as cheirasse. — Não foi Príncipe.

— Então, com certeza, Caddy, você deve ter dois namorados!

— O quê! Parecem elas com isso? — perguntou Caddy.

— Parecem elas com isso? — repeti, beliscando-lhe a face.

Caddy apenas riu em resposta e, dizendo-me que viera passar comigo uma meia hora, finda a qual Príncipe estaria à sua espera na esquina, sentou-se a conversar comigo e com Ada à janela, estendendo-me de vez em quando as flores, ou procurando ver como ficavam no meu cabelo. Afinal, quando estava para sair, levou-me para o meu quarto e colocou-as no meu vestido.

— São para mim? — perguntei eu, surpresa.

— Para você — disse Caddy, com um beijo. — Foram deixadas por alguém.

— Deixadas?

— Na casa da pobre Miss Flite — disse Caddy. — Alguém que foi muito bom para ela, saiu a correr há uma hora para alcançar um navio, e deixou estas flores. Não, não, não se desfaça delas. Deixe estas lindas flores onde estão! — disse Caddy, ajustando-as com mão cuidadosa — porque eu mesma estava presente e não me admiraria se alguém as houvesse deixado de propósito!

— Parecem elas com isso? — perguntou Ada, aproximando-se risonha por trás de mim e agarrando-me jovialmente pela cintura. — Oh! sim, na verdade parecem, D^a Durden! Parecem muito, muitíssimo com essa espécie de coisa. Oh! muitíssimo deveras, minha querida!

1. O demônio do mar. (N. do T.)

LADY DEDLOCK

Não foi tão fácil, como a princípio havia parecido, arranjar para Ricardo uma colocação no escritório do Sr. Kenge. O próprio Ricardo foi o principal empecilho. Assim que viu que lhe era facultado deixar o Sr. Badger a hora que quisesse, começou a duvidar se desejava mesmo deixá-lo. Realmente, disse ele, não sabia. Não era má profissão. Não podia dizer que ela lhe desagradava. Talvez gostasse dela como gostava de qualquer outra. Suponhamos que estivesse ali mais uma oportunidade para ele! Imediatamente encerrou-se em casa por algumas semanas, com alguns livros e alguns ossos, e pareceu adquirir considerável cabedal de conhecimentos com grande rapidez. Seu ardor, depois de durar cerca de um mês, começou a arrefecer e, quando estava quase esfriado, recomeçou a aquecer-se. Suas hesitações entre direito e medicina duraram tanto que chegou e serão antes de haver ele deixado finalmente o Sr. Badger e entrado, a título de experiência, para o escritório dos. Srs. Kenge e Carboy. Apesar de toda essa indecisão, acabou por acreditar-se bastante determinado a tomar as coisas a sério “desta vez”. E mostrava-se de tão bom humor e em tão excelentes disposições de espírito e tão apaixonado pela querida Ada que era na verdade bem difícil não se ficar satisfeito com ele.

— Quanto ao Sr. Jarndyce — (que, posso afirmar, durante esse período achou o vento muito inclinado a permanecer a leste) —, quanto ao Sr. Jarndyce — dizia-me Ricardo —, é o melhor sujeito do mundo inteiro, Ester! Devo ter bastante cuidado, quando nada, só para causar-lhe satisfação, em dedicar-me com afinco a trabalhar e chegar agora a uma exata solução deste negócio.

A ideia de dedicar-se ele com afinco à sua tarefa, com aquele rosto sorridente, aquelas maneiras displicentes e com uma imaginação que tudo podia agarrar e nada podia reter, era comicamente anormal. Todavia, contava-

nos de vez em quando que estava tão aferrado ao seu trabalho, que se admirava de que seus cabelos não tivessem encanecido. Sua exata solução do negócio foi (como já disse) ir ele para o escritório do Sr. Kenge, lá pelo meio do verão, para ver se gostava daquilo.

Durante todo esse tempo mostrava-se ele, em questões de dinheiro, tal como o descrevi anteriormente — generoso, pródigo, loucamente descuidado, mas plenamente convicto de que era um tanto calculista e prudente. Cheguei a dizer a Ada, na presença dele, meio brincando, meio a sério, por ocasião da sua ida para o escritório do Sr. Kenge, que ele precisava possuir uma bolsa mágica, inexaurível para tratar tão descuidadamente de dinheiro, ao que ele respondeu do seguinte modo: — Minha preciosa prima, escute lá o que está dizendo essa velha! Por que diz ela isso? Porque gastei oito libras e pico (ou não sei quanto lá) com certo elegante colete há poucos dias passados. Ora, se eu tivesse ficado em casa de Badger, teria sido obrigado a gastar doze libras de uma tacada, com as despesas de alguma dolorosa conferência. De modo que, com a transação, ganhei quatro libras num abrir e fechar de olhos!

Foi uma questão muito discutiva entre ele e meu tutor a dos preparativos que deveriam ser feitos para que ele ficasse morando em Londres, enquanto experimentava estudar leis, pois voltáramos, havia muito, para a Casa Soturna, e era demasiado longe para consentirmos que ele fosse lá mais de uma vez por semana. Meu tutor me disse que, se Ricardo fosse ficar no escritório do Sr. Kenge, devia alugar alguns aposentos ou quartos, onde também nós pudéssemos, uma vez ou outra, passar alguns dias. “Mas, mulherzinha”, acrescentou ele, coçando a cabeça muito significativamente, “ele ainda não se estabeleceu lá!” Tiveram fim as discussões quando alugamos para ele, por mês, um pequeno e elegante apartamento mobiliado, numa velha casa sossegada, perto da Praça da Rainha. Ele começou imediatamente a gastar todo o dinheiro que tinha na compra dos mais estranhos enfeitezinhos e coisas de luxo para seu apartamento, e como muitas vezes tanto Ada como eu o dissuadimos de fazer alguma compra que ele tinha em vista e era particularmente desnecessária e dispendiosa, o rapaz se vangloriava do quanto essa coisa devia ter custado, e provava que despendar um pouco menos ou alguma coisa mais era economizar a diferença.

Enquanto esses negócios estavam em perspectiva, nossa visita ao Sr. Boythorn foi adiada. Afinal, tendo Ricardo passado a morar no seu apartamento, nada havia que impedisse nossa partida. Ele podia muito bem ter

ido conosco naquela época do ano, mas achava-se em plena novidade de sua nova posição e punha em prática as mais enérgicas tentativas de desvendar os mistérios do fatal processo. Em consequência, seguimos sem ele, e a minha querida Ada sentiu-se satisfeita por poder louvá-lo pela sua extrema atividade.

Fizemos uma agradável viagem de carro até Lincolnshire e tivemos um companheiro divertido na pessoa do Sr. Skimpole. Ao que parece, toda a sua mobília fora levada pela pessoa que entrara na posse dela, no dia do aniversário de sua filha de olhos azuis, mas ele mostrava-se inteiramente aliviado ao pensar que a mobília se fora. Cadeiras e mesas, dizia ele, eram objetos incômodos, eram ideias monótonas: não tinham variedade de expressão; pareciam olhar para a gente de um modo desconcertante e a gente olhava para elas encabulando-as também. Quão agradável era, pois, não estar ligado a determinadas cadeiras e mesas, mas recrear-se como uma borboleta por entre todo um mobiliário de aluguel, voando do pau-rosa ao mogno e do mogno à nogueira, e deste formato para aquele, de acordo com a própria fantasia!

— O mais estranho da coisa — dizia o Sr. Skimpole com vivo senso de comicidade — é que minhas cadeiras e mesas não foram pagas e, no entanto, meu senhorio lá se vai com elas o mais sossegadamente que pode. Ora, isso não deixa de parecer ridículo. Há aí qualquer coisa de grotesco. O negociante de cadeira e de mesa nunca se comprometeu a pagar meu aluguel ao meu senhorio. Por que haveria meu senhorio de questionar com ele? Se eu tenho uma espinha no nariz, desagradável às ideias próprias que possa ter meu senhorio a respeito da beleza, meu senhorio não tem nada que ir espremer o nariz do negociante de minhas cadeiras e mesas, que não tem nenhuma espinha no nariz. O raciocínio dele parece-me defeituoso.

— Bem — disse meu tutor, com bom modo —, é claro que aquele que se fez fiador daquelas cadeiras e mesas terá de pagá-las.

— Exatamente — retornou o Sr. Skimpole. — Esse é justamente o ponto que remata a sem-razão do negócio! Eu disse ao meu senhorio: “Meu bom homem, não sabe o senhor que o meu excelente amigo Jarndyce terá de pagar essas coisas que o senhor está carregando de maneira tão indelicada? Não tem nenhuma consideração com o que é propriedade dele?” O homem não teve nenhuma.

— E recusou todas as propostas? — perguntou o meu tutor.

— Todas — respondeu o Sr. Skimpole. Fiz-lhe propostas comerciais. Ele estava comigo no meu quarto. Eu disse: “Creio que o senhor é um homem de negócios.” Respondeu: “Sou.” “Muito bem”, disse eu, “pois sejamos homens de negócios. Aqui está um tinteiro, aqui estão penas e papel, aqui estão obreias. Que deseja o senhor? Ocupei sua casa durante longo tempo, creio que com mútua satisfação nossa, até que surgiu este desagradável desentendimento. Vamos tratar a coisa imediatamente como amigos e como homens de negócios. Que deseja o senhor?” Em resposta a isso, ele utilizou-se de uma expressão figurada — que tem qualquer coisa de oriental —, dizendo que nunca vira a cor do meu dinheiro. “Meu amável amigo”, disse eu, “eu nunca tive dinheiro de espécie alguma. Nunca soube o que é dinheiro.” “Bem, meu senhor”, disse ele, qual é a sua oferta, se eu lhe der algum tempo?” “Meu bom amigo”, disse eu, “não tenho ideia do tempo; mas o senhor diz que é um homem de negócios, e tudo quanto o senhor puder sugerir para se fazer de maneira comercial, com pena, tinta, papel e obreias, estou pronto a fazê-lo. Não se pague com as despesas de outro homem (o que é loucura), mas seja homem de negócios!” No entanto, ele não se deu por convencido, e a coisa ficou nisso.

Se havia algumas inconveniências na puerilidade do Sr. Skimpole, possuía ele também seguramente suas vantagens. Durante a viagem mostrava excelente apetite nas refeições leves que tivemos de fazer (inclusive um cesto de escolhidos pêssegos de estufa), mas nem uma vez sequer pensou em pagar qualquer coisa. De modo que, quando o cocheiro tratou de recolher o pagamento das passagens, perguntou com toda a afabilidade ao homem o que é que ele considerava verdadeiramente um bom pagamento, isto é, uma gorda paga, e, tendo o cocheiro respondido que “meia coroa por um passageiro só”, disse que, considerando bem todas as coisas, era até pouco demais, e deixou que o Sr. Jarndyce pagasse em seu lugar.

Fazia um tempo magnífico. O trigo verde ondulava tão lindamente, as cotovias cantavam tão alegremente, as sebes estavam tão cheias de flores silvestres, as árvores estavam tão espessamente cobertas de folhas, os feijoads, com um vento vivo a soprar sobre eles, enchiam o ar de tão deliciosa fragrância! À tardinha chegamos à cidade onde devíamos apeiar do carro — uma cidadezinha sombria, com um campanário, um largo de feira, um cruzeiro, uma rua fortemente ensolarada, um tanque com um velho cavalo a refrescar as pernas dentro, e uns poucos homens sonolentos, sentados ou de

pé nos estreitos pedacinhos de sombra. Depois do farfalhar das folhas e da ondulação dos trigais ao longo da estrada, parecia aquilo uma cidadezinha tão silenciosa, tão quente, tão imota, como só a Inglaterra pode produzir.

Na estalagem encontramos o Sr. Boythorn a cavalo, esperando com uma carruagem aberta para levar-nos à sua casa, a algumas milhas de distância. Mostrou-se grandemente satisfeito ao ver-nos e desmontou com grande alacridade.

— Por Deus! — disse ele, depois de fazer-nos um cumprimento muito cortês — carro mais infame não pode haver. E o exemplo mais flagrante de um abominável veículo público que alguma vez atravessou a face da terra. Chegou com vinte e cinco minutos de atraso esta tarde. O cocheiro merecia ser condenado à morte!

— Ele *chegou* atrasado? — perguntou o Sr. Skimpole, a quem por acaso o Sr. Boythorn se dirigia no momento. — O senhor conhece o meu mal.

— Vinte e cinco minutos! Vinte e seis minutos! — replicou o Sr. Boythorn, verificando no seu relógio. — Com duas senhoras no carro, esse velhaco deliberadamente retardou sua chegada, num atraso de vinte e seis minutos. Deliberadamente! Não é possível que isto tenha sido por acaso. Mas seu pai e seu tio sempre foram os cocheiros mais ordinários que algum dia se sentaram numa boleia.

Enquanto dizia isso, num tom da mais exaltada indignação, levava-nos pela mão até o pequeno faetonte, com a mais extrema delicadeza, todo cheio de prazer e de sorrisos.

— Sinto muito, senhoritas — disse ele, de cabeça descoberta, diante da porta do carro, quando tudo ficou pronto —, ver-me obrigado a conduzi-las quase duas milhas fora da estrada. Mas nossa estrada direta atravessa o parque de Sir Leicester Dedlock, e na propriedade daquele sujeito jurei jamais pôr meu pé, ou a pata de um cavalo meu, vigorando as presentes relações entre nós, enquanto eu tiver um sopro de vida!

E aqui, surpreendendo um olhar do meu tutor, explodiu numa de suas tremendas gargalhadas, que parecia até estremecer a cidadezinha imóvel.

— Os Dedlocks acham-se aqui, Lourenço? — perguntou meu tutor enquanto seguíamos e o Sr. Boythorn trotava sobre a gleba verde na estrada lateral.

— Sir Arrogante Idiota está aqui, sim — respondeu o Sr. Boythorn. — Ah! ah! ah! Sir Arrogante está aqui, e tenho prazer em dizer que foi encarcerado aqui. A senhora — e ao citá-la sempre fazia um gesto cortês, como para excluí-la particularmente de qualquer parte na querela — está sendo esperada, creio eu, todos os dias. Não me surpreenderá que ela adie seu aparecimento o mais demoradamente que puder. O que quer que possa ter induzido aquela mulher transcendental a casar com aquele estafermo, aquela figura de proa que é o tal baronete, é um dos mistérios mais impenetráveis que já confundiram a perspicácia humana. Ah! ah! ah! ah!

— Suponho — disse meu tutor, rindo — que poderemos assentar o pé no parque enquanto estamos aqui. A proibição não se estende a nós, não é?

— Não posso estabelecer proibições para meus hóspedes — disse ele, inclinando a cabeça para Ada e para mim, com a sorridente polidez que tão graciosamente lhe assentava —, exceto no que se refere à partida deles. Apenas lamento não poder ter a felicidade de escoltá-los na visita a Chesney Wold, que é um lugar verdadeiramente belo. Mas, pela luz deste dia de verão, Jarndyce, se você fizer uma visita ao proprietário enquanto estiver aqui comigo, provavelmente não terá mais do que uma fria recepção. Ele anda sempre como um desses relógios que têm corda para oito dias, metidos em caixas magníficas, e que nunca andam para diante nem para trás... ah! ah! ah!... mas demonstrará sempre alguma rigidez mais, posso garantir-lhe, para com os amigos de seu amigo e vizinho, Boythorn.

— Não o porei à prova — disse meu tutor. Ele é tão indiferente à honra de me conhecer, posso afirmar, como eu sou à honra de conhecer a ele. O ar dos campos e talvez uma vista da casa, tal como qualquer outro visitante poderá ter, são o bastante para mim.

— Bem! — exclamou o Sr. Boythorn — folgo com isso, geralmente falando. É um melhor ajuste. Sou considerado por aqui como um segundo Ajax, desafiando o raio. Ah! ah! ah! ah! Quando entro na nossa pequena igreja aos domingos, significativa parte da insignificante congregação espera ver-me cair no chão, queimado e consumido pelo desprezo do Dedlock. Ah! ah! ah! ah! Não tenho dúvida de que ele fique surpreso pelo fato de não acontecer isso. Porque ele é, juro, o jumento mais satisfeito consigo mesmo, mais parvo, mais pretensioso e mais sem miolos que há!

Nossa chegada ao alto duma colina que estivéramos subindo facilitou ao

nosso amigo mostrar-nos o próprio Chesney Wold, desviando sua atenção do dono do mesmo.

Era uma pitoresca mansão antiga, num belo parque ricamente arborizado. Entre as árvores, e não distante da residência, apontou ele o campanário da igreja a que se havia referido. Oh! os majestosos bosques sobre os quais a luz e a sombra se moviam levemente, como se asas celestiais estivessem a soprar benéficas mensagens, através do ar estival; os taludes suaves e verdes, a água cintilante, o jardim onde as flores estavam tão simetricamente arranjadas em grupos das mais lindas cores... como tudo parecia belo! A casa, com empena e chaminé, torre e torreão, escura porta de entrada, largo terraço de passeio, entre cujas balaustradas, entrelaçando-se e amontoando-se sobre os vasos, havia enorme quantidade de rosas, parecia dificilmente coisa real, na sua esbelta solidez e no silêncio sereno e sossegado que a cercava inteiramente. Para Ada e para mim, acima de tudo, foi esta a influência mais avassalante. Sobre todas as coisas — casa, jardim, terraço, verdes taludes, água, carvalhos anosos, fetos, musgo, outros bosques ainda e muito além, nas abertas da perspectiva, na distância que se alargava à nossa frente, ostentando uma florescência purpurina — parecia pairar aquele repouso jamais perturbado.

Quando chegamos à vilazinha e passamos diante duma pequena estalagem, com a tabuleta do brasão dos Dedlocks balouçando sobre a estrada em frente, o Sr. Boythorn trocou cumprimentos com um jovem cavalheiro que estava sentado num banco, do lado de fora da porta da estalagem e que tinha a seu lado um aparelho de pesca.

— Este é o neto da governanta. Chama-se Rouncewell — disse ele — e está apaixonado por uma linda moça que mora lá na casa. Lady Dedlock tomou-se de simpatia pela bela mocinha e vai conservá-la ao lado de sua própria e bela pessoa — honra que o meu jovem amigo não aprecia nada. Todavia, ele não pode casar-se ainda, mesmo que seu Botão de Rosa o quisesse. De modo que vai-se resignando da melhor forma. Entrementes, vem por aqui muitas vezes, passar um dia ou dois de cada vez, para... pescar. Ah ah! ah! ah!

— Estão noivos, ele e a linda moça, Sr. Boythorn? — perguntou Ada.

— Ora, minha querida Miss Clare — respondeu ele —, penso que eles talvez se entendam entre si. Mas dentro em breve os verá, posso afirmar, e a

tal respeito a mim cabe aprender da senhorita e não a senhorita de mim.

Ada enrubesceu e o Sr. Boythorn, trotando para diante no seu donairoso cavalo cinzento, desmontou diante de sua porta e ficou pronto, com o braço estendido e a cabeça descoberta, a receber-nos quando chegamos.

Vivia ele numa linda casa, outrora o presbitério, com um relvado na frente, um brilhante jardim ao lado, pomar bem provido e uma horta nos fundos, cercados por um venerável muro, que tinha já por si um ar avermelhado e maduro. Mas, na verdade, tudo por ali ostentava um ar de maturidade e de abundância. A alameda de velhas limeiras assemelhava-se a um claustro verde, as próprias sombras das cerejeiras e das macieiras estavam pesadas de frutas, as touceiras de groselha estavam tão carregadas que seus galhos se arqueavam e descansavam no chão, os morangos e framboesas cresciam na mesma profusão, e os pêssegos aqueciam-se às centenas em cima do muro. Tombadas entre as redes estendidas e as formas de vidro cintilando e piscando ao sol, havia tamanhas pilhas de vagens derreadas, ervilhas e pepinos, que cada pedacinho de chão parecia um tesouro vegetal, enquanto o perfume de ervas odoríferas e de todas as espécies de vegetação salutar (para não mencionar os prados vizinhos, onde o feno estava sendo carregado) tornava toda a atmosfera um grande ramalhete. Tamanho silêncio e ordem reinavam dentro do recinto limitado pelo velho muro vermelho, que até mesmo as penas penduradas em grinaldas para afugentar os pássaros dificilmente se moviam. E o muro tinha tamanha influência maturadora que onde, aqui e ali no alto, um prego fora de uso e um pedaço de barbante ainda estavam presos a ele, era mais fácil imaginar que haviam amadurecido, à medida que as estações passavam, do que terem enferrujado e apodrecido, de acordo com o fado comum.

A casa, embora um tanto em desordem, comparada com o jardim, era um autêntico solar antigo, com assentos na chaminé da cozinha de tijolos e grandes traves cruzando o telhado. A um lado da casa estava o terrível pedaço de chão em disputa, no qual o Sr. Boythorn mantinha dia e noite uma sentinela de blusa comprida de lavrador, cuja obrigação se supunha que fosse, em caso de agressão, tocar imediatamente um grande sino, pendurado ali de propósito, desacorrentar um enorme buldogue, ali estabelecido num canil, como seu aliado, e, em geral, exercer destruição sobre o inimigo. Não contente com essas precauções, o próprio Sr. Boythorn tinha arranjado e fincado ali, em tábuas pintadas, onde seu nome figurava em grandes letras, as

seguintes solenes advertências: “Cuidado com o buldogue. É muito feroz. Lourenço Boythorn.” “O bacamarte está carregado com pedaços de metal. Lourenço Boythorn.” “Armadilhas e armas de mola estão colocadas aqui a todas as horas do dia e da noite. Lourenço Boythorn.” “Atenção. Qualquer pessoa ou pessoas que audaciosamente se atrevam a penetrar nesta propriedade serão punidas em caráter privado com a mais extrema severidade e perseguidas com o mais extremo rigor da lei. Lourenço Boythorn.” Mostrou-nos essas coisas da janela do salão, enquanto seu pássaro lhe esvoaçava em torno da cabeça, e ria: Ah! ah! ah! ah! ah! em tão alto diapásão, à medida que as apontava, que cheguei a pensar que ele se tivesse machucado.

— Mas, afinal, isso deve causar muito incômodo — disse o Sr. Skimpole com a sua maneira ingênua —, uma vez que o senhor não leva a coisa a sério.

— Não levo a sério? — replicou o Sr. Boythorn com inexprimível ardor. — Não a levo a sério! Se tivesse esperança de atraí-lo, teria comprado um leão em vez daquele cachorro e o soltaria em cima do primeiro intolerável ladrão que ousasse usurpar meus direitos. Se Sir Leicester Dedlock consentisse em sair a campo para decidir essa questão em combate singular, eu iria a seu encontro com qualquer arma conhecida da humanidade em qualquer época e em qualquer país. Estou levando isso muito a sério. Aí está!

Havíamos chegado à casa dele num sábado. No domingo de manhã pusemo-nos todos a caminho da igrejinha do parque. Entrando no parque quase sem demora, pelo disputado pedaço de terreno, continuamos a caminhar por uma agradável vereda que serpenteava entre a viridente gleba e as belas árvores e que nos conduzia ao pórtico da igreja.

A congregação era extremamente reduzida e inteiramente composta de gente rústica, com exceção de um grande grupo de criados da casa, alguns dos quais já se achavam em seus bancos, enquanto outros iam ainda entrando. Havia alguns lacaios majestosos e uma figura perfeita de velho cocheiro, que parecia o representante oficial de todas as pompas e vaidades que já haviam entrado em sua carruagem. Havia uma linda amostra de umas poucas mulheres jovens e acima de todas sobressaía o formoso rosto envelhecido e a bela figura respeitável e imponente da governanta. Junto dela estava a linda moça de quem o Sr. Boythorn nos havia falado. Era tão bonita que eu poderia tê-la reconhecido pela sua beleza, ainda que não houvesse visto quão acanhada estava dos olhares do jovem pescador, que avistei não longe dali.

Um rosto desagradável, apesar de bonito, parecia maliciosamente vigiar a linda moça e, na verdade, a todos e a tudo quanto ali estava. Era o de uma francesa.

Enquanto o sino estava ainda tocando e o pessoal graúdo ainda não havia chegado, tive oportunidade de lançar um olhar de observação pela igreja, que cheirava a terra como se fosse uma sepultura, e de verificar que se tratava duma igrejinha sombria, antiga e solene. As janelas, pesadamente sombreadas pelas árvores, deixavam entrar uma luz velada que tornava pálidos os rostos em redor de mim e escurecia os velhos bronzes do pavimento e os monumentos estragados pelo tempo e pela umidade, fazendo ressaltar com um brilho inestimável a luz do sol lá no pequeno pórtico, onde um monótono sineiro ia executando a sua tarefa. Mas um rebuliço naquela direção, uma condensação de reverente respeito nos rostos rústicos, uma atitude de leve ferocidade da parte do Sr. Boythorn, para mostrar que estava resolutamente alheio à existência de alguém, me preveniram da chegada do pessoal graúdo e de que a cerimônia ia começar.

— Não entreis em julgamento com o vosso servo, ó Senhor, pois diante de vós...

Esquecerei algum dia o rápido bater do meu coração, ocasionado pelo olhar que encontrei, enquanto estava de pé? Esquecerei jamais o modo como aqueles belos olhos orgulhosos pareceram libertar-se vivamente do seu langor e apoderar-se dos meus? Foi apenas um instante antes que eu baixasse os meus — aliviada de novo, se assim me posso exprimir — sobre o meu livro. Mas reconheci perfeitamente o belo rosto, naquele curto espaço de tempo.

E, apesar de parecer estranho isso, qualquer coisa no meu íntimo tomou vida, em estreita relação com os dias solitários que vivi com minha madrinha. Sim, até mesmo aos dias em que eu ficava na ponta dos pés para vestir-me diante de meu espelhinho, depois de haver vestido minha boneca. E isso, conquanto eu nunca tivesse visto o rosto daquela senhora antes, em toda a minha vida, disse estava absolutamente certa.

Fácil era reconhecer naquele cavalheiro cerimonioso, reumático, de cabelos brancos, único ocupante do grande banco, Sir Leicester Dedlock e que a senhora era Lady Dedlock. Mas por que seu rosto era, de certo modo confuso, como um vidro quebrado para mim, no qual eu via pedaços de velhas recordações, e por que me sentia tão alvoroçada e perturbada (embora

estivesse silenciosa) por ter encontrado casualmente seus olhos, era coisa que eu não sabia explicar.

Notei que aquilo era em mim uma fraqueza inexplicável, e tentei dominá-la, prestando atenção às palavras que ouvia. Então — coisa estranha —, pareceu-me ouvi-las, não na voz do leitor, mas na voz inesquecível de minha madrinha. Isso me fez pensar: o rosto de Lady Dedlock se parecia por acaso com o de minha madrinha? Talvez que sim, um pouco. Mas a expressão era tão diferente e a rígida decisão que havia consumido o rosto de minha madrinha, como o tempo consome os rochedos, estava tão ausente da face que eu tinha diante de mim, que não poderia ter sido aquela parecença o que me fizera impressão. Nem tampouco vi reproduzido de qualquer modo o orgulho e a altivez do rosto de Lady Dedlock em qualquer outra pessoa. E contudo, eu... eu, a pequena Ester Summerson, a criança que viveu uma vida à parte e em cujo aniversário não havia nenhum regozijo, parecia surgir diante de meus próprios olhos, evocada do passado por algum poder existente naquela fidalga elegante, que eu não só não podia imaginar já ter visto, mas que muito bem sabia jamais haver encontrado até aquele instante.

Tanto me fez tremer ser assim lançada em tão inexplicável agitação, que senti um certo constrangimento ao ver que estava sendo observada pela criada francesa, conquanto soubesse que ela estivera a olhar curiosamente, aqui, ali e por toda parte, desde o momento em que entrara na igreja. Aos poucos consegui afinal dominar minha estranha emoção. Depois de longo tempo, olhei de novo na direção de Lady Dedlock. Foi enquanto se preparavam todos para cantar, antes do sermão. Ela não me prestava atenção, e o batido do meu coração desapareceu. E só tornei a sentir certa emoção quando ela, uma ou duas vezes depois, lançou um olhar a Ada ou a mim, através de suas lunetas.

Acabada a cerimônia, Sir Leicester com refinada galantaria deu o braço a Lady Dedlock, conquanto se visse obrigado a caminhar com o auxílio duma grossa bengala, e escoltou-a para fora da igreja até o carrinho de duas rodas no qual tinham vindo. Os criados depois se dispersaram, o mesmo fazendo a congregação, a quem Sir Leicester tinha contemplado durante todo o tempo da função religiosa (dizia o Sr. Skimpole com infinito deleite do Sr. Boythorn), como se ele fosse um abastado proprietário de terras no céu.

— Ele acredita que é! — exclamou o Sr. Boythorn. — Acredita nisso piamente. E assim também acreditaram seu pai, seu avô e seu bisavô.

— Sabe duma coisa — disse de repente o Sr. Skimpole, causando grande surpresa ao Sr. Boythorn —, sinto prazer em ver um homem daquela espécie.

— Possível? — perguntou o Sr. Boythorn.

— Sei que ele me quer tratar do alto de sua importância — prosseguiu e Sr. Skimpole. — Muito bem! Não tenho objeção nenhuma contra isso.

— Pois eu tenho — disse o Sr. Boythorn, com grande energia.

— Deveras? — replicou o Sr. Skimpole no seu tom condescendente e alegre. — Mas isso é com certeza andar à cata de complicações. E por que motivo haveria o senhor de meter-se em complicações? Aqui estou eu, contente de receber as coisas puerilmente, à proporção que acontecem, e jamais me incomodo! Chego aqui, por exemplo, e encontro um poderoso potentado, exigindo homenagem. Muito bem! Digo eu: “Poderoso potentado, aqui está minha homenagem! É mais fácil prestá-la do que negá-la. Aqui está ela. Se o senhor tem qualquer coisa de natureza agradável para me mostrar, terei muito prazer em vê-la; se tem qualquer coisa de natureza agradável para me dar, serei muito feliz em aceitá-la.” O poderoso potentado responde naturalmente: “Esse é um sujeito sensato. Faz-me bem à digestão e à bília. Não me impõe a necessidade de enrolar-me, como um ouriço-cacheiro, com os espinhos para fora. Desenrolo, desdobro, abro meu forro de prata como a nuvem de Milton, e é mais agradável para nós dois.” Tal é o meu ponto de vista sobre tais coisas, infantilmente falando.

— Mas suponhamos que o senhor vá a alguma outra parte amanhã — disse o Sr. Boythorn — onde esteja o adversário daquele potentado ou deste potentado. E então?

— E então? — perguntou o Sr. Skimpole com ar da maior simplicidade e candura. — Exatamente a mesma coisa. Eu diria: “Meu estimado Boythorn — personificando em você o nosso imaginário amigo —, meu estimado Boythorn, você é contrário ao poderoso potentado? Muito bem. Eu também sou. Minha questão no sistema social é ser agradável. Acho que no sistema social todos deveriam fazer questão de ser agradáveis. É um sistema de harmonia, em resumo. Por conseguinte, se você é contra, eu sou contra. Ora, meu excelente Boythorn, vamos jantar!”

— Mas o excelente Boythorn poderia dizer — retrucou o nosso anfitrião, inturgescendo e ficando rubro — eu serei.

— Compreendo — disse o Sr. Skimpole. — É provavelmente o que ele diria.

— ... se for jantar! — exclamou o Sr. Boythorn, numa violenta explosão e parando para bater com a bengala no chão. — E ele provavelmente acrescentaria: “Existe ou não existe uma coisa chamada princípio, Sr. Haroldo Skimpole?”

— Ao que Haroldo Skimpole replicaria — tornou ele com sua maneira mais alegre e com seu mais ingênuo sorriso —: “Pela minha vida, não tenho a mínima ideia! Não sei o que é que você chama com esse nome, ou onde está, ou quem o possui. Se você o possui e o acha satisfatório, sinto muito prazer com isso e congratulo-me com você de todo o coração. Mas nada sei a esse respeito, garanto-lhe. Porque sou uma simples criança e não exijo isso, nem tenho necessidade disso.” Assim, vê você, o excelente Boythorn e eu acabaríamos fatalmente indo mesmo jantar!

Esse era um dos muitos pequenos diálogos entre eles, que eu sempre esperava que terminassem e que, ousado dizer, em outras circunstâncias teriam terminado com alguma violenta explosão da parte do nosso hospedeiro. Mas ele tinha tão elevado senso de sua posição de dono da casa e de anfitrião e meu tutor ria tão cordialmente com aquelas coisas do Sr. Skimpole, como uma criança que sopra bolhas de sabão e as rebenta o dia inteiro, que o caso nunca passou desse ponto. O Sr. Skimpole, que parecia sempre inconsciente de estar pisando em terreno delicado, ocupava-se depois em começar algum esboço no parque, ao qual nunca dava fim, ou em trocar fragmentos de árias no piano, ou em cantar trechos de canções, ou em ficar de barriga para o ar, debaixo de uma árvore, a olhar para o céu — o que, não podia ele deixar de pensar, como confessava, era aquilo para que fora talhado, tão exatamente lhe convinha.

— Os empreendimentos e esforços — costumava ele dizer-nos (deitado de costas) — são uma delícia para mim. Acredito que sou verdadeiramente cosmopolita. Tenho a mais profunda simpatia para com todos. Deixo-me ficar num lugar sombrio como este, e penso, cheio de admiração, em espíritos aventureiros, seguindo para o Polo Norte, ou penetrando no coração da zona tórrida. Criaturas mercenárias perguntam: “De que serve ir um homem ao Polo Norte? Que bem resulta disso?” Nada sei responder, mas uma coisa posso dizer, e é que ele pode ir com o fim — embora o ignore — de dar

emprego aos meus pensamentos, enquanto permaneço aqui deitado. Tomem um caso extremo. Tomem o caso dos escravos nas grandes plantações da América. Afirmo que o trabalho deles é duro. Afirmo que não gostam desse trabalho de modo algum, afirmo que afinal de contas o que eles experimentam é uma coisa bastante desagradável. Mas para mim eles povoam a paisagem, dão-lhe poesia, e talvez seja isso uma das coisas mais agradáveis da vida deles. É a minha impressão pessoal, e não me admiraria que a coisa fosse realmente assim.

Sempre fiquei a imaginar, em ocasiões como essas, se ele alguma vez pensava na Sra. Skimpole e nas filhas e sob que ponto de vista elas se apresentavam ao seu pensamento cosmopolita. Até onde ia minha compreensão, creio que raramente elas estavam presentes.

A semana passara até o sábado seguinte àquele bater do meu coração na igreja, e cada dia tinha sido tão brilhante e tão azul que a coisa mais deliciosa tinha sido vagar nos bosques, ver a luz coando-se através das folhas transparentes e cintilando no belo rendado das árvores, enquanto os pássaros soltavam suas canções e o ar se entorpecia com o zumbido dos insetos. Tínhamos um lugar preferido, todo acolchoado de musgo e das derradeiras folhas do ano, onde havia algumas árvores derrubadas, das quais toda a casca havia sido arrancada. Sentadas entre elas, contemplávamos através de uma vista verde, sustentada por milhares de colunas naturais, os troncos embranquecidos das árvores, numa distante perspectiva, tornada tão radiante pelo contraste com a sombra, à qual estávamos sentadas, e tão preciosa pela arqueada perspectiva através da qual a víamos, que era como um vislumbre da terra ideal. No sábado, sentamo-nos ali, o Sr. Jarndyce, Ada e eu, até ouvirmos o trovão ribombando a distância e as grossas gotas de chuva tamborilando nas folhas.

O tempo estivera a semana inteira extremamente sufocante, mas a tempestade explodiu tão súbita — pelo menos sobre nós, naquele lugar abrigado — que, antes de alcançarmos os limites do bosque, os trovões e relâmpagos eram já frequentes e a chuva caía através das folhas, como se cada pinga fosse uma grande conta de chumbo. Como não era aquele um tempo para se ficar entre árvores, corremos para fora do bosque, subindo e descendo os degraus musgosos que cruzavam o cercado da plantação, como duas escadas de largos degraus, colocadas costas com costas, e nos dirigimos para a casa do guarda que estava mais próxima. Tínhamos muitas vezes

notado a sombria beleza dessa casa, erguida em meio de espessa penumbra de árvores, e como a hera se agarrava a ela, bem como uma escavação em declive onde certa vez víamos o cão de propriedade do guarda mergulhar nas samambaias, como se aquilo fosse água.

A casa era tão escura dentro, agora que o céu estava encoberto, que só avistamos claramente o homem que veio até à porta, quando procuramos abrigo ali e ele ofereceu duas cadeiras a Ada e a mim. Os postigos estavam escancarados, e sentamo-nos junto da porta de entrada, observando a tempestade. Era grandioso ver como o vento curvava as árvores, levando a chuva diante de si como uma nuvem de fumaça, e ouvir o solene trovão e ver o relâmpago. E enquanto pensávamos, com respeitoso temor, nas tremendas forças que cercam as nossas pequenas vidas, considerávamos quão benéficas elas são e como sobre as menores flores e folhas já se via um frescor, vertido daquela aparente raiva, o qual parecia tornar a criação nova mais uma vez.

— Não será perigoso ficar num lugar tão exposto?

— Oh! não, querida Ester! — disse Ada, serenamente.

Ada disse isso a mim, mas não fora eu que havia falado. Meu coração voltou a bater apressado. Nunca tinha ouvido a voz, como nunca tinha visto o rosto, mas impressionava-me da mesma estranha maneira. De novo, num instante, ergueram-se diante de minha mente inúmeros retratos de mim mesma.

Lady Dedlock havia-se abrigado na casinha do guarda antes da nossa chegada ali e surgira dentre a penumbra que ali reinava. Conservava-se detrás de minha cadeira, com a mão sobre ela. Vi-a com a mão perto do meu ombro, quando voltei a cabeça.

— Fiz-lhe medo? — perguntou ela.

Não. Não era medo. Por que haveria eu de amedrontar-me?

— Creio — disse Lady Dedlock a meu tutor — que tenho o prazer de falar ao Sr. Jarndyce.

— Sua recordação me causa mais honra do que eu podia supor, Lady Dedlock — respondeu ele.

— Reconheci-o na igreja domingo. Lamento que certas disputas locais de Sir Leicester — creio que não foram procuradas por ele — criem certa

absurda dificuldade em demonstrar ao senhor aqui as atenções que merece.

— Tenho conhecimento das circunstâncias — tornou meu tutor com um sorriso — e sinto-me suficientemente agradecido.

Dera-lhe ela a mão, num gesto indiferente que lhe parecia habitual, e falou de um modo também indiferente, embora com uma voz muito agradável. Era tão graciosa quão bela, perfeitamente senhora de si, e, pareceu-me capaz de atrair e interessar qualquer um que ela julgasse digno dessa honra. O guarda havia-lhe trazido uma cadeira, na qual se sentou, no meio do pórtico, entre nós.

— Está colocado o jovem cavalheiro a respeito do qual o senhor escreveu a Sir Leicester e cujos desejos Sir Leicester lamentou não estar de forma alguma em seu poder atender? — perguntou ela, voltando-se para meu tutor.

— Espero que sim — respondeu ele.

Ela parecia respeitá-lo e mesmo querer conciliá-lo. Havia algo de muito sedutor na sua maneira altiva, e esta se tornou mais familiar — ia dizer mais fácil, ainda que dificilmente pudesse ser assim — quando lhe falou por cima do ombro.

— Suponho que essa é a sua outra pupila, Miss Clare, não?

Ele apresentou Ada na devida forma.

— O senhor perderá a parte desinteressada de seu caráter quixotesco — disse Lady Dedlock ao Sr. Jarndyce, por cima do ombro de novo — se apenas remediar os agravos de belezas como esta. Mas apresente-me — e voltou-se em cheio para mim — a esta jovem senhora também.

— Miss Summerson é realmente minha pupila — disse o Sr. Jarndyce — No caso dela, porém, não sou responsável perante nenhum Lorde Chanceler.

— Perdeu Miss Summerson ambos os pais? — perguntou a senhora.

— Sim.

— Ela é muito feliz com o seu tutor.

Lady Dedlock olhou para mim e eu olhei para ela e disse que realmente era. Imediatamente desviou de mim a atenção, com um ar apressado, quase exprimindo desprazer ou desgosto, e voltou a falar com ele, novamente com

certa indiferença.

— Muito tempo se passou desde que costumávamos encontrar-nos, Sr. Jarndyce.

— Muito tempo mesmo. Pelo menos, julgava eu que era muito tempo, até que a vi domingo passado — disse ele.

— Ora! Até o senhor se mostra cortesão ou pensa que é necessário tornar-se tal por minha causa? — disse ela com certo desdém. — Creio que ganhei essa fama.

— Ganhou tanta, Lady Dedlock — disse meu tutor —, que ousou dizer que a senhora paga alguma pequena penalidade. Mas nenhuma a mim.

— Tanta! — repetiu ela, sorrindo. — Sim.

Com seu ar de superioridade, de força, de fascinação e de não sei mais quê, ela parecia considerar Ada e a mim como pouco mais que crianças. De modo que, quando sorriu e depois quando se sentou a olhar para a chuva, estava tão senhora de si, e tão livre de ocupar-se com seus próprios pensamentos, como se estivesse só.

— Acho que o senhor conheceu minha irmã, quando estávamos juntas no estrangeiro, melhor do que me conhece a mim? — perguntou ela, olhando de novo para ele.

— Sim. Aconteceu que nos encontrávamos mais vezes — respondeu ele.

— Seguimos nossos caminhos — disse Lady Dedlock — e tínhamos pouca coisa em comum, mesmo antes de concordarmos em divergir. É de lamentar, suponho, mas não podia ser de outro modo.

Lady Dedlock pôs-se de novo a olhar para a chuva. A tempestade em breve começou a amainar. O aguaceiro diminuiu grandemente, os relâmpagos cessaram, os trovões ribombavam entre as colinas distantes, e o sol começou a cintilar sobre as folhas molhadas e a chuva que caía. Enquanto estávamos ali sentadas em silêncio, vimos aproximar-se na nossa direção um pequeno faetonte de duas rodas, em marcha prazenteira.

— O mensageiro está de volta, minha senhora — disse o guarda —, com a carruagem.

Quando esta parou, vimos que havia duas pessoas dentro. Apearam-se,

com algumas capas e agasalhos, primeiro a francesa que eu vira na igreja e, em segundo lugar, a linda moça — a francesa com uma confiança desafiadora, a linda moça confusa e hesitante.

— Como é isso? — perguntou Lady Dedlock. — Duas?

— Sua criada sou eu, minha senhora, atualmente — disse a francesa. — O recado era para a subalterna.

— Supus que a senhora me tivesse em vista — disse a linda moça.

— Era você mesma que eu tinha em vista, criança — respondeu a patroa calmamente. — Ponha em mim esse xale.

Inclinou levemente os ombros para recebê-lo, e a linda moça rapidamente o enrolou no devido lugar. A francesa permanecia de lado, olhando aquilo com os lábios estreitamente apertados.

— Lamento — disse Lady Dedlock ao Sr. Jarndyce — não podermos provavelmente reatar nosso antigo conhecimento. Consente que mande de volta a carruagem buscar suas duas pupilas? Voltará cá imediatamente.

Mas como ele não quisesse de forma alguma aceitar essa oferta, ela despediu-se graciosamente de Ada — mas não de mim — e pôs a mão sobre o braço que ele lhe ofereceu e entrou no carro, que era uma pequena e baixa carruagem de parque, com capota.

— Entre, menina — disse ela à linda moça. — Vou precisar de você. Vamos.

A carruagem rodou, e a francesa, com os agasalhos que havia trazido, pendurados no braço, ficou no mesmo lugar onde havia apeado.

Suponho que não há nada que o orgulho possa tolerar tão pouco como o próprio orgulho, e que ela foi punida por causa da sua maneira imperiosa. Sua desforra foi a mais singular que eu poderia imaginar. Permaneceu em absoluto silêncio até que a carruagem se meteu pela estrada, e depois, sem a menor modificação fisionômica, tirou os sapatos, deixou-os no chão e caminhou resolutamente no mesmo rumo, afrontando a umidade da relva molhada.

— Estará louca aquela jovem senhora? — perguntou meu tutor.

— Oh! não, senhor — respondeu o guarda, que, com sua mulher, a acompanhava com os olhos. — Hortense não tem nada disso. Tem uma

cabeça tão boa como as melhores que existem. Mas é extremamente arrogante e apaixonada. E não vê com bons olhos tanto ser despedida como ver outras colocadas acima dela.

— Mas por que vai ela descalça no meio de toda essa água? — perguntou ainda meu tutor.

— Ora, na verdade, senhor, talvez para refrescar as plantas dos pés — respondeu o homem.

— Ou a não ser que ela imagine que é sangue — disse a mulher. — Andaria tão depressa por cima disso como de qualquer outra coisa, penso eu, quando seu sangue está alvoroçado.

Poucos minutos mais tarde, passamos diante do solar. Sossegado como nos parecera quando o vimos da primeira vez, parecia agora mais sossegado ainda com uma fulguração diamantina a cintilar em torno, uma brisa ligeira a soprar, os pássaros não mais silenciosos, mas cantando fortemente — tudo refrescado pela chuva rápida — e o carrinho a brilhar diante da porta de entrada, como uma fabulosa carruagem de prata. Sempre a caminhar, com decisão e calma na direção dele, via-se também na paisagem uma figura tranquila, a de Mlle Hortense, descalça pela relva molhada.

ANDANDO SEMPRE

É O tempo das férias longas na zona do Beco do Tribunal. Os bons navios “Lei” e “Equidade”, os construídos de teca, forrados de cobre, com pregos de ferro, frentes de bronze e de modo algum veleiros velozes, estão postos no dique a meio armamento. O “Holandês Voador”, com uma tripulação de clientes fantasmas, implorando de todos quantos encontram que verifiquem seus papéis, por enquanto levantou velas, sabe Deus para onde. Os Tribunais estão todos fechados; as repartições públicas jazem num sono morno; o próprio Westminster Hall é uma sombria solidão, onde rouxinóis podem cantar, e uma classe de litigantes, mais terna do que é costume ali ver-se, pode passear.

O Templo, o Beco do Tribunal, Serjeant’s Inn e Lincoln’s Inn, até os Campos, são como portos de grandes marés na baixa-mar, onde processos encalhados, repartições ancoradas, escreventes ociosos, refestelados em tamboretas fora de equilíbrio, que só recobrarão sua posição perpendicular quando a corrente do Prazo subir, jazem altos e secos sobre a vasa das longas férias. Portas exteriores de salas estão fechadas às dúzias, mensagens e pacotes têm de ser deixados no cubículo do porteiro, aos montões. Moitas de capim crescerão nas gretas do pavimento de pedra da frente de Lincoln’s Inn Hall, a não ser que os porteiros licenciados, que nada têm de fazer senão ficar sentados à sombra ali existente, com seus aventais brancos sobre a cabeça para afugentar as moscas, arranquem e comam pensativamente.

Há apenas um juiz na cidade. Mesmo este só aparece duas vezes por semana para dar audiência. Se os moradores campesinos dos termos de sua circunscrição judiciária pudessem vê-lo agora! Sem cabeleira de forro completo, sem toga vermelha, sem peles, sem escolta de maceiros, sem bastões brancos... Simplesmente um cavalheiro de cabeça raspada, de calções brancos e chapéu branco, com a jurídica fisionomia bronzeada pela brisa marinha e uma tira de pele arrancada do jurídico nariz pelos raios solares, que

entra um instante na loja de mariscos ao passar por ela e bebe cerveja de gengibre gelada.

O fogo da Inglaterra está espalhado por toda a face da terra. Como é que a Inglaterra pode continuar a sua carreira de progresso, durante quatro longos meses de verão sem seu foro — que é seu reconhecido refúgio na adversidade e seu único legítimo triunfo na prosperidade — é coisa fora de cogitações. Certamente aquele escudo e broquel da Britânia não estão em uso atualmente. O homem douto que está sempre tão tremendamente indignado com o ultraje cometido contra os sentimentos de seu cliente pela parte adversa, que parece jamais poder recobrar-se, está na Suíça, onde vai passando admiravelmente melhor de saúde do que era de esperar. O homem douto que exerce a esterilizante profissão e que cresta todos os seus adversários com seu sarcasmo tenebroso está num balneário da França, alegre como um grilo. O homem douto que chora pelas barbas abaixo diante da mais insignificante provocação não tem derramado uma lágrima sequer durante estas seis semanas. O doutíssimo cavalheiro que tem resfriado o calor natural do seu temperamento de gengibre em tanques e fontes da lei, até vir a tornar-se grande em intrincados argumentos para prazos judiciais, quando confunde o sonolento Tribunal com “varreduras” legais, inexplicáveis aos não iniciados e à maior parte também dos iniciados, está vagabundeando por Constantinopla, com característico deleite pela aridez e pela poeira. Outros dispersos fragmentos do mesmo grande Palácio podem ser encontrados nos canais de Veneza, na segunda catarata do Nilo, nos banhos da Alemanha, e derramados na areia das praias de toda a costa inglesa. Raramente se poderá encontrar um deles na deserta região do Beco do Tribunal. Se tão solitário membro do foro bate as asas através daquele deserto e dá de cara com um litigante que por ali ronda, incapaz de abandonar a cena onde se exhibe a sua ansiedade, ambos causam medo um ao outro e se retiram em direções opostas.

Durante muitos anos foram estas as férias mais quentes e mais longas. Todos os escreventes jovens estão loucamente apaixonados e, de acordo com suas várias categorias, anseiam pela felicidade de estar com o objeto amado em Margate, Ramsgate ou Gravesend. Todos os escreventes de meia-idade pensam bastante em suas famílias. Todos os cães sem dono que vagueiam, ofegantes, pelos Palácios da Justiça, pelas escadas e outros lugares secos, em busca de água, dão pequenos uivos de irritação. Todos os cães de cegos pelas ruas arrastam seus donos para as bombas ou fazem-nos tropeçar de encontro a

tinhas. Uma loja com toldo, de pavimento molhado e com uma tigela de peixe de ouro e prata na vitrina, é um santuário. Temple Bar fica tão quente que é para o vizinho Strand e Fleet Street o que uma estufa é dentro dum vaso, e os conserva a fogo lento a noite inteira.

Nas proximidades dos Palácios da Justiça há escritórios nos quais um homem poderia resfriar-se se valesse a pena apanhar-se algum resfriado a preço tão estúpido; mas os pequenos becos na vizinhança imediata daqueles retiros parecem abrasar-se. No pátio do Sr. Krook faz tanto calor que as pessoas passam a morar na rua, sentadas em cadeiras sobre a calçada — inclusive o Sr. Krook, que ali prossegue seus estudos tendo ao lado sua gata (que nunca parece estar com demasiado calor). Na Sol's Arms foram interrompidas as Reuniões Harmônicas durante a estação, a Little Swills está trabalhando embaixo, no rio, nos Jardins Pastoris, onde se exhibe de maneira completamente inocente e canta canções cômicas de tom juvenil, escolhidas a dedo (como diz o programa) para não ferir os sentimentos dos espíritos mais exigentes.

Por toda a vizinhança forense estendem-se, como algum grande véu de ferrugem ou uma gigantesca teia de aranha, a ociosidade e a melancolia das longas férias. O Sr. Snagsby, copista do Tribunal de Cook, Rua Cursitor, mostra-se sensível a essa influência, não só no seu espírito, como homem sensível e contemplativo, mas também nos seus negócios, como escrivão supramencionado. Tem mais tempo para meditar em Staple Inn e em Rolls Yard durante as longas férias do que nas outras estações; e diz aos dois aprendizes que coisa é, em tempo tão quente, pensar que se vive numa ilha, com o mar encrespando-se e rolando bem juntinho da gente!

Guster está ocupada no salãozinho, nessa mesma tarde das longas férias, uma vez que o Sr. e a Sra. Snagsby pretendem receber visitas. Os hóspedes esperados são mais seletos do que numerosos, o Sr. e a Sra. Chadband, e ninguém mais. Do fato de ser o Sr. Chadband muito dado a descrever a si mesmo, tanto verbalmente como por escrito, como um navio de vez em quando é tomado erradamente por estranhos como um cavaleiro ligado a coisas de navegação, mas ele está, como ele mesmo diz, “no ministério eclesiástico”. O Sr. Chadband não se filia a nenhuma denominação religiosa precisa; e seus perseguidores julgam que ele não tem nada mais notável a dizer acerca do maior dos assuntos do que insistir em que sua prestação de serviço é voluntária e nunca um dever de consciência. Mas tem seus

prosélitos, e a Sra. Snagsby é um deles. A Sra. Snagsby só recentemente tomou uma passagem para o alto no navio Chadband, e sua atenção foi atraída para aquela Barca de Primeira Qualidade, quando estava um tanto excitado pelo tempo quente.

— Minha mulherzinha — diz o Sr. Snagsby aos pardais de Staple Inn — gosta de ter sua religião um tanto severa, como vocês veem!

De modo que Guster, muito impressionada por ver-se naquela ocasião como a criada de Chadband, o qual, conforme ela sabe, possui o dom de falar em público durante quatro horas duma assentada, prepara o salãozinho para o chá. Toda a mobília foi sacudida e espanada, os retratos do Sr. e da Sra. Snagsby foram limpados com um pano úmido, o melhor serviço de chá veio para fora e há excelente provisão de comestíveis, composta de saborosos pãezinhos novos, roscas torradinhas, manteiga fresca e gelada, fatias finas de presunto, língua, salsicha alemã e delicadas fieiras de anchovas, acamadas em salsa; sem falar nos ovos frescos que vão ser trazidos ao calor dum guardanapo e nas torradinhas quentes com manteiga. Porque o Sr. Chadband é um navio um tanto consumidor (seus inimigos dizem que ele é devorador) e sabe manejar com grande destreza armas tais como faca e garfo.

O Sr. Snagsby, com seu melhor casaco, olhando para todos os preparativos, depois de completos, e tossindo a sua tossezinha de deferência por trás da mão, diz à Sra. Snagsby: — A que horas espera você o Sr. e a Sra. Chadband, meu amor?

— Às seis — respondeu a Sra. Snagsby.

O Sr. Snagsby observa com muita brandura e naturalidade que “seis horas já se foram”.

— Talvez você gostasse de começar sem eles — observa em tom de reproche a Sra. Snagsby.

A aparência do Sr. Snagsby é a de que gostaria bem de fazer isso mesmo, mas diz com a sua tosse mansa: — Não, minha querida, não. Apenas fiz menção do tempo.

— Que vale o tempo diante da eternidade? — pergunta a Sra. Snagsby.

— É bem verdade, minha querida. Apenas, quando uma pessoa põe na mesa os preparativos para o chá, o faz talvez tendo mais em vista... o tempo.

E quando um tempo foi marcado para tomar chá, é melhor vir atacá-lo.

— Vir atacá-lo! — repete a Sra. Snagsby com severidade. — Atacá-lo! Como se o Sr. Chadband fosse algum brigão.

— Não, absolutamente, minha querida — diz o Sr. Snagsby.

Aqui Guster, que da janela do quarto de dormir estivera a olhar para fora, vem descendo arrastadamente a pequena escada, como um fantasma popular, e, entrando muito azafamada no salão, anuncia que o Sr. e Sra. Chadband apareceram no largo. A campainha da porta interna do corredor imediatamente depois dá o sinal, e Guster é advertida pela Sra. Snagsby, sob pena de imediata devolução a seu santo padroeiro, de que não esqueça a cerimônia de anunciar os visitantes. Com os nervos transtornados (eles estavam antes na melhor ordem) por essa ameaça, mutila tão pavorosamente essa particularidade da cerimônia, que anuncia: “O Sr. e a Sra. Cheeseming ou... coisa mais ou menos parecida!” — e se retira da sala com a consciência ferida.

O Sr. Chadband é um enorme homem amarelado, com um sorriso untuoso e uma aparência geral de quem tem boa qualidade de óleo de baleia na sua constituição. A Sra. Chadband é uma dama rígida, de aspecto severo, silenciosa. O Sr. Chadband anda devagarinho, pesadamente, parecendo mais um urso a quem ensinaram a andar ereto. Mostra-se muito atrapalhado com os braços, como se lhe fossem incômodos, como se desejasse andar de rastros. A cabeça transpira abundantemente e nunca fala sem primeiro levantar a manopla, como para avisar seus ouvintes que vai edificá-los.

— Meus amigos — diz o Sr. Chadband —, que a paz reine neste lar! Reine sobre o dono da casa, sobre as jovens criadas e sobre os jovens criados! Meus amigos, por que anseio eu pela paz? Que é a paz? É guerra? Não. É luta? Não. É amável, gentil, bela, agradável, serena e prazenteira? Oh! sim! Portanto, meus amigos, eu desejo a paz sobre vós e sobre os vossos!

Por ter-se a Sra. Snagsby mostrado profundamente edificada, o Sr. Snagsby acha de bom alvitre encerrar aquilo com um “amém” que é muito bem recebido.

— Agora, meus amigos — continua o Sr. Chadband —, uma vez que enveredei por este tema...

Guster apresenta-se. A Sra. Snagsby, num tom de voz baixo e spectral e

sem retirar os olhos de sobre o Sr. Chadband, diz com terrível clareza: — Retire-se!

— Agora, meus amigos — diz Chadband —, uma vez que enveredei por este tema... e na minha humilde caminhada por melhorá-lo...

Ouve-se com estranheza Guster murmurar: — Mil setecentos e oitenta e dois.

A voz espectral repete mais solenemente: — Retire-se!

— Agora, meus amigos — diz o Sr. Chadband —, perguntaremos em espírito de caridade...

Guster reitera ainda: — Mil setecentos e oitenta e dois.

O Sr. Chadband, fazendo uma pausa com a resignação dum homem acostumado a ser perseguido, e languidamente preguiçando o queixo, no seu sorriso gordo, diz: — Ouçamos a criada. Fale, criada.

— Mil setecentos e oitenta e dois, por obséquio, senhor. É quanto ele quer receber pela mercadoria — diz Guster, sem fôlego.

— Pelo quê? — pergunta a Sra. Chadband. — Pela mercadoria?

Guster responde que “ele insiste em um xelim e oito *pence*, do contrário vai-se queixar à polícia”. A Sra. Snagsby e a Sra. Chadband estão prestes a guinchar de indignação quando o Sr. Chadband aquieta o tumulto, levantando a mão.

— Meus amigos, recordo-me duma obrigação que deixei de cumprir ontem. É justo que eu seja castigado com alguma penalidade. Não devo murmurar. Rachael, pague os oito *pence*.

Enquanto a Sra. Snagsby, contendo a respiração, olhar com dureza para o Sr. Snagsby, como se dissesse: “Está ouvindo esse Apóstolo?” e enquanto o Sr. Chadband esplende de humildade e de óleo de baleia, a Sra. Chadband paga o que deve. É esse um costume do Sr. Chadband — é na verdade a cabeça e a fachada de suas pretensões — conservar essa espécie de conta de devedor e de credor de mínima quantia, e dar-lhe publicidade nas ocasiões mais triviais.

— Meus amigos — diz Chadband —, oito *pence* não é muita coisa. Poderia ter sido um xelim e quatro *pence*. Poderia ter sido uma meia coroa.

Oh! alegremo-nos, alegremo-nos! Enchamo-nos de alegria!

Com essa observação, que pelo seu tom parece ser uma citação em verso, o Sr. Chadband caminha pé ante pé até a mesa e, antes de tomar uma cadeira, levanta sua mão admonitória.

— Meus amigos, que é isto que agora contemplamos aqui, exposto a nossa vista? Uma refeição leve. Necessitamos, pois, do afago duma refeição, meus amigos? Necessitamos. E por que necessitamos nós de refeição, meus amigos? Porque somos apenas criaturas mortais, porque somos apenas pecadores, porque somos apenas seres terrestres, porque não somos criaturas do ar. Podemos voar, meus amigos? Não podemos. Por que não podemos voar, meus amigos?

O Sr. Snagsby, contando com o êxito de seu último chiste, aventura-se a observar, num tom divertido e um tanto conhecido: “Porque não temos asas.” Mas é imediatamente fulminado pelo ar carrancudo da Sra. Snagsby.

— Pergunto eu, meus amigos — prossegue o Sr. Chadband, rejeitando inteiramente e esquecendo a observação do Sr. Snagsby —, por que não podemos voar? É porque fomos destinados a andar? É. Poderíamos andar, meus amigos, se não tivéssemos força para isso? Não poderíamos. Que poderíamos fazer, meus amigos, sem força? Nossas pernas recusar-se-iam a suportar-nos, nossos joelhos dobrar-se-iam, nossos tornozelos se entortariam e nós cairíamos por terra. Onde, pois, meus amigos, dum ponto de vista humano, retiramos a força que é necessária aos nossos membros? É — pergunta o Sr. Chadband, abrangendo a mesa com a vista — do alimento em suas várias formas, da manteiga que é desnatada, do leite que nos é concedido pela vaca, dos ovos que são postos pelas aves domésticas, do presunto, da língua, da salsicha e de outras coisas semelhantes? É. Então partilhemos as boas coisas que estão postas aqui diante de nós.

Os perseguidores negam que haja qualquer dom particular nesse estilo de degraus verbosos do Sr. Chadband, empilhados uns sobre os outros dessa forma. Mas isso pode apenas admitir-se como prova do encarniçamento perseguidor, pois é coisa conhecida de toda a gente que o estilo oratório de Chadband é vastamente aceito e bastante admirado.

Tendo, porém, o Sr. Chadband concluído por enquanto, senta-se à mesa do Sr. Snagsby e braceja prodigiosamente. A conversão de alimento de qualquer espécie no óleo da qualidade mencionada parece ser um processo tão

inseparável do temperamento desse navio exemplar que, ao começar a comer e beber, ele pode ser descrito como transformando-se sempre numa espécie de imenso Moinho de Óleo ou outra qualquer enorme fábrica para a produção daquele artigo em escala gigantesca. Naquela noite das longas férias, no Largo do Cozinheiro, Rua Cursitor, ele tem tão poderoso êxito no negócio que, cessado o trabalho, o armazém parece completamente repleto.

Nesse momento da reunião, Guster, que ainda não está refeita do seu primeiro fracasso, mas não descurou nenhum meio possível ou impossível de atrair o menosprezo para a casa e para si própria — contando-se entre os tais meios sua execução inesperada de musica militar com pratos, em cima da cabeça do Sr. Chadband, e depois coroando esse cavalheiro com “sonhos” — naquele momento da reunião, Guster cochicha ao ouvido do Sr. Snagsby que o estão chamando.

— Como me estão chamando na loja — diz o Sr. Snagsby, levantando-se —, espero que os caros amigos me desculpem a ausência por um meio minuto.

O Sr. Snagsby desce e encontra os dois aprendizes a olhar atentamente um oficial da polícia, que agarra pelo braço um garoto esfarrapado.

— Valha-me Deus! — exclama o Sr. Snagsby — Que é que há?

— Este rapaz — diz o policial — não trata de mexer-se, apesar de ter sido repetidas vezes intimado a isso...

— Estou sempre mexendo-me, meu senhor — chora o rapaz, limpando com o braço as lágrimas sujas. — Estou sempre andando dum lado para outro, estou sempre andando desde que nasci. Para onde me posso mudar, meu senhor, mais do que me mudo?

— Ele não quer andar — diz o policial calmamente, com um leve movimento profissional do pescoço, para arranjá-lo melhor dentro do colarinho duro — apesar de ter sido repetidamente avisado, e por isso sou obrigado a pô-lo sob custódia. Pelo que sei, é um ladrãozinho teimoso. Está sempre parado. Não quer andar.

— Oh! meu Deus, para onde posso andar? — chora o rapaz, agarrando desesperadamente os cabelos e batendo com os pés descalços em cima do soalho do corredor do Sr. Snagsby.

— Se você não acabar com isso, faço um trabalhinho com você agora mesmo! — diz o policial, dando-lhe um puxão, mas sem raiva. — A ordem que tenho é obrigá-lo a mexer-se. Já lhe disse isso quinhentas vezes.

— Mas para onde? — chora o garoto.

— Na verdade, Sr. polícia, o senhor está vendo — diz o Sr. Snagsby, ansioso, e tossindo por trás da mão sua tosse de grande perplexidade e dúvida — que realmente isso é um problema. Para onde, o senhor sabe?

— As instruções que tenho se limitam a isso — responde o policial. — As instruções que tenho são para fazer esse rapaz mexer-se.

Ouves, Jo? De nada vale para ti ou para qualquer outro que as grandes luzes do firmamento parlamentar tenham deixado, por uns poucos anos, nesse negócio, de apresentar-te o exemplo do movimento. O único e grande remédio continua para ti — a profunda e filosófica receita — o começo e o fim de tua estranha vida sobre a terra. Andar! Não é que tenhas de fugir, Jo, pois as grandes luzes não podem absolutamente concordar a respeito disso. Andar!

O Sr. Snagsby não diz nada a respeito — na verdade não diz nada absolutamente —, mas tosse a sua tosse mais irremediável que exprime não haver passagem para lado algum. A esse tempo, o Sr. e a Sra. Chadband e a Sra. Snagsby, tendo ouvido a alteração, apareceram no alto da escada. Não tendo Guster desatravancado a ponta do corredor, todo o pessoal fica ali reunido.

— A única questão é, meu senhor — diz o policial —, saber se o senhor conhece este rapaz. Ele diz que o senhor o conhece.

A Sra. Snagsby, lá do alto, grita no mesmo instante: — Não, não conhece!

— Minha mulherzinha — diz o Sr. Snagsby, levantando os olhos para o patamar —, meu amor, permita-me! Rogo-lhe que tenha um instante de paciência, minha querida. Conheço alguma coisa a respeito deste garoto, e do que sei, nada há, posso afirmar, que seja mau. Talvez até mesmo pelo contrário, Sr. polícia.

E o papeleiro forense relata-lhe o que sabe do coitado, omitindo o caso da meia coroa.

— Bem! — diz o policial. — Até aqui parece que ele tinha razão no que afirmava. Quando o levei sob custódia até Holborn, ele disse que o senhor o conhecia. Nisto, um moço que estava no meio da multidão disse que ele conhecia o senhor e que o senhor era um respeitável chefe de família, e que, se eu tivesse de fazer o inquérito, ele apareceria. Mas parece que o tal moço não está disposto a cumprir sua palavra... Oh! Aqui está o tal rapaz!

Entra o Sr. Guppy, que cumprimenta o Sr. Snagsby e toca no chapéu com o cavalheirismo de um escrevente, para as senhoras que estão na escada.

— Eu acabava agora mesmo de sair do escritório quando dei com essa discussão na rua — diz o Sr. Guppy para o papeleiro — e como o seu nome tivesse sido mencionado, achei de bom alvitre que se investigasse a coisa.

— Foi de fato muita bondade de sua parte, senhor — diz o Sr. Snagsby —, e fico-lhe muito obrigado. — E novamente relata o Sr. Snagsby o que sabe, suprimindo de novo o caso da meia coroa.

— Agora já sei onde você mora — diz então o policial a Jo. — Você mora em Tom-All-Alone's. É um belo e inocente lugar para se morar, hem?

— Não posso ir morar em lugar melhor do que aquele, meu senhor — replica Jo. — Não haveriam de deixar que eu fosse morar num lugar bonito e inocente. Quem haveria de alugar uma casa bonita e inocente para um sujeito como eu?

— Você é muito pobre, não é? — pergunta o policial.

— Sim, senhor, muito pobre mesmo — responde Jo.

— Deixo agora aos senhores o julgamento do caso. Encontrei estas duas meias coroas com ele — diz o policial mostrando-as aos presentes — mal lhe deitei a mão!

— É o que resta, Sr. Snagsby — diz Jo —, de um soberano que me foi dado por uma senhora de véu na cara e com roupa de criada, que apareceu uma noite na minha passagem e me pediu que eu lhe mostrasse onde era esta casa e a casa onde morreu aquele homem a quem o senhor dava serviço de escrever e o lugar onde ele foi enterrado. Ela me perguntou se eu era o rapaz do inquérito. Sou eu mesmo, respondi. Ela então perguntou: “Pode você mostrar-me todos esses lugares?” Respondi que sim, que podia. Ela então me disse: “Pois mostre.” Eu então mostrei e ela me deu um soberano, que eu

guardei. Mas não me aproveitei muito dele, não — diz Jo, derramando sujas lágrimas — porque tive de pagar cinco xelins em Tom-All-Alone's para que eles trocassem o soberano para mim, e depois um rapaz roubou-me outros cinco, quando eu estava dormindo, e outro moço roubou-me nove *pence*, e o senhorio ainda me arrancou um pouco mais.

— Você não há de esperar que alguém acredite nessa história da mulher e do soberano, não é? — pergunta o policial, olhando-o de revés, com inefável desdém.

— Não sei, não, senhor — diz Jo. — Não estou esperando coisa nenhuma, não, senhor, mas a verdade é isso mesmo que contei.

— Estão vendo como ele é? — observa o policial ao auditório. — Bem, Sr. Snagsby, se eu não aferrolhar este maroto desta vez, o senhor se comprometerá a fazê-lo mudar-se?

— Não! — exclama a Sra. Snagsby, lá do alto da escada.

— Minha mulherzinha! — roga o marido. — Sr. polícia, não tenho dúvida de que ele se mudará. E você sabe que deve mesmo mudar-se — diz o Sr. Snagsby.

— Estou de acordo com tudo, meu senhor — diz o desventurado Jo.

— Então mude-se — observa o policial. — Você sabe o que deve fazer. Faça-o! E lembre-se que, de outra vez, não se sairá tão facilmente. Pegue seu dinheiro. E, agora, quanto mais cedo se puser a quilômetros de distância daqui, melhor para todos.

Com essa sugestão de despedida e apontando, num gesto vago, para o sol poente, como um lugar conveniente para uma caminhada, o policial despede-se de seus ouvintes, dando-lhes boas-tardes, e faz ressoar as arcadas do Largo do Cozinheiro, enquanto caminha pelo lado da sombra, levando na mão seu chapéu debruado de ferro, para ventilar um pouco a cabeça.

Ora, a história pouco verossímil de Jo a respeito da senhora e do soberano despertou mais ou menos a curiosidade de todos os presentes. O Sr. Guppy, que tem um espírito inquiridor em matéria de provas e que está cansado das longas férias, toma tal interesse pelo caso que começa um regular interrogatório da testemunha, o que é achado tão interessante pelas damas, que a Sra. Snagsby polidamente o convida a subir e tomar uma xícara de chá,

se quiser desculpar o desarranjo da mesa, motivado pelos seus esforços anteriores. Tendo o Sr. Guppy acedido ao convite, Jo é convidado a acompanhá-lo até a porta do salão, onde o Sr. Guppy o toma pela mão como uma testemunha, afeiçoando-o desta forma, daquela forma, e doutra forma, como um manteigueiro às voltas com muita manteiga, e atormentando-o de acordo com os melhores modelos. Não é exame diferente de muitas outras exhibições semelhantes tanto no que concerne a nada conseguir elucidar, quanto à sua extensão, pois o Sr. Guppy tem a consciência de seu talento e a Sra. Snagsby sente que não só esse talento lisonjeia a sua própria predisposição indagadora, mas ergue o estabelecimento de seu marido bem mais alto na lei. Durante o desenvolvimento dessa luta sagaz, o navio Chadband, estando simplesmente engajado no negócio do azeite, encalha e espera a ocasião de ser posto novamente a flutuar.

— Bem — diz o Sr. Guppy —, ou este garoto quando se apegue a uma coisa é como cerol, ou há aqui alguma coisa fora do comum, que excede tudo quanto já encontrei no escritório de Kenge e Carboy.

A Sra. Chadband cochicha à Sra. Snagsby, e esta exclama: — Não diga!

— Há alguns anos! — exclama a Sra. Chadband.

— Ela conhece o escritório de Kenge e Carboy há anos — explica triunfante a Sra. Snagsby ao Sr. Guppy. — Sra. Chadband — esposa deste cavalheiro, o Rev.º Chadband.

— Oh! deveras! — exclama o Sr. Guppy.

— Antes de casar com o meu atual marido — diz a Sra. Chadband.

— A senhora era parte em alguma coisa, madame? — pergunta o Sr. Guppy, mudando o seu interrogatório.

— Não.

— Não foi parte em alguma coisa, madame? — pergunta de novo o Sr. Guppy.

A Sra. Chadband sacode a cabeça.

— Talvez a senhora conhecesse alguém que era parte em alguma coisa, madame? — pergunta o Sr. Guppy, que não acha nada melhor do que modelar sua conversa pelos princípios forenses.

— Nem tampouco exatamente isso — responde a Sra. Chadband, aumentando a graça da sua resposta com um sorriso quase favorável.

— Nem tampouco exatamente isso! — repete o Sr. Guppy. — Muito bem. Tenha a bondade, madame, foi uma senhora conhecida sua que teve negócios (não diremos agora que negócios) no escritório de Kenge e Carboy, ou foi um cavalheiro seu conhecido? Reflita, madame. Logo descobriremos isso. Homem ou mulher, madame?

— Nem uma coisa nem outra — diz a Sra. Chadband, como antes.

— Oh! Uma criança! — diz o Sr. Guppy, lançando sobre a admirada Sra. Snagsby o metódico e agudo olhar profissional que se lança sobre os jurados britânicos. — Ora, madame, talvez queira ter a bondade de dizer-nos *qual* criança.

— O senhor acertou afinal — diz a Sra. Chadband, com outro sorriso quase favorável. — Bem, senhor, foi antes de sua maioridade, provavelmente, a julgar pela sua aparência. Fui encarregada de velar por uma criança chamada Ester Summerson, que me confiaram os Srs. Kenge e Carboy.

— Miss Summerson, madame! — exclama o Sr. Guppy, excitado.

— *Eu* a chamo Ester Summerson — diz a Sra. Chadband com austeridade. — No meu tempo não tinha essa moça nenhum tratamento de “Miss”. Era Ester. “Ester, faça isto! Ester, faça aquilo!” E ela tinha de fazer.

— Minha cara madame — torna o Sr. Guppy, andando pelo pequeno salão —, o humilde indivíduo que agora se dirige à senhora recebeu essa jovem senhora em Londres quando ela aqui chegou pela primeira vez, vindo do estabelecimento a que a senhora aludiu. Permita-me o prazer de apertar-lhe a mão.

O Sr. Chadband, vendo afinal aparecer a oportunidade que esperava, faz seu costumeiro gesto e levanta-se de cabeça escaldante, que enxuga com o lenço. A Sra. Snagsby cochicha: — Psiu!

— Meus amigos — diz Chadband —, temos partilhado com moderação (o que certamente não era o caso no que ele dizia respeito) os reconfortantes acepipes que nos foram oferecidos. Possa esta casa viver sempre na fartura da terra: que aqui dentro sejam sempre abundantes o cereal e os vinhos; possa ela crescer, possa medrar, possa prosperar, progredir, prosseguir, marchar sempre

para a frente! Mas, meus amigos, partilhamos alguma coisa mais? Partilhamos. Meus amigos, que foi mais que partilhamos? Proveito espiritual? Sim. Onde nos adveio esse proveito espiritual? Meu jovem amigo, adiante-se!

Jo, assim apostrofado, dá um passo para trás e outro para a frente, e um para cada lado, e encara o eloquente Chadband, com evidentes dúvidas a respeito das suas intenções.

— Meu jovem amigo — diz Chadband —, você é para nós uma pérola, você é para nós um diamante, você é para nós uma gema, você é para nós uma joia. E por que, meu jovem amigo?

— Não sei, não senhor — replica Jo. — Não sei nada, não.

— Meu jovem amigo — diz Chadband —, exatamente porque não sabe nada é que é para nós uma gema e uma joia. E por que é você isso, meu jovem amigo? Você é um bicho do mato? Não. Uma ave do ar? Não. Um peixe do mar ou do rio? Não. Você é um ser humano, meu jovem amigo. Um ser humano. Oh! que glória ser um ente humano. E por que é isso uma glória, meu jovem amigo? Porque você é capaz de receber as lições de sabedoria, porque você é capaz de tirar proveito para seu bem do discurso que ora lhe dirijo, porque você não é um pau, uma vara, um cepo, uma pedra, um poste ou um pilar: Oh! corrente caudal de alegria sem par,

Sentir-me humano ser, capaz de ao céu voar!

E você se refrigera nessa corrente agora, meu jovem amigo? Não. Por que não se refrigera você nessa corrente agora? Porque você se acha num estado de escuridão, porque você se acha num estado de obscuridade, porque você se acha num estado de pecado, porque você se acha num estado de servidão. Meu jovem amigo, que é servidão? Indaguemos o que seja, em espírito de amor.

Nesse ponto ameaçador do discurso, Jo, que parece ter ido gradualmente perdendo a cabeça, enlambuzava a cara com o braço direito e bocejava de uma forma descomposta. A Sra. Snagsby, indignada, exprime sua crença de que ele seja um ministro do tinoso.

— Meu amigos — diz o Sr. Chadband, com o perseguido queixo dobrando-se de novo dentro do seu gordo sorriso, e olhando em redor —, bem está que eu seja experimentado, bem está que eu seja mortificado, bem está

que eu seja corrigido. Eu pequei, no sábado passado, quando pensei com orgulho no meu melhoramento de três horas. A conta está agora favoravelmente balanceada: meu credor aceitou um acordo. Oh! alegremo-nos, alegremo-nos! Transbordemos de alegria!

Grande sensação da parte da Sra. Snagsby.

— Meus amigos — diz Chadband, correndo o olhar em torno de si para concluir —, não prosseguirei agora a falar com o meu jovem amigo. Quer você vir amanhã, meu jovem amigo, perguntar a esta boa senhora onde posso ser encontrado para dirigir a você um sermão, e quer você vir como a sedenta andorinha no dia seguinte e no outro dia ainda, e no outro mais, e durante muitos dias agradáveis para ouvir sermões? (Isso foi dito com uma ligeireza de vaca.) Jo, cujo propósito imediato parece ser fugir dali de qualquer forma, faz com a cabeça um aceno evasivo. O Sr. Guppy lança-lhe então um *penny* e a Sra. Snagsby manda que Guster o conduza são e salvo até a porta da casa. Mas, antes que ele desça, o Sr. Snagsby enche-o de alguns restos de comida da mesa, que ele leva apertados nos braços.

Assim, o Sr. Chadband — de quem seus inimigos dizem que não é motivo de espanto prosseguir ele por tempo indeterminado a proferir tão abomináveis tolices, mas que o espantoso é que desista de continuar, uma vez tida a audácia de começar — retira-se à vida privada até empregar um pequeno capital de ceia no comércio de azeite. Jo afasta-se, enquanto duram as longas férias, para a Ponte dos Dominicanos, onde acha um canto de pedra calcinada, e se acomoda para comer.

E ali fica sentado, a mastigar e a roer, erguendo a vista para a grande cruz no alto da Catedral de São Paulo, a cintilar por cima duma nuvem de fumo, avermelhada e violácea. Pelo que se vê no rosto do rapaz, há de supor-se que, a seus olhos, aquele sagrado emblema é o coroamento da confusão da grande e confusa cidade: tão dourado, tão alto, tão fora do seu alcance. Ali fica sentado. O sol vai-se pondo, o rio corre mais depressa, a multidão passa ao lado dele em duas correntes — cada qual a mover-se com algum intuito e para algum fim — até que ele é despertado e lhe dizem que se mova também.

UM NOVO INQUILINO

As longas férias arrastam-se para o seu termo, como um rio preguiçoso, correndo bem descuidado por uma região plana até o mar. O Sr. Guppy arrasta-se da mesma forma, ao longo delas. Embotou a lâmina do seu canivete e quebrou-lhe a ponta, à força de cravar aquele instrumento na sua mesa em todas as direções. Não que tivesse má vontade à mesa, mas devia fazer qualquer coisa e qualquer coisa de natureza não-excitante, que exigisse de suas energias, tanto físicas como intelectuais, uma contribuição pesada demais. Descobre que nada lhe apraz tanto como girar sobre um pé de seu tamborete, esfuracar a escrivaninha e bocejar.

Kenge e Carboy acham-se ausentes da cidade e o escrevente obteve licença para caçar, indo para a casa de seu pai. E os dois colegas do Sr. Guppy, contratados como ele, estão fora, em gozo de licença. O Sr. Guppy e o Sr. Ricardo Carstone dividem entre si os encargos do escritório. Mas o Sr. Carstone está por enquanto ocupando a sala de Kenge, o que de tal forma irrita o Sr. Guppy que ele informa a sua mãe, com mordente sarcasmo, em momentos de confiança, quando vai cear com ela uma lagosta com alface na Estrada da Rua Velha, que está receoso de que o escritório não seja bastante adequado para janotas e que, se soubesse que iria para lá um janota, tê-lo-ia mandado pintar.

O Sr. Guppy suspeita que qualquer pessoa que passe a ocupar um tamborete no escritório de Kenge e Carboy abrigue, sem dúvida alguma, sinistros desígnios contra ele. Parece-lhe evidente que todas as pessoas tencionam tomar-lhe o lugar. Se lhe perguntarem alguma vez como, por quê, quando, ou em consequência de quê, fechará um olho e sacudirá a cabeça. Sob a tensão dessas profundas perspectivas, arca ele, da maneira mais engenhosa, com infinitos esforços para frustrar uma conspiração que não existe, e joga as mais intrincadas partidas de xadrez sem adversário de qualquer espécie.

É fonte de muita satisfação para o Sr. Guppy, portanto, descobrir que o recém-vindo está de contínuo a remexer nos autos de Jarndyce e Jarndyce, pois sabe muito bem que nada, a não ser confusão e malogro, pode sair dali. Sua satisfação comunica-se a um terceiro, que também se vai arrastando, através das longas férias, no escritório de Kenge e Carboy, a saber, o jovem Smallweed.

Se o jovem Smallweed (metaforicamente chamado Small e além disso Chick Weed, como se se quisesse por gracejo aludir a uma avezita implume) alguma vez foi menino, é coisa muito posta em dúvida em Lincoln's Inn. Anda agora pelos quinze anos e é já um velho chicaneiro. Atribuem-lhe por pilhéria uma paixão por certa senhora, de uma tabacaria nas vizinhanças do Beco do Tribunal, dizendo-se que, por sua causa, rompera um contrato com outra senhora, com quem estivera empregado alguns anos. E um produto perfeito da cidade, de pequena estatura e feições mirradas, mas pode ser percebido desde longa distância por causa do seu chapéu muito alto. Sua ambição é tornar-se um segundo Guppy. Veste como esse cavalheiro (por quem é apadrinhado), fala como ele, anda como ele, baseia-se inteiramente nele. É honrado com a confiança particular do Sr. Guppy e uma vez ou outra o aconselha, lá das profundas fontes da sua experiência, sobre difíceis pontos da vida privada.

O Sr. Guppy tem estado refestelado à janela a manhã inteira, depois de experimentar todos os tamboretos sucessivamente, sem descobrir nenhum que fosse cômodo, e depois de pôr a cabeça várias vezes dentro do cofre de ferro, como para refrescá-la. O Sr. Smallweed foi duas vezes enviado à procura de bebidas gasosas, e duas vezes misturou-as nos dois copos de escritório, mexendo-as com a régua. O Sr. Guppy propõe à consideração do Sr. Smallweed o seguinte paradoxo: quanto mais se bebe, mais sede se tem; e reclina a cabeça no peitoril da janela, num estado de desesperançado langor.

Enquanto assim olhava para a sombra do Largo Velho e Lincoln's Inn, observando os insuportáveis tijolos e a argamassa, o Sr. Guppy começa a perceber um vigoroso sopro que sobe lá debaixo, do passeio, e vem bater-lhe no rosto. Ao mesmo tempo um leve assobio esfuzia através de Lincoln's Inn e uma voz abafada grita: — Olá, Guppy!

— Ora, com efeito! — exclama o Sr. Guppy, despertando. — Small! Lá está Jobling!

A cabeça de Small espreita também pela janela e acena para Jobling.

— De onde espirrou você? — pergunta o Sr. Guppy.

— Das hortas de Deptford. Não aguento mais. Tenho de alistar-me. Escute, desejava que você me emprestasse meia coroa. Palavra de honra, estou faminto.

Jobling parece faminto e também bastante decadente.

— Olhe! Se você tiver uma coroa de sobra, largue aí meia para mim. Quero ver se janto.

— Quer vir jantar comigo? — pergunta o Sr. Guppy, atirando a moeda, que o Sr. Jobling apanha com destreza.

— Quanto tempo tenho de esperar? — pergunta Jobling.

— Nem meia hora. Estou esperando apenas que o inimigo saia — respondeu o Sr. Guppy, fazendo com a cabeça um sinal para o outro aposento.

— Que inimigo?

— Um novato. Vai ser contratado. Quer esperar?

— Não tem nada que possa dar à gente para ler, enquanto espero?

Smallweed menciona o Arquivo Judiciário. Mas o Sr. Jobling declara com bastante ardor que não “tolera isso”.

— Vou dar-lhe o jornal — diz o Sr. Guppy. — Ele lho irá tirar lá de cima. Mas é melhor que você não seja visto por aqui. Sente-se lá na nossa escada e leia. É um lugar sossegado.

Jobling faz um aceno como a dizer que compreende e concorda. O sagaz Smallweed entrega-lhe o jornal e de vez em quando deita-lhe os olhos, lá do patamar, como precaução, receoso de que ele se tenha agastado com a demora e haja partido antes do tempo. Por fim o inimigo se retira e então Smallweed chama Jobling para que suba.

— Bem, como vai você? — diz o Sr. Guppy, apertando-lhe as mãos. — Assim, assim. E você, como vai? Tendo o Sr. Guppy respondido que não há muito de que sentir-se satisfeito, o Sr. Jobling aventura uma pergunta: — Como vai ela? — O Sr. Guppy toma isso como uma liberdade e retruca: — Jobling, há cordas no pensamento humano... — Jobling pede desculpa.

— Todo e qualquer assunto, menos este! — diz o Sr. Guppy, com uma lúgubre satisfação por essa injúria. — Porque há cordas, Jobling...

O Sr. Jobling pede desculpa de novo.

Durante esse curto colóquio, o ativo Smallweed, que também toma parte no jantar, escreveu com letra tabelioa numa tira de papel: “Volto sem demora.” Essa notificação a todos quantos possa interessar é introduzida na caixa de correspondência e depois, pondo o chapéu alto no mesmo ângulo de inclinação que o Sr. Guppy costuma usar o dele, informa o patrão de que poderão tomar sumiço.

Visto isso, dirigem-se a uma vizinha casa de pasto, da classe conhecida entre seus frequentadores pelo nome de “boteco”, onde a empregada, vigorosa matrona de quarenta anos, segundo corre, causou certa impressão no suscetível Smallweed, a respeito do qual se pode observar que é um ente sobrenatural para quem os anos nada significam. Permanece precocemente possuído de séculos de sabedoria de coruja. Se alguma vez esteve deitado num berço, por certo ali descansou de fraque. Smallweed tem um olho bem velho, e bebe e fuma com um jeito simiesco. Seu pescoço fica teso no colarinho. Nunca toma nota de nada, mas sabe de tudo, seja o que for. Em resumo, ao educar-se, foi tão nutrido pela Lei e pela Equidade que se tornou uma espécie de duende fóssil, contando-se nos escritórios públicos, para explicar-lhe a existência terrestre, que seu pai foi John Doe¹ e sua mãe o único membro do sexo feminino da família Roe,² e também que suas primeiras calças compridas foram feitas dum saco azul.

Dentro da casa de pasto, indiferente à sedutora exibição da vitrina de couves-flores artificialmente embranquecidas e de aves domésticas de cestas verdejantes de ervilhas, de florescentes pepinos frescos e de pernis prontos para o espeto, o Sr. Smallweed abre o caminho. Conhecem-no ali e dão-lhe passagem. Tem seu reservado favorito, encomenda todos os jornais, mostra-se carrancudo com patriarcas carecas que os conservam mais de dez minutos. É inútil tentá-lo com alguma coisa que não seja um pão inteiro, ou propor-lhe qualquer pernil partido, a menos que lhe caiba a melhor parte do mesmo. Em matéria de molhos é intransigente.

Côncio do seu poder de trasgo e submisso à sua terrível experiência, o Sr. Guppy consulta-o na escolha do banquete daquele dia, dirigindo-lhe um olhar suplicante quando a servente repete a lista das viandas e dizendo: “Que

é que você vai comer, Chick?” Tendo Chick, das profundezas de sua sapiência gastronômica, preferido “vitela, presunto e feijão, e não se esqueça do recheio, Polly” (com um sobrenatural revirar do olho venerando) — o Sr. Guppy e o Sr. Jobling pedem a mesma coisa. São acrescentados três canjirões de cerveja. A criada volta sem demora, carregando qualquer coisa que se assemelha a um modelo da torre de Babel, mas que na realidade é uma pilha de pratos e de tampas chatas de estanho. Aprovando o Sr. Smallweed o que está posto diante de si, dá a seu olhar antigo uma complacência inteligente e pisca para ela. Depois, entre constantes entradas e saídas, caminhadas dum lado para outro, barulho de louça de barro, zoada da máquina que traz da cozinha os saborosos pedaços de carne, chiado de gritos pedindo mais saborosos bocados, através do tubo acústico, chiado das contas de custo dos saborosos bocados já servidos, geral fluxo refluxo de pernis assados, trinchados e não-trinchados, numa atmosfera consideravelmente aquecida, na qual as facas sujas e as toalhas parecem explodir espontaneamente em erupções de gordura e manchas de cerveja, o triunvirato de serventuários da justiça aplaca seu apetite.

O Sr. Jobling está abotoado mais apertadamente do que o exigiria o simples adorno. Seu chapéu apresenta nas abas característico aspecto de natureza brilhante, como se houvesse sido ali o passeio favorito dum caracol. O mesmo fenômeno é visível em algumas partes de seu casaco, especialmente nas costuras. Tem o ar desbotado dum cavalheiro em circunstâncias embaraçosas. Até mesmo suas suíças louras pendem com um ar de ruína.

Seu apetite é tão vigoroso que faz supor que até há bem pouco tempo seu passado não era dos melhores. Dá cabo tão depressa do seu prato de vitela e presunto, limpando-o quando seus companheiros ainda se acham a meio dos seus, que o Sr. Guppy propõe outro.

— Sim, Guppy — diz o Sr. Jobling. — Na verdade não posso dizer que não aceite outro.

Trazido outro, ataca-o com a melhor vontade.

O Sr. Guppy de vez em quando o observa em silêncio, até que o vê pela metade do segundo prato, parando para saborear um gole do seu canjirão de cerveja (também renovado), espichando as pernas e esfregando as mãos. Surpreendendo-o nesse ardor de contentamento, diz o Sr. Guppy: — Você é outro homem, Tony!

— Oh! ainda não completamente — diz o Sr. Jobling. — Diga: apenas recém-nascido.

— Quer comer mais alguma verdura? Ervas? Ervilhas? Couve?

— Sim, Guppy — diz o Sr. Jobling. — Na verdade não posso dizer que não aceite umas couves.

A ordem é dada, com o sarcástico acréscimo (do Sr. Smallweed) de “sem lesmas, Polly!” E vêm as couves.

— Estou crescendo, Guppy — diz o Sr. Jobling, manejando a faca e o garfo com saborosa firmeza.

— Muito me alegra ouvir isso.

— De fato, acabo agora mesmo de dobrar a casa dos dez — diz o Sr. Jobling. Não diz mais nada até executar sua tarefa, que termina quando os Srs. Guppy e Smallweed dão por finda a deles, conquistando o campo em excelente estilo e batendo aqueles dois cavalheiros facilmente por mais uma vitela, um presunto e uma couve.

— Agora, Small — pergunta o Sr. Guppy —, que recomenda você como sobremesa?

— Geleia de mocotó — diz o Sr. Smallweed no mesmo instante.

— Ai, ai — exclama o Sr. Jobling, com olhar astuto. — Adivinhou, não? Sim, Sr. Guppy, não posso dizer que não aceite um pouco de geleia de mocotó.

Tendo sido servidas três geleias de mocotó, o Sr. Jobling acrescenta com divertido humor que está chegando depressa à maioridade. Às geleias sucedem-se, por ordem do Sr. Smallweed, “três Cheshires” (queijos), e a estes, “três pequenas doses de rum”. Atingido felizmente esse ápice da festinha, o Sr. Jobling põe as pernas em cima do assento de lona (não tendo a incomodá-lo nenhum companheiro de banco), encosta-se à parede e diz: — Agora já cresci, Guppy. Cheguei à maturidade.

— E agora que pensa você — pergunta o Sr. Guppy — a respeito?... Não se importe com Smallweed.

— Nada desta vida. Tenho o prazer de beber à saúde dele!

— À sua, senhor! — diz o Sr. Smallweed.

— Eu ia dizendo — prossegue o Sr. Guppy —, que pensa você agora da minha ideia de sentar praça?

— Ora, o que posso pensar depois do jantar — responde o Sr. Jobling — é uma coisa, meu caro Guppy, e o que posso pensar antes do jantar é outra coisa. E ainda mesmo depois do jantar faço a mim próprio a pergunta: “Que irei fazer? Como hei de viver? Il fô manger, você sabe — diz o Sr. Jobling pronunciando esta frase como se significasse um adorno necessário numa estrebria inglesa. — “Il fô manger.” É um dito francês, e “manger” é tão necessário para mim como para um francês. Ou mais ainda.

O Sr. Smallweed é decididamente de opinião que “muito mais ainda”.

— Se algum homem me tivesse dito — prossegue Jobling — mesmo tão recentemente como quando você e eu brincávamos em Lincolnshire, Guppy, e saímos de carro para ver aquela casa em Castle Wold...

O Sr. Smallweed corrige: — Chesney Wold.

— Chesney Wold. (Agradeço a meu honrado amigo o animador aparte.) Se alguém me houvesse dito então que eu estaria em tais apuros atualmente, como na verdade me encontro, eu teria... eu teria investido contra ele — diz o Sr. Jobling, tomando um gole de aguardente, com um ar de desesperada resignação —, eu me teria lançado em cima da cabeça dele.

— Calma, Tony, você estava passando apertos então — objeta o Sr. Guppy. — Era só disso que você falava no carro.

— Guppy — diz o Sr. Jobling —, não o negarei. Eu estava em apertos. Mas acreditava que as coisas fossem rodando.

Aquela bem popular confiança em que as coisas chatas “rodassem”! Não que fossem forjadas redondas, mas que “rodassem”! Como um lunático que acreditasse que o mundo estivesse “ficando” triangular!

— Eu tinha fundadas esperanças de que as coisas “rodariam” e tudo se aplanaria — diz o Sr. Jobling com certa vaguidade de expressão e talvez também de sentido. — Mas fiquei decepcionado. Elas nunca rodaram. E quando se chegou ao ponto de os credores fazerem fila no escritório, e o povo com quem o escritório tinha negócios fazer reclamações contra suas traficâncias com o dinheiro depositado, ah! foi o fim daquela sociedade. E de qualquer outra nova sociedade profissional também, pois se eu tivesse de dar

referências amanhã, a primeira seria mencionada e eu ficaria arruinado. Então que há de um camarada fazer? Tive de ser posto de lado, de viver mesquinamente, vagueando pelas hortas. Mas que vale viver parcamente quando não se ganha dinheiro? Podia-se da mesma forma levar vida cara.

— Melhor — pensa o Sr. Smallweed.

— Decerto. É uma forma elegante, e a elegância e as suíças têm sido o meu fraco, não me envergonho de dizê-lo — acrescenta o Sr. Jobling. — São grandes fraquezas, com os diabos, são grandes fraquezas! Mas — prossegue o Sr. Jobling, depois duma desafiadora visita no seu cálice de rum — que pode um sujeito fazer, pergunto eu, senão sentar praça?

O Sr. Guppy entra mais em cheio na conversa para expor o que, na sua opinião, um sujeito pode fazer. Suas maneiras são as maneiras gravemente impressivas de um homem que não se comprometeu na vida, a não ser quando se tornou vítima de alguma terna desventura amorosa.

— Jobling — diz o Sr. Guppy —, eu mesmo e o nosso comum amigo Smallweed...

(O Sr. Smallweed observa modestamente: — Ambos cavalheiros! — e bebe.) — Tivemos uma ligeira conversa sobre esse assunto, mais de uma vez, desde que você...

— Pode dizer, foi despedido! — grita amargamente o Sr. Jobling. — Diga-o, Guppy. Era o que você queria dizer.

— Não ...ã ...o! Quando você deixou o foro — sugere delicadamente o Sr. Smallweed.

— Desde que você deixou o foro, Jobling — diz o Sr. Guppy —, falei ao nosso comum amigo Smallweed a respeito dum plano que ultimamente pensei em propor. Conhece Snagsby, o copista forense?

— Sei que há um copista com esse nome — responde o Sr. Jobling. — Não era dos nossos e não tenho amizade com ele.

— É dos nossos, Jobling, e eu tenho amizade com ele — replica o Sr. Guppy. — Pois bem! Recentemente o nosso conhecimento tornou-se mais íntimo em virtude de certas circunstâncias acidentais que me deram entrada em sua vida particular. Não é necessário estender-me a respeito dessas circunstâncias. Podem — ou não podem — ter lançado uma sombra sobre a

minha existência.

Como é essa a maneira complicada que tem o Sr. Guppy de tentar que seus amigos íntimos entrem no assunto para, no momento em que o abordam, voltar-se contra eles com atroz severidade, referindo-se às cordas do pensamento humano, tanto o Sr. Jobling como o Sr. Smallweed evitam a armadilha e guardam silêncio.

— Tais coisas podem ser — repete o Sr. Guppy — ou não podem ser. Não fazem parte do caso. Basta dizer que tanto o Sr. como a Sra. Snagsby se mostraram bem desejosos de obsequiar-me, e que Snagsby tem, nas épocas de mais trabalho, grande quantidade de cópias para distribuir. Tem todo o serviço de Tulkinghorn, além dum excelente negócio. Acredito que, se o nosso comum amigo Smallweed fosse posto na sala do Júri, poderia provar isso.

O Sr. Smallweed faz um gesto de anuência e parece ansioso para prestar o juramento.

— Ora, senhores do Júri — diz o Sr. Guppy —, quero dizer, ora, Jobling — você pode dizer que isso não dá para carro triunfante. De acordo. Mas é melhor isso do que nada, e melhor do que sentar praça. Você precisa de tempo. É necessário tempo para que aqueles negócios seus sejam esquecidos. Enquanto isso, você poderia viver em muito piores circunstâncias do que escrevendo para Snagsby.

O Sr. Jobling está a ponto de interromper, quando o sagaz Smallweed o detém com uma tosse seca e com estas palavras: — Hem! Shakespeare!

— No nosso caso há dois caminhos, Jobling — diz o Sr. Guppy. — Esse é o primeiro. Vamos ao segundo. Você conhece Krook, o chanceler, que mora do outro lado do beco. Escute cá, Jobling — diz o Sr. Guppy, no seu animador tom de interrogatório —, acho que você conhece Krook, o chanceler, que mora do outro lado do beco, não é?

— Conheço-o de vista — diz o Sr. Jobling.

— Conhece-o de vista. Muito bem. E conhece a velhinha Flite?

— Toda a gente a conhece — diz o Sr. Jobling.

— Toda a gente a conhece. Muito bem. Ora, tem sido um dos meus encargos ultimamente pagar a Flite certa renda semanal, deduzindo dela o montante de sua pensão semanal, que eu tenho pago (em virtude de instruções

recebidas) ao próprio Krook, regularmente, na presença dela. Isso me pôs em comunicação com Krook e ao corrente de seus hábitos e do que se passa em sua casa. Sei que tem um quarto para alugar. Você pode viver ali, pagando muito pouco, sob qualquer nome que queira usar, tão tranquilamente como se estivesse a centenas de milhas de distância. Ele não fará perguntas e aceitará você como inquilino, apenas com uma palavra minha e isso agora mesmo, se você quiser. E digo-lhe outra coisa, Jobling — continua o Sr. Guppy, que subitamente baixou a voz, tornando-se de novo familiar —, ele é um sujeito extraordinário: está sempre escabichando em rimas de jornais, e esforçando-se para aprender a ler e escrever, sem conseguir progredir um tantinho assim, ao que me parece. É um sujeito extraordinário, meu caro. Acho que vale a pena a gente fazer-lhe uma visitinha.

— Você não quer dizer que... — começa o Sr. Jobling.

— Quero dizer que — replica o Sr. Guppy encolhendo os ombros com adequada modéstia —, que eu não posso decifrar o que ele é. Apelo para o nosso comum amigo Smallweed, se ele me tem ou não ouvido observar que não posso descobrir o mistério daquele homem.

O Sr. Smallweed presta seu conciso testemunho, dizendo: — Um pouco!

— Tenho visto alguma coisa da profissão e alguma coisa da vida, Tony — diz o Sr. Guppy e é raro que não consiga decifrar um homem, mais ou menos. Mas nunca encontrei outro sujeito desse *ilegível*, tão sagaz, tão manhoso e misterioso, embora ele não seja nenhum abstêmio, segundo me consta. Ora, ele deve ser muito velho e não tem ninguém por si. Fala-se, além disso, que é imensamente rico. Se é contrabandista, receptador, penhorista não-licenciado ou agiota — por diversas vezes já tenho pensado em tudo isso —, talvez valesse a pena descobrir alguma coisa a respeito dele. Não vejo por que você não deva tentar a coisa, quando tudo se mostra tão promissor.

O Sr. Jobling, o Sr. Guppy e o Sr. Smallweed, todos descansam os cotovelos em cima da mesa e os queixos em cima das mãos, e têm os olhos espetados no teto. Depois de uma pausa, todos três bebem devagarinho, recostam-se, metem as mãos nos bolsos e olham uns para os outros.

— Se eu tivesse a energia de outrora, Tony! — diz o Sr. Guppy, com um suspiro. — Mas há cordas no espírito humano...

Expressando o restante de seu desolado sentimento no cálice de

aguardente, o Sr. Guppy conclui deixando a decisão da aventura ao arbítrio de Tony Jobling e informando-o de que, durante as férias e enquanto as coisas estão paradas, sua bolsa, “até o limite de três, quatro ou mesmo cinco libras”, estará à sua disposição. — Porque nunca se haverá de dizer — acrescenta o Sr. Guppy com ênfase — que Guilherme Guppy voltou as costas a seu amigo!

A última parte da proposta vem tão diretamente a propósito que o Sr. Jobling diz, comovido: — Guppy, meu trunfo, a sua mão! — O Sr. Guppy apresenta-a, dizendo: — Jobling, meu velho aqui está ela! — O Sr. Jobling replica: — Guppy, temos sido companheiros há já bons anos! — O Sr. Guppy concorda: — É mesmo, Jobling!

Depois apertam as mãos e o Sr. Jobling acrescenta, de maneira afetuosa: — Obrigado, Guppy, não posso dizer que não aceite outro copo, para festejar a nossa velha amizade.

— O último inquilino de Krook morreu lá — observa o Sr. Guppy como que por acaso.

— E com isso? — pergunta o Sr. Jobling.

— Houve veredicto. Morte por acidente. Não se importa com isso?

— Não — diz o Sr. Jobling. — Não me importo. Mas ele poderia muito bem ter morrido em qualquer outra parte. É inexplicável ter ele ido morrer justamente no lugar que é meu!

O Sr. Jobling mostra-se grandemente melindrado com essa liberdade, voltando várias vezes ao assunto com observações tais como: — Não faltam lugares onde morrer, penso eu! — ou: — Ele não gostaria, garanto, que eu fosse morrer no quarto dele!

Contudo, feito virtualmente o ajuste, o Sr. Guppy propõe se despache o fiel Smallweed para se certificar de que o Sr. Krook está em casa e, em caso afirmativo, poderem concluir o negócio sem demora. Tendo o Sr. Jobling aprovado a ideia, mete-se Smallweed debaixo do seu chapéu alto e transporta-o pelas salas do restaurante, imitando o jeito de Guppy. Daí a pouco volta com a informação de que o Sr. Krook está em casa, pois o viu pela porta da loja, sentado no fundo, a dormir “como um bem-aventurado”.

— Então vou pagar — diz o Sr. Guppy — e iremos lá ver o homem. Small, quanto será?

O Sr. Smallweed, chamando a empregada com um piscar de olhos, vai logo dizendo: — Quatro vitelas e presuntos, três; quatro batatas, três e quatro; uma couve de verão, três e seis; três geleias, quatro e seis; seis pães, cinco; três Cheshires, cinco e três; quatro canjirões de cerveja, seis e três; quatro pequenas doses de rum, oito e três; mais três para Polly, são oito e seis. Oito e seis em meio soberano, sobram dezoito *pence*, Polly.

Nada excitado por tão estupendos cálculos, Smallweed despede seus amigos com um frio gesto de cabeça e fica para admirar um pouquinho Polly, quando se ofereça oportunidade, e para ler os jornais do dia, que são tão grandes em comparação com ele, estando sem chapéu, que, quando desdobra o *Times* para correr os olhos pelas colunas, parece ter-se recolhido, desaparecendo debaixo dos lençóis.

O Sr. Guppy e o Sr. Jobling encaminham-se para a loja de trapos e garrafas, onde encontram Krook dormindo ainda como um bem-aventurado, isto é, ressonando estertorosamente, com o queixo sobre o peito e completamente insensível a quaisquer sons exteriores ou mesmo a uma leve sacudidela. Na mesa, ao lado dele, entre os trastes habituais, vê-se uma garrafa vazia de genebra e um copo. Toda a atmosfera está tão saturada desse licor, que até os olhos verdes da gata, em cima de sua estante, à medida que se abrem e fecham e brilham diante dos visitantes, parecem ébrios.

— Levante-se! — exclama o Sr. Guppy, dando outra sacudidela no corpo amolecido do velho. — Sr. Krook! Acorde!

Mas talvez seria mais fácil despertar uma trouxa de roupa velha, com um calor de álcool a arder dentro dela. — Já viu que estupor terrível esse em que ele cai depois que bebe e dorme? — pergunta o Sr. Guppy.

— Se este é o seu sono regular — comenta Jobling, um tanto alarmado —, durará muito tempo qualquer dia destes, penso eu.

— Parece sempre mais um desmaio do que uma soneca — diz o Sr. Guppy, sacudindo-o de novo. — Acorde, homem! Bolas! Ele poderia ser roubado mais de cinquenta vezes! Abra os olhos!

Depois de muito barulho, o Sr. Krook os abre, mas não parece enxergar seus visitantes ou quaisquer outros objetos. Ainda que cruze uma perna sobre a outra, enlace as mãos e várias vezes abra e feche os lábios secos, parece tão insensível como dantes a qualquer intento e propósito.

— Seja como for, está vivo — diz o Sr. Guppy. — Como vai o senhor, meu Lorde Chanceler? Trouxe um amigo meu para tratarmos dum pequeno negócio.

O velho conserva-se sentado, estalando muitas vezes os beiços secos, inteiramente inconsciente. Depois de alguns minutos, faz uma tentativa para levantar-se. Eles o ajudam e o homem cambaleia de encontro à parede, ficando a olhá-los.

— Como vai, Sr. Krook? — pergunta o Sr. Guppy, um tanto desconcertado. — Como vai o senhor? Tem um aspecto soberbo, Sr. Krook. Espero que esteja passando bem.

O velho, tentando dar um murro casual no Sr. Guppy ou em coisa nenhuma, oscila, girando, e vem a ficar com a cara encostada à parede. Assim permanece um minuto ou dois, como se fosse uma trouxa. Depois atravessa, a cambalear, a loja até a porta da rua. O ar, o movimento do largo, o tempo decorrido, ou talvez a combinação de todas essas coisas cura-lhe a embriaguez. Volta suficientemente firme, ajeitando o gorro de pele na cabeça e olhando escrutadoramente para os dois.

— Um seu criado, cavalheiro. Estava tirando uma soneca. Ih! Sou duro de acordar às vezes.

— Na verdade, um tanto duro — concorda o Sr. Guppy.

— O quê? O senhor levou algum tempo tentando fazê-lo, não? — perguntou o suspeito Krook.

— Só um pouco — explica o Sr. Guppy.

Tendo o olhar do velho pousado sobre a garrafa vazia, levanta-a, examina-a e vagarosamente a revira de gargalo para baixo.

— Vejam só! — grita ele. — Alguém andou por aqui a escorropichar-me a garrafa!

— Garanto-lhe que já a encontramos assim — diz o Sr. Guppy. — Permite que a mande encher para o senhor?

— Sim, por certo que permito! — exclama Krook com imenso júbilo. — Por certo que permito! Mande enchê-la aí na porta contígua — Sol's Arms — com aquela pela qual o Lorde Chanceler cobra catorze *pence*. Deus ajude. Eles *me* conhecem.

Assim dizendo, põe a garrafa vazia nas mãos do Sr. Guppy, aceitando este o encargo, e, com um gesto de cabeça para seu amigo, sai às carreiras e volta da mesma forma, trazendo a garrafa cheia. O velho recebe-a nos braços como um neto querido e lhe dá palmadinhas de ternura.

— Mas garanto — murmura ele de olhos fechados, depois de prová-la — que esta não é a de catorze pence do Lorde Chanceler. É a de dezoito pence!

— Pensei que o senhor achasse essa melhor — diz o Sr. Guppy.

— O senhor é um fidalgo — replica Krook, provando outro gole, seu hálito ardente parece avançar para os outros dois homens como uma labareda. — O senhor é um barão senhor de terras.

Aproveitando esse auspicioso momento, o Sr. Guppy apresenta seu amigo, sob o improvisado nome de Sr. Weevle, e expõe o motivo de sua visita. Krook, com a garrafa debaixo do braço (ele nunca ultrapassa certo ponto, tanto de embriaguez como de sobriedade), leva tempo a observar seu proposto inquilino e parece aprová-lo.

— Gostaria de ver o quarto, rapaz? — pergunta. — Ah! é um ótimo quarto! Bem caiado. Bem lavado com sabão e soda. Vale duas vezes o aluguel que cobro, sem falar na minha companhia quando a desejar, e numa gata para afugentar os ratos.

Gabando o quarto dessa maneira, o velho leva-os até acima, onde de fato eles veem que o quarto está mais limpo do que de costume e mobilado também com alguns móveis antigos que o velho trouxe lá de suas inesgotáveis reservas. Os termos do negócio são facilmente concluídos, pois o Lorde Chanceler não se pode mostrar muito exigente com o Sr. Guppy, associado como é a Kenge e Carboy, Jarndyce e Jarndyce e outros famosos processos de sua consideração profissional, e fica combinado que o Sr. Weevle tomará posse do seu quarto no dia seguinte. O Sr. Weevle e o Sr. Guppy dirigem-se depois à Rua Cursitor, Largo do Cozinheiro, onde a apresentação pessoal daquele ao Sr. Snagsby é levada a efeito e (mais importante ainda) fica assegurado o voto e o interesse da Sra. Snagsby. Em seguida dão conta do sucedido ao eminente Smallweed, que ficou à espera no escritório, tendo sempre na cabeça o seu chapéu alto. E separam-se. O Sr. Guppy explica que gostaria de terminar aquela festinha convidando-os a ir ao teatro, mas que há cordas no espírito humano que tornariam a peça uma zombaria sem sentido.

No dia seguinte, ao lusco-fusco, o Sr. Weevle aparece modestamente na casa de Krook, sem o incômodo de bagagem, e estabelece-se no seu novo alojamento, onde os dois olhos dos postigos olham para ele quando dorme, como se estivessem cheios de espanto. No dia seguinte, o Sr. Weevle, que é um rapaz jeitoso mas inútil, pede emprestada uma agulha e uma linha a Miss Flite e um martelo a seu senhorio, e põe-se a trabalhar num simulacro de cortinas de janelas, batendo pregos imaginários para estantes, e pendurando suas duas xícaras de chá, o bule de leite e diversas loucinhas de barro em ganchinhos ordinários, como um marinheiro naufragado que se arranja como melhor pode.

Mas o que o Sr. Weevle mais preza de todas as suas pequeninas posses (logo depois de suas suíças, às quais tem um apego que somente suíças podem despertar no coração do homem) é uma coleção escolhida de gravuras de cobre daquela obra verdadeiramente nacional, “As Divindades de Albion”, ou “Galeria da Beleza Britânica”, representando senhoras da nobreza e da moda, em toda a variedade de sorrisos afetados que a arte, combinada com o dinheiro, é capaz de produzir. Com esses magníficos retratos, imerecidamente encerrados numa caixa de papelão durante o tempo em que se homiziara nas hortas, adorna ele seu quarto; e como a “Galeria da Beleza Britânica” ostenta toda a variedade de vestidos imaginosos, toca toda a variedade de instrumentos musicais, acaricia toda a variedade de cães, olha de soslaio toda a variedade de perspectivas e tem como fundo de quadro toda a variedade de jarras de flores e de balaustradas, o resultado é muito imponente.

Mas a moda é o ponto fraco do Sr. Weevle, como era o de Tony Jobling. Pedir emprestado de tarde na Sol’s Arms o jornal do dia anterior e ler o que se diz dos brilhantes e distintos meteoros que estão a cindir o firmamento da moda em todas as direções é para ele uma consolação inexprimível. Saber que membro de que brilhante e distinto círculo realizou a brilhante e distinta proeza de entrar ontem para ele ou contemplar a não menos brilhante e distinta proeza de deixá-lo amanhã, dá-lhe um arrepio de prazer. Estar informado daquilo em que se ocupa a “Galeria da Beleza Britânica” e daquilo em que ela pretende ocupar-se, quais são os casamentos da “Galeria” que estão em perspectiva, quais os boatos da “Galeria” em circulação, é o mesmo que estar a par dos mais gloriosos destinos da humanidade. Dessas informações o Sr. Weevle volta para os retratos da “Galeria”, nelas citados, e parece conhecer os originais e ser deles conhecido.

Quanto ao mais, é um inquilino sossegado, cheio de habilidades e invenções já antes mencionadas, capaz de cozinhar e de lavar para si mesmo, bem como carpintear e dedicar-se a inclinações sociais depois que as sombras da noite caem no largo. Nessas ocasiões, quando não é visitado pelo Sr. Guppy ou por uma criaturinha a ele semelhante, abafada por um escuro chapéu, sai do quarto sombrio — onde herdou toda a escrivaninha de tábua de pinho salpicada por uma chuva de tinta — e conversa com Krook ou mostra-se “muito dado”, como dizem no largo, elogiosamente, com qualquer um que esteja disposto a conversar. Por esse motivo a Sra. Piper, que governa o largo, é tentada a fazer duas observações à Sra. Perkins. Primeiro: se o Joãozinho dela tivesse de usar suíças, gostaria que fossem iguais às daquele rapaz; e segundo: tome nota do que lhe digo, Sra. Perkins, e não fique surpreendida, guarde-a Deus, se aquele rapaz não tiver aparecido por aqui atrás do dinheiro do velho Krook!

1. Nomes fictícios aplicados a qualquer pessoa que seja parte num processo. (N. do T.)

2. Nomes fictícios aplicados a qualquer pessoa que seja parte num processo. (N. do T.)

A FAMÍLIA SMALLWEED

Numa vizinhança de mau aspecto e malcheirosa, embora um de seus terrenos elevados use o nome de Monte Alegre, o trasgo Smallweed, batizado com o nome de Bartolomeu e conhecido no lar doméstico como Bart, passa aquela limitada parte de seu tempo na qual o escritório e suas obrigações não exercem suas exigências. Mora numa ruazinha estreita, sempre erma, sombria e triste, apertadamente cercada de tijolos por todos os lados, como um túmulo, mas onde permanece ainda o tronco de uma velha árvore florestal, cujo perfume é quase tão fresco e natural como o aroma de juvenildade de Smallweed.

Tem havido apenas uma criança em várias gerações da família Smallweed. Velhinhos e velhinhas tem havido, mas nenhuma criança, até que a avó do Sr. Smallweed, ainda viva, ficou de miolo mole, e passou (pela primeira vez) ao estado pueril. Com graças tão infantis, como falta total de observação, de memória, de compreensão e de interesse, e uma eterna predisposição para adormecer por cima do fogo e dentro dele, a avó do Sr. Smallweed tem indubitavelmente ilustrado a família.

O avô do Sr. Smallweed também faz parte da turma. Quanto aos membros superiores do seu corpo e quase outro tanto quanto aos inferiores, suas condições são irremediáveis, mas seu juízo está intato. Retém, tão bem como sempre reteve, as quatro primeiras operações da aritmética e certa pequena coleção de fatos mais complicados. A respeito de ideal, reverência, maravilha e outros que tais atributos frenológicos, não está pior do que costumava estar. Tudo quanto o avô do Sr. Smallweed alguma vez meteu na cabeça foi a princípio uma larva e continua a ser uma larva. Em toda a sua vida jamais criou uma simples borboleta.

O pai desse agradável avô, das vizinhanças de Monte Alegre, foi uma espécie de aranha bípede, de pele córnea e ganhadora de dinheiro, que tecia teias para pegar moscas incautas e retirava-se para uns buracos, até que elas

caíssem no laço. O nome do deus desse velho pagão era Juros Compostos. Viveu por ele, casou com ele, morreu dele. Tendo sofrido pesada perda numa pequena empresa honesta, na qual se entendia que toda a perda devesse estar do outro lado, rompeu-se-lhe qualquer coisa (qualquer coisa necessária à sua existência; por isso não poderia ter sido seu coração) que pôs fim à sua carreira. Como seu caráter não era bom e ele fora criado numa Escola de Caridade num curso completo, com as competentes perguntas e respostas, daqueles antigos povos — os amoritas e os bititas —, era frequentemente citado como exemplo do malogro da educação.

Seu espírito brilhava através do filho, a quem sempre pregara que “ganhasse cedo” a vida, e a quem fez escrevente, contando ele doze anos, no cartório dum áspero notário. Ali o jovem cavalheiro desenvolveu seu espírito, que era de caráter mesquinho e impaciente, e, valorizando os dotes da família, gradualmente se elevou na profissão de cambista. Ganhando cedo a vida e casando-se tarde, como seu pai havia feito antes dele, gerou também um filho de juízo fraco e impaciente, o qual, por seu turno, ganhando cedo a vida e casando-se tarde, veio a ser o pai dos gêmeos Bartolomeu e Judite Smallweed. Durante todo o tempo consumido no lento crescer dessa árvore familiar, a casa de Smallweed, sempre precoce no ganhar a vida e tardia no casar-se, fortificou-se no seu caráter prático, desfez-se de todas as diversões, desaprovou todos os romances, contos de fadas, ficções e fábulas e banuiu toda e qualquer futilidade. Daí o fato satisfatório de não lhe ter nascido criança e de apresentarem os completos homenzinhos e mulherzinhas por ela produzidos certa semelhança com velhos macacos, e de terem o juízo um tanto deficiente.

Nesse momento, no escuro salãozinho, uns centímetros abaixo do nível da rua — saleta feia, inóspita, tosca, apenas ornamentada com os mais grosseiros atoalhados de baeta e com as mais ordinárias bandejas de chá de latão, e oferecendo no seu caráter decorativo uma alegórica representação nada má do juízo de vovô Smallweed —, sentados em duas cadeiras de dossel de crina preta, uma de cada lado do fogo, os velhíssimos Sr. e Sra. Smallweed passam as horas róseas. Em cima da estufa está um par de tripeças para panelas e chaleiras, cuja vigilância é a ocupação usual de vovô Smallweed, e, ressaíndo da prateleira da chaminé entre elas, vê-se uma espécie de forcas de bronze para assar, que ele também superintende quando a mesma está funcionando. Debaixo da cadeira do venerando Sr. Smallweed e guardada por

suas pernas de cambito, há uma gaveta que contém, segundo se diz, fabulosa quantidade de dinheiro. Ao lado dele está uma almofada de sobressalente, sempre à mão para ele ter alguma coisa que atirar contra a veneranda companheira de sua respeitável idade quando ela faz qualquer alusão a dinheiro — assunto a respeito do qual ele se mostra bastante sensível.

— Onde está Bart? — pergunta vovô Smallweed a Judite, irmã gêmea de Bart.

— Ele ainda não voltou — diz Judite.

— É hora do chá dele?

— Não.

— Quanto falta então?

— Dez minutos.

— Hem?

— Dez minutos — (Judite fala mais alto).

— Oh! — diz vovô Smallweed. — Dez minutos.

Vovô Smallweed, que tem estado a resmungar e a menear a cabeça diante das tripeças, ouvindo mencionar números, relaciona-os com dinheiro e solta um grito agudo, como um horrível papagaio velho todo pelado: — Dez notas de dez libras!

Vovô Smallweed imediatamente joga-lhe em cima a almofada.

— Ora bolas! Fique calada! — diz o bom do velho.

O efeito desse ato de arremesso é duplo. Não só faz dobrar a cabeça da Sra. Smallweed para um lado da cadeira de rodas e faz com que ela apresente, quando a neta a livra da almofada, uma carapuça muito pouco adequada, mas o esforço exigido faz ricochete no próprio Sr. Smallweed, que é lançado para trás na sua cadeira, como uma boneca desmantelada. Não sendo o velho, nessas ocasiões, mais que uma trouxa de roupa com um gorro preto em cima, não apresenta um aspecto muito animado até sofrer, às mãos da neta, duas operações: ser sacudido como um garrafão e socado e ajeitado como um grande travesseiro. Sendo por esses meios provocado nele o aparecimento de qualquer coisa com semelhança de um pescoço, ele e a sócia da tarde da sua vida sentam-se de novo em frente um do outro nas suas cadeiras de dossel,

como um par de sentinelas há muito tempo esquecidas no seu posto pelo Sargento Negro — a Morte.

Judite, a gêmea, é digna companhia daqueles dois sócios. É tão fora de dúvida irmã de Smallweed neto, que os dois, amassados numa forma só, dificilmente dariam uma pessoa jovem de proporções medianas. Ela mesma com tamanha felicidade exemplifica a já mencionada semelhança da família com a tribo simiesca, que, trajando um vestido de lentejoulas e com um gorro, poderia andar pela superfície dum realejo sem excitar mais atenção que um espécime comum de mono. Nas circunstâncias habituais, porém, anda vestida com uma bata feia e ordinária, de pano castanho.

Judite nunca possuiu uma boneca, nunca ouviu falar na Gata Borracheira, nunca brincou em qualquer jogo. Uma ou duas vezes teve ocasião de ver-se em companhia de crianças, quando tinha uns dez anos de idade, mas as crianças não podiam combinar com Judite, e Judite não podia combinar com as crianças. Parecia um animal de outra espécie, e havia, tanto de uma parte como de outra, instintiva repugnância. E bastante duvidoso que Judite saiba rir. Tão raramente tem visto alguém rir, que há fortes probabilidades de que não o saiba. Não pode ter decerto nenhuma concepção do que seja uma risada juvenil. Se experimentasse dar uma risada, encontraria os dentes no meio do caminho, modelando aquele gesto de seu rosto, como tem modelado inconscientemente todas as suas outras expressões, pelo padrão da idade sórdida. Tal é Judite.

E seu irmão gêmeo nunca na sua vida soube enrolar um pião. Sabe tanto a respeito de Jack, o Matador de Gigantes, ou de Simbad, o Marujo, quanto a respeito dos habitantes da lua. Era a coisa mais impossível do mundo ele pular “carriça” ou jogar “críquete”. Mas está em situação bem melhor que sua irmã, porquanto no seu estreito mundo de fatos raiou uma clareira dentro de regiões mais dilatadas, como as que estão compreendidas na esfera do Sr. Guppy. Daí sua admiração e sua emulação por aquele brilhante feiticeiro.

Judite, com um batido e um barulho semelhante ao de um gongo, coloca uma das bandejas de latão em cima da mesa e arruma xícaras e pires. Coloca o pão num cesto de ferro e a manteiga (não muita) num pratinho de estanho. Vovô Smallweed vai seguindo com olhos torvos o chá enquanto é servido, e pergunta a Judite onde está a moça.

— Refere-se a Charley? — pergunta Judite.

— Hem? — interroga vovô Smallweed.

— Refere-se a Charley?

Isso toca numa mola de vovô Smallweed, que, rindo como de costume diante das tripeças, exclama: — Por cima d'água! Charley por cima d'água, Charley por cima d'água, por cima d'água para Charley, Charley por cima d'água, por cima d'água para Charley! — tornando-se vivaz ao dizer isso. Vovô olha para a almofada, mas ainda não recuperou suficientemente as energias depois do seu último esforço.

— Ah! — diz ele, quando se faz silêncio — se é esse o nome dela. Ela come demais. Seria melhor deixar por conta dela sua alimentação.

Judite, com o piscar de olhos de seu irmão, sacode a cabeça e enrug a boca num “Não”, mas sem pronunciá-lo.

— Não? — replica o velho. — Por que não?

— Precisaria de seis *pence* por dia, e nós podemos fazer isso por menos — diz Judite.

— Deveras?

Judite responde com um aceno muito expressivo e, enquanto passa manteiga no pão, com todo o cuidado para não desperdiçar, e o corta em fatias, chama: — Charley, onde está você? — Timidamente submissa ao chamado, uma mocinha, com um grosseiro avental e uma grande touca, de mãos cobertas de sabão e água e com um esfregão numa delas, aparece e cumprimenta.

— Que trabalho está você agora fazendo? — pergunta Judite, trejeitando para ela uma antiga careta, como uma megera rabugenta.

— Estou limpando a escada do quarto de trás, senhorita — responde Charley.

— Trate de fazer o serviço muito bem-feito e não perca tempo. Fazer cera não me serve. Avie-se! Vá-se embora! — grita Judite, batendo com o pé no chão. — Vocês moças dão muito mais trabalho do que outra coisa.

Sobre essa severa matrona, quando ela volta à sua tarefa de passar manteiga no pão e cortá-lo em fatias, cai a sombra de seu irmão, olhando da janela para dentro da sala. De faca e pão em punho, Judite vai abrir-lhe a

porta da rua.

— Ah! ah! Bart! — exclama vovô Smallweed. — Até que enfim, hem?

— Cá estou — diz Bart.

— Ficou de novo com seu amigo, Bart?

Small acena que sim.

— Jantando à custa dele, Bart?

Small acena de novo que sim.

— Está direito. Viva à custa dele tanto quanto puder e acautele-se contra o seu louco exemplo. Nisso consiste a única utilidade de ter tal amigo — diz o venerando sábio.

Seu neto, sem receber esse bom conselho com a consideração devida, honra-o com a aceitação que pode existir num leve piscar d'olhos e num aceno de cabeça, e puxa uma cadeira para junto da mesa de chá. Veem-se então aqueles quatro velhos rostos em frente às xícaras, com qualquer coisa a lembrar um grupo de querubins de má morte, a Sra. Smallweed dando continuamente repelões à cabeça e falando para as tripeças, e o Sr. Smallweed exigindo ser repetidamente sacudido, como um grande tubo preto de ventilação de chaminé.

— Sim, sim — diz o bom do velho, voltando à sua lição de sabedoria. — Tal conselho é que seu pai lhe deveria ter dado, Bart. Você não conheceu seu pai. Tanto pior. Não negava que era filho meu.

— Não se sabe se com isso queria dizer que o filho tinha uma aparência agradável.

— Não negava que era meu filho — repete o velho, pondo seu pão com manteiga em cima dos joelhos — um bom perito em contabilidade, e morreu há quinze anos.

A Sra. Smallweed, seguindo seu habitual instinto, começa a dizer: — Quinze centenas de libras. Quinze centenas de libras numa caixa preta, quinze centenas de libras encerradas, quinze centenas de libras guardadas e escondidas — Seu digno marido, pondo de lado o pão com manteiga, imediatamente descarrega a almofada sobre ela, achata-a de encontro ao lado da cadeira dela e cai para trás na sua própria cadeira, extenuado. Seu aspecto,

depois de aplicar à Sra. Smallweed uma daquelas advertências, é particularmente impressionante e não de todo atraente: primeiro, porque em geral o esforço faz pender seu gorro preto sobre um olho, dando-lhe um ar de canalhice de duende; segundo, porque resmunga violentas imprecações contra a Sra. Smallweed; e terceiro, porque o contraste entre aquelas vigorosas expressões e sua fraca figura faz pensar num velho e perverso malfeitor, que seria muito malvado se pudesse. Tudo isso, porém, é tão comum no círculo da família Smallweed que não causa impressão. O velho é simplesmente sacudido como um travesseiro, ficando com suas plumas internas bem socadas; a almofada volta ao seu lugar costumeiro, ao lado dele, e a velha, talvez com sua touca reajustada, talvez não, é reposta novamente na sua cadeira, pronta para ser mais uma vez derrubada como um fito.

Passa-se algum tempo, no caso presente, antes que o velho esteja suficientemente calmo para retomar a fala e, ainda assim, mistura-a com vários e edificantes expletivos, dirigidos à sua inconsciente cara-metade, que nenhuma relação mantém na terra com coisa alguma, a não ser com as tripeças. Assim fala ele: — Se seu pai, Bart, tivesse vivido mais, poderia ter ganho muito dinheiro (sua tagarela rabugenta!), mas justamente quando estava começando a construir a casa para a qual estivera fazendo os alicerces durante tantos anos (sua pega ordinária, gralha velha, papagaio caduco, que quer você dizer?), adoeceu e morreu duma febre maligna, tendo sido sempre um homem frugal e poupado, cheio de preocupações comerciais; (gostaria de jogar em cima de você uma gata em vez duma almofada, e acabo jogando mesmo, se você continuar a fazer-se tola), e sua mãe, que era uma mulher prudente, seca como um cavaco, foi minguando como madeira podre depois que você e Judite nasceram. (Você não passa duma porca velha. Você é uma porca ordinária. Você é uma cabeça de porco!) Judite, desinteressada daquilo que já ouviu tantas vezes, começa a recolher numa tigela, dos fundos das xícaras e pires e do fundo do bule, várias correntes tributárias de chá para a ceia da empregadinha. Da mesma forma, ajunta no cesto próprio todos os fragmentos e bicos roídos de pão, que a rígida economia da casa permitiu que sobrassem.

— Mas seu pai e eu éramos sócios, Bart — diz o velho —, e quando eu me for, você e Judite ficarão com tudo o que há. Excelente foi que vocês dois tivessem começado cedo a ganhar a vida. Judite no comércio de flores, e você na justiça. Vocês não precisam gastar o que eu deixar. Ganharão sua vida, sem

esse dinheiro e até aumentarão o que já existe. Quando eu morrer, Judite voltará ao comércio de flores e você continuará no foro.

Do aspecto de Judite poder-se-ia inferir que seu comércio era mais de espinhos do que de flores, mas, quando menina, fora aprendiz da arte e dos mistérios da fabricação de flores artificiais. Um observador agudo poderia talvez descobrir, tanto nos olhos dela como nos do irmão, quando seu venerável avô se refere antecipadamente à sua própria morte, certa pequena impaciência em saber quando é que isso se dará, e certa opinião, cheia de ressentimento, de que já era tempo de que isso se desse.

— Agora, se ninguém quer mais nada — diz Judite, terminando seus preparativos —, vou trazer a rapariga aqui para tomar chá. Não acabará nunca se o tomar lá na cozinha.

E assim Charley é introduzida na sala e, sob um pesado fogo de olhares, senta-se diante de sua tigela e daquela druídica ruína de pão com manteiga. Na ativa vigilância da jovem criatura, Judite Smallweed parece atingir uma idade perfeitamente geológica e datar dos mais remotos períodos. Sua maneira sistemática de voar sobre ela e aferrá-la com ou sem pretexto, com ou sem razão, é maravilhosa, revelando uma perfeição na arte de conduzir moças, raramente alcançada pelos mais velhos profissionais.

— Agora não fique a olhar para o tempo a tarde inteira — grita Judite, sacudindo a cabeça e batendo com os pés, quando acontece surpreender o olhar que esteve previamente sondando a tigela de chá — mas trate de comer e volte para o seu trabalho.

— Sim, senhora — diz Charley.

— Não diga sim — replica Miss Smallweed — porque eu sei o que vocês moças são. Faça sem falar, que depois eu começo a acreditar em você.

Charley engole uma grande porção de chá em sinal de submissão, e de tal modo dispersa as ruínas druídicas que Miss Smallweed a repreende por gulosa, o que, observa ela, “em vocês moças” é desagradável. Charley talvez pudesse descobrir algumas dificuldades mais em satisfazer os pontos de vista da patroa sobre o tema geral das moças, mas salvou-a uma pancada na porta.

— Veja quem é e não esteja a mastigar quando abrir a porta! — grita Judite.

Tendo-se afastado para esse fim o objeto de suas atenções, aproveita Miss Smallweed a oportunidade para juntar os restos de pão com manteiga e lançar duas ou três xícaras sujas na maré baixa da tigela de chá, como a assinalar que considera terminado o comer e o beber.

— Ora! Quem é e o que deseja? — pergunta a rabugenta Judite.

Parece que é um tal “Sr. Jorge”. Sem outro anúncio ou cerimônia, o Sr. Jorge entra.

— Ótimo! — exclama o Sr. Jorge. — Como está quente aqui! Um foguinho sempre, hem! Ótimo! Talvez você tenha razão de se acostumar com isso. — O Sr. Jorge faz esta última observação para si mesmo ao cumprimentar vovô Smallweed.

— Oh! é você? — exclama o velho. — Como vai? Como vai?

— Assim, assim — responde o Sr. Jorge, puxando uma cadeira.

— Já tive a honra de conhecer antes sua neta. Às suas ordens, senhorita.

— Esse é o meu neto — diz vovô Smallweed. — Você ainda não o conhece. Trabalha em serviços forenses e não para muito em casa.

— Muito prazer também! Parece-se com a irmã. Parece-se muito com a irmã. r. o retrato dela — diz o Sr. Jorge.

— E como vão as coisas, Sr. Jorge? — pergunta vovô Smallweed, esfregando devagarinho as pernas.

— Mais ou menos como de costume. Vão rolando.

É um homem moreno de cinquenta anos, bem-feito e de boa aparência, com negros cabelos crespos, olhos brilhantes e peito largo. Suas mãos nervudas e possantes, tão queimadas de sol como seu rosto, foram de certo utilizadas numa vida bastante dura. Uma curiosidade notável sua é que se senta na ponta da cadeira, como se estivesse, por velho hábito, deixando espaço para alguma roupa ou petrechos que largou inteiramente de lado. Seu passo também é medido e pesado e iria bem com um forte choque e tinir de esporas. Está bem escanhado, mas sua boca mostra que o lábio superior esteve durante anos familiarizado com um basto bigode, e sua maneira de deixar a mão ampla e escura pousar de vez em quando sobre ele produz o mesmo efeito. Pode-se, pois, em geral conjecturar que o Sr. Jorge foi soldado de cavalaria alguma vez em sua vida.

Especial contraste forma o Sr. Jorge com a família Smallweed. Jamais soldado algum de cavalaria formou com o pessoal de uma casa maior contraste do que ele. Um espadagão diante de uma faca para ostras. Seu porte avantajado e o tamanho enfezado dos outros; seus gestos largos, enchendo quase toda a sala, e as maneiras mesquinhas e acanhadas dos outros; sua voz reboante e os sons aflautados dos outros — tudo isso está na mais forte e estranha oposição. Ao sentar-se no meio da sala sombria, um pouco inclinado para a frente, com as mãos sobre as coxas e os cotovelos para fora, parece que, se permanecer ali muito tempo, irá absorver toda a família e todos os quatro cômodos da casa, com a pequena cozinha e o mais que houver.

— Esfrega o senhor as pernas para dar-lhes vida? — pergunta ele a vovô Smallweed, depois de circunvagando a vista pela sala.

— Ora, isso é em parte um hábito, Sr. Jorge, e... sim, em parte ajuda a circulação — responde o interpelado.

— A cir-cu-la-ção! — repete o Sr. Jorge, cruzando os braços sobre o peito, o que parece torná-lo duas vezes mais dilatado. — Creio que não vale muito.

— É certo que sou velho, Sr. Jorge — diz vovô Smallweed — mas carrego bem os anos. Sou mais velho do que ela — e faz um gesto para sua mulher — mas veja o que ela é! Velha tagarela e rabugenta! — grita ele, assanhando-se de novo sua velha hostilidade.

— Coitada da pobre! — diz o Sr. Jorge, voltando a cabeça naquela direção. — Não descomponha a velha. Veja como ela está, com a pobre touca meio fora da cabeça e os cabelos todos embaraçados. Conserve-se firme, minha senhora. Assim é melhor. Pronto! Pense em sua mãe, Sr. Smallweed — diz o Sr. Jorge, voltando à sua cadeira, depois de haver ajudado a velha —, se a sua mulher não é bastante.

— Suponho que o senhor foi um excelente filho, Sr. Jorge — insinua o velho com um olhar malicioso.

A cor do rosto do Sr. Jorge torna-se mais sombria ao responder: — Não, não fui.

— Muito me admira.

— Também a mim. Eu devia ter sido um bom filho e penso que era meu

desejo ter sido. Mas não fui. Fui um filho mau e turbulento, para encurtar conversa, e nunca fui motivo de honra para ninguém.

— É surpreendente! — exclama o velho.

— Mas — continua o Sr. Jorge — agora quanto menos se falar a respeito disso, melhor. Vamos! O senhor conhece o trato. Sempre uma cachimbada pelos juro de dois meses! (Tolice! Vai tudo bem. O senhor não precisa ter medo de mandar preparar o cachimbo. Aqui está a nova promissória e o dinheiro dos juro de dois meses, e garanto que é um aperto dos diabolos arranjá-los no meu negócio.) O Sr. Jorge senta-se de braços cruzados, devorando a família e a sala, enquanto vovô Smallweed é ajudado por Judite a retirar duma escrivaninha fechada duas pastas de couro preto. Numa mete o documento que acaba de receber, e da outra retira um documento semelhante e entrega-o ao Sr. Jorge, que o enrola para fazer dele acendedor de cachimbo. Como o velho examina, através dos óculos, todos os efes e erres de ambos os documentos antes de livrá-los da sua prisão de couro, e como conta o dinheiro três vezes e exige que Judite diga pelo menos duas vezes cada palavra que pronuncia, com fala e gestos tremendamente vagarosos, tudo isso leva um tempo enorme a ser feito. Só depois de tudo bem concluído, e não antes, é que ele afasta os olhos e os dedos rapaces, e responde à última observação do Sr. Jorge, dizendo: — Com receio de pedir o cachimbo? Não somos tão mercenários assim, meu senhor. Judite, vá logo buscar o cachimbo e o copo de aguardente fresca para o Sr. Jorge.

Os alegres gêmeos, que durante todo esse tempo estiveram ali de olhar parado, exceto quando as pastas de couro preto lhes absorveram a atenção, retiram-se, demonstrando pouco apreço pelo visitante, deixando-o a cargo do velho, da mesma forma que dois ursinhos deixariam um viajante entregue ao urso pai.

— O senhor fica sentado aí o dia inteiro, suponho eu, hem? — pergunta o Sr. Jorge, de braços cruzados.

— É exato, é exato — responde o velho, concordando.

— E não se ocupa de coisa alguma?

— Vigio o fogo ... e o cozido e o assado...

— Quando os há — diz o Sr. Jorge, de maneira grandemente expressiva.

— Exatamente. Quando os há.

— Não lê nem manda que leiam para o senhor?

O velho agita a cabeça com gesto duro e manhoso de triunfo.

— Não, não. Nunca apreciamos a leitura em nossa família. Não vale a pena. Asneira. Ociosidade. Loucura. Não, não!

— Não há muito que escolher entre o estado de vocês dois — diz o visitante num tom demasiado baixo para o ouvido do velho, enquanto olha do velho para a velha e volta a encarar o velho — Eu ia dizendo... — diz em voz alta.

— Estou ouvindo.

— O senhor me executará por dívida afinal, suponho eu, se me atrasar um dia.

— Meu caro amigo! — exclama vovô Smallweed, estendendo ambas as mãos para abraçá-lo. — Nunca, nunca, meu caro amigo! Mas o meu amigo da cidade, com o qual consegui o dinheiro para emprestar ao senhor... , esse é capaz de fazê-lo!

— Oh! o senhor não pode responder por ele? — pergunta o Sr. Jorge, terminando a indagação, no seu tom de voz mais baixo, com as palavras: — Seu velho patife e mentiroso!

— Meu caro, você não deve confiar nele. Eu não confiaria. Ele quer a promissória resgatada, meu caro amigo!

— O diabo que duvide! — diz o Sr. Jorge. Tendo Charley aparecido com uma bandeja sobre a qual vinha o cachimbo, um pacotinho de tabaco e a aguardente, pergunta-lhe ele: — Como veio você parar aqui? Não tem a cara da família.

— Vim trabalhar, meu senhor — responde Charley.

O soldado de cavalaria (se é que ele o foi ou é) tira-lhe a touca com um toque leve para uma mão tão forte, e dá-lhe uma palmadinha na cabeça. — Você quase dá à casa um ar de saúde. Ela precisa de um pouco de juventude, tanto quanto precisa de ar fresco. — Depois manda-a embora, acende o cachimbo e bebe à saúde do amigo que o Sr. Smallweed tem na cidade, único e solitário voo da imaginação daquele estimado velho.

— Então o senhor acha que ele poderá ser exigente comigo, hem?

— Acho que sim... receio mesmo que o faça. Sei que ele já o fez — diz vovô Smallweed desprecadamente — umas vinte vezes.

Desprecadamente, sim, porque sua cara-metade, que estivera toscanejando perto do fogo algum tempo, ao ouvir isso, desperta e põe-se a tagarelar: — Vinte mil libras, vinte notas de vinte libras num mealheiro, vinte guinéus, vinte milhões, vinte por cento vinte... — mas é abruptamente interrompida pela almofada voadora, que o visitante — para quem essa singular experiência é autêntica novidade — lhe retira da cara, depois que a almofada a deixa amarrotada da maneira usual.

— Você não passa duma idiota rabugenta. Você é um escorpião... um escorpião tagarela! Um sapo azucrinante. Uma feiticeira faladeira, barulhenta, montada num cabo de vassoura, e que deveria ser queimada! —arqueja o velho, prostrado na sua cadeira. — Meu caro amigo, quer fazer o favor de me sacudir um pouco?

O Sr. Jorge, que esteve primeiro a olhar para um deles e depois para o outro, como se estivesse atoleimado, agarra pelo cogote seu venerando amigo, ao receber seu pedido, e, pondo-o ereto na cadeira tão facilmente como se ele fosse um boneco, parece hesitar se deve ou não tirar dele todo o poder de arremessar futuramente almofadas e sacudi-lo logo para dentro da cova. Resistindo à tentação, mas sacudindo-o com violência suficiente para fazer sua cabeça balançar como a de um polichinelo, repõe-no com força na cadeira e ajusta-lhe o gorro na cabeça com safanões tais que um minuto depois os dois olhos do velho ainda piscam.

— Ó Senhor! — arqueja o Sr. Smallweed. — Chega. Obrigado, meu caro amigo, chega. Ó meu Deus, estou sem fôlego. Ó meu Deus! — E o Sr. Smallweed diz isso, não sem evidentes apreensões da parte do seu caro amigo, que ainda permanece debruçado sobre ele, parecendo mais imenso do que nunca.

O alarmado visitante, porém, vai-se gradualmente acalmando e senta-se em sua cadeira, pondo-se a lançar grossas baforadas de fumo, e consola-se com esta filosófica reflexão: “O nome de seu amigo da cidade, camarada, começa com um M e você está certo quando diz que ele está prestes a fazer uma ‘execução’.”

— Diz alguma coisa, Sr. Jorge? — pergunta o velho.

O soldado de cavalaria sacode a cabeça e, inclinando-se para a frente, com o cotovelo direito sobre o joelho direito e o cachimbo sustentado por aquela mão, enquanto a outra, descansando sobre a perna esquerda, mantém o cotovelo esquerdo para o lado de fora numa atitude marcial, continua a fumar. Entrementes, olha para o Sr. Smallweed com grave atenção, e de vez em quando abana a nuvem de fumo, para poder vê-lo com mais nitidez.

— Creio — diz ele, fazendo apenas na sua posição a mínima mudança que lhe permite levar o copo aos lábios, com um gesto largo e pleno — que sou o único homem vivo (ou talvez morto) que tiro do senhor o valor dum cachimbo.

— Bem! — replica o velho — é verdade que não recebo visitas, Sr. Jorge, e que não obsequio ninguém. Não posso gastar com isso. Mas como o senhor, com seu jeito divertido, fez do seu cachimbo uma condição...

— Ora, não é pelo valor dele. Não é grande coisa. Não passou duma fantasia minha arrancá-lo assim do senhor. Ter alguma coisa em troca do meu dinheiro.

— Ah! o senhor é prudente, prudente! — exclama vovô Smallweed, esfregando as pernas.

— Muito. Sempre fui. (Baforada.) Já é sinal certo de minha prudência ter-me introduzido aqui. (Baforada.) E também ser eu o que sou. (Baforada.) Sou bem conhecido como prudente — diz o Sr. Jorge, fumando sossegadamente. — Subi na vida desse jeito.

— Não fique abatido, senhor. Pode subir ainda.

O Sr. Jorge ri e bebe.

— Não terá parentes agora — pergunta vovô Smallweed, com um piscar d'olhos — que possam pagar de uma vez esse pequeno principal, ou que lhe forneçam um ou dois bons nomes, graças aos quais eu possa persuadir o meu amigo da cidade a fazer ao senhor mais um adiantamento? Dois nomes idôneos seriam suficientes para o meu amigo da cidade. Não tem parentes assim, Sr. Jorge?

O Sr. Jorge, ainda fumando sossegadamente, responde:

— Se tivesse, não os incomodaria. Já fui causa de bastantes incômodos

para os meus na minha vida. Pode ser uma boa espécie de penitência para um vagabundo, que gastou o melhor de sua existência, voltar depois ao seio de pessoas decentes às quais nunca proporcionou motivos de orgulho, e viver à custa delas. Não sou dessa espécie. A melhor espécie de emenda, pois, por ter saído, é, na minha opinião, manter-me fora.

— Mas a afeição natural, Sr. Jorge — sugere vovô Smallweed.

— Por dois nomes idôneos, hem? — pergunta o Sr. Jorge, sacudindo a cabeça e ainda fumando sossegadamente. — Não. Também não é o que me convém.

Vovô Smallweed veio pouco a pouco escorregando na cadeira, depois da última vez que se acomodou, e é agora uma trouxa de roupas com uma voz dentro dela que grita por Judite. Aparecendo essa huri, ajeita-o ela da maneira usual, sacudindo-o para cima, e recebe do velho a recomendação de conservar-se perto dele, pois parece cuidadoso de evitar que seu visitante tenha o incômodo de repetir suas recentes atenções.

— Ah! — observa ele, depois de novamente recomposto. — Se o senhor pudesse ter seguido a pista do capitão, Sr. Jorge, isso teria sido um arranjo para o senhor. Se, quando veio a primeira vez aqui, em consequência de nossos anúncios nos jornais (quando digo “nossos”, refiro-me aos anúncios do meu amigo da cidade e de um ou dois outros que aplicam seu capital do mesmo modo, e se mostram tão cordiais para comigo a ponto de me darem muitas vezes um auxílio pela minha contribuiçãozinha), se, naquela ocasião, o senhor pudesse ter-nos ajudado, Sr. Jorge, teria sido essa a sua oportunidade.

— Vontade não me faltava de “arranjar-me”, como diz o senhor — diz o Sr. Jorge, fumando não tão sossegadamente como antes, pois desde a entrada de Judite ficou de algum modo perturbado por uma certa fascinação, não do gênero admirativo, que o obriga a olhar para ela, de pé ao lado da cadeira do avô — mas, falando em geral, sinto prazer em não tê-lo feito.

— Por que, Sr. Jorge? Por que não, seu... rabugento? — pergunta vovô Smallweed com evidente demonstração de cólera. (A palavra “rabugento” parece ter-lhe sido lembrada por ter dado com os olhos na Sra. Smallweed, entregue à sua sonolência.) — Por duas razões, camarada.

— E que duas razões são essas, Sr. Jorge? Com todos os...

— Com todos os nossos amigos da cidade? — lembra o Sr. Jorge,

bebendo tranquilamente.

— Ora, como queira. Quais duas razões?

— Em primeiro lugar — recomeça o Sr. Jorge, ainda a olhar para Judite, como se, sendo ela tão velha e tão parecida com o avô, fosse indiferente dirigir-se a qualquer dos dois — os senhores cavalheiros me enganaram. Anunciaram que o Sr. Hawdon (Capitão Hawdon, se aceitam o ditado: Quem foi rei sempre é majestade) deveria ouvir algo de proveitoso para ele.

— E então? — replica o velho, num tom agudo e ríspido.

— Então? — diz o Sr. Jorge, fumando. — Não teria sido muito proveitoso para ele ser metido na prisão, em virtude de sentença dos tribunais de dívidas de Londres.

— Como sabe disso? Alguns de seus parentes ricos poderiam ter pago suas dívidas ou ter entrado num acordo. Além disso, também a nós ele enganou. Devia-nos imensas somas. Preferiria estrangulá-lo se não recebesse o meu dinheiro. Se fico aqui sentado pensando nele — regouga o velho erguendo seus imponentes dez dedos —, minha vontade é estrangulá-lo. — E, num súbito acesso de fúria, lança a almofada contra a inofensiva Sra. Smallweed. Mas a almofada passa a um lado da cadeira, sem atingi-la.

— Não é preciso que me diga — retruca o soldado de cavalaria, tirando o cachimbo da boca por um instante, depois de ter acompanhado com a vista o trajeto da almofada e voltando a olhar para o forninho do cachimbo que arde fracamente — que ele se arrastou penosamente e se arruinou. Estive muitas vezes a seu lado quando ele caminhava para a ruína a todo o galope. Estava com ele na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza. Descansei esta mão sobre ele, depois que dissipou tudo e tudo destruiu sob os pés — quando ele levou uma pistola à cabeça.

— Que pena que não tenha disparado — diz o benévolo velho — e rebentado a cabeça em tantos pedaços quantas eram as libras que devia!

— Teria sido na verdade uma explosão — redarguiu o soldado de cavalaria friamente.

— Em todo o caso, ele fora jovem, esperançoso e belo nos dias passados. E tenho prazer em dizer que nunca o descobri, quando não era uma coisa nem outra, para levá-lo a um resultado de tanto proveito para si. Essa é a razão n.º

1.

— Espero que a número 2 seja tão boa como essa — crocita o velho.

— Pois não é, não. É mais uma razão pessoal. Se eu o houvesse descoberto, devia ter ido ao outro mundo para encontrá-lo. Ele estava lá.

— Como sabe que ele estava lá?

— Neste aqui não estava.

— Como sabe que ele não estava neste aqui?

— Não perca a calma, como perdeu seu dinheiro — diz o Sr. Jorge, batendo tranquilamente as cinzas do seu cachimbo. — Havia morrido afogado muito tempo antes. Tenho certeza disso. Caiu dum navio. Se intencional ou acidentalmente, não sei. Talvez seu amigo da cidade o saiba. Sabe que música é esta, Sr. Smallweed? — acrescenta ele, depois de se pôr a assobiar uma, acompanhada em cima da mesa pelo cachimbo vazio.

— Música! — replica o velho. — Não. Nunca ouvimos músicas aqui.

— É a Marcha Fúnebre em “Saul”. Enterram soldados ao som dela. De modo que é o fim natural do assunto. Ora, se a sua linda neta — desculpe-me, senhorita — quiser ter a bondade de tomar conta deste cachimbo durante dois meses, teremos poupado o custo de um na próxima vez. Boa noite, Sr. Smallweed!

— Meu caro amigo. — O velho estende-lhe ambas as mãos.

— Com que então o senhor acha que seu amigo da cidade se mostrará duro para comigo, se eu deixar de fazer um pagamento? — pergunta o soldado de cavalaria, baixando a vista sobre ele como um gigante.

— Meu caro amigo, receio que assim seja — responde o velho, erguendo os olhos para ele como um pigmeu.

O Sr. Jorge ri, e com um olhar para o Sr. Smallweed e uma saudação de despedida para a desdenhosa Judite, sai da sala, fazendo tilintar imaginários sabres e outros acessórios metálicos ao afastar-se.

— Velhaco dos diabos! — diz o velho, fazendo uma horrenda careta para a porta, quando ele a fechou. — Mas hei de apanhar você no laço, seu cachorro! Hei de apanhá-lo.

Depois dessa amável observação, seu espírito mergulha naquelas encantadas regiões da reflexão que sua educação e ocupações lhe abriram. E de novo ele e a Sra. Smallweed deixam correr as róseas horas, duas sentinelas não-rendidas e esquecidas, como dissemos antes, pelo Sargento Negro.

Enquanto os dois ficam fiéis ao seu posto, o Sr. Jorge caminha pelas ruas numa espécie de bazófia maciça e com um rosto muito sério. São oito horas agora e o dia vai declinando depressa. Para perto da Ponte de Waterloo e lê um programa de teatro. Resolve ir ao Teatro de Astley. Ali se deleita bastante com os cavalos e as proezas de força. Olha as armas com olho crítico. Censura os combates por darem prova de esgrima inexperiente. Mas em compensação sente-se abalado pelos sentimentos. Na última cena, quando o Imperador da Tartária sobe a um carro e condescende em abençoar os namorados unidos, desfraldando sobre eles o Pavilhão britânico, suas pestanas umedecem-se de emoção.

Acabado o teatro, o Sr. Jorge torna a atravessar a água e encaminha-se para aquela curiosa região que cerca o Mercado de Feno e o Largo Leicester, centro de atração para indiferentes hotéis de estrangeiros e para estrangeiros indiferentes, campos de tênis, lutadores, espadachins, soldados de infantaria, porcelanas velhas, casas de jogo, exposições e vasta mistura de miséria e decadência a perder de vista. Penetrando no coração dessa região, chega ele, por um pátio e por um longo corredor caiado, a um grande edifício de tijolos, composto de paredes nuas, soalhos, barrotes de telhado e claraboias, na fachada do qual, se se pode dizer que tenha fachada, está pintado: *Galeria de Tiro de Jorge etc.*

Entra na Galeria de Tiro de Jorge, etc... Lá dentro há lampiões (agora em parte apagados), dois alvos caiados para tiros de rifle, acomodação para arcos, instrumentos de esgrima e todo o necessário para a arte britânica do boxe. Nenhum desses esportes ou exercícios está sendo executado naquela noite na Galeria de Tiro de Jorge, tão deserta de gente, que um grotesco homenzinho, com uma cabeçorra, é o seu único dono e está dormindo no chão.

O homenzinho traja à moda dum espingardeiro, com um avental de baeta verde e um gorro. Seu rosto e suas mãos estão sujos de pólvora e muito enfarruscados pela carga das espingardas. Como jaz sob a luz, diante dum alvo brilhante, o negror que nele há acentua-se mais. Não longe dali está a

mesa forte, tosca e primitiva, com um torno mecânico, ao qual ele estivera trabalhando. É um homem de baixa estatura, com o rosto todo enrugado, que parece, em virtude de certo aspecto azulado e mosqueado de uma de suas bochechas, ter recebido tiros de vez em quando, por via da profissão.

— Phil! — diz o soldado de cavalaria, em voz calma.

— As ordens! — exclama Phil, pondo-se de pé.

— Fez-se alguma coisa?

— Nem por isso! — diz Phil. — Cinco dúzias de rifles e uma dúzia de pistolas. Pelo que respeita ao alvo! — Phil emite um gemido ao lembrar-se.

— Feche a casa, Phil!

Ao mexer-se para executar essa ordem, Phil parece coxear, embora seja capaz de mover-se bem depressa. Do lado mosqueado de seu rosto não tem sobrancelha, e do outro tem uma, preta e espessa, dando-lhe essa falta de uniformidade uma aparência singular e um tanto sinistra. Tudo quanto poderia acontecer parece ter acontecido às suas mãos, pelo que diz respeito à conservação dos dedos, pois todos eles são cortados, cheios de cicatrizes e todos encolhidos. Parece ser muito forte, e levanta pesados bancos, como se não levasse em conta o peso deles. Tem um modo curioso de andar pela galeria, coxeando, com o ombro contra a parede, e dirigindo-se aos ziguezagues até os objetos de que quer apoderar-se, em vez de ir diretamente a eles, o que deixou uma mancha gordurosa nas quatro paredes, convencionalmente chamada “a marca de Phil”.

Esse guarda da Galeria de Jorge na ausência deste conclui suas obrigações quando aferrolha as grandes portas e apaga todas as luzes, exceto uma, que deixa a alumiar debilmente, arrastando depois de dentro duma cabina de madeira posta a um canto dois colchões e roupa de cama. Levadas essas coisas para o extremo oposto da galeria, o cavalariano faz sua cama e Phil a dele.

— Phil! — diz o patrão, caminhando para o lado dele, sem casaco e colete, e parecendo, assim, em suspensórios, mais marcial do que nunca. — Você foi encontrado numa porta de rua, não foi?

— Numa valeta — diz Phil. — Um guarda tropeçou em cima de mim.

— Então a vagabundagem é uma coisa natural em você desde o começo.

— Tão natural quanto o possível — respondeu Phil.

— Boa noite.

— Boa noite, chefe.

Phil nem mesmo para a cama vai diretamente, mas acha necessário ir arrastando o ombro pelos dois lados da galeria, e em seguida dirige-se aos ziguezagues para o seu colchão. O soldado de cavalaria, depois de dar uma ou duas voltas no espaço reservado às carabinas, e de olhar para a lua, agora brilhando através das claraboias, dirige-se para o seu colchão por um caminho mais curto e deita-se também.

O SENHOR BUCKET

Alegoria parece bem fresca em Lincoln's Inn Fields, conquanto a tarde esteja quente, pois ambas as janelas do Sr. Tulkinghorn estão escancaradas e a sala é alta, desabrigada e lúgubre. Essas características podem não ser desejáveis quando chega novembro com nevoeiro e geada, ou janeiro com gelo e neve, mas tem suas vantagens no tempo das longas férias sufocantes. Tornam possível o aspecto toleravelmente frio da Alegoria naquela noite, ainda que suas faces pareçam pêssegos, seus joelhos cachos de flores, e ela tenha róseos inchaços como barrigas de perna e músculos nos braços.

Enorme quantidade de poeira entra pelas janelas do Sr. Tulkinghorn e quantidade maior ainda se aninhou entre seus móveis e papéis. E espessa por toda a parte. Quando alguma brisa do campo transviada se amedronta e desata numa cega carreira para sair de novo, joga tanta poeira nos olhos da Alegoria quanto a lei — ou o Sr. Tulkinghorn, um de seus mais fiéis representantes — pode espalhar, quando preciso, nos olhos dos leigos.

No seu sombrio armazém de pó, mercadoria universal na qual seus papéis e ele próprio, e todos os seus clientes e todas as coisas da terra, animadas, e inanimadas se convertem, o Sr. Tulkinghorn está sentado diante de uma das janelas abertas, saboreando uma garrafa de velho vinho do Porto. Apesar de ser homem de índole severa, fechado, seco e calado, sabe saborear o vinho velho nas melhores disposições. Tem um lote inestimável de vinho do Porto em alguma adega engenhosa sob os Campos, que é um dos seus muitos segredos. Quando janta só em seus aposentos, como jantou hoje, tendo recebido do café próximo sua posta de peixe e seu bife ou seu frango, desce com uma vela às regiões reboantes por baixo da mansão deserta e, tendo como arauto o eco remoto de portas trovejantes, volta gravemente, cercado duma atmosfera terrestre, e trazendo uma garrafa da qual extrai um néctar radiante, velho de meio século, que enrubesce dentro do copo por se sentir tão

famoso, e enche toda a sala do aroma de uvas meridionais.

O Sr. Tulkinghorn, sentado ao crepúsculo, junto à janela aberta, saboreia o seu vinho. Como se este cochichasse para ele a respeito dos seus cinquenta anos de silêncio e reclusão, fá-lo ficar ainda mais calado. Mais impenetrável do que nunca, Dica sentado, e bebe e se embriaga, por assim dizer, em segredo, meditando, àquela hora crepuscular, em todos os mistérios que conhece, associados aos negros bosques da região e às vastas casas vazias e fechadas da cidade. E talvez conceda a si próprio um ou dois pensamentos, à história de sua família, de seu dinheiro, de seu testamento — tudo um mistério para toda a gente — e àquele seu amigo solteirão, homem do mesmo molde e também advogado, que viveu a mesma espécie de vida até os setenta e cinco anos, e depois, subitamente, imaginando (como se supõe) que a vida era demasiado monótona, numa tarde de verão deu seu relógio de ouro a seu cabeleireiro e encaminhou-se despreocupadamente para o Temple e lá se enforcou.

Mas naquela noite o Sr. Tulkinghorn não está só, a meditar com a sua habitual prolixidade. Sentado à mesma mesa, embora com sua cadeira modesta e incomodamente afastada um pouco dela, está sentado um homem calvo, pacífico e reluzente, que tosse respeitosamente por trás da mão quando o advogado lhe ordena que encha seu copo.

— Ora, Sr. Snagsby — diz o Sr. Tulkinghorn —, é para examinarmos de novo minuciosamente essa estranha história.

— À sua vontade, senhor.

— Dizia-me o senhor que quando teve a bondade de vir até aqui na noite passada ...

— Pelo que devo pedir-lhe desculpa, se isso foi uma liberdade da minha parte, senhor. Mas lembro-me de que o senhor havia tomado certa espécie de interesse por aquela pessoa, e pensei ser possível que o senhor quisesse... apenas... desejasse...

O Sr. Tulkinghorn não é homem para ajudá-lo em qualquer conclusão, ou para admitir alguma coisa relativa a qualquer possibilidade a ele próprio concernente. De modo que o Sr. Snagsby vai dizendo arrastadamente, com uma terrível tosse: — Acho que devo pedir-lhe que me desculpe a liberdade, senhor.

— De nada — diz o Sr. Tulkinghorn. — O senhor me disse, Sr. Snagsby, que pôs seu chapéu e veio diretamente ter comigo, sem mencionar sua intenção a sua esposa. Penso que isso foi uma coisa prudente, porque assunto de tal importância não deve ser sem mais sem menos mencionado.

— Bem, senhor — continua Snagsby —, como sabe, a minha mulherzinha — para encurtar conversa — gosta muito de perguntar. Coitadinha! É sujeita a espasmos, e bom é para ela que tenha o espírito ocupado em alguma coisa. Por isso ela o ocupa, eu diria, em todas as coisas individuais que possa apreender, quer lhe digam respeito, quer não — especialmente nas que não lhe dizem respeito. Minha mulherzinha, senhor, tem um espírito muito ativo.

O Sr. Snagsby bebe e murmura, com uma tosse admirativa por trás da mão: — Ótimo! Excelente vinho, na verdade!

— Por conseguinte o senhor conservou sua visita da noite passada desconhecida de outrem? E a de hoje também?

— Sim, senhor, a de hoje também. Minha mulherzinha acha-se atualmente — para encurtar conversa — em estado piedoso, ou no que ela considera como tal, e assiste aos Exercícios Vesperais (é o nome que lhes dito) de um reverendo chamado Chadband. Eloquência não lhe falta, sem dúvida, mas não sou lá muito favorável a seu estilo. Aliás, isso não vem no caso. Estando minha mulherzinha metida nisso dessa forma, torna-se mais fácil para mim sair a passeio sossegadamente.

O Sr. Tulkinghorn concorda.

— Encha o seu copo, Snagsby.

— Obrigado, senhor — diz o copista forense, com sua tosse de deferência.

— É um vinho maravilhosamente delicioso, senhor! — É um vinho raro agora. Tem cinquenta anos.

— Deveras? Mas não me surpreende ouvir isso, por certo. Ele pode ser... de qualquer idade quase.

Depois de prestar essa homenagem geral ao vinho do Porto, o Sr. Snagsby, na sua modéstia, tosse uma desculpa detrás da mão por estar bebendo uma coisa tão preciosa.

— Quer repetir mais uma vez o que disse o rapaz? — pergunta o Sr. Tulkinghorn, metendo as mãos nos bolsos de seus calções cor de ferrugem, e recostando-se comodamente na sua cadeira.

— Com muito gosto, senhor.

Então, com fidelidade, ainda que com certa prolixidade, o escrivão repete o depoimento de Jo, feito diante dos convivas reunidos em sua casa. Ao chegar ao fim de sua narrativa, dá mostra de grande sobressalto e exclama: — Meu Deus, eu não sabia que havia outro cavalheiro aqui presente!

O Sr. Snagsby sente-se aterrado por ver ali, de pé, com rosto atento, entre ele e o advogado, a pequena distância da mesa, uma pessoa de chapéu e bengala nas mãos, que não estava ali quando ele entrou e que depois não havia entrado nem pela porta nem por qualquer das janelas. Há um armário na sala, mas suas dobradiças não rangeram, nem se ouviu passo algum no soalho. Contudo aquela terceira pessoa ali está, com seu rosto atento, seu chapéu e sua bengala nas mãos, que traz às costas, ouvinte sossegado e calmo. É homem de meia-idade, trajado de preto, corpulento, de ar resoluto e olhar penetrante. Excetuado o modo por que encara o Sr. Snagsby, como se fosse tirar-lhe o retrato, nada há de notável na sua pessoa, à primeira vista, a não ser sua maneira fantasmal de aparecer.

— Não se incomode com esse cavalheiro — diz o Sr. Tulkinghorn, com seu jeito tranquilo. — É apenas o Sr. Bucket.

— Oh! realmente? — exclama o escrivão, exprimindo, por meio da sua tosse, que continua na mesma ignorância a respeito a identidade do Sr. Bucket.

— Quis que ele ouvisse essa história — diz o advogado — porque tenho cá uma ideia (por certa razão) de saber um pouco mais a respeito dela, e ele é muito penetrante acerca dessas coisas. Que diz você a isso, Bucket?

— É isso mesmo, senhor. Desde que nosso povo fez o rapaz mudar-se e ele não há de ser encontrado no seu antigo pousado, se o Sr. Snagsby não puser objeção a descer comigo até Tom-All-Alone's e mostrar quem é o rapaz, poderemos tê-lo aqui em menos de duas horas. Posso fazer isso sem o Sr. Snagsby, não há dúvida. Mas esse é o caminho mais curto.

— O Sr. Bucket é um detetive, Snagsby — diz o advogado, a título de

explicação.

— É? — pergunta o Sr. Snagsby, sentindo no seu tufo de cabelos uma forte tendência para se eriçarem.

— E se o senhor não tem nenhuma real objeção em acompanhar o Sr. Bucket ao local em questão — prossegue o advogado —, ficar-lhe-ei muito agradecido.

Naquela hesitação dum instante, da parte do Sr. Snagsby, Bucket mergulha fundo no seu pensamento.

— Não tenha receio de magoar o rapaz — diz ele. — O senhor não faria isso. Não há nada de repreensível no procedimento dele. Vamos trazê-lo aqui para fazer-lhe uma ou outra pergunta, e ele será pago por esse incômodo e mandado embora de novo. Para ele será uma pechincha. Prometo-lhe, palavra de homem, que o senhor o verá voltar direitinho. Não tenha receio de magoá-lo. Não é isso que o senhor vai fazer.

— Muito bem, Sr. Tulkinghorn — exclama o Sr. Snagsby, muito alegre e tranquilizado —, desde que é esse o caso...

— Sim. E olhe aqui, Sr. Snagsby — continua Bucket, levando-o a um lado pelo braço, dando-lhe familiarmente palmadinhas no peito e falando-lhe em tom confidencial. — O senhor é um homem do mundo, um homem de negócios e um homem de senso. É o que o senhor é.

— Não há dúvida que me sinto muito agradecido pela boa opinião que tem de mim — responde o papeleiro, com sua tosse de modéstia — mas...

— É o que o senhor é — diz Bucket. — Ora, não é necessário dizer a um homem como o senhor, que exerce uma profissão como a sua, profissão de confiança, exigindo duma pessoa atenção desperta e espírito alerta, com a cabeça bem no lugar (já tive um tio que exercia a sua mesma profissão), não é necessário dizer a um homem como o senhor que a melhor maneira de conservar pequenos negócios como esse é manter segredo. Não vê? Segredo!

— Por certo, por certo — anui o outro.

— Não hesito em dizer-lhe — continua Bucket, com um aspecto atraente de franqueza — que até onde chega minha compreensão, parece haver uma dúvida sobre se aquele sujeito que morreu não era senhor duma pequena propriedade, e se essa mulher não esteve a fazer certo jogo a respeito dessa

propriedade.

— Oh! — exclama o Sr. Snagsby, mas parecendo não estar compreendendo a coisa muito bem.

— Ora, o que o senhor quer — prossegue Bucket, dando de novo palmadinhas no peito do Sr. Snagsby, duma forma confortante e cariciosa — é que cada pessoa tenha seus direitos de acordo com a justiça. É isso o que o senhor quer.

— Decerto — diz o Sr. Snagsby, com um aceno de cabeça.

— Por causa disso e ao mesmo tempo para obsequiar um... como chama o senhor na sua profissão, freguês ou cliente? Esqueci-me de como era que meu tio costumava chamá-los.

— Geralmente eu os chamo de fregueses — responde o Sr. Snagsby.

— Isso mesmo! — replica o Sr. Bucket, apertando-lhe as mãos, todo afetuoso. — Por causa disso e ao mesmo tempo para obsequiar um freguês realmente bom, deve o senhor descer comigo, em segredo, até Tom-All-Alone's e conservar tudo isso em absoluto segredo mesmo depois, e nunca mencionar o fato a pessoa alguma. Segundo compreendi, está isso de acordo com os seus intuitos, não?

— Tem toda a razão, senhor. Tem toda a razão — diz o Sr. Snagsby.

— Então, aqui está o seu chapéu — replica o novo amigo com toda a intimidade —, e, se está pronto, eu também estou.

Deixaram o Sr. Tulkinghorn, sem nem uma ruga na superfície de suas insondáveis profundezas, bebendo seu vinho velho, e foram andando pelas ruas.

— Por acaso não conhece o senhor alguém chamado Gridley? — pergunta Bucket, numa conversa cordial, enquanto descem as escadas.

— Não — responde o Sr. Snagsby, refletindo. — Não conheço ninguém com esse nome. Por quê?

— Nada de particular. Apenas isto: tendo deixado que seu temperamento o fizesse perder a cabeça, e tendo chegado ao ponto de ameaçar algumas pessoas respeitáveis, tem-se conservado fora do alcance dum mandado de prisão que tenho contra ele, o que é pena que um homem de senso faça.

Enquanto caminham, observa o Sr. Snagsby, como se fosse uma novidade, que, por mais depressa que andem, seu companheiro ainda parece de certa maneira indefinível estar à espreita e passear a esmo; observa também que, quando vai virar à direita ou à esquerda, finge ter em mente um propósito fixo de ir diretamente para diante, e eis que, de súbito, no último momento se desvia. De vez em quando, ao passarem diante de um guarda de ronda, nota o Sr. Snagsby que ambos, tanto o policial como o seu guia, caem em profunda abstração, quando caminham um na direção do outro, e parecem inteiramente despercebidos das mútuas presenças, com o olhar perdido no espaço. Em alguns casos, chegando o Sr. Bucket por trás de algum moço de pequena estatura, com um chapéu brilhante e o cabelo lustroso, repartido em pastinhas de cada lado da cabeça, quase sem olhar para ele toca-o com a bengala, e logo, olhando em redor, o rapaz se evapora instantaneamente. Na maior parte das vezes o Sr. Bucket observa as coisas em geral, com um rosto tão imutável como o grande anel de luto no seu dedo mínimo, ou o broche, composto de pouco diamante e de muito engaste, que usa na camisa.

Quando chegam afinal a Tom-All-Alone's, o Sr. Bucket para um instante na esquina e toma uma lanterna acesa da mão do policial que ali está de guarda; este depois o acompanha com sua lanterna particular na cintura. Entre seus dois condutores, passa o Sr. Snagsby por uma rua asquerosa, sem esgoto, sem ventilação, mergulhada em lama preta e águas podres — embora todas as demais ruas estivessem secas — e tresandando a odores tais e mostrando tais coisas que ele, que sempre viveu em Londres a vida inteira, mal pode acreditar nos seus sentidos. Esgalhando-se dessa rua e de seus montões de ruínas, seguem-se outras ruas e pátios tão infames que o Sr. Snagsby sente náuseas no corpo e na alma, e tem a impressão de estar-se engolfando cada vez mais profundamente no bátrio infernal.

— Afaste-se um pouco para aqui, Sr. Snagsby — diz o Sr. Bucket, ao aproximar-se de uma espécie de palanquim em frangalhos, carregado e cercado por uma multidão barulhenta. — Vem aí a febre subindo a rua!

À medida que vai seguindo o invisível desgraçado, a turba, deixando aquele objeto de atração, junta-se em volta dos três visitantes, como um pesadelo de caras horrendas, e desaparece depois nos becos, nas ruínas e por trás dos muros, e de vez em quando, com gritos e agudos assobios de advertência, foge desde então até que eles abandonem o lugar.

— São aquelas as casas empestadas, Darby? — pergunta friamente o Sr. Bucket, ao voltar a luz de sua lanterna para uma fileira de ruínas fétidas.

Darby responde que “todas elas são” e, mais, que em todas, durante meses e meses, “tem caído gente às dúzias”, carregadas para fora, mortas ou moribundas, “como carneiros com morrinha”. Observando Bucket ao Sr. Snagsby, à proporção que prosseguem de novo, que seu aspecto não é nada bom, responde o Sr. Snagsby que sente não poder respirar aquele ar mefítico.

Indaga-se em várias casas a respeito dum rapaz chamado Jo. Como poucas pessoas são conhecidas em Tom-All-Alone’s por qualquer sinal cristão, pergunta-se muito ao Sr. Snagsby se ele se refere ao Cenourinha, ao Coronel, ao Forca, ao Formãozinho, ao Rabo de Rateiro, ao Magricela ou ao Tijolo. O Sr. Snagsby faz a descrição muitas vezes. Há opiniões contraditórias acerca do original de sua descrição. Uns acham que deve ser Cenourinha, outros dizem que é o Tijolo. Mostram o Coronel, mas nem de longe se aproxima do tipo descrito. Quando o Sr. Snagsby e seus condutores param, a multidão cresce em redor, e de suas esqueléticas profundezas sobem sugestões obsequiosas aos ouvidos do Sr. Bucket. Quando eles se movem e a lanterna irada cintila, a multidão se dissipa e foge diante deles pelos becos acima, pelas ruínas e por trás dos muros, como dantes.

Por fim descobre-se um covil, onde o Durinho, ou João Durinho, se acoita durante a noite, e pensa-se que o tal João Durinho possa ser o Jo. A comparação dos sinais dados pelo Sr. Snagsby e pela senhoria da casa — cara de bêbada, amarrada numa trouxa preta e reluzindo dentre um monte de farrapos no chão de uma pocilga que é seu aposento particular — leva a essa conclusão. Durinho foi à casa do doutor buscar um vidro de uma droga qualquer para uma mulher doente, mas não se demorará.

— E quem temos aqui hoje de noite? — pergunta o Sr. Bucket, abrindo outra porta e iluminando o interior do cômodo com sua lanterna. — Dois bêbados, hem? E duas mulheres? Os homens estão num sono pesado — e tira do rosto de cada um deles o braço que cobre, para olhá-los. — Pertencem a vocês esses bons homens, minhas belezas?

— Sim, senhor — responde uma das mulheres. — São nossos maridos.

— Tijoleiros, não?

— Sim, senhor.

— Que estão vocês fazendo aqui? Vocês não são de Londres.

— Não, senhor. Somos de Hertfordshire.

— Dos arredores de Hertfordshire?

— De Saint Albans.

— Vieram a pé?

— Viemos ontem. Não há trabalho lá para nós agora, mas não valeu a pena virmos para cá.

— Não é este o meio de arranjar serviço — diz o Sr. Bucket, voltando a cabeça na direção dos vultos inconscientes, deitados no chão.

— Não é mesmo, não — responde a mulher, com um suspiro. — Jenny e eu sabemos disso muito bem.

O quarto, posto que com dois ou três pés de altura mais que a porta, é tão baixo que a cabeça do mais alto dos visitantes tocaria o telhado enegrecido, se ele ficasse ereto. Ofende todos os sentidos. Até mesmo a vela ordinária arde pálida e doentia no ar poluído. Há um par de bancos e um mais alto, à laia de mesa. Os homens jazem adormecidos onde caíram, mas as mulheres estão sentadas junto da vela. Deitada nos braços da mulher que falou, vê-se uma criancinha bem tenra.

— Que idade dá você a essa criaturinha? — pergunta Bucket. — Parece que nasceu ontem. — Não se mostra áspero; e, quando dirige sua luz devagarinho para a criança, o Sr. Snagsby lembra-se estranhamente duma outra criança, cercada de luz, que vira em gravuras.

— Ainda não tem três semanas, senhor — diz a mulher.

— É seu filho?

— É, sim.

A outra mulher, que estava curvada sobre ele quando os homens entraram, inclina-se de novo e beija o pequenino adormecido.

— Você parece tão amorosa para com ele como se fosse você mesma a mãe — diz o Sr. Bucket.

— Eu era mãe dum como este, meu senhor, mas ele morreu.

— Ah! Jenny, Jenny! — exclama a outra mulher para ela — foi melhor

assim. É muito melhor pensar que ele está morto do que vivo, Jenny! Muito melhor!

— Ora, você não é tão desnaturada, acredito — diz Bucket com aspereza —, que deseje a morte de seu próprio filho.

— Deus sabe que o senhor tem razão, meu chefe — responde ela. — Não sou, não. Eu me meteria entre ele e a morte, com a minha própria vida se pudesse, tão verdadeiramente como qualquer linda fidalga.

— Então não fale dum modo tão sem propósito — diz o Sr. Bucket, de novo abrandado. — Por que o faz?

— Vem-me à cabeça, meu senhor — torna a mulher com os olhos cheios de lágrimas —, quando vejo a criança deste jeito. Se ela não viesse a despertar mais nunca, o senhor vai pensar que sou doida, eu choraria da mesma forma. Sei disso muito bem. Estava com Jenny quando ela perdeu o dela — não estava, Jenny! — e sei quanto ela sofreu. Mas olhe em volta do senhor, veja este lugar. Olhe para eles! — e lança um olhar para os homens que dormem no chão. — Repare no menino que os senhores estão esperando e que foi fazer-me um bom favor. Pensem nas crianças com quem os senhores têm de lidar muitas e muitas vezes e que os senhores veem crescer!

— Bem, bem — diz o Sr. Bucket ensine-o a ser um homem direito, e ele se tornará um conforto para você, cuidando de você na sua velhice.

— Vou fazer o possível — responde ela, enxugando os olhos. — Mas estando muito cansada esta noite, e com um pouco de febre, fiquei a pensar em todas as coisas que se atravessarão no caminho dele. Meu homem será contra isso, espanca-lo-á. Ele me verá ser espancada, tornará medo de sua casa e talvez se desgarre. Se trabalho para ele tanto, com tamanho sacrifício, não há ninguém que me ajude. E se ele vier a dar para coisa ruim, apesar de tudo quanto eu puder fazer, e tempo chegar em que me sente junto dele, adormecido, grosseiro e mudado, não é admissível que pense nele, enquanto dorme no meu colo agora, e deseje que venha a morrer como morreu o filho de Jenny?

— Ora, ora! — diz Jenny. Liz, você está cansada e doente. Deixe que eu fique com ele.

E, ao tomar-lho, desarruma o vestido da mãe, mas rapidamente o reajusta sobre o colo contundido e cheio de equimoses, onde o bebê estivera deitado.

— Foi meu filho morto — diz Jenny, caminhando para um lado e para outro, a niná-lo — que me fez ficar querendo tanto bem a esta criança, e foi meu filho morto que a faz também querer tanto bem ao dela, a ponto de pensar em ser ele arrebatado dela agora.

Enquanto ela pensa assim, eu penso na fortuna que daria para poder ter outra vez comigo o meu queridinho. Mas queremos dizer a mesma coisa, se soubéssemos exprimir, nós duas mães, o que sentimos em nossos pobres corações! Enquanto o Sr. Snagsby limpa o nariz ruidosamente e tosse a sua tosse de simpatia, ouve-se um passo lá fora. O Sr. Bucket lança a luz na direção da porta e diz ao Sr. Snagsby: — Que me diz do Durinho? Será ele?

— É Jo, sim — diz o Sr. Snagsby.

Jo está de pé, espantado, dentro do círculo de luz, como uma figura esfarrapada numa lanterna mágica, tremendo ao pensar que ofendeu novamente a lei, por não se haver mudado para bastante longe. O Sr. Snagsby, contudo, dá-lhe a certeza consoladora: — É apenas para um serviço que será pago, Jo. — E Jo perde o medo, tanto que, levado à parte pelo Sr. Bucket para uma pequena confabulação particular, conta-lhe sua história satisfatoriamente, ainda que a ofegar.

— Arranjei tudo com o garoto — diz o Sr. Bucket, voltando. — Está tudo direito. Agora, Sr. Snagsby, estamos às suas ordens.

Primeiro, Jo tem de completar o recado que teve a bondade de levar ao médico, repetindo a lacônica receita verbal que lhe dera: “Tudo deve ser tomado imediatamente.” Em segundo lugar, o Sr. Snagsby tem de deixar em cima da mesa meia coroa, sua panaceia habitual para uma imensa variedade de aflições. Em terceiro lugar, o Sr. Bucket tem de pegar Jo pelo braço um pouco acima do cotovelo e fazê-lo caminhar à sua frente, sem o qual rito nem João Durinho nem qualquer João poderia ser profissionalmente conduzido até Lincoln’s Inn Fields. Completadas essas cerimônias, dão boa-noite às mulheres e saem mais uma vez para o negro e imundo Tom-All-Alone’s.

Pelos empestados caminhos através dos quais desceram até aquele buraco, emergem paulatinamente dali, com a multidão fugindo, assobiando e desviando-se deles, até chegarem ao limite, onde a lanterna de Darby lhe é devolvida. Aqui a multidão, como um magote de demônios prisioneiros, volta, aos berros, e não mais é vista. Pelas ruas mais claras e mais frescas, nunca tão claras e tão frescas para o espírito do Sr. Snagsby como agora, vão

a pé e de carro, até chegarem ao portão do Sr. Tulkinghorn.

Ao subirem as escadas escuras (estando os aposentos do Sr. Tulkinghorn no primeiro andar), lembra o Sr. Bucket que tem no bolso a chave da porta de fora e que não há necessidade de tocar a campainha. Para um homem tão perito na maior parte das coisas dessa espécie, Bucket leva tempo para abrir a porta e também faz algum barulho. Talvez seja isso um aviso de preparação.

Seja como for, entram afinal no salão, onde arde uma lâmpada, e daí para a sala habitual do Sr. Tulkinghorn — a sala onde ele esteve bebendo o seu vinho velho naquela noite. O advogado não está ali, mas seus dois castiçais antiquados estão, e a sala se acha sofrivelmente iluminada.

Mal entrara naquela sala o Sr. Bucket, que ainda prende profissionalmente o braço de Jo e dá ao Sr. Snagsby a impressão de possuir um infinito número de olhos, Jo estaca sobressaltado.

— Que há? — pergunta o Sr. Bucket bem baixinho.

— Lá está ela! — exclama Jo.

— Quem?

— A senhora!

Uma figura feminina, completamente velada, está de pé no meio da sala, no lugar onde a luz se projeta. Mantém-se inteiramente imóvel e silenciosa. A frente da figura está voltada para eles, mas não toma conhecimento de sua entrada e permanece como uma estátua.

— Ora, diga-me — pergunta Bucket em voz alta —, como sabe você que é essa a senhora?

— Conheço o véu — responde Jo, fitando-a — e o chapéu e a saia.

— Certifique-se bem do que está dizendo, Durinho — replica Bucket, observando-o atentamente. — Olhe de novo.

— Estou olhando com a maior atenção possível — diz Jo, de olhos arregalados — e ali estão o véu, o chapéu e a saia.

— E a respeito daqueles anéis de que me falou? — pergunta Bucket.

— Brilhando por aqui tudo — diz Jo, esfregando os dedos de sua mão esquerda nos nós dos dedos da mão direita, sem tirar os olhos da figura.

A figura retira a luva da mão direita e mostra a mão.

— Agora, que diz você a isso? — pergunta Bucket.

Jo sacode a cabeça.

— Nenhum anel como aqueles. A mão não é a mesma.

— De que está você falando? — pergunta Bucket, mas com evidente prazer e muito satisfeito.

— A mão era muito mais branca, muito mais delicada, muito mais pequena — diz Jo.

— Olhe que agora mesmo você me vai dizer que eu sou a minha própria mãe — torna o Sr. Bucket. — Recorda-se da voz da senhora?

— Acho que sim — responde Jo.

O vulto fala: — Era assim mesmo? Falarei quanto tempo quiser, para que fique bem certo. Era esta a voz ou parecida com esta?

Jo olha espantado para o Sr. Bucket.

— Nem um pouquinho.

— Então por que — redargui aquele cavalheiro, apontando para o vulto — disse você que era a senhora?

— Porque — responde Jo, com um olhar perplexo, mas sem se mostrar absolutamente abalado na sua certeza —, porque estou vendo ali o véu, o chapéu e a saia. É ela e não é ela. Não tem a sua mão, os seus anéis, a sua voz. Mas ali estão o véu, o chapéu e a saia. E estão usados da mesma maneira que ela usava, a altura dela é a mesma. Deu-me um soberano e eu, zás, agarrei o bicho!

— Bem — diz o Sr. Bucket com algum desdém. — Não arrancamos muita coisa de você. Contudo aqui estão cinco xelins para você. Tome cuidado em como vai gastá-los, e não se meta em complicações.

Bucket vai furtivamente passando as moedas duma mão para outra, como os contadores de dinheiro — jeito que ele tem, utilizando-o principalmente em jogos de habilidade como esse —, e depois as coloca, numa pequena pilha dentro da mão do menino, levando-o para fora da sala e deixando o Sr. Snagsby pouco à vontade naquelas misteriosas circunstâncias,

a sós com a figura velada. Mas, com a entrada do Sr. Tulkinghorn na sala, o véu é levantado e aparece uma francesa suficientemente bem-posta, conquanto sua expressão revele qualquer coisa de extremamente ansioso.

— Obrigado, M^{re} Hortense — diz o Sr. Tulkinghorn com sua habitual serenidade. — Não lhe darei mais incômodo a respeito desta pequena aposta.

— Tenha a bondade de não esquecer, senhor, que não me acho colocada atualmente — diz mademoiselle.

— Por certo, por certo!

— E de me conferir a bondade de sua distinta recomendação.

— Sem dúvida alguma, Mlle Hortense.

— Uma palavra do Sr. Tulkinghorn tem tanta força!

— Ela não faltará, mademoiselle.

— Receba a certeza de minha devotada gratidão, meu caro senhor.

— Boa noite.

Mademoiselle sai com um ar de gentileza natural, e o Sr. Bucket, para quem, em qualquer emergência, é tão natural ser criado de cerimônia como outra qualquer coisa, mostra-lhe a escada, não sem certa galantaria.

— E então, Bucket? — diz o Sr. Tulkinghorn, quando aquele volta.

— Está tudo muito de acordo, como o senhor vê, com aquilo mesmo que disse. Não há dúvida que foi a outra com o vestido desta. O menino foi exato a respeito de cores e tudo mais. Sr. Snagsby, dei-lhe minha palavra de homem de que o menino seria mandado de volta direitinho. Não poderá dizer que não cumpri minha palavra.

— O senhor cumpriu sua palavra, sim — concorda o papeleiro —; e se não precisa mais de mim, Sr. Tulkinghorn, segundo penso, e como minha mulherzinha deve estar ficando um tanto aflita ...

— Obrigado, Sr. Snagsby, não preciso mais do senhor — diz o Sr. Tulkinghorn. — Fico-lhe muito grato pelo incômodo que teve.

— Absolutamente, senhor, incômodo algum. Desejo-lhe boa-noite.

— Saiba, Sr. Snagsby — diz o Sr. Bucket, acompanhando-o até a porta e apertando-lhe a mão repetidas vezes —, que o que me agrada no senhor é que

é um homem que não precisa de ser sondado. Isso é o que o senhor é. Quando sabe que fez uma coisa direita, não mais quer ouvir falar dela, está feito e pronto, está tudo liquidado. É assim que o senhor faz.

— É isso por certo o que procuro fazer, senhor — diz o Sr. Snagsby.

— Não, o senhor não faz justiça a si mesmo. Não é o que o senhor procura fazer — diz o Sr. Bucket, apertando-lhe a mão e louvando-o da maneira mais afetuosa —, é o que o senhor realmente faz. É isso que estimo num homem que exerce a profissão do senhor.

O Sr. Snagsby dá uma resposta adequada e dirige-se para sua casa, tão confuso pelos acontecimentos daquela noite, que duvida se está acordado e fora de casa, duvida da realidade das ruas pelas quais vai passando, duvida da realidade da lua que brilha acima dele. Mas daí a pouco se certifica de que é tudo real, graças à indisputável realidade da Sra. Snagsby, ainda de pé e com a cabeça transformada numa perfeita colmeia de papelotes e touca de dormir, que enviou Guster à delegacia com a informação oficial de que seu marido desaparecera, e que, dentro das últimas duas horas, passou por todos os graus de desmaios com maior decência. Mas, como a mulherzinha diz tudo isso sinceramente, ganha em troca muitos agradecimentos.

A NARRATIVA DE ESTER

Regressamos da casa do Sr. Boythorn depois de seis agradáveis semanas. Ficávamos muitas vezes no parque e nos bosques e raramente passávamos diante da Casa de Guarda, onde nos havíamos abrigado, sem que entrássemos para uma conversinha com a mulher do guarda. Mas não vimos mais Lady Dedlock, exceto na igreja, aos domingos. Havia hóspedes em Chesney Wold, e ainda que muitos rostos lindos a cercassem o dela exercia sobre mim a mesma influência do princípio. Não sabia perfeitamente, nem mesmo agora o sei, se era uma impressão penosa ou agradável, se me arrastava para ela ou se me fazia afastar-me dela. Julgo que a admirava com uma espécie de temor e sei que na sua presença meus pensamentos sempre tornavam, como acontecera a princípio, aos velhos tempos de minha vida.

Vinha-me a fantasia, em mais de um daqueles domingos, de que aquilo que aquela fidalga era para mim era eu também para ela, quero dizer, eu perturbava seus pensamentos da mesma forma que ela influenciava os meus, posto que de uma forma um tanto diversa. Mas quando lançava para ela um olhar furtivo e a via tão sossegada, tão esquiva e inacessível, sentia que aquilo não passava duma louca fraqueza de minha parte. De fato, sentia que tudo quanto minha mente imaginava a respeito dela era inconsistente e desarrazoado e me repreendia a mim mesma por isso o mas que podia.

Seria melhor mencionar aqui um fato ocorrido antes da nossa partida da casa do Sr. Boythorn.

Passeava eu no jardim com Ada, quando me avisaram que alguém desejava ver-me. Dirigindo-me à sala de jantar, onde essa pessoa estava à minha espera, vi que era a criada francesa que havia jogado fora os sapatos e caminhado pela relva molhada, no dia da chuva.

— Mademoiselle — começou ela, olhando fixamente para mim com seus olhos penetrantes, conquanto por outro lado tivessem aspecto agradável,

e falando-me sem ousadia nem servilismo —, tomei grande liberdade vindo aqui. Mas sendo tão delicada, mademoiselle, há de saber desculpar-me.

— Não há que desculpar — repliquei — se a senhora deseja falar-me.

— É esse o meu desejo, mademoiselle. Mil agradecimentos pela permissão. Tenho licença sua para falar, não é? — perguntou ela dum modo rápido e natural.

— Por certo. — Mademoiselle é tão amável! Escute, pois, por obséquio. Deixei minha senhora. Não podíamos andar de acordo. Minha senhora é tão altiva, muito altiva mesmo. Perdão! Mademoiselle tem razão! — Sua sagacidade antecipou o que eu poderia ter-lhe dito no momento, mas que até então só havia pensado. — Não deveria vir aqui queixar-me de minha senhora. Mas repito que ela é muito altiva, demasiado altiva mesmo. Não direi uma palavra mais. Toda a gente sabe disto.

— Continue, por obséquio.

— Pois não. Mademoiselle, sou-lhe grata pela sua gentileza. Mademoiselle, tenho uma vontade inexprimível de encontrar serviço em casa duma jovem senhora que seja boa, prezada e bela. A senhorita é boa, prezada e bela como um anjo. Ah! poderia eu ter a honra de ser sua criada?

— Lamento muito... — comecei.

— Não me despeça com tanta rapidez, mademoiselle — disse ela, com uma involuntária contração de suas lindas sobrancelhas negras. — Deixe-me esperar um instante! Mademoiselle, sei que esse serviço será mais discreto do que o que acabo de deixar. Pois bem! É isso que desejo. Sei que esse serviço, seria menos distinto do que o que deixei. Pois bem! É isso que desejo. Sei que ganharia aqui um ordenado menor. Pois bem! Fico satisfeita.

— Posso afirmar-lhe — disse eu, muito embaraçada diante da simples ideia de ter uma criada como aquela — que não precisamos de empregada...

— Ah! mademoiselle, mas por que não? Por que não, quando pode ter uma tão devotada como eu? Uma que ficaria encantada de poder servi-la, que se mostraria sempre sincera, zelosa, fiel? Mademoiselle, desejo servi-la de todo o coração. Não fale em dinheiro agora. Tome-me como eu sou. Por nada!

Mostrava-se tão singularmente séria que recuei, quase com medo dela. Sem parecer notá-lo, aproximou-se ainda mais de mim no seu ardor, falando

numa voz rápida e velada, embora sempre com certa graça e decoro.

— Mademoiselle, vim do Sul, onde somos bem vivos, e amamos ou odiamos com muita energia. Minha senhora era demasiado ativa para comigo. Eu era demasiado ativa para com ela. Está feito, passado, acabado! Receba-me como sua criada, e eu a servirei muito bem. Farei pela senhorita mais do que poderia imaginar agora. Bom, mademoiselle. eu farei... farei o mais que puder em tudo. Se aceitar meus serviços, não se arrependerá. Mademoiselle, não se arrependerá, e eu a servirei muito bem. Não pode imaginar quão bem a servirei!

Havia no seu rosto uma energia sombria, enquanto se mantinha ali de pé, a olhar para mim, e eu lhe ia explicando a impossibilidade de contratá-la (sem achar necessário dizer-lhe quão pouco era o meu desejo de fazê-lo), que parecia tornar visível diante de meus olhos alguma das mulheres das ruas de Paris no reino do Terror. Ouviu-me sem interromper-me, e depois disse, com seu lindo sotaque e com a voz mais doce: — Bem mademoiselle, recebi a resposta. Estou triste com ela. Mas devo ir a qualquer outra parte procurar o que não encontrei aqui. Quer ter a bondade de permitir que lhe beije a mão?

Olhou para mim intencionalmente, ao pegar na minha mão, parecendo tomar nota, naquele momentâneo toque, de cada veia nela existente.

— Receio ter-lhe causado surpresa, mademoiselle, no dia daquela tempestade — disse ela, numa vênica de despedida.

Confessei que todos havíamos ficado surpreendidos. — Fizera uma promessa, mademoiselle — disse ela, sorrindo —, e queria gravá-la na minha mente, de modo que pudesse cumpri-la com fidelidade. E hei de cumpri-la! Adeus, mademoiselle!

Assim terminou nossa entrevista, que muito me alegrou ver terminada. Suponho que ela se retirou da vila, pois não a vi mais. E nada mais ocorreu que viesse perturbar nossos tranquilos prazeres de verão, até que as seis semanas passaram, e voltamos para casa, como vinha acabando de dizer.

Naquela ocasião e durante muitas semanas depois daquele tempo, Ricardo mostrou-se constante em suas visitas. Além de vir todos os sábados ou domingos, e ficar conosco até segunda-feira de manhã, aparecia às vezes a cavalo inesperadamente, e passava a noite conosco, voltando a cavalo na manhã seguinte. Mostrava-se tão vivaz como sempre, e dizia-nos que estava

trabalhando muito. Mas eu não me sentia tranquila a respeito dele. Parecia-me que toda a sua atividade estava mal orientada. Não podia deixar de pensar que, se ela conduzisse a alguma coisa, seria apenas à formação de esperanças ilusórias em relação com o processo, já pernicioso causa de tantas tristezas e ruínas. Dizia-nos que agora havia chegado ao âmago daquele mistério e que nada podia ser mais positivo do que dever ser finalmente reconhecido o testamento, debaixo de cujas cláusulas ele e Ada teriam de receber não sei quantos milhares de libras, se houvesse qualquer senso ou justiça no Tribunal (oh! mas que enorme soava este se aos meus ouvidos!) e que tão feliz conclusão não podia ser adiada por muito mais tempo. Provou a si mesmo isso com todos os fracos argumentos da parte que havia lido, e cada um deles mergulhava mais naquela vertigem. Havia mesmo começado a frequentar o foro. Contou-nos que via Miss Flite ali diariamente, que haviam conversado e que lhe havia feito pequenas amabilidades, lastimando-a do íntimo do coração, enquanto ria dela. Mas nunca pensou (nunca, meu pobre, meu querido, meu ardente Ricardo, capaz de tanta felicidade depois e com tão melhores coisas diante de si!), nunca pensou no elo fatal que estava forjando entre sua fresca juventude e a idade emurchecida de Miss Flite, entre suas livres esperanças e os pássaros engaiolados dela, e sua água-furtada, cheia de fome, e o espírito errante da pobre velhinha.

Ada amava-o tanto que acreditava em tudo quanto ele dizia e fazia, e meu tutor, conquanto se queixasse frequentemente do vento leste e fosse ler mais do que de costume na Resmungadoria, guardava rigoroso silêncio a respeito do assunto. Assim, um dia que fui a Londres contratar Caddy Jellyby, a pedido dela, pensei que deveria pedir a Ricardo que me fosse esperar no posto das diligências, para termos uma conversa. Encontrei-o ali quando cheguei, e pusemo-nos a passear de braço dado.

— Bem, Ricardo — disse eu logo que pude começar a mostrar-me séria com ele —, está começando a sentir-se mais sólido agora?

— Oh! sim, minha querida! — respondeu Ricardo. — Sinto-me bastante estabilizado.

— Mas estabilizado mesmo?

— Que quer você dizer com este “estabilizado”? — perguntou Ricardo, com sua alegre risada.

— Estabilizado no direito — respondi.

— Oh! sim! Estou inteiramente estabilizado.

— Você já me disse isso antes, meu caro Ricardo.

— E você não achou que fosse uma resposta, não é? Bem! Talvez ainda não seja. Estabilizado? Você quer dizer que me sinto como que inteiramente fixado?

— Sim.

— Ora, não, não posso dizer que estou “fixado” — disse Ricardo, acentuando fortemente o “fixado”, como se esta fosse a dificuldade — porque a gente não pode “fixar-se” enquanto esse negócio pende em tal estado de indecisão. Quando digo esse negócio, refiro-me, é claro, ao assunto proibido.

— Acha você que ele chegará alguma vez a ser decidido?

— Não tenho a menor dúvida.

Caminhamos um pouco mais sem falar, e depois Ricardo dirigiu-se a mim da sua maneira mais franca e mais comovida: — Minha querida Ester, compreendo-a. Bem que eu quisera ser um sujeito mais constante do que sou. Não quero dizer constante em relação a Ada, pois a amo de todo o coração — cada vez mais todos os dias — mas constante em relação a mim mesmo. (De certo modo quero dizer uma coisa que não posso exprimir muito bem, mas você saberá perfeitamente adivinhá-la.) Se eu fosse um sujeito mais constante, ter-me-ia agarrado tenazmente tanto a Badger como a Kenge e Carboy, e já estaria começando a ficar firme e metódico, não me endividaria e...

— Você *está* endividado, Ricardo?

— Sim. Um pouquinho, minha querida. É que joguei um pouco mais de bilhar e coisa assim. Agora está revelado o crime. Despreza-me, não, Ester?

— Você bem sabe que não.

— Você é mais bondosa para mim do que eu muitas vezes sou para mim mesmo. Minha querida Ester, sou um tipo bem infeliz por não ser mais estável. Mas como posso ser mais estável? Se você morasse numa casa ainda não terminada, não poderia fixar-se nela. Se fosse condenada a deixar incompleto tudo quanto empreendesse, acharia difícil aplicar-se a qualquer coisa. E, contudo, é este infelizmente o meu caso. Nasci dentro dessa contenda sem fim, com todas as suas mudanças e azares, e ela começou por

me tornar inseguro antes que eu viesse a saber bem qual a diferença entre uma peça de processo e uma peça de roupa. E desde então tem-me tornado cada vez mais incerto. Aqui estou agora, consciente muitas vezes de que sou apenas um sujeito indigno de amar a minha confiante prima Ada.

Achávamo-nos num lugar solitário e ele pôs a mão sobre os olhos, a soluçar enquanto dizia aquelas palavras.

— Oh! Ricardo — disse eu —, não fique tão comovido! Você é dotado duma nobre natureza, e o amor de Ada pode torná-lo mais digno cada dia.

— Sei, minha querida — tornou ele, apertando meu braço —, sei de tudo isso. Não vá pensar que é agora que estou assim comovido, pois desde muito tempo tenho tudo isso na mente, pensando muitas vezes em falar-lhe, mas nem sempre encontro oportunidade e às vezes me falta coragem. Sei que o pensar em Ada deveria ser para mim um estímulo. Mas tal não se dá. Mesmo para isso sou por demais inconstante. Amo-a devotadamente e, contudo, prejudico-a, prejudicando a mim mesmo todos os dias e a todas as horas. Mas isso não pode durar sempre. Haveremos de chegar a uma decisão final e lograr julgamento a nosso favor. E então você e Ada verão o que posso realmente ser!

Confrangeu-me o coração vê-lo soluçar e ver as lágrimas correrem entre seus dedos. Mas isso me afetou muito menos do que a animada esperança com que disse aquelas palavras.

— Examinei bem os papéis, Ester, estive mergulhado profundamente neles durante meses — continuou ele, recuperando sua jovialidade no mesmo instante — e você pode ficar certa de que sairemos disso triunfantes. Quanto aos anos de demora, poucos não foram, Deus bem sabe, e há a maior probabilidade de levarmos o assunto a uma rápida conclusão; de fato, já está em pauta. Sairá tudo bem afinal, e depois vocês verão!

Lembrando-me de como ele tinha acabado de colocar os Srs. Kenge e Carboy na mesma categoria do Sr. Badger, perguntei-lhe quando tencionava registrar-se em Lincoln's Inn.

— Outra vez! Acho que não me registrarei, Ester — respondeu ele com esforço. — Acho que já estou farto disso. Tendo trabalhado no processo a Jarndyce e Jarndyce, como um galé, matei minha sede de lei e fartei-me dela para sempre. Além disso, acho que ela me torna cada vez mais incerto para

estar constantemente no teatro da ação. De modo que — continuou Ricardo, de novo confiante desta vez — para onde hei de voltar naturalmente meus pensamentos?

— Não posso imaginar — respondi.

— Não fique tão séria — volveu Ricardo — porque é a melhor coisa que posso fazer, minha querida Ester, tenho certeza. Não é como se eu precisasse duma profissão para o resto da vida. Esses processos chegarão a um termo e então estarei feito. Não. Encaro-a como uma ocupação por sua natureza mais ou menos insegura e, portanto, adequada à minha temporária situação — posso mesmo afirmar, precisamente adequada. Para o que hei de voltar naturalmente meus pensamentos?

Olhei para ele e sacudi a cabeça.

— Para quê — disse Ricardo, num tom de perfeita convicção —, senão para o exército?

— Para o exército?

— Para o exército, sim. O que tenho de fazer é arranjar uma comissão, e... pronto, você sabe!

E então mostrou-me, provou com complicados cálculos feitos em seu livro de notas, que, supondo ter ele contraído, digamos, duzentas libras de dívidas em seis meses, fora do exército, e que não contraindo dívida alguma dentro dum período correspondente, no exército — no que fixara inteiramente sua ideia —, este passo implicaria uma economia de quatrocentas libras por ano, ou duas mil libras em cinco anos, o que era uma soma considerável. E depois falou ingênua e sinceramente do sacrifício que fizera em afastar-se por algum tempo de Ada, e da seriedade com que aspirava — como em pensamento sempre o fez, sei muito bem disso — a retribuir-lhe o amor, assegurar-lhe a felicidade, dominar o que nele havia de censurável e adquirir uma alma verdadeiramente decidida, que senti uma dor aguda no coração. Porque eu pensava em como acabaria isso, em como isso poderia ter fim, quando tão cedo e com tanta certeza todas as suas qualidades varonis eram atingidas pela fatal geada que arruína tudo quanto cobre.

Falei a Ricardo com toda a gravidade de que era capaz e com toda a esperança que eu não podia inteiramente sentir então, e roguei-lhe, por amor de Ada, que não depositasse confiança alguma no Tribunal. Ricardo

concordou prontamente com tudo quanto eu disse, passando por sobre o foro e tudo mais com aquele seu jeito fácil e desenhando os mais brilhantes quadros do caráter que ele assumiria então — ai! — quando o atroz processo perdesse seu domínio sobre ele! Conversamos longamente, mas, em substância, voltávamos sempre a isso.

Afinal chegamos ao Largo do Soho, onde Caddy Jellyby marcara nosso encontro, lugar sossegado na vizinhança da Rua Newman. Caddy achava-se no centro do jardim e correu ao meu encontro logo que apareci. Depois de umas palavras joviais, Ricardo deixou-nos juntas.

— Príncipe tem um aluno em frente, Ester — disse Caddy —, e arranjou a chave para nós. De modo que se você quiser dar umas voltas comigo por aqui, podemos fechar-nos lá dentro e poderei dizer-lhe comodamente quanto eu desejava contemplar seu querido e bondoso rosto.

— Muito bem, minha querida — disse eu. — Nada poderia ser melhor.

Assim Caddy, depois de apertar com carinho o querido e bondoso rosto, como lhe chamava, fechou o portão, pegou-me pelo braço e começamos a dar voltas pelo jardim, bem à vontade.

— Veja, Ester — disse Caddy, que era louca por uma pequena confidência —, depois que você me disse que não estava direito eu casar-me sem conhecimento de mamãe, ou mesmo conservá-la alheia ao nosso noivado — conquanto não acredite que mamãe se importe muito comigo, posso afirmar —, achei conveniente transmitir suas opiniões a Príncipe. Em primeiro lugar, porque desejo aproveitar tudo quanto você me diz e, em segundo lugar, porque não tenho segredos para Príncipe.

— Espero que ele tenha aprovado, Caddy.

— Oh! minha querida! Garanto-lhe que ele aprova tudo quanto você dissesse. Você não pode imaginar a opinião que ele tem de você!

— Deveras?

— Ester, o bastante para fazer outra que não eu ficar com ciúme — disse Caddy, rindo e sacudindo a cabeça — mas isso apenas me enche de alegria, pois você é a primeira amiga que já tive e a melhor amiga que jamais poderia ter, e ninguém pode respeitar e amar você tanto quanto eu.

— Palavra, Caddy, você está na conspiração geral para conservar-me de

bom humor. Então, minha querida?

— Bem! Vou contar-lhe — replicou Caddy, cruzando as mãos confiadamente sobre meu braço. — De modo que conversamos muito a esse respeito, e eu disse então a Príncipe: “Príncipe, como Miss Summerson...”

— Acho que você não disse “Miss Summerson”?

— Não. Não disse! — exclama Caddy, bastante satisfeita e com o mais brilhante dos rostos. — Eu disse “Ester”. Disse a Príncipe: “Como Ester é decididamente dessa opinião, Príncipe, e me confessou e sempre a ela se refere, quando me escreve aqueles bondosos bilhetes que você gosta tanto que eu lhe leia, estou preparada para revelar a verdade a mamãe, quando você achar conveniente. E não se esqueça, Príncipe, que Ester pensa que seria, além disso, uma posição melhor, mais verdadeira e mais honrosa, se você fizesse o mesmo a seu pai.”

— Sim, minha querida — disse eu. — Ester certamente pensa assim.

— Está vendo como eu estava certa? — exclamou Caddy. — Pois bem, isso perturbou Príncipe bastante, não que ele tivesse a menor dúvida a respeito, mas porque leva em muita consideração os sentimentos do Sr. Turveydrop e tinha suas apreensões de que o velho pudesse ter um abalo de coração, ou desmaiar, ou ficar por demais abatido de certo modo, se lhe desse tal notícia. Receava que o velho Sr. Turveydrop viesse a considerar isso uma desobediência e receber um choque muito grande. Porque as atitudes do Sr. Turveydrop são por demais elegantes, como você sabe, Ester, e seus sentimentos extremamente suscetíveis.

— São mesmo, minha querida?

— Oh! extremamente suscetíveis. Príncipe assim o diz. Ora, isso causou ao meu querido filhinho... não queria empregar esta expressão diante de você, Ester — desculpou-se Caddy, com o rosto a arder de rubor — mas em geral chamo a Príncipe meu querido filhinho.

Desatei a rir e Caddy riu também, corou e prosseguiu: — Isso lhe causou, Ester...

— Causou a quem, minha querida?

— Oh! sua enjoada! — disse Caddy, rindo, com o lindo rosto em fogo. — Ao meu querido filhinho, se você insiste! Isso lhe causou semanas de

inquietação e fez que fosse protelando a coisa dia a dia, duma forma bastante aflitiva. Por fim me disse: “Caddy, se Miss Summerson, que goza de grande predileção da parte de meu pai, pudesse valer-se disso para estar presente quando eu abordar o assunto, penso que seria capaz de fazê-lo.” De modo que lhe prometi pedir isso a você. E pensei também — continuou Caddy, olhando para mim, cheia de esperança, mas com timidez — que se você consentisse, eu lhe pediria que depois viesse comigo para falar com mamãe. Era essa a minha intenção quando disse no meu bilhete que ia pedir-lhe um grande favor e um grande auxílio. E se você achar que nos poderá fazer tal favor, Ester, nós dois lhe ficaremos muito gratos.

— Deixe-me ver, Caddy — disse eu, fingindo considerar a proposta. — Realmente, penso que poderia fazer coisa muito maior do que isso, se houvesse necessidade premente. Estou às ordens de você e do querido filhinho, meu bem, quando quiserem.

Caddy mostrou-se arrebatada de entusiasmo com essa minha resposta, sendo, acredito, tão suscetível à menor bondade ou estímulo como qualquer terno coração que já palpitou neste mundo. Depois de mais uma ou duas voltas pelo jardim, durante as quais exibiu um par de luvas novo em folha e mostrou-se tão resplandecente quanto possível para evitar qualquer descrédito perante o Mestre das Elegâncias, seguimos diretamente para a Rua Newman.

Príncipe estava naturalmente dando aula. Encontramo-lo às voltas com um aluno não muito esperançoso — uma mocinha rude, voz profunda, e uma mamãe desanimada e descontente —, cujo caso por certo não se tornou mais satisfatório com a confusão em que lançamos seu mestre. A lição chegou ao seu termo afinal, depois de prosseguir na maior discordância imaginável. E quando a mocinha mudou os sapatos e o branco véu de musselina se transformou em xale, levaram-na dali. Depois de umas poucas palavras preparatórias, fomos então à procura do Sr. Turveydrop, que encontramos, formando um grupo com seu chapéu e suas luvas, como um verdadeiro modelo de elegância, sobre o sofá de seu aposento particular — único aposento confortável de toda a casa. Parecia ter-se vestido com todo o vagar, nos intervalos de uma ligeira refeição; e seu toucador, escovas e tudo mais, tudo da espécie mais elegante, jazia ali em torno dele.

— Papai, Miss Summerson; Miss Jellyby.

— Encantado! Fascinado! — exclama o Sr. Turveydrop, levantando-se e

fazendo sua vênia de ombros erguidos.

— Permitam-me! — e foi trazendo cadeiras. — Queiram sentar-se! — beijando as pontas dos dedos esquerdos. — Encantadíssimo! — e fechando os olhos e revirando-os. — O meu pequeno retiro transformou-se num paraíso! — Volta a tomar no sofá sua atitude solene, de segundo cavalheiro da Europa.

— Encontra-nos de novo, Miss Summerson — disse ele —, no uso de nossas pequenas artes de polir, de polir! De novo o belo sexo nos estimula e nos recompensa, condescendendo com sua amável presença. É muito nestes tempos (pois temos degenerado horivelmente desde os tempos de S.A.R., o Príncipe Regente, meu patrono, se não é presunção minha dizê-lo) verificar que a elegância não foi ainda de todo espezinhada pela mecânica. E que pode ainda aquecer-se ao sorriso da beleza, minha cara senhora.

Eu nada disse — o que pensei era uma resposta adequada; e ele tomou uma pitada de rapé.

— Meu querido filho — disse o Sr. Turveydrop —, você tem quatro aulas esta tarde. Recomendar-lhe-ia um apressado sanduíche.

— Obrigado, papai — respondeu Príncipe —, tenho a certeza de que serei pontual. Meu querido pai, ouse pedir-lhe que prepare o espírito para o que lhe vou dizer.

— Céus! — exclamou o modelo de elegâncias, pálido de espanto quando Príncipe e Caddy se inclinaram diante dele, de mãos dadas. — Que é isto? Estão malucos? Ou que é?

— Papai — disse Príncipe, com grande submissão —, amo esta senhorita e estamos noivos.

— Noivos! — exclamou o Sr. Turveydrop, reclinando-se no sofá e ocultando a vista com a mão. — Uma seta foi atirada ao meu cérebro pelo meu próprio filho!

— Estamos noivos há já algum tempo, papai — gaguejou Príncipe —, e Miss Summerson, sabendo disso, aconselhou que deveríamos participar o fato ao senhor e teve a bondade de estar presente neste instante. Miss Jellyby é uma senhorita que o respeita profundamente, papai.

O Sr. Turveydrop solta um gemido.

— Não! Rogo-lhe que não! Rogo-lhe que não, papai! — insistiu o filho.

— Miss Jellyby é uma jovem que o respeita profundamente, e nosso primeiro desejo é levar em consideração o conforto do senhor.

O Sr. Turveydrop soluçou.

— Não, rogo-lhe que não, papai! — exclamou o filho.

— Rapaz — disse o Sr. Turveydrop —, bom foi que sua santa mãe tenha sido poupada a esta dor. Fira mais fundo e não me poupe. Fira, senhor, fira!

— Rogo-lhe, não fale assim, papai — implorou Príncipe, lacrimoso. — Isto me alanceia o coração. Garanto-lhe, papai, que nosso primeiro desejo e nossa primeira intenção é levar em consideração o seu conforto. Carolina e eu não esquecemos nosso dever — o que é o meu dever é o dever de Carolina, como o dissemos muitas vezes juntos —, e com sua aprovação e consentimento, papai, devotar-nos-emos a tornar-lhe a vida agradável.

— Fira! — murmurava o Sr. Turveydrop. — Fira!

Mas acho que também parecia prestar atenção ao que se dizia.

— Meu querido pai — tornou Príncipe —, nós bem sabemos a que pequeninos confortos está o senhor acostumado e a que tem direito. Será, portanto, nosso cuidado, nosso orgulho, proporcionar-lhes antes de qualquer coisa. Se nos abençoar com sua aprovação e consentimento, papai, não pensaremos em casar-nos enquanto o senhor não o achar de toda a conveniência para o senhor; e quando nos houvermos casado, o senhor estará sempre, sem dúvida alguma, em primeiro lugar nas nossas cogitações. O senhor deverá ser sempre a Cabeça e o Chefe aqui, papai. Sentimos quanto seria verdadeiramente desumano de nossa parte se deixássemos de reconhecer isso, ou se deixássemos de esforçar-nos de todas as maneiras possíveis para agradar-lhe.

O Sr. Turveydrop arrostava uma tremenda luta interna e levantou-se de novo no sofá, com as bochechas a bojarem por cima da gravata dura, perfeito modelo de elegância paterna.

— Meu filho! — disse o Sr. Turveydrop. — Meus filhos! Não posso resistir aos rogos de vocês. Sejam felizes!

Sua benignidade, ao erguer a futura nora e ao estender a mão ao filho (que lha beijou com afetuoso respeito e gratidão), foi a cena mais embaraçosa que já vi.

— Meus filhos — disse o Sr. Turveydrop, enlaçando paternalmente Caddy com o braço esquerdo quando ela se sentou a seu lado, e pondo graciosamente a mão direita no quadril —, meu filho e minha filha, a felicidade de vocês será o meu cuidado. Velarei por vocês. Viverão sempre comigo — (queria dizer, é claro, viverei sempre com vocês) —, esta casa é doravante tão de vocês como minha. Considerem-na sua própria casa. Possam vocês viver longamente para partilhá-la comigo!

O poder de sua elegância era tal que eles realmente estavam tão transbordantes de gratidão como se, em vez de aboletar-se em casa deles pelo resto da vida, estivesse o velho a fazer em favor deles algum sacrifício munificente.

— Quanto a mim, meus filhos — disse o Sr. Turveydrop —, estou ficando como a folha amarela e murcha, e é impossível dizer quanto tempo os derradeiros e frágeis traços de elegância senhoril poderão durar nesta era de tecelagem e fiação. Mas, enquanto puder, cumprirei meu dever para com a sociedade e me mostrarei, como de costume, pelas ruas. Minhas necessidades são poucas e simples. Meu pequeno apartamento aqui, o pouco de essencial para tocar-me, minha refeição frugal da manhã, meu pequeno jantar, serão suficientes. Deixo a cargo do afeto respeitoso de vocês atender esses pequenos pedidos, e encarrego-me eu mesmo do restante.

Sentiram-se eles de novo empolgados pela extrema generosidade do velho.

— Meu filho — disse o Sr. Turveydrop —, quanto àqueles pontinhos de que você carece — pontos de elegância que nascem com um homem —, que podem ser melhorados pelo cultivo, mas que nunca podem ser criados, pode você descansar sobre mim. Tenho sido fiel a meu posto desde os dias de S.A.R., o Príncipe Regente, e não hei de desertar dele agora. Não, meu filho. Se você sempre contemplou a pobre posição de seu pai com sentimento de orgulho, pode ficar tranquilo que ele nada fará para deslustrá-la. Quanto a você, Príncipe, cujo caráter é diferente (não podemos ser todos iguais, nem seria aconselhável que o fôssemos), trabalhe, seja industrioso, ganhe dinheiro e aumente a clientela o mais que puder.

— Pode ficar certo que o farei, meu querido pai, com todo o meu coração — respondeu Príncipe.

— Não tenho dúvida disso — disse o Sr. Turveydrop. — Suas qualidades

não são brilhantes, meu querido filho, mas são firmes e úteis. E a vocês ambos, meus filhos, observarei apenas, segundo o espírito de uma santa mulher, em cujo caminho tive a felicidade de lançar, acredito, algum raio de luz, cuidem do estabelecimento, cuidem de minhas simples necessidades e recebam minhas bênçãos!

O velho Sr. Turvedrop tornou-se depois tão galante, em honra da ocasião, que eu disse a Caddy que deveríamos partir imediatamente para Thavies Inn se queríamos chegar lá ainda naquele dia. Despedimo-nos, depois dum longo e amoroso adeus trocado entre Caddy e seu noivo. Durante nossa caminhada ela se mostrou tão feliz e tão cheia de louvores ao velho Turveydrop, que de modo algum eu teria dito uma palavra sequer que pudesse desmerecer nele.

A casa de Thavies Inn tinha cartazes nas janelas anunciando que estava para alugar, e parecia mais suja, mais sombria e mais horrível do que nunca. O nome do pobre Sr. Jellyby havia aparecido na lista de falências apenas um dia ou dois antes, e ele estava encerrado na sala de jantar com dois cavalheiros e um monte de bolsas azuis, livros de contas e papéis, fazendo os mais desesperados esforços para compreender seus negócios. A minha impressão era que eles estavam completamente fora da compreensão dele, porque, quando Caddy entrou comigo por engano na sala de jantar e demos com o Sr. Jellyby de óculos, cercado a um canto pela grande mesa de jantar e pelos dois cavalheiros, parecia ter largado de mão tudo e estar sem fala e insensível.

Subindo a escada para o quarto da Sra. Jellyby (as crianças estavam todas a berrar na cozinha, e não se via nenhuma criada), encontramos-la no meio duma volumosa correspondência, abrindo, lendo e classificando cartas, estando no chão um monte de envelopes rasgados. Estava tão preocupada que a princípio não me reconheceu, conquanto estivesse a olhar para mim com aquele seu olhar curioso, brilhante e meio alheado.

— Ah! Miss Summerson! — disse ela afinal. — Estava pensando em qualquer coisa tão diferente! Estimo que esteja bem de saúde. Folgo de vê-la. O Sr. Jarndyce e Miss Ada vão bem?

Em retribuição fiz votos pela boa saúde da Sra. Jellyby.

— Ora, não ando muito bem, minha querida — disse a Sra. Jellyby de maneira mais sossegada. — Ele tem sido infeliz em seus negócios e está um

tanto transtornado. Felizmente para mim, estou tão atarefada que não tenho tempo para pensar nisso. No momento temos cento e setenta famílias, Miss Summerson, com uma média de cinco pessoas em cada uma, que já foram ou estão para ir para a margem esquerda do Níger.

Pensei numa família tão perto de nós, que não tinha ido nem estava para ir para a margem esquerda do Níger, e fiquei imaginando como poderia aquela mulher mostrar-se tão sossegada.

— Vejo que trouxe Caddy de volta — observou a Sra. Jellyby, lançando um olhar para a filha. — Tornou-se uma completa novidade vê-la aqui, Quase que desertou de seu velho emprego, obrigando-me mesmo a utilizar um rapaz.

— Estou certa, mamãe... — começou Caddy.

— Ora, você sabe, Caddy — interrompeu-a mansamente a mãe —, que emprego um rapaz que foi agora jantar. Que necessidade há de contradizer-me?

— Não ia contradizê-la, mamãe — respondeu Caddy. — Ia apenas dizer que por certo a senhora não queria que eu fosse uma simples escrava a vida inteira.

— Acredito, minha querida — disse a Sra. Jellyby, abrindo ainda suas cartas, lançando seus brilhantes olhos sorridentes sobre elas e classificando-as enquanto falava —, que você tem diante de si um exemplo de trabalho na pessoa de sua mãe. Ora! Uma simples escrava! Se você tivesse alguma simpatia pelos destinos da raça humana, ela a ergueria acima de tal ideia. Mas você não tem nenhuma. Tenho-lhe dito muitas vezes, Caddy, que você não tem tal simpatia.

— Não, mamãe, se é da África, não tenho, mesmo.

— Por certo que não tem. Ora, se eu felizmente não estivesse tão atarefada, Miss Summerson — disse a Sra. Jellyby, lançando mansamente os olhos para mim um instante e considerando onde deveria colocar determinada carta que acabara justamente de abrir —, isso me magoaria e desiludiria. Mas tenho tanta coisa em que pensar, relativamente a Borriobula-Gha, e é tão necessário que me concentre, que isso, como vê, é o meu remédio.

Como Caddy me lançava um olhar de súplica e a Sra. Jellyby estava a olhar bem distante para a África, diretamente por cima do meu chapéu e da

minha cabeça, pensei que seria boa oportunidade abordar o assunto de minha visita e atrair a atenção da Sra. Jellyby.

— Talvez — comecei — esteja a senhora imaginando o que me fez vir aqui interrompê-la.

— Tenho sempre prazer em vê-la, Miss Summerson — disse a Sra. Jellyby, continuando sua ocupação com um plácido sorriso — conquanto desejasse — e meneou a cabeça — que ela se mostrasse mais interessada pelo projeto borriobulano.

— Vim com Caddy — disse eu — porque Caddy pensa com todo o acerto que não devia guardar um segredo para sua mãe, e acha que eu a acoroçoarei e ajudarei (embora eu tenha certeza de que não sei como) partilhando-o.

— Caddy — disse a Sra. Jellyby, fazendo pausa por um instante na sua ocupação e continuando serenamente a mesma depois de menear a cabeça —, você vai dizer alguma tolice.

Caddy desatou os atilhos do chapéu, tirou-o e, deixando-o pendente acima do soalho pelos atilhos, pôs-se a chorar livremente, dizendo: — Mamãe, estou noiva.

— Oh! que criança ridícula! — observou a Sra. Jellyby com um ar abstrato, enquanto examinava a carta que abrira por último. — Você não passa de uma tola.

— Estou noiva, mamãe — soluçava Caddy —, do jovem Sr. Turveydrop, da Academia. E o velho Sr. Turveydrop (que é um autêntico fidalgo) deu seu consentimento. Peço-lhe, rogo-lhe que nos dê o seu, mamãe, porque nunca poderei ser feliz sem ele. Nunca, nunca poderia ser! — soluçava Caddy, completamente esquecida de suas queixas usuais e de tudo mais, exceto de seu afeto natural.

— Está vendo de novo, Miss Summerson — observou a Sra. Jellyby serenamente —, que felicidade é viver a gente tão ocupada como eu vivo, e ter esta necessidade de concentração do espírito que eu tenho? Aqui está Caddy noiva do filho dum mestre de dança — misturada com gente que não tem a mínima simpatia pelos destinos da raça humana, como ela tampouco tem! E isso, além do mais, quando o Sr. Quale, um dos primeiros filantropos do nosso tempo, me comunicou que estava realmente disposto a interessar-se

por ela!

— Mamãe, sempre odiei e detestei o Sr. Quale! — soluçou Caddy.

— Caddy, Caddy! — disse a Sra. Jellyby, abrindo outra carta com a maior complacência. — Não tenho dúvida nenhuma a esse respeito. Como poderia você proceder doutro modo, tão totalmente destituída como é de simpatia por aquilo de que ele vive a transbordar? Ora, se meus deveres públicos não fossem para mim um filho predileto, se eu não estivesse tão desmedidamente atarefada e em tão vasta escala, detalhes tão mesquinhos como este poderiam acabrunhar-me bastante, Miss Summerson. Mas posso permitir que a sombra dum procedimento estúpido da parte de Caddy (de quem outra coisa eu não poderia esperar) se interponha entre mim e o grande continente africano? Não. Não — repetiu a Sra. Jellyby, com voz clara e calma e com um amável sorriso, ao abrir mais cartas e ao classificá-las. — Não, é lógico.

Estava eu tão mal preparada para a total frieza dessa recepção, conquanto pudesse tê-la previsto, que não sabia o que dizer. Caddy parecia igualmente confusa. A Sra. Jellyby continuou a abrir e classificar cartas e a repetir de vez em quando, num tom de voz encantador e com um sorriso de perfeita compostura: — Não é lógico.

— Espero, mamãe — soluçou por fim a pobre Caddy —, que não esteja com raiva.

— Oh! Caddy, você é deveras uma tolinha — replicou a Sra. Jellyby — fazendo tais perguntas, depois do que eu disse das preocupações do meu espírito.

— E posso esperar, mamãe, que a senhora nos dê seu consentimento e nos deseje bem?

— Você é uma criança sem juízo, fazendo, como fez, uma coisa dessas, e uma filha degenerada, quando poderia ter-se dedicado a uma grande causa pública. Mas o passo está dado. Já tratei um rapaz e nada mais há que dizer. Agora peço-lhe, Caddy — disse a Sra. Jellyby, pois Caddy estava a beijá-la —, não me faça perder tempo no meu trabalho, mas deixe-me aviar esta fornada enorme de papéis antes que chegue o correio da tarde!

Achei que nada de melhor havia do que despedir-me. Fui detida um instante, ouvindo Caddy dizer: — A senhora não fará objeção a que eu o traga

aqui para vê-la, não é, mamãe?

— Oh! Deus meu, Caddy — exclamou a Sra. Jellyby, que havia recaído naquela distante contemplação —, recomeçou você de novo? Trazer quem?

— A ele, mamãe.

— Caddy, Caddy! — disse a Sra. Jellyby, completamente fatigada de coisas tão sem importância. — Então deve trazê-lo alguma tarde que não coincida com a noite da Sociedade dos Pais ou com a noite de uma Seção, ou de uma Ramificação. Deve adaptar a visita às exigências do meu tempo. Minha querida Miss Summerson, foi muita bondade de sua parte vir aqui ajudar esta tola criança. Adeus! Quando lhe digo que tenho cinquenta e oito novas cartas de famílias operárias, ansiosas de conhecer os detalhes da questão do cultivo dos Nativos e do Café, para esta manhã, não tenho necessidade de pedir desculpas por dispor de tão pouco lazer.

Não me causava surpresa ver Caddy tão abatida quando descemos a escada, ou de vê-la soluçar de novo sobre meu pescoço, ou de ouvi-la dizer que teria preferido bem mais ver-se repreendida a ser tratada com tamanha indiferença, ou confessar-me que estava tão à míngua de roupas que não sabia como havia de casar-se com certa decência. Consegui pouco a pouco alegrá-la, insistindo no muito que ela poderia fazer por seu infortunado pai e por Peepy, quando tivesse um lar próprio. Finalmente descemos até a escura e úmida cozinha, onde Peepy e seus irmãozinhos e irmãzinhas se arrastavam pelo chão de pedra, e onde brincamos tanto com eles que, para evitar que me fizessem em pedaços, fui obrigada a voltar a contar-lhes histórias de fadas. De vez em quando ouvia altas vozes na sala lá de cima e às vezes um violento tranco nos móveis. Receei que este último barulho fosse produzido por ter o coitado do Sr. Jellyby escapado da mesa de jantar e corrido para a janela com a intenção de lançar-se no pátio, ao fazer alguma nova tentativa de compreender seus negócios.

Quando segui de carro para casa à noite, depois do tumulto do dia, pensei muito no noivado de Caddy e senti confirmadas minhas esperanças (a despeito do velho Sr. Turveydrop) de que seria a melhor e a mais feliz das coisas para ela. E se parecia haver apenas uma leve possibilidade de alguma vez ela e seu marido descobrirem o que era realmente o Modelo da Elegância, por que seria isso melhor, e quem desejaria que eles fossem mais sagazes. Eu não desejaria que eles fossem mais sagazes e na verdade estava meio

envergonhada de não acreditar eu mesma inteiramente no Modelo. Olhei para as estrelas e pensei em viajantes de regiões longínquas e nas estrelas que eles viam, e pedi a Deus a graça e a felicidade de ser útil a alguém dentro de minhas poucas forças.

Ficaram tão alegres ao verem-me de volta a casa, como sempre se mostravam, que me veio vontade de sentar-me e chorar de alegria, se este não fosse um processo de tornar-me desagradável. Todos em casa, do mais baixo ao mais alto, mostraram-me tão brilhante rosto de acolhimento e me falavam tão alegremente, felizes de fazer alguma coisa por mim, que suponho jamais existiu neste mundo uma criaturinha mais ditosa.

Entregamo-nos a tamanha tagarelice naquela noite por me haverem Ada e meu tutor induzido a contar tudo quanto se referia a Caddy, que fiquei a prostrar-me, a prostrar-me, a prostrar-me um tempão imenso. Por fim levantei-me para ir para meu quarto, envergonhada de ter falado tanto. Depois ouvi uma leve pancada à minha porta. Respondi: — Entre!, e então entrou uma linda mocinha em asseado traje de luto, fazendo uma reverência.

— Com licença, senhorita — disse a mocinha com voz macia —, sou Charley.

— Como que então é você? — disse eu, inclinando-me cheia de espanto para beijá-la. — Sinto muito prazer em vê-la, Charley.

— Com licença, senhorita — continuou Charley com a mesma voz macia —, sou sua criada.

— O quê, Charley?

— Com licença, senhorita, sou um presente que lhe manda o Sr. Jarndyce, com sua amizade.

Sentei-me, pondo a mão sobre o pescoço de Charley e fitei-a.

— E oh! senhorita — diz Charley, batendo as mãos, com as lágrimas a correrem-lhe pelas covinhas do rosto —, Tom está na escola e aprendendo tão bem! E a minha está com a Sra. Blinder, senhorita, que tem tanto cuidado com ela! Tom deveria ter ido para a escola, e Ema deveria ter ficado com a Sra. Blinder, e eu deveria ter vindo para cá muito mais cedo, senhorita, mas é que o Sr. Jarndyce achou que seria melhor que Tom, Ema e eu nos acostumássemos primeiro à ideia de separar-nos. Somos tão pequenos... Não

chore, por favor, senhorita.

— Não posso deixar de fazê-lo, Charley.

— Não, senhorita, nem eu também — diz Charley. — E com licença, senhorita, com a amizade do Sr. Jarndyce, ele pensa que a senhorita gostaria de me ensinar de vez em quando. E, se me permite, Tom, Ema e eu poderemos ver-nos uma vez por mês. Estou tão feliz e tão agradecida, senhorita — chorava Charley, com o coração a arfar. — Hei de procurar ser uma boa criada!

— Oh! Charley, nunca se esqueça de quem fez tudo isto!

— Não, senhorita, nunca me esquecerei. Nem Tom também. Nem ainda Ema. Foi a senhorita que fez tudo.

— Eu não sabia de nada disso. Foi o Sr. Jarndyce, Charley?

— Sim, senhorita, mas tudo foi feito por amor da senhora e para que a senhora pudesse ser minha patroa. Se me permite, senhorita, sou um presente, com a amizade dele, e tudo foi feito por amor da senhora. Eu e Tom por certo nunca nos esqueceremos disto.

Charley enxugou os olhos e entrou em suas funções andando pelo quarto com seu jeitinho de matrona, a dobrar tudo quanto suas mãos podiam agarrar. Depois veio vagarosamente para o meu lado e disse: — Oh! não chore, por favor, senhorita.

E eu disse de novo:

— Não posso deixar de fazê-lo, Charley.

E Charley disse de novo:

— Nem eu, senhorita, posso deixar de fazê-lo.

E assim, afinal, eu chorava de alegria, e ela também.

UMA APELAÇÃO

Logo depois que Ricardo e eu tivemos a conversa que já relatei, ele comunicou seu estado de espírito ao Sr. Jarndyce. Duvido que meu tutor tenha sido tomado inteiramente de surpresa quando recebeu a notícia, conquanto ela lhe causasse muito desassossego e decepção. Ele e Ricardo estiveram muitas vezes encerrados juntos, até tarde e de manhã cedo, e passaram dias inteiros em Londres, tendo inúmeras entrevistas com o Sr. Kenge e tratando de uma quantidade enorme de negócios desagradáveis. Enquanto estavam assim ocupados, meu tutor, apesar de sofrer considerável incômodo com o estado do vento e de coçar a cabeça tão constantemente, que nem um cabelo ficava no lugar próprio, mostrava-se de tão bom gênio para com Ada e para comigo como em qualquer outro tempo, mas mantinha sobre aqueles assuntos uma estrita reserva. E como nossas maiores tentativas podiam apenas sacar do próprio Ricardo afirmações esparsas de que tudo corria admiravelmente e que no fim de tudo daria certo, nossa ansiedade não ficava lá muito aliviada com o que ele dizia.

Soubemos, todavia, com o correr do tempo, que nova petição fora feita no Lorde Chancellor por parte de Ricardo, como menor e pupilo e não sei mais o quê; que muito se falava do caso; que o Lorde Chancellor descreveu Ricardo, em pleno tribunal, como um menor incômodo e caprichoso; e que o assunto foi adiado e, outra vez, remetido e informado e requisitado, até que Ricardo começou a duvidar (como nos disse) de que, se de qualquer modo entrasse para o exército, talvez só o fizesse como veterano de setenta ou oitenta anos. Afinal foi-lhe novamente marcada uma audiência com o Lorde Chancellor no seu gabinete particular, e ali o Lorde Chancellor, com bastante sisudez, censurou-o por estar desperdiçando tempo sem saber o que queria — Magnífica pilhéria, penso eu — disse Ricardo —, vindo de quem veio!) e por fim ficou assentado que sua petição seria despachada. Seu nome foi arrolado na Cavalaria, como peticionário de uma comissão de porta-bandeira: o

dinheiro da compra depositado nas mãos dum agente, e Ricardo, com sua maneira habitual e característica, mergulhou num violento curso de estudos militares, levantando-se às cinco horas da manhã para praticar exercícios de sabre.

Assim, férias sucederam-se a sessões forenses e sessões forenses sucederam-se a férias. Ouvimos algumas vezes falar do processo “Jarndyce e Jarndyce”, como estando na pauta ou fora da pauta, como estando para ser citado ou para ser debatido, entrando e saindo. Ricardo, que estava agora em casa de um professor em Londres, não tinha mais tanta possibilidade de frequentar a casa como dantes; meu tutor conservava ainda a mesma reserva, e assim o tempo passou até que a comissão foi obtida, e Ricardo recebeu com ela instruções para juntar-se a um regimento na Irlanda.

Chegou uma noite a toda pressa com a notícia e teve uma longa conferência com meu tutor. Mais de uma hora se passou antes que meu tutor aparecesse na sala onde Ada e eu nos achávamos, e dissesse: — Venham cá, minhas queridas! — Fomos e achamos Ricardo, a quem tínhamos visto antes em ótimas disposições, encostado à prateleira da chaminé, com ar mortificado e colérico.

— Rick e eu, Ada — disse o Sr. Jarndyce —, não estamos muito de acordo. Vamos, vamos, Rick, faça uma cara mais alegre!

— O senhor está sendo muito severo comigo — disse Ricardo. — Tanto mais severo quanto tem tido para comigo toda a consideração a outros respeitos, e tanta bondade que nunca poderei pagar. Sem o senhor eu jamais teria conseguido corrigir-me.

— Bem, bem! — disse o Sr. Jarndyce. — Meu desejo é corrigir você ainda mais. Desejo tornar você ainda mais correto para consigo mesmo.

— Espero que desculpe o que vou dizer — replicou Ricardo com jeito altivo, ainda que respeitoso. — Penso que sou o melhor juiz para julgar a mim mesmo.

— Espero que desculpe o que vou dizer, meu caro Rick — observou o Sr. Jarndyce com a mais macia jovialidade e bom humor. — É muitíssimo natural que você assim pense. Mas eu é que assim não penso. Devo cumprir meu dever, Rick, do contrário você nunca poderia importar-se comigo a sangue-frio, e eu espero que você sempre se importe comigo a sangue-frio e

quente.

Ada havia ficado tão pálida que ele mandou a jovem sentar-se em sua cadeira de leitura, sentando-se ele próprio ao lado dela.

— Não é nada, minha querida — disse ele. — Não é nada. Rick e eu tivemos apenas uma discordância amigável, que devemos comunicar a você, porque você é o tema da mesma. Agora você está receosa do que possa vir a acontecer.

— Não estou, primo João — replicou Ada com um sorriso —, se isso vier de sua parte.

— Obrigado, minha querida. Dê-me um minuto de calma atenção, sem olhar para Rick. E você, mulherzinha, faça a mesma coisa. Minha querida menina — e pôs sua mão em cima da de Ada, que pendia ao lado da cadeira de repouso —, lembra-se da conversa que tivemos, nós quatro, quando a mulherzinha me falou a respeito de certo negociozinho amoroso?

— Não é perdoável que nem Ricardo nem eu possamos jamais esquecer sua bondade naquele dia, primo João.

— Nunca poderei esquecê-la — disse Ricardo.

— E eu também nunca poderei esquecê-la — disse Ada.

— Tanto mais fácil para o que tenho que dizer e tanto mais fácil para entrarmos em entendimento — tornou meu tutor, brilhando-lhe no semblante a delicadeza e lealdade de que estava cheio seu coração. — Ada, meu passarinho, você deve saber que Rick acaba de escolher sua profissão pela última vez. Tudo quanto ele tem de seguro será gasto quando ele estiver plenamente equipado. Exauriu seus recursos e estará preso de agora por diante à árvore que plantou.

— É plenamente verdadeiro que esgotei meus recursos atuais, e fico muito satisfeito de saber disso. Mas o que tenho de seguro, senhor — disse Ricardo —, não é tudo quanto possuo.

— Rick, Rick! — exclamou meu tutor, com súbito terror no aspecto e com a voz alterada, erguendo as mãos como se quisesse tapar os ouvidos. — Pelo amor de Deus, não funde uma esperança ou uma expectativa na maldição da família! Faça você o que fizer deste lado da sepultura, mas nunca demore o olhar sobre o horrível fantasma que tantos anos nos tem assombrado. Antes

pedir emprestado, antes mendigar, antes morrer!

Ficamos todos assustados com o calor de tal advertência. Ricardo mordeu os lábios, reteve a respiração e olhou para mim, como se sentisse, e sabia que eu também sentia, quanto necessitava da advertência.

— Ada, minha querida — disse o Sr. Jarndyce, recobrando sua jovialidade —, estas são palavras fortes de advertência, mas eu moro na Casa Soturna e tenho visto o que nela se passou. Tenho visto muita coisa. Tudo quanto Ricardo tinha para iniciar a carreira da vida já está arriscado. Recomendo a ele e a você, por causa dele e por causa de você, que deve separar-se de nós, certo de que não existe nenhuma espécie de compromisso entre vocês. Devo ir mais além. Serei franco com vocês dois. Têm de confiar livremente em mim, e eu confiarei livremente em vocês. Peço a vocês de todo o coração que renunciem, para o presente, a qualquer ligação, exceto à de parentesco.

— É melhor dizer imediatamente, senhor — replicou Ricardo —, que renuncia a qualquer confiança em mim, e que aconselha Ada a fazer o mesmo.

— É melhor não dizer nada disso, Rick, porque não é essa a minha intenção.

— O senhor acha que comecei mal, senhor — redarguiu Ricardo. — Reconheço que tem razão.

— Como esperava que você comesse e como prosseguisse, eu já lhe disse quando falamos a respeito destas coisas ultimamente — disse o Sr. Jarndyce, de maneira cordial e animadora. — Você ainda não efetuou esse começo. Mas há tempo para todas as coisas e o seu ainda não passou, ou melhor, agora é que está chegando realmente a sua vez. Comece agora de fato. Vocês dois (muito moços, meus caros) são primos. Até agora nada mais são do que isso. O que tiver de vir depois deverá vir à custa de esforço, Rick, e não prematuramente.

— O senhor é muito severo comigo — disse Ricardo — mais severo do que eu esperaria que fosse.

— Meu querido rapaz — disse o Sr. Jarndyce. — Sou muito mais cruel para comigo mesmo quando faço alguma coisa que lhe possa causar pesar. Você tem o remédio em suas próprias mãos. Ada, é melhor para ele que seja

livre e que não haja nenhum compromisso juvenil entre vocês. Rick, é melhor para ela, muito melhor. Você deve isso a ela. Vamos! Cada um de vocês fará o que é melhor para o outro, ainda que não seja o melhor para ambos!

— Por que é isso o melhor, senhor? — retrucou Ricardo, pressuroso. — Não era assim quando lhe abrimos nossos corações. O senhor não disse isso naquela ocasião.

— Tenho tido experiência desde então. Não o censuro, Rick, mas tenho tido experiência desde então.

— Refere-se a mim, senhor.

— Bem, sim, a ambos — disse o Sr. Jarndyce, bondosamente. — Não chegou ainda o tempo de ficarem comprometidos um com o outro. Não está direito e não devo reconhecer uma coisa dessas. Vamos, vamos, meus jovens primos, comecem de novo! O que passou, passou. É necessário virar mais uma página do grande livro para aí vocês escreverem suas vidas.

Ricardo lançou um olhar cheio de ansiedade para Ada, mas não disse palavra.

— Até agora tenho evitado dizer qualquer coisa a ambos ou a Ester — disse o Sr. Jarndyce — a fim de podermos ser claros como o dia e estarmos todos nas mesmas condições. Agora afetuosamente advirto, agora com toda a seriedade suplico que vocês dois se separem, como separados estavam antes de vir para aqui. Deixem tudo mais ao tempo, à fidelidade, à firmeza. Se procederem doutra forma, procederão mal e me forçarão a reconhecer que andei mal quando os reuni aqui. Seguiu-se um longo silêncio.

— Primo Ricardo — disse então Ada, erguendo ternamente seus olhos azuis para o rosto dele —, depois do que nosso primo João disse, penso que nenhuma escolha nos resta. Pode ficar de espírito tranquilo a meu respeito, pois você me deixará aqui sob a guarda dele e na certeza de que outra coisa não posso desejar; plenamente segura, se me deixar guiar pelos seus conselhos. Eu ... eu não duvido, primo Ricardo — disse Ada, um pouco perturbada —, de que você esteja muito apaixonado por mim, e eu... eu não creio que você venha a apaixonar-se por nenhuma outra. Mas gostaria que você refletisse bem a respeito disso também, como gostaria que você fosse muito feliz em todas as coisas. Pode confiar em mim, primo Ricardo. Não sou absolutamente volúvel. Mas não sou desarrazoada e nunca o censuraria. Até

mesmo primos podem ficar tristes de se separarem, e na verdade eu estou muito, muito triste, Ricardo, apesar de saber que é para seu bem. Pensarei sempre em você com afeto, e muitas vezes falarei a seu respeito com Ester, e... e talvez você pense um pouco em mim algumas vezes, primo Ricardo. De modo que — disse Ada, dirigindo-se para ele e estendendo-lhe a mão trêmula — somos apenas primos de novo, Ricardo (por algum tempo, talvez), e peço a Deus que abençoe o meu querido primo aonde quer que ele vá!

Estranho para mim era que Ricardo não fosse capaz de perdoar ao meu tutor o ter a seu respeito a mesma opinião que ele próprio exprimira de mesmo a mim em termos muito mais fortes. Mas o caso era certamente este. Observei, com grande pesar, que daquela hora em diante nunca mais se tornou tão desembaraçado e franco com o Sr. Jarndyce como fora até então. Ele tinha dado ao meu tutor todas as razões para ser assim, mas este não o era, e somente da parte de Ricardo começou a surgir uma certa indiferença entre os dois.

Perdeu-se dentro em pouco nos preparativos do vestuário e até mesmo se lhe atenuou o pesar de separar-se de Ada, que ficou em Hertfordshire, enquanto ele, o Sr. Jarndyce e eu seguimos para Londres, onde passamos uma semana. Lembrava-se dela a intervalos, até mesmo com explosões de choro, e em tais ocasiões não se coibia de fazer a si próprio as mais duras recriminações. Mas dentro de poucos minutos punha-se agitadamente a imaginar meios indefiníveis de se tornarem ambos ricos e felizes para sempre, enchendo-se então da maior alegria possível.

Foi aquele um tempo de muita ocupação. Eu andava para baixo e para cima com ele o dia inteiro, comprando uma enorme variedade de coisas, das quais Ricardo necessitava. Das coisas que ele gostaria de comprar, se o deixássemos fazer o que entendesse, nada direi. Era inteiramente franco para comigo e muitas vezes se referia de maneira tão sensível e comovida às suas faltas e às suas vigorosas resoluções e repousava tanto no estímulo que auferia daquelas conversas que, ainda que eu o tentasse, jamais me sentia fatigada.

Costumava, naquela semana, frequentar a nossa pensão, para esgrimir com Ricardo, certa pessoa que fora outrora soldado de cavalaria. Era um belo homem, de aspecto um tanto rude, de maneiras sinceras e isentas, com quem Ricardo se vinha exercitando havia alguns meses. Ouvi tanto falar respeito

dele, não só da parte de Ricardo, mas também do meu tutor, que fui ficar de propósito na sala, com minhas costuras, certa manhã depois do almoço, quando ele chegou.

— Bom dia, Sr. Jorge — disse meu tutor, por acaso a sós comigo. — O Sr. Carstone estará aqui dentro em pouco. Enquanto isso, sei que Miss Summerson tem muito prazer em conhecê-lo. Sente-se.

Ele sentou-se, um tanto desconcertado pela minha presença, e, sem olhar para mim, começou a passar a mão pesada e queimada de sol, repetidamente, pelo lábio superior.

— O senhor é pontual como o sol — disse o Sr. Jarndyce.

— É do tempo de militar, senhor — respondeu ele. — Força de hábito. Simples hábito meu, senhor. Não tenho muito em que me ocupar.

— Contudo o senhor possui um grande estabelecimento, segundo me contaram — disse o Sr. Jarndyce.

— Não é tanto assim, senhor. Mantenho uma galeria de tiro, mas não é muito grande.

— E que espécie de atirador e que espécie de hábil esgrimista fará do Sr. Carstone? — perguntou meu tutor.

— Um excelente — respondeu ele cruzando os braços sobre o largo peito e parecendo enorme. — Se o Sr. Carstone se dedicasse plenamente a isso, poderia vir a ser um esgrimista muito bom.

— Mas não se dedica, suponho eu — falou o meu tutor.

—A princípio o fez, mas depois não. Não se dedica inteiramente. Talvez haja nisso alguma coisa mais... alguma dama, talvez.

Seus negros olhos pousaram em mim pela primeira vez.

— Não sou eu que ele tem na cabeça, posso garantir-lhe, Sr. Jorge — disse eu, rindo —, conquanto pareça que o senhor suspeita de mim.

Ele corou um pouco sob a pele morena e me fez uma vênica de cavaleiro.

— Espero que não se tenha ofendido, senhorita. Faço parte do regimento dos Homens Rudes.

— Absolutamente — disse eu. — Tomei o engano até como um

cumprimento.

Se não olhara para mim antes, agora o fez, com três ou quatro rápidos e sucessivos relances.

— Peço-lhe desculpa, senhor — disse ele ao meu tutor, com uma espécie de timidez varonil —, mas o senhor me fez a honra de mencionar o nome da senhorita...

— Miss Summerson.

— Miss Summerson — repetiu ele, olhando de novo para mim.

— Conhece o nome? — perguntei.

— Não, senhorita. Nunca o ouvi, que me lembre. Pensei que já a havia visto em alguma parte.

— Acho que não — repliquei, erguendo a vista de minha costura para olhá-lo; havia qualquer coisa de tão natural, na sua fala e nas suas maneiras que me senti alegre de ter aquela oportunidade. — Recordo as fisionomias muito bem.

— Eu também, senhorita — redarguiu ele, encontrando o meu olhar em cheio, com seus negros olhos e sua vasta fronte. — Hum! Não sei a que propósito me veio esta lembrança agora.

Mais uma vez corou a pele morena, e, como ficasse desconcertado pelos esforços feitos para recordar o motivo da associação de ideias que tivera ao ver-me, meu tutor correu em seu auxílio.

— Tem muitos alunos, Sr. Jorge?

— Variam de número, senhor. São em geral muito poucos para que se possa viver disso.

— Qual a espécie de gente que vai arriscar a sorte em sua galeria?

— De toda espécie. Naturais e estrangeiros. Desde fidalgos até aprendizes. Ainda há pouco apareceram-me umas francesas e mostraram-se bem espertas no tiro de pistolas. Gente maluca sem conta, certamente... mas vão a toda parte onde encontram portas abertas.

— Creio que essa gente não aparece com rancores e planos sinistros de terminar sua aprendizagem com alvos vivos, não? — perguntou meu tutor,

sorrindo.

— Não muito, senhor, embora já haja acontecido. A maior parte aparece porque são hábeis... ou preguiçosos. Seis de uma espécie e meia dúzia de outra. Queira desculpar-me — disse o Sr. Jorge, sentando-se bem teso, com as mãos espalmadas sobre o joelho e os cotovelos para fora — mas creio que o senhor é parte num processo, se é certo o que ouvi.

— Tenho pesar de dizer que sou.

— Tive no meu tempo de soldado um de seus compatriotas.

— Um litigante? — volveu meu tutor. — Como foi isso?

— Pois o homem estava tão cansado, tão atormentado e torturado, por andar de Herodes a Pilatos — disse o Sr. Jorge —, que vivia fora de si. Não acredito que ele tivesse qualquer ideia de atirar contra alguém, mas achava-se em tal situação de ressentimento e violência que costumava vir e pagava cinquenta tiros, atirando até ficar rubro. Um dia lhe disse, não havendo ninguém por perto e estando ele a conversar comigo, encolerizado a propósito das injustiças de que era vítima: “Se este exercício é uma válvula de segurança, camarada, está muito bem; mas não gosto absolutamente de ver o senhor tão agarrado a isso no seu estado atual de espírito. Preferiria que o senhor tratasse de outra coisa.” Pus-me em guarda à espera dum tiro, tão apaixonado estava ele; mas o homem recebeu o conselho à boa parte e saiu logo dali. Apertamos as mãos e travamos uma espécie de amizade.

— Quem era esse homem? — perguntou meu tutor, num tom de crescente interesse.

— No começo fora um pequeno lavrador no Shropshire, antes que eles houvessem feito dele um touro laçado.

— Chamava-se Gridley?

— Isso mesmo, senhor.

O Sr. Jorge lançou para mim nova sucessão de rápidos e brilhantes olhares, enquanto eu e meu tutor trocávamos uma ou duas palavras de surpresa diante da coincidência. Depois expliquei-lhe como conhecíamos o nome. Fez-me outro de seus cumprimentos militares, em gratidão pelo que chamava minha condescendência.

— Não sei — disse ele, enquanto me olhava —, não sei o que me vem

de novo à lembrança... mas não sei mesmo para onde minha ideia se está voltando!

Passou uma de suas pesadas mãos sobre o negro cabelo crespo, como se quisesse afugentar da mente pensamentos esparsos, e sentou-se um pouco mais para a frente, com um braço no quadril e o outro descansando sobre a perna, absorto numa meditação intensa, a olhar para o chão.

— Lamento saber que o mesmo estado de espírito lançou aquele Gridley em novas complicações e que ele está escondido — disse meu tutor.

— Assim me contaram, senhor — tornou o Sr. Jorge, ainda meditando e olhando para o chão. — Assim me contaram.

— Não sabe onde ele está? — Não, senhor — respondeu o cavalariano, levantando os olhos e despertando do seu devaneio. — Nada posso dizer a respeito dele. Creio que em breve ele se sentirá estafado. Pode-se limar o coração dum homem forte por muitíssimos anos, mas afinal ele revelará tudo duma vez.

A entrada de Ricardo fez cessar a conversa. O Sr. Jorge levantou-se, fez-me mais uma de suas cortesias militares, deu bom-dia ao meu tutor e retirou-se a passos pesados da sala.

Era essa a manhã do dia marcado para a partida de Ricardo. Não tínhamos mais compras a fazer agora. Eu havia completado toda a bagagem dele cedo, e nosso tempo estava livre até a noite, quando ele teria de seguir para Liverpool por Holyhead. Esperando-se novamente que o processo Jarndyce e Jarndyce prosseguisse naquele dia, propôs-me Ricardo irmos até o Tribunal, para ouvir o que se passasse. Como fosse seu último dia conosco e ele estivesse ansioso por ir e eu nunca estivera lá, consenti, e nos dirigimos para Westminster, onde o Tribunal tinha assento então. Passamos o tempo de caminho com combinações referentes às cartas que Ricardo teria de escrever-me e às cartas que eu teria de escrever a ele, além de muitos outros projetos cheios de esperanças. Meu tutor sabia aonde íamos e por isso não nos acompanhou.

Quando chegamos ao foro, lá estava o Lorde Chanceler — o mesmo que eu vira no seu gabinete particular em Lincoln's Inn — sentado com grande pompa e gravidade, com a maça e os selos sobre uma mesa vermelha abaixo dele, e um imenso ramalhete chato, lembrando um jardimzinho, a perfumar

todo o Tribunal. Em plano inferior via-se uma longa fileira de procuradores, com pacotes de autos na esteira a seus pés. Havia ainda os senhores do Tribunal, de cabeleiras e togas — alguns despertos, outros adormecidos, um terceiro falando, e ninguém prestando muita atenção ao que ele dizia. O Lorde Chanceler recostou-se na sua cadeira bem cômoda, com o cotovelo apoiado no braço acolchoado e a cabeça descansando na mão. Alguns dos presentes dormitavam; outros liam jornais; outros mais andavam abaixo e acima, ou cochichavam em grupos: todos pareciam perfeitamente à vontade, de modo algum apressados, bastante despreocupados e extremamente satisfeitos.

Ver tudo aquilo deslizando de um modo tão macio, e pensar na rudeza das vidas e das mortes dos litigantes; ver toda aquela indumentária de gala e cerimônia, e pensar no desperdício, na necessidade, na miséria mendicante que ela representava; considerar que, enquanto a doença da esperança adiada causava estragos em tantos corações, essa exibição de polidez continuava calmamente dia a dia, ano a ano, na mesma boa ordem e compostura; contemplar o Lorde Chanceler e toda a enfiada de profissionais às suas ordens, olhando uns para os outros e para os espectadores, como se ninguém houvesse jamais ouvido dizer que, por toda a Inglaterra, o nome debaixo do qual todos eles estavam reunidos era uma pilhéria amarga: era tido em horror universal, em desprezo e indignação, era conhecido como sendo uma coisa tão escandalosa e tão má que só por um milagre bem pouco provável poderia daí sobrevir algum bem a qualquer pessoa — tudo isso era tão curioso e tão contraditório para a minha inexperiência, que a princípio achei aquilo incrível e impossível de se compreender. Sentei-me onde Ricardo me pôs e tentei ouvir e olhar em redor de mim. Mas parecia não haver realidade alguma em toda aquela cena, exceto na pobre Miss Flite, a pateta, sentada num banco e meneando a cabeça diante de tudo aquilo.

Miss Flite em breve reparou em nós e veio sentar-se onde estávamos. Fez-me graciosa acolhida por aquela visita a seus domínios e pôs-se a indicar, com muita satisfação e orgulho, suas principais atrações. O Sr. Kenge também veio falar-nos e da mesma forma fez as honras do lugar, com a doce modéstia de um proprietário. Não era um dia muito bom para uma visita, disse ele; seria preferível o primeiro dia do período forense; mas era imponente, imponente.

Depois de estarmos ali mais ou menos uma meia hora, o caso em andamento — se é que posso empregar uma expressão tão ridícula em tal

circunstância — pareceu morrer de sua própria vaporosidade, sem chegar, ou sem alguém esperar que chegasse, a qualquer resultado. O Lorde Chanceler jogou depois um maço de autos de sua mesa para os senhores que estavam abaixo dele, e alguém disse: — “JARNDYCE E JARNDYCE.” — Ouviu-se então um murmúrio, uma risada, uma retirada geral de espectadores, e houve uma entrada de grandes montes e pilhas e pastas e mais pastas cheias de papéis.

Creio que deram entrada “para ulteriores instruções” a respeito de alguma relação de custas, segundo pude melhor compreender, apesar de me achar extremamente confundida. Mas contei vinte e três cavalheiros de cabeleira que disseram representar partes “nele”, e nenhum parecia compreendê-lo melhor do que eu. Tagarelaram com o Lorde Chanceler a respeito do caso, contradisseram-se e trocaram explicações entre si, uns disseram que era desse jeito, outros disseram que era daquele outro jeito e alguns propuseram, jocosamente, ler imensos volumes de certidões e houve mais murmúrios e risadas, e todos quantos tinham interesse no processo mantinham-se num estado de ocioso entretenimento, não podendo ninguém fazer coisa nenhuma pela causa. Depois de uma hora ou mais disso, e de terem muitos discursos sido começados e interrompidos, foi “adiado presentemente”, como disse o Sr. Kenge, e os autos de novo empacotados, antes mesmo que os escreventes tivessem acabado de trazê-los todos para ali.

Lancei um olhar para Ricardo, ao termo daqueles processos sem esperanças, e fiquei aflita ao ver quão abatido estava seu rosto belo e jovem. “Isto não pode durar para sempre, D.^a Durden. Melhor sorte doutra vez!” foi tudo quanto ele disse.

Eu tinha visto o Sr. Guppy trazendo autos e arrumando-os para o Sr. Kenge. Ele também me vira e me fizera um cumprimento desesperançado, o que me encheu de desejo de sair do Tribunal. Ricardo tinha-me dado o braço e ia-se retirando comigo, quando o Sr. Guppy veio ao nosso encontro.

— Peço-lhe desculpa, Sr. Carstone — disse ele baixinho —, e a Miss Summerson também, mas está aqui uma senhora, amiga minha, que a conhece e quer ter o prazer de apertar-lhe a mão.

Enquanto ele falava, vi diante de mim, como se houvesse saltado de minha memória em forma corporal, a Sra. Rachael, da casa de minha madrinha.

— Como vai, Ester? — perguntou ela. — Lembra-se de mim?

Estendi-lhe a mão e disse-lhe que sim e que ela havia mudado muito pouco.

— Admira-me que você se lembre daqueles tempos, Ester — retrucou ela, com sua velha aspereza. — Agora estão mudados. Bem! Tenho prazer em vê-la e prazer por não ter tido orgulho em reconhecer-me.

Mas na verdade parecia desapontada por não ter eu tido orgulho.

— Orgulho, Sra. Rachael? — disse eu, numa censura.

— Casei-me, Ester — tornou ela, corrigindo-me friamente. — Sou a Sra. Chadband. — Bem! Desejo-lhe bom dia e espero que passe bem.

O Sr. Guppy, que estivera atento a esse curto diálogo, soltou um fundo suspiro ao meu ouvido e, a cotoveladas, foi abrindo caminho para si e para a Sra. Rachael através da confusa turba que entrava e saía, em cujo meio nos encontrávamos, e que a mudança de questão tinha juntado. Ricardo e eu abríamos caminho através dela, e eu achava-me ainda sob a ação calafriente do recente e inesperado encontro quando vi, caminhando para o nosso lado, mas sem ver-nos, ninguém menos que o Sr. Jorge. Não dava nenhuma importância às pessoas que andavam por ali e prosseguia firme, sem olhar a nada, de olhos fitos no centro do Tribunal.

— Jorge! — gritou Ricardo, quando lhe chamei a atenção para ele.

— Bons olhos o vejam, senhor — disse ele. — E a senhorita também. Poderiam indicar-me a pessoa de que necessito? Não compreendo nada em lugares como este.

Virando-se enquanto falava, e abrindo caminho e encaminhando-se para nós com dificuldade, parou quando nos achávamos livres do aperto, a um canto, por trás dum grande reposteiro vermelho.

— Há uma velhinha adoidada — começou ele — que...

Levantei o dedo, pois Miss Flite estava perto de mim, tendo-se conservado a meu lado todo o tempo e chamado a atenção de muitos de seus conhecidos forenses para mim (como eu tinha ouvido com grande perturbação), sussurrando-lhes aos ouvidos: — Psiu! Fitz-Jarndyce à minha esquerda!

— Hem! — disse o Sr. Jorge. — Lembra-se, senhorita, que tivemos uma conversa a respeito de certo homem esta manhã, um tal Gridley? — disse ele baixinho, por trás da mão.

— Sim — respondi.

— Está escondido no meu estabelecimento. Não podia revelar isso. Não tinha autorização dele. Acha-se no fim, senhorita, e deseja imensamente ver a velha. Diz que se estimam muito e que ela tem sido aqui uma verdadeira amiga para ele. Vim cá procurá-la, pois ao sentar-me ao lado de Gridley esta tarde, pareceu-me ouvir o rufar surdo de tambores.

— Quer que eu fale com ela? — perguntei.

— Tenha a bondade, sim? — tornou ele, olhando para Miss Flite com certa apreensão. — Foi providencial encontrar a senhorita. Duvido que houvesse conseguido lidar com essa senhora.

E pôs uma das mãos sobre o peito, ficando empertigado, em atitude marcial, enquanto eu transmitia ao ouvido da pequena Miss Flite os termos do bondoso recado do Sr. Jorge.

— Meu raivoso amigo de Shropshire! Quase tão célebre como eu! — exclamou ela. — Ora, como efeito! Minha querida, irei visitá-lo com o maior prazer.

— Vive escondido na casa do Sr. Jorge — disse eu. — Psiu! Este é o Sr. Jorge.

— De... deveras! — tornou Miss Flite. — Tenho muita honra em conhecê-lo! Um militar, minha querida. Está-se vendo, um perfeito general! — cochichou-me a pobrezinha.

A coitada da Miss Flite achou que era necessário mostrar-se tão cortês e polida, em sinal de respeito ao exército, e fazer zumbaias tantas vezes, que não foi coisa fácil fazê-la sair do tribunal. Quando isso afinal se fez, e tratando o Sr. Jorge de “general”, deu-lhe ela o braço, com grande gáudio de alguns ociosos que viam aquilo. Ele estava tão desconcertado e me pediu tão respeitosa e “que não o abandonasse”, que não me animei a fazê-lo, especialmente porque Miss Flite se mostrava sempre muito amável para comigo e dizia também: — Fitz-Jarndyce, minha querida, não deixe de nos acompanhar. — Como Ricardo parecesse estar de pleno acordo e mesmo

ansioso de vê-los chegar a salvo ao seu destino, concordamos em ir com eles. E como o Sr. Jorge nos informou que os pensamentos de Gridley haviam girado toda a tarde em torno do Sr. Jarndyce, depois que soubera da entrevista do Sr. Jorge com ele pela manhã, escrevi a lápis um apressado bilhete ao meu tutor, dizendo-lhe onde havíamos ido e por quê. O Sr. Jorge selou-o num café, para que não se soubesse donde fora mandado, e enviamo-lo por um mensageiro.

Depois tomamos um carro de aluguel e rodamos para as vizinhanças da Praça Leicester. Caminhamos depois por alguns pátios estreitos, pelo que pedia desculpas o Sr. Jorge, e dentro em pouco chegamos à Galeria de Tiro, cuja porta estava fechada. No momento em que ele puxou pelo cabo uma sineta que pendia duma corrente à porta da rua, um velho de aspecto respeitável, de cabelos brancos, de óculos, e trajando uma espécie de jaqueta preta e polainas, com um chapéu de abas largas, e uma bengala de grande castão de ouro, dirigiu-se a ele.

— Queira desculpar-me, meu bom amigo — disse ele. — É esta a Galeria de Tiro de Jorge?

— É, sim, senhor — respondeu o Sr. Jorge, levantando os olhos para as grandes letras com que estava pintada essa inscrição na parede caiada.

— Oh! é mesmo! — disse o velho, acompanhando-lhe o olhar.

— Obrigado. Tocou a sineta?

— Meu nome é Jorge, senhor, e fui eu que toquei a sineta.

— Oh! deveras! — exclamou o velho. — Seu nome é Jorge? Então cheguei aqui tão depressa quanto o senhor, como vê. Foi buscar-me, sem dúvida?

— Não, senhor. O senhor chegou antes.

— Oh! de fato! — disse o velho. — Então foi seu empregado que me foi chamar. Sou médico e fui chamado, há uns cinco minutos, para vir ver um homem doente na Galeria de Tiro de Jorge.

— O rufar surdo dos tambores — disse o Sr. Jorge, virando-se para Ricardo e para mim e meneando gravemente a cabeça. — Está direito, senhor. Tenha a bondade de entrar.

Tendo sido aberta naquele momento a porta por um homenzinho de

aspecto singular, de boné de baeta verde e de avental, cuja cara, mãos e roupa estavam todas enegrecidas, atravessamos um corredor sombrio para chegar a um grande edifício de paredes de tijolos nus, onde havia alvos, espingardas, espadas e outras coisas dessa espécie. Quando chegamos todos ali, o médico parou e, tirando o chapéu, pareceu sumir por artes mágicas, deixando em seu lugar outro homem completamente diferente.

— Agora olhe aqui, Jorge — disse o homem, voltando-se rapidamente para ele, e tocando-lhe no peito com um comprido dedo. — Você me conhece e eu o conheço. Você é um homem do mundo e eu sou um homem do mundo. Meu nome é Bucket, como você sabe, e tenho uma ordem de prisão contra Gridley. Você conservou-o fora do alcance da lei muito tempo, foi hábil e isso redundou em louvor seu.

O Sr. Jorge, olhando com dureza para ele, mordeu os lábios e sacudiu a cabeça.

— Ora, Jorge — disse o outro, conservando-se bem junto dele —, você é um homem sensato, um homem de bom comportamento. É o que você é, sem nenhuma dúvida. E, lembre-se, não me dirijo a você como a um tipo qualquer, porque você serviu sua terra e sabe que, quando o dever chama, devemos obedecer. Visto isso, você não pensará em criar embaraços. Se eu exigisse auxílio, você me auxiliaria. É o que você faria. Phil Squod, não ande assim roçando pela galeria (o sujo homenzinho estava-se esquivando, roçando com o ombro a parede e com os olhos fixos no intruso numa forma um tanto ameaçadora) porque eu conheço você e não quero isso.

— Phil! — disse o Sr. Jorge.

— Pronto, chefe.

— Fique quieto.

O homenzinho, resmungando baixo, ficou quieto.

— Senhoras e senhores — disse o Sr. Bucket —, queiram desculpar qualquer coisa que possa parecer desagradável nisso, pois meu nome é Inspetor Bucket, detetive, e tenho um dever a cumprir. Jorge, sei onde está o meu homem, porque eu estava no telhado a noite passada e o vi através da claraboia em companhia de você. Ele está aqui dentro — disse ele, apontando —, é aí que ele está... num sofá. Agora tenho de ver o meu homem e devo dizer ao meu homem que se considere sob custódia. Mas você me conhece e

sabe que não quero tomar qualquer medida desagradável. Você me dará sua palavra, de homem para homem (e de velho soldado, lembre-se, ainda mais!), que é questão de honra entre nós dois, e eu o ajudarei nos limites de meu poder.

— Dou-lhe minha palavra — foi a resposta. — Mas não foi bonito fazer o que fez, Sr. Bucket.

— Histórias, Jorge! Não foi bonito? — perguntou o Sr. Bucket, tocando-lhe de novo no largo peito e apertando-lhe a mão. — Eu não disse que não foi bonito você conservar o meu homem tão bem escondido, não é verdade? Seja igualmente condescendente para comigo, meu caro! O velho Guilherme Tell, o velho Shaw, o Guarda da Vida! Ele é um modelo autêntico de todo o exército britânico, senhoras e senhores. Eu daria uma nota de cinquenta libras para ser um homem como ele!

Depois de considerar o caso, que havia chegado a esse ponto, o Sr. Jorge propôs ir em primeiro lugar ter com seu camarada (como lhe chamava), levando consigo Miss Flite. Tendo o Sr. Bucket concordado, afastaram-se para a parte extrema da galeria, deixando-nos sentados e à espera, junto à uma mesa coberta de espingardas. O Sr. Bucket aproveitou essa oportunidade para travar uma ligeira conversa, perguntando-me se eu tinha medo de armas de fogo, como acontece à maior parte das mulheres jovens; perguntando a Ricardo se era bom atirador; perguntando a Phil Squod qual era, a seu ver, a melhor daquelas espingardas e qual o seu preço, em primeira mão; dizendo-lhe, em resposta, que era pena que ele ainda desse largas a seu temperamento, pois era naturalmente tão amável com uma dama. Mostrou-se enfim extremamente cordial em tudo.

Depois de algum tempo acompanhou-nos até a extremidade da galeria, e Ricardo e eu íamos saindo devagar quando o Sr. Jorge veio à nossa procura. Disse-nos que, se não fizéssemos objeção em ver seu camarada, ele receberia nossa visita com muito prazer. Mal havia pronunciado essas palavras, a sineta tocou e meu tutor apareceu, “na expectativa”, observou ele ligeiramente, “de poder fazer pouco que fosse por um pobre homem envolvido na mesma desgraça que ele”. Voltamos todos quatro juntos e seguimos para o lugar onde se achava Gridley.

Era um quanto desmobiliado, separado da galeria por um tabique sem pintura. Como este não tivesse mais de dois metros e meio ou três metros de

altura e apenas fechasse os lados, mas não o alto, avistavam-se os barrotes do telhado da galeria e a claraboia pela qual o Sr. Bucket estivera olhando. O sol estava baixo, quase a se pôr, e sua luz entrava por cima, avermelhada, sem descer até o chão. Sobre um baixo sofá coberto de lona jazia o homem de Shropshire, com o mesmo traje com que o víamos ultimamente, mas tão mudado que a princípio não descobri semelhança alguma entre seu rosto descolorido e a imagem que dele me ficara na memória.

Estivera ainda a escrever no seu esconderijo, ainda detendo-se a considerar as injustiças que sofrera hora a hora. Uma mesa e algumas prateleiras estavam cheias de papéis manuscritos, com penas estragadas e uma mistura de coisas assim. Como que atraídos misteriosa e pateticamente, ele e a velhinha maluca estavam lado a lado e, por assim dizer, sós. Ela estava sentada numa cadeira pegando na mão dele, e nenhum de nós se aproximou.

Sua voz havia amortecido, bem como a antiga expressão de seu rosto, sua energia, sua cólera, sua resistência às injustiças, que afinal o haviam prostrado. Aquela figura que ali víamos representava tanto o homem de Shropshire com quem havíamos falado anteriormente, como uma sombra apagada representa um objeto cheio de forma e de cor.

Inclinou a cabeça para Ricardo e para mim e dirigiu a palavra a meu tutor.

— Sr. Jarndyce, é muita bondade sua ter vindo ver-me. Creio que minha hora chegou. Tenho muito prazer em apertar-lhe a mão, senhor. O senhor é um homem bom, superior às injustiças, e Deus sabe quanto o venero.

Apertaram-se as mãos com seriedade, e meu tutor disse-lhe algumas palavras de conforto.

— Pode parecer-lhe estranho, senhor — tornou Gridley —, mas eu não gostaria de ver o senhor se fosse este o nosso primeiro encontro. O senhor sabe quanto eu lutei; o senhor sabe que levantei minha mão sozinha contra eles todos; o senhor sabe que eu lhes disse a verdade até o fim e lhes disse o que eles eram e o que me haviam feito. De modo que não me importa que o senhor me veja reduzido à miséria atual.

— O senhor mostrou-se corajoso com eles muitas e muitas vezes — disse meu tutor.

— Mostrei-me corajoso, sim — respondeu ele com um fraco sorriso. —

Eu disse-lhe o que disso resultaria quando eu cessasse de ser assim. E vejam aqui! Olhem para nós... olhem para nós!

Puxou a mão, que Miss Flite trazia de través, sobre o outro braço, e trouxe-a um pouco para mais perto.

— Isso é o fim. De todas as minhas antigas relações, de todos os meus esforços e esperanças, de todo o mundo vivo e morto, somente essa pobre criatura parece feita para mim e eu para ela. Há um elo de muitos anos de sofrimento entre nós dois e é esse o único elo que já tive na terra, que não fosse partido pelo Tribunal.

— Aceite minha bênção, Gridley — disse Miss Elite, em pranto. — Aceite minha bênção!

— Pensei jactanciosamente que eles jamais conseguissem partir meu coração, Sr. Jarndyce. Estava determinado a não permitir que o fizessem. Acreditava poder e dever acusá-los de serem a ridícula que eram, até vir a morrer de alguma doença corporal. Mas estou gasto. Não sei há quanto tempo me venho desgastando. Creio que irei rebentar dentro de uma hora. Espero que eles nunca venham a saber disso. Espero que todos aqui os levem a acreditar que morri desafiando-os, com coerência e persistência, como fiz durante tantos e tantos anos.

Aqui o Sr. Bucket, que estava sentado a um canto perto da porta, ofereceu de boa vontade o único consolo que podia proporcionar.

— Vamos, vamos — disse ele lá do seu canto —, não continue dessa forma, Sr. Gridley. O senhor está apenas um pouco abatido. Todos nós ficamos um pouco abatidos às vezes. Eu fico. Ânimo! Ânimo! O senhor vai-se enraivecendo contra eles todos muitas e muitas vezes ainda, e eu espero ter a sorte de receber ainda uns vinte mandados de prisão contra o senhor.

Ele apenas abanou a cabeça.

— Não balance a cabeça — disse o Sr. Bucket. — Faça com ela sinal que sim. Isso é o que desejo vê-lo fazer. Ora, valha-lhe Deus, quantas vezes não estivemos juntos! Não o vi eu muitas e muitas vezes na Polícia por contumácia? Não compareci eu ao Tribunal umas vinte tardes, sem nenhum outro propósito senão o de ver o senhor filar o Chanceler como um buldogue? Não se recorda da primeira vez que começou a ameaçar os advogados, e do mandado de prisão lavrado contra o senhor duas ou três vezes por semana?

Pergunte aí à velhinha. Ela esteve sempre presente. Ânimo, Sr. Gridley! Coragem!

— Que vai fazer com ele? — perguntou Jorge em voz baixa.

— Não sei ainda — disse Bucket no mesmo tom. Depois, continuando a alentá-lo, prosseguiu em voz alta: — Gasto, hem, Sr. Gridley? Depois de ter-me fugido todas estas semanas, obrigando-me a subir ao telhado daqui como um gato, e a vir vê-lo como se fosse um médico! Isso não é de quem está gasto. Acho que não. Agora vou dizer-lhe aquilo de que o senhor precisa. Precisa de excitação, sabe, para conservá-lo de pé. É disso que o senhor precisa. Está acostumado a ela e não pode passar sem ela. Eu também não poderia. Muito bem, então. Aqui está este mandado de prisão, solicitado pelo Sr. Tulkinghorn de Lincoln's Inn Fields, e depois remetido a meia dúzia de condados. Que me diz de vir comigo, em virtude deste mandado, e travar um bem raivoso bate-boca perante os magistrados? Far-lhe-á bem, refresca-lo-á e o exercitará para outra oportunidade diante do Chanceler. Dá-se por vencido? Ora, causa-me surpresa ouvir um homem da sua energia falar em dar-se por vencido. Não devia fazer isso. Logo o senhor que é uma das maiores atrações da Corte de Justiça! Jorge, dê uma mão ao Sr. Gridley e vejamos então se ele não se sentirá melhor de pé do que deitado.

— Ele está muito fraco — disse o cavalariano em voz baixa.

— Está? — tornou Bucket com ansiedade. — Eu apenas desejava reanimá-lo. Não gosto de ver um velho conhecido entregar os pontos dessa forma. Causar-lhe-ia mais satisfação que qualquer outra coisa se eu pudesse fazê-lo zangar-se comigo. Ele pode descarregar a cólera sobre mim, se quiser. Nunca me prevalecerei disso.

O telhado ecoou com um grito de Miss Flite, que ainda retine em meus ouvidos.

— Oh, não, Gridley! — gritou ela, quando ele caiu calma e pesadamente para trás — não sem que eu o abençoe. Depois de tantos anos!

O sol se pusera. A luz fora-se furtando paulatinamente do telhado, e a sombra ia-se alargando para o alto. Mas para mim a sombra daquele par, ela viva e ele morto, caiu mais pesada sobre a partida de Ricardo do que a escuridão da mais escura noite. E no meio das palavras de despedida de Ricardo eu ouvia o eco daquelas outras palavras:

“De todas as minhas antigas relações, de todos os meus esforços e esperanças, de todo o mundo vivo e morto, somente esta pobre criatura parece feita para mim e eu para ela. Há um elo de muitos anos de sofrimento entre nós dois e é esse o único elo que já tive na terra, que não fosse partido pelo Tribunal.”

A SRA. SNAGSBY VÊ TUDO

Reina inquietação na Rua Cursitor, Largo do Cozinheiro. Negra suspeita-se acoita naquela pacífica região. A massa dos moradores do largo encontra-se no seu habitual estado de espírito, nem melhor, nem pior; mas o Sr. Snagsby está mudado e sua mulherzinha sabe disso.

Pois Tom-All-Alone's e Lincoln's Inn Fields, parelha de corcéis indomáveis, continuam arreando-se para o carrinho da imaginação do Sr. Snagsby: e o Sr. Bucket é o cocheiro, sendo passageiro Jo e o Sr. Tulkinghorn. A equipagem completa gira através da loja de artigos forenses a toda a velocidade, a todas as horas. Mesmo na pequena cozinha de frente, onde a família faz suas refeições, ela rola a passo fumegante fora da mesa de jantar, quando o Sr. Snagsby para ao trincar o primeiro naco da perna de carneiro assado com batatas, e crava o olhar na parede da cozinha.

O Sr. Snagsby não pode adivinhar o que ele possa ter de ver com aquilo. Há em alguma parte qualquer coisa que não quadra direito; e o enigma de sua vida é atinar com o que seja essa coisa, qual o seu resultado, para quem é, quando e de que parte inimaginável e inaudita vem. Suas remotas impressões das túnicas e coroas, das estrelas e jarreteiras que cintilam pela superfície empoeirada dos aposentos do Sr. Tulkinghorn; sua veneração pelos mistérios a que preside aquele homem, o melhor e mais reservado de seus fregueses, a quem todos os Colégios de Advogados, todo o beco do Tribunal e toda a vizinhança forense são unânimes em respeitar; sua recordação do detetive Bucket, com seu indicador e suas maneiras confidenciais, a que é impossível a gente furtar-se — persuadem-no de que ele é parte em algum perigoso segredo, sem saber, porém, qual seja. E a apavorante peculiaridade dessa situação é que, a qualquer hora de sua vida cotidiana, a qualquer momento em que abra a porta da loja, a qualquer toque de sineta, a qualquer entrada dum mensageiro ou a qualquer entrega de carta o segredo possa inflamar-se, explodir e ferir... só o Sr. Bucket sabe quem.

Por essa razão, sempre que um desconhecido entra na loja (como fazem muitos desconhecidos) e pergunta: “O Sr. Snagsby está?” — ou usa palavras de semelhante efeito inocente, o coração do Sr. Snagsby bate forte dentro do seu peito culpado. Sofre tanto com tais perguntas que, quando são feitas por meninos, vinga-se dando-lhes piparotes nas orelhas por cima do balcão e perguntando àqueles cachorrinhos o que querem dizer com aquilo e por que não dizem logo de uma vez o que têm de dizer. Homens e meninos mais teimosos persistem em povoar o sono do Sr. Snagsby, aterrorizando-o com infinitas perguntas; de modo que muitas vezes, quando o galo da pequena leiteria da Rua Cursitor se esgoela, no seu costumeiro e absurdo grito matinal, o Sr. Snagsby está abismado numa crise de pesadelo, com sua mulherzinha a sacudi-lo, dizendo: “Que é que você tem, homem?”

A própria mulherzinha não é a menor de suas preocupações na dificuldade que está atravessando. Saber que está sempre ocultando dela um segredo; que tem, em qualquer circunstância, de ocultar e manter seguro um dente molar mole que a perícia dela está sempre pronta a arrancar-lhe da gengiva, dá ao Sr. Snagsby, na presença da esposa, muito do ar de um cão que guarda reserva com seu dono e preferirá olhar para qualquer parte a ter de arrostar o olhar dele.

Esses vários sinais e demonstrações, observados pela mulherzinha, não caem em saco roto. Obrigam-na a dizer: “Snagsby tem alguma coisa na ideia!” E dessa forma a suspeita penetra na Rua Cursitor, Largo do Cozinheiro. Da suspeita ao ciúme a Sra. Snagsby encontra o caminho tão natural e curto como do Largo do Cozinheiro ao beco do Tribunal. E dessa forma o ciúme penetra na Rua Cursitor, Largo do Cozinheiro. Uma vez ali (e sempre esteve oculto por ali), mostra-se bastante ativo e esperto no peito da Sra. Snagsby, sugerindo-lhe exames noturnos dos bolsos do Sr. Snagsby; leituras ocultas das cartas do Sr. Snagsby; pesquisas privadas no Diário e no Caixa, na gaveta de dinheiro, no cofre, no mealheiro; espionagens nas janelas, escutar por trás das portas, chegando a conclusões disparatadas.

A Sra. Snagsby vive tão perpetuamente de sobreaviso que a casa se torna assombrada, com estalidos de tábuas e roçar de panos. Os aprendizes acham possível alguém ter sido assassinado ali em tempos passados. Guster conserva certos átomos perdidos de uma ideia (colhida em Tooting, onde eles eram encontrados a flutuar entre os órfãos) de que há dinheiro enterrado debaixo da adega, guardado por um velho de barbas brancas, que não poderá

sair dali durante 7 mil anos, porque rezou o Padre Nosso às avessas.

“Quem era Nemrod?”, pergunta a Sra. Snagsby repetidamente a si mesma. “Quem era aquela senhora... aquela criatura? E quem é aquele menino?” Ora, estando, Nemrod morto, como o vigoroso caçador de cujo nome a Sra. Snagsby se apropriou, e não tendo aparecido a tal senhora, dirige ela seu olho mental, presentemente, com redobrada vigilância, para o menino. — E quem — repete a Sra. Snagsby pela milésima primeira vez —, quem é aquele menino? Quem é aquele...? — E aqui uma inspiração se apodera da Sra. Snagsby.

Ele não respeita o Sr. Chadband. Não, decerto, e não respeitaria, é claro. Naturalmente não respeitaria, contagiado por aquelas circunstâncias. Foi convidado e teve ordem do Sr. Chadband (a Sra. Snagsby ouviu isso com seus próprios ouvidos!) de voltar, para saber onde teria de ir, para ser encaminhado pelo Sr. Chadband. E ele jamais voltou! Por que não voltou? Porque decerto lhe disseram que não voltasse. E quem lhe disse que não voltasse? Quem? Ah! ah! A Sra. Snagsby vê tudo.

Mas por felicidade (e a Sra. Snagsby sacode fortemente a cabeça e sorri com firmeza) aquele menino foi encontrado ontem nas ruas pelo Sr. Chadband; e como aquele menino proporciona ao Sr. Chadband material aperfeiçoável para deleite espiritual duma congregação seleta, foi agarrado pelo Sr. Chadband e ameaçado de ser entregue à polícia, se não mostrasse ao reverendo onde morava e se não se comprometesse a aparecer no Largo do Cozinheiro amanhã à noite — “a-ma-nhã à noite” — repete a Sra. Snagsby por simples ênfase, com outro sorriso de segurança e outra decidida sacudidela de cabeça. E amanhã de noite aquele menino estará aqui, e amanhã de noite a Sra. Snagsby terá seu olhar bem fito nele e em alguém mais. E oh! podes passear muito tempo pelos teus caminhos secretos (diz a Sra. Snagsby com altivez e desprezo), mas não podes fazer de mim uma CEGA!

A Sra. Snagsby não toca pandeiro nos ouvidos de ninguém, mas conserva, caladamente seu propósito e toma suas precauções. Chega o amanhã. Chegam os apetitosos preparativos para o comércio de azeite. Chega a noite. Chega o Sr. Snagsby, com seu casaco preto; chegam os Chadbands; chegam (quando a nau devoradora está repleta) os aprendizes e Guster, para ficarem edificadas; chega, afinal, com sua cabeça pendida, com seu bamboleio para trás e seu bamboleio para diante, seu bamboleio para a direita

e seu bamboleio para a esquerda, e seu pedaço de boné de pele na mão suja, que ele depenica como se fosse algum pássaro sarnoso que tivesse agarrado e estivesse depenando antes de comê-lo cru, Jo, a dura, a duríssima matéria que o Sr. Chadband terá de aperfeiçoar.

A Sra. Snagsby lança um olhar tenebroso sobre Jo, quando este é trazido por Guster para o pequeno salão. Ele olha para o Sr. Snagsby no momento de entrar. Ah! Por que olha ele para o Sr. Snagsby? O Sr. Snagsby olha para ele. Por que faria ele isso? Nada escapa à Sra. Snagsby. Por que essa troca de olhares entre ambos? Por que, além disso, ficaria confuso o Sr. Snagsby e tosse uma tosse significativa por trás da mão? É claro como cristal que o Sr. Snagsby é o pai daquele menino.

— Paz, meus amigos — diz Chadband, erguendo-se e limpando as oleosas exsudações de seu reverendo rosto. — A paz esteja conosco! Por que conosco, meus amigos? — Porque — com seu sorriso nédio — não pode estar contra nós, porque deve estar por nós; porque não é endurecimento, porque é amaciamento; porque não faz guerra como o gavião, mas vem a nós como a pomba. Portanto, meus amigos, a paz esteja conosco! Humana criança, adiante-se!

Estendendo sua pata balofa, o Sr. Chadband repousa-a sobre o braço de Jo e fica a pensar onde deve colocar o jovem. Jo, bastante duvidoso das intenções de seu reverendo amigo, e não muito certo de se alguma experiência penosa vai ser feita com ele, murmura: — Deixe-me. Eu nunca disse nada ao senhor. Deixe-me.

— Não, meu jovem amigo — diz o Sr. Chadband com brandura —, não o deixarei. E por quê? Porque sou um operário da messe, porque sou um trabalhador e jornaleiro, porque você me foi entregue e se tornou preciosíssimo instrumento em minhas mãos. Meus amigos, posso eu empregar então este instrumento para vantagem vossa, proveito vosso, lucro vosso, bem-estar vosso, enriquecimento vosso? Meu jovem amigo, sente-se neste tamborete.

Jo, tomado, ao que parece, da impressão de que o reverendo cavalheiro quer cortar-lhe o cabelo, protege a cabeça com ambos os braços, e só com grande dificuldade e todas as possíveis manifestações de relutância é que conseguem pô-lo na posição requerida.

Quando é por fim ajustado como uma figura de barro, o Sr. Chadband,

saindo de detrás da mesa, ergue sua pata de urso e diz: — Meus amigos! — É o sinal para que toda a assistência se acomode. Os aprendizes riem para dentro e tocam-se ligeiramente com os cotovelos. Guster engolfa-se num estado de vaga contemplação, composto de admiração confusa pelo Sr. Chadband e de piedade pelo pobrezinho, cuja condição lhe toca de perto os sentimentos. A Sra. Snagsby silenciosamente estende rastilhos de pólvora. A Sra. Chadband ajeita-se, carrancuda, junto ao fogo, e aquece os joelhos, achando essa sensação favorável à recepção da eloquência.

Acontece que o Sr. Chadband tem um hábito oratório de fixar algum membro de sua grei, e expor seus argumentos a essa pessoa especial, cuja emoção, espera-se, há de ser provocada até o ponto de produzir um grunhido, gemido, abrir de boca, ou qualquer outra audível expressão de trabalho interior, expressão essa de trabalho interior que, repercutindo nalguma velha senhora sentada no banco próximo, e transmitindo-se, como um jogo de prendas, pelo círculo de pecadores mais fermentáveis ali presentes, serve para suscitar o aplauso parlamentar e inflamar o Sr. Chadband. Por simples força de hábito, ao dizer “Meus amigos!” o Sr. Chadband descansou o olhar sobre o Sr. Snagsby e passa a fazer do malfadado papeleiro forense, já suficientemente confuso, o receptáculo imediato de seu discurso.

— Temos aqui entre nós, meus amigos — diz Chadband —, um gentio e um pagão, um habitante das tendas de Tom-All-Alone’s, um vagabundo sobre a face da terra. Temos aqui entre nós, meus amigos — e o Sr. Chadband, desenrolando a exposição com a unha suja do polegar, concede oleoso sorriso ao Sr. Snagsby, significando que, se ele não está suficientemente escachado, irá lançar-lhe um argumento de escacha —, um irmão e uma criança. Privado de pais, privado de parentes, privado de rebanhos e manadas, privado de ouro e de prata e de pedras preciosas. Ora, meus amigos, por que digo que ele está privado de tais bens? Por quê? Por que está ele privado?

O Sr. Chadband atira a pergunta como se estivesse propondo um enigma inteiramente novo, muito engenhoso e de truz, ao Sr. Snagsby, e suplicando-lhe que não o deixe cair no chão.

O Sr. Snagsby, grandemente perplexo pelo misterioso olhar que acaba justamente de receber de sua mulherzinha, mais ou menos desde o instante em que o Sr. Chadband mencionou a palavra “pais”, é tentado a observar modestamente: — Posso garantir-lhe que não sei, não, senhor. — A essa

interrupção, a Sra. Chadband olha com olhar feroz, e a Sra. Snagsby diz: — Que vergonha!

— Ouço uma voz — diz Chadband —, é uma voz ainda fraca, meus amigos? Receio que não, embora de bom grado esperasse...

(— Ah!... — exclama a Sra. Snagsby.)

— Que diz: “Não sei”. Então eu vos direi por quê. Digo que este irmão, aqui presente entre nós, está privado de pais, privado de parentes, privado de rebanhos e manadas, privado de ouro, de prata e de pedras preciosas, porque está privado da luz que fulge sobre alguns de nós. Que luz é esta? Que é ela? Pergunto-vos que luz é esta?

O Sr. Chadband joga para trás a cabeça e faz uma pausa. Mas o Sr. Snagsby não se deixa atrair de novo à ruína. O Sr. Chadband, inclinando-se para a frente sobre a mesa, continua a dirigir-se diretamente ao Sr. Snagsby, espetando para ele a já mencionada unha suja do polegar.

— É — diz o Sr. Chadband — o raio dos raios, o sol dos sóis, a lua das luas, a estrela das estrelas. É a luz da Verdade.

O Sr. Chadband de novo se empertiga e olha triunfantemente para o Sr. Snagsby, como se folgasse de saber como ele se sente depois disso.

— Da Verdade — diz o Sr. Chadband, alvejando-o novamente. — Não me digais que não é a lâmpada das lâmpadas. Afirmo-vos que é. Afirmo-vos um milhão de vezes que é. É! Afirmo-vos que proclamarei isso diante de vós, quer gosteis, quer não; e ainda que, quanto menos gostardes, tanto mais o proclamarei diante de vós. Com um porta-voz! Afirmo-vos que, se vos levantardes contra ela, sereis derrubado, sereis contundido, sereis machucado, sereis rachado, sereis esmigalhado.

Tendo sido o pronto efeito desse surto oratório — muito admirado em sua possança geral pelos discípulos do Sr. Chadband — não só inflamar desagradavelmente o Sr. Chadband, mas apresentar o inocente Sr. Snagsby como inimigo determinado da virtude, com cara de bronze e coração duro como diamante, o infeliz comerciante torna-se cada vez mais desconcertado e já se encontra num estado bastante adiantado de abatimento e numa falsa posição, quando o Sr. Chadband acidentalmente o liquida.

— Meus amigos — continua ele, depois de esponjar por algum tempo a

anafada cabeça, que fumegava a tal ponto que parecia incendiar o lenço junto à mesma, o qual fumega também depois de cada esfregadela — para prosseguir com o assunto que tentamos desenvolver com nossos fracos dons, perguntemos, em espírito de amor, o que é aquela Verdade a que aludi. Pois, meus jovens amigos — e de repente se dirige aos aprendizes e a Guster, com grande consternação deles —, se o doutor me diz que calomelanos ou óleo de rícino é bom para mim, posso naturalmente perguntar o que é calomelanos e o que é óleo de rícino. Posso desejar ser informado disso antes de me medicar com qualquer deles ou com ambos. Ora, meus jovens amigos, que é, pois a Verdade? Primeiramente (em espírito de amor) qual é a espécie comum de Verdade? Será ela a roupa de trabalho, a roupa de uso diário, meus jovens amigos? Ela é embuste?

(— Ah... ! — exclama a Sra. Snagsby.)

— É supressão?

(Um calafrio na negativa da Sra. Snagsby.)

— É reserva?

(Uma sacudidela da cabeça da Sra. Snagsby, muito prolongada e muito tesa.) — Não, meus amigos, não é nenhuma dessas coisas. Nenhum desses nomes lhes pertence. Quando este jovem pagão, agora entre nós — que está agora, meus amigos, adormecido, tendo-lhe sido pregado sobre as pálpebras o selo da indiferença e da perdição; mas não desperteis, pois é justo que eu tenha de lutar, de combater, de vencer, por causa dele —, quando este jovem e empedernido pagão nos contou a estranha história duma fidalga e dum soberano, foi isso a Verdade? Não. Ou, se foi em parte, foi inteira e completamente? Não, meus amigos, não!

Se o Sr. Snagsby pudesse resistir ao olhar de sua mulherzinha, enquanto este lhe penetra olhos adentro, as janelas de sua alma, e rebusca todos os aposentos, seria outro homem diferente do que é. Encolhe-se, curva-se.

— Ora, meus jovens amigos — diz o Sr. Chadband, descendo ao nível da compreensão deles, com uma demonstração muito importuna no seu untuoso sorriso manso, como quem desce com muitos rodeios uma escada para chegar ao seu fim —, se o dono desta casa tivesse de ir à cidade para ver lá uma enguia, e tivesse de voltar e de chamar a dona desta casa e dizer-lhe: “Sara, regozija-te comigo, porque vi um elefante!”, seria isso Verdade?

A Sra. Snagsby está em pranto.

— Ou suponhamos, meus jovens amigos, que ele visse um elefante e de volta dissesse: “Vê tu, a cidade está estéril, vi apenas uma enguia”, seria isso Verdade?

A Sra. Snagsby soluça alto.

— Ou suponhamos, meus jovens amigos — diz Chadband, estimulado pelo som de sua voz —, que os desnaturados pais deste sonolento pagão — pois pais ele teve, meus jovens amigos, fora de qualquer dúvida —, depois de havê-lo lançado aos lobos e aos abutres, aos cães selvagens e às jovens gazelas, e às serpentes, voltassem para sua residência a gozar de seus cachimbos, de suas panelas, de seus toques de flauta e de suas danças, de suas cervejas e das carnes e aves domésticas vindas do açougueiro, seria isso Verdade?

A Sra. Snagsby responde mostrando-se presa de espasmos, não uma presa imbele, mas uma presa gritante e impetuosa, de modo que todo o Largo do Cozinheiro ressoa com os seus guinchos. Finalmente, caindo em estado cataléptico, tem de ser carregada para cima pela escada estreita, como um piano de cauda. Depois de inexprimíveis sofrimentos, que produzem a mais extrema consternação, comunica um mensageiro, vindo de seu quarto de dormir, que ela já está livre de dores, apesar de exausta. Nesse estado de coisas, o Sr. Snagsby, atropelado e comprimido com a remoção do piano, e extremamente tímido e fraco, aventura-se a sair de trás da porta da sala de visitas.

Durante todo esse tempo, Jo ficou no lugar onde acordou, sempre esfuracando o boné e metendo pedacinhos de pelo na boca. Cospe-os fora com um ar arrependido, pois sente que está na sua natureza ser um réprobo sem probabilidade de melhora, e que de nada vale ficar acordado, pois nunca saberá coisa alguma. E, no entanto, Jo, pode ser que haja uma história tão interessante e comovedora até mesmo para espíritos primitivos como o teu, história essa que registra lances realizados neste mundo para homens comuns. Se os Chadbands, sem se interpoem entre essa história e a luz, se limitassem a mostrá-la a ti com simplicidade e reverência, sem retocá-la, considerando-a bastante eloquente em si para dispensar-lhes a modesta ajuda, essa história bem te poderia conservar desperto, e dela poderias talvez tirar ensinamentos.

Jo nunca ouviu falar em tal livro. Seus compiladores e o Rev.º Chadband

são todos uma coisa só para ele, com a diferença de que ele conhece o Rev. Chadband e preferiria afastar-se dele, correndo durante uma hora, a ouvi-lo falar cinco minutos. “Não é bom que eu espere mais tempo aqui”, pensa Jo. “O Sr. Snagsby não me vai dizer nada esta noite.” E desce ruidosamente a escada.

Mas embaixo está a caridosa Guster, segurando o corrimão da escada da cozinha e evitando um ataque, até aqui duvidoso, instigado pela choradeira da Sra. Snagsby. Tem para dar a Jo sua própria ceia de pão com queijo e com ele aventura-se a trocar umas poucas palavras pela primeira vez.

— Aqui está alguma coisa para você comer, pobre rapaz — diz Guster.

— Obrigado, dona — diz Jo.

— Está com fome?

— Isso mesmo!

— Que é feito de seu pai e de sua mãe, hem?

Jo para no meio duma dentada e parece petrificado, pois essa órfã, cuja santa padroeira possui um relicário em Tooting, bateu-lhe no ombro devagarinho, e é a primeira vez na sua vida que qualquer mão decente pousa sobre ele.

— Nunca soube de nada a respeito deles — diz Jo.

— Nem eu tampouco dos meus — chora Guster. Está reprimindo sintomas favoráveis ao ataque, quando parece levar um susto com alguma coisa, e desaparece escada abaixo.

— Jo — cochicha baixinho o copista, enquanto o menino hesita nos degraus.

— Aqui estou, Sr. Snagsby.

— Não sabia que você ia saindo. Aqui está outra meia coroa, Jo. Andou muito direito não dizendo nada a respeito da senhora da outra noite em que saímos juntos. Seria criar complicações. Todo silêncio é pouco, Jo.

— Vou sumir, patrão.

E assim, boa noite.

Uma sombra espectral, em camisola e barrete de dormir, acompanha o

copista até o quarto donde ele veio, e desliza em estatura bem mais avantajada. E daí por diante começa ele, vá onde for, a ser acompanhado por outra sombra que não é a sua, quase tão constante como a sua, quase silenciosa como a sua. E em toda e qualquer atmosfera de segredo onde a sombra do seu corpo pode penetrar, acautela-se de tudo aquilo que tem algum interesse no segredo! Pois que a vigilante Sra. Snagsby está ali também — osso de seu osso, carne de sua carne, sombra de sua sombra.

BONS ATIRADORES

A manhã de inverno, olhando com olhos mortiços e cara lívida as proximidades de Leicester Square, encontra seus moradores sem vontade de sair da cama. Muitos deles não são madrugadores nem nos dias mais bonitos, por serem pássaros noturnos que dormem quando o sol vai alto e estão bem despertados e são ladinos em pegar presas quando as estrelas brilham. Por trás de postigos e reposteiros sujos, em andares elevados e águas-furtadas, escondendo-se mais ou menos sob nomes falsos, cabelos falsos, títulos falsos, joias falsas e falsas histórias, uma colônia inteira de bandidos jaz no seu primeiro sono. São cavalheiros do pano verde que poderiam discorrer, por experiência própria, a respeito de galés estrangeiras e de casas de correção; espões de governos fortes que eternamente tremem de fraqueza e de miserável medo, traidores falidos, covardes, fanfarrões, jogadores, embusteiros, cavalheiros de indústria e falsas testemunhas; alguns com o ferrete de ignomínia por baixo do galão sujo, todos cheios de mais crueldade do que Nero e de mais crime do que os dos habitantes da prisão de Newgate. Pois, por pior que o diabo possa ser com roupa de fustão ou blusa de lavrador (e pode ser muito mau com ambas), ele é um diabo mais astuto, empedernido e intolerável quando finca um alfinete no peitilho da camisa, se intitula cavaleiro, aposta uma carta ou um naipe, joga uma partida ou mais de bilhar e tem certo conhecimento a respeito de contas e notas promissórias, do que com qualquer outra forma com que se apresente. E com essa forma o Sr. Bucket o descobrirá, quando quiser, invadindo ainda os canais tributários de Leicester Square.

Mas a manhã de inverno não necessita dele e não o desperta. Desperta o Sr. Jorge da Galeria de Tiro e seu criado. Levantam-se, enrolam e guardam seus colchões. Depois de fazer a barba diante dum espelho de minúsculas proporções, o Sr. Jorge, de cabeça nua e peito nu, vai ter à bomba do

patiozinho e logo volta, rebrilhante de sabão amarelo, de esfregadela, e gotejando água excessivamente fria. Enquanto se esfrega com uma grande toalha grossa, soprando como uma espécie de mergulhador militar que acaba de subir à tona — o cabelo crespo encaracolando-se cada vez mais nas têmporas queimadas de sol enquanto ele o esfrega, de modo que parece impossível penteá-lo com qualquer instrumento menos violento que um ancinho de ferro ou uma almofada —, enquanto ele esfrega, bufa, pule e sopra, voltando a cabeça dum lado para outro, para mais convenientemente escoriar o pescoço, e conservando o corpo inclinado para diante a fim de não molhar suas pernas marciais, Phil, de joelhos, acendendo o fogo, olha para os lados como se, só com ver o que via, estivesse dispensado de ulteriores abluções, e como se, aparando as obras da saúde que seu patrão esbanjava, tivesse as forças renovadas por um dia.

Depois de enxugar-se, o Sr. Jorge passa a escovar a cabeça com duas escovas duras ao mesmo tempo, fazendo-o de um modo tão desapiedado que Phil, roçando os ombros pelas paredes da galeria enquanto a varre, pisca os olhos com um jeito de dó. Terminada essa esfregação, está concluída a parte ornamental da toalete do Sr. Jorge. Enche ele seu cachimbo, acende-o, e caminha de um lado para outro, fumando, como é seu costume, enquanto Phil, fazendo desprender-se forte odor de roscas quentes e de café, prepara a frugalíssima refeição da manhã. Fuma gravemente e caminha a passos lentos. Talvez essa cachimbada da manhã seja um preito à memória de Gridley em sua cova.

— Como é, Phil — diz o Sr. Jorge da Galeria de Tiro, depois de dar alguns giros em silêncio —, na noite passada você esteve sonhando com a roça?

Em resposta, Phil diz, num tom de surpresa, como se acabasse de sair da cama: — Sim, patrão.

— Como é que era?

— Dificilmente posso saber como é que era, patrão — diz Phil, refletindo.

— Então como sabe que era a roça?

— Creio que por causa do capim. E dos cisnes em cima dele — diz Phil, depois de refletir mais um pouco.

— Que estavam fazendo os cisnes em cima do capim?

— Acho que o estavam comendo — responde Phil.

O patrão retoma sua marcha, e o homem volta aos preparativos da refeição da manhã. Não são preparativos necessariamente prolongados, limitando-se ao suficiente para o frugal repasto de duas pessoas, e a assar na grelha enferrujada do fogão um naco de toucinho. Como, porém, Phil tem de andar roçando por todas as paredes de considerável parte da galeria, à procura de qualquer objeto de que necessite, e nunca traz dois deles duma vez, o tempo gasto é muito maior. Afinal fica pronta a ligeira refeição. Anunciado isso por Phil, o Sr. Jorge bate a cinza do cachimbo na chapa do fogão, põe o cachimbo de pé no canto da chaminé e senta-se para comer. Depois que ele se serve, Phil o imita, sentado na outra extremidade da mesinha oblonga e com o prato nos joelhos, ou por humildade, ou para esconder as mãos empretecidas, ou por ser essa a sua maneira habitual de comer.

— A roça — diz o Sr. Jorge, manejando o garfo e a faca —, ora, eu suponho que você nunca pousou os olhos na roça, Phil.

— Vi os pântanos uma vez — diz Phil, comendo com satisfação.

— Que pântanos?

— Os pântanos, comandante — repete Phil.

— Onde estão eles?

— Não sei onde estão, mas que vi, vi, patrão. Eram baixos e brumosos.

Patrão e comandante são para Phil termos recíprocos, expressivos do mesmo respeito e deferência, e aplicáveis somente ao Sr. Jorge.

— Eu nasci no campo, Phil.

— Deveras, comandante?

— Sim. E fui criado lá.

Phil levanta sua única sobrancelha e, depois de fitar respeitosamente o patrão para exprimir interesse, traga um grande gole de café, sempre de olho cravado nele.

— Não há um canto de pássaro que eu não conheça, nem muita folha inglesa ou grão que eu não possa nomear, nem muita árvore onde eu não

possa subir ainda, se tivesse de fazê-lo. Fui outrora um verdadeiro filho do campo. Minha boa mãe viveu no campo.

— Deve ter sido uma bonita matrona — observa Phil.

— E não era velha há trinta e cinco anos — diz o Sr. Jorge. — Mas apostaria que aos noventa estaria quase tão tesa como eu e quase com a mesma largura de ombros.

— Ela morreu com noventa anos, patrão?

— Não. Tolice! Que ela descanse em paz, Deus a abençoe! — diz o cavalariano. — Quem me incitou a meter-me com rapazes do campo, desertores e gente à-toa? Você, sem dúvida! De modo que você nunca pôs olhos no campo, exceto em pântanos, e assim mesmo em sonhos, não é?

Phil meneou a cabeça.

— Deseja ver o campo?

— Não... o, não sei mesmo o que faria.

— A cidade só lhe basta, hem?

— Ora, o senhor compreende, não conheço outra coisa mais e creio que estou ficando muito velho para meter-me com novidades.

— Que idade tem você, Phil? — pergunta o ex-soldado de cavalaria, parando ao levar o pires fumegante aos lábios.

— Acho que há um oito nela. Oitenta não pode ser, nem tampouco dezoito. Anda por aí entre os dois.

O Sr. Jorge, pondo devagar o pires em cima da mesa, sem provar-lhe o conteúdo, vai começar a dizer, rindo: “Ora, com os diabos, Phil”, quando se detém, vendo que Phil está contando nos dedos sujos.

— Estava eu justamente com oito anos, de acordo com o cálculo da paróquia, quando encontrei o caldeireiro. Eu havia sido mandado a um recado e vi-o sentado debaixo dum velho edifício, com um fogo muito confortável só para si. E ele me perguntou: “Gostaria você de vir comigo, meu rapaz?” Eu respondi: “Sim” e ele, eu e o fogo seguimos juntos para Clerkenwell. Era o dia 1.º de abril. Eu era capaz de contar até dez, e, quando chegou de novo o dia 1.º de abril, disse a mim mesmo: “Agora, meu velho, você está com um e oito.” No dia 1.º de abril depois deste, disse eu: “Agora, meu velho, você está

com dois e oito.” Com o correr do tempo, cheguei a dez com oito e a dois dez com oito. Quando cheguei a essas alturas, perdi a conta. Só sei agora que há um oito na minha idade.

— Ah! — exclama o Sr. Jorge, continuando sua refeição. — E onde anda o caldeireiro?

— A bebida deu com ele no hospital, patrão, e o hospital deu com ele... numa caixa de vidro, segundo ouvi dizer — responde Phil misteriosamente.

— Foi por esse meio que você foi promovido? Ficou com o negócio, Phil?

— Sim, comandante. Tomei conta do negócio, tal como estava. Não se podia tirar muito duma vizinhança — Saffron Hill, Hatton Garden, Clerkenwell, Smiffeld e outras — já explorada e pobre, onde costumavam utilizar as chaleiras até que não aguentem mais remendos. A maior parte dos caldeireiros errantes costumava vir alojar-se no nosso lugar. Era a melhor parte dos ganhos do meu patrão. Mas comigo não vinham ter. Eu não era como ele. Ele podia cantar-lhes uma boa canção. Eu não! Ele sabia tocar-lhes uma toada em qualquer espécie de panela que se quisesse, quer de ferro, quer de lata. Eu nada mais sabia fazer com uma panela senão remendá-la ou fervê-la. Música não era comigo. Além disso, eu tinha muito mau aspecto, e suas mulheres queixavam-se de mim.

— Eram por demais exigentes. Você se distinguiria no meio duma multidão, Phil — diz o Sr. Jorge com um sorriso divertido.

— Não, patrão — replica Phil, sacudindo a cabeça. — Não me distinguiria, não. Eu era ainda bastante passável quando segui o caldeireiro, embora nada tivesse de extraordinário então. Mas tanto por soprar eu o fogo com a boca quando era jovem, estragando a cor da pele, chamuscando o cabelo e engolindo fumaça, como por ter sempre a infelicidade de queimar-me com metal quente, enchendo-me de marcas, e de brigar com o caldeireiro, quando fiquei mais velho, quase sempre que ele estava muito entrado na bebida (o que frequentemente ocorria), minha beleza era estranha, bastante estranha, mesmo naquele tempo. Dali para cá, tanto por causa de uma dúzia de anos numa escura forja, onde os homens eram dados a brincadeiras, como por causa de um acidente em que me queimei numa fábrica de gás e de ter sido lançado pela janela fora, enchendo um caixote numa fábrica de fogos, fiquei bastante feio para que ande a me mostrar.

Resignando-se a tal condição duma forma perfeitamente satisfeita, Phil pede o obséquio doutra xícara de café. Enquanto bebe, diz: — Foi depois da explosão do caixote de fogos que vi o senhor pela primeira vez, comandante. Lembra-se?

— Lembro-me, sim, Phil. Você andava passeando ao sol.

— Arrastando-me, patrão, de encontro a um muro...

— É verdade, Phil, roçando com os ombros...

— De barrete de dormir! — exclama Phil, excitado.

— De barrete de dormir...

— E manquejando, com um par de bengalas! — grita Phil, ainda mais excitado.

— Com um par de bengalas, quando...

— Quando o senhor para, como sabe — exclama Phil, largando a xícara e o pires e retirando apressadamente o prato dos joelhos —, e me diz: “Olá, camarada! Você esteve na guerra!” Não lhe falei muito então, comandante, porque me surpreendeu que uma pessoa tão forte, de tanta saúde e tão valente como o senhor parasse para dirigir a palavra a um tão coxo saco de ossos como era eu. Mas o senhor me disse, falando com tamanha cordialidade, de modo que suas palavras eram como um copo de alguma coisa quente: “Que acidente lhe aconteceu. Você está machucado demais. Que é que tem meu velho? Anime-se e conte-me direitinho!” Anime-se! Animado já eu estava. Disse-lhe uma porção de coisas, outras tantas me disse o senhor, mais coisas lhe falei, outras mais falou o senhor, e aqui estou, comandante. Aqui estou, comandante! — exclama Phil, que se levantou da cadeira e começou estranhamente a andar de lado. — Se precisar de um alvo, ou se ele desenvolver o negócio, deixe que os fregueses façam em mim sua pontaria. Estragar minha beleza eles não podem. Estou bem. Vamos! Se eles precisarem de um homem para praticar o boxe, deixe que eles se sirvam de mim. Deixe que me esmurrem bem na cabeça. Não me importo. Se eles precisam dum peso-leve para ser usado no treinamento, deixe que me usem, Cornwall, Devonshire ou Lancashire, deixe que eles me usem. A mim não podem machucar. Tenho servido para todos os tipos de treinamento em toda a minha vida!

Com esse inesperado discurso, proferido com energia e acompanhado pela ação exemplificativa dos vários exercícios mencionados, Phil Squod vai roçando os ombros pelos três lados da galeria, e de repente, virando-se diante de seu comandante, faz-lhe com a cabeça um gesto parecido com uma marrada, com o qual tenciona exprimir devotamento ao seu serviço. Começa então a tirar a mesa.

O Sr. Jorge, depois de rir prazenteiramente e de dar-lhe uma pancadinha no ombro, ajuda-o naqueles arranjos e a pôr a galeria em ordem para atender a freguesia. Feito isso, exercita-se um pouco nos halteres, e, depois de pesar-se e opinar que está ficando “com carnes demais”, entrega-se, com grande gravidade, a um solitário exercício de sabre. Enquanto isso, Phil põe-se a trabalhar na sua mesa habitual, onde parafusa e desparafusa, limpa, lima, sopra dentro de pequenas aberturas, fica cada vez mais enegrecido, e parece fazer e desfazer tudo quanto possa ser feito e desfeito numa espingarda.

Patrão e criado são por fim perturbados por passos no corredor, que produzem insólito som, denotando a chegada de gente estranha. Esses passos, que se aproximam cada vez mais da galeria, trazem para ali um grupo, à primeira vista dificilmente admissível em qualquer dia do ano, a não ser a cinco de novembro.¹

Consta ele de uma figura disforme e coxa, conduzida numa cadeira por dois carregadores e acompanhada por uma mulher magra, de cara semelhante a uma máscara enrugada, a qual, se não conservasse os beiços ameaçadoramente fechados, se diria prestes a recitar os versos populares, comemorativos do tempo em que se tencionava fazer explodir a velha Inglaterra viva, quando de repente a cadeira é arriada no chão. Neste ponto, a figura que nela estava arfando diz: — Oh! meu Deus! Pobre de mim! Estou desconjuntado! —, e acrescenta: — Como vai o senhor, meu caro amigo, como vai o senhor? — e então o Sr. Jorge reconhece, naquele cortejo, o venerando Sr. Smallweed, que saíra a tomar um pouco de ar, acompanhado por sua neta Judy, como guarda pessoal.

— Meu caro amigo, Sr. Jorge — diz vovô Smallweed, retirando o braço direito do pescoço de um de seus carregadores, a quem quase estrangulara pelo caminho —, como vai passando? Causa-lhe surpresa ver-me aqui, meu caro amigo?

— Causa-me quase tanta surpresa como se tivesse visto seu amigo da

cidade — responde o Sr. Jorge.

— Raramente saio — diz ofegante o Sr. Smallweed. — Há muitos meses que não saio à rua. É incômodo... e fica caro. Mas desejava tanto vê-lo, meu caro Sr. Jorge. Como vai passando?

— Passo bastante bem — diz o Sr. Jorge. — Espero que o mesmo lhe aconteça.

— O senhor só pode passar muito bem, meu caro amigo. — O Sr. Smallweed pega-lhe nas duas mãos. — Trouxe minha neta Judy. Não pude deixar de trazê-la. Ela desejava tanto ver o senhor!

— Hum! Ela suporta isso calmamente! — murmura o Sr. Jorge.

— De modo que tomamos um carro de aluguel, pusemos uma cadeira dentro dele e, logo que dobramos a esquina, retiraram-me para fora do carro, meteram-me na cadeira e trouxeram-me até aqui, a fim de que eu pudesse ver o meu caro amigo em seu próprio estabelecimento! Este — diz vovô Smallweed, aludindo ao carregador, que corra o risco de ser estrangulado e que se afasta, ajustando sua traqueia-artéria — é o cocheiro. Nada tem de extraordinário a cobrar. Pelo acordo feito, já está isto incluído no preço da corrida. Esse outro — o outro carregador — nós o tratamos lá fora na rua por uma pinta de cerveja. Custa dois *pence*. Judy, pague dois *pence* a esse homem. Se eu tivesse a certeza de que o senhor tinha um empregado seu aqui, meu caro amigo, não haveria necessidade de tratar esse outro carregador.

Vovô Smallweed refere-se a Phil, com um relance de olhos que traduz terror e um meio sumido: — Oh! meu Deus! Pobre de mim! — Aparentemente, alguma razão havia no seu pavor; porquanto Phil, que nunca vira antes aquela assombração de boné de veludo preto, estacou de chofre com uma espingarda na mão, num jeito bem visível de atirador exímio que já tivesse escolhido o Sr. Smallweed para liquidá-lo, como uma horrenda ave decrépita.

— Judy, minha filha — diz vovô Smallweed —, dê os dois *pence* a esse homem. É muito para o que ele fez.

O sujeito, um daqueles extraordinários espécimes de cogumelos humanos que brotam espontaneamente nas ruas ocidentais de Londres, já vestidos dum velho jaleco vermelho, com uma “vocação” especial de segurar cavalos e chamar carros, recebe seus dois *pence* sem nenhum entusiasmo,

joga o dinheiro ao ar, apara-o na mão e retira-se.

— Meu caro Sr. Jorge — diz vovô Smallweed —, quer ter a bondade de ajudar a carregar-me para junto do fogo? Estou acostumado ao fogo, sou velho e depressa sinto frio. Oh! pobre de mim!

Sua exclamação final é arrancada ao venerando cavalheiro pela subitaneidade com que o Sr. Squod, como um gênio, o levanta com cadeira e tudo e o deposita sobre a pedra da lareira.

— Oh! meu Deus! — exclama o Sr. Smallweed, arquejando. — Oh! pobre de mim! Que sorte a minha! Meu caro amigo, seu empregado é muito forte... e ligeiro demais. Oh! meu Deus, ele é ligeiro demais! Judy, puxe-me para trás um pouco. Estou com as pernas assando — o que na verdade podia ser atestado pelo nariz de todos os presentes, pelo cheiro que se desprendia de suas meias de lã.

Tendo a delicada Judy afastado um pouco seu avô do fogo, sacudindo-o como de costume e libertado seu olho sombreado daquele boné de veludo preto, semelhando um apagador de vela, o Sr. Smallweed repete: — Oh! pobre de mim! Oh! meu Deus! — e, olhando em redor e encontrando o olhar do Sr. Jorge, estende de novo ambas as mãos.

— Meu caro amigo! Que encontro feliz este nosso! É este o seu estabelecimento? É um lugar delicioso! Um primor! Nunca achou que poderia resultar daqui algum acidente, hem, meu caro amigo? — pergunta vovô Smallweed, muito contrafeito.

— Não, não. Não há nenhum perigo.

— E o seu empregado? Ele... oh! pobre de mim!... ele nunca dispara qualquer coisa sem querer, hem, meu caro amigo?

— Ele nunca feriu ninguém, a não ser a si mesmo — diz o Sr. Jorge, sorrindo.

— Mas poderia, o senhor sabe. Parece que feriu a si mesmo muitas vezes, e poderia também ferir outras pessoas — insiste o velho. — Poderia não querer, mas também poderia fazê-lo de propósito, Sr. Jorge, quer dar ordem para ele largar essas infernais armas de fogo e sair daqui?

Obediente a um aceno do oficial, Phil retira-se, de mãos vazias, para a outra extremidade da galeria. O Sr. Smallweed, tranquilizado, põe-se a

esfregar as pernas.

— E como vão as coisas Sr. Jorge? — pergunta ele ao cavalariano, perfilado diante dele com o sabre na mão. — Está prosperando, graças aos céus?

O Sr. Jorge responde com um frio aceno de cabeça, acrescentando: — Vamos! Sei que o senhor não veio aqui para dizer isso.

— Acho-o tão alegre, Sr. Jorge — replica o venerando vovô. — O senhor é uma excelente companhia.

— Ah! ah! Prossiga! — diz o Sr. Jorge.

— Meu caro amigo! ... Mas essa espada parece terrivelmente cintilante e aguda. Poderia acidentalmente cortar alguém. Causa-me arrepios, Sr. Jorge. Maldito! — diz o excelente velho à parte a Judy, enquanto o oficial dá um passo ou dois, afastando-se para guardar o sabre. — Ele me deve dinheiro e poderia pensar em saldar velhos agravos neste lugar mortífero. Gostaria que a rabugenta da sua avó estivesse aqui para que ele lhe raspasse a cabeça de um golpe.

De volta, o Sr. Jorge cruza os braços e, baixando o olhar para o velho que escorrega a cada momento e cada vez mais para baixo na sua cadeira, diz sossegadamente: — Agora a ele!

— Oh! — exclama o Sr. Smallweed, esfregando as mãos, com uma astuta risadinha entre os dentes. — Sim. Agora a ele, Agora a ele o quê, meu caro amigo?

— Ao cachimbo — diz o Sr. Jorge, que com grande cerimônia põe sua cadeira ao lado da chaminé, tira seu cachimbo da grade da lareira, enche-o, acende-o e se põe a fumar tranquilamente.

Isso descoroça o Sr. Smallweed, que acha tão difícil abordar seu tema, qualquer que ele seja, que se exaspera, e às ocultas aferra o ar com certa ânsia impotente de vingança, exprimindo intenso desejo de rasgar e dilacerar a cara do Sr. Jorge. Como as unhas do excelente velho são compridas e sujas, suas mãos magras e venosas, seus olhos aquosos e verdes, e, acima de tudo mais, como continua, enquanto engrifa os dedos, a escorregar para baixo na sua cadeira, formando uma trouxa informe, torna-se um espetáculo tão assombroso, mesmo aos olhos habituados de Judy, que a jovem donzela

aferra-o, com alguma coisa mais do que o ardor do afeto, e de tal modo o sacoleja, lhe dá palmadinhas e o esmurra em diversas partes do corpo, mais especialmente naquela parte a que a ciência da defesa própria daria o nome de seu fôlego, que nos seus aflitivos apuros ele emite uns sons cavos como os dum maço de calceteiro.

Depois que Judy consegue por aqueles meio repô-lo na posição devida na cadeira, de rosto pálido e nariz gelado (mas ainda de dedos engrifados), ela entesa seu magro dedo indicador e cutuca com ele as costas do Sr. Jorge. Quando este ergue a cabeça, ela dá outra cutucada em seu estimado avô e, tendo-os assim reunido para palestrarem, fica a olhar fixamente para o fogo.

— Ai, ai! Oh! oh! Ui... ui ... ui! — queixa-se vovô Smallweed, engolindo a raiva. — Meu caro amigo! (ainda de dedos querendo empolgar a presa).

— Vamos ao que serve — diz o Sr. Jorge. — Se o senhor deseja conversar comigo, deve falar claro e franco. Faço parte do regimento dos Homens Rudes e não posso andar com rodeios. Não tenho jeito de fazê-lo. Não sou bastante esperto para isso. Não se dá com o meu gênio. Quando o senhor anda a assediar-me — diz o cavalariano, metendo o cachimbo entre os dentes de novo —, diabos me levem se não tenho a sensação de que estou sendo sufocado!

E entufa o largo peito o mais que pode, como para certificar-se de que ainda não está sufocado.

— Se o senhor veio fazer-me uma visita amistosa — continua o Sr. Jorge —, fico-lhe muito agradecido. Como vai passando? Se veio ver se existem bens no prédio, olhe em torno; está à sua disposição. Se deseja dizer alguma coisa, não faça cerimônias!

A primavera Judy, sem retirar os olhos do fogo, dá em seu avô um misterioso toque com o dedo. — Está vendo? É a opinião dela também. E por que diabo não se senta essa senhorita como uma cristã? — indaga o Sr. Jorge, com os olhos interrogativamente fixos em Judy. — Está aí uma coisa que não posso compreender.

— Ela fica a meu lado para atender-me, senhor — diz vovô Smallweed. — Sou um velho, meu caro Sr. Jorge, e preciso de certos cuidados. Posso suportar meus anos. Não sou uma arara rabugenta (ao dizer isto, resmunga e

procura inconscientemente a almofada), mas preciso de cuidados, meu caro amigo.

— Bem — volve o cavalariano, rodando a cadeira para ficar de frente para o velho. — E então?

— Meu amigo da cidade, Sr. Jorge, fez um negociozinho com um aluno do senhor.

— Fez? — pergunta o Sr. Jorge. — Lamento ouvir isso.

— Sim, senhor. — Vovô Smallweed esfrega as pernas. — É atualmente um elegante e jovem soldado, Sr. Jorge, chamado Carstone. Apresentaram-se amigos que pagaram tudo honradamente.

— Pagaram? — torna o Sr. Jorge. — Acha que seu amigo da cidade gostaria de algum conselhozinho?

— Acho que gostaria, meu caro amigo. Vindo do senhor.

— Aconselho-o, pois, a não fazer mais negócio para aquele lado. Não há mais nada que lucrar ali. O rapaz, pelo que sei, já não tem onde cair morto.

— Não, não, meu caro amigo. Não, não, Sr. Jorge. Não, não, senhor — retruca vovô Smallweed, esfregando as magras pernas astutamente. — Qual não tem onde cair morto, qual nada! Tem bons amigos, é bom pagador, tem com que pagar a sua comissão no exército, tem boas probabilidades de ganhar um processo, e grandes possibilidades de ganhar uma boa esposa e... oh! quer saber duma coisa, Sr. Jorge? Creio que o meu amigo acharia o rapaz bom para mais alguma coisa — diz vovô Smallweed, levantando seu boné de veludo e coçando a orelha como um macaco.

O Sr. Jorge, que pôs de lado seu cachimbo e se senta com um braço no encosto da cadeira, tamborila no chão com o pé direito, como se não estivesse particularmente satisfeito com o rumo que a conversa havia tomado.

— Mas para passar dum assunto a outro — continua o Sr. Smallweed. — Para promover a conversa, como diria um gracejador. Para passar, Sr. Jorge, do porta-bandeira ao capitão.

— A que vem isso agora? — pergunta o Sr. Jorge, deixando, com o cenho fechado, de alisar o bigode.

— Que capitão?

— O nosso capitão. O capitão que conhecemos. O Capitão Hawdon.

— Oh! é isso, é? — diz o Sr. Jorge, com um fraco assobio, ao ver tanto o avô como a neta olhando para ele com dureza. — Afinal chegou onde queria! Bem, que há a esse respeito? Vamos, não posso continuar assim asfixiado. Fale!

— Meu caro amigo — torna o velho —, fui procurado (Judy, dê-me uma cutucada!), fui procurado, ontem, por alguém, a propósito do capitão, e minha opinião continua sendo que o capitão não morreu.

— Tolice! — observa o Sr. Jorge.

— Que foi que o senhor disse, meu caro amigo? — pergunta o velho com a mão na orelha.

— Tolice!

— Oh! — diz vovô Smallweed. — Sr. Jorge, da minha opinião o senhor pode julgar por si mesmo, de acordo com as perguntas feitas a mim e com as razões que as motivaram. Ora, que pensa o senhor que precisa o advogado que está fazendo as investigações?

— De um título — responde o Sr. Jorge.

— Nada disso!

— Então não pode ser um advogado — diz o Sr. Jorge, cruzando os braços com um ar de resolução firmada.

— Meu caro amigo, ele é um advogado e advogado famoso. Deseja ver algum trecho escrito com a letra do Capitão Hawdon. Não deseja ficar com ele. Apenas quer vê-lo e compará-lo com a caligrafia dum escrito em seu poder.

— E então?

— Então, Sr. Jorge, lembrando-se casualmente do anúncio a respeito do Capitão Hawdon e de qualquer informação a ele referente, procurou o anúncio e veio procurar-me — exatamente como o senhor fez, meu caro amigo. Quer apertar-me a mão? Fiquei tão alegre por ter o senhor vindo naquele dia! Teria perdido a oportunidade de travar tal amizade, se o senhor não tivesse vindo!

— E então, Sr. Smallweed? — diz de novo o Sr. Jorge, depois de ter-lhe

apertado a mão com certa formalidade.

— Eu não tinha tal coisa. Não tenho nada a não ser a assinatura dele. Desgraça, peste, miséria, batalha, assassinato e morte repentina para ele — diz o velho, transformando numa praga uma de suas poucas lembranças de certa prece, e apertando entre as mãos coléricas seu boné de veludo. — Creio que possuo meio milhão de assinaturas dele! Mas o senhor — acrescenta, recobrando, ofegante, a mansidão da fala, à medida que Judy reajusta o boné na sua cabeça que parece uma bola — o senhor, meu caro Sr. Jorge, há de possuir provavelmente alguma carta ou papel que sirva para o caso. Qualquer coisa serviria para o caso, escrita do próprio punho dele.

— Algum escrito do próprio punho dele — repete o cavalariano, refletindo — talvez eu tenha.

— Meu queridíssimo amigo!

— E talvez não tenha.

— Oh! — exclama vovô Smallweed, abatido.

— Mas ainda que tivesse carradas disso, não mostraria um cartuchinho que fosse, sem saber o porquê desse interesse.

— Mas já lhe disse, meu senhor. Meu caro Sr. Jorge, já lhe disse por quê.

— Não o bastante — diz o cavalariano, sacudindo a cabeça. — Devo ficar sabendo mais para aprová-lo.

— Quer então vir ter com o advogado? Meu caro amigo, quer ir ver o cavalheiro? — insiste vovô Smallweed, exibindo um delgado relógio velho de prata, com ponteiros semelhantes a pernas dum esqueleto. — Eu disse-lhe que era provável que eu fosse visitar entre as dez e as onze desta manhã e agora são dez e meia. Quer ir visitar o cavalheiro?

— Hum! — diz ele gravemente. — Não é da minha conta, mas não sei por que mostra o senhor tanto interesse a respeito disso.

— Interessa-me tudo quanto tenha probabilidade de revelar alguma coisa a respeito dele. Não nos meteu ele a nós todos nisso? Não nos devia ele imensas somas? Interessar a mim? A quem mais do que a mim poderia interessar qualquer coisa a respeito dele? Não, meu caro amigo — diz vovô Smallweed, baixando o tom de voz —, que eu deseje que o senhor denuncie alguma coisa. Longe disto. Esta disposto a vir, meu caro amigo?

— Bem! Irei agora mesmo. Nada prometo, o senhor sabe.

— Não, meu caro Sr. Jorge, não.

— E tenciona dizer que me vai levar a esse lugar, onde quer que seja, sem me cobrar o transporte? — pergunta o Sr. Jorge, pegando no chapéu e nas grossas luvas de camurça.

Esse gracejo agrada tanto ao Sr. Smallweed que ele se põe a rir baixinho, durante muito tempo, diante do fogo. Mas, ao mesmo tempo que ri, lança um olhar, por cima do ombro paralítico, para o Sr. Jorge, observando-o avidamente enquanto ele abre o cadeado dum armário rústico, situado na outra extremidade da galeria, olha aqui e ali nas prateleiras mais altas, e por fim retira alguma coisa, que produz um som de papel desdobrado, dobra-a e mete-a no bolso interno do casaco. Então Judy toca no Sr. Smallweed mais uma vez, e mais uma vez o Sr. Smallweed toca em Judy.

— Estou pronto — diz o cavalariano, voltando. — Phil, você pode carregar esse cavalheiro até o seu coche sem fazer caso do que ele diga?

— Oh! pobre de mim! Meu Deus! Pare um instante! — diz o Sr. Smallweed. — Ele é tão ligeiro. Tem certeza de que fará isso com todo o cuidado, meu digno homem?

Phil não responde, mas, agarrando a cadeira e sua carga, lá se vai todo de lado, firmemente abraçado pelo Sr. Smallweed, agora sem fala, e enfia pelo corredor, como se tivesse a agradável incumbência de carregar o velho até o vulcão mais próximo. Terminando, porém, no carro, sua curta tarefa, deposita o velho ali. A bela Judy toma lugar ao lado dele, a cadeira embeleza o tejadilho, e o Sr. Jorge torna o lugar vazio na boleia.

O Sr. Jorge sente-se inteiramente perplexo diante do espetáculo que contempla de quando em quando, ao olhar para dentro do carro, pela janela às suas costas, e ao ver que a carrancuda Judy continua imóvel, o velho, com o boné em cima dum dos olhos, vai escorregando sempre do assento para a palha e erguendo a vista para ele com o outro olho livre, numa expressão desesperada de quem está sendo sacudido pelas costas.

1. Data que relembra a conspiração de Guy Lawkes para fazer explodir a Casa dos Lordes. Costuma-se queimar bonecos nesse dia, representando aquele traidor. (N. do T.)

MAIS OUTRO ANTIGO SOLDADO

O Sr. Jorge não tem muito que andar de carro, de braços cruzados na boleia, pois eles se destinam a Lincoln's Inn Fields. Ao deter o cocheiro os cavalos, apeia-se o Sr. Jorge e, olhando para dentro do carro pela portinhola, diz: — Como! O homem é o Sr. Tulkinghorn?

— Sim, meu caro amigo. Conhece-o, Sr. Jorge?

— Ouvi falar a respeito dele e creio que também já o vi. Mas não o conheço, nem ele me conhece.

Segue-se o transporte do Sr. Smallweed escada acima, o que é feito com perfeição, com o auxílio do cavalariano. É transportado para o grande salão do Sr. Tulkinghorn e depositado sobre o tapete turco diante do fogo. O Sr. Tulkinghorn não está no momento, mas não demorará a chegar. O ocupante do banco do vestíbulo, tendo mais ou menos assim falado, atiza o fogo e deixa o trio a esquentar-se.

O Sr. Jorge mostra extrema curiosidade pelo salão. Levanta os olhos para o forro pintado, corre os olhos pelos velhos livros de direito, contempla os retratos dos grandes clientes, lê em voz alta os nomes que estão nas caixas.

— “Sir Leicester Dedlock, baronete” — lê o Sr. Jorge pensativamente. — Ah! “Solar de Chesney Wold” Hum! — O Sr. Jorge fica longo tempo a contemplar essas caixas, como se elas fossem retratos, e volta para diante do fogo, repetindo: — Sir Leicester Dedlock, baronete, e Solar de Chesney Wold, hem?

— Vale uma mina de dinheiro, Sr. Jorge! — cochicha vovô Smallweed, esfregando as pernas. — Fantasticamente rico!

— A quem se refere? A este cavalheiro, ou ao baronete?

— A este velho cavalheiro, a este cavalheiro.

— Já ouvi dizer isso. E aposto que não é nenhum burro. Também não

está mal instalado — diz o Sr. Jorge, circunvagando o olhar de novo. — Olhe lá aquela caixa forte!

Essa frase é interrompida subitamente pela chegada do Sr. Tulkinghorn. Não há nenhuma mudança nele, com as suas roupas ruças, os óculos na mão, e até o estojo deles gasto e quase em tiras. Maneiras reservadas e secas. Voz rouca e baixa. Rosto vigilante, como por trás dum postigo; habitualmente não sem certa severidade e desprezo, talvez. A nobreza poderia afinal de contas ter cultuadores mais fervorosos e crentes mais fiéis do que o Sr. Tulkinghorn, se tudo fosse conhecido.

— Bom dia, Sr. Smallweed, bom dia! — diz ele, ao entrar. — Pelo que vejo, trouxe o sargento. Queira sentar-se, sargento.

Enquanto tira as luvas e as põe dentro do chapéu, o Sr. Tulkinghorn observa, de olhos semicerrados, o lugar onde se encontra o cavalheiro e diz consigo mesmo talvez: “Você vai servir, meu amigo!”

— Sente-se, sargento — repete ele, ao sentar-se à sua mesa, situada a um lado do fogo, acomodando-se na sua cadeira de encosto. — Fria e ruim esta manhã, fria e ruim! — O Sr. Tulkinghorn aquece diante das grades alternativamente as palmas e juntas das mãos, e observa (detrás daquele postigo que está sempre descido) o trio sentado em pequeno semicírculo diante de si.

— Agora posso perceber de que se trata! (como talvez possa em dois sentidos) Sr. Smallweed. — O velho recebe uma nova sacudidela de Judy, para que tome parte na conversa. O senhor trouxe nosso bom amigo, o sargento, pelo que vejo.

— Sim, senhor — responde o Sr. Smallweed, muito servil diante da riqueza e da influência do advogado.

— E que diz o sargento a respeito desse negócio?

— Sr. Jorge — diz vovô Smallweed, com um trêmulo aceno da mão encarquilhada —, é este o cavalheiro.

O Sr. Jorge cumprimenta o cavalheiro, mas senta-se todo empertigado e profundamente silencioso, bem na ponta da cadeira, como se estivesse sob a dependência de todas as minúcias dos regulamentos militares para exercícios em campo.

O Sr. Tulkinghorn prossegue:

— Então, Jorge? Creio que seu nome é Jorge, não?

— É sim, senhor.

— Que tem a dizer, Jorge?

— Peço-lhe desculpa, senhor — replica o cavalariano —, mas gostaria de saber o que o senhor tem a dizer.

— Refere-se ao que diz respeito à recompensa?

— Refiro-me ao que diz respeito a tudo, senhor.

Isso é tão intolerável para o temperamento do Sr. Smallweed, que repentinamente explode num “Que besta rabugenta!” e com a mesma pressa pede desculpas ao Sr. Tulkinghorn, escusando-se por esse deslize de linguagem, e diz a Judy: — Estava pensando na sua avó, minha querida.

— Supus, sargento — continua o Sr. Tulkinghorn, inclinando-se sobre um lado de sua cadeira e cruzando as pernas —, que o Sr. Smallweed lhe tivesse suficientemente explicado o assunto. Pode-se, entretanto, resumi-lo em poucas palavras. O senhor serviu às ordens do Capitão Hawdon durante algum tempo e foi seu enfermeiro na doença, prestando-lhe vários serviços miúdos e tornando-se um pouco seu confidente, segundo ouvi dizer. É assim mesmo, não é?

— Sim, senhor, é assim mesmo — diz o Sr. Jorge, com militar concisão.

— Por conseguinte, pode acontecer que o senhor possua alguma coisa... qualquer coisa, seja o que for... relatórios, instruções, ordens, uma carta, qualquer coisa... do punho do Capitão Hawdon. Desejo comparar a letra dele com certa letra que tenho. Se o senhor me puder proporcionar essa oportunidade, será recompensado por este incômodo. Três, quatro, cinco guinéus, ousou dizer, poderia o senhor considerar uma boa soma.

— Ótima, meu caro amigo! — exclama vovô Smallweed, revirando os olhos.

— Se não, diga quanto mais, em sua consciência de soldado, pode o senhor exigir. Não é necessário que o senhor, contra seu desejo, se desfaça do escrito, posto que eu preferisse possuí-lo.

O Sr. Jorge continua sentado, exatamente na mesma atitude solene, olha

para o teto pintado e não diz uma palavra sequer. O irascível Sr. Smallweed risca o ar.

— A questão é — diz o Sr. Tulkinghorn, com seu jeito metódico, contido, displicente — saber, primeiro, se o senhor possui algum escrito do Capitão Hawdon.

— Primeiro, se eu possuo algum escrito do Capitão Hawdon, senhor — repete o Sr. Jorge.

— Segundo, com quanto ficará satisfeito pelo incômodo de mostrá-lo.

— Segundo, com quanto ficarei satisfeito pelo incômodo de mostrá-lo, senhor — repete o Sr. Jorge.

— Terceiro, poderá julgar por si mesmo se se parece exatamente com isto diz o Sr. Tulkinghorn, entregando-lhe de repente algumas folhas de papel escrito, atadas num maço.

— Se se parece exatamente com isto, senhor. Isso mesmo — repete o Sr. Jorge.

Todas as três repetições, pronuncia-as o Sr. Jorge dum modo mecânico, olhando diretamente para o Sr. Tulkinghorn, lançando apenas um rápido olhar para a certidão do processo “Jarndyce e Jarndyce”, submetida ao seu exame (embora ainda a conserve na mão), mas continua a olhar para o advogado, com um ar um tanto perplexo.

— Então? — pergunta o Sr. Tulkinghorn. — Que diz?

— Então, senhor — responde o Sr. Jorge, pondo-se de pé, rígido e parecendo imenso —, queira desculpar-me, mas preferiria não ter nada que ver com isto.

O Sr. Tulkinghorn, aparentemente sem nenhuma perturbação, pergunta: “Por que não?”

— Porque, senhor — replica o cavalariano — a não ser por exigência militar, não sou homem de negócios. Entre civis não passo de um trapalhão. Minha cabeça não dá para girar com papéis, senhor. Posso suportar qualquer fogo, menos o fogo dum interrogatório. Há mais ou menos uma hora confessei ao Sr. Smallweed que, quando me encontro metido em coisas desta espécie, sinto-me como que sufocado. E é esta a minha sensação — diz o Sr. Jorge, girando o olhar pelos presentes — no momento atual.

Dizendo isso, dá três passos para a frente a fim de recolocar os papéis sobre a mesa do advogado, e três passos para trás a fim de retomar sua posição anterior, na qual permanece, perfeitamente teso, ora olhando para o chão, ora para o teto pintado, com as mãos atrás das costas, como para abster-se de aceitar qualquer outro documento que fosse.

Diante de tal provocação, o adjetivo favorito de desprezo do Sr. Smallweed vem-lhe de tal modo à ponta da língua que ele começa as palavras “meu caro amigo”, misturando-as confusamente com as sílabas do termo com que costuma mimosear sua mulher e parecendo ter algum impedimento na fala. Uma vez, porém, passada essa dificuldade, exorta seu caro amigo, da maneira mais terna, a não ser precipitado, mas a fazer aquilo que um cavalheiro tão eminente requer, e fazê-lo de boa mente, confiado em que deve ser uma coisa tão irreprochável quão proveitosa. O Sr. Tulkinghorn simplesmente profere uma ou outra frase, como: “O senhor é o melhor juiz de seu próprio interesse, sargento.” “Tome cuidado em não causar danos com isso.” “Faça o que for do seu agrado, faça o que for do seu agrado.” “Se o senhor sabe o que está fazendo, é quanto basta.” Isso ele diz com um ar de absoluta indiferença, enquanto olha para os papéis em cima da mesa e se prepara para escrever uma carta.

Desconfiado, o Sr. Jorge corre o olhar do teto pintado para o chão, do chão para o Sr. Smallweed, do Sr. Smallweed para o Sr. Tulkinghorn, e novamente do Sr. Tulkinghorn para o teto pintado mudando muitas vezes, na sua perplexidade, a perna sobre que se apoia.

— Garanto-lhe, senhor — diz o Sr. Jorge —, sem ir nisso ofensa alguma, que, entre o senhor e aqui o Sr. Smallweed, sinto-me asfixiar mais de cinquenta vezes. Sinto-me mesmo, senhor. Não posso medir-me com os senhores. Permite-me perguntar-lhe por que deseja ver a letra do capitão, no caso de eu encontrar qualquer amostra dela?

O Sr. Tulkinghorn abana sossegadamente a cabeça.

— Não. Se o senhor fosse um homem de negócios, sargento, não precisaria de ser informado de que há razões confidenciais, perfeitamente inofensivas em si mesmas, para várias necessidades, na profissão que exerço. Mas, se o senhor tem receio de causar algum dano ao Capitão Hawdon, pode ficar sossegado quanto a isso.

— Ele morreu, senhor.

— Morreu?

O Sr. Tulkinghorn senta-se calmamente para escrever.

— Está bem, senhor — diz o cavalariano, olhando para dentro de seu chapéu depois de outra pausa desconcertante —, lamento não lhe ter dado maior satisfação. Como disse, eu preferiria não me meter nesse assunto. Se, porém, um amigo meu, que tem melhor cabeça para negócios e é um velho soldado, me garantisse ser essa minha opinião uma suficiente satisfação para todos, eu de bom grado iria entender-me com ele. Eu... eu me sinto realmente tão asfixiado neste momento — diz o Sr. Jorge, passando desanimadamente a mão pela testa — que nem sei o que poderia ser um motivo de satisfação para mim.

Quando o Sr. Smallweed ouve dizer que essa autoridade é um velho soldado, inculca tão fortemente ao cavalariano o expediente de ir aconselhar-se com ele e de informá-lo especialmente que se trata de ganhar cinco guinéus ou mais, que o Sr. Jorge se compromete a ir vê-lo. O Sr. Tulkinghorn absolutamente não se pronuncia.

— Com sua permissão, senhor, consultarei então o meu amigo diz — o cavalariano — e tomarei a liberdade de voltar ainda no correr do dia de hoje com a resposta definitiva, Sr. Smallweed, se quiser ser conduzido lá para baixo...

— Agora mesmo, meu caro amigo, agora mesmo. Quer antes, porém, permitir que eu diga em particular uma palavrinha a este cavalheiro?

— Por certo, senhor. Não se apresse por minha causa.

O cavalariano retira-se para uma parte distante da sala e põe-se de novo a examinar curiosamente as caixas, tanto as fortes como as outras.

— Se eu não fosse tão fraco como uma criancinha rabugenta, senhor — cochicha vovô Smallweed, puxando o advogado ao nível de sua posição pela aba do casaco, com os olhos coléricos a lançar chispas verdes dum fogo quase extinto —, arrancaria dele o tal escrito. Trá-lo abotoado no peito. Vi-o quando ele o colocava ali. Judy também viu. Fale, vamos, sua mal-encarada figura de tabuleta de loja de bengala, diga que você o viu colocar o escrito ali!

O velho acompanha essa veemente objurgatória com tal empurrão em sua neta, que isso é excessivo para suas forças, e ele escorrega para fora da

sua cadeira, arrastando consigo o Sr. Tulkinghorn, até que Judy o segura e sacode bastante.

— Violências não me convêm, meu amigo — observa então friamente o Sr. Tulkinghorn.

— Não, não, eu sei, eu sei, senhor. Mas é irritante... e mortificante... é... é pior do que a tonta, a pega tagarela da sua avó — diz o velho, dirigindo-se à imperturbável Judy, que apenas olha para o fogo — saber que ele possui aquilo de que se necessita e não abre mão disso, não abre mão disso! Ele! Um vagabundo! Mas não se incomode, senhor, não se incomode! Quando muito, ele fará o que entende só mais um pouco. Eu o mantenho de tempos a tempos num torno. Eu o torcerei, senhor. Eu o atarraxarei, senhor. Se ele não quiser fazer por hem, fará por mal, senhor! Agora, meu caro Sr. Jorge — diz vovô Smallweed, piscando horrendamente para o advogado, ao largá-lo —, estou pronto para receber o seu amparo, meu excelente amigo!

O Sr. Tulkinghorn, com um vago indício de divertimento manifestando-se através da sua serenidade, fica de pé sobre o tapete, de costas para o fogo, observando a saída do Sr. Smallweed e retribuindo com um ligeiro aceno o cumprimento de despedida do cavalariano.

O Sr. Jorge acha mais difícil livrar-se do velho do que ter de carregá-lo escada abaixo, porque, uma vez recolocado no seu veículo, mostra-se tão loquaz a respeito dos guinéus e aferra tão afetuosamente o botão da roupa do cavalariano (tendo, na verdade, um oculto desejo de rasgar-lhe o casaco e roubá-lo) que é preciso um pouco de força da parte do cavalariano para desvencilhar-se dele. Consegue-o afinal e parte sozinho à procura de seu conselheiro.

Pelo Temple enclaustrado, pelos Carmelitas (ali, não sem dar um olhar ao Beco da Espada Pendurada, que parecia ter alguma coisa que ver com ele), pela Ponte dos Dominicanos e pela Estrada dos Dominicanos, caminha o Sr. Jorge tranquilamente até uma rua de pequenas lojas, situada em alguma parte daquele amontoado de estradas vindas de Kent e de Surrey, e daquele centro de ruas que partem das pontes de Londres, localizado no arqui famoso Elefante, que perdeu seu castelo formado de mil coches de quatro cavalos, destinado a um monstro de ferro mais forte do que ele, pronto a cortá-lo, reduzindo-o a um picadinho qualquer dia que se atrever. O Sr. Jorge dirige seus pesados passos para uma das lojinhas daquela rua, uma loja de música,

com umas poucas rabecas na vitrina, algumas flautas de Pan, um tamboril, um triângulo e uns compridos fragmentos de música. Parando a poucos passos dela, ao ver uma mulher de aspecto soldadesco, com a saia arregaçada, adiantar-se com uma pequena tina de madeira e dentro dessa tina, posta à beira do passeio, pôr-se a chapinhar e a enxaguar alguma coisa, o Sr. Jorge diz consigo: “Está, como sempre, a lavar verduras. Nunca a vi, exceto em cima duma carroça de bagagem, que não estivesse lavando verduras!”

A pessoa que é objeto dessa reflexão está, em todo caso, tão ocupada, no momento, a lavar verduras, que permanece alheia à aproximação do Sr. Jorge, até que, levantando-se com a tina, e depois de haver derramado a água dentro da sarjeta, o encontra de pé ao seu lado. Não é lisonjeira a recepção que lhe faz.

— Jorge, nunca o vejo que não deseje vê-lo a cem milhas de distância!

O cavalariano, sem fazer caso dessa acolhida, dirige-se para o interior da loja de instrumentos musicais, e lá a mulher coloca sua tina de verduras em cima do balcão e, depois de cumprimentá-lo, descansa os braços sobre o balcão.

— Nunca, Jorge — diz ela —, considero Mateus Bagnet em segurança um minuto sequer, quando você está perto dele. Você é aquele tipo sem pouso certo...

— Sim, sei que sou, Sra. Bagnet. Sei que sou.

— Sabe que é! — exclama a Sra. Bagnet. — De que serve isso? *Por que* é você assim?

— Suponho que é a natureza do animal — responde o cavalariano de bom humor.

— Ah! — exclama a Sra. Bagnet, um tanto esganiçada — mas que satisfação me poderá causar a natureza do animal, quando o animal tiver tentado o meu Mat a largar o comércio de música pela Nova Zelândia ou pela Austrália?

A Sra. Bagnet não é mulher de má aparência. De grandes ossos, de pele um tanto áspera, pintada de sardas pelo sol e pelo vento, que lhe crestaram o cabelo na fronte, mas sadia, vigorosa e de olhos brilhantes. Uma mulher forte, atarefada, ativa, de semblante honesto, duns quarenta e cinco a cinquenta

anos. Asseada, robusta, e tão economicamente trajada (embora de tecidos fortes), que o único artigo de adorno que possui parece que é sua aliança de casamento, em volta da qual seu dedo engrossou tanto, desde que ela passou a usá-la, que o anel jamais sairá dali, a não ser misturado com o pó da Sra. Bagnet.

— Sra. Bagnet — diz o cavalariano —, mantenho a palavra que lhe dei. Não causarei dano algum a Mat. Pode confiar em mim.

— Bem, creio que posso. Mas todo o seu aspecto é de quem está perturbado — retruca a Sra. Bagnet. — Ah — Jorge, Jorge! Se você tivesse assentado e casado com a viúva de Joe Pouch, quando este morreu na América, *ela* teria cuidado de você com carinho.

— Teria sido uma boa oportunidade para mim, decerto — torna o cavalariano, meio a rir, meio sério —, mas já agora não há esperança de que eu venha a tornar-me um homem com a cabeça no lugar. A viúva de Joe Pouch poderia ter-me feito muito bem — havia qualquer coisa nela e ela tinha alguma coisa — mas eu é que não me resolvi a dar o passo. Se tivesse tido a sorte de encontrar uma mulher como a que Mat encontrou!

A Sra. Bagnet, que, por virtude, parece não guardar grande reserva com um bom sujeito, mas que, a falar verdade, parece ser ela própria um bom sujeito, recebe esse cumprimento batendo ao de leve com um talo de couve na cara do Sr. Jorge levando sua tina para a pequena sobreloja.

— Ora viva, Quebec, minha bonequinha — diz Jorge, acompanhando-a, a convite seu, até aquele aposento. — E a pequetita Malta também! Venham cá dar um beijo no seu Jorgico!

Essas menininhas — que não foram batizadas realmente com os nomes que lhes dão, conquanto sejam sempre assim chamadas em família, com os nomes dos lugares onde nasceram, em barracas — estão respectivamente ocupadas, sobre tamboretos de três pés, a mais moça (duns cinco ou seis anos) aprendendo a ler numa cartilha barata, a mais velha (oito ou nove talvez) ensinando a primeira e costurando com grande diligência. Ambas saúdam o Sr. Jorge com aclamações como a um velho amigo, e depois de alguns beijos e de fazer festas chegam seus tamboretos para perto dele.

— E como vai o jovem Woolwich? — pergunta o Sr. Jorge.

— Ah! Veja só! — exclama a Sra. Bagnet, largando por um instante suas

caçarolas (pois está cozinhando o jantar) e corando vivamente. — Acredita você? Arranjou um contrato no Teatro, com o pai, para tocar pífano numa peça militar.

— Sim, senhor, fez muito bem o meu afilhado! — diz o Sr. Jorge, dando uma palmada na coxa.

— Acredito em você! — diz a Sra. Bagnet. — Ele é um britânico. É isto que Woolwich é. Um britânico!

— E Mat a soprar no seu fagote. Aí estão vocês todos, uns respeitabilíssimos cidadãos — diz o Sr. Jorge. — Gente de família. Crianças crescendo. A velha mãe de Mat na Escócia e o velho pai de vocês em alguma outra parte, correspondendo-se e recebendo um pouco de auxílio; e... bem, bem! Para falar a verdade, não sei por que não me desejam a cem milhas de distância daqui, pois não tenho lá muito que ver com tudo isso!

O Sr. Jorge vai ficando pensativo, sentado diante do fogo, no quarto caiado, de chão de terra e cheiro de barraca, que nada contém de supérfluo e não apresenta nem uma mancha visível de imundície ou de poeira, desde os rostos de Quebec e de Malta até as brilhantes panelas de estanho e copos de metal em cima das prateleiras do aparador. O Sr. Jorge vai ficando pensativo, sentado aqui enquanto a Sra. Bagnet está ocupada, quando, a seu tempo, chegam o Sr. Bagnet e o jovem Woolwich. O Sr. Bagnet é um ex-artilheiro, alto e teso, de sobrancelhas hirsutas e suíças semelhantes a fibras de coco, sem um cabelo na cabeça, e de pele queimada de sol. Sua voz curta, profunda e ressonante, não é inteiramente diversa dos tons do instrumento que ele toca. Na verdade, pode-se em geral observar nele um ar firme, inflexível, como se ele próprio fosse o fagote da orquestra humana. O jovem Woolwich é o tipo e modelo dum jovem tambor.

Pai e filho saúdam cordialmente o cavalariano. Dizendo este, no momento azado, que viera para tomar conselho com o Sr. Bagnet, o Sr. Bagnet amistosamente declara que só tratará de negócios depois do jantar, e que seu amigo não terá conselhos sem antes partilhar o seu porco cozido e as suas verduras. Tendo o cavalariano aceitado o convite, ele e o Sr. Bagnet, para não embaraçarem os preparativos domésticos, saem a dar umas voltas pela ruazinha, por onde passeiam de braço dado e a passos medidos, como se aquilo fosse um baluarte.

— Jorge — diz o Sr. Bagnet. — Você me conhece. É a minha velha

quem dá conselhos. Quem tem cabeça é ela, embora eu nunca confesse isso diante dela. A disciplina deve ser mantida. Espere um pouco até ela ter a cabeça fresca, passado o efeito das hortaliças. Então faremos a consulta. Diga ela o que disser, você faça, não deixe de fazer!

— Minha intenção é essa, Mat — responde o outro. — Mais depressa seguiria a opinião dela do que a de um colégio.

— Colégio — torna o Sr. Bagnet, em curtas frases, como um fagote. — Que colégio poderia você deixar — em outra região do mundo — sem nada a não ser uma capa cinzenta e um guarda-sol para regressar à Europa? A velha faria isso amanhã. Já fez isso uma vez!

— Você tem razão — diz o Sr. Jorge.

— Que colégio — continua Bagnet — poderia você construir em vida... com dois vinténs de cal, um vintém de tijolo, um vintém de areia e o restante do troco, uns seis vinténs em dinheiro? Foi com isso que a velha começou. No negócio atual.

— Alegro-me de saber que o negócio está prosperando, Mat.

— A velha economiza — diz o Sr. Bagnet, aquiescendo. Tem um pé de meia em alguma parte. Com dinheiro dentro. Nunca o vi. Mas sei que o tem. Espere que ele tire o sentido das verduras. Então resolverá o seu problema.

— Ela é um tesouro! exclama o Sr. Jorge.

— É mais do que isso. Mas nunca o confesso diante dela. A disciplina deve ser mantida. Foi a velha que tornou patentes minhas habilidades musicais. Não fosse a velha, estaria eu agora na artilharia. Seis anos martelei na rabeca. Dez na flauta. A velha dizia que a coisa não ia; boa intenção, mas falta de flexibilidade, tente o fagote. A velha arranjou um fagote emprestado do mestre da banda do Regimento de Infantaria. Eu praticava nas trincheiras. Ganha aqui, ganha ali, arranjei com ele um meio de vida!

Jorge observa que ela parece tão fresca como uma rosa e tão saudável como um maçã.

— A velha — diz o Sr. Bagnet em resposta — é efetivamente uma bela mulher E, em consequência, é como um dia encantador. Vai ficando mais bela à medida que o tempo passa. Nunca vi outra igual. Mas nunca o confesso diante dela. A disciplina deve ser mantida.

Continuando a conversar sobre assuntos indiferentes, caminhavam rua acima, rua abaixo, a passos compassados, até serem chamados por Quebec e Malta, para saborear a carne de porco e as verduras, sobre as quais a Sra. Bagnet, como um capelão militar, reza uma curta ação de graças. Na distribuição desses comestíveis, como em todos os outros deveres domésticos, a Sra. Bagnet procede com uma exatidão sistemática — sentando-se com cada prato diante de si, adjudicando a cada porção de carne de porco sua porção própria de molho, de verduras, batatas e até mesmo mostarda, e servindo-o completo, Tendo da mesma forma servido a cerveja dum cântaro, e assim provido a mesa de todas as coisas necessárias, a Sra. Bagnet passa a satisfazer a própria fome, bastante saudável, aliás. O aparelho de comida, se assim podem ser denominados os objetos de mesa, compõe-se principalmente de utensílios de chifre e de estanho, que prestaram serviço em várias partes do mundo. Por exemplo, a faca do jovem Woolwich, de um feitio especial e que por certo dispositivo seu se fecha com um simples movimento, atrapalhando muitas vezes o apetite do jovem músico, goza da fama de ter andado em várias mãos, inclusive na de funcionários do serviço consular.

Terminado o jantar, a Sra. Bagnet, ajudada pelos ramos mais jovens (que limpam suas próprias xícaras, pratos, facas e garfos), faz todo o material do jantar luzir tão brilhantemente como antes, e guarda tudo, varrendo primeiro a lareira, a fim de que o Sr. Bagnet e o visitante possam logo fumar seus cachimbos. Esses cuidados domésticos exigem muito taroucar de tamancos lá no pátio interno e considerável uso dum balde, que tem afinal a felicidade de ajudar a própria Sra. Bagnet nas suas abluções. Aparecendo a velha daí a pouco, completamente refrescada, e sentando-se para costurar, então e só então (uma vez que só agora se considera como afastada a sua grande preocupação, a saber, as verduras) é que o Sr. Bagnet pede ao cavalariano que exponha o seu caso.

Isso o Sr. Jorge faz com grande discrição, parecendo dirigir-se ao Sr. Bagnet, mas tendo um olho fixo todo o tempo sobre a “velha”, imitando o próprio Bagnet. Ela, igualmente discreta, ocupa-se com seu trabalho de agulha. Plenamente exposto o caso, o Sr. Bagnet recorre ao seu artifício habitual, destinado a manter a disciplina.

— É tudo que você tem a dizer, Jorge? — pergunta ele.

— É tudo.

— Quer proceder de acordo com a minha opinião?

— Guiar-me-ei inteiramente por ela.

— Minha velha — diz o Sr. Bagnet —, dê-lhe minha opinião. Você a conhece. Diga-lhe qual é ela.

Essa é que ele não pode meter-se com gente demasiado profunda para ele e não pode ocupar-se muito com assuntos que não compreende; que a regra geral é nada fazer no escuro, não se meter com coisas clandestinas ou misteriosas e nunca pôr o pé onde não possa ver o chão. Essa é, com efeito, a opinião do Sr. Bagnet, exposta pela palavra da velha. E isso alivia de tal modo o pensamento do Sr. Jorge, por confirmar sua própria opinião e banir suas dúvidas, que se prepara para fumar outro cachimbo naquela ocasião excepcional e para travar uma conversa com toda a família Bagnet sobre os velhos tempos, de acordo com os vários graus de experiência de cada um de seus membros.

E tão animada vai a conversa, que o Sr. Jorge só se levanta naquela sala quando se aproxima a hora de serem o fagote e o pífano esperados no teatro pelo público inglês. E como o Sr. Jorge também gasta tempo, na sua qualidade doméstica de Jorgico, para despedir-se de Quebec e de Malta e para fazer escorregar um xelim de padrinho para o bolso do afilhado, com votos pelo seu êxito na vida, é já escuro no momento em que ele dirige de novo seus passos para o rumo de Lincoln's Inn Fields.

— Um lar como este — ruma ele, enquanto caminha —, ainda que tão pequeno, faz um homem como eu parecer solitário. Mas bom foi que eu jamais me virasse na direção do matrimônio. Não daria para isso. Sou ainda um tal vagabundo, mesmo na presente fase da minha vida, que não poderia prender-me um mês inteiro à galeria, se aquilo fosse uma ocupação regular ou se eu não pudesse acampar ali à maneira de cigano. Ora! Não desgrace ninguém e não embaraço ninguém. Isso já é alguma coisa. Nunca procedi assim por mais dum ano!

E lá se vai ele assobiando, a caminhar.

Chegando a Lincoln's Inn Fields, ao subir a escada do Sr. Tulkinghorn, encontra a porta de fora fechada e o escritório também. Mas não sabendo o cavalariano muita coisa a respeito de portas exteriores, e além disso estando a escada no escuro, está ainda a apalpar e procurar, na esperança de descobrir

um cordão de campainha ou de abrir ele mesmo a porta, quando surge o Sr. Tulkinghorn, que vem subindo (de mansinho, é claro) e pergunta com rispidez: — Quem é você? Que está fazendo aí?

— Queira desculpar-me, senhor. É Jorge, o sargento.

— E não poderia Jorge, o sargento, ver que minha porta está fechada?

— Ora, não senhor, não podia. E não podia mesmo — diz o cavalariano, um tanto abespinhado.

— Mudou de opinião? Ou mantém-se na mesma? indaga o Sr. Tulkinghorn. (Mas com um simples relance d'olhos sabe da inutilidade da pergunta.) — Na mesma, senhor.

— É o que eu pensava. Basta. Pode ir. Com que então o senhor é o homem — diz o Sr. Tulkinghorn, abrindo a porta com a chave — em cujo esconderijo o Sr. Gridley foi encontrado?

— Sim, sou eu o homem — diz o cavalariano, parando dois ou três degraus abaixo. — E que tem isso, senhor?

— Que tem isso? Não gosto de seus sócios. Não teria o senhor visto o interior de minha sala esta manhã, se eu tivesse sabido que o senhor era o tal homem, Gridley? Um sujeito assassino, perigoso.

Com estas palavras, pronunciadas num tom de voz elevado que para ele era insólito, o advogado entra em seus aposentos e fecha a porta com estrondo.

O Sr. Jorge recebe essa despedida com grande cólera, tanto maior porque um escrevente que vinha subindo as escadas ouvira as derradeiras palavras e, evidentemente, as aplica a ele, Jorge. “Que lindo gênio!”, resmunga o cavalariano, soltando rápido uma praga a descer a escada em três ou quatro pulos. “Um sujeito assassino e perigoso!” e, olhando para cima, vê o escrevente a observá-lo atentamente no momento em que ele passa perto de um lampião. Isso aumenta de tal modo a sua raiva, que durante uns cinco minutos fica de mau humor. Mas afugentando tudo com um assobio, encaminha-se para a Galeria de Tiro.

O INDUSTRIAL DO FERRO

Sir Leicester Dedlock conseguiu por enquanto dominar a gota da família e encontra-se mais uma vez, tanto no sentido literal, como no figurado, de pé. Achava-se na sua propriedade em Lincolnshire, mas as chuvas estão de novo a cair sobre os campos baixos, e o frio e a umidade infiltram-se em Chesney Wold, apesar de bem defendido, e alojam-se nos ossos de Sir Leicester. O fogo resplandecente de lenha e de carvão — madeira de Dedlock e floresta antediluviana — que cintila sobre as larguíssimas lareiras e pisca ao crepúsculo para os carrancudos bosques, zangados por verem como as árvores são sacrificadas, não consegue rechaçar o inimigo. Os canos de água quente que se arrastam por toda a casa, as portas e janelas calafetadas e os biombos e cortinas não conseguem suprir as deficiências do fogo e satisfazer a necessidade de calor de Sir Leicester. Daí proclamarem as informações mundanas, certa manhã, para a terra expectante que Lady Dedlock deverá dentro em pouco regressar à cidade por algumas semanas.

É uma melancólica verdade que até mesmo os grandes homens têm parentes pobres. Na verdade, os grandes homens têm muitas vezes mais do que o regular quinhão de parentes pobres, visto como tanto o sangue bem vermelho, de superior qualidade, como o sangue inferior ilegalmente vertido, gritarão alto e serão ouvidos. Os primos de Sir Leicester, no grau mais remoto, são outros tantos “assassínios” no sentido de que acabam sendo “descobertos”. Entre eles há primos tão pobres que se ousaria quase pensar que mais feliz seriam se nunca tivessem sido elos niquelados sobre a cadeia de ouro dos Dedlocks, mas feitos de ferro comum no princípio, e se houvessem prestado serviços humildes.

Serviços, contudo (com algumas reservas limitadas, distintos mas não proveitosos), não podem prestar, pertencendo à dignidade dedlockiana. De modo que visitam seus primos mais ricos, endividam-se quando podem, e vivem miseravelmente quando não podem; as mulheres não encontram

maridos e os homens não encontram esposas; andam em carros de aluguel, sentam-se em festins que eles próprios nunca dão e assim vão vivendo a vida da alta roda. O cabedal das famílias ricas já foi dividido por tantos algarismos que os tais parentes pobres são o resto com o qual ninguém sabe o que fazer.

Toda a gente do lado da questão de Sir Leicester Dedlock e de seu modo de pensar deveria aparecer como sendo mais ou menos seu primo. Desde Lorde Boodle, através do Duque de Foodle, até Noodle, Sir Leicester, como uma aranha gloriosa, estende seus fios de parentesco. Mas enquanto se mostra soberbo na “primidade” dos Toda a Gente, é um homem bom e generoso, no seu jeito cheio de dignidade, na “primidade” dos Ninguéns, e atualmente, a despeito da umidade, suporta a visita de vários de tais primos em Chesney Wold, com a constância de um mártir.

Destes ergue-se mais saliente na primeira fila Volúmnia Dedlock, solteirona sexagenária de duplo parentesco elevado, tendo a honra de ser, por parte da mãe, parente pobre de outra grande família. Miss Volúmnia, exibindo nos tempos de moça um belo talento na arte de recortar enfeites de papel colorido e também de cantar em espanhol, acompanhada de guitarra, e de propor adivinhas em francês nas casas de campo, passou os vinte anos de sua existência, entre os vinte e os quarenta, numa forma suficientemente agradável. Caindo depois de moda e tornando-se um enfado para a humanidade com suas proezas vocais em língua espanhola, retirou-se para Bath, onde vive pobremente dum donativo anual de Sir Leicester, e donde parte, em ocasionais ressurreições, em visita às casas de campo de seus primos. Está vastamente relacionada em Bath entre espantosos velhos de pernas finas e calções de nanquim, e goza de alta reputação naquela lúgubre cidade. Mas têm-lhe um pouco de temor em qualquer outra parte, em consequência duma indiscreta profusão de carmim que costuma usar e da persistência em adornar-se com antiquado colar de pérolas, semelhante a um rosário de ovos de passarinho.

Em qualquer região dum Estado benfazejo, Volúmnia estaria certamente na lista dos pensionistas do mesmo. Esforços foram feitos para que tal se desse, e quando Guilherme Buffy assumiu o poder, esperou-se, sem sombra de dúvida, que o nome dela entrasse na lista, passando a ser-lhe paga uma pensão de duzentas libras por ano. Mas Guilherme Buffy descobriu, contrariamente a todas as expectativas, que esses não eram tempos para tais benefícios, sendo essa a primeira indicação clara que Sir Leicester Dedlock

lhe transmitira de que o país estava-se fazendo em pedaços.

Há igualmente o ilustre Bob Stables, que sabe preparar bebidas quentes para cavalos com a habilidade dum médico veterinário, e é melhor atirador do que a maior parte dos coiteiros. Por algum tempo esteve particularmente desejoso de servir a seu país num posto de bons emolumentos, sem nenhuma complicação nem responsabilidade. Numa organização política bem regularizada, esse desejo natural da parte dum jovem cavalheiro dotado de espírito e tão altamente aparentado, teria sido rapidamente satisfeito. Mas, seja como for, Guilherme Buffy novamente descobriu, ao assumir o poder, que não eram tempos esses em que ele pudesse resolver aquele pequeno caso. E foi essa a segunda indicação que Sir Leicester Dedlock lhe transmitira de que o país estava-se fazendo em pedaços.

Os restantes primos são senhoras e cavalheiros de várias idades e capacidades, a maior parte amável e sensata, e provavelmente se teriam arranjado muito bem na vida se tivessem podido sobrepor-se à sua “primidade”. Mas o fato é que estão quase todos um tanto deteriorados por ela e calaceiam por caminhos vagos e indefinidos, e parecem estar tão inteiramente sem saber de que modo dispor de si mesmos como qualquer outra pessoa estar sem saber de que modo dispor deles.

Nesse círculo social, como aliás em outros, Lady Dedlock reina soberana. Bela, elegante, perfeita e poderosa no seu pequeno mundo (pois o mundo da elegância não se estende dum polo a outro), sua influência na casa de Sir Leicester, por mais altivas e indiferentes que sejam suas maneiras, se exerce grandemente no sentido de fazê-la progredir e aprimorar-se. Os primos, mesmo os mais velhos, que ficaram paralisados de espanto quando Sir Leicester a desposou, prestam-lhe seu preito feudal, e o ilustre Bob Stables repete diariamente a alguma pessoa escolhida, entre o almoço e o lanche, sua favorita e original observação, de que ela é o espécime mais bem cuidado de toda a coudelaria.

Tais eram os hóspedes no longo salão de Chesney Wold naquela noite lúgubre em que as passadas no Passeio do Fantasma (inaudíveis aqui, porém) poderiam ser as passadas dum primo morto, que ficou ao relento frio por estar fechada a porta. É quase hora de ir para a cama. Os fogos dos quartos de dormir brilham flamantes por toda a casa, erguendo sombras disformes de móveis nas paredes e no teto. Os castiçais dos quartos de dormir entesam-se

em cima da mesa distante junto da porta, e primos bocejam recostados em otomanas. Primos ao piano, primos junto da bandeja de soda, primos levantando-se da mesa de baralho, primos reunidos em volta do fogão. De pé, a um lado de seu fogão próprio e especial (pois há dois), acha-se Sir Leicester. Do lado oposto da larga lareira, a senhora à sua mesa. Volúmnia, como um dos primos mais privilegiados, ocupa uma cadeira suntuosa entre eles. Sir Leicester lança olhadelas de soberano desagrado ao carmim e ao colar de pérolas.

— Por acaso encontrei na escada que leva ao meu quarto — diz com voz arrastada Volúmnia, cujos pensamentos talvez já estão a galgar os degraus para ir dormir, depois duma longa noite de conversa bastante variável — uma das moças mais bonitas, creio eu, que já vi em minha vida.

— Uma protegida de minha senhora — observa Sir Leicester.

— Pensei isso mesmo. Tenho certeza de que algum olhar sagaz deve ter escolhido aquela rapariga. É realmente uma maravilha. Uma beleza talvez um tanto abonecada — diz Volúmnia, salvaguardando a sua própria —, mas, no seu gênero, perfeita. Nunca vi beleza assim.

Sir Leicester, com seu soberano olhar de desagrado dirigido ao carmim, parece dizer a mesma coisa.

— Na verdade — observa a senhora, com languidez —, se no caso há algum olhar sagaz, é o da Sra. Rouncewell e não o meu. Rosa é descoberta sua.

— É criada sua, suponho?

— Não. É tudo para mim: favorita, secretária, mensageira... não sei mais o quê.

— Você gosta de tê-la perto de si, como gostaria de ter uma flor, um pássaro, um quadro ou um cãozinho-d'água (não, um cãozinho-d'água, não), ou qualquer outra coisa que fosse igualmente bonita, não é? — pergunta Volúmnia, com simpatia. — Sim, que encanto! E que bela aparência a daquela deliciosa velha, a Sra. Rouncewell! Deve ser imensamente velha e não obstante é tão ativa e bonita! É positivamente a amiga mais querida que tenho!

Sir Leicester acha que está muito direito e adequado que a governanta de

Chesney Wold seja uma pessoa notável. Além disso, tem verdadeira estima pela Sra. Rouncewell e gosta de ouvir os elogios que dela fazem. De modo que diz: — Você tem razão, Volúmnia —, o que alegra por demais Volúmnia.

— Não tem ela alguma filha?

— A Sra. Rouncewell? Não, Volúmnia. Tem um filho. De fato, tinha dois.

A senhora, cujo tédio crônico fora tristemente agravado por Volúmnia naquela noite, lança um olhar de aborrecimento para os castiçais e solta um suspiro silencioso.

— E é um notável exemplo da confusão em que se afundou a época atual, da obliteração das linhas limítrofes, da abertura das represas e do desarraigamento das distinções — diz Sir Leicester, com majestosa melancolia — a informação que tive do Sr. Tulkinghorn de ter sido convidado para fazer parte do Parlamento o filho da Sra. Rouncewell!

Miss Volúmnia solta um gritinho agudo.

— Sim, é verdade — repete Sir Leicester. — Do Parlamento.

— Nunca ouvi coisa semelhante! Deus meu! Que homem é ele? — exclama Volúmnia.

— Chamam-no, creio, um... fabricante de ferro.

Sir Leicester diz isso devagar e com gravidade e dúvida, como se não estivesse seguro de que fosse essa a designação exata, ou de que a palavra certa pudesse ser outra, exprimindo alguma outra relação com algum outro metal. Volúmnia solta outro gritinho.

— Se a informação que me deu o Sr. Tulkinghorn é exata, como não tenho dúvida que seja, uma vez que o Sr. Tulkinghorn é sempre correto e preciso, o filho da Sra. Rouncewell não aceitou o convite, o que em nada diminui — diz Sir Leicester —, em nada diminui a anomalia, cheia de estranhas considerações — considerações assustadoras, segundo me parece.

Tendo-se Miss Volúmnia erguido, com o olhar dirigido aos castiçais, Sir Leicester polidamente perfaz o grande trajeto do salão, traz um e acende-o na lâmpada velada da senhora.

— Peço-lhe, senhora — diz ele, enquanto faz isso —, que fique aqui uns

instantes, pois esse indivíduo de quem eu falava chegou esta noite pouco antes do jantar e solicitou, num bilhete muito delicado — Sir Leicester, com seu habitual respeito à verdade, acentua o fato —, devo dizê-lo, num bilhete muito delicado e bem redigido, solicitou o obséquio duma curta entrevista com a senhora e comigo a respeito dessa moça. Como parece que ele deseja partir esta noite, respondi-lhe que o veríamos antes de recolher-nos.

Miss Volúmnia, com um terceiro gritinho, trata de escapar-se, desejando aos donos da casa: — Meu Deus! Que se livrem depressa do... como é que é?... industrial do ferro!

Os outros primos logo se dispersam, até o último. Sir Leicester toca a campainha.

— Cumprimente o Sr. Rouncewell nos aposentos da governanta e diga-lhe que posso recebê-lo agora.

A senhora, que estivera a ouvir tudo, aparentando pouca atenção, olha para o Sr. Rouncewell no momento em que este entra na sala. É um homem talvez de pouco mais de cinquenta anos, de boa aparência como sua mãe, com voz bem clara, larga fronte da qual os cabelos negros se retiraram, e um rosto sagaz, embora franco. Tem o aspecto dum homem de responsabilidade, trajado de preto, muito majestoso, mas robusto e ativo. Tem um ar perfeitamente natural e sociável, e não se mostra nem um pouco embaraçado pela imponência do lugar e das pessoas que ali estão.

— Sir Leicester e Lady Dedlock, como já lhes pedi desculpas por ter de incomodá-los, nada de melhor tenho que fazer senão ser breve. Obrigado, Sir Leicester.

A cabeça dos Dedlocks moveu-se na direção de um sofá entre o próprio Sir Leicester e a senhora. O Sr. Rouncewell tranquilamente senta-se ali.

— Nestes tempos atarefados, quando tão grandes empreendimentos se acham em andamento, as pessoas como eu têm tantos operários em tantos lugares que vivem sempre às carreiras.

Sir Leicester mostra-se muito satisfeito por ver que o fabricante de ferro sente que ali não há pressa; ali, naquela vetusta casa, enraizada naquele sossegado parque, onde a hera e o musgo tiveram tempo de medrar, e os olmos nodosos e os carvalhos umbrosos estão fundamente plantados nos fetos e folhas seculares, e onde o relógio de sol sobre o terraço vem mudamente

marcando durante séculos aquele tempo que era tanto propriedade de cada Dedlock — enquanto este vivia como a casa e as terras, Sir Leicester senta-se numa poltrona, opondo seu repouso e o de Chesney Wold às correrias agitadas dos industriais do ferro.

— Lady Dedlock foi tão bondosa — continua o Sr. Rouncewell, com um respeitoso olhar e uma inclinação de cabeça na direção dela — que chamou para fazer-lhe companhia uma linda jovem chamada Rosa. Ora, meu filho apaixonou-se pela moça e pediu meu consentimento à proposta de casamento que lhe vai fazer, ficando noivo dela, se ela o aceitar — o que suponho que fará. Nunca vi Rosa até esta data, mas tenho certa confiança no bom senso de meu filho — ainda em questões de amor. No meu melhor juízo, achei que ela corresponde à descrição que ele me fez, e minha mãe fala a respeito dela com grandes elogios.

— E ela, sob todos os aspectos, os merece — diz a senhora.

— Sinto-me feliz, Lady Dedlock, ouvindo-a dizer isso, e não necessito fazer comentários sobre o valor que para mim tem a boa opinião da senhora a respeito dela.

— Isso — observa Sir Leicester, com inexprimível majestade, pois acha que o fabricante de ferro tem a língua um tanto solta demais — deve ser inteiramente desnecessário.

— Inteiramente desnecessário, Sir Leicester. Ora, meu filho é muito moço e Rosa também. Da mesma forma que rompi na vida, deverá meu filho fazê-lo, e seu casamento agora é coisa que não se discute. Mas suponho que eu dê meu consentimento a que ele fique noivo dessa formosa moça, se essa formosa moça lhe quiser dar sua mão, penso ser uma franqueza da minha parte ir dizendo imediatamente — estou certo de que Sir Leicester e Lady Dedlock me compreenderão e desculparão — que porei como condição que ela não permaneça em Chesney Wold. Portanto, antes de levar adiante meus entendimentos com meu filho, tomo a liberdade de dizer que, se houver qualquer inconveniente ou objeção quanto à remoção dela, sustarei o negócio por um tempo razoável, deixando-o no ponto em que se acha.

Não permanecer em Chesney Wold! Pôr como condição! Todas as velhas desconfianças de Sir Leicester a respeito de Wat Tyler e da gente dos distritos metalúrgicos, que nada faz senão manufaturar à luz de archotes, caem-lhe em catadupas sobre a cabeça, cujos belos cabelos brancos, bem como os de suas

suíças, vibraram de indignação.

— Devo compreender, senhor — pergunta Sir Leicester — e deve minha senhora compreender — cita-lhe o nome primeiramente por galantaria e depois como medida de prudência, por ter grande confiança no tino dela —, devo compreender, Sr. Rouncewell, e deve minha senhora compreender que o senhor considera essa jovem demasiado boa para Chesney Wold, ou que lhe possa advir algum dano da permanência dela aqui?

— Por certo que não, Sir Leicester.

— Folgo de sabê-lo — diz Sir Leicester com grande majestade.

— Por obséquio, Sr. Rouncewell — diz a senhora, detendo Sir Leicester com um leve gesto de sua linda mão, como se ele fosse uma mosca —, explique-me o que quer dizer.

— De boa vontade, Lady Dedlock. Nada há que eu deseje mais.

E, voltando para o robusto rosto saxão do visitante, imagem de decisão e persistência, seu rosto tranquilo que, entretanto, revela uma inteligência tão viva que nenhuma impossibilidade, por habitual que seja, consegue esconder, a senhora escuta com atenção, inclinando, por vezes, ligeiramente a cabeça.

— Sou filho de sua governanta, Lady Dedlock, e passei minha meninice nesta casa. Minha mãe tem vivido aqui meio século e aqui morrerá, não tenho dúvida alguma. Ela é um destes exemplos, tão bom como os que melhor haja, de amor, de afeto e de fidelidade na posição que ocupa, e de que a Inglaterra pode muito bem orgulhar-se, mas de cuja inteira ufanía e de cujo inteiro mérito nenhuma classe pode apropriar-se, porque tal exemplo revela alta nobreza de ambos os lados; do lado grande seguramente, e do pequeno não menos seguramente.

Sir Leicester solta um pequeno ronco ao ouvir tal exposição da lei. Mas na sua honra e no seu amor à verdade, reconhece livre, conquanto silenciosamente, a justiça da proposição do homem do ferro.

— Perdoem-me por dizer o que é tão evidente, mas não desejaria que apressadamente se supusesse — e, ao dizer isso, lança uma olhadela levíssima na direção de Sir Leicester — que me sinto envergonhado da posição de minha mãe aqui, ou que estou faltando com o devido respeito a Chesney Wold e à família. Posso por certo ter desejado — e não há dúvida que o tenho feito,

Lady Dedlock — que minha mãe se afastasse do serviço após tantos anos, para acabar seus dias a meu lado. Mas, como descobri que desatar este forte laço seria partir-lhe o coração, abandonei há muito essa ideia.

Sir Leicester mostra-se bastante majestoso de novo, diante da ideia de ser a Sra. Rouncewell removida de seu lar natural, para acabar seus dias ao lado dum industrial do ferro.

— Tenho sido — continua o visitante, duma forma modesta e clara — um aprendiz e um operário. Tenho vivido anos e anos com os salários dum operário, e além de certo ponto tive de educar-me a mim mesmo. Minha mulher era filha dum mestre de oficina e foi educada com simplicidade. Temos três filhas, além desse filho de quem falei, e tendo sido felizmente capazes de proporcionar-lhes maiores vantagens do que as que nós mesmos tivemos, educamo-los bem, muito bem. Tem sido um dos nossos maiores cuidados e prazeres torná-los dignos de qualquer posição.

Havia um pouco de orgulho no seu tom paternal, como se acrescentasse no seu íntimo: “Até uma posição em Chesney Wold.” Nem um pouco mais de magnificência, por isso, da parte de Sir Leicester.

— Tudo isso é tão frequente, Lady Dedlock, onde vivo e entre a classe a que pertenço, que o que seria geralmente chamado casamentos desiguais não ocorre tão raramente entre nós, como em qualquer outra parte. Um filho dará muitas vezes a conhecer a seu pai que se apaixonou, digamos, por uma moça da fábrica. O pai, que trabalhou também numa fábrica, ficará a princípio um tanto decepcionado, muito provavelmente. Pode acontecer que tivesse em vista outras perspectivas para seu filho. Todavia, as probabilidades serão que, tendo-se certificado do caráter irreprochável da moça, venha a dizer a seu filho: “Devo ter absoluta certeza de que você está falando sério. Para vocês ambos é esta uma coisa muito séria. Por conseguinte, tratarei de educar esta moça por uns dois anos”, ou então: “Colocarei esta moça na escola em que estão suas irmãs por tal prazo, durante o qual você me dará sua palavra de honra de que só a verá tantas e determinadas vezes. Se, ao findar aquele prazo, ela tiver aproveitado todas as vantagens que a ponham no mesmo pé de igualdade que você e ambos mantiverem a mesma ideia, concorrerei com a minha parte para que vocês dois sejam felizes.” Conheço numerosos casos semelhantes a esse que descrevi, minha senhora, e acho que eles me indicam como devo agora proceder.

A magnificência de Sir Leicester explode, calma, porém terrível: — Sr. Rouncewell — diz Sir Leicester, com a mão direita no peito de seu casaco azul, na atitude de fausto em que está pintado na galeria —, traça o senhor um paralelo entre Chesney Wold e uma... — aqui resiste ele a um acesso de sufocação — uma fábrica?

— Não é preciso replicar, Sir Leicester, que os dois lugares são bem diferentes, mas para os propósitos do caso presente creio que pode ser com justiça traçado um paralelo entre ambos.

Sir Leicester dirige seu majestático olhar para um lado do longo salão e depois para o outro, antes de poder acreditar que se encontra acordado.

— Estará o senhor informado de que essa moça que minha senhora trouxe para a sua companhia foi educada na escola da vila, fora dos nossos portões?

— Sir Leicester, estou plenamente informado disso. É uma escola excelente e belamente mantida por esta família.

— Então, Sr. Rouncewell — replica Sir Leicester —, não posso compreender a que se aplica o que o senhor disse.

— Tornar-se-á acaso mais compreensível, Sir Leicester, se eu disser — e aqui o industrial do ferro fica um pouco corado — que a escola da vila não ensina tudo quanto acho desejável que a mulher de meu filho saiba?

Desde a escola rural de Chesney Wold, intacta como se encontra nesse momento, até todo o arcabouço da sociedade; desde o arcabouço todo da sociedade até o mencionado arcabouço a sofrer tremendas brechas em consequência de se esquecer o povo (industriais do ferro e o resto) do seu catecismo, e por ter saído da posição que lhe foi marcada, fatalmente e para sempre, segundo a lógica apressada de Sir Leicester, a primeira posição na qual por acaso se encontram; desde isso, digo, até o fato de eles, os nobres, educarem outra gente num nível muito superior ao do seu nascimento, atropelando assim os marcos e abrindo as comportas e tudo mais que daí se segue — eis a gradação momentânea e rápida de ideias que se estabelece no espírito do Dedlock.

— Minha senhora, queira desculpar-me. Permita-me, só por um instante. — Ela havia manifestado ligeira intenção de falar. — Sr. Rouncewell, nossos pontos de vista sobre o dever, sobre a posição social, sobre a educação,

sobre... em resumo, todos os nossos pontos de vista são tão diametralmente opostos que prolongar esta discussão deve ser constrangedor para os seus sentimentos e constrangedor para os meus próprios. Essa moça é distinguida pelo interesse e pela predileção de minha senhora. Se ela deseja privar-se desse interesse e dessa predileção ou se prefere colocar-se sob a influência de alguém que possa, por suas opiniões peculiares (permita-me que eu diga, por suas opiniões peculiares, posto que eu admita desde logo que ele não seja responsável por elas), que possa, repito, por suas opiniões peculiares, subtraí-la àquele interesse e àquela predileção, tem ela a qualquer tempo a liberdade de assim proceder. Somos gratos ao senhor pela franqueza com que se exprimiu. Não terá isso efeito por si mesmo, deste ou daquele modo, sobre a situação da moça aqui. Acima disso, não podemos estabelecer condições, e agora rogamos-lhe que tenha a bondade de mudar de assunto.

O visitante faz uma pausa para dar à senhora oportunidade de falar; ela, porém, nada diz. Ele então se levanta e responde: — Sir Leicester e Lady Dedlock, permitam-me que lhes agradeça a atenção que me prestaram e apenas observe que recomendarei seriamente a meu filho que domine suas atuais inclinações. Boa noite.

— Sr. Rouncewell — diz Sir Leicester, com toda a naturalidade dum fidalgo a resplender em sua pessoa —, já é tarde e as estradas estão escuras. Espero que seu tempo não seja tão precioso que impeça que minha senhora e eu lhe ofereçamos a hospitalidade de Chesney Wold por uma noite pelo menos.

— É o que eu também espero — acrescenta a senhora.

— Fico muito agradecido a ambos, mas tenho de viajar a noite inteira para alcançar certa parte distante do país pontualmente, a uma hora marcada da manhã.

E com isso afasta-se o industrial do ferro. Sir Leicester toca a campainha e a senhora se levanta quando aquele deixa o salão.

Retirando-se para o seu toucador, a senhora senta-se pensativa junto ao fogo e, sem dar atenção ao Passeio do Fantasma, olha para Rosa, que está escrevendo num quarto mais para dentro. Daí a pouco a senhora a chama.

— Venha cá, menina. Conte-me a verdade. Está apaixonada?

— Oh! minha senhora!

A senhora, olhando para seu rosto, abaixado e incendiado, diz sorridente:
— Quem é? É o neto da Sra. Rouncewell?

— É sim, senhora. Mas não sei ainda se gosto dele.

— Ainda não sabe, tolinha? Ainda não sabe que ele a ama?

— Creio que ele gosta de mim um pouco, minha senhora.

E Rosa rebenta em pranto.

Será mesmo Lady Dedlock aquela que está de pé ao lado da beldade campesina, alisando-lhe os negros cabelos, com um jeito todo maternal, a observá-la com olhos tão cheios de extasiado interesse? É sim, é ela mesma.

— Escute-me, criança. Você é jovem e leal, e acredito que me tenha afeição.

— Tenho sim, minha senhora. Realmente, nada há no mundo que eu não fizesse para lhe mostrar quanto a estimo.

— Então posso crer que você não queira deixar-me atualmente, Rosa, mesmo por um namorado?

— Pode sim, minha senhora. Não desejo, não! — Rosa levanta os olhos pela primeira vez, completamente atemorizada diante daquela ideia.

— Confie em mim, minha menina. Não tenha medo de mim. Desejo que você seja feliz e procurarei fazer que o seja, se é que posso fazer alguém feliz neste mundo.

Rosa, vertendo de novo vivas lágrimas, ajoelha-se aos pés da senhora e beija-lhe a mão. A senhora pega-lhe a mão que tomara a sua, e, de pé, com os olhos fixos no fogo, aperta-a repetidamente entre suas duas mãos e pouco a pouco vai largando-a. Vendo-a tão absorta, Rosa retira-se devagarinho. Mas os olhos da senhora continuam cravados no fogo.

Em busca de quê? De alguma mão que já não existe, de alguma mão que nunca existiu, de algum contato que poderia ter-lhe magicamente modificado a vida? Ou está ela a prestar ouvido ao Passeio do Fantasma, a pensar com qual passo ele se parece mais? Com o de um homem? Com o de uma mulher? Com o rumor de pés duma criancinha sempre avançando... avançando... avançando? Certa melancólica influência a envolve, do contrário uma fidalga tão soberba não fecharia as portas para sentar-se sozinha e tão desolada sobre

a lareira.

Volúmnia foi-se embora no dia seguinte, e todos os primos se dispersaram antes do jantar. Não há um primo da fornada inteira que se não espante de ouvir Sir Leicester, à hora da refeição da manhã, referir-se ao desaparecimento das linhas demarcatórias, ao rompimento das comportas do dique e às brechas no arcabouço da sociedade, fenômenos todos claramente revelados na conversa do filho da Sra. Rouncewell. Nem um primo da fornada inteira deixa de mostrar-se realmente indignado e de relacionar isso com a fraqueza de Guilherme Buffy, quando no poder e de sentir-se realmente privado dum suporte no país duma lista de pensões, ou de qualquer coisa assim conseguida por fraude ou injustiça. Quanto a Volúmnia, desce a grande escadaria pela mão de Sir Leicester, tão eloquente a respeito do assunto, como se houvesse uma rebelião geral no Norte da Inglaterra para arrebatá-lhe a latinha de carmim e o colar de pérola. E assim com uma algazarra de criados e criadas — pois é um acessório da “primidade” deles que, por maiores dificuldades que sintam na sua manutenção, devem ter criados e criadas — dispersam-se os primos aos quatro ventos do céu, e o contínuo vento hibernal, que está soprando hoje, faz cair em profusão a folhagem das árvores próximas da casa abandonada, como se todos os primos tivessem sido transformados em folhas.

O RAPAZ

Chesney Wold está fechado, os tapetes enrolados, formando grandes cilindros nos cantos dos aposentos sem conforto. O damasco brilhante faz penitência, coberto por um pano de Holanda castanho, entalhamentos e dourados fazem mortificação, e os antepassados dos Dedlocks retiram-se de novo da luz do dia. Em redor da casa as folhas caem a flux, mas nunca depressa, pois vêm tombando em círculos, com uma monótona agilidade, triste e vagarosa. Por mais que o jardineiro varra e torne a varrer o terreno, comprimindo as folhas dentro de abarrotados carrinhos de mão e transportando-as para fora, há sempre quantidade suficiente para dar pelos tornozelos de quem por ali passe. Áspero uiva o vento em torno de Chesney Wold. Cai a chuva penetrante, as janelas matraqueiam, as chaminés rosnam. Névoas escondem-se nas alamedas, velam as perspectivas e movem-se como em desfiles funéreos através dos campos intumescidos. Por toda a casa erra um cheiro frio e indefinível, semelhante ao duma igreja, ainda que um pouco mais seco, sugerindo a ideia de que os Dedlocks mortos e enterrados passeiam por ali nas longas noites, deixando atrás de si o fartum de seus túmulos.

Mas a casa da cidade, que raramente apresenta ao mesmo tempo aspecto idêntico ao de Chesney Wold — regozijando-se pouco frequentemente quando este se regozija, ou enlutando-se quando este se enluta, exceto quando morre um Dedlock — a casa da cidade resplandece, desperta. Por quente e brilhante que tanta pompa possa ser, delicadamente embalsamada de perfumes agradáveis e sem vestígios de inverno como só flores de estufa são capazes de produzi-los, tão macia e velada que apenas o tiquetaque dos relógios e o crepitar do fogo perturbam o silêncio dos aposentos, ela parece enrolar aqueles ossos enregelados de Sir Leicester numa flanela cor de arco-íris. E Sir Leicester sente-se alegre em repousar, com nobre satisfação, diante do grande fogo na biblioteca, passando bondosamente os olhos pelas

lombadas dos livros ou honrando as belas-artes com um olhar de aprovação. Porque ele possui pinturas antigas e modernas. Algumas da Escola do Baile a Fantasia em que a Arte incidentalmente condescende em tornar-se mestra, e que seriam melhor catalogadas como os variados artigos dum leilão, a saber: “Três cadeiras de espaldar alto, uma mesa e talher, garrafa de gargalo comprido (contendo vinho), um frasco, traje de espanhola, retrato de três quartos de Miss Jogg, o modelo e uma armadura contendo D. Quixote.” Ou então: “Um terraço de pedra (rachado), gôndola a distância, traje completo dum senador veneziano, vestido de cetim branco ricamente bordado, com retrato de perfil de Miss Flogg, o modelo, cimitarra soberbamente montada a ouro, com punho engastado de pedras preciosas, traje mourisco feito com esmero (muito raro), e Otelo.”

O Sr. Tulkinghorn vai e vem bastas vezes porque é preciso resolver negócios da propriedade, renovar arrendamentos *etc.* Avista-se com Lady Dedlock várias vezes também, e tanto ele como ela se mostram tão tranquilos e indiferentes e prestam tão pouca atenção um ao outro, como de costume. Contudo pode ser que a senhora tenha medo desse Sr. Tulkinghorn e que ele saiba disso. Pode ser que ele a persiga encarniçada e constantemente, sem nenhum traço de compaixão, remorso ou piedade. Pode ser que a beleza dela e toda a pompa e brilho que a cercam apenas lhe provoquem maior gosto por aquilo em que está teimosamente empenhado, tornando-o mais empedernido na sua determinação. Quer seja frio e cruel, quer seja inflexível naquilo que considera seu dever, quer esteja absorvido pelo amor ao poder, quer esteja determinado a não admitir que nada lhe fique oculto no terreno onde se enfunou entre segredos a vida inteira, quer despreze, no íntimo do coração, o esplendor de que ele é um distante raio de luz, quer esteja sempre entesourando desprezos e ofensas na afabilidade de seus majestosos clientes — por qualquer coisa dessas ou por todas elas, talvez melhor fora para Lady Dedlock ter cinco mil pares de olhos elegantes cravados nela, em desconfiada vigilância, do que os dois olhos desse advogado obsoleto, com sua gravata fina e seus calções pretos sem brilho, amarrados com fitas nos joelhos.

Sir Leicester acha-se sentado no quarto da senhora — aquele quarto em que o Sr. Tulkinghorn leu a certidão do processo “Jarndyce e Jarndyce” — num estado de particular contentamento. A senhora — como naquele dia — está sentada diante do fogo, com seu guarda-fogo na mão. Sir Leicester mostra-se particularmente satisfeito porque encontrou em seu jornal algumas

observações justamente análogas às suas sobre comportas de diques e arcabouço da sociedade. Aplicam-se tão adequadamente ao último caso que Sir Leicester saiu da biblioteca para o quarto da senhora expressamente para lê-las em voz alta. — O homem que escreveu este artigo — observa ele à guisa de prefácio, acenando com a cabeça para o fogo, como se acenasse para o homem do alto de um monte — tem um espírito bem equilibrado.

O espírito do homem não é tão equilibrado assim que não fatigue a senhora, a qual, depois dum lânguido esforço para ouvir, ou antes, dum lânguido sacrifício de si mesma a fim de aparentar interesse, torna-se distraída e põe-se a contemplar o fogo, como se aquele fosse o fogo de Chesney Wold e ela nunca o houvesse deixado. Sir Leicester, inteiramente inconsciente disso, continua a ler através dos óculos, parando uma vez ou outra para tirá-los e exprimir aprovação, dizendo: “É a pura verdade”, “Admiravelmente expresso”, “Eu próprio tenho feito frequentemente a mesma observação”, e perdendo-se invariavelmente a cada comentário, sendo-lhe necessário procurar em vários pontos da coluna para reatar a leitura interrompida.

Sir Leicester continua a ler, com infinita gravidade e pompa, quando se abre a porta e o Mercúrio empoado faz esta estranha comunicação: — O rapaz, minha senhora, chamado Guppy.

Sir Leicester para, olha e repete, com voz fulminante: — O rapaz chamado Guppy?

Olhando em volta, avista o rapaz chamado Guppy, bastante desapontado e com uns modos e uma aparência que, como carta de aparência, não recomendam muito.

— Queira explicar — diz Sir Leicester ao Mercúrio — que pretende você, anunciando de maneira tão intempestiva um rapaz chamado Guppy?

— Peço-lhe perdão, Sir Leicester, mas a senhora disse que receberia o rapaz logo que ele chegasse. Não sabia que vossa excelência estava aqui, Sir Leicester.

Com essa desculpa, Mercúrio dirige um olhar de desprezo e indignação ao rapaz chamado Guppy, olhar que parece dizer claramente: ‘Que veio você fazer aqui, metendo-me num embrulho?’

— Está direito. Dei-lhe esta ordem — diz a senhora. — Mande o rapaz esperar.

— De modo algum, minha esposa. Desde que ele tem ordem sua para vir, não quero interrompê-la.

Sir Leicester retira-se delicadamente, abstendo-se de aceitar, ao sair, uma vênia do rapaz, e supondo majestosamente tratar-se de algum sapateiro que aparecesse ali de modo intempestivo.

Afastando-se o criado, Lady Dedlock olha imperiosamente para seu visitante, mirando-o da cabeça aos pés. Tola que ele fique de pé junto à porta e pergunta-lhe o que deseja.

— Que vossa senhoria tenha a bondade de conceder-me umas poucas palavras — responde Guppy, embaraçado.

— O senhor é sem dúvida a pessoa que me tem escrito tantas cartas?

— Várias, minha senhora. Várias, antes que vossa senhoria condescendesse em favorecer-me com uma resposta.

— E não poderia ter-se utilizado dos mesmos meios, tornando desnecessária esta entrevista? Não se pode calar?

O Sr. Guppy franze a boca formando um “Não!” silencioso, e meneia a cabeça.

— O senhor tem sido estranhamente importuno. Se afinal me parecer que o que o senhor tem a dizer em nada se refira à minha pessoa (e não sei como isto possa acontecer, nem espero que aconteça), há de permitir-me que o interrompa sem mais aquela. Queira, pois, dizer o que tem que dizer.

A senhora, com uma negligente abanadela de seu para-fogo, volta-se de novo para a lareira, sentando-se quase de costas para o rapaz chamado Guppy.

— Com permissão, pois, de vossa senhoria — diz o rapaz —, entrarei agora mesmo no assunto. Bem! minhas atividades, como comuniquei a vossa senhoria em minha primeira carta, são forenses. Estando no foro, ganhei o hábito de não comprometer-me por escrito, e portanto não mencionei a vossa senhoria o nome da firma a que estou ligado e na qual minha posição (e posso acrescentar meus vencimentos) são toleravelmente bons. Posso agora declarar confidencialmente a vossa senhoria que o nome dessa firma é Kenge e Carboy, de Lincoln’s Inn, a qual talvez não seja inteiramente desconhecida de vossa senhoria, ligada como está em juízo ao caso “Jarndyce e Jarndyce”.

O rosto da senhora começa a apresentar sinais de atenção. Deixou de

abandar o para-fogo e mantêm-no como se estivesse à escuta.

— Ora, posso dizer desde logo a vossa senhoria — diz o Sr. Guppy, um pouco mais ousado — que não foi nenhum assunto originado de “Jarndyce e Jarndyce” o que me induziu a falar com vossa senhoria, procedimento que, não tenho dúvida em dizê-lo, pareceu e parece inconveniente e, na verdade, quase condenável.

Depois de esperar um instante para receber alguma afirmação do contrário, e não tendo recebido nenhuma, o Sr. Guppy prossegue.

— Se se tratasse de coisa referente a “Jarndyce e Jarndyce”, eu teria ido imediatamente à procura do advogado de vossa senhoria, o Sr. Tulkinghorn, de Fields. Tenho o prazer de conhecer o Sr. Tulkinghorn — pelo menos nos cumprimentamos quando nos encontramos — e se se tratasse de qualquer negócio dessa espécie, eu o teria procurado.

A senhora volta-se um pouco e diz:

— Seria melhor que o senhor se sentasse.

— Obrigado, minha senhora. — O Sr. Guppy senta-se. — Ora, minha senhora... — O Sr. Guppy consulta um linguado de papel no qual tomara pequenas notas da linha geral de sua argumentação e que parecem envolvê-lo na mais densa obscuridade todas as vezes que lança a vista para elas. — Eu... oh! sim!... coloco-me inteiramente nas mãos de vossa senhoria. Se vossa senhoria fizesse qualquer queixa a Kenge e Carboy ou ao Sr. Tulkinghorn a respeito desta minha visita, eu me veria colocado numa situação bastante desagradável. Isso confesso desenganadamente. Em consequência, confio na honra de vossa senhoria.

A senhora, com um gesto desdenhoso da mão que segura o para-fogo, assegura-o de que não haverá queixa alguma da parte dela.

— Obrigado, minha senhora — diz o Sr. Guppy —, isto me tranquiliza inteiramente. Ora... eu... diacho! O fato é que tomei aqui uns apontamentos da ordem dos pontos que pretendia abordar, mas, como os rascunhei apenas, não consigo agora descobrir o que significam. Se vossa senhoria me permitir, irei até a janela um instantinho só e talvez...

Ao aproximar-se da janela, o Sr. Guppy esbarra num casal de periquitos engaiolados, aos quais diz, cheio de confusão: — Queiram perdoar-me! —

Isso não concorre para maior legibilidade de suas notas. Murmura, encalmado e vermelho, ora aproximando bem dos olhos o linguado de papel, ora afastando-o muito: “C. S. Por que C. S.? Oh! E.S.! Ah! já sei! Sim, tenho certeza!” E volta já esclarecido.

— Não estou certo — diz o Sr. Guppy, a meio caminho entre a senhora e a cadeira em que estivera sentado — se vossa senhoria alguma vez ouviu falar numa jovem chamada Miss Ester Summerson, ou se já a viu.

Os olhos da senhora fixam-se em cheio no rosto dele.

— Vi uma moça com esse nome não faz muito tempo. Neste outono findo.

— Ora, não chamou a atenção de vossa senhoria o fato de parecer-se ela com alguém? — pergunta o Sr. Guppy, cruzando os braços, pendendo a cabeça para um lado e coçando o canto da boca com o tal linguado de papel.

A senhora não mais afasta dele os olhos.

— Não.

— Não se parece com alguém da família de vossa senhoria?

— Não.

— Creio que vossa senhoria não se está lembrando bem do rosto de Miss Summerson.

— Lembro-me muito bem dessa moça. E que tem isso que ver comigo?

— Posso garantir a vossa senhoria que, tendo a imagem de Miss Summerson gravada no meu coração — fato que menciono confidencialmente —, descobri, quando tive a honra de fazer uma visita a Chesney Wold, mansão de vossa senhoria, por ocasião de uma curta passagem pelo condado de Lincolnshire em companhia dum amigo, tal semelhança entre Miss Ester Summerson e o próprio retrato de vossa senhoria, que isso me impressionou completamente e tanto que, naquele momento, não fiquei sabendo o que era que assim me impressionava. E agora que tenho a honra de ver vossa senhoria de perto (depois disso tomei muitas vezes a liberdade de olhar para vossa senhoria em sua carruagem no parque, quando, ousou dizê-lo, vossa senhoria não percebia minha presença, mas nunca vi vossa senhoria tão de perto), a parença é realmente mais surpreendente do que eu pensava.

O rapaz chamado Guppy! Tempos houve em que grandes damas viviam em fortalezas e tinham servos inescrupulosos sempre à mão, e então essa sua pobre vida estaria por um fio, com aqueles belos olhos a olhar para você como estão olhando nesse instante.

A senhora, utilizando vagarosamente seu para-fogo como leque, pergunta-lhe de novo o que supõe ele que seu gosto em descobrir semelhanças tem que ver com ela?

— Minha senhora — responde o Sr. Guppy, lançando de novo a vista para seu papel —, vim cá por isso mesmo. Diabo de notas! Oh! “Sra. Chadband.” Sim. — O Sr. Guppy arrasta a cadeira um pouco para a frente e senta-se de novo. A senhora reclina-se com gravidade na sua cadeira, talvez com um tantinho menos de gracioso desembaraço que de costume, sem nunca, porém, atenuar a firmeza de seu olhar. — Um... um minuto, por obséquio! — O Sr. Guppy consulta novamente o papel. — E.S. duas vezes? Oh! sim, sim. Está direito. Agora entendo.

Enrolando o linguado de papel como um instrumento para apontar seu discurso, o Sr. Guppy prossegue.

— Minha senhora, há um mistério em torno do nascimento e da educação de Miss Ester Summerson. Estou a par desse fato, porque (coisa que menciono confidencialmente) vim a ter dele conhecimento mediante minha profissão no escritório de Kenge e Carboy. Ora, como já disse a vossa senhoria, a imagem de Miss Summerson está gravada no meu coração. Se eu pudesse esclarecer este mistério em favor dela, ou provar que ela está bem aparentada, ou descobrir que, tendo a honra de ser parente remota da família de vossa senhoria, lhe adviria daí algum direito como parte no processo “Jarndyce e Jarndyce”, talvez eu fizesse jus a que Miss Summerson olhasse para minhas propostas com olhos mais decididamente favoráveis do que tem feito até agora. Na verdade, até aqui ela não lhes tem dado nenhuma atenção favorável.

Uma espécie de sorriso irado aparece nesse instante no rosto de Lady Dedlock.

— Ora, é uma circunstância bastante singular, minha senhora — diz o Sr. Guppy —, sendo embora uma dessas circunstâncias que se atravessam no nosso caminho de profissionais (posso assim denominar-me, pois, se bem que ainda não admitido nos tribunais, foi-me feito presente do meu contrato, por

Kenge e Carboy, adiantando minha mãe, do capital de suas pequenas rendas, o dinheiro para o selo, que é caro), que eu tenha encontrado a pessoa que viveu como empregada da senhora que educou Miss Summerson, antes de haver-se o Sr. Jarndyce encarregado dela. Era uma tal Miss Barbary, minha senhora.

A cor cadavérica que se estampa no semblante de Lady Dedlock será acaso um reflexo do guarda-fogo que tem um fundo de seda verde e que ela segura na mão levantada como se o tivesse esquecido — ou é uma palidez mortal que dela se apossou?

— Jamais teve vossa senhoria alguma notícia de Miss Barbary? — pergunta o Sr. Guppy.

— Não sei. Talvez. Sim.

— Estava Miss Barbary de algum modo relacionada com a família de vossa senhoria?

Os lábios de Lady Dedlock movem-se sem emitirem, porém, som algum. Ela sacode a cabeça.

— Não estava relacionada? — pergunta o Sr. Guppy. Oh! talvez vossa senhoria o ignorasse, não? Ah! Mas podia ser? Sim. — Depois de cada uma dessas perguntas, ela inclinara a cabeça. — Muito bem! Ora, essa Miss Barbary era extremamente reservada — parece ter sido extraordinariamente reservada para uma mulher, sendo as mulheres em geral (pelo menos na vida comum) um tanto dadas à tagarelice — e a pessoa que me deu as informações não pode afirmar se ela possuía um parente que fosse. Numa ocasião, e somente numa, parece ter ela feito confidências à minha informante a respeito dum único particular, dizendo-lhe que o verdadeiro nome da menina não era Ester Summerson, mas Ester Hawdon.

— Meu Deus!

O Sr. Guppy olha com espanto. Lady Dedlock está sentada à sua frente, como se seu olhar atravessasse, com a mesma aparência sombria no rosto, na mesma atitude de segurar o para-fogo, com os lábios entreabertos, o sobrecenho um tanto contraído, mas como morto, naquele momento. Vê ele voltar-lhe a consciência, vê certo tremor agitar-lhe o corpo como uma ondulação na água, vê seus lábios bulirem, vê que ela os contém com grande esforço, vê o quanto lhe custa voltar a perceber a presença dele e o que

dissera. Tudo isso tão depressa que sua exclamação e seu desmaio parecem ter-se desvanecido como as feições daqueles cadáveres longamente preservados em túmulos, os quais, ao serem expostos, são feridos pelo ar como por um raio e se decompõem no mesmo instante.

— O nome Hawdon lhe é familiar?

— Já o ouvi antes.

— É o nome de algum ramo colateral ou remoto da família de vossa senhoria?

— Não.

— Agora, minha senhora — diz Guppy —, chego ao ponto final do caso, até onde o pude alcançar. Ele vai indo, e eu o acompanharei cada vez de mais perto, à medida que se for desenvolvendo. Vossa senhoria deve saber — se, por qualquer acaso, já não veio a saber — que há algum tempo foi encontrado morto na casa duma pessoa chamada Krook, perto do Beco do Tribunal, um copista em grande penúria. Houve a respeito desse copista um inquérito. Tratava-se de um desconhecido, cujo nome também era ignorado. Mas, minha senhora, descobri recentemente que o nome daquele copista era Hawdon.

— E isso que tem que ver comigo?

— Ah! minha senhora, esta é que é a questão! Depois da morte daquele homem aconteceu uma coisa estranha. Surge de repente uma dama, uma fidalga disfarçada que vai contemplar o teatro da ação e o túmulo do homem. Contratou um rapazinho varredor de rua para mostrar-lhe esses lugares. Se vossa senhoria desejar que minha afirmação seja corroborada por esse rapazinho, poderei deitar-lhe a mão a qualquer tempo.

O miserável rapazinho nada significa para a senhora e ela não deseja vê-lo — eis sua resposta.

— Oh! garanto a vossa senhoria que, na verdade, foi bastante estranho o aparecimento da tal dama — diz o Sr. Guppy. — Se a senhora o ouvisse falar a respeito dos anéis que cintilavam nos dedos dela quando retirou a luva, haveria de achar isso perfeitamente romântico.

Há diamantes cintilando na mão que segura o para-fogo. A senhora agita o para-fogo e fá-los reluzir ainda mais, novamente tendo no rosto aquela expressão que em outros tempos poderia ter sido tão perigosa para o rapaz

chamado Guppy.

— Supôs-se, minha senhora, que ele não deixara qualquer farrapo ou pedaço de papel por meio dos quais pudesse vir a ser identificado. Mas deixou. Deixou um maço de cartas velhas.

O para-fogo continua a agitar-se, como dantes. Durante todo esse tempo os olhos dela não se desfitaram nem uma vez do rosto do rapaz.

— Apoderaram-se desse maço e o esconderam. E amanhã à noite entrarei na posse dessas cartas.

— Pergunto-lhe ainda uma vez: que tenho eu que ver com isso?

— Vou concluir, minha senhora. — O Sr. Guppy levanta-se. — Se a senhora acha que há suficiente motivo nesta cadeia de circunstâncias reunidas — na semelhança indubitavelmente forte dessa moça com vossa senhoria, o que é um fato positivo para um júri; no ter ela sido criada por Miss Barbary; e Miss Barbary afirmar que o verdadeiro nome de Miss Summerson é Hawdon; em conhecer vossa senhoria muito bem ambos esses nomes e no fato de Hawdon ter morrido como morreu — para ministrar a vossa senhoria um interesse de família em investigar mais a fundo o caso, trarei esses papéis aqui. Não sei o que eles são, exceto que são cartas velhas. Ainda não estou de posse delas. Trarei esses papéis aqui logo que os receba, e os examinarei com vossa senhoria pela primeira vez. Já revelei a vossa senhoria meu intuito. Já disse a vossa senhoria que me verei numa situação bastante desagradável se for dada qualquer queixa a meu respeito. Tudo isso lhe digo em estrita confidência.

Será esse o propósito integral do rapaz chamado Guppy, ou terá ele outro? Revelam suas palavras a extensão, a largura e a profundidade de seu desígnio e de suas suspeitas ao vir aqui ou, no caso contrário, que ocultam elas? Ele bem pode competir com a fidalga. Esta pode fitá-lo, mas ele pode olhar para a mesa e impedir que aquela sua cara de banco de testemunho revele alguma coisa.

— Pode trazer as cartas — diz Lady Dedlock — se quiser.

— Sob minha palavra de honra, vossa senhoria não se mostra muito animadora — diz o Sr. Guppy, um tanto ofendido.

— Pode trazer as cartas — repete ela no mesmo tom —, por obséquio.

— Trarei. Vossa senhoria passe bem.

Numa mesa perto dela está um rico cofrezinho de bugigangas, fechado e afivelado como uma velha arca forte. Ainda a olhar para o rapaz, ela pega do cofrezinho e abre-o.

— Oh! asseguro a vossa senhoria que o meu procedimento não se prende a motivos dessa espécie — diz o Sr. Guppy — e não poderia aceitar coisa alguma dessa natureza. Desejo bom-dia a vossa senhoria e estou-lhe da mesma forma muito agradecido.

E assim o rapaz faz uma mesura e desce as escadas, onde o arrogante Mercúrio não se considera chamado a abandonar seu Olimpo junto ao fogo do vestibulo, para deixá-lo sair.

Porventura, enquanto Sir Leicester se aquece em sua biblioteca e dormita lendo o seu jornal, não haverá algum influxo na casa capaz de assustá-lo, ou melhor, capaz de fazer todas as árvores de Chesney Wold atirarem para o alto seus braços nodosos, capaz de tornar carrancudos todos os retratos e fazer estremecer a própria armadura?

Não. Palavras, soluços e gemidos não são mais que ar. E o ar está tão preso, dentro e fora da casa da cidade, que os sons precisariam de ser trombeteados por Lady Dedlock no seu quarto, para poderem levar qualquer fraca vibração aos ouvidos de Sir Leicester. E, contudo, este grito enche toda a casa, subindo duma figura desarvorada, cujos joelhos se dobraram.

— Oh! minha filha, minha filha! Não morreste nas primeiras horas de tua vida, como minha cruel irmã me disse, mas foste severamente criada por ela, depois que ela renunciou a mim e ao meu nome. Oh! minha filha, minha filha!

A NARRATIVA DE ESTER

Ricardo ausentara-se durante algum tempo, ocasião em que uma visita veio passar alguns dias conosco. Era uma senhora idosa, Mrs. Woodcourt, que, tendo vindo do País de Gales para ficar com a Sra. Bayam Badger e tendo escrito a meu tutor, “a pedido de seu filho Allan”, para informar que tivera notícias dele e que ele estava bem e “mandava lembranças a todos nós”, fora pelo Sr. Jarndyce convidada a fazer uma visita à Casa Soturna. Ficou conosco quase três semanas. Afeiçoou-se-me bastante, mostrando-se em extremo, a ponto de às vezes sentir-me um tanto constrangida. Eu sabia muito bem que não tinha o direito de sentir-me constrangida por ela confiar em mim, e achava isso uma coisa sem propósito; contudo, por mais que fizesse, não conseguia dominar esse sentimento.

Era uma mulherzinha muito viva e costumava sentar-se de mãos enclavinhas, fitando-me de maneira tão penetrante, enquanto me falava, que eu talvez achasse isso um tanto fastidioso. Ou talvez fosse o fato de mostrar-se ela tão tesa e enfeitada, conquanto eu não creia que fosse isso, porque tal coisa até me parecia graciosamente agradável. Talvez não fosse também a expressão geral de seu rosto, muito cintilante e bonito para uma velha. Não sei mesmo o que era. Ou pelo menos se agora sei, então pensava que não sabia. Ou pelo menos... mas isso não importa.

Certa noite, quando eu subia para deitar-me, convidou-me a entrar no seu quarto, onde se sentou numa grande cadeira diante do fogo e — Deus meu! — falou-me tanto a respeito de Morgan ap Kerrig que me pôs muito abatida. Algumas vezes recitava versos de Crumlinwallinwer e do Mewlinnwillinwodd (se são estes os nomes certos é coisa que não ouse afirmar), mostrando-se abrasada pelos sentimentos que eles exprimiam. Conquanto eu nunca soubesse o que eles significavam (eram escritos em galês), percebia apenas que eram subidos elogios à linhagem de Morgan ap Kerrig.

— De modo que, Miss Summerson — dizia-me ela, num tom de sublime triunfo —, essa, como está vendo, é a fortuna herdada por meu filho. Aonde quer que meu filho vá, pode alegar seu parentesco com ap Kerrig. Pode não ter dinheiro, mas sempre terá aquilo que é muito melhor — família, minha querida.

Tinha minhas dúvidas de que na Índia ou na China fossem dar grande importância a Morgan ap Kerrig, mas, naturalmente, jamais as expressei. Costumava dizer que era uma grande coisa ser tão altamente aparentado.

— É mesmo, minha querida, é uma grande coisa — replicava a Sra. Woodcourt. — Tem suas desvantagens; por exemplo, a escolha duma esposa por meu filho é limitada por isso. Mas, da mesma forma, a escolha matrimonial é limitada na família real.

Depois dava-me uma palmadinha no braço e alisava meu vestido, como que para assegurar-me de que tinha boa opinião a meu respeito, não obstante a distância que nos separava.

— O pobre Sr. Woodcourt, minha querida — dizia ela, sempre com alguma emoção, pois unia à sua elevada linhagem um coração muito afetuoso —, descendia duma grande família da Escócia, os MacCoorts. Serviu a seu rei e a seu país como oficial dos Royal Highlanders e morreu no campo de batalha. Meu filho é um dos últimos representantes de duas velhas famílias. Com a bênção dos céus ele as reerguerá de novo e as unirá a uma outra velha família.

Era em vão que eu tentava mudar de assunto, como costumava fazer, somente em busca de alguma novidade ou talvez porque... mas não precisa mostrar-me tão minuciosa. A Sra. Woodcourt nunca me deixava prosseguir.

— Minha querida — disse ela uma noite —, você é dotada de tanto juízo e encara o mundo duma forma tão superior à sua idade que é um verdadeiro conforto para mim conversar com você a respeito destas minhas questões de família. Você não conhece bem o meu filho, minha querida, mas sabe a seu respeito bastante, creio eu, para lembrar-se dele.

— Sim, senhora. Lembro-me dele.

— Bem, minha querida. Ora, acho que você é capaz de ajuizar dum caráter e gostaria de ter a sua opinião a seu respeito.

— Oh! Sra. Woodcourt — disse eu —, é tão difícil isso!

— Por que é tão difícil assim, minha querida? — retorquiu ela. — Não vejo por quê.

— Dar uma opinião...

— Com um conhecimento tão ligeiro, minha querida. Você tem razão.

Eu não queria dizer isso, porque o Sr. Woodcourt estivera frequentes vezes em nossa casa e se tornara bastante íntimo de meu tutor. Disse isso e acrescentei que ele parecia muito perito na sua profissão — pensávamos nós — e que sua bondade e sua gentileza para com Miss Elite estavam acima de qualquer encômio.

— Você lhe faz justiça! — exclamou a Sra. Woodcourt, apertando minha mão. — Você o define exatamente. Allan é um ótimo rapaz e, na sua profissão, impecável. Digo isso, apesar de ser sua mãe. Todavia, devo confessar que tem lá seus defeitos, meu bem.

— Todos nós os temos — disse eu.

— Ah! mas os dele são, na verdade, defeitos que podia e devia corrigir — retrucou a severa velha, abanando vivamente a cabeça. — Tenho tanta afeição a você que posso confiar-lhe, minha querida, como a parte desinteressada, que ele é extremamente volúvel.

Disse que achava bem difícil crer que ele não fosse fiel à sua profissão e zeloso no exercício dela, a julgar pela reputação que havia granjeado.

— Você tem razão mais uma vez, minha querida — retorquiu a velha —, mas veja bem que não me refiro à sua profissão.

— Oh! — exclamei.

— Não — disse ela. — Refiro-me, minha querida, ao seu comportamento social. Está sempre fazendo galanteios triviais a moças, e isso acontece desde os seus dezoito anos. Mas na realidade, minha querida, nunca se interessou muito por nenhuma delas e jamais teve em mente, assim procedendo, causar dano algum ou exprimir outra coisa que não fosse polidez e bom gênio. Contudo, não está direito, como você percebe.

— Não está — disse eu, uma vez que parecia ser essa a resposta que ela esperava.

— E poderia induzir a ideias erradas, não é mesmo, minha querida?

Supus que poderia.

— Por isso disse-lhe muitas vezes que deveria ser mais cuidadoso, tanto para ser justo comigo, como com os outros. E eis que sempre responde: “Mãe, tratarei de ser, mas a senhora me conhece melhor que ninguém e sabe que não é intenção minha prejudicar a ninguém — em suma, não tenho intenção de nada.” E tudo isso é verdade, minha querida, mas não é uma justificativa. Todavia, como ele agora se acha muito longe e por tempo indeterminado, e terá boas oportunidades e apresentações, podemos considerar isso passado e liquidado. E você, minha querida — disse a velha, que agora era toda meneios e sorrisos —, que me diz a respeito de si mesma, meu bem?

— A meu respeito, Sra. Woodcourt?

— Não quero ser sempre egoísta, falando de meu filho, que partiu em busca de fortuna e de esposa. Quando pretende você procurar a sua fortuna e encontrar um marido, Miss Summerson? Oh! Veja só! Está ficando corada!

Creio que não corei — seja como for, não tinha importância se isso se desse —, e afirmei que a minha sorte atual me contentava perfeitamente e não tinha desejo de mudá-la.

— Deverei dizer-lhe o que sempre pensei de você e da sorte que ainda lhe acontecerá, minha querida? — perguntou a Sra. Woodcourt.

— Se acredita que é boa profetisa... — disse eu.

— Ora, pois, você casará com alguém, muito rico e muito digno, muito mais velho — uns vinte e cinco anos talvez — do que você. E será uma excelente esposa, muito amada e muito feliz.

— É uma boa sorte — disse eu. — Mas por que será essa a minha sorte?

— Minha querida — respondeu ela —, há muita plausibilidade nisso. Você é tão trabalhadora, tão esmerada, acha-se numa posição tão característica, que há muita plausibilidade nisso e virá mesmo a realizar-se. E ninguém, meu amor, se alegrará mais sinceramente com tal casamento do que eu.

Era curioso que isso me causasse mal-estar, mas acho que causava. Sabia que causava. Fez-me ficar, durante parte daquela noite, preocupada. Estava tão envergonhada de minha loucura que não gostei de confessá-la, nem ainda

a Ada, e isso me fez ficar ainda mais inquieta. Daria tudo para não ter de ouvir as confidências da velha pimpona, se me houvesse sido possível evitá-lo. Ela fez-me ter as mais desconstruídas opiniões a seu respeito. Às vezes eu pensava que ela era uma contadora de lorotas, outras que era um modelo de verdade. Ora suspeitava que ela fosse bastante manhosa, e logo depois acreditava que seu honesto coração galês era perfeitamente inocente e simples. E, afinal, que me importava isso e por que me importaria? Por que não poderia eu, ao subir para deitar-me, com meu cesto de chaves, parar e sentar-me ao fogo no quarto dela, habituando-me a seus modos como me habituaria aos de qualquer outra pessoa, sem me preocupar com as coisas inofensivas que me dissesse? Impelida para ela, como certamente estava, pois sentia grande desejo de que ela gostasse de mim e muito falaria que assim fosse, por que me poria a remoer depois, cheia de verdadeira tristeza e pesar, cada palavra que ela dizia, ponderando-as sem cessar e tantas vezes? Por que me atormentava tanto tê-la em nossa casa, a fazer-me confidências todas as noites, quando, no entanto, eu sentia que seria melhor e mais seguro, de certo modo, que ela estivesse ali do que em qualquer outra parte? Eram perplexidades e contradições essas que eu não podia explicar. Ao menos, se eu pudesse... mas chegarei lá a seu tempo e não passa de mera ociosidade continuar com isso agora.

Assim, quando a Sra. Woodcourt se foi embora, fiquei triste por perdê-la, mas também senti alívio. E depois chegou Caddy Jellyby, que me trouxe tamanho embrulho de novidades domésticas que deu a todos nós abundante ocupação.

Primeiramente, Caddy declarou (e a princípio nada mais quis declarar) que eu era a melhor conselheira que ela já conhecera. Isso, disse minha amiguinha, não era absolutamente novidade; e isso, disse eu naturalmente, era uma tolice. Depois Caddy nos contou que ia casar-se dentro de um mês e que, se Ada e eu quiséssemos ser suas damas de honra, ela seria a moça mais feliz do mundo. Para falar a verdade, estas eram verdadeiras novidades, e pensei que jamais acabaríamos de falar a tal respeito, tanto tínhamos que dizer a Caddy, e tanto tinha Caddy que dizer a nós.

Parecia que o desditoso pai de Caddy tinha evitado a bancarrota — “atravessado a Gazeta”, era a expressão usada por Caddy, como se aquilo fosse um túnel — com a clemência e comiseração geral de seus credores, e conseguira desembaraçar-se de seus negócios de alguma abençoada maneira,

sem que chegasse a entendê-los. Entregara tudo quanto possuía (que não valeria grande coisa, creio eu, a julgar pelo estado da mobília) e satisfizera todos, pesaroso por não poder fazer mais, pobre homem! Assim foi honrosamente demitido do emprego para começar a vida de novo. O que ele fazia nesse emprego nunca vim a saber. Caddy dizia que ele era “um agente geral alfandegário” e a única coisa que entendi a respeito disso era que, quando ele precisava de dinheiro mais do que de costume, ia procurá-lo nas docas e quase nunca o encontrava.

Logo que seu pai tranquilizara o espírito, despojando-se de tudo como fizera, e depois de se terem mudado para um apartamento mobilado em Hatton Garden (onde encontrei as crianças, quando ali fui depois, cortando as crinas dos assentos das cadeiras e abafando uns aos outros com elas), Caddy arranjara um encontro entre ele e o velho Sr. Turveydrop. O pobre Sr. Jellyby, sendo muito humilde e manso, tinha-se mostrado tão rendido diante da elegância do Sr. Turveydrop que se tornaram excelentes amigos. Pouco a pouco o velho Sr. Turveydrop, familiarizado dessa forma com a ideia do casamento de seu filho, tinha elevado seus sentimentos paternais à altura de considerar aquele acontecimento como bem próximo, e dera seu generoso consentimento ao jovem par, a fim de iniciarem, quando quisessem, sua vida caseira na Academia da Rua Newman.

— E seu pai, Caddy. Que disse ele?

— Oh! o pobre papai — disse Caddy — apenas chorou e disse que esperava que pudéssemos ser mais felizes do que ele e mamãe tinham sido. Não disse isso diante de Príncipe. Foi só a mim que falou. E acrescentou: “Minha pobre filha, não lhe ensinaram bastante a ser uma boa dona de casa para seu marido. Mas se você não se esforçar de todo o seu coração para ser tal, melhor seria que o matasse do que casar com ele — se realmente você o ama.

— E como foi que você o tranquilizou, Caddy?

— Ora, era bastante penoso, como você bem pode avaliar, ver o pobre papai tão abatido e ouvi-lo dizer coisas tão terríveis sem que me viessem as lágrimas aos olhos. Mas disse-lhe que tencionava de todo o meu coração ser uma boa dona de casa, e que esperava que nosso lar seria um lugar onde ele pudesse ir encontrar algum conforto alguma noite, e que tencionava ser para ele uma filha melhor do que fora em casa. Depois falei no meu desejo de

levar Peepy para ficar comigo, e então papai começou de novo a chorar e disse que as crianças eram índios.

— Índios, Caddy?

— Sim, índios selvagens. E papai disse (aqui a pobrezinha começou a chorar, não mais como a moça mais feliz do mundo) que estava convencido de que a melhor coisa que lhes poderia acontecer era serem todas mortas a machado indiano duma só vez.

Ada insinuou que era agradável saber que o Sr. Jellyby apenas simulava esses sentimentos destruidores.

— Não, é claro que papai não gostaria de ver sua família chafurdando no próprio sangue — disse Caddy —, mas a intenção dele era dizer que seus filhos eram bem infelizes por terem a mãe que tinham, e que ele era também muito infeliz por ter uma esposa como aquela. Estou certa de que isso é verdade, conquanto pareça contrário à natureza falar assim.

Perguntei a Caddy se a Sra. Jellyby estava ciente da data marcada de seu casamento.

— Oh! você sabe mamãe como é, Ester — respondeu ela. — É impossível dizer se ela sabe ou não. Já lho disse muitas vezes, e, quando lhe falo nisso, ela apenas me responde com um olhar plácido, como se eu fosse não sei o quê — um campanário ao longe — disse Caddy, com uma ideia súbita — e depois sacode a cabeça e diz: “Oh! Caddy, Caddy, como você é importuna!” e prossegue com suas cartas para Borriobula.

— E a respeito de seu enxoval, Caddy? — perguntei, pois ela não tinha reservas conosco.

— Bem, minha querida Ester — replicou ela, enxugando os olhos —, tenho de fazer o que estiver ao meu alcance, na esperança de que o meu querido Príncipe jamais venha a ter uma recordação triste por me ver diante dele como uma maltrapilha. Se se tratasse de provisões para Borriobula, mamãe de tudo saberia e ficaria entusiasmada. Mas, tratando-se do que se trata, não sabe nem se importa.

Não faltava de todo a Caddy natural afeição por sua mãe, mas referia-se a isso com lágrimas, como a um fato inegável, e eu receava que fosse tal efetivamente. Ficamos com tanta pena da pobre e querida menina e tanto

achávamos que admirar nas boas disposições que nela haviam sobrevivido a tantos desalentos, que nós duas ao mesmo tempo (quero dizer Ada e eu) propusemos-lhe um pequeno plano que lhe causou enorme satisfação. Ficaria conosco umas três semanas. Eu passaria uma semana com ela e nós três havíamos de inventar coisas, havíamos de cortar, consertar, costurar, poupar, e faríamos o que melhor pudéssemos para preparar a maior parte do seu enxoval. Ficando meu tutor tão satisfeito com a ideia como Caddy, levamo-lo à sua casa no dia seguinte para combinar o negócio, e trouxemo-la novamente em triunfo, com suas caixas e todas as compras que foi possível fazer com uma nota de dez libras que o Sr. Jellyby encontrara nas docas, suponho eu, mas que em todo o caso lhe dera. Seria difícil dizer o que o meu tutor não lhe daria se nós o tivéssemos incitado a fazê-lo, mas achamos razoável comprometer-nos a dar à noiva apenas seu vestido e toucado de casamento. Ele concordou com esse compromisso; e se Caddy alguma vez se sentiu feliz em sua vida, foi quando começamos a trabalhar.

Mostrava-se a pobrezinha bastante desajeitada no manejo da agulha e picava tanto os dedos quanto os sujara outrora de tinta. Ela não podia deixar de enrubescer de vez em quando, já por causa da dor das picadas, já pelo vexame de não ser capaz de fazer coisa que prestasse. Mas dentro em pouco venceu essa dificuldade e começou a progredir rapidamente. Assim, dia a dia, ela, a minha querida Ada, a minha criadinha Charley, uma costureira da cidade e eu nos pusemos a trabalhar com afinco e na maior alegria.

Além de tudo isso, Caddy estava ansiosa por aprender “a dirigir uma casa”, como ela dizia. Ora — Santo Deus! —, a ideia de aprender ela a dirigir uma casa com uma pessoa de tão vasta experiência como eu era coisa tão engraçada que ri, corei e fiquei numa confusão cômica quando ela ma propôs. Contudo disse: — Caddy, posso garantir-lhe que terei a maior boa vontade em ensinar-lhe tudo quanto possa, minha querida — e mostrei-lhe todos os meus livros e métodos e toda a minha lufa-lufa. Dir-se-ia que eu lhe estivesse mostrando algumas invenções maravilhosas, tal a atenção que demonstrava, e se a houvésseis visto levantar-se e correr a atender-me quando eu fazia tilintar as chaves da casa, certamente haveríeis de pensar que nunca houve maior impostora do que eu, com uma discípula mais cega do que Caddy Jellyby.

Assim, com os trabalhos domésticos e com as lições a Charley, com o gamão à noite com meu tutor e os duetos com Ada, as três semanas passaram bem depressa. Depois segui com Caddy para sua casa para ver o que se podia

fazer lá, deixando Ada e Charley encarregadas de tomar conta do meu tutor.

Quando digo que fui para a casa de Caddy, refiro-me ao apartamento mobilado em Hatton Garden. Fomos duas ou três vezes à Rua Newman, onde vários preparativos iam também em andamento, grande parte deles destinados, segundo observei, a aumentar o conforto do velho Sr. Turveydrop e uns poucos para, sem grandes despesas, instalar os recém-casados nos altos da casa. Mas a nossa grande preocupação era tornar decente o apartamento para o almoço nupcial, e tratar de incutir antecipadamente na Sra. Jellyby alguma ideia do que estava para realizar-se.

Esta foi das duas coisas a mais difícil, porque a Sra. Jellyby e um rapaz enfermiço ocupavam a sala da frente (a detrás era um simples quatinho), toda atravancada de papel inútil e documentos de Borriobula, como uma estrebaria suja, coberta de palha. A Sra. Jellyby ficava ali sentada o dia inteiro, bebendo café forte, ditando e lendo entrevistas marradas sobre assuntos borriobulanos. O rapaz enfermiço, que a mim me parecia estar com o pé na cova, arranjava suas refeições na própria casa. Quando o Sr. Jellyby chegava, punha-se a gemer e descia para a cozinha. Ali comia alguma coisa se a criada lha dava, e depois, achando que estava servindo de estorvo, saía a passear por Hatton Garden, na umidade. As pobres crianças andavam aos trambolhões pela casa, como sempre tinham costume de fazer.

Estando inteiramente fora de cogitações a possibilidade de pôr aquelas pequeninas vítimas em condições apresentáveis no curto prazo duma semana, propus a Caddy que lhes proporcionaríamos o maior prazer possível na manhã do casamento dela, na água-furtada onde todos dormiam e concentraríamos nossos maiores esforços em sua mãe, no seu quarto e num almoço completo. Com efeito, a Sra. Jellyby requeria bastantes cuidados, uma vez que a espécie de esteira de cordões de espartilho que usava nas costas haviam-se alargado consideravelmente desde o nosso primeiro encontro, e seu cabelo parecia a crina dum cavalo de varredor de rua.

Pensando que a exibição do enxoval de Caddy seria o melhor meio de abordar o assunto, convidei a Sra. Jellyby a vir vê-lo, estendido em cima da cama de Caddy à noite, depois que o rapaz doentio se retirara.

— Minha querida Miss Summerson — disse ela, levantando-se de sua escrivaninha, com a habitual docilidade de gênio —, não deixam de ser realmente ridículos esses preparativos, conquanto a senhora dê uma prova de

sua bondade ajudando neles. Há qualquer coisa de tão inexprimivelmente absurdo para mim nessa ideia do casamento de Caddy! Oh! Caddy, mocinha tola, tola, tola!

Não obstante, subiu conosco e olhou as roupas com seu costumeiro ar de quem está noutro planeta. Elas lhe sugeriram uma ideia diferente, pois disse com seu plácido sorriso e abanando a cabeça: — Minha boa Miss Summerson, com a metade do custo esta criança sem juízo poderia ter-se aparelhado para ir para a África!

Ao descermos, a Sra. Jellyby perguntou-me se aquela modesta cerimônia ia mesmo realizar-se na quarta-feira seguinte, e tendo eu dito que sim, perguntou-me: — Precisarão do meu quarto, minha cara Miss Summerson? Porque é inteiramente impossível tirar dali os meus papéis.

Tomei a liberdade de dizer que precisaríamos certamente do quarto, e que achava que deveríamos remover os papéis para alguma outra parte.

— Bem, minha cara Miss Summerson — disse a Sra. Jellyby —, creio que a senhora sabe o que melhor convém. Mas obrigando-me a empregar um rapaz, Caddy atrapalhou-me a tal ponto, submersa como vivo em negócios públicos, que não sei para onde me virar. Temos além disso uma reunião de Ramificação na tarde de quarta-feira, e o embaraço é muito sério.

— Não é provável que ocorra de novo — disse eu, sorrindo. — Caddy casará apenas uma vez, presumivelmente.

— Isso é verdade — replicou a Sra. Jellyby —, isso é verdade, minha cara. Suponho que devemos arranjar-nos como pudermos.

A questão seguinte era saber que traje usaria a Sra. Jellyby na cerimônia. Achei muito curioso vê-la a olhar serenamente lá da sua escrivaninha, enquanto Caddy e eu discutíamos o assunto, sacudindo de vez em quando a cabeça para nós com um sorriso de meia censura, como um espírito superior que mal condescendia em suportar nossa frivolidade.

O estado em que se encontravam seus vestidos e a extraordinária confusão em que ela os tinha aumentavam não pouco as nossas dificuldades. Mas afinal descobrimos qualquer coisa não muito discordante do que poderia usar numa ocasião como essa uma mãe de classe comum. O modo abstrato como a Sra. Jellyby deixou que a costureira experimentasse nela aqueles adornos, e a doçura com que depois observou quanta tristeza lhe causava não

ter eu voltado meus pensamentos para a África, concordavam com o restante do seu proceder.

No que concerne a espaço, o apartamento era um tanto limitado, mas imaginei que, se as pessoas da família da Sra. Jellyby fossem os únicos inquilinos da catedral de São Paulo ou de São Pedro, a única vantagem que teriam encontrado no tamanho do edifício seria a de proporcionar-lhes maior quantidade de espaço para ser emporcalhado. Acredito que nada do que pertencia à família e fosse quebrável não estivesse quebrado na ocasião daqueles preparativos para o casamento de Caddy; que nada do que pudesse ser estragado não estivesse estragado, e que nenhum objeto doméstico, capaz de acumular sujidade, desde o joelho de uma daquelas crianças até a placa de metal da porta, estivesse sem tanta quantidade de imundície quanto era capaz de acumular.

O pobre Sr. Jellyby, que raramente falava e, quando estava em casa, quase sempre ficava sentado com a cabeça encostada à parede, mostrava-se interessado ao ver que Caddy e eu tentávamos estabelecer alguma ordem no meio de toda aquela devastação e ruína, e tirava o casaco para ajudar-nos. Mas caíam coisas tão maravilhosas de dentro dos armários, quando eram abertos — pedaços de empadas bolorentas, garrafas com cheiro de azedo, toucas da Sra. Jellyby, cartas, chá, garfos, botas e sapatos de criança desirmanados, lenha, obreias, tampas de caçarolas, açúcar molhado em pedaços de sacos de papel, escanos, pão, chapéu da Sra. Jellyby, livros com as encadernações besuntadas de manteiga, cotos de velas acanaladas, que tinham apagado virando-as de cabeça para baixo em castiçais partidos, cabeças e rabos de camarões, esteirinhas para pratos, luvas, pó de café, sombrinhas —, que ele ficou aterrado e largou tudo de mão. Mas vinha regularmente todas as noites sentar-se sem casaco, com a cabeça encostada à parede, como se desejasse ajudar-nos se soubesse de que maneira fazê-lo.

— Coitado de papai — dizia-me Caddy na noite anterior ao grande dia, quando havíamos realmente conseguido pôr as coisas mais ou menos nos seus lugares. — Parece-me uma maldade deixá-lo, Ester. Mas que poderia eu fazer, se ficasse? Desde que conheci você, tenho muitas vezes tentado pôr ordem na casa. Mas é inútil. Mamãe e a África de comum acordo reviram tudo de pernas para o ar. Nunca temos uma criada que não beba. Mamãe deita tudo a perder.

O Sr. Jellyby não podia ouvir o que ela dizia, mas parecia muito abatido e creio que chorava.

— Sinto uma dor no coração por causa dele! — soluçava Caddy. — Não posso deixar de pensar esta noite quanto espero sinceramente ser feliz com Príncipe e quanto papai esperou sinceramente ser feliz com mamãe. Mas que desilusão de vida a dele!

— Minha querida Caddy! — disse o Sr. Jellyby, circunvagando lentamente a vista lá do seu canto. Foi a primeira vez, creio, que o ouvi dizer três palavras seguidas.

— Que é, papai! — gritou Caddy, correndo para ele e abraçando-o com todo o afeto.

— Minha querida Caddy! — repetiu o Sr. Jellyby. — Nunca se prenda...

— A Príncipe, papai? — gaguejou Caddy. — Que eu nunca me prenda a Príncipe?

— Não, minha querida — disse o Sr. Jellyby. — Pelo contrário, prenda-se a ele, sim. Mas nunca se prenda...

Na narrativa da nossa primeira visita a Thavies Inn, contei que Ricardo descreveu o Sr. Jellyby como um homem que, depois do jantar, abria frequentemente a boca sem dizer coisa alguma. Era um hábito dele. Agora, abria a boca muitas vezes e sacudia a cabeça dum jeito melancólico.

— A que é que o senhor deseja que eu não me prenda? Não me prenda a quê, papai? — perguntou Caddy, acarinhando-o, com os braços em volta de seu pescoço.

— Nunca se prenda a uma Missão, minha querida filha.

O Sr. Jellyby gemeu e encostou de novo a cabeça à parede. Foi essa a única vez que o ouvi fazer uma tentativa de exprimir seus sentimentos a respeito de Borriobula. Suponho que em outros tempos fora mais conversador e vivo. Mas parecia haver-se esgotado inteiramente, muito antes de eu o ter conhecido.

Pensei que a Sra. Jellyby nunca acabasse de examinar serenamente seus papéis naquela noite, e de tomar café. Já era meia-noite quando conseguimos ficar donas do quarto, e a limpeza de que ele necessitava então era tão desanimadora que Caddy, que estava quase extenuada, sentou-se no meio da

poeira e começou a chorar. Mas dentro em breve cobrou ânimo e conseguimos obrar maravilhas no quarto antes de ir-nos deitar.

De manhã, o quarto, graças a algumas flores e a uma boa dose de água e sabão, bem como a alguns arranjos, tinha um aspecto bem alegre. Foi uma linda coisa o singelo almoço, e Caddy estava um verdadeiro encanto. Mas, quando a minha querida Ada chegou, pensei — e ainda penso agora — que nunca vira um rosto tão amável como o da minha linda e predileta amiga.

Organizamos no andar superior um banquetezinho para as crianças. Pusemos Peepy à cabeceira da mesa e mostramos a todos Caddy com seu vestido de noiva. Bateram palmas e deram vivas. Caddy chorou ao pensar que ia afastar-se deles, ergueu-os nos braços repetidamente, até que trouxemos Príncipe para levá-la, momento em que, sinto ter de dizê-lo, Peepy deu uma dentada nele. Depois surgiu lá embaixo o velho Sr. Turveydrop, numa elegância difícil de exprimir, abençoando benignamente Caddy e dando a entender a meu tutor que a felicidade de seu filho era obra de seu amor paterno, e que sacrificara considerações de ordem pessoal para garanti-la.

— Meu caro senhor — disse o Sr. Turveydrop —, esses jovens irão viver comigo. Minha casa é bastante vasta para acomodá-los e não lhes faltará o abrigo do meu teto. Meu desejo seria — o senhor compreenderá a alusão, Sr. Jarndyce, se se lembrar do meu ilustre patrono, o Príncipe Regente — meu desejo seria que meu filho procurasse esposa no seio duma família onde houvesse mais elegância, mas seja feita a vontade de Deus!

O Sr. e a Sra. Pardiggle tomaram parte na reunião. O Sr. Pardiggle, homem de aspecto tenaz, usava um enorme colete e cabelos espetados, e estava sempre a falar, numa voz grave e sonora, no seu obolozinho, no obolozinho da Sra. Pardiggle, no obolozinho de seus cinco meninos. O Sr. Quale, com o cabelo penteado para trás, como de costume, e as duas têmporas muito protuberantes e reluzindo muito, estava também presente, não no caráter dum namorado desiludido, mas como o eterno eleito duma jovem, agora duma tal Miss Wisk, que também lá se encontrava. A missão de Miss Wisk, disse meu tutor, era mostrar ao mundo que a missão da mulher era a missão do homem, e que a única e genuína missão, tanto do homem como da mulher, era estar sempre promovendo em comícios públicos resoluções declaratórias a respeito de coisas em geral. Os convidados eram poucos, mas todos, como era de esperar em casa da Sra. Jellyby, devotados apenas às

questões públicas. Além dos que mencionei, havia uma senhora extremamente suja, com o chapéu todo torto e a etiqueta do preço de seu vestido ainda pendurada nele, e cujo lar descurado, disse-me Caddy, era uma exposição permanente de imundície, ao passo que sua igreja parecia um reino de fadas. Completava a reunião um cavalheiro muito rixoso, que dizia ter como missão no mundo ser irmão de todos, mas que na realidade mantinha relações frias com toda a sua vasta família.

Difícilmente se poderia reunir, qualquer que fosse a habilidade nisso empregada, um grupo que, como aquele, menos afinidades tivesse com a cerimônia do momento. Missão tão mesquinha como a doméstica era a última das coisas que qualquer deles suportaria. Efetivamente, Miss Wisk declarou-nos com grande indignação, antes de nos sentarmos à mesa, que a ideia de que a missão da mulher residisse sobretudo na estreita esfera do lar era um insulto ultrajante que lhe atirava o seu tirano, o homem. Outra singularidade era que ninguém investido de uma missão (exceto o Sr. Quale, cuja missão, como creio já ter dito anteriormente, era extasiar-se diante da missão de todos) dava nenhuma importância à missão dos outros. Assim, a Sra. Pardiggle declarava alto e bom som que o único método infalível era o seu, isto é, deitar a garra aos pobres e aplicar-lhes a benevolência como uma camisa de força, ao passo que Miss Wisk dizia que a única coisa prática para o mundo era a emancipação da mulher da escravidão de seu tirano, o homem. Enquanto isso, a Sra. Jellyby permanecia sentada, sorrindo daquela visão tão estreita que tinha coragem de se ocupar de outras coisas que não fossem a sua missão de Borriobula-Gha.

Mas estou antecipando agora o que foi o objetivo da nossa conversa ao voltarmos para casa, em vez de primeiro casar Caddy. Fomos todos para a igreja, e o Sr. Jellyby entregou-a ao noivo. Eu nunca poderia encarecer demasiado o ar com que o velho Sr. Turveydrop, com o chapéu debaixo do braço esquerdo (a boca do chapéu voltada como um canhão para o pastor), os olhos franzidos quase a embeberem-se no chinó, permaneceu, teso e de ombros levantados, atrás de nós, damas de honra, durante a cerimônia, e o modo solene com que depois nos saudou. Miss Wisk, cuja aparência não posso dizer seja simpática e cujas maneiras eram desabridas, presenciava cheia de desdém a cerimônia, como se fosse parte das injustiças feitas à mulher. A Sra. Jellyby, com seu calmo sorriso e seus olhos brilhantes, parecia de todos os presentes o que menos tinha que ver com tudo aquilo.

A seu tempo regressamos para o almoço. A Sra. Jellyby sentou-se à cabeceira da mesa e o Sr. Jellyby no outro extremo. Caddy havia antes subido às ocultas para abraçar de novo as crianças e dizer-lhes que seu nome passava a ser Turveydrop. Mas essa informação, em vez de ser uma agradável surpresa para Peepy, fê-lo cair de costas, debatendo-se e escoicinhando de tal forma que nada pude fazer, ao ser chamada, senão aceder à proposta de admiti-lo na mesa do almoço. De modo que ele desceu e sentou-se no meu regaço. A Sra. Jellyby, depois de dizer, referindo-se ao estado de seu avental: — Oh! Peepy levado! Que porquinho nojento você é! —, continuou absolutamente serena. Comportou-se bem, exceto quando quis mergulhar nos copos de vinho, e de cabeça para baixo, para depois metê-lo na boca, o Noé que havia trazido consigo, tendo-o tirado de uma arca que eu lhe dera antes de irmos para a igreja.

Meu tutor, com seu gênio manso, sua percepção ágil e seu rosto amável, sabia achar prazer até mesmo numa sociedade tão insípida. Nenhum dos presentes parecia capaz de conversar acerca de qualquer coisa que não fosse o seu assunto próprio, e, ao fazê-lo, nenhum parecia lembrar-se de que o mundo comporta também outros temas. Mas meu tutor soube encaminhar as coisas de tal modo que manteve Caddy alegre, animando, alegrando também a festa e fazendo-nos passar todo o almoço de um modo fidalgo. Nem quero pensar no que teríamos feito sem ele, pois todos os presentes, sem fazer caso da noiva, do noivo e do velho Sr. Turveydrop (este, em virtude de sua elegância, considerava-se supremamente superior aos demais), não prometiam nada de bom.

Afinal chegou a hora da partida da pobre Caddy, quando toda a sua bagagem foi empilhada no coche de parelha alugado que deveria levá-la e ao marido a Gravesend. Comoveu-nos ver Caddy relutante em deixar então aquela sua lamentável casa, e abraçada a sua mãe, num transporte de extrema ternura.

— Lamento não ter podido continuar a escrever sob seu ditado, mãe — soluçava Caddy. — Espero que a senhora me perdoe agora.

— Oh! Caddy, Caddy! — exclamou a Sra. Jellyby — já lhe disse e repeti que contratei um rapaz e não se fala mais nisso.

— Tem certeza de que não está nem um tantinho zangada comigo, mãe? Diga que sim, antes de eu ir-me embora, mamãe.

— Que tolinha! — replicou a Sra. Jellyby. — Estou com cara de zanga, ou tenho inclinação ou tempo para ficar zangada? Como sabe você isso?

— Cuide um pouco de papai enquanto eu estiver ausente, mamãe!

A Sra. Jellyby riu francamente diante de tal fantasia.

— Que menina romântica essa! — disse ela, batendo de leve nas costas de Caddy. — Vá-se embora. Sou uma grande amiga sua. Agora, adeus, Caddy, e seja muito feliz!

Depois Caddy pendurou-se ao pescoço de seu pai, acariciando-lhe o rosto junto ao seu, como se o velho fosse alguma pobre criança triste, a sofrer. Tudo isso se passou na sala. O pai desprendeceu-se dela, tirou o lenço do bolso e sentou-se nos degraus, com a cabeça encostada à parede. Creio que ele encontrava algum consolo nas paredes. Quase tenho certeza disso.

Então Príncipe deu o braço a Caddy e voltou-se com grande emoção e respeito para seu pai, cuja atitude naquele momento era esmagadora.

— Obrigado, muitas e muitas vezes, papai! — disse Príncipe, beijando-lhe a mão. — Sou-lhe muitíssimo grato por toda a sua bondade e consideração a respeito do nosso casamento, e o mesmo posso afirmar de Caddy.

— Oh, sim! — soluçou Caddy. — Muitíssimo!

— Meu querido filho — disse o Sr. Turveydrop — e minha querida filha, cumpri o meu dever. Se o espírito de uma santa mulher paira sobre nós e nos contempla nesta ocasião, isso e a vossa constante afeição serão minha recompensa. Creio que vocês não deixarão também, meu filho e minha filha, de cumprir o próprio dever.

— Querido pai, nunca! — exclamou Príncipe.

— Nunca, nunca, querido Sr. Turveydrop! — repetiu Caddy.

— Assim — disse o Sr. Turveydrop — é que deve ser. Meus filhos, meu lar é vosso, meu coração é vosso, tudo quanto possuo é vosso. Jamais os deixarei. Nada, a não ser a morte, nos separará. Meu querido filho, espero que tencionem ausentar-se apenas uma semana, não?

— Uma semana, querido pai. Voltaremos para casa de hoje a uma semana.

— Meu querido filho — disse o Sr. Turveydrop —, permita-me que lhe recomende, mesmo na presente circunstância excepcional, que seja estritamente pontual. É de suma importância conservar a clientela, porque os alunos, se a gente se descuida deles, podem sentir-se ofendidos.

— De hoje a uma semana, papai, temos certeza de estar em casa para jantar.

— Ótimo! — exclamou o Sr. Turveydrop. — Encontrarão fogo aceso em seus aposentos, minha querida Carolina, e jantar preparado no meu apartamento. Sim, sim, Príncipe! — disse ele, como se, com ar imponente, se antecipasse a qualquer objeção negativa do filho. — Você e a nossa Carolina sentir-se-ão sós na parte superior da casa e, portanto, naquele dia jantarão comigo nos meus aposentos. Agora, que Deus os abençoe!

Partiram e não sei quem mais admirei, se a Sra. Jellyby, se o Sr. Turveydrop. Ada e meu tutor se achavam nas mesmas condições quando fomos conversar a respeito. Antes, porém, de partirmos, recebi também um cumprimento inesperado e eloquente da parte do Sr. Jellyby. Aproximou-se de mim na sala, pegou-me ambas as mãos, apertou-as fervorosamente e abriu a boca duas vezes. Eu estava tão certa do que aquilo significava que disse muito confusa: — Nada tem que agradecer, senhor! Não tem de quê!

— Espero que este casamento dê certo, tutor — disse eu quando voltávamos os três para casa.

— Espero também que sim, mulherzinha. Paciência. Veremos.

— Estará o vento a soprar de leste hoje? — aventurei-me a perguntar-lhe.

Ele riu-se cordialmente e respondeu: — Não.

— Mas penso que esta manhã deve ter soprado — disse eu.

Ele respondeu “não” de novo, e desta vez a minha querida Ada respondeu também “não” ao meu ouvido e sacudiu a linda cabecinha que, com as flores em botão pousadas no cabelo louro, parecia a própria primavera.

— Está muito conhecedora de ventos de leste, minha feiazinha — disse eu, beijando-a no ardor de minha admiração que não pude conter.

Sei muito bem que tudo partia do amor que me tinham, e isso já foi há

muito tempo. Devo escrevê-lo, ainda que depois o apague, porque isso me causa muito prazer. Diziam eles que não poderia haver ventos de leste onde alguém estivesse: diziam que aonde quer que D^a Durden fosse, haveria brilho de sol e ar estival.

ENFERMEIRA E DOENTE

Muitos dias passara eu fora de casa novamente, quando uma noite subi as escadas de meu quarto para dar uma espiada por cima do ombro de Charley e verificar como ia ela com seu caderno de exercícios. Escrever era uma coisa penosa para Charley, que parecia destituída de qualquer poder natural sobre uma pena, pois dir-se-ia que em sua mão cada pena se tornava perversamente animada, andando às cegas e em ziguezague, parando esparrinhando tinta, descaindo nas beiradas, como um jumento de sela. Era curioso ver que letras de velho fazia a mão juvenil de Charley, aquelas, tão enrugadas, tão trêmulas, tão vacilantes; esta, tão rechonchuda e redonda. No entanto, Charley mostrava-se duma habilidade fora do comum em outras coisas e tinha uns dedinhos tão espertos como eu jamais vira.

— Bem, Charley — disse eu, reparando numa cópia da letra O, em que esta se via quadrada, triangular, periforme e desaprumada de todos os feitios —, estamos progredindo. Agora só falta fazermos esta letra redonda, e estará perfeita, Charley.

Depois fiz uma, e Charley fez outra, mas a pena não fechou direito a de Charley, confundindo tudo numa espécie de nó.

— Não faz mal, Charley. Haveremos de consegui-lo.

Terminada a cópia, Charley depôs a pena, abriu e fechou a mãozinha entorpecida, contemplou gravemente a página, entre orgulhosa e duvidosa. Depois levantou-se e fez-me uma cortesia.

— Obrigada, senhorita. Tenha a bondade de dizer-me: conhece uma pobre chamada Jenny?

— A mulher dum tijoleiro, Charley? Conheço, sim.

— Veio falar-me quando estive fora há pouco e disse-me que a conhecia. Perguntou-me se eu não era a criadinha da jovem senhora — pois pensa que a

senhorita é a jovem senhora — e eu respondi que sim.

— Pensei que ela já houvesse deixado estas vizinhanças, Charley.

— Tinha, sim, mas voltou de novo para onde costumava morar — ela e Liz. Conhece outra pobre chamada Liz, senhorita?

— Creio que conheço, Charley, ainda que não de nome.

— Foi isso mesmo que ela disse — replicou Charley. — Todas duas voltaram, senhorita, e têm andado por aí, para baixo e para cima.

— Têm andado para baixo e para cima, Charley?

— Sim, senhorita. — Se Charley pudesse fazer as letras de sua cópia tão redondas como os olhos com que me fitava, elas teriam saído excelentes. — E essa pobre andou rondando a casa três ou quatro dias na esperança de avistá-la — que era tudo quanto desejava, disse ela — mas a senhorita estava ausente. Foi então quando me viu. Viu-me andando por aí — disse Charley com uma risadinha de grande satisfação e orgulho — e pensou que eu fosse a criada da senhorita.

— Pensou realmente isso, Charley?

— Sim, senhorita — disse Charley —, tal qual.

E Charley, com outra risadinha do mais puro júbilo, arredondou os olhos mais uma vez e mostrou-se tão séria como convinha a minha criada. Não me cansava de ver Charley no pleno gozo daquela grande dignidade, de pé diante de mim, com seu rosto e seu corpo juvenil, seu porte decidido e sua satisfação pueril irrompendo de vez em quando duma forma tão divertida, através daquela gravidade.

— E onde foi que você a viu, Charley? — perguntei.

A fisionomia de minha criadinha mostrou-se um pouco abatida quando ela respondeu: — À porta da casa do médico, senhorita. — Pois Charley usava ainda seu traje de luto.

Perguntei-lhe se a mulher do tijoleiro estava doente, mas Charley respondeu que não. Era outra pessoa. Alguém da choupana dela que viera arrastando-se a pé até Saint Albans e ia continuar sua caminhada não sabia para onde. Um pobre menino, disse Charley. Sem pai, sem mãe, sem ninguém. Como poderia ter acontecido a Tom, senhorita, se Ema e eu

tivéssemos morrido depois de papai — disse Charley, com os redondos olhos rasos de lágrimas.

— E ela ia em busca de remédio para o menino, Charley?

— Ela contou, senhorita — respondeu Charley —, que esse rapazinho já fizera outro tanto por ela.

Havia tanta ânsia no rosto da minha criadinha e suas mãos tranquilas estavam tão fortemente enclavinadas enquanto ela permanecia de pé, a olhar-me, que não tive grande dificuldade em ler seus pensamentos.

— Está bem, Charley — disse eu —, parece-me que o melhor que temos a fazer é ir ter com Jenny e ver de que se trata.

A alacridade com que Charley trouxe meu chapéu e meu véu e com que, tendo-me ajudado a vestir-me, graciosamente se cobriu com seu xale quente, tomando um aspecto de velhinha, exprimia suficientemente sua boa vontade. De modo que Charley e eu, sem dizermos nada a ninguém, saímos.

Era uma noite fria e áspera, e as árvores tremiam com o vento. A chuva caíra o dia inteiro, espessa e pesada, o que vinha acontecendo, com pequenos intervalos, havia vários dias. Naquele momento, porém, não estava chovendo. O céu havia clareado em parte, mas estava muito nublado, mesmo acima de nós, onde umas poucas estrelas brilhavam. Ao norte e ao noroeste, onde o sol se pusera três horas antes, via-se uma luz pálida e mortiça, ao mesmo tempo bela e horrenda, dentro da qual longas e sombrias fileiras de nuvens ondulavam como um mar imobilizado, no momento em que se intumescera. Para os lados de Londres, um lúgubre clarão dominava toda a negra imensidade e era extremamente solene o contraste entre essas duas luzes e a ideia fantástica que a luz mais vermelha gerava de um fogo ultraterreno, a rutilar sobre os invisíveis edifícios da cidade e sobre os rostos de seus muitos milhares de admirados habitantes.

Eu não tinha a mínima ideia naquela noite, nem ninguém mais a tinha, estou certa, do que estava para acontecer-me em breve. Mas desde então nunca deixei de lembrar-me que, quando paramos no portão do jardim para olhar para o céu e quando depois prosseguimos nosso caminho, tive, por um instante, uma impressão indefinível de ser eu alguma coisa diferente do que era então. Sei que foi ali e naquele momento que tive essa impressão. Desde aquele instante liguei esse sentimento àquele lugar e àquela ocasião e a tudo

quanto se associava àquele lugar e àquela ocasião, às vozes distantes na cidade, ao latido dum cão, ao barulho de rodas descendo a colina lamacenta.

Era uma noite de sábado e a maior parte das pessoas residentes no lugar para onde nos dirigíamos bebia em alguma parte. Achamos o lugar mais quieto do que eu o vira antes, embora conservasse a mesma miséria. Os fornos ardiam e uma fumaça sufocante avançava na nossa direção, com um clarão azul pálido.

Chegamos ao casebre, onde havia uma vela a tremeluzir na janela. Batemos à porta e entramos. A mãe da criancinha que morrera estava sentada numa cadeira a um lado do fogo mortiço, junto à cama. Em frente dela, um rapazinho em estado miserável, encostado à chaminé, estava agachado no chão. Tinha debaixo do braço, como se fosse uma pequena trouxa, um pedaço de boné de pele, e, enquanto procurava aquecer-se, tremia a ponto de fazer tremer a porta e a janela desequilibradas. O lugar estava mais sem ventilação do que antes e exalava um cheiro doentio e muito característico.

Não tinha eu levantado o meu véu quando falei primeiro à mulher no momento da nossa entrada. Instantaneamente o rapazinho ergueu-se cambaleando e fitou-me com notável expressão de surpresa e terror.

Sua ação foi tão rápida e era tão evidente ter sido eu a causa de tudo, que fiquei parada em vez de aproximar-me.

— Não irei mais ao cemitério — murmurou o rapaz. — Não fui mais por lá, é o que lhe digo!

Ergui o véu e falei com a mulher. Ela me disse em voz baixa: — Não faça caso, minha senhora. Não tardará em voltar a si — e dirigindo-se a ele: — Jo, Jo, de que se trata?

— Sei para que é que ela veio! — exclamou o rapazinho.

— Quem?

— Esta senhora. Veio buscar-me para ir com ela ao cemitério. Eu não irei ao cemitério. Não gosto do nome que está escrito nele. Ela poderia querer-me enterrar.

Recomeçou a tremer e, ao encostar-se à parede, fez estremecer o casebre.

— Passou o dia inteiro a falar a respeito de coisas assim, minha senhora — disse Jenny, baixinho. — Ora, que maneira de olhar é essa, Jo? Esta é a

senhora minha conhecida.

— É? — disse o rapazinho, duvidoso e a examinar-me, conservando o braço acima de seus olhos ardentes. — Ela se parece com a outra. Não tem o chapéu e a saia, mas parece-se com a outra.

A minha pequena Charley, com sua precoce experiência de doenças e desgraças, tinha tirado o chapéu e o xale e depois aproximou-se devagarinho dele com uma cadeira, sentando-o nela, com o tato duma velha enfermeira, desta diferindo no fato de não poder apresentar ao doente um rosto tão jovem como o de Charley, que parecia atrair a confiança do menino.

— Escute! — disse o rapazinho. — Diga-me: esta aí não é mesmo a outra senhora?

Charley abanou a cabeça, enquanto cuidadosamente lhe arranjava os andrajos, para que ele se sentisse o mais quente possível.

— Oh! — murmurou o menino. — Então acredito que não seja.

— Vim ver se podia fazer-lhe algum bem — disse eu. — Que é que você está sentindo?

— Fiquei enregelado — respondeu roucamente o menino, com o olhar desvairado girando em torno de mim — e depois um calorão, depois frio de novo, depois calor, isso muitas vezes numa hora. E sinto uma sonolência e a cabeça rodando, que parece que enlouqueço, tenho uma sede... e os meus ossos... os meus ossos estão todos doendo.

— Quando chegou ele aqui? — perguntei à mulher.

— Esta manhã, minha senhora, encontrei-o numa esquina. Tinha-o conhecido em Londres. Não foi, Jo?

— Em Tom-All-Alone's — respondeu o menino.

Quando acontecia ele fixar sua atenção ou seus olhos, era apenas por pouco tempo. Em breve começava a deixar a cabeça pender de novo, rolando-a pesadamente, e a falar como se não estivesse bem acordado.

— Quando veio ele de Londres? — perguntei.

— Vim de Londres ontem — disse o próprio rapazinho, agora vermelho e ardente. — Ia para qualquer parte.

— Para aonde ia ele? — perguntei.

— Para qualquer parte — repetiu o menino, em tom mais alto. — Fui obrigado a mudar-me, a mudar-me de novo, sem ter mais descanso, desde que aquela outra senhora me deu o soberano. A Sra. Snagsby está sempre a vigiar-me e a repelir-me. Que é que eu fiz a ela? E todos estão sempre a vigiar-me e a repelir-me. Todos fazem isso, desde que me levanto da cama até a hora de ir deitar-me. Por isso estou indo para qualquer parte. Para qualquer parte é para onde vou. Lá em Tom-All-Alone's ela me disse que viera de Stolbuns, e então tomei a estrada de Stolbuns. É tão boa como outra qualquer.

Sempre acabava dirigindo-se a Charley.

— Que se poderá fazer com ele? — perguntei, tomando a mulher de parte. — Não poderia viajar neste estado, ainda que tivesse alguma coisa em vista e soubesse para onde dirigir-se.

— Sei tanto como os mortos, minha senhora — respondeu ela, relanceando os olhos para ele, condoída. — Talvez os mortos saibam melhor, se lhes fosse dado contar-nos. Conservei-o aqui o dia inteiro com pena dele. Dei-lhe caldo e remédio. Liz saiu a ver se alguém queria ficar com ele (está ali na cama o meu queridinho — o filho dela, mas que eu chamo meu); mas não posso conservá-lo por muito tempo, porque se meu marido chegar e o encontrar aqui, é bastante rude para pô-lo fora de casa e poderia até machucá-lo. Escute! É Liz que está voltando!

A outra mulher entrou apressada, no instante mesmo em que Jenny falava, e o rapazinho levantou-se, percebendo confusamente que lhe competia ir-se embora. Quando foi que a criancinha acordou e quando e como Charley a ela se dirigiu, a tirou da cama e começou a passear, ninando-a, não consigo saber. Ali estava ela, fazendo tudo isso, com um jeito tranquilo e maternal, como se estivesse morando de novo com Ema e Tom na água-furtada da Sra. Blinder.

A mulher andara aqui e ali, fora mandada de Herodes para Pilatos e acabara voltando como saíra. A princípio disseram que era cedo demais para o rapazinho ser recebido no abrigo próprio e por fim disseram que era demasiado tarde. Um funcionário despachava-a para outra e este a despachava de volta para o primeiro, e assim para diante e para trás, até que me pareceu que ambos haviam sido nomeados por sua habilidade em se furtar a seus deveres, em vez de cumpri-los. E afinal ela conseguiu dizer, resfolegando,

pois estivera correndo e achava-se também amedrontada: — Jenny, seu marido vem vindo pela estrada, e o meu não anda muito distante atrás do seu. Que Deus se compadeça do rapazinho, porque não pudemos fazer mais nada por ele! — Juntaram algumas patacas e meteram-nas às pressas na mão dele, e assim, meio hebetado, meio agradecido, parecendo não saber bem o que fazia, o rapaz foi saindo com dificuldade.

— Dê-me a criança, meu bem - — disse a mãe desta a Charley. — Muito obrigada pela sua bondade. Jenny, minha amiga, boa noite! Minha senhora, se meu marido não brigar comigo, darei de vez em quando uma vista pelo forno, onde é bem provável que o rapazinho fique, e amanhã de manhã farei a mesma coisa.

Saiu correndo, e pouco depois passamos por ela, que, à porta de sua casa, cantava, ninando a criança e olhando com ansiedade ao longo da estrada, a ver se avistava seu marido embriagado.

Eu receava ficar por ali a falar com as duas mulheres e metê-las em complicações. Mas disse a Charley que não podíamos deixar o menino morrer. Charley, que, mais do que eu, sabia o que cumpria fazer e cuja presteza igualava sua presença de espírito, antecipou-se-me e dentro em pouco alcançamos Jo a pequena distância do forno de tijolos.

Penso que ele devia ter começado sua jornada com algum pequeno embrulho debaixo do braço, que lhe foi roubado ou então perdeu, pois carregava ainda o mísero pedaço de boné de pele como se fosse um embrulho, conquanto andasse de cabeça descoberta à chuva, que agora caía mais copiosa. Parou quando o chamamos, e de novo mostrou ter pavor de mim, quando o alcancei, tendo parado, com os brilhantes olhos fixos em mim, e até mesmo cessando de tremer com os seus calafrios.

Convidei-o a vir conosco, pois trataríamos de arranjar-lhe abrigo para passar a noite.

— Não preciso de abrigo — disse ele —, posso ficar deitado entre os tijolos quentes.

— Mas não sabe você que morre gente ali? — perguntou Charley.

— Morre-se em toda a parte — respondeu o menino. — Morre-se nos quartos — ela sabe onde; mostrei a ela — e morre-se aos montões em Tom-All-Alone's. Morre-se mais do que se vive, como vejo.

Depois falou com voz rouca e baixinho a Charley:

— Se ela não é a outra, não é também a estrangeira. Haverá então três dessas mulheres?

Charley olhou para mim um tanto amedrontada. Eu mesma me sentia meio amedrontada quando o rapazinho me fitava daquela maneira.

Mas ele se voltou e seguiu-nos quando lhe fiz sinal, e, descobrindo que ele reconhecia em mim aquela influência, pus-me a caminhar diretamente para casa. Não era distante; ficava no alto da colina. Cruzamo-nos somente com um homem. Duvido que tivéssemos conseguido chegar a casa sem auxílio, tão incertos e vacilantes eram os passos do rapaz. Não se queixava, porém, e mostrava-se estranhamente indiferente a si mesmo, se posso afirmar uma coisa tão estranha.

Deixando-o no vestíbulo um momento, encolhido a um canto da janela e olhando com uma indiferença, que mal poderia dizer-se espanto, o conforto e o brilho das coisas que o cercavam, fui à sala de visitas para falar com o meu tutor. Ali encontrei o Sr. Skimpole, que tinha chegado de coche, como frequentemente fazia, sem avisar, nunca trazendo roupas, mas sempre pedindo emprestado tudo quanto necessitava.

Vieram comigo imediatamente para ver o rapaz. A criadagem também acudira ao vestíbulo, enquanto ele tremia no assento da janela com Charley a seu lado, parecendo um animal ferido que tivesse sido descoberto num fosso.

— É um caso bem triste este — disse meu tutor, depois de fazer-lhe uma ou duas perguntas, palpando-o e examinando-lhe os olhos. — Que diz você, Haroldo?

— Seria melhor pô-lo fora — disse o Sr. Skimpole.

— Que quer você dizer? — perguntou meu tutor, quase com aspereza.

— Meu caro Jarndyce — disse o Sr. Skimpole —, você sabe o que eu sou: uma criança. Zangue-se comigo, se o mereço. Mas tenho uma objeção fundamental a esta espécie de coisa. Sempre tive, quando era médico. Como você vê, esse rapaz não está são. Está com uma febre ruim.

O Sr. Skimpole passara de novo do vestíbulo para o salão e, tendo dito isso com o seu modo despreocupado, sentou-se no mocho do piano, enquanto ficávamos perto.

— Dirão que é puerilidade — observou o Sr. Skimpole, olhando alegremente para nós. — Concorde que seja. Mas eu sou uma criança e nunca pretendi ser outra coisa. Se vocês o puserem de novo na estrada, colocá-lo-ão apenas onde estava antes. Bem sabem que não ficará pior do que já estava. Favoreçam-no, se quiserem. Deem-lhe seis *pence*, ou cinco xelins, ou cinco libras e dez *pence* — vocês são matemáticos, eu não — e livrem-se dele!

— E que irá ele fazer depois? — perguntou o meu tutor.

— Palavra de honra — disse o Sr. Skimpole, dando de ombros, com seu atraente sorriso —, não tenho a menor ideia do que ele irá fazer. Mas não tenho dúvida de que alguma coisa fará.

— Ora, não é uma horrível reflexão — perguntou o meu tutor, a quem eu apressadamente explicara os inúteis esforços das duas mulheres —, não é uma horrível reflexão — e andava de um lado para outro, pondo em desordem os cabelos — pensar que, se essa desgraçada criatura fosse um réu preso, o hospital estaria aberto de par em par para ele e seria tão bem tratado lá quanto qualquer outro rapaz doente do reino?

— Meu caro Jarndyce — replicou o Sr. Skimpole —, você vai me perdoar a simplicidade da pergunta, vindo como vem de uma criatura, inteiramente simples em todos os assuntos deste mundo, mas por que não será ele um réu preso?

Meu tutor parou e olhou para Skimpole com uma mistura extravagante de divertimento e indignação no rosto.

— Suponho que o nosso jovem amigo não seja assim tão delicado — disse o Sr. Skimpole com descaramento e candura. — Quer-me parecer que seria mais avisado e até certo ponto mais respeitável que ele demonstrasse alguma energia mal orientada, que o fizesse dar com os quartos na prisão. Haveria nisso bem mais espírito de aventura e consequentemente um pouco mais de poesia.

— Acredito — retrucou o meu tutor, recomeçando seu agitado passeio — que não haja sobre a terra outra criança igual a você.

— Acredita mesmo? — disse o Sr. Skimpole. — É provável. Mas confesso não ver por que o nosso jovem amigo, na sua posição, não procure revestir-se de toda a poesia que está ao seu dispor. Por certo nasceu com apetite — provavelmente, quando se encontra em bom estado de saúde, tem

um excelente apetite. Muito bem. Na hora natural do almoço de nosso jovem amigo, aí pelo meio-dia com certeza, o nosso jovem amigo diz com efeito à sociedade: “Estou com fome. Querem ter a bondade de mostrar sua colher e alimentar-me?” A sociedade, que tomou a seu cargo o arranjo geral de todo o sistema de colheres e declara ter uma colher para o nosso jovem amigo, não mostra essa colher e, por conseguinte, diz o nosso jovem amigo: “Hão de por certo desculpar-me se me apodero dela.” Ora, isso se me afigura um caso de energia transviada, que tem em si certa quantidade de razão e certa quantidade de romantismo, e não posso negar que esteja mais interessado pelo nosso jovem amigo como um exemplo de tal caso do que simplesmente como um pobre vagabundo — o que qualquer um pode ser.

— E nesse entrementes — aventurei-me observar — ele vai piorando.

— Nesse entrementes — repetiu alegremente o Sr. Skimpole —, como observa Miss Summerson, com seu prático bom senso, ele vai piorando. Portanto, recomendo que o ponham para fora antes que ele fique ainda pior.

Creio que nunca esquecerei o rosto amável com que ele disse isso.

— Sem dúvida, mulherzinha — observou meu tutor, voltando-se para mim —, posso garantir a admissão dele no lugar devido, indo até lá simplesmente para exigir isso, embora não seja das melhores coisas, quando se faz necessária, estando ele nas condições em que está. Mas faz-se tarde, a noite é má e o rapazinho já está extenuado. Há uma cama naquele bom sótão junto à estrebaria. Melhor será que o conservemos ali até amanhã, quando então poderá ser agasalhado e removido. É o que faremos.

— Oh! — exclamou o Sr. Skimpole, com as mãos em cima das teclas do piano, enquanto nos íamos retirando. — Voltam a ocupar-se do nosso jovem amigo?

— Sim — respondeu meu tutor.

— Como invejo o seu temperamento, Jarndyce! — volveu o Sr. Skimpole, com admiração brincalhona. — Você não se importa com essas coisas, nem tampouco Miss Summerson. Estão sempre prontos a ir a qualquer parte e a fazer qualquer coisa. Isto é força de vontade! Não tenho nenhuma força de vontade — não que não queira —, mas é que simplesmente não posso.

— Não poderá você receitar qualquer coisa para o menino? — perguntou

meu tutor, olhando para trás por cima do ombro, meio colérico, apenas meio colérico, porque nunca parecia considerar o Sr. Skimpole uma criatura responsável.

— Meu caro Jarndyce, notei que ele tem no bolso um frasco de remédio refrescante, e para ele nada melhor do que tomá-lo. Pode dizer aos criados que borrifem um pouco de vinagre no lugar onde ele vai dormir, conservando o lugar moderadamente fresco e a ele moderadamente quente. Mas é simples impertinência de minha parte fazer qualquer recomendação. Miss Summerson tem tal ciência do pormenor e tal capacidade de organizar os pormenores, que sabe o que é necessário fazer.

Voltamos ao vestibulo e explicamos a Jo o que propúnhamos fazer, reforçando Charley a nossa explicação. Ele ouviu tudo com aquela lânguida displicência que eu já havia observado, olhando sem interesse para tudo quanto se fazia, como se fosse para outrem que não para ele. Compadecidos os criados com o seu estado e ansiosos por auxiliá-lo, dentro em pouco estava pronto o quarto do sótão, e alguns dos homens da casa carregaram-no, bem embrulhado, através do pátio molhado. Era um prazer observar quão bondosos se mostravam para com ele. Era impressão geral entre eles que chamá-lo frequentemente “meu velho” parecia reanimar-lhe o espírito. Charley dirigia as operações e andava para baixo e para cima entre o sótão e a casa, com os pequenos estimulantes e comodidades que achamos conveniente proporcionar ao rapaz. Até meu tutor esteve com ele, antes que adormecesse, e me comunicou, ao voltar à Resmungadoria para escrever uma carta em favor do rapaz, a qual um mensageiro se encarregaria de levar logo de manhã cedo, que ele parecia mais descansado e disposto a dormir. Haviam fechado a porta do sótão por fora, disse ele, para o caso de vir o rapaz a delirar, mas arranjaram as coisas de tal modo que qualquer barulho que ele fizesse seria ouvido.

Como Ada estivesse com um resfriado e em nosso quarto, o Sr. Skimpole ficara só todo esse tempo, e entretinha-se tocando trechos de árias patéticas e algumas vezes acompanhando-as com canto (como ouvíamos a distancia) com grande expressão e sentimento. Quando voltamos para seu lado, na sala de visitas, disse que nos faria ouvir uma pequena balada que lhe viera à memória, “a propósito do nosso jovem amigo”, e cantou uma referente a um camponesinho,

*“Lançado ao mundo imenso, a vagar condenado,
Sem pai, sem mãe, sem pão, sem o abrigo dum lar,”*

de um modo muito primoroso. Era uma canção que sempre o fazia chorar, disse-nos ele.

Mostrou-se extremamente alegre, durante o resto da noite, “pois se sentia cheio de gorjeios” (era nestes termos que exprimia seu regozijo) “quando pensava na feliz bossa para negócios que tinha”. Fez votos, ao beber seu copo de sangria, “pela saúde do nosso jovem amigo!” e imaginou, prosseguindo nisso prazenteiramente, a hipótese de estar ele destinado, como Whittington, a vir a ser o Lorde Mayor de Londres. Nesse caso fundaria sem dúvida o Instituto Jarndyce e o Asilo Summerson e uma pequena Sociedade de Peregrinação anual a Saint Albans. Não tinha dúvida, dizia ele, de que o nosso jovem amigo fosse um excelente rapaz a seu modo, mas seu modo não era o modo de Haroldo Skimpole. O que Haroldo Skimpole era, o próprio Haroldo Skimpole havia descoberto com enorme surpresa sua quando veio a conhecer a si mesmo pela primeira vez. Aceitara-se com todas as suas deficiências e achara ser profunda filosofia aproveitar o negócio o melhor possível, e esperava que nós fizéssemos o mesmo.

A última notícia de Charley foi que o rapazinho estava quieto. Da minha janela, eu podia ver a lanterna que tinham deixado lá ardendo tranquilamente, e fui deitar-me muito contente ao pensar que ele estava bem resguardado.

Houve mais movimento e mais falatório do que de costume antes do raiar do dia, o que me despertou. Ao vestir-me, olhei de minha janela e perguntei a um de nossos empregados, que fora dos mais compassivos na noite passada, se havia alguma novidade. A lanterna ainda ardia na janela do sótão.

— Trata-se do rapaz, senhorita — disse ele.

— Está pior? — perguntei.

— Foi-se, senhorita.

— Morreu?

— Morreu, senhorita? Não. Deu o fora.

A que hora da noite ele se fora embora, ou como e por quê, parecia

impossível adivinhar. A porta permanecia como fora deixada e a lanterna também na janela. Só se podia supor que ele conseguira sair por um alçapão no soalho, comunicando com uma cocheira vazia embaixo. Mas se isso se dera, ele o fechara de novo, pois parecia não ter sido levantado. Não faltava absolutamente nada. Plenamente certificados desse fato, todos passamos a admitir com pesar que o delírio se apoderara dele durante a noite e que, atraído por algum imaginário objetivo ou perseguido por algum terror imaginário, havia fugido naquele estado mais que desesperador. Todos nós, repito, assim o julgamos, com exceção do Sr. Skimpole, que repetidamente alvitrava, no seu usual estilo fácil e leviano, que o nosso jovem amigo se convencera de que era um hóspede indesejável, com aquela febre de mau caráter, e que por isso, com grande polidez natural, tratara de ir-se embora.

Fizeram-se todas as indagações possíveis, dando-se busca em todos os lugares. Os fornos de tijolos foram examinados, visitadas as choupanas, interrogadas de modo particular as duas mulheres, mas nada a respeito dele sabiam, e ninguém podia duvidar da veracidade do espanto que demonstravam. A atmosfera estivera por algum tempo muito úmida e a noite por demais molhada para permitir vestígios de pés. Sebes, valas, muros, medas e pilhas foram examinados por nossos empregados num raio de um par de quilômetros em redor, pois receávamos que o menino pudesse estar caído, insensível ou morto, em qualquer daqueles lugares, mas nenhum indício se descobriu de que houvesse estado por ali. Desde o instante em que fora deixado no sótão, desaparecera.

A busca continuou por cinco dias. Não quero dizer com isso que ela cessou mesmo então, mas que minha atenção foi desviada depois para uma série de fatos muito memoráveis para mim.

Como Charley estivesse de novo a escrever seus exercícios no meu quarto, à noite, e eu me achasse sentada diante dela a costurar, percebi que a mesa tremia. Levantando os olhos, vi minha criadinha tiritando da cabeça aos pés.

— Charley — perguntei —, está assim com tanto frio?

— Creio que sim, senhorita — respondeu ela. — Não sei o que é. Não posso ficar quieta. Senti a mesma coisa ontem, mais ou menos a esta mesma hora. Não fique assustada, mas creio que estou doente.

Ouvi a voz de Ada fora e corri para a porta de comunicação entre meu

quarto e o nosso lindo salãozinho, fechando-a. Muito a tempo, pois ela pôs-se a bater à porta quando eu ainda tinha a mão na chave.

Ada pediu-me que a deixasse entrar, mas eu disse: — Agora não, minha querida. Vá-se embora. Não há nada de importância. Vou agora mesmo ter com você. — Ah! muito, muito tempo se passou antes que minha querida menina e eu fôssemos companheiras de novo.

Charley caiu doente. Dentro de doze horas seu estado se agravou enormemente. Transporte-i-a para o meu quarto, deitei-a na minha cama e entrei sossegadamente a tratar dela. Conte-i a meu tutor o que se passava e disse-lhe a razão pela qual achava necessário separar-me de todos e, acima de tudo, não procurar ver minha querida Ada. A princípio ela veio muitas vezes à porta, chamando-me e até mesmo censurando-me, entre soluços e lágrimas. Mas escrevi-lhe uma longa carta, explicando-lhe que ela me enchia de ansiedade e de tristeza, e implorando-lhe, pelo amor que me tinha e se queria que meu espírito ficasse em paz, que se limitasse a chegar apenas até o jardim. Depois disso, Ada ficava embaixo da janela, muitas vezes mais do que viera até a porta e, se eu antes aprendera a amar sua voz doce e querida quando raramente nos separávamos, quanto a amava mais agora quando eu me punha atrás da cortina da janela, ouvindo e respondendo, mas sem ousar olhar para fora! Como aprendi mais a amá-la depois, quando os tempos difíceis chegaram!

Puseram uma cama para mim na nossa sala de estar e, conservando a porta completamente aberta, transformei os dois aposentos num só, agora que Ada havia abandonado aquela parte da casa, conservando-os sempre frescos e arejados. Não havia uma criada na casa ou perto dela que não tivesse a melhor vontade de atender-me, a qualquer hora do dia ou da noite, sem o menor receio ou contrariedade. Mas achei melhor escolher uma mulher de confiança que nunca tivesse de estar com Ada e a quem eu pudesse mandar ir e vir com toda a precaução. Graças a ela, saía eu a tomar ar com meu tutor, quando não havia receio de encontrar Ada e não me faltava nada, tanto no que se refere a auxílio como a qualquer outro respeito.

E assim a pobre enferma foi piorando e chegou mesmo a sério perigo de vida, ficando em estado grave durante longa sucessão de dias e de noites. Charley era tão paciente, tão resignada e inspirada por tão delicada fortaleza de ânimo, que muitas vezes, ao sentar-me junto dela, segurando-lhe a cabeça

em meus braços — pois só nessa posição é que a doente conseguia algum repouso —, rogava silenciosamente a nosso Pai do Céu que jamais viesse a esquecer a lição que aquela pequenina irmã me dava.

Muito pesar me causava pensar que os lindos traços de Charley mudariam, se desfigurariam, ainda que ela viesse a recuperar a saúde (era uma criança tão linda com suas covinhas no rosto!), mas esse pensamento se esfumava pela maior parte diante do grande perigo que ela corria. Quando estava pior e seu pensamento vagava de novo em torno dos cuidados à cabeceira de seu pai doente e das criancinhas, ainda me conhecia a ponto de ficar quieta em meus braços, pois em nenhuma outra posição podia repousar, exprimindo menos agitada, em voz baixa, as fantasias de seu pensamento. Nessas ocasiões eu costumava pensar como poderia dizer às duas crianças restantes que estava morta a irmãzinha que aprendera em seu coraçãozinho fiel a ser para elas uma mãe, quando dela necessitavam.

Outras vezes Charley me conhecia muito bem, conversava comigo, dizendo-me que mandava muitas lembranças a Tom e Ema e que estava certa de que Tom havia de ser um homem de bem. Nessas ocasiões Charley me falava do que lera para seu pai, o melhor que pudera para confortá-lo: a respeito daquele rapaz que levavam a enterrar e que era o filho único de sua mãe viúva; da filha do régulo erguida do seu leito de morte pelo poder da mão graciosa. E Charley contou-me que, quando seu pai morreu, ela logo se ajoelhou e rezara na sua dor, pedindo que ele também se erguesse e voltasse para junto de seus pobres filhos, e que, se ela nunca melhorasse e viesse a morrer também, acreditava pudesse ocorrer igualmente a Tom o pensamento de fazer a mesma oração por ela. Depois, queria eu mostrar a Tom como aquelas pessoas dos tempos passados tinham voltado a viver na terra somente para que ficássemos conhecendo a nossa esperança de sermos restituídos ao céu?

Mas de todas as várias fases da doença de Charley, nenhuma houve em que ela perdesse as qualidades delicadas de que falei. E muitas e muitas houve em que pensei de noite na derradeira e alta crença do anjo da guarda e na derradeira e mais alta confiança em Deus, da parte do pobre e desprezado pai de Charley.

E Charley não morreu. Hesitando e vagarosamente, dobrou ela o ponto perigoso depois de jazer muito tempo ali, e em seguida começou a melhorar.

A esperança, que nunca fora perdida desde o princípio, de Charley vir a ter novamente as mesmas feições de outrora começou dentro em breve a aumentar, e vi que lhe voltavam suas antigas feições infantis.

Foi um grande dia aquele em que pude dizer tudo isso a Ada, que se achava lá fora no jardim. E foi uma grande tarde aquela em que Charley e eu afinal tomamos chá juntas no aposento vizinho. Mas naquela mesma tarde percebi que envelhecera.

Felizmente para nós ambas, só quando Charley se achava a salvo de novo no seu leito e placidamente adormeceu, foi que comecei a pensar num possível contágio. À hora do chá eu pudera facilmente ocultar o que sentia. Mas isso já se passara e eu sabia que estava indo rapidamente pelo mesmo caminho de Charley.

Achei-me, porém, suficientemente disposta para levantar-me de manhã cedo, para retribuir o alegre cumprimento que lá do jardim me mandava a minha querida Ada, e conversar com ela tanto tempo como de costume. Mas não conseguia libertar-me da impressão de que estivera a andar de noite pelos dois aposentos, um pouco fora de mim, embora sabendo onde me achava. E às vezes sentia-me confusa — com uma curiosa sensação de enchimento, como se me estivesse dilatando de todo em todo.

À noite, estava tão mal que resolvi preparar Charley, e com essa intenção disse-lhe: — Você já está ficando bem forte, não é, Charley?

— Oh! já, sim!

— Bastante forte, Charley, para ouvir um segredo, não é?

— Sim, bastante forte para isso! — exclamou Charley.

Mas seu rosto se anuviou no auge de seu deleite, pois no meu rosto vira o segredo.

Levantou-se então da poltrona e caiu no meu colo, dizendo: — Oh! minha querida, a culpa é minha, é toda minha! — E muitas e muitas outras expressões lhe brotaram da plenitude de seu coração agradecido.

— Agora, Charley — disse eu, depois de deixá-la falar por algum tempo —, se tenho de cair doente, minha grande confiança, humanamente falando, está em você. E se você não se mostrar tão calma e sossegada comigo como sempre estive quando se tratava de você, nunca poderá corresponder a essa

confiança, Charley.

— Deixe-me chorar um pouco mais — disse Charley. — Oh! minha querida, minha querida! se deixar que eu chore um pouco mais, minha querida — (nunca posso relembrar sem lágrimas quão afetosamente ela dizia isso, agarrada ao meu pescoço) —, eu me sentirei bem.

Deixei que Charley chorasse um pouco mais, e isso fez bem a nós ambas.

— Confie em mim agora, por favor, senhorita — disse Charley com calma. — Estou pronta a escutar tudo quanto disser.

— É pouca coisa agora, Charley. Direi a seu médico hoje à noite que acho que não me sinto bem e que você irá tratar de mim.

A pobre criança agradeceu-me isso de todo o coração.

— E de manhã, quando ouvir Miss Ada no jardim, se eu não estiver em condições de ir até a cortina da janela, como de costume, vá você, Charley, e diga que estou dormindo... que me senti um tanto cansada e estou dormindo. Em todas as ocasiões conserve o quarto como eu o conservei, Charley, e não deixe ninguém entrar.

Charley prometeu, e eu deitei-me, pois sentia um grande peso. Vi o doutor aquela noite e pedi-lhe o favor de nada dizer ainda de minha doença aos de casa. Tenho uma lembrança indistinta de que aquela noite se confundiu com o dia e de que o dia se confundiu de novo com a noite. Mas assim pude, na manhã do primeiro dia, ir à janela e falar com Ada.

Na manhã seguinte ouvi sua voz querida (oh! quão querida agora!) no jardim, e pedi a Charley com alguma dificuldade (era-me penoso falar) que fosse dizer-lhe que eu estava dormindo. Ouvia-a responder, baixinho: — Por tudo quanto há no mundo, Charley, não a acorde!

— Que aspecto tem a minha querida Ada, Charley? — perguntei.

— De desilusão, senhorita — respondeu Charley, espreitando por trás da cortina.

— Mas eu sei que ela deve estar muito bela esta manhã.

— Está, sim, senhorita — respondeu Charley, espiando. — Continua olhando para a janela.

Com seus límpidos olhos azuis, benza-os Deus, sempre belos quando assim erguidos.

Chamei Charley e dei-lhe um último encargo.

— Agora, Charley, quando ela souber que estou doente, tentará entrar neste quarto. Conserve-a de fora, Charley, até o fim, se você gosta de mim de verdade! Charley, se você a deixar entrar uma vez sequer, ainda que para me ver um instante enquanto estou aqui deitada, eu morrerei.

— Não deixarei nunca! Nunca! — prometeu ela.

— Acredito, minha querida Charley. E, agora, venha sentar-se a meu lado um pouco, e ponha sua mão sobre mim, porque eu não a posso ver, Charley, eu estou cega.

A HORA MARCADA

É noite em Lincoln's Inn — confuso e tumultuoso vale da sombra da lei, onde em geral os litigantes mal enxergam um pouco de luz — e grossas velas são apagadas em escritórios, donde se dispersam os escreventes, descendo de roldão os sujos degraus de madeira. O sino que toca às nove horas cessou seu som plangente e vão. Estão fechados os portões. E o porteiro da noite, homem solene dotado duma força poderosa de sono, monta guarda no seu canto. De fileiras de claraboias, lampiões vendados como os olhos da Justiça, Argos turvos, com uma insondável cavidade para cada olho e um olho em cada uma, piscam frouxamente para as estrelas. Em imundas janelas ao alto, aqui e ali, incertos clarões de vela denunciam a presença de sábios arrazoadores e notários entregues ainda à faina de enredar em malhas de carneira bens de raiz, na razão média de cerca de uma dúzia de carneiros para um acre de terra. Esses benfeitores da espécie ainda mourejam nessa indústria de abelhas, apesar de já haver passado a hora do expediente, para poderem dar cada dia boa conta da tarefa.

No largo vizinho, onde mora o Lorde Chanceler da loja de trapos e garrafas, há uma corrida geral para a cerveja e a ceia. A Sra. Piper e a Sra. Perkins — cujos respectivos filhos, misturados com um grupo de conhecidos a brincar o jogo das escondidas, andaram de emboscada, durante algumas horas, pelos atalhos do Beco do Tribunal, rondando por aquele logradouro público, com grande incômodo dos transeuntes — a Sra. Piper e a Sra. Perkins estiveram há pouco trocando congratulações pelo fato de já se acharem na cama as crianças e ainda se demoram, num degrau de porta, dizendo algumas palavras de despedida. O Sr. Krook e seu inquilino, e o fato de estar o Sr. Krook “continuamente na chuva”, e as perspectivas testamentárias que o rapaz acalenta, são, como de costume, o tema principal da conversa das duas. Mas têm igualmente de dizer alguma coisa a respeito da Reunião Harmônica na Sol's Arms, donde o som do piano, escapando pelas

janelas semi abertas, se faz ouvir no largo, e onde Little Swills, depois de haver conservado, como um verdadeiro Yorick, os amantes da harmonia num berreiro tremendo, pode ser agora ouvido a acompanhar a áspera linha melódica duma peça de concerto, rogando sentimentalmente a seus amigos e fregueses que “Escutem, escutem, escutem, a Queda da Cachoeira”. A Sra. Piper e a Sra. Perkins trocam ideias a respeito da jovem e célebre profissional que toma parte nas Reuniões Harmônicas e tem o nome estampado no cartaz manuscrito pregado na vitrina. A Sra. Perkins está informada de que ela se acha casada há ano e meio, embora o cartaz fale em Miss Melvilleson, a conhecida sereia, e que seu filhinho é clandestinamente levado todas as noites à Sol’s Arms para, durante os intervalos, receber a alimentação natural. — Preferiria a isso — diz a Sra. Perkins —, ganhar minha vida vendendo fósforos. — A Sra. Piper, conforme o quer o dever, é da mesma opinião, sustentando que um emprego particular é melhor do que o aplauso público e dando graças a Deus pela sua própria respeitabilidade (e, implicitamente, a da Sra. Perkins). A esse tempo, aparecendo o caixeiro da Sol’s Arms com a pinta de cerveja bem espumante, destinada à ceia da Sra. Piper, esta aceita o canjirão e retira-se, dando antes um cordial boa-noite à Sra. Perkins, que tem também na mão a sua pinta de cerveja, trazida da mesma taverna pelo jovem Perkins antes de haver este ido deitar-se. Agora ouve-se no largo um barulho de portas de lojas que se fecham e um cheiro semelhante ao de fumaça de cachimbos, e veem-se nas janelas mais altas como que luzes de estrelas cadentes, indicando que é tempo de repouso. Agora, também, o policial começa a empurrar portas, a experimentar fechos, a suspeitar de pacotes e a fazer a sua ronda, na hipótese de que cada qual esteja ou roubando ou sendo roubado.

Está uma noite opressiva, apesar de ser também penetrante o frio úmido, e há uma neblina retardada pairando baixo no ar. É uma bela noite nevoenta, de vantagem para os matadouros, as indústrias insalubres, os esgotos, as águas estagnadas e os cemitérios, e para dar algum serviço extraordinário ao registro de óbitos. Pode ser que seja alguma coisa no ar — é o que lá não falta — ou pode ser que falte alguma coisa nele mesmo, mas o Sr. Weevle, aliás Jobling, está muito inquieto. Vem e vai, entre seu quarto e a porta aberta da rua, vinte vezes por hora. Assim faz desde que anoiteceu. Desde que o Chanceler fechou sua loja, o que aconteceu bem cedo naquela noite, tem o Sr. Weevle andado de um lado para outro (com um barrete apertado de veludo

barato na cabeça, dando proporções desmedidas às suas suíças), muito mais vezes que de costume.

Não é nenhum fenômeno que o Sr. Snagsby esteja também muito inquieto, pois é esse mais ou menos o seu estado habitual, sob a oprimente influência do segredo que guarda. Impelido pelo mistério de que é cúmplice, mas de que, não obstante, não participa, o Sr. Snagsby frequenta o lugar que parece ser o seu manancial — a loja de trapos e garrafas do largo. Esse lugar exerce sobre ele irresistível atração. Agora mesmo, passando pela Sol's Arms com a intenção de cruzar o largo e sair na extremidade do Beco do Tribunal, terminando assim seu costumeiro passeio de dez minutos, após a ceia, da porta de sua casa e de regresso a ela, vem-se aproximando o Sr. Snagsby.

— Como? É o Sr. Weevle? — diz o papeleiro, parando para conversar.
— Está aí?

— Ah! — exclama o Sr. Weevle. — Aqui estou eu, Sr. Snagsby.

— Tomando o fresco, como eu também, antes de ir para a cama, não é?

— Ora, por aqui não há muito ar e o pouco que há não é muito refrescante — responde Weevle, correndo a vista pelo largo.

— É bem verdade, senhor. Não nota — pergunta o Sr. Snagsby, parando para aspirar e saborear o ar um pouco —, não nota, Sr. Weevle, um — para encurtar conversa —, um cheiro de gordura aqui?

— Ora, eu mesmo percebi que há esta noite por aqui um cheiro especial — concorda o Sr. Weevle. — Devem ser costeletas lá na Sol's Arms.

— Acha que são costeletas? Oh! Costeletas, hem? — O Sr. Snagsby aspira e saboreia de novo. — Também acho que sejam sim. Mas na minha opinião a cozinheira deles na Sol's precisava ser mais cuidadosa. Está a queimar as costeletas! E não posso crer — o Sr. Snagsby aspira e saboreia de novo e em seguida cospe e limpa a boca —, não posso crer — para encurtar conversa — que estivessem lá muito fresquinhas ao chegarem à grelha.

— É bem provável. Mas que tempo aborrecido!

— E mesmo um tempo aborrecido — repete o Sr. Snagsby. — Deprime a gente.

— Bolas! A mim o que ele causa é horror — afirma o Sr. Weevle.

— É que o senhor vive solitário, num quarto solitário sobre o qual pesa uma circunstância sinistra — diz o Sr. Snagsby, olhando por cima do ombro do outro o escuro corredor, e recuando depois um pouco para ter uma vista da casa toda. — Eu não poderia viver naquele quarto sozinho, como o senhor faz. Às vezes ficaria tão nervoso e inquieto à noite, que me veria forçado a vir para a porta e ficar aqui, em vez de permanecer lá dentro sentado. Mas o caso é que o senhor não vê no seu quarto o que eu vi lá. A diferença está nisso.

— Sei muito bem do que se trata — replica Tony.

— Não é nada agradável, não é mesmo? — prossegue o Sr. Snagsby, tossindo por trás dos dedos sua tosse de mansa persuasão. — O Sr. Krook deveria levar isso em conta no aluguel. Estou certo de que o fará.

— É o que também espero — diz Tony. — Mas tenho minhas dúvidas.

— Acha o aluguel muito caro, senhor? — torna o papaleiro forense. — Os aluguéis são altos por aqui. Não sei com certeza, mas parece-me que a lei tem culpa nesses preços elevados. Não — acrescenta o Sr. Snagsby, com sua tosse escusatória — que seja intenção minha dizer uma palavra contra a profissão de que vivo.

O Sr. Weevle mede de novo com a vista o largo e volta em seguida o olhar para o papaleiro. Meio confuso, o Sr. Snagsby surpreende-lhe o olhar, contempla o firmamento como à cata de alguma estrela e tosse sua tosse expressiva, a qual nesse ponto quer significar que ele não vê jeito de safar-se daquela conversa.

— É um fato curioso — observa o papaleiro, esfregando vagarosamente as mãos — que ele tivesse sido...

— Ele quem? — interrompe o Sr. Weevle.

— O morto, quero dizer — declara o Sr. Snagsby, entortando a cabeça e a sobancelha direita na direção da escada e batendo de leve no botão da roupa de seu conhecido.

— Ah! sim, sei! — volve o outro, como se não estivesse muito apaixonado pelo assunto. — Pensei que já estivéssemos a tratar doutra coisa.

— Ia dizendo apenas que é um fato curioso ter ele vindo morar aqui e ter sido um dos meus escreventes, e depois ter o senhor vindo morar aqui, tornando-se meu escrevente também. Não que eu veja nada de depreciativo na

denominação. Muito pelo contrário — diz o Sr. Snagsby, não concluindo, na desconfiança de ter afirmado indelicadamente uma possível propriedade sobre o Sr. Weevle —, porque tenho conhecido escreventes que ingressaram nas casas Brewers e lá prestaram realmente serviços muito relevantes. Eminentemente relevantes, senhor — acrescenta o Sr. Snagsby, receando ainda não ter consertado bem a coisa.

— É uma coincidência curiosa, como o senhor diz — responde Weevle, mais uma vez relanceando a vista pelo largo.

— Parece haver um destino nisso, não é mesmo? — sugere o papeleiro.

— Parece.

— Realmente — observa o papeleiro, com sua tosse confirmativa. — Um verdadeiro destino. Um verdadeiro destino. Bem, Sr. Weevle, creio que já é tempo de dar-lhe as boas-noites. — O Sr. Snagsby diz isso como se ter de ir o contristasse, muito embora desde que cessara de falar estivesse fazendo tudo para evadir-se. — Minha mulherzinha deve estar à minha espera. Boa noite, senhor!

Se o Sr. Snagsby se apressa em regressar a casa para poupar à sua mulherzinha o incômodo de procurá-lo, pode sossegar o espírito quanto a esse ponto. Sua mulherzinha esteve de olho nele durante todo esse tempo nas proximidades da Sol's Arms, e agora vai-lhe furtivamente no encalço com um lenço amarrado na cabeça, honrando de passagem o Sr. Weevle e sua porta com um olhar perscrutador.

— A senhora não perderá ocasião de conhecer-me, seja como for — diz o Sr. Weevle com os seus botões —, e não posso gabar sua aparência, quem quer que a senhora seja, com essa cabeça amarrada assim numa trouxa. Mas será que esse sujeito não chega nunca?

Enquanto fala, aproxima-se o tal sujeito. O Sr. Weevle levanta o dedo devagar e conduz o tal sujeito para o corredor, fechando a porta da rua. Depois sobem a escada, o Sr. Weevle pesadamente, e o Sr. Guppy (pois é ele) muito levemente. Fechados dentro do quarto, falam baixo.

— Pensei que você no mínimo tivesse ido para o fim do mundo, em vez de vir para cá — diz Tony.

— Ora, eu disse que vinha aí pelas dez horas.

— Sim, aí pelas dez horas — repete Tony. — Você disse, sim, aí pelas dez. Mas, de acordo com o meu cálculo, são dez vezes dez — são cem horas. Nunca tive uma noite igual em minha vida!

— Que é que houve?

— Que é que houve? — repete Tony. — Não houve nada. Mas aqui tenho estado a cozer-me, a guisar-me neste lindo cochicholo até que o horror começou a chover sobre mim como granizo. E que dizer daquela bonita vela? — diz Tony, apontando para uma vela pequena que arde a custo sobre a mesa, com uma grande cabeça de couve e um comprido ladrão.

— Isso remedeia-se facilmente — observa o Sr. Guppy, pegando do espevitador.

— É mesmo? — replica seu amigo. — Não é tão fácil como você pensa. Tem estado a fumar assim desde que foi acesa.

— Ora, que tem você, Tony? — pergunta o Sr. Guppy, olhando para ele, de espevitadeira na mão, enquanto se senta com o cotovelo apoiado à mesa.

— Guilherme Guppy — responde o outro —, estou profundamente acabrunhado. Este quarto é intoleravelmente sombrio, suicida, e ainda por cima com esse cão tihoso lá embaixo.

O Sr. Weevle pensativamente afasta de si com o cotovelo o porta-espevitador, descansa a cabeça na mão, põe os pés em cima do guarda-fogo e olha para as chamas. Observando-o, o Sr. Guppy meneia levemente a cabeça e senta-se do outro lado da mesa, numa atitude cômoda.

— Não era aquele tal Snagsby que estava conversando com você, Tony?

— Era sim, é ele... sim, era Snagsby — diz o Sr. Weevle, alterando a construção de sua frase.

— Negócios?

— Não. Negócios, não. Estava dando um passeio por aí e parou para dar uma prosa.

— Pensei mesmo que era Snagsby — diz o Sr. Guppy — e achei bom que ele não me visse. Por isso esperei que ele se fosse embora.

— Outra vez, Guilherme Guppy? — exclama Tony, levantando os olhos por um instante. — Tão misterioso e reservado! Caramba, que, se fôssemos

cometer um assassinio, não poderíamos ser mais misteriosos do que estamos sendo!

O Sr. Guppy finge sorrir e, no intuito de mudar de conversa, corre a vista pelo quarto, com admiração real ou pretensa, olhando a Galeria de Beleza Britânica, terminando seu exame no retrato de Lady Dedlock, colocado em cima da prateleira do fogão. Nesse retrato ela aparece num terraço, onde um pedestal encimado por um vaso, sobre o qual se vê o seu xale por baixo duma fabulosa capa de peles, servindo tudo de coxim a seu braço, onde se ostenta um bracelete.

— É a cópia fiel de Lady Dedlock — diz o Sr. Guppy. — Só falta falar.

— Quem dera que falasse — resmunga Tony, sem mudar de posição. — Pelo menos eu poderia manter aqui uma conversa elegante.

Verificando, dessa vez, que seu amigo não está em condições de ser induzido com bons modos a mostrar-se dum humor mais sociável, o Sr. Guppy muda de tática e passa a admoestá-lo.

— Tony — diz ele —, posso admitir desculpas por causa do nervoso, pois ninguém é culpado disso quando ele toma conta duma pessoa, como muito bem sei, e ninguém talvez tem mais direito de sabê-lo do que um homem que tem impressa em seu coração a imagem de quem não lhe retribui o afeto. Mas coisas como essas têm seu limite, quando se trata com uma pessoa que não tem nenhuma culpa no caso, e confesso-lhe, Tony, que não acho serem suas maneiras, nesta ocasião, muito acolhedoras nem cavalheirescas.

— Sua linguagem está forte, Guilherme Guppy — replica o Sr. Weevle.

— Talvez esteja, sim, senhor — treplica o Sr. Guilherme Guppy — mas está em proporção com o que sinto.

O Sr. Weevle reconhece que errou e pede ao Sr. Guilherme Guppy que não pense mais naquilo. O Sr. Guilherme Guppy, contudo, obtida essa vantagem, não pode abandoná-la de todo sem se espraiair um pouco mais em acres censuras.

— Não! Com os diabos, Tony — diz aquele cavalheiro —, você deveria na verdade ser mais cuidadoso para não ferir os sentimentos de um homem que tem impressa no coração a imagem de quem não lhe retribui o afeto, e

que não pode encontrar inteira felicidade naquelas cordas que vibram às mais ternas emoções. Você, Tony, tem em si mesmo tudo quanto se destina a encantar o olhar e atrair o gosto. Não está — felizmente para você, talvez, e feliz seria eu se pudesse dizer o mesmo de mim —, não está em seu caráter adejar em redor de uma flor. O jardim inteiro está aberto para você, e suas asas o levam por todo ele. Contudo, Tony, posso garantir-lhe que longe está de mim o propósito de ferir seus sentimentos sem alguma causa!

Tony de novo roga que será melhor não prosseguir no assunto, dizendo enfaticamente: — Guilherme Guppy, pare com isso! — O Sr. Guppy aquiesce, retrucando: — Eu nunca, por vontade minha, Tony, teria tocado neste assunto.

— E agora — diz Tony, espertando o fogo —, a propósito deste mesmo maço de cartas, não é uma coisa extraordinária ter Krook marcado a meia-noite para mas entregar?

— Muito extraordinário. Por que terá ele feito isso?

— Por que motivo faz ele tudo o que faz? *Ele* mesmo não sabe. Disse que hoje era dia de seu aniversário e que me entregaria as cartas à meia-noite. Àquela hora deverá estar bêbado como uma gambá. Não fez outra coisa o dia todo.

— Espero que ele não tenha esquecido a hora marcada.

— Esquecido? Pode confiar nele. Nunca esquece nada. Estive com ele hoje à noite, cerca das oito horas — ajudei-o a fechar a loja — e então já ele estava com as cartas no seu barrete peludo. Tirou o barrete e mostrou-me as cartas. Depois de fechada a loja, tirou as cartas de dentro do barrete, pendurou-o no encosto da cadeira e ficou a passar uma por uma, sentado diante do fogo. Pelo gemer das tábuas do soalho, ouvi-o daqui pouco depois, cantarolando, como o vento, a única canção que conhece — uma canção em que se fala de Bibó e do velho Caronte, estando Bibó embriagado, ou coisa que o valha, quando morreu. Depois disso tem estado tão quieto como um rato velho adormecido no seu buraco.

— E você vai descer à meia-noite?

— À meia-noite. E repito o que lhe disse quando você chegou: parecia-me uma centena de horas.

— Tony — diz o Sr. Guppy, depois de meditar um pouco, de pernas cruzadas —, ele ainda não sabe ler, não é?

— Ler? Nunca lerá. Pode fazer todas as letras separadamente e conhece a maior parte delas quando as vê separadamente; fez isso muitas vezes comigo; mas não sabe juntá-las. Está velho demais para adquirir a habilidade necessária para isso — e demasiado bêbado.

— Tony — diz o Sr. Guppy, descruzando e tornando a cruzar as pernas —, como supõe você que ele tenha soletrado o nome de Hawdon?

— Ele nunca o soletrou. Você sabe o estranho poder de vista que ele tem e como está acostumado a copiar coisas só a olho. Imitou o nome — por certo dum endereço de carta — e perguntou-me o que significava ele.

— Tony — diz o Sr. Guppy, descruzando e tornando a cruzar as pernas de novo —, poderia você informar-me se a letra do tal endereço era de homem ou de mulher?

— De mulher. Não haja dúvida — bastante deitada e com o fim da letra “n” longo e feito depressa.

Durante esse diálogo o Sr. Guppy tem estado a morder a unha do polegar, mudando em geral o polegar, quando mudou a perna cruzada. Quando vai repetir essa manobra, olha por acaso para a manga do seu casaco. Ela chama sua atenção. Olha espantado.

— Ó Tony, que estará acontecendo nesta casa esta noite? Haverá alguma chaminé pegando fogo?

— Chaminé pegando fogo!

— Oh! — exclama o Sr. Guppy. — Veja como está caindo fuligem. Veja no meu braço! Veja mais, aqui na mesa! Esta porcaria não sai nem soprando — besunta como sebo preto!

Olham um para o outro, e Tony vai escutar à porta, um pouco escada acima e um pouco escada abaixo. Volta e diz que está tudo em ordem e silêncio, e repete a observação que fizera havia pouco ao Sr. Snagsby, a respeito das costeletas que se frigiam na Sol's Arms.

— E foi então — continuou o Sr. Guppy, olhando ainda com visível repugnância para a manga do casaco, enquanto prosseguem sua conversa diante do fogo, inclinando-se um para o outro, cada um do seu lugar da mesa,

com as cabeças muito próximas — que ele lhe contou que tinha tirado o maço de cartas da maleta de seu inquilino?

— Foi nessa ocasião — responde Tony, cofiando vagarosamente as suíças. — Logo depois escrevi umas linhas ao meu caro amigo, o excelentíssimo Sr. Guilherme Guppy, informando-o do encontro marcado para esta noite, e avisando-o para não vir antes, uma vez que o diabo do velho é astuto como quê.

O tom leve e vivaz de vida elegante que está nos hábitos do Sr. Weevle assenta-lhe tão mal naquela noite, que ele o larga, largando suas suíças também, e, depois de olhar por cima do ombro, parece ceder de novo ao terror.

— Você terá de trazer as cartas para seu quarto para lê-las e compará-las e pôr-se em condições de referir-lhe todo o conteúdo delas. É essa a combinação, não é, Tony? — pergunta o Sr. Guppy, mordendo ansiosamente a unha do polegar.

— Fale baixo. Sim. Foi isso que ele e eu combinamos.

— Direi a você o que, Tony...

— Fale mais baixo — diz Tony ainda uma vez. O Sr. Guppy faz com a cabeça sagaz um sinal afirmativo, aproxima-se mais e passa a falar cochichando.

— Direi a você o que deve fazer. A primeira coisa é fazer outro pacote, igualzinho ao verdadeiro, de modo que, se ele pedir para ver o original, enquanto este estiver em meu poder, você possa mostrar-lhe a imitação.

— E suponhamos que ele descubra a imitação assim que a veja, o que, com aqueles seus olhos penetrantes, é mais que provável — sugere Tony.

— Então faremos o nosso jogo às claras. As cartas não pertencem a ele e nunca pertenceram. Você descobriu isso e as colocou em minhas mãos — nas mãos de um seu amigo que pertence à justiça — a título de segurança. Se ele nos obrigar a isso, elas serão exibidas, não é mesmo?

— Si ...im — concorda o Sr. Weevle, com relutância.

— Ora, Tony — diz o amigo em tom de censura —, que cara tem você! Duvidará de seu amigo Guilherme Guppy? Desconfia de algum dano?

— Só desconfio daquilo que sei, Guilherme — responde o outro, gravemente.

— E que sabe você? — insiste o Sr. Guppy, levantando um pouco a voz; mas, tendo o amigo mais uma vez advertido: — Já lhe disse, fale mais baixo —, repete sua pergunta sem emitir som algum, formando apenas com os lábios as palavras: “Que sabe você?”

— Sei três coisas. Primeiro, que estamos aqui a cochichar em segredo; somos dois conspiradores.

— Bem! — diz o Sr. Guppy —, e é melhor que sejamos isso do que um par de simplórios, o que seríamos se estivéssemos fazendo outra coisa, pois é esse o único meio de fazermos o que precisamos fazer. Em segundo lugar?

— Em segundo lugar ainda não percebi em que é que isso afinal pode ser-nos de proveito.

O Sr. Guppy lança um olhar ao retrato de Lady Dedlock que está em cima da prateleira da chaminé e diz: — Tony, peço-lhe que deixe isso entregue à honra de seu amigo. Isso se destina a prestar um serviço ao amigo naquelas cordas do espírito humano que — que não precisam ser postas em angustiante vibração no presente momento —; além disso, seu amigo não é nenhum tolo. O que é isso?

— O sino da catedral de São Paulo bate onze horas. Escute e ouvirá todos os sinos da cidade batendo.

Ambos ficam sentados em silêncio, escutando as vozes metálicas, perto e longe, ressoando de torres de várias alturas, em tons mais variados do que as suas posições. Quando afinal cessam os sons, tudo parece mais misterioso e quieto do que antes. Um dos resultados desagradáveis do cochicho é que ele parece evocar uma atmosfera de silêncio, povoada de fantasmas do som — estranhos estalidos e tiquetaques, o roçar de trajes sem substância corpórea dentro deles, e o arrastar de passos medonhos que não deixariam marcas na areia da praia nem na neve do inverno. Acontece que a sensibilidade dos dois amigos se acha tão aguçada que o ar está cheio desses espectros, e os dois voltam-se, como que combinados, para a porta, para verificarem se ela está fechada.

— Então, Tony — diz o Sr. Guppy, aproximando-se do fogo e mordendo, agitado, a unha do polegar. — Você ia dizer e em terceiro lugar?

— Não é coisa nada agradável estar-se a traçar planos em torno dum homem morto no quarto onde ele morreu, especialmente quando acontece morar a gente nesse mesmo quarto.

— Mas nós não estamos planejando nada contra ele, Tony.

— Talvez não. Contudo não gosto disso. Venha morar você aqui e verá como é agradável.

— Quanto a isso de mortos, Tony — continua o Sr. Guppy, sem fazer caso da proposta —, muita gente tem morrido na maior parte dos quartos.

— Sei disso, mas na maior parte dos quartos a gente os deixa em paz e eles nos deixam em sossego — retruca Tony.

Os dois entreolham-se de novo. O Sr. Guppy faz uma rápida observação no sentido de estarem eles até prestando um serviço ao morto, segundo seu modo de pensar. Faz-se uma pausa opressiva, até que o Sr. Weevle, atijando o fogo subitamente, leva o Sr. Guppy a dar um salto, como se seu coração, e não o fogo, houvesse sido atijado.

— Bolas! Outra vez esta odiosa fuligem a cair por toda a parte! — diz ele. — Abramos a janela um pouco para entrar um pouco de ar. Isto aqui está muito fechado.

Levanta a vidraça corrediça, e ambos se apoiam no peitoril da janela, metade para dentro e metade para fora do quarto. As casas da vizinhança acham-se tão próximas que eles não podem ver nem um pedaço de céu, a não ser esticando o pescoço e olhando para cima. Mas sentem-se confortados ao verem luzes aqui e ali, nas janelas bolorentas, ao ouvirem o rolar distante de carros, e percebendo de novo a existência do tropel humano. O Sr. Guppy, tamborilando mansamente no peitoril da janela, prossegue o seu cochicho num verdadeiro tom de comédia leve.

— A propósito, Tony, não se esqueça do velho Smallweed — referia-se ao jovem e não ao vovô. — Como sabe, não deixei que ele se inteirasse desse negócio. O avô dele é finório demais. É de família.

— Lembro-me. Estou a par de tudo.

— E quanto a Krook — continua o Sr. Guppy —, acredita você realmente que ele se apossou de alguns outros papéis de importância, como se jacta com você, desde que vocês se fizeram tão amigos?

Tony abana a cabeça.

— Não sei. Não posso fazer nenhuma ideia. Se conseguirmos meter-nos neste negócio sem despertar-lhe as suspeitas, ficarei sem dúvida mais bem informado. Como poderei ficar sabendo sem ver os papéis, quando ele próprio não os conhece? Está quase sempre a soletrar palavras deles, e a escrevê-las a giz em cima da mesa e da parede da loja, e perguntando o que é isto e o que é aquilo. Mas o que posso dizer é que todo o estoque dele, do começo ao fim, não é mais que o papel inútil que ele comprou. É uma monomania sua isso de pensar que possui documentos. Posso julgar, pelo que ele me conta, que esteve aprendendo a lê-los durante este último quarto de século.

— Como lhe surgiu no começo esta ideia, eis a questão — diz o Sr. Guppy com um olho fechado, depois de uma curta meditação forense. — Pode ter acontecido que encontrasse documentos no meio da papelada que comprava e onde não era de supor que os houvesse, e pode ser que se lhe tivesse metido na astuta cabeça que eles valessem alguma coisa por terem sido encontrados nas condições em que o foram.

— Ou ter sido enganado no que ele pensava ser uma pechincha. Ou pode ter ficado inteiramente com o miolo transtornado, de tanto examinar atentamente tudo quanto adquiria, de beber, de frequentar o tribunal do Lorde Chanceler e de ouvir sempre falar a respeito de documentos — acrescenta o Sr. Weevle.

Sentado no peitoril da janela, balançando a cabeça e ponderando todas aquelas possibilidades, continua o Sr. Guppy meditativamente a dar pancadinhas no peitoril, a agarrá-lo, a medi-lo a palmos, até que apressadamente retira a mão, num gesto brusco.

— Com os diabos! Que será isto? — pergunta ele. — Olhe para os meus dedos!

Mancha-os um líquido espesso e amarelado, desagradável ao tato e à vista, e mais desagradável ainda ao olfato — um óleo grosso que contém alguma coisa naturalmente repulsiva que faz ambos estremecerem.

— Que esteve você fazendo aqui? Que foi que derramou pela janela?

— Eu, derramar alguma coisa pela janela? Nada, juro! Nunca fiz nada disso desde que estou aqui! — grita o inquilino.

— E, contudo, veja aqui... e veja ali! — Quando ele traz a vela, eis que do canto do peitoril da janela o tal líquido pinga vagaroso, vai-se arrastando pelos tijolos abaixo, e em determinado ponto para numa pequena poça densa, nauseante.

— Que coisa horrível! — diz o Sr. Guppy. baixando a vidraça. — Arranje-me aí um pouco d'água, do contrário deceparei minha mão.

Tanto lava, esfrega, raspa, cheira e torna a lavar, que mal acabava de refazer-se com um cálice de aguardente e pôr-se silencioso diante do fogo, quando o sino da catedral de São Paulo bate doze pancadas, e todos os outros sinos, das suas torres de várias alturas no ar trevoso, respondem em vários tons com as mesmas doze badaladas. Quando tudo volta de novo ao silêncio, diz o inquilino: — Chegou afinal a hora marcada. Deverei ir?

O Sr. Guppy acena que sim com a cabeça e dá-lhe uma “palmadinha de boa sorte” nas costas, mas não com a mão lavada, conquanto seja esta a direita.

Weevle desce as escadas, e o Sr. Guppy trata de acomodar-se diante do fogo para uma espera longa. Mas, decorrido um minuto ou dois, rangem os degraus, e Tony volta apressado.

— Obteve-as?

— Se as obtive? Não. O velho não está lá.

Mostrava-se o Sr. Weevle tão horivelmente apavorado nesse curto intervalo que seu terror se comunica ao companheiro, que corre para ele e lhe pergunta em voz alta: — Que aconteceu?

— Não pude conseguir que me ouvisse e então abri a porta bem devagar e olhei para dentro. Aquele cheiro de coisa queimada é lá, a fuligem é de lá, o óleo é de lá, e o homem lá não está!

Tony diz isso com um gemido.

O Sr. Guppy pega da luz. Descem, mais mortos do que vivos e, agarrados um ao outro, abrem a porta da sobreloja. A gata refugiara-se bem no canto e miava ameaçadoramente, não para eles, mas para qualquer coisa que estava no chão, diante do fogo. Há muito pouco fogo na grelha, mas um vapor sufocante e acre invade o quarto, e as paredes e o teto estão cobertos duma camada negra e gordurenta. As cadeiras e a mesa, e a garrafa tão

raramente ausente de cima desta, tudo está como de costume. No encosto duma cadeira, está o casaco do velho e em cima do casaco o gorro peludo.

— Olhe! — murmura o inquilino, apontando com dedo trêmulo aqueles objetos e chamando para eles a atenção de seu amigo. — Como lhe disse, quando o vi pela última vez, ele havia tirado o gorro, retirado dele o pequeno maço de velhas cartas, pendurado o gorro no encosto da cadeira — o casaco já lá estava, pois o havia tirado antes de ir fechar os postigos — e deixei-o a revolver as cartas na mão, estando de pé justamente ali onde está aquela coisa desmanchada no chão.

Estará ele pendurado em alguma parte? Olham para cima. Não.

— Olhe! — cochicha Tony. — Ali ao pé da mesma cadeira está um pedaço sujo de cordel vermelho, com que se amarram penas. Estava atando as cartas. Ele o desatou devagar, olhando de soslaio e rindo para mim, antes de começar a examinar as cartas, e atirou-o ali. Vi quando caiu lá.

— Que terá a gata? — perguntou o Sr. Guppy. — Olhe para ela!

— Está maluca, penso eu. E não é de admirar nesta casa dos diabos.

Adiantam-se devagar, olhando para todas aquelas coisas. A gata permanece onde eles a encontraram, ainda miando para qualquer coisa que está no chão, diante do fogo e entre as duas cadeiras. Que será aquilo? Levante a luz.

Aqui está um pedacinho de soalho queimado; aqui está a mecha dum pequeno maço de papel queimado, mas não tão leve como de costume, parecendo estar embebido em alguma coisa, e aqui está... será a cinza duma acha de lenha, carbonizada e partida, polvilhada de cinzas brancas, ou será carvão? Oh! Que horror! Ele está aqui! e isto de que se corre, apagando-se a luz e lançando-se um e outro, aos empurrões, na rua, é tudo quanto resta dele.

Socorro, socorro, socorro! Entrem nesta casa pelo amor de Deus!

Enche-se a casa, mas ninguém pode prestar auxílio. O Lorde Chanceler daquele Tribunal, fiel a seu título até o último instante, morreu a morte de todos os Lordes Chanceleres de todos os Tribunais, e de todas as autoridades em todos os lugares, sejam quais forem os nomes que tenham, onde se pratiquem atos fraudulentos e onde se cometa injustiça. Dê vossa excelência à morte o nome que quiser, atribua-a a quem quiser, ou diga que ela poderia ter

sido evitada desta ou daquela forma, a morte é a mesma eternamente — inata, imanente, engendrada nos humores corruptos do próprio corpo vicioso e somente deste. — Combustão Espontânea, e nenhuma outra de todas as mortes de que se pode morrer.

INTRUSOS

Nesse momento aqueles dois cavalheiros, de punhos e botões não muito limpos, que assistiram ao último inquérito do delegado na Sol's Arms, reaparecem no mesmo local com surpreendente ligeireza (tendo ido, esbaforido, à sua procura o ativo e inteligente beleguim) e iniciam pesquisas pelo largo e penetram no salão da Sol's Arms e escrevem com vorazes penas em papel de seda. Nesse momento registram, nos quartos da noite, que a vizinhança do Beco do Tribunal foi ontem, cerca da meia-noite, vivamente abalada pela seguinte descoberta, alarmante e horrível. Nesse momento escrevem que não de sem dúvida lembrar-se da penosa impressão que, algum tempo atrás, invadira a opinião pública com o caso de certa misteriosa morte por ópio, ocorrida no primeiro andar da casa, ocupada por uma loja de trapos, garrafas e mercadorias marítimas em geral, de propriedade de um indivíduo excêntrico e de hábitos imoderados, de idade avançada, chamado Krook, e que, graças a uma notável coincidência, Krook foi interrogado no inquérito que, segundo devem todos lembrar-se, então se realizou na Sol's Arms, reputada taverna bem conceituada, sita nas proximidades do local em questão, no lado ocidental, com licença de funcionar dada a um proprietário altamente respeitável, o Sr. Jaime Jorge Bogsby. Nesse momento mostram (empregando o maior número de palavras possível) como durante algumas horas da noite precedente um cheiro muito característico foi sentido pelos moradores do largo, no qual se tornou pública a trágica ocorrência que forma o assunto da presente narrativa, e como em certo momento o referido cheiro se tornou tão forte que o Sr. Swills, cantor cômico, contratado pelo Sr. J. J. Bogsby, confessou ao nosso repórter haver dito a Miss M. Melvilleson – senhora com pretensões a algum talento musical, igualmente contratada pelo Sr. J. J. Bogsby para cantar numa série de concertos, chamados Assembleias ou Reuniões Harmônicas, que, segundo parece, se realizam na Sol's Arms sob a

direção do Sr. Bogsby, de acordo com a lei de Jorge II – que ele, Wills, sentia sua voz seriamente afetada pelo estado de impureza da atmosfera, ou, para usar sua expressão jocosa, “que se achava como uma burra vazia, pois não tinha dentro de si uma nota sequer”. A afirmativa do Sr. Wills é inteiramente corroborada por duas inteligentes senhoras casadas, residentes no mesmo largo, e conhecidas, respectivamente, pelos nomes de Sra. Piper e Sra. Perkins, ambas as quais sentiram os fétidos eflúvios e perceberam que provinham do local onde residia Krook, o infeliz falecido. Tudo isso e muito mais coisas os dois cavalheiros, que travaram cordial camaradagem na tristonha catástrofe, redigiram imediatamente, sendo que a população infantil do largo (fora da cama num instante), trepava pelas janelas do salão da Sol’s Arms para poder ver o alto da cabeça dos dois cavalheiros, entregues à sua tarefa.

Todo o largo, tanto adultos como crianças, está desperto naquela noite e nada mais pode fazer senão agasalhar as muitas cabeças e falar na malfadada casa, olhando para ela. Miss Flite foi corajosamente retirada de seu quarto, como se este estivesse em chamas, e posta numa cama na Sol’s Arms. Esta nem apaga o gás, nem fecha as portas durante a noite, pois qualquer espécie de agitação pública é bom negócio para a Sol’s, uma vez que põe o largo na necessidade de receber conforto. Desde o outro inquérito não conseguira a casa ganhar tanto em matéria de alhos estomacais e de aguardente. No momento em que o caixeiro da taverna soube do acontecido, arregaçou as mangas o mais que pôde e disse: – Isto aqui hoje vai encher. – Ao primeiro rebate, o jovem Piper saiu a correr em busca das bombas de incêndio e voltara em triunfo, num galope frenético, encarapitado no alto da Fênix e agarrado com todas as suas forças àquela fabulosa criatura, no meio de capacetes e de archotes. Um dos capacetes deixa-se ficar, depois de cuidadosa investigação de todas as fendas e gretas, e vagarosamente vai dando suas passadas em frente da casa, em companhia de um dos dois policiais, que ali ficaram igualmente de guarda. Toda a gente do largo que possui seis *pence* mostra um desejo insaciável de exibir àquele trio hospitalidade em forma líquida.

O Sr. Weevle e seu amigo o Sr. Guppy estão dentro do bar, na Sol’s, valem para a Sol’s tudo o que bar contém, se eles lá ficarem. – Não é esta uma ocasião – diz o Sr. Bogsby – para regatear dinheiro – embora do seu lado do balcão preste bem atenção a ele. – Peçam o que quiserem, cavalheiros, e terei

o prazer de servi-lhes tudo a que puderem dar um nome.

Com tal convite, os dois cavalheiros (especialmente o Sr. Weevle) dão nome a tantas coisas que, com o correr do tempo, acham difícil pôr um diferente em cada coisa, conquanto ainda relatem a todos os recém-chegados alguma versão dos fatos ocorridos naquela noite, o que disseram, pensaram e viram. Entrementes, um ou outro dos policiais muitas vezes chega até a porta e, conservando-a aberta com o braço, olha do melancólico exterior para o movimentado interior da taverna. Não que tenha qualquer suspeita, mas para ficar sabendo também ele do que estão relatando lá dentro.

Desse modo prossegue a noite seu pesado curso, encontrando o largo ainda fora do leito através de horas insólitas, ainda pagando bebidas e tendo bebidas pagas, ainda portando-se como um largo que recebeu inesperadamente um pouco de dinheiro. Desse modo a noite finalmente se retira a passos contados, e o encarregado da iluminação pública vai na sua ronda, como o verdugo de algum rei despótico, cortando as cabecinhas de fogo que tinham tido a pretensão de diminuir as trevas. E assim, de um modo ou de outro, chega o dia.

E o dia pode ver, mesmo com seu nublado olho londrino, que o largo esteve acordado a noite inteira. Além das caras sonolentas esparramadas por cima das mesas, além dos calcanhares que se arrastam sobre o chão duro em vez de deslizar pela cama, a própria fisionomia de tijolo e argamassa do largo mostra-se gasta e esfalfada. E agora a vizinhança, acordando e começando a tomar conhecimento do que aconteceu, acode em massa, em trajes menores, a fazer perguntas, e os dois policiais e o capacete (que são bem menos impressionáveis externamente do que o largo) não têm pouco trabalho para montar guarda à porta.

– Por Deus, senhores! – exclama o Sr. Snagsby, chegando. – Será verdade o que ouço?

– Decerto que é – responde um dos policiais. – É isso mesmo. Agora trate de ir andando, sim?

– Ora, por Deus, meus senhores – diz o Sr. Snagsby, recuando vivamente. – Estive nesta porta a noite passada, entre as dez e as onze horas, conversando com o rapaz que mora aqui.

– Deveras? – pergunta o policial – Então poderá encontrá-lo ali na outra

porta. Agora, afastem-se daqui alguns de vocês.

– Espero que ele não esteja ferido – diz o Sr. Snagsby.

– Ferido? Não. Quem havia de feri-lo?

O Sr. Snagsby, inteiramente incapaz, na confusão mental em que se acha, de responder a essa ou a qualquer outra pergunta, recolhe-se à Sol's Arms e lá encontra o Sr. Weevle, olhando com ternura seu chá com torrada, mostrando na fisionomia uma expressão intensa de excitação exausta e de quem havia fumado muito.

– E o Sr. Guppy também! – exclama o Sr. Snagsby. – Valha-me Deus! Que fado parece andar em tudo isso! E minha mu...

A faculdade de exprimir-se foge do Sr. Snagsby quando vai formar as palavras “minha mulherzinha”, pois o ver a ofendida mulher entrar na Sol's Arms àquela hora matinal e ficar diante de um enorme barril de cerveja, de olhos fitos nele, como um espírito acusador, fê-lo emudecer subitamente.

– Minha querida – diz o Sr. Snagsby quando a língua se lhe solta –, quer tomar alguma coisa? Um golezinho – para encurtar conversa – de limonada de rum?

– Não – diz a Sra. Snagsby.

– Meu bem, conhece você esses dois cavalheiros?

– Sim! – diz a Sra. Snagsby e duma forma rígida mostra tomar conhecimento da presença deles, continuando ainda de olho pregado no Sr. Snagsby.

O dedicado Sr. Snagsby não pode suportar tal tratamento. Toma a Sra. Snagsby pela mão e condu-la de parte para junto de um barril adjacente.

– Minha mulherzinha, por que olha você dessa maneira para mim? Rogo-lhe que não faça assim.

– Não posso evitar que meus olhos vejam – diz a Sra. Snagsby. – E, se pudesse, não o faria.

O Sr. Snagsby, com sua tosse mansa, acrescenta:

– Não o faria deveras, minha querida? – e fica a meditar. Torna a tossir e diz: – este um mistério terrível, meu amor! – ainda tremendamente

desconcertado pelo olhar da Sra. Snagsby.

– É mesmo – repete a Sra. Snagsby, sacudindo a cabeça – um mistério terrível.

– Minha mulherzinha – insiste o Sr. Snagsby, dum modo lastimável –, pelo amor de Deus não me fale com tão amarga expressão, e não me olhe desse jeito tão perscrutador! Rogo-lhe, suplico-lhe, que não faça assim. Meu Deus, você não irá supor que eu tenha espontaneamente botado fogo em quem quer que seja, não é, minha querida?

– Não posso dizer – responde a Sra. Snagsby.

Num apressado exame de sua infeliz situação, também o Sr. Snagsby “não pode dizer” coisa alguma. Não está positivamente preparado para negar que possa ter tido qualquer coisa com aquilo. Teve, sim, alguma coisa – não sabe o quê – com aquele misterioso negócio e tanto que é possível mesmo estar implicado, sem o saber, na presente questão. Abatido, enxuga a testa com o lenço e diz, arfando: – Minha vida, teria você alguma razão que explique, sendo tão circunspecta em seu proceder, o porquê da sua vinda a uma taverna antes do almoço?

– E você, que veio fazer aqui? – indaga a Sra. Snagsby.

– Minha querida, vim simplesmente saber a verdade a respeito do fatal acidente acontecido ao venerando companheiro que foi... carbonizado. – O Sr. Snagsby faz uma pausa para abafar um gemido. – Depois então iria contar tudo a você, meu bem, na hora em que você estivesse comendo a sua rosquinha francesa.

– Iria contar! O senhor me conta tudo, não é, Sr. Snagsby?

– Tudo, minha mu...

– Folgaria muito – interrompe-o a Sra. Snagsby, depois de contemplar com um sorriso severo e sinistro a crescente confusão do marido – de vê-lo voltar para casa comigo. Acho que estaria mais seguro ali, Sr. Snagsby, do que em qualquer outra parte.

– Meu bem, não posso dizer que não. Estou pronto para acompanhá-la.

O Sr. Snagsby lança um olhar de desespero por todo o bar, despede-se dos Srs. Weevle e Guppy, afirma-lhes a satisfação que sentiu por vê-los incólumes, e sai da Sol's Arms em companhia da Sra. Snagsby. Antes da

noite, sua dúvida sobre se não pode ser ele responsável por alguma parte inconcebível na catástrofe que é tema da conversa de toda a vizinhança está quase convertida em certeza, em virtude da pertinácia da Sra. Snagsby em olhá-lo com aquele olhar fixo. Seus sofrimentos morais são tamanhos que ele acalenta ideias insensatas de entregar-se à justiça, requerendo seu livramento, se for inocente, e sua punição, dentro do extremo rigor da lei, se for culpado.

O Sr. Weevle e o Sr. Guppy, depois de tomarem café, encaminham-se para Lincoln's Inn a dar um passeiozinho pela praça, para que aquela pequena volta lhes espante do espírito, o mais que for possível, as negras teias de aranha.

– Não pode haver ocasião mais favorável do que a presente, Tony – diz o Sr. Guppy, depois de haverem os dois percorrido, cabisbaixos e meditabundos, os quatro cantos da praça –, para uma ou duas palavras entre nós a respeito dum ponto sobre o qual devemos, sem muita demora, chegar a um entendimento.

– Olhe, vou dizer-lhe uma coisa, Guilherme Guppy! – responde o outro, olhando seu companheiro com olhos injetados de sangue. – Se é nova conspiração, não precisa dar-se ao trabalho de expô-la. Já estou farto disso e não quero saber de meter-me em mais. Da próxima vez, quem vai pegar fogo ou estourar como um foguete será você.

Tais suposições são tão desagradáveis para o Sr. Guppy que sua voz treme ao dizer ele em tom de censura: – Tony, eu tinha pensado que a nossa experiência da noite passada tivesse sido para você uma lição, tirando-lhe a vontade de ainda ser desabrido enquanto vivesse. – Ao que redargui o Sr. Weevle: – Guilherme, eu tinha pensado que a experiência fosse uma lição para você, tirando-lhe a vontade de ainda conspirar enquanto vivesse. – Ao que treplica o Sr. Guppy: – Quem está conspirando? – Ao que responde o Sr. Jobling: – Ora essa, você! – Ao que retorque o Sr. Guppy: – Não, eu não! – Ao que o Sr. Jobling redargui de novo: – Sim, você mesmo! – Ao que retruca o Sr. Guppy: – Quem diz isso? – Ao que responde o Sr. Jobling: – Eu é que digo! – Ao que argui o Sr. Guppy: – Oh! deveras? – Ao que responde o Sr. Jobling: – Sim, deveras! – E, estando ambos agora um tanto esquentados, passeiam em silêncio por algum tempo, a fim de esfriarem de novo.

– Tony – diz então o Sr. Guppy –, se você prestasse ouvidos a seu amigo, em vez de investir contra ele, não cairia em enganos. Mas você tem um

temperamento violento e não considera as coisas. Possuidor de tudo quanto é preciso para encantar os olhos...

– Oh! pare com isso! – exclama o Sr. Weevle, interrompendo-o bruscamente. – Diga logo o que tem que dizer.

Vendo que seu amigo se acha de ânimo agravado e ríspido, o Sr. Guppy só exprime os mais delicados sentimentos de sua alma no tom de ressentimento com que recomeça: – Tony, quando digo que há um ponto sobre o qual devemos chegar a um acordo o mais breve possível, assim falo completamente alheio a qualquer conspiração, por inocente que seja. Você sabe muito bem que, em todos os casos levados aos tribunais, os profissionais combinam de antemão os fatos que as testemunhas têm de provar. É ou não é desejável que conheçamos os fatos que devemos provar no inquérito sobre a morte desse velho e infeliz mon... senhor? (O Sr. Guppy ia dizer “mongol”, mas acha que “senhor” se presta melhor às circunstâncias.) – Quais fatos?

– Os fatos que se relacionam com esse inquérito. São eles – o Sr. Guppy os vai contando nos dedos – o que sabemos dos hábitos do velho; a última vez que você o viu; qual a sua disposição então; a descoberta que fizemos e como a fizemos.

– Sim – diz o Sr. Weevler. – São esses mais ou menos os fatos.

– Fizemos a descoberta em consequência de haver ele, com seu gênio excêntrico, marcado um encontro com você à meia-noite, quando você teria de explicar-lhe alguns escritos, como já o havia feito antes muitas vezes, em virtude de ser ele analfabeto. Eu, que havia passado a noite com você, fui chamado para ver... e assim por diante. Sendo o inquérito apenas referente às circunstâncias relativas à morte do velho, não é necessário ir além desses fatos. Creio que você concorda comigo, não é?

– Não! – responde o Sr. Weevle. – Creio que não.

– E isso não será talvez uma conspiração? – pergunta o ofendido Guppy.

– Não – responde seu amigo –; se não é pior do que isso, retiro a observação.

– Ora, Tony – diz o Sr. Guppy, pegando-lhe do braço novamente e continuando a andar com ele devagar –, como amigo, gostaria de saber se você já pensou nas muitas vantagens de continuar a morar naquele lugar.

– Que diz você? – pergunta Tony, parando.

– Se você já pensou nas muitas vantagens de continuar a morar naquele lugar – repete o Sr. Guppy, fazendo-o andar novamente.

– Em que lugar? Naquele? – e aponta na direção da loja de trapos e garrafas.

O Sr. Guppy acena que sim.

– Ora, por nenhuma coisa no mundo eu passaria outra noite ali – diz o Sr. Weevle, de olhar esgazeado.

– Diz isso de veras, Tony?

– Decerto! E por que não? Sei muito bem o que estou dizendo – responde o Sr. Weevle, com um tremor bem característico.

– Então, pelo que vejo, a possibilidade ou probabilidade (pois assim deve ser considerado o assunto) de você jamais vir a ser perturbado na posse daquelas coisas ultimamente pertencentes a um velho solitário, que parecia não ter parentes neste mundo, e a certeza de ser você capaz de descobrir o que ele realmente havia armazenado ali não têm nenhuma importância para você, nem à vista do que sucedeu a noite passada, Tony? – pergunta o Sr. Guppy, mordendo o polegar, com a gana dum aflito.

– Decerto que não. Você vem com essa frieza falar a um pobre de Cristo para morar ali? – exclama o Sr. Weevle, indignado. – Vá você morar lá!

– Oh! Eu, Tony! – diz o Sr. Guppy, amansando-o. – Nunca morei lá e não poderia agora arranjar cômodo ali, ao passo que você arranjou um.

– Pois o meu está às suas ordens – volve seu amigo –, e olhe, lá você pode pôr-se à vontade.

– Então você, real e verdadeiramente, pelo que estou entendendo, abandona tudo, neste ponto em que se encontram as coisas, não é, Tony?

– Você nunca disse coisa mais verdadeira em toda a sua vida. É isso mesmo – diz Tony, com absoluta firmeza.

Enquanto estavam assim conversando, entra na praça um coche de aluguel, em cuja boleia uma cartola alta chama a atenção do público. Dentro do coche e por conseguinte não tão manifestos à multidão, ainda que suficientemente visíveis para os dois amigos, pois o coche para quase aos pés

deles, estão o venerando Sr. Smallweed e a Sra. Smallweed, acompanhados por sua neta Judy.

Um ar de pressa e excitação invade o grupo, e quando a cartola alta (que coroa a cabeça do Sr. Smallweed, o moço) desce do carro, o Sr. Smallweed velho põe a cabeça fora da janela e berra para o Sr. Guppy: – Como vai, senhor? Como vai?

– Que pretendem Chick e sua família aqui a esta hora da manhã, pergunto eu? – diz o Sr. Guppy, fazendo um aceno de cabeça a seu amigo.

– Meu caro senhor – grita vovô Smalweed –, quer fazer-me um obséquio? Quer o senhor e seu amigo ter a bondade de carregar-me até a taverna aí do largo, enquanto Bart e sua irmã trazem sua avó? Quer prestar este bom serviço a um ancião?

O Sr. Guppy olha para o amigo, repetindo de maneira interrogativa: – A taverna aí do largo? – e ambos se aprestam para transportar a veneranda carga até a Sol's Arms.

– Aqui está o pagamento! – diz o patriarca ao cocheiro, com uma careta feroz e agitando diante dele seu punho impotente. – Peça-me um *penny* mais e descarregarei sobre você a vingança da lei. Meus caros rapazes, peguem-me com jeito, por favor. Permitam que os segure pelo pescoço. Não os apertarei mais do que seja preciso. Oh! Deus meu! Oh! Pai do céu! Ai, meus ossos!

Ainda bem que a Sol's não fica longe, pois o Sr. Weevle tem um aspecto apoplético antes de completar a metade da distância. Sem outra agravação de seus sintomas, porém, a não ser a emissão de vários bufidos e roncos, reveladores duma respiração obstruída, executa a parte que lhe cabe do transporte, e o benévolo ancião é depositado, segundo seu próprio desejo, no salão da Sol's Arms.

– Oh! Senhor Deus! – arqueja o Sr. Smallweed, olhando em redor de si, sem fôlego, na poltrona onde o puseram. – Oh! meu Deus! Meus pobres ossos e minhas costas! Minhas dores e pontadas! Sente-se aí, você, sua pega velha, saltitante, puladora, assanhada! Sente-se!

Essa apostrofezinha dirigida à Sra. Smallweed é ocasionada por uma propensão que tem a infeliz velha, quando está em pé, de “passarinhar” de um objeto a outro, engrolando ao mesmo tempo uma confusa algaravia, como numa dança de feiticeira. Uma doença nervosa tem provavelmente bastante

relação com essas demonstrações como com qualquer outra intenção imbecil da pobre velha, mas no presente momento são elas tão vivas por se dirigirem à cômoda poltrona, companheira daquela em que está sentado o Sr. Smallweed. Seus netos conseguem afinal aquietá-la acomodando-a nela, e, enquanto isso, seu marido lhe vai lançando, com extrema palrice, o afetuoso epíteto de “gralha com cabeça de porco”, repetido inúmeras vezes.

– Meu caro senhor – prossegue depois vovô Smallweed, dirigindo-se ao Sr. Guppy –, deu-se aqui uma calamidade. Algum dos senhores ouviu falar a esse respeito?

– Ouvir falar, senhor? Se fomos nós que a descobrimos!

– Os senhores a descobriram? Os senhores dois? Bart, foram eles que a descobriram!

Os dois descobridores encaram os Smallweeds, e estes os encaram a eles.

– Meus caros amigos – diz com voz chorosa vovô Smallweed, estendendo ambas as mãos –, devo-lhes mil agradecimentos por haverem cumprido a melancólica tarefa de descobrir as cinzas do irmão da Sra. Smallweed.

– Hem? – pergunta o Sr. Guppy.

– O irmão da Sra. Smallweed, meu caro amigo, seu único parente. Não mantínhamos relações, o que é de deplorar agora, mas é que ele nunca quis ter relações conosco. Não gostava de nós. Era excêntrico, muito excêntrico. Se não deixou testamento (o que não é provável), tratarei de obter autorização para me incumbir do espólio. Para isso vim ver o que ficou. Deve ser tudo lacrado, deve ficar tudo protegido. Vim – repete vovô Smallweed, num jeito de querer empolgar o ar uma só vez e com todos os seus dez dedos – para ver os bens.

– Acho, Small – diz o desconsolado Sr. Guppy –, que você poderia ter dito que o velho era seu tio.

– Vocês dois guardavam tanto segredo em torno dele, que eu pensei que gostariam que eu fizesse o mesmo – retruca o finório, com um olhar secretamente luzente. – Além disso, não me enchia de orgulho esse parentesco.

– Além de que a você não importava que também ele tivesse, ou não,

orgulho disso – diz Judy, também com um olhar secretamente brilhante.

– Nunca me viu durante toda a sua vida, para poder conhecer-me – observou Small. – Assim, não sei por que deveria eu apresentá-lo.

– Não, ele nunca se comunica conosco, o que é de lamentar – interrompe o velho –, mas eu vim ver os bens deixados, vim examinar os papéis e os bens. Faremos valer nosso título de herdeiros. A coisa já está nas mãos do meu advogado. O Sr. Tulkinghorn de Lincoln’s Inn Fields, ali do outro lado da rua, tem a bondade de ser meu advogado, e posso garantir-lhes que não é ele homem que descure *seus* encargos. Krook era o único irmão da Sra. Smallweed. Ela não tinha nenhum parente a não ser Krook, e Krook não tinha outro parente senão a Sra. Smallweed. Estou falando de seu irmão, que tinha setenta e seis anos de idade, ouviu, sua papa-açorda?

A Sra. Smallweed começa instantaneamente a sacudir a cabeça e a cantarolar em voz aguda: – Setenta e seis libras, sete xelins e sete *pence*! Setenta e seis mil sacas de dinheiro! Setenta e seis centenas, milhares, milhões de pacotes de notas!

– Quererá alguém arranjar-me aí uma caneca bem grande? – exclama o exasperado marido, olhando em torno, desesperado por não achar nada ao alcance que possa arremessar na velha. – Quererá alguém fazer-me o favor de me arranjar uma escarradeira? Quererá alguém dar-me algum objeto bem duro e contundente para eu atirar nela? Bruxa, gata velha, vira-lata do diabo!

O Sr. Smallweed, no mais alto grau de exaltação a que a sua própria eloquência o arrebatara, empurra então Judy contra sua avó, à falta de qualquer outra coisa, fazendo, com toda a força que pôde reunir, aquela jovem donzela marrar na velha, e caindo depois na sua cadeira como uma trouxa.

– Vamos, alguém tenha a bondade de sacudir-me – diz a voz do interior daquela trouxa que se debate fracamente. – Vim cá para cuidar dos bens. Sacudam-me e façam entrar na casa vizinha a polícia de serviço, para que eu lhe dê uma explicação a respeito dos bens. Meu advogado estará aqui dentro em pouco para proteger esses bens. Degredo ou força para quem tocar nos bens!

Seus obedientes netos repõem-no no lugar, dando-lhe palmadinhas e espartando-o segundo os usuais processos restaurativos de sacudi-lo e beliscá-lo, enquanto ele repete como um eco: – Os bens.. os bens... os bens!

O Sr. Weevle e o Sr. Guppy olham um para o outro, aquele com um ar de quem desistiu de tudo, este com o de quem, embora profundamente abatido, ainda não perdeu de todo as esperanças. Mas nada há que fazer em oposição ao interesse dos Smallweeds. O escrevente do Sr. Tulkinghorn desce do seu posto oficial no tribunal para comunicar à polícia que o Sr. Tulkinghorn é o advogado do parente mais próximo e que a seu devido tempo os papéis e bens serão formalmente arrecadados. Como sinal de que se lhe reconhece o direito, o Sr. Smallweed tem permissão de ser transportado à casa vizinha para uma visita sentimental, e de subir ao quarto deserto de Miss Flite, onde ele parece uma horrenda ave de rapina, recentemente acrescentada ao aviário da velha.

A notícia da chegada desse inesperado herdeiro logo se espalha por todo o largo, em benefício ainda da Sol's e mantendo os moradores em grande atividade. A Sra. Piper e a Sra. Perkins pensam que, se realmente não houver testamento, o rapaz vai sofrer, e acham que dos bens deveria ser retirado algum para lhe ser dado como um belo presente. O jovem Piper e o jovem Perkins, como membros daquela inquieta turma juvenil que é o terror dos transeuntes no Beco do Tribunal, reduzem-se a cinzas o dia inteiro por trás da bomba e por baixo da escada, escutando-se berros selvagens e vaías que saem daqueles restos. Little Swills e Miss M. Melvilleson travam afável conversa com seus fãs, achando que aquelas ocorrências insólitas removem as barreiras entre profissionais e não-profissionais. O Sr. Bogsby anuncia: – A popular canção da RAINHA MORTE! com coro, tomando parte toda a companhia – como o grande espetáculo harmônico da semana, e anuncia no programa que – J. G. B. É levado a assim fazer, com considerável despesa extraordinária, para satisfazer o desejo geral expresso no bar por elevado número de respeitáveis fregueses e em homenagem a um recente e fúnebre acontecimento, que tanta sensação causou. – Há um ponto relacionado com o morto sobre o qual o largo se mostra particularmente ansioso, isto é, que seja preservada a ficção dum ataúde de tamanho comum, conquanto haja muito pouca coisa que meter dentro dele. A afirmativa, feita no correr do dia pelo cangalheiro no bar da Sol's, de que recebera ordem para fazer um caixão de “um metro e oitenta de tamanho” alivia bastante a expectativa geral, e considera-se que esse modo de proceder do Sr. Smallweed lhe faz grande honra.

Fora do largo e bem longe dele, há também considerável alvoroço, pois homens de ciência e de filosofia chegam para ver, e carruagens despejam na

esquina médicos que vieram com a mesma intenção, e travam-se conversas sobre gases inflamáveis e hidrogênio fosforado, mais sábias do que o largo jamais imaginara. Algumas daquelas autoridades (decerto as maiores) afirmam com indignação que o morto não devia ter morrido da maneira que se dizia, e conquanto outras autoridades lhes recordassem certo inquérito, como prova de tais mortes, impresso no sexto volume dos *Anais Filosóficos*; e também um livro não completamente desconhecido sobre *Jurisprudência Médica Inglesa*; e ainda o caso italiano da Condessa Cornélia Baudi, exposto com minúcias por um tal Bianchini, prebendado de Verona, que escreveu uma obra ou tratado erudito, sendo que no seu tempo houve quem visse nele lampejos de gênio; e também o testemunho dos Srs. Foderé e Mère, dois malignos franceses que teriam investigado o assunto; e além disso, o testemunho comprobatório de Monsieur Le Cat, cirurgião francês um tanto famoso em certa época, que teve a indelicadeza de morar numa casa onde se deu um caso parecido, chegando até a escrever um relatório do mesmo – contudo encaravam a teimosia do falecido Sr. Krook em sair do mundo por um caminho tão tortuoso como inteiramente injustificável e até escandaloso. Quanto menos o largo compreende de tudo isso, mais gosta, e tanto maior é o prazer que vai buscar nos abastecimentos da Sols' Arms. Depois aparece o artista dum jornal ilustrado, com um primeiro plano e figuras já desenhadas para qualquer coisa – desde um naufrágio nas costas da Cornualha até uma revista em Hyde Park ou um comício em Manchester – e na própria sala da Sra. Perkins, tornada assim memorável para sempre, lança imediatamente no caderno as linhas da casa do Sr. Krook, do tamanho natural, ou antes, consideravelmente maior, fazendo dela uma verdadeira Igreja de Santa Maria.¹ Da mesma forma, tendo-lhe sido permitido olhar da porta o quarto fatal, desenha esse aposento como se tivesse um quilômetro de comprimento, por cinquenta metros de altura, com o que o largo fica particularmente encantado. Durante todo esse tempo, os dois cavalheiros já mencionados entram e saem de cada casa e assistem às disputas filosóficas, indo a toda a parte e escutando todas as pessoas, e contudo estão sempre penetrando no salão da Sol's e escrevendo com as peninhas vorazes em papel de seda.

Afinal chega o juiz com o pessoal do inquérito, como da outra vez, com a diferença que o magistrado tem para si que o caso atual fica inteiramente fora dos moldes comuns, e diz aos senhores do Júri, em caráter particular, que “a casa próxima parece ser uma casa infeliz, meus senhores, uma casa

marcada pelo destino, como certas casas que se nos deparam e que constituem um mistério difícil de explicar”. Depois do que entra em ação o féretro de “um metro e oitenta de comprimento”, o qual é muito admirado.

Em todos esses atos, o Sr. Guppy toma parte tão limitada (exceto quando presta seu depoimento), que pode movimentar-se como um particular e apenas rondar do lado de fora a casa misteriosa, onde tem o desgosto de ver o Sr. Smallweed fechando a cadeado a porta e de sentir-se cruelmente excluído dela. Mas antes que esses atos cheguem a termo, isto é, na noite seguinte à da catástrofe, o Sr. Guppy tem alguma coisa que dizer, mas somente a Lady Dedlock.

Pelo que, com o coração pesado e com aquela sensação deprimente de culpa que o terror e a vigília reinantes na Sol’s Arms haviam produzido, o rapaz chamado Guppy apresenta-se no palacete da cidade, cerca das sete horas da noite, e pede para ver sua senhoria. Mercúrio informa que ela vai sair para jantar fora; não vê ele o carro à porta? Sim, ele vê o carro à porta, mas deseja ver a senhora também.

Mercúrio está disposto, como daí a pouco declarará ao camareiro, a “ralhar com o rapaz”, mas as instruções que tem são positivas. Por isso, ainda que a contragosto, julga de seu dever conduzir o rapaz à biblioteca. Ali deixa o rapaz, num vasto salão não muito iluminado, enquanto vai anunciá-lo.

O Sr. Guppy mergulha os olhos na sombra, em todas as direções, descobrindo por toda a parte certo montãozinho de carvão ou madeira, carbonizado e embranquecido. Daí a pouco ouve um ruído. É...? Não, não é um fantasma, mas uma pessoa de carne e osso trajada de maneira deslumbrante.

– Devo pedir perdão a vossa senhoria – gagueja o Sr. Guppy, bastante contrafeito. – A hora é imprópria...

– Eu lhe disse que poderia vir a qualquer hora. – Senta-se, olhando-o fixamente, como da outra vez.

– Obrigado a vossa senhoria. Vossa senhoria é muito amável.

– Pode sentar-se. – Não há muita amabilidade na sua voz.

– Não sei se vale a pena sentar-me e reter vossa senhoria, porque eu... eu não consegui apossar-me das cartas de que falei, quando tive a honra de

procurar vossa senhoria.

– Veio cá para dizer simplesmente isto?

– Para dizer simplesmente isto, minha senhora. – O Sr. Guppy, além de estar abatido, decepcionado e inquieto, sente-se ainda mais constrangido diante do esplendor e da beleza da dama. Lady Dedlock conhece perfeitamente a influência dos seus encantos. Estudou-os tão bem que sabe até que ponto mínimo eles influem nas pessoas. Enquanto Lady Dedlock o encara assim com tanta fixidez e frieza, o pobre mancebo vê claramente que não somente não tem nela um guia que o oriente nos meandros do pensamento da grande dama, senão que se vê a cada momento, por assim dizer, mais afastado dela.

Ela não falará, é evidente. De modo que ele é que tem de fazê-lo.

– Em resumo, minha senhora – diz o Sr. Guppy, como um ladrão humilde e penitente –, a pessoa de quem eu ia obter as cartas teve um fim súbito, e... – Para. Lady Dedlock calmamente termina a frase.

– E as cartas foram destruídas juntamente com a tal pessoa?

O Sr. Guppy diria não, se pudesse disfarçar, mas não pôde.

– Creio que sim, minha senhora.

Poderia o Sr. Guppy ver na fisionomia dela um levíssimo indício de alívio? Não, não poderia ver tal coisa, ainda que aquele soberbo exterior o não estivesse repelindo totalmente, e ele não estivesse olhando para além e em volta desse exterior.

Gagueja mais uma ou duas desculpas canhestras pelo seu insucesso.

– É tudo quanto tem que dizer? – pergunta Lady Dedlock, tendo-o ouvido até o fim ou até quase o fim da sua fala hesitante.

O Sr. Guppy julga que sim.

– Seria melhor certificar-se de que nada mais deseja dizer-me, pois será esta a última vez que terá oportunidade de fazê-lo.

O Sr. Guppy já se certificou completamente. E de fato não tem presentemente tal desejo, de forma nenhuma.

– É bastante. Escusa de se desculpar. Boa noite. – E toca a campainha,

chamando Mercúrio para conduzir à porta o rapaz chamado Guppy.

Mas nesse mesmo instante acontece achar-se naquela casa um velho chamado Tulkinghorn. E aquele velho, aproximando-se da biblioteca com o seu passo silencioso, está naquele momento com a mão no fecho da porta, entra e vê-se cara a cara com o rapaz que está saindo.

Um olhar entre o velho e a senhora, e por um instante o estore, que está sempre descido, salta de golpe para cima. A suspeita, uma suspeita fortíssima, põe-se a espreitar. Um instante mais e o estore torna a descer.

– Peço-lhe desculpa, Lady Dedlock, peço-lhe mil desculpas. É tão fora do comum encontrá-la aqui a estas horas. Pensei que o salão estivesse vazio. Queira desculpar-me.

– Pode ficar – diz ela em tom negligente, fazendo-o tornar atrás. – Fique aqui, peço-lhe. Vou jantar fora. Nada mais tenho que dizer a este rapaz.

O rapaz desconcertado curva-se ao sair e, numa lisonja, faz votos pela saúde do Sr. Tulkinghorn.

– Ah! ah! – diz o advogado, olhando para ele, por baixo de suas sobranceiras arqueadas, conquanto não tenha necessidade de olhar de novo. (Não fosse ele o Sr. Tulkinghorn.) – De Kenge e Carboy, por certo?

– De Kenge e Carboy, Sr. Tulkinghorn. Chamo-me Guppy, senhor.

– Isso mesmo. Pois bem, muito obrigado, Sr. Guppy, estou bem de saúde.

– Folgo de sabê-lo, senhor. Para honra da profissão, nunca será demais desejar que o senhor esteja passando bem.

– Obrigado, Sr. Guppy.

O Sr. Guppy esgueira-se. O Sr. Tulkinghorn – um verdadeiro contraste, no seu fato negro e fora de moda, ao lado do esplendor de Lady Dedlock – dá-lhe a mão, ajudando-a a descer a escada até a carruagem. Volta coçando o queixo e fica a coçá-lo horas esquecidas naquela noite.

1. Famosa igreja de Londres, conhecida pelo simples nome de The Temple. (N. do T.)

APERTANDO O PARAFUSO

Ora, que poderá ser isto? – indaga o Sr. Jorge. – Cartucho vazio ou com bala? Tiro errado ou tiro certo?

O assunto das especulações do cavalariano é uma carta aberta, que parece deixá-lo intensamente perplexo. Olha para ela, à distância dum braço, trá-la para mais perto, pega-a com a mão direita, pega-a com a esquerda, lê-la com a cabeça posta de uma banda, depois com a cabeça posta de outra, contrai as sobrancelhas, levanta-as, e contudo não se dá por satisfeito. Alisa a carta em cima da mesa com a pesada palma de sua mão, e caminhando pensativamente, dando largas passadas pela galeria, para de vez em quando diante dela, como que lançando-lhe um olhar novo. Mesmo isso de nada vale.

– Será cartucho vazio ou bala? – medita ainda o Sr. Jorge.

Phil Squod, com uma broxa e uma lata de tinta, acha-se a distância, ocupado em branquear os alvos, assobiando baixinho, em compasso de marcha viva e imitando tambor e pífano, uma canção cujo assunto é o seu retorno para junto da moça que deixou na sua terra.

– Phil! – acena-lhe o cavalariano, chamando-o.

Phil aproxima-se, na sua maneira habitual, ziguezagueando a princípio, como se estivesse indo para qualquer outra parte, e depois investindo para o lado de seu comandante, como uma carga de baioneta. Uns salpicos de branco aparecem em alto-relevo na sua cara suja, e ele coça sua única sobrancelha com o cabo da broxa.

– Atenção, Phil! Escute isto.

– Às ordens, comandante, às ordens!

– “Senhor. Permita-me lembrar-lhe (se bem que não haja necessidade legal de fazê-lo, como bem sabe) que a promissória a prazo de dois meses sacada pelo Sr. Mateus Bagnet e pelo senhor aceita, do valor de noventa e sete

libras, quatro xelins e nove *pence*, vencer-se-á amanhã, devendo o senhor estar preparado para efetuar o pagamento da mesma à vista. Seu, *Josué Smallweed*.” Que deduz você disso, Phil?

– Prejuízo, chefe.

– Por quê?

– Creio – responde Phil, depois de traçar pensativamente um vinco cruzado na testa com o cabo da broxa – que há sempre consequências desastrosas quando se exige dinheiro.

– Olhe aqui, Phil – diz o cavalariano, sentando-se sobre a mesa. – Antes de mais nada, posso afirmar que paguei a metade a mais deste principal, em juros e numa coisa e outra.

– Phil insinua, dando um ou dois passos para trás, com um inconcebível esgar da cara arrepanhada, que não considera a transação mais promissora em virtude desse incidente.

– E escute mais, Phil – diz o cavalariano, detendo-lhe, com um aceno da mão, as prematuras conclusões. – Sempre ficou entendido que esta promissória teria de ser, como dizem, reformada. E tem-no sido um sem-número de vezes. Que diz você agora?

– Digo que acho que afinal chegou o tempo de isso ter um fim.

– Acha? Hum! Eu também sou da mesma opinião.

– Josué Smallweed é aquele tal que veio aqui carregado numa cadeira?

– Esse mesmo.

– Comandante – diz Phil, com imensa gravidade –, pelo seu jeito aquele homem é uma sanguessuga, pelas suas ações um agiota, uma serpente pelos seus ziguezagues, e uma lagosta pelas suas garras.

Tendo assim expressivamente manifestado seus sentimentos, o Sr. Squod, depois de uma pequena pausa destinada a certificar-se de que se esperava dele mais alguma outra observação, volta, com sua usual série de movimentos, para o alvo que tem na mão, e significa com vigor, por meio de sua anterior maneira musical, que deveria regressar para junto daquela moça ideal. Jorge, tendo dobrado a carta, caminha na direção dele.

– Há um meio, comandante – diz Phil, olhando astutamente para ele –,

de arranjar isso.

– Pagar, não é? Quem me dera poder fazê-lo!

Phil sacode a cabeça.

– Não, patrão, não, não é coisa tão ruim assim. Há um meio diz Phil, com um movimento altamente artístico da sua broxa.

– Então é não pagar.

Phil acena com a cabeça que sim.

– Seria um lindo meio, realmente! Sabe você o que aconteceria aos Bagnets em tal caso? Sabe que ficariam arruinados para pagar minhas contas velhas? *Seu* caráter é muito moral – diz o cavalariano, fitando-o de seu modo franco, com indignação não pequena. – Juro que é, Phil!

Phil, apoiado num joelho diante do alvo, está a ponto de protestar sinceramente, conquanto não sem muitos borrões alegóricos da sua broxa e alisamentos feitos com o polegar, da superfície branca em redor da margem, que havia esquecido a responsabilidade de Bagnet no caso, e que não desejava que se tocasse sequer num cabelo da cabeça de qualquer membro daquela digna família, quando se ouvem passos no longo corredor externo e uma voz alegre que deseja saber se Jorge está em casa. Phil, com um olhar para o patrão, põe-se desajeitadamente de pé, dizendo: – O patrão está, Sra. Bagnet! Ei-lo! – e aparece então a própria Sra. Bagnet, acompanhada do marido.

A Sra. Bagnet nunca se apresenta em traje de passeio, em qualquer estação do ano, sem um capote de pano cinzento, grosso e bastante usado, mas muito limpo, que é sem dúvida a mesma peça de vestuário tão do agrado do Sr. Bagnet por ter vindo de uma parte longínqua do globo para a Europa, em companhia da Sra. Bagnet e duma sombrinha. Esse fiel apêndice faz também parte invariável da pessoa da Sra. Bagnet, quando ela está fora de casa. É de cor totalmente desconhecida neste mundo e tem como cabo um gancho enrugado de madeira, com um objeto metálico inserido na sua proa ou bico, parecido com um pequeno modelo de bandeira de janela sobre uma porta de rua, ou com um dos vidros ovais dum par de óculos – objeto ornamental que não tem aquela tenaz capacidade de apegar-se ao seu lugar, tão desejável num artigo há muito relacionado com o exército britânico. A sombrinha da Sra. Bagnet é dum pano mole de espartilho, e parece precisar de varetas, aparência que lhe vem provavelmente do fato de haver servido,

através duma enfiada de anos, de armário em casa, e de saco durante as viagens. Nunca a abre, tendo a maior confiança no seu capote impermeável com seu vasto capuz, mas em geral utiliza o objeto como bastão, com que aponta quartos de carne ou molhos de verdura no mercado, ou chama a atenção dos negociantes com uma amigável pancadinha. Sem seu cesto de compras, que é uma espécie de poço de vime com duas tampas barulhentas, ela, quando fora de casa, nunca se sente à vontade. Assim, com aqueles fiéis companheiros, o rosto honesto e queimado de sol, aparecendo alegre de sob um chapéu de palha grosseira, surge agora a Sra. Bagnet, rosada e viva, na Galeria de Tiro de Jorge.

– Ora, muito bem, Jorge, meu velho – diz ela –, como vai você nesta manhã cheia de sol?

Dando-lhe um cordial aperto de mão, a Sra. Bagnet solta um longo suspiro depois da sua caminhada e senta-se para gozar dum pouco de descanso. Possuindo a faculdade, adquirida no alto das carroças de cargas e em outras posições incômodas de descansar em qualquer parte, aboleta-se num banco rústico, desamarra os atilhos do chapéu, puxa-o para trás, cruza os braços e mostra-se perfeitamente à vontade.

Nesse meio tempo, o Sr. Bagnet apertou a mão de seu velho camarada e de Phil, ao qual a Sra. Bagnet dirige também um sorriso e um cumprimento afável.

– Pois bem, Jorge – diz a Sra. Bagnet vivamente –, aqui estamos nós, Lignum e eu – muitas vezes dá ao marido este nome pelo fato de, segundo se supõe, ter sido Lignum Vitae sua antiga alcunha no regimento, quando se conheceram pela primeira vez, alcunha que lhe puseram em virtude da extrema dureza e tenacidade de sua fisionomia –, para uma curta visita, a fim de arranjar tudo direito, como de costume, a respeito daquele título. Dê-lhe a nova promissória para assinar, Jorge, e ele a assinará como um homem de bem.

– Eu ia à casa de vocês esta manhã – observa com relutância o cavalariano.

– Sim, pensamos que você viesse ter conosco esta manhã, mas levantamo-nos cedo e deixamos Woolwich, o melhor dos rapazes, tomando conta de suas irmãs, e preferimos vir ter aqui, como está vendo. Quanto a Lignum, está preso agora e faz tão pouco exercício que um passeio não pode

deixar de fazer-lhe bem. Mas que é que há, Jorge? – pergunta a Sra. Bagnet, interrompendo sua alegre tagarelice. – Você está esquisito.

– Realmente estou – responde o cavalariano. – Tenho andado um pouco transtornado, Sra. Bagnet.

Os olhos vivos da esperta mulher depressa apanham a verdade.

– Jorge! – e espeta no ar seu dedo indicador. – Não me diga que há qualquer complicação a respeito daquele aval de Lignum! Veja o que faz, Jorge, por causa das crianças!

O cavalariano olha para ela com o rosto desfigurado.

– Jorge – diz a Sra. Bagnet, usando ambos os braços na sua ênfase e batendo de vez em quando com as mãos abertas sobre os joelhos –, se você permitiu que alguma coisa viesse atrapalhar aquele aval de Lignum, se você o enganou com isso, e se você nos pôs em perigo de sermos executados por dívidas (e o que vejo em seu rosto é a confissão disso, Jorge, tão claramente como se estivesse aí impresso), você praticou uma ação vergonhosa e nos decepcionou cruelmente. É o que lhe digo, Jorge, cruelmente. Aí tem!

Por sua parte, o Sr. Bagnet, tão imóvel como uma bomba ou um poste de lampião, espalma a larga mão direita no topo da sua calva, como para defendê-la dum banho de chuveiro, e olha para a Sra. Bagnet com grande desassossego.

– Jorge – diz a mulher –, estou admirada! Você me envergonha! Jorge, eu não poderia acreditar que fizesse uma coisa dessas! Sempre conheci você como pedra que rola e não cria musgo, mas nunca pensei que você destruísse aquele pouquinho de musgo que havia para descanso de Bagnet e das crianças. Você bem sabe que sujeito trabalhador e sempre pronto é ele. Você sabe o que são Woolwich, Quebec e Malta, e eu nunca pensei que você fosse capaz, ou quisesse ser capaz, de nos prestar um serviço dessa espécie. Oh! Jorge! – a Sra. Bagnet levanta o capote para enxugar os olhos. – Como pôde você fazer uma coisa dessas?

Tendo a Sra. Bagnet cessado de falar, o Sr. Bagnet tira a mão da cabeça, como se o banho de chuveiro houvesse acabado, e olha desconsoladamente para o Sr. Jorge, que ficara branco de todo, e contempla cheio de angústia o capote cinzento e o chapéu de palha.

– Mat – diz o cavalariano, com voz embargada, dirigindo-se a Bagnet, mas fitando ainda a mulher deste –, sinto muito que você leve isso tão a sério, porque espero que as coisas não sejam tão ruins como parecem. É certo que recebi esta carta hoje – e a lê em voz alta –, mas espero poder consertar tudo ainda. Quanto a isso de pedra que rola, o que você diz é verdade. Sou uma pedra que rola, e acredito piamente que nunca rolei no caminho dos outros, ajuntando daí o mínimo bem que fosse. Mas nenhum vagabundo poderia gostar tanto de sua mulher e de sua família, Mat, como eu gosto, e espero que você me perdoe de todo o coração. Não pense que conservei alguma coisa oculta de você. Haverá um quarto de hora que recebi esta carta.

– Minha velha – murmura o Sr. Bagnet, depois de um silêncio –, quer transmitir-lhe a minha opinião?

– Oh! por que não se casou ele – pergunta a Sra. Bagnet meio rindo, meio chorando – com a viúva de Joe Pouch na América do Norte? Se o tivesse feito, não se veria metido agora nestas alhadas.

– Minha velha diz bem – afirma o Sr. Bagnet –, por que não se casou você?

– Ora, espero que a esta hora ela tenha um marido melhor do que eu – responde o cavalariano. – Seja como for, aqui estou eu, no dia de hoje, e não estou casado com a viúva de Joe Pouch. Que deverei fazer? Vocês estão vendo tudo quanto tenho por aqui. Não é meu. É de vocês. Digam uma palavra e venderei tudo. Se houvesse esperança de se conseguir com isso aproximadamente a soma precisa, há muito que teria vendido tudo isto. Não acredite que eu vá deixar você, Mat, ou aos seus na mão. Preferiria vender-me como escravo. Desejo somente – diz o cavalariano, descarregando no peito um soco de desprezo – saber se haveria alguém que quisesse comprar estes trastes velhos, de segunda mão.

– Minha velha – murmura o Sr. Bagnet –, transmita-lhe outra parcela da minha opinião.

– Jorge – diz a Sra. Bagnet –, pensando bem, você merece muita censura, exceto em ter feito este negócio sem contar com recursos.

– É como sempre faço – observa o penitente cavalariano, sacudindo a cabeça –, como sempre faço, bem sei.

– Silêncio! Minha velha diz bem – afirma o Sr. Bagnet –, transmite bem

minhas opiniões... Ouça-me até o fim!

– Tudo bem considerado, o que você não devia, Jorge, era ter pedido o aval e tê-lo aceito. Mas o que está feito não está por fazer. Você não deixa de ser um sujeito probo e correto, na medida de suas forças, apesar de um tanto leviano. Por outro lado, você não pode deixar de achar natural que estejamos ansiosos, com uma ameaça dessas pendente sobre nossas cabeças. Portanto, esqueça-se e perdoe-nos tudo, Jorge. Vamos, esqueça-se e perdoe-nos.

Dando-lhe a Sra. Bagnet uma de suas mãos e dando a seu marido a outra, o Sr. Jorge dá a cada um deles uma das suas, segurando-as enquanto fala.

– Posso garantir a vocês que tenho feito tudo quanto é possível para livrar-me desse compromisso. Mas tudo quanto eu conseguia ajuntar, era empregado, cada dois meses, em não deixá-lo cair. Temos vivido aqui, eu e Phil, com bastante parcimônia. Mas a Galeria não tem dado o que dela se esperava e não é, afinal, a Casa da Moeda. Foi um erro da minha parte alugá-la? Creio que foi. Mas de certo modo fui arrastado a dar esse passo, pois pensava poder manter-me firme e estabelecer-me. Vocês hão de perdoar-me ter tido tais esperanças e, pela salvação de minha alma, estou muito grato a vocês e muito envergonhado de mim mesmo.

Com estas finais palavras, o Sr. Jorge dá um aperto em cada uma das mãos que tem nas suas e, largando-as, dá uns dois passos para trás, numa atitude empertigada e de peito alto, como se houvesse feito uma confissão final e fosse imediatamente ser fuzilado com todas as honras militares.

– Jorge, escute-me até o fim! – diz o Sr. Bagnet, lançando um olhar a sua mulher. – Continue, minha velha!

Sendo ouvido até o fim dessa maneira singular, o Sr. Bagnet observa que, se há de atender sem nenhuma demora aos termos da carta, que é aconselhável que Jorge e ele vão imediatamente procurar o Sr. Smallweed em pessoa, e que se trata antes de tudo de saber a responsabilidade do Sr. Bagnet, que nada teve com o dinheiro. Inteiramente de acordo, o Sr. Jorge põe o chapéu e prepara-se para marchar com o Sr. Bagnet até o campo inimigo.

– Não se importe com as palavras precipitadas duma mulher, Jorge – diz a Sra. Bagnet, dando-lhe um tapinha no ombro. – Confio-lhe o meu velho Lignum e estou certa de que você saberá tirá-lo do aperto.

O cavalariano responde que recebe com agrado as bondosas palavras da

Sra. Bagnet e que, seja como for, trará Lignum são e salvo. Em seguida a Sra. Bagnet, com seu capote, seu cesto e sua sombrinha, volta para casa, de olhos brilhantes de novo, para juntar-se ao resto da família, e os dois companheiros partem animados, na esperança de amolecer o coração do Sr. Smallweed.

Pode-se com razão indagar se haverá na Inglaterra duas criaturas menos aptas do que o Sr. Jorge e o Sr. Mateus Bagnet a entabular qualquer negócio satisfatório com o Sr. Smallweed. Também, não obstante o ar marcial dos dois, seus ombros largos e passo pesado, poder-se-á indagar se haverá, dentro dos mesmos limites, duas crianças mais simples e sem prática nos negócios que formam a vida de Smallweed. Enquanto caminham com grande gravidade pelas ruas na direção de Monte Alegre, notando o Sr. Bagnet que seu companheiro está pensativo, acha ser um dever seu de cordialidade referir-se à recente atitude enérgica da Sra. Bagnet.

– Jorge, você conhece bem a minha velha. Ela é toda doçura e branda como leite. Mas toquem-lhe nas crianças ou mesmo em mim e explode como pólvora.

– Isso a honra muito, Mat.

– Jorge – continua o Sr. Bagnet, olhando firme para a frente –, a minha velha nada pode fazer que não a honre e muito. Mais ou menos. A ela nunca diga isso, porque a disciplina deve ser mantida.

– Ela vale seu peso em ouro – diz o cavalariano.

– Em ouro? – indaga o Sr. Bagnet. – Vou lhe dizer quanto. O peso de minha velha é, mais ou menos, setenta e sete quilos. Receberia eu este peso em qualquer metal em troca da minha velha? Não. E por que não? Porque o metal de minha velha é muito mais precioso, muito mais precioso do que o mais precioso dos metais. E *toda* ela é metal!

– Você tem razão, Mat!

– Quando ela me escolheu e aceitou a aliança, alistou-se às minhas ordens e às dos filhos, com o coração e com a cabeça e para a vida inteira. Ela é dessas fervorosas e fiéis à sua bandeira que, basta que nos toquem com um dedo, surgem de pronto e correm às armas. Se alguma vez acontece ela errar o alvo, quando o dever a chama, não ligue importância, Jorge. Porque ela é leal!

– Ora, Mat, que Deus a abençoe! Por isso mesmo tenho-a na mais alta

conta.

— Você tem razão! — diz o Sr. Bagnet com o mais ardente entusiasmo, embora sem afrouxar a rigidez dum músculo sequer. — Faça da minha velha a opinião mais elevada, tão elevada como o rochedo de Gibraltar, que ainda assim estará pensando muito baixo a respeito de seus méritos. Mas nunca digo tais coisas diante dela. A disciplina deve ser mantida.

Enquanto iam sendo ditos esses encômios, chegaram a Monte Alegre e à casa de vovô Smallweed. A porta é aberta pela infalível Judy, que, tendo-os medido com os olhos, sem nenhuma condescendência particular e antes com certo ar escarninho, os deixa de pé à porta, enquanto consulta o oráculo para saber se deve mandá-los entrar. Pode-se inferir que o oráculo consentiu, do fato de haver ela voltado para dizer-lhes com seus beijos de mel “que poderão entrar, se quiserem”. Agraciados com tal privilégio, entram e encontram o Sr. Smallweed com os pés dentro da gaveta cheia de papéis existentes debaixo da sua singular cadeira, e a Sra. Smallweed abafada pela almofada, como um pássaro que não se quer que cante.

— Meu caro amigo — diz vovô Smallweed, com seus dois braços magros e afetuosos estendidos para diante —, como vai? Como está passando? Quem é este seu companheiro, meu caro amigo?

— Este — responde o Sr. Jorge, incapaz de se mostrar muito conciliatório a princípio — é Mateus Bagnet, que foi avalista naquele nosso negócio.

— Oh! o Sr. Bagnet? Sim, sei. — O velho olha para ele, fazendo anteparo com a mão. — Espero que esteja com saúde, Sr. Bagnet. Belo homem, Sr. Jorge! Tem um ar militar!

Não lhes tendo sido oferecidas cadeiras, o Sr. Jorge puxa uma para o Sr. Bagnet e outra para si. Sentam-se e, ao fazê-lo, parece que o Sr. Bagnet só nos quadris tem a faculdade de vergar.

— Judy — diz o Sr. Smallweed —, traga o cachimbo.

— Bem, creio que — intervém o Sr. Jorge — não é necessário dar esse incômodo à moça, pois, para falar a verdade, hoje não estou com vontade de fumar.

— Não, está? — pergunta o Sr. Smallweed. — Judy, traga o cachimbo.

— O fato é, Sr. Smallweed — prossegue Jorge —, que me encontro num estado de espírito um tanto desagradável. Está-me parecendo que seu amigo da cidade andou a pregar-me uma peça.

— Oh! por amor de Deus, qual o quê! — exclama vovô Smallweed. — Ele nunca faz isso.

— Não faz? Então folgo de ouvi-lo, porque pensava que nisso andasse o dedo dele. Sabe perfeitamente a que me refiro. A esta carta.

Ao ver a carta, vovô Smallweed sorri dum modo muito feio.

— Que significa isso? — pergunta o Sr. Jorge.

— Judy — diz o velho. — Trouxe o cachimbo? Dê cá. Pergunta o senhor o que isso significa, não é, meu bom amigo?

— Sim! Ora, vamos, vamos, Sr. Smallweed — insiste o cavalariano, obrigando a si próprio a falar com a maior brandura que lhe é possível, com a carta aberta numa das mãos e descansando os largos nós dos dedos da outra na coxa —, entre nós muito dinheiro já correu e estamos cara a cara, neste instante, ambos muito bem certos de que tem sido sempre assim. Estou preparado para fazer o que habitualmente tenho feito e continuar assim o negócio. Nunca recebi antes do senhor uma carta como esta. Por isso esta manhã ela me perturbou um pouco, porque aqui está meu amigo Mateus Bagnet, que, como sabe, não tinha nada com o dinheiro...

— Eu *não* sei disso — observa o velho tranquilamente.

— O quê? Diabos! mas eu estou lhe dizendo, não estou?

— Oh! sim, o senhor está me dizendo — replica vovô Smallweed. — Mas eu o ignoro.

— Bem — diz o cavalariano, engolindo seu furor —, mas eu sei disso.

O Sr. Smallweed retruca com excelente humor: — Ah! isso é outra coisa bem diversa! — E acrescenta: — Mas não tem importância. De um modo ou de outro, a situação do Sr. Bagnet não altera o negócio.

O infeliz Jorge faz grande esforço para acomodar o negócio com calma e abrandar o Sr. Smallweed, pegando-lhe nas próprias palavras.

— É justamente o que quero dizer. Como diz o senhor, aqui está Mateus Bagnet, sujeito, em todo o caso, a ficar preso ao negócio. Ora veja, isso está

transtornando a cabeça de sua boa mulher e a minha cabeça também, pois, ao passo que eu sou uma espécie de sujeito leviano e sem juízo, que mais merece pontapés que dinheiro, ele é um bom pai de família, está entendendo? Ora, Sr. Smallweed — continua o cavalariano, cobrando confiança à medida que prossegue na sua maneira milicianiana de tratar negócios —, se bem que eu e o senhor sejamos bons amigos de certo modo, muito bem percebo que não poderei pedir-lhe que o senhor exonere inteiramente o meu amigo Bagnet da sua obrigação.

— Oh! valha-me Deus! O senhor é por demais modesto. Pode pedir-me qualquer coisa, Sr. Jorge.

(Em vovô Smallweed nota-se hoje certa espécie de jocosidade de ogre.)
— E o senhor pode recusar, é o que quer dizer, não é? Ou não tanto o senhor, talvez, quanto o seu amigo da cidade? Ah! ah! ah!

— Ah! ah! ah! — ecoa vovô Smallweed, dum modo tão áspero e com uns olhos tão verdes, que a natural gravidade do Sr. Bagnet se torna ainda mais profunda pela contemplação daquele homem venerando.

— Vamos! — exclama o esperançado Jorge. — Alegro-me de ver que podemos mostrar-nos prazenteiros, porque desejo arranjar isso prazenteiramente. Aqui está o meu amigo Bagnet e aqui estou eu. Decidiremos o negócio imediatamente, se quiser, Sr. Smallweed, da maneira usual. E o senhor aliviará muito o espírito do meu amigo Bagnet e o de sua família, se lhe explicar em que consiste a nossa transação.

Nesse ponto algum espectro dá um grito agudo, à guisa de sarcasmo: — Oh! valha-me Deus! oh! — ou seria a galhofeira Judy, que se mostrava, no entanto, inteiramente quieta quando os visitantes assustados correram os olhos em redor, mas em cujo queixo se podiam notar recentes sinais de escárnio e desprezo. A gravidade do Sr. Bagnet tornou-se mais profunda.

— Mas creio que o senhor me estava perguntando, Sr. Jorge — quem falava agora é o velho Smallweed, que durante todo esse tempo tem estado com o cachimbo na mão —, creio que o senhor me estava perguntando o que significa esta carta, não é assim?

— Exatamente — respondeu o cavalariano, com seu modo brusco —, mas não faço questão de detalhes, uma vez que tudo está correto e agradável.

O Sr. Smallweed, errando propositadamente o alvo que seria a cabeça do

cavalariano, atira o cachimbo no chão, fazendo-o em pedaços.

— É isto o que a carta quer dizer, meu caro amigo. Eu o reduzirei a cacos! Eu o esmigalharei! Eu o pulverizarei! Vá para o diabo.

Os dois amigos levantam-se e olham um para o outro. A gravidade do Sr. Bagnet atingiu agora o seu ponto mais profundo.

— Vá para o diabo! — repete o velho. — Não quero mais saber de suas cachimbadas e fanfarronadas. O quê? É também um dragão independente! Vá ao meu advogado (há de lembrar-se onde; já lá esteve antes), e mostre-lhe sua independência agora, ouviu? Vamos, meu caro amigo, há uma oportunidade para você. Abra a porta da rua, Judy; ponha estes fanfarrões para fora! Peça socorro se eles não quiserem ir. Ponha-os para fora!

Diz isso em berros tão altos que o Sr. Bagnet, pondo as mãos nos ombros de seu camarada, antes que este possa recobrar-se de seu assombro, leva-o para fora da porta da rua, que é instantaneamente fechada com toda a violência pela triunfante Judy. Extremamente confuso, o Sr. Jorge fica por um instante a olhar para a aldrava. O Sr. Bagnet, abismado num autêntico pego de gravidade, caminha de um lado para outro diante da janela da antessala, como uma sentinela, e olha para dentro cada vez que passa, parecendo estar a revolver qualquer coisa no espírito.

— Vamos, Mat! — diz o Sr. Jorge, depois que conseguiu dominar-se. — Devemos procurar o advogado, a título de experiência. Que pensa você deste patife?

O Sr. Bagnet, parando para lançar um olhar de despedida para dentro do salão, responde, com uma sacudidela da cabeça na direção do interior: — Se a minha velha estivesse aqui, eu teria dito a esse sujeito poucas e boas! — Liberto assim do assunto de suas cogitações, põe-se a caminho, ombro a ombro, em companhia do cavalariano.

Ao apresentarem-se em Lincoln's Inn Fields, informam-nos de que o Sr. Tulkinghorn está ocupado e não pode atendê-los. É que está com pouca disposição de recebê-los, porquanto, depois de terem esperado uma boa hora, o escrevente, atendendo ao toque da campainha e aproveitando a oportunidade para anunciá-los, traz o recado pouco animador de que o Sr. Tulkinghorn nada tem para dizer-lhes e que portanto era melhor não esperarem. Esperaram, contudo, com a perseverança da tática militar; por fim

a campainha torna a tocar, e a cliente em consulta sai do gabinete do Sr. Tulkinghorn.

A cliente, uma formosa velha, não é outra senão a Sra. Rouncewell, governanta de Chesney Wold. Sai do recinto sagrado com uma bela cortesia à moda antiga e fecha devagar a porta. É tratada ali com certa distinção, pois o escrevente deixa o seu banco para acompanhá-la do escritório externo até a rua. A velha senhora está agradecendo a gentileza dele, quando repara nos dois companheiros à espera.

— Por obséquio, senhor, diga-me, aqueles cavalheiros não serão militares?

Transferindo o escrevente a pergunta para eles com um olhar, e não tendo o Sr. Jorge desviado a vista do almanaque que está sobre a lareira, o Sr. Bagnet incumbe-se da resposta: — Sim, minha senhora, já fomos.

— Foi o que pensei. Estava certa disso. Meu coração bate, cavalheiros, só de ver-vos. Isto sempre acontece diante de militares. Deus vos abençoe, cavalheiros! Queiram desculpar uma velha, mas é que tive outrora um filho que foi ser soldado. Era um belo e inteligente rapaz e bom, apesar de um tanto afoito, e ainda que algumas pessoas procurassem desfazer nele junto à sua pobre mãe. Peço-lhes desculpas por incomodá-los, senhores. Deus vos abençoe, cavalheiros!

— O mesmo lhe desejamos, minha senhora! — respondeu o Sr. Bagnet, com sinceridade.

Há qualquer coisa de bastante comovedor no fervor da voz da velha senhora e no tremor que perpassa por aquela figura tão primorosa no seu ar obsoleto. Mas o Sr. Jorge está tão ocupado com o almanaque (talvez calculando por ele os meses vindouros), que não levanta os olhos senão quando ela se retira e a porta se fecha.

— Jorge — murmura o Sr. Bagnet com certa rispidez, quando aquele afinal desvia a atenção do almanaque —, não se deixe abater: “Por que, soldados, por que haveríamos de estar tristes, rapazes?” Vamos, coragem, ânimo!

Tendo entrado agora de novo o escrevente no gabinete para dizer que eles ainda estão à espera, ouvem o Sr. Tulkinghorn responder com certa irascibilidade: — Pois que entrem! — Passam então para o grande gabinete

de teto pintado, e encontram o Sr. Tulkinghorn de pé diante da lareira.

— Bem, que desejam os senhores? Sargento, já lhe disse na última vez que o vi que não desejava sua presença aqui.

O sargento responde — abatido, despojado, naqueles últimos minutos, de sua maneira habitual de falar e até mesmo de sua habitual atitude — que recebeu aquela carta, foi procurar o Sr. Smallweed e que este o mandou para ali.

— Nada tenho que dizer-lhe — acrescenta o Sr. Tulkinghorn. — Se o senhor contraiu dívidas, deve pagá-las ou arcar com as consequências. Suponho que não veio aqui para aprender isso.

O sargento diz que lamenta não ter o dinheiro necessário.

— Muito bem! Então o outro homem — este homem, se é ele o tal — deve pagar pelo senhor.

O sargento diz que lamenta não estar o outro homem tampouco preparado para entrar com o dinheiro.

— Muito bem! Então cotizem-se ambos para pagá-lo, se não serão ambos processados e punidos. Receberam o dinheiro, devem portanto reembolsá-lo. Não podem entrar de posse das libras, xelins e pente dos outros, e depois sair muito a seu salvo.

O advogado senta-se na sua poltrona e atiza o fogo. O Sr. Jorge espera que ele tenha a bondade de...

— Já lhe afirmei, sargento, que nada tenho que dizer-lhe. Não gosto de seus sócios e não o quero aqui. Este negócio não está dentro das normas do meu gênero de advocacia e aberra das minhas funções habituais. É muita bondade da parte do Sr. Smallweed proporcionar-me negócios desta espécie, mas não são da minha especialidade. O senhor vá procurar Melquisedeque, em Clifford's Inn.

— Devo-lhe uma explicação, senhor — diz o Sr. Jorge —, pelo fato de importuná-lo com tão pouco estímulo da sua parte — o que é quase tão desagradável para mim como deve ser para o senhor; mas quer permitir que eu lhe diga uma palavra em particular?

O Sr. Tulkinghorn levanta-se de mãos nos bolsos e dirige-se para um dos recessos da janela: — Ora! Não tenho tempo para desperdiçar. — No meio da

sua integral atitude de indiferença, dirige ao cavalariano um olhar penetrante, tomando o cuidado de ficar de costas para a luz e de conservar o outro com o rosto voltado para ela.

— Bem, senhor — diz o Sr. Jorge. — Este homem que me acompanha é a parte implicada neste infeliz negócio — nominalmente, apenas nominalmente — e meu único intuito é impedir que por minha causa ele se veja em maus lençóis. É um homem muito respeitável, com mulher e família; já fez parte da Artilharia Real...

— Meu amigo, não me interesso o mínimo que seja pela Artilharia Real — oficiais, soldados, carretas, carroças, cavalos, canhões e munição.

— É provável, senhor. Mas eu me interesso e muito por Bagnet, por sua mulher e sua família, para permitir que sejam prejudicados por minha causa. E se pudesse livrá-los deste negócio, não hesitaria em entregar, sem qualquer outra consideração, aquilo que o senhor desejava de mim outro dia.

— Tem-no aí?

— Tenho, sim, senhor.

— Sargento — continua o advogado no seu tom frio e seco, muito mais desanimador para quem lidava com ele do que se fosse vivo e violento —, pense bem enquanto lhe falo, porque isto é definitivo. Depois que eu acabar de falar, dou o assunto por encerrado, e não me ocuparei mais dele de modo algum. Fique bem assente isto. Se quiser, pode deixar aqui, por alguns dias, isso que diz trazer aí consigo, ou poderá levá-lo imediatamente, se quiser. No caso de resolver deixá-lo aqui, posso fazer isto pelo senhor — posso recolocar este negócio no pé em que estava e ir ao ponto de dar-lhe uma declaração escrita, afirmando que esse Sr. Bagnet jamais será incomodado de modo algum, até que a execução contra o senhor esteja finda, isto é, que todos os seus recursos estejam esgotados, quando então o credor usará dos seus direitos. Na realidade, isso equivale praticamente a isentá-lo de qualquer ônus. Já decidiu?

O cavalariano mete a mão no peito e responde com um longo suspiro: — Devo fazê-lo, senhor.

Então o Sr. Tulkinghorn, pondo os óculos, senta-se e escreve a declaração que lê devagar, e explica a Bagnet, o qual tem estado todo esse tempo com os olhos cravados no teto e põe de novo a mão sobre a cabeça

calva, amparando-a desse novo chuveiro verbal, e parecendo excessivamente necessitado da sua velha para exprimir por meio dela os seus sentimentos. O cavalariano tira depois do bolso interno do casaco um papel dobrado e põe-no com mão hesitante junto ao cotovelo do advogado. — É apenas uma carta com instruções, senhor. A última que recebi dele.

Olhe para uma mó de moinho, Sr. Jorge, para ver se nela descobre alguma mudança de expressão! Descobri-la-á nela com mais facilidade do que no rosto do Sr. Tulkinghorn, quando este abre e lê a carta. Torna a dobrar a carta e larga-a em cima da mesa, com uma fisionomia tão imperturbável como a da morte.

Não diz nem faz mais nada, a não ser um aceno de cabeça com a mesma maneira fria e descortês, e diz somente isto: — Podem ir. Mostre a saída a estes senhores! — Vendo-se na rua, eles se dirigem à casa do Sr. Bagnet para jantar.

Carne de vaca cozida e verduras constituem a variante do antigo repasto de carne de porco cozida e verduras. A Sra. Bagnet serve a comida da mesma forma e tempera-a com o melhor dos temperos, pertencendo àquela espécie rara de mulheres que acolhem o bom em seus braços sem se preocuparem com que podia ser melhor e recebem luz de qualquer manchinha de escuridão que lhes apareça ao lado. A mancha naquela ocasião é o semblante anuviado do Sr. Jorge. Está insolitamente pensativo e oprimido. A princípio a Sra. Bagnet confia em que a meiguice de Quebec combinada com a de Malta o conforte, mas vendo que aquelas meninas já perceberam que o Bluffy daquele momento não é o Bluffy brincalhão que estão habituadas a conhecer, faz sinal à infantaria ligeira para que desapareça e deixa-o desdobrar-se à vontade no campo aberto da lareira doméstica.

Ele, porém, não o faz. Permanece em ordem unida, sombrio e desalentado. Durante a demora da limpeza e o competente taroucar de tamancos lá no pátio interno, ao receberem ele e Bagnet seus cachimbos, não se mostra melhor do que se achava ao jantar. Esquecendo-se de fumar, contempla o fogo e cisma, deixa o cachimbo apagar-se, e assim, mostrando tal desdém ao fumo, enche de perturbação e mágoa o peito do Sr. Bagnet.

Por isso, quando a Sra. Bagnet afinal aparece, rosada do manejo do balde e das suas próprias abluções, e se senta a trabalhar, o Sr. Bagnet regouga um “minha velha!” e pisca-lhe os olhos para que descubra o que há.

— Ora, Jorge! — diz a Sra. Bagnet, enfiando tranquilamente a agulha.
— Que cara amarrada!

— Deveras? Péssima companhia, não? Bem, creio que tem razão.

— Nem parece o Bluffy de costume, mamãe! — exclama Maltinha.

— Acho que ele não está passando bem, mamãe — acrescenta Quebec.

— Decerto que é mau sinal não me parecer com o Bluffy de sempre! — observa o cavalariano, beijando as duas meninas. — Mas é verdade — (e solta um suspiro) —, receio que seja verdade. Essas criaturinhas têm sempre razão!

— Jorge — diz a Sra. Bagnet, costurando ativamente —, se eu imaginasse que você ia ficar zangado com certa coisa que a tagarela mulher dum velho soldado disse esta manhã (ela seria capaz de cortar a própria língua depois e quase deveria tê-lo feito), não sei o que diria agora.

— Ora, minha querida, não diga tal — retruca o cavalariano.

— Porque em minha boa verdade, Jorge, o que eu disse e queria dizer era que confiei Lignum a você e estava certa de que você mo traria são e salvo. E foi o que você fez, digno homem.

— Obrigado, minha cara! — diz Jorge. — Fico satisfeito ouvindo sua bondosa opinião.

Ao estender a mão à Sra. Bagnet, que segurava sua costura, para dar-lhe um cordial aperto (ela achava-se sentada a seu lado), a atenção do cavalariano foi atraída para o semblante dela. Depois de olhá-la por um instante enquanto ela manejava a agulha, desvia a vista e encara o jovem Woolwich, sentado em seu tamborete a um canto, e acena ao tocador de pífano para que se aproxime.

— Veja aqui, meu rapaz — diz Jorge, alisando delicadamente com a mão o cabelo da mãe —, repare nesta bondosa e amável fronte, toda resplandecente de amor a você, meu rapaz. Um pouco queimada do sol e das intempéries por ter acompanhado seu pai por toda a parte, tomando conta de vocês, mas tão fresca e saudável como uma maçã madura na macieira.

O rosto do Sr. Bagnet, tanto quanto permite aquele material tosco, exprime a mais elevada aprovação e aquiescência.

— Tempo virá, meu rapaz — prossegue o cavalariano —, em que este

cabelo de sua mãe estará encanecido e esta fronte toda vincada de sulcos. Será ela então uma velha formosa. Tome cuidado, enquanto moço, para que você possa dizer então: “Nunca embranqueci um cabelo de sua querida cabeça; nunca fui causa de que aparecesse uma ruga em seu rosto!” Porque de todas as muitas coisas que você puder pensar quando homem, nenhuma lhe trará tanto consolo como esta, Woolwich!

O Sr. Jorge termina levantando-se de sua cadeira, sentando nela o menino ao lado de sua mãe e dizendo com certa precipitação que irá fumar um pouco seu cachimbo na rua.

A NARRATIVA DE ÉSTER

Doente e de cama durante várias semanas, o teor usual de minha vida tornou-se como que uma lembrança antiga. Mas não foi tanto isto efeito do tempo quanto da mudança em todos os meus hábitos, ocasionada pela debilidade extrema e pela inação de um quarto de doente. Antes de ter sido nele confinada por tantos dias, tudo mais parecia ter-se retirado para uma distância remota, onde havia pouca ou nenhuma separação entre as várias fases da minha vida, a qual fora realmente dividida por anos. Caindo doente, parecia-me ter transposto um escuro lago e ter deixado todas as minhas experiências, confundidas pela grande distância, na praia da saúde.

Minhas obrigações de dona de casa, ainda que a princípio me houvesse causado grande ansiedade o pensar que não estavam sendo cumpridas, logo se tornaram tão afastadas como o mais velho dos meus velhos deveres em Greenleaf, ou como as tardes de verão quando eu voltava da escola, com minha pasta debaixo do braço e minha sombra de menina ao meu lado, para a casa de minha madrinha. Nunca havia sabido antes quão curta a vida era realmente, e em quão pequeno espaço a mente pode colocá-la.

Enquanto me achava bem doente, o modo por que essas divisões de tempo se tornavam confusas e misturadas me atormentava excessivamente o espírito. Ao mesmo tempo uma criança, uma moça e a mulher que tão feliz eu fora, sentia-me não somente oprimida pelos cuidados e dificuldades adaptadas a cada época, mas pela grande perplexidade de tentar infundavelmente conciliá-las. Suponho que poucos dos que não se tenham encontrado em tal situação poderão compreender o que quero dizer, ou que penosa intranquilidade daí se origina.

Pela mesma razão, tenho quase receio de referir-me à desordem de meu espírito naquele tempo — parecia-me uma longa noite, mas acredito que havia nela tanto noites como dias —, quando suava subindo escadas colossais, sempre tentando alcançar o topo e sempre voltando ao ponto de partida,

tolhida por algum obstáculo, mas sem deixar de esforçar-me de novo, como vira um verme fazer numa vereda de jardim. Sabia perfeitamente a espaços, e penso que vagamente na maior parte das vezes, que me encontrava em minha cama; conversava com Charley, sentia-lhe o contato e conhecia-a muito bem. Contudo, surpreendia-me a queixar-me: — Oh! ainda mais outras dessas escadas sem fim, Charley... outras e mais outras... empilhadas até o céu, creio! — e a esforçar-me novamente.

Ousarei referir-me àquela época horrível em que, presa fortemente em alguma parte, num grande espaço negro, parecia-me ver um flamejante colar, ou anel, ou círculo estelar de qualquer espécie, do qual eu era uma das contas? E quando minha única oração era que me arrancassem do resto, e quando era tão inexplicável agonia e infortúnio ser eu uma parte de tão terrível coisa?

Talvez quanto menos fale daquelas experiências mórbidas, menos enfadonha e mais inteligível serei. Não as recordo para infelicitar os outros, ou porque agora me sinto menos infeliz relembrando-as. Talvez que se conhecêssemos maior número de tão estranhas aflições, pudéssemos tornar-nos mais capazes de aliviar sua intensidade.

O repouso que sucedeu, o longo e delicioso sono, o abençoado descanso, quando na minha fraqueza eu me sentia tão calma que não tinha nenhuma inquietação a respeito de mim mesma e era capaz de ouvir dizer (ou assim penso agora) que estava morrendo, sem nenhuma emoção a não ser a de um amor cheio de dó para com aqueles que ia deixar — esse estado talvez possa ser mais amplamente compreendido. Achava-me, pois, nessa situação, quando a luz cintilou mais uma vez diante de meus olhos, fazendo-me estremecer e dando-me a consciência, numa ilimitada alegria para a qual não há palavras suficientemente arrebatadoras, de que podia ver de novo.

Ouvira minha querida Ada chorando diante da porta, dia e noite. Ouvira seu apelo dirigido a mim, chamando-me cruel e acusando-me de não a amar. Ouvira-a rezar e implorar que a deixassem tratar de mim e confortar-me, não largando mais a minha cabeceira. Mas eu apenas dissera, quando pude falar: “Nunca, meu bem, nunca!” e muitas e muitas vezes lembrei a Charley que deveria convencer a minha querida Ada afastada do quarto, quer eu vivesse, quer morresse. Charley me fora sincera naquela época de necessidade e com sua mão pequenina e seu grande coração conservara a porta fechada.

Mas agora, com minha vista fortalecendo-se e a luz gloriosa entrando todos os dias a inundar-me com mais vivacidade e brilho, podia ler as cartas que minha amiga me escrevia todas as manhãs e todas as tardes e podia levá-las aos lábios e pousar sobre elas minha face, sem temor de contaminá-la. Podia ver minha criadinha, tão terna e tão cuidadosa, andando pelos dois quartos e pondo tudo em ordem, e de novo falando toda alegre a Ada, da janela aberta. Podia compreender o silêncio da casa e a preocupação que ele exprimia da parte de todos aqueles que sempre tinham sido tão bondosos para comigo. Podia chorar naquela estranha felicidade de meu coração e ser tão ditosa na minha fraqueza como sempre tinha sido na minha força.

Pouco a pouco minhas energias se foram restaurando. Em vez de ficar deitada, em tão estranha quietude, observando o que se fazia para mim, como se estivesse sendo feito para alguma outra pessoa da qual eu caladamente sentia pena, auxiliava um pouco, e assim cada dia um pouco mais, até que me tornei útil a mim mesma e interessada e ligada de novo à vida.

Quão bem me lembro da agradável tarde em que me sentei na cama pela primeira vez, apoiada em travesseiros, para gozar de um farto chá com Charley! Aquela criaturinha — certamente enviada ao mundo para auxiliar os fracos e doentes — mostrava-se tão feliz, tão atarefada e parava tantas vezes nos seus arranjos para pousar a cabeça em meu seio e acariciar-me, e chorar lágrimas de alegria, de tão alegre que estava, que me vi forçada a dizer: — Charley, se você continuar assim, terei de deitar-me de novo, meu bem, pois estou mais fraca do que pensava. — De modo que Charley ficou muito quietinha, e andava com o seu rosto radiante daqui para ali nos dois quartos, da sombra para a divina luz solar e da luz solar para a sombra, enquanto eu a contemplava placidamente. Concluídos todos os preparativos, e quando a linda mesa de chá, com suas guloseimas a tentar-me, sua toalha branca, suas flores e tudo quanto a minha querida Ada com tanto carinho arrumara para mim lá embaixo, ficou pronta à cabeceira da cama, tive certeza que podia dizer a Charley alguma coisa que não era nova nos meus pensamentos.

Em primeiro lugar, felicitei Charley pela arrumação do quarto. E, de fato, estava tão fresco e arejado, tão limpo e sem mancha, que eu mal podia acreditar que tivesse estado deitada ali tanto tempo. Isso agradou muito a Charley, e seu rosto mostrou-se mais radioso do que antes.

— Contudo, Charley — disse eu, olhando em torno —, sinto falta de

alguma coisa com a qual estava acostumada.

A coitadinha da Charley também olhou em redor e fez menção de abanar a cabeça, como para negar que faltasse ali alguma coisa.

— Todos os quadros estão nos seus lugares habituais? — perguntei-lhe.

— Todos eles, senhorita — disse Charley.

— E a mobília, Charley?

— Também, senhorita, exceto onde a removi um pouco para abrir mais espaço.

— E, contudo — disse eu —, sinto falta de um objeto familiar. Ah, já sei qual é, Charley! É o espelho!

Charley levantou-se da mesa, fingindo ter esquecido alguma coisa, e foi para o outro quarto; lá a ouvi soluçar.

Eu tinha pensado nisso várias vezes. Estava agora certa. Podia agradecer a Deus que não seria agora um choque para mim. Chamei Charley e, quando ela entrou — a princípio fingindo sorrir, mas, ao aproximar-se de mim, demonstrando pesar —, tomei-a nos meus braços e disse: — Isso importa pouco, Charley. Espero poder viver muito bem sem a minha cara de outrora.

Estava agora tão melhor que já podia sentar-me numa grande cadeira e mesmo caminhar, ainda um pouco tonta, até o quarto contíguo, apoiada em Charley. O espelho sumira de seu lugar habitual também naquele quarto. Mas o que eu tinha de suportar não se fazia mais insuportável por essa causa.

Meu tutor estivera, durante todo aquele tempo, ansioso por ver-me, e não havia agora razão plausível para que negasse a mim mesma essa felicidade. Ele veio certa manhã e, ao entrar, a princípio pôde apenas apertar-me de encontro ao peito e dizer: — Minha querida, minha querida menina! — De há muito eu sabia — quem melhor poderia sabê-lo? — que profunda fonte de afeto e generosidade era seu coração. Não seria digno de meu insignificante sofrimento e da minha mudança preencher uma tal lacuna em seu peito? “Oh, sim!”, pensei. “Ele me viu e me ama mais do que antes; ele me viu e sente por mim muito maior afeto. De que posso, pois, queixar-me?”

Sentou-se a meu lado no sofá, sustendo-me com seu braço. Durante algum tempo continuou sentado e tapou o rosto com a mão, mas, depois de destapá-lo, retomou seu modo habitual. Não, não há nem pode haver um

modo mais aprazível que o seu!

— Minha mulherzinha — disse ele —, que tempo triste foi esse! E durante todo ele que inflexível mulherzinha você se mostrou!

— Mas foi com a melhor das intenções — disse eu.

— Com a melhor das intenções? — repetiu ele ternamente. — Sem dúvida, com a melhor das intenções. Mas Ada e eu por aqui andamos inteiramente desamparados e infelizes. E sua amiga Caddy vinha cá de manhã e de noite. E todos de casa andavam consternados e apreensivos. Até o pobre Ricardo a escrever (até a mim escreveu) na sua ansiedade por notícias suas!

Eu tivera notícia de Caddy nas cartas de Ada, mas não de Ricardo. Disse-lhe isso.

— Ora, minha querida — respondeu ele. — Achei que seria melhor não fazer menção disso a ela.

— E o senhor diz que até ao *senhor* ele escreveu — disse eu repetindo sua ênfase. — Como se não fosse dever dele fazê-lo, meu tutor —; como se ele pudesse escrever a um amigo melhor!

— Ele pensa que pode, meu bem — respondeu meu tutor — e a muita gente melhor do que eu. A verdade é que me escreveu, mas guardando uma espécie de reserva ou protesto, na impossibilidade de escrever a você com alguma esperança de resposta. Escreveu com frieza e altivamente, um tanto alheado e ressentido. Ora, minha queridinha, devemos olhar tudo isso com indulgência. Ele não merece censura. “Jarndyce e Jarndyce” mudou-o bastante e desfigurou-me também a mim a seus olhos. Sei as coisas más e piores que esse processo é capaz de gerar por vezes. Se dois anjos pudessem estar metidos nele, acredito que mudariam de natureza.

— Mas não mudou a do senhor.

— Oh! Mudou, minha querida — disse ele, rindo. — Mudou o vento sul em vento leste, não sei quantas vezes. Rick desconfia e suspeita de mim. Consulta advogados e estes o ensinam a suspeitar e desconfiar de mim. Ouve dizer que tenho interesses antagônicos, exigências que colidem com as dele e não sei que mais. No entanto, Deus bem sabe que se eu pudesse largar a pilha de papelório forense em que meu infeliz nome há tanto tempo anda metido (o que não é possível), ou se pudesse arrasá-la pela extinção do meu próprio

direito original (o que não posso fazer, nem nenhuma força humana o poderá, segundo acredito, pois a tal estado de coisas chegamos), fá-lo-ia neste mesmo instante. Preferiria fazer que o pobre Ricardo voltasse ao seu natural a receber todo o dinheiro que os litigantes mortos, triturados de coração e de alma na roda do foro, deixaram, por não reclamarem, nas mãos do contador geral — e olhe que é dinheiro bastante, minha querida, para com ele erguer-se uma pirâmide em memória da transcendente malvadez do Tribunal.

— Será possível, meu tutor — perguntei, espantada —, que Ricardo suspeite do senhor?

— Ah! meu bem, meu bem — disse ele —, está na natureza do sutil veneno desses males engendrar tais enfermidades. Seu sangue está infectado e as coisas perdem seu aspecto natural à sua vista. A culpa não é dele.

— Mas isso é uma terrível desgraça.

— É uma terrível desgraça, menina, ser arrastado algum dia para dentro das influências de “Jarndyce e Jarndyce”. Não conheço nenhuma maior. Pouco a pouco foi ele induzido a confiar naquele caniço podre, e este comunica alguma parte de sua podridão a tudo que o cerca. Mas de novo o digo com toda a minha alma: devemos ter paciência com o pobre Ricardo e não censurá-lo. Que multidão de belos corações juvenis, como o dele, não vi eu na minha vida desencaminhados pelos mesmos meios!

Não pude deixar de exprimir um pouco do meu espanto e pesar de que suas intenções benévolas e desinteressadas não fossem bem correspondidas.

— Não devemos falar assim, D. Durden — tornou ele alegremente. — Ada é feliz, segundo me parece. E isso já é muito. Pensei que eu e aquelas duas jovens criaturas pudéssemos ser amigos, em vez de desconfiados adversários, e que poderíamos até aqui neutralizar o processo e mostrar que não o tememos. Mas foi uma esperança exagerada. “Jarndyce e Jarndyce” foi o cortinado do berço de Rick.

— Mas não poderemos esperar que um pouco de experiência da vida ensine a Ricardo que esse processo é uma coisa falsa e miserável?

— Devemos esperar isso, Ester — disse o Sr. Jarndyce —, e que tal coisa não lhe sirva de lição demasiado tarde. Em qualquer caso, não devemos mostrar-nos severos para com ele. Não há muitos homens crescidos e amadurecidos, e que estão vivos enquanto falamos, bons homens quanto ao

mais, que, se fossem lançados nesse mesmo Tribunal como litigantes, não se mostrassem vitalmente mudados e desconceituados dentro de três anos... dentro de dois... dentro de um. Como, pois, espantar-nos com o que acontece com o pobre Rick? Um rapaz tão mal-afortunado — e aqui pôs-se a falar em tom mais baixo, como se estivesse pensando alto — não pode a princípio acreditar (quem o poderia?) que o foro seja o que é. Ele cuida que o foro faça alguma coisa em prol de seus interesses e os leve a uma solução. O foro adia, decepçiona, põe-no à prova, tortura-o; estafa-lhe as ardentes esperanças e a paciência, fibra por fibra; ainda confia no foro e suspira por ele e afinal descobre que o mundo inteiro é traidor e falso. Bem, bem! Basta disso, minha querida!

Ele havia me sustido, como no princípio, durante todo esse tempo, e sua ternura me era tão preciosa que reclinei a cabeça em seu ombro, numa expansão de amor, como se ele fosse meu pai. Durante essa pequena pausa resolvi no meu íntimo avistar-me com Ricardo de qualquer forma, assim que me sentisse forte, a ver se o fazia voltar às boas.

— Há assuntos melhores do que este — disse meu tutor — para uma ocasião tão prazenteira como essa em que a nossa querida menina recuperou a saúde. E encarregaram-me de mencionar um deles logo que eu começasse a falar. Quando é que poderá vir vê-la, meu bem?

Também eu estivera a pensar nisso. Esse meu pensamento tinha certa relação com os espelhos ausentes, mas muito pouca, pois eu sabia que a minha querida amiga não haveria de mudar por causa das mudanças do seu aspecto.

— Meu querido tutor — disse eu —, como a conservei durante tanto tempo afastada de mim, embora na verdade ela seja como que a luz dos meus olhos...

— Sei disso muito bem, D. Durden.

Ele se mostrou tão bondoso, o toque de suas mãos exprimia tão terna compaixão e tanto afeto, e o tom de sua voz transmitia tanto conforto a meu coração, que parei por alguns instantes, completamente incapaz de prosseguir.

— Sim, sim, você está cansada — disse ele. — Descanse um pouco.

— Como mantive Ada afastada tanto tempo — comecei de novo, depois dum curto intervalo —, gostaria de que me fizessem a vontade por mais

algum tempo, tutor. Seria melhor que eu me afastasse daqui antes de vê-la. Se Charley e eu fôssemos para alguma hospedaria no campo assim que eu possa andar, e se eu passasse lá uma semana, durante a qual ficasse mais forte e revivesse com o ar saudável e pensando na felicidade de ter Ada a meu lado de novo, julgo que seria melhor para nós.

Acho que não era uma mesquinha da minha parte querer acostumar-me um pouco mais à minha deformada pessoa antes que os meus olhos se cruzassem com os da minha querida amiga, que eu desejava tão ardentemente rever. Mas a verdade é que a minha vontade era mesmo aquela. Ele me entendeu, eu estava certa. Mas não era esse o meu receio. Se nisso havia alguma mesquinha, eu não podia duvidar que ele havia de perdoar-me.

— A nossa mimada queridinha — disse meu tutor — fará o que bem entender, ainda que essa inflexibilidade, bem sei, vá provocar lágrimas lá embaixo. Escute cá: Boythorn, que tem uma alma cavalheiresca, lançando no papel votos tão fervorosos como creio que nunca papel nenhum os aguentou mais veementes, jura pelo céu e pela terra que, se você não se for instalar à vontade na casa dele, tendo-a ele já desocupado com tal intento, a porá abaixo, não deixando pedra sobre pedra.

Dizendo isso, meu tutor pôs-me na mão uma carta que não trazia nenhum cabeçalho comum, como “Meu caro Jarndyce”, mas começava assim abruptamente: “Juro que se Miss Summerson não vier tomar posse da minha casa, que hoje à uma hora da tarde desocupo para ela”, e depois, com a maior seriedade e nos termos mais enfáticos, prosseguia, fazendo a extraordinária declaração que o meu tutor havia citado. Mesmo rindo cordialmente, não deixamos de apreciar o autor da missiva, e ficou resolvido que eu lhe mandaria uma de agradecimento no dia seguinte, aceitando sua oferta. Ele me era muitíssimo agradável, pois, ainda que eu pensasse em lugares amenos, nenhum era como Chesney Wold.

— Agora, minha donazinha de casa — disse meu tutor, consultando seu relógio —, eu tinha hora marcada antes de subir até aqui, e você não deve fatigar-se muito; além disso, o meu tempo disponível já se esgotou completamente. Tenho outro pedido a fazer. A velha Flite, como lhe dissessem que você estava doente, não hesitou em vir até cá — vinte quilômetros, coitada, e com aqueles sapatos que você conhece — para ter notícias suas. Graças a Deus estávamos em casa, senão ela voltaria como

veio.

Era a velha conspiração destinada a fazer-me feliz! Parecia que todos estavam metidos nela!

— Agora, meu bem — disse o meu tutor —, se não lhe fosse fatigante receber a pobrezinha alguma tarde, antes que você resolva poupar à demolição a casa de Boythorn, creio que você a encherá de mais orgulho e lhe causará mais agrado do que eu poderia proporcionar-lhe em toda a minha vida, muito embora o meu nome seja Jarndyce.

Não tenho dúvida de que ele sabia que existia na simples imagem daquela pobre criatura aflita alguma coisa que naquela ocasião penetraria no meu espírito como uma lição suave. Senti isso enquanto ele me falava. Não lhe pude dizer bastante cordialmente quão pronta estava para recebê-la. Sempre me condoera dela, mas nunca tanto como agora. Sempre me sentira alegre com o pequeno poder que eu tinha de suavizar seu infortúnio, mas a minha alegria de antes não era nem metade da que agora sentia.

Combinamos uma hora para Miss Flite vir de diligência e partilhar o meu jantar. Quando meu tutor se foi, desviei a vista de meu canapé e rezei, pedindo para ser perdoada se eu, cercada de tantas bênçãos, tivesse engrandecido perante mim mesma a pequena provação que tinha de experimentar. A prece infantil daquele antigo aniversário, quando eu aspirava a ser diligente, satisfeita e franca, e a fazer o bem a alguém e lograr algum amor para mim mesma se pudesse, voltou à minha mente com uns laivos de censura por toda a felicidade que eu tinha desde então gozado e com todos os corações que se haviam voltado para mim. Se agora estava fraca, que havia eu aproveitado daquelas mercês? Repeti a velha oração da meninice com suas antigas palavras pueris, e verifiquei que sua velha virtude tranquilizadora não se havia dissipado.

Meu tutor vinha agora visitar-me todos os dias. Dentro duma semana ou pouco mais, já eu podia andar pelos dois quartos e sustentar longas conversas com Ada por trás da cortina da janela. Contudo nunca a via, pois não tivera ainda a coragem de contemplar o seu rosto querido, conquanto pudesse fazê-lo com toda a facilidade sem que ela me visse.

No dia marcado Miss Flite chegou. A pobre criatura entrou no meu quarto absolutamente esquecida de sua habitual dignidade, e, gritando com todo o coração: — Minha querida Fitz-Jarndyce! —, abraçou-se a meu

pescoço, beijando-me inúmeras vezes.

— Valha-me Deus! — disse ela, metendo a mão na sua rede. — Aqui só tenho documentos, minha querida Fitz-Jarndyce. Devo pedir emprestado um lenço.

Charley deu-lhe um, e é claro que a boa mulher fez uso dele, pois levava-o aos olhos com as mãos ambas, assim ficando, a derramar lágrimas, durante uns dez minutos.

— Choro por prazer, minha querida Fitz-Jarndyce — apressou-se em explicar. — Não é de pesar, não. Prazer de vê-la boa de novo. Prazer de ter a honra de visitá-la. Quero-lhe muito mais, meu amor, do que ao Chanceler, embora eu frequente todos os dias o Tribunal. A propósito de lenços, minha querida...

Aqui Miss Flite olhou para Charley, que tinha ido a seu encontro no lugar em que a diligência parara. Charley olhou para mim e pareceu pouco disposta a completar a sugestão.

— Muito bem! — disse Miss Flite. — Excelente deveras! Foi grande indiscrição minha falar nisso; mas, minha querida Miss Fitz-Jarndyce, receio que às vezes sou (aqui entre nós, a senhorita não devia pensar em tal) um pouco... divagadora — disse Miss Flite, tocando com o dedo na testa. — Nada mais.

— Que era que ia dizer-me? — perguntei, sorrindo, pois notei que ela queria prosseguir. — Despertou minha curiosidade e agora deve satisfazê-la.

Miss Flite olhou para Charley como a pedir-lhe conselho naquela crise importante, e esta lhe disse: — Seria melhor, minha senhora, que lhe contasse — o que agradou sobremaneira a Miss Flite.

— Aqui a nossa amiguinha é muito sagaz — disse-me ela com seu jeito misterioso. — Pequenina, mas tão sagaz! Bem, minha querida, é uma linda anedota. Nada mais. Contudo, acho-a encantadora. Sabe quem nos acompanhou do carro para cá? Uma pobre criatura, com um chapéu muito deselegante...

— Jenny, minha senhora — disse Charley.

— Isso mesmo! — aquiesceu Miss Flite, com a maior mansidão. — Jenny. Si...im. E sabe o que disse ela à nossa jovem amiguinha? Que

apareceu em sua casa uma senhora com um véu, indagando da saúde de minha querida Fitz-Jarndyce e levando consigo, como uma pequena lembrança, um lenço, somente porque pertencera à minha amada Fitz-Jarndyce! Ora, foi um gesto muito amável esse da senhora do véu!

— Com licença, senhorita — disse Charley, para quem olhei cheia de espanto —, Jenny diz que, quando o filhinho dela morreu, a senhora deixou um lenço lá e que ela o guardou com as outras coisinhas que tinham pertencido à criança. Penso que o fez já porque pertencia à senhorita, já porque cobrira o anjinho.

— Pequenina — murmurou Miss Flite, fazendo uma variada série de movimentos em redor da testa para denotar a inteligência de Charley — mas extraordinariamente sagaz! E tão clara! Meu bem, ela é mais clara, mais lúcida que qualquer advogado que já ouvi!

— Sim, Charley — respondi. — Lembro-me disso. E então?

— Pois bem — disse Charley —, foi esse o lenço que a senhorita levou. E Jenny quer que a senhorita saiba que não se desfaria do lenço nem por um monte de dinheiro, mas que a senhorita o levou e deixou em seu lugar algum dinheiro. Jenny não a conhece absolutamente, senhorita.

— Ora, quem poderia ter sido? — perguntei eu.

— Meu bem — sugeriu Miss Flite, aproximando os lábios de meu ouvido, com o seu ar de maior mistério —, na minha opinião (não diga isto à nossa jovem amiga) é a mulher do Lorde Chanceler. Ele é casado. E dizem que ela o traz numa roda viva. Joga no fogo os papéis de sua excelência, quando ele não paga as contas do joalheiro!

No momento pensei muito nessa senhora, porque tive a impressão de que talvez fosse Caddy. Além disso, minha atenção foi distraída pela minha visitante, que estava enregelada da viagem e parecia também com fome, e que, tendo sido trazido o nosso jantar, necessitava agora de algum auxíliozinho para ataviar-se, pondo uma velha e estragada manta de pescoço e calçando um remendadíssimo par de luvas, que havia trazido embrulhadas em papel. Tive também de presidir ao banquete, que constava de um prato de peixe, dum frango assado, pão doce, verduras, pudim e vinho da Madeira. E era bem agradável ver como ela saboreava tudo e com que pompa e cerimônia acolhia o jantar, de modo que não me preocupei mais com coisa alguma.

Quando acabamos e passamos à sobremesa, enfeitada pelas mãos de minha querida Ada, que a ninguém mais permitia a direção de tudo quanto era destinado a mim, Miss Flite mostrou-se tão loquaz e feliz, que pensei poder levá-la a falar de sua história, uma vez que estava sempre disposta a conversar a respeito de si mesma. Comecei dizendo: — Tem frequentado as audiências do Lorde Chanceler durante muitos anos, não é, Miss Flite?

— Oh! durante muitos e muitos anos, minha querida. Mas aguardo um julgamento. Não deve tardar.

Mesmo naquela sua esperança havia uma certa ansiedade que me fez duvidar do meu acerto em abordar o assunto. Achei que não deveria falar mais a esse respeito.

— Meu pai esperou um julgamento — disse Miss Flite. — Meu irmão. Minha irmã. Todos esperam um julgamento. O mesmo espero eu.

— Todos eles...

— Si...im. Já morreram, minha querida — disse ela.

Como vi que ela queria prosseguir, pensei que era melhor dar-lhe corda que mudar de assunto.

— Não seria preferível — perguntei eu — não esperar mais esse julgamento?

— Ora, meu bem — respondeu ela prontamente —, por certo que seria!

— E deixar de frequentar o foro?

— Claro que sim — disse ela. — E muito fatigante estar sempre à espera do que nunca vem, minha querida Fitz-Jarndyce. Fatigante até a medula dos ossos, posso garantir-lhe!

Mostrou-me rapidamente o braço, que era na verdade só pele e osso.

— Mas, minha querida — continuou ela, sempre com seu ar de mistério —, aquele lugar exerce tremenda atração. Olhe. Não conte isso à nossa amiguinha quando ela entrar. Talvez lhe causasse medo. E com toda a razão. Há naquele lugar uma atração cruel. Não podemos deixá-lo. Temos de esperar.

Tentei assegurá-la de que não havia tal. Ouviu-me com paciência e sorridente, mas tinha sua resposta na ponta da língua.

— Ai, ai, ai! A senhorita pensa assim, porque sou um pouco gira. É bem absurdo ser um pouco gira, não acha? E também causa embaraço à cabeça. E o que eu acho. Mas, minha querida, ando ali há tantos anos e já reparei: é a maça e o selo que estão em cima da mesa.

— De que poderiam ser eles causa na opinião dela? — perguntei-lhe suavemente.

— Eles arrastam — respondeu Miss Flite —, arrastam a gente, minha querida. Arrancam a paz da gente. Tiram-lhe o juízo. Privam a gente das boas aparências. Das boas qualidades. Notei até que aquelas duas coisas me afugentavam o repouso durante a noite. Parecem dois diabos frios e luzentes.

Deu-me várias palmadinhas no braço, agitando a cabeça com bom humor, como se estivesse ansiosa por demonstrar-me que não deveria ter medo dela, conquanto falasse de modo tão sombrio e me confiasse tão terríveis segredos.

— Vejamos — disse ela. — Vou contar-lhe o meu caso. Antes que eles me arrastassem para isso, antes que eu lhes tivesse posto a vista em cima, que costumava eu fazer? Bordava. Eu e minha irmã trabalhávamos juntas. Nosso pai e nosso irmão negociavam em construções. Morávamos todos juntos. Gente respeitável, minha querida! Primeiro meu pai foi sendo arrastado lentamente. Com ele foi-se a casa. Em poucos anos faliu e tornou-se intratável, sombrio, colérico, não tendo mais uma palavra bondosa para dirigir a quem quer que fosse. Ele, que tinha sido tão diferente, Fitz-Jarndyce! Foi arrastado à prisão por dívidas. Ali morreu. Depois nosso irmão foi velozmente arrastado à embriaguez. Cobriu-se de farrapos. Pouco depois veio a morte. Em seguida quem se viu arrastada foi minha irmã. Psiu! Não pergunte a quê! Então fiquei doente e na miséria. E ouvi dizer, como tinha ouvido muitas vezes antes, que tudo isso era obra do Tribunal. Quando melhorei, fui ver o Monstro. E então descobri como ele era e fui arrastada a permanecer ali.

Tendo concluído sua curta história, durante a narração da qual falara com voz baixa e esforçada, como se o choque que sentira fosse recente, voltou pouco a pouco ao seu ar habitual de amável importância.

— Por certo não quererá acreditar em tudo o que eu disse, minha querida! Bem, bem! Há de acabar acreditando, algum dia. Sou um pouco maluca. Mas percebi aquilo. Em todos estes anos tenho visto muitas caras novas entrarem, sem suspeitá-lo, para o círculo de influência da maça e do

selo. Aconteceu-lhes ali o que aconteceu a meu pai. A meu irmão. A minha irmã. A mim. Ouvi Kenge-Conversa e os outros dizerem às caras novas: “Aqui está Miss Flite. Os senhores são novos aqui, devem pois ser apresentados a Miss Flite.” Tenho muita honra nisso, por certo! E todos nós rimos. Mas, Fitz-Jarndyce, eu sei o que acontecerá. Sei, melhor do que eles, quando a atração começou. Conheço os sinais, minha querida. Vi quando começaram em Gridley. E vi quando acabaram. Fitz-Jarndyce, meu bem (e aqui falou baixo de novo, vi quando começaram em nosso amigo, o pupilo de Jarndyce. Que alguém o faça tornar atrás. Do contrário será arrastado à ruína.

Olhou para mim em silêncio por alguns momentos, e aos poucos seu rosto foi-se abrindo num sorriso. Parecendo temer que se havia mostrado demasiado sombria e parecendo também que se lhe partira o fio das ideias, disse polidamente, enquanto ia bebericando o seu vinho: — Sim, minha querida, como estava dizendo, espero um julgamento. É para breve. Então porei em liberdade meus pássaros, como sabe, e distribuirei propriedades.

Fiquei muito impressionada com a alusão que ela fizera a Ricardo e com a triste advertência, tão melancolicamente exemplificada no seu pobre ser ressequido, que, apesar de toda a sua falta de lógica, se me fazia tão viva e presente. Mas, felizmente para ela, mostrava-se agora de novo complacente e toda se desfazia em medidas e sorrisos.

— Mas, minha querida — disse ela alegremente, estendendo a mão para colocá-la por cima da minha —, ainda não me deu os parabéns pelo médico que arranjei. Francamente, nem uma vez sequer!

Fui obrigada a confessar que não sabia do que se tratava.

— Meu médico, o Sr. Woodcourt, minha querida, que se mostrou tão atencioso comigo. E note que seus serviços foram todos gratuitos. Até o dia do julgamento. Refiro-me ao julgamento que quebrará o encanto que sobre mim exercem a maça e o selo.

— O Sr. Woodcourt está tão distante agora — volvi — que pensei que o ensejo para tal congratulação tinha passado, Miss Flite.

— Mas, criança — tornou ela —, será possível que não saiba o que aconteceu?

— Não — disse eu.

— Nada sabe daquilo de que toda a gente tem estado a falar, minha querida Fitz-Jarndyce?

— Não — confirmei. — Esquece-se do longo tempo que estou aqui.

— É verdade, minha querida. Foi só um momento. Censuro a mim mesma. Mas minha memória perdeu-se, com tudo o mais, por causa daquilo que mencionei. É uma influência bem forte, não acha? Bem, minha cara, deu-se um terrível naufrágio lá por aqueles mares da Índia Oriental.

— O Sr. Woodcourt naufragou?

— Não fique agitada, minha querida. Ele está salvo. Uma cena horrenda. A morte em todas as formas. Centenas de mortos e moribundos. Fogo, tempestade e escuridão. Numerosos naufragos atirados contra um rochedo. Foi nessa conjuntura que o meu querido médico se mostrou um herói. Calmo e bravo no meio de tudo aquilo. Salvou várias vidas, nunca se queixou de fome ou de sede, vestiu os nus com suas roupas, tomou a iniciativa de tudo, mostrou-lhes o que deveriam fazer, dirigiu-os, cuidou dos doentes, sepultou os mortos e afinal conduziu a salvamento os pobres sobreviventes. Minha querida, as pobres criaturas sofredoras quase o adoraram. Caíram de joelhos a seus pés, quando alcançaram terra, e o abençoaram. No país inteiro repercutem esses fatos. Um momento! Onde está a minha bolsa de documentos? Tenho ali qualquer coisa que você deve ler.

E eu li toda a nobre história, ainda que muito devagar e imperfeitamente então, pois meus olhos estavam tão empanados que não podia ver bem as palavras, e chorei tanto que fui muitas vezes obrigada a largar a longa narrativa que ela havia recortado do jornal. Sentia-me de tal modo triunfante por ter conhecido o homem que praticara tão generosos e admiráveis feitos; sentia tão deslumbrante exultação por causa de seu renome; admirava e amava tanto o que ele fizera, que invejei as pessoas vítimas da tempestade que haviam caído a seus pés, abençoando-o como a seu salvador. Eu mesma era capaz de me ajoelhar, apesar de tão distante, abençoando-o, no entusiasmo que me arrebatava por ver tanta bondade e bravura. Senti que ninguém — mãe, irmã ou esposa — poderia honrá-lo mais do que eu. E honrei-o de fato!

Minha pobre visitantezinha fez-me presente da narrativa e quando, ao cair da tarde, se levantou para ir-se embora, receosa de perder a diligência na qual deveria voltar, falava ainda no naufrágio, que eu mesma ainda não conseguira recompor suficientemente em todos os seus detalhes.

— Minha querida — disse ela, enquanto cuidadosamente embrulhava sua manta e suas luvas —, o meu corajoso médico devia ser agraciado com um título. E o será sem dúvida. Não é dessa opinião?

— Que ele bem o merecia, sim. Que algum dia o conseguisse, não.

— Por que não, Fitz-Jarndyce? — perguntou ela com alguma aspereza.

Respondi que não era costume na Inglaterra conferir títulos a homens que se distinguissem por serviços pacíficos, por melhores e maiores que fossem — a não ser ocasionalmente, quando consistiam na acumulação de alguma soma muito avultada de dinheiro.

— Ora, meu Deus — disse Miss Flite —, como pode dizer isso? Decerto sabe, minha querida, que todos os maiores ornamentos da Inglaterra, no saber, na imaginação, na humanidade ativa e no progresso de qualquer espécie, são acrescentados à sua nobreza. Olhe em redor de si, meu bem, e reflita. Você deve estar também um pouco gira agora, penso eu, se não sabe que é essa a grande razão pela qual os títulos sempre perdurarão neste país!

Não é impossível que Miss Flite acreditasse no que dizia, porque havia momentos em que parecia bem tresloucada de verdade.

E agora devo revelar o pequeno segredo que procurei até aqui conservar oculto. Havia eu pensado algumas vezes que o Sr. Woodcourt me amava e que, se tivesse sido mais rico, talvez me houvesse revelado seu amor antes de partir. Por vezes pensei que, se ele o tivesse feito, isso me alegraria muito. Mas quanto melhor era agora que isso não se houvesse verificado! Grande seria a minha dor se tivesse de escrever-lhe para lhe contar que o meu pobre rosto que ele tão bem conhecera havia desaparecido e que eu livremente o desligava do seu compromisso em benefício de alguém que ele nunca tinha visto! Oh! foi muito melhor assim! Com uma grande agonia misericordiosamente a mim poupada, podia eu trazer de novo a meu coração a minha prece da infância, para que ele fosse tudo quanto tão brilhantemente mostrara ser. E nada havia que desfazer, nenhuma corrente que eu tivesse de quebrar, ou que ele tivesse de arrastar. E eu podia, mercê de Deus, seguir o meu lento caminho pela estrada do dever, enquanto ele seguiria o dele, mais nobre, pela estrada mais larga. E, apesar de estarmos separados durante a jornada, eu podia aspirar a encontrar-me com ele cheia de desinteresse, sem malícia, muito mais longe, ao fim da jornada, do que ele julgara que eu estava quando seus olhos se detiveram em mim com complacência.

CHESNEY WOLD

Charley e eu não fizemos sozinhas o percurso até Lincolnshire. Meu tutor decidira não me perder de vista até que eu me achasse a salvo na casa do Sr. Boythorn. Assim é que nos acompanhou, e estivemos dois dias em caminho. Eu achava cada sopro de vento, cada aroma, cada flor e folha e haste de erva, cada nuvem que passava, tudo enfim na natureza, mais belo e mais maravilhoso do que nunca me parecera antes. Foi esse o primeiro proveito da minha doença. Quão pouco perdera eu se o vasto mundo continuava tão cheio de delícias para mim!

Meu tutor tencionava regressar imediatamente. Por isso, ainda em viagem, combinamos o dia em que a minha querida Ada deveria vir. Escrevi-lhe uma carta, que ele devia ler. Despediu-se de nós meia hora depois da nossa chegada, numa deliciosa tardinha do começo do verão.

Se uma boa fada tivesse construído a casa para mim, com um movimento de sua varinha de condão, e eu fosse uma princesa e sua afilhada predileta, não teria sido melhor favorecida. Tantos preparativos foram feitos para mim e tão afetuoso conhecimento se revelava de todos os meus pequeninos gostos e preferências, que uma dúzia de vezes tive de sentar-me, sensibilizada, antes de ter examinado metade dos aposentos. Fiz, porém, melhor do que isso, mostrando-os a Charley. O prazer de Charley acalmou o meu e, depois de darmos um passeio pelo jardim e de Charley ter esgotado o seu vocabulário de expressões admirativas, senti-me tão tranquilamente feliz como deveria estar. Para mim foi um grande conforto poder dizer a mim mesma depois do chá: “Ester, minha querida, penso que agora já se acha bastante sensata para te sentares e escrever um bilhete de agradecimento ao dono da casa.” Ele havia deixado um bilhete de boas-vindas para mim, luminoso como o seu rosto, e confiara seu passarinho aos meus cuidados, o que equivalia à sua maior prova de confiança. De acordo com isso, escrevi-lhe um bilhetinho para Londres, contando-lhe qual o aspecto de suas plantas e árvores favoritas,

como o mais maravilhoso dos pássaros me havia recebido com gorjeios, da maneira mais hospitaleira, e como, depois de cantar no meu ombro, com inconcebível entusiasmo de minha criadinha, se empoleirara depois no cantinho habitual de sua gaiola, a sonhar ou não, eu não saberia dizê-lo. Terminado o bilhete e enviado ao correio, passei a ocupar-me em desempacotar e arrumar. Mandeí Charley dormir cedo e disse-lhe que não precisava mais dela naquela noite.

Pois não me havia ainda olhado no espelho e não pedira que me restituíssem o meu. Sabia que aquilo era uma fraqueza que deveria ser dominada, mas sempre dissera a mim mesma que começaria outra vez, quando chegasse onde estava agora. Por conseguinte quisera ficar só e dizia, agora a sós no meu quarto: “Ester, se tiveres de ser feliz, se quiseses ter direito a rezar a Deus, pedindo-lhe a graça dum coração franco, debes manter tua palavra, meu bem.” Estava inteiramente resolvida a mantê-la. Mas primeiro sentei-me um pouco para refletir a respeito de todas as mercês com que tenho sido agraciada. Depois rezei minhas orações e pensei um pouco mais.

Meu cabelo não tinha sido cortado, conquanto estivesse em perigo de sê-lo mais de uma vez. Era comprido e espesso. Deixei-o cair e agitei-o, indo contemplá-lo no espelho do toucador. Havia corrido sobre ele uma pequena cortina de musselina. Puxei-a e estive um instante a olhar através da espécie de véu de meu cabelo, que me impedia de ver qualquer outra coisa. Depois afastei do rosto o cabelo e olhei para o reflexo no espelho, animada por ver quão placidamente ele olhava para mim. Eu estava bastante mudada. Oh! muito mudada! A princípio, meu rosto me pareceu tão estranho que pensei que devia cobri-lo com minhas mãos e recuar, não fosse o primeiro alento a que me referi. Bem depressa tornou-se-me ele mais familiar, e então percebi, melhor do que o fizera a princípio, a extensão da mudança nele havida. Não era como eu havia esperado. Mas nada havia esperado de definido e ousou dizer que nada de definido me traria surpresa.

Eu nunca fora nenhuma beleza e nunca me tivera em tal conta, mas tinha sido bem diferente do que era agora. Tudo desaparecera. Deus foi tão bom para mim que me limitei a derramar umas poucas lágrimas amargas e consegui continuar ali arrumando meu cabelo, para depois ir dormir animada de sentimentos de gratidão.

Uma coisa me perturbava, e fiquei a pensar nela durante muito tempo antes de deitar-me. Eu tinha conservado as flores do Sr. Woodcourt. Quando murcharam, deixei-as secar e coloquei-as num livro de que muito gostava. Ninguém sabia disso, nem mesmo Ada. Estava eu em dúvida se tinha o direito de conservar o que fora enviado a outra criatura bem diversa, se era generoso tratá-lo dessa forma. Desejava mostrar-me generosa para com ele, até nas profundezas secretas do meu coração, o que ele jamais viria a saber, porque eu podia tê-lo amado, podia ter-lhe sido devotada. Por fim cheguei à conclusão de que me era lícito conservar as flores se as guardasse apenas como uma lembrança do que era um passado irrevogável e morto, que só podia ser considerado desse modo e de nenhum outro. Esperava que isso não parecesse trivial. Levava a coisa muito a sério.

Cuidei-me de levantar-me bem cedo e de pôr-me diante do espelho quando Charley entrou em pontas de pés.

— Minha querida! — exclamou Charley, assustada. — É a senhorita?

— Sim, Charley — respondi sossegadamente, levantando meu cabelo. — E sinto-me na verdade muito bem e muito feliz.

Vi que era retirado um peso da consciência de Charley, mas de maior peso se aliviava a minha. O pior já eu conhecia agora e estava tranquilizada. Não ocultarei, à medida que prosseguir, as fraquezas que não me era dado dominar inteiramente; elas, porém, desapareciam em breve, e a mais feliz disposição de ânimo permanecia em mim fielmente.

Desejando refazer de todo minhas energias e meu espírito antes da vinda de Ada, estabeleci uma pequena série de planos com Charley, para estar ao ar livre durante todo o dia. Devíamos estar fora antes do almoço, jantar cedo e sair de novo antes e depois do jantar, passear no jardim depois do chá, ir descansar cedo, subir a todas as colinas, explorar todas as estradas, veredas e campos da vizinhança. Quanto a manjares restauradores e fortificantes, a boa governanta do Sr. Boythorn andava sempre atrás de mim, com alguma coisa de comer ou beber. Não podia ouvir dizer que eu ia descansar no parque sem que logo aparecesse com um cesto, e de rosto alegre e a brilhar saía-me com alguma dissertaçãozinha a respeito da alimentação frequente. Havia também um cavalo expressamente para meu uso. Era um animal nédio, de pescoço curto e crina caída sobre os olhos, e que, quando quisesse, podia andar a meio galope com tanta facilidade e sossego que era uma beleza. Dentro de poucos

dias acostumou-se a vir ao meu encontro na tapada, comer na minha mão e acompanhar-me no passeio. Chegamos a tão completo entendimento que, quando ele, preguiçoso e obstinado, se punha a andar a meio trote comigo por alguma sombreada vereda, se eu lhe batia no pescoço e dizia: “Stubbs, causa-me surpresa que você não trote sabendo quanto gosto disso; acho que você poderia fazer-me um obséquio, pois o que você está ficando é estúpido e sonolento”, ele dava uma ou duas sacudidelas cômicas com a cabeça e partia imediatamente, enquanto Charley parava e se punha a rir tão contente que sua risada parecia uma música. Não sei quem deu a Stubbs esse nome, mas parecia pertencer-lhe tão naturalmente como seu pelame áspero. Uma vez pusemo-lo num carrinho e andamos com ele triunfalmente pelas verdes azinhagas uns cinco quilômetros. Mas repentinamente, como estivéssemos a exaltá-lo sem medida, pareceu levar a mal ter sido acompanhado até ali pela chusma de impertinentes mosquitos que haviam estado a girar-lhe em torno das orelhas durante todo o percurso sem parecer que avançava sequer uma polegada, e parou para matutar no caso. Suponho que acabou por decidir que não deveria suportar aquilo, pois prontamente recusou mover-se, até que dei as rédeas a Charley, saí e pus-me a andar: então ele me seguiu com uma espécie de determinado bom humor, pondo sua cabeça debaixo do meu braço e esfregando a orelha contra a minha manga. Foi em vão que lhe disse: — Ora, Stubbs, pelo que conheço de você, estou bem certa que você continuará se eu montar em você um pouquinho —, pois no mesmo instante em que o larguei, ficou de novo parado como uma estátua. Em consequência, fui obrigada a ir na frente como antes, e dessa forma voltamos para casa, com grande gáudio do povo da aldeia.

Charley e eu tínhamos razões para achar aquela a mais agradável das aldeias, pois no espaço duma semana o povo dali se mostrava tão alegre ao ver-nos passar, embora fôssemos lá tantas vezes no correr do dia, que em todas as casas só se viam semblantes acolhedores. Eu já conhecia antes muitas pessoas adultas e quase todas as crianças. Mas agora até o campanário parecia ter um aspecto familiar e afetuoso. Entre minhas novas amizades contava-se uma velha, bem velhinha, que morava numa casinha coberta de palha e tão caiada que, quando a porta de entrada girava nas dobradiças, fechava completamente toda a frente da casa. Essa velha tinha um neto marinheiro, e eu escrevi uma carta para ele em seu nome, desenhando no alto dela o canto da chaminé em que ela o criara e onde o velho tamborete dele ocupava ainda

seu lugar de outrora. Isso foi considerado pela aldeia inteira como a coisa mais maravilhosa do mundo. Mas quando chegou de Plymouth uma resposta na qual ele dizia que ia levar o desenho na sua viagem à América e dali escreveria de novo, couberam-me todas as honras que deveriam ser conferidas ao correio e ao serviço postal.

Assim, estando tanto tempo ao ar livre, brincando com tantas crianças, tagarelando com tanta gente, visitando a convite tantas casas, continuando com a educação de Charley e escrevendo longas cartas diariamente a Ada, mal tinha tempo para pensar na pequena perda que sofrera e estava sempre alegre. Se pensava naquilo uns poucos instantes de vez em quando, para esquecê-lo, bastava que me ocupasse. Sentia-o, porém, mais do que o esperava certa vez, quando uma criança disse: — Mamãe, por que não é essa moça mais tão bonita agora como era antes? — Mas ao descobrir que a criança não mostrava gostar menos de mim e passava a mãozinha macia pelo meu rosto, numa espécie de compassiva proteção, senti-me de novo confortada.

Houve muitas ocorrências que me demonstravam, com grande consolação, como é natural a corações delicados mostrarem-se compassivos e gentis para com qualquer inferioridade. Uma dessas afetou-me de modo particular. Aconteceu que dei um giro até a igreja justamente quando um casamento acabava de realizar-se e o jovem par ia assinar o registro. O noivo, a quem a pena foi entregue primeiro, fez uma grosseira cruz como assinatura: a noiva, em seguida, fez a mesma coisa. Ora, eu havia conhecido a noiva, quando estivera ultimamente ali, não só como a moça mais bonita da aldeia, mas por ter-se distinguido muito na escola. Por isso não pude deixar de olhar para ela com alguma surpresa. Ela chamou-me à parte e murmurou ao meu ouvido, enquanto lágrimas de honesto amor e admiração brilhavam em seus vivos olhos: — Ele é muito bom rapaz, senhorita, mas ainda não sabe escrever — vai aprender comigo —, e eu não iria envergonhá-lo perante os outros! — Ora, que tinha eu que recear, pensava, quando havia tanta nobreza na alma da filha dum lavrador?

O ar soprava tão fresco e vivificante sobre mim como sempre soprara e as cores da saúde reapareceram no meu rosto como se viam no antigo. Causava maravilha o aspecto de Charley. Mostrava-se tão radiante e tão rosada! E ambas nos divertíamos o dia inteiro e dormíamos profundamente a noite toda.

Havia um lugar de minha predileção no arvoredo do parque de Chesney Wold, onde tinham colocado um banco, dominando uma vista admirável. Tinham roçado o bosque e aberto ali uma clareira para melhorar aquele ponto de observação, e a paisagem banhada de sol era tão bela e tão vasta que eu ia lá descansar pelo menos uma vez por dia. Uma parte pitoresca do solar, chamada “O Passeio do Fantasma”, podia ser vista vantajosamente daquele elevado terreno; e o nome assustador e a velha lenda existente na família Dedlock, que eu ouvira da boca do Sr. Boythorn, o qual me dera explicações a respeito, misturavam-se com a vista e davam-lhe um quê de misterioso interesse, aumentando seus encantos reais. Havia ali uma lomba de terra onde medravam violetas, e, como era um deleite diário para Charley colher flores silvestres, ela costumava frequentar aquele lugar tanto como eu.

Seria ocioso indagar agora por que nunca me aproximava da casa ou nunca entrava nela. A família não estava ali, conforme eu soubera desde a minha chegada, nem era esperada. Eu estava longe de ser descuriosa ou sem interesse com relação àquela morada. Pelo contrário, sentava-me muitas vezes naquele lugar, calculando qual seria a disposição das salas e imaginando se algum eco de passos realmente ressoava por vezes, como dizia a lenda, no solitário Passeio do Fantasma. O sentimento indefinível que Lady Dedlock me havia inspirado podia ter tido alguma influência em conservar-me afastada da casa, mesmo na ausência dela. Não tenho certeza. Seu rosto e seu vulto associavam-se à casa naturalmente, mas não posso dizer se era isso que me arredava desta. Alguma coisa havia. Por qualquer razão ou falta de razão, nunca me aproximara outrora da casa, até o dia a que chega agora a minha história.

Repousava no meu lugar favorito, depois duma longa caminhada, e Charley colhia violetas a pequena distância de mim. Eu estivera a observar o Passeio do Fantasma, mergulhado além numa espessa sombra de alvenaria, e a imaginar os traços do vulto feminino que se dizia andava por ali, quando percebi que alguém se aproximava através do arvoredo. A perspectiva era tão comprida e tão obscurecida pelas folhas, e as sombras dos ramos no chão tornavam-na tão mais intrincada à vista, que a princípio não pude discernir que vulto fosse. Pouco a pouco vi que era o de uma mulher — de uma dama —, de Lady Dedlock. Estava só e aproximava-se do lugar onde me achava assentada com um passo muito mais ligeiro — observei com grande surpresa — do que o que lhe era habitual.

Alvoroei-me por vê-la tão inesperadamente próxima (estava quase à distância de ser ouvida, quando a reconheci) e quis levantar-me para continuar meu passeio. Mas não pude.

Fiquei sem movimento. Não tanto por causa do seu apresentado gesto de súplica, não tanto por causa da sua rápida aproximação e por causa das suas mãos estendidas, não tanto por causa da grande mudança nas suas maneiras e da ausência de sua altiva reserva, como por ver em seu semblante qualquer coisa pela qual suspirei ardentemente e com que sonhei quando criancinha; qualquer coisa que eu nunca vira noutro rosto; qualquer coisa que eu nunca vira no dela antes.

Um temor e uma fraqueza me dominaram e chamei Charley. Lady Dedlock parou no mesmo instante e voltou quase ao seu jeito anterior já de mim conhecido.

— Miss Summerson, receio havê-la assustado — disse ela, agora avançando lentamente. — Não deve estar muito forte. Soube que esteve muito mal, e isso muito me preocupou.

Eu já não podia desviar meus olhos do seu rosto pálido, como não podia tampouco arredar-me do banco onde estava sentada. Ela me deu a mão, e sua terrível frialdade, em tamanha discordância com a forçada serenidade de suas feições, aumentou a fascinação que me dominava. Não posso dizer o que ia pelos meus vertiginosos pensamentos.

— Já se está sentindo melhor de novo? — perguntou com bondade.

— Sentia-me completamente bem há ainda um instante, Lady Dedlock.

— É essa a menina que a acompanha?

— Sim.

— Quer mandá-la adiante e caminhar para sua casa comigo?

— Charley — disse eu —, leve suas flores para casa, que irei logo atrás de você.

Charley, fazendo a melhor de suas medidas e enrubescendo, atou sua touca e pôs-se a caminho. Logo que ela se afastou, Lady Dedlock sentou-se no banco ao meu lado.

Não posso de maneira alguma exprimir qual fosse o meu estado de

espírito, quando vi em sua mão o meu lenço, com que eu cobrira a criança morta.

Olhei para ela, mas não pude vê-la, não pude ouvi-la, não pude respirar. O bater do meu coração era tão violento e desordenado que tinha a impressão de que minha vida se ia extinguindo. Mas, quando ela me puxou para junto de si e me beijou, chorando, compadeceu-se de mim e me reanimou, quando ela caiu de joelhos e me disse com voz forte: — Oh! minha filha, minha filha, eu sou tua desgraçada e infeliz mãe! Oh! vê se podes perdoar-me! —, quando a vi a meus pés no chão nu e em tão grande agonia de espírito, senti, no meio de todo o tumulto de minhas emoções, uma explosão de reconhecimento à Providência Divina por estar eu tão mudada que nunca poderia fazê-la infeliz por qualquer traço de semelhança, de modo que ninguém que alguma vez agora olhasse para mim e olhasse para ela poderia vir a pensar, ainda que remotamente, em qualquer ligação existente entre nós.

Ergui minha mão, rogando-lhe, suplicando-lhe que não se ajoelhasse diante de mim com tanta aflição e humilhação. Eu falava com palavras entrecortadas e incoerentes, pois, além da perturbação que sentia, enchia-me de terror o vê-la assim a meus pés. Disse-lhe — ou tentei dizer-lhe — que, se coubesse a mim, sua filha, em quaisquer circunstâncias, perdoar-lhe, eu o fazia e já o havia feito há muitos e muitos anos. Disse-lhe que meu coração transbordava de amor para com ela, que era amor natural, que nada do passado tinha mudado ou podia mudar, que não competia a mim, descansando pela primeira vez a fronte no seu regaço, pedir-lhe explicações por me ter dado a vida, mas que era meu dever bendizê-la e acolhê-la, ainda que o mundo inteiro se afastasse dela, e que portanto só me restava pedir que se calasse a esse respeito. Apertava minha mãe em meus braços e sentia-me apertada também por ela. E por entre o arvoredor imóvel, no silêncio do dia de verão, parecia que só os nossos dois espíritos agitados não fruía aquela doce paz.

— É tarde demais para bendizer-me e acolher-me — gemia minha mãe. — Devo seguir sozinha a minha estrada; ela me levará aonde quiser. De dia para dia, às vezes de hora para hora, não enxergo o caminho diante de meus passos culpados. É esse o castigo que eu mesma atraí aqui na terra sobre mim. Sofro-o e oculto-o.

Até mesmo enquanto rememorava o seu sofrimento, ela se envolvia no

seu ar habitual de orgulhosa indiferença como num véu, conquanto logo tornasse a afastá-lo de si.

— Devo guardar esse segredo, se por qualquer meio puder ser guardado, não só por minha causa. Tenho um marido, mísera e desonrada criatura que sou!

Pronunciou essas palavras com um grito contido de desespero, mais terrível no seu som do que um grito agudo. Cobrindo o rosto com as mãos, debatia-se entre meus braços como se quisesse evitar que eu a tocasse. Não pude, apesar de todas as minhas palavras de persuasão e de quaisquer meiguices utilizadas, conseguir que ela se levantasse. Dizia: — Não, não, não. — Eram as únicas palavras que me podia dizer. Deveria mostrar-se orgulhosa e desdenhosa em toda a parte. Mas tinha de mostrar-se humilde e envergonhada ali, nos únicos instantes naturais da sua vida.

Minha infeliz mãe me contou que durante minha doença quase ficara louca. Só então é que soubera que sua filha estava viva. Antes não havia suspeitado que fosse eu essa filha. Seguiu-me até ali para falar-me, ainda que fosse uma só vez na vida. Nunca poderíamos juntar-nos, jamais comunicar-nos, nunca provavelmente, daquela hora em diante, trocar mais uma palavra na terra. Pôs-me nas mãos uma carta que tinha escrito para ser lida somente por mim e disse que, depois que a lesse e rasgasse — não por sua causa, uma vez que nada pedia, mas por causa do marido e de mim mesma —, deveria considerá-la para sempre como morta. Se eu pudesse acreditar que ela me amava, naquela angústia em que a via, com amor de mãe pedia-me que assim o fizesse, porquanto depois eu poderia pensar nela com maior compaixão, imaginando o que ela sofria. Colocara-se fora de qualquer esperança e de qualquer auxílio. Quer seu segredo fosse guardado até sua morte, quer viesse a ser descoberto, acarretando desonra e desgraça para o nome que tomara, cumpria-lhe lutar sozinha e sempre. E nenhum afeto poderia aproximar-se dela, nenhuma criatura humana poderia prestar-lhe qualquer auxílio.

— Mas o segredo está seguro até agora, mãe querida? — perguntei.

— Não — respondeu minha mãe. — Esteve quase a ser descoberto. Não o foi por causa de um acidente. Pode vir a sê-lo por um outro acidente... amanhã, qualquer dia.

— A senhora receia uma determinada pessoa?

— Psiu! Não trema e chore tanto por mim. Não sou digna dessas lágrimas — disse-me, beijando minhas mãos. — Receio muito certa pessoa.

— Um inimigo?

— Não é um amigo. Alguém que é bastante impassível para ser qualquer das duas coisas. É o advogado de Sir Leicester Dedlock. Maquinalmente fiel, sem nenhum laço afetivo e bastante cioso do proveito, do privilégio e do prestígio que lhe advém de ser senhor dos mistérios de grandes casas.

— Tem ele qualquer suspeita?

— Muitas.

— Não da senhora? — perguntei, alarmada.

— Sim! Está sempre vigilante e sempre perto de mim. Posso fazê-lo parar, mas não posso nunca desfazer-me dele.

— Tem ele tão pouca piedade ou remorso?

— Não tem nem uma coisa nem outra. Tampouco tem cólera. É indiferente a tudo, exceto à sua profissão. Sua profissão é a aquisição de segredos e a posse absoluta do poder que eles lhe conferem, sem co-participante nem adversário.

— Poderia a senhora confiar nele?

— Nunca o tentarei. A negra estrada que venho palmilhando há tantos anos acabará onde acabar. Segui-la-ei sozinha até o fim, seja este qual for. Pode estar perto, pode estar distante. Enquanto a estrada durar, nada me desviará dela.

— Querida mãe, está tão determinada assim?

— *Estou*. Há muito tempo vem sendo minha preocupação vencer a loucura com mais loucura ainda, o orgulho com ainda mais orgulho, o desprezo com desprezo maior, a insolência com maior insolência, e tenho sobrevivido a muitas vaidades com maior dose de vaidades ainda. Hei de sobreviver a esse perigo e aniquilá-lo, se puder. Fechou-se ele em torno de mim quase tão horivelmente como aqueles arvoredos de Chesney Wold em torno da casa. Mas a minha jornada através dele é a mesma. Só tenho um caminho. Não posso ter senão esse.

— O Sr. Jarndyce — ia eu começar, quando minha mãe

precipitadamente indagou: — *Ele* suspeita?

— Não — respondi. — Não, senhora. Fique certa que não! — E contei-lhe o que ele me havia relatado do que conhecia de minha história. — Mas ele é tão bom e tão sensato — disse eu — que talvez se soubesse...

Minha mãe, que até ali não mudara de posição, levantou a mão até meus lábios e fez-me calar.

— Confie plenamente nele — disse ela, depois de algum tempo. — Tem meu livre consentimento — pequeno presente de tal mãe a sua filha prejudicada! — mas não me fale disso. Apesar de tudo, existe ainda em mim algum orgulho.

Expliquei o melhor que pude então ou da melhor maneira que possa recordar agora — pois minha agitação e angústia eram tão grandes que eu mal podia entender-me a mim mesma, embora cada palavra pronunciada pela voz de minha mãe, tão estranha e tão melancólica para mim, essa voz que na minha infância eu nunca aprendera a amar e a conhecer, que nunca cantara para me embalar, da qual eu nunca ouvira uma bênção e que nunca me insuflara uma esperança, causasse duradoura impressão em minha memória — expliquei-lhe, repito, ou tentei fazê-lo que só via esperança no Sr. Jarndyce, o qual tinha sido o melhor dos pais para mim, como a pessoa capaz de dar a ela algum conselho e apoio. Mas minha mãe respondeu que era impossível, que ninguém a poderia ajudar; devia seguir solitária pelo deserto que se estendia diante dela.

— Minha filha, minha filha — disse ela. — Pela última vez! Os teus beijos pela última vez! Os teus braços no meu pescoço pela última vez! Não deveremos mais encontrar-nos. Para esperar fazer o que procuro fazer, devo ser o que tenho sido durante tanto tempo. Tal é a minha recompensa e a minha condenação. Quando ouvir falar em Lady Dedlock, brilhante, próspera e adulada, pense em sua infeliz mãe que tem a consciência dilacerada por baixo daquela máscara! Pense que a realidade está no sofrimento dela, no seu inútil remorso, no estrangulamento dentro de seu peito do único amor e da única verdade de que é capaz! E então perdoe-lhe se puder. E rogue ao céu que perdoe a ela, coisa que ele nunca poderá fazer!

Estivemos ainda abraçadas por algum tempo. Ela, porém, mostrou-se tão firme que afastou minhas mãos, encostando-as ao meu próprio peito e, com um último beijo enquanto fazia isso, largou-as e afastou-se de mim

embrenhando-se no bosque. Fiquei só. E lá embaixo, ao sol e à sombra, erguia-se a velha casa com seus terraços e torreões, onde, na primeira vez que a vi, me parecia reinar tão completa calma, mas que agora se me afigurava o guarda implacável da miséria de minha mãe.

Atordoadada como me encontrava, tão fraca e desvalida a princípio como estivera no meu quarto de doente, foi-me útil a necessidade de acautelar-me contra o perigo da descoberta, ou mesmo da mais remota suspeita. Tomei as precauções que pude para ocultar de Charley que estivera chorando, e refleti seriamente na sagrada obrigação que me corria de ser cuidadosa e reservada. Só muito tempo depois consegui dominar-me e conter explosões de pesar. Mas, depois de uma hora mais ou menos, senti-me melhor e achei que já podia voltar para casa. Segui devagar e disse a Charley, a quem encontrei no portão esperando por mim, que me deixara tentar pelo desejo de estender meu passeio depois que Lady Dedlock me havia deixado, e que estava excessivamente cansada, precisando de deitar-me quanto antes. A sós no meu quarto, li a carta. Dela deduzi claramente (e não foi pouco naquela ocasião) que eu não tinha sido abandonada por minha mãe. Sua única irmã, mais velha do que ela, a madrinha da minha infância, descobrindo sinais de vida em mim depois que eu fora dada por morta, movida pelo seu austero senso de dever, mas sem nenhum desejo ou vontade de que eu sobrevivesse, me criara em estrito segredo, não tendo visto nunca mais minha mãe poucas horas depois do meu nascimento. De modo tão estranho vim ocupar o meu lugar neste mundo que, até bem pouco tempo, minha mãe supunha que eu tinha sido logo enterrada, nunca havia respirado, nunca tivera vida, nunca recebera um nome. Quando pela primeira vez me vira na igreja, levava um susto e pensara que a sua filha deveria ser como eu, se é que algum dia vivera e continuara a viver. Mas no momento foi só isso.

O mais que a carta dizia não precisa ser repetido aqui. Terá seu tempo e seu lugar na minha história.

Meu primeiro cuidado foi queimar o que minha mãe tinha escrito, consumindo até mesmo as cinzas. Espero que não pareça coisa pouco natural ou má de minha parte ter eu ficado profundamente triste quando refleti em que me haviam criado, conservando-me a vida; quando refleti em que, para muita gente, teria sido muito melhor que eu nunca tivesse respirado. Tive horror de mim mesma, como perigo e possível desgraça para minha própria mãe e para o nome de uma família altiva. Sentia-me tão confusa e abalada que

me deixei invadir pela crença de que tinha sido desejo — e desejo justo — que eu morresse ao nascer; e de que a minha existência atual é que constituía um erro, e erro não-desejado.

Foi isso o que realmente senti naquele momento. Exausta, adormeci, e, quando despertei, chorei de novo ao pensar que voltava ao mundo com minha carga de incômodos para os outros. Achava-me mais do que nunca com medo de mim mesma, pensando de novo naquela contra quem eu era uma testemunha, na proprietária de Chesney Wold; no novo e terrível significado das velhas palavras, agora gemendo em meus ouvidos como um vagalhão na praia: “Tua mãe, Ester, foi a tua desgraça e tu és a desgraça dela. Tempo virá — e sem demora — em que compreenderás isso melhor e o sentirás como ninguém, a não ser uma mulher, pode sentir.” Com elas voltavam aquelas outras palavras: “Reza todos os dias para que os pecados dos outros não caiam sobre a tua cabeça.” Eu não podia desemaranhar tudo quanto me envolvia e tinha a sensação de que toda a censura e toda a vergonha recaíam sobre mim, e que a hora da provação havia chegado.

O dia acabara numa tarde tristonha, sombria e nevoenta, e eu ainda a lutar com a mesma angústia. Saí só e depois de passear um pouco no parque, observando as negras sombras que caíam das árvores e o voo caprichoso dos morcegos, que às vezes quase me tocavam, fui atraída para a casa pela primeira vez. Talvez não me tivesse aproximado tanto dela, se me encontrasse num estado de espírito mais forte. O que é fato é que tomei o caminho que me levava até perto dela.

Não ousei demorar-me ou levantar os olhos, mas passei diante do jardim do terraço com seus balsâmicos odores, seus largos passeios e seus canteiros bem conservados e sua relva macia, e vi quão belo e solene ele era e como as velhas balaustradas e parapeitos de pedra e os largos lances de degraus baixos estavam vincados pelo tempo e pelas estações, e como o musgo alastrado e a hera cresciam em volta deles e em torno do velho pedestal de pedra do relógio de sol. Ouvi também o rumorejar da água da fonte que caía. Depois o caminho seguia ao longo de fileiras de negras janelas, interrompidas por torreões e pórticos de formas excêntricas, onde velhos leões de pedra e monstros grotescos se eriçavam dentro de esconderijos de sombra e pareciam rosnar ao crepúsculo vespertino, apoiados nos escudos de armas que traziam presos nas garras. Em seguida o caminho se retorcia por baixo duma passagem e através dum pátio onde se achava a entrada principal (passei

apressada diante dela), diante dos estábulos onde se faziam ouvir vozes profundas, ou fossem as do vento ramalhando entre a espessa massa de hera agarrada a um alto muro vermelho, ou fosse a queixa débil do catavento, ou o latido dos cães, ou o lento bater dum relógio. Depois, sentindo um suave perfume de tílias, cujo sussurro eu podia ouvir, dobrei, seguindo o caminho para a fachada do sul. E ali, acima de mim, estavam as balaustradas do “Passeio do Fantasma” e um janela iluminada, que talvez fosse a de minha mãe.

O caminho aqui estava pavimentado, como o terraço de cima, e meus passos, até então silenciosos, começaram a produzir certo rumor sobre as lajes. Não parando para olhar para nenhuma coisa definida, mas vendo tudo como via enquanto andava, ia caminhando depressa, e dentro em poucos instantes deveria passar diante da janela iluminada, quando o eco dos meus passos me trouxe de súbito ao espírito a ideia de que havia uma terrível verdade na lenda do “Passeio do Fantasma”, que era eu quem ia acarretar calamidades à majestosa vivenda, e que o som admonitório dos meus pés era uma ameaça espectral àquele lugar. Dominada por um crescente terror de mim mesma, que me enregelou, corri de mim e de tudo, refazendo o caminho por onde viera, e só me detive quando alcancei o portão, e o parque ficou para trás, negro e taciturno.

Somente quando me achei sozinha no meu quarto para dormir e me senti ali abandonada e infeliz, foi que comecei a perceber quão absurda e ingrata era aquela situação. Mas de minha querida Ada, que devia chegar no dia seguinte, encontrei uma carta jovial, cheia de tão amoráveis previsões e projetos, que eu seria de mármore se não me comovesse. De meu tutor encontrei também outra carta pedindo-me que dissesse a D^a Durden, se por acaso visse em alguma parte aquela senhora, que, sem ela, andavam todos sorumbáticos, que a direção da casa caminhava para o descalabro e a ruína, que ninguém mais podia tomar conta das chaves e que todos os habitantes da casa e de seus arredores declaravam que ela já não era a mesma, e que já se previa até uma revolta para obrigá-la a regressar. Essas duas cartas, chegadas ao mesmo tempo, fizeram-me pensar quanto eu era amada muito além de meus méritos e quão feliz deveria sentir-me com isso. Fizeram pensar em toda a minha vida passada e contribuíram, como já o deviam ter feito antes, para melhorar o meu estado de espírito.

Porque eu via muito bem que o meu destino não era morrer, senão eu

nunca teria vivido e muito menos me haveria tocado a sorte tão feliz que me tocara. Via muito bem como muitas coisas haviam colaborado para o meu bem-estar e que, se os pecados dos pais recaíam algumas vezes sobre os filhos, esse modo de dizer não tinha a significação que eu de manhã receei que tivesse. Sabia que era tão responsável pelo meu nascimento como uma rainha o é pelo seu, e que diante do meu Pai Celestial não deveria ser punida pelo meu nascimento, como não deve ser recompensada pelo seu uma rainha. Eu tivera experiência, nos choques daquele dia, de que me era possível, mesmo assim depressa, encontrar confortadoras conciliações à mudança que se operara em mim. Renovei meus propósitos e rezei para ser fortalecida neles, extravasando o meu coração por mim mesma e por minha pobre mãe, e sentindo que a escuridão daquela manhã ia-se dissipando. Ela não me perturbou o sono, e, quando despertei com a claridade do dia seguinte, ela desaparecera.

A minha querida Ada devia chegar às cinco horas da tarde. Como melhor valer-me durante o tempo intermediário, senão dando um longo passeio pela estrada pela qual ela deveria chegar? De modo que Charley, eu e Stubbs — Stubbs selado, pois que depois daquela única ocasião importante nunca mais o atreláramos — fizemos uma longa expedição por aquela estrada e voltamos. De volta, passamos grande revista à casa e ao jardim e verificamos que tudo estava em ordem e a postos, inclusive o pássaro, como parte importante que era da casa.

Havia ainda mais de duas horas de espera. E naquele intervalo, que me pareceu muito longo, devo confessar que me sentia ansiosamente nervosa por causa das minhas feições alteradas. Amava tanto minha amiga que estava mais preocupada com o efeito disso sobre ela do que sobre qualquer outra pessoa. Sentia aquela leve angústia, não porque de algum modo estivesse queixosa — estou plenamente certa de que naquele dia não me queixei —, mas porque não tinha certeza de que estivesse inteiramente preparada para o encontro. Quando me visse, não iria ficar um pouco chocada e desiludida? Eu não lhe pareceria pior do que ela havia esperado? Não teria ela a desilusão de procurar a sua Ester de outrora e de não encontrá-la? Ter-se-ia desacostumado de mim e precisaria começar tudo de novo?

Eu conhecia muito bem as várias expressões fisionômicas da minha amada menina; o semblante dela era tão franco, na sua beleza, que eu estava certa de antemão que não lograria ocultar de mim sua primeira expressão

assim que me visse. E eu ponderava se poderia responder por mim mesma, se Ada exprimisse qualquer daqueles sentimentos, o que era bastante provável.

Pensei que poderia. Depois que a noite passara, pensei que poderia. Mas esperar e tornar a esperar, pensar e tornar a pensar, era uma forma tão ruim de me preparar, que resolvi seguir de novo pela estrada ao encontro dela.

De modo que disse a Charley: — Charley, irei sozinha pela estrada até encontrá-la. — Charley, que aprovava tudo quanto me pudesse agradar, nada objetou, e eu saí, deixando-a em casa.

Mas, antes de alcançar o segundo marco miliário, comecei a sentir tais palpitações, vendo a poeira que se erguia a distância (conquanto soubesse que não era e não podia ser ainda o carro), que resolvi voltar para casa de novo. E, quando arrepiei caminho, senti tamanho medo de que a diligência chegasse por trás de mim (embora também soubesse que não poderia dar-se tal coisa), que corri a maior parte do trajeto para evitar ser alcançada.

A salvo de novo em casa, pus-me a refletir na bela coisa que havia feito. Estava agora toda encalmada e saíra-me mal, em vez de me sair bem.

Afinal, quando pensei que ainda havia pelo menos um quarto de hora mais, Charley repentinamente gritou para mim enquanto eu estava muito trêmula no jardim: — Aí vem ela, senhorita! Já está aqui!

Não tencionava fazer o que fiz, mas o fato é que corri pela escada acima até o meu quarto e me escondi atrás da porta. Ali fiquei toda trêmula, ainda quando ouvi a voz de minha querida chamando por mim enquanto subia as escadas: — Ester, minha querida, meu bem! Onde está você? Mulherzinha, querida D^a Durden!

Entrou no quarto correndo e já ia sair também a correr, quando me viu. Ah! meu anjo adorador! o seu querido rosto de sempre, todo amor, todo ternura, todo afeto. Não havia outra coisa nele senão isso... nada, nada a não ser isso!

Oh! quão feliz me sentia, caída no soalho, com a minha querida, a minha bela menina também no chão comigo, apertando meu rosto bexigoso de encontro à sua formosa face, banhando-me de lágrimas e beijos, ninando-me para lá e para cá como a uma criança, chamando-me todos os nomes ternos de que se podia lembrar e cingindo-me estreitamente ao seu fiel coração.

“JARNDYCE E JARNDYCE”

Se o segredo que eu tinha de conservar fosse meu, teria sido meu dever confiá-lo a Ada logo depois que nos encontramos. Mas ele não me pertencia e percebi que não tinha direito de contá-lo, nem ao meu tutor, a não ser que surgisse alguma grande emergência. Cumpria-me suportar sozinha aquele peso; mas era indiscutível o meu dever atual e, confortada com o afeto da minha querida, não me faltava nem impulso nem alento para desempenhá-lo. Embora muitas vezes, quando ela dormia e tudo estava quieto, a lembrança de minha mãe me conservasse acordada e me tornasse tristonha a noite, eu não cedia a ela em nenhum outro tempo. E Ada achou-me tal qual eu fora, exceto, é claro, no que toca àquele particular ao qual já me tenho referido bastante e que não tenho intenção de mencionar mais, podendo deixar de fazê-lo.

Grande foi a dificuldade que senti em mostrar-me completamente senhora de mim naquela primeira noite, quando Ada me perguntou, depois do nosso trabalho, se a família estava na casa e fui obrigada a responder que sim, que assim o acreditava, porquanto ainda na véspera Lady Dedlock conversara comigo no bosque. Maior ainda quando Ada me perguntou o que dissera ela, e eu respondi que ela se havia mostrado bondosa e interessada. E quando Ada, apesar de concordar em que era formosa e elegante, fez observações sobre suas maneiras orgulhosas e seu ar imperioso e gélido. Mas Charley me ajudou sem querer, dizendo-nos que Lady Dedlock tinha estado no solar apenas duas noites, na sua viagem de Londres em visita a alguma outra grande casa do vizinho condado, e que partira cedinho na manhã que se seguiu ao nosso encontro com ela na nossa vista, como chamávamos àquele lugar. Charley confirmara a verdade do que vulgarmente se diz a respeito do espírito de curiosa observação das crianças, pois conseguia colher mais novidades num dia do que eu num mês.

Teríamos de passar um mês em casa do Sr. Boythorn. Minha predileta

mal passara ali uma linda semana, se bem me recordo, quando uma noite, depois de havermos ajudado o jardineiro a aguar as flores, e justamente quando as velas estavam sendo acesas, apareceu Charley com ar muito sério por trás da cadeira de Ada, e acenou-me misteriosamente para que saísse do quarto.

— Oh! por favor, senhorita — disse Charley, num sussurro e arregalando muito os olhos —, estão procurando-a em Dedlock Arms.

— Ora, Charley — volvi —, quem poderia procurar por mim numa taverna?

— Não sei, senhorita — respondeu Charley, espichando a cabeça para a frente e juntando as mãos sobre o cordão do seu aventalzinho — o que sempre fazia quando se deliciava com qualquer coisa que encerrava mistério ou confiança —, mas é um cavalheiro, senhorita, que lhe manda cumprimentos e pede-lhe que vá lá, mas guardando toda a discrição.

— Cumprimentos de quem, Charley?

— Do cujo, senhorita — respondeu Charley, cuja educação gramatical ia avançando, mas não muito rapidamente.

— E como foi que você veio a tornar-se mensageira, Charley?

— Perdão, senhorita, não sou a mensageira — disse minha criadinha. — Foi W. Grubble, senhorita.

— E quem é W. Grubble, Charley?

— O Sr. Grubble, senhorita — respondeu Charley. — Não conhece, senhorita? DEDLOCK ARMS, de W. Grubbles — proferiu Charley, como se estivesse soletrando lentamente a tabuleta.

— Ah! O proprietário, Charley?

— Sim, senhorita. Pois é, a esposa dele é uma mulher bonita, mas quebrou o tornozelo, que nunca mais se soldou. E o irmão dela é o serrador que foi posto na gaiola, senhorita. Esperam que ele se embebedará inteiramente com cerveja até morrer.

Não sabendo o que pudesse ser e sentindo-me agora facilmente apreensiva, pensei que o melhor seria ir lá sozinha. Ordenei a Charley que não demorasse em trazer meu chapéu, meu véu e meu xale, e, depois de pô-los,

desci pela ruazinha ladeirenta, onde me achava tão à vontade como no jardim do Sr. Boythorn.

O Sr. Grubble estava de pé à porta de sua tavernazinha bem asseada, esperando por mim, em mangas de camisa. Tirou o chapéu com ambas as mãos quando me viu chegando, e, trazendo-o assim na mão, como se fosse uma vasilha de ferro (parecia tão pesado como isso), precedeu-me ao longo do corredor arenoso até sua melhor sala, um limpo aposento atapetado, com mais plantas do que era conveniente, uma gravura colorida da Rainha Carolina, várias conchas, boa quantidade de bandejas de chá, dois peixes empalhados e secos em caixas de vidro e um curioso ovo ou uma curiosa abóbora-menina (não sei se é isso e duvido que muita gente o saiba), pendurada do teto. Eu conhecia de vista o Sr. Grubble muito bem, por tê-lo visto muitas vezes de pé à porta de seu estabelecimento. Era homem de boa aparência, corpulento, de meia-idade, que nunca parecia considerar-se convenientemente trajado para o seu lar se não estivesse com suas botas de montar e seu chapéu, mas que nunca usava casaco, exceto na igreja.

Espevitou a vela e, recuando um pouco para ver como ela ficava, saiu da sala, inesperadamente para mim, pois eu ia perguntar-lhe quem o tinha mandado. Abrindo-se então a porta da sala fronteira, ouvi algumas vozes que pareceram familiares aos meus ouvidos, e logo emudeceram. Um passo ligeiro e leve aproximou-se da sala onde me achava, e quem havia de surgir diante de meus olhos senão Ricardo?

— Minha querida Ester — disse ele —, minha melhor amiga! — E mostrava-se de fato tão cordial e sério que, com a primeira surpresa e prazer de sua fraternal saudação, mal pude achar fôlego para dizer-lhe que Ada estava bem.

— Respondendo aos meus próprios pensamentos... sempre a mesma querida criatura! — disse Ricardo, levando-me a uma cadeira e sentando-se a meu lado.

Levantei meu véu, mas não completamente.

— Sempre a mesma querida criatura! — repetiu Ricardo, tão cordialmente como antes.

Ergui inteiramente o véu e, pondo a mão sobre a manga de Ricardo e fitando-o, disse-lhe quanto lhe era grata pela sua bondosa acolhida, e quanto

me alegrava vê-lo e mais ainda por causa da decisão que tomara durante minha doença, e que agora iria transmitir a ele.

— Meu bem — disse Ricardo —, não há ninguém com quem tenha maior vontade de conversar do que com você, porque desejo que você me compreenda.

— E eu desejo que você, Ricardo — disse eu, abanando a cabeça —, compreenda uma outra pessoa.

— Uma vez que você se refere tão imediatamente a João Jarndyce... — disse Ricardo. — Pois suponho que é a ele que você alude.

— Sem dúvida.

— Então posso dizer logo que folgo muito com isso, pois é a respeito desse assunto que estou ansioso para ser compreendido. Por você, veja bem, por você, minha querida! Não tenho de dar satisfações ao Sr. Jarndyce ou a quem quer que seja.

Senti-me magoada por vê-lo tomar aquele tom, e ele notou-o.

— Bem, bem, minha querida — disse Ricardo —, não enveredemos por aí agora. Desejo aparecer tranquilamente aqui na sua casa de campo, de braço dado com você, para fazer uma surpresa à minha encantadora prima. Suponho que sua lealdade a João Jarndyce não oporá embargos a isso.

— Meu caro Ricardo — repliquei —, você bem sabe que seria cordialmente acolhido em casa dele, que é a sua casa, se você a quiser considerar assim. E será recebido aqui com a mesma cordialidade.

— Falou como a melhor das mulheres! — exclamou Ricardo jovialmente.

Perguntei-lhe que tal estava achando sua profissão. — Oh, gosto dela bastante! — disse Ricardo. — Vai tudo muito bem. Serve como qualquer outra, ao menos por ora. Não sei se continuarei nisso quando chegar a estabelecer-me. Mas posso transferi-la por venda e... entretanto, não nos importemos com essa maçada agora.

Tão jovem, tão simpático e, a todos os respeitos, o oposto de Miss Flite! E, todavia, no olhar nublado, ávido, indagador, tão terrivelmente semelhante a ela!

— Estou na cidade, de licença, justamente agora — disse Ricardo.

— Deveras?

— Sim. Tenho andado a cuidar dos meus... dos meus interesses no tribunal antes das férias gerais — disse Ricardo com um riso amarelo. — Prometo-lhe que vamos começar a fazer essa velha demanda andar um pouco afinal.

Como era natural, abanei a cabeça.

— Como você diz, não é um assunto agradável. — Quando falou nisso, notei no olhar de Ricardo o mesmo tom sombrio de há pouco. — Que o dissipem os ventos por esta noite! Puf! Pronto, foi-se! Quem é que você acha que está aqui comigo?

— Não foi a voz do Sr. Skimpole que ouvi?

— Exatamente! Faz-me maior bem que qualquer outra pessoa. Que fascinadora criança é ele!

Perguntei a Ricardo se alguém sabia da vinda deles juntos. Respondeu que não, que ninguém. Fora visitar o caro velho infante (era o nome que dava ao Sr. Skimpole) e o caro velho infante lhe contara onde estávamos, e então ele dissera ao caro velho infante que ele, Ricardo, estava com vontade de vir ver-nos, e que o velho infante também quis vir. Por isso o tinha trazido. — E ele vale — sem referir-me às suas mesquinhas despesas — três vezes seu peso em ouro — disse Ricardo. — Que camarada alegre! Nada de prudência mundana. Sujeito puro, coração sem malícia.

Não me pareceu prova muito convincente de falta de precauções mundanas no Sr. Skimpole o fato de ter ele deixado suas despesas correrem por conta de Ricardo, mas preferi não fazer nenhuma observação a respeito. Ele entrou então e a conversa mudou de rumo. Mostrou-se encantado por verme. Disse que estivera a derramar deliciosas lágrimas de alegria e de dó, a intervalos, durante seis semanas, por minha causa. Nunca se sentira tão feliz como quando teve notícia de minhas melhoras. Começava a compreender agora a mistura de bem e mal que existe no mundo. Sentia que apreciava melhor a saúde ao conhecer que outrem estava doente. Não sabia se fazia parte do plano do mundo que A devesse ser estrábico para tornar B mais feliz pelo fato de olhar normalmente, ou que C devesse andar com uma perna de pau para tornar D mais satisfeito por possuir a sua de carne e sangue, metida

numa meia de seda.

— Minha querida Miss Summerson, aqui está o nosso amigo Ricardo — disse o Sr. Skimpole — cheio das mais radiantes visões do futuro, que ele consegue evocar dentre as trevas do foro. Ora, isso é delicioso, inspirador, é cheio de poesia! Nos tempos antigos a flauta de Pã e a dança das Ninfas tornavam alegres para o pastor as solidões e os bosques. Este pastor aqui presente, o nosso pastoral Ricardo, ilumina os sombrios Tribunais de justiça fazendo a Fortuna e sua comitiva divertirem-se neles com as notas melodiosas de um veredicto do Júri. Como sabe, Isso é agradável! Algum sujeito desclassificado e resmungão poderá dizer-me: “Qual a utilidade desses abusos legais? Como pode defendê-los?” Eu respondo: “Meu amigo resmungão, eu não os defendo, mas eles me são muito agradáveis. Há um pastor jovem, um amigo meu, que os transmuda numa coisa altamente fascinadora para a minha ingenuidade. Não digo que é por isso que eles existem — pois eu não passo de uma criança entre vós, querelantes mundanos, e não se exige minha presença para dar-vos explicações a vós ou a mim mesmo sobre qualquer coisa — mas pode ser que isso seja mesmo assim.”

Comecei seriamente a pensar que Ricardo dificilmente poderia ter escolhido um amigo pior do que este. Inquietava-me que, em semelhante ocasião, quando ele mais necessitava de algum propósito e princípio rígido, tivesse a seu lado essa tão cativante frouxidão e displicência de tudo, essa aérea dispersa de todo princípio e propósito. Eu compreendia que uma natureza como a do meu tutor, experimentada no mundo e forçada a contemplar os miseráveis subterfúgios e disputas da desgraça doméstica, achasse imenso alívio na confissão da fraqueza e na exibição de candura sem fel do Sr. Skimpole. Mas não me podia convencer de que aquilo fosse tão sem artifício como parecia, ou que não servisse admiravelmente ao feito preguiçoso do Sr. Skimpole tanto quanto qualquer outra profissão e com a vantagem de ter menos complicações.

Acompanharam-me ambos de volta, e, tendo-nos o Sr. Skimpole deixado no portão, entrei devagar com Ricardo e disse: — Ada, meu bem, trouxe um cavalheiro para visitá-la. — Não foi difícil ler em seu rosto o rubor e o sobressalto. Ela o amava ternamente e ele o sabia. Eu também. Era um negócio muito claro aquele encontro unicamente de primos.

Quase desconfiei de mim mesma por me mostrar tão má em minhas

suspeitas, mas não tinha certeza de que Ricardo a amasse profundamente. Admirava-a muito (qualquer outro faria outro tanto) e ousou dizer que ele teria renovado seu juvenil contrato com grande orgulho e ardor se não soubesse que ela respeitaria a promessa feita ao Sr. Jarndyce. Todavia atormentava-me a ideia de que a influência sobre ele se estendia mesmo até aqui, de que ele estava postergando o melhor de sua franqueza e de seu devotamento, nisto como em tudo o mais, até que “Jarndyce e Jarndyce” estivesse fora de seu pensamento. Ah! nunca poderei saber o que Ricardo poderia ter sido se não estivesse debaixo daquela perniciosa influência.

Ele disse a Ada, no seu modo muito engenhoso, que não viera fazer nenhuma intrusão oculta nos termos impostos pelo Sr. Jarndyce e por ela aceitos (um tanto implícita e confiadamente, segundo ele). Viera abertamente vê-la e ver-me e justificar-se das atuais relações entre ele e o Sr. Jarndyce. Como o querido velho infante estaria conosco daí a momentos, pediu que eu marcasse um encontro para a manhã, quando ele poderia explicar-se direito, por intermédio de uma conversa sem reservas comigo. Propus passear com ele pelo parque às sete horas e ficou tudo combinado. O Sr. Skimpole apareceu logo depois, divertindo-nos durante uma hora. Fez questão particularmente de ver a pequena Coavinses (referia-se a Charley) e disse-lhe, com ar patriarcal, que tinha confiado a seu falecido pai todo o trabalho que estava em seu poder confiar, e que, se algum de seus irmãozinhos não demorasse a seguir a profissão do pai, esperava poder arranjar ainda muito serviço para ele.

— Porque ando sempre colhido nessas redes — dizia Skimpole, olhando alegremente para nós, por cima dum copo de vinho batizado — e constantemente esvaziado... como um bote. Ou desarmado... como uma companhia de navio. Alguém faz sempre isso para mim. Por mim não posso fazê-lo porque, como sabem, nunca tenho dinheiro comigo. Mas alguém o faz. Livro-me, graças aos meios de alguém. Não faço como o estorninho que se deixa prender; escapulo. Se vocês me perguntarem quem é esse alguém, dou-lhes minha palavra que não poderia dizer-lhes. Bebamos à saúde desse alguém. Deus o abençoe!

Ricardo chegou um pouco atrasado de manhã, mas não tive de esperar por ele muito tempo. Seguimos para o parque. O ar estava vivo e orvalhado e o céu sem uma nuvem. Os pássaros cantavam de uma forma deliciosa; era um gozo ver cintilar os fetos, a relva, as árvores. A riqueza dos bosques parecia

ter aumentado vinte vezes desde a véspera, como se, na noite silenciosa, quando pareciam tão profundamente mergulhados no sono, a natureza, através de todos os minúsculos detalhes de cada folha maravilhosa, tivesse estado mais desperta do que nunca para a glória daquele dia.

— É um lugar adorável! — disse Ricardo, olhando em redor. — Nada dos tumultos e discórdias das demandas judiciárias aqui.

Mas havia uma perturbação doutra espécie.

— Vou dizer-lhe qual, minha querida — disse ele. — Quando tiver todos os negócios assentados, penso que virei para cá descansar.

— Não seria melhor descansar agora? — perguntei.

— Oh! quanto a descansar agora — tornou Ricardo — ou a fazer alguma coisa de bem definido agora, não é nada fácil. Em suma, não se pode fazer. Eu, pelo menos, não posso fazê-lo.

— Por que não? — inquiri.

— Você sabe por que não, Ester. Se você estivesse vivendo numa casa por acabar, com o telhado sujeito a ser posto ou tirado, arriscada a ser demolida do teto aos alicerces ou construída dos alicerces ao teto — amanhã, depois de amanhã, na próxima semana, no próximo mês, no próximo ano —, havia de achar difícil descansar ou estabilizar-se. É o que acontece comigo. Agora? Não há agora para nós, demandistas.

Eu estava quase a acreditar na atração sobre a qual tanto divagara o meu pobre e desorientado amigo, quando vi de novo o olhar ensombrado da noite anterior. Causava pavor pensar que naquele olhar havia também uma sombra do homem infeliz que morrera.

— Meu querido Ricardo — disse eu —, isso é um mau começo para a nossa conversa.

— Eu já sabia que você viria com isso, D^a Durden.

— E não sou só eu, querido Ricardo. Não fui eu quem o avisou que não devia nunca procurar uma esperança na maldição doméstica.

— E lá volta você a João Jarndyce! — disse Ricardo, com impaciência. — Bem, como, mais cedo ou mais tarde, teremos de falar a respeito dele, pois é ele o assunto principal da minha conversa, que seja já. Minha querida Ester,

como é que você pode ser tão cega? Não vê que ele é parte interessada e que muito lhe convém que eu ignore tudo do processo e não cuide dele, ainda que isso não me convenha a mim?

— Oh! Ricardo — admoestei-o —, será possível que, tendo-o visto e ouvido, tendo vivido sob o mesmo teto, conhecendo-o, você me venha transmitir, neste lugar solitário onde não há ninguém que nos possa escutar, suspeitas tão indignas?

Ele corou muito, como se a sua natural generosidade, sentisse uma pontada de censura. Ficou em silêncio algum tempo, antes de responder com voz surda: — Ester, estou certo de que você sabe que não sou um sujeito vil e que tenho algum senso de que a suspeita e a desconfiança são maus predicados numa pessoa da minha idade.

— Sei disso muito bem — repliquei. — De nenhuma outra coisa tenho mais certeza.

— Que menina de ouro! Como isso me conforta partindo de você. Eu tinha necessidade de receber uma parcelazinha de consolação em todo esse negócio, pois não há pior, como não tenho precisão de lhe dizer.

— Sei perfeitamente. Sei tão bem, Ricardo — como direi? —, tão bem como você que tais interpretações errôneas são estranhas à sua natureza. E sei, tanto como você, o que causa nela essa mudança.

— Ora, vamos, minha irmã — disse Ricardo, um pouco mais jovial —, você acabará de qualquer forma fazendo-me justiça. Se tenho a desgraça de estar sob aquela influência, ele também tem. Se ela me colheu um pouco nas suas malhas, pode ter também colhido um pouco a ele. Não nego que ele seja um homem honrado, fora de toda essa trapalhada e incerteza. Não duvido que o é. Mas ela tisma a todos. Você sabe disso. Você o ouviu dizer isso cinquenta vezes. Então por que é que ele haveria de escapar?

— Porque não é um caráter vulgar e tem-se conservado resolutamente fora daquele círculo, Ricardo.

— Oh! Boas razões, por certo! — retorquiu Ricardo à sua maneira vivaz. — Quem me diz, minha querida menina, que não é prudente e plausível aparentar indiferença? Com isso talvez se consiga que outras partes interessadas descurem seus interesses. Além do mais, muita gente vai desaparecendo, certos tópicos se nos varrem da memória, e podem suceder

muitos fatos grandemente vantajosos.

Eu sentia tanta compaixão de Ricardo que já não podia repreendê-lo, nem com um olhar. Lembrei-me da condescendência do meu tutor para com os erros dele e de como se mostrava imune de ressentimento ao referir-se aos mesmos.

— Ester — continuou Ricardo —, não vá você supor que vim aqui para fazer dissimuladas acusações contra João Jarndyce. Vim apenas para justificar-me. O que digo é que ia tudo muito bem, que combinávamos perfeitamente, enquanto eu era menino, totalmente alheio a essa demanda. Mas, logo que comecei a interessar-me por ela e a estudá-la a fundo, tudo se transformou completamente. Então João Jarndyce descobre que Ada e eu devíamos romper e que, se eu não mudasse de procedimento, não seria digno dela. Ora, Ester, não tenciono mudar de procedimento. Não conquistarei as graças de João Jarndyce em virtude de tão injustos termos de compromisso, que ele não tem o direito de me ditar. Quer lhe agrade, quer não, devo sustentar meus direitos e os de Ada. Tenho estado a pensar muito nisso e é essa a conclusão a que cheguei.

Coitado do meu querido! Efetivamente ele andara pensando muito no assunto. Seu rosto, sua voz, suas maneiras, tudo revelava isso cabalmente.

— De modo que lhe disse com lealdade (você há de saber que escrevi a ele a respeito de tudo isso) que estamos em litígio, e que melhor seria estarmos em litígio abertamente que às ocultas. Agradei-lhe sua boa vontade e sua proteção. Que ele seguisse agora sua estrada. Eu seguiria a minha. O fato é que nossas estradas não são as mesmas. Num dos testamentos em disputa eu lucraria muito mais que ele. Não quero dizer que seja este o que deve ser tido como autêntico. Mas ele existe, e quem sabe se não será o preferido?

— Não é por seu intermédio que estou tendo notícia de sua carta, meu caro Ricardo. Já ouvi falar nela, sem nenhuma palavra de ofensa ou de cólera.

— Deveras? — exclamou Ricardo, abrandando. — Alegro-me de ter dito que ele é um homem de bem, fora de todo esse desgraçado negócio. Sempre digo isso e nunca o duvidei. Ora, minha cara Ester, sei que estas minhas opiniões parecem extremamente duras a você e o parecerão também a Ada quando você lhe contar o que se passou entre nós. Mas, se você estivesse metida no caso como eu, se você se houvesse aplicado a estudar os autos

como eu fiz quando estava no escritório de Kenge, se você soubesse que monte de acusações e recriminações, de suspeições de parte a parte há ali, até acharia que sou relativamente moderado.

— Talvez que sim. Mas não pensa você, Ricardo, que entre todos aqueles papéis possa haver muita verdade e justiça?

— Há verdade e justiça em alguma parte do caso, Ester...

— Ou houve outrora, há muito tempo — emendei.

— Há... há... deve haver em alguma parte — continuou Ricardo, com impetuosidade — e devem ser trazidas a lume. E não se irá conseguir isso comprando o silêncio de Ada, tentando peitá-la. Você diz que a demanda está-me mudando. João Jarndyce afirma que ela muda, tem mudado e mudará todo aquele que tiver parte nela. Então mais uma razão para que eu faça tudo que puder para levá-la a termo.

— Tudo quanto puder, Ricardo! Você acha que durante todos estes anos muitos outros não fizeram tudo quanto puderam? Acaso a dificuldade tornou-se mais fácil por causa de tantos malogros?

— Isso não pode durar sempre — retorquiu Ricardo, redobrando-se-lhe tanto a veemência que de novo avivou em mim aquela última recordação triste.

— Sou moço e ativo, e a energia e a determinação têm operado muitas vezes maravilhas. Outros se lançaram apenas a meio nessa demanda. Eu me devoto inteiramente a ela. Faço dela o objeto de minha vida.

— Oh! meu caro Ricardo, tanto pior, tanto pior!

— Não, não, não! Não tenha medo por minha causa — replicou ele afetuosamente. — Você é uma moça querida, boa, sensata, quieta, abençoada. Mas já tem suas simpatias preconcebidas. De modo que volto de novo a João Jarndyce. Afirmo-lhe, minha cara Ester, que quando ele e eu entramos naquele acordo que ele achou tão conveniente, não estávamos num acordo natural.

— Acordo natural para você significa divisão e animosidade, Ricardo?

— Não, não digo isso. Quero dizer que todo esse negócio nos coloca em termos não-naturais, com os quais as relações naturais não são compatíveis. Veja se me convence, mas com outras razões. É possível que, quando tudo

estiver decidido, eu descubra que me enganei a respeito de João Jarndyce. Minhas ideias poderão estar menos embrulhadas quando me vir livre da demanda e então poderei concordar com o que você diz hoje. Muito bem. Então reconhecerei isso e saberei reparar o meu erro.

Tudo adiado para aquela época imaginária! Tudo mantido em confusão e indecisão até aquele dia!

— Ora, Ester, a melhor das minhas confidentes — prosseguiu Ricardo —, quero que minha prima Ada compreenda que não sou capcioso, inconstante e obstinado, no que diz respeito a João Jarndyce, mas sim que tenho em meu apoio este propósito e esta razão. Quero manifestar-me a ela por meio de você, porque ela tem estima e respeita muito a seu primo João, e sei que você saberá desculpar-me pelo partido que tomei, muito embora o desaprove. E... e em suma — disse Ricardo, hesitante —, eu... eu não quero aparecer diante duma moça confiante como Ada na figura de um personagem litigante, demandista, suspeito.

Disse-lhe que estas suas últimas palavras o pintavam tal qual era, muito mais que quaisquer outras ditas anteriormente.

— Sim — reconheceu Ricardo —, isso bem pode ser verdade, minha querida. Prefiro sentir que seja assim. Mas dentro em breve estarei em condições de justificar-me. Então ficarei tão bem como antes, não tenha receio.

Perguntei-lhe se era só isso que queria que eu dissesse a Ada.

— Não — disse Ricardo. — Não devo ocultar a ela que João Jarndyce respondeu à minha carta da maneira usual, dirigindo-se a mim como a seu “querido Rick”, tentando dissuadir-me das minhas opiniões e dizendo-me que elas não causaram nenhuma diferença nele em relação a mim. (Tudo muito bem, sem dúvida, mas isso não altera o caso.) Quero que Ada saiba também que, se raramente a vejo agora, estou no entanto cuidando dos interesses dela tanto quanto dos meus (uma vez que ambos navegamos nas mesmas águas) e que espero que ela não vá supor, em virtude de quaisquer boatos levianos que lhe cheguem aos ouvidos, que sou inteiramente uma cabeça de vento, um indivíduo imprudente. Pelo contrário, desejo com todas as veras o término da demanda, e minhas vistas estão sempre voltadas para esse rumo. Sendo maior agora, e tendo dado o passo que dei, considero-me desobrigado de ter que prestar quaisquer contas a João Jarndyce. Como, porém, Ada é ainda uma

pupila do Tribunal, não lhe peço ainda que renove o seu compromisso para comigo. Quando ela estiver livre de agir por si mesma, eu serei outra vez o que era e acredito que estaremos ambos em circunstâncias socialmente bem diversas das atuais. Se você lhe disser tudo isso dosado com a sua reconhecida discrição, far-me-á um enorme e amabilíssimo obséquio, minha cara Ester. E será tremendo o golpe que vibro em “Jarndyce e Jarndyce”. Claro está que não peço segredo disso na Casa Soturna.

— Ricardo — disse eu —, você deposita grande confiança em mim, mas receio que não aceite nenhum conselho meu.

— A respeito desse assunto, não me é possível, minha cara menina. Mas a respeito de outro qualquer, sou todo ouvidos.

Como se houvesse outro assunto em sua vida! Como se toda a sua carreira e todo o seu caráter não estivessem tomando uma só cor!

— Mas posso fazer-lhe uma pergunta, Ricardo?

— Penso que sim — disse ele, rindo. — Se você não pode, não sei quem possa.

— Você mesmo afirmou que não está levando uma vida bem assentada.

— E como o poderia, minha cara Ester, se nada de assentado tenho?

— Está endividado de novo?

— Ora, sem dúvida que estou — disse Ricardo, atônito diante da minha simplicidade.

— Sem dúvida?

— Certamente, minha cara menina. Não posso lançar-me de corpo e alma numa questão como essa sem fazer despesa nenhuma. Você esquece, ou talvez ignore, que em qualquer dos dois testamentos Ada e eu temos alguma parte. É apenas uma questão entre a soma maior e a soma menor. De qualquer forma estarei dentro do limite. Sossegue esse coração, minha excelente amiga — disse Ricardo, divertindo-se com as minhas apreensões —, que nada me acontecerá. Hei de romper, minha querida!

Percebi com tamanha clareza o perigo em que ele estava, que tentei, em nome de Ada, no de meu tutor e no meu próprio, por todos os fervorosos meios que podia imaginar, adverti-lo dele e mostrar-lhe alguns de seus

enganos. Acolhia tudo quanto eu dizia com paciência e polidez, mas tudo resvalava por ele sem deixar a mínima moessa. Não era caso de espantar-me com isso, depois do acolhimento que seu espírito preocupado dera à carta de meu tutor. Mas resolvi tentar ainda a influência de Ada.

Assim, quando nosso passeio nos trouxe de volta novamente à aldeia e tomamos o caminho de casa para almoçar, preparei Ada para o relato que ia fazer-lhe e disse-lhe exatamente quais as razões que tínhamos para temer que Ricardo se estava perdendo e desperdiçando toda a sua vida. Isso naturalmente a encheu de pesar, conquanto ela tivesse uma confiança muito maior do que eu podia ter na possibilidade de Ricardo vir a corrigir-se de seus erros — coisa bastante natural e louvável na minha querida — e logo lhe escreveu esta carta:

Meu querido primo,

Ester contou-me tudo quanto você lhe disse esta manhã. Escrevo esta para repetir da minha parte, e da maneira mais veemente, tudo quanto ela disse a você e para dar-lhe conhecimento de quão certa estou de que você, mais cedo ou mais tarde, reconhecerá que nosso primo João é um modelo de verdade, de sinceridade e de bondade, quando você lamentar profundamente ter-lhe (sem intenção) feito tamanha injustiça.

Não sei absolutamente como exprimir o que quero dizer em seguida, mas espero que você compreenderá a minha intenção. Tenho alguns receios, meu querido primo, de que talvez, em parte por minha causa, esteja você acumulando infelicidades para você — e, se as acumula para você, é claro que também para mim as acumula. No caso de estar você todo dedicado a mim no que está fazendo, rogo-lhe, suplico-lhe instantemente que desista. Nenhuma felicidade maior poderia você dar-me do que voltar as costas à sombra dentro da qual ambos nascemos. Não se zangue comigo por dizer isso. Rogo-lhe, rogo-lhe, Ricardo, por mim e por você mesmo e pela natural repugnância que me causa essa fonte de perturbações que contribuiu para fazer-nos órfãos quando éramos ainda tão jovens, rogo-lhe, rogo-lhe que largue isso para sempre. Temos já agora razão de saber que não há nada de bom nisso e nenhuma esperança, e que de tal demanda nada se pode colher senão pesares.

Meu querido primo, não necessito dizer-lhe que você é inteiramente livre e que é bem provável que possa encontrar alguém a quem amará muito mais do que ao seu primeiro afeto. Estou inteiramente certa, se me permitir que assim fale, que o objeto de sua escolha preferiria bem mais acompanhar sua sorte onde quer que fosse, por mais modesta e pobre que fosse, e vê-lo feliz, cumprindo o seu dever e prosseguindo no caminho escolhido, a nutrir-se da esperança de vir a ser muito rica com você (se tal coisa fosse possível) à custa de arrastados anos de adiamento e ansiedade e de sua indiferença por outros ideais. Pode você espantar-se de ver-me dizer isso tão confiadamente, apesar do meu pouco conhecimento e experiência da vida, mas as minhas palavras brotam de uma certeza radicada no íntimo do meu coração.

Sempre, queridíssimo primo, sua muito afetuosa,

Esse bilhete trouxe-nos Ricardo bem cedo. Mas, se alguma mudança lhe causou, foi pequena. Nós queríamos saber, disse ele, quem estava ou não com a razão — ele nos mostraria —, nós havíamos de ver! Estava animado e tão radiante como se a ternura de Ada lhe tivesse causado imenso prazer. Mas eu por mim, dando um suspiro, mal podia esperar que a carta pudesse ter sobre seu espírito um efeito mais forte depois de uma segunda leitura.

Como eles iam ficar conosco aquele dia e tivessem tomado lugar para a volta na diligência do dia seguinte, busquei uma oportunidade para falar ao Sr. Skimpole. Nossa vida que decorria quase toda ao ar livre facilmente ensejou uma, e eu delicadamente lhe disse que havia certa responsabilidade da parte de quem estimulasse Ricardo no caminho que tomara.

— Responsabilidade, minha cara Miss Summerson? — repetiu ele, detendo-se na palavra, com o mais amável dos sorrisos. — Sou no mundo o último homem a quem se pode mencionar tal coisa. Nunca fui responsável por nada em minha vida — não posso ser.

— Creio que todos são obrigados a ser — disse eu com bastante timidez, sendo ele muito mais velho e mais inteligente do que eu.

— Deveras? — tornou o Sr. Skimpole, recebendo esse novo esclarecimento com a mais jovial das surpresas. — Mas todos os homens não são obrigados a pagar suas dívidas? Eu não. Nunca fui. Veja, minha cara Miss Summerson — e tirou do bolso um punhado de pratas miúdas e níqueis —, quanto dinheiro. Não faço ideia de quanto tenho aqui. Não posso contar. Chamem-lhe libras ou pente, à vontade. Dizem-me que devo mais do que isto. Acho que sim. Acho que devo tanto quanto as pessoas de bom natural permitem que eu deva. Se elas não param, por que devo eu parar? Aqui tem você Haroldo Skimpole em duas pinceladas. Se isso é responsabilidade, sou responsável.

A calma perfeita com que meteu de novo o dinheiro no bolso e olhou para mim com um sorriso no rosto cortês, como se tivesse estado a mencionar uma curiosidade qualquer a respeito de uma terceira pessoa, quase me deu a impressão de que realmente ele nada tivesse que ver com aquilo.

— Por falar em responsabilidade — continuou ele —, estou com vontade de dizer que nunca tive a felicidade de conhecer ninguém a quem

considerasse tão ativamente responsável como você. Você me parece a verdadeira pedra de toque da responsabilidade. Quando a vejo, minha querida Miss Summerson, atenta ao perfeito funcionamento de todo o pequeno e ordenado sistema de que é o centro, sinto-me inclinado a dizer a mim mesmo — e realmente digo a mim mesmo muitas vezes: — isto é que é responsabilidade!

Depois disso, era difícil explicar o que eu queria dizer, mas insisti ao ponto de dizer que todos nós esperávamos que ele, em vez de animar, dissuadisse Ricardo das ideias otimistas que estava acalentando.

— Com a melhor vontade — disse ele — se pudesse. Mas, minha querida Miss Summerson, não tenho arte, nem dissimulação. Se ele me pegar pela mão e me conduzir através de Westminster Hall, numa aérea procissão empós da Fortuna, irei. Se ele disser: “Skimpole, venha dançar!”, dançarei. O senso comum mandaria o contrário, bem sei. Mas eu não tenho senso comum.

— Foi uma verdadeira infelicidade para Ricardo — disse eu.

— Pensa assim? — tornou o Sr. Skimpole. — Não diga isso, não diga isso! Suponhamo-lo acompanhado do Senso Comum — homem excelente — bastante enrugado — terrivelmente prático — troco para uma nota de dez libras em cada bolso — regrado livro de contas na mão — assemelhando-se no todo, digamos, a um cobrador de impostos. O nosso querido Ricardo, otimista, ardente, passando por cima de obstáculos, abrasado de poesia como um botão novo de rosa, diz a esse companheiro altamente respeitável: — Vejo uma áurea perspectiva diante de mim. É muito brilhante, muito bela, muito alegre. Aqui estou eu, saltando por cima da paisagem para chegar até ela! — O respeitável companheiro no mesmo instante derruba-o com o regrado livro de contas. Diz-lhe duma forma prosaica e literal que não vê tal coisa; mostra-lhe que não há nada senão propinas, fraude, cabeleiras de crina de cavalo e becas pretas. Ora você sabe que é uma mudança penosa, sensata até o grau extremo, não tenho dúvida, mas desagradável. Não posso provocá-la. Não tenho o regrado livro de contas. Não tenho nenhum dos elementos componentes do cobrador de impostos. Não sou absolutamente respeitável e não o desejo ser. Estranho, talvez, mas é assim!

Era ocioso dizer mais alguma coisa. De modo que propus que nos juntássemos a Ada e Ricardo, que se tinham adiantado um pouco e, desesperada, desisti do Sr. Skimpole. Ele estivera percorrendo o solar no

correr da manhã e caprichosamente descrevia os retratos da família, enquanto caminhávamos. Havia tão portentosas pastoras entre as Ladies Dedlock mortas, disse-nos ele, que pacíficos cajados tornavam-se armas de assalto em suas mãos. Apascentavam seus rebanhos severamente, todas enchumaçadas e empoadas, e usavam sinais postiços no rosto para aterrorizar os plebeus, como chefes de algumas tribos põem seus arrebiques guerreiros. Havia um Sir Fulano Dedlock, com uma batalha, uma mina explodindo, rolos de fumaça, labaredas de fogo, uma cidade ardendo e uma fortaleza assaltada, tudo em plena ação entre as duas pernas traseiras de seu cavalo, mostrando, segundo ele supunha o pouco-caso que um Dedlock faz de tais bagatelas. Apresentava a raça inteira como tendo sido na vida o que ele chamava “gente empalhada” — uma enorme coleção, de olho vidrado, em posição bastante afetada, postos em seus diversos ramos e poleiros, todos muito corretos, inteiramente livres de qualquer animação e sempre metidos em armários de vidro.

Agora já não me sentia tão à vontade quando se fazia referência ao nome Dedlock. Foi portanto com alívio que vi Ricardo, soltando uma exclamação de surpresa, correr ao encontro de um estranho, que fora ele o primeiro a avistar e que caminhava lentamente na nossa direção.

— Valha-me Deus! — exclamou o Sr. Skimpole. — Vholes!

Perguntamos se era algum amigo de Ricardo.

— Amigo e consultor jurídico — respondeu o Sr. Skimpole. — Minha querida Miss Summerson, se você quer senso comum, responsabilidade e respeitabilidade, tudo junto, se quer um homem exemplar, esse homem é Vholes.

Não sabíamos, dissemos, que Ricardo era assistido por algum cavalheiro com aquele nome.

— Quando ele emergiu da infância legal — explicou o Sr. Skimpole — separou-se de nosso loquaz amigo Kenge e passou a entender-se com Vholes, creio. Sim, sei disso, porque fui eu que o apresentei a Vholes.

— Conhecia-o há muito tempo? — perguntou Ada.

— Vholes? Minha querida Miss Clare, eu tinha com ele o mesmo conhecimento que tenho tido com vários cavalheiros de sua profissão. Ele fizera uma coisa ou outra, de maneira bastante agradável e civil, seguindo os trâmites (penso que é essa a expressão), e acabou levando-me a mim consigo.

Alguém teve a bondade de intrometer-se e pagar o necessário: um tanto e quatro *pence* era o montante. Esqueço quantas libras e xelins, mas sei que acabava em quatro *pence*, porque no momento me pareceu bem estranho o fato de estar eu devendo quatro *pence* a alguém, e depois disso tratei de aproximar os dois. Vholes pediu-me que o apresentasse e assim fiz. Agora que venho a pensar no assunto — e olhou para nós com ar indagador e com seu mais franco sorriso, ao fazer a descoberta —, quem sabe se Vholes não me peitou? Ele me deu alguma coisa e chamou a isso comissão. Seria uma nota de cinco libras? Olhem, penso que deve ter sido uma nota de cinco libras!

Ia ele prosseguir na discussão do ponto, mas foi interrompido por Ricardo, que voltou para junto de nós muito conturbado e se apressou em apresentar o Sr. Vholes, um homem lívido, de beijos contraídos, parecendo enregelados, uma erupção vermelha, aqui e ali no rosto, alto e magro, de cerca de cinquenta anos de idade, ombros erguidos e curvados para a frente. Trajado de preto, de luvas pretas e abotoado até o queixo, nada havia nele de assinalável, a não ser um ar sem vida e uma maneira vagarosa e fixa que tinha de olhar para Ricardo.

— Espero não incomodá-las, minhas senhoras — disse Vholes (e então observei que ele tinha também a peculiaridade de, por assim dizer, falar para dentro). — Combinei com o Sr. Carstone que ele seria sempre posto ao corrente da ocasião em que sua causa estivesse na pauta do Chanceler. E tendo sido informado por um de meus auxiliares, na noite passada, depois da hora do correio, de que o processo, um tanto inesperadamente, estaria na pauta amanhã, meti-me na diligência hoje cedo e vim até cá para conferenciar com ele.

— Sim! — exclamou Ricardo, todo enrubescido e olhando triunfantemente para Ada e para mim. — Não fazemos mais estas coisas à velha maneira vagarosa. Agora tocamos a coisa para diante! Sr. Vholes, devemos alugar alguma condução para ir à cidade e apanhar a diligência esta noite e seguir nela!

— Como queira, senhor — disse o Sr. Vholes. — Estou inteiramente às suas ordens.

— Vejamos — disse Ricardo, olhando seu relógio. — Se eu correr até Dedlock e apanhar minha maleta e alugar um cabriolé ou uma aranha, ou

qualquer carruagem que se possa achar, teremos uma hora ainda antes de partir. Voltarei para o chá. Prima Ada, quer você com Ester tomar conta do Sr. Vholes, enquanto vou tratar disso?

No seu ardor e pressa partiu logo, perdendo-se no crepúsculo vespertino. Ficando sós, tomamos o caminho de casa.

— Será necessária a presença do Sr. Carstone amanhã, Sr. Vholes? — perguntei. — Haverá algum bem nisso?

— Não, senhorita — respondeu o Sr. Vholes. — Não tenho certeza de que possa haver.

Então Ada e eu exprimimos nosso pesar de que ele devesse partir e depois fosse ter uma decepção.

— O Sr. Carstone assentou o princípio de velar pelos seus próprios interesses — disse o Sr. Vholes. — E quando um cliente meu tem em vista uma determinada coisa e essa coisa não vai contra a moral, incumbe-me levá-la a cabo. Em negócios faço questão de ser exato e franco. Sou viúvo com três filhas, Ema, Joana e Carolina, e meu desejo é de tal modo cumprir os meus deveres que lhes deixe um bom nome. Parece ser este um lugar ameno, senhorita.

Tendo sido feita a mim a observação por me achar perto dele enquanto caminhávamos, concordei e passei a enumerar suas principais atrações.

— Deveras? — disse o Sr. Vholes. — Tenho o privilégio de sustentar um pai idoso no vale de Taunton, sua terra natal, e admiro muito aquela região. Não tinha ideia de que houvesse outra tão aprazível como esta aqui.

Para sustentar a conversa perguntei ao Sr. Vholes se gostaria de viver continuamente no campo.

— Aqui — disse ele — toca a senhorita numa corda sensível. Minha saúde não é boa (uma vez que minha digestão é muito fraca) e, se tivesse de levar em consideração apenas a minha pessoa, refugiar-me-ia nos costumes rurais, especialmente em consequência de terem os cuidados do negócio impedido que eu entrasse em contato com a sociedade em geral e de modo particular com a sociedade feminina, com a qual muito desejei misturar-me. Mas com minhas três filhas, Ema, Joana e Carolina e com meu idoso pai não posso dar-me ao luxo de ser egoísta. É verdade que não mais tenho de

sustentar minha querida avó que morreu com cento e dois anos, mas ainda sobra muita gente para tornar indispensável que o moinho não deixe de girar.

Requeria certa atenção o ouvi-lo, por causa do seu jeito de falar para dentro e do seu ar sem vida.

— Desculpar-me-á ter mencionado minhas filhas. São o meu ponto fraco. Desejo deixar às minhas pobres meninas não só meios de certa Independência, mas também um bom nome.

Chegamos então à casa do Sr. Boythorn, onde nos esperava, já preparada, a mesa do chá. Pouco depois entrou Ricardo, agitado e pressuroso, e, inclinando-se sobre a cadeira do Sr. Vholes, cochichou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O Sr. Vholes respondeu alto ou quase tão alto, suponho, como sempre respondia a qualquer coisa: — O senhor me levará? Para mim é indiferente, senhor. Seja como o senhor quiser. Estou inteiramente às suas ordens.

Do que se seguiu compreendemos que o Sr. Skimpole ia ficar até o dia seguinte, para ocupar os dois lugares que já tinham sido pagos. Como Ada e eu estivéssemos inquietas a respeito de Ricardo e bastante tristes por assim nos separarmos dele, explicamos com a maior polidez que deixaríamos o Sr. Skimpole em Dedlock Arms e nos recolheríamos quando os viajantes da noite se fossem.

A atividade de Ricardo vencera todos os obstáculos. Seguimos todos juntos até o alto da colina que dominava a aldeia, onde ele alugara um cabriolé que o esperava e onde encontramos um homem com uma lanterna, de pé, junto à cabeça do magro cavalo que fora atrelado.

Nunca me esquecerei daqueles dois sentados lado a lado, à luz da lanterna, Ricardo, todo ardor, fogo e riso, com as rédeas na mão; o Sr. Vholes, completamente silencioso, de luvas pretas, abotoado até o alto, olhando para o rapaz como se estivesse a olhar para a sua presa, hipnotizando-a. Tenho diante de mim o quadro completo da noite quente e escura, os relâmpagos secos, o trecho poeirento da estrada encerrada entre sebes e altas árvores, o magro cavalo com as orelhas fitas e a corrida a toda a pressa para “Jarndyce e Jarndyce”.

A minha querida Ada me disse naquela noite que, quer daí por diante Ricardo ficasse próspero ou arruinado, quer cercado de amigos ou

abandonado, isso só significaria para ela o seguinte: quanto mais ele necessitasse do amor de um coração imutável, tanto mais amor esse coração imutável teria para dar-lhe. Falou-me de quanto ele pensava nela através de seus presentes erros. Ela também pensaria nele a todos os instantes e nunca em si mesma, se pudesse devotar-se a ele; nunca em seus próprios deleites, se pudesse contribuir para os dele.

E manteve a palavra!

Olho ao longo da estrada à minha frente, onde a distância já se encurta e o fim da jornada se vai tornando visível. E, fiel e boa, acima do mar morto do processo judicial e de todas as frutas cinéreas que ele lançou à praia, penso ver a minha querida.

“UMA LUTA”

Quando chegou nossa vez de voltar de novo para a Casa Soturna, fomos muito pontuais, sendo recebidas duma maneira sensibilizadora. Eu estava perfeitamente restabelecida e cheia de força, e, encontrando minhas chaves de dona de casa prontas à minha espera no meu quarto, fui repetindo para mim mesma, como quem ia recomeçar vida nova: “Uma vez mais o dever, o dever, Ester; e se você não se sente mais do que alegre em cumpri-lo, mais do que satisfeita e contente, deveria sentir-se tal. É tudo quanto tenho que dizer-lhe, minha querida!”

As primeiras manhãs foram manhãs de tanto alvoroço e ocupação, dedicadas a tais acertos de contas, tão repetidas caminhadas para lá e para cá, entre a Resmungadoria e as demais partes da casa, tantas arrumações de gavetas e armários e uma volta tão geral à vida anterior que eu não tinha um momento de folga. Mas quando se completaram essas arrumações e cada coisa ficou em seu lugar, fiz uma visita de poucas horas a Londres, visita que me decidira a fazer em virtude de certos assuntos constantes da carta que eu destruía em Chesney Wold.

Fiz de Caddy Jellyby — seu nome de solteira me vinha tão naturalmente à boca que eu sempre a chamava por ele — o pretexto para essa visita e escrevi-lhe um bilhete prévio, solicitando-lhe o obséquio de sua companhia para um pequeno negócio. Saindo de casa de manhã bem cedo, cheguei a Londres pela diligência, tão bem a tempo que estando na Rua Newman tinha o dia todo à minha frente.

Caddy, que não me tinha visto desde o dia de seu casamento, mostrou-se tão alegre e tão afetuosa que fiquei com certo receio de que causasse ciúmes ao marido. Mas ele era, lá a seu modo, tão mau — quero dizer tão bom — que afinal se repetiu a velha história: ninguém me quis deixar qualquer possibilidade de fazer alguma coisa de meritório.

O velho Sr. Turveydrop estava de cama, e Caddy moía-lhe o chocolate, que um melancólico menino, aprendiz da casa (parecia coisa tão curiosa ser aprendiz do negócio de dança), estava esperando para levar para cima. Seu sogro, disse-me Caddy, era extremamente bondoso e delicado, vivendo todos na maior harmonia. (Quando se referia a essa vida ideal, queria dizer que o velho tinha as melhores coisas e a parte mais cômoda do alojamento, ao passo que ela e seu marido se contentavam com o resto, encafuados em dois quartos de esquina que davam para as Cavalariças Reais.) — E como vai sua mãe, Caddy? — perguntei eu.

— Ah! soube notícias dela, Ester — respondeu Caddy —, por meu pai. Mas vejo-a muito pouco. Somos boas amigas, folgo de dizê-lo. Mas mamãe pensa que há qualquer coisa de absurdo no fato de eu ter casado com um professor de dança e está um tanto receosa de que esse absurdo a contagie.

Veio-me a ideia de que se a Sra. Jellyby se tivesse desembaraçado de seus deveres e obrigações naturais, antes de varrer o horizonte com um telescópio à procura de outras, tomaria todas as precauções para não se tornar absurda. Creio não ser preciso dizer que guardei essas reflexões para mim mesma.

— E seu pai, Caddy?

— Vem cá, todas as tardes e gosta tanto de sentar-se ali a um canto que é um prazer vê-lo.

Olhando para o canto, percebi claramente a marca da cabeça do Sr. Jellyby na parede. Era consolador saber que ele havia encontrado para si um lugar de descanso como aquele.

— E você, Caddy, aposto que está sempre atarefada, não é verdade?

— Bem, minha querida, realmente estou. Vou contar-lhe um grande segredo. Estou-me preparando para lecionar. A saúde de Príncipe não é forte, e quero ajudá-lo. O coitadinho tem muito que fazer com aulas, alunos particulares e ainda por cima com os aprendizes!

A ideia dos tais aprendizes ainda me causava tanta estranheza que perguntei a Caddy se havia muitos.

— Quatro — respondeu Caddy — Um aqui dentro e três fora. São crianças muito boas. Só que quando se reúnem põem-se a brincar, como

crianças que são, em vez de cuidarem de seu trabalho. Por isso o menino que você acaba de ver valsa sozinho na cozinha vazia, e distribuímos os outros pelo resto da casa da melhor forma que é possível.

— Isso é somente para aprenderem os passos, sem dúvida, não é? — perguntei.

— Apenas para isso. Dessa forma vão praticando, muitas horas de cada vez, quaisquer que sejam os passos que estejam aprendendo. Dançam na academia, e nesta época do ano executamos figuras às cinco horas todas as manhãs.

— Mas que vida laboriosa! — exclamei.

— Garanto-lhe, minha amiga — continuou Caddy, sorrindo —, que, quando os aprendizes de fora tocam a campainha pela manhã (a campainha toca dentro do nosso quarto, para não acordar o velho Sr. Turveydrop) e quando levanto a janela e os vejo esperando na porta de entrada com seus pequenos escarpins debaixo do braço, lembro-me dos Sweeps.

Tudo isso certamente me revelava a arte numa luz bem singular. Caddy saboreava o efeito de sua comunicação e jovialmente continuou a contar as particularidades de seus próprios estudos.

— Pois é, minha querida, para poupar despesa, devo saber um pouco de piano e um pouco de rabeça também, e por isso tenho de praticar nesses dois instrumentos, tanto quanto nos detalhes da nossa profissão. Se mamãe tivesse sido igual às outras mães, eu poderia ter tido logo de começo algum conhecimento de música. Contudo, nenhum tive e devo confessar que esta parte do trabalho é, a princípio, um tanto desalentadora. Mas tenho muito bom ouvido e estou acostumada ao trabalho pesado (neste ponto devo, seja como for, agradecer a minha mãe) e como sabe, Ester, querer é poder.

Dizendo essas palavras, Caddy, rindo, sentou-se a um pianinho quadrado e barulhento, conseguindo arrancar dele uma quadrilha com grande vivacidade. Depois, bem-humorada e enrubescida, levantou-se de novo, e, enquanto ria de si mesma, disse: — Não ria de mim, por favor, você que é tão boazinha!

A vontade que tive foi chorar, mas contive-me: não ri nem chorei. Estimulei-a e louvei-a de todo o coração, pois acreditei piamente que, conquanto ela fosse a mulher dum professor de dança e na sua limitada

ambição aspirasse a ser uma professora de dança, havia traçado para si um plano natural, útil e louvável de indústria e perseverança, tão bom como uma Missão.

— Minha querida — disse Caddy, encantada —, você não pode imaginar quanto me alegra. Você nem pode imaginar quanto lhe ficarei devendo. Quanta mudança, Ester, mesmo no meu pequeno mundo! Lembra-se daquela primeira noite em que me mostrei tão incivil e suja de tinta? Quem teria pensado então que eu, acima de todas as possibilidades e impossibilidades, viria a ser professora de dança?

Seu marido, que nos havia deixado enquanto tivéramos essa conversa, voltava agora, preparando-se para exercitar os aprendizes na sala de baile. Caddy informou-me que estava à minha inteira disposição. Mas tive o prazer de dizer-lhe que ainda não era tempo, pois sentiria remorso se a levasse comigo então. Portanto fomos juntas ter com os aprendizes, e eu fui um dos pares da dança.

Os aprendizes eram umas criaturinhas esquisitas. Além do menino tristonho que, creio eu, não se tornara tal pelo fato de valsar sozinho na cozinha vazia, havia dois outros meninos e uma suja menininha coxa, de vestido de gaze. Era uma mocinha precoce, com um chapéu desalinhado, também de gaze, que trazia seus sapatos de baile numa velha bolsa de rede de veludo. E os meninos magricelas, quando não estavam dançando, brincavam com cordéis, bolinhas e rodela de osso que tiravam das algibeiras. E que pernas, que pés e especialmente que calcanhares sujíssimos!

Perguntei a Caddy por que é que os pais haviam escolhido semelhante profissão para os filhos. Caddy respondeu que não sabia. Talvez os destinassem para professores, talvez para o palco. Eram todos gente de condição humilde e a mãe do menino tristonho tinha uma venda de cerveja de gengibre.

Dançamos durante uma hora com grande gravidade. O menino tristonho fez maravilhas com as extremidades inferiores, que pareciam dotadas de certo senso de prazer, embora nunca este passasse além da sua cintura. Caddy, ainda que submissa ao marido e evidentemente confiando nele, tinha adquirido uma graça e um domínio de si mesma que, unidos ao seu lindo rosto e à sua esbelta figura, agradavam sumamente. Ela já havia aliviado o marido de boa parte da instrução daquela gente moça. Ele raramente

intervinha, exceto para desempenhar seu papel na figura se alguma coisa tinha a fazer nela. Era sempre ele quem dava o tom. Era delicioso ver a afetação da menina de gaze e sua deferência para com os meninos. E dessa forma dançamos uma hora marcada no relógio.

Terminado o exercício, o marido de Caddy aprontou-se para ir à cidade e dar uma aula, e Caddy foi correndo preparar-se para sair comigo. Enquanto esperava, sentei-me na sala de baile, olhando os aprendizes. Os dois meninos externos foram para o patamar a fim de calçar suas botinas e puxar o cabelo do menino interno... como depreendi dos protestos deste. Voltando com seus casacos abotoados e seus escarpins metidos neles, tiraram seus embrulhos de pão com carne fria e sentaram-se debaixo de uma lira pintada na parede. A menininha do vestido de gaze, tendo metido suas sandálias na rede e calçado um par de sapatos cambados, enterrou, com um puxão, o coçado chapéu na cabeça e, tendo-lhe eu perguntado se gostava de dançar, respondeu: — Com meninos, não —, amarrou o chapéu por baixo do queixo e foi para casa, toda desdenhosa.

— O Sr. Turveydrop lamenta não estar pronto ainda, para ter o prazer de vê-la antes que se vá — disse Caddy. — Ele gosta tanto de você, Ester!

Mostrei-me muito grata, mas não achei necessário acrescentar que dispensava completamente suas atenções.

— Ele leva muito tempo a vestir-se — disse Caddy — porque reparam muito nele, no seu trajar, como você sabe, e porque tem também uma reputação a manter. Você não pode imaginar como ele é amável com papai. De noite fala com papai a respeito do Príncipe Regente, e nunca vi meu pai tão interessado.

Havia qualquer coisa que me cativava no quadro dessa condescendência da elegância do Sr. Turveydrop para com o Sr. Jellyby. Perguntei a Caddy se ele saía muito em companhia de seu pai.

— Não — respondeu Caddy. — Ignoro-o. Mas conversa com meu pai e este o admira muito, ouve-o e gosta de ouvi-lo. Sei muito bem que papai não tem pretensões a elegância. Mas eles parecem entender-se maravilhosamente. Você não pode imaginar que bons companheiros são eles. Eu nunca vira papai tomar rapé. Mas agora toma uma pitada regularmente da tabaqueira do Sr. Turveydrop e fica a cheirá-la repetidamente muitas horas.

Parecia-me a mais engraçada das extravagâncias que o velho Sr. Turveydrop, através das mudanças e azares da vida, acabasse por tornar-se o libertador do Sr. Jellyby de Borriobula-Gha.

— Quanto a Peepy — disse Caddy, com uma ligeira hesitação —, de quem eu receava (como de qualquer pessoa de minha família, Ester) que viesse a tornar-se incômodo ao Sr. Turveydrop, a bondade do velho cavalheiro para com essa criança ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Pede para vê-lo. Permite que ele lhe leve o jornal na cama. Dá-lhe as crostas de suas torradas para comer. Manda recadinhos por ele. Manda pedir-me por ele seis *pence*. Em suma — resumiu Caddy, alegremente — pois não quero ser enfadonha, sou uma criatura bem feliz e tenho razões para ser grata. Para onde vamos, Ester?

— A estrada da Rua Velha — respondi —, onde tenho de dizer algumas palavras ao escrevente do advogado que foi enviado ao escritório das diligências, para me procurar no dia mesmo em que cheguei a Londres e vi você pela primeira vez, meu bem. Creio que é o mesmo cavalheiro que nos levou à sua casa.

— Então parece-me ser eu a pessoa naturalmente indicada para ir com você — tornou Caddy.

Seguimos para a estrada da Rua Velha e perguntamos pela Sra. Guppy já na casa desta. A Sra. Guppy, que ocupava a pequena sala de visitas e estivera visivelmente em perigo de estourar como uma noz na porta da sala de entrada por estar a olhar o que se passava fora antes de ser sua presença solicitada, imediatamente se apresentou e mandou-nos entrar. Era uma velha, com uma vasta touca, de nariz um tanto vermelho e olhar algo vacilante, mas muito risonha. Sua estreita salinha estava preparada para receber visitas. Havia nela um retrato de seu filho, o qual, quase ia eu escrevendo aqui, era mais parecido que o original: o retrato insistia sobre ele com extrema obstinação e parecia decidido a não deixá-lo escapar.

Não somente estava ali o retrato, mas encontramos também o original. Estava trajado de cores variegadas, e descobrimo-lo a uma mesa, lendo autos, com o dedo indicador espetado na testa.

— Miss Summerson — disse o Sr. Guppy, levantando-se —, isto é na verdade um oásis. Mamãe, quer ter a bondade de oferecer uma cadeira à outra senhora e sair do corredor?

A Sra. Guppy, a quem o contínuo sorrir dava uma aparência de chocarrice, fez o que o filho pedia. E depois sentou-se a um canto, apertando o lenço de encontro ao peito, com ambas as mãos, como se fizesse ali uma fomentação.

Apresentei Caddy, e o Sr. Guppy disse que qualquer amiga minha era mais do que bem-vinda. Passei então a expor o objeto de minha visita.

— Tomei a liberdade de enviar-lhe um bilhete, senhor — disse eu.

O Sr. Guppy confirmou o recebimento do bilhete, retirando-o do bolso de dentro, levando-o aos lábios e guardando-o outra vez no bolso com uma inclinação. A mãe do Sr. Guppy achou tanta graça, que girou a cabeça enquanto sorria e fez um silencioso apelo a Caddy, dando-lhe com o cotovelo.

— Poderia eu falar-lhe a sós por um instante? — perguntei.

Penso que nunca vi coisa semelhante à gaiatice da mãe do Sr. Guppy naquele momento. Não produziu som nenhum ao rir, mas rolou a cabeça, abanou-a, levou o lenço à boca, chamou a atenção de Caddy com o cotovelo, com a mão, com o ombro, e mostrou-se tão indizivelmente divertida, que foi com alguma dificuldade que pôde levar Caddy pela pequena porta de dois batentes até o quarto contíguo.

— Miss Summerson — disse o Sr. Guppy —, queira desculpar a impertinência de uma mãe sempre cuidadosa com a felicidade de seu filho. Minha mãe, conquanto altamente exasperadora para a sensibilidade alheia, é impulsionada por imperativos maternos.

Eu nunca poderia acreditar que alguém pudesse num instante tornar-se tão vermelho, ou mudar tanto, como o Sr. Guppy quando eu naquele momento levantei meu véu.

— Solicitei o obséquio de encontrá-lo aqui por uns poucos instantes — disse eu — de preferência a ir ao escritório do Sr. Kenge, porque, lembrando-me do que o senhor dissera numa ocasião em que me falou confidencialmente, receava poder de alguma forma causar-lhe qualquer embaraço, Sr. Guppy.

Estou certa de que bastante embaraço lhe causei ainda assim. Nunca vi tanta hesitação, tanta confusão, tanto espanto e apreensão.

— Miss Summerson — gaguejava o Sr. Guppy —, eu... eu... peço-lhe

desculpa... mas na nossa profissão... nós... nós... achamos necessário ser explícitos. A senhorita referiu-se a uma ocasião em que eu... em que eu tive a honra de fazer uma declaração que...

Parecia que alguma coisa lhe subia na garganta sem que ele pudesse engoli-la. Levou a mão àquele sítio, tossiu, fez caretas, tentou de novo engolir, tossiu de novo, fez caretas de novo, correu o olhar por todo o aposento e remexeu nos papéis.

— Uma espécie de vertigem se apoderou de mim, senhorita — explicou ele —, a qual me perturba um pouco. Eu... eu... sou... um pouco sujeito a essa espécie de coisa... hum... com a breca!

Dei-lhe um pouco de tempo para dominar-se. Gastou-o em pôr a mão na testa e tirá-la de novo e em empurrar para o canto a cadeira que estava atrás de si.

— Minha intenção era observar, senhorita (valha-me Deus!... Acho que é bronquite), observar, digo, que a senhorita teve a bondade naquela ocasião de repelir e repudiar aquela declaração. A senhorita... talvez não faça oposição em reconhecer isso. Apesar de não haver testemunhas presentes, poderia ser uma satisfação para... para o seu espírito... se o reconhecesse.

— Não pode haver dúvida — disse eu — que declinei de sua proposta sem nenhuma reserva ou restrição de espécie alguma, Sr. Guppy.

— Obrigado, senhorita — retrucou ele, medindo a mesa com as mãos trêmulas. — É bastante satisfatório e faz-lhe honra. Hum... tenho decerto qualquer coisa nos brônquios!... deve ser nos tubos... hã... a senhorita não se julgaria ofendida talvez se eu tivesse de dizer... (não, tal não é necessário, pois o seu próprio bom senso e o bom senso de qualquer pessoa lhe mostraria isso) se eu tivesse de dizer, repito, que tal declaração da minha parte foi final e ali terminou?

— Compreendo perfeitamente — disse eu.

— Talvez... a forma não seja digna, mas poderia ser uma satisfação para o seu espírito, talvez a senhorita não fizesse objeção em reconhecê-lo, não?

— Reconheço-o plena e livremente — disse eu.

— Obrigado — respondeu o Sr. Guppy. — Muito honroso, na verdade. Lamento que os arranjos de minha vida, combinados com circunstâncias

sobre as quais não tenho domínio, ponham fora do meu alcance voltar àquela proposta, ou poder renová-la de qualquer forma ou maneira que seja. Mas será sempre um retrospecto enlaçado... com os caramanchéis da amizade.

A bronquite do Sr. Guppy veio em seu auxílio e fê-lo parar com a medição da mesa.

— Talvez eu possa mencionar o que desejava dizer-lhe — comecei.

— Pode ficar certa que isso me honrará — disse o Sr. Guppy. — Estou persuadido de que o seu bom senso e o seu reto sentimento, senhorita, conservarão... conservarão a senhorita o mais justa possível, e que eu só poderei sentir prazer em ouvir quaisquer observações que me queira fazer.

— O senhor teve naquela ocasião a bondade de dar a entender...

— Desculpe-me, senhorita — atalhou o Sr. Guppy —, mas combináramos não voltar à recordação referida. Não posso admitir que tenha dado a entender qualquer coisa.

— O senhor disse naquela ocasião — recomecei — que talvez tivesse os meios de fazer meus interesses progredirem e de promover minha fortuna, fazendo descobertas das quais seria eu o objeto. Presumo que o senhor fundamentou essa crença no conhecimento geral do fato de ser eu uma órfã, devendo tudo à bondade do Sr. Jarndyce. Ora, o começo e o fim do que vim pedir-lhe, Sr. Guppy, é que o senhor tenha a bondade de abandonar qualquer ideia de servir-me dessa maneira. Pensei nisso várias vezes e mais recentemente... desde que estive doente. Afinal resolvi — no caso que o senhor se lembrasse, em qualquer tempo, desse propósito e tratasse de dar qualquer passo nesse sentido — vir procurá-lo para garantir-lhe que o senhor está inteiramente enganado. Não poderá o senhor fazer qualquer descoberta de espécie alguma a meu respeito, que não seja para mim mau serviço, ou que me possa causar o mínimo prazer. Conheço muito bem minha história pessoal e posso afirmar-lhe que o senhor jamais poderá promover o meu bem-estar por tais meios. Talvez o senhor tenha abandonado há muito tempo esse projeto. Se é assim, desculpe-me ter vindo importuná-lo desnecessariamente. Se não, rogo-lhe, baseada na garantia que lhe dei, que doravante largue tudo isso de mão. Suplico-lhe que assim faça para sossego do meu espírito.

— Sou forçado a confessar — disse o Sr. Guppy — que a senhorita se exprimiu com aquele bom senso e reto sentir que tanto me merecem. Nada

pode ser mais satisfatório do que um tão reto sentimento. E se neste instante interpreto mal quaisquer intenções de sua parte, estou pronto a pedir-lhe desculpa. Eu desejaria que a senhorita me entendesse que, ao apresentar essa desculpa, restrinjo-a às atuais circunstâncias. O bom senso da senhorita e o seu sentimento de justiça indicarão a necessidade dessa ressalva.

Devo dizer em favor do Sr. Guppy que o jeito de santarrão que ele afetava havia progredido muito. Parecia verdadeiramente satisfeito de poder fazer alguma coisa que eu pedisse e tinha um ar envergonhado.

— Se me permitir que eu acabe de dizer imediatamente o que tinha de dizer, de modo que não me seja necessário recomeçar — continuei, vendo-o prestes a falar de novo —, o senhor irá fazer-me um obséquio. Vim ter com o senhor com a maior circunspecção que pude, porque o senhor me transmitiu aquela impressão sua numa confiança que eu quis realmente respeitar e que sempre tenho respeitado, como o senhor bem sabe. Referi-me à minha doença. Não há realmente razão para que eu hesitasse em dizer que sei muito bem que qualquer pequena delicadeza que eu pudesse ter tido em fazer um pedido ao senhor está inteiramente posta de parte. Por conseguinte, faço a súplica que há pouco apresentei e espero merecer-lhe suficiente consideração para que o senhor a atenda.

Devo fazer ao Sr. Guppy a justiça de dizer que se mostrava cada vez mais envergonhado, muito envergonhado mesmo, e muito sério quando logo depois respondeu, enrubescendo: — Pela minha honra, pela minha vida, pela minha alma, miss Summerson, de homem vivo, afirmo-lhe que procederei de acordo com a sua vontade! Nunca darei outro passo em oposição a ela. Posso até jurar-lhe, se a senhorita achar isso conveniente. Pelo que prometo neste mesmo instante, no que se refere aos assuntos agora em questão — continuou o Sr. Guppy rapidamente, como se repetisse uma fórmula familiar —, que falo a verdade, toda a verdade e somente a verdade, de modo que...

— Dou-me por inteiramente satisfeita — disse eu, levantando-me neste ponto — e lhe agradeço muitíssimo. Caddy, minha querida, estou pronta!

A mãe do Sr. Guppy voltou com Caddy (fazendo-me agora a recebedora de seu rir silencioso e de suas cotoveladas) e tratamos de despedir-nos. O Sr. Guppy viu-nos seguir para a porta, com um ar de estremunhado ou de sonâmbulo. Deixemo-lo ali assim, olhando.

Mas daí a pouco veio ele atrás de nós até a rua, sem chapéu e com o seu

longo cabelo esvoaçando. Deteve-nos, dizendo com ardor: — Miss Summerson, pela minha honra e pela minha alma, pode confiar em mim!

— Tenho inteira confiança — disse eu.

— Peço-lhe perdão, senhorita — disse o Sr. Guppy, avançando uma perna e apoiando-se na outra —, mas estando presente aqui esta senhora, que pode servir de testemunha, talvez fosse uma satisfação para seu espírito (que eu desejaria deixar tranquilo) se a senhorita quisesse repetir aquelas afirmações.

— Está bem, Caddy — disse eu, voltando-me para ela —, talvez você não se surpreenda quando eu lhe disser, minha querida, que nunca existiu nenhum compromisso...

— Nenhuma proposta ou promessa de casamento de qualquer espécie — sugeriu o Sr. Guppy.

— Nenhuma proposta ou promessa de casamento de qualquer espécie — disse eu — entre este cavalheiro...

— Guilherme Guppy de Penton Place, Pentonville, no condado de Middlesex — murmurou ele.

— Entre este cavalheiro, o Sr. Guilherme Guppy de Penton Place, Pentonville, no condado de Middlesex, e mim.

— Obrigado, senhorita — disse o Sr. Guppy. — Perfeito... hum... perdoe-me... o nome desta senhora, o de batismo e o de família.

Dei os nomes.

— Casada, penso eu? — perguntou o Sr. Guppy. — Casada. Obrigado. Antigamente Carolina Jellyby, solteira, então em Thavies Inn, dentro da cidade de Londres, mas extraparoquial. Agora na Rua Newman, Rua Oxford. Muito obrigado.

Correu para casa, depois tornou a voltar às pressas.

— A respeito desse assunto, bem sabe, sinto-me verdadeiramente triste pelo fato de não permitirem os arranjos da minha vida, combinados com circunstâncias sobre as quais não tenho domínio, que eu renove aquilo que ficou inteiramente terminado tempos atrás — disse o Sr. Guppy, no mais extremo desalento —, mas não podia ser de outro modo. Podia, senhorita?

Apenas lhe pergunto.

Respondi que certamente não podia ser. O assunto não admitia dúvida alguma. Agradeceu-me e correu de novo para o lado de sua mãe, mas ainda tornou a voltar.

— É muito honroso de sua parte, senhorita, estou certo — disse o Sr. Guppy. — Se um altar pudesse ser erguido nos caramanchéis da amizade... mas, pela minha alma, pode confiar em mim a todos os respeitos, salvo e exceto somente a terna paixão!

A luta no peito do Sr. Guppy e as numerosas oscilações que ocasionava entre a porta de sua mãe e nós, foram suficientemente perceptíveis no meio daquela rua exposta ao vento (particularmente porque o seu cabelo precisava de um corte urgente), para fazer-nos andar a toda a pressa. Foi o que fiz com grande gosto; mas, quando afinal olhamos para trás, o Sr. Guppy estava ainda oscilando no mesmo inquieto estado de espírito.

ADVOGADO E CLIENTE

O nome do Sr. Vholes, precedido da legenda Andar Térreo, está inscrito numa ombreira de porta em Symond's Inn, beco do Tribunal, pequena hospedaria, descorada, verdoenga, tristonha, como um grande caixão de lixo de dois compartimentos e um crivo. Dir-se-ia que Symond fosse a seu modo um homem poupado e tivesse construído sua estalagem com materiais velhos de construção, numa predileção pelas coisas sujas e carunchosas e por tudo quanto fosse podre e deteriorado, o que associou a sua memória a uma sordície correspondente. Esquartelados naquele sujo escudo comemorativo de Symond, encontram-se os emblemas jurídicos do Sr. Vholes.

O escritório do Sr. Vholes, muito retirado e quase às moscas, está espremido num canto, e dá para um muro sem abertura. Três pés de nodoso soalho dum escuro corredor levam o cliente até a porta do Sr. Vholes, preta como azeviche, num ângulo profundamente escuro, ainda na mais clara manhã do meio do verão, e atravancado por um negro tabique de escada de adega, no qual cidadãos retardatários dão em geral com a testa. O aposento do Sr. Vholes é tão insignificante que um escrevente pode abrir a porta sem se levantar do seu tamborete, enquanto o outro que está lado a lado na mesma escrivaninha pode com igual facilidade atizar o fogo. Um cheiro nauseabundo de carneiro misturado ao cheiro de bolor e de poeira pode ser atribuído ao consumo noturno (e muitas vezes diurno) de velas feitas de gordura de carneiro e à fricção de fórmulas de pergaminho e de peles guardadas em gavetas sebatas. Mesmo sem isso, erra na abafada atmosfera um fartum de ranço. Não há memória que consiga recordar-se da época em que aquilo foi pintado ou caiado pela última vez, e as duas chaminés fumegam, deixando por toda a parte uma grossa camada de fuligem. As janelas foscas e rachadas, nos seus pesados caixilhos, caracterizam-se apenas por serem sempre imundas e por estarem perpetuamente fechadas, a não ser que alguém as abra à força. Isso explica o fenômeno de ter usualmente a mais fraca das duas, entre suas mandíbulas, um feixe de lenha para conservá-la aberta na estação

calmosa.

O Sr. Vholes é um homem muito respeitável. Seus negócios não são grandes, mas ele é um homem muito respeitável. Os grandes procuradores que já fizeram boas fortunas, ou as estão fazendo, permitem que ele seja um homem muito respeitável. Nunca desperdiça uma oportunidade na sua profissão, o que é uma marca de respeitabilidade. Nunca se diverte, o que é outra marca de respeitabilidade. É reservado e sério, o que é ainda outra marca de respeitabilidade. Sua digestão não é boa, o que é profundamente respeitável. Está preparando, da maneira que pode, o futuro de suas três filhas. E sustenta o pai no vale de Taunton.

O único princípio importante da lei inglesa é fazer negócio por si mesmo. Não há, em todas as suas voltas e reviravoltas, nenhum outro princípio que seja mantido com segurança e coerência. Observado a essa luz, torna-se um plano coerente e não o monstruoso labirinto que os leigos imaginam que seja. Deixemos, uma vez pelo menos, que eles percebam claramente que o seu grande princípio é fazer negócio por si mesmo à custa deles, e certamente deixarão de resmungar.

Mas, não percebendo isso bem claramente — vendo-o só pela metade e duma forma confusa —, os leigos muitas vezes sofrem com má vontade na paz e no bolso, e resmungam bastante. Então movimenta-se vigorosamente contra eles essa respeitabilidade do Sr. Vholes. — Revogar este regulamento, meu caro senhor? — diz o Sr. Kenge a um elegante cliente —, revogá-lo, meu caro amigo? Nunca, com o meu consentimento. Alterar esta lei, senhor? E qual será o efeito do seu temerário procedimento sobre uma classe de profissionais mui dignamente representada, permita que lhe pergunte, pelo procurador adverso na causa, Sr. Vholes? Senhor, essa classe de profissionais seria varrida da face da terra. Ora, o senhor não pode consentir — direi melhor, o sistema social não pode permitir —que se perca uma espécie de homens como o Sr. Vholes. Diligente, perseverante, firme, arguto nos negócios. Meu caro senhor, compreendo seus atuais sentimentos contra o estado de coisas existente, que, estou de acordo, é um tanto duro no seu caso. Mas nunca poderei erguer a minha voz para a demolição de uma classe de homens como o Sr. Vholes.

A respeitabilidade do Sr. Vholes tem sido mesmo citada, com efeito esmagador, diante de comissões parlamentares, como nos seguintes minutos

tristes do depoimento de um distinto procurador.

“Pergunta. (Número 517.869) — Se bem o entendo, essas formas de prática ocasionam indiscutivelmente delonga, não é assim?

Resposta. — Sim, alguma delonga.

Pergunta. — E grande despesa?

Resposta. — Sem nenhuma dúvida. Elas não podem prosseguir de graça.

Pergunta. — E enorme enfado?

Resposta. — Não direi tanto. Nunca me causaram enfado algum. Muito pelo contrário.

Pergunta. — Mas pensa que sua abolição prejudicaria uma certa classe de profissionais?

Resposta. — Não tenho dúvida disso.

Pergunta. — Pode mencionar algum tipo dessa classe?

Resposta. — Sim; mencionaria sem nenhuma hesitação o Sr. Vholes. Ele ficaria arruinado.

Pergunta. — O Sr. Vholes é considerado um homem respeitável na profissão?

Resposta. (Que se verificou ser fatal ao inquérito durante dez anos.) — O Sr. Vholes é considerado um homem respeitabilíssimo na profissão.”

Assim, na conversa familiar, autoridades privadas não menos desinteressadas observarão que não sabem o que vai ser desta era; que estamos a despenhar-nos em precipícios; que agora alguma outra coisa está desaparecendo; que essas mudanças equivalem à morte para pessoas como Vholes — homem de indiscutível respeitabilidade, com o pai no vale de Taunton e três filhas em casa. Dai mais alguns passos nessa direção, dizem eles, e que será do pai de Vholes? Deverá ele perecer? E as filhas de Vholes?

Terão de fazer-se camiseiras e governantas? Como se, sendo o Sr. Vholes e seus parentes chefes canibais de pequena importância, e tendo-se proposto a abolição do canibalismo, campeões indignados expusessem assim o caso: “Ponde fora da lei a antropofagia, e os Vholes morrerão de fome!”

Numa palavra, o Sr. Vholes, com suas três filhas e seu pai no vale de Taunton, está continuamente cumprindo um dever, como uma trave de madeira, escorando algum alicerce derrocado, que se tornou um perigo latente e um incômodo. E, como acontece com muita gente e em muitos casos, a questão nunca gira em torno de uma mudança do que é injusto para o que é justo (o que constitui uma consideração inteiramente estranha), mas sempre gira em torno do que pode causar prejuízo ou trazer vantagem à eminentemente respeitável legião dos Vholes.

O Chanceler está, dentro dos próximos dez minutos, pronto para as longas férias. O Sr. Vholes e o seu jovem cliente e várias pastas azuis apressadamente recheadas, fora de qualquer regularidade formal, voltaram para o antro oficial. O Sr. Vholes, sereno e inabalável, como deve ser um homem de tanta respeitabilidade, tira suas apertadas luvas pretas, como se estivesse esfolando as mãos, retira o chapéu apertado, como se estivesse procedendo a um auto escalpamento, e senta-se à sua banca. O cliente lança seu chapéu e suas luvas no chão — joga-as em qualquer parte, sem cuidar desses objetos nem preocupar-se com o lugar onde estejam; deixa-se cair numa cadeira, meio suspirando, meio resmungando; descansa a dolorida cabeça na mão, parecendo a própria imagem do desespero.

— De novo nada feito! — exclama Ricardo. — Nada, nada feito!

— Não diga “nada feito”, senhor — replica o plácido Vholes. — Isso não é nada justo, senhor, nada justo!

— Ora, que é que *está* feito? — pergunta Ricardo, voltando-se sombrio para ele.

— A questão não é inteiramente esta — retruca Vholes. — A questão pode bifurcar-se da seguinte maneira: o que está sendo feito e o que está sendo feito.

— E que é que está sendo feito? — pergunta o impetuoso cliente.

Sentado, com os braços na mesa, fazendo calmamente as pontas dos cinco dedos da mão direita tocar as pontas dos cinco dedos da esquerda e

tornando tranquilamente a desuni-las, e demorando pausadamente o olhar sobre o seu cliente, Vholes responde: — Muita coisa está sendo feita, senhor. Já pusemos mãos à obra, Sr. Carstone, e o negócio vai indo.

— Sim, como caranguejo. Como poderei varar os próximos quatro ou cinco malditos meses? — exclama o rapaz, levantando-se de sua cadeira e caminhando pela sala.

— Sr. Carstone — torna o Sr. Vholes, acompanhando-o com os olhos para onde quer que vá —, seu gênio é impetuoso e isso me entristece por sua causa. Desculpe-me se lhe recomendo não se irritar tanto, não ser tão arrebatado, não se estafar dessa forma. Devia ser mais paciente e saber conter-se melhor.

— Devia imitá-lo, não é verdade, Sr. Vholes? — diz Ricardo, sentando-se de novo, com um riso impaciente e batendo compassadamente os pés sobre o desbotado tapete, num rufo surdo.

— Senhor — retruca Vholes, olhando sempre para o cliente, como se o estivesse devorando lentamente com os olhos para satisfazer seu apetite profissional —, senhor — retruca Vholes, com sua maneira interna de falar e sua tranquilidade exangue —, não tenho a presunção de propor-me como modelo para que o senhor ou qualquer outro homem me imite. Basta que possa deixar um bom nome a minhas filhas. Não sou nenhum egoísta. Mas, uma vez que o senhor me menciona tão explicitamente, quero reconhecer que gostaria de comunicar-lhe um pouco da minha (ora vamos, o senhor está querendo chamar-lhe insensibilidade e posso garantir-lhe que não me oponho a isso) digamos, pois, insensibilidade — um pouco da minha insensibilidade.

— Sr. Vholes — explica o cliente, um tanto envergonhado —, não era intenção minha acusá-lo de insensibilidade.

— Penso que era, senhor, sem que o senhor o soubesse — replica o sereno Vholes. — Nada mais natural. É meu dever tratar dos seus interesses com muita calma, e compreendo perfeitamente que aos seus sentimentos exacerbados como estão em ocasiões como a presente, eu posso parecer insensível. Minhas filhas podem conhecer-me melhor. Meu idoso progenitor pode conhecer-me melhor. Mas eles me conhecem há muito mais tempo que o senhor, e o olhar confiante do afeto não é o olhar desconfiado do negócio. Não que me queixe, senhor, de que o olhar do negócio seja desconfiado, pelo contrário. Atendendo a seus interesses, quero arcar com todas as restrições,

pois é natural que as haja. Não temo devassas, antes desejo-as. Mas os seus interesses exigem que eu seja frio e metódico, Sr. Carstone, e não posso ser diferente, não, meu senhor, nem ainda para lhe ser agradável.

O Sr. Vholes, depois de lançar um olhar para o gato oficial, que está pacientemente vigiando um buraco de rato, fixa de novo seu olhar encantado sobre o jovem cliente e prossegue, com sua voz abotoada e nada clara, como se dentro dele se ocultasse um espírito imundo que nem quisesse sair nem falar: — Que irá o senhor fazer, pergunta-me, durante as férias? Seria de esperar que os militares como o senhor encontrassem meios de se divertir, se cuidassem disso. Se o senhor me tivesse perguntado o que vou fazer eu durante as férias, a resposta poderia ser mais pronta. Vou cuidar dos seus interesses. Tenho de ser encontrado aqui, um dia atrás do outro, cuidando dos seus interesses. É esse o meu dever, Sr. Carstone, e período forense e férias são para mim coisas indiferentes. Se o senhor me quiser consultar a respeito de seus interesses, me encontrará aqui a qualquer tempo. Outros profissionais saem da cidade. Eu, não. Não que os censure por saírem. Digo simplesmente que eu não saio. Esta banca é o seu rochedo, senhor!

O Sr. Vholes dá uma pancada na mesa, e ela soa como um ataúde vazio. Não para Ricardo, porém. Para ele, há estímulo naquele som. Talvez o Sr. Vholes não ignore essa circunstância.

— Estou perfeitamente certo, Sr. Vholes — diz Ricardo, em tom mais familiar e demonstrando bom humor —, de que o senhor é o sujeito mais digno de confiança do mundo, e que ter de tratar com o senhor é ter de tratar com um homem de negócios que não se deixa embaçar. Mas ponha-se no meu caso, arrastando uma vida sem rumo, mergulhando cada vez mais profundamente em dificuldades todos os dias, continuamente esperando e continuamente desesperado, cômico de mudança sobre mudança para pior em mim mesmo, e de nenhuma mudança para melhor em qualquer outra coisa; e às vezes haverá de encarar com pessimismo esse caso, como eu faço.

— O senhor sabe — diz o Sr. Vholes — que nunca dou esperanças. Disse-lhe, desde o começo, Sr. Carstone, que nunca dou esperanças. Particularmente num caso como esse, em que a maior parte das custas sai da propriedade, eu não teria consideração pelo meu nome se desse esperanças. Poderia parecer que meu objetivo são as custas. Contudo, quando o senhor diz que não há nenhuma mudança para melhor, devo, diante da simples evidência,

negá-lo.

— Ah! — diz Ricardo, interessado. — Como prova isso?

— Sr. Carstone, o senhor está representado por...

— O senhor acaba de dizer — por um rochedo.

— Sim, senhor — diz o Sr. Vholes, abanando levemente a cabeça e batendo na mesa oca, com um som semelhante ao de cinzas caindo sobre cinzas, de poeira sobre poeira —, por um rochedo. Isso é alguma coisa. O senhor está representado separadamente e não mais oculto e perdido no meio dos interesses alheios. Isso é alguma coisa. O processo não dorme. Nós o despertamos, nós o arejamos, nós o fazemos andar. Isso é alguma coisa. Nem tudo é Jarndyce, de fato bem como de nome. Isso é alguma coisa. Agora, senhor, ninguém o dirige como entende. E isso por certo é alguma coisa.

Ricardo, com o rosto a arder subitamente, bate na carteira com a mão fechada.

— Sr. Vholes, se qualquer homem me tivesse dito, quando fui para a casa de João Jarndyce, que ele era outra coisa que não o amigo desinteressado que parecia, que era o que pouco a pouco foi patenteando ser, eu não poderia ter achado palavras bastante fortes para repelir o caluniador, acharia mesmo pouco todo o ardor com que o defendesse. Tampouco conhecia eu o mundo! Ao passo que agora declaro ao senhor que ele se tornou para mim a encarnação do processo; que, em lugar de ser este uma abstração, ele é João Jarndyce; que quanto mais sofro, mais indignado fico contra ele; que cada nova delonga e cada nova decepção é apenas uma nova injúria que me vem de João Jarndyce.

— Não, não — diz Vholes. — Não diga isso. Devemos ter paciência, todos nós. Além disso, eu nunca detraio de ninguém, senhor. Nunca detraio.

— Sr. Vholes — replica o cliente encolerizado —, o senhor sabe tão bem como eu que ele teria abafado o processo se pudesse.

— Não se mostrou ativo nele — reconhece o Sr. Vholes, com aparente relutância. — Decerto não se mostrou ativo. Mas de qualquer maneira pode ser que tenha tido boas intenções. O senhor pode ler os corações, Sr. Carstone?

— O senhor pode — respondeu Ricardo.

— Eu, Sr. Carstone?

— Bastante bem para saber quais eram as intenções dele. São ou não antagônicos os nossos interesses? Diga-me... isso — diz Ricardo, acompanhando estas últimas palavras com três pancadas no seu rochedo de confiança.

— Sr. Carstone — volve Vholes, impassível na sua atitude e sem piscar os olhos famintos —, eu faltaria ao meu dever como seu conselheiro profissional, afastar-me-ia de minha fidelidade aos seus interesses se apresentasse os seus interesses como idênticos aos interesses do Sr. Jarndyce. Não são tal coisa, senhor. Nunca atribuo motivos a ninguém. Eu não somente tenho pai, mas sou pai e nunca atribuo motivos a ninguém. Mas não devo fugir a um dever profissional, ainda quando ele semeia discórdia nas famílias. Segundo percebo, o senhor me consulta agora na qualidade de profissional e na defesa de seus interesses, não é assim? Respondo, pois, que esses interesses não são idênticos aos do Sr. Jarndyce.

— Por certo que não são! — exclama Ricardo. — O senhor já descobriu isso há muito tempo.

— Sr. Carstone — volve Vholes —, não quero dizer a respeito de terceiros mais do que é necessário. Quero deixar o meu bom nome imaculado, juntamente com alguns poucos bens de que venha a tornar-me possuidor pelo trabalho e perseverança, a minhas filhas Ema, Joana e Carolina. Desejo também viver em amizade com os profissionais meus colegas. Quando o Sr. Skimpole me fez a honra — não direi a altíssima honra, porque nunca me valho da lisonja — de pôr-nos em contato nesta sala, comuniquei-lhe que não poderia dar opinião ou conselho a respeito de seus interesses, enquanto esses interesses estivessem confiados a um outro membro da profissão. E a respeito de Kenge e Carboy, cujo escritório goza de merecido conceito, me referi nos termos que me competia. O senhor, não obstante, achou conveniente retirar a defesa de seus interesses daqueles procuradores e transferi-los para mim. O senhor os trouxe de mãos limpas, e eu aceitei-os de mãos limpas. Esses interesses são agora de suma importância neste escritório. Minhas funções digestivas, como o senhor já me deve ter ouvido dizer, não estão em bom estado, e o repouso poderia melhorá-las. Eu, porém, não repousarei, senhor, enquanto for seu representante. Qualquer que seja a ocasião em que precisar de mim, aqui me encontrará. Chame-me de qualquer parte e eu irei. Durante

as longas férias, senhor, devotarei meus lazes a estudar seus interesses cada vez mais acuradamente e a tomar providências para mover céu e terra (inclusive, sem dúvida, o Chanceler), uma vez recomeçadas as atividades forenses. E quando finalmente me puder congratular com o senhor — diz o Sr. Vholes com a severidade dum homem decidido —, quando finalmente me puder congratular com o senhor de todo o meu coração pelo seu acesso à fortuna — a respeito do que, conquanto nunca dê esperanças, posso dizer alguma coisa mais —, o senhor não me ficará devendo nada além do pequeno saldo que possa haver, resultante das custas entre advogado e cliente, e excluídos os impostos que irão pesar sobre os bens. Não tenho reivindicações a fazer, Sr. Carstone, a não ser no que toca ao zeloso e ativo desempenho (não o desempenho frouxo e rotineiro — esse predicado eu reclamo para o meu crédito) do meu dever profissional. Uma vez cumprido esse, tudo entre nós estará terminado.

Vholes finalmente acrescenta, a modo de apostila a essa declaração de princípios, que, como o Sr. Carstone está prestes a juntar-se ao seu regimento, talvez o Sr. Carstone queira favorecê-lo com uma ordem ao seu agente para o pagamento de vinte libras por conta.

— Porque tem havido muitas pequenas consultas e serviços ultimamente — observa Vholes, folheando o seu diário — e essas coisas sobem alto. Acresce que não tenho capitais. Quando iniciamos nossas atuais relações, afirmei ao senhor claramente — é um princípio meu que nunca haverá franqueza demais entre procurador e cliente — que eu não era um homem de posses e que, se capitais eram o seu objetivo, melhor seria que tivesse deixado seus papéis no escritório de Kenge. Não, Sr. Carstone, aqui o senhor não descobrirá nenhuma das vantagens ou desvantagens do capital. Este — e dizendo isto Vholes torna a vibrar na mesa outro golpe oco — é o seu rochedo. Ele não pretende ser mais do que isso.

O cliente, com seu desânimo insensivelmente aliviado e suas vagas esperanças reacesas, pega da pena e da tinta e escreve a ordem de pagamento, não sem perplexa consideração e cálculo da data que possa levar, pois deposita nas mãos do agente recursos seus, bem que escassos. Durante todo esse tempo, Vholes, abotoado de corpo e de espírito, olha para ele atentamente. E, durante todo esse tempo, o gato oficial de Vholes vigia o buraco do rato.

Por fim o cliente, apertando-lhe as mãos, roga ao Sr. Vholes, por amor do céu e da terra, que faça o mais que puder para tocar o caso na Corte de Justiça. O Sr. Vholes, que nunca dá esperanças, descansa a palma da mão sobre o ombro do cliente e responde com um sorriso: — Sempre aqui, senhor. Pessoalmente, ou por carta, o senhor sempre me encontrará aqui, com as mãos na massa. — Assim se despedem. E Vholes, ficando só, emprega-se em transferir vários pequenos negócios do seu diário para o seu livro de banco, visando ao proveito de suas três filhas. Assim pudesse uma industriosa raposa ou um urso, com um olho nos seus cachorros, fazer o cálculo da sua colheita de frangos ou de viandantes extraviados. Isso não é dito para rebaixar as três donzelas de traços grosseiros, magras e abotoadas até acima, que moram com o pai Vholes, numa casinha modesta situada num úmido jardim em Kennington.

Ricardo, emergindo da pesada sombra de Symond's Inn para o sol do beco do Tribunal — pois acontece bater sol ali naquele dia — caminha pensativamente, envereda para Lincoln's Inn e passa por baixo da sombra das árvores ali existentes. Sobre muitos ociosos como ele caíram muitas vezes as sombras daquelas árvores, sobre as mesmas cabeças curvadas, as unhas mordidas, o olhar baixo, o passo tardo, o ar sonhador e vago, o bem consumindo e consumido, a vida azedada. Aquele ocioso ainda não está esfarrapado, mas poderá vir a ficar. O Tribunal, que não conhece sabedoria senão no Precedente, é bastante rico de tais Precedentes, e por que seria um diferente de 10 mil?

Contudo, o tempo é tão curto desde que a depreciação de Ricardo começou, que, enquanto ele vagueia, relutando em deixar o lugar durante tantos meses seguidos, embora o odeie, o próprio Ricardo pode sentir seu caso como se fosse um caso assustador. Enquanto seu coração verga ao peso de cuidados roazes, de ansiedades, desconfianças e dúvidas, pode haver nele lugar para alguma tristonha maravilha ao recordar-se de quão diferente foi sua primeira visita ali, quão diferente ele era, quão diferentes eram todas as cores do seu espírito. Mas a injustiça gera a injustiça; quem combate com sombras e é por elas derrotado precisa de arranjar substâncias com as quais possa lutar; antes era um litígio impalpável que nenhum vivente de agora pode entender, visto já ir longe a época em que o pleito teve início; agora constitui um tristonho desafogo virar-se para a figura palpável do amigo que o teria salvo dessa ruína e convertê-lo em seu inimigo. Ricardo disse a verdade a Vholes.

Esteja ele numa disposição de espírito branda ou áspera, ainda atribui ao mesmo homem todas as injustiças que sofre; foi também esse homem que o contrariou num propósito assente, propósito esse que só podia ser oriundo do único indivíduo que lhe está desintegrando a existência; além disso, não deixa de ser uma justificativa perante seus olhos ter o antagonismo, a opressão personificada em alguém.

Será Ricardo um monstro em tudo isso? Ou seria o Tribunal também rico de tais Precedentes, se o Anjo Secretário conseguisse pilhá-los para a citação?

Dois pares de olhos afeitos a tal gente vão-no seguindo enquanto, roendo as unhas e meditando, Ricardo atravessa o largo e é tragado pela sombra da porta do sul. O Sr. Guppy e o Sr. Weevle são os donos daqueles olhos e têm estado conversando encostados ao baixo parapeito de pedra debaixo das árvores. Ricardo passou por junto deles, mas só viu o chão.

— Guilherme — diz o Sr. Weevle, cofiando as suíças —, ali lavra a combustão! Não é combustão espontânea, mas combustão latente.

— Ah! — diz o Sr. Guppy. — Ele não quis ficar fora do processo Jarndyce, e creio que está crivado de dívidas. Eu nunca soube de muita coisa a respeito dele. Parecia alto como uma montanha quando estive praticando conosco. A saída dele foi um grande alívio para mim, quer como escrevente, quer como cliente. Bem, Tony, isso, como eu estava dizendo, é o que eles estão fazendo no momento.

Tornando a cruzar os braços, o Sr. Guppy volta a apoiar-se no parapeito, para continuar uma conversa de interesse.

— Nisso estão atarefados — diz o Sr. Guppy. — Estão ainda fazendo avaliações, ainda examinando papéis, transpondo ainda montes e pilhas de entulho. Nesse andar, terão trabalho para os próximos sete anos.

— E Small está ajudando?

— Small deixou-nos há uma semana. Disse a Kenge que o negócio do avô dele era demasiado para o velho e que ele poderia melhorar de sorte tomando-o a seu cargo. Estabeleceu-se uma certa frieza entre mim e Small, pelo fato de mostrar-se ele tão reservado. Mas ele disse que você e eu começamos isso. E, como tinha razão — pois nós o fizemos —, tratei de reatar nossa velha amizade. Foi assim que vim a saber a que ponto eles chegaram.

— E você foi ver a casa?

— Tony — diz o Sr. Guppy, um tanto desconcertado —, para ser franco com você, devo confessar que não morro de amores por aquela casa, a não ser em sua companhia, e por conseguinte respondo negativamente à sua pergunta. Ainda em consequência disso, propus este nosso encontro para irmos buscar suas coisas. Chegou a hora, Tony — Guppy torna-se misterioso e ternamente eloquente. — É necessário que eu grave mais uma vez em sua mente que certas circunstâncias, sobre as quais não tenho domínio, operaram uma melancólica alteração nos meus mais queridos planos e naquela não-reconhecida imagem de que falei anteriormente a você como a um amigo. Aquela imagem despedaçou-se e aquele ídolo está derrubado. Minha única vontade agora, relativamente às coisas que eu tinha ideia de levar ao Tribunal com seu auxílio de amigo, é deixá-las em paz e enterrá-las no esquecimento. Acha você possível, acha você provável (pergunto-lhe isso, Tony, como amigo), pelo conhecimento que tem daquele velho tipo tão caprichoso e profundo que foi vítima do... elemento espontâneo, acha você provável, Tony, que, pensando melhor, ele tenha guardado aquelas cartas em alguma parte, preservando-as assim da destruição daquela noite?

O Sr. Weevle reflete por algum tempo. Abana a cabeça. Decididamente pensa que não.

— Tony — diz o Sr. Guppy, à medida que se encaminham para o Tribunal —, mais uma vez compreenda-me como amigo. Sem entrar em maiores explicações, posso repetir que o ídolo está derrubado. Não é meu propósito prestar-lhe culto agora, mas sepultá-lo no esquecimento. A isso me comprometi. Devo-o a mim mesmo e devo-o à imagem despedaçada, como também a circunstâncias sobre as quais não tenho domínio. Se você viesse a exprimir-me por um gesto, um piscar de olhos, que viu em alguma parte do seu antigo domicílio quaisquer papéis que se assemelhassem aos papéis em questão, eu os jogaria no fogo, senhor, sob a minha exclusiva responsabilidade.

O Sr. Weevle acena com a cabeça. O Sr. Guppy, sentindo-se muito exaltado na sua própria opinião por haver dito aquelas observações, com um ar já forense, já romântico — pois esse cavalheiro tem a mania de orientar todas as coisas em forma de inquérito ou de exprimi-las em forma de peroração ou discurso —, acompanha seu amigo com toda a dignidade até o

largo.

Nunca, desde que existe, foi esse largo um tão inexaurível manancial de mexericos como enquanto durou o inquérito em torno do sinistro da loja de trapos e garrafas. Regularmente, todas as manhãs às oito horas, carregam para ali o idoso Sr. Smallweed, acompanhado pela Sra. Smallweed, por Judy e Bart. E, regularmente, todos eles ficam ali o dia inteiro até as nove da noite, confortados por jantares de cigano, não muito fartos, trazidos da repartição do cozinheiro. E esquadrinham, buscam, cavam, sondam e mergulham nos tesouros do pranteado morto. É tal o segredo que cerca aqueles tesouros que todo o largo está louco de curiosidade. No seu delírio, imagina ver guinéus brotando de bules, coroas extravasando de poncheiras, velhas cadeiras e colchões estofados com notas do Banco de Inglaterra. Deixa-se possuir da história barata (com capa lindamente colorida) do Sr. Daniel Dancer e de sua irmã, e também do Sr. Elwes, de Suffolk, transferindo para o Sr. Krook todos os fatos daquelas narrativas autênticas. Por duas vezes, quando o varredor público é chamado para levar uma carroçada de papel velho, de cinzas e garrafas quebradas, todo o largo se reúne e escarafuncha os cestos, à medida que vão sendo trazidos. Muitas vezes os dois cavalheiros que escrevem em papel de seda com as peninhas vorazes são vistos rondando na vizinhança, receosos um do outro, uma vez que sua antiga sociedade se dissolveu. A Sol's habilmente mantém um filão do interesse predominante através das Noites Harmônicas. Little Swills é recebido com delirantes aplausos sempre que ao assunto faz alusões, profissionalmente conhecidas como “mexericos”. E o próprio cantor enxerta facécias nas canções habituais, como um homem inspirado: Até Miss M. Melvilleson, na ressuscitada melodia escocesa — “Nós estamos cabeceando” — acentua o sentimento em “os cães gostam de caldo” (qualquer que possa ser a natureza desse bródio) com tal brejeirice e tais movimentos de cabeça na direção da porta vizinha, que imediatamente se compreende que ela quer aludir ao amor do Sr. Smallweed ao dinheiro, e todas as noites é honrada com pedidos de “bis”. Apesar disso, o largo nada descobre: e, como a Sra. Piper e a Sra. Perkins agora comunicam ao ex-inquilino, cujo aparecimento é o sinal para uma reunião geral, há no largo uma incessante animação para se descobrir tudo e mais ainda.

O Sr. Weevle e o Sr. Guppy, estando voltados para eles os olhos de todos os circunstantes, batem à porta fechada da casa do pranteado defunto, bafejados pela aura popular. Mas tendo entrado, ao contrário da expectativa

geral, tornam-se imediatamente impopulares, sendo aquela visita considerada de mau agouro.

Os postigos estão mais ou menos fechados por toda a casa, e o rés-do-chão é tão escuro que exige velas. Introduzidos na loja traseira pelo jovem Smallweed, eles que vêm da claridade da rua a princípio mal podem distinguir qualquer coisa que não seja escuridão e sombras. Mas pouco a pouco enxergam o velho Smallweed, sentado na sua cadeira à borda dum poço ou túmulo de papel velho; a virtuosa Judy às apalpadelas lá dentro, como se fosse um coveiro, e a Sra. Smallweed no chão, ali perto, cercada de um mar de papel impresso e manuscrito, resultado, ao que parece, da chusma de cumprimentos que lhe haviam sido arrojados no decurso do dia. O grupo todo, inclusive Small, acha-se enegrecido de pó e imundície e tem má aparência, que o aspecto do aposento não melhora. Há ali mais lixo e trastes velhos do que antigamente, e está ainda mais sujo, se é possível; há naquele ambiente qualquer coisa de espectral com traços de seu habitante morto, vendo-se ainda aquelas palavras escritas por ele a giz na parede.

À entrada dos visitantes, o Sr. Smallweed e Judy cruzam simultaneamente os braços e cessam a busca.

— Aaah! — crocita o velho. — Como vão, meus senhores? Como estão passando? Veio buscar o que lhe pertence, Sr. Weevle? Está muito bem, está muito bem. Ah! Ah! Ver-nos-íamos forçados a vender seus objetos para pagar o seu quarto, se o senhor se demorasse muito a aparecer por aqui. Sente-se completamente à vontade aqui de novo, não é mesmo? Folgo de vê-lo, folgo de vê-lo!

Agradecendo, o Sr. Weevle corre o olhar em redor. O olhar do Sr. Guppy acompanha o olhar do Sr. Weevle. O olhar do Sr. Weevle volta sem trazer nenhum sinal de novidade. O olhar do Sr. Guppy volta e encontra o olhar do Sr. Smallweed. Aquele insinuante velho continua murmurando, como um instrumento que foi tocado e está ainda a vibrar: “Como vão, senhores... como vão... como...”. E depois, finda a vibração, cala-se, enquanto o Sr. Guppy se sobressalta ao ver o Sr. Tulkinghorn de pé, no escuro lado oposto, com as mãos atrás das costas.

— Aquele cavalheiro teve a bondade de servir como meu procurador — diz vovô Smallweed. — Não sou digno de figurar entre os clientes de um profissional de tal renome, mas ele é tão bom!

O Sr. Guppy, tocando levemente seu amigo com o cotovelo, para que dê mais uma olhadela, faz uma vênia canhestra ao Sr. Tulkinghorn, que a retribui com um gesto franco. O Sr. Tulkinghorn está olhando como se nada mais tivesse que fazer e como se se estivesse divertindo com a novidade.

— Quanta coisa aqui, meu senhor! — observa o Sr. Guppy ao Sr. Smallweed.

— Principalmente farrapo e lixo, meu caro amigo, farrapo e lixo! Eu e Bart e minha neta Judy estamos tentando fazer um inventário do que vale a pena vender. Mas ainda não conseguimos arranjar quase nada. Ainda... não... conseguimos... arr... ai!

O Sr. Smallweed perdeu o impulso mais uma vez, enquanto o olhar do Sr. Weevle, assistido pelo olhar do Sr. Guppy, percorre de novo o aposento e volta.

— Bem, meu caro senhor — diz Weevle —, não queremos importunar mais, se o senhor consentir que vamos ao andar superior.

— A qualquer parte, meu caro senhor, a qualquer parte! Está em sua casa. Pode subir à vontade, tenha a bondade!

Enquanto sobem a escada, o Sr. Guppy ergue as sobrancelhas interrogativamente e olha para Tony. Tony abana a cabeça. Encontram o velho quarto muito triste e lúgubre, vendo-se ainda na descolorida grade as cinzas do fogo que estivera a arder ali naquela memorável noite. Mostram grande aversão em tocar qualquer objeto e sopram primeiro a poeira cuidadosamente de cima dele. Nem têm desejo de prolongar a visita, embrulhando as poucas coisas com a maior pressa possível, e nunca levantando a voz, falando apenas num cochicho.

— Olhe — diz Tony, recuando. — Lá vem entrando aquela gata horrível!

O Sr. Guppy retira-se para trás duma cadeira.

— Small me falou dela. Ela andava aos pulos e corria desatinada naquela noite, como um dragão, e saiu para a cumeeira da casa, vagando por ali durante uns quinze dias e depois veio escorregando pela chaminé, muito magra. Já viu você bicho semelhante? Tem o ar de quem sabia de tudo, não é? Quase se parece com Krook. Sai, diaba!

Lady Jane, na porta, com seu miar tigrino, escancarando a goela e

erguendo a cauda rija como um pau, não parece muito disposta a obedecer. Mas, tropeçando sobre ela o Sr. Tulkinghorn, a gata funga-lhe sobre as pernas enferrujadas e, miando colérica, arqueia o dorso e sobe, provavelmente para vagar de novo pelo telhado e voltar pela chaminé.

— Sr. Guppy — diz o Sr. Tulkinghorn —, poderia o senhor dar-me uma palavrinha?

O Sr. Guppy está ocupado em recolher a Galeria da Beleza Britânica, girando-a da parede e colocando aquelas obras de arte na sua velha e ignóbil caixa de papelão.

— Senhor — responde ele, enrubescendo —, desejo proceder com cortesia relativamente a qualquer membro da profissão e sobretudo em relação a um membro da mesma tão conhecido como o senhor... posso até acrescentar tão distinto como o senhor. Todavia, Sr. Tulkinghorn, devo estabelecer como condição que, se o senhor tem alguma palavra a dizer-me, essa palavra seja dita na presença aqui do meu amigo.

— Oh! deveras? — pergunta o Sr. Tulkinghorn.

— Sim, senhor. Minhas razões não são absolutamente de natureza pessoal, mas amplamente suficientes para mim mesmo.

— Sem dúvida, sem dúvida. — O Sr. Tulkinghorn mostra-se tão imperturbável como a pedra da lareira para a qual se encaminhou lentamente. — O assunto não é de tal monta que eu necessite causar-lhe o incômodo de impor quaisquer condições, Sr. Guppy. — Aqui faz uma pausa para sorrir, e seu sorriso é tão triste e desbotado como suas calças. — O senhor está de parabéns, Sr. Guppy. É um moço de sorte.

— Não muito ruim, Sr. Tulkinghorn. Não tenho de que me queixar.

— Queixar-se? Amigos graúdos, livre admissão nas grandes casas e acesso junto a senhoras elegantes! Ora, Sr. Guppy, há em Londres pessoas que dariam as duas orelhas para serem o senhor.

O Sr. Guppy, parecendo que daria ele próprio suas orelhas, a avermelharem-se cada vez mais, para ser uma daquelas pessoas naquele instante, em vez de ser quem era, responde: — Senhor, se cumpro os deveres de minha profissão trabalhando para Kenge e Carboy, meus amigos e conhecidos não têm nada que ver com eles, nem com qualquer outro membro

da profissão, não excetuando o Sr. Tulkinghorn dos Fields. Não tenho nenhuma obrigação de dar ulteriores explicações. E com todo o respeito pelo senhor, e sem ofensa — repito, sem ofensa...

— Oh, decerto!

— Não é intenção minha fazê-lo.

— Isso mesmo — diz o Sr. Tulkinghorn, com gesto tranquilo. — Muito bem. Vejo por estes retratos que o senhor toma grande interesse pela alta roda elegante, não é?

Dirige essa observação ao atônito Tony, que aceita a leve censura.

— Virtude da qual poucos ingleses carecem — observa o Sr. Tulkinghorn. Ele tem-se conservado de pé, encostado à lareira, de costas voltadas para a enfumaçada chaminé, e agora volta-se, com os óculos nos olhos. — De quem é este? “Lady Dedlock.” Ah! Muito parecido, mas falta-lhe certa força característica. Bom dia aos senhores, bom dia!

Logo que ele sai, o Sr. Guppy, suando muito, apressa-se nervosamente em retirar da parede a Galeria de Beldades, concluindo com Lady Dedlock.

— Tony — diz ele precipitadamente a seu atônito companheiro — apressemo-nos em juntar as coisas e sair daqui. Seria inútil ocultar de você por mais tempo, Tony, que entre mim e uma das representantes da mais pura aristocracia, a quem agora tenho em minhas mãos, tem havido oculta comunicação e associação. Poderia ter chegado o momento em que lhe revelasse tudo. Nunca mais chegará, porém. Isso é devido ao juramento que prestei, ao ídolo despedaçado e às circunstâncias sobre as quais não tenho domínio, e tudo deverá perder-se no olvido. Exorto-o, como amigo que é, pelo interesse que sempre testemunhou pela alta roda e por quaisquer insignificantes serviços com que tenho podido obsequiá-lo nos seus apertos, a enterrar também esse segredo, sem uma palavra de indagação!

O Sr. Guppy profere essa exortação num tom quase igual ao do frenesi forense, enquanto seu amigo, na sua cabeça cabeluda e até mesmo nas suas bem tratadas suíças, patenteia a confusão da sua mente.

NACIONAL E DOMÉSTICO

A Inglaterra esteve numa terrível situação há algumas semanas. Lorde Coodle queria sair, Sir Thomas Doodle não queria entrar, e não havendo na Grã-Bretanha ninguém digno de menção, exceto Coodle e Doodle, não havia Governo. Graças a Deus não se verificou o encontro hostil entre aqueles dois grandes homens, que em certas ocasiões pareceu inevitável; porque se ambas as pistolas houvessem sido utilizadas, e Coodle e Doodle tivessem matado um ao outro, é de presumir que a Inglaterra devesse esperar, para ser governada, até que o jovem Coodle e o jovem Doodle, agora de camisola e meias compridas, crescessem. Essa tremenda calamidade nacional, contudo, foi evitada por ter Lorde Coodle feito a oportuna descoberta de que, se no calor do debate ele dissera que escarnecia e desprezava toda a ignóbil carreira de Sir Thomas Doodle, tinha simplesmente querido dizer que as diferenças partidárias nunca o induziriam a retirar dela o tributo da sua mais ardente admiração; ao passo que, por outro lado, oportunamente se verificou que Sir Thomas Doodle tinha no seu íntimo registrado expressamente que Lorde Coodle passaria à posteridade como o espelho da virtude e da honra. Todavia a Inglaterra ficou algumas semanas na situação difícil de não ter piloto (como judiciosamente observou Sir Leicester Dedlock) para arrostar a tempestade. E a parte maravilhosa do caso é que a Inglaterra não se mostrou muito preocupada com isso, mas continuou a comer e a beber, a casar e a dar em casamento, como fazia o velho mundo nos dias anteriores ao divino. Mas Coodle conhecia o perigo, e Doodle conhecia o perigo e todos os seus seguidores e aderentes tiveram a nítida percepção do perigo. Afinal Sir Thomas Doodle não somente condescendeu em entrar, mas fê-lo de um modo elegante, introduzindo consigo todos os seus sobrinhos, primos e cunhados. De sorte que há ainda esperança para o velho navio.

Doodle descobriu que devia lançar-se sobre o país principalmente na

forma de esterlinos e de cerveja. Metamorfoseado desse jeito, é encontrado em muitos lugares simultaneamente, e pode lançar-se sobre considerável parte do país ao mesmo tempo. Estando a Inglaterra muito ocupada em embolsar Doodle na forma de esterlinos e em engolir Doodle na forma de cerveja, ao mesmo tempo que jura descaradamente que não faz nem uma coisa nem outra — com isso aumentando, é evidente, sua glória e moralidade —, a estação londrina chega a um fim súbito, por se haverem dispersado todos os partidários de Doodle e todos os partidários de Coodle para auxiliarem a Inglaterra nessas práticas religiosas.

Por isso a Sra. Rouncewell, governanta de Chesney Wold, prevê, conquanto não tenha ainda vindo nenhum aviso, que a família pode ser esperada para breve, juntamente com uma bela e vasta coorte de primos e outras pessoas que possam de qualquer modo auxiliar a grande obra constitucional. E por isso a imponente velha, agarrando o tempo pelo topete, leva-o pelas escadas, acima e abaixo, e ao longo de corredores e galerias, para testemunhar, antes que ele se torne mais velho, que tudo está pronto; que os soalhos estão rebrilhando, os tapetes estendidos, as cortinas sacudidas, as camas fofas e batidas, a despensa e a cozinha limpas para funcionar — tudo preparado como convém à dignidade dos Dedlocks.

Nesta tarde de verão, quando o sol se põe, os preparativos estão completos. A vetusta mansão tem um aspecto sombrio e solene, com tantas acomodações e sem nenhum habitante, a não ser os vultos pintados nas paredes. Assim estes vieram e partiram, poderia um Dedlock vivo e dono atual da casa meditar consigo ao passar por ali; assim eles viram esta galeria emudecida e quieta, como eu a vejo agora; assim pensaram, como eu penso, na lacuna que deixariam neste domínio quando partissem; assim acharam, como eu acho, difícil acreditar que ele pudesse existir sem eles; assim passaram do meu mundo, eu passo do deles, fechando a porta reverberante; não deixaram nenhuma brecha que lhes acentuasse a falta, e assim morreram.

Através de algumas das janelas de fogo, belas do lado de fora e encaixadas, nesta hora crepuscular, não em tristonha pedra cinzenta, mas numa gloriosa casa de ouro, a luz que não passa por outras janelas jorra opulenta, profusa, transbordante como a fartura estival na terra. Então aos glaciais Dedlocks sobrevém o degelo. Estranhos movimentos se notam nas suas feições, enquanto nelas brincam as sombras das folhas. Uma densa Justiça, a um canto, é arteiramente induzida a piscar os olhos. Um baronete de

olhar pasmado, com um bastão, ganha uma covinha no queixo. No peito de uma pastora de pedra insinua-se sorratamente um raiozinho de luz e calor, que lhe teria feito bem cem anos atrás. Uma das avós de Volúmnia, com sapatos de tacão alto, muito parecida com ela — projetando a sombra daquele virgíneo acontecimento dois bons séculos antes dela —, germina numa auréola e transforma-se numa santa. Uma dama de honor da Corte de Carlos II, com grandes olhos redondos (e outros encantos correspondentes) parece banhar-se em água cintilante, que se encapela enquanto cintila.

Mas o fogo do sol está morrendo. Mesmo agora o soalho está sombrio e a sombra lentamente sobe pelas paredes, anulando os Dedlocks como a idade e a morte. E agora, acima do retrato da senhora, sobre a grande prateleira da chaminé, uma sombra misteriosa cai de alguma velha árvore, que a torna pálida e a agita, assemelhando-se a um grande braço que segura um véu ou capuz, aguardando uma oportunidade para lançá-lo sobre ela. Cada vez mais alta e mais negra cresce a sombra na parede — agora uma penumbra vermelha no forro — e o fogo se apaga.

Toda aquela perspectiva, que do terraço parecia tão próxima, foi-se solenemente afastando e transmudou-se num distante fantasma — não sendo a primeira nem a última das coisas belas que parecem estar tão perto e hão de mudar assim. Nevoeiros brilhantes se erguem, e o orvalho cai, e todos os doces aromas do jardim impregnam fortemente o ar. Agora os bosques se convertem em grandes massas, como se fossem árvores de raízes profundas. E agora a lua sobe, para separá-los e cintilar aqui e ali em linhas horizontais por trás de seus caules, e para tornar a alameda uma esplanada de luz entre altos arcos de catedral fantasticamente partidos.

Agora a lua vai alta; e a grande casa, necessitando de habitantes mais do que nunca, é como um corpo sem vida. Agora, é positivamente horrível para quem nela penetra pensar nas pessoas vivas que dormiram nos solitários dormitórios, sem falar nos mortos. Agora é a hora da sombra, quando cada canto é uma caverna e cada degrau que desce é um fosso, quando o vidro de cor é refletido em pálidos e desbotados matizes sobre os soalhos, quando tudo e cada coisa parecem confundir-se com as vigas pesadas da escada, perdendo suas próprias formas, quando a armadura tem tétricas luzes sobre si, as quais não se distinguem facilmente de movimentos furtivos, e quando parece que no interior dos capacetes há cabeças a moverem-se. Mas, de todas as sombras de Chesney Wold, a sombra que se vê no longo salão de visitas por cima do

retrato da senhora é a primeira a chegar e a última a desaparecer. A esta hora e com esta luz ela se converte em mãos que se erguem e ameaçam o formoso semblante a cada brisa que sopra.

— Ela não está bem, senhora — diz um lacaio no quarto de recepção da Sra. Rouncewell.

— A senhora não está bem? Que houve?

— E que a senhora tem estado indisposta desde que aqui esteve da última vez. Não quero dizer quando esteve com a família, mas quando esteve apenas de passagem. A senhora não saiu muito, permanecendo no seu quarto boa parte do tempo.

— Chesney Wold, Tomás — acrescenta a governanta, com altiva complacência —, porá boa a minha senhora! Não há ar mais fino nem solo mais saudável no mundo!

Tomás pode ter suas opiniões pessoais a esse respeito; provavelmente as sugere na sua maneira de alisar a lustrosa cabeça desde a nuca até as têmporas, mas coíbe-se de exprimi-las e retira-se para a sala dos empregados, a fim de regalar-se com um pastelão frio e com cerveja.

Este lacaio é como o peixe chamado piloto, que precede o tubarão mais nobre. Na próxima tarde devem chegar Sir Leicester e sua senhora com a sua maior comitiva, bem como os primos e outros vindos de todos os pontos do planeta. Daí por diante, durante algumas semanas, para trás e para a frente correm misteriosos homens anônimos, que voam por todas aquelas partes especiais do país, sobre as quais Doodle presentemente se está lançando numa exibição aurífera e maltosa, mas que são apenas pessoas de gênio irrequieto e que nunca fazem nada em parte alguma.

Nessas cerimônias nacionais, Sir Leicester acha úteis os primos. Não poderia haver homem melhor do que Bob Stables para receber num jantar o Clube dos Caçadores. Seria difícil encontrar cavalheiros mais bem encadernados do que os outros primos para acudirem pressurosos aqui e ali aos colégios eleitorais e às tribunas dos comícios políticos, mostrando-se sempre ao lado da Inglaterra. Volúmnia é um pouco lerda, mas não nega a raça, e há muita gente que aprecia sua conversação vivaz, suas charadas francesas tão velhas que, com o rodar do tempo, se tornaram quase novas outra vez, a honra de ter num jantar a bela Dedlock ou ainda o privilégio de

tê-la como par na dança. Nessas cerimônias nacionais, a dança pode ser um serviço patriótico, e Volúmnia é constantemente vista a saltitar por toda a parte, em benefício de um país desagradecido que não concede pensão aos fidalgos.

A senhora não tem muito trabalho para entreter os numerosos hóspedes, e não estando ainda passando bem, quase só aparece quando já vai alto o dia. Mas em todos os jantares tristonhos, nos almoços aborrecidos, nos bailes soporíferos e em outras melancólicas funções, sua simples presença é um alívio. Quanto a Sir Leicester, considera impossível que qualquer coisa possa estar faltando a alguém que tenha a boa sorte de ser recebido debaixo daquele teto, e, num estado de sublime satisfação, move-se por entre os hóspedes como um refrigerante magnífico.

Diariamente os primos percorrem poentas estradas em demanda dos comícios das assembleias eleitorais (com luvas de couro e chicotes comuns para os campos, e luvas de pelica e pingalins elegantes para os povoados) e diariamente trazem seus relatórios a respeito dos quais Sir Leicester discreteia depois do jantar. Diariamente aqueles homens buliçosos que não têm nenhuma ocupação na vida causam a impressão de estarem bastante atarefados. Diariamente Volúmnia trava uma conversinha com o primo Leicester a respeito da situação do país, e dessa conversa o primo é levado a inferir que Volúmnia é uma mulher bem mais sensata do que ele imaginava.

— Como vamos indo? — pergunta Miss Volúmnia, enclavinando os dedos. — Estamos salvos?

O importantíssimo caso está quase concluído a esse tempo, e Doodle irá lançar-se pelo país dentro de poucos dias. Sir Leicester acaba de aparecer no comprido salão de visitas depois do jantar; é como que um determinado astro refulgente, cercado de nuvens de primos.

— Volúmnia — responde Sir Leicester, que traz uma lista na mão —, vamos indo sofrivelmente.

— Apenas sofrivelmente?

Apesar de ser verão, Sir Leicester tem sempre fogo aceso para si à noite. Senta-se no seu lugar habitual, resguardado pelo para-fogo, e com bastante firmeza e alguma displicência, como quem dissesse: — Não sou homem comum e, quando digo sofrivelmente, isso não deve ser entendido como uma

expressão comum —, repete: — Volúmnia, vamos indo sofrivelmente.

— Pelo menos não há oposição ao senhor — afirma Volúmnia com confiança.

— Não, Volúmnia. Este perturbado país perdeu o juízo a muitos respeitos, sinto dizê-lo, mas...

— Não está tão louco assim. Folgo de sabê-lo!

A frase terminada por Volúmnia restaura-lhe o favor. Sir Leicester, com graciosa inclinação de cabeça, parece dizer a si mesmo: — Judiciosa mulher esta, em geral, conquanto às vezes precipitada.

Realmente, falando em oposição, a observação da bela Dedlock era supérflua, uma vez que, nessas ocasiões, Sir Leicester sempre entrega sua candidatura como uma bela encomenda por atacado que deve ser executada prontamente. Duas outras pequenas cadeiras que lhe pertencem, ele as considera como encomendas a retalho, de menor importância, enviando simplesmente os homens e dizendo aos comerciantes: — Tenham a bondade de converter esse material em dois membros do Parlamento e remetê-lo de volta depois de utilizado.

— Lamento dizer, Volúmnia, que em muitos lugares o povo tem revelado má disposição e que esta oposição ao Governo tem sido de uma índole muito decidida e implacável.

— Mi ...seráveis! — exclama Volúmnia.

— Até mesmo — continua Sir Leicester, lançando um olhar aos primos recostados por ali em sofás e poltronas —; até mesmo em muitos, ou antes, na maior parte desses lugares em que o Governo tem vencido contra uma facção...

(A propósito convém notar que os partidários de Coodle são sempre uma facção para os partidários de Doodle, e que estes últimos ocupam exatamente a mesma posição em relação aos primeiros.) — Até mesmo neles, sinto, para o bom conceito dos ingleses, ser obrigado a informar-vos que o Partido só tem conseguido triunfar graças a uma enorme despesa. Centenas — diz Sir Leicester, fitando os primos com crescente dignidade e inturgescida indignação —, centenas de milhares de libras!

Se algum defeito tem Volúmnia é o de ser um pouco ingênua demais,

não percebendo que a ingenuidade quadraria bem a uma faixa ou manta, mas destoa um pouco do carmim e do colar de pérolas. Seja como for, impelida pela ingenuidade, pergunta: — Para quê?

— Volúmnia! — admoesta Sir Leicester, com a mais extrema severidade. — Volúmnia!

— Não, não, eu não queria dizer “para quê” — diz Volúmnia, com o seu gritinho favorito. — Que estúpida que eu sou! Eu queria dizer “que pena!”.

— Alegra-me saber que você queria dizer “que pena!” — diz Sir Leicester.

Volúmnia apressa-se em acrescentar que essas pessoas irritantes deviam ser tratadas como traidoras e obrigadas a sustentar o Partido.

— Alegra-me, Volúmnia — repete Sir Leicester, sem dar atenção àqueles brandos sentimentos —, que você tenha querido dizer “que pena”. É vergonhoso para os eleitores. Mas como você, conquanto inadvertidamente e sem intenção de fazer tão insensata pergunta, me perguntou “para quê?” — não quero deixá-la sem resposta. Para despesas necessárias. E confio no seu bom senso, Volúmnia, que não irá prosseguir nesse assunto nem aqui, nem em outra qualquer parte.

Sir Leicester sente-se na obrigação de se mostrar severo com Volúmnia porque se murmura no estrangeiro que essas despesas necessárias estarão, numas duzentas petições eleitorais, desagradavelmente ligadas com a palavra suborno, e porque alguns gracejadores desenxabidos têm, em consequência disso, sugerido a omissão, nas cerimônias da Igreja, da súplica comum em favor da Alta Corte Parlamentar, recomendando, em vez dela, que as orações dos fiéis sejam feitas em favor de seiscentos e cinquenta e oito cavalheiros de saúde bem precária.

— Suponho — observa Volúmnia, tendo levado algum tempo em recompor-se depois da recente sarabanda — que o Sr. Tulkinghorn tem estado a morrer de trabalhar.

— Não sei — diz Sir Leicester, abrindo os olhos — por que motivo estaria o Sr. Tulkinghorn morrendo de trabalho. Ignoro quais possam ser os compromissos do Sr. Tulkinghorn. Ele não é candidato.

Volúmnia tinha pensado que seus serviços profissionais estivessem

sendo reclamados. Talvez Sir Leicester desejasse saber por quem e para quê? Novamente envergonhada, Volúmnia sugere que foi por alguém... para aconselhar e arrumar certos negócios. Sir Leicester diz não ter conhecimento de que qualquer cliente do Sr. Tulkinghorn tivesse necessitado do seu auxílio.

Lady Dedlock, sentada perto de uma janela aberta, com o braço apoiado numa borda almofadada e olhando para fora, para as sombras da noite que descem sobre o parque, parece ter ficado atenta desde que foi mencionado o nome do advogado.

Um lânguido primo de bigode, em estado de extrema debilidade, observa lá da sua poltrona que lhe disseram ontem que Tulkinghorn seguiu para aquela zona siderúrgica para tratar de um caso litigioso, e que, estando terminada hoje a contenda, seria muito interessante que Tulkinghorn aparecesse com notícias de que Coodle fora batido.

Um criado, servindo o café, informa então a Sir Leicester que o Sr. Tulkinghorn chegou e está jantando. A senhora volta a cabeça para dentro um momento e depois torna a olhar para fora como dantes.

Volúmnia está encantada de saber que aquele homem delicioso chegou. Ele é tão original, é uma criatura tão impassível, um sujeito que sabe de tudo e não diz nada! Volúmnia está persuadida de que ele deve ser franco-maçom. Está certa de que ele se acha à frente duma loja e usa aventais curtos e é convertido num ídolo perfeito, com castiçais e trolhas. Essas vivazes observações vão sendo expressas pela formosa Dedlock à sua maneira juvenil, enquanto faz uma bolsa.

— Ele não esteve aqui nem uma vez desde que eu cheguei — acrescenta ela. — Realmente veio-me a ideia de despedaçar meu coração por causa de uma criatura tão inconstante. Cheguei a pensar que ele tinha morrido.

Ou fosse a melancolia da hora crepuscular, ou talvez a melancolia ainda mais negra que lhe ia na alma, o fato é que passou uma sombra pelo rosto da senhora, como se ela tivesse pensado: — Quem dera que isso fosse verdade!

— O Sr. Tulkinghorn é sempre bem-vindo a esta casa — diz Sir Leicester —, e é sempre discreto onde quer que esteja. Uma pessoa verdadeiramente notável e merecedora de respeito.

O primo debilitado acha que ele “é um sujeito extraordinariamente rico”.

— Tem propriedades — diz Sir Leicester —, não resta dúvida. É sem dúvida regamente pago e anda quase ombro a ombro com a mais alta sociedade.

Todos se sobressaltam, pois ouve-se uma detonação ali perto.

— Meu Deus! Que é isto? — grita Volúmnia numa vozinha sumida.

— Um rato — diz a senhora. — Atiraram nele.

Entra o Sr. Tulkinghorn, acompanhado de criados com lâmpadas e velas.

— Não, não — diz Sir Leicester. — Creio que não. A senhora minha esposa acha ruim a meia-luz que nos envolve?

Pelo contrário, a senhora a prefere.

— E você, Volúmnia?

— Oh! nada é mais delicioso para ela — diz Volúmnia — do que ficar conversando no escuro.

— Então levem as luzes — diz Sir Leicester. — Tulkinghorn, desculpe-me. Como vai você?

O Sr. Tulkinghorn, com seu habitual passo descansado, presta de caminho homenagem à senhora, aperta a mão de Sir Leicester e senta-se na cadeira que lhe é reservada quando tem alguma coisa que comunicar, do lado oposto à mesinha de jornais do baronete. Sir Leicester fica apreensivo porque, como a senhora não está passando muito bem, pode resfriar-se junto àquela janela aberta. A esposa agradece, mas prefere continuar ali, tomando ar. Sir Leicester levanta-se, ajeita a manta em torno dela e volta para a sua cadeira. Entrementes, o Sr. Tulkinghorn toma uma pitada de rapé.

— Então — diz Sir Leicester —, como se passou a tal contestação?

— Oh! era a derrota desde o começo. Não há possibilidade de vitória. Eles trouxeram seu pessoal. O senhor foi fragorosamente batido. Três contra um.

Faz parte da política e da habilidade do Sr. Tulkinghorn não ter opiniões políticas. Por isso é que ele diz logo “o senhor” foi derrotado e não “nós”.

Sir Leicester mostra-se majestaticamente irado. Volúmnia nunca ouviu contar tal coisa.

— É o lugar, como o senhor sabe — continua a falar o Sr. Tulkinghorn quando se faz silêncio de novo —, onde queriam apresentar como candidato o filho da Sra. Rouncewell.

— Proposta que, como o senhor convenientemente me informou na ocasião, ele teve o acertado gosto e tato de não aceitar — observa Sir Leicester. — Não posso dizer que aprove de modo algum os sentimentos expressos pelo Sr. Rouncewell, quando esteve aqui comigo uma meia hora neste salão. Mas havia um não sei quê de dignidade na sua decisão, que sinto prazer em reconhecer.

— Ah! — exclama o Sr. Tulkinghorn. — Isso não o impediu de mostrar-se muito ativo nessa eleição.

Percebe-se distintamente que Sir Leicester arqueja antes de falar.

— Terei entendido bem? O senhor disse que o Sr. Rouncewell esteve muito ativo nessa eleição?

— Numa atividade fora do comum.

— Contra...

— Contra o senhor. É um bom orador. Simples e categórico. Causou um efeito prejudicialíssimo e exerce grande influência. Na parte do trabalho das atas levou tudo de vencida.

É evidente para todos os circunstantes, conquanto ninguém possa vê-lo na escuridão crescente, que Sir Leicester está majestaticamente assombrado.

— E foi muito auxiliado — remata o Sr. Tulkinghorn — por seu filho.

— Por seu filho? — repete Sir Leicester, cada vez mais assombrado.

— Por seu filho.

— O filho que queria casar com a moça a serviço de minha mulher?

— Esse mesmo. Ele só tem esse.

— Então, pela minha honra — diz Sir Leicester, depois de terrífica pausa, durante a qual se ouviu o seu resfolegar e se adivinhou o seu olhar pasmado —, pela minha honra, pela minha vida, pela minha reputação e pelos meus princípios, romperam-se as comportas da sociedade, e as águas atropelaram os marcos do arcabouço da coesão que mantém ligadas as coisas!

Explosão geral de indignação da parentela. Volúmnia acha que é mais que tempo de algum braço forte intervir, tomando enérgicas providências. O primo debilitado é de opinião que o país, desmantelado, vai à garra.

— Peço — diz Sir Leicester, sem fôlego — que não se comente mais o caso. Os comentários são supérfluos. Minha mulher, permite-me que sugira em relação àquela moça...

— Não tenciono — da sua janela atalha a senhora, num tom baixo, mas decidido — separar-me dela.

— Não era o que eu queria dizer — replica Sir Leicester. — Folgo de ouvir-te dizer isso. Eu desejava lembrar que, como a julgas digna de tua proteção, deverias exercer tua influência para afastá-la daquelas mãos perigosas. Poderias mostrar-lhe as prováveis violências que seriam feitas, com tal ligação, a seus deveres e princípios, preservando-a assim para uma melhor sorte. Poderias mostrar-lhe que, a seu tempo, ela provavelmente havia de encontrar um marido em Chesney Wold, o qual — acrescenta Sir Leicester, depois de um momento de ponderação — não a arrancaria dos altares de seus antepassados.

Ele exprime essas observações com a invariável polidez e deferência com que sempre se dirige a sua mulher. Ela move simplesmente a cabeça em resposta. A lua está subindo, e no lugar onde a senhora está sentada há uma faixa de fria luz pálida, que permite se veja sua cabeça.

— É digno de nota, contudo — diz o Sr. Tulkinghorn —, que essa gente é, a seu modo, muito altiva.

— Altiva? — Sir Leicester parece duvidar do que ouve.

— Eu me surpreenderia se todos eles (o namorado e o resto) abandonassem voluntariamente a jovem, em vez de ser ela quem os abandone, na suposição de que ela, apesar de tudo, ainda permaneça aqui em Chesney Wold.

— Bem — disse Sir Leicester, todo trêmulo —, o senhor deve saber, Sr. Tulkinghorn. Esteve entre eles.

— Realmente, Sir Leicester — volve o causídico. — Confirmo o fato. Poderia até contar-lhe uma história, com licença de Lady Dedlock.

A cabeça da senhora concede a licença, e Volúmnia fica encantada. Uma

história! Oh! Ele vai contar alguma coisa afinal! Haverá talvez um fantasma na história, espera Volúmnia.

— Não. Gente de carne e osso. — O Sr. Tulkinghorn para um instante e repete, com um pouco de ênfase enxertada na sua habitual monotonia. — Gente de carne e osso, Miss Dedlock. Sir Leicester, essas particularidades só há pouco chegaram ao meu conhecimento. O caso é curto e exemplifica o que eu disse. Suprimo nomes por ora. Espero que Lady Dedlock não me vá julgar mal-educado.

À claridade do lume, pouco ativo, podem-no ver olhando para a luz da lua. À luz da lua pode-se ver Lady Dedlock, perfeitamente quieta.

— Um conterrâneo desse Sr. Rouncewell, homem, segundo me disseram, em circunstâncias exatamente análogas, teve a boa fortuna de possuir uma filha que atraiu a atenção de uma nobre dama. Falo de uma dama realmente nobre, não simplesmente nobre para ele, mas casada com um cavalheiro de sua posição, Sir Leicester.

Sir Leicester diz condescendente: — Sim, Sr. Tulkinghorn — dando a entender que então ela realmente devia parecer de consideráveis dimensões morais aos olhos de um industrial da siderurgia.

— A dama era rica e bela e gostava muito da moça, tratando-a com grande bondade e conservando-a sempre a seu lado. Ora, guardava um segredo debaixo de toda a sua grandeza, segredo esse que havia conservado por muitos anos. Com efeito, em moça, ela se comprometera a casar com um jovem libertino, capitão do exército, que nunca arrumara nada na vida. Não se casou com ele, mas deu à luz uma criança da qual era ele o pai.

— Tendo morrido o capitão do exército, acreditou-se ela a salvo. Mas uma série de circunstâncias, com cuja relação não necessito enfadar os presentes, conduziu à descoberta. Conforme pude saber, começaram elas por uma imprudência da parte da própria dama um dia em que ela foi apanhada de surpresa, o que mostra quão difícil é para o mais firme de nós (ela era muito firme) estar sempre de sobreaviso. É lícito calcular que grande perturbação doméstica e que espanto daí se seguiram. Deixo-o imaginar, Sir Leicester, o pesar do marido. Mas não é isso o que agora interessa. Quando o conterrâneo do Sr. Rouncewell soube do caso, não mais permitiu que a moça fosse patrocinada e honrada, exatamente como não suportaria vê-la espezinhada diante de seus olhos. Tal era o seu orgulho que, indignado, a levou consigo,

como se quisesse afastá-la do vexame e da desgraça. Não percebeu a honra feita a si e a sua filha pela condescendência da dama. Nada disso. Melindrou-se com a situação da moça, como se a dama fosse a mais vulgar das criaturas vulgares. É essa a história. Espero que Lady Dedlock me desculpe a natureza penosa da mesma.

Divergem as opiniões a respeito dos méritos do caso, mais ou menos em conflito com as de Volúmnia. Aquela linda criaturinha não pode acreditar que já tenha existido tal dama e rejeita *in limine* a história inteira. A maioria inclina-se para a opinião do primo debilitado, que é a seguinte em poucas palavras: “Que fazer? É o infernal conterrâneo de Rouncewell.” Sir Leicester remonta em espírito à Rebelião de Wat Tyler ou Revolta dos Camponeses e combina uma sequência de acontecimentos sobre um plano inteiramente seu.

A conversa não se estende por muito tempo mais, porque todos se têm deitado tarde em Chesney Wold desde que em outras partes começaram as necessárias despesas, sendo esta, entre muitas, a primeira noite em que a família não teve visitas. Já passa das dez horas quando Sir Leicester pede ao Sr. Tulkinghorn que toque a campainha para pedir velas. Já agora o clarão da lua cresceu formando um lago, e então pela primeira vez Lady Dedlock se mexe, levanta-se e vai até a mesa para beber um copo d’água. Primos pestanejantes, como morcegos à luz da vela, acorrem ali para servi-la. Volúmnia (sempre pronta para alguma coisa melhor, quando fácil de obter) pega noutro copo, contentando-se porém com um ligeiro gole. Lady Dedlock, graciosa, senhora de si, seguida por olhares cheios de admiração, atravessa lentamente a quadra ao lado daquela Ninfa, que absolutamente não melhora com o contraste.

NO QUARTO DO SR. TULKINGHORN

O Sr. Tulkinghorn chega ao seu quarto que tem forma de torreão, um pouco resfolegante com a subida, apesar de realizada com calma. Nota-se-lhe na cara a expressão de quem tivesse aliviado o espírito de algum grave assunto e se sentisse satisfeito, lá a seu modo reservado. Dizer de um homem tão rigorosamente senhor de si que ele está triunfante seria fazer-lhe uma injustiça tão grande como a de supô-lo perturbado por amor ou sentimento ou qualquer fraqueza romântica. Está moderadamente satisfeito. Talvez note em si um acréscimo de força quando indolentemente aferra um de seus pulsos com a outra mão e, segurando-o atrás das costas, põe-se a andar de um lado para outro sem fazer bulha.

Há uma espaçosa escrivaninha no quarto, sobre a qual se vê uma boa acumulação de papéis. A lâmpada verde está acesa, seus óculos de ler estão em cima da mesa, a poltrona de descanso acha-se ao lado, e parece intenção sua dedicar, antes de ir deitar-se, uma hora ou mais àquelas coisas que lhe estão puxando pela atenção. Mas acontece que ele não está com o espírito em condições de cuidar de negócios. Depois de relancear os olhos pelos documentos à sua espera — com a cabeça inclinada sobre a mesa, pois que sua vista para letra impressa ou escrita é deficiente à noite — o velho abre a imensa janela que dá para o telhado plano e sai, pondo-se de novo a andar ali para cima e para baixo, a arejar-se, se é que um homem tão frio tem precisão de fazê-lo, depois da história que acabou de relatar lá embaixo no andar térreo.

Já se passou o tempo em que homens tão sábios como o Sr. Tulkinghorn passeavam no alto de torreões à luz das estrelas e erguiam os olhos para o céu para lerem ali sua sorte. Milhares de estrelas são visíveis nessa noite, conquanto seu brilho seja eclipsado pelo esplendor da lua. Se ele está buscando sua própria estrela, enquanto metodicamente caminha em todos os sentidos sobre o telhado, essa estrela deve ser bem pálida para ser tão

toscamente representada cá embaixo. Se está investigando o seu destino, este pode estar escrito em outros caracteres mais próximos de sua mão.

Enquanto anda pelo telhado, com os olhos mui provavelmente tão acima dos seus pensamentos como eles estão acima da terra, ao passar pela janela, é subitamente detido por dois olhos que encontram os seus. O teto do seu quarto é um pouco baixo, e a parte superior da porta que fica defronte da janela é de vidro. Há também uma porta interior, coberta de baeta, mas, estando quente a noite, não a cerrou quando subiu. Aqueles olhos que se cruzam com os seus estão olhando através do vidro do corredor externo. Ele os conhece muito bem. O sangue não lhe subiu tão subitamente às faces e tão vermelho há muitos anos como quando reconhece Lady Dedlock.

Entra no quarto e ela entra também, fechando ambas as portas sobre si. Há em seus olhos uma violenta perturbação: temor ou cólera? No seu porte e em tudo o mais seu aspecto é o mesmo que apresentava lá embaixo duas horas atrás.

É medo ou cólera agora? Ele não pode ter certeza. Ambos podiam mostrar a mesma palidez, a mesma decisão.

— Lady Dedlock!

Ela não fala a princípio, nem ainda quando vagarosamente se senta na poltrona junto à mesa. Olham um para o outro, como dois retratos.

— Por que contou minha história diante de tanta gente?

— Lady Dedlock, eu tinha necessidade de informá-la de que a conhecia.

— Há quanto tempo a conhece?

— Há muito a suspeitava, mas só a soube integralmente faz pouco tempo.

— Meses?

— Dias.

Ele conserva-se de pé diante dela, com uma das mãos sobre o encosto de uma cadeira e a outra no colete fora de moda e nos folhos da camisa, exatamente da mesma forma como sempre se tem mantido diante dela desde que ela se casou. A mesma cerimoniosa polidez, a mesma deferência estudada que poderia muito bem ser provocação. O homem inteiro é o mesmo escuro e

frio objeto, à mesma distância, que nada jamais diminuiu.

— É verdade o que disse a respeito da pobre moça?

Ele inclina-se de leve e avança a cabeça, mostrando não ter compreendido bem a pergunta.

— O senhor sabe o que relatou. É verdade? Os amigos dela também conhecem minha história? Já se tornou ela o assunto obrigatório da cidade? Anda escrita pelas paredes e é gritada pelas ruas?

Sim! Cólera e medo e vergonha. As três coisas em luta. Que poder tem essa mulher para dominar essas paixões enfurecidas! Sobre isso giram os pensamentos do Sr. Tulkinghorn enquanto olha para ela, com suas cinzentas sobrelhas pendentes, um tudo-nada mais contraídas do que de costume, sob o olhar implacável de Lady Dedlock.

— Não, Lady Dedlock. Era um caso hipotético, tendo surgido do fato de haver Sir Leicester tratado inconscientemente o assunto com tamanho entono. Mas seria um caso real se eles soubessem... o que nós sabemos.

— Então eles ainda não sabem?

— Não.

— Posso salvar a moça da afronta antes que eles o saibam?

— Na verdade, Lady Dedlock, não posso dar uma opinião satisfatória sobre esse ponto.

E ele pensa, com o interesse de atenta curiosidade, ao observar a luta que se trava no íntimo da dama: “A força e o poder desta mulher são espantosos!”

— Senhor — diz ela, obrigada na ocasião a conter os lábios com toda a energia que possui, para poder falar distintamente —, falarei do modo mais claro. Não discuto o seu caso hipotético. Previ-o e senti-lhe a verdade tão fortemente como o senhor, quando vi o Sr. Rouncewell aqui. Sabia muito bem que, se ele tivesse a faculdade de ver-me tal como eu era, consideraria a pobre moça maculada por ter sido por um momento, embora inocentemente, o objeto da minha grande e distinta proteção. Mas eu me interesso por ela, ou, diria antes — não mais pertencendo a esta casa —, interessava-me. E se o senhor puder descobrir tanta consideração pela mulher que está debaixo de seus pés a ponto de lembrar-se disso, ela ficará muito grata à sua mercê.

O Sr. Tulkinghorn, profundamente atento, com um encolher de ombros denotador de menosprezo próprio, mostra-se avesso a acolher aquela demonstração de humildade e franze um pouco mais as sobrancelhas.

— O senhor me preparou para o meu desmascaramento, e eu lhe agradeço isso também. Há qualquer coisa que exige de mim? Há alguma reivindicação de que eu deva desistir, ou posso poupar meu marido a alguma censura ou aborrecimento para obter sua libertação, certificando a exatidão da sua descoberta? Escreverei neste mesmo momento tudo o que o senhor queira ditar. Estou pronta a fazê-lo.

“E ela o faria!”, pensa o advogado, observando a mão firme com que ela pega da pena.

— Não pretendo incomodá-la, Lady Dedlock. Peço-lhe que se poupe.

— Há muito que eu esperava isso, como o senhor sabe. Não quero poupar-me, nem ser poupada. O senhor não pode fazer a mim nada pior do que já fez. Faça agora o resto.

— Lady Dedlock, não há nada que fazer. Tomarei a liberdade de dizer algumas palavras, quando a senhora tiver terminado.

A necessidade de se observarem um ao outro deveria cessar agora, mas eles se observavam durante todo esse tempo, e as estrelas observavam os dois através da janela aberta. Além, à luz do luar, jazem em repouso os campos e a mata, e a casa vasta está tão sossegada como a casinha acanhada. A casinha acanhada! Onde estão, nesta noite pacífica, a pá e o cavador destinados a acrescentar o derradeiro grande segredo aos muitos segredos da existência de Tulkinghorn? Já nasceu o homem? A pá já foi fabricada? Curiosas perguntas a considerar, mais curiosas talvez a não considerar, sob as estrelas vigilantes numa noite de verão.

— De arrependimento ou de remorso ou de qualquer sentimento meu — continua Lady Dedlock —, não direi uma palavra. Se eu não fosse muda, o senhor seria surdo. Deixemos isso. Não é para os seus ouvidos.

Ele faz um débil sinal de que vai protestar, mas ela com um gesto desdenhoso o faz desistir.

— De outras e bem diferentes coisas vim falar-lhe. Minhas joias estão todas guardadas em seus devidos lugares. Serão encontradas lá. Da mesma

forma os meus vestidos. Da mesma forma todos os valores que possuo. Eu tinha comigo algum dinheiro, mas não montava a muito. Não usei meu vestido para não chamar atenção. Eu fui, para daqui por diante darem-me por perdida. Propale isso. Não lhe deixo outro encargo.

— Desculpe-me, Lady Dedlock — diz o Sr. Tulkinghorn, inabalável —, mas não sei se a percebo bem. A senhora foi...

— Vou largar tudo isto aqui. Deixo Chesney Wold esta noite. Vou nesta hora.

O Sr. Tulkinghorn abana a cabeça. Ela se levanta, mas ele, sem retirar a mão do encosto da cadeira ou do colete fora de moda e dos folhos da camisa, sacode a cabeça.

— O quê? Não ir como eu disse?

— Não, Lady Dedlock — responde ele com toda a calma.

— Sabe o senhor o alívio que meu desaparecimento causará? Esqueceu a mancha e o borrão neste lugar, e onde está e quem é?

— Não, Lady Dedlock, de modo algum.

Sem dignar-se retorquir, ela se encaminha para a porta interior e já tem a mão nela, quando ele lhe diz, sem mover mão ou pé, nem elevar a voz: — Lady Dedlock, tenha a bondade de parar e ouvir-me, do contrário, antes que a senhora alcance o patamar, tocarei a campainha de alarme, despertando a casa inteira. E então terei de dizer tudo, diante de cada hóspede e de cada criado, de cada homem e de cada mulher.

Havia-a dominado. Ela hesita, treme e, confusa, leva a mão à cabeça. Insignificantes sinais esses em qualquer outra pessoa, mas, quando um olhar prático como o do Sr. Tulkinghorn vê indecisão por um instante em tal criatura, logo lhes conhece o valor.

Apressa-se em dizer novamente: — Tenha a bondade de ouvir-me, Lady Dedlock — e aponta-lhe a cadeira da qual ela se havia levantado. A dama hesita, mas ele indica de novo a cadeira, e ela se senta.

— As relações entre nós são de uma natureza infeliz, Lady Dedlock, mas como não sou delas culpado, não pedirei desculpa por isso. A minha posição diante de Sir Leicester é tão bem conhecida da senhora, que eu devia ser por força, no modo de pensar da senhora, a pessoa naturalmente indicada para

fazer essa descoberta.

— Senhor — torna ela, sem tirar os olhos do chão, pois que os traz agora baixados —, eu devia ter saído. Teria sido muito melhor que o senhor não me houvesse detido. Nada mais tenho que dizer.

— Desculpe-me, Lady Dedlock, se acrescento mais alguma coisa ao que dizia.

— Desejo ouvi-lo então na janela. Não posso respirar onde estou.

Seu olhar desconfiado, enquanto ela se dirige para a janela, revela o receio instantâneo do causídico de que ela possa ter em mente a ideia de pular da janela e, batendo de encontro a uma borda, a uma cornija, perder miseravelmente a vida lá embaixo no terraço. Mas uma rápida observação do seu vulto, enquanto ela permanece à janela sem nenhum apoio, olhando tristemente para as estrelas, não para as que estão altas mas para aquelas que estão mais baixas no firmamento, o tranquiliza. Tendo-se voltado um pouco enquanto ela se movia, fica Tulkinghorn a curta distância atrás dela.

— Lady Dedlock, ainda não consegui tomar uma decisão satisfatória a respeito do que me cumpre fazer. Entrementes, devo pedir-lhe que conserve seu segredo como o conservou até agora, e não se espante de que eu o guarde também.

Faz uma pausa, ela porém nada responde.

— Perdoe-me, Lady Dedlock. Este assunto é importantíssimo. Está-me honrando com a sua atenção?

— Estou.

— Obrigado. Eu poderia inferi-lo do que tenho visto de sua energia e de seu caráter. Era talvez escusada a pergunta, mas tenho o hábito de certificar-me do terreno em que piso, passo a passo, à medida que ando. O único que se há de levar em conta nesse infeliz caso é Sir Leicester.

— Então por que — pergunta ela em voz baixa e sem afastar daquelas longínquas estrelas o olhar sombrio — me detém nesta casa?

— Porque ele tem de ser levado em consideração. Lady Dedlock, não é preciso dizer-lhe que Sir Leicester é um homem muito orgulhoso, que sua confiança na esposa é absoluta, que a queda daquela lua lá do firmamento não o espantaria mais do que a queda de Lady Dedlock da alta posição de sua

mulher.

Ela respira com dificuldade, mas permanece tão firme como ele sempre a vira no meio da mais elegante sociedade.

— Declaro-lhe, Lady Dedlock, que, se não fosse o meu conhecimento desse caso, seria mais natural a minha esperança de poder arrancar com as minhas forças e com as minhas próprias mãos a árvore mais anosa desta herdade do que a de poder abalar o predomínio que a senhora desfruta sobre Sir Leicester e a confiança que ele deposita em Lady Dedlock. E mesmo agora, de posse do segredo como estou, ainda hesito. Não que ele fosse duvidar (numa pessoa como ele, isso é impossível), mas é que nada pode prepará-lo para o golpe.

— Nem a minha fuga? — observou ela. — Pense nisso de novo.

— Sua fuga, Lady Dedlock, propalaria toda a verdade, propalá-la-ia de um modo espantoso e imprevisível. Seria impossível salvar a honra da família nem por um dia. Nem se deve pensar nisso.

Há na resposta dele uma decisão tranquila que não admite objeção.

— Quando digo que Sir Leicester é a única pessoa que se há de levar em consideração no caso, ele e a honra da família formam uma só coisa. Sir Leicester e o seu título, Sir Leicester e Chesney Wold, Sir Leicester e seus antepassados e seu patrimônio — (o Sr. Tulkinghorn mostra-se bastante seco aqui) —, não preciso dizer-lhe, Lady Dedlock, são inseparáveis.

— Prossiga!

— Por conseguinte — diz o Sr. Tulkinghorn, continuando sua exposição no seu estilo enfadonho — tenho muita coisa que considerar. Isso tem de ser mantido em sigilo, se for possível. Como o poderá ser, porém, se Sir Leicester perder o juízo ou correr perigo de vida? Se ele recebe esse choque amanhã de manhã, como explicar a imediata mudança que nele se operaria? Que coisa poderia tê-la causado? Que foi que motivou a separação dos cônjuges? Lady Dedlock, os escritos nas paredes e os comentários nas ruas surgiriam imediatamente, e a senhora há de lembrar-se de que o caso não afetaria somente a senhora (a quem não posso de nenhum modo considerar neste assunto), mas a seu marido, Lady Dedlock, a seu marido.

Tulkinghorn torna-se mais explícito, à proporção que prossegue, mas

nem um átomo mais enfático ou animado.

— Há um outro aspecto — continua ele — debaixo do qual o caso se apresenta. Sir Leicester lhe é devotado quase até a loucura. Ele poderia não ser capaz de dominar essa loucura, ainda sabendo o que nós sabemos. Estou fazendo uma suposição avançada, mas pode acontecer. Se assim fosse, melhor seria que ele não soubesse nada. Melhor para o senso comum, melhor para ele, melhor para mim. Devo levar tudo isso em conta, mas tudo isso torna qualquer decisão extremamente difícil.

Ela continua olhando para as mesmas estrelas sem dizer uma palavra. Elas estão começando a empalidecer, e dir-se-ia que a algidez delas a enregela.

— Minha experiência me ensina — diz o Sr. Tulkinghorn, que agora mete as mãos nos bolsos e prossegue na sua consideração profissional do assunto, como uma máquina —, minha experiência me ensina, Lady Dedlock, que a maioria da gente que eu conheço faria melhor se não casasse. O casamento é o culpado de três quartos de seus dissabores. Assim pensei quando Sir Leicester casou, e assim sempre tenho pensado desde então. Não falemos mais disso. Agora devo ser guiado pelas circunstâncias. Entrementes, rogo-lhe que guarde seu próprio parecer, que eu guardarei o meu.

— Terei de arrastar assim minha vida atual, aguentando seus tormentos à discrição do senhor, dia por dia? — pergunta ela, fitando ainda o firmamento distante.

— Sim, creio que sim, Lady Dedlock.

— Acha o senhor que é necessário que eu permaneça atada ao potro?

— Estou certo de que o que recomendo é necessário.

— Devo continuar em cima deste pomposo estrado, sobre o qual minha mísera desilusão vem por tanto tempo sendo representada, e que deverá ele retirar-se-me de sob os pés quando o senhor der o sinal? — pergunta ela com lentidão.

— Não sem prévio aviso, Lady Dedlock. Não darei nenhum passo sem primeiro adverti-la.

Ela faz todas as suas perguntas como se as estivesse repetindo de memória, ou evocando-as no sono.

— Iremos encontrar-nos como de costume?

— Precisamente como de costume, à sua vontade.

— E tenho de ocultar a minha culpa, como venho fazendo há tantos anos?

— Como vem fazendo há tantos anos. Talvez não fosse necessário dizê-lo, Lady Dedlock, mas posso agora lembrar-lhe que seu segredo não há de lhe ser mais pesado que era, e não é nem pior nem melhor do que era. Sei disso com certeza, mas acredito que nunca confiamos inteiramente um no outro.

Ela continua absorta da mesma forma gélida durante algum tempo, antes de perguntar: — Há mais alguma coisa que dizer esta noite?

— Escute, Lady Dedlock — responde metodicamente o Sr. Tulkinghorn, enquanto esfrega devagar as mãos —, gostaria de ter a certeza de sua aquiescência às minhas combinações.

— Pode ficar certo dela.

— Bom. E desejaria em conclusão lembrar-lhe, como precaução profissional, no caso de ser preciso recordar o fato em qualquer conversa com Sir Leicester, que durante toda a nossa entrevista afirmei expressamente que a minha única preocupação era a honra e os sentimentos de Sir Leicester e a reputação da família. Por muito feliz me daria se pudesse também prestar a Lady Dedlock a mesma distinta consideração, se o caso o permitisse. Mas infelizmente não é o que ocorre.

— Posso testemunhar sua fidelidade, senhor.

Tanto antes como depois de dizer isso ela continua absorta, mas afinal se mexe e, impassível no seu porte natural e adquirido, se volta para a porta. O Sr. Tulkinghorn abre ambas as portas exatamente como o teria feito na véspera, ou como o teria feito há dez anos passados, executando a sua mesura à velha moda enquanto ela passa. Não é um olhar comum o que ele recebe da bela face quando esta penetra na escuridão, e o movimento, embora levíssimo, que retribui a sua cortesia, não é um movimento vulgar. Mas, como ele reflete ao ver-se só, não foi nada vulgar o esforço a que a mulher se submeteu.

Ficaria sabendo melhor de tudo isso se visse a mulher dando passadas em seus aposentos, com os cabelos em desordem, as mãos juntas atrás da

cabeça, a fisionomia desfeita como pela ação do sofrimento. Sabe-lo-ia ainda melhor se visse a mulher andando apressadamente de um lado para outro durante horas, sem fadiga, sem interrupção, acompanhada pelos passos fiéis no “Passeio do Fantasma”. Mas ele fecha a janela por causa do ar agora arrefecido, corre a cortina, deita-se e pega no sono. E, na verdade, quando as estrelas se sumiram e a luz pálida do dia se insinua dentro do quarto de torreão, encontrando-o no melhor do sono, dir-se-ia que o cavador e a pá foram requisitados e entrarão brevemente em atividade.

A mesma pálida luz matinal espreita Sir Leicester perdoando ao país arrependido, num sonho majestosamente condescendente, e os primos tomando posse de vários empregos públicos e principalmente passando recibos de ordenado, e a casta Volúmnia, outorgando uma pensão de viúva na importância de 50 mil libras a um horrendo general velho, com uma boca de dentes postiços parecendo um piano com muitas teclas, durante muito tempo alvo da admiração de Bath e terror de todas as outras comunidades. Introduz-se também em alcovas de andares superiores, em escritórios e pátios internos, onde uma ambição mais modesta sonha com a ventura, nas choupanas dos guardas, no lar humilde das Joanas e dos Josés. O fulgente sol se ergue, arrastando tudo consigo — os Josés e as Joanas, o latente vapor da terra, as flores e folhas pendidas, os pássaros, os animais, os répteis, os jardineiros para vasculhar a terra orvalhada e descobrir o veludo esmeraldino onde o rolo passa, o fumo do grande fogo da cozinha enroscando-se e subindo direito e bem alto no ar luminoso. Por fim, sobe a bandeira por cima da cabeça inconsciente do Sr. Tulkinghorn, proclamando alegremente que Sir Leicester e Lady Dedlock estão em seu lar feliz e que há hospitalidade na casa solarenga de Lincolnshire.

NOS APOSENTOS DO SR. TULKINGHORN

Das verdes ondulações e dos frondosos carvalhos da herdade de Dedlock, o Sr. Tulkinghorn se transfere para o calor bafiento e para a poeira de Londres. A maneira com que ele se movimenta entre os dois lugares é um de seus impenetráveis mistérios. Segue para Chesney Wold como se o solar estivesse ali ao lado de seu domicílio, e volta a este como se nunca tivesse estado fora de Lincoln's Inn Fields. Nunca muda de roupa antes da viagem, nem toca no assunto depois. Evaporou-se do seu quarto de torreão hoje de manhã, exatamente como agora, à boca da noite, se some dentro do largo onde mora.

Como um escuro pássaro londrino entre os pássaros empoleirados naquelas amenas campinas, onde as ovelhas são todas transformadas em pergaminho, as cabras em chinós e o pasto em palha, o causídico, defumado e descolorido, morando entre criaturas humanas mas não se associando a elas, idoso sem experiência de uma mocidade jovial, e tão acostumado a fazer seu tosco ninho em buracos e cantos da natureza humana que esqueceu sua posição mais larga e melhor, dirige-se despreocupadamente para sua casa. No forno formado pelas calçadas muito quentes e pelos prédios não menos quentes, ele se torrou demasiado, tornando-se mais seco do que de costume, e tem, no seu espírito sedento, o seu suave vinho do Porto, com meio século de velhice.

O acendedor de lampiões está subindo e descendo sua escada do lado dos Fields do Sr. Tulkinghorn, quando esse sumo sacerdote de nobres mistérios chega ao seu pátio sombrio. Sobe os degraus da escada exterior e vai penetrando no vestíbulo escuro quando encontra, no degrau de cima, um homúnculo cheio de zumbaias e amabilidades.

— É você, Snagsby?

— Sim, senhor. Espero que esteja passando bem, senhor. Já estava

desistindo de encontrá-lo e ia para casa.

— Ah! Alguma novidade? Que me quer?

— Bem, senhor — diz Snagsby, segurando o chapéu ao lado da cabeça, numa demonstração de deferência para com o seu melhor freguês — eu estava querendo dizer-lhe uma palavrinha.

— Pode dizê-la aqui?

— Perfeitamente, senhor.

— Diga-a então. — O advogado volta-se, descansa os braços sobre a balaustrada no alto da escadaria, e olha para o acendedor de lampiões que está iluminando o pátio.

— Relaciona-se — diz o Sr. Snagsby em tom misterioso —, relaciona-se — para encurtar conversa — com a estrangeira.

O Sr. Tulkinghorn olha-o com alguma surpresa.

— Que estrangeira?

— A estrangeira, senhor. Francesa, se não me engano. Não conheço essa língua, mas pelas maneiras e pelo aspecto parece-me que essa mulher é francesa. Seja como for, que é estrangeira não há dúvida. É aquela que esteve lá em cima quando o Sr. Bucket e eu tivemos a honra de esperar por vossa excelência naquela noite, acompanhados pelo pequeno varredor.

— Ah! Já sei. Mlle Hortense.

— Deve ser isso. — O Sr. Snagsby tosse, por trás do chapéu, sua tosse submissa. — Não conheço em geral os nomes estrangeiros mas não tenho dúvida de que deve ser esse mesmo.

O Sr. Snagsby parece ter manifestado nessa resposta certo desesperado desígnio de repetir o nome, mas, depois de refletir, tosse de novo para desculpar-se.

— E que tem você a dizer, Snagsby, a respeito dela? — pergunta o advogado.

— Bem, senhor — torna o papaleiro-copista, cobrindo sua comunicação com o chapéu —, estou tendo certas dificuldades. Minha felicidade doméstica é muito grande — pelo menos, tão grande quanto se poderia esperar, estou

certo — mas minha mulherzinha é um tanto dada a ciúmes. E o senhor vê, uma estrangeira de tão gentil aparência entrando na loja e rondando — eu seria o último dos mortais a utilizar-me duma expressão forte, se pudesse evitá-la — rondando, digo, pelo largo, o senhor sabe como, não é? É o que lhe estou expondo.

Tendo o Sr. Snagsby dito isso duma maneira muito queixosa, rompe numa tosse de aplicação geral, que serve para preencher os claros, etc.

— E então, que quer você dizer? — indaga o Sr. Tulkinghorn.

— Apenas isto, senhor — diz o Sr. Snagsby. — Estava certo de que o senhor me compreenderia e havia de desculpar a sensatez de meus sentimentos quando combinados com a conhecida excitabilidade de minha mulherzinha. O senhor vê, a estrangeira — cujo nome o senhor acaba de citar, com um sotaque verdadeiramente estrangeiro, estou certo —, dotada de grande presteza, apanhou no ar a palavra Snagsby aquela noite, indagou, conseguiu o endereço e chegou na hora do jantar. Ora, Guster, nossa empregada, é tímida e sofre acessos. Amedrontando-se com os ares da estrangeira, de aparência altiva, e com seu modo estranho de falar — modo capaz de alarmar um espírito fraco — em vez de combater seu medo, deixou-se dominar por ele e foi caindo de degrau em degrau da escada da cozinha, com tais convulsões, que muitas vezes penso que só na nossa casa se pode ver uma coisa assim. Em consequência, por boa sorte, minha mulher teve muito com que lidar, ficando eu só a atender na loja. Então a tal estrangeira disse que, como fora impedida de falar com o Sr. Tulkinghorn pelo patrão dele (expressão que não pude deixar de considerar como uma forma estrangeira de encarar um escrevente), teria o prazer de visitar continuamente a minha casa até que a deixassem entrar aqui. Desde então tem estado, como disse no começo, rondando, rondando, senhor — o Sr. Snagsby repete a palavra com ênfase patética —, pelo largo. É impossível calcular os efeitos desse movimento. Não me causaria espanto se já pudesse estar dando origem aos mais funestos erros ainda no espírito dos vizinhos, sem mencionar (se tal coisa fosse possível) minha mulherzinha. Tanto mais que, sabe Deus — diz o Sr. Snagsby, sacudindo a cabeça —, eu nunca tivera ideia do que fosse uma estrangeira, exceto a de estar primitivamente ligada a um punhado de vassouras e uma criança, e atualmente com um tamborim e brincos. Garanto-lhe, senhor, que nunca tive ideia.

O Sr. Tulkinghorn ouve gravemente essa queixa e indaga, depois que o paleiro termina: — É só isso, Snagsby?

— Sim, senhor — diz o Sr. Snagsby, concluindo com uma tosse que claramente acrescenta “e para mim é mais que suficiente”.

— Não sei o que Mlle Hortense pode querer ou pretender, a não ser que esteja doida — diz o advogado.

— Ainda que ela estivesse — insiste o Sr. Snagsby —, creio que não seria nenhuma consolação ter alguma arma, na forma de uma adaga estrangeira, enterrada na família.

— É claro que não — concorda o outro. — Bem, bem. Poremos um paradeiro nisso. Lamento que o senhor tenha sido incomodado. Se ela aparecer de novo, mande-a aqui.

O Sr. Snagsby, com muita zumbaia e uma curta tosse de desculpa, despede-se, sentindo o coração leve. O Sr. Tulkinghorn sobe as escadas, dizendo consigo: “Essas mulheres foram criadas para criar embaraços à Terra inteira. Como se não fosse bastante ter de lidar com a patroa, cai-me agora em casa a empregada. Mas ao menos a esta hei de despachá-la com duas palavras.”

Assim dizendo, abre sua porta, dirige-se tateando para os seus sombrios aposentos, acende as velas e olha em redor. Está muito escuro para que possa ver bastante da alegoria pintada lá no teto, mas aquele importuno romano, eternamente a despenhar-se das nuvens e apontando sempre, continua às mil maravilhas sua velha faina. Sem lhe dar grande atenção, o Sr. Tulkinghorn tira uma chavezinha da algibeira, abre uma gaveta na qual há outra chave que abre um cofre, e dentro deste há outra, e assim chega à chave da adega, com a qual se prepara para descer às regiões do vinho velho. Encaminha-se para a porta com uma vela na mão, quando ouve uma batida.

— Quem é? — Ah, ah, é a senhora? Aparece em boa hora. Acabo agora mesmo de ouvir falar a seu respeito. Então, que quer?

Coloca a vela em cima da chaminé na sala do escrevente e fica dando pancadinhas com a chave na sua bochecha seca, enquanto dirige estas palavras de acolhida a Mlle Hortense. Essa personagem felina, com seus lábios estreitamente cerrados e seus olhos a fitá-lo de esguelha, fecha a porta antes de responder: — Custou-me muito encontrá-lo, senhor.

— *Custou?*

— Estive aqui muitas vezes. Sempre me disseram que o senhor não estava em casa, que estava ocupado, que estava isto e aquilo, que não estava, para receber-me.

— É a pura verdade.

— Verdade, não. Mentira!

Há às vezes nos modos de Mlle Hortense uns repentes tão parecidos com um salto sobre a vítima, que esta involuntariamente estremece e recua. É o que, no caso presente, acontece com o Sr. Tulkinghorn, embora Mlle Hortense, com os olhos quase fechados (mas ainda olhando de esguelha), esteja apenas sorrindo desdenhosamente e agitando a cabeça.

— Então, minha senhora — diz o advogado, batendo nervosamente com a chave em cima da chaminé —, se tem alguma coisa que dizer, diga, diga.

— O senhor não procedeu bem comigo. Foi indigno e mesquinho.

— Indigno e mesquinho, hem? — repete o advogado, esfregando o nariz com a chave.

— Sim. Que foi que eu lhe disse? O senhor sabe que assim foi. O senhor me pegou na armadilha, me apanhou para dar-lhe informações. Pediu-me que lhe mostrasse o meu vestido que minha patroa deve ter usado naquela noite; rogou-me que viesse aqui vestida com esse vestido para encontrar aquele menino... Diga. Não foi? — Mlle Hortense dá novo pulo.

— Mas que víbora! Que víbora! — O Sr. Tulkinghorn parece meditar, enquanto olha desconfiadamente para ela; depois acrescenta: — Bem, moça. Eu lhe paguei.

— O senhor me pagou! — repete ela, com altivo menoscabo. — Dois soberanos! Não os troquei, re-cu-so-os, des-pre-zo-os, atiro-os fora!

E o faz realmente, tirando-os do seio enquanto fala, e lançando-os no chão com tal violência que eles saltam de novo contra a luz antes de rolares para os cantos e lentamente ali pararem, depois de um furioso rodopio.

— Com que então — diz Mlle Hortense, tornando a escurecer seus grandes olhos —, o senhor me pagou? Ah, meu Deus, pagou, sim!

O Sr. Tulkinghorn esfrega a cabeça com a chave, enquanto ela se diverte

com um riso sarcástico.

— A senhora deve ser rica, minha bela amiga — observa ele sossegadamente —, para atirar dinheiro fora desse modo!

— *Sou* rica, sim. Muito rica de ódio. Odeio minha patroa de todo o meu coração. O senhor sabe disso.

— Sei disso? Como poderia saber?

— Porque o senhor soube-o perfeitamente, antes de me pedir que lhe desse aquela informação. O senhor sabia muito bem que eu estava com r-r-raiva. — Parece impossível a mademoiselle enrolar mais a língua para pronunciar com suficiente veemência o *r* desta última palavra, não obstante ajudar-se na articulação da mesma crispando as mãos e rangendo os dentes.

— Oh! Eu sabia disso, não é? — pergunta o Sr. Tulkinghorn, examinando a chave.

— Sim, sem dúvida. Não sou cega. O senhor pôde confiar em mim porque sabia disso. E teve razão, porque eu a de-tes-to.

Mlle Hortense cruza os braços e atira-lhe esta última observação por cima de um ombro.

— Tendo dito isso, tem mais alguma coisa que declarar, mademoiselle?

— Ainda não estou colocada. Coloque-me bem. Arranje-me um bom lugar. Se não pode ou não quer fazer isso, empregue-me para persegui-la, para acossá-la, para desgraçá-la e desonrá-la. Ajudá-lo-ei bem e de boa vontade. É isso o que senhor faz. Será que não sei disso?

— Parece que você sabe muita coisa — observa o Sr. Tulkinghorn.

— E não sei mesmo? Será que sou tão fraca que acredite, como uma criança, que vim aqui naquele traje para receber aquele menino, somente para decidir uma apostazinha? Ah, meu Deus, ah, sim!

Nessa réplica, até a palavra “apostazinha” inclusive, Mlle Hortense tem sido ironicamente polida e terna. Depois, passa subitamente para o mais amargo e mais desafiador desprezo, com os negros olhos no mesmo instante, por assim dizer, quase inteiramente fechados e arregalados.

— Ora, vejamos — diz o Sr. Tulkinghorn, batendo no queixo com a chave e olhando imperturbavelmente para ela — como fica este negócio.

— Ah! Vejamos — concorda mademoiselle, com muita cólera e gestos secos de cabeça.

— A senhora veio aqui para fazer um pedido bastante modesto, que acaba de expor, e, não sendo atendida, voltará de novo.

— De novo, sim — confirma mademoiselle, com mais secura e mais gestos de cólera. — E de novo ainda. E ainda de novo. E muitas vezes ainda. Voltarei sempre.

— E não somente aqui, mas irá também à casa do Sr. Snagsby, talvez. Não sendo bem-sucedida tampouco essa visita, voltará de novo, talvez.

— De novo, sim — repete mademoiselle, com rígida decisão. — De novo ainda. E ainda de novo. E muitas vezes ainda. Voltarei sempre.

— Muito bem. Ora, Mlle Hortense, deixe-me recomendar-lhe que pegue a vela e apanhe aquele seu dinheiro. Creio que o encontrará por trás do compartimento do escrevente ali naquele canto.

Ela solta simplesmente uma risada e mantém-se impávida de braços cruzados.

— Não quer, hem?

— Não, não quero!

— A senhora fica mais pobre e eu mais rico! Olhe, dona, esta é a chave de minha adega. E uma chave grande. Mas as chaves das prisões são maiores. Nesta cidade há casas de correção cujos portões são muito sólidos e pesados, e sem dúvida as chaves também. Creio que uma mulher com o seu espírito e atividade não gostaria de ver uma daquelas chaves fechá-la ali pelo tempo que fosse. Que pensa?

— Penso — responde mademoiselle, sem nenhum gesto e numa voz clara e cortês — que o senhor é um miserável.

— É provável — replica o Sr. Tulkinghorn, assoando tranquilamente o nariz. — Mas não lhe estou perguntando o que pensa de mim. Pergunto-lhe o que pensa da prisão.

— Nada. Que me importa isso?

— Ora, importa muito, minha senhora — diz o advogado, guardando o lenço e ajustando o peitilho da camisa. — A lei aqui é tão despótica que

intervém para impedir que qualquer dos nossos bons cidadãos ingleses seja perturbado, ainda que pelas visitas de uma senhora, se ele as não deseje. E uma vez que o cidadão se queixa de que está sendo incomodado, a lei se apodera da mulher importuna e fecha-a na prisão sob rigorosa disciplina. Põe-na a sete chaves, minha senhora.

E faz um gesto significativo com a chave da adega.

— Deveras? — redargui mademoiselle, com a mesma voz agradável. — É engraçado! Mas, realmente, que tenho eu com isso?

— Minha bela amiga — diz o Sr. Tulkinghorn —, faça outra visita aqui ou à casa do Sr. Snagsby e ficará sabendo.

— Nesse caso, o senhor me mandará para a prisão, talvez?

— Talvez.

Seria contraditório para alguém, na situação de aprazível jovialidade de mademoiselle, ter a boca a espumar, de outro modo uma expansão tigrina que se lhe nota nas comissuras poderia dar a impressão de que, um pouquinho mais que fosse, e apareceria ali a espuma.

— Numa palavra, minha senhora — diz o Sr. Tulkinghorn —, lamento ser descortês, mas se a senhora tornar a apresentar-se aqui ou lá sem ser convidada, entregá-la-ei à polícia. Os policiais são muito galantes, mas levam a gente incômoda pelas ruas de uma forma ignominiosa — amarrada a uma tábua, minha boa jovem.

— Hei de mostrar-lhe — murmura mademoiselle, estendendo a mão. — Hei de mostrar-lhe se o senhor ousar fazer isso!

— E se — prossegue o advogado, sem lhe dar atenção — eu a colocar naquela boa situação de ser fechada numa cadeia, passar-se-á algum tempo antes que a senhora se encontre em liberdade de novo.

— Hei de mostrar-lhe — repete mademoiselle, no mesmo murmúrio de antes.

— E agora — continua o advogado, ainda sem fazer caso dela — é melhor que se vá embora. Pense duas vezes antes de vir aqui de novo.

— Pense o senhor — responde ela — duas vezes, duzentas vezes.

— Você foi despedida pela sua patroa — observa o Sr. Tulkinghorn,

acompanhando-a enquanto ela desce as escadas — como a mais implacável e indomável das mulheres. Agora, trate de emendar-se e tome cautela a respeito do que eu lhe disse. Porque o que eu digo, digo mesmo, e as minhas ameaças eu as executo.

Ela desce sem responder nem olhar para trás. Depois que ela sai, Tulkinghorn desce também, e, voltando com uma garrafa coberta de teias de aranha, devota-se ao gozo descansado de apreciar-lhe o conteúdo, dando de vez em quando com os olhos, ao tombar para trás a cabeça, no teimoso romano que aponta lá do teto.

A NARRATIVA DE ESTER

Pouco importa agora quanto pensei em minha mãe viva, que me tinha dito que a considerasse morta para sempre. Não podia aventurar-me a aproximar-me dela, ou comunicar-me com ela por escrito, pois a percepção do perigo no qual a vida dela se passara só podia ser igualada pelos meus temores de aumentar esse perigo. Sabendo que minha mera existência como criatura viva era um perigo imprevisto no seu caminho, nem sempre lograva dominar aquele terror de mim mesma que de mim se apoderara quando conheci o segredo pela primeira vez. Em nenhuma ocasião me atrevia a pronunciar seu nome. Sentia até receio de ouvi-lo. Se a conversa, em qualquer parte onde eu estivesse presente, tomava aquela direção, como muitas vezes naturalmente acontecia, eu procurava não ouvir — punha-me a contar mentalmente, repassava alguma coisa que sabia ou saía da sala. Estou certa agora de que fiz muitas vezes essas coisas, quando não havia sequer perigo de se falar no seu nome. Mas fazia-as com o receio de que eu pudesse ouvir alguma coisa que me levasse a traí-la, e a traí-la por meu intermédio.

Pouco importa agora quantas vezes relembrei o tom de voz de minha mãe, quantas vezes imaginei se ainda o ouviria como tanto desejava. E pensava quão estranho e desolador era que aquilo fosse tão novo para mim. Pouco importa que ficasse atenta a qualquer menção pública do nome de minha mãe; que passasse e tornasse a passar diante da porta de sua casa na cidade, querendo bem àquela casa, mas receosa de olhar para ela; que certa vez tivesse estado no teatro quando minha mãe ali se achava e me viu, estando nós tão profundamente separadas, diante da grande reunião da gente de todas as classes, que qualquer ligação ou confiança entre nós parecia um sonho. Tudo, tudo passou. Minha sina tem sido tão abençoada que pouca coisa posso relatar de mim mesma que não seja uma história de bondade e generosidade da parte dos outros. Posso muito bem deixar passar essas miudezas e continuar.

Quando nos instalamos de novo em nossa casa, Ada e eu tínhamos muitas conversações com meu tutor, sendo Ricardo o tema das mesmas. A minha querida menina sentia-se profundamente magoada por vê-lo tratar de modo tão ofensivo o seu bondoso primo. Mas era tão fiel a Ricardo que não podia tolerar que o censurassem, ainda que por isso. Meu tutor sabia-o muito bem e nunca lhe citava o nome acompanhando-o de qualquer palavra de exprobração. — Rick está enganado, minha querida — dizia ele a Ada. — Todos nós temo-nos enganado muitas e muitas vezes. Devemos confiar em você e no tempo para pô-lo como antes.

Soubemos mais tarde o que então suspeitávamos, isto é, que ele só entregou a solução do caso ao tempo depois de haver tentado várias vezes abrir os olhos de Ricardo. Escrevera-lhe, fora ter com ele, conversara com ele, tentara todos os meios delicados e persuasivos que sua bondade lhe sugeria. Nosso pobre Ricardo mostrou-se surdo e cego a tudo. Se estivesse errado — dizia — pediria desculpas quando o processo judiciário acabasse. Se estivesse tateando no escuro, nada de melhor poderia fazer do que esforçar-se até o máximo para espantar aquelas nuvens nas quais tanta coisa era confusa e obscura. Suspeita e incompreensão eram o ponto fraco do processo? Então que o deixassem levar o processo adiante e através dele alcançar a solução justa. Era essa sua invariável resposta. “Jarndyce e Jarndyce” tinha-se apoderado de tal maneira de toda a sua natureza, que era impossível pôr-lhe diante dos olhos qualquer consideração que ele não convertesse, com uma tortuosa espécie de raciocínio, num novo argumento em favor do que estava fazendo. — De modo que é até mais prejudicial — disse certa vez o meu tutor — discutir com o pobre rapaz do que deixá-lo em paz.

Aproveitei uma dessas oportunidades para expor as dúvidas que eu tinha a respeito de ser o Sr. Skimpole um bom conselheiro para Ricardo.

— Conselheiro! — repetiu meu tutor, rindo. — Minha querida, quem iria pedir conselhos a Skimpole?

— Estimulador talvez fosse o termo mais adequado — disse eu.

— Estimulador! — repetiu de novo o Sr. Jarndyce. — Quem poderia ser estimulado por Skimpole?

— Nem Ricardo? — perguntei.

— Nem Ricardo. Uma criatura tão imaterial, tão sem cálculo, tão

delicada, será talvez um alívio para ele, talvez uma distração. Mas não se deve pensar que uma criatura tão pueril como Skimpole possa servir de conselheiro ou de estimulante, ou ocupar qualquer situação séria em relação a alguém ou a alguma coisa.

— Diga-me, primo João — disse Ada, que acabara de juntar-se a nós e olhava agora por cima do meu ombro —, que foi que o tornou tão infantil?

— Que foi que o tornou tão infantil? — repetiu meu tutor, coçando a cabeça, um tanto embaraçado.

— Sim, primo João.

— Ora — respondeu ele devagar, coçando com mais força a cabeça —, ele é todo sentimento e... suscetibilidade e... sensibilidade e... imaginação. E essas qualidades não são nele reguladas de maneira alguma. Suponho que as pessoas que o admiraram por causa dessas qualidades, na sua mocidade, ligaram-lhes demasiada importância e muito pouca a qualquer educação que as houvesse contrabalançado e ajustado. E assim ele tornou-se o que é. Então? — perguntou meu tutor, parando de repente e olhando para nós, cheio de esperança. — Que é que vocês duas pensam?

Ada, relanceando os olhos para mim, disse que era pena que ele fosse uma fonte de despesa para Ricardo.

— É mesmo, é mesmo — confirmou meu tutor apressadamente. — Mas não deve ser. Temos que dar um jeito nisso. Tenho de impedi-lo. Isso assim não serve.

E eu disse que me parecia lamentável que ele tivesse apresentado Ricardo ao Sr. Vholes, presenteando-o este com cinco libras.

— Fez isso? — perguntou meu tutor, com uma sombra passageira de vexame no rosto. — Mas aí têm vocês o homem. Aí têm vocês o homem! Ele não o fez com espírito mercenário, pois não tem ideia do valor do dinheiro. Apresenta Ricardo, e depois, estando em boas relações com o Sr. Vholes, pede a este emprestadas cinco libras. Com isso não tem segundas tenções, porque acha tudo muito natural. Sou capaz de garantir que foi ele mesmo quem lhes contou, não foi?

— Foi sim — disse eu.

— Exatamente! — exclamou, todo triunfante, o meu tutor. — Aí têm

vocês o homem! Se ele pusesse nisso alguma maldade, se tivesse certeza de que nisso haveria algum mal, não o teria contado. Contou-o da mesma maneira que o fez, por mera simplicidade. Mas vocês vão vê-lo em sua própria casa e aí hão de compreendê-lo melhor. Devemos fazer uma visita a Skimpole e acautelá-lo a respeito desses pontos. Vejam vocês, minhas filhas, que criança, que criança!

Executando esse plano, seguimos para Londres um dia bem cedo, e batemos à porta do Sr. Skimpole.

Morava ele num lugar denominado o Polígono, em Somers Town, onde havia naquele tempo numerosos refugiados espanhóis pobres, andando por ali de jaqueta, fumando charutinhos de papel. Se ele era melhor inquilino do que se poderia supor, em consequência de estar sempre seu amigo Fulano pagando afinal seu aluguel, ou se sua inaptidão para negócios tornasse muito difícil despedi-lo, não sei. O certo é que ele ocupava a mesma casa havia alguns anos. Achava-se ela no estado de ruína que era de esperar. Duas ou três grades da área haviam desaparecido, a caixa d'água estava quebrada, a aldraba da porta estava solta, o cordel da campainha fora arrancado havia muito, a julgar pela ferrugem do arame; só marcas sujas de pé nos degraus eram os únicos sinais de que a casa estava habitada.

Uma moça desmazelada e bojudia, que parecia querer rebentar pelas fendas da saia e pelas rachaduras dos sapatos, à semelhança duma baga muito madura, respondeu à nossa batida abrindo um pouquinho a porta, cuja brecha ficou obstruída com a sua figura. Como conhecia o Sr. Jarndyce (na verdade eu e Ada tivemos a impressão de que ela evidentemente estabelecia uma relação entre o nome dele e o recebimento do seu próprio salário) imediatamente se mostrou benévola e permitiu que entrássemos. Estando desconjuntado o ferrolho da porta, ela tratou de fechá-la com a corrente, que também não estava em boas condições, e convidou-nos a subir.

Subimos ao primeiro andar, não vendo ainda mobília nenhuma e vendo somente sujas marcas de pés. O Sr. Jarndyce, sem mais cerimônias, entrou numa sala e nós o acompanhamos. Estava bastante escura e nada limpa, mas mobiliada com uma espécie de luxo barato, com um grande supedâneo, um sofá e numerosas almofadas, uma poltrona e vários travesseiros, um piano, livros, material de desenho, músicas, jornais e alguns esboços e quadros. Uma vidraça quebrada, numa das sujas janelas, estava tapada com papel, preso por

obreias. Em cima da mesa via-se um pequeno prato com pêssegos de estufa, outro com uvas, outro com pão de ló e uma garrafa de vinho branco. Quanto a Skimpole, estava reclinado no sofá, de roupão, bebendo um café cheiroso numa velha xícara de porcelana (era mais ou menos meio-dia) e contemplando uma coleção de goiveiros amarelos no balcão.

Não ficou absolutamente desconcertado com o nosso aparecimento, mas levantou-se e recebeu-nos na sua maneira habitual, cheia de jovialidade.

— Aqui estou eu, como veem! — disse, depois que nos sentamos, não sem alguma dificuldade, pois quase todas as cadeiras estavam quebradas. — Aqui estou eu! Este é o meu frugal almoço. Alguns homens querem pernas de vaca e de carneiro para o almoço. Eu não. Deem-me pêssago, minha xícara de café e meu clarete, e estou contente. Não gosto deles por eles mesmos, mas porque me recordam o sol. Nada há de solar nas pernas de vaca e de carneiro, mera satisfação animal!

— Este é o consultório do nosso amigo (ou deveria ser, se alguma vez receitasse), o seu santuário, o seu quarto de trabalho — disse-nos o meu tutor.

— Sim — disse o Sr. Skimpole, voltando o rosto brilhante numa revista ao quarto —, esta é a gaiola do pássaro. É aqui que o pássaro mora e canta. Arrancam-lhe as penas de vez em quando e cortam-lhe as asas. Mas ele canta, canta!

Ofereceu-nos as uvas, repetindo com a sua maneira comunicativa: — Ele canta! Não é uma música ambiciosa, mas ainda assim canta.

— Estão muito boas — disse o meu tutor. — Foi presente?

— Não — respondeu ele. — Não! Certo jardineiro amável as vende. Seu empregado, quando as trouxe na tarde passada, queria saber se deveria esperar pelo dinheiro. “Realmente, meu amigo”, disse eu, “acho que não, se é que você dá algum valor ao seu tempo.” Suponho que dava, porque foi-se embora.

Meu tutor olhou para nós, sorrindo, como se nos perguntasse: “É possível levar a sério semelhante criança?”

— Este é um dia — disse o Sr. Skimpole, tomando alegremente um pouco de clarete — que será sempre memorado aqui. Chamá-lo-emos o dia de Santa Clare e de Santa Summerson. Deviam ver minhas filhas. Tenho uma de olhos azuis, chamada Beleza, outra Sentimento e outra Comédia. Deviam vê-

las todas. Elas ficarão encantadas.

Ia chamá-las, quando meu tutor interveio pedindo-lhe que esperasse um pouco, visto como queria dizer-lhe uma palavra antes.

— Meu caro Jarndyce — respondeu ele alegremente, voltando para o seu sofá —, tanto tempo quanto você queira. De tempo não se cogita aqui. Nunca sabemos que horas são, nem nos importa saber. Você vai dizer-me que não é essa a maneira de progredir na vida. Decerto. Mas nós não progredimos na vida. Não fazemos questão disso.

Meu tutor olhou de novo para nós, dizendo claramente: — Ouviram?

— Agora, Haroldo — começou ele —, o que tenho a dizer-lhe relaciona-se com Ricardo.

— O amigo mais querido que possuo! — volveu o Sr. Skimpole, cordialmente. — Creio que ele não deveria ser o meu amigo mais querido, uma vez que não está em boas relações com você. Mas é. Que hei de fazer? Está repleto de poesia juvenil, e eu gosto dele. Se isso não agrada a você, paciência! Mas gosto dele.

A franqueza insinuante com que fez essa declaração tinha realmente uma aparência desinteressada que cativou meu tutor, se não o fez, no momento, em relação a Ada também.

— Você pode gostar dele quanto quiser e está muito bem — redarguiu o Sr. Jarndyce — mas é nosso dever poupar-lhe a bolsa, Haroldo.

— Oh! — exclamou o Sr. Skimpole. — A bolsa? Agora você está chegando a um ponto que não compreendo.

Tomando mais um pouco de clarete e mergulhando nele um dos bolos, sacudiu a cabeça e sorriu para Ada e para mim, como para dar a entender ingenuamente que nunca seria capaz de compreender nada daquilo.

— Se você anda com ele de um lugar para outro — disse meu tutor com toda a franqueza —, nunca deve permitir que ele pague por ambos.

— Meu caro Jarndyce — retorquiu o Sr. Skimpole, com o rosto jovial como que luminoso diante da comicidade da ideia —, que hei de fazer? Se ele me leva para toda a parte, tenho de ir. E como posso pagar se nunca tenho nenhum dinheiro? Se eu tivesse algum dinheiro, não saberia como arranjar-me. Suponhamos que perguntasse a um homem: quando devo? Suponhamos

que o homem responda: sete e seis *pence*. Não entendo absolutamente esse negócio de sete e seis *pence*. É-me impossível prosseguir no assunto, com qualquer consideração pelo homem. Não hei de sair a perguntar a toda gente ocupada o que quer dizer sete e seis *pence* em árabe, língua que não entendo. Por que haveria eu de andar a perguntar-lhes o que quer dizer sete e seis *pence* em dinheiro — coisa que também não entendo?

— Bem — disse meu tutor, de modo algum aborrecido com essa cândida explicação. — Se você tiver de fazer qualquer viagem com Rick, deve pedir emprestado o dinheiro a mim (sem nunca fazer a menor alusão a esse particular) e deixar que ele faça o cálculo.

— Meu caro Jarndyce, farei tudo para agradar-lhe, mas isso me parece uma formalidade ociosa, uma superstição. Além disso, dou-lhes minha palavra, Miss Clare e minha cara Miss Summerson, eu pensava que o Sr. Carstone era imensamente rico. Pensei que para pagar alguma coisa bastava ele assinar uma promissória, uma ordem, um cheque ou uma nota, ou rascunhar qualquer coisa num documento qualquer, e logo desencadeava um chuva de dinheiro.

— A verdade é muito outra — disse Ada. — Ele é pobre.

— Não diga! — replicou o Sr. Skimpole, com seu costumeiro sorriso — a senhorita me surpreende.

— E não ficando mais rico por confiar num caniço podre — disse meu tutor, pousando enfaticamente a mão na manga do Sr. Skimpole — tenha você todo o cuidado de não incitá-lo nessa confiança, Haroldo.

— Meu caro, meu bom amigo — retruca o Sr. Skimpole —, minha cara Miss Summerson e minha cara Miss Clare, como posso eu fazer isso? Isso é negócio, e eu de negócios não entendo. É ele quem me incita. Ele emerge de grandes proezas em negócios, põe diante de meus olhos as mais brilhantes perspectivas como resultado deles, e convida-me a admirá-las. Admiro-as — como perspectivas brilhantes. Mas nada mais sei a respeito disso, e assim lhe falo.

A espécie de candura irremediável com que nos expunha isso, a maneira leviana com que sua própria ingenuidade o divertia, o modo fantástico com que se punha sob a sua própria proteção e argumentava a respeito daquela curiosa pessoa, combinavam-se com a deliciosa facilidade de tudo quanto

dizia para compreender exatamente o caso do meu tutor. Quanto mais eu o via, tanto mais improvável me parecia, quando ele estava presente, que ele fosse capaz de planejar, ocultar ou influenciar qualquer coisa; e contudo tanto menos provável isso parecia quando ele não estava presente, e tanto menos agradável era pensar que ele tivesse alguma coisa que ver com qualquer pessoa pela qual eu me interessava.

Ouvindo dizer que estava terminado o seu exame (segundo o seu modo de dizer), o Sr. Skimpole deixou o aposento com a fisionomia radiante para ir buscar suas filhas (seus filhos tinham tomado rumo em diferentes ocasiões), deixando muito contente o meu tutor pela maneira com que ele justificara sua índole pueril. Voltou sem demora, trazendo consigo as três moças e a Sra. Skimpole, que fora bela outrora, mas era agora uma mulher doente e débil, de nariz fino, sofrendo uma série de moléstias complicadas. — Esta é a minha filha Beleza — disse o Sr. Skimpole —, de nome Aretusa, toca e canta coisas e loisas como o pai. Esta é a minha filha Sentimento, cujo nome é Laura. Toca um pouco, mas não canta. Esta é a minha filha Comédia, chamada Kitty, canta um pouco, mas não toca. Todos nós desenhamos um pouco, compomos um pouco, e nenhum de nós tem qualquer ideia de tempo ou de dinheiro.

A Sra. Skimpole suspirou, pensei, como se significasse que folgaria de ver riscado esse item dentre as qualidades da família. Pensei também que ela procurava causar impressão com seu suspiro no meu tutor e que não perdia oportunidade de dar algum outro.

— É divertido — disse o Sr. Skimpole, correndo os olhos vivos de uma para outra de nós — e extremamente interessante traçar as singularidades das famílias. Nesta família somos todos crianças e eu sou a mais moça.

As filhas, que pareciam gostar muito dele, mostraram-se divertidas com esse fato cômico, particularmente a filha alcunhada Comédia.

— Minhas queridas, é verdade — disse o Sr. Skimpole —, não é mesmo? Assim é e assim deve ser, porque, como os cães no hino, “é essa a nossa natureza”. Ora, aqui está Miss Summerson, com uma bela capacidade administrativa e uma ciência dos detalhes perfeitamente surpreendente. Miss Summerson estranhará muito, ousou dizê-lo, quando souber que nesta casa não conhecemos costeletas. Mas não conhecemos mesmo, nem um tico. Não sabemos cozinhar seja lá o que for. Agulha e linha são coisas que não sabemos usar. Admiramos as pessoas que possuem a sabedoria prática de que

carecemos, mas não altercamos com elas. Então por que haveriam elas de alterar conosco? Vivam e deixem-nos viver — é o que lhes dizemos. Vivam da sua sabedoria prática e deixem-nos viver dos resultados dela!

Ria, mas, corno de costume, parecia inteiramente cândido e parecia realmente dizer o que lhe ia na alma.

— Nós temos simpatia, minhas rosas — disse o Sr. Skimpole —, simpatia por tudo. Não temos?

— Oh, sim, papai! — gritaram as três filhas.

— De fato, é este o nosso departamento doméstico — disse o Sr. Skimpole — nesta vida tumultuosa. Nós somos capazes de manter-nos como espectadores e de interessar-nos. E é o que fazemos — somos espectadores e nos interessamos. Que mais podemos fazer? Aqui está minha filha Beleza, casada há três anos. Ouso dizer que o fato de ter-se ela casado com outra criança e ter mais duas foi um grande erro do ponto de vista da economia política: mas foi muito agradável. Temos nossas festinhas nessas ocasiões e trocamos ideias sociais. Ela trouxe seu jovem marido aqui para casa um dia e eles e suas avezinhas arranjaram seu ninho lá em cima. Atrevo-me a dizer que um belo dia Sentimento e Comédia trarão seus maridos aqui para casa e também arrumarão seus ninhos lá em cima. Assim iremos para a frente, não sei como, mas iremos.

Ela parecia bastante jovem, na verdade, para ser mãe de duas crianças, e eu não pude deixar de ter pena tanto dela como das crianças. Era evidente que as três filhas tinham crescido à vontade e tinham recebido um pouco de instrução ao acaso, suficiente para habilitá-las a ser o divertimento de seu pai nas suas horas de maior ócio. Os gostos pictóricos dele eram consultados, segundo notei, nos respectivos estilos de usarem o cabelo: a filha Beleza, à maneira clássica; Sentimento, luxuriante e solto; e Comédia, em forma de arco, com uma grande parte de testa brilhante e petulantes anéis de cabelo circundando os cantos dos olhos. Trajavam-se correspondentemente, conquanto de um modo muito negligente e desalinhado.

Ada e eu conversamos com aquelas jovens senhoras e achamo-las maravilhosamente semelhantes ao pai. Entrementes, o Sr. Jarndyce (que tinha estado esfregando a cabeça numa grande extensão, dando a entender a proximidade de uma mudança no vento) conversava com a Sra. Skimpole a um canto, durante a qual não pudemos deixar de ouvir o tinido de dinheiro. O

Sr. Skimpole havia-se antes proposto a acompanhar-nos até nossa casa e com este fim se retirara para mudar a roupa.

— Minhas rosas — disse ele quando voltou —, cuidem da mamãe. Ela não está passando bem hoje. Indo à casa do Sr. Jarndyce por um dia ou dois, ouvirei as cotovias cantarem e conservarei a minha amabilidade. Vocês sabem que ela tem sido posta à prova e sofrerá nova provação se eu permanecer em casa.

— Aquele homem ruim! — disse Comédia.

— Na mesma ocasião em que ele soube que papai jazia doente ao lado de seus goiveiros amarelos, contemplando o céu azul — queixou-se Laura.

— E quando o cheiro de feno estava no ar — comentou Aretusa.

— Isso revelou uma falta de poesia no homem — disse o Sr. Skimpole, mas de inteiro bom humor. — Foi uma grosseria. Houve nisso uma ausência dos mais belos toques de humanidade! Minhas filhas sentiram-se muito ofendidas — explicou-nos ele — com um homem honesto...

— Honesto, não, papai! Impossível! — protestaram todas três.

— Com um indivíduo rude — espécie de ouriço-cacheiro humano enrolado — disse o Sr. Skimpole — que exerce a profissão de padeiro nesta vizinhança, e a quem pedimos emprestado um par de cadeiras de braços. Precisávamos de duas cadeiras de braços e não as tínhamos. Por isso, naturalmente procuramos um homem que as tivesse, para emprestá-las. Pois bem, aquele bronco sujeito emprestou-as e nós as usamos muito. Quando elas ficaram estragadas, ele quis que lhas devolvêssemos. Devolvemo-las. Deu-se por satisfeito, dirão vocês. Nada disso. Reclamou por estarem gastas. Argumentei com ele e aponte o seu engano, dizendo-lhe: “Poderá você, nessa idade, ser tão cabeçudo, meu amigo, que persista em pensar que uma cadeira de braços é uma coisa que a gente ponha em cima de uma prateleira para olhar para ela? Que é um objeto de contemplação para examinar a distância e observar de certo ângulo? Não *sabe* que essas cadeiras de braços foram pedidas de empréstimo para servirem de assento?” Mostrou-se avesso a argumentos e persuasão, e usou uma linguagem destemperada. Tão calmo como estou agora, dirigi-lhe novo apelo. Disse: “Ora, meu bom homem, por mais variadas que sejam as nossas capacidades profissionais, todos nós somos filhos de uma grande mãe, a Natureza. Nesta florida manhã de verão, aqui

onde me vê (eu estava sentado no sofá), com flores diante de mim, frutas em cima da mesa, acima de minha cabeça o céu sem nuvens, o ar cheio de fragrância, contemplo a Natureza. Rogo-lhe, em nome de nossa comum, fraternidade, que não interponha entre mim e um assunto tão sublime a absurda figura de um padeiro encolerizado!” Mas ele se interpôs — disse o Sr. Skimpole erguendo as risonhas sobrancelhas num divertido espanto — interpôs aquela ridícula figura, interpõe e interporá de novo. Por conseguinte, sinto-me muito satisfeito em afastar-me do caminho dele e ir à casa de meu amigo Jarndyce.

Pareceu escapar à sua consideração que à Sra. Skimpole e às filhas ficava a maçada de receberem o padeiro. Mas era essa uma história tão velha para todos naquela casa, que se tornava uma coisa muito natural. Despediu-se de sua família com uma ternura tão aérea e graciosa como qualquer outro aspecto em que costumava mostrar-se, e partiu conosco numa perfeita harmonia de pensamento. Tivemos oportunidade de ver, através de algumas portas abertas, enquanto descíamos a escada, que o aposento dele era um palácio em comparação com o resto da casa.

Eu não podia prever, e não previ, que uma coisa muito surpreendente para mim no momento e para sempre memorável pelo que dela resultou, estava para acontecer antes que o dia terminasse. O nosso hóspede mostrou-se tão animado, no caminho de casa, que me limitei a ouvi-lo e admirá-lo. Não estava sozinha nisso, pois Ada se via presa de igual fascinação. Quanto ao meu tutor, o vento, que tinha ameaçado fixar-se a leste quando deixamos Somers Town, virou completamente de direção, antes que tivéssemos feito um par de milhas.

Se noutros pontos podia ser discutível a puerilidade do Sr. Skimpole, em se tratando de uma mudança e de tempo bonito, mostrava ele uma alegria infantil. De modo algum fatigado de suas facécias pelo caminho, chegou ao salão antes de qualquer de nós, e ouvi-o ao piano, enquanto eu estava a cuidar de minhas obrigações domésticas, cantando estribilhos de barcarolas e canções báquicas, italianas e alemãs, em quantidade.

Estávamos todos reunidos, pouco antes do jantar, e ele se achava ainda ao piano, arrancando das teclas, na sua maneira exuberante, pequenos trechos de música, e falando, durante os intervalos, em acabar no dia seguinte alguns esboços das ruínas do muro da velha Verulâmio, que ele começara havia um

ano ou dois e de que se tinha cansado, quando foi trazido um cartão que o meu tutor leu em voz alta num tom de surpresa: — Sir Leicester Dedlock!

O visitante se achava na sala enquanto esta andava ainda à roda comigo e antes de eu ter forças para mexer-me. Se as tivesse tido, teria fugido. No meu atordoamento, não tive sequer a presença de espírito de ir ter com Ada à janela, não vi a janela nem soube onde esta se encontrava. Ouvi meu nome e percebi que meu tutor me estava apresentando, antes que eu pudesse dirigir-me para uma cadeira.

— Tenha a bondade de sentar-se, Sir Leicester.

— Sr. Jarndyce — disse Sir Leicester em resposta, enquanto se curvava e sentava —, tenho a honra de vir aqui...

— A honra é toda minha, Sir Leicester.

— Obrigado... de vir aqui, de volta de Lincolnshire, para exprimir meu pesar de que qualquer causa de queixa, embora forte, que eu possa ter contra um cavalheiro conhecido seu e que tem sido seu hóspede e ao qual por isso nenhuma referência mais farei, possa ter impedido o senhor e as senhoras sob sua guarda de verem o pouco que possa existir em condições de satisfazer um gosto polido e refinado, em minha casa, Chesney Wold.

— O senhor é excessivamente cortês, Sir Leicester, e da parte das senhoras aqui presentes e da minha parte, agradeço-lhe muitíssimo.

— É possível, Sr. Jarndyce, que o cavalheiro a quem, pelas razões que mencionei, evito fazer qualquer outra alusão — é possível, Sr. Jarndyce, que aquele cavalheiro possa ter-me feito a honra de tão mal compreender o meu caráter, a ponto de induzir o senhor a acreditar que o senhor seria recebido pelo pessoal da minha propriedade de Lincolnshire com aquela urbanidade e aquela cortesia que todos, de acordo com minhas expressas instruções, devem mostrar a senhoras e cavalheiros que se apresentam naquela casa. Rogo-lhe apenas se convença de que é precisamente o contrário.

Meu tutor delicadamente deixou passar essa observação sem dar nenhuma resposta verbal.

— Causou-me pesar, Sr. Jarndyce — continuou monotonamente Sir Leicester —, posso garantir-lhe, causou-me pesar saber pela governanta de Chesney Wold que um cavalheiro que se achava na companhia do senhor

naquela parte do condado, e que demonstrava possuir cultivado gosto pelas Belas-Artes, foi igualmente impedido, por motivo semelhante, de examinar os retratos da família com aquele vagar, aquela atenção, aquele cuidado, que talvez fosse do seu desejo e que alguns desses retratos talvez pudessem ter recompensado.

Aqui exibiu um cartão e leu, com bastante gravidade e um pouco de embaraço através dos óculos: — Sr. Hirolido... Heraldo... Haraldo... Skampling... Skumpling... queira desculpar-me... Skimpole.

— É este o Sr. Haroldo Skimpole — disse meu tutor, evidentemente surpreendido.

— Oh! — exclamou Sir Leicester. — Sinto-me feliz por poder conhecer pessoalmente o Sr. Skimpole e ter a oportunidade de apresentar-lhe minhas desculpas pessoais. Espero, senhor, que, quando de novo se encontrar naquela minha herdade, não sofra mais semelhante restrição.

— O senhor me sensibiliza extremamente, Sir Leicester Dedlock. Com tal estímulo, por certo não hei de privar-me do prazer e do proveito de outra visita ao seu belo solar. Os proprietários de lugares como Chesney Wold — disse o Sr. Skimpole, com seu habitual ar feliz e franco — são benfeitores públicos. São bastante bons para manterem grande número de finos objetos para a admiração e o prazer de pobres homens como nós: e não colher toda a admiração e o prazer que esses objetos oferecem é mostrar ingratidão para com os nossos benfeitores.

Sir Leicester parecia aprovar altamente esse sentimento.

— O senhor é um artista?

— Não — tornou o Sr. Skimpole. — Um homem inteiramente ocioso. Um simples amador.

Sir Leicester pareceu aprovar isso ainda mais. Esperava — disse — poder ter a boa sorte de achar-se em Chesney Wold quando o Sr. Skimpole fosse na próxima vez a Lincolnshire. O Sr. Skimpole confessou-se bastante lisonjeado e honrado.

— O Sr. Skimpole disse — prosseguiu Sir Leicester, dirigindo-se de novo ao meu tutor —, disse à governanta, a qual como ele há de ter observado, é uma antiga e afeiçãoada criada da família...

(Isto é, quando visitei a casa no outro dia, por ocasião de minha visita a Miss Summerson e Miss Clare — explicou-nos o Sr. Skimpole ligeiramente.) — ... que o amigo com quem ele tinha estado ali anteriormente era o Sr. Jarndyce. — E Sir Leicester curvou-se diante do dono deste nome. — E daí vim a saber da circunstância, pela qual acabo de exprimir o meu pesar. Que isso pudesse ter ocorrido a qualquer cavalheiro, Sr. Jarndyce, mas especialmente a um cavalheiro conhecido antigo de Lady Dedlock e que pode até alegar algum distante parentesco com ela, e a quem (conforme soube de minha própria esposa) ela dedica elevado respeito, posso garantir-lhe que me causa pesar.

— Por favor, Sir Leicester, não é preciso acrescentar mais nada a esse respeito — respondeu meu tutor. — Muito me sensibiliza, como estou certo sensibiliza a todos nós, a sua consideração. Na verdade, o engano foi meu e devo pedir-lhe desculpas.

Eu não tinha uma vez sequer levantado os olhos. Não vira o visitante e até afigurou-se-me que não tinha ouvido a conversa. Surpreende-me ver que posso recordá-la, pois pareceu não me causar impressão enquanto se ecalizou. Ouvia-os falar, mas minha mente estava tão confusa e meu instintivo afastamento daquele cavalheiro tornava sua presença tão aflitiva para mim, que pensei que não compreendia nada por causa do torvelinho que ia pela minha cabeça e do descompassado bater do meu coração.

— Mencionei o assunto a Lady Dedlock — disse Sir Leicester, levantando-se — e minha mulher informou-me que tinha tido o prazer de trocar algumas palavras com o Sr. Jarndyce e suas pupilas, por ocasião de um encontro accidental durante a estada dos mesmos na vizinhança. Permita-me, Sr. Jarndyce, que lhe repita e a essas senhoras a certeza do que já exprimi ao Sr. Skimpole. As circunstâncias sem dúvida impedem-me de dizer que me causaria satisfação saber que o Sr. Boythorn houvesse favorecido minha casa com sua presença; mas aquelas circunstâncias abrangem exclusivamente aquele cavalheiro e dele não passam.

— Vocês sabem a minha antiga opinião a respeito dele — disse o Sr. Skimpole, dirigindo-se levianamente a nós. — Um touro amável, decidido a tornar escarlates todas as cores!

Sir Leicester Dedlock tossiu, como se não lhe fosse possível ouvir nenhuma outra palavra referente a um tal indivíduo, e despediu-se com

grande cerimônia e polidez.

Subi para o meu quarto com toda a pressa possível e ali fiquei até recuperado o domínio de mim mesma. Estivera bastante conturbada, mas foi-me grato verificar, quando de novo desci, que eles só zombavam de mim por ter eu estado tímida e muda diante do grande baronete de Lincolnshire.

Por aquele tempo estava plenamente convencida que havia chegado a época de comunicar ao meu tutor o que sabia. A possibilidade de ser eu posta em contato com minha mãe, de ser levada à sua casa — de receber finezas e atenções do seu marido, mesmo por intermédio do Sr. Skimpole, por mais distantemente relacionado que este estivesse comigo — era-me tão penosa que percebi que já não me era possível guiar-me sem o auxílio dele.

Quando nos retiramos para dormir e Ada e eu terminamos nossa conversa habitual no nosso lindo quarto, saí de novo e procurei meu tutor entre seus livros. Eu sabia que ele costumava sempre ler àquela hora, e, ao aproximar-me, vi a luz que de sua lâmpada de leitura se projetava pelo corredor.

— Posso entrar, tutor?

— Decerto, mulherzinha. Que é que há?

— Nada. Pensei que me seria agradável aproveitar este momento de sossego para dizer-lhe uma palavra a meu respeito.

Ele me deu uma cadeira, fechou o livro, colocou-o de lado e voltou para mim seu rosto bondoso e atento. Não pude deixar de observar que ele apresentava a mesma curiosa expressão que eu já observara nele uma vez antes — naquela noite em que ele dissera que não tinha nenhuma preocupação que eu pudesse compreender prontamente.

— O que lhe diz respeito, minha cara Ester — disse ele —, diz respeito a nós. Sou todo ouvidos.

— Sei disso, tutor, mas tenho tanta necessidade de seu conselho e apoio! Oh! o senhor não sabe quanta necessidade disso tenho esta noite.

Ele mostrou-se surpreendido diante da minha seriedade e até um pouco alarmado.

— Oh! como tenho estado ansiosa para falar-lhe depois da visita desta noite!

— A visita, minha querida! Sir Leicester Dedlock?

— Sim.

Cruzou os braços e sentou-se, olhando para mim com um ar do mais profundo espanto, esperando o que eu poderia dizer em seguida. Não sabia como prepará-lo.

— Ora, Ester — disse ele, sorrindo —, nosso visitante e você são as duas últimas pessoas na Terra que eu poderia ter pensado em relacionar uma com a outra! — Oh! sim, tutor, sei disso. E eu também, mas até bem pouco tempo.

O sorriso desapareceu de seu rosto e ele tornou-se mais grave que antes. Foi até a porta para ver se estava fechada (coisa que eu já tivera a precaução de fazer) e voltou a sentar-se diante de mim.

— Tutor — disse eu —, lembra-se de que, quando fomos surpreendidos pela tempestade, Lady Dedlock falou com o senhor a respeito da irmã?

— Sem dúvida. Lembro-me, sim.

— E recorda-se de que, tendo ela e sua irmã vindo a desentender-se, cada qual “havia seguido seu caminho”?

— Sem dúvida.

— Por que se separaram elas, tutor?

Seu rosto alterou-se inteiramente, ao olhar ele para mim.

— Minha querida, que perguntas são essas? Nunca soube. Creio que ninguém, senão elas mesmas, o sabia. Quem poderia dizer quais eram os segredos daquelas duas belas e orgulhosas mulheres? Você viu Lady Dedlock. Se tivesse conhecido a irmã dela, haveria de verificar que era tão resoluta e ativa como a outra.

— O tutor, via-a muitas e muitas vezes!

— Viu-a?

Parou um pouco, mordendo o lábio.

— Então, Ester, quando você me falou há muito tempo de Boythorn e quando eu lhe disse que ele uma vez quase havia casado e que a dama não morreu, mas morrera para ele, e que aquela época tivera grande influência sobre sua vida posterior, você sabia de tudo e sabia quem era a mulher?

— Não, tutor — respondi, cheia de medo da luz que se me fazia vagamente no espírito. — Nem sei ainda.

— Era irmã de Lady Dedlock.

— E por que — mal pude perguntar-lhe —, por que, tutor, rogo-lhe que me diga por que se separaram *elas*?

— A resolução foi da mulher, e ela conservou os secretos motivos no seu inflexível coração.

Depois ele conjecturou (mera conjectura, porém) que alguma ofensa que o orgulhoso espírito da dama havia recebido, causada numa contenda com a irmã, a ferira além de quanto é possível imaginar-se; mas ela escreveu a Boythorn que da data daquela carta em diante podia considerá-la morta — o que realmente fez — e que essa resolução era determinada nela pelo conhecimento que tinha do temperamento altivo e do senso rígido de honra que ele, Boythorn, possuía, sentimentos esses que ela também partilhava. Em consideração a esses pontos capitais nele e mesmo em consideração a eles em si própria, fazia aquele sacrifício, disse ela, e queria viver e morrer nele. Acredito que tenha feito ambas as coisas. Certamente ele nunca mais a viu, nem mais ouviu falar a seu respeito desde aquela hora. Nem mais ninguém teve notícias dela.

— Oh, tutor, que fiz eu! — exclamei, dando largas ao meu pesar. — Quanta tristeza inocentemente causei!

— Você, Ester?

— Sim, tutor. Inocentemente, mas eu mesma, sem sombra de dúvida. Aquela irmã reclusa é a minha primeira recordação.

— Impossível! — gritou ele, num sobressalto.

— Sim, tutor, sim! E a irmã dela é minha mãe!

Quis repetir-lhe todo o conteúdo da carta de minha mãe, mas ele não quis ouvi-la então. Falou-me de maneira tão terna e tão sábia, pôs-me com toda a clareza diante dos olhos tudo quanto eu mesma havia de modo imperfeito pensado e esperado no meu melhor estado de espírito, que, penetrada como sempre estivera de fervorosa gratidão para com ele durante tantos anos, acreditei que nunca o amara tão entranhadamente, nunca lhe agradecera em meu coração tão plenamente como o fiz naquela noite. E quando ele me levou

para o meu quarto e me beijou junto à porta, e quando por fim me deitei para dormir, meu pensamento foi imaginar como poderia eu dedicar-me bastante, como poderia ser bastante boa, como poderia com minhas poucas forças esperar ser bastante desprendida e bastante devotada a ele e bastante útil a todos, para demonstrar-lhe quanto o abençoava e quanto o venerava.

A CARTA E A RESPOSTA

Na manhã seguinte meu tutor chamou-me a seu quarto e então eu lhe disse o que não tinha sido dito na noite anterior. Nada se poderia fazer, disse ele, senão guardar o segredo e evitar outro encontro como o de ontem. Compreendia meus sentimentos e compartilhava-os inteiramente. Encarregou-se mesmo de impedir que o Sr. Skimpole se prevalecesse da oportunidade que se lhe oferecia. Uma pessoa, cujo nome não era preciso dizer-me, precisava agora de conselho ou auxílio que ele não podia dar. Desejava fazê-lo, mas tal coisa não era possível. Se a desconfiança que ele tinha do advogado a quem mencionara fosse fundada, o que meu tutor mal punha em dúvida, ele receava a revelação do segredo. O Sr. Jarndyce o conhecia um pouco, de vista e por ouvir dizer, e o certo é que ele era um homem perigoso. Acontecesse o que acontecesse, afirmava-me ele repetidas vezes com ansiosa afeição e bondade, eu era tão inocente como ele próprio e alheia a qualquer influência.

— Nem compreendo — dizia ele — que possam surgir quaisquer dúvidas em torno de você, minha querida. Muita suspeita pode existir sem essa relação.

— Com o advogado — volvi eu. — Mas duas outras pessoas têm-me vindo ao pensamento desde que a ansiedade me dominou.

Falei-lhe então do Sr. Guppy, que eu receava pudesse ter tido vagas suspeitas quando eu pouco compreendia suas intenções, mas em cujo silêncio depois de nossa última entrevista eu tinha perfeita confiança.

— Bem — observou o meu tutor. — Então podemos pô-lo de parte no momento. Qual é a outra?

Lembrei-lhe a criada francesa e a ardorosa oferta que me fizera de seus serviços.

— Ah! — refletiu ele — essa assusta mais que o escrevente. Mas afinal,

minha querida, ela estava apenas buscando um novo emprego. Vira você e Ada um pouco antes e era natural que pensasse em vocês. Propôs-se simplesmente para criada. Nada mais fez que isso.

— Suas maneiras eram estranhas — disse eu.

— Sim, e suas maneiras eram estranhas quando, tirando os sapatos, revelou frio gosto por uma caminhada que poderia dar com ela num leito de morte. Seria inútil angustiar-se e atormentar-se juntando tais coincidências e possibilidades — ponderou o meu tutor. — Assim consideradas, haveria bem poucas circunstâncias inofensivas que não parecessem cheias de perigosa significação. Tenha esperança, mulherzinha. Você nada de melhor pode ser do que já é. Seja isso mesmo, apesar de tudo quanto sabe, tal como era antes de sabê-lo. É o melhor que lhe cumpre fazer para bem de todos. Partilhando o segredo com você...

— E esclarecendo-o tanto, tutor! — acrescentei.

— ... estarei atento ao que se passar naquela família, até onde me for possível observá-la a distância. E se chegar a ocasião em que possa estender a mão para prestar o mínimo serviço a alguém que é melhor não mencionar nem mesmo aqui, não deixarei de fazê-lo em atenção a sua querida filha.

Agradei-lhe de todo o coração. Que poderia eu fazer senão agradecer-lhe? lá eu saindo, quando ele me pediu para ficar mais um instante. Voltando-me rapidamente, descobri-lhe no rosto de novo aquela mesma expressão, e imediatamente, não sei como, aquela expressão foi para mim um como lampejo de uma nova e remota possibilidade que compreendi.

— Minha querida Ester — disse meu tutor —, tenho pensado há muito tempo numa coisa que quero dizer-lhe.

— Deveras?

— Tenho tido e ainda tenho alguma dificuldade em tratar da questão. Desejaria que fosse exposta bem deliberadamente e ponderada com igual deliberação. Faria objeção a que eu a pusesse por escrito?

— Querido tutor, como poderia eu fazer objeção a que escrevesse qualquer coisa para *eu* ler?

— Então repare, meu bem — disse ele, com seu sorriso jovial —, se eu estou neste momento tão inteiramente franco e sossegado, se pareço tão

aberto, tão honesto e antiquado, como sou em qualquer tempo.

Respondi-lhe com toda a seriedade: — Inteiramente. — Era a estrita verdade, pois sua momentânea hesitação desaparecera (não durara um minuto) e suas maneiras finas, sensatas, cordiais e genuínas haviam ressurgido.

— Parece que eu tenho suprimido alguma coisa, que tenha querido significar outra coisa diferente do que disse, mostrando qualquer reserva, seja qual for? — perguntou ele, com seus brilhantes e claros olhos postos nos meus.

Respondi com toda a segurança que não.

— Poderá você confiar plenamente em mim e contar inteiramente com o que afirmo, Ester?

— Da maneira mais completa — disse eu, de todo o meu coração.

— Minha querida menina, dê-me sua mão.

Tomou-a na dele, segurando-me levemente com o braço, e, baixando o olhar sobre o meu rosto com a mesma genuína frescura e lealdade de maneiras — o seu velho jeito protetor que fizera daquela casa o meu lar num momento —, disse: — Você operou mudanças em mim, mulherzinha, desde aquele dia de inverno em que apeou da diligência. Definitivamente, desde aquela ocasião você me tem feito um mundo de bem.

— Ah! tutor, e o que tem feito o senhor por mim desde aquela ocasião?

— Mas isso não deve ser lembrado agora.

— Nunca poderá ser esquecido.

— Sim, Ester — disse ele, com delicada seriedade —, deve ser esquecido agora, deve ser esquecido por algum tempo. Você só deve lembrar-se agora de que nada pode tornar-me diferente da pessoa que você conhece. Pode você sentir-se perfeitamente certa disso, minha querida?

— Posso e sinto-me tal — respondi.

— É bastante. É tudo. Mas não devo aceitar isso só com uma palavra. Não escreverei isso em meus pensamentos, enquanto você não tiver inteiramente resolvido dentro de si mesma que nada pode, diante de você, tornar-me diferente da pessoa que você conhece. Se você tiver a respeito disso

a menor dúvida que seja, nunca escreverei nada. Se, considerando bem, você estiver certa disso, mande Charley ter comigo de hoje de noite a oito dias — para “buscar a carta”. Mas se não estiver inteiramente certa, não a mande nunca. Veja bem, eu confio na sua lealdade, nisso como em tudo mais. Se você não estiver inteiramente certa sobre esse único ponto, não a mande nunca!

— Tutor — disse eu —, já estou certa. Nada pode abalar minha convicção nesse ponto como é verdade que nada pode modificar sua atitude para comigo. Mandarei Charley buscar a carta.

Ele apertou minha mão e nada mais disse. Nem houve nada mais que dizer em relação a essa conversa, tanto da parte dele como da minha, durante toda a semana. Quando a noite marcada chegou, eu disse a Charley assim que me vi só: — Vá bater à porta do Sr. Jarndyce, Charley, e diga-lhe que foi da minha parte — “buscar a carta”. — Charley subiu escada e desceu escada, atravessou corredores — o trajeto ziguezagueante dos corredores da velha casa pareceu bastante longo aos meus ouvidos naquela noite — e voltou, atravessando corredores, desceu e subiu escada, e trouxe-me a carta. — Deixe-a em cima da mesa, Charley — disse eu. Charley deixou a carta em cima da mesa e foi deitar-se. Sentei-me a olhar para a carta, sem pegar nela, pensando em muitas coisas.

Comecei pela minha sombria infância e repassei na memória aqueles tímidos dias até chegar a ocasião tristonha em que minha tia jazia morta, com sua resoluta face tão fria e rígida, e em que me vi mais solitária, em companhia da Sra. Rachel, do que se não tivesse ninguém no mundo com quem falar e para quem olhar. Passei depois para os mudados dias em que me senti tão abençoada de Deus, que descobri amigos em tudo quanto me cercava e me senti amada por todos. Cheguei ao tempo em que vi pela primeira vez a minha querida Ada e fui acolhida por aquela fraternal amizade que foi a graça e o enlevo da minha vida. Relembrei o primeiro e cintilante clarão de acolhimento que havia brilhado naquelas janelas e se projetara nos nossos rostos ansiosos naquela fria noite luminosa e que jamais empalidecera. Revivi de novo meus dias felizes ali, passei pela minha doença e pelo meu restabelecimento, pensei na grande mudança que se operara em mim e na imutabilidade de sentimentos dos que me cercavam, e toda essa felicidade brilhou como uma luz provinda dum foco central, representado ali diante de mim pela carta em cima da mesa.

Abri-a e li-a. Era tão impressionante no amor que me mostrava, na desinteressada advertência que me dava e na consideração para comigo que resultava de cada palavra, que as lágrimas a cada passo me turvavam os olhos, impedindo-me de ler tudo de uma vez. Mas li a carta três vezes, antes de largá-la. Tinha para mim que já conhecia de antemão o seu conteúdo e acertara. Perguntava-me se eu queria ser a senhora da Casa Soturna.

Não era uma carta de amor, apesar de exprimir muito amor, mas estava escrita no mesmo tom em que ele me teria falado em qualquer ocasião. Via seu rosto e ouvia -sua voz e sentia, em cada linha, a influência de sua maneira bondosa e protetora. Dirigia-se a mim como se as nossas posições estivessem trocadas, como se tivessem sido minhas todas as boas ações e dele todos os sentimentos que despertaram. Insistia na circunstância de ser eu jovem e ele ter passado da juventude, de ter ele atingido a idade madura, ao passo que eu era uma criança, de escrever-me tendo a cabeça encanecida, e sabendo de tudo isso tão bem que o expunha francamente a mim para uma madura reflexão. Dizia-me que eu nada ganharia com semelhante casamento e nada perderia com rejeitá-lo, pois nenhuma relação nova poderia aumentar a ternura que me dedicava, e, qualquer que fosse a minha decisão, estava certo de que seria a decisão justa. Mas havia considerado novamente aquele passo, depois de nossa última conversa confidencial, e resolvera dá-lo, ainda que para mais não servisse do que para mostrar-me, por meio dum exemplo mesquinho, que o mundo inteiro logo se uniria para falsificar a austera predição da minha infância. Eu era a última pessoa a saber quanta felicidade lhe daria, mas a esse respeito nada mais dizia, pois eu nunca deveria esquecer-me de que nada lhe devia e que ele é que era meu devedor, e de muitíssimo mais. Ele havia pensado muitas vezes em nosso futuro e, prevendo que havia de chegar o tempo — e quem sabe se para breve? — em que Ada (agora quase atingindo a maioridade) nos deixaria e em que o nosso atual modo de vida teria de ser interrompido, acostumara-se a refletir naquela proposta. Por isso a fizera. Se eu sentisse que poderia sempre conceder-lhe o melhor direito que ele podia ter de ser meu protetor, e se sentisse que eu poderia, sem dizer adeus à felicidade, tornar-me a querida companheira de sua vida restante, superior a todos os azares e mudanças mais leves do que a morte, ainda assim ele não podia consentir que eu me atasse irrevogavelmente, enquanto aquela carta estava ainda tão fresca para mim, mas, ainda assim, eu devia ter tempo amplo para refletir. Neste caso ou no caso contrário, que nada em nossas

relações mútuas se modificasse, nem seus antigos modos de tratar-me, nem o nome pelo qual eu o chamava. E quanto à sua viva D^a Durden e pequena dona de casa, ele sabia que ela havia de ser sempre a mesma.

Em substância era essa a carta, toda escrita com uma justiça e uma dignidade tal como se ele fosse de fato meu tutor responsável, apresentando imparcialmente a proposta de um amigo, contra quem, na sua integridade, ele expusesse o caso em todos os seus pormenores.

Mas não aludia às seguintes circunstâncias: que, quando meus traços ainda eram belos, ele tivera esse mesmo modo de proceder nos seus pensamentos, coibindo-se, então, de manifestá-lo; que, quando meu antigo semblante se transformara e eu perdera meus atrativos, ele podia amar-me tão bem quanto nos meus belos dias de outrora; que a descoberta de meu nascimento não lhe causara nenhum choque; que sua generosidade pairara acima do meu desfiguramento e da minha herança vergonhosa; que, quanto mais eu necessitava de tal fidelidade, mais firmemente podia confiar nele até o fim.

Mas eu o sabia; sabia-o bem agora. Isso veio cair sobre mim como o desfecho da benéfica história em que eu prosseguira, e percebi que só me restava uma coisa que fazer. Devotar minha vida à felicidade dele era agradecer-lhe de maneira mesquinha, e que havia eu desejado na noite passada senão alguns novos meios de demonstrar-lhe minha gratidão?

Contudo, chorei muito, não só por ter o coração a transbordar depois de ler a carta, não só pela estranheza da perspectiva que se me abria — pois era estranha, conquanto já a previsse —, mas como se alguma coisa para a qual não havia nome ou ideia distinta estivesse indefinidamente perdida para mim. Sentia-me muito feliz, muito grata, muito esperançosa, mas chorei muito.

Corri logo para o meu velho espelho. Meus olhos estavam vermelhos e inchados e eu disse: — Oh! Ester, Ester, és tu realmente? — Creio que o rosto refletido no espelho ia chorar de novo com essa censura, mas, a um sinal admonitório do meu dedo, as lágrimas foram embargadas.

— Isto está mais de acordo com o aspecto sereno com que você me confortou, minha querida, quando me mostrou tal mudança! — disse eu, começando a desmanchar o cabelo. — Quando você for a dona da Casa Soturna, terá de ser alegre como um pássaro. Sim, você há de ser sempre alegre. Começemos, pois, de uma vez e para sempre.

Continuei a ocupar-me com o meu cabelo, sentindo-me inteiramente confortada. Solucei um pouco mais, mas foi porque estivera a chorar e não porque o choro persistisse.

— E assim, minha querida Ester, está você feliz para o resto da vida. Feliz com seus melhores amigos, feliz em seu velho lar, feliz por poder fazer um bem enorme e feliz pelo imerecido amor do melhor dos homens.

Ocorreu-me de repente este pensamento: se o meu tutor tivesse casado com alguma outra pessoa, qual seria a minha impressão e que teria eu feito? Teria sido sem dúvida uma mudança. Isso apresentava minha vida em forma tão nova e tão vaga, que fiz trincolejar as chaves da casa das quais eu dispunha e dei-lhes um beijo antes de depositá-las de novo na sua cesta.

Depois continuei a pensar, enquanto penteava o cabelo diante do espelho, quantas vezes tinha considerado comigo mesma que os traços profundos da minha doença e as circunstâncias do meu nascimento eram apenas novas razões para que eu me mostrasse ocupada, ocupada, ocupada — útil, amável, serviçal, de todos os modos honestos e despretensiosos. Para falar a verdade, foi essa uma boa ocasião para sentar-me ali pesarosa e chorar! Quanto ao fato de me parecer inteiramente estranho a princípio (se isto fosse alguma desculpa para chorar, o que não era) que eu viria um dia a ser a dona da Casa Soturna, por que é que isso haveria de parecer estranho? Outras pessoas tinham pensado em tais coisas, se eu não pensara. “Não te recordas, minha ingênua querida”, perguntei a mim mesma, olhando para o espelho, “do que a Sra. Woodcourt disse, antes que essas marcas estivessem aí no teu rosto, a respeito do teu casamento com...?”

Talvez o nome as tivesse trazido à minha lembrança. Os restos secos das flores. Seria melhor não conservá-las mais agora. Tinham sido apenas conservadas em memória de alguma coisa inteiramente ida e passada, mas seria melhor não conservá-las agora.

Estavam num livro que por acaso se achava no aposento vizinho, nossa sala de estar, separando o quarto de Ada do meu. Peguei numa vela e fui silenciosamente buscá-lo à prateleira. Depois que o tive na mão, vi, pela porta aberta, minha queridinha dormindo placidamente na sua cama e entrei de manso para beijá-la.

Era uma fraqueza minha, bem sei, e não havia motivo para choro. Mas derramei lágrimas sobre seu rosto querido. Maior fraqueza ainda foi retirar eu

do livro as flores murchas e chegá-las por um instante aos lábios dela. Pensei no seu amor a Ricardo, conquanto, afinal, as flores nada tivessem com isso. Depois levei-as para meu quarto e queimei-as à luz da vela, reduzindo-as a cinzas num instante.

Ao entrar na sala de almoço na manhã seguinte, encontrei meu tutor tal como de costume: franco, sincero, livre. Não havendo o menor constrangimento na atitude dele, nenhuma houve (ou penso que não houve) na minha. Estive com ele várias vezes no correr da manhã, dentro e fora de casa, quando não havia ninguém presente, e pensei que ele provavelmente falaria a respeito da carta. Mas ele não disse uma palavra sequer.

Do mesmo modo, na manhã seguinte e na terceira e durante pelo menos uma semana, tempo que durou a estada do Sr. Skimpole entre nós. Todos os dias eu esperava que meu tutor me falasse na carta, mas ele nunca o fez.

Começando então a inquietar-me, pensei que deveria escrever uma resposta. Experimentei fazê-lo muitas e muitas vezes em meu quarto, à noite, mas não podia escrever uma resposta que enfim começasse como uma boa resposta; por isso cada noite pensava que deveria esperar mais um dia. E esperei durante mais sete dias, e ele nunca disse uma palavra.

Por fim, tendo partido o Sr. Skimpole, resolvemos os três sair uma tarde para dar um passeio de carro. Tendo eu ficado pronta antes de Ada e descido, dei com meu tutor, de costas para mim, de pé diante da janela da sala de visitas, olhando para fora.

Voltou-se à minha chegada e disse, sorrindo:

— Ah: é você, mulherzinha? — E tornou a olhar para fora.

Eu estava resolvida a falar-lhe naquele momento. Em suma, descera com esse propósito.

— Tutor — disse eu, um tanto hesitante e trêmula —, quando gostaria de ter a resposta à carta que Charley foi buscar?

— Quando estiver pronta, minha querida — respondeu ele.

— Acho que está pronta.

— Charley é quem vem trazê-la? — perguntou ele, alegremente.

— Não, eu mesma a trouxe, tutor — respondi.

Pus meus dois braços em torno de seu pescoço e beijei-o. Ele perguntou se era eu a dona da Casa Soturna. Respondi que sim. Nada mudou no momento, e saímos todos juntos, não tendo eu dito nada à minha querida a respeito do que se passara.

EM CONFIANÇA

Certa manhã, depois de ter andado para um lado e para outro com meu cesto de chaves a tinir, minha querida Ada e eu dávamos voltas pelo jardim quando aconteceu voltar eu os olhos na direção da casa e ver uma longa sombra negra lá entrando, que me pareceu ser o Sr. Vholes. Ainda naquela manhã estivera Ada falando-me de suas esperanças de que Ricardo acabasse por esgotar o seu ardor pelo processo judiciário, ao qual se dedicara tão seriamente. Em consequência, para não abater o espírito da minha querida amiga, nada disse a respeito da sombra do Sr. Vholes.

Logo, porém, veio vindo Charley com rapidez, por entre as sinuosidades das moitas e as voltas dos caminhos, tão rosada e bonita que mais parecia uma das servidas de Flora do que minha criada, dizendo: — Oh! por favor, senhorita, quer ter a bondade de ir falar com o Sr. Jarndyce?

Era uma das particularidades de Charley começar sempre a dar um recado, de que estava encarregada, logo que avistava a qualquer distância a pessoa a quem deveria transmiti-lo. Por isso, muito antes de ouvi-la, vi Charley a pedir-me, com a sua forma habitual de falar, que fosse ter com o Sr. Jarndyce. E, quando a ouvi, ela já o havia dito tantas vezes que estava sem fôlego.

Disse a Ada que não tardaria a voltar e indaguei de Charley, enquanto caminhávamos, se não havia um cavalheiro em companhia do Sr. Jarndyce, ao que Charley, cuja gramática, confesso-o para vergonha minha, nunca honrou meus dotes educativos, respondeu: — Sim, senhorita. Aquele mesmo que eu vi ele com o Sr. Ricardo outro dia.

Suponho que maior contraste não poderia haver do que o que existia entre meu tutor e o Sr. Vholes. Encontrei-os a olhar um para o outro de cada lado de uma mesa: um, tão franco, o outro, tão reservado; um, tão espadaúdo e ereto, o outro, tão raquítico e curvado; um, exprimindo o que tinha de dizer

num tom cheio e sonoro, e o outro, retendo as palavras de maneira arquejante, lembrando um peixe mudo e suspeito, e tão a sangue-frio, que me pareceu nunca ter visto duas criaturas tão desiguais.

— Conhece o Sr. Vholes, minha querida? — perguntou meu tutor, não com muita urbanidade, devo dizê-lo.

O Sr. Vholes levantou-se, enluvado e abotoado até em cima como de costume, e sentou-se de novo, da mesma forma que se sentara ao lado de Ricardo no cabriolé. Não tendo Ricardo para fitar, olhava fixamente um ponto qualquer diante de si.

— O Sr. Vholes — disse meu tutor, olhando sua negra figura, como se se tratasse duma ave de mau agouro — trouxe-me uma triste informação a respeito do nosso desventurado Ricardo — e acentuou com marcada ênfase o adjetivo “desventurado”, como se a palavra descrevesse com justeza as suas relações com o Sr. Vholes.

Sentei-me entre os dois. O Sr. Vholes permanecia imóvel, mas disfarçadamente ia passando a luva preta numa das espinhas vermelhas da sua cara amarela.

— E como você e Rick são felizmente bons amigos, desejaria saber sua opinião, minha querida. Quer ter a bondade de... de falar claro, Sr. Vholes?

Em vez de fazê-lo, o Sr. Vholes observou:

— Estive dizendo que tenho razão para saber, Miss Summerson, como conselheiro jurídico do Sr. Carstone, que a situação desse cavalheiro é, no atual momento, um tanto embaraçosa, não tanto no que diz respeito ao montante, mas em relação à natureza especial e premente dos encargos por ele assumidos e aos meios de que dispõe de liquidá-los ou saldá-los. Adiei muitos desses pequenos negócios em benefício do Sr. Carstone, mas há um limite para tais adiamentos, limite esse por nós já atingido. Fiz alguns adiantamentos de meu bolso para acomodar essas coisas tão desagradáveis, mas é muito natural que espere ser reembolsado, pois não tenho a pretensão de ser homem de capitais e tenho um pai a sustentar no Vale de Taunton, além de lutar por conseguir certa independênciazinha para três queridas moças que tenho em casa. Sendo essa a situação do Sr. Carstone, receio que o resultado seja obter ele licença para se desfazer da sua comissão militar, fato que, em todo o caso, é desejável chegue ao conhecimento de seus amigos.

O Sr. Vholes, que estivera a olhar para mim enquanto falava, mergulhou no silêncio do qual mal se poderia dizer que havia saído, tão abafado era seu tom de voz, e tornou a espetar os olhos num ponto qualquer do espaço.

— Imagine-se o pobre rapaz sem nem ao menos seus atuais recursos — disse-me meu tutor.— Contudo, que posso eu fazer? Você o conhece, Ester. Ele agora não aceitaria nenhum auxílio da minha parte. Oferecê-lo ou insinuá-lo seria levá-lo a alguma atitude extrema, quando menos.

Aqui o Sr. Vholes voltou a dirigir-se a mim.

— A observação do Sr. Jarndyce, senhorita, fixa bem o caso e a dificuldade. Não vejo que outra coisa possa ser feita. Não quero dizer que alguma coisa deve ser feita. Longe disso. Vim meramente aqui a título de confiança e menciono isso para que tudo possa ser tratado às claras e que não se possa dizer depois que tudo não foi tratado às claras. Meu desejo é que tudo seja tratado às claras. Desejo deixar um bom nome. Se consultasse simplesmente meus próprios interesses nas minhas relações com o Sr. Carstone, não estaria aqui, tão insuperáveis, como bem devem saber, seriam as objeções dele. Isso não é um serviço profissional. Ninguém pode encarregar-se disso. Não tenho interesse no caso, exceto como membro da sociedade e como pai... e como filho — disse o Sr. Vholes que quase se esquecera deste ponto.

Pareceu-nos que o Sr. Vholes dizia nem mais nem menos que a verdade, ao insinuar que buscava dividir a responsabilidade, tal como era, de saber da situação de Ricardo. Só pude propor a minha ida a Deal, onde Ricardo então estava, para vê-lo e tentar, se fosse possível, evitar o pior. Sem consultar o Sr. Vholes a esse respeito, chamei de parte meu tutor para sugerir-lho, enquanto o magro Sr. Vholes se encaminhava para o fogo, onde se pôs a aquecer suas fúnebres luvas.

A fadiga da viagem foi a imediata objeção apresentada por meu tutor, mas, como percebi que ele não tinha outra e como muito feliz me sentiria se fosse, logrei arrancar seu consentimento. Tínhamos então apenas de nos desembaraçar do Sr. Vholes.

— Está bem, senhor — disse o Sr. Jarndyce. — Miss Summerson comunicar-se-á com o Sr. Carstone e só nos cabe esperar que a situação deste seja ainda remediável. Agora permita-me que lhe mande servir um lanche após sua jornada, senhor.

— Obrigado, Sr. Jarndyce — disse o Sr. Vholes, estendendo sua comprida manga preta para impedir que se tocasse a campainha —, de modo algum. Agradeço-lhe, mas nem um bocado. Minha digestão é muito irregular e em qualquer ocasião sou um péssimo garfo. Se eu comesse alimento sólido nesta parte do dia, não sei quais seriam as consequências. Tendo sido tudo francamente exposto, senhor, agora me despedirei, se me dá licença.

— E eu gostaria que o senhor se despedisse e que nós todos nos despedíssemos, Sr. Vholes — respondeu meu tutor, com amargura —, de uma certa causa que o senhor conhece.

O Sr. Vholes, cuja cor preta era tão intensa da cabeça aos pés que quase se evaporara diante do fogo, difundindo um odor bastante desagradável, fez uma curta inclinação lateral com a cabeça e sacudiu-a devagar.

— Nós, cuja ambição é sermos considerados como profissionais respeitáveis, podemos apenas assistir aos clientes. É o que fazemos, senhor. Pelo menos, é o que eu faço; e não desejo fazer mau juízo de nenhum dos meus colegas do foro. Da sua sensatez espero, senhorita, que na sua conversa com o Sr. Carstone não faça nenhuma alusão ao meu nome.

Disse-lhe que teria todo o cuidado para não fazê-lo.

— Isso mesmo, senhorita. Passe bem. Sr. Jarndyce, passe bem.

O Sr. Vholes colocou sua luva morta, que mal parecia conter qualquer mão lá dentro, sobre meus dedos e depois sobre os dedos do meu tutor, e aquela sombra comprida e delgada desapareceu. Pensei nela quando ela estivesse do lado de fora da diligência, depois passando por cima de toda a paisagem luminosa que fica entre nós e Londres, pondo arrepios na semente jogada no solo, enquanto ia deslizando.

Tornava-se necessário sem dúvida que eu dissesse a Ada aonde ia e o motivo da viagem, e ela ficou, como não podia deixar de ser, ansiosa e aflita. Mas era demasiada fiel a Ricardo para dizer qualquer coisa que não fossem palavras de compaixão e de desculpa. E com espírito ainda mais amoroso escreveu-lhe uma longa carta para eu levar.

Charley ia ser minha companheira de viagem, conquanto eu tivesse certeza de que não precisava de nenhuma e quisesse de boa vontade deixá-la em casa. Seguimos todos para Londres naquela tarde, e, tendo encontrado dois lugares na diligência, reservamo-los. À nossa hora habitual de dormir,

Charley e eu rodávamos em direção ao mar, com as cartas de Kent.

Era viagem de uma noite naqueles tempos de malas postas. Mas tínhamos ali uma à nossa disposição, e não achamos a noite muito aborrecida. Passava-se comigo o que suponho se passaria com a maior parte das pessoas em idênticas circunstâncias. Por vezes minha viagem parecia cheia de esperanças, outras, desalentadora. Ora eu pensava que haveria de fazer algum bem, ora imaginava como me poderia tal ideia ter passado pela cabeça. Ora me parecia uma das coisas mais sensatas do mundo o ter eu empreendido aquela viagem, ora a mais insensata. Em que estado encontraria Ricardo, que lhe diria, que me diria ele, eram ideias que ocupavam meu espírito alternativamente, junto com aquelas duas espécies de sentimentos. E as rodas pareciam tocar uma toada (à qual se adaptava a carga da carta de meu tutor) sem parar a noite inteira.

Afinal chegamos às estreitas ruas de Deal, que nos pareceram muito sombrias naquela manhã fria e nevoenta. A praia longa e baixa, com suas casinhas irregulares, de madeira e de tijolo, a confusão de cabrestantes, grandes barcos, barracões, postes nus e direitos com cordoalhas e moitões e vastos espaços baldios e arenosos, cobertos de relva e cizânia, apresentava um aspecto tão tristonho como eu nunca vira em outro lugar. O mar arfava sob um espesso nevoeiro branco, e nada mais se movia a não ser uns cordoeiros madrugadores que, com os fios enrolados em torno do corpo, pareciam, cansados do seu atual estado de existência, estar entrançando a si próprios em forma de cordame.

Mas quando entramos na sala aquecida dum excelente hotel e nos sentamos, depois de nos havermos comodamente lavado e mudado de traje, diante dum almoço matinal (pois era demasiado tarde para irmos deitar-nos), Deal começou a parecer-nos mais alegre. Nosso pequeno quarto assemelhava-se a uma cabine de navio, o que muito deliciou Charley. Depois o nevoeiro começou a erguer-se como uma cortina, e numerosos navios, de cuja proximidade não tínhamos ideia, surgiram à vista. Não sei quantos barcos se achavam então nas docas, segundo informação do criado que servia à mesa. Algumas daquelas embarcações eram de grande tamanho, uma delas era justamente um enorme navio mercante da carreira da Índia, que regressava à Inglaterra. E quando o sol aparecia por entre as nuvens, formando lagos prateados no mar sombrio, era um belíssimo espetáculo o daqueles navios brilhando, escurecendo-se, transformando-se, no meio de um tumulto de botes

partindo da praia para eles e deles para a praia, num fervilhar geral de vida e de movimento tanto neles como em tudo que os cercava.

O grande navio da carreira da índia era a maior atração para nós, porque chegara às docas à noite. Estava cercado de botes e achávamos que as pessoas que vinham a bordo estavam contentíssimas por desembarcar. Charley mostrava-se curiosa também a respeito da viagem, do calor da índia e das serpentes e tigres, e como apreendesse muito mais depressa essas informações do que a gramática, fui-lhe ensinando o que conhecia daqueles assuntos. Conte-lhe também como em tais viagens os passageiros podiam às vezes naufragar e ser lançados sobre rochedos, sendo salvos pela intrepidez e humanidade de um único homem. E perguntando-me Charley como poderia ser isso, contei-lhe o que sabíamos em casa dum caso desses.

Tinha pensado em mandar um bilhete a Ricardo, dizendo que estava ali, mas pareceu-me melhor ir ter com ele sem preveni-lo. Como ele morava na caserna, tinha minhas dúvidas a respeito da possibilidade de fazê-lo. Mas saímos a fazer um reconhecimento. Espiando pelo portão do pátio, vimos que estava tudo em sossego àquela hora matinal. Perguntei a um sargento, que estava de pé nos degraus do corpo da guarda, onde morava Ricardo. Ele mandou um homem diante de nós para mostrar-nos, o qual subiu alguns degraus rústicos e bateu com os nós dos dedos a uma porta, deixando-nos em seguida.

— Ora essa! — gritou Ricardo lá de dentro. Deixei Charley no corredorzinho e, encaminhando-me para a porta meio aberta, disse: — Posso entrar, Ricardo? É D^a Durden.

Estava ele escrevendo a uma mesa, no meio duma grande confusão de roupas, caixas de lata, livros, botas, escovas e maletas, espalhadas pelo chão. Ainda não estava completamente vestido — de roupa à paisana, como observei, não de uniforme — seu cabelo estava despenteado e o desalinho da sua pessoa não destoava do do quarto. Vi tudo isso depois de sua cordial acolhida e sentei-me perto dele, pois havia-se levantado com surpresa ao ouvir minha voz e correra a abraçar-me no mesmo instante. Ricardo querido! Era sempre o mesmo para mim! Até o fim (ah! pobre amigo!), até o fim, sempre me recebeu com aquele seu antigo modo alegre de menino.

— Santo Deus! Minha querida mulherzinha — disse ele —, como veio ter aqui? Quem poderia imaginar que seria você? Nada de importante? Ada

está bem?

— Perfeitamente bem. Mais linda que nunca, Ricardo!

— Ah! — disse ele, recostando-se na cadeira. — Minha pobre prima! Eu estava escrevendo para você, Ester.

Quão abatido e esgotado parecia, mesmo na plenitude da sua bela mocidade, recostado na cadeira, a amarrotar na mão a folha de papel escrita de alto abaixo!

— Você teve o trabalho de escrever tudo isso, para afinal eu não ler nada? — perguntei.

— Oh! minha querida — respondeu ele, com um gesto de desânimo —, você pode ler tudo no aspecto deste quarto. Está tudo aqui.

Roguei-lhe com carinho que não desanimasse. Disse-lhe que soubera por acaso que ele se achava em dificuldades e viera consultá-lo para combinar o que se poderia fazer de melhor.

— Você sempre a mesma menina de ouro, mas é inútil, Ester! — exclamou ele, com melancólico sorriso. — Vou licenciar-me hoje (já o teria feito talvez dentro de uma hora) e isso é para facilitar o resto, isto é, o traspasse do meu contrato militar. Bem! o que passou, passou. De modo que esta profissão segue o destino das outras. Só me faltou seguir a carreira eclesiástica, para ter feito o ciclo de todas as profissões.

— Ricardo — insisti —, o caso não é tão sem remédio assim, não é?

— É, Ester — tornou ele. — Estou tão perto da desgraça que aqueles que têm autoridade sobre mim (como diz o catecismo) prefeririam estar sem mim do que comigo. E têm razão. Além de dívidas e de credores importunos e de outras desvantagens dessa espécie, não sirvo sequer para esta profissão. Só tenho interesse, ideia, coração e alma para uma coisa. Ora, se esta bolha não rebentou agora — disse ele, rasgando em pedacinhos a carta que havia escrito e jogando-os fora tristemente e aos poucos — como poderia eu partir para o estrangeiro? Eu devia ter recebido ordem de seguir para o estrangeiro; mas como poderia ir? Como poderia, com a experiência que tenho dessa coisa, confiar ainda que fosse em Vholes, a não ser que não me apartasse dele?

Suponho que conheceu pelo meu rosto o que eu ia dizer, porque pegou na mão que eu havia pousado sobre seu braço e com ela tocou os meus lábios

para impedir-me de prosseguir.

— Não, D^a Durden! Dois assuntos eu proíbo... devo proibir. O primeiro é João Jarndyce. O segundo, você sabe qual. Chame a isso loucura, e lhe direi que já agora não há outro remédio. Mas não é tal coisa. E o único objeto a que devo visar. Pena é que eu tenha sido sempre induzido a desviar-me do meu caminho para seguir outro. Seria ajuizado abandoná-lo agora, depois de todo o tempo, de toda a ansiedade, de todos os esforços que lhe dediquei? Oh! sim, prova de muito juízo! Também para certa gente seria muito agradável. Mas nunca o farei.

Ricardo achava-se naquele estado de ânimo no qual, segundo refleti, era melhor não aumentar sua determinação (se é que alguma coisa poderia aumentá-la), contrariando-o. Peguei a carta de Ada e coloquei-a na mão dele.

— Devo lê-la agora? — perguntou ele.

Dizendo-lhe eu que sim, pô-la em cima da mesa e, descansando a cabeça sobre a mão, começou. Não tinha ainda lido muito, quando descansou a cabeça sobre as duas mãos... para que eu não lhe visse o rosto. Daí a pouco levantou-se como se a luz estivesse fraca, e foi até a janela. Acabou de ler a carta ali, de costas para mim. Depois de ter acabado e tendo-a dobrado, deteve-se alguns minutos com a carta na mão. Ao voltar para a sua cadeira, vi-lhe lágrimas nos olhos.

— Sem dúvida, Ester, você sabe o que está escrito aqui — disse ele com voz branda, beijando a carta, ao perguntar.

— Sei, sim, Ricardo.

— Oferece-me — continuou ele, batendo com o pé no chão — a pequena herança que está certa de receber em breve (correspondendo ao pouco ou muito que desperdicei) e pede-me e roga-me que a aceite, que acomode meus negócios com ela e permaneça no serviço militar.

— Sei que o bem-estar de você é o anseio maior do coração dela. E, meu querido Ricardo, Ada tem um coração nobre.

— Estou certo disso. Eu... quem me dera estar morto!

Voltou à janela e, encostando ali o braço, reclinou nele a cabeça. Afetou-me demais vê-lo naquele estado. Mas esperava que ele pudesse tornar-se mais condescendente. Por isso fiquei em silêncio. Minha experiência era bastante

limitada. Não estava absolutamente apercebida para vê-lo reanimar-se, dominando sua emoção, e irromper num novo acesso de injúria.

— E foi neste coração que o mesmo João Jarndyce — que de outro modo não seria mencionado entre nós — se intrometeu para o afastar de mim! — disse ele, indignado. — E a minha amada me faz esta generosa oferta de sob o mesmo teto em que se encontra João Jarndyce e com o benévolo consentimento e conivência do mesmo João Jarndyce, ousou dizer, como um novo meio de comprar-me.

— Ricardo! — gritei, erguendo-me de golpe. — Não me resigno a ouvi-lo dizer palavras tão vergonhosas! — Eu estava de fato muito indignada com ele, pela primeira vez na minha vida, mas isso durou apenas um instante. Quando vi seu jovem semblante completamente abatido a olhar para mim cheio de tristeza, pus a mão em seu ombro e disse: — Por favor, meu caro Ricardo, não me fale com um tom de voz semelhante. Reflita!

Censurou extremamente a si próprio e disse-me, da maneira mais generosa, que andara muito mal e que me pedia perdão mil vezes. Diante disso ri-me, mas fiquei ainda um tanto trêmula, pois estava abalada depois de me ter mostrado tão altiva.

— Aceitar esta oferta, minha cara Ester — disse ele, sentando-se a meu lado e retomando nossa conversa —, uma vez mais peço-lhe que me perdoe, sinto-me profundamente magoado, aceitar a oferta de minha querida prima é, não preciso dizer-lhe, impossível. Além disso, tenho cartas e documentos que poderia mostrar-lhe e que a convenceriam de que aqui está tudo acabado. Acredite-me, para mim a farda acabou. Mas causa-me alguma satisfação, no meio de minhas complicações e perplexidades, saber que, enquanto vou cuidando dos meus interesses, cuido também dos de Ada. Conto com a assistência de Vholes, que, mercê de Deus, não nos há de faltar, nem a Ada nem a mim.

Suas ardentes esperanças estavam-se erguendo dentro dele e iluminando suas feições, mas tornavam seu rosto mais triste para mim do que estivera antes.

— Não, não — exclamou Ricardo, exultante. — Se cada vintém da fortuna de Ada fosse meu, nenhuma parte dela seria gasta em reter-me numa carreira para a qual não tenho vocação, pela qual não me interesso e da qual estou farto. Seria dedicada àquilo que promete melhor retribuição e deveria

ser usada onde Ada tem maiores interesses. Não se inquiete por minha causa. Só terei agora uma coisa no pensamento, e Vholes e eu iremos trabalhar. Não me faltarão meios. Livre de minha comissão no exército, poderei entender-me com alguns insignificantes usurários, que agora só querem ouvir falar em fiança e fiador, segundo diz Vholes. Terei um saldo qualquer a meu favor em alguma parte, e ele se avolumará. Vamos, vamos! Você, Ester, levará uma carta minha para Ada, e ambas vocês deverão ficar mais esperançosas a meu respeito, não acreditando que eu já seja homem ao mar, minha querida.

Não repetirei o que disse a Ricardo. Sei que fui enfadonha, e ninguém irá supor nem por um momento que eu disse coisas profundas. As minhas palavras apenas brotaram do coração. Ele ouviu tudo com paciência e mostrou-se sensível, mas percebi que, a respeito dos dois assuntos que ele ressaltava, não havia esperança de, no momento, podermos ventilá-los. Verifiquei também, por havê-lo experimentado durante toda essa entrevista, o sentido exato da observação do meu tutor de que seria até mais prejudicial procurar persuadi-lo do que deixá-lo como estava.

Por conseguinte, resolvi afinal perguntar a Ricardo se ele não queria mesmo convencer-me de que realmente ali tudo estava acabado, como me dissera, ou se não era mais que impressão sua. Mostrou-me sem hesitação uma correspondência pela qual se tornava patente que seu afastamento era coisa decidida. Descobri, pelo que me disse, que o Sr. Vholes tinha cópias daqueles documentos e estivera em constante consulta com ele acerca do assunto. Além do fato de ter-me certificado disto, de ter sido a portadora da carta de Ada e de fazer (como fiz) companhia a Ricardo na volta a Londres, nada de apreciável resultara da minha ida ali. Reconhecendo isso comigo mesma com o coração a relutar, eu disse que voltaria ao hotel e que lá ficaria à sua espera. Ele então atirou uma capa nos ombros e seguiu-me até o portão, e Charley e eu regressamos costeando a praia.

Havia uma aglomeração de gente em certo ponto, cercado alguns oficiais de marinha que desembarcavam dum bote, e apertando-se em torno deles com insólito interesse. Eu disse a Charley que aquele deveria ser um dos botes do grande navio da Índia, e paramos para vê-lo.

Os cavalheiros subiam devagar pela praia, falando de bom humor uns com os outros e com as pessoas que os cercavam, olhando em roda de si, como se estivessem contentes por se acharem de novo na Inglaterra. —

Charley, Charley! — disse eu. — Venha embora! — E corri tão ligeira que minha criadinha ficou surpreendida.

Só depois que nos encontramos fechadas dentro do nosso quarto-cabine e que tive tempo de tomar fôlego, foi que comecei a pensar por que me apressara daquela maneira. Numa daquelas fisionomias adustas tinha eu reconhecido o Sr. Allan Woodcourt e ficara com medo que ele me reconhecesse. Não desejaria que ele pudesse ver meu semblante alterado. Fora apanhada de surpresa e minha coragem me havia abandonado inteiramente.

Mas vi que aquilo não podia ser e logo disse de mim para comigo: “Minha querida, não há razão, não há e não pode haver razão alguma para que te consideres agora em pior situação do que antes. O que eras o mês passado és hoje. Não és melhor, nem pior. Tua resolução não é esta. Lembra-te, Ester, lembra-te!” Eu estava muito trêmula (tendo dado aquela corrida) e a princípio não via meios de acalmar-me. Mas afinal melhorei e senti-me muito contente com isso.

O grupo dirigiu-se para o hotel. Ouvi-os falando na escada. Estava certa de que eram os mesmos cavalheiros, porque reconheci suas vozes — quero dizer a do Sr. Woodcourt. Fora mesmo um grande alívio para mim ter-me afastado sem ter-me dado a reconhecer, mas estava resolvida a não proceder assim. “Não, minha querida, não. Não, não, não!”

Desamarrei o meu chapéu e ergui um pouco o meu véu (devo dizer, talvez, abaixei um pouco o meu véu, mas isso é de importância muito diminuta) e num cartão de visita meu escrevi que eu casualmente me achava ali com o Sr. Ricardo Carstone, e mandei-o ao Sr. Woodcourt. Ele veio imediatamente. Disse-lhe que me regozijava de ser, por acaso, das primeiras pessoas que lhe davam as boas-vindas no seu regresso à pátria. E notei que ele sentia muita pena de mim.

— O senhor naufragou e esteve em perigo desde que nos deixou, Sr. Woodcourt — disse eu —, mas quase não podemos chamar a isso uma desventura, pois foi causa de que o senhor se mostrasse tão útil e tão bravo. Lemos a descrição do caso com o mais intenso interesse. Chegou ele ao meu conhecimento por intermédio de sua antiga doente, a pobre Miss Flite, quando me achava convalescendo de minha grave moléstia.

— Ah! a boa Miss Flite! — exclamou ele. — Vive ainda do mesmo

modo?

— Do mesmo modo.

Sentia-me agora tão à vontade que nem me importava com o véu e seria capaz de pô-lo de lado.

— Sua gratidão para com o senhor é uma coisa encantadora. Tenho toda a razão de dizer que ela é uma criatura muito afetuosa.

— A senhora ... a senhora achou que ela era assim? — perguntou ele. — Eu... eu alegro-me com isso.

Parecia ter tanto dó de mim que mal podia falar.

— Garanto-lhe — disse eu — que fiquei profundamente tocada pelo vivo sentimento e pelo prazer que ela externou na ocasião a que me referi.

— Sinto muito saber que a senhora esteve bem doente.

— Estive muito doente.

— Mas restabeleceu-se completamente?

— Recuperei completamente a saúde e a alegria. O senhor sabe como o meu tutor é bom e que feliz vida nós levamos. Tenho todos os motivos para ser grata e nada que desejar no mundo.

Pareceu-me que ele sentia maior comiseração de mim do que eu tivera de mim mesma. Deu-me novas forças e nova calma descobrir que era eu que me via forçada a tranquilizá-lo. Falei-lhe de sua viagem, de seus futuros planos e de sua provável volta à Índia. Respondeu que isso era muito duvidoso. Não se vira mais favorecido pela fortuna lá do que cá. Tinha partido como o pobre médico de bordo e tornava na mesma. Enquanto conversávamos e quando me alegrava por acreditar que tinha minorado (se posso empregar tal termo) o choque que ele tivera ao ver-me, Ricardo entrou. Soubera embaixo quem estava comigo, e encontraram-se com cordial prazer.

Vi que, depois de suas primeiras congratulações e quando falaram da carreira de Ricardo, o Sr. Woodcourt tivera a percepção de que as coisas não lhe corriam muito bem. Olhava frequentemente para o rosto do interlocutor, como se nele houvesse alguma coisa que lhe estivesse causando pesar, e mais de uma vez olhou para mim, como se buscasse certificar-se de que eu conhecia a verdade. Todavia Ricardo achava-se num de seus momentos de

entusiasmo e animação, inteiramente satisfeito por ver de novo o Sr. Woodcourt, de quem sempre gostara.

Ricardo propôs que seguissemos todos juntos para Londres, mas o Sr. Woodcourt, tendo de permanecer no seu navio mais um pouco, não podia vir conosco. Jantou, porém, em nossa companhia um pouco mais cedo, e foi voltando a ser o que era, de sorte que me tranquilizei ao pensar que lograra abrandar seus pesares. Mas evidentemente Ricardo continuava a preocupá-lo. Quando a diligência estava quase pronta e Ricardo desceu correndo a buscar sua bagagem, falou-me a respeito dele.

Fiquei na dúvida de se me assistia o direito de expor toda a sua história, mas referi-me em poucas palavras ao seu afastamento do Sr. Jarndyce e ao fato de se achar enredado no tristemente célebre processo judiciário. O Sr. Woodcourt ouviu com interesse e exprimiu sua mágoa.

— Notei que o senhor o observava atentamente. Acha-o assim tão mudado?

— Está mudado — respondeu ele, meneando a cabeça.

Senti o sangue afluir-me ao rosto pela primeira vez, mas foi apenas uma emoção passageira. Voltei a cabeça para o lado e tudo passou.

— Não — explicou o Sr. Woodcourt — que ele esteja mais moço ou mais velho, mais gordo ou mais magro, mais pálido ou mais corado, mas sua cara apresenta uma expressão singular. Nunca vi um olhar tão estranho numa pessoa jovem. Não se pode dizer que seja tudo ansiedade ou tudo fadiga: contudo é uma e outra coisa, semelhante a um desespero contido.

— O senhor acha que ele está doente? — perguntei.

— Não. Ele parece robusto — foi a resposta.

— Temos bastante razão de saber que ele não pode ter o espírito em paz — acrescentei. — Sr. Woodcourt, vai para Londres?

— Amanhã ou depois.

— Nada há de que Ricardo precise tanto como de um amigo. Ele sempre gostou do senhor. Rogo-lhe que o procure quando chegar ali. Rogo-lhe que lhe assista algumas vezes com sua companhia, se puder. O senhor não pode imaginar que serviço nos prestará. Não pode imaginar quanto Ada, o Sr. Jarndyce e até mesmo eu... quanto todos nós lhe ficaríamos gratos, Sr.

Woodcourt!

— Miss Summerson — disse ele, mais comovido do que estivera desde o começo —, juro à face do céu que serei um verdadeiro amigo dele! Aceitá-lo-ei como um depósito a mim confiado, e depósito sagrado para mim!

— Que Deus o abençoe! — disse eu, com os olhos rasos de lágrimas; como não eram por mim, dei-lhes livre curso. — Ada ama Ricardo, nós todos o amamos, mas Ada o ama como nós não podemos amá-lo. Vou repetir a ela as suas palavras. Obrigada, e Deus o abençoe em nome dela!

Ricardo voltou quando acabávamos de trocar estas rápidas palavras, e deu-me o braço para conduzir-me até a diligência.

— Woodcourt — disse ele, sem saber quanto suas palavras combinavam com os nossos planos —, peço-lhe que me procure em Londres.

— Que o procure? — retrucou o outro. — Creio que não tenho nenhum outro amigo lá agora senão você. Onde deverei procurá-lo?

— Olhe, tenho de arranjar uma acomodação qualquer — disse Ricardo, refletindo. — Digamos, em casa de Vholes, em Symond's Inn.

— Está bem! Sem perda de tempo.

Apertaram-se as mãos cordialmente. Quando eu estava sentada na diligência e Ricardo se achava ainda na rua, o Sr. Woodcourt pousou sua mão amiga sobre o ombro de Ricardo e olhou para mim. Compreendi-o e abanei a minha em agradecimento.

E no seu derradeiro olhar, quando partimos, vi que ele tinha muita pena de mim. Enchia-me de contentamento ver isso. Condoí-me da minha antiga personalidade, como os mortos talvez se condoam da sua se alguma vez voltam à terra. Fiquei alegre por ver-me ternamente lembrada, por ser delicadamente lamentada, por não ter sido completamente esquecida.

DETENHA-O

A escuridão paira sobre Tom-All-Alone's. Estendendo-se cada vez mais, desde que o sol se pôs na noite anterior, foi-se gradualmente avolumando até encher todos os vácuos do lugar. Durante algum tempo viam-se arder luzes de calabouço, como arde a lâmpada da Vida em Tom-All-Alone's, pesadamente, no ar nauseante, a piscar — como também pisca aquela lâmpada em Tom-All-Alone's — para muitas coisas horríveis. Mas tudo desaparece dentro da caligem. A lua vem olhando Tom com um olhar frio e merencório, como se admitisse alguma fraca rivalidade de si mesma na deserta região daquele bairro inadequado à vida e crestado por fogos vulcânicos. Ela, porém, passou adiante e foi-se embora. O mais negro pesadelo das cavaliças infernais nasce em Tom-All-Alone's e Tom rapidamente adormece.

Tem havido muita discursaria eloquente, tanto dentro como fora do Parlamento, a respeito de Tom, e muita discussão colérica a propósito do meio de endireitar Tom: se ele será posto na estrada principal por meio de oficiais da polícia, ou de justiça, a toque de sineta, ou à força de números, ou pelos corretos princípios do bom gosto, ou pela alta igreja, pela baixa igreja ou por nenhuma igreja; se o farão dar tratos à bola com questiúnculas inúteis, ou se, em vez disso, o mandarão britar pedras. No meio de tal poeira e barulho, há apenas uma coisa perfeitamente clara, a saber: que Tom somente pode e deve ser reclamado de acordo com a teoria de alguém, mas não pela prática de alguém. E nesse esperançoso entrementes, Tom caminha para a perdição no seu velho e decidido espírito.

Mas ele tem sua desforra. Até mesmo os ventos são seus mensageiros e lhe prestam serviço naquelas horas de escuridão. Não há uma gota do corrupto sangue de Tom que não propague infecção e contágio em alguma parte. Poluirá nessa mesma noite o seletor rio (em cujas águas a análise dos químicos descobriria a genuína nobreza) de uma casa normanda, e sua

excelência não será capaz de dizer Não à infame aliança. Não há um átomo sequer do lodo de Tom, nem uma polegada cúbica de qualquer gás pestilento em cujo meio ele vive, nem uma obscenidade ou degradação em torno dele, nem uma ignorância, nem uma perversidade, nem uma brutalidade por ele cometida, que não opere sua retribuição, através de todas as ordens da sociedade, até o mais orgulhoso dos orgulhosos e o mais alto dos altos. Na verdade, tanto pela infecção, como pela pilhagem e pelo roubo, Tom exerce sua vingança.

É ponto discutível saber se Tom-All-Alone's é mais feio de dia ou de noite. Mas com base no argumento de que, quanto mais dele se vê, mais chocante deve ser, e de que nenhuma parte dele deixada à imaginação será provavelmente tão hedionda como a realidade, o dia leva a melhor. O dia começa agora a romper. E na verdade poderia ser melhor para a glória nacional que o sol algumas vezes se pusesse sobre os domínios britânicos do que se erguesse sobre tão vil maravilha como Tom.

Um cavalheiro de tez queimada de sol, talvez incapaz de dormir e preferindo vagar pelas ruas a contar as horas num travesseiro incômodo, caminha para cá àquela hora sossegada. Atraído pela curiosidade, para muitas vezes e olha em redor de si, para um lado e para outro, por aqueles becos miseráveis. Não mostra apenas curiosidade, pois nos seus brilhantes olhos negros vê-se um compassivo interesse, e à medida que olha aqui e ali, parece compreender aquela miséria e tê-la estudado antes.

Nas margens do canal da lama estagnada que é a principal rua de Tom-All-Alone's, nada pode ser visto senão as casas arruinadas, inteiramente fechadas e silenciosas. Nenhuma criatura viva, a não ser ele, aparece, exceto em certa direção, onde vê a figura solitária de uma mulher sentada num degrau de pedra. Segue ele naquela direção. Ao aproximar-se, observa que ela andou de muito longe e está com os pés doridos e suja da viagem. Está sentada naquela pedra, com jeito de quem espera, com o cotovelo apoiado no joelho e a cabeça pousada na mão. Ao lado dela vê-se uma bolsa de lona, ou trouxa, que ela carregou. Está adormecida provavelmente, pois não ouve os seus passos, à proporção que dela se aproxima.

A calçada partida é tão estreita que, quando Allan Woodcourt chega ao lugar onde a mulher está sentada, tem de descer ao leito da rua, ao passar diante dela. Baixando a vista para o rosto da mulher, seus olhos encontram os

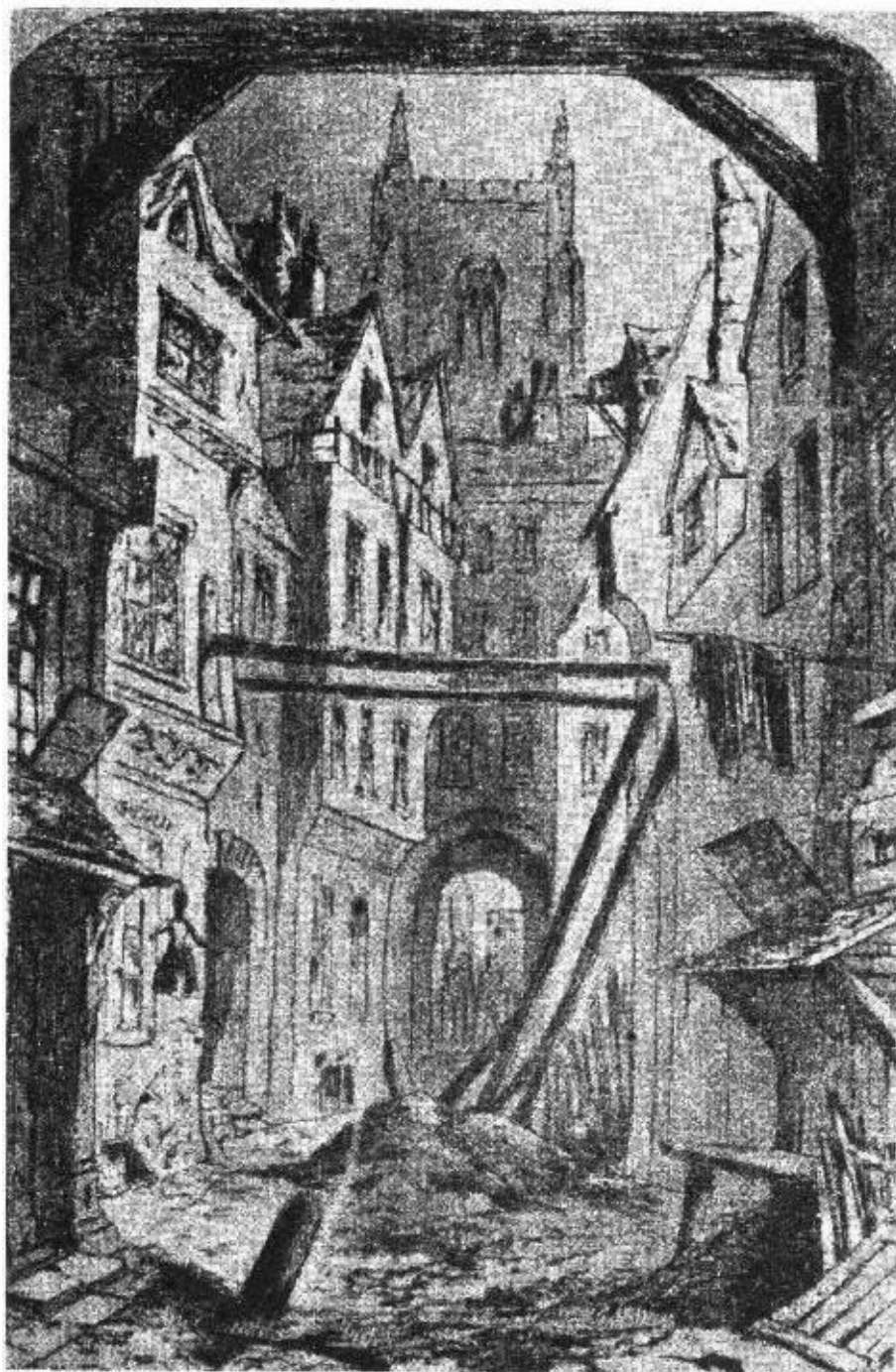
dela e ele para.

— Que há?

— Nada, meu senhor.



O SALAO DE CHESNEY WOLD. AO ENTARDECER



Tom-all-Alone's

— Não conseguiu fazer-se ouvir? Quer entrar aí?

— Estou esperando que se levantem numa outra casa — uma pensão — não aqui — respondeu a mulher com paciência. — Estou esperando aqui porque haverá sol dentro em pouco para aquecer-me.

— Receio que a senhora esteja cansada. Lamento vê-la sentada na rua.

— Obrigada, meu senhor. Mas não tem importância.

Um hábito que ele tem de falar aos pobres e de evitar um tom de proteção, condescendência ou puerilidade (que é o disfarce favorito, por muita gente considerado uma sutileza, com que lhes falam numa linguagem de cartilha de leitura) colocou-o facilmente em bons termos com a mulher.

— Deixe-me observar sua testa — disse ele, inclinando-se. — Sou médico. Nada receie. Por nada deste mundo desejo magoá-la.

Sabe que, tocando nela com sua mão destra e acostumada, pode acalmá-la ainda mais prontamente. Ela faz ligeira objeção, dizendo: — Não é nada — mas, apenas ele toca com os dedos no lugar ferido, ela o ergue para a claridade.

— Oh! Uma séria contusão e a pele está bastante dilacerada. Deve causar muita dor.

— Dói um pouco, senhor — replicou a mulher, com lágrimas a correr-lhe nas faces.

— Permita que eu procure aliviá-la um pouco. Meu lenço não a magoará.

— Oh! meu Deus, por certo que não magoará!

Ele limpa e enxuga o lugar ferido e, tendo-o cuidadosamente examinado, premindo-o, num toque delicado, com a palma da mão, tira do bolso uma caixinha, pensa a ferida e enfaixa-a. Enquanto está assim ocupado, diz, depois de rir por ver-se a fazer curativo ria rua: — Com que então seu marido é fabricante de tijolos?

— Como sabe disso, meu senhor? — perguntou a mulher, atônita.

— Oh, deduzi-o da cor da argila que se vê na sua mala e na sua roupa. Sei que muitos fabricantes de tijolos andam por aí, trabalhando por empreitada em diversos lugares. E lamento dizer que também tenho conhecido muitos que são cruéis para com suas esposas.

A mulher levanta apressadamente os olhos, como se quisesse negar que seu ferimento proviesse de tal causa. Mas sentindo a mão sobre sua fronte e vendo o rosto compenetrado e tranquilo do médico, baixa-os serenamente de novo.

— Onde está ele agora? — perguntou o facultativo.

— Meteu-se em complicações a noite passada, meu senhor, mas estará à minha espera na pensão.

— Meter-se-á em complicações piores se fizer muitas vezes mau uso de sua larga e pesada mão, como o fez aqui. Mas a senhora lhe perdoa, por brutal que ele seja, e nada mais digo a respeito dele, exceto que desejo que ele mereça esse perdão. Não tem algum filhinho?

A mulher abana a cabeça.

— Um que chamo meu, mas que é de Liz.

— O seu morreu. Percebo. Coitadinho!

A esse tempo já terminara e estava fechando seu estojo.

— Suponho que a senhora tenha casa. É longe daqui? — pergunta ele de bom humor, não querendo dar importância ao que fizera, vendo-a levantar-se e fazer medidas.

— Umas vinte e duas ou vinte e três milhas daqui, meu senhor. Em Saint Albans. Conhece Saint Albans, senhor? Pareceu-me que o senhor teve um sobressalto, como se conhecesse esse lugar.

— Sim, conheço-o um pouco. E, em troca, permita que lhe faça uma pergunta. Tem dinheiro para pagar a hospedagem?

— Sim, senhor — diz ela. — Olhe.

E mostra-o. Ele diz-lhe, em reconhecimento pelos agradecimentos que ela lhe dirige com voz sumida, que não seja por isso, dá-lhe um bom-dia e põe-se a andar. Em Tom-All-Alone's ainda tudo está dormindo e nada se move.

Sim, alguma coisa se move! Enquanto retoma o caminho para o lugar donde avistara a mulher a distância, sentada no degrau de pedra, vê um vulto maltrapilho que se aproxima com toda a cautela, agachando-se rente das paredes sujas — que a criatura mais miserável poderia muito bem evitar — e estendendo furtivamente a mão à sua frente. A figura é de um jovem, de rosto cavado, e cujos olhos têm um brilho de fraqueza. Está tão atento em caminhar despercebido, que até mesmo o aparecimento dum estranho bem trajado não o tenta a olhar para trás. Ao atravessar a rua, oculta a cara com o cotovelo rasgado e prossegue tremendo e arrastando-se, com sua mão ansiosa diante de si e as roupas sem forma pendendo em frangalhos, roupas que seria

impossível dizer para que fim ou com que material foram feitas. Em cor e substância, pareciam uma trouxa de fétidas folhas de vegetação pantanosa, há muito apodrecidas.

Allan Woodcourt detém-se para olhar para ele e observa tudo isso, com uma vaga crença de já ter visto o menino antes. Não se pode lembrar como ou onde, mas há alguma associação de ideias em sua mente com aquele vulto. Imagina que deve tê-lo visto em algum hospital ou abrigo. Mas ainda não pode descobrir por que surge essa lembrança com certa força especial em sua memória.

Vai pouco a pouco saindo de Tom-All-Alone's à luz da manhã, pensando no caso, quando ouve um tropel de pés a correr atrás de si, e, olhando em redor, vê o garoto correndo a grande velocidade em sua direção, acompanhado pela mulher.

— Detenha-o! — detenha-o! — grita a mulher, quase sem fôlego. — Detenha-o, senhor.

Ele corre através da rua para embargar os passos ao rapaz, mas este é mais ligeiro, faz uma curva, abaixa-se, mergulha sob as mãos dele, para reerguer-se uns cinco passos além, retomando a carreira. A mulher continua a gritar: — Detenha-o, senhor! Faça-o parar, por favor! — Allan, imaginando que ele roubou o dinheiro da mulher, continua a caçada e corre tão bem que alcança o menino uma dúzia de vezes; mas de cada vez o fugitivo repete a curva, o agachamento, o mergulho e a carreira, e prossegue. Bater-lhe, em qualquer daquelas ocasiões, fá-lo-ia cair e magoar-se. Mas o perseguidor não se resolve a fazer isso, e portanto continua a perseguição, terrivelmente ridícula. Afinal o fugitivo, prestes a ser apanhado, envereda por um estreito corredor e por um pátio sem saída. Ali, encostado a uma cerca de pau podre, ele é encurralado e cai arquejante diante de seu perseguidor, que está de pé e também arqueja diante dele, até que a mulher chega.

— Mas você, Jo — exclama a mulher. — Até que enfim o encontrei!

— Jo! — repete Allan, olhando para ele com atenção. — Jo! Espere! Decerto! Lembro-me de que esse menino foi levado há tempo à presença do juiz.

— Sim, vi o senhor certa vez no inquérito — murmura Jo. — E com isso? Não pode o senhor deixar em paz um desgraçado como eu? Já não me

acha bastante desgraçado? Quer-me tornar ainda mais desgraçado? Tenho sido perseguido por uns e por outros, até ficar reduzido a pele e ossos. Não tive culpa no inquérito. Não fiz nada. Ele foi muito bom para mim. Foi o único com quem eu sabia falar, sem que me atrapalhasse. Eu não desejava que ele fosse interrogado. Eu só queria que eu próprio fosse interrogado. Não sei por que não fui atirar-me ao rio. Não sei mesmo.

Diz isso com um ar tão lastimável e suas lágrimas sujas parecem tão reais, encostado como está à cerca de pau, parecendo uma vegetação de bolor ou qualquer nociva excrescência, brotada ali entre a incúria e a imundície, que Allan Woodcourt se sente mais abrandado para com ele. Diz à mulher: — *Mísera criatura! Que fez ele?*

Ao que ela responde, apenas sacudindo a cabeça diante do vulto prostrado, mais com espanto do que com cólera: — *Você, Jo! Você, Jo! Descobri-o afinal!*

— *Que fez ele?* — pergunta Allan. — *Roubou-a?*

— Não, senhor, não. Roubar-me? Nunca teve comigo senão bondade, e isso é que é de admirar.

Allan olha de Jo para a mulher e da mulher para Jo, esperando que algum dos dois explique o enigma.

— Mas ele estava em minha companhia, meu senhor — diz a mulher. — *Oh! você, Jo!... Ele estava em minha companhia, lá em Saint Albans, doente, e uma jovem senhora (Deus a abençoe, pois foi uma boa amiga para mim) teve piedade dele, não tendo eu coragem de fazê-lo, e levou-o para casa...*

Allan afastou-se dele, tomado de súbito horror.

— Sim, senhor, sim! Levou-o para casa e deu-lhe conforto. E como um monstro mal agradecido ele fugiu de noite e desde então nunca mais foi visto, nem dele se ouviu falar, até que acabo de pôr-lhe os olhos em cima. E aquela jovem senhora, que era tão linda, contraiu a doença dele, perdeu seu belo aspecto e agora dificilmente poderia ser reconhecida como a mesma, não fosse o seu gênio angélico, o seu lindo corpo e a sua voz suave. Está ouvindo? Seu miserável ingrato, sabe que isso se refere do princípio ao fim a você e à bondade dela para com você? — pergunta a mulher, começando a enraivecercer-se contra ele, ao lembrar-se do que acontecera e desatando em apaixonado pranto.

O menino, de certo modo aturdido pelo que ouve, começa a lambuzar a testa suja com a palma da mão suja e a olhar para o chão, tremendo da cabeça aos pés, até que a cerca vacilante, à qual se apoia, range, ameaçando cair.

Allan contém a mulher, com um simples gesto tranquilo, mas eficaz.

— Ricardo me contou — gagueja ele —, quero dizer, ouvi falar a esse respeito. Não se importe comigo por um instante. Daqui a pouco falarei.

Vira-se e fica por algum tempo olhando para fora da passagem coberta. Ao voltar, já recuperou sua compostura, conquanto ainda porfie contra certa repulsa pelo menino, o que é coisa tão de notar que absorve a atenção da mulher.

— Está ouvindo o que ela diz? Mas levante-se, levante-se!

Jo, tremendo e batendo os dentes, ergue-se devagar e fica de pé, à moda de sua tribo quando em dificuldade, encostado de lado à cerca, descansando um de seus ombros sobre ele, esfregando dissimuladamente a mão direita na esquerda e o pé esquerdo no direito.

— Está ouvindo o que ela diz? Eu sei que é verdade. Você tem estado aqui desde aquela ocasião?

— Que eu morra se vi Tom-All-Alone's antes desta bendita manhã — responde Jo com voz rouca.

— Por que veio aqui agora?

Jo corre o olhar pelo limitado pátio, ergue a vista não muito além dos joelhos de quem o interroga e finalmente responde: — Não sei ficar ocioso e não consigo arranjar nada para fazer. Sou muito pobre e doente e pensei que poderia voltar aqui quando não houvesse ninguém, para ficar, até o anoitecer, escondido em alguma parte que eu conheço, e depois ir pedir um pouco de comida ao Sr. Snagsby. Ele está sempre disposto a me dar alguma coisa, apesar de a Sra. Snagsby estar sempre contra mim... como toda a gente sempre.

— De onde veio você?

Jo corre de novo a vista pelo pátio, torna a olhar para os joelhos de quem o interroga e acaba encostando a cabeça à cerca, numa espécie de resignação.

— Não me ouviu perguntar-lhe de onde veio?

— Tenho andado ao deus-dará — diz Jo.

— Agora diga-me — continua Allan, fazendo um enorme esforço para dominar sua repugnância, aproximando-se bastante dele e inclinando-se com uma expressão de confiança —, diga-me como foi que deixou aquela casa, onde a boa senhorita teve a infelicidade de compadecer-se de você e conservá-lo em casa.

Jo desperta subitamente de sua resignação e declara, cheio de excitação, dirigindo-se à mulher, que nunca soube de nada a respeito da senhorita, que nunca ouviu falar nisso, que nunca foi lá para magoá-la, que mil vezes preferia fazer mal a si mesmo, deixar-se cortar em mil pedaços a vê-la magoada, e que ela fora muito bondosa para ele, portando-se durante essa exposição como se realmente fosse sincero à sua mísera maneira, e concluindo com soltar alguns lastimosos soluços.

Allan Woodcourt nota que aquilo não é fingimento. Obriga-se a tocá-lo.

— Venha cá, Jo. Conte-me tudo.

— Não. Não tenho coragem — diz Jo, voltando à sua posição anterior. — Não tenho coragem de contar.

— Mas eu preciso saber — replica a outro —, de qualquer forma. Venha cá, Jo.

Depois de mais alguns apelos desses, Jo levanta de novo a cabeça, torna a correr a vista pelo pátio, e diz em voz baixa: — Bem, vou contar ao senhor alguma coisa. Levaram-me dali. Aí está!

— Levaram-no? De noite?

— Ah!

Tomado da apreensão de ser escutado, Jo olha em torno de si e lança mesmo um olhar alguns centímetros acima da cerca e através das fendas existentes nela, no receio de que o objeto da sua desconfiança possa estar olhando dali, ou estar escondido do outro lado.

— Quem raptou você?

— Não digo o nome. Não tenho coragem, senhor.

— Mas, em atenção à jovem senhora, eu preciso saber. Você deve ter confiança em mim. Ninguém mais poderá ouvir.

— Ah! mas não sei — respondeu Jo, abanando a cabeça, cheia de temor —, ele é capaz de ouvir.

— Oh! ele não está aqui.

— Quem sabe? — diz Jo. — Parece que ele está presente em todos os lugares.

Allan fita-o, cheio de perplexidade, mas descobre alguma significação real e boa-fé no fundo daquela resposta desnorteante. Espera com paciência uma resposta explícita, e Jo, mais iludido pela paciência dele do que por outra qualquer coisa, por fim lhe murmura desesperadamente um nome ao ouvido.

— Ah! — exclama Allan. — E que esteve você fazendo?

— Nada, meu senhor. Nunca fiz nada para me meter em trapalhadas, a não ser deixar de me mudar e o tal inquérito. Mas estou me mudando agora. Estou-me mudando para o cemitério... é essa a mudança que estou para fazer.

— Não, não. Tentaremos impedir isso. Mas que fez ele com você?

— Pôs-me num hospital — respondeu Jo, cochichando — e, quando tive alta, deu-me um pouco de dinheiro — quatro dessas moedas que os senhores chamam de meia coroa — e disse: “Ponha-se a andar. Ninguém quer você aqui. Suma-se. Mude-se. Não quero ver você em qualquer parte dentro de quarenta milhas de Londres, do contrário se arrependerá.” Isso acontecerá se ele me encontrar, e ele me encontrará enquanto eu estiver em cima da terra — conclui Jo, repetindo nervosamente todas as suas anteriores precauções e investigações.

Allan reflete um pouco. Depois observa, voltando-se para a mulher, mas conservando um olhar animador sobre Jo: — Ele não é tão ingrato como a senhora supôs. Tinha um motivo para fugir, apesar de insuficiente.

— Obrigado, meu senhor, obrigado! — exclama Jo. — Agora sim. Mas ainda há pouco o senhor foi duro comigo. Basta que o senhor conte à jovem senhora o que foi que o cavalheiro me disse, e tudo estará explicado. Quanto ao senhor, sei bem que foi muito bom para mim.

— Agora, Jo — diz Allan, continuando a olhá-lo —, venha comigo que acharei melhor lugar do que este para você ficar escondido. Se eu for por um lado da rua e você pelo outro, para evitar que sejamos observados, você não correrá, sei muito bem, se mo prometer.

— Não correrei, a não ser que eu veja o outro chegando, meu senhor.

— Muito bem. Fio-me na sua palavra. Já metade da cidade está despertando, e dentro de mais meia hora toda a cidade estará bem acordada. Venha. Bom dia outra vez, minha boa mulher.

— Bom dia de novo, meu senhor. E agradeço-lhe tudo muitas vezes.

Ela estivera sentada em cima de sua trouxa, profundamente atenta, mas agora se levanta e a ergue. Jo, continuando a repetir que “basta o senhor dizer à jovem senhora que eu nunca quis magoá-la e o que o cavalheiro me disse”, acena com a cabeça, vacila, estremece, lambuza-se e pisca, diz adeus à mulher, meio a rir, meio a chorar, e sai arrastando-se depois de Allan Woodcourt, ao longo das casas do outro lado da rua. Dessa forma saem os dois de Tom-All-Alone’s para os largos raios da luz do sol e para o ar mais puro.

O TESTAMENTO DE JO

Enquanto Allan e Jo prosseguem ao longo das ruas, onde as altas agulhas das igrejas e as distâncias se mostram tão próximas e tão claras, à luz da manhã, que a própria cidade parece renovada pelo repouso, Allan vai pensando como e onde alojará seu companheiro. “É realmente um fato estranho”, reflete, “que, em pleno coração de um mundo civilizado, seja mais custoso arranjar um destino para esta criatura com forma humana do que para um cão sem dono.” Mas nem por causa de sua estranheza esse fato deixa de existir, persistindo a dificuldade de resolvê-lo.

A princípio olha ele para trás muitas vezes, para se certificar de que Jo o está realmente seguindo. Mas, olhe para onde olhar, ainda o avista perto das casas opostas, caminhando com a mão prudente a tocar de tijolo em tijolo e de porta em porta e, muitas vezes, enquanto assim anda com cautela, lançando para Allan um olhar vigilante. Em breve satisfeito por verificar que a última coisa que passa pela cabeça do menino é fugir, Allan continua a ponderar com a atenção menos dividida o que lhe cumpre fazer.

A primeira coisa que deve fazer lhe é sugerida por uma bodega a uma esquina de rua. Para ali, olha ao redor e chama Jo. Este atravessa a rua e chega coxeando e acanhado, esfregando lentamente os nós dos dedos da mão direita dentro do côncavo da esquerda, amassando imundície naquele almofariz e pilão natural. O que para Jo representa um opíparo banquete é colocado diante dele, e ele começa a engolir o café e a mastigar o pão com manteiga, olhando ansioso em volta de si e em todas as direções enquanto come e bebe, como um animal assustado.

Mas está tão doente e alquebrado que até a fome o abandonou.

— Pensei que estava quase morto de fome, meu senhor — diz Jo, deixando dentro em pouco de comer —, mas não me interessa por coisa alguma, nem mesmo por isto. Não me apetece a comida nem a bebida.

E Jo está ali a tremer, olhando curioso para o almoço.

Allan Woodcourt põe a mão no pulso dele e no peito.

— Respire, Jo.

— O ar sai tão pesado como uma carroça — diz Jo, que poderia acrescentar: “e também matraqueia como ela”; mas apenas murmura: — Vou-me mudar, meu senhor.

Allan procura por ali uma botica. Não vê nenhuma perto, mas uma taverna serve tanto quanto ela, se não melhor. Arranja um pouco de vinho e ministra ao garoto uma pequena porção dele, com todo o cuidado. O rapazinho começa a reviver logo que o líquido lhe passa pelos lábios.

— Podemos repetir esta dose, Jo — observa Allan, contemplando-o com o rosto atento. — Bom. Agora descansaremos uns cinco minutos e depois vamos continuar.

Deixando o menino sentado no banco da tasca, com as costas apoiadas numa grade de ferro, Allan fica andando de um lado para outro à luz do sol matinal, lançando de vez em quando um olhar para ele, sem dar a entender que o está vigiando. Não custa verificar que ele se sente aquecido e repousado. Se um rosto tão sombrio pode brilhar, pode-se dizer que sua face brilha um tanto, e pouco a pouco ele vai comendo o pedaço de pão que com tamanho desânimo havia posto de lado. Observando esses sinais de melhora, Allan trava conversa com ele e aos poucos vem a conhecer, com grande espanto seu, a aventura da dama do véu, com todas as suas consequências. Já vai mastigando lentamente, enquanto lentamente conta a aventura. Ao terminar sua história e seu pedaço de pão, continuam o caminho de novo.

Tencionando delegar sua dificuldade de descobrir um refúgio temporário para o menino à sua antiga cliente, a zelosa Miss Flite, dirige-se Allan para o largo onde ele e Jo pela primeira vez se encontraram. Mas tudo está mudado na loja de trapos e garrafas. Miss Flite não mora mais lá. A loja está fechada e uma mulher de feições duras, bastante enegrecidas pela poeira, cuja idade é um problema, mas que não é outra senão a interessante Judy, mostra-se azeda e lacônica em suas respostas. Estas bastaram, porém, para informar o visitante de que Miss Flite e seus passarinhos estão alojados em casa de uma Sra. Blinder, em Bell Yard, e Allan parte para aquele vizinho lugar, onde Miss Flite (que se levanta cedo para ser pontual no Tribunal de Justiça, presidido

pelo seu excelente amigo, o Chanceler) desce correndo as escadas, de braços abertos e com lágrimas de boas-vindas.

— Meu caro doutor! — exclama Miss Flite. — Meu meritório, distinto e honrado oficial! — Ela costuma empregar certas expressões estranhas, mas mostra-se tão cordial e bondosa como pode mostrar-se o juízo perfeito — mais muitas vezes do que este se mostra. Allan, muito paciente com ela, espera até que ela esgote suas expressões arrebatadas e aponta então para Jo, que está a tremer a uma porta, explicando à velha como chegou ele ali.

— Onde poderei alojá-lo por aqui agora? Como a senhora adquiriu um cabedal de sabedoria e bom senso, pode aconselhar-me.

Miss Flite, muito orgulhosa por aquele cumprimento, põe-se a refletir. Passa bastante tempo até que uma ideia luminosa lhe ocorra. A casa da Sra. Blinder está inteiramente lotada e quanto a ela, Miss Flite, ocupa o quarto do pobre Gridley.

— Gridley! — exclama Miss Flite, batendo as mãos, depois de repetir umas vinte vezes essa observação. — Gridley! Decerto! Sem dúvida! Meu caro doutor! O General Jorge nos ajudará!

É inútil pedir qualquer informação a respeito do General Jorge, pois Miss Flite já subira às carreiras a escada para ir pôr na cabeça seu chapéu amassado e seu pobre xalezinho, armando-se com sua bolsa de documentos. Mas, informando ela ao doutor, segundo sua maneira desconexa, quando desce já preparada, que aquele General Jorge, a quem muitas vezes visita, conhece a sua querida Fitz-Jarndyce e se interessa muito por tudo quanto com ela se relaciona, Allan é induzido a pensar que talvez estejam no bom caminho. Para animar Jo, diz-lhe que essa nova caminhada terminará dentro em pouco, e eles se encaminham para a casa do general. Felizmente não é longe.

Do exterior da Galeria de Tiro de Jorge, da comprida entrada e da nova perspectiva para além dela, Allan faz bom augúrio. Descobre também qualquer coisa de promissor na figura do próprio Jorge, caminhando a passos largos na direção deles, em seu exercício matinal, com o cachimbo na boca, sem gravata, com os braços musculosos, desenvolvidos pelo uso do sabre e dos halteres, em forte relevo por baixo das mangas da camisa leve.

— Um seu criado, senhor — diz o Sr. Jorge, com uma continência.

Sorrindo de bom humor, com o rosto aberto desde a larga fronte até o cabelo crespo, passa em seguida a prestar atenção a Miss Flite, a qual, com grande dignidade e alguma demora, executa a cerimônia cortês da apresentação. Ele a conclui com outro “Um seu criado, senhor!” e outra continência.

— Desculpe-me, senhor. O senhor é marinheiro? — pergunta o Sr. Jorge.

— Orgulho-me de saber que tenho ar de marinheiro — responde Allan.
— Mas sou apenas um médico de bordo.

— Deveras, senhor! Pois pensei que o senhor era um legítimo marujo.

Allan espera que, em atenção a isso, o Sr. Jorge perdoe mais prontamente sua intromissão, e que principalmente não largue seu cachimbo, como ameaçara fazê-lo por polidez.

— Muita bondade de sua parte, meu senhor — replica o cavalariano — Como sei por experiência que isso não desagrada a Miss Flite e já que também ao senhor não desagrada... — E acaba a frase tornando a pôr o cachimbo entre os beijos. Allan continua, contando-lhe tudo quanto sabe a respeito de Jo, escutando o cavalariano com ar sério.

— E é esse o garoto, não é doutor? — pergunta ele, olhando para a entrada, onde se encontra Jo, com os olhos levantados para as grandes letras da fachada caiada, que nada significam para ele.

— É esse mesmo — diz Allan. — Estou em dificuldade por causa dele, Sr. Jorge. Não desejo colocá-lo num hospital, ainda que pudesse obter a imediata admissão dele, porque vejo que não permaneceria ali muitas horas, depois que lá entrasse. A mesma objeção se aplica a uma oficina, na suposição de que eu tivesse a paciência de ser iludido e evitado e levado de Herodes para Pilatos, tentando colocá-lo em alguma — sistema que não é muito do meu agrado.

— Não é de ninguém, senhor — acrescenta o Sr. Jorge.

— Estou convencido de que ele não ficaria em qualquer desses lugares, por estar dominado por um extraordinário terror da pessoa que lhe ordenou que levasse sumiço. Na sua ignorância acredita que essa pessoa esteja em toda a parte e seja sabedora de tudo.

— Queira desculpar-me, senhor — diz o Sr. Jorge —, mas o senhor não mencionou o nome dessa pessoa. É segredo?

— O menino faz segredo disso. Mas o nome é Bucket.

— Bucket, o detetive?

— Esse mesmo.

— Conheço o homem — afirma o cavalariano, depois de soprar uma nuvem de fumaça e de dilatar o peito — e o rapazinho tem toda a razão, porque ele é indubitavelmente um sujeito bem estranho.

O Sr. Jorge fuma depois disso com um jeito muito significativo e observa Miss Flite em silêncio.

— Eu desejo que o Sr. Jarndyce e Miss Summerson, pelo menos, saibam que esse Jo, que conta uma história tão estranha, reapareceu, e possam falar-lhe, se assim o desejarem. Portanto, quero, no momento, colocá-lo em alguma pensão pobre, mas dirigida por gente decente, onde ele possa ser admitido. Gente decente e Jo, Sr. Jorge — diz Allan, seguindo a direção do olhar do cavalariano ao longo do corredor —, como o senhor vê, não têm andado muito juntos. Daí a dificuldade. Por acaso o senhor conhece alguém nesta vizinhança que pudesse recebê-lo por algum tempo, mediante pagamento adiantado?

Ao fazer essa pergunta, repara num homenzinho de cara suja, que está de pé junto do cavalariano, olhando, numa figura estranhamente retorcida, para o semblante do ex-militar. Depois de tirar algumas baforadas no seu cachimbo, o Sr. Jorge baixa a vista, de soslaio, para o homenzinho, que, por sua vez, pisca para o cavalariano.

— Está bem, senhor — diz o Sr. Jorge —, posso garantir-lhe que de bom grado deixaria que me batessem, em qualquer ocasião, se isso pudesse ser agradável a Miss Summerson. Por conseguinte, considero um privilégio prestar qualquer serviço, por menor que seja, àquela senhorita. Vivemos aqui, eu e Phil, como vagabundos. O senhor está vendo como é a casa. Teremos o maior prazer em ceder um sossegado cantinho dela ao rapaz, se ele estiver de acordo com o senhor. Nenhum pagamento, exceto o do rancho. Não nos achamos em condições muito folgadas, senhor. Estamos sujeitos a ser expulsos daqui a qualquer momento. Seja como for, tal como é a casa e enquanto aqui estivermos, estará à sua disposição.

Com um largo movimento do seu cachimbo, o Sr. Jorge põe todo o edifício à disposição do visitante. E acrescenta: — Na qualidade de médico,

creio que tem certeza que não há perigo de contágio da parte daquele infeliz?

Allan afirma categoricamente que não.

— É porque, senhor — diz o Sr. Jorge, meneando a cabeça tristemente —, já temos tido muito disso.

O tom de sua voz não é menos tristemente apoiado pelo seu novo conhecido.

— Tenho ainda obrigação de dizer-lhe — observa Allan, depois de repetir sua anterior afirmativa — que o rapazinho está deploravelmente abatido e fraco e que talvez esteja — não afirmo que está — demasiado longe de recuperar a saúde.

— Considera-o presentemente em perigo? — indaga o ex-militar.

— Sim, receio que sim.

— Então, senhor — diz o Sr. Jorge, de maneira decisiva —, parece-me — sendo eu naturalmente um vagabundo — que quanto mais cedo ele sair da rua, melhor. Você, Phil, traga-o para cá.

O Sr. Squod vai-se virando todo dum lado para executar a ordem de comando, e o cavalariano, tendo acabado de fumar seu cachimbo, guarda-o. Jo é trazido à sua presença. Não é nenhum dos índios tockahupo da Sra. Pardiggle; não é nenhum dos cordeirinhos da Sra. Jellyby; não tem relação de espécie alguma com Borriobula-Gha; não está amansado pela distância e pela falta de familiaridade; não é um autêntico selvagem estrangeiro: é apenas o artigo comum fabricado em casa. Sujo, feio, desagradável em todos os sentidos. De corpo, uma criatura comum das ruas comuns, pagão apenas na alma. A imundície doméstica o enxovalha, os parasitas domésticos o devoram, as chagas domésticas estão nele, os farrapos domésticos o cobrem: a ignorância nativa, floração do solo e do clima ingleses, afunda-lhe a natureza imortal, pondo-a num nível inferior ao dos brutos que perecem. Adianta-te, Jo, com as tuas maneiras inflexíveis! Da sola dos pés ao alto da cabeça, nada há de interessante em ti!

Ele vem-se arrastando vagarosamente para dentro da galeria do Sr. Jorge e permanece encolhido como uma trouxa, de olhos fitos no chão. Parece saber que todos são levados a fugir dele, em parte pelo que ele é e em parte pelo que tem causado. Ele, por sua vez, afasta-se dos demais. Ele não pertence à

mesma ordem de coisas, não ocupa o mesmo lugar na criação. Não pertence a nenhuma ordem ou lugar, nem a dos animais, nem a da humanidade.

— Olhe aqui, Jo! — diz Allan. — Este é o senhor Jorge.

Jo olha para o chão mais algum tempo, depois levanta os olhos um instante, e em seguida torna a baixá-los.

— É um bom amigo seu, pois vai hospedá-lo aqui num quarto.

Jo faz um vago gesto com uma das mãos a modo de cumprimento, e depois de mais alguma demora e mais algum recuo e alguma mudança do pé sobre o qual descansa, murmura um “muito obrigado”.

— Você está completamente a salvo aqui. O que tem que fazer no momento é ser obediente e ficar forte. E lembre-se que aqui nos deve contar a verdade, faça você o que fizer, Jo.

— Que eu morra, se não fizer assim, meu senhor — diz Jo, repetindo sua declaração preferida. — Nunca fiz nada, a não ser o que o senhor sabe, para me meter em complicações. Nunca me meti em complicação alguma... não sabendo de nada e só conhecendo fome.

— Acredito. Agora atenda o Sr. Jorge. Vejo que ele vai falar-lhe.

— Minha intenção era simplesmente — observa o Sr. Jorge, maravilhosamente largo e teso — mostrar a ele, senhor, onde pode deitar-se para tirar uma boa soneca. Olhe aqui.

Enquanto o ex-militar fala, conduz todos até o outro extremo da galeria e abre um dos pequenos cubículos.

— É aqui, está vendo? Há um colchão e nele você poderá descansar à vontade, tanto tempo quanto o Sr. — queira desculpar-me (e vale-se do cartão que Allan lhe deu) — o Sr. Woodcourt quiser. Não se assuste se ouvir tiros. São dirigidos ao alvo e não a você. Agora, há outra coisa que eu desejaria recomendar-lhe, senhor — diz o cavalariano, voltando-se para o seu visitante. — Phil, venha cá.

Phil aproxima-se deles de viés, como é seu costume.

— Aqui está um homem, senhor, que, quando menino, foi encontrado numa sarjeta. É de esperar, portanto, que tome um interesse natural por essa pobre criatura. Não é mesmo, Phil?

— Decerto e sem nenhuma dúvida, patrão — respondeu Phil.

— Estava agora pensando, senhor — diz o Sr. Jorge, numa espécie de confiança marcial, como se estivesse dando seu voto num conselho de guerra —, que se este homem levasse o rapaz a tomar um banho e tivesse de gastar uns xelins para comprar uma ou duas coisas baratas para ele...

— Sr. Jorge, meu distinto amigo — replica Allan, tirando a carteira era este —, justamente o favor que eu queria pedir.

Phil Squod e Jo são despachados imediatamente para essa tarefa de melhoria. Miss Flite, entusiasmadíssima com o seu êxito, apressa-se em seguir para o Tribunal, com grande temor de que o seu amigo, o Chanceler, possa ficar inquieto a seu respeito, ou dar em sua ausência a sentença por ela há tanto esperada. E observa: — O que, como sabem, meu caro doutor e senhor general, depois de tantos anos, seria uma infelicidade absurda! — Allan aproveita a oportunidade para sair à procura de alguns remédios restaurativos. Tendo-os obtido logo ali perto, volta sem demora e encontra o cavalariano medindo a galeria a largos passos e junta-se a ele nesse passeio.

— Creio que o senhor — diz o Sr. Jorge — conhece muito bem Miss Summerson, não é?

— Sim, parece.

— É aparentado com ela, senhor?

— Não.

— Desculpe-me a aparente curiosidade — diz o Sr. Jorge. — Pareceu-me provável que o senhor tivesse por essa infeliz criatura mais do que um interesse comum, porque Miss Summerson por ela tomou também aquele malfadado interesse. É o meu caso, senhor, posso garantir-lhe.

— E o meu, Sr. Jorge.

O cavalariano olha de soslaio para as faces de Allan, queimadas pelo sol, e para seus brilhantes olhos negros, mede rapidamente sua altura e porte, parecendo ficar satisfeito.

— Desde que o senhor saiu, estive pensando que conheço sem dúvida alguma os aposentos em Lincoln's Inn Fields, para onde Bucket levou o rapaz, de acordo com a narrativa deste. Conquanto ele não esteja familiarizado com o nome, posso auxiliar o senhor. É Tulkinghorn. É esse.

Allan interroga-o com o olhar, repetindo o nome.

— Tulkinghorn. É este o seu nome. Conheço o homem. E sei que tem estado em comunicação com Bucket antes, por causa de uma pessoa falecida que o ofendera. Conheço o homem, doutor. Infelizmente para mim.

Allan pergunta naturalmente que espécie de homem é ele.

— Que espécie de homem? Tenciona vê-lo?

— Penso que sei bastante a respeito dele. Tenciono entender-me com ele. Em geral, que espécie de homem é ele?

— Ora pois, vou dizer-lhe — responde o cavalariano, parando de chofre e cruzando os braços sobre o largo peito, demonstrando tamanha cólera que seu rosto parece despedir chispas. — É uma espécie de homem terrivelmente mau. É uma espécie de torturador lento. Não tem mais carne e sangue do que uma velha carabina enferrujada. É uma espécie de homem que me tem causado mais inquietação, mais intranquilidade, mais descontentamento comigo mesmo, do que todos os outros homens juntos. É isso que é o tal Tulkinghorn!

— Lamento ter tocado numa chaga tão dolorida — diz Allan.

— Dolorida? — O cavalariano afasta mais as pernas, enxuga a palma de sua larga mão direita e a leva ao imaginário bigode. — Não é culpa sua, senhor, mas o senhor será o juiz. Ele tem ascendência sobre mim. Ele é o homem do qual eu acabava de falar como sendo capaz de me pôr para fora desta casa do pé para a mão. Ele me conserva numa verdadeira roda-viva. Não quer manter-se a distância nem chegar-se. Se tenho de fazer-lhe um pagamento ou de pedir-lhe um prazo, ou qualquer outro assunto a tratar com ele, não me vê, não me ouve — empurra-me para o Melquisedeque em Clifford's Inn e o Melquisedeque de Clifford's Inn por sua vez me empurra para ele —, conserva-me de ronda em torno dele e dele dependente, como se eu fosse feito do mesmo estofado que ele. Ora, já gastei metade de minha vida desperdiçando tempo e rondando diante da porta dele. Incomoda-se ele com isso? De modo algum. Tal como se fosse a velha carabina enferrujada a que o comparei. Excita-me, aguilhoa-me até... qual carapuça! estou perdendo a cabeça. Sr. Woodcourt — o cavalariano retoma sua caminhada —, o que digo é que ele é um velho. Mas alegro-me por saber que nunca terei a dita de meter esporas no meu cavalo e cavalgar contra ele em campo aberto, pois se tivesse

essa sorte, por ocasião de um de seus caprichos contra mim, haveria de dar com ele em terra, doutor!

O Sr. Jorge está tão exaltado que acha necessário enxugar a testa na manga da camisa. Mesmo enquanto procura afugentar sua impetuosidade assobiando o Hino Nacional, ainda perduram certos estremecimentos da cabeça e palpitações do peito, sem falar num apressado e fortuito jeito dado com as mãos ambas ao colarinho aberto de sua camisa, como se este não estivesse suficientemente aberto para impedir que o militar fosse incomodado por uma sensação de asfixia. Em resumo, Allan Woodcourt pouca dúvida tinha de que o Sr. Tulkinghorn beijaria o pó no aludido campo.

Jo e seu guia voltaram pouco depois, sendo aquele ajudado a deitar-se no colchão pelo cuidadoso Phil, a quem, depois da devida administração do remédio, por suas próprias mãos, Allan encarrega de todos os necessários meios e instruções. Já a esse tempo a manhã vai adiantada. O médico dirige-se a sua casa para mudar de roupa e almoçar e depois, sem sequer descansar, segue para a casa do Sr. Jarndyce a fim de comunicar-lhe sua descoberta.

O Sr. Jarndyce volta com ele sozinho, dizendo-lhe confidencialmente que há razões para conservar aquele assunto bastante reservado e revelando sério interesse pelo caso. Jo repete em substância ao Sr. Jarndyce o que dissera pela manhã, sem nenhuma modificação ponderável. Somente aquela sua carroça está mais pesada e difícil de arrastar e se arrasta com um som ainda mais cavo.

— Deixem-me ficar quieto aqui e que não me atormentem mais — gagueja Jo —, e qualquer dos senhores, quando passar perto do lugar onde eu costumava varrer, tenha a bondade de dizer ao Sr. Snagsby que Jo, seu velho conhecido, está cumprindo direito seu dever e eu ficarei muito agradecido. Ficarei mais agradecido do que já estou, se é que isso é possível para um desgraçado como eu.

Faz tantas referências ao paleiro forense no correr de um ou dois dias, que Allan, depois de consultar o Sr. Jarndyce, resolve bondosamente fazer uma visita ao Pátio do Cozinheiro, e isso quanto antes, uma vez que a carroça parece estar a desconjuntar-se.

Encaminha-se, pois, para o Pátio do Cozinheiro. O Sr. Snagsby acha-se por trás de seu balcão, no seu casaco cor de cinza, examinando um contrato de várias folhas de pergaminho que acaba de chegar do copista, imenso

deserto de caligrafia forense, tendo de onde em onde o oásis de algumas letras mais gradas para quebrar a terrível monotonia e livrar do desespero o viajante. O Sr. Snagsby para junto de um daqueles poços de tinta e recebe o estranho com sua tosse de preparação geral para entabular qualquer negócio.

— Não se recorda de mim, Sr. Snagsby?

O coração do papaleiro começa a bater pesadamente, pois suas velhas apreensões nunca amorteceram. Mal pôde responder: — Não, senhor. Não posso dizer que me recordo. Para encurtar conversa, posso considerar que jamais vi o senhor anteriormente.

— Já duas vezes — diz Allan Woodcourt. — Uma vez à cabeceira de um pobre e outra...

— Afinal! — pensa o aflito papaleiro, à medida que a lembrança lhe chega. — A coisa atingiu o ponto crítico e vai rebentar!

Mas tem a suficiente presença de espírito para conduzir o visitante a um pequeno escritório, fechando a porta.

— O senhor é casado?

— Não, senhor.

— Quer ter a bondade — diz o Sr. Snagsby num murmúrio melancólico — de, apesar de solteiro, falar o mais baixo possível? Porque minha mulherzinha vive a escutar por toda a parte, e corro o risco de perder o negócio e quinhentas libras!

Com profundo abatimento o Sr. Snagsby senta-se no seu tamborete, com as cosias voltadas para a escrivania, afirmando: — Meu senhor, nunca tive um segredo meu próprio. Na minha memória não encontro acusação alguma de ter jamais tentado iludir minha mulherzinha por minha própria conta, desde que ela marcou o dia. Nunca desejei tê-lo. Para encurtar conversa, jamais poderia tê-lo, jamais o teria ousado. Mas o fato é que, não obstante isso, sempre me encontro envolvido em mistérios e segredos, a ponto de ter-se tornado a vida uma carga para mim.

Ouvindo isso, o visitante externa seu pesar e pergunta-lhe se se lembra de Jo. O Sr. Snagsby, com um surdo gemido, responde que não prossiga.

— O senhor não poderia citar o nome de qualquer criatura humana, exceto o meu, contra quem minha mulherzinha nutra mais prevenção — diz o

Sr. Snagsby.

Allan pergunta por quê.

— Por quê? — repete o Sr. Snagsby, agarrando com desespero a madeixa de cabelo atrás de sua cabeça calva. — Como hei de saber por quê? Enfim o senhor é solteiro e pode muito ser desculpado por fazer tal pergunta a uma pessoa casada!

Com esse benévolo reparo, tosse o Sr. Snagsby uma tosse de triste resignação e sujeita-se a ouvir o que o visitante tem para comunicar.

— Ai temos de novo a história! — exclama o Sr. Snagsby, que, entre o fervor de seus sentimentos e as tonalidades surdas de sua voz, havia empalidecido. — De novo isso, mas agora noutra direção! Certa pessoa exorta-me, da maneira mais solene, a não falar de Jo a quem quer que seja, mesmo a minha mulherzinha. Depois chega outra pessoa, a sua pessoa, e exorta-me, de maneira igualmente solene, a não fazer menção de Jo àquela outra pessoa, acima de todas as outras. É de endoidecer! Para encurtar conversa, isso parece uma casa de orates, senhor — diz o Sr. Snagsby.

Mas, afinal de contas, o caso não saiu tao negro como ele esperava, não tendo havido explosão de mina debaixo dele, nem aprofundamento do poço em que caiu. E sendo de coração sensível e comovendo-se com o que ouve a respeito da situação de Jo, prontamente se compromete a “dar uma olhada às redondezas” logo à noite, assim que puder arranjar as coisas tranquilamente. Dá tranquilamente um olhar às redondezas, quando a noite cai, mas pode acontecer que a Sra. Snagsby seja tão cautelosa no arranjar as coisas como ele.

Jo sente-se muito alegre ao ver seu velho amigo e diz, quando ficam a sós, que considera uma bondade fora do comum o ter o Sr. Snagsby vindo de tao longe por causa duma criatura como ele. Comovido pelo que vê, o Sr. Snagsby imediatamente deixa sobre a mesa uma meia coroa — aquele seu mágico balsamo para todas as feridas.

— E agora como se sente você, meu pobre garoto? — pergunta a papeleiro, com sua tosse compassiva.

— Sinto-me feliz, Sr. Snagsby — respondeu Jo e nada mais desejo. Tenho mais conforto do que o senhor pode imaginar. Sr. Snagsby, sinto-me triste por tê-lo feito, mas não vou fazer mais.

Sorrateiramente o papaleiro deposita sobre a mesa outra meia coroa e pergunta-lhe o que foi que ele fez para estar triste.

— Sr. Snagsby — diz Jo eu levei doença para a senhora que estava com a outra senhora e nenhuma delas me fala por ter feito isso, pois são muito boas e acham que tenho sido muito infeliz. A própria senhora veio ver-me ontem e disse: — Ah! Jo! Pensávamos havê-lo perdido, Jo! — Senta-se, sorrindo muito quieta e não me diz uma palavra, nem me lança um olhar por eu ter feito o que fiz. Voltei-me para a parede, Sr. Snagsby. E o Sr. Jarndyce, vi-o obrigado a afastar-se. E o Sr. Woodcourt veio para dar-me alguma coisa que me aliviasse, o que vem fazendo dia e noite, e quando ele chega e se curva sobre mim, falando-me cheio de coragem, vejo suas lágrimas caírem, Sr. Snagsby.

O enternecido papaleiro deposita outra meia coroa em cima da mesa. Somente a repetição daquele infalível remédio alivia seus sentimentos.

— Eu estava pensando, Sr. Snagsby — continuou Jo —, que talvez o senhor fosse capaz de escrever muita coisa, não é?

— Sim, Jo, graças a Deus — volve o papaleiro.

— Talvez muita coisa, de um modo pouco comum e precioso — diz Jo, com ânsia.

— Sim, meu pobre rapaz.

Jo ri com prazer.

— O que eu estava pensando, Sr. Snagsby, era que quando eu me tivesse mudado para muito longe, tao longe que não fosse possível ir além, o senhor teria a bondade de escrever com letra bastante grande, de modo que qualquer pessoa pudesse ver isso de qualquer parte, que eu me sinto verdadeiramente arrependido do que fiz e que nunca mais o farei, e que, embora eu não soubesse de nada, vi uma vez quanto o Sr. Woodcourt lamentou o caso, entristecendo-me também. Mas espero que ele me perdoe. Se esse escrito dissesse tudo isso muito direito, ele poderia perdoar-me.

— Tudo será dito, Jo. Minuciosamente.

Jo ri de novo.

— Obrigado, Sr. Snagsby. É muita bondade de sua parte, e isso me causa mais conforto do que o que antes sentia.

O manso papeleiro, com uma tosse partida e interrompida, deixa sobre a mesa sua quarta meia coroa (nunca se lhe deparara um caso que requeresse tantas) e dispõe-se a partir. E Jo e ele, sobre esta miserável terra, nunca mais se encontrarão, nunca mais.

Porque a carroça tão difícil de arrastar está quase ao fim da sua jornada e se arrasta sobre um solo pedregoso. Enquanto o ponteiro do tempo da sua volta, ela se afana a subir os degraus partidos, estragados e gastos. Não muitas vezes pode o sol erguer-se e vê-la ainda sobre sua fatigante estrada.

Phil Squod, com a sua cara enfumarada de pólvora, ao mesmo tempo faz de enfermeiro e de armeiro à sua mesinha a um canto, olhando muitas vezes em volta e dizendo com um movimento do seu boné de baeta verde e uma rija elevação de sua única sobancelha: — Coragem, meu rapaz! Ânimo. — Ali esta também o Sr. Jarndyce muitas vezes e Allan Woodcourt quase sempre, ambos refletindo no modo estranho com que o destino havia enredado aquele grosseiro pária na trama das mais diferentes vidas. Assíduo visitante é também o ex-militar, que obstrui a porta com a sua figura atlética e, com seu excesso de vida e de força, parecendo infundir temporário vigor em Jo, que nunca deixa de falar com mais desembaraço quando responde às alegres palavras.

Hoje Jo acha-se adormecido ou numa espécie de sonolência e Allan Woodcourt, que acaba de chegar, fica ao lado dele, contemplando o seu vulto mirrado. Depois de algum tempo senta-se devagarinho a beira da cama com o rosto voltado para ele — justamente como se sentou no quarto do papeleiro forense — e apalpa-lhe o peito e o coração. A carroça havia quase cedido, mas ainda trabalha um pouco mais.

O cavalariano permanece na entrada, firme e silencioso. Phil parou seu leve tinido, com o martelinho na mão. O Sr. Woodcourt olha em redor, trazendo estampado no semblante o sério interesse e atenção profissional, e, lançando um olhar significativo ao cavalariano, faz sinal a Phil para que leve sua mesa para fora do quarto. Quando o martelinho tornar a ser usado, haverá sobre ele uma nódoa de ferrugem.

— Está bem, Jo! Que é que há? Não fique com medo.

— Pensei — diz Jo, que estremeceu e está circunvagando a vista —, pensei que estivesse de novo em Tom-All-Alone's. Não ha mais ninguém aqui senão o senhor?

— Ninguém.

— E não me vão levar outra vez para Tom-All-Alone's, não é, Sr. Woodcourt?

— Não.

Jo cerra os olhos e murmura:

— Estou muito agradecido.

Depois de observá-lo atentamente um pouco mais, Allan aproxima bastante sua boca da orelha do enfermo e diz-lhe em voz baixa, mas distinta: — Jo, você já soube algum dia rezar?

— Nunca soube, senhor.

— Nem ainda uma curta prece?

— Não, senhor. Nada, nada. O Sr. Chadbands esteve rezando uma vez em casa do Sr. Snagsby e eu o ouvi. Mas parecia que ele estava falando para si e não para mim. Rezou um bocado, mas eu não pude entender nada. Várias vezes apareceram em Tom-All-Alone's outros cavalheiros rezando, mas quase todos rezavam errado e pareciam falar para si mesmos, ou dirigir censuras uns aos outros, não falando para nós. Nós nunca ficávamos sabendo coisa alguma. Eu nunca entendi aquilo.

Levou muito tempo para dizer isso, e poucos, a não ser um ou outro ouvinte experimentado e atento, poderiam ouvir ou, ouvindo, compreendê-lo. Depois de curta recaída no sono ou sopor, de repente fez um forte esforço para pular da cama.

— Fique quieto, Jo! Que há?

— Já é tempo de eu ir para aquele campo de enterro, meu senhor — diz ele, com um olhar feroz.

— Deite-se e fale-me. Que campo de enterro, Jo?

— Onde puseram aquele que foi muito bom para mim, muito bom mesmo. Já é tempo de eu ir para aquele campo de enterro, meu senhor, e de pedir que me coloquem ao lado dele. Desejo ir para lá e ser enterrado. Ele costumava dizer-me: “Hoje eu estou tão pobre como você, Jo!” Quero dizer-lhe que agora eu estou tão pobre como ele e que cheguei ali para ser enterrado ao lado dele.

— Daqui a pouco, Jo, daqui a pouco.

— Ah! Eles talvez não quisessem fazê-lo. Mas o senhor promete-me que me levará para ali e me deitará ao lado dele?

— Prometo, decerto.

— Obrigado, senhor. Obrigado, senhor. Terão de arranjar a chave do portão para poderem pôr-me lá dentro, pois está sempre fechado. E há um degrau ali que eu costumava limpar com a minha vassoura. Está ficando muito escuro, senhor. Não vão trazer alguma luz?

— Vem imediatamente, Jo.

Depressa. A carroça está reduzida a pedaços e a estrada pedregosa se aproxima do fim.

— Jo, meu pobre menino!

— Estou no escuro, mas escuto o senhor, posso apalpar... apalpar... deixe-me segurar sua mão.

— Jo, poderá você dizer o que eu vou fazer?

— Direi qualquer coisa que o senhor disser, porque sei que é boa coisa.

— PADRE NOSSO.

— Padre Nosso! Sim, isto é muito bom, senhor.

— QUE ESTAIS NO CÉU.

— Que estais no céu... A luz já vem, senhor?

— Está pertinho. SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME!

— Santificado seja o vosso...

A luz caiu sobre a estrada envolta em trevas. Morto!

Morto, majestade. Morto, meus lordes e cavalheiros. Morto, reverendos e não-reverendos de todas as ordens. Morto, homens e mulheres, nascidos com celestial compaixão na alma. E morrendo assim em torno de nos todos os dias...

ENCERRANDO

A residência de Lincolnshire tornou a fechar seus numerosos olhos, e a casa da cidade esta acordada. Em Lincolnshire, os Dedlocks do passado dormitam nas suas molduras, e o vento baixo murmura através do salão, como se eles estivessem respirando regularmente. Na cidade, os Dedlocks do presente rolam nas suas carruagens de olhos ígneos através da escuridão da noite, e os Mercúrios dos Dedlocks, com cinza (ou pós de cabelo) na cabeça, sinal da sua grande humildade, deixam as manhãs sonolentas espreguiçarem nas pequenas janelas do vestíbulo. O mundo elegante — tremendo orbe, com quase cinco milhas de perímetro — acha-se em plena rotação, e o sistema solar opera respeitosamente nas suas distâncias marcadas.

Onde a multidão é mais densa, onde as luzes são mais vividas, onde todos os sentimentos são satisfeitos com a maior delicadeza e refinamento, aí se encontra Lady Dedlock. Das alturas brilhantes que escalou a tomou, nunca esta ausente. Conquanto não mais exista a crença que já teve de ser capaz de conservar sob o manto da sua soberba tudo quanto quisesse; ainda que ela não tenha certeza de poder ser por mais um dia a mesma de sempre para os que a cercam; não está em sua natureza, quando olhos invejosos nela pousam, ceder ou curvar-se. Dizem que ultimamente ela se torna cada vez mais bela e mais orgulhosa. O primo debilitado diz que ela é bastante bonita, mas de uma beleza um tanto alarmante e algo inconveniente.

O Sr. Tulkinghorn nada diz, nada olha. Agora, como sempre, pode ser encontrado as portas dos aposentos, com sua gravata branca amarrada num laço frouxo e fora de moda, recebendo amparo da nobreza, mas não dando sinal de nada. De todos os homens o Sr. Tulkinghorn é ainda aquele de quem menos se pode suspeitar que exerça alguma influência sobre Lady Dedlock. De todas as mulheres, Lady Dedlock é ainda aquela de quem menos se pode suspeitar que tenha algum medo dele.

Uma coisa não sai do pensamento da nobre dama desde a última

entrevista que tiveram no quarto de torreão do Sr. Tulkinghorn em Chesney Wold. Está agora resolvida e disposta a afugentar essa ideia.

É manhã no grande mundo mas passa de meio-dia, de acordo com o sol insignificante. Os Mercúrios, exaustos de olhar pela janela, estão descansando no vestíbulo; as imponentes criaturas deixam pender as pesadas cabeças como girassóis que floriram em excesso. Igualmente como eles, parecem vergar ao peso das sementes, isto é, dos penduricalhos e enfeites que ostentam. Sr. Leicester, na biblioteca, adormeceu, para bem do país, lendo o relatório de uma comissão parlamentar. Lady Dedlock está sentada na sala em que recebeu o rapaz chamado Guppy. Rosa está com ela, e esteve escrevendo sob seu ditado e lendo para ela. No momento, borda ou faz alguma bonita coisa dessa natureza, e, enquanto curva a cabeça sobre seu trabalho, a senhora a observa em silêncio e não pela primeira vez naquele dia.

— Rosa.

O lindo rosto aldeão se ergue com vivacidade. Depois, notando a serenidade da senhora, parece confuso e surpreso.

— Veja a porta. Esta fechada?

Sim. Ela vai até a porta e volta, parecendo ainda mais surpreendida.

— Estou a ponto de fazer-lhe uma confidência, menina, pois sei que posso contar com sua dedicação, se não com o seu bom senso. No que vou fazer, não procurarei disfarçar-me ao menos diante de você. Mas tenho confiança em você. Nada diga a ninguém do que se passar entre nós.

A tímida e linda moca promete muito a sério ser merecedora dessa confiança.

— Sabe você — pergunta-lhe Lady Dedlock, fazendo-lhe sinal para aproximar sua cadeira — sabe você, Rosa, que sou diferente para você do que sou para qualquer outra pessoa?

— Sim, minha senhora. Muito mais bondosa. Por isso muitas vezes imagino que a conheço como realmente é.

— Muitas vezes imagina que me conhece como realmente sou? Pobre criança, pobre criança!

Diz isso com uma espécie de desdém, mas não de Rosa, e permanece sentada, a meditar, olhando para ela como se estivesse a sonhar.

— Você acha, Rosa, que você é para mim um alívio ou conforto? Supõe que, sendo você jovem e simples e afeiçoada e grata a mim, constitua motivo de prazer para mim tê-la a meu lado?

— Não sei, minha senhora. Mal posso esperar semelhante coisa. Mas de todo o coração desejaria que assim fosse.

— Pois é assim mesmo, meu bem.

A onda de prazer que ilumina o lindo rosto se detém diante da sombria expressão da formosa face que tem a sua frente. Espera timidamente uma explicação.

— E se eu tivesse de dizer hoje: “Vá embora, deixe-me”, diria uma coisa que me causaria grande dor e inquietação, criança, e me deixaria bastante solitária.

— Minha senhora, por acaso a ofendi?

— Absolutamente. Venha cá.

Rosa curva-se sobre o escabelo aos pés de Lady Dedlock, que, com aquele toque maternal da famosa noite do industrial do ferro, deixa a mão pousada sobre o negro cabelo dela e ali a conserva delicadamente.

— Desejo que você seja feliz, Rosa, e eu a faria feliz se me fosse dado fazer alguém feliz aqui na terra. Mas não posso. Há razões de mim agora conhecidas, razões em que você não é parte, e pelas quais é muito melhor você não ficar aqui. Não deve ficar aqui. Decidi que você não ficará. Escrevi ao pai do seu namorado, e ele deverá estar aqui hoje. Fiz tudo isso por sua causa.

A chorar, a moça cobre-lhe de beijos a mão e pergunta-lhe o que fará quando se separarem. Sua patroa beija-a na face e não responde.

— Agora, seja feliz, menina, em melhores circunstâncias. Seja amada e feliz.

— Ah! minha senhora, tenho muitas vezes pensado — perdoe-me a liberdade — que a senhora não é feliz.

— Eu?!

— Sentir-se-á mais feliz quando me tiver despedido? Por favor, por favor, pense de novo. Deixe-me ficar ainda um pouco mais!

— Já lhe disse, criança, que tudo quanto faço, faço-o por sua causa, não pela minha. Já está feito. O que sou para você, Rosa, é o que sou agora e não o que serei dentro em pouco. Lembre-se disso e confie em mim. Faça isso por minha causa e assim tudo termina entre nós!

Desvencilha-se de sua companheira de coração tao simples e sai da sala. Mais tarde, ao aparecer no alto da escadaria, apresenta-se em sua maneira mais ativa e mais fria, tão indiferente como se toda a paixão, todo o sentimento e interesse tivessem sido esgotados nas primitivas eras do mundo e houvessem desaparecido da face da terra, acompanhando outros monstros que pereceram.

Mércurio anunciou a chegada do Sr. Rouncewell, o que explica a atitude dela. O Sr. Rouncewell não está na biblioteca; ela, porém, encaminha-se para ali. Sir Leicester encontra-se na biblioteca, e ela deseja falar com ele antes.

— Sir Leicester, desejava mas o senhor está ocupado.

— Oh! querida, não! Absolutamente. Apenas o Sr. Tulkinghorn.

Ele, sempre ele. Como um fantasma em toda a parte. Não há livrar-se dele um instante sequer.

— Peço-lhe perdão, Lady Dedlock. Permita que me retire.

Com um olhar que diz plenamente: “O senhor sabe que tem o poder de ficar se quiser”, diz-lhe que não é necessário e encaminha-se para uma cadeira. O Sr. Tulkinghorn chega uma para mais perto dela, fazendo uma canhestra vênica e retira-se para uma janela fronteira. Interposta entre ela e a luz mortífera do dia na rua agora quieta, sua sombra cai sobre Lady Dedlock e enegrece tudo diante dela. Da mesma forma ensombra ele sua vida.

Ainda nas melhores condições, é aquela uma rua sombria, onde as duas longas fileiras de casas se encaram com tal severidade que meia dúzia de suas maiores mansões parecem ter-se ido lentamente petrificando, em vez de terem sido primitivamente construídas com aquele material. É uma rua de tão fúnebre grandeza, tao determinada a não condescender com a vida, que as portas e janelas mantêm por conta própria um aspecto tenebroso de tinta preta e de poeira, e as barulhentas estrebarias da parte posterior tem uma aparência maciça e seca, como se estivessem destinadas a abrigar os pétreos cavalos de batalha de nobres estátuas. Complicados enfeites de ferro lavrado entrelaçam-se sobre os lanços de escadas naquela horrível rua; e, desde aquelas

petrificadas moradias, extintores de tochas obsoletas arfam à subitânea irrupção do gás. Aqui e ali um delgado e pequeno arco de ferro, através do qual meninos travessos desejam lançar os bonés de seus amigos (única utilidade dele atualmente), mantém seu lugar entre a folhagem ferrugenta consagrada à memória do óleo desaparecido. Não, nem o próprio óleo, mesmo permanecendo a longos intervalos num absurdo recipientezinho de vidro, com uma protuberância na ponta como uma ostra, pisca, mal-humorado, todas as noites para luzes mais novas, como o seu alto e mirrado senhor da Casa dos Lordes.

Por isso não haveria lá muita coisa que Lady Dedlock, sentada na sua cadeira, quisesse ver através da janela em que permanece o Sr. Tulkinghorn. E contudo... e contudo... lança ela um olhar naquela direção, como se o desejo de seu coração fosse ver afastada dali aquela figura.

Sir Leicester pede desculpa à sua senhora. Que é que ela ia dizer?

— Somente que o Sr. Rouncewell está aqui (tendo vindo a chamado meu) e que seria melhor darmos uma solução ao caso daquela moça. Já estou farta desse negócio.

— Que posso eu fazer... para ajudar? — pergunta Sir Leicester, com uma dúvida cruel.

— Vamos recebê-lo aqui e resolver ludo. Quer mandá-lo chamar?

— Sr. Tulkinghorn, tenha a bondade de tocar a campainha. Obrigado. Solicite — diz Sir Leicester a Mércurio, não se lembrando do termo preciso —, solicite ao cavalheiro do ferro que venha até aqui.

Mércurio sai em busca do cavalheiro do ferro, encontra-o e o introduz. Sir Leicester acolhe gentilmente aquela ferruginosa pessoa.

— Espero que esteja passando bem, Sr. Rouncewell. Tenha a bondade de sentar-se. Meu advogado, Sr. Tulkinghorn. Minha senhora desejava, Sr. Rouncewell — Sir Leicester habilmente, com um gesto solene, transfere-o para ela —, desejava falar com o senhor.

— Dar-me-ei por feliz — torna o cavalheiro do ferro — prestando a minha melhor atenção a qualquer coisa que Lady Dedlock queira dar-me a honra de dizer.

Voltando-se para ela, descobre que a impressão que ela lhe causa é

menos agradável do que a da ocasião anterior. Um ar distante e carrancudo cria uma atmosfera de frieza em redor dela e nada há em seu aspecto, como havia outrora, que incite a ser franco.

— Peço-lhe que me diga, senhor — diz Lady Dedlock com indiferença —, se me é permitido indagar, se ocorreu qualquer coisa entre o senhor e seu filho a respeito do capricho dele?

É quase enfadonho demais para os lânguidos olhos dela lançar sobre o cavalheiro um olhar, ao dirigir-lhe essa pergunta.

— Se a memória não me falha, Lady Dedlock, eu disse, quando tive o prazer de estar com a senhora antes, que iria aconselhar seriamente meu filho a dominar aquele... capricho.

O homem repete a expressão dela com um pouco de ênfase.

— E fez isso?

— Oh! sem dúvida que o fiz!

Sir Leicester faz um gesto de cabeça, aprovando e confirmando. Muito decente. Tendo o cavalheiro do ferro dito que o faria, estava obrigado a fazê-lo. Nenhuma diferença, sob esse aspecto, entre os metais vis e os metais preciosos. Muitíssimo decente.

— E pergunto: ele procedeu assim?

— Realmente, Lady Dedlock, não lhe posso dar uma resposta definitiva. Receio que não. Provavelmente ainda não. Em nossas condições de vida, muitas vezes juntamos uma intenção com os nossos... os nossos caprichos, o que não torna muito fácil descartar-nos deles. Penso que mais ou menos a nossa maneira de falar sério.

Sir Leicester tem certa desconfiança de que talvez haja um oculto significado revolucionário nessa expressão e se encoleriza um pouco. O Sr. Rouncewell mostra-se perfeitamente bem-humorado e cortês, mas dentro desses limites adapta evidentemente seu tom a sua recepção.

— Porque — continua a senhora — estive pensando no assunto — o que me é fatigante.

— Lamento muito, posso garantir-lhe.

— E também a respeito do que Sir Leicester disse sobre o caso, com o

que concordo inteiramente. — Sir Leicester mostra-se lisonjeado. — E se o senhor não nos pode garantir que esse capricho já terminou, cheguei à conclusão de que seria melhor que a moça me deixasse.

— É essa uma garantia que não posso dar, Lady Dedlock. De modo algum.

— Então é melhor que ela se vá.

— Desculpe-me, senhora — interrompe Sir Leicester com circunspecção — mas talvez isso possa constituir uma injúria à jovem, que não a merece. Temos aqui uma moça — diz Sir Leicester, propondo magnificamente a questão com a mão direita, como se estivesse exibindo uma preciosa baixela — cuja boa sorte está no fato de ter atraído a atenção e o favor de uma dama eminente e de viver sob a proteção dessa mesma dama eminente, cercada das várias vantagens que tal posição confere e que são indubitavelmente muito grandes — acredito que são indubitavelmente muito grandes, senhor — para uma jovem nessa quadra da vida. Surge então a questão. Deverá essa moça ser privada de todas essas vantagens e dessa boa sorte simplesmente porque — Sir Leicester, cheio de nobreza, inclina a cabeça para o industrial do ferro, como para desculpar-se, e remata a sua frase — atraiu a atenção do filho do Sr. Rouncewell? Ora, mereceu ela essa punição? Isso é justo? Foi esse o nosso prévio acordo?

— Queira desculpar-me — atalha o pai do filho do Sr. Rouncewell — Sir Leicester. Se me permite, creio que posso abreviar o assunto. Peço-lhe que não leve isso em consideração. Se o senhor se recorda duma coisa tão sem importância, o que não é de esperar, deve lembrar-se de que o meu primeiro pensamento no caso foi uma direta oposição à permanência dela aqui.

Não levar em consideração o patrocínio dos Dedlocks? Oh! Sir Leicester é obrigado a crer num par de orelhas que lhe tem lido transmitido por uma família como a sua, ou então não acreditar no que elas lhe comunicam das observações do cavalheiro do ferro.

— Não é preciso — observa Lady Dedlock, com sua maneira mais fria, antes que ele possa fazer alguma coisa, a não ser respirar espantado — entrar nessas questões de parte a parte. Trata-se de uma menina muito boa. Nada tenho que dizer contra ela. Mas mostra-se até aqui tão insensível às suas muitas vantagens e boa sorte, que ama — ou supõe que ama, a pobre louquinha! — e é incapaz de apreciá-las.

Sir Leicester pede licença para observar que o caso está inteiramente mudado. Tinha a certeza de que sua senhora possuía as melhores bases e razões em apoio do seu ponto de vista. Concorde inteiramente com ela. Para a moça seria melhor que se fosse embora.

— Como Sir Leicester observou. Sr. Rouncewell, na outra ocasião, quando estávamos cansados desse assunto — continua languidamente Lady Dedlock — não podemos apresentar condições ao senhor. Sem condições e nas circunstâncias presentes, a moça está completamente deslocada aqui e seria melhor que se fosse. Eu já disse isso a ela. O senhor quer que a mandemos para a vila, ou gostaria de levá-la consigo? Qual das duas coisas prefere?

— Lady Dedlock, se me permite que fale francamente...

— À vontade.

— ...eu preferiria o meio que mais depressa liberte a senhora desse encargo e afaste a jovem da sua atual posição.

— E, para falar francamente — replica ela, com a mesma estudada displicência —, é o que vou fazer. Pelo que compreendi, o senhor quer levá-la consigo?

O cavalheiro do ferro faz uma reverência férrea.

— Sir Leicester, quer fazer o obséquio de tocar a campainha?

O Sr. Tulkinghorn caminha da janela onde estava e toca a campainha.

— Tinha-me esquecido do senhor. Obrigada.

Ele faz sua medida usual e volta sossegadamente para seu lugar. Mercúrio acode pressuroso, recebe instruções que deverá transmitir, repete-as e sai.

Rosa estivera chorando e ainda se sente entristecida. Quando ela entra, o industrial do ferro se levanta, trava-lhe do braço e fica com ela junto da porta, pronto para sair.

— Veja que tem quem tome conta de você — diz Lady Dedlock, com seu jeito cansado — e que parte bem protegida. Acabo de dizer que você é uma menina muito boa, e não há motivos para choro.

— Parece afinal — observou o Sr. Tulkinghorn, dando uns passos

ociosos para a frente, com as mãos às costas — que ela está chorando porque tem de partir.

— O senhor vê que ela não é bem-educada — replica o Sr. Rouncewell com certa precipitação, como se sentisse prazer em ter de retrucar ao advogado. — É uma criaturinha sem experiência e nada sabe de melhor. Se tivesse ficado aqui, senhor, teria sem dúvida progredido.

— Sem dúvida — concorda sossegadamente o Sr. Tulkinghorn.

Rosa soluça, dizendo que está triste por ter de deixar Lady Dedlock, que era muito feliz em Chesney Wold, que tem sido feliz com Lady Dedlock e que agradece a Lady Dedlock vezes sem conta.

— Vamos, minha tolinha! — diz o industrial do ferro ralhando com ela em voz baixa, ainda que sem cólera. — Tenha ânimo, se gosta de Watt!

Lady Dedlock apenas acena-lhe um adeus, dizendo com indiferença: — Está bem, menina! Você é uma boa moça. Pode ir.

Sir Leicester desembaraçou-se magnificamente do assunto, acolhendo-se ao santuário do seu casaco azul. O Sr. Tulkinghorn, forma indistinta de encontro à rua escura, agora crivada de lâmpadas, aparece aos olhos da senhora, maior e mais negro do que antes.

— Sir Leicester e Lady Dedlock — diz o Sr. Rouncewell, depois de uma pausa de alguns instantes —, despeço-me, pedindo desculpa por tê-los perturbado de novo, ainda que não por minha vontade, com tão fatigante assunto. Posso muito bem compreender, afirmo-lhes, que um assunto de tão mesquinha importância se tenha tornado bastante aborrecido para Lady Dedlock. Se estou em dúvida a respeito da minha participação nele, é somente porque a princípio não exerci tranquilamente minha influência sobre minha jovem amiga aqui, para não perturbá-los de modo algum. Mas pareceu-me — ousou dizer, dando maior importância à coisa — que era um sinal de respeito explicar-lhes como as coisas andavam e sinal de franqueza consultar seus desejos e conveniências. Espero que me hão de desculpar minha falta de conhecimento da polidez mundana.

Com aquelas observações, Sir Leicester considera-se arrancado do seu santuário.

— Sr. Rouncewell — diz ele —, não há de quê. As justificativas são

desnecessárias, espero, de parte a parte.

— Folgo de sabê-lo, Sir Leicester, e se me é permitido, como para dizer a derradeira palavra, referir-me ao que disse antes a respeito da longa ligação de minha mãe com a família e o quanto isso recomenda ambas as partes, basta mostrar essa pequena amostra que tenho aqui no meu braço, que se revela tão afeiçoada e fiel ao partir e em quem minha mãe, ousei dizer, algo fez para despertar tais sentimentos, conquanto, é claro, Lady Dedlock tenha feito muito mais, graças ao seu interesse cordial e à sua afável condescendência.

Se disse isso com ironia, talvez fosse mais verdadeiro do que pensava. Di-lo, porém, sem desvio de sua direta maneira de discorrer, apesar de que, ao dizê-lo, se volte para aquela parte da sala escura onde se senta Lady Dedlock. Sir Leicester está de pé para retribuir a saudação de despedida. O Sr. Tulkinghorn toca a campainha de novo, Mercúrio dá outra carreira e o Sr. Rouncewell e Rosa deixam a casa.

Trazem luzes depois que descobrem o Sr. Tulkinghorn ainda silencioso na sua janela, de mãos atrás das costas, e Lady Dedlock ainda sentada, tendo à sua frente o vulto dele a impedir-lhe a vista da noite como lhe impedira a do dia. Está muito pálida. Ao notar isso, o Sr. Tulkinghorn, vendo-a erguer-se para se retirar, pensa: “Talvez se sintam bem! A energia dessa mulher é estupenda. Esteve representando um papel durante todo o tempo.” Mas ele também pode representar um papel — o de seu imutável caráter — e enquanto conserva aberta a porta para aquela mulher passar, cinquenta pares de olhos, cinquenta vezes mais penetrantes do que os de Sir Leicester, se o observassem, nenhum índice especial descobririam nele.

Lady Dedlock janta sozinha hoje no seu quarto. Sir Leicester é arrebatado para ir salvar o Partido Doodle e derrota a Facção Coodle. Quando Lady Dedlock se senta para jantar, pergunta, ainda muito pálida (numa estupenda exemplificação das afirmações do primo debilitado), se ele saiu. Saiu sim. E se o Sr. Tulkinghorn ainda não se foi embora. Ainda não. Torna a perguntar se ele ainda não se foi embora. Ainda não. Que está fazendo? Mercúrio pensa que ele está escrevendo cartas na biblioteca. A senhora desejaria vê-lo? Tudo, menos isso.

Mas ele deseja ver a senhora. Dentro de mais alguns minutos envia ele seus respeitos e pede para ser recebido por ela, para dizer-lhe uma ou duas palavras depois do jantar. Lady Dedlock recebê-lo-á agora mesmo. Ele chega,

pedindo desculpas por interrompê-la, mesmo com sua licença, enquanto ela ainda está à mesa. Quando ficam sós, Lady Dedlock faz um gesto com a mão para dispensá-lo de tais zombarias.

— Que deseja o senhor?

— Lady Dedlock — diz o advogado, sentando-se numa cadeira a pequena distância dela, e repetidas vezes esfregando devagarinho as entorpecidas pernas —, estou um tanto surpreendido com o rumo que a senhora tomou.

— Realmente?

— Sim, é claro. Não estava preparado para isso. Considero isso uma quebra do nosso acordo e da sua promessa. Isso nos coloca numa nova posição, Lady Dedlock. Sinto-me na necessidade de dizer que não o aprovo.

Para de esfregar as pernas e olha para ela, com as mãos nos joelhos. Imperturbável e imutável como ele é, há ainda nos seus modos uma indefinível liberdade, o que é novidade e não escapa à observação da mulher.

— Não o compreendo de todo.

— Oh! creio que compreende, sim. Creio que compreende. Vamos, vamos, Lady Dedlock, não devemos esgrimir e aparar golpes agora. Bem sabe que gosta daquela moça.

— E com isso?

— E a senhora sabe — e eu sei — que não a despachou pelas razões que expôs, mas com o fito de afastá-la o mais possível de — desculpe-me mencionar isso como questão de negócio — qualquer censura e escândalo que possam impender sobre a senhora mesma.

— E com isso?

— Com isso, Lady Dedlock — retruca o advogado, cruzando as pernas e afagando o joelho de cima, eu não concordo. Considero isso um procedimento perigoso. Acho-o desnecessário e destinado a despertar na casa especulações, dúvidas, boatos, não sei mais o quê. Além disso é uma violação do nosso acordo. A senhora tem de ser o que era antes. Ora, deve ter sido evidente para a senhora mesma, como o é para mim, que esta noite a senhora se mostrou muito diferente do que antes era. Sim, Lady Dedlock, é coisa que entra pelos olhos.

— Se, senhor — começa ela —, conhecendo o meu segredo...

Mas ele a interrompe.

— Lady Dedlock, isto é um negócio e em matéria de negócios o terreno não pode ser conservado demasiado claro. Não é mais segredo seu. Desculpe-me. O engano é justamente este. É segredo meu, para com Sir Leicester e a família. Se fosse segredo seu, Lady Dedlock, não estaríamos aqui tendo esta conversa.

— Isso é bem verdade. Se, conhecendo eu o segredo, faço o que posso para poupar a uma moça inocente (especialmente recordando a própria referência que o senhor fez a ela, quando contou minha história perante os hóspedes reunidos de Chesney Wold) o labéu da vergonha que sobre mim impende, o meu procedimento obedece a uma resolução que tomei. Nada no mundo, ninguém no mundo, poderia abalá-la ou mudá-la.

Diz isso com grande determinação e clareza e com não menos ardor externo do que ele próprio. Quanto a Tulkinghorn, ele discute metodicamente o negócio, como se a dama fosse um instrumento insensível utilizado no mesmo negócio.

— Realmente? Então a senhora deve ver, Lady Dedlock — volve o advogado —, que não merece confiança. A senhora colocou o caso de um modo perfeitamente claro e de acordo com o fato literal. Nesse caso, não merece confiança.

— Talvez o senhor se lembre de que exprimi certa ansiedade a respeito desse mesmo ponto, quando conversamos à noite em Chesney Wold.

— Sim — diz o Sr. Tulkinghorn, levantando-se friamente e ficando de pé junto à lareira. — Sim. Lembro-me, Lady Dedlock, de que a senhora se referiu decerto à moça. Mas isso foi antes de chegarmos ao nosso acordo, e tanto a letra como o espírito do acordo proíbem inteiramente qualquer ação de sua parte, baseada na minha descoberta. Não pode haver dúvida a esse respeito. Quanto a poupar a moça, que importância ou valor tem ela? Poupar! Lady Dedlock, há aqui comprometido um nome de família. Era de supor que o caminho fosse reto — por cima de tudo, nem para a direita, nem para a esquerda, sem olhar a nenhuma consideração que o estorvasse, nada poupando, esmagando tudo debaixo dos pés.

Ela ficara a olhar para a mesa. Levanta os olhos e fita-os nele. Há na face

dela uma expressão dura, e uma parte do seu lábio inferior é comprimida pelos dentes.

— Esta mulher me compreende — pensa o Sr. Tulkinghorn, quando ela baixa os olhos de novo. — Não pode ser poupada. E por que pouparia ela a outros?

Durante uns segundos permanecem os dois em silêncio. Lady Dedlock não tocou no seu jantar, mas duas ou três vezes serviu-se de água, tendo a mão firme. Levanta-se da mesa, puxa uma espreguiçadeira e reclina-se nela, ocultando o rosto. Nada há nas suas maneiras que revele fraqueza ou excite compaixão. Está pensativa, sombria, concentrada.

— Esta mulher — pensa o Sr. Tulkinghorn, de pé junto da lareira, como um novo objeto escuro interceptando a vista de Lady Dedlock — é um problema.

Analisa-a à vontade, sem falar por algum tempo. Ela também analisa alguma coisa à vontade. Não é a primeira a falar, parecendo mesmo tão pouco disposta a fazê-lo, muito embora ele ali ficasse até meia-noite, que até ele é levado a quebrar o silêncio.

— Lady Dedlock, permanece a parte mais desagradável desta entrevista de negócio, mas trata-se de negócio. Nosso acordo dissolveu-se. Uma senhora com seu bom senso e força de caráter deverá estar preparada para ouvir esta minha declaração de que nosso trato está nulo e de que agirei sozinho.

— Estou completamente preparada.

O Sr. Tulkinghorn inclina a cabeça.

— Foi com isso que aqui vim para incomodá-la, Lady Dedlock.

Ela o detém quando o advogado se encaminha para fora do quarto, e pergunta-lhe: — Era esta a notícia que me cumpria receber? Não desejo tê-lo compreendido mal.

— Não é exatamente a notícia que a senhora iria receber, Lady Dedlock, porque tal notícia implicava a observância do acordo. Mas virtualmente é a mesma, virtualmente a mesma. A diferença está simplesmente no espírito de um advogado.

— Não tenciona dar-me outra notícia?

— Não.

— Está resolvido a revelar tudo a Sir Leicester esta noite?

— Eis o que se pode chamar uma questão direta! — diz o Sr. Tulkinghorn, com um leve sorriso e abanando cautelosamente a cabeça diante do rosto sombrio dela. — Não, esta noite não.

— Amanhã?

— Bem lançadas as contas, eu preferia esquivar-me a responder a essa pergunta, Lady Dedlock. Se eu dissesse que não sei quando exatamente irei dizê-lo, a senhora não acreditaria em mim, e, assim sendo, trata-se de uma resposta sem propósito. Talvez seja amanhã. Prefiro nada mais acrescentar. A senhora está preparada e eu não acalento expectativas que as circunstâncias poderiam deixar de justificar. Desejo-lhe uma boa noite.

Retira ela a mão, volta o rosto pálido para Tulkinghorn no momento em que este se dirige silenciosamente para a porta e detém-no mais uma vez quando está prestes a abri-la.

— O senhor tenciona ficar aqui mais algum tempo? Informaram-me que estava escrevendo na biblioteca. Vai voltar para lá?

— Somente para buscar meu chapéu. Estou de volta para casa.

Ela baixa mais os olhos que a cabeça, num movimento bastante leve e curioso. Ele se retira. Logo que se acha fora do quarto, consulta o relógio, mas é levado a duvidar dele por um minuto mais ou menos. Há um esplêndido relógio na escada, famoso pela sua precisão, como muitas vezes não o são os relógios esplêndidos.

— E que diz você? — indaga o Sr. Tulkinghorn, dirigindo-se ao relógio.
— Que diz você?

Se ele agora dissesse: “Não vá para casa!” Que relógio famoso daqui por diante se, nesta noite dentre todas quantas ele marcou, ele dissesse a este velho dentre todos os moços e velhos que já estiveram parados diante dele: “Não vá para casa!” Com seu som argênteo bate sete horas e três quartos e continua com o seu tiquetaque.

— Ora essa, você está pior do que eu pensava — diz o Sr. Tulkinghorn, murmurando uma censura ao seu relógio. — Dois minutos de diferença? Nesse andar você não durará como eu.

Que relógio seria se, pagando o mal com o bem, respondesse no seu tiquetaque: “Não vá para casa!”

Sai para a rua e põe-se a andar, com as mãos atrás das costas, à sombra das casas altas, muitos de cujos mistérios, dificuldades, hipotecas, negócios delicados de toda a espécie, estão entesourados dentro de seu velho colete de cetim preto. Está até a par dos segredos dos tijolos e da argamassa. Os altos canos das chaminés telegrafam-lhe segredos de família. Contudo não há uma voz, não há nada que lhe cochiche: “Não vá para casa!”

Através do burburinho e do movimento das ruas plebeias, através do barulho dissonante de muitos veículos, de muitos pés, de muitas vozes com o clarão das lojas a iluminar-lhe os passos, ele, com o vento de oeste soprando sobre ele e a multidão a apertá-lo, é impiedosamente levado a andar mais depressa, e nada se encontra com ele para dizer-lhe: “Não vá para casa!” Chega afinal ao seu quarto sombrio, acende as velas, olha em redor e para cima e vê o romano a apontar-lhe lá do teto. Nenhuma significação nova existe na mão do romano aquela noite, ou na agitação dos que acompanham, para dar-lhe o verdadeiro aviso: “Não venha para cá!”

É uma noite de lua. Mas a lua, que já não é cheia, ergue-se agora apenas sobre o grande deserto de Londres. As estrelas luzem como luziam por cima do terraço torreado de Chesney Wold. Aquela mulher, como ele ultimamente se acostumara a chamá-la, as contempla. Sua alma está agitada. Sente doer-lhe o coração, não tem sossego. Os vastos aposentos são demasiado apertados e fechados. Ela não pode suportar aquela reclusão e sairá para andar sozinha por um jardim vizinho.

Demasiado caprichosa e imperiosa em tudo quanto faz, para causar grande surpresa aos que a cercam, aquela mulher, negligentemente embuçada, sai para o luar. Mercúrio aguarda-a com a chave. Tendo aberto a porta do jardim, entrega a chave a Lady Dedlock, a pedido desta, que o despede. Passeará ali por algum tempo, para aliviar sua cabeça dolorida. Talvez uma hora, talvez mais. Não necessita de acompanhante. O portão fecha-se sobre sua mola com um estalo e deixa-a passar para embrenhar-se na escura sombra de algumas árvores.

Uma bela noite, e uma brilhante e grande lua entre miríades de estrelas. Refugiando-se na sua adega e abrindo e fechando aquelas ressoantes portas, tem o Sr. Tulkinghorn de cruzar um patiozinho semelhante a uma prisão.

Levanta casualmente os olhos e pensa: que bela noite, que brilhante e grande lua, que multidão de estrelas! E também que noite sossegada!

Uma noite muito sossegada. Quando a lua brilha com grande intensidade, parece que dela provêm uma solidão e um silêncio que influenciam até mesmo populosos lugares cheios de vida. É esta uma noite silenciosa não apenas nas estradas poentas e no alto das colinas, donde largo trecho da região pode ser visto em repouso, cada vez mais tranquilo à medida que se aproxima duma franja de árvores contra o céu, tendo sobre elas uma floração que de longe lembra vagamente um vulto cinzento; é uma noite silenciosa não só em jardins, bosques e sobre o rio onde as várzeas férteis são frescas e verdes e o curso d'água cintila entre ilhas amenas, múrmuras represas e torrentes sussurrantes; não somente a quietude o acompanha enquanto corre nos pontos onde são mais bastos os grupos de casa, onde muitas pontes nele se refletem, onde molhes e embarcações o tornam negro e espantoso, onde, aos meandros, ele se desvia dessas desfigurações por entre paus, cujas balizas disformes se erguem como esqueletos que a torrente arrastou para a margem; onde ele se expande através da região mais escarpada de terrenos montanhosos, ricos de plantações de cereais, de moinhos de vento e de campanários, e onde ele se mistura com o mar sempre agitado; uma noite tranquila não somente no mar alto e na praia onde o vigia está a postos para ver o navio com suas velas soltas cruzar a estrada de luz que parece só ser apresentada a ele; mas até mesmo nesse ermo estranho de Londres existe algum repouso. Seus campanários e torres e seu grande zimbório tornam-se mais etéreos, suas cumeeiras fumarentas perdem sua natureza tosca à pálida refulgência do luar; os rumores que se elevam das ruas são mais raros e atenuados, e o tropel de passos nas calçadas soa com mais sossego. Naqueles campos onde mora o Sr. Tulkinghorn, e onde os pastores tocam incessantemente charamelas forenses e conservam seu rebanho no redil, quer as ovelhas queiram, quer não, até as haverem tosquiado bem rente do couro, cada ruído se funde, nessa noite de luar, num distante zumbido ressoante, como se a cidade fosse um vasto copo a vibrar.

Que é isto? Quem deu este tiro? Onde foi?

Os poucos transeuntes se assustam, param e olham em volta de si. Algumas janelas e portas se abrem e sai gente à rua para ver. Foi uma detonação alta que ecoa e estronda pesadamente. Abalou toda uma casa, segundo diz um homem que ia passando. Despertou todos os cães da

vizinhança, que ladram com veemência. Gatos aterrorizados atravessam a rua a correr. Enquanto os cães ainda ladram e uivam — há um que uiva como um demônio —, as igrejas dão horas, como se também elas, despertadas, se pusessem a bater. O zumbido das ruas igualmente parece transformar-se num grito. Mas tudo logo cessa. Antes que o último relógio comece a bater as dez, volta a calma. Depois que tudo cessa, a bela noite, a brilhante e grande lua e a multidão de estrelas voltam à paz de antes.

Teria sido perturbado o Sr. Tulkinghorn? Suas janelas estão escuras e sua porta fechada. Só mesmo uma coisa muito insólita poderia fazê-lo sair da sua concha. Não dá sinal de si, ninguém o vê. Que força de canhão seria necessária para transformar a atitude impassível daquele enferrujado velho?

Durante muitos anos aquele persistente romano tem estado a apontar lá do teto, sem significação precisa. Não é provável que haja nele alguma nova significação naquela noite. Uma vez que apontou, fica sempre apontando, como qualquer romano, ou mesmo como qualquer bretão, com uma única ideia. Ali está ele, sem dúvida, na sua incrível posição, apontando inutilmente a noite inteira. Luar, escuridão, madrugada, aurora, dia. Lá está ele sempre a apontar ansiosamente, sem que ninguém lhe dê atenção.

Mas pouco depois do raiar do dia chega gente para limpar os aposentos. E ou o romano apresenta alguma nova significação não expressa antes, ou a primeira daquelas pessoas enlouqueceu; pois, olhando para cima, para a mão dele estendida, e olhando para baixo, para o que está debaixo dela, a tal pessoa grita e foge. As outras, olhando para dentro como a primeira olhou, também gritam e fogem, provocando rebuliço na rua.

Que significa isso? Nenhuma luz penetra na sala escura, e as pessoas desacostumadas a ela entram e, pisando de manso mas pesadamente, carregam um fardo para o quarto de dormir, depositando-o ali. Durante o dia inteiro murmura-se e demonstra-se espanto, fazem-se buscas severas em cada ângulo, buscam-se cuidadosamente as pegadas e com rigor indaga-se da disposição de cada móvel. Todos os olhos se fixam no romano do teto e todas as vozes murmuram: “Se ao menos ele pudesse contar o que viu!”

Ele está apontando para uma mesa, com uma garrafa (quase cheia de vinho) e um copo e duas velas, apagadas subitamente, pouco depois de terem sido acesas. Está apontando para uma cadeira vazia e para uma nódoa no chão diante dela, que poderia quase ser coberta por uma mão. Aqueles objetos

estão imediatamente dentro do seu alcance. Uma imaginação exaltada poderia supor que havia neles qualquer coisa tão terrificante que seria capaz de pôr completamente louco o resto da concepção, do quadro, não somente os meninos de pernas gordas que acompanhavam o romano, mas as nuvens, as flores e as pilastras também, em suma, o próprio corpo e alma da Alegoria e todos os cérebros nela contidos. O que é certo é que todos quantos entram na sala escura e olham para aquelas coisas levantam os olhos para o romano, revestindo-o de mistério e de terror, como se ele fosse uma testemunha paralisada e muda.

Por isso acontecerá de certo, através dos muitos anos por vir, que histórias de fantasmas serão contadas a respeito da mancha no chão, tão fácil de cobrir e tão difícil de apagar, e que o romano, apontando desde o teto, apontará, enquanto o pó, a umidade e as aranhas o pouparem, com bem maior significação do que teve no tempo do Sr. Tulkinghorn e com uma significação funérea. Porque o tempo do Sr. Tulkinghorn passou para sempre, e o romano apontou para a mão assassina erguida contra a vida dele, e apontou inutilmente, desde a noite até a manhã, para o seu vulto com o rosto caído sobre o chão e com o coração varado por uma bala.

RESPEITOSA AMIZADE

Grande acontecimento anual ocorreu no estabelecimento do Sr. Mateus Bagnet, aliás Lignum Vitae, ex-artilheiro e atualmente tocador de fagote. Ocasão de festejos e regozijo. A celebração dum aniversário na família.

Não é o aniversário do Sr. Bagnet. O Sr. Bagnet distingue simplesmente aquela data no negócio de instrumentos musicais, dando nas crianças mais uma beijoca antes do almoço, fumando mais um cachimbo depois do jantar, e lá pela noitinha imaginando o que sua pobre mãe velhinha estará pensando daquilo, assunto de infundável especulação pelo fato de haver sua mãe falecido há vinte anos. Alguns homens raramente evocam seus pais, mas parece que, no livro bancário de sua memória, transferiram todo o estoque de afeição filial para o nome de sua mãe. O Sr. Bagnet é um desses. Talvez sua exaltada avaliação dos méritos da velha o induza geralmente a não admitir que a palavra “bondade” tenha em nenhuma língua outro gênero gramatical que não seja o feminino.

Não é o aniversário de nenhuma das três crianças. Essas datas são comemoradas com algumas marcas de distinção, que raramente vão além das congratulações e votos de felicidade e de um pudim. No último aniversário do jovem Woolwich, o Sr. Bagnet, certamente depois de observar seu crescimento e desenvolvimento geral, decidiu, num momento de profunda reflexão nas mudanças operadas pelo tempo, submetê-lo a um exame de catecismo, tendo ele respondido perfeitamente às perguntas número um e número dois: “Qual o vosso nome?” e “Quem vos deu esse nome?”, mas falhando a precisão de sua memória, pois substituiu pelo número três a pergunta “E gostais do vosso nome?” — que ele expôs com um senso da importância desse mesmo nome, tão diferente e aperfeiçoado, que lhe dava um ar inteiramente ortodoxo. Isso, porém, foi uma especialidade naquele determinado aniversário e não uma solenidade geral.

É o aniversário da velha; e este é o feriado maior e o dia de maior gala

no calendário do Sr. Bagnet. O auspicioso evento é sempre comemorado obedecendo a certas formalidades, estabelecidas e prescritas pelo Sr. Bagnet desde alguns anos. Estando o Sr. Bagnet profundamente convencido de que ter um par de galinhas para o jantar é atingir o mais alto cume do luxo imperial, vai ele próprio invariavelmente comprar um par delas naquele dia, de manhã bem cedo. O vendeiro, também invariavelmente, o introduz e o põe de posse dos mais velhos habitantes de qualquer capoeira da Europa. De volta com aqueles prodígios de dureza amarrados dentro dum grande lenço de algodão azul e branco (essencial para os arranjos), ele convida, como que incidentemente, a Sra. Bagnet a declarar no almoço o que ela gostaria de comer no jantar. A Sra. Bagnet, por uma coincidência que nunca deixa de dar-se, responde que prefere galinhas. O Sr. Bagnet imediatamente exhibe o embrulho que retira dum esconderijo, por entre a admiração e o regozijo geral. Exige além disso que a velha não faça nada o dia inteiro, mas que fique sentada com sua melhor saia e seja servida por ele próprio e pela meninada. Como ele salienta pelos seus dotes culinários, pode-se supor que aquilo seja para a velha mais uma questão de pompa que de regozijo. Mas conserva-se na sua pompa com toda a satisfação imaginável.

No atual aniversário o Sr. Bagnet cumpriu os preliminares habituais. Comprou dois espécimes de aves domésticas, as quais, como diz um provérbio inglês, não foram certamente apanhadas com palha para serem preparadas para o espeto. Causou admiração e júbilo à família exibindo as aves inesperadamente. Ele está dirigindo pessoalmente o assar das galinhas, e a Sra. Bagnet, com seus escuros dedos sãos, como que sentindo cócegas para impedir que se consuma qualquer cinca em perspectiva, conserva-se sentada com a sua saia de cerimônia, na qualidade de conviva de honra.

Quebec e Malta põem a mesa para o jantar, enquanto Woolwich, servindo, como lhe fica bem, sob a direção do pai, vai virando o espeto com as galinhas. Uma vez ou outra a Sra. Bagnet pisca um olho, faz um gesto de cabeça, ou fecha a cara, quando qualquer daqueles jovens mirmidões comete algum erro.

— À uma e meia — diz o Sr. Bagnet. — Em ponto. Estará tudo prestes.

Com verdadeira angústia a Sra. Bagnet verifica que uma das aves está parada diante do fogo e começa a queimar.

— Você, minha velha, vai ter um jantar — diz o Sr. Bagnet —, um jantar

de rainha.

A Sra. Bagnet mostra prazenteira seus alvos dentes, mas para a percepção do filho ela externa tais sinais de intranquilidade de espírito que ele, levado pelos ditames da afeição filial, pergunta-lhe com os olhos o que há, ficando assim, de olhos arregalados, mais esquecido das galinhas que antes, sem demonstrar a menor esperança duma volta rápida à realidade. Felizmente, sua irmã mais velha percebe a causa da agitação que perturba a Sra. Bagnet, e com uma cotovelada de aviso chama a atenção do rapaz. As galinhas paradas começam a girar de novo, e a Sra. Bagnet fecha os olhos, inundada de alívio.

— Jorge nos visitará hoje — diz o Sr. Bagnet. — Às quatro e meia em ponto. Quantos anos mesmo, minha velha?

— Ah! Lignum, Lignum, começo a pensar que tantos quantos separam uma velha duma moça. Justamente isso e não menos — torna a Sra. Bagnet, rindo e sacudindo a cabeça.

— Minha velha — diz o Sr. Bagnet —, não se importe. — Você será sempre jovem como tem sido. Se é que não está mais jovem. E está mesmo. Todos sabem disso.

Aqui Quebec e Malta soltam uma exclamação, batendo palmas e dizendo que Bluffy vai trazer um presente para a mãe, e põem-se a imaginar que presente será.

— Sabe duma coisa, Lignum — diz a Sra. Bagnet, lançando um olhar para a toalha da mesa e pisca, pedindo “sal” a Malta com o olho direito, e afastando de Quebec com um gesto de cabeça a pimenta —, começo a pensar que Jorge anda de novo na vida de vagabundo.

— Jorge nunca desertará — diz o Sr. Bagnet. — Nem abandonará seu velho camarada. Não tenha medo.

— Não, Lignum. Não. Não digo que ele faça isso. Não penso mesmo que ele o faça. Mas se ele pudesse safar-se desse embaraço de finanças, acredito que se iria embora.

O Sr. Bagnet pergunta por quê.

— Bem — responde a mulher, ponderando —, parece-me que Jorge está ficando um tanto impaciente e inquieto. Não digo que ele não esteja tão livre

como sempre. Sem dúvida deve estar livre, senão não seria Jorge. Mas percebe-se que sofre e parece irritado.

— Ele está sendo atormentado — diz o Sr. Bagnet — por um advogado que seria capaz de irritar o próprio diabo.

— Acredito que seja isso — concorda a mulher —, deve ser isso, Lignum.

O prosseguimento da conversa é interrompido, no momento, pela necessidade em que se encontra o Sr. Bagnet de consagrar toda a força de seu espírito ao jantar, que está um pouco ameaçado pela brincadeira de mau gosto das galinhas, as quais não querem dar molho algum, e também por não apresentar o molho preparado nenhum aroma, exibindo apenas um colorido louro pálido. Com igual perversidade, as batatas se esfarelam sob a ação dos garfos ao serem descascadas, levantando-se de seus centros em todas as direções, como se estivessem sujeitas a terremotos. Também as pernas das galinhas são mais compridas do que seria de desejar e extremamente escamosas. Superando essas desvantagens o melhor que pôde, o Sr. Bagnet serve enfim a comida, ocupando a Sra. Bagnet o lugar de hóspede à sua direita.

Por felicidade, a boa Sra. Bagnet faz anos apenas uma vez por ano, pois facilitar assim com galinhas podia ser prejudicial. Cada espécie de tendão ou ligamento mais fino, que é da natureza do galináceo possuir, naqueles exemplares toma a forma singular de cordas de guitarra. Seus membros parecem ter criado raízes dentro de seus peitos e corpos, como as árvores anosas lançam raízes na terra. Suas pernas são tão duras que fomentam a ideia de que tenham dedicado a maior parte de suas longas e árduas vidas a exercícios de marcha e a apostas de corrida. Mas o Sr. Bagnet, sem dar por esses pequenos defeitos, envida todos os esforços para que a Sra. Bagnet coma a maior quantidade possível dos manjares que estão diante dela; e como a boa mulher por nenhum caso o contrariaria em nenhum dia e muito menos numa data como aquela, põe em sério perigo sua digestão. O que a ansiosa mãe não pode compreender é como o jovem Woolwich devora pernas de galinha, não tendo ele nenhum parentesco com avestruz.

A boa mulher tem de submeter-se a outra provação depois de terminado o jantar, sentando-se com toda a pompa para ver limpar a sala, varrer a lareira e lavar e arear a louça e os talheres no pátio interior. O grande prazer e

energia com que as duas mocinhas se aplicam a essas tarefas, arregaçando as saias à imitação de sua mãe, patinando para dentro e para fora sobre tamancos, se inspiram as mais altas esperanças para o futuro, trazem alguma ansiedade no presente. As mesmas causas levam a uma confusão de línguas, a uma barulhada de louça de barro, a um bater de canecas de estanho, a uma movimentação frenética de vassouras e a um gasto d'água, tudo em excesso, ao passo que a saturação das próprias mocinhas é um espetáculo por demais comovente para que a Sra. Bagnet o contemple com a calma própria da sua posição. Afinal os vários processos de limpeza são triunfalmente completados. Quebec e Malta aparecem de roupa mudada, sorridentes e enxutas. Bebidas, cachimbos e tabaco são postos em cima da mesa e a boa mulher goza a primeira paz de espírito que conhece naquele dia de tamanho júbilo.

Os ponteiros do relógio já estão bem perto das quatro e meia quando o Sr. Bagnet se senta no seu lugar habitual. E, ao marcarem a hora certa, o Sr. Bagnet anuncia: — Jorge! Pontualidade militar.

É Jorge que chega e apresenta cordiais felicitações à velha (a quem beija naquela grande ocasião), às meninas e ao Sr. Bagnet.

— Congratulemo-nos todos! — diz o Sr. Jorge.

— Mas Jorge, meu velho! — exclama a Sra. Bagnet, olhando para ele com curiosidade. — Que lhe aconteceu?

— Que me aconteceu?

— Ah! Você está tão pálido, Jorge... e parece tão abalado, não é mesmo, Lignum?

— Jorge — diz o Sr. Bagnet —, responda à velha. Que é que há?

— Não sabia que estava pálido — diz o cavalariano, passando a mão pela testa — e não sabia que parecia abalado. Lamento isso. Mas a verdade é que aquele menino que levaram para minha casa morreu ontem de tarde, e isso me abateu bastante.

— Pobre criatura! — diz a Sra. Bagnet, com uma compaixão maternal. — Morreu? Coitado, coitado!

— Não era minha intenção falar a respeito disso, pois não é conversa para um dia de anos, mas foram vocês mesmos que me arrancaram isso antes

que eu me sentasse. Dentro de um minuto eu me teria animado — diz o cavalariano procurando falar com mais alegria —, mas você é tão viva, Sra. Bagnet.

— Você tem razão. Essa velha — diz o Sr. Bagnet — é mesmo viva. Como pólvora.

— E mais ainda, é o assunto do dia e a ela aderimos — exclama o Sr. Jorge. — Olhe cá, eu trouxe um brochezinho. Não vale nada, como vê, mas é uma lembrança. Vale pela intenção, Sra. Bagnet.

O Sr. Jorge exhibe o presente, que é recebido com pulos e palmas de admiração pela família e com uma espécie de admiração reverencial da parte do Sr. Bagnet.

— Minha velha — diz o Sr. Bagnet. — Transmita-lhe minha opinião a respeito.

— Oh! é uma maravilha, Jorge! — exclama a Sra. Bagnet. — É a coisa mais bonita que já vi na minha vida! — Ótimo! É a minha opinião — diz o Sr. Bagnet.

— É tão bonito, Jorge — acrescenta a Sra. Bagnet, virando-o para todos os lados e admirando-o com o braço estendido —, que parece demais para mim.

— Mau! Não é a minha opinião — diz o Sr. Bagnet.

— Mas, seja como for, mil agradecimentos, meu velho amigo — diz a Sra. Bagnet, com os olhos a cintilar de prazer e a mão estendida para ele —; e ainda que algumas vezes eu tenha sido para você uma rabugenta mulher de soldado, somos amigos tão fortes, estou certa, como é possível ser. Agora, se quiser, você próprio o pregará para ter boa sorte, Jorge.

Os jovens se agrupam para ver aquilo de mais perto, e o Sr. Bagnet também olha por cima da cabeça do jovem Woolwich, demonstrando um interesse tão simplório, apesar de agradavelmente pueril, que a Sra. Bagnet não pode deixar de rir, com seu jeito prazenteiro, dizendo: — Oh! Lignum, Lignum, que criatura de ouro é você!

Mas o cavalariano não consegue pregar o broche. Sua mão treme, fica nervoso, e o broche cai.

— Quem haveria de acreditar em tal? — pergunta ele, apanhando o

broche e olhando em redor. — Sou tão desastrado que não consigo fazer uma coisa tão fácil como esta!

A Sra. Bagnet conclui que, para um caso como aquele, não há melhor remédio que uma cachimbada, e pregando o broche ela mesma num abrir e fechar de olhos, leva o cavalariano ao seu cômodo lugar do costume, e os cachimbos entram em ação.

— Se isto não o puser às direitas, Jorge — diz ela —, dê uma olhada de vez em quando ao seu presente, que com isto mais o cachimbo há de consegui-lo.

— Você mesma poderia fazê-lo — respondeu Jorge —, sei muito bem, Sra. Bagnet. Vou contar-lhe como, não sei por qual motivo, as tristezas andam-me assoberbando ultimamente. Aí está esse pobre garoto. Foi uma coisa triste vê-lo morrer daquela maneira sem poder ajudá-lo.

— Que diz, Jorge? Você o ajudou, sim. Recolheu-o sob o seu teto.

— Ajudei-o nisso, mas é pouco. Quero dizer, Sra. Bagnet, que ali estava ele morrendo sem lhe terem ensinado mais que a distinguir a mão direita da esquerda. E atingir um ponto que não era mais possível tirá-lo daquela ignorância.

— Ah! pobre criatura! — exclamou a Sra. Bagnet.

— Então — diz o cavalariano, sem ter ainda acendido seu cachimbo, e passando a pesada mão pelos cabelos — vem ao espírito da gente a lembrança de Gridley. Ele também era um caso triste, conquanto de modo diferente. Misturam-se os dois no espírito da gente a um cruel e velho canalha que andou às voltas com eles. E pensar naquela enferrujada carabina, coronha e cano, de pé lá no seu canto, dura, indiferente, achando tudo muito natural... faz, garanto-lhes, a carne e o sangue da gente ferver.

— O meu conselho — replica a Sra. Bagnet — é que você acenda seu cachimbo e ferva desse jeito. É mais saudável, mais cômodo e melhor para a saúde.

— Tem razão — diz o cavalariano. — É o que vou fazer.

E é o que faz, embora ainda com uma serenidade indignada, que impressiona os jovens Bagnets e obriga o próprio Sr. Bagnet a adiar a cerimônia de beber à Saúde da Sra. Bagnet, o que ele sempre faz, naquelas

ocasiões, com um discurso de exemplar elegância. Mas tendo as meninas preparado o que o Sr. Bagnet tem o hábito de chamar “a mistura”, e estando agora o cachimbo de Jorge a arder, considera o Sr. Bagnet obrigação sua iniciar o brinde da noite. Dirige-se à assembleia presente nos seguintes termos: — Jorge. Woolwich. Quebec. Malta. Hoje é o aniversário dela. Podem marchar um dia inteiro, que não encontrarão outra como a aniversariante. À saúde dela!

Tendo todos bebido com entusiasmo, a Sra. Bagnet agradece com correspondente brevidade. Este discurso modelar limita-se a quatro palavras: “À saúde de todos!”, que a boa senhora acompanha com um aceno de cabeça a cada um e um trago bem regulado da mistura. Desta vez, porém, segue-se uma exclamação inteiramente inesperada: — *Está aí um homem!*

Para completo espanto do grupo, está ali um homem, olhando da porta de entrada. É um sujeito de olhar penetrante — homem lesto e sagaz — que atrai irresistivelmente para si as vistas de todos a um só tempo, individual e coletivamente, de um modo que o assinala desde logo como uma pessoa notável.

— Jorge — diz o homem, acenando com a cabeça —, como vai você?

— Oh — exclamou o Sr. Jorge — é Bucket!

— Sim — diz o homem, entrando e fechando a porta. — Ia descendo a rua, quando me aconteceu parar e olhar para os instrumentos musicais da vitrina. Um amigo meu está precisando de um violoncelo de segunda mão e de bom som. Vi um grupo divertindo-se, pensei que era você que estava a um canto e não me enganei. Como vão as coisas para você, Jorge, no momento? Correndo bem? E para a senhora? E para o senhor, chefe? E, meu Deus! — exclama o Sr. Bucket, abrindo os braços — há crianças aqui! Podem fazer de mim o que quiserem, se me mostram crianças. Deem-me um beijo, meus benzininhos. Não é caso de perguntar quem são o pai e a mãe de vocês. Nunca vi tanta parecença em minha vida!

O Sr. Bucket, cuja chegada não foi bem acolhida, sentou-se perto do Sr. Jorge e pôs Quebec e Malta sobre os joelhos.

— Minhas belezinhas — diz o Sr. Bucket —, deem-me outro beijo. É a única coisa de que sou guloso. Deus as abençoe! Como são saudáveis! E qual pode ser a idade destas duas, minha senhora? Dou-lhes mais ou menos de oito

a dez anos.

— O senhor quase que acerta — diz a Sra. Bagnet.

— Quase sempre acerto — responde o Sr. Bucket — porque gosto muito de crianças. Um amigo meu tinha dezenove filhos, minha senhora, todos da mesma mãe, e ela está ainda fresca e rosada como a aurora. Não tanto quanto a senhora, mas, pela minha alma, quase como a senhora! E como chama você a isto, minha querida? — pergunta o Sr. Bucket, beliscando as faces de Malta. — São pêssegos. Benza-a Deus! E que pensa você do papai? Acha que ele poderia arranjar um violoncelo de segunda mão e de bom som para o amigo do Sr. Bucket, meu bem? Meu nome é Bucket. Nome engraçado, não é?

Essas blandícias conquistaram inteiramente o coração da família. A Sra. Bagnet esquece-se do dia a ponto de encher um cachimbo e um copo para o Sr. Bucket, servindo-o com toda a hospitalidade. Em qualquer ocasião teria todo o prazer de receber em sua casa uma pessoa tão cordial como ele, mas diz-lhe que, como amigo de Jorge, lhe é gratíssimo vê-lo ali naquela noite, uma vez que Jorge não se acha na sua habitual disposição de espírito.

— Não se acha em sua habitual disposição de espírito? — repete o Sr. Bucket. — Ora, nunca vi semelhante coisa! Que é que há, Jorge? Não me vai dizer que está contrariado. E por que estaria contrariado? Não tem nada que o preocupe, creio eu.

— Nada de especial — responde o cavalariano.

— Penso que não — acrescenta o Sr. Bucket. — Que poderia ter você que o preocupasse? Terão estas queridinhas aqui alguma coisa que as preocupe? Não, decerto. Mas dentro em breve elas é que estarão a preocupar a cabeça de alguns rapazes, enchendo-os de tristeza. Não sou profeta, minha senhora, mas isso posso predizer.

Inteiramente encantada, a Sra. Bagnet acha que o Sr. Bucket também tem família.

— Minha senhora! — exclama o Sr. Bucket. — Talvez não acredite, mas a verdade é que não tenho. Minha mulher e uma inquilina constituem minha família. A Sra. Bucket gosta tanto de crianças como eu e tem muita vontade de ter filhos. Mas não os tem. É assim mesmo. Os bens do mundo estão divididos desigualmente, e ao homem não cabe queixar-se. Mas que belo pátio, minha senhora. Terá alguma saída pelos fundos?

— Não há saída pelos fundos.

— Deveras? — indaga o Sr. Bucket. — Pois eu pensei que poderia haver. Bem, não sei se já vi alguma vez um pátio interno que me agradasse tanto. Dá licença que o veja? Obrigado. Não, estou vendo que não há saída. Mas que pátio bem proporcionado que é!

Tendo corrido seu olhar sagaz por todo ele, o Sr. Bucket volta para a sua cadeira junto do amigo Jorge, batendo-lhe familiarmente no ombro.

— Como está você agora, Jorge?

— Muito bem — responde o cavalariano.

— É gênio seu! — diz o Sr. Bucket. — E por que estaria você contrariado? Um homem com o seu tipo e constituição não tem direito a estar macambúzio. Não é mesmo, minha senhora? Não creio que haja motivo algum de preocupação para você, Jorge. Que poderia haver?

Repisando esta última frase, coisa de estranhar diante da extensão e variedade de seus dons de conversador, o Sr. Bucket duas ou três vezes repete aquilo para o cachimbo que está acendendo, e com uma cara perscrutadora como é a sua. Mas o sol de sua sociabilidade logo se liberta desse breve eclipse e volta a brilhar de novo.

— E aquele é o irmão, não é mesmo, minhas queridas? — pergunta o Sr. Bucket a Quebec e Malta, referindo-se ao jovem Woolwich. — É um belo irmão — meio-irmão, quero dizer. Tem muita idade para ser seu filho, minha senhora.

— Posso garantir, em todo o caso, que ele é mesmo meu filho — diz a Sra. Bagnet, rindo.

— Mas a senhora me surpreende! Tem razão, porém, pois se parece muito com a senhora, não há negar. Meu Deus, parece-se maravilhosamente com a senhora! Mas a testa é do pai!

O Sr. Bucket compara os rostos com um olho fechado, enquanto o Sr. Bagnet fuma com impassível satisfação.

É esta uma oportunidade para a Sra. Bagnet informá-lo de que o rapaz é afilhado de Jorge.

— Afilhado de Jorge, ele? — repete o Sr. Bucket, com extrema

cordialidade. — Preciso apertar de novo a mão do afilhado de Jorge. Padrinho e afilhado são ambos dignos um do outro. E que tenciona a senhora fazer do menino? Mostra ele preferência por algum instrumento musical?

O Sr. Bagnet intervém repentinamente:

— Toca pífano. E muito bem.

— Acreditaria o senhor — pergunta o Sr. Bucket, admirado da coincidência — que eu também toquei pífano quando menino? Não dum modo científico, como espero que este toque, mas de ouvido. Meu Deus! “Granadeiros Ingleses” — eis uma marcha capaz de entusiasmar qualquer inglês! Quer dar-nos o prazer de tocar “Granadeiros Ingleses”, meu belo rapaz?

Nada poderia agradar mais à pequena sociedade ali reunida do que esse convite ao jovem Woolwich, que imediatamente vai buscar seu pífano e executa a estimulante melodia. Enquanto isso, o Sr. Bucket, muito animado, marca compasso e nunca deixa de acentuar com veemência o estribilho: “Gra-a-nadeiros In-gleses.” Em suma, revela tanto gosto musical que o Sr. Bagnet chega a tirar o cachimbo da boca para exprimir sua convicção de que ele é um cantor. O Sr. Bucket recebe o harmonioso epíteto com grande modéstia, confessando que outrora cantava um pouco, para exprimir os sentimentos do próprio coração e sem nenhuma pretensiosa ideia de divertir os amigos que lhe pedem para cantar. Para não se mostrar inferior ao espírito de cordialidade ali reinante, acede e canta-lhes “Acredita-me se todos aqueles sedutores encantos...”. Considera essa balada, informa ele à Sra. Bagnet, o mais poderoso aliado que teve na conquista do coração da Sra. Bucket quando solteira, levando-a a aproximar-se do altar, isto é, “atraindo-a ao himeneu”, segundo as palavras do próprio Sr. Bucket.

Aquele homem brilhante vem a constituir um traço tão novo e aprazível naquela reunião que o Sr. Jorge, o qual não se mostrou muito satisfeito com sua chegada, começa, malgrado seu, a sentir-se um tanto orgulhoso dele. É tão cordial, é um homem de tantos recursos e de trato tão fácil, que causa prazer tê-lo tornado conhecido ali. O Sr. Bagnet, depois de haver fumado outro cachimbo, torna-se tão sensível ao valor do seu novo conhecido que solicita a honra de sua presença no próximo aniversário da velha. Se alguma coisa pode cimentar mais estreitamente e consolidar ainda mais a estima que o Sr. Bucket ganhou em relação à família, é a descoberta que faz do motivo daquela

reunião. Bebe à saúde da Sra. Bagnet com um calor que se aproxima do arrebatamento, compromete-se, com doze meses de antecedência e cheio de gratidão, a comparecer ao futuro aniversário, toma nota num canhenho preto fechado por uma cinta também preta, faz votos para que a Sra. Bucket e a Sra. Bagnet possam antes disso tornar-se, de certa maneira, irmãs. Como ele mesmo opina, que é a vida pública sem os laços íntimos? Na sua maneira modesta ele próprio é um homem público, mas não é nessa esfera que encontra a felicidade. Não, esta deve ser buscada dentro dos limites da bem-aventurança doméstica.

Em tais circunstâncias, é natural que ele, por sua vez, se recorde do amigo a quem é devedor de tão promissor conhecimento. E assim o faz. Conserva-se muito perto dele. Qualquer que seja o assunto da conversa, mantém um terno olhar fixo nele. Espera seguir para casa com ele. Mostra-se interessado até pelas suas botas, observando-as atentamente, enquanto o Sr. Jorge está sentado, de pernas cruzadas, fumando, a um canto da lareira.

Afinal o Sr. Jorge levanta-se para ir embora. Ao mesmo tempo, o Sr. Bucket, com a secreta simpatia da amizade, também se levanta. Mostra-se carinhoso para com as crianças até o fim e recorda a encomenda que fez para seu amigo ausente.

— Quanto ao violoncelo em segunda mão, meu chefe, poderia o senhor arranjar-me um?

— Tantos quantos queira — diz o Sr. Bagnet.

— Sou-lhe muito grato — responde o Sr. Bucket, apertando-lhe a mão. — O senhor é um verdadeiro amigo na hora do apuro. Com bom som, não se esqueça! Meu amigo conhece música. Toca o seu Mozart, o seu Handel e outros figurões da música como um mestre consumado. E o senhor não precisa — diz o Sr. Bucket, com voz íntima e ponderada — prender-se a um preço muito baixo. Não quero que o meu amigo pague um preço muito alto, mas quero que o Sr. ganhe uma porcentagem justa e seja remunerado pelo tempo que vai perder. Nada mais justo. Todo homem deve viver e tem direito a isso.

O Sr Bagnet meneia a cabeça para o lado da velha, como a significar que haviam descoberto uma joia de preço.

— Talvez eu possa dar um pulo ate aqui, digamos, amanhã as dez e

meia. E então o senhor me dará o preço de alguns violoncelos de bom som — diz o Sr. Bucket.

Nada mais fácil. O Sr. e a Sra. Bagnet comprometem-se a ter pronta a informação pedida e até insinuam um ao outro a possibilidade de terem à mão um pequeno estoque deles para serem escolhidos.

— Obrigado — diz o Sr. Bucket —, obrigado. Boa noite, minha senhora. Boa noite, chefe. Boa noite, queridinhos. Sou-lhes muito grato por uma das mais agradáveis noites que já, passei na minha vida.

Pelo contrário, eles é que se sentem muito penhorados pelo prazer que lhes proporcionou com sua companhia, e assim se despedem com muitas expressões de amabilidade de parte a parte.

— Agora, Jorge, meu velho — diz Bucket, pegando-lhe do braco a porta da rua vamo-nos embora!

Enquanto eles descem a ruela e os Bagnets param por um instante a olhá-los, a Sra. Bagnet observa ao digno Lignum que o Sr. Bucket “vai quase agarrado a Jorge e parece ser realmente muito amigo dele”.

Como as ruas vizinhas são estreitas e mal calçadas, torna-se um tanto incômodo andarem por elas duas pessoas juntas e de braço dado. O Sr. Jorge portanto logo propõe que se separem. Mas o Sr. Bucket, que não pode consentir em abandonar aquela cordial agarração, retruca: — Espere meio minuto, Jorge. Primeiro desejaria falar-lhe.

Imediatamente depois, o introduz numa taberna e ali passam para uma pequena sala de visitas, onde Bucket o enfrenta, ficando com as costas coladas à porta.

— Agora, Jorge — diz o Sr. Bucket —, dever é dever e amizade é amizade. Nunca foi meu desejo que as duas coisas colidissem, sempre dentro das minhas possibilidades. Fiz tudo para proporcionar a todos uma noite agradável, e a você cabe decidir se o consegui ou não. Você deve considerar-se preso, Jorge.

— Preso? por quê? — inquire o cavalariano, assombrado.

— Jorge — diz o Sr. Bucket, procurando mostrar-lhe uma visão sensível do caso com seu nédio dedo indicador —, dever, como você muito bem sabe, é uma coisa, e conversa é outra. E meu dever informá-lo de que quaisquer

observações que você faça estarão na contingência de serem usadas contra você. Portanto, Jorge, tenha cuidado com o que diz. Não chegou talvez ao seu conhecimento a notícia de um assassinato?

— Assassinato?

— Ora, Jorge — diz o Sr. Bucket, mantendo o indicador numa impressionante atividade — não se esqueça do que lhe disse. Não lhe pergunto nada. Você esteve abatido esta tarde. Repito, acaso não tem você notícia de um assassinato?

— Não. Onde é que houve um assassinato?

— Bem, Jorge — diz o Sr. Bucket —, não vá comprometer-se. Vou dizer-lhe o que desejo de você. Houve um assassinato em Lincoln's Inn Fields: mataram ali um cavaleiro chamado Tulkinghorn. Atiraram nele a noite passada. Devo deter você por causa disso.

O cavalariano deixa-se cair numa cadeira, e grandes gotas de suor escorrem-lhe da testa, enquanto uma palidez mortal se espalha pelo seu rosto.

— Bucket! Não é possível que o Sr. Tulkinghorn tenha sido assassinado e que você suspeite de mim.

— Jorge — continua o Sr. Bucket, conservando seu indicador em movimento —, certamente é possível, porque é esse o caso. O crime foi cometido a noite passada às dez horas. Ora, você sabe onde estava a noite passada às dez horas e sem dúvida será capaz de prová-lo.

— A noite passada! A noite passada? — repete o cavalariano, refletindo. Depois veio-lhe de repente à memória uma ideia. — Oh, grande Deus, eu estive lá a noite passada!

— Foi o que me informaram — replica o Sr. Bucket, com grande decisão. — Foi o que me disseram. E também que você foi lá muitas vezes. Você foi visto rondando o lugar, e ouviram-no mais de uma vez altercando com ele, e é possível — não digo que seja assim com certeza, veja bem, mas é possível — que o tenham ouvido chamar a você sujeito ameaçador, homicida, perigoso.

O cavalariano arqueja como se admitisse tudo aquilo, caso pudesse falar.

— Bem, Jorge — prossegue o Sr. Bucket, pondo o seu chapéu em cima da mesa, com um gesto comercial, mais parecido com o de um tapeceiro ou

armador do que com qualquer outra coisa —, conforme demonstrei com o meu procedimento esta noite, meu desejo é tornar as coisas agradáveis. Confesso-lhe francamente que existe uma recompensa de cem guinéus, oferecida pelo Baronete, Sir Leicester Dedlock. Você e eu sempre nos demos bem, mas recebi uma incumbência para cumprir; e se esses cem guinéus têm de ser ganhos, tanto o podem ser por mim como por outro homem. Afinal de contas, creio que você compreende com toda a clareza que devo prendê-lo, e que serei um tolo se o não fizer. Será preciso que eu peça auxílio ou a coisa já está feita?

O Sr. Jorge conseguiu dominar-se e põe-se de pé firmemente, como um verdadeiro soldado.

— Vamos — disse ele —, estou pronto.

— Jorge — continua o Sr. Bucket —, espere um pouco! — Com seus modos de tapeceiro, como se o cavalariano fosse uma janela por guarnecer ou tapeçar, tira do bolso um par de algemas. — É um duro encargo, Jorge, mas é este o meu dever.

O cavalariano enrubesce encolerizado e hesita um instante, mas estende as duas mãos juntas e diz: — Pronto! Pode algemá-las!

O Sr. Bucket ajusta as algemas num momento.

— Como as acha? Estão incomodando? Se estão, pode dizer, pois quero tornar tudo o mais agradável possível, sem quebra do meu dever, e tenho para isso outro par no bolso.

Faz essa observação como um respeitabilíssimo negociante, ansioso por satisfazer corretamente um pedido, com perfeito contentamento do seu freguês.

— Não incomodam? Muito bem! Escute, Jorge — toma dum canto uma capa e põe-se a ajustá-la em torno do pescoço do cavalariano. — Quando saí de casa, não me esqueci que você tem sentimentos, e trouxe isto de propósito. Veja! Quem é mais atilado?

— Somente eu — retruca o cavalariano —, mas, como o sei preste-me outro bom serviço, puxando meu chapéu de modo que tape meus olhos.

— Deveras? Quer mesmo? Não é uma pena? Parece que sim.

— Com estas coisas nos punhos não posso encarar os homens que por

acaso encontrar — replica apressadamente o Sr. Jorge. — Pelo amor de Deus, puxe meu chapéu bem para a frente.

Tão vivamente solicitado, o Sr. Bucket satisfaz-lhe o pedido, põe também o chapéu e conduz seu prisioneiro pelas ruas. O cavalariano caminha tão firme como de costume, embora de cabeça menos ereta, e o Sr. Bucket o vai dirigindo com o cotovelo pelos cruzamentos e travessas.

A NARRATIVA DE ESTER

Aconteceu que, quando voltei de Deal para casa, encontrei um bilhete de Cady Jellyby (como sempre continuamos a chamá-la), informando-me que sua saúde, que fora por algum tempo bastante delicada tinha piorado, e que ela se sentiria muito mais alegre do que poderia exprimi-lo se eu fosse vê-la. Era um bilhete de poucas linhas, escrito da cama onde ela jazia e incluído dentro de outro de seu marido, o qual, escrevendo-me, secundava seu pedido com grande solicitude. Caddy era agora a mãe e eu a madrinha de uma pobre criança, um pingo de gente, de carinha fina e engelhada, com uma fisionomia de traços indefiníveis, e uma mãozinha esquelética, de dedos finos, sempre fechada por baixo do queixo. Ficava desse jeito o dia inteiro, com os brilhantes pontinhos dos olhos abertos, pensando (como eu costumava imaginar) como acontecera ser ela assim tão pequena e tão fraca. Quando a tiravam de um lugar, chorava, mas em todas as outras ocasiões se mostrava tão paciente que o único desejo de sua vida parecia que era ficar quieta e pensar. Tinha no rosto curiosas veiazinhas escuras e curiosas manchinhas pretas sob os olhos, como se fossem apagadas lembranças dos dias em que a pobre Caddy lidava sempre com tinta. E a todos quantos não estavam acostumados com ela, o vê-la daquela forma causava pena.

Mas bastava que Caddy estivesse acostumada com ela. Os projetos com que ia distraíndo sua doença para a educação da pequena Ester, para o casamento da pequena Ester e até mesmo para a sua própria velhice, como avó das Esterzinhas da pequena Ester, eram tão lindamente expressivos do devotamento àquele orgulho da sua vida, que eu gostaria de recordar alguns deles, se não me lembrasse em tempo de que vou indo muito irregularmente nesta narrativa.

Mas voltemos à carta. Caddy tinha uma espécie de superstição a meu respeito, que se fortalecera em sua mente desde aquela longínqua noite em

que ela adormecera com a cabeça no meu regaço. Acreditava quase — penso que posso dizer piamente — que eu lhe fazia bem sempre que me achava perto dela. Ora, posto que isso era uma fantasia tal da afetiva moça que quase me envergonho de mencioná-la, contudo podia ter toda a força de um fato quando ela estava realmente doente. Portanto, parti a toda a pressa para a casa de Caddy, com consentimento de meu tutor, e ela e Príncipe me trataram de um modo que nunca vi igual. No dia seguinte fui de novo ficar com ela, e ainda no terceiro dia. Era uma viagem muito fácil, pois tinha apenas de levantar-me um pouco mais cedo e, antes de sair, tomar as providências exigidas pelo arranjo da casa. Mas depois que fiz estas três visitas, meu tutor me disse, quando voltei à noite: — Agora, mulherzinha, não faça mais isto. Água mole em pedra dura tanto dá até que fura, e muita viagem de carro acabará fatigando D^a Durden. Iremos para Londres por algum tempo, tomar posse da nossa velha residência.

— Por minha causa não, meu caro tutor — disse eu —, pois nunca me sinto cansada — o que era estritamente verdadeiro. Sentia-me até muito feliz de ser assim procurada.

— Por minha causa então — respondeu meu tutor — ou por causa de Ada, ou por causa de nós ambos. Creio que amanhã é o aniversário de alguém.

— Creio que sim — disse eu, beijando minha querida, que faria vinte e um anos no dia seguinte.

— Bem — observou meu tutor, meio brincando, meio sério —, é essa uma grande data, e eu darei à minha prima algum negócio necessário a fazer, como afirmação de sua independência, e tornaremos nossa morada de Londres mais adequada a todos nós. Portanto, para Londres! Estando isso decidido, há outra coisa. Como deixou você Caddy?

— Nada bem, tutor. Creio que passará algum tempo até que ela recobre a saúde e as forças.

— O que é que você chama algum tempo? — perguntou meu tutor, preocupado.

— Algumas semanas, acho eu.

— Ah! — Ele começou a passear pela sala com as mãos nos bolsos, mostrando que estivera a pensar outro tanto. — E que diz você a respeito do

médico que a trata? É bom médico, meu bem?

Vi-me obrigada a confessar que nada sabia em contrário, mas que Príncipe e eu havíamos concordado ainda aquela noite em que gostaríamos de ver a opinião do tal médico confirmada por algum outro.

— Bem, como você sabe — voltou depressa meu tutor —, há o Sr. Woodcourt.

Não havia pensado nisso, e fui tomada um pouco de surpresa. Durante alguns instantes, tudo quanto eu tivera em minha mente relacionado com o Sr. Woodcourt pareceu reviver e confundir-me.

— Faz alguma objeção a que o chamemos, mulherzinha?

— Objeção a ele, tutor? Oh não!

— E não pensa que a paciente talvez fizesse?

Bem longe disso, não tinha dúvida de que ela estaria disposta a confiar grandemente nele e a gostar muito dele. Disse que ele não era de todo estranho a Caddy, pois esta o havia, visto muitas vezes quando bondosamente tratava de Miss Flite.

— Muito bem — disse meu tutor. — Ele esteve hoje aqui, meu bem, e amanhã falarei com ele a respeito.

Senti, nesta curta conversa — embora não soubesse como, pois Ada estava sossegada e não trocamos olhares —, que a minha querida menina haveria de estar bem lembrada de como me apertara a cintura, quando nenhuma das outras mãos que não as de Caddy me haviam trazido a pequena lembrança de despedida. Isso me levou a sentir que deveria contar-lhe, e também a Caddy, que eu iria tornar-me a senhora da Casa Soturna, e que, se adiasse mais essa revelação, poderia tornar-me a meus próprios olhos menos digna do amor de seu proprietário. Por isso quando subimos e esperamos até ouvir o relógio bater as doze pancadas, para que somente eu pudesse ser a primeira a dar os parabéns à minha querida pelo seu aniversário e a apertá-la de encontro ao coração, expus-lhe, justamente como expusera a mim mesma, a bondade e a honra de seu primo João e a vida feliz que me estava reservada. Se alguma vez a minha querida se mostrou mais afeiçoada a mim do que de outras em todo o tempo da nossa convivência, foi seguramente naquele dia que tal se deu. Regoziquei-me por sabê-lo e tão confortada me senti por

verificar que havia procedido bem, terminando esta última e ociosa reserva, que a felicidade que me invadiu foi dez vezes maior do que antes. Há poucas horas mal pensava naquela reserva, mas, agora que ela desaparecera, tive a sensação de haver compreendido melhor a sua natureza.

No dia seguinte partimos para Londres. Encontramos nossa velha casa desocupada, e dentro de meia hora estávamos tranquilamente alojadas ali, como se nunca dali tivéssemos saído. O Sr. Woodcourt juntou conosco para celebrar o aniversário de minha querida, e nós nos mostramos o mais alegres possível, apesar do vácuo que havia entre nós com a ausência de Ricardo num dia como aquele. Depois desse dia estive durante algumas semanas — oito ou nove, se não me engano — constantemente ao lado de Caddy, e assim aconteceu que vi menos Ada nessa ocasião do que em outra qualquer, desde o primeiro dia em que nos havíamos encontrado, sem falar no tempo da minha doença. Ela visitava Caddy muitas vezes. Mas nossa função era divertir e alegrar a enferma, de modo que não nos era possível conversar confidencialmente, segundo o nosso costume. Quando eu voltava para casa de noite, ficávamos juntas, mas o repouso de Caddy era interrompido pelas dores e frequentemente eu tinha de ficar para cuidar dela.

Com o marido e a sua mísera criancinha para amar, e sua casa para manter, que boa criatura era Caddy! Tão desprendida, tão resignada, tão ansiosa de ficar boa por causa deles, tão receosa de dar trabalho e tão preocupada com o trabalho de seu marido sem nenhum auxiliar e com o conforto que devia ser dado ao velho Sr. Turveydrop, nunca como até então eu a vira em toda a sua bondade. E bem estranho parecia vê-la ali, com o seu rosto pálido e seu corpo débil, deitada naquela cama dias e dias, naquela casa onde a dança era o meio de vida, onde a rabequinha e os aprendizes começavam de manhã bem cedo na sala de baile, e onde o infatigável menininho valsava, só, na cozinha a tarde inteira.

A pedido de Caddy, tomei a direção suprema de seu apartamento, arrumei-o e empurrei-a, com cama e tudo, para um canto mais iluminado, mais arejado e mais alegre do que aquele onde até então estivera. Depois, todos os dias, quando já estava tudo muito bem limpo, costumava pôr-lhe nos braços sua pequenina, que tinha o mesmo nome que eu, e sentar-me para tagarelar ou trabalhar, ou ler para ela. Foi numa das primeiras dessas ocasiões sossegadas que falei com Caddy a respeito da Casa Soturna.

Tínhamos outras visitas sem ser Ada. Antes de todas tínhamos Príncipe, que nos rápidos intervalos de suas aulas costumava entrar de mansinho e de mansinho sentar-se, com o rosto cheio de amorosa ansiedade pela criancinha e por Caddy. Qualquer que fosse seu estado, nunca deixou Caddy de afirmar a Príncipe que ela estava quase boa, o que eu, Deus me perdoe, nunca deixei de confirmar. Isso punha Príncipe em tão boas disposições que muitas vezes ele tirava a rabequinha do bolso e tocava um ou dois acordes para espantar a criança, o que nunca sucedia de maneira alguma, pois minha insignificante xará nunca deu demonstração de perceber aquilo.

Depois aparecia a Sra. Jellyby. Vinha uma vez ou outra, com sua habitual maneira distraída, e sentava-se calmamente, olhando milhas além da sua neta, como se sua atenção estivesse absorvida por algum jovem borriobulano nas suas praias naturais. De olhos tão brilhantes como sempre, serena e incansável, dizia: — Bem, Caddy, a menina e você como vão hoje? — E depois sentava-se, sorrindo amavelmente, sem prestar atenção à resposta. Ou então passava mansamente a fazer um cálculo do número de cartas que recebera e a que respondera recentemente, ou da força cafeeira de Borriobulagha. Fazia isso sempre com um sereno e indisfarçado desprezo pela nossa limitada esfera de ação.

Ou então era o Sr. Turveydrop pai, que formava, da manhã à noite e da noite à manhã, o assunto de inúmeras precauções. Se o bebê chorava, era quase sufocado, pelo receio de que seu choro pudesse incomodar o velho. Se faltava fogo de noite, tratava-se de acendê-lo sorrateiramente, com receio de que o repouso dele pudesse ser interrompido. Se Caddy pedia qualquer coisa boa que houvesse na casa, primeiramente, e com todo o cuidado se discutia se era provável que o velho também a quisesse. Em troca dessa consideração, ele entrava no quarto uma vez por dia, quase abençoando-o — mostrando uma condescendência, uma proteção e uma certa graça de maneiras ao dispensar assim a luz da sua arrogante presença, do que eu podia inferir (se não conhecesse bem o caso) ter sido ele o benfeitor da vida de Caddy.

— Minha Carolina — dizia ele, aproximando-se o mais que podia para inclinar-se sobre ela —, diga-me se está melhor hoje.

— Oh! muito melhor, obrigada, Sr. Turveydrop — era a resposta de Caddy.

— Deleitado! Encantado! E a nossa cara Miss Summerson não está

inteiramente prostrada pela fadiga? — Aqui ele enrugava as pálpebras e me atirava um beijo com os dedos, ainda que, folgo de dizê-lo, ele houvesse deixado de ser exagerado nas suas atenções, desde que meu semblante sofrera tamanha alteração.

— De modo algum — respondia eu, tranquilizando-o.

— Encantador! Devemos ter cuidado com a nossa querida Carolina, Miss Summerson. Nada devemos poupar para fazê-la recuperar a saúde. Devemos alimentá-la. Minha querida Carolina — e voltava-se para sua nora com infinita generosidade e proteção —, não precisa de alguma coisa? Formule um desejo, minha filha. Tudo quanto há nesta casa, tudo quanto se acha em meus aposentos está à sua disposição, meu bem. Não permita — acrescentava ele algumas vezes, num transporte de elegância — que qualquer dos meus mais simples pedidos seja tido em consideração, se alguma vez colidir com os seus, minha Carolina. Suas necessidades são maiores do que as minhas.

Estabelecera tão sagrados direitos a essa elegância (herança de seu filho que a mãe lhe legara) que vim a saber que muitas vezes Caddy e seu marido se desfaziam em lágrimas vendo aquela afetuosa abnegação.

— Não, meus queridos — voltava ele à carga; e quando eu via o braço descarnado de Caddy em redor do anafado pescoço dele enquanto o velho falava, também seria capaz de desfazer-me em lágrimas, ainda que não pela mesma causa —, não, não! Prometi jamais abandoná-los. Sejam cordiais e afetuosos para comigo, que nenhuma outra recompensa exijo. Deus os abençoe. Agora vou até o Parque.

E ia tomar ares ali para voltar com grande apetite para o jantar. Acredito que não esteja traçando um retrato desfavorável do velho Sr. Turveydrop, mas o fato é que jamais vi nele traços melhores do que estes que fielmente reproduzo, a não ser a afeição que cobrou a Peepy, levando-o a passear consigo em grande pompa, e sempre, nessas ocasiões, mandando-o de volta para casa antes que ele próprio fosse jantar, e dando-lhe uma vez ou outra meio *penny*. Mas até mesmo esse desinteresse era precedido de apreciável despesa, pelo que sei, pois antes que Peepy estivesse suficientemente enfeitado para passear de mão dada com o Professor de Elegância, tinha de ser trajado com roupa nova, da cabeça aos pés, à custa de Caddy e de seu marido.

A última das visitas era a do Sr. Jellyby. Realmente, quando ele entrava à noite e perguntava a Caddy com sua voz branda como estava, e depois se sentava com a cabeça encostada à parede, sem tentar dizer nada mais, eu sentia por ele grande afeição. Se me achava atarefada, fazendo alguma coisinha, ele por vezes fazia menção de tirar o casaco, como se tencionasse ajudar-me com algum grande esforço, mas nunca passava daí. Sua única ocupação era sentar-se com a cabeça encostada à parede, olhando fito para a pensativa criança, e eu não podia desviar a ideia fantasiosa de que eles se entendessem um ao outro.

Não incluí o Sr. Woodcourt entre os nossos visitantes, porque ele era agora o médico assistente de Caddy. Sob seus cuidados, ela logo começou a melhorar. Mas, estou certa, isso não era nenhuma maravilha, tal a gentileza, a habilidade, a infatigabilidade que sempre demonstrava. Durante esse tempo vi várias vezes o Sr. Woodcourt, ainda que não tanto como seria de supor, pois, sabendo que Caddy estava entregue a boas mãos, frequentemente eu saía às ocultas da casa mais ou menos na hora em que ele era esperado. Não obstante, muitas vezes nos encontrávamos. Eu estava agora inteiramente reconciliada comigo mesma; porém ainda sentia prazer em pensar que ele estava triste por minha causa, e eu acreditava que ele ainda estava triste por minha causa. Ele auxiliava o Sr. Badger nos seus compromissos profissionais, que eram numerosos, e ainda não fixara projetos para o futuro.

Quando Caddy começou a recuperar a saúde é que comecei a notar uma certa mudança na minha querida Ada. Não posso dizer como isso surgiu diante de mim, porque fui notando o que se passava por numerosos sinais leves que nada em si mesmos significavam, e somente formavam um todo consistente quando reunidos. Mas eu os reuni e convenci-me de que Ada já não se mostrava tão francamente alegre comigo como costumava. Sua ternura para comigo se revelava tão amável e verdadeira como sempre. Nem por um momento eu duvidava disso. Mas havia em toda a sua pessoa uma tristeza serena, a respeito da qual ela não se abria comigo, e na qual rastreei algum oculto pesar.

Eu não podia compreender aquilo e me interessava tanto pela felicidade da minha predileta, que aquilo começou a preocupar-me e dar-me que pensar. Enfim, tendo certeza de que Ada me ocultava qualquer coisa com receio de que isso também me fizesse infeliz, persuadi-me que ela estava um pouco pesarosa por minha causa, pelo que eu lhe tinha contado a respeito da Casa

Soturna.

Não sei como foi que consegui convencer-me de que isso era provável. Não me passou pela ideia que houvesse qualquer referência egoísta no meu proceder. De mim eu não tinha pena nenhuma: sentia-me perfeitamente satisfeita e feliz. Contudo, pareceu-me tão fácil acreditar que Ada estivesse pensando (por minha causa, embora eu tivesse posto de lado todas aquelas ideias) no que outrora acontecera e estava agora tão mudado que não hesitei em acreditá-lo.

Que poderia eu fazer para tranquilizar minha querida (considerava eu então) e mostrar-lhe que não tinha tais sentimentos? Só poderia tratar de ser o mais ativa e atarefada que pudesse: e isso eu tentara sempre ser, sem desfalecimentos. Todavia, como a doença de Caddy havia decerto colidido mais ou menos com os meus deveres domésticos, conquanto sempre estivesse em casa pela manhã para preparar o almoço do meu tutor, tanto que este muitas vezes se rira, dizendo haver ali duas doninhas de casa, pois uma delas nunca faltava, resolvi mostrar-me duplamente diligente e alegre. De modo que andava pela casa cantarolando todas as canções que conhecia e me punha a trabalhar de maneira desesperada, falando da manhã à noite.

E, sem embargo, havia a mesma sombra entre mim e a minha querida amiga.

— Com que então, Dona Trot — observou meu tutor, fechando o seu livro, uma noite em que estávamos todos três juntos —, o Sr. Woodcourt restabeleceu Caddy Jellyby ao pleno gozo da vida novamente?

— Sim — respondi —, e receber ele a gratidão que Caddy sabe demonstrar é o mesmo que ter ficado rico.

— De todo o meu coração desejo que assim seja — retrucou ele.

Eu também o desejava e disse o mesmo.

— Ah! Se soubéssemos como, torna-lo-íamos tão rico como um judeu. Não é verdade, mulherzinha?

Ri enquanto trabalhava, e respondi que não sabia se havia de concordar inteiramente, pois isso poderia prejudicá-lo, tornando-o incapaz de ser útil a pessoas tais como Miss Flite, a própria Caddy e muitos outros, que dificilmente haviam de dispensar os seus serviços.

— É verdade — disse o meu tutor. — Tinha-me esquecido desse ponto. Mas concordaríamos em torná-lo suficientemente rico para viver, bastante rico para trabalhar com suportável paz de espírito, bastante rico para ter um lar seu feliz e seus numes tutelares e também sua deusa doméstica, talvez.

Isso era outra coisa completamente diversa. Estávamos todos de acordo nesta parte.

— Todos, é claro — disse meu tutor. — Interesse-me muito por Woodcourt, prezo-o muito e já o estive sondando delicadamente a respeito de seus planos. É difícil oferecer ajuda a um homem independente, com aquela justa espécie de orgulho que ele possui. E contudo muito me alegraria fazer isso se pudesse, ou se soubesse como. Ele parece meio inclinado a fazer outra viagem. Mas isso me parece o mesmo que deitar a perder um homem como ele.

— Poderia abrir para ele um novo mundo — disse eu.

— Poderia, sim, mulherzinha — assentiu meu tutor. — Duvido que ele espere grande coisa do velho mundo. Sabe que mais? Tenho a impressão de que aquele moço sente às vezes algum desencantamento íntimo ou infortúnio que nele encontrou. Nunca ouviu falar de alguma coisa dessas?

Abanei a cabeça.

— Hum! — disse meu tutor. — Creio que estou enganado.

Como houvesse aqui uma curta pausa, que, pensei eu, seria melhor preencher para satisfação de minha querida, cantarolei uma canção favorita de meu tutor, enquanto trabalhava.

— E o senhor acha que o Sr. Woodcourt fará outra viagem? — perguntei-lhe, depois que trauteei sossegadamente a canção inteira.

— Não sei bem o que pensar, minha querida, mas ousaria dizer que, no momento, é provável que ele tente uma longa viagem para outro país.

— Estou certa que levará os melhores votos de todos os nossos corações aonde quer que vá — disse eu. — E ainda que não sejam ricos, pelo menos ele nunca ficará mais pobre por causa deles.

— Nunca, mulherzinha — respondeu ele.

Eu estava sentada no meu lugar do costume, que agora era ao lado da

cadeira do meu tutor. Este não fora o meu lugar habitual antes da carta, mas era-o agora. Olhei para Ada, que estava sentada defronte, e vi, quando ela olhou para mim, que seus olhos estavam cheios de lágrimas e que estas lhe corriam pela face. Achei que a única coisa que deveria fazer era mostrar-me sossegada e alegre, para uma vez por todas desiludir minha querida e pôr em sossego seu amável coração. Sentia-me realmente assim e nada tinha que fazer senão mostrar-me tal qual me sentia.

Obriguei então minha doce menina a apoiar-se no meu ombro — muito pouco pensando no que lhe pesava no espírito — e disse-lhe que ela não se sentia muito bem, cingi-a com o braço e levei-a para cima. Quando ficamos a sós em nosso quarto e, podendo ela talvez ter-me dito aquilo que eu estava tão pouco preparada para ouvir, não a estimulei a confiar em mim; nunca pensei que ela tivesse precisão disso.

— Oh! minha querida e boa Ester — disse Ada —, se ao menos eu pudesse assentar minhas ideias para falar-lhe e ao primo João, quando vocês estão juntos!

— Ora, meu amor! — disse eu em tom de censura. — Ada! por que não nos fala você?

Ada apenas baixou a cabeça e apertou-me mais fortemente ao peito.

— Você decerto não se esqueceu, minha beleza — disse eu, sorrindo —, que nós somos uma gente sossegada e antiga e que eu resolvi ser a mais discreta de todas as damas, não é? Não se esqueceu da vida feliz e tranquila que foi traçada para mim e por quem o foi. Tenho certeza que você não se esqueceu do nobre caráter que assim tem procedido, Ada. Isso nunca pode acontecer.

— Não, nunca, Ester.

— Pois então, minha querida, não pode haver nada de mais entre nós. E por que não nos falaria você?

— Nada de mais entre nós, Ester? Oh! quando penso em todos estes anos e no cuidado e bondade paternal dele e nas velhas relações existentes entre nós, e quando penso em você, que deverei fazer, que deverei fazer?

Olhei para Ada com certo espanto, mas pensei que era melhor não responder, e que era preferível procurar distraí-la. E assim entrei a evocar

pequenas lembranças da nossa vida em comum, impedindo-a de ir adiante. Quando ela se deitou para dormir, e não antes, fui dar boa-noite ao meu tutor. Depois voltei para perto de Ada, sentando-me ao pé dela durante algum tempo.

Ela estava dormindo, e, contemplando-a, pareceu-me que ela se achava um pouco mudada. Vinha pensando nisso mais de uma vez ultimamente. Não sabia decidir, ainda contemplando-a naquele estado de inconsciência, quanto ela havia mudado; mas alguma coisa me parecia diferente na beleza familiar do seu rosto. As velhas esperanças de meu tutor a respeito dela e de Ricardo reviveram tristemente em meu espírito, e eu disse a mim mesma: “Ela tem estado aflita por causa dele”, e fiquei pensando em como acabaria aquele amor.

Ao regressar a casa, enquanto Caddy estava doente, achara muitas vezes Ada a costurar. Ela sempre largava o trabalho, de modo que eu não ficava sabendo o que fosse. Uma parte dessa costura estava numa gaveta junto dela, não de todo fechada. Não abri a gaveta, mas ainda fiquei a imaginar que espécie de trabalho fosse, pois evidentemente não era coisa destinada a ela.

E percebi, quando beijei minha querida, que ela conservava uma das mãos por baixo do travesseiro, ocultando-a.

Quão menos amável devo ter sido do que eles pensavam de mim, quão menos amável do que eu mesma pensava, para estar preocupada com a minha própria alegria e contentamento a ponto de pensar que somente eu poderia tranquilizar minha querida menina e dar paz ao seu espírito!

Mas deitei-me com essa crença, iludindo-me a mim própria. E no dia seguinte acordei com a mesma crença e descobri que havia ainda a mesma sombra entre mim e a minha querida Ada.

A EXPLICAÇÃO

Quando o Sr. Woodcourt chegou a Londres, foi, naquele mesmo dia, à casa do Vholes em Symond's Inn, pois nem uma vez sequer, desde o momento em que lhe solicitei que fosse amigo de Ricardo, esqueceu sua promessa. Dissera-me que havia aceitado a incumbência como uma prova sagrada de confiança e nesse espírito sempre se mostrou fiel à mesma.

Encontrou o Sr. Vholes no seu escritório, falou-lhe no seu acordo com Ricardo e disse-lhe que tinha vindo ali para procurar o endereço de Ricardo.

— Exatamente, senhor — disse o Sr. Vholes. — O endereço do Sr. Carstone não é a cem milhas daqui, o endereço do Sr. Carstone não é a cem milhas daqui. Tenha a bondade de sentar-se.

O Sr. Woodcourt agradeceu ao Sr. Vholes, acrescentando que a única coisa que ali o trouxera era saber aquele endereço.

— Exatamente, senhor — disse o Sr. Vholes, insistindo ainda tranquilamente em que o visitante se sentasse, mas não lhe dando o endereço. — Acredito que o senhor tenha influência sobre o Sr. Carstone. Estou certo mesmo que o senhor tem.

— Eu próprio não sabia disso — tornou o Sr. Woodcourt —, mas suponho que o senhor esteja mais bem informado.

— Meu senhor — volveu o Sr. Vholes, um tanto reservado, como de costume, assim na voz como em tudo —, é parte do meu dever profissional conhecer a fundo as coisas. É parte do meu dever profissional estudar e compreender um cavalheiro que confia a mim seus interesses. Que eu saiba, não se encontrará nenhuma falha no cumprimento do meu dever profissional. Posso, na melhor das intenções, ser apanhado em falta nele, sem o saber. Mas sabendo-o, não.

O Sr. Woodcourt mencionou de novo o endereço.

— Peço-lhe permissão, senhor — disse o Sr. Vholes. — Suporte-me por um instante. O Sr. Carstone está arriscando uma considerável parada e não pode fazê-lo sem... necessito dizer o quê?

— Dinheiro, presumo.

— Senhor, para falar-lhe com honestidade (sendo a honestidade a minha regra de ouro, quer com ela eu ganhe, quer perca, e acho que em geral perco), o termo é mesmo dinheiro. Ora, meu senhor, a respeito das probabilidades do jogo do Sr. Carstone não lhe dou nenhuma opinião. Poderia ser altamente impolítico da parte do Sr. Carstone largar tudo depois de ter jogado durante tanto tempo e tanto. Poderia ser o oposto, não digo nada. Não, senhor — disse o Sr. Vholes, deixando cair a mão espalmada sobre a escrivaninha, de uma maneira positiva —, nada.

— O senhor parece esquecer — replicou o Sr. Woodcourt — que não lhe estou pedindo nada e não tenho interesse por coisa alguma que o senhor diga.

— Perdão, senhor! — retorquiu o Sr. Vholes —, o senhor faz a si próprio uma injustiça. Não, senhor! Perdão! Não consinto que... não consinto que no meu escritório e tendo eu ciência disso, o senhor faça uma injustiça a si mesmo. O senhor está interessado por tudo quanto se relacione com seu amigo. Conheço muito melhor a natureza humana para admitir, ainda que por um instante, que um cavalheiro com o aspecto que o senhor tem não se interesse por tudo quanto diz respeito a seu amigo.

— Bem — respondeu o Sr. Woodcourt —, pode ser que seja assim. Estou particularmente interessado em obter o endereço dele.

(— O número, senhor) — disse o Sr. Vholes entre parênteses, — (acredito que já o mencionei.) Se o Sr. Carstone tem de continuar a arriscar tão considerável parada, deverá ter capitais. Compreenda-me! Há capitais à mão presentemente. Mas, para prosseguir com o jogo, é necessário arranjar mais fundos, a não ser que o Sr. Carstone tenha de perder o que já arriscou — o que é inteira e exclusivamente um ponto da alçada dele. Isso, senhor, aproveito a oportunidade de afirmar claramente ao senhor, como amigo do Sr. Carstone. Sem fundos, dar-me-ei sempre por feliz de aparecer e trabalhar em favor do Sr. Carstone, até o limite em que tais despesas possam ser cobertas pelo montante do seu patrimônio. Passando daí, nada mais. Não poderia ultrapassar esse limite, senhor, sem prejudicar alguém. Acabaria prejudicando minhas três queridas meninas, ou meu venerando pai, que depende

inteiramente de mim no vale de Taunton, ou a alguém. Ao passo que minha resolução, senhor, é (chame a isto fraqueza ou loucura, como queira) não prejudicar a ninguém.

O Sr. Woodcourt, com alguma aspereza, interrompe-o dizendo que folga de ouvir isso.

— Desejo, meu senhor — disse o Sr. Vholes —, deixar um bom nome quando morrer. Por isso aproveito todas as oportunidades para declarar com exatidão a um amigo do Sr. Carstone qual a situação do Sr. Carstone. Quanto a mim, senhor, acho que o operário é digno de sua paga. Se ponho mãos à obra de verdade, ponho mesmo, e ganho o que mereço. Estou aqui para esse fim. Meu nome está pintado na porta lá fora com esse intuito.

— E o endereço do Sr. Carstone, Sr. Vholes?

— Senhor — respondeu o Sr. Vholes —, como creio que já o disse, é na porta contígua. No segundo andar o senhor encontrará os aposentos do Sr. Carstone. O Sr. Carstone deseja ficar perto de seu conselheiro profissional, e eu estou longe de fazer objeção a isso, pois não temo qualquer devassa.

Ao ouvir essas palavras, o Sr. Woodcourt despediu-se do Sr. Vholes e saiu à procura de Ricardo, cuja mudança de aspecto começou agora a compreender perfeitamente.

Encontrou-o numa alcova sombria, de mobília desbotada, muito semelhante ao aposento da barraca em que eu o havia encontrado pouco tempo antes, com a diferença de que não estava escrevendo, mas sentado e com um livro à frente, do qual seus olhos e seus pensamentos se achavam bem distantes. Como acontecesse estar aberta a porta, achou-se o Sr. Woodcourt em sua presença durante alguns instantes sem ser percebido, e contou-me que nunca pôde esquecer o ar sinistro de sua fisionomia e o abatimento de suas maneiras, antes de ser despertado de seu sonho.

— Woodcourt, meu caro amigo! — exclamou Ricardo, saltando em pé com as mãos estendidas — você me aparece diante dos olhos como um fantasma.

— Um fantasma amigo — respondeu ele — e somente esperando, como dizem que os fantasmas fazem, que lhe dirijam perguntas. Como vai o mundo dos mortais?

Estavam agora sentados, bem juntos um do outro.

— Muito mal e muito devagar — disse Ricardo — pelo menos falando da parte que me toca.

— Que parte é essa?

— A parte do tribunal.

— Nunca ouvi dizer — volveu o Sr. Woodcourt, meneando a cabeça — que ele andasse bem.

— Nem eu — conveio Ricardo, pensativamente. — Quem já ouviu isso?

Voltou a animar-se num instante, e disse com sua natural franqueza: — Woodcourt, muito me entristecia ser mal compreendido por você, ainda que com isso lucrasse em sua estima. Você deve saber que não tenho andado bem durante todo esse tempo. Não tenho tencionado causar muito dano, mas parece que não tenho feito outra coisa. Talvez melhor teria procedido se me houvesse conservado fora da rede em que o destino me prendeu. Mas penso que não, conquanto possa afirmar que em breve você ouvirá, se é que ainda não ouviu, uma opinião bem diferente. Para encurtar uma longa história, receio que me tenha faltado um objetivo. Mas agora tenho um objetivo — ou ele me tem a mim — e é demasiado tarde para discutir isso. Tome-me como eu sou e faça de mim o que puder.

— Uma troca — disse o Sr. Woodcourt. — Faça o mesmo por mim em retribuição.

— Oh! Você — tornou Ricardo — pode prosseguir na sua profissão por ela mesma; pode pôr a mão no arado e não olhar para trás, e pode fazer brotar um objetivo de qualquer coisa. Você e eu somos criaturas muito diversas.

Falava com pesar e recaiu por um instante na sua atitude de desalento.

— Bem, bem! — exclamou ele, como que afugentando aquilo — tudo tem um fim. Veremos! Assim, tome-me como eu sou e faça de mim o que puder.

— Sim, decerto que o farei.

Apertaram-se as mãos prazenteiramente, mas com profunda seriedade. Posso responder por um deles no mais íntimo de meu coração.

— Você chegou aqui como um enviado de Deus — disse Ricardo —,

pois ainda não vi ninguém aqui, a não ser Vholes. Woodcourt, há um assunto que eu gostaria de mencionar, de uma vez por todas, no começo do nosso trato. Dificilmente fará você de mim o que puder, se eu não o mencionar. Creio que você sabe que tenho um compromisso com minha prima Ada.

O Sr. Woodcourt respondeu que eu já lhe havia contado muita coisa a tal respeito.

— Pois bem, pelo amor de Deus — acrescentou Ricardo —, não me julgue um monte de egoísmo. Não suponha que estou pondo a cabeça em cacos e quase partindo meu coração nesse miserável processo judiciário, apenas por causa de meus direitos e interesses. Os de Ada estão ligados aos meus. Não podem ser separados. Vholes está trabalhando por nós ambos. Pense nisso!

Mostrava-se tão solícito nesse particular, que o Sr. Woodcourt deu-lhe as mais fortes garantias de que não lhe faria a injustiça de pensar o contrário.

— Veja você — disse Ricardo, com qualquer coisa de patético na sua maneira de insistir no ponto, embora sem afetação — não posso suportar a ideia de parecer egoísta e mesquinho a um sujeito direito como você, entrando aqui com esse seu rosto amigo. Quero ver Ada reposta em seus direitos, Woodcourt, tanto quanto eu. Desejo fazer o mais que puder para assegurar-lhe justiça, tanto quanto a mim. Arrisco tudo quanto posso arranjar para livrá-la disso, tanto quanto a mim. Portanto, rogo-lhe, pense nisso!

Mais tarde, quando o Sr. Woodcourt veio a refletir sobre o que se tinha passado, ficou tão impressionado com a veemência da ansiedade de Ricardo naquele ponto que, falando-me em geral a respeito de sua primeira visita a Symond's Inn, acentuou de modo especial aquele fato. Isso reavivou um temor que eu já tivera antes, de que os poucos bens de minha querida amiga fossem absorvidos pelo Sr. Vholes e que a justificativa de Ricardo para consigo mesmo seria sinceramente esta. Foi justamente quando comecei a cuidar de Caddy que se realizou o encontro entre eles; e agora volto ao tempo em que Caddy se restabeleceu e em que ainda existia a sombra entre mim e minha querida Ada.

Propus a Ada, naquela manhã, irmos ver Ricardo. Surpreendeu-me um pouco vê-la hesitar e não se mostrar tão disposta a isso como esperei.

— Meu bem — disse eu —, teve você alguma desavença com Ricardo

durante o tempo que estive tantas vezes fora?

— Não, Ester.

— Não teve notícias dele, talvez?

— Sim, tive notícias dele.

Quantas lágrimas em seus olhos e quanto amor em seu rosto! Eu não podia compreender a minha querida. — Devia eu ir sozinha ter com Ricardo? — perguntei. Não, Ada achou melhor que eu não fosse sozinha. Queria ela ir comigo? Sim, Ada achou melhor ir comigo. Iríamos agora? Sim, iríamos agora. Pois bem, eu não podia compreender a minha querida, com as lágrimas nos olhos e o amor no rosto.

Logo nos preparamos e saímos. Era um dia sombrio e gotas de chuva gelada caíam a intervalos. Era um desses dias sem cor, em que todas as coisas parecem pesadas e ásperas. As casas faziam carranca para nós, o pó subia até nós, o fumo nos envolvia, tudo tinha um aspecto pouco convidativo. Imaginei que a minha formosa amiga estava completamente deslocada naquelas ruas íngremes, e me pareceu que passavam pelo calçamento lúgubre mais enterros do que já vira antes.

Tínhamos primeiro de descobrir onde ficava Symond's Inn. Íamos indagar numa loja, quando Ada disse que achava que era perto do Beco do Tribunal.

— Provavelmente não estaremos muito distantes, meu bem, se seguirmos naquela direção — alvitrei. De modo que seguimos para o Beco do Tribunal e ali vimos escrito no alto: Symond's Inn.

Tivemos em seguida que descobrir o número.

— O escritório do Sr. Vholes poderá informar — lembrei —, pois está situado na porta vizinha.

Então Ada disse que talvez o escritório do Sr. Vholes fosse na esquina. E era lá mesmo.

Depois surgiu a questão de se saber qual das duas portas vizinhas seria. Eu achei que era uma e minha querida menina achou que era outra, e mais uma vez ela acertou. Subimos então ao segundo andar, onde vimos o nome de Ricardo em grandes letras brancas sobre um painel de porta que lembrava um esquite. Eu queria bater, mas Ada julgou preferível virar a maçaneta e entrar.

Desse modo demos com Ricardo, de olhos cravados numa mesa coberta de maços de papéis empoeirados, que me pareceram espelhos cobertos de pó refletindo o seu próprio espírito. Para onde quer que eu olhasse, via as ominosas palavras escritas em todos eles: “Jarndyce e Jarndyce.”

Recebeu-nos com todo o afeto, e nos sentamos.

— Se vocês tivessem chegado um pouquinho mais cedo, teriam encontrado Woodcourt aqui. Nunca vi camarada tão bom como esse Woodcourt. Acha tempo para vir aqui de vez em quando. Alguém que tivesse a metade do trabalho que ele tem daria graças por não ter tempo para visitas. E mostra-se tão prazenteiro, tão vivo, tão sensato, tão sério, tão... tudo quanto eu não sou, que este quarto se ilumina quando ele chega e escurece quando se vai.

— Deus o abençoe — pensei eu — por essa lealdade ao que me prometeu!

— Não se mostra tão esperançado, Ada — continuou Ricardo, lançando seu olhar abatido para os maços de papéis — como Vholes e eu estamos habitualmente. Mas ele é apenas um profano e não está iniciado nos mistérios. Nós penetramos neles e Woodcourt não. Não se pode esperar que ele se movimente com facilidade em tamanho labirinto.

Quando seu olhar vagueou de novo pelos papéis e ele passou as duas mãos pela cabeça, notei quão fundos e dilatados estavam seus olhos, quão secos seus lábios e quão roídas suas unhas.

— Acha você, Ricardo, que este seja um lugar saudável para se morar? — perguntei.

— Ora, minha querida Minerva — respondeu Ricardo, com o seu bom riso de outros tempos —, não é nem um lugar rural, nem alegre, e, quando o sol brilha aqui dentro, você pode fazer uma gorda aposta de que seus raios estão brilhando através de alguma fenda. Mas para o momento serve. Está perto dos escritórios e perto de Vholes.

— Talvez — sugeri — uma mudança de ambos...

— Pudesse fazer-me bem? — disse Ricardo, forçando uma risada ao terminar a frase. — Não me causaria espanto! Mas só poderá acontecer agora de certo modo — de um de dois modos, diria antes. Ou a demanda acabará,

ou o demandante. Mas há de ser a demanda, a demanda, minha querida menina!

Estas últimas palavras foram dirigidas a Ada, que estava mais perto dele. Como o rosto dela estivesse desviado do meu e voltado para o de Ricardo, eu não podia vê-lo.

— Estamos trabalhando muito bem — prosseguiu Ricardo. — Vholes lhe dirá outro tanto. Estamos realmente fazendo a coisa andar. Perguntem a Vholes. Não lhes damos descanso. Vholes conhece todos os recantos em que eles se metem, e nós estamos atrás deles em toda a parte. Já lhes estamos causando assombro. Prestem atenção às minhas palavras: nós havemos de acordar essa cambada de dorminhocos!

Sua esperança me pareceu muito mais penosa do que seu desânimo. Era uma esperança tão diferente, tinha qualquer coisa de tão impetuoso na sua determinação de realizar-se, mostrava-se tão faminta e tão ávida, e contudo tão cônica de ser forçada e insustentável, que me tocou profundamente o coração. Mas o comentário sobre ela, agora indelevelmente inscrito em seu belo rosto, tornava-a bem mais penosa do que costumava ser. Digo indelevelmente, porque me senti persuadida de que, se a fatal demanda pudesse terminar de uma vez para sempre, de acordo com as mais bulhantes visões dele, naquela mesma hora os traços da prematura ansiedade, censura própria e decepção que tinha ocasionado nele haveriam de permanecer nas suas feições até a hora de sua morte.

— A vista de nossa querida mulherzinha — disse Ricardo, enquanto Ada permanecia ainda calada e quieta — é tão natural para mim e seu rosto compassivo é tão igual ao rosto dos velhos tempos...

Ah! não, não. Sorri e abanei a cabeça.

— ... Tão exatamente igual ao rosto dos velhos tempos — disse Ricardo com sua voz cheia de cordialidade e pegando minha mão com o respeito fraternal que coisa alguma jamais mudara — que não posso usar de fingimento com ela. Eu flutuo um pouco, esta é que é a verdade. Às vezes fico esperançado, minha querida, e outras vezes... não chego a desesperar completamente, mas quase. Sinto-me tão fatigado! — disse Ricardo, largando delicadamente minha mão e caminhando pelo quarto.

Deu umas voltas de um lado para outro e afundou-se no sofá.

— Sinto-me tão fatigado! — repetiu lugubrememente. — É um trabalho tão fatigante, tão exaustivo!

Apoiava-se no braço, ao dizer essas palavras em voz meditativa, e olhando para o chão, quando minha querida Ada se levantou, tirou o chapéu, ajoelhou-se ao lado dele, com os dourados cabelos a caírem-lhe como raios de sol sobre a cabeça de Ricardo, prendeu-lhe o pescoço entre os dois braços e virou o rosto para mim. Oh! que rosto cheio de amor e devotamento vi então!

— Querida Ester — disse ela, com toda a calma —, não voltarei para casa.

Uma luz me iluminou de repente.

— Nunca mais. Vou ficar com o meu querido marido. Casamo-nos há mais de dois meses. Volte para casa sem mim, Ester querida. Eu não voltarei mais para lá!

Ao dizer essas palavras, minha querida Ada puxou a cabeça de Ricardo para o seu peito, conservando-a ali. E se alguma vez na minha vida vi um amor que nada a não ser a morte poderia mudar, esse amor estava ali diante de mim.

— Fale com Ester, meu bem — disse Ricardo, quebrando daí a pouco o silêncio. — Conte-lhe como foi.

Fui-lhe ao encontro, antes que ela viesse a mim e cingi-a com meus braços. Nenhuma de nós falava, mas com sua face encostada à minha, eu nada queria ouvir.

— Meu bem — disse eu. — Minha pobre criança!

Eu tinha tanta pena dela. Gostava muito de Ricardo, mas o que eu sentia era dó de Ada, muita dó.

— Ester, você me perdoará? Será que o primo João me perdoará?

— Minha querida, duvidar disso, ainda que por um instante, é fazer-lhe uma grande injustiça. E quanto a mim... ora, quanto a mim, que tinha eu de perdoar?

Enxuguei os olhos de minha querida em pranto e sentei-me a seu lado no sofá, tendo-se Ricardo sentado do outro meu lado. E enquanto me lembrava daquela noite tão diferente em que, pela primeira vez, eles me haviam tomado

como confidente e tinham continuado na sua própria maneira veemente e feliz, um e outro me foram contando o que acontecera.

— Tudo quanto eu tinha era de Ricardo — disse Ada — e Ricardo não ficaria com isso, Ester. E que poderia eu fazer senão ser sua mulher, uma vez que o amava tão intensamente?

— E você andava tão bondosa e tão inteiramente cheia de ocupações, excelente D^a Durden — disse Ricardo — que não houve jeito de lhe falarmos em semelhante ocasião! E, além disso, não foi um passo ponderado muito tempo. Saímos uma manhã e nos casamos.

— E feito isso, Ester — disse minha querida —, estive sempre a pensar como contar-lhe e que coisa seria melhor fazer. Às vezes achava que você deveria sabê-lo imediatamente, outras vezes achava que não deveria guardar segredo para com o primo João. Não sabia o que fizesse, e isso me afligia muitíssimo.

Como fui egoísta não pensando nisso antes! Não sei o que disse então. Estava tão triste e contudo gostava tanto deles, e tão alegre estava por ver quanto amor eles me dedicavam! Tinha muita pena deles, e contudo sentia uma espécie de orgulho ao ver quanto se amavam. Nunca experimentara tão penosa e agradável emoção a um só tempo, e no íntimo de meu coração não sabia qual das duas predominasse. Mas eu não estava ali para ensombrar-lhes a felicidade, e não o fiz.

Depois que me senti menos tonta e mais calma, a querida Ada tirou do seio sua aliança de casamento, beijou-a, pondo-a no dedo. Então lembrei-me da última noite e contei a Ricardo que sempre, desde seu casamento, Ada a tinha usado de noite, quando não havia ninguém que a visse. Corando, Ada perguntou então como sabia disso. Contei-lhe que havia visto sua mão oculta sob o travesseiro, sem que desse a isso grande importância. Em seguida começaram de novo a contar-me como tudo se passara, e eu comecei a sentir-me triste e alegre novamente e novamente tonta, procurando esconder minha cara de velha o mais que podia, receosa de entristecê-los.

Assim o tempo foi passando, até que se tornou necessário que eu pensasse em voltar. Foi isso justamente o pior, porque então minha menina ficou completamente abatida. Agarrou-se ao meu pescoço, brindando-me com todos os nomes afetuosos que podia imaginar e dizendo que não sabia o que ia fazer sem mim! Ricardo igualmente mostrava-se acabrunhado. Quanto a

mim, creio que teria sido a pior dos três, se não houvesse dito severamente a mim mesma: “Ester, se não te mostrares corajosa, nunca mais falarei contigo!”

— Com efeito — disse eu —, garanto que nunca vi uma esposa como esta. Chego a pensar que nem gosta do marido. Pelo amor de Deus, Ricardo, tome sua mulher.

Mas durante todo o tempo eu a retinha presa a mim e poderia chorar com ela não sei por quanto tempo.

— Comunico a esse querido e jovem par que volto para casa, mas que venho cá de novo amanhã e que estarei sempre indo e vindo, até que Symond’s Inn se canse de me ver. Portanto, não digo adeus, Ricardo. Para quê, se devo voltar dentro em breve?

Entreguei-lhe então minha querida e fiz tenção de sair. Mas demorei-me por mais algum tempo fitando o precioso rosto, e o afastar-me dele parecia partir-me o coração.

Por isso disse, dum jeito alegre e animado, que, se eles não me dessem coragem para voltar, eu não tinha certeza se poderia tomar semelhante liberdade. Ouvindo isso, minha querida levantou os olhos, sorrindo fracamente através das lágrimas, e então preendi entre minhas mãos seu amado rosto, dei-lhe um último beijo, ri e corri para fora.

E ao chegar à rua, oh! quanto chorei! Quase me parecia que havia perdido a minha querida Ada para sempre. Sentia-me tão solitária e tão confusa sem ela, e era tão desolador voltar para casa sem nenhuma esperança de vê-la ali, que por algum tempo não consegui consolar-me, enquanto caminhava de um lado para outro, numa sombria esquina, chorando e soluçando.

Pouco a pouco fui-me contendo, depois de haver censurado um tanto a mim mesma, e tomei um carro para voltar para casa. O pobre menino que eu havia encontrado em Saint Albans reaparecera pouco tempo antes e estava moribundo; já tinha mesmo morrido, conquanto eu não o soubesse. Meu tutor saíra para tomar informações a seu respeito, e não voltou para o jantar. Estando completamente só, tornei a chorar um pouco, apesar de que, em conjunto, não achasse que havia procedido muito mal.

Era bem natural que eu não me sentisse acostumada ainda à perda de

minha querida. Três ou quatro horas não eram muito tempo, depois de anos. Mas meu pensamento se fixava tanto sobre o lugar antipático em que eu a deixara, e ele se me afigurava tão sombrio e cruel, e eu suspirava tanto por ficar perto dela e cuidar dela um pouco, que resolvi voltar lá à noite, ainda que somente para contemplar as janelas de sua moradia.

Era uma tolice, é claro, mas naquele instante não me pareceu assim, e ainda agora não me parece tal. Pus Charley a par do que se passara, e saímos juntas à tardinha. Já estava escuro quando chegamos à nova e estranha morada de minha querida menina. Via-se uma luz por trás das vidraças amarelas. Andamos pela frente da casa cautelosamente, umas três ou quatro vezes, olhando para cima, e quase que esbarramos com o Sr. Vholes, que saía de seu escritório enquanto ali estávamos, e também voltara a cabeça para olhar para cima antes de ir para sua casa. O aspecto de seu vulto negro e magro e o ar solitário daquele recanto no escuro eram favoráveis ao meu estado de espírito. Pensei na mocidade, no amor e na beleza de minha querida menina, fechada em tão mal adequado refúgio, que mais parecia um lugar de crueldades.

Era muito solitário e sombrio, e não tive dúvida de que poderia subir as escadas às ocultas. Deixei Charley embaixo e subi pé ante pé, sem me sentir angustiada pelos clarões das fracas lanternas de azeite que havia pelo caminho. Pus-me a escutar por alguns instantes, e, no silêncio bolorento e pútrido da casa, acreditei poder ouvir o murmúrio de suas jovens vozes. Pousei os lábios na almofada da porta, de aspecto funéreo, como um beijo para minha querida, e desci de mansinho novamente, pensando que qualquer dia daqueles eu haveria de acusar-me daquela visita.

E ela realmente me fez bem, pois ainda que ninguém, a não ser Charley e eu, soubesse dela, tive impressão de que ela diminuía a separação entre Ada e mim e nos reunira de novo por alguns instantes. Voltei, não completamente acostumada ainda à mudança, mas aliviada por ter andado rondando em torno de minha querida.

Meu tutor já havia voltado e estava de pé, meditativo, junto à janela escura. Quando entrei, seu rosto iluminou-se e ele se dirigiu para a sua cadeira. Mas notou um reflexo no meu rosto, quando me sentei por minha vez.

— Mulherzinha — disse ele você esteve chorando.

— Sim, meu tutor, creio que sim, um pouco — respondi. — Ada tem estado tão angustiada e está tão triste.

Pus meu braço no espaldar da cadeira dele e vi no seu olhar que minhas palavras e o olhar que lancei para o lugar dela vazio o haviam preparado.

— Ela casou-se, minha querida?

Contei-lhe tudo, e que suas primeiras súplicas tinham sido para que ele lhe perdoasse.

— Ela não precisa do meu perdão. Deus a abençoe e a seu marido!

Mas justamente como o meu primeiro impulso fora ter dó dela, o mesmo aconteceu com ele.

— Pobre menina! Pobre menina! Pobre Rick! Pobre Ada!

Nenhum de nós falou depois disso, até que ele disse com um suspiro: — Bem, bem, minha querida, a Casa Soturna está-se despovoando depressa.

— Mas sua dona permanece, tutor.

Conquanto me colhesse certa timidez ao dizer isso, fi-lo em atenção ao tom tristonho com que ele falara.

— Ela fará tudo quanto puder para torná-la feliz — disse eu.

— E será bem-sucedida, meu bem.

A carta não operara nenhuma diferença entre nós, exceto haver-se tornado meu o lugar a seu lado. Nenhuma diferença fazia agora. Dirigiu para mim seu brilhante olhar paternal de sempre, pousou sua mão sobre a minha com o mesmo antigo jeito e disse de novo: — E será bem-sucedida, meu bem. Não obstante, mulherzinha, a Casa Soturna está-se despovoando depressa.

Entristeceu-me então pensar que foi isso tudo quanto dissemos a respeito. Eu estava um tanto decepcionada. Receava não ter sido tudo quanto tencionara ser, desde a carta e a resposta.

OBSTINAÇÃO

Mal havia passado mais um dia quando, de manhã cedo, no momento em que íamos fazer a primeira refeição, chegou o Sr. Woodcourt, apressado, com a notícia surpreendente de que fora cometido um terrível assassinato, em consequência do qual o Sr. Jorge havia sido detido e levado para o cárcere. Quando nos falou na grossa recompensa que Sir Leicester Dedlock oferecera pela captura do criminoso, no primeiro instante de minha consternação não pude compreender o motivo disso. Mas algumas palavras mais me inteiraram de que a pessoa assassinada era o advogado de Sir Leicester, e imediatamente me veio à memória o medo que minha mãe tinha dele.

Essa imprevista e violenta remoção de alguém a quem ela há muito vigiava e de quem desconfiava e que por muito tempo a vigiara e dela desconfiara, alguém por quem ela só de longe em longe poderia nutrir sentimentos de bondade, sempre temendo nele um inimigo perigoso e secreto, parecia tão terrível que meus primeiros pensamentos se dirigiram para ela. Quão aterrador era ouvir a notícia de tal morte e não sentir compaixão! Quão terrível recordar, talvez, que ela muitas vezes teria até desejado o afastamento do velho, que de uma forma tão precipitada desaparecera da vida!

Tantas reflexões, que aumentavam a angústia e o temor que eu sempre sentia quando o nome dela era pronunciado, causaram-me tal agitação que mal me podia manter quieta em meu lugar na mesa. Sentia-me inteiramente incapaz de acompanhar a conversa, até que pude pouco depois dominar-me. Mas quando tal aconteceu e vi quão impressionado estava meu tutor e verifiquei que eles estavam falando seriamente a respeito do homem de quem se suspeitava, e relembrando todas as impressões favoráveis que havíamos formado dele, além do bem que dele sabíamos, meu interesse e meus temores despertaram tão fortemente em mim a favor dele que mais uma vez fiquei inteiramente fora de mim.

— Tutor, o senhor acha possível que a acusação contra ele seja justa?

— Minha querida, eu não posso pensar em tal. Esse homem de coração tão aberto e compassivo, que, com a força de um gigante, tem a meiguice duma criança, que parece o mais bravo dos homens e é tão simples e manso apesar disso, esse homem poderá com justiça ter sido acusado de tal crime? Não posso acreditá-lo. Não é que eu não queira acreditar. Não posso!

— Eu também não — disse o Sr. Woodcourt. — Contudo, apesar do que acreditamos ou conhecemos dele, seria melhor não esquecermos que algumas aparências depõem contra ele. Tinha uma certa animosidade contra o morto. Manifestou-a em vários lugares. Dizem que chegou a exprimir-se violentamente contra ele e certamente o fez, como é de meu conhecimento. Reconhece que se achava sozinho, no teatro do crime, dentro dos poucos minutos em que foi cometido. Sinceramente creio que ele esteja tão inocente de qualquer participação no crime como eu. Mas todas essas razões contribuem para que as suspeitas recaiam sobre ele.

— É verdade — disse meu tutor, e acrescentou, virando-se para mim: — Seria prestar-lhe um mau serviço, minha querida, se fechássemos os olhos à verdade em qualquer daqueles aspectos.

Achei, sem dúvida, que devíamos admitir, não só para nós mesmos mas para os outros, que realmente a força das circunstâncias militava contra ele. Contudo sabia também (e não pude deixar de dizê-lo) que o peso delas não nos devia induzir a desampará-lo no momento da necessidade.

— Que Deus tal não permita! — exclamou meu tutor. — Ficaremos ao lado dele, como ele próprio ficou ao lado das duas pobres criaturas que se foram.

Referia-se ao Sr. Gridley e ao menino, a ambos os quais o Sr. Jorge tinha dado abrigo.

O Sr. Woodcourt então nos disse que o criado do cavalariano estivera com ele antes do amanhecer, depois de ter vagado pelas ruas a noite inteira como uma criatura que perdeu o juízo, e que uma das primeiras preocupações do ex-militar fora que não o supuséssemos culpado. Encarregara seu mensageiro de demonstrar sua perfeita inocência, com toda a solene garantia que nos podia exprimir. O Sr. Woodcourt só conseguira tranquilizar o homem depois de assegurar-lhe que viria à nossa casa de manhã bem cedo, com

aquelas notícias e garantias. Acrescentou que estava a caminho para visitar o prisioneiro.

Meu tutor disse, sem demora, que também iria. Ora, eu, além de gostar daquele soldado reformado e de saber que ele gostava de mim, tinha aquele interesse secreto pelo que acontecera e que só era do conhecimento do meu tutor. Tive a impressão de que aquilo cada vez me dizia mais respeito. Parecia ser coisa de meu interesse pessoal que a verdade fosse descoberta e que não se viesse a suspeitar de nenhum inocente, pois a suspeita, uma vez propalada, lavra como um incêndio.

Numa palavra, pareceu-me uma espécie de dever e obrigação ir com eles. Meu tutor não procurou dissuadir-me e eu fui.

Era uma vasta prisão grande, com muitos pátios e corredores tão iguais uns aos outros, e tão uniformemente pavimentados, que me pareceu que eu compreendia melhor, à medida que me adiantava por ali dentro, o prazer que prisioneiros solitários, fechados entre as mesmas e imutáveis paredes anos a fio, sentem — segundo já li — ao ver um extenso relvado. Num aposento abobadado, como uma adega localizada no andar superior — com paredes de uma alvura tão estridente que tornavam as maciças barras de ferro da janela e a porta também de ferro ainda mais intensamente negras do que eram —, encontramos o cavalariano, sozinho, de pé a um canto. Estivera lá sentado num banco e se levantara ao ouvir o estrondo da remoção dos ferrolhos e trancas.

Quando nos viu, deu um passo à frente no seu habitual jeito pesado e parou fazendo uma leve vênica. Mas, como eu me adiantasse ainda, estendendo-lhe minha mão, compreendeu-nos num instante.

— Tiro agora um peso do espírito, garanto-lhes, Miss Summerson e meus senhores — disse ele, cumprimentando-nos com grande cordialidade e dando um longo suspiro. — E agora pouco se me dá do desfecho que isso irá ter.

Mal se podia acreditar que aquele homem fosse um prisioneiro. Com sua frieza e seu porte marcial, mais parecia o guarda da prisão.

— Reconheço que este é um lugar ainda menos próprio do que a minha galeria para receber uma dama — disse o Sr. Jorge —, mas bem sei que Miss Summerson não levará isso em conta.

Tendo-me conduzido pela mão até o banco onde estivera sentado sentei-me, o que pareceu dar-lhe grande satisfação.

— Obrigado, senhorita — disse ele.

— Então, Jorge — observou o meu tutor —, uma vez que não exigimos novas garantias de sua parte, acredito que não necessitamos dar-lhe também nenhuma da nossa.

— De modo algum, senhor. Agradeço-lhes de todo o coração. Se eu não estivesse inocente desse crime, não poderia olhar para os senhores e guardar meu segredo comigo, diante da condescendência que representa esta visita. Ela me causa imensa satisfação. Não tenho palavras para exprimir o que sinto, Miss Summerson e meus senhores, mas apenas posso dizer que me sinto profundamente comovido.

Pousou a mão por um instante sobre o largo peito e curvou a cabeça para nós. Posto que se perfilasse de novo daí a pouco, exprimia por aquele meio simples uma grande quantidade de emoção natural.

— Em primeiro lugar — perguntou meu tutor —, poderemos fazer alguma coisa para seu conforto pessoal, Jorge?

— Para que, senhor? — interrogou ele, limpando a garganta.

— Para seu conforto pessoal. Haverá alguma coisa de que necessite e que possa amenizar a dureza desta reclusão?

— Bem, senhor — respondeu o Sr. Jorge, depois de curta reflexão —, fico-lhe igualmente obrigado, mas uma vez que aqui o fumo é proibido, não sei o que lhe possa dizer.

— Vá pensando pouco a pouco em muitas dessas pequeninas coisas. E depois, Jorge, comunique-nos.

— Obrigado, senhor. Como quer que seja — observou o Sr. Jorge, com um de seus sorrisos crestados pelo sol —, um homem que andou vagando pelo mundo durante tanto tempo como eu adapta-se facilmente a um lugar como este.

— Vamos agora ao seu caso — observou meu tutor.

— Exatamente, senhor — respondeu o Sr. Jorge, cruzando os braços sobre o peito com perfeito domínio de si mesmo e um pouco de curiosidade.

— Em que pé está o negócio?

— Está na fase de transferência para outro Tribunal, senhor. Bucket deu-me a entender que irá solicitar uma série de transferências de vez em quando, até que o caso se torne mais completo. Agora, como ele se tornará mais completo é o que não sei; mas estou quase a dizer que Bucket arranjará isso de qualquer forma.

— Ora, meu Deus do céu! — exclamou o meu tutor, tão surpreso que voltou à sua antiga singularidade e veemência. — Meu amigo, você fala de si mesmo como se se tratasse duma outra pessoa!

— Não se agaste, senhor — disse o Sr. Jorge. — Sua bondade muito me sensibiliza. Mas não vejo como possa um homem inocente pensar nessa espécie de coisa sem dar com a cabeça nas paredes, a não ser que encare a coisa desse ponto de vista.

— Até certo ponto isso é verdade — replicou meu tutor, mais macio. — Mas, meu bom amigo, até mesmo um homem inocente deve tomar precauções comuns para se defender.

— Decerto, senhor. E foi o que fiz. Afirmei aos magistrados: “Senhores, estou tão inocente desta acusação como os senhores. O que foi articulado contra mim como fatos é inteiramente verdadeiro. Nada mais sei a respeito disso.” Tenciono continuar afirmando. Que mais posso fazer? É a verdade.

— Mas a simples verdade não bastará — acrescentou meu tutor.

— Não bastará, meu senhor? Então as perspectivas são um tanto más para mim! — observou o Sr. Jorge com bom humor.

— O senhor precisa de um advogado — prosseguiu meu tutor. — Devemos contratar um bom para o senhor.

— Peço-lhe perdão, senhor — disse o Sr. Jorge, dando um passo para trás. — Sou-lhe igualmente obrigado. Mas decididamente devo pedir que me dispense de qualquer coisa dessa espécie.

— Então não quer um advogado?

— Não, senhor. — O Sr. Jorge meneia a cabeça da maneira mais enfática. — Mas, seja como for, fico-lhe grato. Advogado, porém, não.

— Por que não?

— Não gosto dessa raça. Gridley também não gostava. E — se me desculpar a ousadia — creio que o senhor também não gosta.

— Mas isso é a Justiça — explicou meu tutor, um tanto confuso —, é a Justiça, Jorge.

— Será mesmo, senhor? — perguntou o cavalariano, com seu modo brusco. — Não conheço lá muito bem esses nomes abstratos, mas de modo geral sou contra a tal raça.

Descruzando os braços e mudando de posição, permanecia de pé, com uma mão maciça sobre a mesa e a outra no quadril, como o retrato perfeito dum homem que não poderia ser demovido dum propósito fixo, como nunca vi outro igual. Foi em vão que nós três lhe falamos, que tentamos persuadi-lo. Ouvia com aquela cortesia que tão bem se harmonizava com seu porte rude, mas mostrou-se tão abalado pelos nossos argumentos como as paredes da prisão em que se achava.

— Peço-lhe que pense ainda uma vez, Sr. Jorge — disse eu. — Não deseja nada com referência ao seu caso?

— Desejaria decerto que ele fosse julgado por um conselho de guerra — respondeu ele —, mas disso não há cogitar, é claro. Se quiser ter a bondade de conceder-me sua atenção não mais que por uns dois minutos, senhorita, tentarei explicar-me com a maior clareza que me for possível.

Olhou para cada um de nós três sucessivamente, mexeu um pouco a cabeça como se estivesse a ajustá-la ao colarinho de um uniforme apertado, e depois de um momento de reflexão prosseguiu: — Como a senhorita vê, fui algemado, preso e trazido para aqui. Sou agora um homem marcado e desmoralizado. Minha galeria de tiro está sendo esquadrihada de alto abaixo por Bucket. O que é meu, por pequeno que seja, está sendo revolido de todo jeito, a ponto de nem eu mesmo o reconhecer. E aqui estou eu. Particularmente, não me queixo disso. Posto que me encontre na presente situação sem que a tenha precedido nenhuma falta imediata da minha parte, posso muito bem compreender que, se eu não tivesse levado na juventude uma vida de vagabundo, tal não teria acontecido. Mas aconteceu. Surge, pois, a questão: como enfrentar isso?

Esfregou por um instante a testa morena com um ar alegre e depois disse em tom de desculpa: — Sou um conversador de tão curto fôlego que preciso

pensar um pouco.

Tendo pensado um pouco, ergueu de novo os olhos e continuou: — Como enfrentar isso? Ora, o inditoso morto era advogado e tinha sobre mim um grande ascendente. Não quero revolver suas cinzas, mas me trazia, como eu bem podia dizer se ele estivesse vivo, numa roda-viva do diabo. Mais uma razão para eu não gostar da sua classe. Se eu me tivesse conservado longe dela, não estaria aqui agora. Mas não é isso o que quero dizer. Suponhamos que eu o houvesse matado. Suponhamos que eu houvesse realmente descarregado no corpo dele qualquer daquelas pistolas recentemente disparadas, que Bucket encontrou em minha casa, e — Deus meu! — poderia ter encontrado ali sempre, desde o dia em que passei a morar lá. Que teria eu feito logo que me achasse bem seguro aqui? Teria arranjado um advogado.

Parou a escutar alguém que mexia nos ferrolhos e trancas, e só continuou quando a porta, que tinha sido aberta, foi de novo fechada. Direi daqui a pouco para que fim foi aberta.

Teria arranjado um advogado que logo diria (como já li tantas vezes nos jornais): “Meu cliente não diz nada, meu cliente reserva sua defesa... meu cliente isto e mais aquilo.” Pois bem, não é costume dessa classe de gente andar na linha reta, de acordo com a minha opinião, ou pensar que outros homens o façam. Digamos que sou inocente e que contratei um advogado. Provavelmente ele acreditaria tanto na minha inocência como na minha culpa, e talvez mais nesta que naquela. E, na dúvida, que faria ele então? Procederia como se eu fosse culpado. Taparia a minha boca, dir-me-ia que não me compromettesse, usaria de reticências, reduziria as provas a quase nada, sofismaria e talvez conseguisse pôr-me na rua. Mas, Miss Summerson, deveria eu cuidar de sair daqui dessa forma, ou preferiria ser enforcado a meu modo — pedindo-lhe desculpa por mencionar uma coisa tão desagradável diante de uma dama?

A natureza do assunto o entusiasmara agora, não lhe sendo necessário fazer pausas.

— Preferiria ser enforcado a meu modo. E quero ser! Não é minha intenção dizer — e correu a vista por nós, com seus possantes braços nas cadeiras e as negras sobranceiras erguidas — que sou mais favorável ao enforcamento do que outro homem. O que digo é que, ou sairei disso completamente ilibado, ou de todo não sairei. Portanto, quando ouço

afirmações verdadeiras contra mim, digo que são verdadeiras. E quando me dizem que tudo quanto eu disser poderá ser usado contra mim respondo-lhes que isso não me incomoda. Quero até que seja utilizado assim. Se não me puderem tornar inocente usando de toda a verdade, não é provável que o façam utilizando qualquer outra coisa menos, ou qualquer outra coisa mais. E, se o fizerem, não terá isso nenhum valor para mim.

Dando um ou dois passos sobre o chão de pedra, voltou à mesa e acabou o que tinha de dizer.

— Agradeço-lhe, Miss Summerson, e também aos senhores agradeço repetidas vezes sua atenção, e mais vezes ainda o interesse que por mim demonstraram. É essa a exposição franca do caso, tal como se mostra a um simples cavalariano, de mentalidade semelhante a um sabre embotado. Fora do meu dever como soldado, nunca andei bem na vida. E se afinal acontecer o pior, não colherei mais do que aquilo que semeei. Quando consegui dominar o primeiro abalo que me causou o ser preso como assassino (um vagabundo, que correu tanta terra como eu, gastaria menos tempo a recobrar-se de uma catástrofe), tracei minha maneira de proceder, tal como acabo de expor-lhes. Daí não me arredo. Por minha causa ninguém se dirá infelicitado, e... e é só isso que me cumpria dizer.

A porta tinha sido aberta para dar entrada a outro homem de aspecto militar, à primeira vista de aparência menos simpática, e a uma mulher sadia, de olhos brilhantes e pele curtida pelo tempo; a mulher trazia um cesto e, desde sua entrada ali, estivera muito atenta a tudo quanto o Sr. Jorge dizia. O Sr. Jorge recebeu-os com um aceno familiar de cabeça e um olhar amigo, mas sem nenhuma outra saudação especial no meio da sua fala. Apertou-lhes depois cordialmente a mão e disse: — Miss Summerson e meus senhores, este é um velho camarada meu, Mateus Bagnet. E esta é sua esposa, a Sra. Bagnet.

O Sr. Bagnet fez-nos uma rígida vênica militar e a Sra. Bagnet curvou-se cortesmente.

— São verdadeiros amigos meus — disse o Sr. Jorge. — Foi em casa deles que me prenderam.

— Com um violoncelo de segunda mão — acrescentou o Sr. Bagnet, agitando colericamente a cabeça. — De bom som. Para um amigo. Que não fazia questão de preço.

— Mat — disse o Sr. Jorge —, você deve ter ouvido bem tudo quanto estive dizendo a esta dama e a estes cavalheiros. Sei que conto com a sua aprovação.

O Sr. Bagnet, depois de meditar, passa a questão à sua mulher.

— Minha velha. Diga-lhe. Se sim ou não. Se conta com a minha aprovação.

— Ora, Jorge — exclamou a Sra. Bagnet, que estivera a desembrulhar o cesto, no qual havia um pedaço de carne de porco em salmoura, um pouco de chá e açúcar e um pão de rala —, você devia bem saber que não conta. Devia bem saber que tudo isso é bastante para encher de raiva uma pessoa que o ouça. Você não conseguirá livrar-se dessa forma, não se livrará mesmo. Que pretenderá você com esse processo especial que arranjou? Pura tolice, Jorge!

— Não se mostre severa para comigo no meu infortúnio, Sra. Bagnet — disse o cavalariano.

— Oh! Belo infortúnio o seu — exclamou a Sra. Bagnet —, que não o torna sensato como deveria ser. Nunca em minha vida fiquei tão envergonhada de ouvir um homem falar tanta asneira, como hoje ao ouvir o que você dizia às pessoas aqui presentes. Advogados? Ora, não sei por que cargas d'água se nega você a ter uma dúzia deles, uma vez que este cavalheiro lhos recomenda.

— Isso é que é mulher sensata! — disse meu tutor. — Espero que consiga persuadi-lo, Sra. Bagnet.

— Persuadi-lo, senhor? — perguntou ela. — Oh, que não! O senhor não conhece Jorge. Aí o tem — a Sra. Bagnet largou o cesto para apontá-lo com as suas duas mãos morenas —, aí está ele! É uma criatura tão teimosa e apegada ao erro que não há outra igual no mundo para esgotar a paciência da gente! Seria mais fácil o senhor levantar e pôr no ombro um pilão de vinte e três quilos com suas próprias forças, do que fazer este homem desistir de uma coisa que se lhe meteu na cabeça e lá se fixou. Era preciso que eu não o conhecesse! — exclamou a Sr. Bagnet. — Não o conheço, Jorge? Espero que você não esteja querendo apresentar-se a mim com um gênio diferente do que tem há tantos anos.

Sua indignação amistosa exerceu salutar efeito sobre seu marido, que balançou várias vezes a cabeça para o cavalariano, como se caladamente lhe

recomendasse que cedesse. De quando em quando a Sra. Bagnet olhava para mim, e eu compreendi, pelo jogo de seus olhos, que ela desejava a minha cooperação, conquanto não me fosse dado perceber em quê.

— Já desisti de falar a você, meu velho, há muitos anos — disse a Sra. Bagnet, enquanto soprava um pouco de pó de cima da carne de porco, olhando para mim de novo —, e quando as senhoras e os senhores conhecerem você tão bem como eu o conheço, também desistirão de falar-lhe. Se você não for tão cabeçudo que não queira aceitar um pouco de jantar, aqui está ele.

— Aceito-o cheio de gratidão — respondeu o cavalariano.

— Deveras? — perguntou a Sra. Bagnet, continuando a resmungar, bem-humorada. — Olhe que isso me causa surpresa. Pensei que você quisesse também rebentar de fome a seu modo. Não seria de admirar. Quem sabe até se você não acabará adotando esse sistema? — Aqui ela olhou de novo para mim, e percebi, pelos seus olhares para a porta e para mim, sucessivamente, que desejava que nos retirássemos e esperássemos por ela fora da prisão. Comunicando isso por idênticos meios ao meu tutor e ao Sr. Woodcourt, levantei-me.

— Esperamos que o senhor pense melhor no assunto, Sr. Jorge — disse eu. — E voltaremos de novo a vê-lo, confiando que o encontraremos mais razoável.

— Mais grato é que não poderá encontrar-me, Miss Summerson — tornou ele.

— Espero, porém, que seremos mais persuasivos — disse eu. — E, se me permite, rogo-lhe que considere que o esclarecimento desse mistério e a descoberta do verdadeiro autor desse crime talvez sejam de extrema importância para outras pessoas além do senhor.

Ouviu-me cheio de respeito, mas sem dar muita atenção a essas palavras que eu disse, um pouco afastada dele, já a caminho da porta. Observava ele (isto me foi depois contado) minha altura e meu rosto, que de repente pareceram absorver sua atenção.

— É curioso — disse ele. — E no entanto foi o que pensei na ocasião.

Meu tutor perguntou-lhe o que queria ele dizer com aquilo.

— É que, meu caro senhor — respondeu o cavalariano — quando a minha má fortuna me levou até a escada do morto na noite do seu assassinato, vi um vulto tão parecido com o de Miss Summerson passar por mim no escuro, que quase me deu vontade de falar-lhe.

Por um momento senti um arrepio tal como nunca em minha vida sentira até então nem depois disso, e espero que jamais virei a sentir outro igual.

— O vulto descia a escada enquanto eu subia — disse o ex-militar — e passou junto à janela iluminada pela lua, tendo sobre si uma negra mantilha solta. Notei nesta uma larga franja. Todavia, isso nada tem com o assunto atual, exceto que no momento Miss Summerson me pareceu tão semelhante ao tal vulto, que agora me veio à mente essa recordação.

Não posso separar e definir os sentimentos que tal revelação despertou em mim. Basta dizer que o vago dever e obrigação que desde o começo eu sentira de acompanhar a investigação havia aumentado, sem que eu ousasse fazer claramente a mim mesma qualquer pergunta; e que me veio uma indignada certeza de que não havia nenhuma razão possível para quaisquer receios da minha parte.

Saímos os três da prisão e ficamos andando de um lado para outro a curta distância do portão, que ficava num lugar retirado. Não tivemos de esperar muito, porque também saíram o Sr. e a Sra. Bagnet, que se apressaram em juntar-se a nós.

Viam-se lágrimas nos olhos da Sra. Bagnet, e seu rosto estava rubro e aflito.

— Não deixei Jorge perceber o que eu pensava disso, senhorita — foi sua primeira observação ao chegar —, mas ele, coitado, está numa situação difícil!

— Não, se houver cuidado, prudência e boa ajuda — disse meu tutor.

— Um cavalheiro como o senhor deve saber isso melhor do que eu — respondeu a Sra. Bagnet, enxugando apressadamente os olhos na orla de sua capa cinzenta —, mas o apuro em que ele está me inquieta. Tem sido tão descuidado e tem dito tanta coisa em que nunca pensou! Os homens do Júri talvez não o compreendam como Lignum e eu. E depois ocorreram tantas circunstâncias ruins para ele e tanta gente será trazida a depor contra o pobre réu, e Bucket é tão sagaz...

— Com um violoncelo de segunda mão. E disse que tocava pífano. Quando jovem — acrescentou o Sr. Bagnet, com grande solenidade.

— Pois bem, é o que lhe digo, Miss Summerson — continuou a Sra. Bagnet —, e quando digo, digo tudo. Queira vir comigo até o canto do muro e lhe direi.

A Sra. Bagnet levou-nos às pressas até um lugar mais oculto, mas a princípio estava por demais sem fôlego para prosseguir, o que levou o Sr. Bagnet a dizer: — Vamos, minha velha, diga-lhes logo!

— Pois bem, senhorita — prosseguiu a velha, desatando as fitas de seu chapéu para ter mais ar —, será mais fácil a menina abalar o castelo de Dover do que abalar Jorge nesse ponto, a não ser que disponha de uma nova força capaz de movê-lo. E essa força eu a possuo!

— A senhora é uma joia — disse o meu tutor. — Continue!

— Pois vou-lhe dizer, senhorita — prosseguiu ela, batendo as mãos na sua pressa e agitação uma dúzia de vezes, a cada frase —, que o que ele diz a respeito de parentes é pura tolice. Eles nada sabem a respeito de Jorge, mas Jorge os conhece. Em diferentes circunstâncias ele me falou mais a mim do que a qualquer outra pessoa, e não foi sem motivo que certa vez falou ao meu Woolwich a respeito de cabeças de mães que embranquecem e de caras que se enrugam. Posso jurar que ele tinha visto sua mãe naquele dia. Ela está viva e deve ser trazida aqui imediatamente!

De repente a Sra. Bagnet meteu alguns alfinetes entre os dedos e começou a pregá-los na barra da saia dobrada, pondo esta pouco acima do nível da sua capa cinzenta, o que levou a cabo com surpreendente ligeireza e habilidade.

— Lignum — disse a Sra. Bagnet —, cuide das crianças, meu velho, e dê-me o guarda-sol. Vou a Lincolnshire para trazer para cá a velha senhora.

— Mas, bendita mulher! — exclamou meu tutor, com a mão no bolso —, como irá até lá? Que dinheiro tem?

A Sra. Bagnet recorreu mais uma vez à sua saia e tirou uma bolsa de couro em que contou apressadamente alguns xelins e que depois fechou com perfeita satisfação.

— Não se preocupe comigo, senhorita. Sou mulher dum soldado e estou

acostumada a viajar a meu modo. Lignum, meu velho — e beijou-o —, um para você e três para as crianças. Agora parto para Lincolnshire em busca da mãe de Jorge.

E efetivamente se pôs a caminho, enquanto nós três ficávamos olhando um para o outro, inteiramente maravilhados. A passos resolutos pôs-se realmente a caminhar embrulhada na sua capa cinzenta, sumindo-se pouco depois numa esquina.

— Sr. Bagnet — disse o meu tutor —, o senhor vai deixar que ela siga assim sem mais?

— Que remédio? — volveu ele. — Certa vez achou o caminho de casa. Vindo do outro lado do mundo. Com a mesma capa cinzenta. E o mesmo guarda-sol. O que quer que minha velha diga, ela faz. Faz mesmo! Quando ela diz uma coisa, eu faço. Ela faz mesmo.

— Então é tão honesta e verdadeira como parece — acrescentou meu tutor — e é impossível dizer mais em favor dela.

— É porta-bandeira do Batalhão das Incomparáveis — disse o Sr. Bagnet, olhando para nós por cima do ombro, enquanto também ele seguia seu caminho. — E não há nenhuma outra igual. Mas nunca digo isso diante dela. A disciplina deve ser mantida.

A PISTA

O Sr. Bucket e seu gordo dedo indicador acham-se em constante consulta conforme sejam as circunstâncias. Quando o Sr. Bucket está ponderando um assunto de tão premente interesse como esse, o gordo indicador parece elevar-se à dignidade dum demônio familiar. Leva-o às orelhas, e o dedo cochicha-lhe informações. Põe-no nos lábios, e o dedo o intima a guardar segredo. Esfrega com ele o nariz, e o dedo apura-lhe o olfato. Agita-o diante dum homem culpado, e o dedo o fascina para destruí-lo. Os Áugures do Templo dos Detetives predizem invariavelmente que, quando o Sr. Bucket e aquele dedo se acham em constante consulta, não tardará a ouvir-se falar dum terrível vingador.

Por outra parte, manso estudioso da natureza humana, e no todo um filósofo benigno, nada disposto a ser severo para com as loucuras da humanidade, o Sr. Bucket invade vasto número de casas e calcorreia por uma infinidade de ruas, com uma aparência exterior um tanto displicente por falta de objetivo. Acha-se nas condições mais cordiais para com sua espécie e beberá com a maior parte das pessoas. É pródigo de seu dinheiro, afável de maneiras, inocente na sua conversa, mas através da plácida corrente de sua vida desliza um rio oculto de dedo indicador.

Tempo e lugar não conseguem prender o Sr. Bucket. Como o homem em abstrato, está hoje aqui e amanhã não estará mais. Diferentemente, porém, do homem, estará aqui de novo no dia seguinte. Estará casualmente hoje de noite olhando para os extintores de ferro na porta da casa de Sir Leicester Dedlock na cidade, e amanhã de manhã estará andando no terraço de chumbo de Chesney Wold, onde antes andava o velho cujo espectro é abrandado com uma centena de guinéus. Gavetas, escrivaninhas, bolsos, tudo quanto lhe pertenceu é examinado pelo Sr. Bucket. Algumas horas mais tarde ele e o romano estarão juntos e a sós, comparando seus indicadores.

É provável que essas ocupações sejam incompatíveis com os prazeres do

lar, mas é certo que presentemente o Sr. Bucket não vai para casa. Ainda que, em geral, aprecie bastante a companhia da Sra. Bucket, dama de gênio naturalmente policesco que, se se houvesse aperfeiçoado pelo exercício profissional, talvez tivesse podido realizar grandes coisas, mas que estacionou no nível dum hábil amador, o Sr. Bucket conserva-se afastado daquele querido consolo. A Sra. Bucket tem de contentar-se com a companhia e a palestra de sua inquilina, felizmente uma senhora amável por quem ela se interessa.

Uma grande multidão se reúne em Lincoln's Inn Fields no dia do funeral. Sir Leicester Dedlock assiste à cerimônia em pessoa. Para ser exato, há apenas três outros acompanhantes humanos, a saber, Lorde Doodle, Guilherme Buffy e o primo debilitado (que ali aparece como contrapeso). Mas é imensa a quantidade de carruagens inconsoláveis. A Nobreza contribui com mais aflição de quatro rodas do que alguma vez já se viu naquela vizinhança. É tamanha a reunião de escudos armoriais em painéis de coches que se poderia crer que o Grêmio Heráldico houvesse perdido pai e mãe duma só vez. O Duque de Foodle envia uma esplêndida pilha de pó e cinzas, com prateadas caixas de rodas, eixos patenteados, tudo que há de mais aperfeiçoado e três desoladas roscas de parafuso, de seis pés de altura, presas atrás num feixe de dor. Todos os cocheiros de pompas fúnebres de Londres parecem mergulhados em luto, e se aquele velho defunto de veste lúgubre já não estivesse em condições de apreciar belos cavalos (o que parece impossível), deveria sentir-se profundamente prazeroso naquele dia.

Quieto, entre os cangalheiros e as equipagens e entre as barrigas de tantas pernas, todas embebidas de pesar, o Sr. Bucket está sentado e bem escondido no interior de uma das inconsoláveis carruagens, de onde observa à vontade a multidão através das gelosias do carro. Possui um olhar agudo para esquadrinhar uma turbamulta — como para tudo mais —, e olhando aqui e ali, ora dum lado do carro, ora do outro, ora erguendo a vista para as janelas das casas, ora correndo-a pelas cabeças das pessoas, nada lhe escapa.

— E aí está você, hem, minha companheira? — diz o Sr. Bucket para si mesmo, referindo-se à Sra. Bucket, postada, por concessão sua, nos degraus da casa do finado. — E aí está você! Aí está você! E com uma excelente aparência, Sra. Bucket!

O cortejo ainda não começou a mover-se, mas espera que a causa

daquele ajuntamento seja trazida para fora. O Sr. Bucket, na mais dianteira das carruagens brasonadas, emprega seus dois gordos dedos indicadores em conservar a gelosia do carro aberta o mínimo que lhe permita olhar para fora.

E depõe muito a favor de seu afeto conjugal a circunstância de estar ele ainda ocupado em observar a Sra. Bucket.

— E aí está você, hem, minha companheira? — repete ele, num murmúrio. — E nossa inquilina com você. Estou vendo você, Sra. Bucket. Espero que esteja gozando boa saúde, minha querida!

Nenhuma outra palavra mais diz o Sr. Bucket, mas conserva-se sentado, de olhos muito atentos, até que trazem para baixo o despedido depositário de nobres segredos — (Onde estão agora todos aqueles segredos? Conserva-os ele ainda? Voaram com ele naquela súbita jornada?) — e o cortejo se põe em movimento, e o cenário varia para o Sr. Bucket. Depois disso ele se arruma para fazer uma viagem cômoda, e toma nota da montagem da carruagem, para o caso de vir a utilizar tal conhecimento.

Grande contraste existe entre o Sr. Tulkinghorn fechado na sua negra carruagem e o Sr. Bucket fechado na dele; entre a imensurável via de espaço além da pequena ferida que lançou um deles no sono imutável que é tão pesadamente sacudido sobre as pedras das ruas, e a estreita via de sangue que conserva o outro na situação de vigilância expressa em cada cabelo de sua cabeça! Mas é tudo a mesma coisa para ambos. Nenhum deles é perturbado por isso.

O Sr. Bucket permanece comodamente sentado até que o cortejo todo passe, e sai furtivamente da carruagem quando se apresenta a ocasião que ele para si próprio marcara. Dirige-se à casa de Sir Leicester Dedlock, que se tornou agora uma espécie de lar seu, aonde chega e donde sai à sua vontade e a qualquer hora, onde é sempre bem acolhido e muito considerado, conhecendo toda a casa e andando numa atmosfera de misteriosa grandeza.

Não bate nem toca a campainha o Sr. Bucket. Conseguiu arranjar uma chave e pode entrar à vontade. Ao passar pelo vestíbulo, Mercúrio informa-o de que chegou outra carta para ele pelo correio, e lha entrega.

— Outra, hem? — pergunta o Sr. Bucket.

Se Mercúrio por acaso fosse possuído de alguma lenta curiosidade relativamente às cartas do Sr. Bucket, essa circumspecta criatura não seria a

pessoa indicada para satisfazê-la. O Sr. Bucket olha para ele, como se sua cara fosse uma vista de algumas milhas de comprimento e ele a estivesse contemplando a seu bel-prazer.

— Não terá você por acaso uma tabaqueira? — pergunta o Sr. Bucket.

Infelizmente Mercúrio não toma rapé.

— Poderia você arranjar-me uma pitada seja donde for? — pergunta o Sr. Bucket. — Obrigado. Não importa a qualidade. Não tenho predileções. Obrigado.

Tendo-se servido sossegadamente de uma caixinha de rapé pedida a alguém do andar inferior e havendo feito considerável exibição de saborear o rapé, primeiro com um lado de seu nariz, depois com o outro, o Sr. Bucket, com muita ponderação, declara-o de boa qualidade e prossegue, com a carta na mão.

Conquanto o Sr. Bucket suba as escadas indo até a pequena biblioteca que fica dentro da maior, com a cara de um homem que recebe algumas dezenas de cartas por dia, acontece que nem toda correspondência é coisa casual na sua vida. Não é lá muito amante de escrever; pega da pena como do cacete portátil que traz sempre consigo e que é tão maneiro; e não incita muito os outros a manterem correspondência com ele por ser esse um meio demasiado singelo e direto de fazer negócios delicados. Além disso, vê muitas vezes cartas prejudiciais exibidas como provas, e tem ocasião de refletir que foi uma tolice escrevê-las. Por essas razões lida muito pouco com cartas, tanto mandando-as como recebendo-as. E, no entanto, recebeu uma meia dúzia delas nas últimas vinte e quatro horas.

— E isto — diz o Sr. Bucket, espalhando-as em cima da mesa — com a mesma letra e constando das mesmas duas palavras.

Quais duas palavras?

Gira a chave na porta, desamarra seu negro livrinho de notas (livro do destino para muitos), põe outra carta ao lado do canhenho e lê o que está rasgadamente escrito em cada uma delas: “LADY DEDLOCK”.

— Sim, sim — diz o Sr. Bucket. — Mas eu poderia ter ganho o dinheiro sem esta informação anônima.

Tendo colocado as cartas no seu livro do Destino e amarrando-o de novo,

dá outra volta à chave da porta justamente a tempo de deixar entrar seu jantar, que lhe é trazido numa vistosa bandeja, com uma garrafa de xerez. O Sr. Bucket observa com frequência, em reuniões amigas onde não há constrangimento, que aprecia muito mais um dedal do seu velho e escuro xerez das índias Orientais do que qualquer outra coisa que lhe possam oferecer. Consequentemente, enche e esvazia seu copo, estalando os beiços, e continua a refocar-se com a bebida, quando uma ideia lhe acode ao espírito.

O Sr. Bucket abre devagarinho a porta de comunicação entre aquela sala e a outra, e espia dentro. A biblioteca está deserta e o fogo vai-se extinguindo. O olhar do Sr. Bucket, depois dum relance por toda a sala, pousa sobre uma mesa onde são colocadas habitualmente as cartas que chegam. Há ali muitas cartas para Sir Leicester. O Sr. Bucket aproxima-se e examina os endereços. — Não — diz ele —, não há nada com aquela letra. Cartas com aquela caligrafia só a mim são dirigidas. Amanhã posso revelar isso a Sir Leicester Dedlock, baronete.

Com isso volta para acabar seu jantar com um bom apetite; e, depois de uma ligeira soneca, é chamado ao salão. Sir Leicester tem-no recebido ali nessas últimas noites, para saber se ele tem alguma informação. O primo debilitado (bastante exausto pelo funeral) e Volúmnia estão presentes.

O Sr. Bucket faz três medidas claramente diferentes para cada uma das três pessoas. Uma medida de homenagem a Sir Leicester, uma de galanteria a Volúmnia e uma de cumprimento simples ao primo debilitado, a quem essa vênha parece dizer alegremente: “Você é um janota que anda pela cidade. Você me conhece e eu o conheço.” Tendo distribuído esses pequenos espécimes de sua diplomacia, o Sr. Bucket esfrega as mãos.

— Tem o senhor alguma novidade para comunicar? — pergunta Sir Leicester. — Deseja ter uma conversa comigo em particular?

— Esta noite, não, ilustre baronete, Sir Leicester Dedlock.

— Porque meu tempo — prossegue Sir Leicester — está inteiramente ao seu dispor, com o intuito de vingar a ultrajada majestade da lei.

O Sr. Bucket tosse e lança uma olhadela para Volúmnia, carminada e de colar no pescoço, como se quisesse respeitosa e observar: “Garanto-lhe que a senhora é uma formosa criatura. Tenho visto centenas muito piores do que a senhora nessa idade.”

A bela Volúmnia, talvez não de todo inconsciente da influência humanizadora de seus encantos, para de escrever cartas e ajeita pensativamente o colar de pérola. O Sr. Bucket avalia em espírito aquele enfeite e pensa que é provável que Volúmnia esteja escrevendo poesias.

— Se eu não o concitei, senhor agente — continua Sir Leicester da maneira mais enfática —, a exercer sua extrema habilidade nesse caso atroz, desejo particularmente aproveitar a presente oportunidade para retificar qualquer omissão da minha parte. Não leve em conta as despesas. Estou preparado para custear todos os gastos. Não hesitarei um instante em pagar qualquer despesa que o senhor julgue necessária para a realização do intento que traz em mente.

O Sr. Bucket faz novo salamaleque a Sir Leicester, como que em resposta a semelhante liberalidade.

— Meu espírito — acrescenta Sir Leicester, com generoso calor — ainda não conseguiu, como se pode facilmente supor, recuperar seu equilíbrio depois dessa diabólica ocorrência. Nem talvez seja provável que o recupere. Mas está cheio de indignação esta noite, depois de se haver submetido à provação de entregar ao túmulo os despojos mortais de um amigo fiel, zeloso e devotado.

A voz de Sir Leicester treme e seus cabelos grisalhos eriçam-se-lhe na cabeça. Há lágrimas em seus olhos. A melhor parte de sua natureza foi despertada.

— Declaro — diz ele —, solenemente declaro que enquanto esse crime não for descoberto e legalmente punido, estarei debaixo da impressão de que há uma como nódoa sobre o meu nome. Um cavalheiro que dedicou larga parte de sua vida a mim, um cavalheiro que devotou o derradeiro dia de sua vida a mim, um cavalheiro que constantemente se sentou à minha mesa e dormiu sob o meu teto, sai de minha casa para a sua e é assassinado uma hora depois de haver deixado minha casa! Não posso deixar de supor que ele tenha sido seguido daqui de minha casa, vigiado diante da minha casa, e até primeiro marcado por causa da sua ligação com a minha casa — o que pode ter levado a pensar-se que ele fosse mais rico do que realmente era e de importância mais alta do que o poderiam indicar os seus modos retraídos. Se eu puder, com os meus recursos, a minha influência e a minha posição, descobrir todos os perpetradores de semelhante crime, malogar-se-á a

afirmação do meu respeito à memória daquele cavalheiro e da minha fidelidade para com alguém que sempre me foi fiel.

Enquanto ele faz esse protesto com grande emoção e gravidade, circunvagando o olhar pelo salão como se se estivesse dirigindo a uma assembleia, o Sr. Bucket fita-o com uma respeitosa gravidade, na qual talvez possa haver, não fora a audácia de tal ideia, um toque de compaixão.

— A cerimônia de hoje — continua Sir Leicester —, notavelmente ilustrativa do respeito em que meu finado amigo — ele dá certa ênfase à palavra, pois a morte nivela todas as distinções — era tido pela fina flor deste país, agravou, digo eu, o choque que recebi com esse crime horrível e audaz. Se o houvesse cometido um irmão meu, eu não o pouparia.

O Sr. Bucket parece bastante sério. Volúmnia observa que o falecido era a pessoa mais digna de confiança e mais querida!

— Sem dúvida a senhorita deve sentir isso como uma perda — diz o Sr. Bucket, a título de consolo. — A morte dele não pode deixar de ser considerada uma perda. Estou certo de que o é.

Em resposta, Volúmnia dá a entender ao Sr. Bucket que seu sensível espírito jamais poderá vir a ser o que era enquanto ela viver, que seus nervos estão desfeitos para sempre e que não espera mais poder sorrir neste mundo. Entrementes, ela dobra uma carta para aquele temível general velho que está em Bath, descrevendo-lhe a melancolia em que vive.

— Coisas dessas realmente causam um choque a uma mulher delicada — diz o Sr. Bucket, condoído —, mas tudo passa afinal.

Volúmnia deseja mais que tudo saber o que está acontecendo. Se aquele terrível soldado será mesmo acusado da autoria do crime, ou não. Se tem cúmplices, ou lá como se diz em linguagem jurídica. E mais uma grande quantidade de coisas ingênuas desse gênero.

— Como é natural, senhorita — responde o Sr. Bucket, pondo o dedo em ação persuasiva, e tamanha é sua natural galanteria que quase diz: “minha querida” —, não é fácil responder a essas perguntas no momento presente. No presente momento, não. Tenho-me dedicado a esse caso, Sr. Baronete Sir Leicester Dedlock — a quem o Sr. Bucket mete na conversa em atenção à sua importância —, de manhã, ao meio-dia e à noite. Não fosse um copo ou dois de xerez, talvez não tivesse conseguido manter meu espírito alerta como tem

acontecido. *Poderia* responder às suas perguntas, senhorita, mas o dever mo proíbe. Dentro em breve Sir Leicester Dedlock será posto ao corrente de tudo quanto já foi descoberto. E espero que ele possa descobrir tudo — e de novo parece sério o Sr. Bucket — para satisfação sua.

O primo debilitado apenas espera que algum sujeito seja executado. Pensa que deveria haver maior interesse em enforcar alguém hoje, do que em colocar dez mil por ano. Não havia dúvida, por exemplo, que era bem melhor enforcar um camarada inocente do que não enforcar nenhum.

— O *senhor* conhece a vida — diz o Sr. Bucket, piscando-lhe um olho e com o dedo em forma de gancho dirigido a ele — e pode confirmar o que eu disse a essa senhora. Não é preciso dizer-*lhe* que, com as informações que recebi, me pus a trabalhar. O senhor pode ser inteirado de coisas que uma senhora não poderia ouvir. Meu Deus! especialmente na sua elevada situação na sociedade, senhorita — diz o Sr. Bucket, muito vermelho por ter quase deixado escapar de novo um “minha querida”.

— O agente, Volúmnia — observa Sir Leicester —, é fiel a seu dever e tem inteira razão.

O Sr. Bucket murmura:

— Alegro-me por merecer a honra de sua aprovação, Sir Leicester Dedlock, baronete.

— De fato, Volúmnia — prossegue Sir Leicester —, não se pode dizer que seja coisa digna de imitação fazer ao agente perguntas semelhantes às que você lhe fez. Ele é o melhor juiz de sua própria responsabilidade. Procede de acordo com ela. E não nos fica bem, a nós que ajudamos a fazer as leis, metermo-nos com aqueles que as põem em execução. Ou — diz Sir Leicester com alguma rispidez, pois Volúmnia mostrava desejo de interrompê-lo antes que ele tivesse terminado o pensamento — ou que vingam a majestade das leis ultrajada.

Com toda a humildade, Volúmnia explica que não tem apenas a escusa da curiosidade a apresentar (em comum com a tonta juventude do seu sexo em geral), mas que está sinceramente morta de pesar e de interesse pelo querido homem cuja perda todos deploram.

— Muito bem, Volúmnia — torna Sir Leicester. — Então toda discrição será pouca.

O Sr. Bucket aproveita a oportunidade de uma pausa para fazer-se ouvir de novo.

— Sir Leicester Dedlock, nada me impede de dizer a essa senhora, com sua licença, e aqui entre nós, que considero o caso como definitivamente resolvido. Trata-se de um belo caso... um belo caso... e o pouco que falta para completá-lo, espero poder fazê-lo dentro de algumas horas.

— Sinto-me muito satisfeito em ouvir isso — diz Sir Leicester. — O que eleva extraordinariamente o seu crédito.

— Sir Leicester Dedlock — retruca o Sr. Bucket com muita seriedade —, espero que isso seja ao mesmo tempo meritório para mim e satisfatório para todos. Quando chamo “belo” a esse caso, a senhorita há de perceber — prossegue o Sr. Bucket, lançando um olhar grave para Sir Leicester — que me refiro ao meu ponto de vista. Considerados de outros pontos de vista, casos como esse sempre envolverão mais ou menos contrariedade. Coisas muito estranhas ocorridas no seio das famílias chegam ao nosso conhecimento, senhorita, coisas, digo, que a senhorita acreditaria tratar-se de verdadeiros fenômenos.

Volúmnia, com seu gritinho inocente, supõe isso mesmo.

— Ah! e até mesmo em famílias nobres, em famílias de alto crédito, em grandes famílias — diz o Sr. Bucket, tornando a olhar gravemente para Sir Leicester de lado. — Tive a honra de ver meus serviços utilizados anteriormente por grandes famílias; e o senhor não tem ideia... vou mesmo mais longe; nem o *senhor* terá qualquer ideia — isto ele diz ao primo debilitado — de quanta coisa entra em jogo nisso!

O primo, que estivera a pôr almofadas do sofá sobre sua cabeça, numa prostração de enfado, boceja um “em...ovável” em lugar de “é bem provável”.

Sir Leicester, considerando já ser tempo de despedir o agente, mete-se aqui majestosamente de permeio com estas palavras: — Muito bem. Obrigado! — e também com um gesto da mão, como a significar que não só põe fim à conversa, mas que, se as famílias altas descambam em hábitos baixos, devem aguentar as consequências. — O Sr. agente não deve esquecer-se — acrescenta ele, com condescendência — de que estou à sua disposição quando lhe aprouver.

O Sr. Bucket (ainda sério) pergunta se no dia seguinte de manhã lhe conviria, no caso de se achar ele tão adiantado nas investigações como espera. Sir Leicester responde: — Qualquer hora me convém.

O Sr. Bucket faz suas três reverências e vai-se retirando quando um ponto esquecido lhe ocorre.

— A propósito, poderia eu perguntar — diz em voz baixa, virando-se com cautela — quem colocou na escada o cartaz de “Gratificação a quem prender ou indicar”?

— *Eu ordenei que o colocassem ali* — responde Sir Leicester.

— Seria excesso de liberdade de minha parte, Sir Leicester Dedlock, perguntar-lhe por quê?

— Absolutamente. Escolhi a escada como parte bem visível da casa. Pensei que não seria demasiado afixar o cartaz naquele ponto da casa. Quero que a minha criadagem fique impressionada com a enormidade do crime, com a minha determinação de puni-lo e com a nenhuma esperança que tem o criminoso de escapar. Ao mesmo tempo, Sr. agente, se o senhor, com melhor conhecimento do assunto, vir algum inconveniente...

O Sr. Bucket não vê nenhum inconveniente nisso. Se o cartaz foi pregado, melhor seria que não o retirassem. Repetindo suas três cortesias, retira-se, fechando a porta ao mesmo tempo que Volúmnia solta seu gritinho, como um preliminar à observação de que aquele tipo encantadoramente horrível é um perfeito fidalgo.

No seu amor à sociedade e na sua adaptabilidade a todos os graus, o Sr. Bucket acha-se agora de pé diante da lareira do vestíbulo, brilhante e quente naquela noite de começo de inverno, admirando Mercúrio.

— Creio que você tem um metro e oitenta e oito, não? — diz o Sr. Bucket.

— Nove — emenda Mercúrio.

— Tanto assim? Mas então deve ter largura em proporção, e não parece. Não se pode dizer que você seja um desses pernas-finas que andam por aí. Já serviu de modelo alguma vez? — pergunta o Sr. Bucket, assumindo a expressão dum artista, com o olhar e a cabeça.

Mercúrio nunca serviu de modelo.

— Então deveria servir, fique sabendo — diz o Sr. Bucket. — Um amigo meu, de quem um dia você virá a saber que é um escultor da Academia Real, acharia uma beleza fazer um desenho das suas proporções para o mármore. A senhora saiu, não é verdade?

— Foi jantar fora.

— Sai todos os dias, não é?

— Sim.

— Não é de admirar! — diz o Sr. Bucket. — Mulher bonita como é, tão bela, tão graciosa e tão elegante, é como um limão fresco numa mesa de jantar, ornamental aonde quer que vá. Seu pai exercia a mesma profissão que você?

Resposta negativa.

— O meu exercia — diz o Sr. Bucket. — Meu pai primeiro foi pajem, depois laçao, depois mordomo, depois despenseiro, depois estalajadeiro. Viveu respeitado por todos e morreu por todos lamentado. Disse no seu último suspiro que considerava o servir como a parte mais honrosa de sua carreira, e assim era. Tenho um irmão também servindo e um cunhado. Tem bom gosto a patroa?

Mercúrio responde:

— Tão bom quanto era de esperar.

— Ah! — exclama o Sr. Bucket. — Um pouco mimada! Um pouco caprichosa! Bom Deus! Mas que se pode esperar duma criatura quando é formosa assim? E gostamos mais delas justamente por isso, não é verdade?

Mercúrio, com as mãos nos bolsos de seus brilhantes calções cor de flor de pessegueiro, espicha suas simétricas pernas calçadas de seda, com um ar de homem galante, e não pode contradizer a observação de Bucket. Ouve-se então um rodar de carruagem e um violento toque de campainha.

— É isto: falar nos anjos... — diz o Sr. Bucket. — Aí está ela.

Escancaram-se as portas e ela atravessa o vestíbulo. Ainda muito pálida, traja leve luto e usa dois belos braceletes. Tanto a beleza deles como a beleza dos braços dela são particularmente atraentes para o Sr. Bucket. Olha para ambos com um olhar ávido e faz tilintar qualquer coisa no bolso — meio

penny talvez.

Percebendo-o a distância, dirige ela um olhar interrogativo ao outro Mercúrio que a trouxe para casa.

— O Sr. Bucket, senhora.

O Sr. Bucket faz uma reverência e adianta-se, passando seu demônio familiar — o dedo indicador — sobre a região da boca.

— Está esperando para falar com Sir Leicester?

— Não, minha senhora, já estive com ele.

— Tem alguma coisa para dizer-me?

— No momento presente, não, minha senhora.

— Fez algumas novas descobertas?

— Algumas, minha senhora.

Isso simplesmente de passagem. Ela mal se detém e sobe sozinha as escadas. O Sr. Bucket, dirigindo-se ao pé da escada, observa Lady Dedlock enquanto ela sobe os degraus que o velho desceu caminhando para o seu túmulo, enquanto passa pelos assassinos grupos de estátuas, reproduzidos com suas sombrias armas na parede, enquanto passa pelo cartaz impresso, a que lança um rápido olhar, desaparecendo depois.

— É uma bela mulher, não há dúvida — diz o Sr. Bucket, voltando para o lado de Mercúrio. — Contudo não parece estar muito bem de saúde.

Não está mesmo com muito boa saúde, informa-lhe Mercúrio. Sofre muito de dores de cabeça.

Deveras? Que pena! Andar, recomenda o Sr. Bucket, seria muito bom para isso. Bem, ela procura andar, diz Mercúrio. Às vezes anda umas duas horas, quando as dores são muito fortes. De noite também.

— Mas você está mesmo certo de que tem um metro e oitenta e oito de altura? — pergunta o Sr. Bucket, pedindo perdão por interrompê-lo um instante.

Sem dúvida alguma.

— Você tem tão boa conformação que eu não o imaginaria. Mas o pessoal doméstico, apesar de ser considerado gente fina, não tem elegância

nenhuma. Ela passeia de noite, não é? Quando há luar?

Oh, sim. Quando há luar. Sem dúvida. Oh, sem dúvida! Cordialidade e aquiescência de ambas as partes.

— Creio que você não tem o hábito de passear, não? — diz o Sr. Bucket.
— Talvez não tenha muito tempo para isso, não é?

Além do mais, Mercúrio não gosta de passear. Prefere o exercício em carruagem.

— Decerto — diz o Sr. Bucket. — Há alguma diferença. Ora, penso — diz o Sr. Bucket, aquecendo as mãos e olhando com prazer para as chamas — que ela saiu a passeio justamente na noite desse caso.

— Sim, com certeza! Deixei-a no jardim, do outro lado.

— Deixou-a lá então! Foi isso mesmo que você fez. Vi você fazer isso.

— Eu não vi o senhor — diz Mercúrio.

— Eu estava com um pouco de pressa — responde o Sr. Bucket — pois ia visitar uma tia minha que mora em Chelsea — muito perto da velha e original Bun House —, tem noventa anos a velhinha, uma mulher simples, possui uma pequena propriedade. Sim, passei por aqui casualmente. Vejamos. Que horas poderiam ser? Não eram dez.

— Nove e meia.

— Exatamente. Tem razão. E, se não me engano, a senhora estava envolvida numa ampla capa preta, com uma larga franja.

— Isso mesmo.

Sem dúvida que era. O Sr. Bucket deve voltar ao andar de cima para tratar dum pequeno negócio. Mas antes quer apertar as mãos de Mercúrio em reconhecimento pela sua agradável conversa, e não quererá ele consentir — é tudo quanto pede —, quando tiver uma meia hora de folga, em posar para aquele escultor da Academia Real, para vantagem de ambos?

FAZENDO SALTAR UMA MINA

Restaurado pelo sono, o Sr. Bucket levanta-se cedo e prepara-se para um dia de luta. Elegantizado graças a uma camisa limpa e a uma escova de cabelo umedecida, instrumento com o qual, em ocasiões solenes, lubrifica as escassas falripas que lhe restam após uma vida de austero estudo, o Sr. Bucket provê-se dum almoço de duas costeletas de carneiro como alicerce para o trabalho, juntamente com chá, ovos, torradas e marmelada, em escala correspondente. Tendo saboreado fartamente coisas tão revigorantes e mantido sutil conferência com seu demônio familiar, dá confidenciais instruções a Mercúrio para “dizer apenas, com toda a calma, ao Baronete Sir Leicester Dedlock que, quando ele estiver pronto para receber-me, eu estarei pronto para falar-lhe”. Tendo recebido em resposta o gentil recado de que Sir Leicester se apressará em vestir-se e vir ter com o Sr. Bucket na biblioteca dentro de dez minutos, o Sr. Bucket dirige-se àquela peça, e lá fica diante do fogo, com o dedo no queixo, contemplando os carvões em brasa.

O Sr. Bucket está pensativo, como o pode estar um homem que tem um pesado trabalho à sua espera, mas calmo, seguro, confiante. Pela expressão de seu semblante, ele podia ser um jogador famoso de *whist* disposto a uma grande parada — digamos de uns cem guinéus —, com o jogo na mão, mas com uma alta reputação implicada na maneira magistral com que jogar sua última cartada. O Sr. Bucket não se mostra nem um pouco ansioso ou perturbado quando Sir Leicester aparece; mas, ao dirigir-se este vagarosamente para a sua poltrona, o detetive lança ao baronete um olhar de soslaio, com aquela reverente gravidade do dia anterior, na qual podia ter-se notado no dia anterior, não fosse a audácia da ideia, um toque de compaixão.

— Lamento tê-lo feito esperar, Sr. agente, mas levantei-me esta manhã um pouco mais tarde do que de costume. Não me sinto bem. A agitação e a indignação que venho experimentando recentemente têm sido excessivas para mim. Sofro de... gota — Sir Leicester ia dizer “indisposição” e tê-lo-ia dito a

qualquer outra pessoa, mas evidentemente o Sr. Bucket sabe disso muito bem —, e circunstâncias recentes fizeram-na reaparecer.

Depois que ele se senta com alguma dificuldade e com um ar de dor, o Sr. Bucket aproxima-se mais e põe uma das suas grandes mãos sobre a mesinha da biblioteca.

— Não sei se o senhor — observa Sir Leicester, levantando os olhos para a cara do detetive — deseja que fiquemos sós. Isso fica inteiramente à sua vontade. Se quiser, está muito bem. Se não, Lady Dedlock teria interesse...

— Sir Leicester Dedlock, baronete — responde o Sr. Bucket, com a cabeça persuasivamente inclinada para um lado e o dedo indicador pendente de uma orelha como um brinco —, no momento temos de ser muitíssimo reservados. Logo verá o senhor que toda reserva é pouca. Uma senhora, em tais circunstâncias, e especialmente na elevada situação social de Lady Dedlock, só me pode ser agradável; mas, prescindindo do meu modo de ver, tomarei a liberdade de garantir-lhe que neste momento nenhuma reserva é demasiada.

— Isso é bastante.

— Tanto assim que, Sir Leicester Dedlock, baronete — continua o Sr. Bucket —, eu ia pedir-lhe permissão para dar volta à chave da porta.

— Sem dúvida.

Com habilidade e macieza, o Sr. Bucket toma aquela precaução, apoiando-se sobre um joelho durante um momento, por simples força do hábito, de modo que ajusta a chave na fechadura para que ninguém de fora possa espiar o que se passa dentro.

— Sir Leicester Dedlock, baronete, eu disse ontem de noite que me faltava muito pouco para completar esse caso. Tenho-o agora completo, e reuni provas contra a pessoa que praticou esse crime.

— Contra o soldado?

— Não, Sir Leicester Dedlock. Não foi contra o soldado.

Sir Leicester mostra-se espantado e pergunta:

— Está preso o homem?

O Sr. Bucket diz-lhe, depois de uma pausa:

— Foi uma mulher.

Sir Leicester recosta-se na cadeira, e sem fôlego solta esta exclamação:
— Deus do céu!

— Sir Leicester Dedlock, baronete — começa o Sr. Bucket, curvando-se sobre ele, com uma mão espalmada sobre a mesa da biblioteca e o indicador da outra em riste —, é meu dever prepará-lo para uma série de circunstâncias que podem, e chego até a asseverar que vão causar-lhe um choque. Mas, Sir Leicester Dedlock, baronete, o senhor é um cavalheiro e eu sei o que é um cavalheiro e de que é capaz um cavalheiro. Um cavalheiro pode suportar um choque, quando ele sobrevém, com intrepidez e firmeza. Um cavalheiro pode compor seu espírito para enfrentar qualquer golpe. Pois bem, exemplifiquemos com o senhor, Sir Leicester Dedlock. Se um golpe lhe deve ser desfechado, o senhor naturalmente pensará em sua família. Há de perguntar a si mesmo como é que todos os seus antepassados até Júlio César — para não ir além dele agora — teriam suportado tal golpe. Lembrar-se-á de dezenas deles que o teriam suportado bem; e em atenção a eles o senhor o suportará bem para manter o crédito da família. E tal como argumentará, assim procederá, Sr. Leicester Dedlock, baronete.

Sir Leicester, recostando-se na cadeira e agarrando nervosamente os cotovelos, fica a olhar para ele com uma cara de pedra.

— Sir Leicester Dedlock — prossegue o Sr. Bucket —, preparando-o desse modo, permita que lhe peça que não perturbe seu espírito, nem por um instante, com qualquer coisa que tenha chegado ao *meu* conhecimento. Sei de tanta coisa a respeito de tantos personagens, altos e baixos, que uma informação mais e uma informação menos não significam uma ninharia. Não creio que no tabuleiro haja um movimento que me venha a surpreender; e quanto a ter-se realizado este ou aquele movimento, não há de ser meu conhecimento que vá influir no que quer que seja, uma vez que qualquer movimento possível (contanto que seja malfeito) é um movimento provável, de acordo com a minha experiência. Portanto, o que lhe digo, Sir Leicester Dedlock, baronete, é que não vá o senhor incomodar-se com o fato de serem do meu conhecimento certos negócios da sua família.

— Agradeço-lhe essa preparação que vem fazendo — responde Sir Leicester, depois de uma pausa, sem mover mão, pé nem feições —, a qual, espero, não é necessária, conquanto eu a preze por ser bem-intencionada.

Tenha a bondade de prosseguir. E também — Sir Leicester parece estremecer com a sombra de seu vulto — queira sentar-se, se não achar inconveniente.

Inconveniente nenhum. O Sr. Bucket toma uma cadeira e diminui sua sombra.

— Bem, Sir Leicester Dedlock, baronete, com esse curto prefácio chego ao ponto. Lady Dedlock...

Sir Leicester levanta-se um pouco em sua cadeira e fita-o com ar feroz. O Sr. Bucket faz entrar o dedo em jogo como um emoliente.

— O senhor bem vê como Lady Dedlock é admirada por todos. Eis o que é sua excelência: admirada por todos.

— Eu preferiria, Sr. agente — replica Sir Leicester, com dureza —, que o nome de minha senhora ficasse inteiramente fora desta discussão.

— Era o que eu também desejava, Sir Leicester Dedlock, baronete, mas... é impossível.

— Impossível?

O Sr. Bucket sacode a inexorável cabeça.

— Sir Leicester Dedlock, baronete, é totalmente impossível. O que vou dizer é a respeito de sua excelência. Ela é o eixo em torno do qual tudo gira.

— Sr. agente — retruca Sir Leicester, com olhar de fogo e beijos trêmulos —, o senhor conhece seu dever. Cumpra-o, mas tenha cuidado de não ultrapassá-lo. Eu não o toleraria. Não o suportaria. O senhor traz o nome de minha esposa à baila nesta comunicação, com sua responsabilidade... com sua inteira responsabilidade. O nome de minha senhora não é um nome para pessoas comuns tratarem dele frivolamente!

— Sir Leicester Dedlock, baronete, digo o que devo dizer e nada mais.

— Espero que seja assim. Muito bem. Adiante. Adiante, senhor!

Olhando para os olhos coléricos que agora o evitam e para o vulto encolerizado que treme da cabeça aos pés, forcejando contudo por mostrar-se tranquilo, o Sr. Bucket palpa o caminho com seu indicador e continua em voz baixa.

— Sir Leicester Dedlock, torna-se dever meu dizer-lhe que o falecido Sr.

Tulkinghorn havia muito tempo entretinha desconfianças e suspeitas a respeito de Lady Dedlock.

— Se ele tivesse ousado murmurá-las a mim, senhor — o que nunca fez —, eu mesmo o teria matado! — exclama Sir Leicester, dando um murro na mesa. Mas no próprio calor e fúria do seu ato para, colhido pelo olhar sagaz do Sr. Bucket, cujo indicador se vai movendo vagarosamente e que, num misto de paciência e confiança, sacode a cabeça.

— Sir Leicester Dedlock, o finado Sr. Tulkinghorn era um homem silencioso e fechado; e o que ele trazia em mente desde o começo não me cabe a mim dizê-lo. Mas de sua própria boca vim a saber que de há muito ele suspeitava ter Lady Dedlock descoberto, graças a alguma carta — nesta mesma casa e quando o senhor mesmo, Sir Leicester Dedlock, estava presente —, a existência, em grande pobreza, de certa pessoa que fora outrora amante dela antes que o senhor lhe fizesse a corte, e que deveria ter sido marido dela — o Sr. Bucket para e repete deliberadamente —; deveria ter sido marido dela; nenhuma dúvida existe sobre esse ponto. Eu soube dos próprios lábios do advogado que, quando essa pessoa logo depois morreu, ele desconfiou que Lady Dedlock fizera uma visita ao seu miserável alojamento e à sua mísera cama, sozinha e em segredo. Por minhas indagações e graças a meus olhos e ouvidos, vim a saber que Lady Dedlock fez essa visita, usando a roupa de sua própria criada, pois o defunto Sir Tulkinghorn me contratou para identificar sua excelência — desculpe-me se faço uso do termo que empregamos comumente —, e até aí eu a identifiquei de todo em todo. Acareei a criada, num aposento de Lincoln's Inn Fields, com uma testemunha que fora o guia de Lady Dedlock, e não houve sombra de dúvida de que ela havia usado o vestido da criada, circunstância que esta ignorava. Sir Leicester Dedlock, baronete, eu ontem tentei abrir caminho para estas desagradáveis revelações, dizendo que às vezes acontecem coisas bem estranhas, até nas mais altas famílias. Tudo isso e mais ainda sucedeu na sua própria família e com sua esposa e por intermédio dela. Creio que o falecido Sr. Tulkinghorn acompanhou essas indagações até a hora de sua morte, e que ele e Lady Dedlock até se desavieram a respeito do assunto, naquela mesma noite. Queira expor apenas isso a Lady Dedlock, Sir Leicester Dedlock, baronete, e pergunte a sua excelência se, depois que ele saiu daqui, ela não desceu aos aposentos dele com a intenção de dizer-lhe alguma coisa mais, trajando uma leve capa preta com uma larga franja.

Sir Leicester permanece sentado como uma estátua, olhos fitos no cruel dedo que vai sondando a força vital do seu coração.

— Exponha isso a sua excelência, Sir Leicester Dedlock, baronete, da parte do Inspetor Bucket, detetive. E se sua excelência opuser qualquer dificuldade em admiti-lo, diga-lhe que é inútil; que o Inspetor Bucket sabe disso e sabe que ela passou pelo soldado, como o senhor o chamou (apesar de ele agora não estar no exército), e sabe que ela passou por ele na escada. Sir Leicester Dedlock, baronete, sabe por que relato eu tudo isto?

Sir Leicester, que cobrira o rosto com as mãos, soltando um único gemido, pede-lhe que pare um instante. Pouco a pouco vai retirando as mãos, e assim preserva sua dignidade e sua calma exterior, embora não haja mais cor no seu rosto do que em seus cabelos brancos, o que chega a causar certo espanto no Sr. Bucket. Há nos seus modos qualquer coisa de congelado e fixo, acima de sua habitual casca de altanaria; e o Sr. Bucket bem depressa percebe uma insólita lentidão na sua fala, verificando-se de quando em quando uma curiosa perturbação no começo de cada frase, que o faz emitir sons inarticulados. Com sons desses quebra ele agora o silêncio. Mas dentro em pouco coíbe-se e diz que não compreende como um cavalheiro tão fiel e zeloso como o finado Sr. Tulkinghorn nada lhe houvesse comunicado daquela penosa, daquela aflitiva, daquela inesperada, daquela esmagadora, daquela inacreditável informação.

— Mais uma vez, Sir Leicester Dedlock, baronete — volta à carga o Sr. Bucket —, peça a sua excelência que esclareça o caso. Interrogue-a, se achar que deve, da parte do Inspetor Bucket, detetive. Descobrirá, ou muito me engano, que o falecido Tulkinghorn tinha a intenção de comunicar tudo ao senhor, logo que achasse isso bem amadurecido, e mais que ele o tinha dado a entender a sua excelência. Ora, é bem possível que tencionasse revelar tudo na mesma manhã em que eu examinei o corpo. O senhor não sabe o que eu vou dizer e fazer daqui a cinco minutos, Sir Leicester Dedlock, baronete, e, supondo-se que me matassem agora, o senhor poderia estranhar por que razão eu não o fiz, não é verdade?

É verdade. Sir Leicester, evitando, com algum esforço, aqueles sons aborrecidos, diz: — É verdade. — Neste ponto ouve-se no vestíbulo um considerável barulho de vozes. Depois de prestar ouvidos, o Sr. Bucket vai até a porta da biblioteca, que abre devagarinho, e torna a escutar. Em seguida

recolhe a cabeça e sussurra à pressa, mas calmo: — Sir Leicester Dedlock, baronete, esse infeliz negócio doméstico já transpirou, como era de esperar, dada a morte repentina do Sr. Tulkinghorn. A possibilidade de abafá-lo está em deixar entrar essa gente, agora em contenda com os seus lacaios. Quer ter a bondade de continuar sentado e quieto aí — em atenção à família — enquanto eu vou identificá-los? E teria ainda a bondade de fazer um aceno de cabeça quando parecer que eu lho peça?

Sir Leicester responde vagamente: “Sr. agente, o que achar melhor, o que achar melhor! — e o Sr. Bucket, com um aceno de assentimento e com o dedo indicador curvado como um gancho, desliza para o vestibulo, onde as vozes bem depressa se extinguem. Não tarda em voltar, alguns passos à frente de Mercúrio e de uma divindade irmã também empoada e de calções cor de flor de pessegueiro carregando as duas, uma de cada lado, uma cadeira na qual se vê um velho inválido. Outro homem e duas mulheres vêm atrás. Dirigindo a manobra da cadeira, dum modo fácil e afável, o Sr. Bucket dispensa os Mercúrios e torna a fechar a porta. Sir Leicester contempla com um olhar de gelo aquela invasão do recinto sagrado.

— Ora, muito bem, talvez já me conheçam, senhoras e senhores — diz o Sr. Bucket, em tom confidencial. — Sou o Inspetor Bucket, detetive, e isto — e aqui exhibe, tirando-a do bolso dianteiro do casaco, a ponta do seu cômodo cacetinho — é a prova da minha autoridade. Bem. Queriam ver Sir Leicester Dedlock, baronete. Pronto, aqui está ele. E não se esqueçam: não é qualquer um que merece esta honra. O seu nome, meu velho, é Smallweed. Sei muito bem que é esse o seu nome.

— E o senhor nunca ouviu dizer que esse nome tivesse feito algum mal! — grita o Sr. Smallweed numa voz alta e estridente.

— Ninguém aí sabe por que mataram o porco, não é? — replica o Sr. Bucket, com um olhar firme, mas sem perder a calma.

— Não.

— Pois mataram-no — diz o Sr. Bucket — por causa da tromba. Olá, o senhor aí, não se coloque na mesma posição, porque não é digna do senhor. O senhor está acostumado a conversar com gente surda?

— Estou — resmunga o Sr. Smallweed. — Minha mulher é surda.

— Aí está por que é que o senhor grita tanto. Mas como sua mulher não

se acha aqui, faça o favor de baixar a voz uma oitava ou duas, sim? E não somente lhe ficarei agradecido, mas será mais bonito mesmo para o senhor — diz o Sr. Bucket. — Esse outro cavalheiro é dos tais que pregam, penso eu.

— Chama-se Chadband — explica o Sr. Smallweed, falando daí por diante em tom bem mais baixo.

— Já tive um amigo e colega sargento com o mesmo nome — diz o Sr. Bucket, estendendo a mão — e por isso tenho certa predileção pelo nome. Esta é a Sra. Chadband, não é mesmo?

— E a Sra. Snagsby — apresenta o Sr. Smallweed.

— Cujo marido é papaleiro forense e amigo meu — diz o Sr. Bucket. — Gosto dele como de um irmão! E, então, que foi?

— Quer o senhor dizer que negócio nos trouxe até aqui? — pergunta o Sr. Smallweed, um pouco desconcertado com aquele modo repentino de exprimir-se.

— Ah! O senhor sabe o que quero dizer. Ouçamos do que se trata, e ouçamo-lo na presença do Baronete Sir Leicester Dedlock. Vamos.

O Sr. Smallweed, fazendo um aceno para o Sr. Chadband, cochicha com ele durante alguns instantes. O Sr. Chadband, exsudando considerável quantidade de óleo dos poros de sua testa e das palmas de suas mãos, diz em voz alta: — Sim, primeiro o senhor! — e volta para o seu lugar.

— Fui cliente e amigo do Sr. Tulkinghorn — diz então vovô Smallweed com a sua voz esganiçada. — Tinha negócios com ele. Eu lhe era útil e ele me era útil. Krook, o que morreu, era meu cunhado. Era irmão duma megera tremenda, que se chama Sra. Smallweed. Entrei de posse dos bens de Krook. Examinei todos os seus papéis e todos os seus bens. Foram todos desenterrados à minha vista. Havia um maço de cartas pertencentes a um inquilino falecido; esse maço estava escondido atrás duma estante ao lado da cama de Lady Jane — da cama da gata dele. Tinha ele a mania de esconder as coisas mais diversas por toda parte. O Sr. Tulkinghorn queria essas cartas e as obteve. Mas examinei-as eu antes. Sou um homem de negócios e quis ver o que continham. Eram cartas da namorada do inquilino, que se assinava Honória. Meu Deus! Honória não é um nome muito comum, não acham? Penso que não há nenhuma mulher nesta casa que se assinasse Honória. Oh, não. Acho que não! Oh, não. Acho que não! E talvez não com a mesma letra. Oh,

não! Acho que não!

Aqui o Sr. Smallweed, vítima de um acesso de tosse no meio de seu triunfo, interrompe-se para exclamar: — Oh! meu Deus! Meu Pai! Desta vez estouro!

— Bem, quando o senhor estiver pronto — diz o Sr. Bucket, depois de esperar que ele acabasse de tossir — para chegar a alguma coisa que diga respeito ao Baronete Sir Leicester Dedlock, ei-lo sentado aqui, como o senhor sabe.

— E já não cheguei, Sr. Bucket? — grita vovô Smallweed. — Isso ainda não diz respeito ao cavalheiro? Nada significa o Capitão Hawdon e a sua sempre afeiçãoada Honória e ainda por cima a filha deles? Então quero saber onde estão aquelas cartas. Interessam a mim, se não interessam a Sir Leicester Dedlock. Hei de ficar sabendo onde elas estão. Não deixarei que desapareçam assim tão sossegadamente. Entreguei-as ao meu amigo e advogado, Sr. Tulkinghorn, e a ninguém mais.

— Que lhe pagou por elas, como o senhor sabe, bom dinheiro — acrescentou o Sr. Bucket.

— Isso pouco importa. O que quero saber é quem ficou com elas. E vou dizer-lhe o que queremos — o que todos nós aqui queremos, Sr. Bucket. Queremos mais diligência e mais investigação na descoberta desse crime. Sabemos onde estava o interesse e o móvel do crime, e o senhor não tem feito bastante. Se Jorge, o cavalheiro vagabundo, andou metido nisso, foi apenas um cúmplice que instigaram. O senhor sabe como toda a gente o que quero dizer.

— Agora, escute-me bem — diz o Sr. Bucket, modificando instantaneamente sua atitude, chegando-se a ele e transmitindo extraordinária fascinação ao seu dedo indicador. — Macacos me mordam se eu for deixar que estraguem o meu caso, se intrometam nele, ou o antecipem nem que seja por meio segundo, e seja quem for. O senhor quer mais diligência e mais investigação? Quer? Está vendo esta mão? Pensa que não sei o tempo exato em que deverei estendê-la e colocá-la sobre o braço que deu aquele tiro?

É tão tremendo o poder do detetive, e torna-se evidente de uma forma tão terrível que aquilo não é jactância vã do homem, que o Sr. Smallweed começa a pedir desculpa. O Sr. Bucket, pondo de lado sua súbita cólera,

detém-no.

— O conselho que lhe dou é que não dê tratos à imaginação por causa desse crime. Isso é comigo. Dê uma vista d'olhos aos jornais; e não me admirará que, se prestar atenção, o senhor encontre em breve alguma novidade que ler a esse respeito. Conheço minha profissão, e é o que tenho a dizer-lhe sobre tal assunto. Agora, a propósito das tais cartas, o senhor quer saber quem está com elas. Não me importa dizer-lhe. Tenho-as eu. Não é este o maço?

O Sr. Smallweed lança olhos ávidos ao pequeno maço que o Sr. Bucket exhibe, tirando-o duma misteriosa parte do seu casaco, e identifica-o como o mesmo.

— Que tem o senhor a dizer agora? — pergunta o Sr. Bucket. — Olhe, não abra demais a boca, porque não fica nada bonito quando faz isso.

— Quero quinhentas libras.

— Não, não é possível. O senhor quer dizer cinquenta — diz gracejando o Sr. Bucket.

Parece, porém, que o Sr. Smallweed quer mesmo dizer quinhentas.

— Isto é, tenho delegação do Baronete Sir Leicester Dedlock para considerar (sem admitir nem prometer coisa alguma) esta questãozinha — diz o Sr. Bucket. Sir Leicester maquinalmente inclina a cabeça. — E o senhor me pede que considere uma proposta de quinhentas libras. Ora, trata-se de uma proposta desarrazoada! Cem já não seria grande coisa, mas melhor do que isso. Não era preferível que o senhor propusesse cem?

É bem de ver que o Sr. Smallweed não acha preferível.

— Então — diz o Sr. Bucket — ouçamos o Sr. Chadband. Meu Deus! Muitas vezes ouvi o meu velho colega sargento do mesmo nome. Era um homem moderado a todos os respeitos, como nunca encontrei outro.

Convidado dessa forma, o Sr. Chadband adianta-se, e, depois de um sorrisinho lustroso e de um oleoso esfregar das palmas das mãos, externa-se como se segue: — Meus amigos, encontramos-nos agora — minha mulher Rachel e eu — na mansão dos ricos e dos grandes. Por que nos encontramos agora na mansão dos ricos e dos grandes, meus amigos? Será porque fomos convidados, porque nos ordenaram que nos banqueteássemos com eles,

porque nos ordenaram que nos regozijássemos com eles, porque nos ordenaram que tocássemos com eles o alaúde, porque nos ordenaram que dançássemos com eles? Não. Então por que estamos aqui, meus amigos? Estamos de posse dum segredo pecaminoso e exigimos trigo, vinho e azeite — ou, o que é quase a mesma coisa, dinheiro — para guardá-lo? É provavelmente isso, meus amigos.

— O senhor é um homem de negócios — observa o Sr. Bucket, muito atento — e por conseguinte vai revelar qual a natureza do seu segredo. Está direito. O senhor não poderia fazer melhor.

— Prossigamos então, meu irmão, em espírito de amor — diz o Sr. Chadband, com um olho astuto. — Rachel, minha mulher, adiante-se!

Mais que depressa, a Sra. Chadband se adianta, empurrando seu marido para o segundo plano, e encara o Sr. Bucket com um sorriso pouco convidativo.

— Já que o senhor deseja saber o que sabemos — diz ela —, vou contar-lhe. Ajudei a criar Miss Hawdon, filha de Lady Dedlock. Estava eu empregada em casa da irmã dela, que se mostrava muito sensível à desgraça que Lady Dedlock lhe havia acarretado, e fez público, até a esta, que a criança havia morrido (estive, aliás, bem perto disso) logo ao nascer. Mas ela está viva e eu a conheço.

Com essas palavras, e rindo e acentuando com sarcasmo o nome de Lady Dedlock, a Sra. Chadband cruza os braços e encara implacavelmente o Sr. Bucket.

— Suponho agora — diz o detetive — que a senhora estará à espera duma nota de vinte libras ou de um presente mais ou menos dessa quantia, não?

A Sra. Chadband limita-se a rir e lhe diz com desprezo que ele pode “oferecer” *vinte pence*.

— E acolá, a boa esposa do meu amigo o papeleiro e copista forense — diz o Sr. Bucket, fazendo com o dedo um sinal à Sra. Snagsby para que se chegue para a frente. — Qual será o seu jogo, minha senhora?

A princípio a Sra. Snagsby vê-se impedida, pelas lágrimas e lamentações, de revelar a natureza do seu jogo, mas pouco a pouco vem

confusamente à luz que ela é uma mulher vítima de injúrias e agravos, a quem o Sr. Snagsby tem habitualmente iludido e abandonado, buscando conservá-la nas trevas, e cujo principal conforto nas suas aflições tinha sido a simpatia do falecido Sr. Tulkinghorn, que demonstrou tanta comiseração por ela, numa ocasião que fez uma visita ao Largo do Cozinheiro na ausência de seu perjuro marido, que ultimamente ela lhe comunicava sempre todos os seus pesares. Todo mundo, ao que parece, exceto os presentes, vem conspirando contra a paz da Sra. Snagsby. Há o Sr. Guppy, escrevente de Kenge e Carboy, que a princípio era aberto como o sol ao meio-dia, mas que de súbito se fechou como a meia-noite, sem dúvida sob a influência do suborno e da indébita intervenção do Sr. Snagsby. Há o Sr. Weevle, amigo do Sr. Guppy, que morou misteriosamente num largo, em virtude das mesmas causas coerentes. Havia Krook, que faleceu. Nemrod, também falecido, e Jo, idem, e todos eles “metidos nisso”. Em que — não explica muito bem a Sra. Snagsby. Mas sabe que Jo era filho do Sr. Snagsby, “tão bem como se uma trombeta o tivesse proclamado”, e seguiu o Sr. Snagsby quando ele fez sua última visita ao menino, e se este não era seu filho, por que foi lá então? A única ocupação de sua vida tem sido, desde algum tempo, seguir o Sr. Snagsby de um lado para outro, para cima e para baixo, e reunir circunstâncias suspeitas — e cada nova circunstância descoberta tem sido cada vez mais suspeita. Dessa maneira tem continuado noite e dia seu fito de desmascarar e confundir seu falso marido. Com isso sucedeu que ela aproximou os Chadbands do Sr. Tulkinghorn, e conferenciou com o Sr. Tulkinghorn a respeito da mudança operada no Sr. Guppy, e prestou ajuda casualmente, como quem está à beira da estrada, ao esclarecimento de certas circunstâncias que interessam às pessoas presentes, continuando ela, porém, firme na grande estrada real que há de terminar com o pleno desmascaramento do Sr. Snagsby e numa separação matrimonial. Tudo isso a Sra. Snagsby, como mulher ofendida, como amiga da Sra. Chadband, como seguidora do Sr. Chadband, e como pessoa enlutada com a morte do Sr. Tulkinghorn, está ali para certificar sob sigilo, com toda a possível confusão e envolvimento possível e impossível. Não tem motivo pecuniário de espécie alguma, nem nenhum plano ou projeto a não ser o que mencionou; e para ali traz e leva para toda parte sua densa atmosfera de pó que sobe do trabalho incessante do seu moinho de ciúme.

Enquanto esse exórdio é exposto (e leva algum tempo), o Sr. Bucket, que num relance enxergou com absoluta nitidez toda a acrimônia da Sra. Snagsby,

conferencia com o seu demônio familiar e concentra sua ladina atenção nos Chadbands e no Sr. Smallweed. Sir Leicester Dedlock permanece imóvel, com a mesma aparência glacial, tendo apenas excepcionalmente olhado uma ou duas vezes para o Sr. Bucket, como se dentre toda a humanidade só confiasse naquele agente.

— Muito bem — diz o Sr. Bucket. — Agora os compreendo. E tendo delegação do Baronete Sir Leicester Dedlock para examinar este ligeiro assunto — Sir Leicester torna maquinalmente a inclinar a cabeça, confirmando a afirmativa — posso dar ao mesmo minha imparcial e inteira atenção. Não vou aludir a uma conspiração com o fim de extorquir dinheiro, ou qualquer outra coisa dessa espécie, porque somos aqui homens e mulheres da sociedade, e nosso intuito é facilitar as coisas. Mas vou dizer-lhes o que é que me causa admiração: surpreende-me que tivessem pensado em fazer barulho lá embaixo no vestíbulo. Foi uma coisa bem oposta aos seus interesses. É para isso que se volta minha atenção.

— Queríamos entrar — diz o Sr. Smallweed, defendendo-se.

— Ora, sem dúvida que o senhor queria entrar — comenta jovialmente o Sr. Bucket —; mas para um velho cavalheiro na sua idade — a que eu bem posso dar o nome de venerável —, de espírito lúcido, como não duvido seja o caso, a compensar a perda do uso dos membros, o que dá como resultado subir à cabeça toda a sua animação — é bem curioso que não considere que, se não conservar um negócio como este na maior intimidade possível, o negócio não lhe ficará valendo dez réis de mel coado! Repare que seu temperamento o transtorna. É onde o senhor perde terreno — diz o Sr. Bucket, numa argumentação amistosa.

— Eu apenas disse que não me iria embora sem que um dos criados subisse para avisar a Sir Leicester Dedlock — replica o Sr. Smallweed.

— Isso mesmo! É aí que seu temperamento o transtorna! Pois bem, domine-o doutra vez, que conseguirá fazer dinheiro. Quer que eu toque a campainha para que o transportem para baixo?

— Quando é que vamos ter outra notícia dessa questão? — pergunta a Sra. Chadband com sisudez.

— Sim, senhor. Mulher até ali! O belo sexo é sempre curioso! — responde o Sr. Bucket, num galanteio. — Terei o prazer de fazer-lhes uma

visita amanhã ou depois, não esquecendo o Sr. Smallweed e sua proposta de cem.

— De quinhentas! — exclama o Sr. Smallweed.

— Está bem! Nominalmente quinhentas. — O Sr. Bucket está com a mão no cordão da campainha. — Poderei agora desejar-lhes um bom dia, da minha parte e da parte do dono desta casa? — pergunta ele num tom insinuante.

Não tendo ninguém a audácia de protestar contra isso, ele toca a campainha, e o grupo se retira como havia subido. O Sr. Bucket acompanha-os até a porta; e, voltando, diz com um ar de negócio sério:

— Sir Leicester Dedlock, baronete, cabe ao senhor considerar se deve ou não comprar isso. Recomendaria que deixasse tudo a meu cargo. Penso que se pode comprar bem barato. Viu o senhor aquele pepinozinho em vinagre que é a Sra. Snagsby? Está toda gasta de tanta cavilação cerebrina e causou muito mais dano agrupando todas aquelas particularidades dispersas do que se fosse sua intenção causá-lo. O defundo Sr. Tulkinghorn mantinha presos na mão todos esses cavalos, e não tenho dúvida que poderia conduzi-los para onde quisesse. Mas foi arrancado da boleia, e agora eles estão com as pernas livres dos tirantes e puxam e se arrastam como bem entendem. Assim é a vida. Sai o gato, espalham-se os ratos; quebrado o gelo, a água corre. Agora tratemos da pessoa que deve ser detida.

Sir Leicester parece despertar, apesar de seus olhos terem estado arregalados, e olha atentamente para o Sr. Bucket, quando este consulta seu relógio.

— A pessoa que deve ser detida acha-se agora nesta casa — continua o Sr. Bucket, guardando o relógio com mão firme e cheio de alento — e estou a ponto de prendê-la na presença do senhor. Sir Leicester Dedlock, baronete, não diga uma palavra, nem se mexa ainda. Não haverá bulha nem perturbação de espécie alguma. Voltarei no correr da noite, se lhe convier, e tentarei satisfazer seus desejos a respeito deste infeliz caso doméstico e do modo mais próprio de mantê-lo sem dar nas vistas. Agora, Sir Leicester Dedlock, baronete, não fique nervoso por causa da detenção que se vai dar. Verá o caso inteiro esclarecido, do princípio ao fim.

O Sr. Bucket toca a campainha, vai até a porta, murmura uma breve

ordem a Mercúrio, fecha a porta e fica por trás dela de braços cruzados. Depois dum espera de um ou dois minutos, a porta lentamente se abre e entra uma francesa — Mlle Hortense.

No momento em que ela entra na sala, o Sr. Bucket bate a porta e apoia nela as costas. Aquele barulho repentino faz com que ela se volte, e então é que vê Sir Leicester Dedlock em sua cadeira.

— Peço-lhe desculpa — murmura ela apressadamente. — Disseram-me que não havia ninguém aqui.

Ao dirigir-se para a porta, vê-se frente a frente com o Sr. Bucket. De repente um espasmo corre-lhe pelo rosto, e ela fica mortalmente pálida.

— Esta é a minha inquilina, Sir Leicester Dedlock — diz o Sr. Bucket, mostrando-a com um aceno de cabeça. — Esta jovem estrangeira é minha inquilina há algumas semanas.

— Pensa que isso interessa a Sir Leicester Dedlock, meu anjo? — pergunta mademoiselle em tom facetó.

— É o que veremos, meu anjo — retruca o Sr. Bucket.

Mlle Hortense fita-o com má catadura, que daí a pouco se abre num sorriso de escárnio.

— O senhor está muito misterioso. Está bêbado?

— Não, creio que não, meu anjo — responde o Sr. Bucket.

— Acabo de chegar a esta tão detestável casa em companhia de sua esposa. Faz alguns minutos que sua mulher me deixou. Disseram-me lá embaixo que ela se achava aqui. Subi e vejo que não está. Que brincadeira é essa? — indaga mademoiselle, com os braços sossegadamente cruzados, mas com a bochecha morena a bater como um relógio.

O Sr. Bucket simplesmente agita o dedo na direção dela.

— Ah, meu Deus, o senhor não passa dum infeliz idiota! — exclama mademoiselle, com uma sacudidela da cabeça e uma gargalhada. — Deixe-me descer, seu porco. — E bate com o pé e faz uma ameaça.

— Mademoiselle — diz o Sr. Bucket, dum modo frio e resoluto —, vá sentar-se ali naquele sofá.

— Não me sentarei em lugar nenhum — responde ela, com uma série de negativas dadas com a cabeça.

— Mademoiselle — repete o Sr. Bucket, sem fazer nenhum movimento, a não ser com o dedo —, vá sentar-se naquele sofá.

— Por quê?

— Porque eu lhe dou voz de prisão por assassinato, e a senhora não precisa que eu lho diga. Desejo ser delicado, quanto possível, com uma pessoa de seu sexo, além do mais estrangeira. Se não puder, serei rude, e lá fora há gente ainda pior. O que vou ser dependerá da senhora. Por isso lhe recomendo como amigo, antes que outro bendito minuto lhe passe por cima da cabeça, que vá sentar-se naquele sofá.

Mademoiselle obedece, dizendo com voz concentrada, enquanto a bochecha lhe lateja com muito mais violência: — Você é um demônio.

— Agora, como está vendo — continua o Sr. Bucket, com ar de aprovação —, a senhora está à vontade e porta-se como eu esperava que se portaria uma jovem estrangeira com o seu senso. De modo que lhe darei um conselho, que é o seguinte: não fale demais. Ninguém exige que a senhora fale qualquer coisa aqui, e quanto mais quieta conservar a língua, melhor. Em resumo, quanto menos “parlar”, melhor.

O Sr. Bucket mostra-se muito satisfeito com essa sua explicação cheirando a francês.

Mademoiselle, com aquela dilatação tigrina da boca e os negros olhos lançando chispas contra ele, senta-se direita no sofá numa posição rígida, com as mãos crispadas (e, pode-se supor, com os pés também crispados) murmurando: — Oh, Bucket, você é um demônio!

— Sir Leicester Dedlock — diz o Sr. Bucket, e dali por diante o dedo não mais descansa —, esta jovem senhora, minha inquilina, era criada de Lady Dedlock na ocasião que lhe mencionei. Esta jovem senhora, além de se ter tornado extraordinariamente veemente e irada contra sua excelência depois de ter sido despedida...

— Mentira! — grita mademoiselle. — Eu mesma me despedi.

— Ora, por que não aceita meu conselho? — diz o Sr. Bucket, num tom incisivo, quase suplicante. — Surpreende-me essa sua indiscrição. A senhora

acabará dizendo alguma coisa que pode ser utilizada contra a sua pessoa. É o que acontecerá, como bem sabe. Não se importe com o que eu disser, enquanto o caso não for de depoimento seu. O que digo não se dirige à senhora.

— Despedida! Despedida! E logo por quem? — grita mademoiselle, furiosa. — Por sua excelência! Fique sabendo que pus em perigo minha reputação ficando com uma dama tão infame.

— Palavra de honra, a senhora me espanta! — diz o Sr. Bucket em tom de censura. — Pensei que os franceses fossem gente educada. No entanto, ouço uma mulher dizer coisas dessas diante do Baronete Sir Leicester Dedlock!

— Ele é um pobre enganado! — exclama mademoiselle. — Cuspo na casa dele, no seu nome, na sua imbecilidade — e vai cuspiendo no tapete como se este representasse todas aquelas coisas.

— Oh, que grande homem é ele! Oh! sim, soberbo é que é! Ó céus! Bolas!

— Pois bem, Sir. Leicester Dedlock — continua o Sr. Bucket —, essa desbocada estrangeira também se convenceu de que podia reivindicar direitos perante o finado Sr. Tulkinghorn por ter aparecido nos seus aposentos naquela ocasião de que lhe falei, apesar de ter sido liberalmente paga pelo tempo que ali perdeu e pelo seu trabalho.

— Mentira! — grita mademoiselle. — Recusei terminantemente o seu dinheiro.

(— Se a senhora fala, já sabe — diz-lhe o Sr. Bucket num aparte —, terá de sofrer as consequências.) Se ela se tornou minha inquilina, Sir Leicester Dedlock, com alguma deliberada intenção de praticar o que praticou e atirar-me poeira nos olhos, não sei dizer. Mas morou em minha casa, naquela qualidade, ao tempo em que andava rondando a casa do falecido Sr. Tulkinghorn, tendo em vista armar uma briga, perseguir e atemorizar um desgraçado papaleiro, levando-o quase ao suicídio.

— Mentira! — grita mademoiselle. — Tudo mentira!

— O assassinato foi cometido, Sir Leicester Dedlock, baronete, e o senhor sabe em que circunstâncias. Agora, peço-lhe que me preste toda a

atenção por um ou dois minutos. Mandaram-me chamar e confiaram-me o caso. Examinei o local, o corpo, os papéis, tudo. Em consequência das informações que obtive (de um escrevente da mesma casa) detive Jorge, por ter sido visto vagando por ali, naquela noite e quase na hora do crime; e também por o terem ouvido discutir com o finado em ocasiões anteriores, chegando mesmo a ameaçá-lo, segundo foi testemunhado. Se o senhor me perguntar, Sir Leicester Dedlock, se desde o começo acreditei que tivesse sido Jorge o assassino, confesso-lhe candidamente que não. Mas, sem embargo, poderia ter sido, e havia bastante coisa contra ele para justificar sua detenção, e por isso prendi-o. Agora, observe.

À medida que o Sr. Bucket se inclina para diante com alguma excitação (sendo o homem calmo que é) e inicia o que vai dizer com uma movimentação fantástica do seu indicador no ar, Mlle Hortense crava nele seus negros olhos, com um rosto sombrio e cerrando solidamente os lábios secos.

— Voltei para casa de noite, Sir Leicester Dedlock, baronete, e encontrei esta senhora ceando com minha mulher, a Sra. Bucket. Desde o começo dera extremas demonstrações de amizade à Sra. Bucket, quando se ofereceu como nossa inquilina. Mas naquela noite as demonstrações de amizade foram maiores do que nunca, foram até excessivas. Exagerou do mesmo modo suas demonstrações de respeito à memória do pranteado Sr. Tulkinghorn. Por tudo quanto é sagrado, enquanto me achava sentado diante dela à mesa e a vi com uma faca na mão, veio-me à mente, como num lampejo, a ideia de que era ela a autora do crime.

Mal se pode ouvir mademoiselle, gosmando entre os dentes as palavras: “Você é um demônio.”

— E onde estivera ela na noite do crime? — indaga, prosseguindo, o detetive.

Ela fora ao teatro. (Estivera realmente ali, como descobri depois, antes e depois do crime.) Percebi que tinha de lidar com um freguês astuto e que a prova haveria de ser muito difícil. Preparei-lhe uma armadilha — uma armadilha tal como nunca havia eu preparado antes e tão arriscada como nenhuma outra anterior. Elaborei-a no meu espírito enquanto conversava com ela à mesa na ceia. Quando subi para deitar-me, como minha casa é pequena e finos os ouvidos dessa mulher, fiz do lençol uma mordaca para minha mulher

a fim de prevenir qualquer palavra sua de surpresa, e contei-lhe tudo.

— Minha querida, não pense nisso de novo, do contrário ver-me-ei forçado a amarrar-lhe os pés nos tornozelos.

Interrompendo-se, o Sr. Bucket havia-se aproximado sem ruído de Mlle Hortense e pusera sua pesada mão sobre o ombro dela.

— Que é que lhe deu agora? — pergunta-lhe esta.

— Não pense mais — responde o Sr. Bucket, com o dedo em riste — em atirar-se da janela. Foi o que me deu agora. Vamos! Pegue no meu braço. Não precisa levantar-se. Sentar-me-ei a seu lado. Pegue no meu braço, sim? Sou um homem casado, como a senhora sabe. A senhora conhece minha mulher. Pegue, pois, no meu braço.

Tentando em vão umedecer aqueles beijos secos e emitindo um som penoso, luta consigo mesma e acaba satisfazendo a ordem do Sr. Bucket.

— Agora está tudo bem novamente. Sir Leicester Dedlock, baronete, nunca este caso poderia ter sido o caso que é, se não fosse a Sra. Bucket, que é uma mulher entre cinquenta mil... entre cento e cinquenta mil! Para apanhar desprevenida essa jovem senhora, depois daquele caso de morte não pus mais os pés em casa, conquanto, sempre que era necessário, me avistasse com minha mulher na padaria e na leiteria. As palavras que sussurrei à Sra. Bucket, enquanto esta tinha a boca atafalhada com o lençol, foram: “Minha querida, poderá você fazer que ela a si própria se denuncie falando-lhe repetidas vezes nas suspeitas, etc...etc. que nutro contra o Jorge? Poderá você fazer isso sem descanso, e vigiá-lo noite e dia? Poderá você propor-se dizer: “Ela nada fará sem que eu saiba, será minha prisioneira sem suspeitá-lo, não escapará de mim como não escapa da morte, e sua vida será minha vida, e sua alma minha alma, até que eu a colha, se foi ela que cometeu o crime?” A Sra. Bucket me disse o melhor que pôde, com aquele lençol na boca: “Bucket, eu posso!” E fez às mil maravilhas o que disse: — Mentira! — comenta mademoiselle. — Tudo mentira, meu amigo!

— Sir Leicester Dedlock, baronete, como deram certos os meus cálculos! Quando calculei que esta jovem haveria de exceder-se em novas direções, tinha eu ou não tinha razão? Tinha razão. Que tentou ela fazer? Não vá alterar-se, senhor! Quis lançar a culpa do crime sobre Lady Dedlock.

Sir Leicester levanta-se de sua cadeira e, vacilante, deixa-se cair nela de

novo.

— E ela tomou coragem para fazer isso quando soube que eu estava sempre aqui, o que eu fazia de propósito. Pois bem, abra esta minha carteira, Sir Leicester Dedlock, se posso tomar a liberdade de jogá-la para o senhor, e olhe as cartas a mim enviadas, cada uma com as duas palavras: LADY DEDLOCK. Abra uma que foi dirigida ao senhor mesmo, e que interceptei hoje de manhã, e leia nela as três palavras: LADY DEDLOCK, ASSASSINA. Essas cartas têm caído por aí como uma chuva de joaninhas. Que dirá agora o senhor a respeito da Sra. Bucket, que do seu esconderijo viu que eram todas escritas por essa mulher? Que dirá da Sra. Bucket, que, há meia hora, se apossou da tinta correspondente e do papel que combina com o enviado? Que dirá da Sra. Bucket que viu cada uma dessas cartas ser posta no correio por esta senhora, Sir Leicester Dedlock, baronete? — pergunta o Sr. Bucket, triunfante na sua admiração pelo gênio de sua mulher.

Duas coisas especialmente podem ser notadas à medida que o Sr. Bucket chega ao termo de suas conclusões. Primeiro, que ele parece imperceptivelmente estabelecer um terrível direito de propriedade sobre mademoiselle. Segundo, que a própria atmosfera que ela respira parece estreitar-se e contrair-se em redor dela, como se alguém se estivesse aproximando cada vez mais dela para envolvê-la numa rede fechada ou numa mortalha.

— Não há dúvida que sua excelência se achava no local quando se deu o crime — diz o Sr. Bucket —; e aqui a minha amiga estrangeira a viu, creio eu, do alto da escada. Sua excelência, Jorge e minha amiga estrangeira andaram bem rente uns dos outros. Mas isso não tem mais significação nenhuma, de modo que não entrarei nesse detalhe. Encontrei a bucha da pistola com que foi alvejado o Sr. Tulkinghorn. Era um pedaço da descrição impressa da casa de vossa excelência em Chesney Wold. Que há de mais nisso, dirá vossa excelência, Sir Leicester Dedlock, baronete. Parece que não há, mas quando a minha amiga estrangeira aqui presente se descuidou suficientemente a ponto de pensar que poderia sem perigo rasgar o resto daquela folha, e quando a Sra. Bucket junta os pedaços e encontra a bucha que faltava, alguém começa, como diz o outro, a ficar no mato sem cachorro.

— Chapada mentira tudo isso — diz mademoiselle. — Você palra demais. Será que acabou, ou não pretende parar mais?

— Sir Leicester Dedlock, baronete — continua o Sr. Bucket, que acha delicioso pronunciar o título inteiro e faz violência a si mesmo quando dispensa qualquer fragmento dele —, o último ponto do caso que agora vou mencionar mostra a necessidade de paciência no nosso negócio e de nunca fazer uma coisa às pressas. Estive observando ontem esta moça, sem que ela o percebesse, quando ela assistia ao funeral, em companhia de minha mulher, que planejou levá-la até lá; e eu sabia de tanta coisa que a indigitava como criminosa, vi uma tal expressão em seu rosto, meu espírito se revoltou tanto contra a malícia dela para com sua excelência e a ocasião já havia inteiramente chegado de atrair sobre ela o merecido castigo, que, se eu fosse mais jovem e menos experiente, tê-la-ia, por certo, detido. Igualmente, na noite passada, quando sua excelência, que é tão admirada por todos, voltou para casa, parecendo — vamos dizê-lo — uma outra Vênus saindo das ondas, era tão desagradável e tão absurdo pensar em que ela poderia ser acusada de um crime de que estava inocente, que senti quase necessidade de liquidar o caso. Mas que teria eu perdido? Sir Leicester Dedlock, baronete, eu teria perdido a arma. Depois que o enterro se foi, esta minha prisioneira propôs à Sra. Bucket irem de ônibus fazer uma excursãozinha ao campo e tomar chá numa honesta casa de diversões. Ora, perto daquela casa de diversões há uma pequena lagoa. Ao chá, minha prisioneira levantou-se para ir buscar seu lenço no quarto onde haviam ficado os chapéus. Demorou-se bastante e voltou um pouco esbaforida. Logo que voltaram para casa, isso me foi comunicado pela Sra. Bucket, juntamente com suas observações e suspeitas. Mandeí dragar a lagoa ao luar, na presença de dois dos nossos homens, e a pistola de bolso foi retirada dali antes de haverem decorrido seis horas que lá estava. Agora, minha cara, passe o seu braço um pouco mais através do meu e segure-o com firmeza, que não lhe farei mal algum.

E num instante o Sr. Bucket fez estalar uma algema no pulso dela.

— Esta é uma — diz o Sr. Bucket. — Agora a outra, belezinha. Pronto! Já estão as duas.

O detetive levanta-se. Ela também.

— Onde — pergunta-lhe ela, ensombrando seus grandes olhos até quase os ocultarem suas pálpebras caídas —, onde está sua falsa, sua traiçoeira, sua maldita mulher?

— Antecipou-se a você na Delegacia de Polícia — responde o Sr.

Bucket. — Lá a verá você, minha querida.

— Gostaria de beijá-la! — exclama Mlle Hortense, ofegante como uma leoa.

— Desconfio que você a morderia — diz o Sr. Bucket.

— Era o que eu havia de fazer! — declara ela, esbugalhando bem os olhos. — Gostaria de picá-la em pedacinhos.

— Benza-a Deus e não a lamba o gato — diz o Sr. Bucket, com o maior sossego — estou plenamente preparado para ouvir isso. Vocês, mulheres, têm uma espantosa animosidade umas contra as outras quando discordam. Contra mim nem a metade disso você sente, não é?

— É. Apesar de você ser ainda assim um demônio.

— Anjo e demônio, alternadamente, hem? — nota o Sr. Bucket. — Mas você deve considerar que me encontro no exercício das minhas funções. Permita-me que eu componha o seu xale. Já servi antes de criada a muita senhora. Falta alguma coisa ao chapéu? Há um carro à porta.

Mlle Hortense, lançando um olhar indignado ao espelho, num só puxão arruma-se com garridice, e, justiça seja feita, não fica nada feia.

— Escute cá, meu anjo — diz ela, depois de fazer vários trejeitos sarcásticos. — Você é muito habilidoso. Mas será capaz de fazê-lo voltar à vida?

O Sr. Bucket responde:

— Para ser exato, não.

— É engraçado. Escute mais. Você é muito habilidoso. É capaz de torná-la uma senhora respeitável?

— Não seja tão maliciosa — diz o Sr. Bucket.

— Ou fazer dele um cavaleiro altaneiro? — grita mademoiselle, referindo-se a Sir Leicester com inefável desdém. — Ih! Olhe para ele! Para o coitadinho do infante! Ah! ah! ah!

— Vamos, vamos. Essa sua parlenda é pior que a outra — diz o Sr. Bucket. — Vamo-nos embora!

— Não pode fazer essas coisas, não é? Então pode dispor de mim como

quiser. Apenas a morte. E ela me é indiferente. Vamos, meu anjo. Adeus, velhote. Tenho pena do senhor e desprezo-o!

Com estas últimas palavras, cerra os dentes num estalido, como se sua boca se fechasse com uma mola. É impossível descrever como o Sr. Bucket a leva para fora, mas ele realiza essa proeza duma maneira toda sua, cercanda-a e envolvendo-a como uma nuvem, e transportando-a como se fosse um Júpiter doméstico e ela o objeto de seus amores.

Deixado só, Sir Leicester permanece na mesma atitude, como se estivesse ainda ouvindo, como se sua atenção ainda estivesse ocupada. Por fim gira o olhar pela sala vazia e, vendo-a deserta, levanta-se, cambaleante, empurra para trás sua cadeira e dá alguns passos, apoiando-se na mesa. Depois para e, emitindo mais alguns daqueles sons inarticulados, ergue os olhos e parece fitar alguma coisa.

Sabe Deus o que ele vê. Os verdes bosques de Chesney Wold, o nobre solar, os retratos de seus antepassados, estranhos encarando-o, agentes de polícia tratando com descaso as suas mais preciosas joias de família, milhares de dedos apontando para ele, milhares de semblantes escarnecendo dele. Mas, se tais sombras passam voando diante dele, desnorteando-o, há uma outra sombra à qual ele ainda agora pode dar uma designação bem distinta, à qual vai dirigido aquele seu carpir de cãs, para a qual se estendem os seus braços impotentes.

É ela a respeito de quem nunca teve um pensamento egoístico, apesar de ter sido ela durante anos uma vigorosa fibra da raiz da sua dignidade e do seu orgulho. É ela a quem tem amado, admirado, honrado e apresentado ao respeito do mundo. É ela que, no âmago de todas as formalidades e convencionalismos constrangedores de sua vida, tem sido para ele um manancial de ternura viva e de amor, suscetível como ninguém mais de ser atingida pela agonia que ele sente. Ele a vê, quase com exclusão de si mesmo, e não pode suportar vê-la derrubada do elevado pedestal que ela tão bem adornava.

E, ainda à custa de ter ele de sumir-se no chão, esquecido de seu sofrimento, pode ainda pronunciar o nome dela bem distintamente, de envolta com aqueles sons importunos, e num tom de lamento e compaixão mais que de censura.

FUGA

O inspetor Bucket do Corpo de Detetives ainda não descarregou o seu grande golpe, tal como acaba de ser narrado, mas ainda está repousando num sono preparatório ao seu dia de luta, quando, através da noite e ao longo das geladas estradas de inverno, uma carruagem de dois cavalos sai de Lincolnshire, dirigindo-se para Londres.

Estradas de ferro dentro em breve atravessarão toda esta região, e com um estrondo e um clarão a locomotiva e o trem vararão como um meteoro a vasta paisagem noturna, tornando a lua ainda mais pálida. Mas até agora tais coisas não existem nestas partes, conquanto não sejam de todo inesperadas. Preparativos estão em andamento, medidas foram tomadas, o terreno está todo demarcado. Pontes foram começadas, e seus pilares ainda não unidos olham desoladamente uns para os outros, por cima de estradas e rios, como casais de tijolo e argamassa impedidos de se unirem. Fragmentos de diques são erguidos e deixados como precipícios, com torrentes de carretas enferrujadas e carrinhos de mão caindo sobre eles. Tripeças de elevados postes aparecem no alto das colinas, onde há começos de túneis. Tudo parece caótico e irremediavelmente abandonado. Ao longo das estradas geladas e através da noite, a carruagem de posta rompe seu caminho sem pensar em estrada de ferro.

A Sra. Rouncewell, durante tantos anos governanta em Chesney Wold, está sentada dentro da carruagem, e tem a seu lado a Sra. Bagnet, com sua capa cinzenta e seu guarda-sol. Esta preferiria o banquinho da frente, por estar mais exposto ao tempo e por ser uma primitiva espécie de poleiro mais de acordo com sua habitual maneira de viajar. Mas a Sra. Rouncewell se preocupa demais com o conforto da outra para admitir tal proposta. A velha não se cansa de demonstrar carinho à Sra. Bagnet. Conserva-se sentada, com sua maneira majestosa, segurando a mão da companheira e, sem se importar com sua aspereza, leva-a muitas vezes aos lábios.

— Você é mãe, minha querida — diz ela muitas vezes —, e descobriu a mãe do meu Jorge!

— Jorge — explica a Sra. Bagnet — sempre teve muita liberdade comigo, minha senhora. E quando disse em nossa casa ao meu Woolwich que, de todas as coisas em que ele podia pensar quando fosse homem, a mais confortadora seria que nunca havia cavado uma ruga de dor no rosto de sua mãe, nem nunca havia contribuído para embranquecer um cabelo da sua cabeça, então tive a certeza, pelo seu jeito, de que alguma coisa recente lhe recordara sua mãe. Em outros tempos ouvi muitas vezes Jorge dizer que procedera mal com ela.

— Nunca, minha querida! — retruca a Sra. Rouncewell, desatando a chorar. — Deus o abençoe, que nunca houve isso! O meu Jorge sempre gostou muito de mim, sempre me quis muito! Mas tinha um espírito arrojado e tornou-se um pouco estouvado, acabando por abraçar a vida militar. E sei que a princípio esperou, deixando-nos sem notícias, até que fosse promovido a oficial. Como isso não aconteceu, sei que deu em considerar-se inferior a nós, não querendo ser um desdouro para a família. Pois o meu Jorge tinha um coração generoso, sempre desde criança!

Suas mãos se agitam, enquanto evoca, toda trêmula, que rapaz agradável, belo, alegre, bem-humorado, inteligente era o seu Jorge! Como todos em Chesney Wold se afeiçoaram a ele; como Sir Leicester tinha simpatia por ele quando Jorge era um jovem cavalheiro; como os cães gostavam dele; como até mesmo as pessoas que tinham brigado com ele lhe perdoaram no momento em que o pobre rapaz partiu. E agora afinal ir vê-lo, mas numa prisão! E o largo justilho arfa, e aquela estranha e tesa figura de outros tempos verga sob o peso da amorosa aflição.

A Sra. Bagnet, com a instintiva habilidade de um coração cálido de afeto, deixa a velha governanta entregue por um instante às suas emoções — não sem passar ela própria as costas da mão pelos seus olhos maternais — e logo começa a tagarelar na sua maneira jovial:

— De modo que eu disse a Jorge, quando fui chamá-lo para tomar chá (ele dera a desculpa de ir fumar seu cachimbo lá fora): “Que é que o aflige esta tarde, pelo amor de Deus? Tenho-o visto de todo o jeito, muitas vezes, a tempo ou fora de tempo, no estrangeiro, e no país, mas nunca o vi com essa cara de penitente melancólico.” “Sra. Bagnet”, diz Jorge meneando a cabeça,

“a senhora me vê assim, porque esta tarde estou triste e arrependido.” “Que fez você, meu velho?”, perguntei. “Ora, Sra. Bagnet”, diz Jorge, sacudindo a cabeça, “o que fiz foi feito há muito tempo, e é melhor não tentar desfazê-lo agora. Se algum dia eu for para o céu, não será por ter sido um bom filho de uma mãe viúva. Não digo mais nada.” Ora, minha senhora, quando Jorge me disse que era melhor não tentar desfazer agora o que fora feito há muito, pensei cá umas coisas que já pensara muitas vezes antes, e arranquei de Jorge a razão da sua tristeza naquela tarde. Jorge então me contou que vira por acaso, no gabinete do advogado, uma bonita velha que lhe trouxera à memória sua mãe, e não cessava de falar naquela senhora, a ponto de esquecer-se de si mesmo e de descrever o seu retrato como fora muitos anos atrás. Logo que ele acabou de falar, perguntei a Jorge quem era a tal senhora que ele vira. E Jorge respondeu que era a Sra. Rouncewell, governanta há mais de meio século da família Dedlock em Chesney Wold, no Lincolnshire. Jorge já me tinha dito várias vezes antes que era de Lincolnshire, e eu disse ao meu velho Lignum naquela noite: “Lignum, sou capaz de apostar que essa é a mãe dele!”

Tudo isso a Sra. Bagnet relata agora pela vigésima vez pelo menos, dentro das últimas quatro horas, trinando-o, como uma espécie de pássaro, num tom bem elevado, que a velha ouve facilmente, apesar do barulho das rodas.

— Obrigado, abençoada seja você — diz a Sra. Rouncewell. — Obrigada, abençoada seja você, digna criatura!

— Minha querida! — exclama a Sra. Bagnet, com seu modo mais natural. — Não mereço agradecimentos, estou certa. Agradeço à senhora, que se mostra tão pronta em agradecer. E não se esqueça mais uma vez, minha senhora, que o melhor que tem a fazer, depois que descobriu que Jorge é o seu filho, é, por causa da senhora mesma, proporcionar-lhe toda a espécie de auxílio para que ele se justifique e isente de uma acusação de que é tão inocente como a senhora ou eu. Não basta ter a justiça e a verdade a seu lado; ele deve ter a lei e os advogados — exclama a Sra. Bagnet, aparentemente persuadida de que estes últimos formam uma instituição separada, e dissolveram sua sociedade com a verdade e a justiça para todo o sempre.

— Jorge terá — diz a Sra. Rouncewell — todo o auxílio que eu puder obter para ele no mundo, minha querida. Gastarei de bom grado tudo quanto

posso para obter esse auxílio. Sir Leicester fará o possível. Toda a família fará o possível. Eu... eu sei alguma coisa, minha querida, e farei meu apelo, como mãe sua, afastada dele todos estes anos e descobrindo-o afinal numa prisão.

A extrema inquietação da velha governanta ao dizer isso, suas palavras entrecortadas, seu torcer de mãos causam poderosa impressão na Sra. Bagnet e a teriam espantado se ela não relacionasse tudo aquilo com a tristeza da velha pela situação do filho. E contudo a Sra. Bagnet não deixa de admirar-se ouvindo a Sra. Rouncewell murmurar muito perturbada e repetidas vezes: — Minha Lady, minha Lady, minha Lady!

A noite gelada esvai-se e rompe a aurora. A carruagem de posta prossegue rodando através do nevoeiro matinal, como o fantasma dum carro desaparecido. Não lhe faltam companheiros espectrais nas sombras de árvores e sebes, sumindo-se lentamente e dando lugar às realidades do dia. Chegando a Londres, as viajantes se apeiam; a velha governanta grandemente atribulada e confusa, a Sra. Bagnet inteiramente fresca e calma, como estaria se o seu próximo ponto de chegada, sem nenhuma nova bagagem, fosse o Cabo da Boa Esperança, a ilha da Ascensão, Hong Kong, ou qualquer posto militar.

Mas, quando se dirigiram para o cárcere onde se achava o cavalariano, já a velha senhora, no seu vestido cor de alface, conseguira repor-se naquela calma sisuda, sua habitual companheira. Ela se assemelha a uma peça de porcelana antiga, maravilhosamente grave e bela, ainda que seu coração bata apressado e seu corpete arfe mais do que a recordação daquele filho caprichoso o tem feito arfar nos muitos anos decorridos.

Ao aproximarem-se da cela, encontram a porta a abrir-se e um guarda no ato de sair. A Sra. Bagnet prontamente lhe faz um sinal para que nada diga. Concordando, com um gesto de cabeça, deixa-as entrar enquanto fecha a porta.

De modo que Jorge, que está escrevendo à sua mesa, supondo-se só, não levanta os olhos, mas continua absorto. A velha governanta olha para ele e aquelas mãos trêmulas dela são mais que suficientes para confirmar o que a Sra. Bagnet pensava, ainda que ela pudesse ver mãe e filho juntos, sabendo o que sabe, e duvidasse de seu parentesco.

Nem um ruído do vestido da governanta, nem um gesto, nem uma palavra a atraiçoa. Mantém-se de pé a olhá-lo enquanto ele escreve,

completamente inconsciente do que se passa, e somente as mãos trêmulas da velha dama traduzem sua emoção. Mas são eloquentes, muito eloquentes. A Sra. Bagnet as compreende. Falam de gratidão, de alegria, de pesar, de esperança, de afeto inextinguível, acarinhado sem retribuição desde que aquele robusto homem era um adolescente, de um filho melhor que é menos amado e daquele filho amado com tanta ternura e com tamanho orgulho, e falam numa linguagem tão tocante que os olhos da Sra. Bagnet se enchem de lágrimas, que descem cintilantes pelo seu rosto queimado de sol.

— Jorge Rouncewell! Ó meu querido filho, volte-se e olhe para mim!

O cavalariano ergue-se sobressaltado, atira-se ao pescoço de sua mãe e cai de joelhos diante dela. Quer sentisse um tardio arrependimento, quer à primeira associação de ideias aquilo lhe tivesse voltado, o fato é que junta as mãos como faz uma criança quando reza suas orações, e, levantando-as na direção do peito materno, curva a cabeça e chora.

— Meu Jorge! Meu querido filho! Meu predileto sempre e meu predileto ainda, por onde andou você durante todos estes anos cruéis? E que homenzarrão belo e robusto! Tornou-se tão desenvolvido como eu sabia que haveria de desenvolver-se se a Deus aprouvesse conservá-lo vivo!

Por algum tempo as perguntas dela e as respostas dele não têm nexos. Durante todo esse tempo a Sra. Bagnet, de costas, apoia um braço na parede caiada, encosta a ela sua fronte honesta, enxuga os olhos com sua prestimosa capa cinzenta e se rejubila como a criatura de ouro que ela é.

— Mãe — diz o cavalariano, depois que se acalmaram um pouco —, primeiro perdoe-me, pois sei quanto preciso de seu perdão.

Perdoar-lhe! Ela o faz de todo o seu coração e de toda a sua alma. Sempre o fez. Conta-lhe como fez escrever há muitos anos, no seu testamento, que ele continuava sendo o seu dileto filho Jorge. Nunca acreditou em nenhum mal que ele houvesse praticado, nunca. Se ela tivesse morrido sem essa felicidade (e agora está muito velha e não pode esperar viver muito tempo), tê-lo-ia abençoado no seu último suspiro, se estivesse em si, como a seu dileto filho Jorge.

— Mãe, fui um terrível transtorno para a senhora, e tive minha paga; mas nos últimos anos tem havido em mim um como lampejo de bom propósito. Quando saí de casa, não me importei muito, mamãe (creio mesmo que me

importei muito pouco), de partir. Saí para o mundo e me alistei, estouvadamente, fingindo pensar que não se me dava de ninguém e que ninguém se importava comigo.

O cavalariano limpou os olhos e guardou o lenço; mas há um extraordinário contraste entre sua maneira habitual de exprimir-se e portar-se e o tom macio em que fala, interrompido de vez em quando por um soluço meio abafado.

— De modo que escrevi umas linhas para casa, mamãe, como a senhora bem sabe, para dizer que me havia alistado com outro nome e que ia para o estrangeiro. Uma vez no estrangeiro, pensei uma vez que deveria escrever para casa no ano seguinte, quando estivesse em melhor situação; e quando aquele ano passou, pensei que poderia escrever no ano seguinte, quando estivesse em melhor situação; e quando esse outro ano passou, talvez já não pensei mais tanto naquilo. E assim por diante, de ano para ano, tendo servido um decênio, até que comecei a ter mais idade e perguntei a mim mesmo por que haveria eu de escrever.

— Não quero culpá-lo, filho... mas nem uma palavra para tranquilizar meu espírito, Jorge? Nem uma palavra para sua mãe, que tanto o amava e que estava também ela envelhecendo?

Isso quase que transtorna o cavalariano de novo; mas consegue dominar-se limpando a garganta de uma maneira forte, rude e sonora.

— Deus me perdoe, mamãe, mas pensei que haveria pouco consolo então em ouvir notícias minhas. A senhora vivia aqui, respeitada e estimada. Aqui vivia meu irmão, como li por acaso em jornais do Norte, a caminho de se tornar próspero e famoso. E eu? Eu não passava de um dragão, errante, sem pouso, não filho das minhas obras como ele, mas da minha nulidade, com todas as minhas anteriores vantagens perdidas, com todo o meu pequeno saber desaprendido, nada tendo adquirido senão o que me incapacitava para a maior parte das coisas que me vinham à cabeça. Que lucrava eu em dar-me a conhecer? Depois de ter deixado passar todo aquele tempo, que bem poderia advir daí? O pior já a senhora havia passado. Por esse tempo (já sendo um homem) eu sabia quanto a senhora tinha sofrido por minha causa, chorado por mim e rezado por mim; e a dor passara ou havia diminuído, e era preferível continuar a senhora com a recordação que de mim guardava.

A velha senhora sacode tristemente a cabeça, e, pegando uma das fortes

mãos do filho, a põe amorosamente sobre o ombro dela.

— Não, não digo que era assim, mas que eu fiz tudo para que assim fosse. Não disse eu há pouco que não sabia qual o bem que daí poderia advir? Pois bem, minha querida mãe, algum bem poderia advir daí para mim... e havia a baixeza de tudo isso. A senhora me teria procurado; teria tratado da minha baixa do exército; ter-me-ia levado para Chesney Wold; ter-me-ia reunido com meu irmão e com a família de meu irmão; todos vocês teriam pensado seriamente em fazer alguma coisa por mim, e em estabelecer-me como um civil respeitável. Mas como poderia qualquer de vocês ter confiança em mim, quando eu mesmo não poderia ter confiança em mim? Como poderiam deixar de encarar como um estorvo e um descrédito para vocês um ocioso rapazinho do corpo de dragões que, a não ser quando estava sujeito à disciplina, era um estorvo e um descrédito para si mesmo? Como poderia olhar de frente para os filhos de meu irmão e pretender servir-lhes de exemplo, eu, o vagabundo que fugira de casa e fora o desgosto e a infelicidade da vida de minha mãe? “Não, Jorge”, tais eram as minhas palavras, mamãe, quando eu revia tudo isso em espírito, “você fez sua cama, agora deite-se nela.”

A Sra. Rouncewell, endireitando sua majestosa figura, abana a cabeça para a Sra. Bagnet com crescente orgulho como para dizer-lhe: “Não lhe disse eu?” A Sra. Bagnet alivia seus sentimentos e demonstra seu interesse pela conversa dando nos ombros do cavalariano uma boa pancada com seu guarda-sol. Repete depois esta ação, a intervalos, com uma espécie de afetuosa mania, nunca deixando, depois de dar cada um desses sinais de interesse, de recorrer à parede caiada e à capa cinzenta.

— Foi esse o resultado a que cheguei, mamãe, isto é, que minha melhor reparação seria continuar deitado na cama que fizera e nela morrer. E o teria feito (conquanto tenha ido vê-la mais de uma vez em Chesney Wold, quando a senhora nem em mim pensava), não fosse aqui a mulher do meu velho camarada, que tanto já tem feito por mim. Mas agradeço-lhe isso. Agradeço-lhe, Sra. Bagnet, com todas as minhas forças e de todo o meu coração.

A isso responde a Sra. Bagnet com duas guarda-chuvadas.

E agora a velha senhora insiste com o seu Jorge, o seu querido filho agora recuperado, sua alegria e seu orgulho, a luz de seus olhos, o feliz termo de sua vida, e todos os nomes afetuosos de que pode lembrar-se, para que se

oriente de acordo com os melhores conselheiros que seja possível conseguir pelo dinheiro e pela influência; para que confie seu caso aos maiores advogados que puder contratar; para que proceda, nessa séria conjuntura, como o aconselharem a proceder; que não seja obstinado, por direito que lhe pareça andar, mas pense apenas na ansiedade e no sofrimento de sua pobre e velha mãe, até ser posto em liberdade, do contrário lhe partirá o coração.

— Minha mãe, não me custa consentir nisso — responde o cavalariano, fazendo-a parar com um beijo. — Diga-me o que deverei fazer e prometo que farei um tardio esforço. Sra. Bagnet, sei que a senhora cuidará de minha mãe, não é?

Mais uma forte guarda-chuvada da Sra. Bagnet.

— Se você a puser em ligação com o Sr. Jarndyce e com Miss Summerson, ela verá que o seu modo de pensar coincide com o deles, e eles lhe darão os melhores conselhos e auxílios.

— E temos que mandar chamar seu irmão a toda a pressa, Jorge — diz a velha. — Ele é um homem sensato e sério, como me dizem, no mundo que fica fora de Chesney Wold, meu querido, posto que eu mesma não saiba muita coisa a seu respeito, e poderá prestar-nos grandes serviços.

— Mamãe — volve o cavalariano —, não será demasiado cedo para pedir-lhe um favor?

— Decerto que não, meu querido.

— Então conceda-me esse grande favor. Não diga nada a meu irmão.

— Nada como, meu querido? Nada a meu respeito. É que, mamãe, não posso suportar isso; não posso adaptar minha mente a essa ideia. Tem-se ele mostrado tão diferente de mim, fez tanto para erguer-se enquanto estive na caserna, que eu não poderia tolerar que ele me visse neste lugar e acusado de tal crime. Como poderia eu esperar que um homem como ele viesse a sentir qualquer prazer com semelhante descoberta? É impossível. Não, mamãe, conserve esse segredo oculto de meu irmão. Faça-me essa bondade, conquanto eu não a mereça, de conservar oculto esse segredo para meu irmão, mais do que para qualquer outra pessoa.

— Mas não sempre, não, meu querido Jorge?

— Bem, mamãe talvez não — embora eu possa a vir pedir-lhe isso

também —, mas guarde o segredo agora, rogo-lhe. Se algum dia tiver de chegar ao conhecimento dele que o seu irmão sumido reapareceu, eu desejaria — diz o cavalariano, meneando a cabeça em ar de dúvida — que eu mesmo lhe fosse dizer isso; e nesse caso me orientaria, quer para avançar, quer para retirar-me, pelo modo por que ele recebesse a minha revelação.

Como evidentemente tem ele sobre o caso opinião firmada, e a profundidade dela se reconhece no rosto da Sra. Bagnet, sua mãe concede implicitamente aprovação ao seu pedido. E ele lho agradece sinceramente.

— A todos os outros respeitos, minha querida mãe, mostrar-me-ei tão tratável e obediente quanto a senhora desejar. Mas só quanto a este assunto, mantenha o que disse. De modo que estou pronto até mesmo a aceitar advogados. Estive redigindo — e lança um olhar para o que estivera escrevendo na mesa — um relatório exato do que sabia do falecido e de como vim a ver-me envolvido neste infeliz negócio. Está redigido com toda a simplicidade e exatidão, como um livro de ordenanças militares; não contém ele nem uma palavra que não seja exigida pelos fatos. Tenciono lê-lo de fio a pavio quando for chamado a dizer alguma coisa em minha defesa. Espero poder ainda fazê-lo; mas neste caso não tenho mais vontade própria, e seja lá o que se diga ou faça, prometo não ter nenhuma.

Tendo o assunto chegado a um ponto até então satisfatório, e estando o tempo a findar, propõe a Sra. Bagnet que se retirem. De novo pendura-se a velha ao pescoço do filho, e novamente o cavalariano a aperta de encontro ao largo peito.

— Para onde vai levar minha mãe, Sra. Bagnet?

— Meu querido, eu vou para a casa que a família Dedlock tem na cidade. Tenho negócios lá que devem ser tratados imediatamente — responde a Sra. Rouncewell.

— Quer ter a bondade de levar minha mãe até lá de carro, Sra. Bagnet? Mas sem dúvida que a senhora a leva. Por que havia eu de perguntar tal coisa?

Com o guarda-sol a Sra. Bagnet exprime por quê.

— Leve-a, minha velha amiga, e leve com você minha gratidão. Beijos em Quebec e Malta, minha bênção ao afilhado, um cordial aperto de mão em Lignum e isto para você, que eu desejaria valesse dez mil em libras em ouro,

minha querida!

Assim dizendo, o cavalarião beija a fronte queimada de sol da Sra. Bagnet, e a porta se fecha atrás dele em sua cela.

Nenhuns rogos da parte da boa governanta induzirão a Sra. Bagnet a reter o carro para transportá-la até sua casa. Saltando alegremente diante da porta do solar dos Dedlocks, e ajudando a Sra. Rouncewell a subir a escada, a Sra. Bagnet aperta-lhe a mão e põe-se a caminho, chegando pouco depois ao seio da família Bagnet, pondo-se logo a lavar as verduras, como se nada houvesse acontecido.

Lady Dedlock acha-se naquela sala na qual teve sua última conversa com o assassinado, e está sentada no mesmo lugar em que se sentara naquela noite, olhando para o ponto onde o homem estivera de pé, junto à lareira, estudando a dama tão de seu vagar, quando ouve bater. Quem é? A Sra. Rouncewell. Que foi que trouxe a Sra. Rouncewell à cidade tão inesperadamente?

— Uma desgraça, minha senhora. Uma triste desgraça. Oh! minha senhora, poderá ouvir-me por alguns instantes?

Que nova ocorrência houve que faz a sossegada velha tremer daquela forma? Bem mais feliz do que ela, como ela própria muitas vezes pensou, por que treme a velha daquela maneira e olha para a nobre dama com tão estranha desconfiança?

— Que há? Sente-se e tome fôlego.

— Oh! minha senhora! minha senhora! Encontrei meu filho... meu filho mais moço, que havia partido há tanto tempo para ser soldado. E ele se acha na prisão.

— Por dívidas?

— Oh! não, minha senhora. Eu teria pago qualquer dívida e com alegria.

— Por que então se encontra preso?

— Acusado de morte, minha senhora, da qual é tão inocente como... como eu. Acusado da morte do Sr. Tulkinghorn.

Que significa ela com esse olhar e esse gesto implorativo? Por que se aproxima tanto? Que carta é essa que tem na mão?

— Lady Dedlock, minha querida senhora, minha boa senhora, minha

amável senhora! A senhora deve ter um coração para se condoer de mim, deve ter um coração para perdoar-me. Eu já me achava nesta família antes que a senhora nascesse. Sou devotada a ela. Mas pense no meu querido filho injustamente acusado.

— Eu não o acuso.

— Não, minha senhora, não. Mas outros o acusam, e ele se acha na prisão e corre perigo. Oh! Lady Dedlock, se a senhora puder dizer uma palavra ao menos para ajudar a absolvê-lo, diga-a!

Que engano poderá ser esse? Que poder supõe ela existir na pessoa a quem roga, para afastar aquela injusta suspeita, se é que é injusta? Os belos olhos de Lady Dedlock fitam-na com espanto, quase com medo.

— Minha senhora, saí de Chesney Wold a noite passada, velha como estou, para encontrar meu filho, e o tropel de passos no Passeio do Fantasma era tão contínuo e tão solene que eu nunca o ouvi assim em todos estes anos. Cada noite, logo depois que escurece, o som tem ecoado através das salas, mas na última noite foi terribilíssimo. E na noite passada, minha senhora, recebi esta carta.

— Que carta é essa?

— Silêncio, minha senhora! — A governanta olha em redor e responde num murmúrio apavorado: — Minha senhora, não balbuciei sequer uma palavra dela, não acredito no que nela está escrito, sei que isso não pode ser verdade, estou plenamente certa de que não é verdade. Mas meu filho está em perigo, e a senhora deve ter um coração compassivo. Se a senhora sabe de alguma coisa que não seja conhecida de outros, se a senhora tem qualquer suspeita, se tem afinal algum indício e alguma razão para mantê-lo oculto no seu íntimo, oh! minha querida senhora, pense em mim, domine essa razão e torne-a conhecida! Isso é o máximo que considero possível. Sei que a senhora não é uma mulher de coração duro, mas sempre segue seu caminho sem auxílio e não tem familiaridade com seus amigos. E todos quantos a admiram (e todos a admiram) como uma dama bela e elegante bem sabem que a senhora se conserva distante de todos, e que não é fácil uma aproximação. Lady Dedlock, a senhora pode ter algum orgulho ou motivo de raiva para desdenhar exprimir alguma coisa que sabe. Se é assim, rogo-lhe que pense numa criada fiel, cuja vida inteira se tem escoado nesta família, que ela tão entranhadamente ama, e se compadeça e ajude a absolver meu filho! Minha

senhora, minha boa senhora —suplica a velha governanta com verdadeira simplicidade —, vivo tão humilde no meu lugar e a senhora está por natureza tão alta e tão distante que não pode pensar no dó que me causa o meu filho. Mas compadeço-me tanto dele que vim até aqui, tendo a coragem de pedir-lhe, de rogar-lhe que não nos despreze, se puder fazer-nos justiça numa ocasião tão terrível!

Lady Dedlock a levanta sem dizer uma palavra, até que lhe toma a carta da mão.

— Tenho de ler isto?

— Quando eu me for, minha senhora, por favor, tendo então presente o máximo que eu considero possível.

— Não sei de nada que possa fazer. Não sei de nada que conserve oculto e que possa afetar seu filho. Eu nunca o acusei.

— A senhora poderá apiedar-se dele ainda mais, agora que ele está sob o peso de uma falsa acusação, depois que tiver lido a carta.

A velha governanta deixou-a com a carta na mão. Na verdade, ela não é naturalmente uma mulher de coração duro, e tempo houve em que a vista da venerável figura a suplicar-lhe com tão intenso fervor a teria movido a sentir grande compaixão. Mas há tanto tempo acostumada a reprimir emoções e a eliminar a realidade; há tanto tempo educada, para seus objetivos próprios, naquela destruidora escola que abafa os sentimentos naturais do coração, como moscas em âmbar, e que espalha um verniz uniforme e lúgubre sobre o bem e o mal, o sentimento e a indiferença, o sensível e o insensível — até agora ela conseguira subjugar o seu próprio espanto.

Abre a carta. Colado no papel está um relato impresso da descoberta do cadáver, com a cara voltada para o chão, o coração varado por uma bala; e por baixo acha-se escrito o nome dela, seguido da palavra “Assassina”.

A carta lhe cai da mão. Quanto tempo fica ali caída no chão, não o sabe ela; mas permanece ali onde caiu, senão quando uma criada se põe diante dela anunciando-lhe a visita do rapaz chamado Guppy. Provavelmente as palavras devem ter sido repetidas várias vezes, pois estão a soar-lhe na cabeça, antes que comece a compreendê-las.

— Mande-o entrar.

Ele entra. Segurando a carta, depois de havê-la apanhado do chão, procura coordenar seus pensamentos. Aos olhos do Sr. Guppy ela é a mesma Lady Dedlock, conservando a mesma atitude estudada, ativa, fria.

— Talvez a princípio vossa excelência não esteja disposta a desculpar esta visita de quem nunca foi muito bem acolhido de sua parte — do que não se queixa, pois é obrigado a confessar que nunca houve qualquer particular motivo baseado em fatos para que ele fosse assim acolhido; mas espero que quando eu lhe tiver mencionado meus motivos, vossa excelência não achará de que censurar-me — diz o Sr. Guppy.

— Pode falar.

— Obrigado a vossa excelência. Deveria primeiramente explicar a vossa excelência — o Sr. Guppy senta-se na beirada duma cadeira e põe o chapéu em cima do tapete, a seus pés — que Miss Summerson, cuja imagem, como tive ensejo de mencionar a vossa excelência, esteve durante certo período da minha vida gravada no meu coração até que veio a ser dali apagada por circunstâncias sobre as quais eu não tinha nenhum domínio, comunicou-me, depois que tive o prazer de visitar vossa excelência da última vez, que desejava, de modo especial, que eu não me intrometesse de maneira alguma em qualquer assunto com ela relacionado. E sendo os desejos de Miss Summerson ordens para mim (exceto aqueles que não está em mim dominar) nunca mais esperava ter a subida honra de procurar vossa excelência de novo.

— E contudo está aqui agora — lembra-lhe gravemente Lady Dedlock.

— E contudo estou aqui agora — reconhece o Sr. Guppy Dedlock. — Meu intuito é comunicar confidencialmente a vossa excelência por que estou aqui.

Ela lhe recomenda que o faça com o menor número de palavras possível e com a máxima simplicidade.

— E eu não poderia — replica o Sr. Guppy, sentindo-se um pouco ofendido — chamar bastante a especial atenção de vossa excelência para a razão que me traz aqui, que não é nenhuma razão de ordem pessoal minha. Não tenho interesses meus em jogo ao vir aqui. Não fosse minha promessa a Miss Summerson, promessa que considero sagrada, eu efetivamente não tornaria a escurecer estas portas, mas pelo contrário trataria de evitá-las.

O Sr. Guppy considera este um momento favorável para passar as mãos ambas pelo cabelo.

— Vossa excelência recordar-se-á, quando eu o mencionar, que na última vez que estive aqui dei com uma pessoa muito eminente na nossa profissão, e cuja perda todos deploramos. Desde aquela ocasião essa pessoa certamente se esmerou em atravessar-se-me no caminho de uma maneira a que chamarei chicana, tornando, em cada lado para que eu me virasse, muito dificultoso para mim saber se eu não estava inadvertidamente contrariando os desejos de Miss Summerson. Elogio em boca própria é vitupério; ainda assim, de mim mesmo direi que não sou lá muito mau homem de negócios.

Lady Dedlock olha para ele com um ar de severa indagação. O Sr. Guppy imediatamente desvia seus olhos do rosto dela e olha para outra parte qualquer.

— Com efeito, tornou-se tão difícil — continua ele — fazer uma ideia do que aquela pessoa estava tramando com outros, que, até a ocasião da perda que todos deploramos, fiquei de mãos e pés atados. Small também — nome com que me refiro a outra pessoa, um amigo meu que vossa excelência não conhece — tornou-se tão fechado e dúplice que às vezes não era coisa fácil a gente conter-se para não bater-lhe. Contudo, tanto por causa do esforço de minhas modestas habilidades, como graças ao auxílio de um amigo comum chamado Tony Weevle (de índole altamente aristocrática e que conserva perenemente o retrato de vossa excelência pendurado na parede de seu quarto), tenho agora motivos para apreensões, e por conseguinte aqui venho para pôr Vossa Excelência de sobreaviso. Em primeiro lugar, permitir-me-á vossa excelência que lhe pergunte se teve algum visitante estranho esta manhã? Não me refiro a visitantes aristocráticos, mas a visitantes tais como, por exemplo, a velha criada de Miss Barbary, ou uma pessoa sem o uso de suas extremidades inferiores, carregada para cima como um Judas de sábado de aleluia.

— Não!

— Então garanto a vossa excelência que tais visitantes estiveram aqui e foram aqui recebidos. Porque os vi à porta e esperei na esquina da praça até que saíssem, e tive de dar uma longa volta depois para evitá-los.

— Que tenho que ver com isso, e isso que importa ao senhor? Não o entendo. Que quer dizer?

— Excelência, vim pô-la de sobreaviso. Talvez não haja necessidade. Muito bem. Mas então apenas fiz o que pude para cumprir o que prometi a Miss Summerson. Desconfio muitíssimo (do que Small deixou escapar e do que dele conseguimos extrair) que aquelas cartas que eu devia trazer para vossa excelência não foram destruídas quando supus que o houvessem sido; que se do bojo delas devia explodir algum escândalo, já explodiu; que os visitantes a que aludi estiveram aqui esta manhã para extorquir dinheiro com elas; e que o dinheiro foi conseguido ou está em via de o ser.

O Sr. Guppy apanha o chapéu e levanta-se.

— Vossa excelência sabe melhor do que ninguém se há alguma coisa aproveitável no que digo, ou se não há nada. Haja alguma coisa ou não haja, procedi de acordo com os desejos de Miss Summerson em deixar tudo em paz e em desfazer, tanto quanto possível, o que eu tinha começado a fazer. Isso me basta. No caso de eu me estar excedendo ao pôr vossa excelência de sobreaviso, quando não há necessidade disso, espero que vossa excelência tentará relevar minha presunção, como eu tentarei suportar sua desaprovação. Agora despeço-me de vossa excelência e afirmo-lhe que não há perigo de ser vossa excelência novamente importunada com a minha presença.

Ela mal parece notar que foram ditas umas palavras de despedida; mas logo depois que ele se retirou, toca a campainha.

— Onde está Sir Leicester?

Mercúrio informa que, no momento, ele se acha fechado na biblioteca, sozinho.

— Sir Leicester teve visitas esta manhã?

Várias, para tratar de negócios. Mercúrio passa a descrevê-las, o que já fora feito antes pelo Sr. Guppy. Basta; pode ir.

Com que então tudo veio abaixo. Seu nome corre em todas aquelas bocas, seu marido conhece seus erros, sua vergonha tornar-se-á pública — pode estar sendo divulgada enquanto ela pensa nisso — e como complemento do raio fulminador há tanto por ela previsto, e por ele não suspeitado, vê-se denunciada por um acusador invisível como a assassina de seu inimigo.

Inimigo dela ele era, e muitas vezes, muitíssimas vezes ela desejara sua morte. Inimigo dela ele é, até mesmo no túmulo. Essa temível acusação cai

sobre ela, como um novo tormento ao alcance da mão inerte de Tulkynghorn. E quando se lembra de que estava clandestinamente à porta dele naquela noite, e de que pode ser acusada de haver pouco antes despedido sua criada favorita, simplesmente para livrar-se de ser observada, estremece como se as mãos do carrasco estivessem no seu pescoço.

Deixou-se cair no chão e ali jaz com os cabelos desgrenhados e o rosto enterrado nas almofadas de um canapé. Levanta-se, caminha agitada de um lado para outro, arroja-se de novo ao chão, bamboleia-se e geme. É inexprimível o terror que a domina. Se ela fosse realmente a assassina, dificilmente o terror que a invade poderia, naquele momento, ser mais intenso.

Porquanto, assim como a perspectiva homicida, antes de ser praticado o crime, por mais sutis que fossem as precauções tomadas para sua perpetração teria sido inteiramente fechada por uma gigantesca dilatação da odiosa figura impedindo-a de ver quaisquer consequências para além dela; assim como aquelas consequências teriam irrompido, numa torrente inimaginável, no momento em que a figura fosse prostrada — o que sucede sempre que se comete um crime; assim agora ela vê que quando ele costumava estar à espreita diante dela e ela costumava pensar “Se algum golpe mortal fosse descarregado nesse velho e o afastasse do meu caminho!” — isso não era mais que desejar que tudo quanto ele retinha em sua mão contra ela fosse espalhado aos ventos e semeado ao acaso em muitos lugares. Era o que também se verificara com o alívio perverso que ela sentira com a morte dele. Que era a sua morte senão a chave da abóbada de um sombrio arco removido, e agora o arco começa a cair em mil fragmentos, esmagando e destruindo ainda mais!

Assim, uma terrível impressão se aproxima dela sorrateiramente e a ensombra — a impressão de que daquele perseguidor, vivo ou morto — inflexível e imperturbável diante dela na sua bem lembrada forma, ou não mais inflexível e imperturbável no seu esquife —, não há meio de escapar a não ser com a morte. Perseguida, ela foge. O seu vexame, o seu pavor, o remorso, a miséria — esse imenso aglomerado esmaga-a com todo o seu peso; e até mesmo sua forte reserva de confiança em si mesma é derribada e arrastada de tropel, como uma folha ao sabor do vendaval.

Redige às pressas estas linhas a seu marido, lacra-as e deixa-as sobre a

mesa:

“Se me procurarem, ou se eu for acusada da morte dele, acredite que estou inteiramente inocente. Em nenhuma outra coisa boa acredite referente a mim, pois sou apenas inocente daquilo que o senhor ouviu, ou ouvirá, exposto contra mim. Naquela noite fatal ele me preparou para a revelação da minha culpa que ele ia fazer ao senhor. Depois que ele se despediu de mim, saí, a pretexto de ir dar um passeio no jardim por onde muitas vezes ando, mas na realidade para segui-lo e fazer-lhe um derradeiro apelo, para que não prolongasse por mais tempo a terrível expectativa com que me vinha torturando, o senhor não sabe por quanto tempo, mas que misericordiosamente desfechasse o golpe na manhã seguinte.

Encontrei sua casa escura e silenciosa. Toquei a campainha duas vezes, mas não tive resposta e voltei.

Já não tenho casa. Não serei mais um estorvo para o senhor. Possa o senhor, no seu justo ressentimento, perdoar à indigna mulher com quem desperdiçou uma afeição tão generosa — que evita o senhor, somente com uma vergonha mais profunda do que aquela com que foge de si mesma — e que lhe escreve este último adeus!”

Veste-se depressa e põe um véu, deixa todas as suas joias e seu dinheiro, escuta, desce a escada num momento em que o vestíbulo está vazio, abre e torna a fechar a porta grande, e põe-se ligeira a caminho, arrostando o vento gélido e penetrante.

PERSEGUIÇÃO

Impassível, como convém à sua alta criação, a casa urbana dos Dedlocks fita as outras casas da rua de lúgubre magnificência, e não dá nenhum sinal exterior de que haja lá dentro algum desconcerto. Ouve-se o barulho de carruagens, o bater de portas, o falario das visitas; antigos feiticeiros com gargantas de esqueleto e bochechas cor de pêssego que trazem em si uma florescência quase de fantasma quando são vistos à luz do dia — tempo em que efetivamente essas fascinantes criaturas se assemelham à Morte e à Dama da casa fundidas uma na outra, deslumbram os olhos dos homens. Das frígidas estrebarias saem, gingando comodamente, carruagens guiadas por cocheiros de pernas curtas e chinós louros, quase afogados entre os felpudos panos do coche; e atrás vêm montados luzidos Mercúrios, levando seus bastões de gala e usando tricórnios espaventosos — um espetáculo digno de ser visto pelos anjos...

A casa urbana dos Dedlocks não muda externamente, e horas se passam antes que seja perturbada sua excelsa monotonia interna. Mas a formosa Volúmnia, estando sujeita como os demais à queixa geral do aborrecimento e achando que a doença do tédio ataca seu espírito com certa virulência, aventura-se por fim a buscar refúgio na biblioteca para mudar de cenário. Como sua leve pancada na porta não logra resposta, ela abre-a e espia; não vendo lá ninguém, toma posse do lugar.

A viva Dedlock goza em Bath, aquela cidade dos antigos coberta de erva, a reputação de ser estimulada por uma curiosidade premente, que a impele em todas as ocasiões, próprias ou impróprias, a andar com uma lente de ouro no olho, escabichando todos os objetos possíveis e imagináveis. O certo é que ela aproveita a oportunidade para librar-se como um pássaro sobre as cartas e papéis de seu parente, dando uma bicadinha nesse papel, lançando uma olhadela, com a cabeça à banda, àquele outro, e saltitando de mesa em mesa, com a lente no olho, infatigável nas suas pesquisas de curiosa. No

decorrer dessas investigações, tropeça em alguma coisa e, voltando a lente para aquela direção, vê seu parente caído no chão como uma árvore derribada.

O favorito gritinho de Volúmnia adquire considerável aumento de realidade com aquela surpresa e imediatamente a casa entra em polvorosa. Criados sobem e descem correndo as escadas, campainhas são tangidas violentamente, mandam-se chamar médicos e procura-se debalde Lady Dedlock em todas as direções. Ninguém mais a viu ou ouviu desde que da última vez ela tocou a campainha de chamada. Em cima da mesa dela é descoberta a carta que escreveu a Sir Leicester; ignora-se, contudo, se ele não tenha recebido uma outra missiva dum outro mundo, exigindo uma resposta pessoal; e todas as línguas vivas e mortas são a mesma coisa para ele.

Colocam-no em sua cama, aquecem-no, esfregam-no, abanam-no, põem-lhe gelo na cabeça e tentam vários meios para fazê-lo voltar a si. Não obstante, o dia foi passando e já é noite em seu quarto, antes que sua respiração estertorosa se acalme ou seus olhos fixos deem qualquer demonstração de vida diante da vela que de vez em quando passa diante deles. Mas essa modificação, uma vez começada, continua; e pouco a pouco ele faz sinais com a cabeça, ou move os olhos, ou mesmo a mão, indicando que ouve e compreende.

Sucumbiu essa manhã um belo e majestoso cavalheiro, um tanto doente, mas de elegante presença e com um rosto bem cheio. Jaz na sua cama um homem de idade, de faces cavadas, sombra decrépita do que foi. Sua voz era rica e melodiosa; e durante tanto tempo estivera ele inteiramente persuadido da importância que para a humanidade tinha qualquer palavra sua, que suas palavras realmente vieram a soar como se contivessem em si alguma coisa de peso. Agora, porém, ele só pode cochichar; e o que ele cochicha soa como o que realmente é: umas coisas indiscriminadas e incompreensíveis.

Sua preferida e fiel governanta está à sua cabeceira. É o primeiro fato que ele percebe, e claramente demonstra sentir prazer com isso. Depois de tentar em vão fazer-se entender falando, faz sinais pedindo um lápis; mas o faz de uma forma tão inexpressiva, que a princípio não logram compreendê-lo. É sua fiel governanta quem descobre o que ele deseja e lhe traz uma lousa.

Depois de se demorar algum tempo, ele garatuja qualquer coisa nela, com uma letra que não é a sua: “Chesney Wold?”

Não, responde ela. Ele está em Londres. Adoeceu esta manhã na

biblioteca. Aconteceu felizmente que ela veio a Londres e pode tratar dele.

— Não é uma doença de consequência séria, Sir Leicester. O senhor estará muito melhor amanhã, Sir Leicester. É o que todos dizem.

Enquanto diz isso, as lágrimas descem pelo seu belo semblante de velha.

Depois de ter lançado a vista pelo quarto e olhado com particular atenção em redor da cama, cercada pelos médicos, o enfermo escreve: “Minha senhora”.

— Sua excelência saiu, Sir Leicester, antes de o senhor adoecer, e ainda não sabe que o senhor está enfermo.

Com grande agitação, torna a apontar para as duas palavras. Todos procuram aquietá-lo, mas ele aponta novamente, com aumentada inquietação. Percebendo que todos se entreolham sem saber o que dizer, toma a lousa mais uma vez e escreve: “Minha senhora. Pelo amor de Deus, onde?” E emite um gemido de súplica.

O melhor alvitre é que sua velha governanta lhe entregue a carta de Lady Dedlock, cujo conteúdo ninguém conhece nem pode conjeturar. Ela a abre para ele e a coloca de modo que o doente possa lê-la. Tendo-a lido duas vezes com grande esforço, vira-a de maneira que não possa ser vista e põe-se a gemer. Sofre uma espécie de recaída ou desmaio, e passa-se uma hora antes que abra os olhos, reclinando-se no braço de sua devotada e velha criada. Os médicos sabem que ele se sente melhor com ela e, quando não estão ativamente ocupados com ele, conservam-se de parte.

A lousa é reclamada de novo, mas ele não consegue lembrar-se da palavra que deseja escrever. Sua ansiedade, sua avidez e aflição nesse momento causam piedade. Dir-se-ia que ia enlouquecer, com a necessidade que sente de apressar-se e com a incapacidade em que está de exprimir o que é preciso fazer ou a quem se deve procurar. Escreveu a letra B e parou. De repente, a muito custo e quase com desespero, escreve Sr. antes do B. A velha governanta sugere Bucket. Graças a Deus! É o que ele quer dizer.

Informam que o Sr. Bucket está no andar térreo. Deverá subir?

Não há possibilidade de interpretar mal o ardente desejo que Sir Leicester tem de vê-lo, ou o desejo que exprime de não ficar ninguém mais no quarto senão a governanta. Apressam-se em satisfazê-lo; e o Sr. Bucket

aparece. De todos os homens sobre a terra, só naquele parece Sir Leicester depositar toda a sua confiança e fé, decaindo embora de sua alta posição.

— Sir Leicester Dedlock, baronete, lamento vê-lo nesse estado. Espero que o senhor depressa se restabeleça. Estou certo de que isso acontecerá, por causa do bom nome da família.

Sir Leicester põe-lhe nas mãos a carta da esposa e crava nele os olhos enquanto o detetive a lê. Nova revelação brilha no olhar do Sr. Bucket, à medida que lê a carta. Curvando o dedo enquanto seus olhos ainda se detêm sobre as palavras, parece dizer: “Sir Leicester Dedlock, baronete. eu o compreendo.”

Sir Leicester escreve na lousa: “Pleno perdão, Descubra...” O Sr. Bucket detém-lhe a mão.

— Sir Leicester Dedlock, baronete, eu a descobrirei. Mas a minha busca deverá começar imediatamente. Nem um minuto deve ser perdido.

Com a ligeireza do pensamento, segue o olhar de Sir Leicester na direção de uma caixinha que está sobre a mesa.

— Trazê-la para cá, Sir Leicester Dedlock? Decerto. Abri-la com uma destas chaves? Decerto. A chave menor? Isso mesmo. Tirar as notas? É o que faço. Contá-las? Sem demora. Vinte com trinta, cinquenta, e mais vinte, setenta, e mais cinquenta, cento e vinte, e mais quarenta, cento e sessenta. Tirá-las para despesas? Farei isso e prestarei contas, sem dúvida. Não poupar dinheiro? Não, não pouparei.

A velocidade e a certeza da interpretação de todos aqueles pontos pelo Sr. Bucket têm qualquer coisa de miraculoso. A Sra. Rouncewell, que segura a luz, fica aturdida diante da rapidez de seus olhos e de suas mãos, ao vê-lo dispor-se para partir, munido para a viagem.

— A senhora é a mãe de Jorge, não é? Creio que acertei, não? — diz o Sr. Bucket, de parte, já com o chapéu na cabeça e abotoando o casaco.

— Sim, senhor. Sou a sua amargurada mãe.

— Foi o que eu pensei, de acordo com o que ele acaba de contar-me. Pois então vou dizer-lhe alguma coisa. A senhora não precisa mais sentir-se amargurada. Seu filho está bem. Não comece a chorar, porque o que agora lhe cumpre fazer é cuidar de Sir Leicester Dedlock, baronete, e não conseguirá

fazer isso chorando. Quanto a seu filho, está bem, repito. Ele lhe envia afetuosos recados e o mesmo espera da senhora. Já o absolveram, é o que é, sem mais imputação alguma sobre seu caráter, como não há nenhuma sobre o da senhora, pois aposto uma libra em como o seu é limpo. Pode confiar em mim, porque fui eu que prendi seu filho. Ele se portou de maneira corajosa também naquela ocasião. É um homem digno e a senhora é uma velha digna, e ambos, mãe e filho, poderiam bem ser mostrados como exemplo num carro de exposições. Sir Leicester Dedlock, baronete, aquilo que o senhor me confiou será levado a termo. Não tenha receio de me ver desviar do meu caminho para a direita ou para a esquerda, de dormir, de banhar-me, de barbear-me, enquanto não achar aquilo que vou procurar. Dizer que tudo está bem e perdoado de sua parte? Sir Leicester Dedlock, baronete, eu o farei. Desejo suas melhoras e que os negócios desta família se resolvam em paz, como muitos outros negócios domésticos igualmente se solucionaram e igualmente se solucionarão, até o fim dos tempos.

Com esta peroração, o Sr. Bucket, todo abotoado, retira-se em silêncio, olhando firmemente diante de si como se já estivesse varando a noite, em busca da fugitiva.

O primeiro passo é dirigir-se aos aposentos de Lady Dedlock e esquadrihar tudo à procura do mais leve indício que lhe possa ser útil. Os aposentos estão agora no escuro, e ver o Sr. Bucket com uma vela na mão, segurando-a acima da cabeça e fazendo um minucioso inventário mental de todos aqueles delicados objetos tão curiosamente em desacordo com ele, seria um espetáculo interessante, mas que ninguém vê, porque ele faz questão de fechar-se ali só.

— Vistoso *boudoir* este — diz o Sr. Bucket, que percebe que seu francês melhorou com o abalo daquela manhã. — Deve ter custado um dinheirão. Objetos esplêndidos demais para que a gente se separe deles sem esforço. Profundo deve ser o desgosto dela.

Abrindo e fechando gavetas e olhando para dentro de escrínios e estojos de joias, vê a própria imagem em vários espelhos, e filosofa a respeito.

— Alguém poderia supor que eu estivesse frequentando altas rodas, e me estivesse ataviando para os bailes do Almack's — monologa o Sr. Bucket. — Estou quase a pensar que, sem o saber, sou um janota entre os homens da Guarda Real.

Sempre olhando aqui e ali, abriu uma delicada caixinha numa gaveta interna. Sua manopla, revirando algumas luvas que ela mal pode sentir, tão leves e macias são, dá com um lenço branco.

— Hum! Vamos espiar-te um pouco — diz o Sr. Bucket, descansando a luz. — Por que te deixaram aqui sozinho? Que motivo há para isso? Pertences a sua excelência ou a alguma outra pessoa? Deves trazer aí uma marca em qualquer lugar.

Encontra-a enquanto fala: “Ester Summerson”.

— Oh! — diz o Sr. Bucket, parando, com o dedo na orelha. — Vem cá. Vais comigo.

Completa suas observações com o mesmo sossego e cuidado com que as vinha fazendo, deixa tudo o mais exatamente como o havia encontrado, esgueira-se para fora depois de uns cinco minutos, e já está na rua. Com um relancear de olhos para o alto, para as janelas frouxamente iluminadas do quarto de Sir Leicester, dirige-se com desembaraço para a cocheira mais próxima e escolhe um cavalo de preço que o conduza até a Galeria de Tiro. O Sr. Bucket não se arvora em conhecedor científico de cavalos, mas gasta um pouco de dinheiro nos principais acontecimentos relacionados com a raça equina, e em geral resume seu conhecimento do assunto com a observação de que, quando vê a andadura de um cavalo, conhece o animal.

Seu conhecimento não falhou no presente caso. Com uma tropeada sobre as pedras num passo perigoso, sem deixar de pôr os penetrantes olhos em cada criatura por quem passa nas ruas a desoras, e até mesmo nas luzes das janelas superiores, lá onde há gente que se está deitando ou que já se deitou, e em todas as travessas que cruza com estrondo, e ainda no céu carregado e na terra onde há uma fina camada de neve (pois que em qualquer parte pode de repente surgir alguma coisa que o ajude), arremete para o seu destino com uma velocidade tal que, quando para, o cavalo quase sufoca numa nuvem de vapor.

— Afrouxe-lhe as rédeas por alguns minutos para refrescá-lo até a minha volta.

Sobe correndo a longa entrada de pau e encontra o cavalariano fumando seu cachimbo.

— Pensei que devia vir cá, Jorge, depois do que você sofreu, meu rapaz.

Não posso desperdiçar uma palavra. Agora, palavra de honra! Tudo para salvar uma mulher. Onde mora Miss Summerson, que aqui esteve quando Gridley morreu (era este o nome, eu sei)?

O cavalariano acabava justamente de voltar de lá e lhe dá o endereço acrescentando que ficava perto da Rua Oxford.

— Não haverá de arrepender-se, Jorge. Boa noite!

Põe-se de novo em movimento, levando a impressão de ter visto Phil sentado junto à lareira gelada, olhando para ele, boquiaberto. E parte outra vez a galope, e outra vez se apeia envolvido por uma nuvem de vapor.

O Sr. Jarndyce, única pessoa ainda de pé na casa, e que está justamente preparando-se para deitar-se, ao ouvir o rápido toque da campainha, larga o livro que estava lendo e desce até a porta, trajando o seu roupão.

— Não se assuste, senhor. — Num momento o visitante começa a falar-lhe em voz baixa, tendo fechado a porta e ficando com a mão no ferrolho. — Já tive o prazer de vê-lo antes. Inspetor Bucket. Veja este lenço, senhor. É de Miss Ester Summerson. Achei-o escondido numa gaveta de Lady Dedlock, há um quarto de hora. Nem um momento a perder. Negócio de vida ou de morte. Conhece Lady Dedlock?

— Conheço.

— Hoje descobriu-se qualquer coisa lá em sua casa. Assuntos íntimos da família. Sir Leicester Dedlock, baronete, teve um ataque — apoplexia ou paralisia —, não pôde recobrar completamente os sentidos e perdeu-se precioso tempo. Lady Dedlock desapareceu esta tarde e deixou uma carta para ele, com más notícias. Passe a vista nela. Aqui está!

Logo que o Sr. Jarndyce acabou de lê-la, pergunta-lhe o que pensa.

— Não sei. Parece tratar-se de suicídio. Seja como for, a cada minuto há um perigo crescente de que isso possa suceder. Daria cem libras por hora para recuperar o tempo decorrido desde o começo do caso. Pois bem, Jarndyce, estou encarregado por Sir Leicester Dedlock, baronete, de ir no encalço dela e encontrá-la, de salvá-la e levar-lhe seu perdão. Tenho dinheiro e plenos poderes, mas preciso de alguma coisa mais. Preciso ver Miss Summerson.

O Sr. Jarndyce, com voz perturbada, repete: — Miss Summerson?

— Sr. Jarndyce — o Sr. Bucket tem-lhe estudado a fisionomia com a

maior atenção durante esse tempo —; estou falando com um cavalheiro de coração humano e em circunstâncias especiais que raras vezes ocorrem. Se alguma vez uma demora significou perigo, esse perigo existe agora; e se alguma vez viesse o senhor depois a arrepender-se de tê-lo causado, seria o caso agora. Oito ou dez horas, equivalentes, como lhe digo, a cem libras cada uma pelo menos, foram perdidas desde que Lady Dedlock desapareceu. Estou incumbido de encontrá-la. Sou o Inspetor Bucket. Além de tudo mais que sobre ela pesa, ela se julga acusada de homicídio. Se eu a seguir sozinho, como ela ignora o que o Baronete Sir Leicester Dedlock me comunicou, poderá ser impelida ao desespero. Se, porém, eu a seguir em companhia de uma jovem senhora, cuja aparência corresponde à de uma pela qual Lady Dedlock tem grande ternura (não faço indagações nem digo mais do que isto) ela acreditará que o meu interesse é amistoso. Se eu a alcançar e conseguir dar como fiadora minha essa senhorita, eu a salvarei e persuadirei, se ela estiver viva. Se a alcançar, indo eu só, o negócio será de água arriba, e tentarei fazer o que puder, mas não respondo pelo bom êxito de minha missão. O tempo voa. Vai dar uma hora. Quando esta soar, será mais uma hora perdida e equivalente a mil libras agora, em vez de cem.

Tudo isso é verdade e a natureza urgente do caso não pode ser posta em dúvida. O Sr. Jarndyce pede-lhe que espere, enquanto vai falar com Miss Summerson. O Sr. Bucket acede, mas, procedendo de acordo com sua maneira habitual, não o faz, mas segue até o andar superior o seu homem, sem perdê-lo de vista. Assim fica, espreitando e escutando na penumbra da escada, enquanto os dois conversam. Dentro de pouco tempo o Sr. Jarndyce desce e lhe diz que Miss Summerson não tardará a vir, para colocar-se sob sua proteção e acompanhá-lo aonde lhe aprouver. Satisfeito, o Sr. Bucket exprime toda a sua aprovação e fica esperando que ela apareça à porta.

Ali, ergue uma elevada torre em sua mente, donde seu olhar descortina mais amplos horizontes. Percebe muitos vultos solitários, esgueirando-se pelas ruas; muitos vultos solitários nas charnecas e nas estradas, deitados debaixo de pilhas de feno. Mas o vulto que ele busca não está entre eles. Avista outros solitários, em esconderijos de pontes, olhando para baixo, e em lugares sombrios perto do nível do rio; e um objeto preto, bem escuro, informe, levado pela corrente, mais solitário que todos, lhe chama particularmente a atenção.

Onde está ela? Viva ou morta, onde está ela? Se, enquanto dobra o lenço

e cuidadosamente o guarda, fosse esse lenço capaz de, com um poder mágico, trazer à presença dele o lugar em que ela o encontrou e a paisagem noturna perto da casa de campo onde o lenço cobriu a criancinha, ele a divisaria ali? No descampado, onde os fornos de cozer tijolos estão a arder com um pálido clarão azulado; onde os telhados palhiços das míseras choupanas em que são feitos os tijolos estão sendo espalhados pelo vento; onde a argila e a água gelam e endurecem, e o moinho, onde o esquelético cavalo cego anda à roda o dia inteiro, parece um instrumento de tortura humana — atravessando aquele lugar deserto e estéril, há uma solitária figura, a quem só cabe em parte o mundo triste, recebendo as fortes pancadas da neve que cai, e impelida pelo vento, e privada, ao que parece, de toda companhia. É um vulto de mulher; mas está miseravelmente vestida, e roupas semelhantes jamais atravessaram o vestíbulo ou saíram pela grande porta da mansão dos Dedlocks.

A NARRATIVA DE ESTER

Eu tinha ido deitar-me e adormecera, quando meu tutor bateu à porta de meu quarto e me pediu que me levantasse imediatamente. Não me deixou falar, apesar de me ver aflita para fazê-lo, e disse-me, depois de uma ou duas palavras de preparação, que havia sido descoberta qualquer coisa de anormal em casa de Sir Leicester Dedlock. Que minha mãe tinha fugido; que estava à nossa porta um homem com plenos poderes para transmitir à fugitiva as mais completas garantias de proteção afetuosa e de perdão, se lograsse encontrá-la; e que eu estava sendo procurada para acompanhá-lo, na esperança de que meus rogos pudessem persuadi-la, se nada conseguissem os dele. Alguma coisa desse objetivo geral eu entendi; mas vi-me mergulhada em tão tumultuoso susto, pressa e mágoa, que, apesar de todos os esforços que pude fazer para dominar minha agitação, tive a impressão de que só horas depois voltei completamente ao meu discernimento habitual.

Mas vesti-me e agasalhei-me a toda pressa, sem despertar Charley ou outra qualquer pessoa; e fui ter com o Sr. Bucket, que era o depositário do segredo. Enquanto descia comigo as escadas, meu tutor me disse isso e também explicou como foi que ele viera a pensar em mim. O Sr. Bucket, em voz baixa e à luz da vela do meu tutor, leu para mim, no vestíbulo, uma carta que minha mãe havia deixado sobre sua mesa; e suponho que, dez minutos depois de ter acordado, estava eu sentada ao lado dele, rodando velozmente pelas ruas.

Seu modo era muito perspicaz e contudo atencioso, quando me explicou que muita coisa dependeria das respostas claras que eu desse a umas tantas perguntas que desejava fazer-me. Eram principalmente se eu tinha tido frequentes comunicações com minha mãe (a quem ele só se referia como Lady Dedlock); quando e onde lhe havia eu falado a última vez e como se apossara ela do meu lenço. Quando o satisfiz nesses pontos, pediu-me que considerasse de modo especial (tomando tempo para pensar) se, ao que eu

soubesse, havia alguma outra pessoa, pouco importava onde, em quem era provável que ela confiasse em circunstâncias de extrema necessidade. Eu não conseguia pensar em outra pessoa a não ser no meu tutor. Mas logo mencionei o Sr. Boythorn. O seu nome acudiu ao meu espírito em razão da sua velha e cavalheiresca maneira de mencionar o nome de minha mãe; também concorreu para essa lembrança o que certa vez meu tutor me informara acerca do seu noivado com a irmã dela, e da sua inconsciente ligação com a infeliz história de Lady Dedlock.

Meu companheiro mandara o cocheiro parar enquanto mantínhamos essa conversa, para podermos ouvir melhor o que cada qual dizia. Em seguida ordenou-lhe que continuasse, e disse-me, após alguns momentos de ponderação, que já decidira como proceder. Bem que estava querendo dizer-me qual era o seu plano, mas eu não me sentia suficientemente serena para compreendê-lo.

A pouca distância de onde morávamos, paramos numa viela, diante de um lugar que parecia público e que era iluminado a gás. O Sr. Bucket levou-me para dentro e fez-me sentar numa cadeira de braços, junto dum bom fogo. Já passava de uma hora, como pude ver no relógio pendurado na parede. Dois oficiais de polícia, que no seu uniforme perfeitamente composto não pareciam gente que passava a noite em claro, estavam tranquilamente escrevendo a uma mesa; e o lugar parecia muito sossegado, ouvindo-se apenas umas pancadas e uns chamados em distantes portas do andar térreo, a que ninguém dava atenção.

Um terceiro homem fardado, que o Sr. Bucket mandou chamar e a quem sussurrou suas instruções, saiu; e depois os outros dois se consultaram, enquanto um escrevia sob ditado do Sr. Bucket, feito em voz baixa. Ocupavam-se eles com uma descrição de minha mãe, pois o Sr. Bucket a trouxe para mim logo que ficou pronta, lendo-ma baixinho. Era de fato muito minuciosa.

O segundo oficial, que prestava toda a atenção a ela, então copiou-a e chamou um outro homem fardado (havia vários deles num aposento exterior) que a tomou e saiu com ela. Tudo isso foi feito com a maior presteza e sem perda de um minuto. E todavia ninguém se mostrava apressado. Logo que o papel seguiu os seus trâmites, os dois oficiais reataram sua pacata tarefa anterior de escrever com clareza e cuidado. O Sr. Bucket veio meditabundo

aquecer as solas de suas botas, primeiro uma, depois outra, diante do fogo.

— Está bem agasalhada, Miss Summerson? — perguntou ele, quando seus olhos encontraram os meus. — Está uma noite terrivelmente desabrida para uma jovem senhora andar na rua.

Respondi-lhe que não me importava com tempo e que estava com roupas bem quentes.

— Talvez seja uma tarefa prolongada — observou ele —, mas se vai acabar bem, não se inquiete, senhorita.

— Peço a Deus que tudo acabe bem! — disse eu.

Ele acenou com a cabeça, concordando.

— Veja bem, faça a senhorita o que fizer, não se aflija. Conserve-se fria e serena, diante de qualquer coisa que possa acontecer, e isso será melhor para a senhorita, melhor para mim, melhor para Lady Dedlock e melhor para o Baronete Sir Leicester Dedlock.

Ele se mostrava realmente muito bondoso e delicado; e, vendo-o em pé diante do fogo, aquecendo suas botas e esfregando o rosto com o dedo indicador, senti uma confiança na sua sagacidade que me tranquilizou. Faltava ainda mais de um quarto para as duas quando ouvi tropel de cavalos e de rodas lá fora.

— Agora, Miss Summerson — disse ele —, vamos partir, por obséquio.

Deu-me o braço, e os dois oficiais se inclinaram cortesmente à minha passagem. Encontramos à porta um faetonte, com um postilhão e cavalos de posta. O Sr. Bucket deu-me a mão para entrar e sentou-se na boleia. O homem fardado a quem ele mandara buscar aquele carro entregou-lhe uma lanterna fosca a seu pedido; e, depois de haver transmitido algumas ordens ao cocheiro, pusemo-nos a caminho.

Não tinha eu muita certeza de que não estivesse a sonhar. Rodamos com grande rapidez através de um labirinto tal de ruas, que logo perdi toda a noção do lugar onde estávamos, lembrando-me apenas de que havíamos passado e tornado a passar o rio, parecíamos estar ainda atravessando umas ruas estreitas na vizinhança do rio, cortada de docas e estaleiros, altas pilhas de armazéns, pontes giratórias e mastros de navios. Afinal paramos na esquina duma viela lamacenta, que o vento do rio, passando por cima dela, não

limpava. E vi meu companheiro, à luz de sua lanterna, em conferência com vários homens, parecendo uns policiais, outros marinheiros. Pregado na parede desmoronada junto da qual se achavam, havia um cartaz, no qual pude distinguir as palavras: ENCONTRADO AFOGADO. Isto e uma inscrição a respeito de dragas me encheu da terrível suspeita do que significava nossa visita àquele lugar.

Eu não tinha necessidade de lembrar a mim mesma que não estava ali, por condescendência com qualquer sentimento meu, para aumentar as dificuldades da busca, ou para diminuir as esperanças dela, ou aumentar sua demora. Fiquei quieta; mas nunca poderei esquecer o que sofri naquele terrível lugar. E contudo aquilo era como o horror de um sonho. Um homem enlameado, com umas compridas botas encharcadas e um chapéu no mesmo estado, foi chamado de dentro de um bote e cochichou com o Sr. Bucket, que saiu com ele, baixando uns degraus escorregadios — como se tivesse ido olhar qualquer coisa secreta que ele tinha para mostrar. Voltaram, enxugando as mãos nos casacos, depois de terem virado um objeto qualquer molhado. Mas, graças a Deus, não era o que eu temia!

Depois de mais outra conferência, o Sr. Bucket (a quem todos pareciam conhecer e tratar com deferência) enfiou com os outros por uma porta e me deixou no carro, enquanto o cocheiro caminhava para cima e para baixo ao lado de seus cavalos, para aquecer-se. A maré estava subindo, segundo inferi do ruído que fazia; eu podia ouvi-la quebrar no fim do beco, com uma leve arremetida na minha direção. Não se dava isso, é claro — no entanto, eu julguei ser esse o caso centenas de vezes, durante um tempo que deve ter sido quando muito um quarto de hora, e provavelmente foi menos —, mas vinha-me o pensamento, que me dava arrepios, de que, a qualquer momento, ela, a maré, arrojaria minha mãe aos pés dos cavalos.

O Sr. Bucket veio para fora de novo, exortando os outros a serem vigilantes, diminuiu a luz da lanterna e mais uma vez tomou seu lugar na boleia.

— Não fique alarmada, Miss Summerson, por termos descido até aqui — disse ele voltando-se para mim. — Apenas quero que tudo vá seguindo o seu curso normal, e verificar pessoalmente que é o que se dá. Vamos, meu rapaz!

Parecia que voltávamos pelo mesmo caminho pelo qual tínhamos vindo. Não que eu tivesse tomado nota de quaisquer objetos característicos no

perturbado estado de espírito em que me encontrava, mas foi a minha impressão, a julgar pelo aspecto geral das ruas. Paramos diante de outro posto ou delegacia durante um minuto, e atravessamos mais uma vez o rio. Durante esse tempo e durante toda a busca, meu companheiro, todo atabafado lá na boleia, não afrouxou sua vigilância um momento sequer, mas, quando passamos sobre a ponte, pareceu mais alerta, se é possível, do que antes. Levantou-se para olhar por cima do parapeito; apeou-se do carro e voltou no encalço dum sombrio vulto feminino que passou rápido junto de nós; e o Sr. Bucket mergulhou a vista no escuro abismo, com uma fisionomia que quase fez meu coração parar. O rio apresentava um temível aspecto, muito escuro e misterioso, correndo tão rápido entre as linhas baixas da margem, carregado de horrendas sombras indistintas, prenhe de imagens de morte e de mistério. Tenho-o visto muitas vezes desde então, à luz do sol e à luz da lua, mas nunca me libertei das impressões daquela viagem. Na minha memória, as luzes em cima da ponte estão sempre foscas; o vento cortante rodopia em torno da mulher sem lar pela qual passamos; as rodas monótonas continuam a girar; e a luz das lâmpadas do carro, num revérbero, parece incidir pálida num semblante que se ergue da água temerosa.

Rodando através das ruas ermas, saímos afinal do calçamento e penetramos em estradas escuras e lisas, enquanto as casas iam ficando atrás de nós. Passado algum tempo, reconheci o caminho familiar para Saint Albans. Em Barnet, cavalos frescos estavam prontos à nossa espera. Mudamos os nossos e continuamos. Fazia muito frio na verdade; e o campo aberto estava todo branco de neve, embora então não estivesse nevando.

— Velha conhecida sua esta estrada, hem, Miss Summerson? — disse o Sr. Bucket, alegremente.

— Sim — respondi. — Colheu alguma informação?

— Ainda nenhuma na qual possamos ter inteira confiança — tornou ele. — Mas é cedo ainda.

Entrava em todas as tabernas ainda abertas ou já abertas onde havia luz (não eram poucas naquela ocasião, sendo então a estrada muito frequentada por criadores de gado), e descia da boleia para conversar com os guardas das barreiras. Vi-o pedindo bebidas, contando dinheiro e mostrando-se agradável e prazenteiro em toda parte; mas, sempre que voltava ao seu assento, seu rosto retomava a expressão de firme vigilância, e ele não deixava de dizer ao

cocheiro, sempre no mesmo tom sério: — Vamos, meu rapaz!

Com todas essas paradas, já estávamos entre cinco e seis horas e ainda a poucas milhas de distância de Saint Albans, quando ele saiu de uma daquelas casas e me trouxe uma xícara de chá.

— Beba-o, Miss Summerson. Far-lhe-á bem. Está-se sentindo outra agora, não é?

Agradei-lhe e respondi que esperava que sim. — A senhorita pareceu a princípio ter ficado, vamos dizer, “atordoada” — tornou ele. — E — Deus meu! — não é coisa de espantar. Não fale alto, minha cara. Vai tudo bem. Ela está na dianteira.

Não sei que alegre exclamação soltei, ou ia soltar, mas ele levantou o dedo e eu me contive.

— Passou por aqui a pé esta noite, cerca das oito ou nove horas. Tive notícia dela primeiro no arco de portagem, em Highgate, mas não pude certificar-me direito. Segui-lhe a pista durante todo o tempo, aqui e ali. Ora era informado de sua passagem por um lugar, ora a perdia noutro. Mas está na nossa frente agora, sã e salva. Segure esta xícara e este pires, moço. Agora, se você for de circo, veja se consegue pegar com a outra mão uma meia coroa. Um, dois, três, pronto! E agora, meu rapaz, vamos ver se galopamos um pouco!

Não tardamos a chegar a Saint Albans, e apeamos pouco antes do romper do dia, justamente quando eu estava começando a coordenar e compreender as ocorrências da noite, e a acreditar realmente que elas não eram um sonho. Deixando a carruagem na estação de muda e dando ordens para que estivessem prontos cavalos descansados, meu companheiro me deu o braço e nos encaminhamos para a casa.

— Como esta é a sua morada habitual, Miss Summerson — observou ele —, eu gostaria de saber se algum estranho, que corresponda à descrição, perguntou pela senhorita ou pelo Sr. Jarndyce. Não acredito muito nisso, mas pode ter acontecido.

Enquanto subíamos a colina, ele olhava em redor de si atentamente — o dia estava então rompendo — e recordou-me que eu a havia descido uma noite, como de certo me lembrava, com minha criadinha e o pobre Jo, a quem ele chamava Toughy.

Admirei-me de que ele soubesse disso.

— Lembra-se de ter passado por um homem na estrada, ali adiante? — perguntou o Sr. Bucket.

Sim, também me lembrava disso perfeitamente.

— Aquele homem era eu — disse o Sr. Bucket.

Vendo minha surpresa, prosseguiu: — Naquela tarde eu vinha num cabriolé, à procura daquele rapazinho. A senhorita deve ter ouvido o barulho das rodas do meu carro quando também saiu para procurá-lo, pois me certifiquei de que a senhorita e sua criadinha subiam, quando eu vinha descendo no meu veículo. Tendo indagado a respeito dele na cidade, logo vim a saber em que companhia se achava; e vinha vindo por entre as olarias à procura dele, quando observei que a senhorita o trazia cá para casa.

— Cometera ele algum crime? — perguntei.

— Nenhuma acusação havia contra ele — disse o Sr. Bucket, erguendo friamente o chapéu —, pelo menos, creio que nenhuma coisa de importância. Não. Dele eu apenas queria que deixasse completamente de lado o caso de Lady Dedlock. Ele tinha dado com a língua nos dentes do que era permitido, com relação a um servicinho acidental que o finado Sr. Tulkinghorn lhe pagara; e não era conveniente, por qualquer preço, que ele estivesse metido nesse jogo. Assim, tendo-o advertido de que se afastasse de Londres, aproveitei a tarde aconselhando-o a conservar-se fora daquela cidade agora que se achava ausente de lá, e a ir ainda para mais longe, e a ter suficiente lume no olho para que eu não o apanhasse de volta.

— Pobre criatura — disse eu.

— Muito pobre mesmo — concordou o Sr. Bucket — e um bom trambolho também, que quanto mais longe de Londres, melhor. Garanto-lhe que fiquei realmente passado quando o vi acolhido em sua residência.

Perguntei por quê.

— Por que, minha cara? — disse o Sr. Bucket. — É que, naquela ocasião, a língua dele não queria parar. Ele deve ter nascido com uma senhora língua de palmo e meio.

Se bem que eu agora me lembre dessa conversa, naquela ocasião minha mente estava bastante confusa e meu poder de atenção mal me permitia

compreender que ele entrava nesses particulares para me divertir. Manifestamente, com a mesma bondosa intenção, falava-me muitas vezes de coisas indiferentes, mas sem se descuidar nem por um momento do propósito que tínhamos em vista. Quando passamos a cancela do jardim, continuou a mesma palestra para entreter-me.

— Ah! — exclamou o Sr. Bucket. — Cá estamos. Que lugarzinho delicioso e retirado! Faz lembrar certa casa de campo de um conto popular, conhecida pelo fumo que fazia volutas tão caprichosas. Muito cedo já há fogo na cozinha, o que demonstra a existência de boas criadas. Mas todo o cuidado com elas consiste em saber quem vem vê-las. Quando não se sabe disso, não se pode saber do que são elas capazes. E outra coisa, minha cara. Sempre que encontrar um rapaz atrás da porta da cozinha, mande prendê-lo por suspeita de estar escondido numa residência com intenções ilegais.

Estamos agora em frente da casa. Ele examinou com muita atenção e bem de perto o cascalho à procura de pegadas, antes de erguer os olhos para as janelas.

— A senhora quase sempre coloca aquele velho cavalheiro no mesmo quarto, quando ele está de visita aqui, Miss Summerson? — indagou ele, lançando um olhar para o quarto habitual do Sr. Skimpole.

— Conhece o Sr. Skimpole? — perguntei.

— Como é mesmo o nome dele? — volveu o Sr. Bucket, curvando a cabeça para ouvir melhor. — E Skimpole? Tenho muitas vezes imaginado que nome teria ele. Skimpole, João, não, creio eu, nem ainda Jacob!

— Haroldo — disse-lhe eu.

— Haroldo. Sim. Um grande ratão esse Haroldo — comenta o Sr. Bucket, olhando-me com muita expressão.

— É realmente um homem singular — disse eu.

— Não tem ideia do que seja dinheiro — observou o Sr. Bucket. — Apesar disso, fica com ele!

Sem querer eu disse como resposta que percebia que o Sr. Bucket o conhecia.

— Pois bem, agora vou contar-lhe tudo, Miss Summerson — acrescentou ele. — Seria melhor que seu espírito não insistisse tão

continuadamente num mesmo ponto, e eu lhe aconselharia uma mudança. Foi ele que me indicou onde estava Toughey. Naquela noite eu resolvi chegar até a porta e perguntar por Toughey, no máximo. Mas, querendo primeiro provar a mão, atirei uma pedrinha à janela onde via uma sombra. Logo que Haroldo a abriu e lhe dei uma olhadela, pensei comigo mesmo: “Eis o homem de quem preciso.” Por isso procurei ajeitá-lo um pouco, dizendo-lhe que não queria perturbar a família depois que todos se haviam recolhido, e que considerava coisa lamentável que jovens senhoras caridosas dessem pousada a vagabundos. E depois, quando vi muito bem as suas disposições, disse-lhe que considerava uma nota de cinco *pence* bem empregada se pudesse livrar aquela casa de Toughey, sem causar nenhum barulho ou perturbação. Então ele disse, erguendo as sobrancelhas da maneira mais divertida: “É inútil fazer-me menção de uma nota de cinco *pence*, meu amigo, porque sou uma simples criança nesses assuntos e não tenho ideia do que seja dinheiro.” Compreendi logo o que significava o fato de encarar ele tao facilmente a questão, e, estando agora inteiramente certo de que ele era o homem que me fazia conta, enrolei a nota numa pedrinha e arremessei-a para ele. Ele ficou radiante, e parecia tão inocente como a senhorita, e disse: “Mas eu não sei o valor dessas coisas. Que vou fazer com isso?” “Gaste-o, senhor”, respondi-lhe. “Mas serei enganado”, insistiu ele. “Não me darão troco certo. Perderei o dinheiro. Não me serve de nada.” Meu Deus, a senhorita não pode imaginar a cara que ele fazia! Acabou, naturalmente, dizendo-me onde estava Toughey, e eu o encontrei.

Considerarei isso uma traição da parte do Sr. Skimpole para com meu tutor, e uma coisa que ultrapassava os limites habituais de sua inocência pueril.

— Limites, minha cara? — replicou o Sr. Bucket. — Limites? Ora, Miss Summerson, vou dar-lhe um conselho que seu marido achará útil quando estiverem casadinhos e tiverem uma família para criar. Quando uma pessoa lhe disser que não entende nada de dinheiro, tome conta do seu, porque é certíssimo que, em havendo ocasião, a tal pessoa se apoderará dele. Quando uma pessoa lhe afirma: “Em assuntos materiais sou uma criança”, veja bem que essa pessoa não merece nenhuma confiança, e a única coisa que quer é acautelar os próprios interesses, pois é uma egoísta. Ora, eu não sou homem de poesias, exceto quando as canto numa reunião, mas sou um homem prático, e a experiência que tenho é essa. A regra é essa. Infel numa coisa,

infiel em tudo. Nunca vi isso falhar. Não o verá tampouco a senhorita. Nem ninguém. E como uma advertência aos incautos, minha cara, tomo a liberdade de puxar esta sineta voltando assim ao nosso negócio.

Creio que o negócio não estivera nem um instante fora do seu espírito, como não estivera fora do meu. Todo o pessoal da casa ficou espantado com a minha presença, sem nenhum aviso, àquela hora da manhã e em tal companhia; e sua surpresa não diminuiu com as minhas perguntas, pelo contrário. Contudo, ninguém estivera ali. Não se podia pôr em dúvida que fosse essa a verdade.

— Então, Miss Summerson — disse meu companheiro devemos chegar o mais cedo possível a casinha onde hão de estar aqueles tijoleiros. Deixo-lhe o encargo de fazer lá a maior parte das perguntas, se quiser ter a bondade de fazê-las. A maneira mais natural é a melhor, e a mais natural é a sua.

Tornamos a partir imediatamente. Chegando ao casebre, encontramos-lo fechado e aparentemente sem ninguém. Mas um dos vizinhos, que me conhecia e saíra de sua casa quando eu procurava fazer-me ouvir de alguém, informou-me que as duas mulheres e os respectivos maridos agora viviam juntos em outra casa, feita de grosseiros tijolos soltos, a qual ficava a margem do trecho de chão onde estavam os fornos e onde estavam secando as longas fileiras de tijolos. Não nos tomou muito tempo chegarmos a esse lugar, que aliás não era distante; e como a porta estivesse meio aberta, empurrei-a, abrindo-a de todo.

Só havia ali três pessoas, sentadas a almoçar. A criança dormia numa cama ao canto. A ausente era Jenny, mãe da criança morta. Ao ver-me, a outra mulher levantou-se; e os homens apesar de se mostrarem, como de costume, carrancudos e calados, fizeram-me, cada um, um displicente aceno de reconhecimento. Entreolharam-se quando o Sr. Bucket entrou logo depois de mim, e fiquei surpreendida vendo que a mulher evidentemente o conhecia.

Eu tinha, é claro, pedido licença para entrar. Liz (único nome pelo qual eu a conhecia) levantou-se para me ceder sua cadeira, mas sentei-me num escano junto do fogo, e o Sr. Bucket ficou a um canto da armação da cama. Agora que me cabia falar e me achava entre gente com quem não estava familiarizada, reparei na minha precipitação e irreflexão. Era muito difícil começar, e de nada valeria romper em pranto!

— Liz — disse eu —, fiz uma longa caminhada esta noite através da

neve, para saber notícias de uma senhora...

— Que, como sabem, estive aqui — atalhou o Sr. Bucket, dirigindo-se a todos com um sereno semblante conciliador. — É a essa senhora que se refere Miss Summerson. A senhora que estive aqui a noite passada, como sabem.

— E quem disse ao senhor que estive alguém aqui? — perguntou o marido de Jenny, que com um gesto desabrido parara de comer para escutar, e agora o media com os olhos.

— Um homem chamado Miguel Jackson, que usava um jaleco de belbutina azul, com uma dupla fileira de botões de madrepérola — respondeu imediatamente o Sr. Bucket.

— Melhor seria que esse tal cuidasse da sua vida, seja ele quem for — resmungou o homem.

— Ele está desempregado, creio eu — disse o Sr. Bucket, como para desculpar Miguel Jackson — e por isso gosta de tagarelar.

A mulher não tornara a sentar-se em sua cadeira, mas conservava-se de pé hesitante, com a mão no espaldar quebrado, olhando para mim. Pensei que, se ela tivesse coragem, me falaria em particular. Ela se achava ainda naquela atitude de incerteza, quando seu marido, que estava comendo, segurando um pedaço de pão e gordura numa das mãos e sua faca de fechar na outra, bateu violentamente com o cabo da mesma na mesa e disse à mulher, com uma praga, que tratasse da sua vida e se sentasse.

— Gostaria muito de ver Jenny — disse eu — pois tenho certeza que ela me diria tudo quanto soubesse a respeito dessa senhora, que estou verdadeiramente aflita (não podem imaginar quanto) por encontrar. Jenny tardará a chegar? Onde está ela?

A mulher tinha um grande desejo de responder, mas o homem, com outra praga, pisou-lhe no pé com sua pesada bota. Deixou que o marido de Jenny respondesse o que quisesse, e depois dum porfiado silencio este último voltou para mim a hirsuta cabeça.

— Não gosto muito de ver fidalgos em minha casa, como a senhora já me ouviu dizer antes, creio. Se eu não piso na casa deles, é curioso que eles não possam deixar de pisar na minha. Bonita coisa seria se eu lhes fosse fazer uma visitinha. Seja como for, não tenho de me queixar tanto da senhora como

dos outros; e folgo de dar-lhe uma resposta amável, conquanto vá logo dizendo que não me vou deixar arrastar como um texugo. Pergunta se Jenny tardará a chegar? Tarda, sim. Onde está ela? Foi a Londres.

— Na noite passada? — perguntei.

— Se foi na noite passada? Sim, foi na noite passada — respondeu ele, com uma rude sacudidela de cabeça.

— Mas estava ela aqui quando a senhora chegou? E que foi que a senhora lhe disse? E para onde foi a senhora? Peço-lhe tenha a bondade de dizer-me — disse eu pois estou aflita por saber.

— Se meu marido me deixar falar, sem fazer nenhuma ameaça... — começou timidamente a mulher.

— Seu marido — disse este, murmurando uma impreciação com vagarosa ênfase — lhe rachará a cabeça se você se meter onde não é chamada.

Depois de novo silêncio, o marido da mulher ausente, tornando a dirigir-se a mim, respondeu-me num resmungo, com a sua habitual má vontade.

— Se Jenny estava aqui quando a tal senhora chegou? Sim, estava aqui quando a tal senhora chegou. Que foi que a senhora lhe disse? Bem, vou dizer-lhe o que a tal senhora disse a ela. Disse o seguinte: “Lembra-se de quando vim aqui uma vez para conversar com você a respeito da senhorita que tinha vindo visitá-la? Lembra-se de que lhe dei alguma coisa para que me entregasse um lenço que ela aqui deixou?” Ah! ela se lembrava. Todos nós nos lembrávamos. Pois bem, estava aquela senhorita agora em casa? Não, não estava.” Pois bem, escute lá. A tal senhora viajava sozinha, por mais estranho que nos parecesse, e talvez tivesse descansado onde a senhorita está sentada, uma hora mais ou menos. E foi o que fez. Depois foi embora; deveriam ser umas onze e vinte, ou talvez umas doze e vinte. Não temos relógio de parede aqui para saber o tempo, nem mesmo relógios de algibeira. Para onde foi ela? Não sei lhe dizer. Ela seguiu por um caminho e Jenny por outro. Uma seguiu para Londres e a outra para o lado oposto. É tudo quanto há. Pergunte a este homem. Ele ouviu e viu tudo. Ele sabe.

O outro homem repetiu:

— E tudo quanto há.

— A senhora estava chorando? — perguntei.

— Nem um pouco — respondeu o outro homem. — Seus sapatos estavam uma lastima. Suas roupas também. Ela porém não... que eu visse.

A mulher sentara-se com os braços cruzados e de olhos no chão. Seu marido tinha virado um pouco a cadeira para ficar defronte dela; e conservava sua mão fechada parecendo um martelo, em cima da mesa, como se estivesse pronto a executar sua ameaça caso ela lhe desobedecesse.

— Espero que o senhor não faça objeção a que eu pergunte a sua mulher qual o aspecto da tal senhora — disse eu.

— Pois seja — gritou ele de mau modo, dirigindo-se a ela. — Você ouviu o que ela disse. Pois então avie-se e fale.

— Era mau — respondeu a mulher. — Estava pálida e exausta. Muito mau mesmo.

— Falou muito?

— Não muito, mas sua voz estava rouca.

Ela respondia, mas olhando durante todo o tempo para o marido, como a pedir licença.

— Estava abatida? — perguntei. — Comeu ou bebeu aqui?

— Vamos! — disse o marido, em resposta ao olhar dela. — Responda-lhe e seja breve.

— Bebeu um pouco d'água, senhorita, e Jenny ofereceu-lhe um pouco de chá com pão. Ela, porém, mal tocou nisso.

— E quando ela se foi daqui... — is eu prosseguir, quando o marido de Jenny impacientemente me interrompeu.

— Quando ela saiu daqui, seguiu na direção do norte pela estrada real. Pergunte na estrada, se duvidar de mim, e vera se não foi assim. Agora acabou. É tudo quanto há.

Lancei um olhar para meu companheiro, e, vendo que ele já se havia levantado e estava pronto para partir, agradei-lhes as informações e despedi-me. A mulher olhou bem para o Sr. Bucket quando este ia saindo, e o Sr. Bucket olhou bem para ela.

— Bem, Miss Summerson — disse-me ele, já indo nós nosso caminho e bem depressa —, eles ficaram com o relógio de Lady Dedlock. É um fato positivo.

— O senhor viu o relógio? — perguntei.

— Não vi, mas é como se tivesse visto. Ou então por que mencionaria o homem aqueles “vinte minutos”, acrescentando logo que não tinha relógio para dizer o tempo certo? Vinte minutos! Em geral ele não discrimina o seu tempo com tanta arte. Quando muito, chega às meias horas. Como vê, ou Lady Dedlock lhe deu aquele relógio, ou ele o tomou dela. Penso que ela lho deu. E para que lho deu ela? Para que lho deu?

Repetiu essa pergunta a si mesmo várias vezes, enquanto íamos a toda pressa, parecendo hesitar entre numerosas respostas que lhe acudiam ao espírito.

— Se houvesse tempo de sobra — disse o Sr. Bucket —, que é a única coisa que não há de sobra neste caso, eu poderia ter arrancado alguma coisa àquela mulher. Mas nas circunstâncias presentes seria uma possibilidade bastante duvidosa para tentar. Eles estão empenhados em manter estreita vigilância sobre ela, e qualquer idiota sabe que uma pobre criatura como aquela, batida, escoicinhada, ferida e contundida da cabeça aos pés, obedecerá em qualquer hipótese ao marido que a maltrata. Há qualquer coisa que procuram esconder. Foi pena não termos visto a outra mulher.

Lamentei-o muitíssimo, pois ela me era muito agradecida, e eu estava certa de que não teria resistido a um pedido meu.

— É possível, Miss Summerson — disse o Sr. Bucket, refletindo no caso —, que Lady Dedlock a tenha mandado a Londres com algum recado para a senhorita, e é possível que o marido tenha ficado com o relógio para deixá-la ir. Isso não me parece lá muito claro, mas é provável. Não estou para gastar o dinheiro de Sir Leicester Dedlock, baronete, com aqueles brutos e presentemente não descubro a utilidade disso. Não! Já que chegamos até aqui, vamos para a frente, Miss Summerson, sempre para a frente, abstendo-nos de muito estardalhaço!

Tornamos a entrar em casa para que eu pudesse enviar um rápido bilhete a meu tutor, e depois voltamos às pressas para o lugar onde tínhamos deixado o carro. Logo que nos viram vindo, trouxeram os cavalos, e dentro de poucos

minutos estávamos de novo a caminho.

Começara a nevar ao romper do dia, e agora a neve caía fortemente. O ar estava tão espesso com a escuridão do dia e a densidade da nevada, que apenas podíamos divisar um pouco de caminho em qualquer direção. Apesar de estar extremamente frio, a neve gelara só em parte e se desmanchava sob os cascos dos cavalos (com um som semelhante ao que fariam numa praia repleta de conchinhas) em lama e água. Os animais por vezes resvalavam e se chafurdavam uma milha inteira, e éramos obrigados a parar para dar-lhes descanso. Um cavalo caiu três vezes nessa primeira fase, e tremia tanto e estava tão combalido que o cocheiro teve de apear-se e afinal conduzi-lo.

Eu não podia comer nada e tampouco dormir. E fui ficando tão nervosa com todas aquelas demoras e com a morosidade com que viajávamos, que me veio um desejo insensato de descer e ir a pé. Cedendo, porém, ao bom senso do meu companheiro, fiquei onde estava. Durante todo esse tempo, conservado em plena vivacidade por um certo prazer que sentia na tarefa à qual estava entregue, ficava numa roda-viva diante de toda casa a que chegávamos, dirigindo-se a pessoas a quem nunca vira antes, como se fôssemos velhos conhecidos; correndo para perto de cada fogo que via, a fim de ali esquentar-se; conversando, bebendo, apertando mãos em cada taberna e bodega; mostrando-se cordial com todo carroceiro, com todo carpinteiro de rodas, com todo ferreiro e cobrador de portagem que encontrava, sem todavia parecer que perdia tempo, sempre tornando a subir para a boleia com a mesma cara vigilante e firme e o seu sério: — Vamos, meu rapaz!

Quando estávamos trocando os animais na parada seguinte, veio ele do pátio da cavalaria, todo envolvido em neve que dele caía às gotas (pois se metia por entre ela até os joelhos, como tantas vezes vinha fazendo desde que saíramos de Saint Albans) e me dirigiu a palavra a um lado do carro.

— Anime-se, senhorita. Não há dúvida que ela veio até aqui. Desta vez, não há dúvida a respeito do vestido, e o vestido foi visto aqui.

— Ainda a pé? — perguntei.

— Ainda a pé. Acho que o cavalheiro que a senhorita mencionou deve ser a pessoa para cuja casa ela se dirige; e contudo não me agrada nada que ele more no mesmo ponto que ela.

— Eu sei tão pouco — disse eu. — Talvez exista alguma outra pessoa

aqui por perto, a respeito da qual nunca ouvi falar.

— Isso é verdade. Mas, faça o que fizer, não se ponha a chorar, minha cara, e não se aflija mais do que é preciso. Vamos, meu rapaz!

A geada caiu o dia inteiro sem cessar, bem cedo sobreveio um nevoeiro espesso que nem por um momento se dissipou ou diminuiu. Estradas como aquelas eu nunca vira antes. Por vezes receava que havésssemos perdido o caminho e entrado pelos campos arados ou pelos pântanos. Se alguma vez pensei no tempo decorrido desde que saíra, parecia-me ele um período indefinido de grande duração. E me parecia, de maneira estranha, que eu nunca estivera livre da ansiedade que então me acabrunhava.

À proporção que avançávamos, comecei a sentir receios de que meu companheiro estivesse perdendo a confiança. Era o mesmo de antes para com todos na estrada, mas parecia sério quando ficava sozinho na boleia. Vi seu dedo passando sem cessar dum lado para outro da boca, durante toda uma longa e enfadonha etapa. Reparei que começava a perguntar aos cocheiros de outros veículos com que nos cruzávamos que passageiros que tinham visto nos outros veículos que iam à nossa frente. As respostas eram vagas. Sempre me fazia um sinal tranquilizador com seu dedo e levantava a pálpebra ao subir de novo para a boleia; mas agora parecia perplexo quando dizia: — Vamos, meu rapaz!

Por fim, quando estávamos trocando os animais, disse-me que perdera o rastro do vestido havia já tanto tempo que começava a ficar surpreendido. Nada era, dizia ele, perder tal rastro durante algum tempo e tornar a achá-lo durante mais algum, e assim por diante, mas aqui ele havia desaparecido de maneira inexplicável, e desde algum tempo não era possível tornar a encontrá-lo. Isso corroborava as apreensões que eu tivera, quando ele principiou a olhar para os postes de direção e a saltar do carro nas encruzilhadas durante um quarto de hora de cada vez, enquanto as examinava. Mas eu não devia perder a esperança, dizia-me ele, pois era provável que na próxima etapa pudéssemos estar de novo na pista certa.

A próxima etapa, entretanto, acabou, como a outra tinha acabado, e não tivemos nenhum novo indício. Havia ali uma hospedaria espaçosa, solitária, mas que era um edifício sólido e confortável. Quando entrávamos por um largo portão antes que eu desse por isso, uma estalajadeira e suas lindas filhas vieram até a porta da carruagem, insistindo comigo para que me apeasse e

descansasse enquanto eram mudados os cavalos. Achei que seria indelicado recusar. Levaram-me para um quarto quente no primeiro andar, e lá me deixaram.

Lembro-me que ficava numa esquina da casa e tinha uma vista dupla. De um lado dava para o pátio da cavalaria abrindo para um atalho, onde os moços de estrebaria estavam desatrelando da enlameada carruagem os cavalos cansados e salpicados de barro; e mais além, para o próprio atalho, atravessando o qual se via a tabuleta a balançar pesadamente; do outro lado dava para um sombrio pinhal. Os ramos dos pinheiros quase vergavam com a neve, e ela caía silenciosamente, formando montões úmidos, enquanto estive sentada à janela. A noite ia caindo, e sua soturnidade era aumentada pelo contraste com o fogo vivo e brilhante que reverberava na vidraça da janela. Enquanto eu olhava para os troncos das árvores e seguia as descoloridas marcas na neve onde o degelo se ia afundando dentro dela e solapando-a, pensei naquela face maternal aformoseada pelas filhas que acabavam de me acolher tão bem, e pensei em minha mãe deitando-se naquele bosque para morrer.

Assustei-me quando as vi todas ao redor de mim. Lembro-me, porém, de que, antes de desmaiar, fiz o possível para evitá-lo, e isso me confortou um pouco. Elas me colocaram, bem amparada por almofadas, sobre um sofá junto do fogo; e então a simpática estalajadeira me disse que eu não devia prosseguir a viagem naquela noite, mas sim ir dormir. Mas isso provocou em mim tal temor de que elas me detivessem ali, que ela imediatamente retirou suas palavras e concordou em que eu descansasse uma meia hora.

Ela era uma criatura boa e meiga. Suas três formosas filhas e ela se desvelaram por mim. Queriam que eu tomasse sopa quente e comesse frango assado na grelha, enquanto o Sr. Bucket se enxugava e jantava noutro lugar; mas não pude fazê-lo, quando daí a pouco uma mesinha bem arrumada foi posta junto do fogo, apesar de meu desejo de não decepcioná-los. Contudo, comi algumas torradas e bebi uma sangria quente; e, como efetivamente apreciei aquele refresco, não deixou de haver certa compensação.

Pontualmente, ao findar a meia hora, a carruagem veio parar debaixo do portão em arco. Elas me levaram para baixo, aquecida, alimentada, confortada por tantas atenções e livre (tranquilei-as quanto a este ponto) de tornar a desmaiar. Depois que entrei no carro e depois de já me haver despedido de

todas, cheia de gratidão, a filha mais moça — uma jovem galante de dezenove anos, que seria a primeira a casar-se, segundo elas me haviam dito — pulou no estribo da carruagem e me beijou. Nunca mais a vi desde aquele momento, mas até hoje penso nela como numa amiga.

Dentro em pouco desapareceram as janelas através das quais se viam o fogo e a luz, parecendo tão brilhantes e tão aquecedores em comparação com a escuridão fria cá de fora, e de novo estávamos esmagando e dissolvendo a neve solta. Prosseguimos com bastante dificuldade, mas as estradas lúgubres não eram muito piores do que tinham sido e a parada seguinte ficava apenas a catorze quilômetros. Meu companheiro, fumando na boleia (na última estalagem fora intenção minha pedir-lhe que o fizesse, quando o vi de pé diante de um grande fogo, envolto numa confortável nuvem de fumo) mantinha a mesma vigilância de sempre; e saltava para baixo e subia de novo agilmente todas as vezes que encontrávamos qualquer abrigo humano ou qualquer criatura humana. Havia acendido sua lanterninha fosca, de que parecia gostar muito, pois tínhamos lâmpadas no carro, e de vez em quando virava-a para o meu lado, para ver se eu ia passando bem. Havia uma janela movediça na frente da carruagem, mas eu nunca a fechava, pois me parecia que assim eu fecharia também a entrada de qualquer esperança.

Chegamos ao fim da etapa e ainda não conseguíamos recuperar o rastro perdido. Olhei para ele ansiosamente, quando paramos para a mudança dos cavalos, mas percebi pelo seu rosto ainda mais sério, enquanto observava o trabalho dos estribeiros, que nada pudera saber. Quase um instante depois, enquanto me recostava no meu assento, ele olhou para dentro, com a lanterna acesa na mão, mas era um outro homem, perturbado e muito diferente.

— Que é? — perguntei, sobressaltada. — Ela está aqui?

— Não, não. Não se iluda, minha cara. Ninguém está aqui. Mas tive uma ideia.

A neve cristalizada depositava-se em suas pestanas, em seu cabelo, nas dobras da sua roupa. Teve de sacudi-la da cara e tomar fôlego antes de poder falar-me.

— Agora, Miss Summerson — disse ele, batendo com o dedo na capota do carro —, não vá ficar decepcionada com o que vou fazer. Já me conhece. Sou o Inspetor Bucket e pode confiar em mim. Viajamos muito. Não tem importância. Quatro cavalos aí para a próxima jornada de volta. Depressa!

Verificou-se uma agitação no pátio, e um homem saiu correndo da estrebaria para saber “se era mesmo de volta”.

— De volta, digo-lhe eu! De volta! Não falo claro?

— De volta? — perguntei atônita! Para Londres! Vamos voltar?

— Miss Summerson — respondeu ele —, de volta para Londres e diretamente para lá. A senhorita me conhece. Não tenha medo. Vou seguir a outra, com a breca!

— A outra? — repeti. — Quem?

— A que a senhorita chamou de Jenny, não foi? Vou segui-la. Tragam estas duas parelhas para fora, uma coroa para cada homem. Vamos, acordem alguns de vocês aí!

— O senhor não irá abandonar essa mulher que estamos procurando; o senhor não quererá abandoná-la numa noite como esta e no estado de espírito em que eu sei que ela se encontra! — disse eu, angustiada, e aferrando-lhe a mão.

— Tem razão, minha cara, não o farei. Mas vou seguir a outra. Vamos ver aí esses cavalos se estão prontos? Mande um homem na frente a cavalo até a próxima parada, para que de lá enviem outro adiante à outra parada, para que tenham prestes quatro cavalos lá, adiante, e ainda além. Minha cara, não se assuste!

Essas ordens e a maneira como ele corria pelo pátio, incitando os homens, provocaram um alvoroço geral que para mim era quase tão desorientador como a súbita mudança. Mas, no auge da confusão, um homem montado saiu a galope para providenciar sobre as mudanças de cavalos e os nossos foram atrelados com a maior presteza.

— Minha cara — disse o Sr. Bucket, pulando para o seu assento e tornando a olhar para dentro do carro —, desculpe-me se me torno demasiado familiar —, não se aflija além da conta. Não direi mais nada agora, mas a senhorita me conhece, minha cara, não é verdade?

Tentei dizer que sabia que ele era bem mais capaz do que eu de deliberar o que convinha; mas teria ele certeza de que estava andando bem? Não poderia eu ir adiante à procura de... — na minha angústia, agarrei de novo a mão dele e segredei — de minha própria mãe?

— Minha cara, eu sei, eu sei. E acha que eu a iria enganar? Eu sou o Inspetor Bucket. — A senhorita me conhece, não é verdade?

Que poderia eu dizer senão sim?

— Então tenha toda a coragem que puder, e confie em mim, que estou identificado com a sua causa, não menos que com a de Sir Leicester Dedlock, baronete. Olá, está tudo pronto aí?

— Tudo em ordem, senhor.

— Então pronto! Vamos, meus rapazes!

E estávamos de novo na melancólica estrada por onde tínhamos vindo, a fender a geada lamacenta e a neve derretida, como se as revolvesse uma roda de moinho.

UM DIA E UMA NOITE DE INVERNO

Ainda impassível, como convém à sua criação, a casa urbana dos Dedlocks conserva sua atitude habitual em relação à rua de lúgubre magnificência. Cabeças empoadas aparecem de vez em quando nas pequenas janelas do vestíbulo, contemplando o pó não-taxado que cai do céu o dia inteiro; e na mesma estufa há flor de pêsego virando-se exoticamente para o fogo do grande vestíbulo, a proteger-se do tempo inclemente lá de fora. Divulgou-se que Lady Dedlock seguiu para Lincolnshire, mas que é esperada a qualquer momento.

O boato, demasiado ativo, entretanto, não chegará até Lincolnshire. Persiste em adejar e tagarelar pela cidade. Sabe que aquele pobre homem infeliz, Sir Leicester, foi muito maltratado. Houve toda espécie de coisas desagradáveis. Enche de alegria o mundo em cinco milhas em redor. Ignorar que se passa qualquer coisa de grave em casa dos Dedlocks é passar a si próprio atestado de imbecil. Um dos feiticeiros de bochechas cor de pêsego e de garganta de esqueleto já está informado de todas as principais circunstâncias que serão presentes aos Lordes no pedido de divórcio de Sir Leicester.

Na casa dos joalheiros Blaze e Sparkle e na dos armarinheiros Sheen e Gloss, isto é e será durante horas o tópico da época, o traço característico do século. As freguesas daqueles estabelecimentos, apesar de imperscrutáveis na sua altanaria, sendo lá pesadas e medidas tão à justa como qualquer outro objeto do estoque da casa, são perfeitamente compreendidas nesta nova moda pelo mais novato dos auxiliares de balcão. — Nossa gente, Sr. Jones — diziam Blaze e Sparkle ao auxiliar em questão ao contratarem-no —, nossa gente, senhor, são carneiros — meros carneiros. Onde vão dois ou três marcados vai todo o resto. Traga de olho aqueles dois ou três, Sr. Jones, e o rebanho todo será seu. — O mesmo dizem Sheen e Gloss ao Jones deles, com referência ao modo de ter os elegantes e de pôr em moda aquilo que eles

(Sheen e Gloss) escolherem. Baseado em idênticos princípios infalíveis, o Sr. Sladdery, bibliotecário, e, na verdade, grande criador de soberbos carneiros, confessa nesse mesmo dia o seguinte a um amigo: — Ora, sim, senhor, existem decerto boatos relativos a Lady Dedlock, muito correntes entre os meus conhecidos da alta roda. Como vê, meus conhecidos da alta roda têm de conversar a respeito de alguma coisa; e basta pôr em voga um assunto sugerindo-o a uma ou duas senhoras cujos nomes eu poderia citar, para fazer que ele se transmita ao resto. Justamente o que eu devia ter feito, meu senhor, com aquelas damas, no caso de ter o senhor deixado aqui qualquer novidade para eu a lançar em moda, elas fizeram por conta própria neste caso, conhecendo, como conhecem, Lady Dedlock, e também por terem talvez um pouco de inocente inveja dela. O senhor verá que este tópico se tornará muito popular entre os meus conhecidos da alta roda. Se se tratasse de uma especulação comercial, daria muito dinheiro. E quando digo isso, pode estar certo de que tenho razão, porque uma das minhas precauções tem sido estudar os meus conhecidos da alta roda, e tornar-me capaz de dar-lhes corda como a um relógio.

Assim o boato medra na capital e não chegará até Lincolnshire. Às cinco e meia da tarde, tempo da Guarda Real, o boato até deu azo a uma nova observação da parte do Exmo Sr. Stables, observação essa que promete eclipsar a antiga da mesma autoria, e sobre a qual durante tanto tempo repousou a sua fama de *causeur*. De acordo com esta novíssima e cintilante frase de espírito, conquanto sempre tivesse sido do conhecimento do Sr. Stables que ela era o espécime mais bem cuidado da coudelaria, nunca supôs que fosse um animal desbriado. O chiste teve larga aceitação entre os turfistas.

Em banquetes e festas também, em firmamentos que ela tantas vezes adornou e entre constelações onde até ontem eclipsava outras, é ela ainda o assunto predominante? Que é? Quem é? Quando foi? Como foi? Ela é discutida por seus queridos amigos no mais elegante calão em voga, com a última palavra nova, a última maneira nova, o último novo modo de falar arrastado e vagaroso, e com a perfeição de delicada indiferença. Uma notável característica do tema é que o acham tão ilustrativo que pessoas as quais antes eram uns ilustres anônimos agora se tornam faladas e, por sua vez, falam tanta coisa! Guilherme Buffy carrega uma dessas agudezas do lugar onde janta para a Câmara, onde o líder do seu partido a vai passando em roda como faz com a

sua tabaqueira, para encurralar dentro da sala para a hora das votações os que querem escapulir, dando em resultado que o presidente (que já teve o cuidado de acolhê-la à puridade dentro do ouvido, por baixo da ponta da peruca) chama três vezes, mas sem fazer moça: — Ordem, ordem no recinto!

Há ainda uma não menos surpreendente circunstância relacionada com o fato de estar a alta dama sendo vagamente o comentário da cidade: é que certa gente moradora dos confins onde andam alcandorados os conhecidos da alta roda do Sr. Sladdery, gente essa que nunca, absolutamente nunca ouvira falar nada a respeito dela, julga essencial ao próprio crédito fingir que ela é também o seu prato do dia. Assim sendo, vendem-na a retalho e em segunda mão com a última palavra nova, última maneira nova, o último novo modo de falar arrastado e vagaroso, e com a última perfeição de delicada indiferença e o mais dos autos, tudo em segunda mão, mas passando por novo, em sistemas planetários inferiores e para estrelas mais frouxas. Se há entre aqueles modestos retalhistas algum artista ou algum homem de letras ou de ciência, que nobreza a sua suster as débeis irmãs daquela dama em tão majestosas muletas!

Assim passa o invernosso dia fora do solar dos Dedlocks. E dentro dele como passa o dia?

Sir Leicester, deitado na sua cama, pode falar um pouco, ainda que com dificuldade e sem nenhuma clareza. Os médicos recomendaram-lhe silêncio e repouso e lhe deram um pouco de ópio para acalmar-lhe as dores, pois seu velho inimigo se mostra muito cruel para com ele. Não consegue conciliar verdadeiramente o sono; apenas dormita frouxamente, acordando de instante a instante. Mandou que chegassem sua cama para perto da janela, quando soube que o tempo ia aspérrimo; mandou que ajeitassem sua cabeça de tal modo que ele pudesse ver a neve cair. Observa como ela cai, durante o dia inteiro de inverno.

Ao menor ruído na casa, onde reina o silêncio, sua mão dirige-se ao lápis. A velha governanta, sentada a seu lado, sabe o que ele quer escrever e murmura: — Não, ele ainda não veio, Sir Leicester. Já era muito tarde quando saiu. Faz pouco tempo que ele se foi.

O enfermo retira a mão e volve a contemplar a neve, até que, à força de contemplar aquele cair tão contínuo e vertiginoso, ele se vê obrigado a fechar os olhos por um minuto, porque aquilo lhe causa tonteira.

Ele começara a olhar para aquele espetáculo monótono desde que clareara. O dia ainda não se acabara, quando lhe lembra que é necessário arrumar os aposentos de Ledy Dedlock. Está muito frio e úmido. É preciso aquecê-los. É preciso que todos saibam que ela está sendo esperada. A senhora mesma tome todas as providências. Para isso ele escreve na lousa, e a Sra. Rouncewell, sentindo um peso na alma, obedece.

— É que eu receio, Jorge — diz a velha a seu filho, que lá embaixo espera uns momentos de folga para ficar com ela —, eu receio, meu querido, que a minha senhora nunca mais ponha os pés dentro destas paredes.

— Isso é um mau pressentimento, mamãe.

— Nem ainda dentro das paredes de Chesney Wold, meu bem.

— Isso é pior. Mas por que, minha mãe?

— Quando estive ontem com minha senhora, Jorge, ela me pareceu uma criatura que houvesse sido pisada pelo fantasma do Passeio.

— Ora, ora! A senhora se assusta, mamãe, com temores de velhas lendas.

— Não, não, meu filho. Não me assusto, não. Vai fazer sessenta anos que vivo nesta família, e nunca antes ela me inspirara receios. Mas ela está-se dissolvendo, meu caro. A grande, a antiga família Dedlock está-se dissolvendo.

— Espero que não, mamãe.

— Graças a Deus que me deixou com vida para ficar com Sir Leicester nesta doença e aflição, pois sei que, apesar de velha e quase inútil, a minha presença lhe causa mais prazer do que lhe causaria qualquer outra pessoa no meu lugar. Mas o fantasma do Passeio derrubará minha senhora, Jorge; ele esteve muitos dias atrás dela e agora a atropelará e continuará seu caminho.

— Pois bem, minha mãe, continuo a dizer que espero que não.

— Ah! É o que também espero, Jorge — torna a velha, abanando a cabeça e abrindo as mãos que estavam cruzadas. — Mas se meus temores se verificarem e ele tiver de saber a verdade, quem lha dirá?

— São estes os aposentos dela?

— São, sim, tais como ela os deixou.

— Ah! agora — diz o cavalariano, olhando em redor e falando em voz baixa — começo a compreender como a senhora veio a pensar como pensa mamãe. Os aposentos tomam um aspecto horrendo quando estão preparados, como estes, para uma pessoa que a gente está mais acostumada a ver neles, e essa pessoa está ausente sob um abrigo qualquer — quanto mais, estando essa pessoa sabe Deus onde.

Ele não deixa de ter razão. Como todas as separações prefiguram a grande separação final, assim também os aposentos vazios, privados duma presença familiar, murmuram lugubrememente o que um dia deverá ser o seu quarto, leitor, e o meu também. A pompa de sua excelência tem um ar de coisa falsa, assim largada e fúnebre; na alcova interna, onde na noite passada o Sr. Bucket andou fazendo suas investigações secretas, os vestígios de seus vestidos e adornos e até mesmo os espelhos que costumavam refleti-los quando eles eram uma parte da sua pessoa, têm um ar desolado e vazio. Apesar de estar frio e escuro aquele dia invernos, há mais escuridão e frialdade naqueles quartos desertos do que em muita cabana que mal serve para abrigar do tempo; e embora os criados ponham muito fogo nos fogões e coloquem os divãs e as cadeiras no interior dos quentes biombos de vidro que deixam o seu clarão rubro atingir os cantos mais afastados, há naquelas salas uma nuvem carregada que nenhuma luz logra dissipar.

A velha governanta e seu filho permanecem ali até ficarem completos os preparativos, e depois ela torna a subir. Volúmnia, entrementes, tomara o lugar da Sra. Rouncewell. Mas qual! Nas atuais circunstâncias, nenhum conforto pode proporcionar ao doente colares de pérola e potes de carmim, todo o arsenal de embelezamento de Bath. Como parece que Volúmnia não sabe (e de fato não sabe) do que se trata, descobriu que é uma tarefa árdua externar observações apropriadas; por conseguinte resolveu substituí-las por coisas mais materiais, como alisar desesperadamente a roupa de cama, locomover-se complicadamente nas pontas dos pés, espiar ansiosa os olhos do parente e murmurar para si mesma num desconsolo: “Está dormindo.” Exasperado com essa observação supérflua, Sir Leicester escreveu na lousa: “Não estou.”

Cedendo, por isso, a cadeira à cabeceira do enfermo a velhota da governanta, Volúmnia senta-se a uma mesa um pouco retirada, suspirando condoída. Sir Leicester contempla a neve e esforça-se por escutar os passos que espera. Aos ouvidos de sua velha criada, como se ela houvesse saído de

dentro duma velha moldura para atender a um Dedlock chamado a um outro mundo, o silêncio está cheio de ecos de suas próprias palavras: “Quem lhe dirá a verdade?”

Ele estivera aos cuidados de seu criado de quarto naquela manhã, para se fazer apresentável, e o está tanto quanto as circunstâncias o permitem. Almofadas o escoram, seu cabelo grisalho foi penteado da maneira usual, sua roupa branca está impecável, e ele se acha envolvido num respeitável roupão. Seus óculos e seu relógio estão ali à mão. É necessário — agora menos talvez por causa da sua própria dignidade do que em atenção a Lady Dedlock — que ele não dê impressão de que está agitado e que se acha antes, tanto quanto possível, no seu estado normal. As mulheres não perdem ocasião de falar, e Volúmnia, apesar de ser uma Dedlock, não fugirá à regra. Se ele a conserva ali, é quase certo que é para impedir que ela saia por aí a falar. Ele está muito doente, mas no momento faz corajosamente face à aflição do espírito e ao sofrimento do corpo.

Sendo a formosa Volúmnia uma dessas moças vivas que não podem ficar muito tempo caladas sem iminente perigo de serem presas do dragão do tédio, logo indica a aproximação daquele monstro com uma série de indisfarçáveis bocejos. Achando impossível reprimir aqueles bocejos por outro processo qualquer que não seja a conversa, felicita a Sra. Rouncewell por causa do filho, declarando que ele é positivamente uma das mais belas figuras que já vira e uma pessoa de aparência tão marcial que lhe fazia lembrar o seu militar pertencente à Guarda Real — o homem que a enlouquece, a mais querida das criaturas — que foi morto em Waterloo.

Sir Leicester ouve esse elogio com tanta surpresa, e olha em torno de si com tamanho ar de perturbação, que a Sra. Rouncewell acha necessário dar uma explicação.

— Miss Dedlock não se refere ao meu filho mais velho, Sir Leicester, mas ao mais moço. Eu o tornei a encontrar. Ele voltou para casa.

Sir Leicester rompe o silêncio com um grito áspero.

— Jorge? O seu filho Jorge voltou, Sra. Rouncewell?

A velha governanta enxuga os olhos.

— Graças a Deus. Sim, Sir Leicester.

Teria essa descoberta de alguém que estava perdido, essa volta de alguém que há tanto tempo se fora, significado para ele uma forte confirmação de suas esperanças? Acaso ele pensa: “Não poderei eu, com o auxílio que tenho, revê-la incólume depois dum caso como esse, havendo no caso dela apenas algumas horas, ao passo que no dele foram anos?”

É inútil suplicar-lhe: agora ele está decidido a falar, e fala. Fala, é verdade, com uma densa confusão de sons, mas já de um modo bastante inteligível para ser entendido.

— Por que não me disse isso, Sra. Rouncewell?

— Foi ontem que aconteceu, Sir Leicester, e eu receava que o senhor não estivesse passando suficientemente bem para ser informado de tais coisas.

A leviana Volúmnia recorda agora com seu gritinho que ninguém devia ficar sabendo que ele era filho da Sra. Rouncewell e que ela não devia tê-lo dito. Mas a Sra. Rouncewell protesta, com calor suficiente para inchar-lhe o corpete, que ela sem dúvida haveria de contar a Sir Leicester logo que ele se sentisse melhor.

— Onde está seu filho Jorge, Sra. Rouncewell? — pergunta Sir Leicester.

A Sra. Rouncewell, não pouco alarmada com o desrespeito às ordens do médico, responde que em Londres.

— Em que lugar de Londres?

A Sra. Rouncewell é obrigada a confessar que ele se acha na casa.

— Traga-o aqui. Traga-o sem demora.

A velha não tem outro recurso senão sair à procura dele. Sir Leicester, com a força de movimento que tem, arruma-se um pouco para recebê-lo. Feito isso, olha de novo para a neve que cai e fica de novo escutando os passos da que deve voltar. Juncaram a rua com uma certa quantidade de palha para amortecer os ruídos e ela poderá ser conduzida de carro até a porta, sem que talvez ele ouça o barulho das rodas.

Está assim recostado, aparentemente esquecido da sua surpresa mais recente, quando a governanta volta, acompanhada de seu filho cavalariano. O Sr. Jorge aproxima-se mansamente da cabeceira, faz uma reverência, dilata o peito e fica ali de pé, muito corado e sinceramente envergonhado de si

mesmo.

— Deus do céu! Não é que é mesmo Jorge Rouncewell? — exclama Sir Leicester. — Lembra-se de mim, Jorge?

O cavalariano precisa olhar para ele e separar um som de outro som, antes de entender o que ele disse, mas depois disso, e um pouco ajudado por sua mãe, responde: — Muito ruim memória devia eu ter, Sir Leicester, se não me lembrasse do senhor.

— Quando olho para você, Jorge Rouncewell — observa Sir Leicester com dificuldade —, o que revejo é um menino em Chesney Wold... Lembro-me... muito bem.

Fita o cavalariano até as lágrimas lhe virem aos olhos e depois volta a olhar para a neve.

— Desculpe-me, Sir Leicester — diz o cavalariano —, mas quer permitir que eu o levante mais um pouco? O senhor ficará deitado com mais comodidade, Sir Leicester, se consentir que eu o mude de posição.

— Sim, Jorge, se quiser fazer-me esse obséquio.

O cavalariano toma-o em seus braços como se fosse uma criança, ergue-o brandamente e põe-no de maneira que fica com o rosto ainda mais voltado para a janela.

— Obrigado. Você tem a delicadeza de sua mãe — observa Sir Leicester — além da força que é só sua. Obrigado.

Faz-lhe um gesto com a mão para que se não retire. Jorge permanece junto dele, esperando que o fidalgo lhe dirija a palavra.

— Por que deseja você ficar incógnito? — Sir Leicester gasta algum tempo para fazer essa pergunta.

— Na verdade, não tenho muito de que me gabar, Sir Leicester, e eu... eu espero ainda, Sir Leicester, se o senhor não estivesse tão indisposto — o que, como espero, não durará muito —, espero o favor de me ser permitido conservar o meu incógnito. Isso envolve explicações que não é muito difícil conjecturar, que não são muito oportunas aqui, nem de grande crédito para mim. Por mais que possam diferir as opiniões acerca de vários assuntos, creio que todos concordariam, Sir Leicester, em que não há muita coisa de que eu me possa orgulhar.

— Você foi soldado — obtempera Sir Leicester —, e soldado leal.

Jorge faz uma vênia militar.

— Quanto a isso, Sir Leicester, cumpri o meu dever sob disciplina, e foi o menos que pude fazer.

— Você me encontra — diz Sir Leicester, cujos olhos são cada vez mais atraídos para ele — bem longe de estar com saúde, Jorge Rouncewell.

— Lamento ouvir e ver isso, Sir Leicester.

— Bem sei. Não. Além da minha doença, sofri um súbito ataque de mau caráter. Qualquer coisa que amortece — e faz uma tentativa para passar a mão para o outro lado — e confunde — diz, tocando os lábios.

Jorge, com um olhar de assentimento e de compaixão, faz outra cortesia. Os diferentes tempos em que ambos eram jovens (o cavalariano muito mais moço que ele) e estavam em Chesney Wold, voltam à memória deles e os enternecem.

Sir Leicester, evidentemente com uma grande determinação de dizer, lá a seu modo, alguma coisa que lhe vai pela mente antes de recair no seu mutismo, tenta erguer-se um pouco mais entre suas almofadas. Notando aquilo, Jorge toma-o de novo nos braços e coloca-o como ele deseja ficar.

— Obrigado, Jorge. Você é um outro eu para mim. Muitas vezes, em Chesney Wold, era você que levava minha espingarda sobressalente. Nestas estranhas circunstâncias atuais, você é para mim familiar, muito familiar.

Ele havia colocado o braço são de Sir Leicester sobre seu ombro ao levantá-lo, e Sir Leicester demora-se em retirá-lo de novo, enquanto diz as seguintes palavras: — Eu estava para acrescentar — prossegue ele pouco depois —, com relação a este ataque, que ele infelizmente coincidiu com uma ligeira desinteligência que houve entre mim e minha senhora. Não quero dizer com isso que houvesse propriamente qualquer desavença entre nós (pois nenhuma houve), mas que houve um desentendimento relativo a certas circunstâncias só importantes para nós mesmos, e que me priva, por algum tempo, da companhia de minha senhora. Ela achou necessário fazer uma viagem, de que, espero, não tardará a regressar. Volúmnia, faça-me compreensível? As palavras fogem ao meu domínio, na maneira de pronunciá-las.

Volúmnia compreende-o perfeitamente: e efetivamente ele se exprime com muito maior clareza do que seria de supor um minuto antes. O esforço com que o faz está estampado na expressão ansiosa e fatigada de seu rosto. Nada mais do que a energia de seu propósito o torna capaz de fazê-lo.

— Por conseguinte, Volúmnia, desejo declarar na sua presença — e na presença da minha velha empregada e amiga, Sra. Rouncewell, cuja sinceridade e fidelidade não podem ser postas em dúvida — e na presença de seu filho Jorge, que volta como uma recordação familiar de minha juventude na casa de meus antepassados em Chesney Wold — no caso de eu sofrer outro ataque, no caso de não mais voltar a mim, no caso de perder a faculdade de falar e escrever, conquanto espere coisas melhores...

A velha governanta chora silenciosamente; Volúmnia, na maior agitação, tem nas faces um vivo rubor; o cavalariano, com os braços cruzados e a cabeça um pouco inclinada, ouve com respeitosa atenção.

— Por conseguinte desejo declarar, invocando todos vocês por testemunhas — a começar por você mesma, Volúmnia, da maneira mais solene —, que me mantenho inalteravelmente nas mesmas relações com Lady Dedlock. Que afirmo não haver causa alguma de queixa contra ela. Que sempre tive por ela o afeto mais forte e que conservo esse afeto sem diminuição. Digam isso a ela e a quem quer que seja. Se alguma vez vocês disserem menos do que isso, serão culpados de deliberada falsidade para comigo.

Volúmnia, toda trêmula, afirma que cumprirá à risca suas injunções.

— Minha esposa está em posição demasiado elevada, é muito bela, muito prendada, demasiado superior, sob muitos aspectos, às melhores dentre aquelas que a cercam, para que não tenha, ousado dizê-lo, inimigas e detractoras. Deem-lhe a conhecer, como conhecido torno de vocês, que estando eu em meu inteiro juízo, memória e compreensão, não revogo nenhuma disposição dentre as que fiz em favor dela. Não reduzo nada do que já lhe concedi. Minhas relações com ela não se alteraram, e não anulo, tendo todo o poder de fazê-lo, como veem, se a isso estivesse disposto, nenhum ato que haja praticado para vantagem e felicidade dela.

Sua fala solene poderia conter, se fosse outra a circunstância, como muitas outras vezes contivera, qualquer coisa de ridículo, mas naquela ocasião é séria e comovente. Sua nobre gravidade, sua fidelidade, sua

cavalheiresca maneira de defender a esposa, a generosa vitória que obtém do seu orgulho ofendido pela injustiça dela, são coisas indubitavelmente honrosas, varonis e verdadeiras. Nada menos digno pode ser visto através do brilho de tais qualidades no mais vulgar mecânico, nada menos digno pode ser visto no mais bem nascido cavalheiro. Vistos sob tal prisma, ambos se alçam à mesma altura, ambos filhos do pó brilham igualmente.

Esgotado pelos esforços feitos, deixa ele cair a cabeça sobre os travesseiros e cerra os olhos, durante não mais de um minuto, e logo retoma a sua ocupação de observar o tempo e de prestar atenção aos sons abafados. No prestar aqueles pequenos serviços e na maneira por que foram aceitos, o cavalariano passou a ser uma criatura necessária para o fidalgo. Apesar de não ter sido pronunciada nenhuma palavra nesse sentido, está tudo perfeitamente entendido. Jorge recua um ou dois passos para não ficar visível e monta guarda um pouco atrás da cadeira de sua mãe.

O dia agora está começando a declinar. A neblina e a geada em que a neve toda se converteu estão mais escuras, e o clarão do fogo começa a destacar-se mais vivamente sobre as paredes e os móveis do quarto. A obscuridade aumenta, o gás brilhante surge nas ruas, e os pertinazes lampiões de azeite ainda ali resistem, com a sua fonte de vida meio gelada e meio derretida, piscam a custo, como peixes de fogo fora d'água — como são. A gente que andou passando em carros barulhentos sobre a palha e puxou a campainha “para saber notícias”, começa a vestir-se para o jantar, a discutir sobre sua querida amiga, com todas as últimas modas novas, como já foi mencionado.

Agora Sir Leicester vai piorando; torna-se inquieto, desassossegado e cheio de dores. Volúmnia, que acendeu uma vela (com uma predestinada aptidão a fazer coisas censuráveis), recebe ordem de apagá-la, porque ainda não está bastante escuro. Todavia, está muito escuro, tão escuro como estará a noite toda. Daí a pouco ela tenta de novo. Não! Apague. Ainda não está bastante escuro.

Sua velha governanta é a primeira a compreender que ele se está esforçando por manter consigo mesmo a ficção de que ainda não é bastante tarde.

— Caro Sir Leicester, meu honrado senhor — murmura ela suavemente —, devo, para seu próprio bem e para cumprir meu dever, tomar a liberdade

de lhe pedir e suplicar que não fique aí sozinho na escuridão, velando e esperando enquanto as horas se arrastam. Permita que eu corra as cortinas e acenda as velas, proporcionando ao senhor mais conforto. Seja como for, os relógios das igrejas darão as horas, Sir Leicester, e a noite passará da mesma forma. E da mesma forma voltará a nossa Lady Dedlock.

— Sei disso, Sra. Rouncewell, mas estou fraco... e já faz tanto tempo que ele partiu.

— Não tanto tempo assim, Sir Leicester. Nem vinte e quatro horas ainda.

— Mas é muito tempo. Oh, é muito tempo!

Diz isso com um gemido que confrange o coração da idosa serva.

Ela acha que não é ocasião própria para lançar uma luz muito forte sobre o enfermo; acha que as lágrimas dele são demasiado sagradas para serem vistas, mesmo por ela. Portanto senta-se no escuro por algum tempo, sem falar palavra, depois devagarinho começa a andar pelo quarto, ora atijando o fogo, ora de pé junto à janela escura, olhando para fora. Afinal ele lhe diz, tendo recuperado o domínio de si próprio: — Como a senhora diz, não é pior reconhecer as coisas. Vai ficando tarde e eles não voltaram. Ilumine o quarto!

Iluminado o quarto e desaparecido o espetáculo do tempo lá fora, só lhe resta escutar.

Mas verificam que, por mais abatido e doente que ele esteja, mostra-se animado quando alguém finge que vai ver o fogo no quarto dela e certificar-se de que está tudo pronto para recebê-lo. Ainda tratando-se de uma ação banal, só a circunstância de parecer que ela está sendo esperada conserva a esperança no íntimo do enfermo.

Chega meia-noite; tudo na mesma. As carruagens na rua são poucas e outros sons retardatários naquela vizinhança se extinguiram, a não ser algum ébrio que se tenha extraviado dentro da zona frígida, e faça barulho e vá berrando ao longo da calçada. Aquela noite de inverno está tão silenciosa que escutar o intenso silêncio é o mesmo que olhar para a intensa escuridão. Se se percebe algum som distante, nesse caso, esse som avança através das trevas como uma luz fraca que nelas incidisse, e tudo se torna mais pesado que antes.

A criadagem recebe ordem de ir deitar-se (ordem muito bem recebida,

pois estiveram de pé toda a noite anterior) e somente a Sra. Rouncewell e Jorge permanecem de guarda no quarto de Sir Leicester. À medida que a noite se arrasta morosamente, parecendo até ter parado de todo entre duas e três horas da madrugada, notam eles no doente certa ânsia de saber como vai o tempo lá fora, agora que não pode vê-lo. Por isso Jorge, fazendo uma ronda regular a cada meia hora que se estende até os aposentos tão carinhosamente cuidados, alonga sua marcha até a porta do vestíbulo, relanceia os olhos por ali e de volta traz a melhor informação que pode sobre a pior das noites, estando a geada ainda a cair e o gelo lodoso a cobrir o passeio até a altura de alguns centímetros.

Volúmnia, no seu quarto situado num escuro patamar da escada — a segunda esquina depois de passado o fim da parte de labores e douraduras —, quarto para primos contendo um horrendo retrato de Sir Leicester, verdadeiro monstrengo, encafuado ali por ser o que era e dando durante o dia para um pátio solene, onde havia arbustos secos, semelhantes a espécimes antidiluvianos de chá preto — é vítima de horrores de vária espécie. Provavelmente não é o último nem o menor deles o que poderá acontecer à sua pequena renda, no caso, diz ela, “de suceder alguma coisa” a Sir Leicester. “Alguma coisa”, no caso presente, tem apenas um sentido, e é a última coisa que pode ocorrer à consciência de qualquer baronete no mundo conhecido.

Um dos efeitos desses horrores é Volúmnia achar que não pode ir deitar-se em seu próprio quarto, ou sentar-se lá junto ao fogo, mas que deve vir para baixo com sua formosa cabeça enrolada em profuso xale e suas belas formas envolvidas num roupão, andando assim pelo solar como um fantasma, aparecendo principalmente nos luxuosos e aquecidos aposentos preparados para alguém que ainda não voltou. Como em circunstâncias semelhantes não se pode pensar em solidão, Volúmnia é seguida de sua serva, que, tirada da cama para esse fim, morta de frio, cheia de sono e em geral criada que se considera em prejuízo vendo-se compelida pelas circunstâncias a empregar-se com uma prima, quando o seu desejo era colocar-se numa casa titulada com uma renda anual nunca inferior a dez mil, não tem uma expressão fisionômica lá muito agradável.

As visitas periódicas do cavalariano àqueles aposentos, entretanto, no curso da sua ronda, é uma garantia de proteção e de companhia, tanto para a patroa como para a criada, o que as torna bastante aceitáveis lá pela

madrugada. Sempre que ouvem o rumor de seus passos ambas arrumam um pouco a própria toalete para recebê-lo. Outras vezes, dividem sua vigília entre curtos cochilos e diálogos, não inteiramente livres de aspereza, como quando, por exemplo, se discute se Miss Dedlock, sentada com os pés no guarda-fogo, estava ou não estava a ponto de cair nas brasas quando é salva (com grande desprazer seu) pela criada, seu gênio tutelar.

— Como está agora Sir Leicester? — indaga Volúmnia, ajustando seu capuz na cabeça.

— Na mesma, senhorita. Está muito abatido e doente e até mesmo delira algumas vezes.

— Perguntou por mim? — inquire Volúmnia, enternecida.

— Não, creio que não, senhorita... quero dizer, que eu tenha ouvido, não.

— Tempo verdadeiramente triste este, Sr. Jorge.

— Realmente. Não seria melhor que a senhorita fosse deitar-se?

— Seria muito melhor que a senhorita fosse deitar-se, Miss Dedlock — diz a criada com aspereza.

Mas Volúmnia responde: — Não! Não! — Pode ser chamada, podem precisar dela a qualquer momento. Ela nunca perdoaria a si mesma “se acontecesse qualquer coisa” e ela não se encontrasse no seu posto. Provocada pela criada, declina de discutir se o posto seria ali ou no seu quarto (mais próximo do de Sir Leicester), mas declara com firmeza que permanecerá no seu posto. Volúmnia gaba-se ainda de não “ter pregado um olho”, como se tivesse vinte ou trinta, embora seja difícil conciliar essa afirmativa com o fato de ter ela, indiscutivelmente, aberto dois cinco minutos atrás.

Mas, quando o relógio dá quatro horas e tudo continua na mesma, a constância de Volúmnia começa a esmorecer, ou, antes, começa a fortificar-se; pois agora considera obrigação sua estar pronta para o dia de amanhã, quando se pode esperar muito dela; e considera mais que, na verdade, ainda que ansiosa por permanecer no seu posto, talvez seja exigido dela que abnegadamente o abandone. Assim, quando o cavalariano reaparece, perguntando: — Não seria melhor que a senhorita fosse deitar-se? — e quando a criada insiste mais asperamente do que antes: — Seria muito

preferível que a senhorita fosse deitar-se, Miss Dedlock! — ela docemente se levanta e diz: — Façam de mim o que acharem melhor!

O Sr. Jorge tem para si que o melhor é levá-la apoiada em seu braço até a porta de seu quarto, e a criada acha que o melhor é jogá-la em cima da cama com muito pouco cerimônia. Consequentemente, tomam-se essas providências, e agora, nas suas rondas, tem o cavalariano a casa toda para si mesmo.

O tempo não melhora. Do pórtico, das goteiras do telhado, do parapeito, de cada saliência, de cada pilar e coluna, goteja a neve derretida. Ela introduziu-se, como se procurasse abrigo, nas vergas da grande porta, debaixo dela, nos cantos das janelas, em cada fenda ou rachadura, e ali se consome e desaparece. Ainda está caindo, em cima do telhado, em cima da claraboia e até mesmo através da claraboia, e goteja, goteja, goteja, com a regularidade dos passos no Passeio do Fantasma, no chão de pedra lá embaixo.

O cavalariano, com as recordações despertadas pela solitária grandeza da enorme casa — nenhuma novidade para ele outrora em Chesney Wold —, sobe as escadas e atravessa os principais aposentos, erguendo a luz à altura de seu braço. Pensando em tudo quanto lhe acontecera nas últimas semanas, na sua rústica meninice e dos dois períodos de sua vida tão estranhamente reunidos através do largo espaço intermédio; pensando no homem assassinado, cuja imagem está fresca ainda em sua mente; pensando na dama que desapareceu daqueles mesmos aposentos, estando ali ainda bem visíveis os sinais de sua recente presença; pensando no dono da casa que está lá em cima, e no presságio “Quem lhe dirá a verdade?” — olha para todos os lados e reflete na possibilidade de ver agora alguma coisa que demandaria toda a sua audácia para abeirar-se dela, pôr-lhe a mão em cima e provar que é pura fantasia. Mas nada há ali; ali só há trevas em cima e embaixo, enquanto ele torna a subir a grande escadaria; tudo vazio como o silêncio opressivo.

— Está tudo ainda pronto, Jorge Rouncewell?

— Tudo pronto e em ordem, Sir Leicester.

— Nenhuma notícia?

O cavalariano meneia a cabeça.

— Nenhuma carta que por descuido não tenha sido vista?

Ele sabe que não há nenhuma esperança dessa espécie, e deixa pender a cabeça sem esperar resposta.

Bastante familiarizado com ele, como ele próprio afirmara algumas horas antes, Jorge Rouncewell ergue-o para colocá-lo em posições mais cômodas durante o longo resto da vazia noite invernososa; e igualmente de acordo com seu desejo não-expresso, apaga a luz e descerra as cortinas aos primeiros albores do dia. O dia chega como um fantasma. Frio, descolorido e vago, envia adiante de si um clarão de cor funérea, como se bradasse num aviso: “Ó vós que velais aí, vede o que eu vos trago! Quem lhe dirá a verdade?”

A NARRATIVA DE ESTER

Eram três horas da manhã, quando as primeiras casas às abas de Londres nos apartaram do campo, introduzindo-nos afinal nas ruas da cidade. Havíamos atravessado estradas em muito piores condições do que quando por elas passáramos à luz do dia, pois tanto a queda de neve como o degelo não tinham cessado desde então; mas a energia do meu companheiro nunca afrouxou. Não contribuíra ela menos do que os cavalos, segundo me parecia, para o nosso avanço, e muitas vezes os auxiliou. Tinham eles parado exaustos a meio caminho dos morros, tinham sido arrastados por torrentes indômitas, tinham resvalado enredando-se nos arreios; mas ele e sua lanterninha haviam estado sempre prestes, e, vencido o contratempo, nunca ouvi nenhuma modificação no seu frio “Vamos, meus rapazes!”

A firmeza e a confiança com que dirigira nossa viagem de volta eram inexplicáveis. Nunca hesitando, nem sequer parou para fazer uma indagação até que nos achamos a poucos quilômetros de Londres. Umas poucas palavras, aqui e ali, eram então bastante para ele; e assim chegamos, entre três e quatro horas da manhã, a Islington.

Não insistirei a respeito da expectativa e da ansiedade com que, durante todo aquele tempo, refleti que estávamos a cada minuto deixando minha mãe cada vez mais para trás. Penso que sentia alguma forte esperança de que ele estivesse certo e de que não pudesse deixar de ter um intuito satisfatório em seguir a tal mulher; mas atormentei-me pondo isso em dúvida e discussão durante toda a jornada. O que iria seguir-se quando a encontrássemos e o que poderia compensar-nos dessa perda de tempo eram também perguntas a que eu não tinha possibilidade de fugir. Quando paramos, meu espírito estava martirizado à força de deter-se em tais reflexões.

Na rua onde paramos havia uma cocheira. Meu companheiro pagou aos nossos dois cocheiros, que estavam completamente cobertos de salpicos de lama, como se tivessem sido arrastados pelas estradas como o próprio carro, e

dando-lhes algumas breves instruções a respeito do lugar para onde levar o veículo, tirou-me de dentro dele e me pôs num carro de aluguel que escolhera entre os demais.

— Ih! minha cara — disse ele ao fazer isso —, como está molhada!

Eu não o notara. Mas a neve derretida havia penetrado dentro do carro, e eu me apeara duas ou três vezes, quando um cavalo caído se estava afundando e teve de ser levantado, de modo que a minha roupa estava embebida de umidade. Assegurei-o de que aquilo não me incomodava, mas o cocheiro, que o conhecia, não esteve pelos antos e deu um pulo até sua cocheira, donde trouxe uma braçada de palha limpa e seca. Sacudiram-na e espalharam-na em redor de mim, e eu senti com aquilo um calor benéfico.

— Agora, minha cara — disse o Sr. Bucket, com a cabeça à janela, depois que eu me fechara dentro do carro —, vamos no encalço da tal pessoa. Poderá isso levar um pouco de tempo mas não se importe. Fique certa de que tenho um motivo para fazê-lo.

Eu não pensava no que era, não supunha que dentro de muito pouco tempo compreenderia melhor do que se tratava; mas garanti-lhe que confiava nele.

— Pode confiar mesmo, minha cara — volveu ele. — E agora escute bem. Se depositar em mim só metade da confiança que deposito em sua pessoa, depois que a venho conhecendo, tudo irá bem. A senhorita não atrapalha nada. Nunca vi uma moça em qualquer condição social — e tenho visto muitas da alta roda também — portar-se como a senhorita se tem portado desde que a tiramos de seu repouso. A senhorita é um modelo, fique sabendo que é — disse o Sr. Bucker, cheio de entusiasmo — um modelo.

Disse-lhe que me alegrava bastante, e era verdade, de não lhe ter servido de embaraço, e esperava que não haveria de servir agora.

— Minha cara — respondeu ele —, quando uma moça é tão dócil como corajosa, e tão corajosa como dócil, nada mais exijo e é mais do que espero. Ela se torna então uma rainha, e é quase isso que a senhorita é.

Com essas alentadoras palavras — elas eram verdadeiramente alentadoras para mim na solidão e ansiedade em que me encontrava — ele subiu para a boleia, e mais uma vez pusemo-nos a caminho. Para onde seguimos, nunca vim a saber, mas parecia que procurávamos as ruas mais

estreitas e piores de Londres. Sempre que eu o via dirigir-se ao cocheiro, preparava-me para descer num labirinto mais intrincado de tais ruas, e nunca errava nos meus cálculos.

Às vezes desembocávamos numa rua mais larga, ou chegávamos a um edifício maior e mais bem iluminado que a maioria dos outros. Então parávamos diante de postos como aqueles que tínhamos visitado quando começáramos nossa jornada, e vi-o em consulta com outros. Às vezes descia por uma passagem abobadada ou por uma rua estreita, e misteriosamente mostrava a luz da sua lanterninha. Isso servia para atrair luzes semelhantes de vários quarteirões escuros, como se fossem vaga-lumes, e então travavam-se vivas conversas. Pouco a pouco parecemos circunscrever nossa busca dentro de limites mais estreitos e mais fáceis. Simples policiais de plantão podiam agora dizer ao Sr. Bucket o que ele desejava saber e apontar-lhe o caminho que devia seguir. Afinal paramos para ele ter uma conversa um tanto longa com um daqueles homens, conversa que supus satisfatória pela maneira com que ele mexia a cabeça de quando em quando. Depois que acabaram de conversar, ele se dirigiu para o meu lado, parecendo muito preocupado e atento.

— Agora, Miss Summerson, não vá ficar assustada com o que vier a acontecer. Não é necessário que eu lhe dê qualquer outro aviso, bastando que lhe diga que estamos a ponto de encontrar a tal pessoa, e que de um momento para outro poderei precisar do seu auxílio. Não é com gosto que lhe peço tal coisa, minha cara, mas quer ter a bondade de andar um pouco?

Sem hesitar, saí imediatamente e travei-lhe do braço.

— Talvez não lhe seja tão fácil manter o equilíbrio — disse o Sr. Bucket —, mas não se apresse.

Conquanto, ao atravessarmos a rua, eu estivesse meio confusa, pareceu-me que reconhecia o lugar.

— Estamos em Holborn? — perguntei-lhe.

— Sim — respondeu o Sr. Bucket. — Conhece esta travessa?

— Parece o Beco do Tribunal.

— Seu nome é esse mesmo, minha cara.

Entramos pelo beco e enquanto arrastávamos laboriosamente o granizo

miúdo ouvi os relógios darem cinco e meia. Continuamos em silêncio e tão depressa quanto nos permitia o terreno, quando alguém vindo na nossa direção pela estreita calçada, envolto numa capa, parou e se pôs de lado para me dar passagem. No mesmo momento ouvi uma exclamação de espanto e meu nome pronunciado pelo Sr. Woodcourt. Conheci muito bem sua voz.

Era uma coisa tão inesperada e tão — não sei como chamá-la, se agradável ou penosa — topar com ele depois de minha febril e incerta viagem, e em semelhante ocasião, que não pude recalcar as lágrimas que me brotavam dos olhos. Era como ouvir a voz dele num país estranho.

— Minha cara Miss Summerson, fora de casa a tal hora e com tal tempo.

Ele soubera por meu tutor que eu havia sido obrigada a sair para tratar de um caso muito especial, e foi o que me disse para sustar qualquer explicação de minha parte. Disse-lhe que acabávamos de sair de um carro e estávamos indo... mas então fui obrigada a olhar para o meu companheiro.

— Como vê, Sr. Woodcourt — ficara sabendo o nome por ter-me ouvido dizê-lo —, estamos seguindo agora para a próxima rua. Inspetor Bucket.

O Sr. Woodcourt, sem levar em conta meus protestos, havia rapidamente tirado sua capa e procurava envolver-me nela.

— Boa ideia essa — disse o Sr. Bucket, prestando ajuda —, excelente ideia.

— Posso ir também? — perguntou o Sr. Woodcourt, não sei se a mim ou ao meu companheiro.

— Oh! — exclamou o Sr. Bucket, encarregando-se da resposta. — Sem dúvida que pode.

Tudo foi dito num instante, e puseram-me entre eles, agasalhada na capa.

— Estou vindo da casa de Ricardo — disse o Sr. Woodcourt. — Estive com ele desde as dez horas da noite.

— Oh! meu Deus, estará ele doente?

— Não, não, acredite-me; doente não, mas não passa muito bem. Estava abatido e fraco — como sabe, às vezes ele fica apreensivo e contrariado — e naturalmente Ada mandou-me chamar. Quando cheguei a casa encontrei um bilhete dela e vim logo para cá. Ricardo melhorou tanto depois de algum

tempo, e Ada sentia-se tão feliz e tão convencida de que isso era obra minha (mas sabe Deus que muito pouco se deveu a mim), que fiquei com ele até que dormiu profundamente algumas horas. Tão profundamente quanto ela agora dorme, conforme espero.

Sua maneira cordial e familiar de falar a respeito deles, sua dedicação tão natural, a grata confiança que eu sabia ter ele inspirado à minha querida Ada e o conforto que lhe dera... poderia eu separar tudo isso da promessa que me fizera? Quão desagradecida eu seria se isso não me houvesse trazido à lembrança as palavras que ele me tinha dito quando tanto se comovera com a mudança que se havia operado na minha fisionomia: “Aceitá-lo-ei como um depósito de confiança que deverá ser sagrado para mim!”

Entráramos agora por outra rua estreita.

— Sr. Woodcourt — disse o Sr. Bucket, que o vinha olhando com atenção enquanto caminhávamos —, nosso negócio leva-nos à casa de um papeleiro e copista forense, um tal Sr. Snagsby. Ah! O senhor o conhece?

Era tão esperto que logo o percebeu num instante.

— Sim, conheço-o um pouco e já o visitei neste lugar.

— Deveras, senhor — disse o Sr. Bucket. — Então quer ter a bondade de ficar aqui com Miss Summerson um momento, enquanto vou dar uma palavrinha a ele?

O último policial com quem ele conferenciara estava de pé silenciosamente atrás de nós. Só tive conhecimento disso quando ele interveio, ao ouvir-me dizer que alguém estava chorando.

— Não se assuste, senhorita — disse ele. — É a criada de Snagsby.

— É que — disse o Sr. Bucket — a moça sofre de ataques e passou mal com um deles esta noite. Isso representa um transtorno, pois necessito obter certa informação dessa moça. Ela tem de voltar a si de qualquer modo.

— Em todo o caso, eles ainda não estariam de pé se não fosse ela, Sr. Bucket — disse o outro homem. — Ela passou quase a noite toda assim.

— Bem, isso é verdade — respondeu ele. — Minha luz se apagou. Mostre a sua um instante.

Tudo isso se passou aos cochichos, uma ou duas portas antes da casa na

qual eu podia ouvir fracamente que alguém chorava e gemia. No pequeno círculo de luz acesa para esse fim, o Sr. Bucket foi até a porta e bateu. A porta se abriu depois de haver ele batido duas vezes; e entrou, deixando-nos de pé na rua.

— Miss Summerson — disse o Sr. Woodcourt —; se, sem me intrometer no seu segredo, eu puder ficar a seu lado, rogo-lhe que mo permita.

— É muita bondade de sua parte — respondi. — Não preciso guardar segredo algum meu para o senhor. Se o faço é porque não é meu.

— Compreendo perfeitamente. Confie em mim. Ficarei a seu lado somente enquanto eu puder respeitar inteiramente esse segredo.

— Confio implicitamente no senhor — disse eu. — Sei e sinto profundamente de que modo tão sagrado cumpre o senhor a sua promessa.

Depois de algum tempo o pequeno círculo de luz brilhou de novo, e o Sr. Bucker veio vindo em nossa direção com uma fisionomia muito séria.

— Queira entrar, Miss Summerson — disse ele —, e sente-se ao pé do fogo. Sr. Woodcourt, informaram-me que o senhor é médico. Quer examinar esta moça e ver se pode fazer alguma coisa para pô-la boa? Ela tem em alguma parte uma carta de que necessito, de um modo especial. Não está em seu baú e creio que ela a traz consigo; mas está tão contorcida e de punhos tão cerrados que é difícil pôr-lhe a mão sem magoá-la.

Entramos os três juntos na casa; apesar do tempo frio e úmido, errava na casa um cheiro de bafio por estar toda fechada e com os seus habitantes de pé a noite inteira. Na passagem atrás da porta estava um homenzinho amedrontado e triste de casaco cinzento, de maneiras naturalmente polidas e de fala mansa.

— Lá embaixo, por obséquio, Sr. Bucket — disse ele. — A senhora há de desculpar termos a cozinha em frente; utilizamo-la como nossa sala de trabalho cotidiano. O quarto de dormir de Guster fica atrás, e a coitada tem passado mal que não é brincadeira!

Descemos, acompanhados pelo Sr. Snagsby, que era o tal homenzinho, como logo verifiquei. Na cozinha, sentada ao pé do fogo, estava a Sra. Snagsby, com os olhos muito vermelhos e com cara de poucos amigos.

— Minha mulherzinha — disse o Sr. Snagsby, entrando atrás de nós —,

para encurtar conversa, vamos interromper por um instante as hostilidades desta prolongada noite. Aqui está o Inspetor Bucket, o Sr. Woodcourt e uma senhora.

Mostrou-se muito admirada, como era natural, e me fitou de modo especial.

— Minha mulherzinha — disse o Sr. Snagsby, sentando-se no canto mais distante junto da porta, como se estivesse tomando uma liberdade —, não é improvável que você queira perguntar-me por que é que o Inspetor Bucket, o Sr. Woodcourt e uma senhora nos vêm visitar na Rua Cursitor, Largo do Cozinheiro, a estas horas. Não sei. Não faço a mínima ideia. Se tivesse de ser informado, desesperaria de compreender, e prefiro que nada me digam.

Tinha um aspecto tão infeliz, sentado ali com a cabeça apoiada na mão, e a minha presença parecia tão desagradável, que eu já ia dar uma desculpa, quando o Sr. Bucket tomou o caso à sua conta.

— Sr. Snagsby — disse ele —, a melhor coisa que pode fazer é acompanhar o Sr. Woodcourt para ver a sua Guster...

— A minha Guster, Sr. Bucket — exclamou o Sr. Snagsby. — Vá, doutor, vá. Depois me acusarão disso também.

— E segurar a vela — prosseguiu o Sr. Bucket sem se corrigir — ou segurá-la, ou tornar-se útil do modo que lhe for exigido. Para tanto não há nenhuma criatura viva mais própria do que o senhor, pois o senhor é um homem delicado e manso, com um coração capaz de compreender o sofrimento alheio. (Sr. Woodcourt, quer ter a bondade de examiná-la e, se puder, obter dela a tal carta, entregando-ma o mais depressa possível?) Enquanto eles saíam, o Sr. Bucket fez-me sentar a um canto junto do fogão e tirar meus sapatos molhados, que ele virou para secá-los sobre o guarda-fogo, falando durante todo o tempo.

— Não se desconcerte absolutamente, senhorita, pela falta de um olhar hospitaleiro da parte ali da Sra. Snagsby, porque ela está inteiramente enganada. Ela irá descobrir isso mais cedo do que seria agradável a uma senhora com a sua, em geral, correta maneira de formar seus pensamentos, porque vou explicar-lhe tudo.

Aqui, de pé junto à lareira, com o chapéu e os xales molhados na mão, e estando ele próprio todo encharcado, voltou-se para a Sra. Snagsby.

— Agora, a primeira coisa que vou dizer-lhe, como mulher casada, possuidora daquilo a que a senhora pode chamar encantos — “Acredite-me, se todos aqueles sedutores encantos etc.” —, a senhora conhece bem a canção, porque é inútil que a senhora me diga que é estranha à boa sociedade — encantos, atrativos, veja bem, que devem dar-lhe confiança em si mesma — a primeira coisa que vou dizer-lhe é que a senhora fez isso.



A Sra. Snagsby pareceu um tanto alarmada, amansou um pouco, e gaguejou: — Que quer o Sr. Bucket dizer?

— Que quer o Sr. Bucket dizer? — repetiu ele, e pela sua cara vi que, durante todo o tempo que falava, prestava atenção à descoberta da carta, com grande agitação também da minha parte, porque eu sabia então quão importante ela devia ser. — Vou dizer-lhe o que é que ele quer dizer, minha senhora. Vá assistir a uma representação de Otelo. É a tragédia que lhe serve.

Cientemente, a Sra. Snagsby perguntou por quê.

— Por quê? — indagou o Sr. Bucket. — Porque, se a senhora não tomar cuidado, acabará imitando-o. Neste mesmo instante em que falo, sei que em seu espírito há suspeitas a respeito desta jovem senhora. Mas deverei dizer-lhe quem é esta jovem senhora? Pois olhe, a senhora é o que eu chamo uma mulher intelectual — com uma alma demasiado grande para o corpo que tem — e a senhora me conhece e lembra-se de onde me viu a última vez e do que

se falou naquela reunião. Não se lembra? Sim! Muito bem. Esta jovem senhora é aquela jovem senhora.



"Era minha mãe. Estava fria, morta."

A Sra. Snagsby pareceu ter compreendido a referência melhor que eu na ocasião.

— E Toughey — aquele que a senhora chamava Jo — foi envolvido no mesmo negócio e não noutro; e o escrevente foi envolvido no mesmo negócio e não noutro; e seu marido, que sabia tanto dele como o bisavô da senhora, foi

envolvido (pelo falecido Sr. Tulkinghorn, o melhor freguês dele) no mesmo negócio e não noutro; e toda aquela gente em ebulição foi envolvida no mesmo negócio e não noutro. E, no entanto, uma mulher casada, possuindo os atrativos que a senhora possui, fecha os olhos e vai marrar com a delicada cabeça numa parede. Ora, a senhora me envergonha! (Por esse tempo eu esperava que o Sr. Woodcourt já houvesse obtido a carta.) A Sra. Snagsby sacode a cabeça e leva o lenço aos olhos.

— E acabou-se? — diz o Sr. Bucket exaltado. — Não. Veja o que acontece. Outra pessoa envolvida neste negócio e não noutro, pessoa essa que se acha num estado deplorável, chega aqui esta noite e é vista a falar com a criada da senhora; e entre ela e sua criada corre um papel pelo qual eu pagaria cem libras à vista. Que faz a senhora? Esconde-se e as vigia, depois deita a garra a essa criada (sabendo que ela é sujeita a acessos, e que qualquer coisa pode provocá-los) de uma forma tão súbita e com tal severidade que a pobrezinha é acometida de seus acessos e fica incapacitada de agir, enquanto uma vida pode estar dependendo das palavras dela!

Falava ele agora tão a sério que eu involuntariamente juntei as mãos e parecia que o quarto andava à roda. Mas aquilo passou. O Sr. Woodcourt entrou, pôs um papel na mão dele e saiu de novo.

— Sra. Snagsby, a única reparação que a senhora pode fazer — disse o Sr. Bucket, relanceando a vista ao papel — é deixar-me dizer aqui uma palavra em particular a esta jovem senhora. E se sabe de algum auxílio que possa prestar àquele cavalheiro ali na cozinha, ou se se lembra de alguma coisa que com mais probabilidade faça a moça melhorar, não perca tempo!

No mesmo instante ela saiu, e ele fechou a porta.

— Agora, minha cara, está preparada e cheia de coragem?

— Inteiramente preparada — respondi.

— De quem é esta letra?

Era de minha mãe. Era um pedaço de papel escrito a lápis, rasgado e amassado, com nódoas deixadas pela umidade, dobrado grosseiramente como uma carta e dirigido a mim em casa de meu tutor. — A senhorita conhece a letra — disse ele —; e, se tem ânimo suficiente para lê-la, leia-a! Mas faça-o com muita clareza, pois não desejo perder nem uma palavra.

A carta tinha sido escrita por partes e em diferentes ocasiões. Li o que se segue: “Vim à casa de campo com dois intuitos. Primeiro, ver a minha querida, se pudesse, uma vez mais — mas somente vê-la —, não falar-lhe nem deixá-la saber que eu estava ali. O outro intuito era evitar que viessem no meu encalço e desaparecer. Não censure a mãe pela parte que lhe toca. O auxílio que me prestou, posso assegurar com firmeza, prestou-o ela pelo bem da minha querida. Você se lembra do filhinho dela que morreu. Comprei o consentimento dos homens, mas o auxílio dela foi dado livremente.”

— “Vim”. Isso foi escrito — disse meu companheiro — quando ela descansou lá. Confirma o que pensei. Eu estava certo.

O que segue foi escrito noutra ocasião:

“Andei vagando a grande distância e durante muitas horas. Sei que vou em breve morrer. Estas ruas! Não tenho outra ideia senão morrer. Quando saí de casa, tinha outra pior, mas liberei-me de acrescentar esta culpa ao resto. Frio, umidade e fadiga são causas suficientes para provocarem minha morte; mas morrerei de outras, ainda que estas me façam sofrer. Era justo que tudo aquilo que me havia sustentado me falte a um só tempo, e que eu morra de terror e vítima da minha própria consciência.”

— Tenha coragem — disse o Sr. Bucket. — Faltam apenas mais algumas palavras.

Também estas foram escritas noutra ocasião e, ao que parecia, quase no escuro.

“Fiz tudo o que pude para desaparecer. Serei bem cedo esquecida dessa forma e tornarei menor a desgraça dele. Nada tenho comigo que me possa tornar conhecida. Separo-me deste papel agora. O lugar onde irei jazer, se puder chegar até lá, estive muitas vezes na minha mente. Adeus. Perdoe-me.”

Sustendo-me com seu braço, o Sr. Bucket me fez sentar delicadamente na minha cadeira.

— Ânimo! Não me julgue severo para com a sua pessoa, minha cara, mas logo que se sinta com forças para tanto, calce os sapatos e esteja pronta.

Fiz o que ele pedia, mas deixaram-me ali muito tempo, rezando pela minha infeliz mãe. Estavam todos ocupados com a pobre moça, e ouvi o Sr. Woodcourt dando-lhes ordens e falando com ela muitas vezes. Afinal ele

voltou com o Sr. Bucket; e disse que, como era importante dirigir a palavra à moça, com muita delicadeza, achava melhor que eu lhe pedisse qualquer informação que desejássemos obter. Não havia dúvida que agora podia responder a perguntas, contanto que fossem feitas com brandura para não amedrontá-la. As perguntas, disse o Sr. Bucket, eram para saber como viera ela a receber a carta, o que se passara entre ela e a pessoa que lhe havia dado a carta e para onde se dirigira essa pessoa. Fixando o espírito o mais firmemente que pude nesses pontos, entrei com os demais no aposento contíguo. O Sr. Woodcourt quis ficar de fora, mas a pedido meu entrou conosco.

A pobre moça achava-se sentada no chão onde a haviam depositado. Estavam em redor dela, mas a pequena distância, para lhe permitir que respirasse livremente. Não era bonita e parecia fraca e enfermiça, mas tinha um rosto bondoso e dorido, conquanto estivesse ainda um pouco transtornado. Ajoelhei-me no chão ao lado dela, e pus sua pobre cabeça sobre meu ombro; ela imediatamente passou o braço em redor do meu pescoço e rompeu a chorar.

— Minha pobre menina — disse eu, encostando meu rosto à sua fronte, pois na verdade eu também estava chorando e tremendo —; parece cruel incomodá-la agora, mas muito mais fatos dependem de sabermos alguma coisa a respeito dessa carta, do que eu poderia contar-lhe numa hora.

— Ela começou lastimosamente a declarar que não tencionara fazer mal algum, que não tencionara fazer mal algum, Sra. Snagsby!

— Estamos todos certos disto — disse eu. — Mas, por favor, diga-me como conseguiu a carta.

— Sim, minha cara senhora, vou dizer-lhe a verdade. Vou dizer toda a verdade, Sra. Snagsby.

— Estou certa disto — disse eu. — Mas como foi?

— Eu estivera fora a serviço, minha cara senhora, muito tempo depois de ter anoitecido, muito tarde mesmo; e, quando voltava para casa, encontrei uma pessoa de aspecto comum, muito molhada e enlameada, olhando para nossa casa. Quando ela me viu entrando, chamou-me e perguntou se eu morava aqui. Respondi que sim. Disse-me então que só conhecia um ou dois lugares por aqui, mas se perdera e não podia achá-los. Oh! que farei? que

farei? Não vão acreditar em mim! Ela não me disse nada demais, e eu nada demais lhe disse, Sra. Snagsby!

Para que ela continuasse, foi preciso que sua patroa a confortasse, o que esta fez, devo dizer, com boa dose de contrição.

— Então ela não podia achar esses lugares? — perguntei.

— Não! — exclamou a moça, abanando a cabeça. — Não! Não podia achá-los. E estava tão fraca, tão estropiada e abatida, oh! tão digna de lástima, que, se o senhor a tivesse visto, Sr. Snagsby, tenho certeza de que lhe teria dado uma meia coroa.

— Está bem, Guster — disse ele, não sabendo a princípio o que dizer —, acho que teria mesmo.

— E contudo falava tão bonito — disse a moça, olhando para mim com os olhos arregalados — que era de derreter o coração da gente. E então me perguntou se eu sabia o caminho para o cemitério. Perguntei-lhe qual cemitério, e ela respondeu que o cemitério pobre. Então disse-lhe que eu mesma fora uma criança pobre, e que isso era de acordo com as paróquias. Mas ela disse que se referia a um cemitério pobre não longe daqui, onde havia uma passagem abobadada, um degrau e um portão de ferro.

Enquanto eu contemplava o rosto dela e a acalmava para que continuasse, vi que o Sr. Bucket recebia aquela informação com um olhar que eu logo percebi ser de susto.

— Oh! meu Deus, meu Deus! — exclamou a moça, alisando os cabelos para trás — que farei? que farei? Ela se referia ao cemitério onde foi enterrado o homem que tomou a droga para dormir — o tal da história que o senhor contou quando chegou a casa, Sr. Snagsby — e que tanto me amedrontou, Sra. Snagsby. Oh! estou com medo de novo. Segure-me!

— Você está tão melhor agora — disse eu. — Vamos, rogo-lhe, conte mais.

— Sim, vou contar, sim, vou contar! Mas não se zangue comigo, minha cara senhora, porque estive assim tão doente.

Zangada com ela, pobre coitada!

— Pois bem! Agora vou contar, vou contar. Então ela me perguntou se eu podia ensinar-lhe onde era o cemitério. Disse que podia, e ensinei. Ela

olhou para mim com olhos parecidos com os de uma cega e cambaleava. Depôs a carta, mostrou-ma e disse que se ela pusesse aquela carta no correio, ou lançavam fora, ou nunca a entregavam. Queria eu ficar com ela e remetê-la, sendo o mensageiro pago na casa onde a entregasse? Respondi que sim, se não houvesse mal nisso. Ela disse que não, que não havia mal algum. Então tomei a carta, e ela disse-me que nada tinha para me dar. Respondi-lhe que eu também era pobre e que portanto não desejava nada. E ela disse: “Deus te abençoe” e foi-se embora.

— E seguiu ... ?

— Sim — gritou a moça, antecipando-se à pergunta —, sim! Seguiu o caminho que lhe indiquei. Então entrei, e a Sra. Snagsby apareceu por trás de mim, vindo não sei de onde, agarrou-me e eu fiquei com medo.

O Sr. Woodcourt afastou-a bondosamente de mim. O Sr. Bucket envolveu-me na capa, e imediatamente estávamos na rua. O Sr. Woodcourt hesitou, mas eu disse: — Não me deixe agora! — e o Sr. Bucket acrescentou: — Seria melhor vir conosco, pois talvez precisemos do senhor. Não perca tempo!

Conservo as mais confusas impressões daquela caminhada. Lembro-me que não era noite nem dia, a manhã estava rompendo, mas os lampiões ainda não estavam apagados, a geada ainda estava caindo, achando-se as ruas quase intransitáveis. Lembro-me de alguns transeuntes friorentos. Lembro-me dos telhados molhados, das calhas e torneiras obstruídas, dos montes de gelo e de neve por cima dos quais passávamos, da estreiteza dos pátios por onde seguíamos. Ao mesmo tempo recordo-me que me parecia ouvir ainda, com toda a clareza, a pobre moça a narrar-me sua história, sentir o peso de sua cabeça sobre meu braço; que as fachadas manchadas das casas pareciam tomar forma humana e olhar para mim; e que grandes comportas pareciam fechar-se e abrir-se dentro da minha cabeça ou no ar; e que as coisas irreais tinham mais substância que as reais.

Finalmente paramos por baixo duma escura e arruinada passagem coberta, onde um lampião ardia sobre um portão de ferro por onde a luz tibia da manhã forcejava por filtrar-se. O portão estava fechado. Para além dele estendia-se um cemitério, horrível lugar em que a noite se ia lentamente extinguindo, mas onde eu podia perceber confusamente montes de pedras funerárias e de túmulos violados, apertados entre casas imundas, com

algumas luzinhas frouxas nas janelas, e em cujas paredes uma umidade espessa penetrava como uma doença. No degrau do portão, empapada na pavorosa umidade de tal lugar, que manava e se espelhava em todo aquele trecho, vi (e, ao vê-la, abafei um grito de piedade e de horror) uma mulher estendida — Jenny, a mãe da criança morta.

Corri para a frente, mas eles me detiveram, e o Sr. Woodcourt me suplicou, com a maior gravidade e até mesmo com lágrimas, antes que eu me aproximasse do vulto, que ouvisse por um instante o que o Sr. Bucket dizia. Penso que fiz isso. Estou certa de que o fiz.

— Miss Summerson, vai compreender-me se pensar um momento. Elas trocaram as roupas na casinhola.

Elas trocaram as roupas na casinhola. Eu podia repetir as palavras em minha mente e sabia o que elas significavam, mas não as entendia nem relacionava com nenhuma outra coisa.

— E uma voltou — disse o Sr. Bucket — e outra seguiu. E a que seguiu, somente seguiu até um ponto combinado para iludir, e depois pelo campo voltou para casa. Pense um instante!

Podia repetir também isso em meu pensamento, mas não tinha a menor ideia do que significava. Via diante de mim, caída no degrau, a mãe da criança morta. Ela jazia ali, com um braço passado por uma barra do portão de ferro, parecendo abraçá-la. Jazia ali quem ainda tão recentemente falara com minha mãe. Jazia ali uma criatura aflita, sem abrigo, sem sentidos. Ela que havia trazido a carta de minha mãe, que me podia dar o único indício do lugar onde estava minha mãe; ela que deveria guiar-nos para socorrer e salvar aquela a quem há tanto tempo buscávamos, que havia chegado àquele estado em consequência de meios relacionados com minha mãe que eu não podia seguir e que podiam estar ficando longe do nosso alcance e do nosso auxílio naquele momento; ela jazia ali, e eles me detinham! Vi, mas não compreendi, o olhar solene e compassivo do Sr. Woodcourt. Vi, mas não compreendi, que ele tocava no peito do outro para retê-lo. Vi-o conservar-se descoberto no ar frio, como se estivesse reverenciando alguma coisa. Mas minha compreensão de tudo aquilo desaparecera.

Ouvi até mesmo que diziam entre si:

— Ela deverá ir?

— Seria melhor. Suas mãos deveriam ser as primeiras a tocá-la. Elas têm um direito mais alto do que as nossas.

Aproximei-me do portão e abaixei-me. Ergui a pesada cabeça, afastei os longos cabelos molhados e voltei a face. E reconheci minha mãe, fria e morta.

PERSPECTIVA

Passo a outros episódios da minha narrativa. Da bondade de todos quantos me cercam me veio tal consolação que nunca posso pensar nela sem me comover. Tenho já falado tanto de mim mesma e tanto ainda resta que dizer, que não me deterei tratando da minha tristeza. Adoeci, mas não por muito tempo, e teria até evitado referir-me a isso, se pudesse passar inteiramente em silêncio a lembrança do carinho que todos me demonstraram.

Passo a outros episódios da minha narrativa.

Durante o tempo da minha doença, estávamos ainda em Londres, para onde viera a Sra. Woodcourt, a convite de meu tutor, para ficar conosco. Quando meu tutor achou que eu já estava bem e bastante alegre para conversar com ele à nossa velha maneira — conquanto eu pudesse ter feito isso mais cedo, se ele tivesse querido acreditar-me — retomei meu trabalho e minha cadeira ao lado da dele. Ele mesmo marcara a hora, e estávamos sós.

— D^a Trot — disse ele, acolhendo-me com um beijo —, seja bem-vinda de novo à Resmungadoria, minha querida. Tenho um plano a desenvolver, mulherzinha. Tenciono ficar aqui talvez por uns seis meses, talvez por mais tempo, caso seja necessário. Enfim, estabelecer-me aqui por algum tempo.

— E durante esse tempo abandonar a Casa Soturna? — perguntei.

— Ah, minha querida! A Casa Soturna deve aprender a tomar conta de si mesma.

Cuidei perceber um tom de tristeza na sua voz; mas, olhando para ele, vi seu bondoso rosto iluminado pelo seu mais agradável sorriso.

— A Casa Soturna — repetiu ele, e verifiquei que seu tom de voz não era triste — deve aprender a tomar conta de si mesma. Ela está muito distante de Ada, minha querida, e Ada necessita muito de você.

— É característico da sua bondade, tutor — disse eu —, levar isso em

consideração, preparando assim uma feliz surpresa para nós duas.

— Se é intenção sua exaltar-me por isso, minha querida, não pense que o fiz tão desinteressadamente; sim, porque se você estivesse continuamente de um lado para outro, eu ficaria privado da sua companhia. Além disso, nesse estado de frieza que há entre mim e o pobre Ricardo, quero ter notícias de Ada o mais que puder. Não só por causa dela, mas também por causa do pobre rapaz.

— Viu o Sr. Woodcourt hoje de manhã, tutor?

— Vejo o Sr. Woodcourt todas as manhãs, D^a Durden.

— Ele ainda diz a mesma coisa a respeito de Ricardo?

— A mesma coisa. Não sabe de nenhuma moléstia física que ele tenha; pelo contrário, acredita que não tenha nenhuma. Contudo, não está tranquilo a seu respeito; e quem pode estar?

A minha querida Ada dera ultimamente para vir ver-nos todos os dias, até mesmo duas vezes por dia. Mas tínhamos logo previsto que isso só duraria até que eu me restabelecesse de todo. Sabíamos muito bem que seu fervoroso coração estava cheio de afeto e de reconhecimento para com seu primo João como sempre estivera, e relevamos a Ricardo quaisquer objeções que pudesse fazer contra sua contínua permanência fora de casa; mas sabíamos, por outro lado, que ela sentia ser dever seu para com ele ir espaçando suas visitas à nossa casa. A delicadeza de meu tutor logo percebeu isso e procurou transmitir-lhe a impressão de que ele lhe dava razão.

— Querido, infeliz, enganado Ricardo! — exclamei. — Quando despertará ele dessa ilusão?

— Não está propenso a fazer isso agora, minha querida — acudiu meu tutor. — Quanto mais sofrer, mais infenso a mim se tornará, uma vez que me considera o principal representante da grande causa do seu sofrimento.

Não pude deixar de acrescentar: — Tão insensatamente!

— Ah! D^a Trot, D^a Trot! — volveu o meu tutor —, que poderemos achar de sensato em “Jarndyce e Jarndyce”? Insensatez e injustiça no alto, insensatez e injustiça no âmago e embaixo, insensatez e injustiça do começo ao fim, se é que haverá um fim. Como poderia o pobre Ricardo, sempre às voltas com a eterna demanda, arrancar dali alguma coisa sensata? Ele não

poderá colher uvas num carrascal nem figos num pé de cardo, como nunca nenhum homem pôde.

A delicadeza e consideração com que se referia a Ricardo, toda vez que conversávamos acerca dele, tocava-me tanto que sempre nesses casos eu preferia mudar de assunto.

— Suponho que o Lorde Chanceler e os Vice-Chanceleres e toda a grossa artilharia do Tribunal ficariam profundamente atônitos com tamanha insensatez e injustiça em um de seus demandantes — continuou o meu tutor. — Quando aqueles sábios cavalheiros começarem a cultivar rosas de musgo no pó que semeiam em suas perucas, também começarei a ficar espantado!

Interrompeu-se e ia olhar para a janela para ver de que lado vinha o vento, mas em vez disso encostou-se ao espaldar da minha cadeira.

— Bem, bem, mulherzinha! Continuando, minha querida. Devemos deixar esse escolho ao tempo, ao acaso e a alguma circunstância feliz. Não devemos levar Ada a naufragar de encontro a ele. Nem ela nem ele podem expor-se à mera possibilidade de perder mais um amigo. Por isso pedi encarecidamente ao Sr. Woolcourt e peço agora encarecidamente a você, minha querida, que não ventile este assunto com Rick. Ponhamos uma pedra em cima do caso. Na próxima semana, no próximo mês, no próximo ano, mais cedo ou mais tarde, ele me verá com olhos mais esclarecidos. Posso esperar.

Confessei que já tinha discutido isso com ele e creio que também o Sr. Woodcourt.

— Ele me disse isso mesmo — tornou meu tutor. — Muito bem. Ele apresentou seus argumentos e D^a Durden os dela, e nada mais há que dizer sobre o assunto. Passemos agora à Sra. Woodcourt. Gosta dela, minha querida?

Em resposta a essa pergunta tão estranhamente inesperada, disse que gostava muito e me parecia que ela estava mais agradável do que costumava ser.

— Penso assim também — disse meu tutor. — Menos prosápia? Menos Morgan-ap... como é mesmo o nome dele?

Confessei que era isso também o que eu queria dizer, posto que o tal

homem era uma pessoa inofensiva, mesmo quando nos viessem falar ainda mais a respeito dele.

— Afinal, enquanto ele ficar lá pelas montanhas da sua terra... — disse meu tutor. — Concordo com você. Então, mulherzinha, haveria algum inconveniente em que eu retivesse por algum tempo a Sra. Woodcourt aqui?

Não. E contudo...

Meu tutor olhou para mim, esperando o que eu ia dizer.

Eu não tinha nada que dizer. Pelo menos nada me ocorria que pudesse dizer. Tinha uma vaga impressão de que talvez fosse melhor termos alguma outra companhia em casa, mas dificilmente poderia explicar, até a mim mesma, a razão disso. Ou, se o pudesse explicar a mim mesma, certamente não o poderia explicar a ninguém mais.

— Como sabe — disse meu tutor —, estamos perto da casa de Woodcourt, e ele poderá vir aqui ver sua mãe tantas vezes quantas queira, o que será agradável para ambos; e ela já é bem nossa conhecida e gosta de você.

Sim. Isso era inegável. Eu não tinha nenhuma objeção que fazer e não poderia sugerir um melhor arranjo, mas não me sentia muito à vontade. Ester, Ester, por que não? Pense, Ester!

— É na verdade um plano muito bom, querido tutor, e nada de melhor poderíamos fazer.

— Deveras, mulherzinha?

Sem dúvida alguma. Tivera um momento para pensar, desde que eu exigira de mim mesma aquele dever e me sentia agora completamente animosa.

— Muito bem — disse meu tutor. — Será feito. Aprovado unanimemente.

— Aprovado unanimemente — repeti, continuando com a minha costura.

Era uma toalha para sua mesa de livros que eu estava então enfeitando. Tinha-a largado na noite precedente à minha triste viagem e não mais bulira nela. Mostrei-lha então e ele a admirou muitíssimo. Depois de lhe ter

explicado o modelo e todos os grandes efeitos que pouco a pouco iriam aparecendo, julguei que devia voltar ao nosso último tema de conversa.

— Meu caro tutor, quando falamos acerca do Sr. Woodcourt antes de Ada nos deixar, o senhor me disse que achava que ele ia tentar a clínica noutro país. Tem-no o senhor aconselhado desde então?

— Sim, mulherzinha; muitas vezes.

— Ele está resolvido a partir?

— Não me parece.

— Apresentou-se outra oportunidade para ele, talvez?

— Bem... sim... talvez — tornou meu tutor, começando sua resposta de maneira muito circumspecta. — Daqui a uns seis meses mais ou menos, vai ser nomeado para certo lugar de Yorkshire um médico dos pobres. Trata-se de um lugar próspero, de situação aprazível em tudo, rios e ruas, cidade e campo, moinhos e pântanos; e parece apresentar boa oportunidade para um homem como ele. Refiro-me a um homem cujas esperanças e propósitos estejam às vezes situados (como o estão, ousa dizê-lo, os propósitos e as esperanças da maioria dos homens) acima do nível comum, mas para quem o nível comum será bastante alto afinal, se esse nível vier a ser, quando nada, um meio de se tornar útil e de prestar bons serviços. Todos os espíritos generosos têm alguma ambição, suponho eu; mas a ambição que se circunscreve serenamente a esse ambiente, sem pretender ultrapassá-lo pela violência, é a ambição que me serve. E é essa a ambição de Woodcourt.

— E obterá ele essa nomeação? — perguntei.

— Ora, mulherzinha — respondeu meu tutor, sorrindo —, como não sou profeta, não posso afirmar categoricamente, mas creio que sim. Sua reputação é muito elevada; no tal naufrágio havia gente daquela ponta do país; e, por estranho que pareça, acredito que o melhor homem tem a melhor oportunidade. Não suponha que seja uma colocação do outro mundo; trata-se de coisa bem comum, minha querida — muito trabalho e pouca paga; mas podemos alimentar a fagueira esperança de que coisas melhores se venham reunir àquela.

— Os pobres desse lugar terão motivo para abençoar a escolha, se ela recair no Sr. Woodcourt, tutor.

— Você tem razão, mulherzinha. Estou certo de que eles a abençoarão.

Nada mais dissemos a respeito, nem ele disse mais uma palavra acerca do futuro da Casa Soturna. Mas achei a explicação disso no fato de ser aquela a primeira vez que eu me sentara ao lado dele vestida de luto.

Comecei então a visitar minha querida Ada todos os dias no sombrio e triste recanto em que morava. Fazia-o habitualmente pela manhã, mas, sempre que acontecia ter uma hora vaga, punha o chapéu e me encaminhava para o Beco do Tribunal. Mostravam-se ambos tão alegres com a minha presença a qualquer tempo e ficavam tão animados ao verem-me abrir a porta e entrar (dada a minha intimidade, nunca batia), que por então não receava tornar-me incômoda.

Nessas ocasiões era frequente não encontrar Ricardo em casa. Noutras, estava ele escrevendo, ou lendo os autos do processo, àquela sua mesa, alastrada de papéis e que nunca era arrumada. As vezes eu dava com ele hesitante, à porta do escritório do Sr. Vholes. Outras, encontrava-o na vizinhança, andando a esmo e roendo as unhas. Amiúde, encontrei-o vagando por Lincoln's Inn, perto do lugar onde eu o vira pela primeira vez, mas tão diferente do que agora era!

Que o dinheiro que Ada lhe levara se estava derretendo com as velas que eu costumava ver ardendo, depois do anoitecer, no escritório do Sr. Vholes, sabia-o eu muito bem. No começo não subiu a muito; tinha-se ele casado endividado, e eu não pude deixar de compreender, naquela ocasião, o que queria dizer o Sr. Vholes com aquele seu tão repisado “pôr mãos à obra”. Minha querida Ada dera a melhor das donas de casa, e suava para economizar um pouco, mas eu sabia que eles se iam tornando cada dia mais pobres.

Ela luzia naquele miserável recanto como uma bela estrela. Adornava-o e dava-lhe tanta graça que se tornou um lugar diferente. Mais pálida do que quando estava em nossa casa e um pouco mais sossegada do que me parecia natural quando ela era ainda tão alegre e cheia de esperança, seu rosto se apresentava tão desanuviado que quase acreditei que, cega de amor ao marido, não percebesse a ruínosa carreira deste.

Fui um dia jantar com eles, enquanto me achava debaixo dessa impressão. Ao dobrar a esquina de Symond's Inn, encontrei Miss Flite, que saía. Estivera fazendo uma visita solene aos pupilos de Jarndyce, como ainda lhes chamava, e daquela cerimônia auferira a mais grata satisfação. Ada já me

havia dito que ela a visitava todas as segundas-feiras às cinco horas, com mais um lacinho branco no chapéu, o qual não aparecia ali em nenhuma outra ocasião, e com sua mais vasta bolsa de documentos no braço.

— Minha querida! — começou ela. — Que prazer! Como vai? Como folgo de vê-la! Vai visitar os nossos interessantes pupilos de Jarndyce? Decerto! Nossa beleza está em casa, minha querida, e ficará encantada de vê-la.

— Então Ricardo ainda não chegou? — perguntei. — Alegro-me com isso, pois receava estar um pouco atrasada.

— Não, ele ainda não chegou — respondeu Miss Flite. — Teve um dia muito atarefado no Tribunal. Deixei-o lá com Vholes. Creio que você não gosta de Vholes, não é? *Não* goste de Vholes. É um homem perigoso.

— Quer me parecer que a senhora agora vê Ricardo muito mais que antes.

— Minha querida — disse Miss Flite —, diariamente e a cada hora. Lembra-se do que eu disse da atração que exerce a mesa do Chanceler? Minha cara, logo depois de mim é Ricardo o mais constante demandista do Tribunal. Já começa a divertir o nosso grupinho. Somos um grupinho muito cordial, não somos?

Era penoso ouvir isto dos pobres lábios de uma louca, embora não fosse surpresa.

— Em resumo, minha preciosa amiga — continuou Miss Flite, chegando os beijos para perto da minha orelha, com um ar ao mesmo tempo de proteção e de mistério —, devo contar-lhe um segredo. Tornei Ricardo meu testamenteiro. Nomeado, constituído e designado. No meu testamento. Si... im.

— Deveras?

— Si...im — repetiu Miss Flite, no seu tom mais gentil —, meu testamenteiro, curador e cessionário. (Palavras tabelioas, meu amor.) Refleti que, se viesse a esgotar-me, ele seria capaz de acompanhar o tal julgamento, uma vez que é tão assíduo às sessões e audiências.

Isso me fez suspirar ao pensar nele.

— Tencionei outrora — disse Miss Flite, suspirando também — nomear,

constituir e designar o pobre Gridley, também muito assíduo, minha encantadora menina. Exemplar mesmo, pode crer! Mas o pobre homem não aguentou, de modo que lhe nomeei sucessor. Não diga a ninguém. É segredo.

Com todo o cuidado abriu um pouco sua bolsa de malha e mostrou-me lá dentro um pedaço de papel dobrado, que era a tal designação de que falava.

— Outro segredo, minha querida. Aumentei minha coleção de pássaros.

— Deveras, Miss Flite? — disse eu, sabendo quanto lhe agradava receber sua confiança com um certo ar de interesse.

Abanou a cabeça várias vezes e seu rosto tornou-se triste e sombrio.

— Mais dois. Chamo-lhes os Pupilos de Jarndyce. Estão engaiolados juntamente com os outros. Com Esperança, Alegria, Juventude, Paz, Sossego, Vida, Pó, Cinzas, Desperdício, Necessidade, Ruína, Desespero, Loucura, Morte, Manha, Tolice, Palavras, Cabeleiras, Trapos, Pergaminho, Esbulho, Protocolo, Gíria, Gamão e Espinafre!

A coitada beijou-me com o ar mais transtornado que eu já lhe vira, e seguiu seu caminho. Sua maneira de citar muito depressa os nomes de suas avezitas, como se tivesse medo de ouvi-los de seus próprios lábios, arrepiou-me toda.

Não era essa uma preparação muito alegre para a minha visita, e eu dispensaria de bom grado a companhia do Sr. Vholes, quando Ricardo (que chegou um ou dois minutos depois de mim) o trouxe para jantar conosco. Conquanto fosse um repasto muito frugal, Ada e Ricardo se retiraram por alguns minutos, tendo ido aprontar o que iríamos comer e beber. O Sr. Vholes aproveitou aquela oportunidade para entabular em voz baixa uma ligeira conversa comigo. Aproximou-se da janela onde eu estava sentada e começou a falar a respeito de Symond's Inn.

— Um lugar lúgubre, Miss Summerson, para uma vida que não seja profissional — disse o Sr. Vholes, limpando o vidro com sua luva preta para mo tornar mais claro.

— Não há muito que ver aqui — disse eu.

— Nem que ouvir, senhorita — acrescentou o Sr. Vholes. — Um pouco de música às vezes penetra até cá, mas nós da lei não somos musicistas, e logo a rejeitamos. Espero que o Sr. Jarndyce esteja passando tão bem quanto

seus amigos desejam.

Agradei ao Sr. Vholes e disse que ele ia passando perfeitamente bem.

— Não tenho o prazer de ser incluído no número de seus amigos — disse o Sr. Vholes — e estou informado de que os cavalheiros da nossa profissão nem sempre são bem vistos em certos meios. Nosso comportamento corrente, porém, no meio da boa e da má opinião e de todos os preconceitos (somos as vítimas do preconceito) é fazer tudo às claras. Que tal acha o Sr. Carstone, Miss Summerson?

— Parece bem doente. Terrivelmente aflito.

— Isso mesmo — disse o Sr. Vholes.

Ele estava de pé atrás de mim, e sua figura comprida e negra quase atingia o teto daqueles aposentos baixos. Apalpava as espinhas da cara como se fossem enfeites e falava para dentro e de um modo inalterável, como se não houvesse paixão humana nem emoção na sua natureza.

— Creio que o Sr. Woodcourt está tratando do Sr. Carstone — continuou ele.

— O Sr. Woodcourt é seu amigo desinteressado — respondi.

— Mas, quero dizer, tratando dele como profissional, como médico.

— Isso pouco pode aproveitar a um espírito acabrunhado — disse eu.

— É exato — disse o Sr. Vholes.

Tão lento, tão ávido, tão exangue e enxuto de carnes, a impressão que eu tinha dele era que Ricardo ia definhando debaixo do influxo de tal conselheiro. Havia um não sei quê de vampiro naquele homem.

— Miss Summerson — disse o Sr. Vholes, esfregando devagar as mãos enluvadas, como se, para o seu álgido sentido do tato, tanto fazia estarem elas, ou não estarem, envoltas em couro preto de cabrito —, esse casamento do Sr. Carstone foi um passo errado.

Pedi-lhe desculpa para discordar. Os dois haviam ficado noivos quando eram muito jovens, disse-lhe eu (com um pouco de indignação), e quando a perspectiva que tinham diante de si era muito mais bela e brilhante, não se havendo ainda Ricardo deixado arrastar pela malfazeja influência que agora lhe toldava a vida.

— Exatamente — assentiu de novo o Sr. Vholes. — Todavia, sempre com o propósito de proceder em tudo às claras, desejo, com sua permissão, Miss Summerson, obtemperar-lhe que considero realmente esse casamento um passo errado. Devo esta minha opinião não só às pessoas ligadas ao Sr. Carstone, contra as quais desejaria naturalmente proteger-me, mas também a minha própria reputação — que muito prezo, como profissional cujo fito é manter-se respeitável; que muito prezam minhas três filhas em casa, a quem me esforço por garantir certa independência; que muito preza, posso mesmo dizer, meu idoso pai, de cuja manutenção tenho o privilégio de encarregar-me.

— Teria sido um casamento bem diferente, um casamento muito melhor e muito mais feliz, outro casamento que não esse que aí está, Sr. Vholes — disse eu —, se se conseguisse persuadir Ricardo a voltar as costas a essa fatal demanda na qual o senhor está envolvido com ele.

O Sr. Vholes, tossindo quase imperceptivelmente, dentro de uma de suas luvas pretas, inclinou a cabeça como se nem mesmo isso quisesse discutir.

— Miss Summerson — disse ele —, talvez seja assim, e francamente admito que a jovem que passou a usar o nome do Sr. Carstone de uma forma tão mal avisada — não se agaste comigo se mais uma vez faço esta observação que devo às pessoas ligadas ao Sr. Carstone — é uma jovem muitíssimo prendada. Os negócios me impediram de manter relações muito estreitas com a sociedade em geral, a não ser em caráter profissional; não obstante isso, creio que tenho competência para perceber que ela é uma jovem altamente prendada. Quanto à beleza, não me considero juiz, e desde rapaz nunca dei muita atenção a isso, mas ousou dizer que, ainda nesse particular, a jovem é um bom partido. Assim é considerada (já o tenho ouvido) entre os funcionários do Tribunal, ponto de vista mais próprio deles que de mim. No que se refere ao fato de continuar o Sr. Carstone a defender seus interesses...

— Oh! Seus interesses, Sr. Vholes!

— Perdoe-me — tornou o Sr. Vholes, continuando exatamente da mesma forma introversa e desapaixonada. — O Sr. Carstone tem certos interesses em certos testamentos controvertidos no processo. É um termo que usamos. No que se refere ao fato de continuar o Sr. Carstone a defender seus interesses, eu disse à senhorita, Miss Summerson, na primeira vez que tive o prazer de vê-la, com o meu desejo de que tudo seja tratado às claras — usei estas palavras porque aconteceu que depois as assentei no meu diário, que

pode ser exibido a qualquer tempo — eu disse à senhorita que o Sr. Carstone firmou como princípio fiscalizar ele próprio os seus interesses, e que, quando um cliente meu estabelece um princípio que não é de natureza imoral (isto é, ilegal), tomo a meu cargo levá-lo a cabo. É o que tenho feito e continuarei a fazer. Mas por nenhum motivo usarei de panos quentes com qualquer pessoa ligada ao Sr. Carstone neste caso em que ele se vê envolvido. Tão franco como fui com o Sr. Jarndyce, serei com a senhorita. Olho isso à luz de um dever profissional, embora de ninguém seja a culpa. Digo abertamente, por mais descaroável que isso possa ser, que considero os negócios do Sr. Carstone muito malparados, que considero o próprio Sr. Carstone em péssima situação e que encaro esse casamento como um erro. — Se estou aqui? Sim, obrigado; estou aqui, Sr. Carstone, e estou gozando o prazer duma agradável conversa com Miss Summerson, pelo que lhe sou muito grato, senhor!

Interrompeu-se assim, em resposta a Ricardo, que a ele se dirigiu, ao entrar na sala. Por esse tempo, compreendi muito bem a escrupulosa maneira pela qual o Sr. Vholes salvava a si próprio e a sua respeitabilidade, para não sentir que nossos piores receios não faziam outra coisa senão correr parelhos com os progressos de seu cliente.

Sentamo-nos para jantar, e eu, cheia de ansiedade, tive ensejo de observar Ricardo. Não me deixei perturbar pelo Sr. Vholes (que tirara as luvas para jantar), apesar de estar sentado defronte de mim na acanhada mesa: pois duvido que, se levantou os olhos, os tenha desviado uma única vez do rosto do anfitrião. Achei Ricardo magro e acabado, negligente no traje, muito distraído, arranjando de vez em quando uma alegria forçada para daí a pouco voltar a uma concentração soturna. Em seus olhos grandes e brilhantes, que eram tão alegres, havia uma languidez e uma inquietude que os transformava inteiramente. Não posso dizer que parecia envelhecido. Há uma ruína da mocidade que não é como a da idade; e a essa ruína estavam reduzidas a mocidade e a beleza juvenil de Ricardo.

Comeu pouco e parecia indiferente ao que comia; mostrou-se muito mais impaciente do que costumava ser e irritável até mesmo com Ada. Pensei a princípio que suas antigas maneiras cordiais e afáveis tinham desaparecido, mas brilhavam nele às vezes, da mesma maneira que por vezes eu percebera momentâneos vislumbres do meu próprio rosto de outrora ao mirar-me no espelho. Tampouco sua risada o abandonara de todo, mas era como o eco dum som alegre, e isso é sempre doloroso.

Contudo, mostrava-se tão contente como sempre, no seu velho modo afetuoso, de me ver ali, e conversamos prazerosamente a respeito dos velhos tempos. Isso não pareceu interessar o Sr. Vholes, ainda que de vez em quando emitia um pigarro que acredito fosse seu sorriso. Levantou-se logo depois do jantar e disse que, com permissão das senhoras, se retiraria para seu escritório.

— Sempre devotado aos negócios, Vholes! — gritou Ricardo.

— Sim, Sr. Carstone — acudiu ele —, os interesses dos clientes nunca devem ser descurados. Ocupam o primeiro lugar nos pensamentos de um profissional como eu, que deseja manter um bom nome entre seus colegas e na sociedade em geral. O privar-me do prazer desta agradável conversação talvez não seja inteiramente alheio aos seus interesses, Sr. Carstone.

Ricardo confessou-se inteiramente certo disso e foi alumiar o caminho para o Sr. Vholes. Ao voltar, disse-nos mais de uma vez que o Sr. Vholes era um bom sujeito, um sujeito digno de confiança, um homem que fazia o que pretendia fazer, um bom sujeito de fato! Mostrava-se tão insistente em afirmar isso, que me veio a ideia de que ele começara a duvidar do Sr. Vholes.

Depois deixou-se cair no sofá, cansado, enquanto eu e Ada púnhamos as coisas em ordem, pois não tinham outra criada a não ser a mulher que fazia a limpeza dos cômodos. Minha querida amiga tinha ali um piano pequeno, e de mansinho sentou-se para cantar algumas das canções favoritas de Ricardo, tendo antes o candeeiro sido levado para o quarto contíguo, porque Ricardo se queixara de que a luz lhe feria os olhos.

Sentei-me entre eles, ao lado de minha querida, e senti-me bastante melancólica ouvindo sua doce voz. Creio que o mesmo aconteceu a Ricardo: creio que mandou retirar a luz por esse motivo. Ela estivera cantando por algum tempo, erguendo-se a intervalos para curvar-se sobre ele e falar-lhe, quando entrou o Sr. Woodcourt. Este sentou-se junto de Ricardo, e meio brincando, meio sério, de um modo inteiramente natural e suave, perguntou-lhe como se sentia e onde estivera o dia inteiro. Daí a pouco lhe propôs darem juntos um curto passeio até uma das pontes, pois a noite era fresca e de luar. Ricardo prontamente consentiu, e saíram juntos.

Deixaram a minha querida Ada ainda sentada ao piano, continuando eu ao lado dela. Depois que saíram, pus o braço em torno da cintura dela. Ada colocou sua mão esquerda na minha (estava eu sentada daquele lado), mas conservou a direita nas teclas, correndo-a por sobre elas, mas sem ferir nota

alguma.

— Minha querida Ester — disse ela, quebrando o silêncio —, nunca Ricardo está tão bem e eu nunca me sinto tão tranquila a respeito dele, como quando se acha em companhia de Allan Woodcourt. Temos de agradecer isso a você.

Mostrei a Ada que não havia muito motivo para tal, porque o Sr. Woodcourt aparecera em casa de seu primo João e nos conhecera a todos ali, e porque sempre gostara de Ricardo e Ricardo sempre gostara dele e... e assim por diante.

— Tudo isso é verdade — disse Ada —, mas que se tenha tornado um amigo nosso tão devotado a você o devemos.

Achei melhor deixar minha amiga lá com a sua ideia e nada mais dizer a respeito. E por isso concordei. Disse-o em poucas palavras, pois percebi que ela estava tremendo.

— Ester, minha querida, quero ser uma boa esposa, uma esposa muito boa. Você vai me ensinar.

Eu ensinar! Não disse mais nada, pois notei a mão que errava por cima das teclas, e percebi que não era eu que devia falar; ela é quem tinha alguma coisa para me dizer.

— Quando casei com Ricardo, eu não era insensível ao que ele tinha pela frente. Eu havia sido completamente feliz por muito tempo com você e nunca conhecera perturbação nem ansiedade, tão amada e mimada era; mas compreendi o perigo em que ele se encontrava, querida Ester.

— Eu sei, eu sei, minha querida!

— Quando nos casamos, eu nutria uma vaga esperança de que era capaz de convencê-lo de seu engano, de que ele, como meu marido, pudesse vir a encarar isso de maneira diferente e não persistisse no mesmo intento por minha causa, cada vez mais desesperadamente como o faz. Mas ainda que eu não tivesse tido essa esperança, teria casado com ele da mesma forma, Ester, da mesma forma!

Na momentânea firmeza da mão que nunca estava quieta — firmeza essa inspirada pela prolação destas últimas palavras e que foi desaparecendo com elas — vi a confirmação da seriedade com que ela falava.

— Não vá pensar, minha querida Ester, que eu deixe de ver o que você vê e de temer o que você teme. Ninguém pode compreender Ricardo melhor do que eu. A maior sabedoria que já apareceu no mundo mal poderia conhecê-lo melhor do que o conhece o meu amor.

Disse isso com tanta moderação e brandura, e sua mão trêmula revelava tal agitação, movendo-se para lá e para cá sobre as notas silenciosas! Minha querida, minha querida amiga!

— Vejo-o todos os dias nos seus piores momentos. Observo-o no seu sono. Conheço todas as mudanças do seu semblante. Mas, quando me casei com Ricardo, estava inteiramente resolvida, Ester, se o céu me ajudasse a nunca mostrar-lhe que me afligia com o que ele fazia, para não torná-lo mais infeliz. Quero que ele, ao voltar para casa, não encontre nenhuma sombra no meu rosto. Quero que, quando olhe para mim, veja aquilo que em mim mais lhe agradou. Casei-me com ele para fazer isso e é isso que me sustenta.

Notei que ela tremia mais. Esperei pelo que ainda viria, e parecia-me que agora começava a saber o que era.

— E alguma coisa mais me sustenta, Ester.

Parou um minuto. Só deixou de falar; sua mão continuava ainda em movimento.

— Olho um pouco para a frente e não sei que grande ajuda me possa vir. Quando Ricardo volta seus olhos para mim, então talvez exista no meu seio alguma coisa mais eloquente do que eu tenho sido, com maior poder do que o meu para mostrar-lhe o seu verdadeiro caminho e arrastá-lo para trás.

Sua mão agora parou. Ela apertou-me em seus braços, e eu a apertei nos meus.

— Se essa criaturinha também nada conseguisse, Ester, ainda assim eu voltaria para a frente. Esperaria ainda muito tempo, durante anos e anos, e penso que então, quando eu for ficando velha, ou quando talvez tenha morrido, uma bela mulher, sua filha, bem casada, possa orgulhar-se dele e abençoá-lo. Ou que um generoso e bravo rapaz, tão bonito como ele era, tão esperançoso e bem mais feliz, possa passear ao sol com ele, honrando seus cabelos grisalhos e dizendo-lhe: “Graças a Deus este é meu pai! Arruinado por uma herança fatal, foi reabilitado por mim!”

Oh! minha doce amiga, que coração era aquele que batia tão depressa de encontro ao meu!

— Essas esperanças me, sustentam, minha querida Ester, e sei que me sustentarão. Mas às vezes até elas se apartam de mim, diante de um certo temor que de mim se apossa quando olho para Ricardo.

Tentei animar minha querida e perguntei-lhe que temor era esse. Chorando e soluçando, ela respondeu: — De que ele não possa viver para ver seu filho.

UMA DESCOBERTA

Nunca se apagarão de minha lembrança aqueles dias em que eu frequentava o miserável recanto que a minha querida Ada iluminava com a sua presença. Nunca mais o vi e agora não desejo vê-lo nunca mais. Desde então lá estive apenas uma vez, mas na minha memória há um como halo lúgubre resplandecendo sobre aquele lugar, e que resplandecerá para sempre.

Nem um dia se passava sem que eu fosse lá, é certo. A princípio encontrei ali o Sr. Skimpole, em duas ou três ocasiões, tocando despreocupadamente piano e conversando com sua usual vivacidade. Ora, além de eu reear bastante que as suas visitas àquela casa pudessem tornar Ricardo ainda mais pobre, parecia-me haver na sua descuidosa jovialidade qualquer coisa que destoava muito da vida íntima de Ada, de meu pleno conhecimento. Percebi também claramente que Ada partilhava meus sentimentos. Portanto, depois de muita reflexão, resolvi fazer uma visita particular ao Sr. Skimpole e procurar delicadamente explicar-me. O que me deu força para esse passo foi pensar que seria útil à minha querida amiga.

Uma manhã parti para Somers Town, em companhia de Charley. À medida que me aproximava da casa, sentia-me fortemente inclinada a voltar, pois reconhecia que desesperada tentativa representava causar impressão no Sr. Skimpole, e via como era mais que provável que ele me derrotasse em toda a linha. Todavia, julguei que, uma vez que lá estivesse, levaria a coisa a bom termo. Bati com mão trêmula à porta do Sr. Skimpole — com a mão, sim, porquanto a aldraba se fora — e, depois de longa explicação, uma irlandesa que, quando bati, estava na área, quebrando a tampa de um reservatório d'água com um atizador para fazer logo com ela, deixou-me entrar.

O Sr. Skimpole, deitado num sofá em seu quarto, tocando um pouco de flauta, mostrou-se encantado ao ver-me. E agora, quem deveria receber-me?

perguntou ele. Quem preferiria eu para mestra de cerimônias? Sua filha Comédia, sua filha Beleza ou sua filha Sentimento? Ou queria eu todas a um só tempo, num perfeito ramalhete?

Respondi, já meio derrotada, que desejava falar-lhe a sós, se me desse permissão.

— Minha cara Miss Summerson, com o maior dos prazeres! Sem dúvida — disse ele, puxando uma cadeira para perto da minha e mostrando seu fascinante sorriso — não se trata de negócios. Portanto, só poderá ser um prazer!

Disse-lhe que certamente não se tratava de negócios, mas que nem por isso era um assunto inteiramente agradável.

— Então, minha cara Miss Summerson — disse ele com a mais franca jovialidade —, não aluda a isso. Para que aludir a uma coisa que não é agradável? Eu nunca me ocupo de assuntos desagradáveis. E a senhorita é, sob todos os pontos de vista, uma criatura muito mais agradável do que eu. A senhorita é perfeitamente agradável; eu sou imperfeitamente agradável; portanto, se eu nunca aludo a um assunto desagradável, muito menos deveria a senhorita fazê-lo! O caso está, pois, resolvido, e iremos conversar a respeito de outra coisa.

Apesar de me sentir embaraçada, tornei-me animosa e dei a entender que queria ainda assim tratar do assunto.

— Eu acharia isso um erro — disse o Sr. Skimpole, com sua risada franca — se julgasse Miss Summerson capaz de cometer algum. Mas não penso em tal.

— Sr. Skimpole — disse eu, erguendo os olhos para ele —, ouvi-o muitas vezes dizer que ignora os negócios comuns da vida...

— Refere-se aos nossos três amigos banqueiros, L, S e... como se chama mesmo o sócio mais moço? D? — perguntou o Sr. Skimpole de maneira esplêndida. — Não faço uma ideia deles!

— Talvez isto — continuei. — O senhor vai desculpar minha ousadia em insistir. Penso que o senhor devia saber muito bem que Ricardo está mais pobre do que era.

— Deus meu! — disse o Sr. Skimpole. — Eu também estou, assim todos

me dizem.

— E em situação bastante embaraçosa.

— Caso igualzinho ao meu, exatamente! — exclamou o Sr. Skimpole, com um ar satisfeito.

— Isso naturalmente causa, no momento, grande ansiedade íntima a Ada; e como acho que ela se sente menos ansiosa quando não há visitas a atender, e como Ricardo tem sempre uma inquietação pesando-lhe no espírito, ocorreu-me tomar a liberdade de dizer que... se o senhor deixasse de...

la eu chegando ao ponto crítico com grande dificuldade, quando ele me tomou ambas as mãos e, com uma cara radiante e da maneira mais desenvolta, antecipou-se a mim.

— De ir lá? Por certo, minha cara Miss Summerson, por certo que deixarei de ir, pode crer. Por que iria eu lá? Quando vou a alguma parte, vou por prazer. Não vou a nenhuma parte para sofrer, porque fui feito para o prazer. A dor só me procura quando precisa de mim. Ora, tenho sentido muito pouco prazer ultimamente em casa do nosso querido Ricardo, e a sagacidade prática da senhorita demonstrou por quê. Nossos jovens amigos, tendo perdido a poesia juvenil que outrora era tão cativante neles, começam a pensar: “Esse é um homem que quer libras.” Sou assim mesmo. Eu sempre quis libras, não para mim, mas porque os comerciantes sempre querem tirar libras de mim. Depois, nossos jovens amigos começam a pensar, tornando-se mercenários: “Esse é o homem que tinha libras, que as pedia emprestado.” Era o que eu fazia. Sempre pedi libras emprestadas. De modo que nossos jovens amigos, reduzidos a prosa (o que é muito de lamentar), degeneraram, cessando de ser uma fonte de prazer para mim. Por conseguinte, por que iria eu vê-los? Uma coisa absurda!

Através do luminoso sorriso com que me olhava, enquanto assim discorria, manifestou-se então um ar de desinteressada benevolência muito de admirar.

— Além disso — disse ele, continuando seu argumento, no seu tom de cordial convicção —, se não vou a nenhum lugar para sofrer, o que seria uma perversão da minha constituição moral e uma coisa monstruosa, por que haveria de ir a alguma parte para ser causa de sofrimento? Se eu fosse ver nossos jovens amigos, no seu atual precário estado de espírito, iria causar-lhes

pesar. Suas relações comigo seriam desagradáveis. Eles poderiam dizer: “Esse é o homem que tinha libras e que não pode pagá-las”, coisa que eu realmente não posso fazer, e, portanto, disso nem se cogita. Assim sendo, a bondade me obriga a não me aproximar deles e não me aproximarei.

Acabou beijando amistosamente minha mão e agradecendo-me. Nenhuma outra coisa, a não ser o fino tato de Miss Summerson, disse o Sr. Skimpole, teria descoberto esse sentimento nele.

Sentia-me bastante desconcertada; mas refleti que, se o ponto principal estava ganho, pouco importava o modo estranho com que ele pervertera tudo quanto levava àquele resultado. Tinha, contudo, deliberado tratar de alguma coisa mais, e achei que não devia perder a ocasião.

— Sr. Skimpole — disse eu —, devo tomar a liberdade de dizer, antes de concluir minha visita, que fiquei bastante surpreendida ao saber de fonte autorizada, faz pouco tempo, que o senhor sabia com quem foi que aquele pobre rapazinho saiu da Casa Soturna, e que o senhor chegou a aceitar um presente naquela ocasião. Não contei isso ao meu tutor, pois receio que isso iria magoá-lo desnecessariamente. Mas ao senhor posso dizer que fiquei bastante surpreendida.

— Ora! Realmente surpreendida, minha cara Miss Summerson? — volveu ele, curiosamente, levantando suas divertidas sobrancelhas.

— Muito surpreendida.

Pensou um pouco, com uma expressão de rosto altamente engraçada e esquisita. Depois mudou-a e disse, com o seu jeito mais atraente: — A senhorita sabe que criança sou eu. Por que então surpreender-se?

Eu relutava em entrar minuciosamente nesse assunto, mas como ele me pediu que o fizesse, pois estava realmente curioso de saber, dei-lhe a entender, com as palavras mais delicadas que pude, que seu procedimento pareceu implicar certo desrespeito a severas obrigações morais. Mostrou-se muito divertido e interessado quando ouviu isso, e disse com ingênua simplicidade: — É sério?

— A senhorita sabe que não pretendo ser uma criatura responsável. Nunca poderia sê-lo. A responsabilidade é uma coisa que sempre esteve acima de mim... ou abaixo de mim, nem eu mesmo sei bem. Mas, entendendo a maneira pela qual a minha cara Miss Summerson (sempre notável pelo seu

prático bom senso e pela sua clareza) expõe o caso, devo imaginar que foi principalmente uma questão de dinheiro, não é isso?

Incautamente concordei.

— Ah! Então como vê — disse o Sr. Skimpole, abanando a cabeça — não me é possível compreendê-lo.

Lembrei, ao levantar-me para sair, que não era direito trair a confiança do meu tutor por causa de um suborno.

— Minha cara Miss Summerson — replicou o Sr. Skimpole com uma cândida hilaridade, bem própria dele —, eu não posso ser subornado.

— Nem pelo Sr. Bucket?

— Não. Nem por ninguém. Não dou valor algum ao dinheiro. Não me incomodo com ele. Nada sei a esse respeito. Não necessito dele. Não o conservo, sai do meu bolso imediatamente. Como posso eu ser subornado?

Fiz-lhe ver que eu era de opinião diversa, apesar de não ter capacidade para discutir a questão.

— Pelo contrário — disse o Sr. Skimpole — sou exatamente o homem que deve ser colocado numa posição superior, num caso como esse. Estou acima do resto da humanidade, num caso como esse. Posso agir com filosofia, num caso como esse. Não me deixo moldar, por preconceitos, como um bebê italiano por faixas. Sou livre como o ar. Sinto-me tão acima de qualquer suspeita como a mulher de César.

Nunca se viu em mais ninguém uma coisa que igualasse a desenvoltura da sua maneira e a imparcialidade brincalhona com que ele parecia convencer a si próprio, enquanto agitava o caso como se estivesse jogueteando com uma bola de pano.

— Observe o caso, minha cara Miss Summerson. Primeiro um rapaz é recebido na casa e posto na cama, num estado ao qual me opus fortemente. Estando o rapaz na cama, chega um homem, com um jeito assim de quem conhece o cárcere. Depois o homem reclama o rapaz que foi recebido na casa e colocado na cama num estado ao qual me opus fortemente. Depois uma cédula é exibida pelo homem que reclama o rapaz que foi recebido na casa e colocado na cama num estado ao qual me opus fortemente. Depois Skimpole aceita a cédula exibida pelo homem que reclama o rapaz que foi recebido na

casa e colocado na Cama num estado ao qual me opus fortemente. São esses os fatos. Muito bem. Deveria ter Skimpole recusado aquela nota? Por que deveria Skimpole ter recusado aquela nota? Skimpole protesta diante de Bucket: “Para que isto? Não compreendo. Isto não me serve. Fique com isto.” Bucket insiste com Skimpole para que aceite a nota. Haverá razões pelas quais Skimpole, destituído de preconceitos, seja levado a aceitá-la. Sim. Skimpole as percebe. Quais são elas? Skimpole raciocina consigo mesmo: esse homem é um lince manso, um policial ativo, um homem inteligente, uma pessoa duma energia habilmente dirigida e de grande sutileza, tanto de concepção como de execução, que descobre para nós nossos amigos e inimigos quando desaparecem, recupera para nós nossas coisas quando somos roubados, e nos vinga satisfatoriamente quando somos assassinados. Esse ativo policial e homem inteligente adquiriu, no exercício de sua arte, uma forte fé no dinheiro; considera-o muito útil para si e torna-o muito útil à sociedade. Deverei abalar essa fé em Bucket, porque eu cá não a tenho? Deverei deliberadamente embotar uma das armas de Bucket? Deverei positivamente paralisar Bucket no seu próximo trabalho de detetive? Ainda mais. Se é censurável que Skimpole aceite a nota, se é censurável que Bucket ofereça a nota, mais digno de censura é Bucket, porque é homem que conhece as coisas. Ora, Skimpole deseja fazer bom juízo de Bucket; Skimpole julga essencial, no seu lugarzinho, para a geral coesão das coisas, fazer bom juízo de Bucket. O Estado exige expressamente que ele confie em Bucket. E ele confia. Eis aí tudo o que ele faz!

Eu nada tinha que retrucar a essa exposição e portanto tratei de despedir-me. O Sr. Skimpole, porém, que se achava em excelente disposição, não quis admitir que eu voltasse para casa tendo apenas a companhia da “Pequena Coavinses”, e ele próprio me acompanhou. Entreteve-me durante o caminho com uma variada e agradável conversação e assegurou-me, ao partir, que jamais esqueceria o fino tato com que eu descobrira o seu modo de sentir a respeito dos nossos jovens amigos.

Como aconteceu que nunca mais tornei a ver o Sr. Skimpole, posso imediatamente terminar o que sei de sua história. Certa frieza se estabeleceu entre ele e meu tutor, baseada principalmente nas causas anteriores e no fato de ter ele desumanamente desprezado os rogos de meu tutor (como depois soubemos por Ada) com referência a Ricardo. Não houve nenhuma relação entre a separação verificada entre eles e o seu vultoso débito para com o meu

tutor. Skimpole morreu uns cinco anos depois e deixou um diário, com cartas e outros materiais relativos à sua vida, que foi publicado e segundo o qual ele foi a vítima de um conluio da humanidade contra uma criança amável. Essa autobiografia foi considerada leitura bastante agradável, mas dela nunca li senão uma frase que por acaso me caiu sob os olhos ao abrir o livro. Era a seguinte: “Jarndyce, juntamente com a maior parte dos outros homens que conheci, é a Encarnação do Egoísmo.”

E agora chego a uma parte da minha história que me toca muito de perto e para a qual absolutamente eu não estava preparada quando ocorreram as circunstâncias. Quaisquer insignificantes hesitações que ainda revivessem em meu espírito, associadas à minha pobre fisionomia de outrora, só reviviam como pertencentes a uma parte já passada da minha vida —passada como minha infância ou minha meninice. Não suprimi nenhuma das minhas muitas fraquezas a respeito desse assunto, mas anotei-as tão fielmente como minha memória as evocava. E espero fazê-lo e tenciono fazê-lo da mesma forma, até as últimas palavras destas páginas que agora vejo não muito distantes.

Os meses iam-se passando, e minha querida Ada, sustida pelas esperanças de que me havia falado confidencialmente, era a mesma brilhante estrela de sempre naquele miserável canto. Ricardo, mais extenuado e macilento, frequentava o Tribunal todos os dias. Ali se sentava, indiferente, o dia inteiro, apesar de saber que não havia nem a mais remota possibilidade de ser mencionado o processo, tornando-se mesmo um dos tipos populares do lugar. Eu tinha vontade de saber se qualquer pessoa se lembrava de como ele era quando ali foi pela primeira vez.

Estava tão completamente absorvido pela sua ideia fixa, que costumava declarar, em seus momentos alegres que, “se não fosse Woodcourt”, nunca mais ele teria respirado o ar fresco. Era somente o Sr. Woodcourt quem por vezes conseguia desviar sua atenção por umas poucas horas, e despertá-lo quando ele se engolfava numa letargia de espírito e de corpo que muito nos preocupava e cuja repetição se tornou mais frequente à proporção que os meses decorriam. Minha querida amiga tinha razão ao dizer que ele só persistia mais desesperadamente em seus erros por causa dela. Não tenho dúvida de que seu desejo de recuperar o que havia perdido se tornara mais intenso pela pena que sentia de sua mulher, tornando-se esse desejo semelhante à loucura de um jogador.

Eu andava lá, como já disse, a todas as horas. Quando ali me achava de noite, em geral voltava para casa com Charley num coche. Às vezes meu tutor se encontrava comigo nas vizinhanças, e juntos voltávamos para casa a pé. Certa noite combinara comigo esperar-me às oito horas. Não pude, como geralmente fazia, sair na hora rigorosamente exata, pois estava costurando para minha querida amiga e tinha ainda uns pontos a dar para terminar o que se achava quase pronto. Mas, poucos minutos depois da hora, embrulhei meu cestinho de costura, dei em Ada meu último beijo daquela noite e desci correndo a escada. O Sr. Woodcourt desceu comigo, uma vez que estava escuro.

Quando chegamos ao ponto habitual de encontro (era perto, e o Sr. Woodcourt me havia acompanhado antes muitas vezes), meu tutor lá não se achava. Esperamos meia hora, passeando em diferentes sentidos, mas não havia sinais dele. Concordamos em que ou ele tinha sido impedido de vir, ou viera e se fora embora. O Sr. Woodcourt propôs acompanhar-me até em casa.

Era o primeiro passeio que já havíamos dado juntos, sem falar naquele curto trajeto até o lugar habitual de encontro. Falamos de Ricardo e de Ada durante todo o caminho. Não lhe agradecia com palavras o que tinha feito (por esse tempo minha apreciação da sua generosidade estava acima de quaisquer encarecimentos) mas esperava que ele pudesse compreender alguma coisa do que eu sentia com tamanha veemência.

Chegando a casa e subindo, verificamos que meu tutor estava ausente e que a Sra. Woodcourt também se achava fora. Estávamos na mesmíssima sala para a qual eu levava a minha enrubescida amiga, quando seu jovem namorado, agora seu marido e tão diferente de então, fora declarado o eleito do seu jovem coração; a mesma sala donde eu e meu tutor os havíamos visto sair para a luz do sol, em pleno desabrochar de suas esperanças e promessas.

Estávamos de pé junto da janela aberta, olhando a rua lá embaixo, quando o Sr. Woodcourt me falou. Num momento eu soube que ele me amava. Soube num momento que meu rosto deformado não mudara para ele. Soube num momento que o que, segundo eu tinha pensado, fora compaixão e piedade era amor devotado, generoso, fiel. Oh! era demasiado tarde para saber isso agora, demasiado tarde, demasiado tarde! Foi esse o primeiro pensamento ingrato que tive. Demasiado tarde!

— Quando regressei — disse-me ele —, quando voltei, não mais rico do

que quando parti, e a encontrei restabelecida de uma grave enfermidade recente, e contudo tão cheia de doce consideração pelos outros e tão despida de qualquer pensamento egoísta...

— Oh! Sr. Woodcourt, pare, não prossiga! — supliquei-lhe. — Não mereço seus elevados louvores. Naquela ocasião eu estava cheia de pensamentos egoístas, de muitos!

— Deus sabe, amor de minha vida — disse ele —, que o meu louvor não é um louvor de amante, mas é a verdade. Você não sabe o que todos quantos a cercam veem em Ester Summerson, quantos corações ela toca e desperta, que santas admirações e que amor ela conquista!

— Oh! Sr. Woodcourt! — exclamei — é uma grande coisa conquistar o amor, é uma grande coisa conquistar o amor! Orgulho-me disso, honro-me com isso; ouvi-lo faz-me derramar estas lágrimas ao mesmo tempo de alegria e de tristeza — alegria de tê-lo conquistado, tristeza de não tê-lo melhor merecido; mas já não sou livre de pensar no seu amor.

Eu disse isso com um coração mais forte, porque, quando ele me elogiou daquela maneira e eu ouvi sua voz vibrar com a crença de que o que ele dizia era verdade, aspirei a ser mais digna do elogio. Para isso não era demasiado tarde. Conquanto eu fechasse aquela imprevista página da minha vida naquela noite, poderia ser mais digna desse amor por toda a minha vida. E para mim era um conforto e um impulso, e eu sentia uma dignidade erguer-se dentro de mim derivada dele, Allan, quando assim pensava.

Ele quebrou o silêncio.

— Eu mostraria de maneira mesquinha a confiança que tenho na minha querida que será agora mais querida para mim do que nunca (a profunda seriedade com que ele disse isso ao mesmo tempo me fortaleceu e me fez chorar) se, depois da sua declaração de que não está livre de pensar no meu amor, eu insistisse. Ester querida, deixe-me somente dizer-lhe que a ideia apaixonada que de você levei para o estrangeiro subiu até as nuvens quando voltei. Tenho sempre esperado, no primeiro momento em que me pareceu firmar-me em qualquer raio de boa sorte, dizer-lhe isto. Sempre temi que devesse dizer-lho em vão. Minhas esperanças e meus temores se cumpriram esta noite. Vejo que a aflijo. Já falei bastante.

Figurou-se-me que passava para o meu lado qualquer coisa parecida com

o anjo que, segundo ele, eu era, e fiquei penalizada com a perda que ele havia sofrido. Desejei socorrê-lo na sua aflição, como tinha querido fazer quando ele mostrou aquela primeira comiseração por mim.

— Caro Sr. Woodcourt, antes de nos separarmos esta noite, resta-me alguma coisa por dizer. Nunca poderia dizê-lo como desejo... nunca o direi... mas...

Tive de pensar de novo em ser mais merecedora do seu amor e da sua aflição, antes de poder prosseguir.

— Sou profundamente sensível à sua generosidade e guardarei como um tesouro essa lembrança até a hora da minha morte. Sei muito bem quanto estou mudada, sei que o senhor tem conhecimento da minha história e sei quanta nobreza há nesse amor que é tão fiel. O que o senhor me disse não poderia calar mais fundo em mim se partisse de outros lábios, pois nada o valorizaria mais aos meus olhos. Suas palavras não foram em vão. Elas me tornarão melhor.

Ele cobriu os olhos com a mão e voltou a cabeça para um lado. Como poderia eu algum dia ser digna daquelas lágrimas?

— Se no decurso imutável de nossas relações — no velar pela felicidade de Ricardo e de Ada e espero que em cenas mais felizes da vida — alguma vez o senhor descobrir em mim alguma coisa que possa lealmente pensar que é melhor do que costumava ser, acredite que terá nascido desta noite e que eu a deverei ao senhor. E não acredite jamais, caro, querido Sr. Woodcourt, não acredite nunca que eu possa esquecer esta noite, ou que, enquanto meu coração bater, possa ele ser insensível ao orgulho e à alegria de ter sido amada pelo senhor.

Ele pegou minha mão e beijou-a. Era novamente o mesmo de sempre, e eu me senti ainda mais animosa.

— Sou levada a pensar — disse-lhe eu —, pelo que o senhor me acaba de dizer, que foi bem-sucedido na sua tentativa?

— Fui, sim — respondeu. — Com um auxílio como o que me prestou o Sr. Jarndyce (a senhorita, que bem o conhece, pode avaliar o que ele fez por mim), eu não podia deixar de ser bem-sucedido.

— Deus abençoe o Sr. Jarndyce por isso — disse eu, dando-lhe minha

mão —; e Deus abençoe também o senhor em tudo quanto empreender!

— Hei de esforçar-me o mais que puder para ser digno desse desejo. Ele me fará desempenhar esses novos deveres como outro sagrado encargo de sua parte.

— Ah! que fará Ricardo — exclamei involuntariamente — quando o senhor se for?

— Ainda não fui chamado. Não o abandonaria, querida Miss Summerson, ainda que me chamassem.

Senti que era necessário dizer outra coisa, antes que ele me deixasse. Sabia que não seria mais digna do amor que não podia aceitar, se a mantivesse oculta: — Sr. Woodcourt — disse-lhe eu —, o senhor há de sentir-se alegre em ouvir de meus lábios, antes de eu lhe dar boa-noite, que no futuro, que se mostra claro e brilhante diante de mim, serei muito feliz, muito venturosa, nada tendo que lamentar nem desejar.

Era na verdade uma alegria para ele ouvir isso, respondeu.

— Desde minha meninice tenho sido — prossegui — objeto da infatigável bondade da melhor das criaturas humanas, a quem estou tão ligada por todos os laços de devotamento, gratidão e amor, que nada do que eu pudesse fazer no espaço de tempo de uma existência poderia exprimir os sentimentos de um único dia.

— Partilho esses sentimentos — disse ele. — A senhorita fala do Sr. Jarndyce.

— O senhor conhece bem suas virtudes, mas poucos podem conhecer a grandeza de seu caráter como eu o conheço. Em nenhuma coisa, porém, brilhou tanto a nobreza das suas excelsas qualidades como na modelação desse futuro no qual me sinto tão feliz. E se a mais alta homenagem e respeito do senhor já não fossem para ele — como sei que são —, deveriam ser, penso eu, com base nesta minha afirmação e no sentimento que ela teria despertado no senhor em relação a ele por minha causa.

Fervorosamente respondeu que de fato sempre deveriam ser. Dei-lhe minha mão de novo.

— Boa noite — disse eu. — Adeus!

— O primeiro cumprimento será até que nos encontremos amanhã; e o

segundo, será acaso como um adeus eterno a esse assunto entre nós?

— Assim é.

— Boa noite. Adeus!

Ele deixou-me e eu fiquei à janela escura, observando a rua. Seu amor, em toda a sua constância e generosidade, me envolvera de maneira tão súbita, que ainda não havia um minuto que ele se fora e já minha fortaleza me abandonava de novo, e grossas lágrimas me impediam de ver a rua.

Mas não eram lágrimas de pesar e de tristeza. Não. Ele me afirmara ser eu o amor de toda a sua vida e dissera que eu agora seria para ele mais querida que nunca. A sensação que eu tinha era que meu coração não podia conter em si o triunfo de ter ouvido tais palavras. Meu primeiro pensamento insensato tinha-se desvanecido. Não era demasiado tarde para ouvi-las, porque não era demasiado tarde para elas me animarem a ser boa, verdadeira, agradecida e contente. Quão fácil era o meu caminho! Quão mais fácil que o dele!

OUTRA DESCOBERTA

Não tive ânimo de ver quem quer que fosse naquela noite. Não tive mesmo ânimo de ver a mim própria, pois receava que minhas lágrimas pudessem dirigir-me uma ligeira censura. Subi para o meu quarto no escuro, rezei no escuro e deitei-me no escuro. Não tinha nenhuma necessidade de luz para ler a carta de meu tutor, porquanto a sabia de cor. Tirei-a do lugar onde a conservava, repeti o seu conteúdo à sua clara luz de integridade e de amor, e fui dormir com ela sobre o travesseiro.

Levantei-me de manhã bem cedo e chamei Charley para dar um passeio comigo. Compramos flores para a mesa do almoço, voltamos e arrumamo-las, mostrando-nos atarefadíssimas. Era tão cedo, que ainda tive tempo para tomar a lição de Charley antes do almoço. Charley (que não havia de maneira alguma progredido na sua antiga deficiência no estudo da gramática) saiu-se muito bem, e ficamos ambas muito contentes. Quando meu tutor apareceu, disse: — Então, mulherzinha, você parece mais fresca do que suas flores! — E a Sra. Woodcourt repetiu e traduziu um trecho do Mewlinwillinwodd, comparando-me a uma montanha coroada de sol.

Tudo isso era tão agradável que esperei me tornasse mais semelhante a uma montanha do que fora até então. Depois do almoço esperei uma oportunidade e andei espreitando por ali um pouco, até que vi meu tutor no seu quarto — o quarto da noite passada — sozinho. Então pedi licença para entrar com minhas chaves de dona de casa, fechando a porta atrás de mim.

— Muito bem, D^a Durden — disse meu tutor. O correio havia trazido várias cartas e ele estava escrevendo. — Precisa de dinheiro?

— Não, não, ainda tenho muito.

— Nunca haverá uma D^a Durden igual para fazer o dinheiro durar dessa forma.

Havia largado a pena e se recostara na cadeira, olhando para mim. Tenho

falado muitas vezes de seu rosto brilhante, mas achei que nunca parecera tão brilhante e tão bondoso. Havia nele a expressão duma imensa felicidade, que me fez pensar: “Ele andou praticando alguma grande bondade esta manhã.”

— Nunca haverá uma D^a Durden igual para fazer o dinheiro durar dessa forma — repetiu ele, depois de refletir um pouco e sorrindo para mim.

Não modificara ainda sua velha maneira. Eu gostava tanto dele que, quando agora subia para estar com ele e sentar-me na minha cadeira habitual, sempre colocada a seu lado — pois ora lia para ele, ora conversava com ele, ora costurava silenciosa junto dele —, não gostava de perturbá-lo pondo minha mão sobre seu peito. Mas me parecia que de nenhum modo o perturbava.

— Caro tutor — disse eu —, desejo falar-lhe. Tenho sido negligente em alguma coisa?

— Negligente em alguma coisa, minha querida?

— Não teria deixado de ser aquilo que tencionava ser desde que respondi à sua carta, tutor?

— Você tem sido tudo quanto eu poderia desejar, meu bem.

— Sinto-me deveras satisfeita de ouvir isso. Lembra-se que me perguntou se eu queria ser a dona da Casa Soturna e que eu disse sim?

— Sim, lembro-me — disse meu tutor, meneando afirmativamente a cabeça. Pusera o braço em redor de mim, como se houvesse alguma coisa de que proteger-me, e fitou-me, sorridente.

— Desde então — disse eu — nunca mais falamos a respeito desse assunto, a não ser uma vez.

— E então eu disse que a Casa Soturna estava-se despovoando depressa, e assim era, minha querida.

— Mas eu disse — lembrei-lhe timidamente — que sua dona permanecia.

Conservava-me ainda presa daquele jeito protetor e com a mesma brilhante expressão de bondade no rosto.

— Caro tutor — disse eu —, sei quanto o senhor tem sentido tudo quanto sucedeu e quão discreto tem sido. Como se passou tanto tempo e como

somente esta manhã foi que o senhor se referiu ao meu completo restabelecimento, talvez o senhor espere que eu volte a tratar do assunto. Talvez seja meu dever fazê-lo. Serei a dona da Casa Soturna quando lhe prouver.

— Veja — acudiu ele alegremente — que simpatia deve haver entre nós! Não tenho pensado noutra coisa a não ser nisso, feita exceção do pobre Ricardo. Quando você entrou aqui, estava eu justamente absorvido nesse pensamento. Quando daremos à Casa Soturna sua dona, hem, mulherzinha?

— Quando o senhor quiser.

— No próximo mês?

— No próximo mês, querido tutor.

— O dia em que darei o mais feliz e o melhor passo da minha vida, o dia em que serei um homem mais jubiloso e mais invejável do que qualquer outro no mundo, o dia em que darei à Casa Soturna sua pequena dona — então será no próximo mês — disse meu tutor.

Envolvi-lhe o pescoço com meus braços e beijei-o, exatamente como fizera no dia em que lhe dei minha resposta.

Uma criada chegou à porta para anunciar a chegada do Sr. Bucket, o que foi inteiramente desnecessário, porque o Sr. Bucket vinha entrando logo depois da criada.

— Sr. Jarndyce e Miss Summerson — disse ele, um tanto esbaforido —, pedindo desculpas por incomodá-los, querem dar-me licença para mandar subir uma pessoa que está aí embaixo e que se opõe a ficar lá no caso de tornar-se alvo de observações em sua ausência? Obrigado. Tenham a bondade de carregar esse homem até cá — disse o Sr. Bucket, acenando por cima do corrimão.

Feito esse singular pedido, seguiu-se o aparecimento de um velho com um gorro preto, o qual, sendo entrevado, era carregado numa cadeira por dois homens que o depositaram no aposento perto da porta. O Sr. Bucket despediu imediatamente os carregadores, fechou misteriosamente a porta e aferrolhou-a.

— Ora, muito bem, Sr. Jarndyce — começou ele então, pondo o chapéu em cima de uma cadeira e entrando no assunto, com sua gesticulação

característica —, o senhor e Miss Summerson me conhecem. Esse cavalheiro também me conhece, e seu nome é Smallweed. A agiotagem é o seu principal ofício. Ele é o que se chama um negociante de títulos. O senhor não é isso mesmo? — disse o Sr. Bucket, parando um pouco para se dirigir ao cavalheiro em questão, que se mostrava excessivamente desconfiado dele.

O velho parecia querer contestar aquele título com que o designavam, quando foi tomado de violento acesso de tosse.

— A moral do caso! — disse o Sr. Bucket, aproveitando o incidente. — Não contradiga quando não houver motivo para fazê-lo, e não será vítima de acessos desses. Agora, Sr. Jarndyce, dirijo-me ao senhor. Estive em negociações com este cavalheiro no interesse do Baronete Sir Leicester Dedlock, e por uma razão ou por outra, entrando e saindo, frequentei bastante o lugar onde ele mora. Esse lugar é o mesmo antigamente ocupado por Krook, negociante de artigos marítimos, parente deste cavalheiro e a quem, se não me engano, o senhor conheceu.

Meu tutor respondeu que sim.

— Pois bem, o senhor ficará sabendo que este cavalheiro tomou conta do que pertencia a Krook, boa quantidade de coisas achadas e surripiadas. Enormes quantidades de papel velho, entre outras coisas, e, graças a Deus, de nenhum préstimo para quem quer que seja.

A agudeza do olhar do Sr. Bucket e a maneira magistral com que conseguiu — sem um olhar ou uma palavra contra a qual o seu vigilante ouvinte pudesse protestar — fazer-nos compreender que expunha o caso de acordo com uma combinação prévia e que podia, se quisesse, dizer muito mais a respeito do Sr. Smallweed privaram-nos de qualquer mérito em entendê-lo perfeitamente. Sua dificuldade era aumentada pela circunstância de ser surdo o Sr. Smallweed, e também desconfiado, e de observar sua fisionomia com a mais viva atenção.

— Entre aqueles estranhos montes de papéis velhos, este cavalheiro, ao tomar conta daquilo, começou logo a escarafunchar, vê o senhor? — disse Sr. Bucket.

— A quê? Diga isso de novo — gritou o Sr. Smallweed, numa voz aguda e estridente.

— A escarafunchar — repetiu o Sr. Bucket. — Sendo um homem

prudente, acostumado a cuidar de seus negócios, o senhor começou a escarafunchar entre aqueles papéis velhos assim que entrou de posse deles, não foi?

— Claro que sim — berrou o Sr. Smallweed.

— Claro que sim — disse o Sr. Bucket, em tom de conversa —, e muito digno de censura seria o senhor se o não fizesse. E assim aconteceu que encontrou, como sabe — continuou o Sr. Bucket, inclinando-se sobre ele com um ar de divertida zombaria que o Sr. Smallweed de maneira nenhuma retribuiu — e assim aconteceu que encontrou, como sabe, um papel com a assinatura de Jarndyce. Não foi?

O Sr. Smallweed Lançou-nos um olhar perturbado e, resmungando, confirmou com um aceno da cabeça.

— E lançando a vista àquele papel, com todo o seu lazer e comodidade — tudo a seu tempo, porque o senhor não tem curiosidade de lê-lo, e por que haveria de tê-la? — veio a descobrir que se tratava de um testamento. O engraçado do caso está nisso — disse o Sr. Bucket, com o mesmo ar vivo de quem lembrava uma pilhéria para divertir o Sr. Smallweed, o qual continuava murcho, não parecendo achar nenhuma graça naquilo —; que iria encontrar o senhor? Um testamento!

— Não sei se vale tanto como um testamento, ou como qualquer outra coisa — regougou o Sr. Smallweed.

O Sr. Bucket olhou o velho por um instante (o homem havia escorregado e se enterrara na sua cadeira, reduzindo-se a uma simples trouxa) — como se estivesse querendo deitar-lhe a garra. Não obstante, continuou curvado sobre ele com o mesmo ar agradável, olhando-nos, porém, com o canto do olho.

— Apesar disso — disse o Sr. Bucket — o senhor tem lá suas dúvidas e preocupações a respeito, possuindo, como possui, uma consciência muito delicada.

— Hem? Que foi que disse que eu possuo? — perguntou o Sr. Smallweed, com a mão no ouvido.

— Uma consciência muito delicada.

— Ah! bem, continue — disse o Sr. Smallweed.

— E como já ouviu falar muito a respeito dum famigerado caso de

testamento litigioso do mesmo nome, e como sabe que Krook tinha a mania de comprar toda a qualidade de velhas peças de mobiliário, e livros, papéis e não sei mais o quê, nunca se separando deles e sempre teimando em aprender a ler sozinho, o senhor começou a pensar — e nunca acertou tão bem desde que nasceu —: “Homem, que se não tomo cuidado, posso meter-me em complicações a propósito deste testamento.”

— Veja lá como diz as coisas, Bucket — gritou o velho, cheio de ansiedade, com a mão na orelha. — Fale claro; sem nenhuma de suas diabólicas artimanhas. Sente-me direito, que quero ouvir melhor. Oh! meu Deus, que desta vez arrebento!

Decerto já o Sr. Bucket o havia, com um movimento brusco, reposto em melhor posição. Entretanto, logo que pôde ser ouvido no meio da tosse do Sr. Smallweed e das suas violentas exclamações de “Oh! meus ossos! Oh! meu Deus! Já não tenho mais fôlego! Estou pior do que a megera faladeira e barulhenta lá de casa!” — o Sr. Bucket prosseguiu na mesma maneira afável de antes.

— De modo que, acontecendo ter eu aparecido, segundo o meu costume, em casa, o senhor me contou o que acabara de descobrir, não foi?

Penso que seria impossível fazer uma confissão com maior desagrado e mais evidente má vontade do que a que o Sr. Smallweed demonstrou ao reconhecer isso. Com o que patenteou abertamente que o Sr. Bucket era a última pessoa que ele cogitaria de fazer participante de seu segredo, se houvesse alguma possibilidade de conservá-lo alheio à sua descoberta.

— E entrei no negócio com o senhor — muito engraçado estarmos ambos metidos nisso — e confirmei seus bem fundados temores de que muita complicação lhe adviria se não divulgasse a existência do tal testamento — disse o Sr. Bucket com ênfase —; e assim o senhor combinou comigo que ele seria entregue ao Sr. Jarndyce, aqui presente, sem condições. Se se verificasse que se tratava de alguma coisa de valor, o senhor cometeria a ele a estipulação de uma recompensa adequada. Foi ou não foi isso?

— Foi isso o combinado — declarou o Sr. Smallweed com a mesma má vontade.

— Em consequência do que fica dito — disse o Sr. Bucket, abandonando de repente sua maneira agradável e tornando-se apenas um homem de

negócios — o senhor traz aí consigo esse testamento, e a única coisa que lhe resta fazer é exhibi-lo!

Tendo lançado para nós um olhar com o canto do olho, e aplicado uma triunfante esfregadela no nariz com o dedo indicador, o Sr. Bucket permaneceu de pé com os olhos pregados em seu confidente amigo, e com a mão estendida e pronta para pegar o papel e entregá-lo ao meu tutor. Não pouca relutância houve na entrega do papel e muitas declarações da parte do Sr. Smallweed de que era um pobre homem industrioso e que deixava à honra do Sr. Jarndyce providenciar para que ele não viesse a ser prejudicado com a sua honestidade. Pouco a pouco foi tirando lentamente dum bolso interno um papel manchado e desbotado, bastante chamuscado na parte de fora e um pouco queimado nas extremidades, como se há muito tivesse sido lançado no fogo e logo retirado dali à pressa. O Sr. Bucket não perdeu tempo em transferir aquele papel, com a destreza dum prestidigitador, do Sr. Smallweed para o Sr. Jarndyce. Ao dá-lo ao meu tutor, cochichou por trás dos dedos: — Não resolveram por quanto haviam de negociá-lo. Discutiram e debateram o caso. Propus vinte libras. Primeiro, os netos avarentos o denunciaram levantando objeções quanto à absurda longevidade do avô, e depois traíram-se um ao outro. Meu Deus! Não houve um da família que não estivesse disposto a vender o outro por uma libra ou duas, exceto a velha, que é a única que está alheia ao caso, porque tem o miolo demasiado mole para se meter em negócios.

— Sr. Bucket — disse meu tutor em voz alta —, qualquer que seja o valor deste papel para alguém, o senhor é credor do meu reconhecimento; e se ele tem algum valor, sinto-me obrigado a cuidar de que o Sr. Smallweed receba uma gratificação condigna.

— Não condigna em relação aos seus méritos — disse o Sr. Bucket, em cordial explicação ao Sr. Smallweed. — Não tenha receio. Condigna em relação ao valor do papel.

— É o que quero dizer — declarou meu tutor. — O senhor há de observar, Sr. Bucket, que eu me abstenho de examinar pessoalmente este documento. A verdade nua e crua é que há muitos anos venho abominando todo esse caso que me causa engulhos. Mas Miss Summerson e eu imediatamente iremos colocar este documento nas mãos de meu advogado no processo, e sua existência será sem demora tornada conhecida de todas as

demaís partes interessadas.

— O Sr. Jarndyce não poderia falar com mais honestidade, como o senhor bem compreende — disse o Sr. Bucket a seu companheiro. — E estando agora bem explícito que ninguém irá ser prejudicado — o que deve ser um grande alívio para seu espírito —, podemos proceder à cerimônia de transportá-lo de novo para sua casa.

Abriu o ferrolho da porta, chamou os carregadores, deu-nos bom-dia e, com um olhar significativo e o dedo curvo como um gancho, seguiu seu caminho.

Nós também saímos, seguindo para Lincoln's Inn o mais depressa possível. O Sr. Kenge estava livre, e encontramos-lo à sua mesa no seu quarto poeirento, com seus livros inexpressivos e suas pilhas de papel. Tendo o Sr. Guppy arranjado cadeiras para nós, o Sr. Kenge exprimiu a grata surpresa que sentia com a inesperada visita do Sr. Jarndyce ao seu escritório. Fazia girar seus óculos duplos enquanto falava, mostrando-se mais “Kenge Conversa” do que nunca.

— Espero — disse o Sr. Kenge — que a amável influência de Miss Summerson — e fez-me uma vênia — tenha induzido o Sr. Jarndyce — e fez uma vênia a ele — a depor um pouco da sua animosidade para com um processo e para com um Tribunal que são... deverei dizê-lo? — que ocupam seu lugar no soberbo panorama dos pilares da nossa profissão.

— Propendo mais a pensar — tornou meu tutor — que Miss Summerson já conhece muitos dos efeitos do Tribunal e do processo para exercer qualquer influência em favor deles. Sem embargo, são eles uma parte do motivo da minha presença aqui. Sr. Kenge, antes de deixar este papel sobre sua escrivaninha, desfazendo-me dele, permita que lhe conte como veio ter às minhas mãos.

Fê-lo em poucas palavras e com muita clareza.

— Não poderia o caso — disse o Sr. Kenge — ter sido exposto com mais clareza e objetividade se o fosse perante o magistrado e em face da lei.

— Já conheceu alguma vez lei inglesa ou justiça que fosse clara e objetiva? — perguntou meu tutor.

— Por amor de Deus, Sr. Jarndyce! — exclamou o Sr. Kenge.

A princípio não pareceu ligar muita importância ao papel, mas, quando o viu, mostrou-se mais interessado, e, quando o abriu e leu um pouco do seu conteúdo através dos óculos, ficou assombrado.

— Sr. Jarndyce — disse ele, desviando a vista do papel — o senhor leu isto?

— Eu não! — respondeu meu tutor.

— Mas, meu caro senhor — disse o Sr. Kenge —, trata-se de um testamento de data posterior a qualquer outro do processo. Parece estar todo escrito do próprio punho do testador. Acha-se devidamente redigido e atestado. E ainda que se tenha tencionado anulá-lo, como se pode supor à vista destas marcas de fogo, não está anulado. Está aqui um instrumento perfeito!

— Bem! — disse meu tutor. — Que representa isso para mim?

— Sr. Guppy! — gritou o Sr. Kenge, erguendo a voz. — Peço-lhe desculpa, Sr. Jarndyce.

— Senhor!

— O Sr. Vholes de Symond's Inn. Transmita-lhe meus cumprimentos. Trata-se de “Jarndyce e Jarndyce”. Queria ter o prazer de falar com ele.

O Sr. Guppy desapareceu.

— O senho me pergunta o que representa isto para o senhor. Se o senhor tivesse lido este documento, teria visto que ele reduz consideravelmente o seu interesse, conquanto o deixe ainda bastante vultoso, bastante vultoso — disse o Sr. Kenge com um acionado persuasivo e brando. — Teria visto mais que os interesses do Sr. Ricardo Carstone e de Miss Ada Clare, agora Sra. Ricardo Carstone, ficam materialmente bem mais avultados por força deste instrumento.

— Kenge — disse meu tutor —, se toda a florescente riqueza que o processo carregou para aquela vil Corte de Justiça pudesse cair nas mãos dos meus dois jovens primos, eu ficaria muito satisfeito. Mas será possível que o senhor me peça para acreditar que qualquer bem possa provir de “Jarndyce e Jarndyce”?

— Oh! Com efeito, Sr. Jarndyce! Preconceito, preconceito. Meu caro senhor, este é um país verdadeiramente grande, um país verdadeiramente

grande. Seu sistema de justiça é um sistema verdadeiramente grande, um sistema verdadeiramente grande. Decerto, decerto!

Meu tutor não disse mais nada, e o Sr. Vholes chegou. Mostrava-se modestamente impressionado com a preeminência profissional do Sr. Kenge.

— Como vai, Sr. Vholes? Quer ter a bondade de assentar-se aqui a meu lado e passar os olhos neste papel?

O Sr. Vholes fez o que lhe fora pedido, parecendo que lia palavra por palavra. Não se mostrou entusiasmado; mas também nada o entusiasmava. Depois de o haver examinado cuidadosamente, retirou-se com o Sr. Kenge para uma janela, e, fazendo uma sombra na boca com sua luva preta, conversou com ele durante algum tempo. Não me surpreendeu observar que o Sr. Kenge, antes de haver o Sr. Vholes dito muita coisa, já se sentia propenso a discutir o que ele dissera, porquanto eu sabia que não havia duas pessoas que alguma vez tivessem estado de acordo sobre qualquer ponto do processo “Jarndyce e Jarndyce”. Mas ele pareceu vencer também o Sr. Kenge numa conversa que parecia constar quase que exclusivamente das palavras “Recebedor-Geral”, “Contador-Geral”, “Relatório”, “Propriedades” e “Custas”. Finda a conferência, voltaram à escrivaninha do Sr. Kenge e falaram em voz alta.

— E então, não é este um documento verdadeiramente notável, Sr. Vholes? — perguntou o Sr. Kenge.

O Sr. Vholes respondeu: — Notabilíssimo.

— Não é um documento de muita importância, Sr. Vholes? — tornou a perguntar o Sr. Kenge.

E o Sr. Vholes respondeu: — Importantíssimo.

— E, como diz o Sr. Vholes, quando, na próxima audiência, a causa estiver na pauta, este documento será uma parte essencial dela, inesperada e interessante — disse o Sr. Kenge, olhando ufano para meu tutor.

Como profissional mais modesto, que tudo faz para tornar-se respeitado, o Sr. Vholes mostrou-se muito satisfeito vendo uma insignificante opinião sua confirmada por uma tal autoridade.

— E quando será — indagou meu tutor, levantando-se depois de uma pausa, durante a qual o Sr. Kenge havia feito tinir seu dinheiro e o Sr. Vholes

acariciara as espinhas do seu rosto — a próxima audiência?

— A próxima audiência, Sr. Jarndyce, será no mês que vem — disse o Sr. Kenge. — Sem dúvida, de posse deste documento, iremos proceder sem demora ao que for necessário, e coligir as provas necessárias a ele referentes, e naturalmente o senhor receberá nossa habitual notificação de que o processo se acha na pauta.

— À qual darei, naturalmente, minha habitual atenção.

— Está ainda inclinado, meu caro senhor — disse o Sr. Kenge, levando-nos através do escritório externo até a porta —, está ainda inclinado, mesmo com o elevado critério que possuí, a repetir um preconceito popular? Somos uma comunidade próspera, Sr. Jarndyce, uma comunidade muito próspera. Somos um grande país, Sr. Jarndyce, um país muito grande. Esse nosso sistema é um grande sistema, Sr. Jarndyce, e o senhor havia de querer que um grande país tivesse um sistema mesquinho? É claro que não!

Disse isso no alto da escada, movendo levemente a mão direita como se ela fosse uma trolha de prata, com a qual estivesse espalhando o cimento de suas palavras sobre a estrutura do sistema para consolidá-lo por milhares de épocas.

AÇO E FERRO

A galeria de tiro de Jorge está para alugar e o estoque está sendo vendido. Quanto a Jorge, acha-se em Chesney Wold, assistindo a Sir Leicester em seus passeios a cavalo e cavalgando bem junto dele por causa da mão incerta com que o fidalgo guia seu animal. Mas hoje Jorge não está tão ocupado assim. Hoje viaja para a região metalúrgica do extremo norte, para ficar conhecendo aquilo.

Ao penetrar no centro metalúrgico do extremo norte, ficam para trás bosques verdejantes como os de Chesney Wold; e cinzas e minas de carvão de pedra, altas chaminés e tijolos vermelhos, verdura crestada, fornos ardentes, e uma pesada nuvem de fumo constituem as características da nova paisagem. É por aqui que cavalga o ex-militar, olhando em redor, e sempre procurando alguma coisa de que veio em busca.

Afinal, sobre a ponte do negro canal numa cidade movimentada e cheia de rumores metálicos, com tantas fornalhas e tanto fumo como nunca vira, o cavalariano, tisonado pelo pó dos caminhos encarvoados, detém o seu cavalo e pergunta a um operário se conhece por ali alguém com o nome de Rouncewell.

— Ora, meu senhor, como o meu próprio nome — responde o interpelado.

— É muito conhecido aqui então, não é, camarada? — indaga o cavalariano.

— Rouncewell? Ah! Sem a menor dúvida.

— E onde fica? — pergunta o cavalariano, com o olhar perdido no espaço à sua frente.

— O banco, a fábrica, ou a casa? — deseja o operário saber.

— Hum! Rouncewell's parece ser tão grande — murmura o cavalariano,

afagando o queixo — que estou quase a arrepiar carreira. Homem, não sei bem o que quero. Acha que eu poderia encontrar o Sr. Rouncewell na fábrica?

— Não é fácil dizer onde o senhor poderia encontrá-lo. Nesta hora do dia poderia o senhor encontrá-lo lá ou ao filho, se estiver na cidade; mas seus contratos levam-no frequentemente para fora.

E qual é a fábrica? Ora, estará ele vendo aquelas chaminés — as mais altas? Sim, está. Pois bem! Conserve o olhar naquelas chaminés, siga em linha reta o mais que puder e logo estará diante delas ao dobrar à esquerda, por trás dum grande muro de tijolos que forma um dos lados da rua. Aquilo é Rouncewell's.

O cavalariano agradece a seu informante e sai devagar, olhando em redor. Não se volta, mas detém seu cavalo (e também está com vontade de almoçá-lo) diante duma taberna onde alguns trabalhadores de Rouncewell's estão jantando, segundo o informa o hoteleiro. Alguns dos trabalhadores de Rouncewell's acabam de suspender o trabalho para jantar e parecem estar invadindo a cidade inteira. São nervudos e robustos esses trabalhadores de Rouncewell's e também um tanto enegrecidos de fuligem.

Para diante de um portão no muro, olha para dentro e vê ferro por toda a parte, em vários estados e com a mais vasta variedade de formas — em barras, em cunhas, em folhas, em tanques, em caldeiras, em eixos, em rodas, em dentes de roda, em manivelas, em carris; torcido e retorcido nos feitiços mais extravagantes, como partes separadas de maquinismos; montes de ferro partido e enferrujado pela velhice; fornalhas de ferro novo a resplender e ferver; luzentes faíscas espadanando de sob as pancadas do martelo a vapor; ferro em brasa, ferro incandescente, ferro frio e negro; um gosto de ferro, um cheiro de ferro e uma Babel de sons de ferro.

— Este é um lugar para fazer a cabeça da gente doer! — diz o cavalariano, olhando em torno à procura dum escritório. — Quem vem ali? Parece-se muito comigo antes de eu ter começado a vida. Deve ser meu sobrinho, se a semelhança continua a existir nas famílias. Um seu criado, senhor.

— Da mesma forma, senhor. Está procurando alguém?

— Desculpe-me. Creio que é o filho do Sr. Rouncewell, não é?

— Sou, sim.

— Estava à procura de seu pai. Desejo dar-lhe uma palavra.

O rapaz, dizendo-lhe que ele foi feliz na escolha da ocasião, pois seu pai acha-se ali, leva-o até o escritório onde poderá ser encontrado. “Muito parecido comigo antes de eu ter começado a vida, muitíssimo parecido!”, pensa o cavalariano, enquanto o acompanha. Chegam a um prédio dentro do pátio, com um escritório no andar superior. Na presença do cavalheiro que se acha no escritório, o Sr. Jorge fica muito vermelho.

Que nome deverei anunciar a meu pai? — pergunta o rapaz.

Cheio da ideia de ferro, e em desespero, Jorge responde que se chama ‘Steel’ (aço) e é assim apresentado. Fica só no escritório com o cavalheiro que está sentado a uma mesa, tendo diante de si um livro de contabilidade e algumas folhas de papel, cheias de fileiras de algarismos e desenhos de formas engenhosas. É um escritório desguarnecido, com janelas sem cortinas, donde se avista todo aquele ferro espalhado lá embaixo. Em cima da mesa acham-se algumas peças de ferro, quebradas de propósito para experiência, em várias fases de sua transformação e de suas várias capacidades. Há uma poeira de ferro em cima de tudo, e vê-se a fumaça, através das janelas, rolando pesadamente da boca das altas chaminés, para misturar-se com o fumo duma vaporosa Babilônia de outras chaminés.

— Estou às suas ordens, Sr. Steel — diz o cavalheiro, depois que seu visitante se sentou numa cadeira enferrujada.

— Bem, Sr. Rouncewell — começa Jorge a falar, inclinando-se para a frente com o braço esquerdo sobre o joelho e o chapéu na mão, bastante cuidadoso quando seu olhar se cruza com o do irmão —, tenho cá minha ideia de que com a presente visita antes sou tolerado que bem-vindo. Servi como dragão durante certo tempo, e um camarada meu, por quem tinha certa predileção, era, se não me engano, irmão do senhor. Creio que o senhor teve um irmão que deu algum desgosto à família e se foi embora, sendo essa a melhor coisa que fez.

— O senhor tem certeza — replica o ferreiro, com voz alterada — de que seu nome é Steel?

O cavalariano hesita e olha para ele. Seu irmão ergue-se de golpe, chama-o pelo nome e agarra-o com ambas as mãos.

— Você me conheceu muito depressa! — exclama o cavalariano, com

lágrimas a saltarem-lhe dos olhos. — Como vai você, meu velho? Nunca poderia imaginar que você se mostrasse tão alegre assim ao ver-me. Como vai você, meu caro, meu velho? Como vai você?

Apertam-se as mãos, abraçam-se muitas vezes, com o cavalariano a repetir o seu “Como vai você, meu caro, meu velho?” e a reiterar que nunca poderia imaginar que seu irmão se mostrasse tão alegre assim ao vê-lo.

— Bem longe disso — declara ele, ao termo duma completa narração do que precedera sua chegada ali —, eu tinha bem pouca vontade de tornar-me conhecido. Pensei que, se você se mostrasse clemente ao ouvir o meu nome, poderia eu pouco a pouco chegar ao ponto de escrever-lhe uma carta. Mas não me causaria surpresa, meu irmão, se você tivesse acolhido mal qualquer notícia a meu respeito.

— Mostrarei a você em casa em que conta temos a presente notícia, Jorge — replica seu irmão. — Este é um grande dia para nós, e você, meu velho militar bronzado, não poderia ter chegado mais a propósito. Combinei hoje com meu filho Watt que de hoje a um ano ele casará com uma moça tão bonita e tão boa como você jamais viu em todas as suas viagens. Ela segue amanhã para a Alemanha com uma de minhas filhas, para polir um pouco sua educação. Vamos festejar o acontecimento e você irá ser o herói da festa.

O Sr. Jorge mostra-se a princípio tão assustado, diante dessa perspectiva, que com grande fervor resiste à honrosa proposta. Sendo, porém, vencido, por seu irmão e por seu sobrinho — a respeito dos quais renova seus protestos de que jamais poderia imaginar que tivessem tanta alegria ao vê-lo —, é levado para uma elegante casa, em todos os arranjos da qual pode observar-se uma agradável mistura dos hábitos primitivamente simples do pai e da mãe com as modificações derivadas da sua nova situação e da fortuna maior de seus filhos. O Sr. Jorge sente-se grandemente comovido com as graças e prendas das suas atuais sobrinhas e com a formosura de Rosa, sua futura sobrinha, e com as saudações afetuosas daquelas jovens senhoras, que ele recebe como em sonho. Sente-se também extremamente sensibilizado pela respeitosa atitude de seu sobrinho e vem-lhe a aflitiva ideia de ter sido um biltre. Contudo, há grande regozijo, acolhida muito cordial e infinita satisfação. O Sr. Jorge acaba recuperando sua franqueza e marcialidade, promete comparecer ao casamento e conduzir a noiva ao altar, e tudo isso é recebido com geral aplauso. Anda-lhe a cabeça à roda quando naquela noite se deita na

imponente cama da casa de seu irmão, pensando em tudo aquilo, evocando os rostos de suas sobrinhas (terríveis a noite toda em suas flutuantes musselinas), valsando, segundo a moda alemã, em cima da sua colcha.

No dia seguinte os dois irmãos acham-se fechados no quarto do fabricante de ferro, e este, que é o mais velho, está expondo, à sua maneira clara e sensata, o que pensa sobre a melhor maneira de utilizar Jorge em seu negócio, quando Jorge lhe aperta a mão e o interrompe.

— Mano, agradeço-lhe um milhão de vezes a sua mais que fraternal acolhida e um milhão de vezes as suas mais que fraternais intenções. Mas meus planos estão traçados. Antes de dizer uma palavra a respeito deles, desejo consultá-lo sobre um caso de família. Como — diz o cavalariano, cruzando os braços e olhando para o irmão com indomável firmeza —, como poderá minha mãe ser induzida a riscar-me?

— Não tenho muita certeza de que o compreendo, Jorge — diz o industrial.

— Quero dizer, mano, como poderá minha mãe ser induzida a riscar-me? Seja como for, ela terá de fazê-lo.

— Penso que você quer dizer: riscá-lo de seu testamento?

— Isso mesmo. Em resumo — diz o cavalariano, cruzando os braços mais resolutamente ainda —, quero dizer, sim, riscar-me!

— Meu caro Jorge — redargui o irmão —, é tão indispensável assim que você se submeta a esse processo?

— Inteiramente, absolutamente indispensável! Não poderia suportar a baixa de voltar sem isso. Nunca me sentiria seguro de não desaparecer de novo. Não voltei à sorrelfa para casa para despojar seus filhos, se não a você mesmo, meu irmão, dos seus direitos. Eu que há tanto tempo perdi os meus! Se tenho de permanecer e de cabeça erguida, devo ser riscado. Vamos. Você é um homem de gabada penetração e inteligência, e pode dizer-me como a coisa há de ser feita.

— Posso dizer-lhe, Jorge — responde com decisão o industrial do ferro —, como é que ela não deve ser feita, o que espero pode igualmente servir ao seu propósito. Olha para nossa mãe, pense nela, lembre-se da emoção que ela experimentou quando o viu de novo. Acredita você que haveria no mundo

alguma consideração que a levasse a dar tal passo contra o filho preferido? Acredita, para propor isso, na possibilidade do consentimento dela, não se esquecendo você de que isso seria um ultraje atirado àquela santa criatura? Se acredita, está errado. Não, Jorge! Você deve habituar-se à ideia de que não será riscado. Penso, porém — e aqui um sorriso divertido iluminou o rosto do industrial, enquanto observava o irmão, que refletia, profundamente decepcionado —, penso que você pode arranjar a coisa tão bem como se tivesse sido feita.

— Como, mano?

— Se a sua decisão é essa, você poderá por testamento dispor como quiser de qualquer coisa que tenha tido a desventura de herdar.

— Isso é verdade — diz o cavalariano, refletindo de novo. Depois pergunta ansiosamente, com a mão descansando na do irmão: — Não se importaria você, mano, de dizer isso à sua mulher e à sua família?

— De nenhum modo.

— Obrigado. Faria você dificuldade em dizer que, apesar de ser eu um vagabundo autêntico, sou mais um vagabundo leviano do que um vagabundo vil?

O fabricante de ferro, reprimindo seu sorriso divertido, concorda.

— Obrigado. Obrigado. É um peso que me tiram do espírito — diz o cavalariano, com um suspiro do fundo do peito, ao mesmo tempo que descruza os braços e coloca uma mão em cada perna — conquanto eu fizesse todo o empenho em ser riscado!

Sentados um diante do outro, os dois irmãos parecem-se muito; mas certa simplicidade maciça e certa ausência de uso de maneiras mundanas são características do cavalariano.

— Bem — continua ele, mostrando-se menos preocupado —, agora e para terminar, os meus planos. Você se mostrou bom irmão quando me propôs dar-me aqui um lugar entre os produtos da sua perseverança e do seu bom senso. Agradeço-lhe de todo o coração. É mais do que fraternidade, como disse, e agradeço-lhe isso de todo o coração — e aqui aperta-lhe a mão durante largo tempo. — Mas a verdade, mano, é que eu sou uma espécie de... má erva, e já é tarde demais para plantar-me num bom jardim.

— Meu caro Jorge — retruca o mais velho, concentrando sobre ele seu rosto forte e severo e sorrindo confiadamente —, deixe isso a meu cargo, deixe-me tentar.

Jorge abana a cabeça.

— Você poderia consegui-lo, não tenho dúvida, se é que alguém o pudesse; mas não deve fazer-se, não deve fazer-se. Ao passo que, por outro lado, acontece estar eu sendo de algum préstimo a Sir Leicester desde que adoeceu... em consequência de desgostos de família; e antes quer que esse auxílio lhe venha de um filho de nossa mãe do que de qualquer outra pessoa.

— Está bem, meu caro Jorge — diz o outro, com uma levíssima sombra no rosto franco —, se você prefere servir na brigada da casa de Sir Leicester Dedlock...

— Aí está, mano — exclama o cavalariano, interrompendo-o, com a mão sobre o joelho de novo —, aí está! Você não gostou da ideia. Pouco importa. Você não está habituado a ser mandado; eu estou. Tudo em redor de mim precisa ser disciplinado. Não estamos acostumados a carregar as coisas com a mesma mão, ou a encará-las do mesmo ponto de vista. Não falarei muito a respeito de minhas maneiras de caserna, porque me achei muito à vontade na noite passada, e elas não seriam notadas aqui, posso dizer, uma vez e de passagem. Mas Chesney Wold será melhor para mim; lá há mais espaço para uma erva má do que aqui; além disso a velha ficará muito satisfeita. Portanto aceito as propostas de Sir Leicester Dedlock. Quando vier aqui no próximo ano para conduzir a noiva ao altar, ou noutra ocasião, terei o cuidado de conservar a brigada de casa em emboscada, sem manobrar com ela no seu terreno. Agradeço-lhe mais uma vez de todo o coração e tenho orgulho em pensar que os Rouncewells serão fundados por você.

— Você conhece a si mesmo, Jorge — diz o irmão mais velho, retribuindo-lhe o aperto de mão —, e talvez me conheça melhor do que eu mesmo me conheço. Siga seu caminho. Contanto que não nos percamos de vista novamente, siga seu caminho.

— Não receie isso! — volve o cavalariano. — Agora, antes que eu vire a cabeça do meu cavalo na direção da volta, mano, quero pedir-lhe (se não é incômodo) que passe os olhos numa carta que escrevi. Trouxe-a comigo para remetê-la daqui, na suposição de que Chesney Wold possa ser, ainda mais agora, um nome penoso para a pessoa a quem ela é dirigida. Não estou muito

acostumado a redigir cartas, e a respeito desta mantenho particular escrúpulo, porque quero que seja ao mesmo tempo franca e delicada.

Dizendo isso, entrega uma carta, escrita com tinta um tanto rala mas em clara caligrafia redonda, ao ferreiro, que lê o que se segue:

“MISS ESTER SUMMERSON.

Tendo-me comunicado o Inspetor Bucket a existência de uma carta a mim dirigida, encontrada entre os papéis de certa pessoa, tomo a liberdade de trazer ao seu conhecimento que eram apenas umas poucas linhas de instrução vindas do estrangeiro, dizendo-me quando, onde e como entregar uma carta que as acompanhava a uma jovem e formosa senhora, então ainda solteira, na Inglaterra. Cumpri devidamente as tais instruções.

Tomo além disso a liberdade de informar-lhe que a dita carta me foi tomada apenas para identificação da letra de seu autor, e que para outro fim eu não a entregaria, pois sabia que aquilo era a coisa mais inócua existente em meu poder, a não ser que me atravessassem o coração com uma bala.

Tomo ainda a liberdade de declarar que, se pudesse ter suposto que ainda existia certo desventurado cavalheiro, eu nunca haveria de descansar enquanto não lhe descobrisse o esconderijo e partilhasse com ele o meu derradeiro vintém, como era meu dever e meu desejo. Mas (oficialmente) constava que ele morrera afogado, e é certo que caiu de bordo de um navio de transporte à noite, numa baía da Irlanda, poucas horas depois de sua chegada das Antilhas, como vim eu mesmo a saber da boca tanto dos oficiais como dos homens de bordo, sendo essa notícia (oficialmente) confirmada.

Tomo ainda uma vez mais a liberdade de declarar que, na minha humilde posição de homem da tropa, sou e continuarei sendo sempre seu criado inteiramente devotado e admirador, e que estimo as qualidades de que a senhorita é possuidora acima de todas as outras, muito além dos limites da presente missiva.

Subscrevo-me atenciosamente,

JORGE

— Um pouco cerimoniosa — observa o irmão mais velho, dobrando-a, com uma fisionomia perplexa.

— Mas não tem nada que a impeça de ser enviada a uma senhorita modelar, não é? — pergunta o mais moço.

— Nada absolutamente.

Assim sendo, a carta é selada e depositada para seguir para o correio no meio da correspondência da fábrica. Feito isso, o Sr. Jorge despede-se cordialmente de toda a família reunida e prepara-se para selar o cavalo e montar. Seu irmão, porém, não querendo separar-se dele assim tão depressa,

propõe ir com ele num ligeiro carro aberto até o lugar em que havia de pernoitar, ali ficando em sua companhia até a manhã seguinte, enquanto um criado faria a mesma jornada, montando o puro-sangue cinzento vindo de Chesney Wold. Aceita alegremente a proposta, segue-se uma viagem agradável, um jantar agradável e um almoço agradável, tudo em fraterna comunhão. Depois mais uma vez apertam as mãos longa e cordialmente, e se separam; o industrial voltando o rosto para o fumo e para as fornalhas, e o cavalariano para o campo verdejante. No começo da tarde ouve-se o som do seu pesado trote militar no chão da avenida, enquanto vai cavalgando com um imaginário retintim de armas e adornos sob os velhos olmeiros.

A NARRATIVA DE ESTER

Logo depois que eu tivera aquela conversa com meu tutor, certa manhã ele colocou um papel selado em minha mão e disse:

— Isto é para o próximo mês, minha querida.

Encontrei dentro dele duzentas libras.

Comecei então sossegadamente a fazer os preparativos que julguei necessários. Regulando minhas compras pelo gosto de meu tutor, que naturalmente eram bem do meu conhecimento, arrumei meu enxoval de modo que fosse do seu agrado, e tive esperança de que não me sairia mal na minha empresa. Fazia tudo isso tão sossegadamente, porque não conseguia livrar-me inteiramente da minha antiga apreensão de que Ada havia de ficar um pouco triste, e porque meu tutor se mostrava tão sossegado. Não tinha dúvida de que, em qualquer circunstância, deveríamos casar-nos na maior intimidade e simplicidade. Talvez eu tivesse apenas de dizer a Ada: “Gostarias de vir assistir ao meu casamento amanhã, meu bem?” Talvez nosso casamento pudesse ser tão modesto como o de Ada, e não fosse preciso falar a respeito dele senão depois de realizado. Eu pensava que, se tivesse de escolher, gostaria mais desta última forma.

Abri uma exceção para a Sra. Woodcourt. Contei-lhe que ia casar com meu tutor e que já estávamos noivos havia algum tempo. Ela deu toda a sua aprovação. Fazia tudo por me ajudar e mostrava-se notavelmente delicada agora, em comparação com o que tinha sido no começo do nosso conhecimento. Não havia incômodo que a impedisse de me ser útil, mas creio não ser preciso dizer que eu só lhe permitia fazer o pouco que pudesse contentar sua bondade sem sobrecarregá-la.

É claro que não era essa uma ocasião para me descuidar de meu tutor, e tampouco da minha querida Ada. De modo que vivia muito atarefada, e isso me agradava. Quanto a Charley, andava toda absorvida nas costuras. Cercar-se de grandes montes de coisas para costurar, com cestas e mesas cheias, e

costurar um pouco, gastar grande quantidade de tempo olhando com seus olhos redondos para tudo quanto tinha de ser feito, e persuadir-se de que ia fazê-lo — eis o que para Charley constituía negócio muito importante e ameno.

Entrementes, devo confessar, não podia concordar com meu tutor a respeito do testamento, e nutria grandes esperanças relativamente a “Jarndyce e Jarndyce”. Breve se verá qual de nós tinha razão, mas é certo que eu estimulava as expectativas. Em Ricardo, a descoberta deu ensejo a uma explosão de atividade e agitação que o animou por algum tempo; mas ele havia perdido a elasticidade até mesmo da esperança, e parecia-me que dela conservava apenas a febril ansiedade. De alguma coisa que meu tutor me disse um dia no qual conversávamos a esse respeito, depreendi que meu casamento só se realizaria depois da audiência que deveríamos esperar, segundo nos haviam informado; e por isso pensei quão mais alegre eu ficaria se me pudesse casar quando Ricardo e Ada estivessem um pouco mais prósperos.

A audiência estava de fato bem próxima, quando meu tutor foi chamado para fora da cidade e seguiu para Yorkshire, a fim de tratar do negócio do Sr. Woodcourt. Dissera-me ele de antemão que sua presença seria necessária ali. Uma noite eu acabava de voltar da casa de Ada e estava sentada no meio de todas as minhas roupas novas, examinando-as e refletindo, quando me trouxeram uma carta do meu tutor. Pedia-me que me fosse reunir a ele no campo e mencionava qual a diligência que eu devia tomar e a que horas da manhã deveria deixar a cidade. Um pós-escrito acrescentava que eu não estaria afastada de Ada muitas horas.

Esperava tudo, menos uma viagem naquela ocasião, mas fiquei pronta para ela em meia hora e parti, conforme estava marcado, na manhã seguinte bem cedo. Viajei o dia inteiro, imaginando durante todo o tempo por que se necessitava da minha presença a tal distância; ora pensava num motivo, ora noutro, mas nunca, nunca, nunca me aproximei da verdade.

Era noite quando cheguei ao fim da jornada e encontrei meu tutor à minha espera. Foi para mim um grande alívio, pois pela tardinha começara a recear (tanto mais quanto sua carta era muito curta) que ele estivesse doente. Mas lá estava ele, e gozando excelente saúde; e, quando vi seu rosto amável novamente na sua melhor e mais luminosa expressão, disse comigo mesma

que ele estivera praticando mais alguma outra grande bondade. Não que fosse necessária muita penetração para afirmar isso, pois eu sabia que sua estada ali já era um ato de bondade.

A ceia estava pronta no hotel, e, quando nos achamos sós à mesa, ele disse:

— Veio com certeza cheia de curiosidade, mulherzinha, para saber por que a trouxe eu até aqui, não é?

— Bem, tutor, sem ter-me na conta de uma Fátima nem pensar que o senhor é um Barba Azul, tenho alguma curiosidade.

— Então, para garantir seu sossego esta noite, meu amor — retrucou ele alegremente —, não esperarei até amanhã para contar-lhe. Sempre desejei muito exprimir de certo modo a Woodcourt minha gratidão pela sua humanidade para com o pobre e desventurado Jo, pelos seus inestimáveis serviços a meus jovens primos e pelo seu apreço para com todos nós. Quando ficou decidido que ele se instalaria aqui, meteu-se-me na cabeça que lhe pediria para aceitar algum cantinho modesto e adequado, onde ele pudesse descansar. Portanto mandei procurar esse cantinho, que foi encontrado em condições muito suaves, tendo eu andado a retocá-lo e a torná-lo habitável para ele. Contudo, quando anteontem vim para cá e soube que tudo estava pronto, achei que não era bastante conhecedor dos segredos da montagem duma casa, para saber se tudo estava como deveria ser. Assim, mandei buscar a melhor donazinha de casa que seria possível encontrar, para que viesse dar-me seus conselhos e opiniões. E aqui está ela, rindo e chorando ao mesmo tempo!

Eu chorava, sim, porque ele era tão querido, tão bom, tão admirável. Tentei dizer-lhe o que pensava dele, mas não pude articular uma palavra.

— Psiu, psiu! — disse meu tutor. — Está levando isto muito a sério, mulherzinha. Ora, como está soluçando, D^a Durden, como está soluçando!

— É por causa do intenso prazer, tutor, com o coração a transbordar de agradecimento.

— Bem, bem — disse ele. — Sinto-me muito satisfeito por ver que você aprova. Pensei isso mesmo. Quis que fosse uma agradável surpresa para a senhorinha da Casa Soturna.

Beijei-o e enxuguei os olhos.

— Sei agora! — exclamei. — Vi isso em seu rosto há muito tempo.

— Deveras, minha querida? Que D^a Durden, essa, tudo lê num rosto!

Ele se mostrava tão estranhamente alegre que eu não podia deixar de acompanhá-lo em sua alegria, e quase me envergonhava de ter-me mostrado chorosa. Quando fui deitar-me, chorei. Sou obrigada a confessar que chorei, mas espero que tenha sido de prazer, conquanto não tenha muita certeza disso. Repeti cada palavra da carta duas vezes.

Seguiu-se uma belíssima manhã de verão, e depois do almoço saímos de braço dado para ver a casa, a respeito da qual eu iria dar minha acatada opinião. Entramos num jardim por um portão num muro lateral, do qual ele tinha a chave, e a primeira coisa que vi foi que os canteiros e flores estavam dispostos de acordo com a maneira pela qual eu arranjava meus canteiros e flores em casa.

— Como vê, minha querida — observou meu tutor, detendo-se, com um semblante muito alegre, para reparar em mim — sabendo que não poderia haver plano melhor, pedi emprestado o seu.

Seguimos por um lindo pomarzinho, onde as cerejas repousavam entre as flores verdes, e as sombras das macieiras brincavam sobre a relva, até a casa, uma casinha de campo, uma morada bem rústica com quartos como se fossem de bonecas; mas um lugarzinho tão aprazível, tão tranquilo e tão belo, com arredores tão férteis e risonhos; com água a cintilar lá longe, aqui circundada pela vegetação do estio, ali tocando um moinho cantante; olhando, no ponto mais próximo, através dum prado vizinho a alegre cidade, onde jogadores de críquete se reuniam em grupos brilhantes e uma bandeira tremulava no tope duma branca tenda que ondulava ao brando vento do oeste. E ainda, enquanto atravessávamos os lindos aposentos, transpostas as portas da varandinha rústica, e sob as delgadas colunas de madeira, engrinaldadas de madressilvas, jasmims e convólculos, eu via, no papel das paredes, nas cores da mobília, no arranjo de todos os lindos objetos, os meus insignificantes gostos e fantasias, os meus modestos métodos e invenções, de que eles costumavam rir enquanto os louvavam, todas as coisinhas a meu jeito por toda a parte.

Eu não podia exprimir toda a minha admiração diante de tanta beleza, mas uma dúvida secreta surgiu no meu espírito quando vi aquilo. Pensei:

“Oh! seria ele mais feliz com isso? Não seria melhor para sua paz de espírito que eu não fosse assim tão lembrada diante dele? Porque, mesmo não sendo eu o que ele pensava, ele me amava com tanta intensidade que tudo aquilo poderia tristemente lembrar-lhe o que acreditava ter perdido. Não era desejo meu que ele me esquecesse (talvez nem conseguisse esquecer-se tendo tanta coisa a ajudar sua memória) mas o meu caminho era mais fácil do que o dele, e eu podia ter-me conformado com aquilo, de modo que ele pudesse vir a ser mais feliz.

— E agora, mulherzinha — disse meu tutor, que eu nunca vira tão ufano e tão alegre como ao mostrar-me aquelas coisas e reparando no meu modo de apreciá-las —, agora, a última coisa, o nome desta casa.

— Como é o nome, querido tutor?

— Venha ver, minha filha.

Levou-me até o pórtico, que evitara até então, e disse, fazendo uma pausa antes de sairmos: — Minha querida filha, não adivinha o nome?

— Não! — respondi. Saímos do pórtico, e meu tutor me mostrou o que nele estava escrito: CASA SOTURNA.

Levou-me até um assento entre as flores ali perto, sentou-se a meu lado e, tomando minhas mãos nas suas, falou-me desta maneira: — Minha querida menina, no que tem havido entre nós, espero que me tenha mostrado realmente solícito pela sua felicidade. Quando lhe escrevi a carta a que você me deu resposta — e sorria ao referir-se a isto —, não perdia de vista a minha felicidade, mas tampouco perdia de vista a sua. Não necessito perguntar a mim mesmo se, em diferentes circunstâncias, pude alguma vez renovar o velho sonho que algumas vezes sonhei, quando você era muito jovem, de fazê-la minha mulher algum dia. Renovei-o e escrevi minha carta, a que você me deu resposta. Está acompanhando o que vou dizendo, minha filha?

Eu estava fria e tremia violentamente, mas não perdia nem uma palavra que ele dizia. Como eu estivesse sentada a olhar fito para ele, e como os raios do sol descessem, coando-se suavemente pelas folhas, sobre sua cabeça descoberta, tive a impressão de que aquela luz, que sobre ele brilhava, era semelhante ao resplendor dos anjos.

— Escute-me, meu amor, mas não fale. Agora cabe-me falar. Pouco importa a época em que comecei a duvidar que o que eu fizera iria realmente

torná-la feliz. Woodcourt voltou para a pátria e logo nenhuma dúvida me ficou.

Enlacei-o com força pelo pescoço, deixei pender minha cabeça sobre seu peito e chorei.

— Descanse aqui sem temor e com confiança, minha filha — disse ele, apertando-me delicadamente de encontro a si. — Agora sou seu tutor e seu pai. Descanse aqui com toda a confiança.

Mansamente, como o brando sussurro das folhas, vivificamente como a atmosfera balsâmica, e radiante e beneficemente, como a luz do sol, ele prosseguiu: — Compreenda-me, minha querida menina. Não tinha dúvida de que você se sentiria contente e feliz comigo, sendo, como é, tão submissa e dedicada; mas vi com quem você seria mais feliz. Não é de admirar que eu tenha penetrado o segredo dele quando D^a Durden se mostrava cega ao mesmo, pois eu sabia muito melhor do que ela o bem que nela nunca podia mudar. Pois bem! Eu conhecia há muito o segredo de Allan Woodcourt, apesar de que, até ontem, poucas horas antes da chegada de você aqui, ele não conhecesse o meu. Mas o brilhante exemplo de minha Ester não haveria de perder-se; eu não haveria de deixar de perceber e de honrar, pouco que fosse, as virtudes de minha querida menina; não haveria de querer que ela entrasse sofrendo para a linhagem de Morgan ap Kerrig, isso não, nem por todo o peso em ouro de todas as montanhas do País de Gales!

Ele parou para beijar-me na testa, e eu chorei e solucei de novo, pois tinha a impressão de que não podia suportar a penosa delícia do seu louvor.

— Psiu, mulherzinha! Não chore. Este deve ser um dia de alegria. Esperei por ele meses e meses! — disse ele, exultante. — Poucas palavras mais, D^a Trot, e terei acabado o meu discurso. Decidido a não desperdiçar nem um átomo do mérito da minha Ester, tive com a Sra. Woodcourt uma conversa bastante íntima. “Minha senhora”, disse-lhe eu, “percebo claramente — e além disso sei — que seu filho gosta de minha pupila. Também tenho certeza de que minha pupila ama seu filho, mas sacrificará seu amor a um senso de dever e de afeto, e o fará de maneira tão completa, tão integral, tão religiosa, que a senhora jamais poderia suspeitar isso, ainda que a observasse noite e dia.” Depois contei-lhe toda a nossa história — a nossa —, a sua e a minha. “Agora, minha senhora”, disse-lhe eu, “sabendo disso, venha morar conosco. Venha ver minha menina a cada hora; ponha o que vir em confronto

com a linhagem dela, que é esta e esta” (nada atenuei da mesma) “e diga-me qual é a verdadeira legitimidade, depois que tiver formado um juízo completo sobre o assunto”. Pois bem. Honra seja feita ao velho sangue galês daquela senhora, minha querida! — exclamou meu tutor, com entusiasmo. — Não acredito que o coração que ele anima bata menos ardorosa, menos admirativa, menos amorosamente do que o meu pela minha D^a Durden!

Ergueu com ternura minha cabeça e, como eu o comprimisse, beijou-me repetidas vezes com seu antigo modo paternal. Quão bem compreendia eu agora aquela sua atitude protetora em que eu tanto pensara!

— Uma última palavra ainda. Quando Allan Woodcourt lhe falou, minha querida, fê-lo com conhecimento e consentimento meu; mas não o estimulei, pois essas surpresas eram a minha grande recompensa, e eu era demasiado avaro para repartir uma parcela da mesma que fosse. Ele tinha de vir contar-me tudo quanto se passara; e assim fez. Eu nada mais tinha que dizer. Minha querida, Allan Woodcourt esteve ao lado de seu pai quando ele jazia morto, esteve ao lado de sua mãe. Esta é a Casa Soturna. Hoje dou a esta casa sua jovem dona, e diante de Deus juro que é este o dia mais radioso de toda a minha vida!

Levantou-se e me levantou consigo. Já não estávamos sós. Meu marido (venho-o chamando com este nome há bons sete anos de ventura) estava ao meu lado.

— Allan — disse meu tutor —, receba este presente que lhe dou de bom grado, a melhor mulher que algum homem já teve. Que mais posso dizer-lhe senão que sei que você a merece? Tome com ela a casinha que ela lhe traz. Você sabe o que Ester fará com ela, Allan, pois sabe o que ela fez com a outra de igual nome. Permita que eu partilhe algumas vezes a felicidade que nela existirá. Que sacrificio eu, porém? Nada, nada.

Tornou a beijar-me mais uma vez, e agora havia lágrimas em seus olhos, quando ele disse baixinho: — Ester, minha querida, depois de tantos anos, há uma espécie de despedida nisto também. Sei que meu engano causou-lhe algum pesar. Perdoe ao seu velho tutor restaurando-o no antigo lugar de seus afetos, e risque de sua memória aquele pesar. Allan, receba a minha querida.

Afastou-se de sob o verde teto de folhas, e parando lá fora à luz do sol, e virando-se prazenteiro para nós, disse: — Serei encontrado por aqui em alguma parte. É o vento de oeste, mulherzinha, o esperado oeste! Que

ninguém mais agradeça, pois vou tornar aos meus hábitos de solteirão, e, se alguém desrespeitar esta advertência, fujo e nunca mais voltarei!

Que felicidade foi a nossa naquele dia, que alegria, que repouso, que esperança, que gratidão, que bem-aventurança! Íamos casar-nos antes do fim do mês, mas a nossa vinda para tomar posse da nossa casa ficaria na dependência de Ricardo e de Ada.

Voltamos todos três juntos para casa no dia seguinte. Logo que chegamos à cidade, Allan foi procurar Ricardo para levar-lhe e à nossa querida Ada a boa nova. Apesar de ser tarde, eu tencionava ir ter com ela durante alguns minutos antes de deitar-me. Mas voltei primeiro para casa com meu tutor, para fazer-lhe o chá e ocupar a velha cadeira a seu lado, pois não me agradava pensar que ela fosse ficar vazia tão depressa.

Ao chegarmos a casa, soubemos que um moço havia estado lá três vezes à minha procura, no correr daquele mesmo dia; e que, tendo-lhe sido dito, por ocasião de sua terceira visita, que eu não era esperada antes das dez horas da noite, deixara recado que “voltaria então àquela hora”. Deixara todas as três vezes seu cartão. GUPPY.

Como naturalmente me pus a imaginar qual fosse o objeto daquelas visitas e como sempre associei qualquer coisa de grotesco ao meu visitante, aconteceu que, rindo do Sr. Guppy, contei ao meu tutor o caso da antiga proposta dele e sua subsequente retratação.

— Depois disso — disse meu tutor — não podemos deixar de receber esse herói.

De modo que foram dadas ordens para introduzir o Sr. Guppy logo que chegasse, e mal haviam sido dadas quando ele reapareceu.

Mostrou-se embaraçado ao ver meu tutor comigo, mas dominou-se e disse: — Como vai passando o senhor?

— E o senhor? — respondeu meu tutor.

— Regularmente, obrigado — tornou o Sr. Guppy. — Permite que apresente minha mãe, a Sra. Guppy da Estrada da Rua Velha, e meu particular amigo, o Sr. Weevle? Quero dizer, meu amigo é conhecido pelo nome de Weevle, mas chama-se verdadeiramente Jubling.

Meu tutor convidou-os a sentar-se, o que todos fizeram.

— Tony — disse o Sr. Guppy a seu amigo, depois de um silêncio constrangedor —, quer ter a bondade de expor o caso?

— Faça-o você mesmo — retrucou o amigo com certa acrimônia.

— Está bem, Sr. Jarndyce — começou o Sr. Guppy, depois de alguns momentos de reflexão, com grande gáudio de sua mãe, que imediatamente o demonstrou dando uma cotovelada no Sr. Jobling e piscando para mim de um modo extravagante —; minha intenção era avistar-me apenas com Miss Summerson, por isso não me acho inteiramente preparado para a estimada presença do senhor. Mas talvez Miss Summerson o tenha tornado ciente do que se passou entre nós em ocasião anterior, não é assim?

— Miss Summerson — respondeu meu tutor, sorrindo — já me falou a esse respeito.

— Isso facilita o assunto — disse o Sr. Guppy. — Senhor, acabo de terminar meu aprendizado no escritório de Kenge e Carboy, acredito que com satisfação de todos. Fui agora admitido (depois de submeter-me a um exame bastante a fazer perder a paciência a qualquer criatura, e referente a um montão de tolices que ninguém desejaria conhecer) no rol dos procuradores, e obtive meu certificado, que posso mostrar-lhe caso o senhor tenha alguma satisfação em vê-lo.

— Obrigado, Sr. Guppy — disse meu tutor. — Acredito lealmente na existência desse certificado.

À vista disso, o Sr. Guppy, que ia tirando qualquer coisa do bolso, deixou de fazê-lo.

— Eu não possuo capital, mas minha mãe tem uma pequena propriedade que lhe dá uma renda anual — aqui a mãe do Sr. Guppy girou a cabeça, como se não acabasse de gozar suficientemente essa observação, e levou o lenço à boca, piscando de novo para mim — e nunca hão de faltar algumas libras para despesas na direção dos negócios, livres de juros, o que é uma vantagem, como o senhor sabe — disse o Sr. Guppy, com muita expressão.

— Decerto é uma vantagem — concordou meu tutor.

— *Tenho* boas relações — prosseguiu o Sr. Guppy — localizadas na direção da Praça Walcot, em Lambeth. Aluguei portanto uma casa naquele bairro, e o aluguel é, na opinião de meus amigos, uma pechincha (preço muito

baixo, e uso de móveis incluído no aluguel), e pretendo estabelecer-me ali imediatamente como profissional.

Aqui a mãe do Sr. Guppy pôs-se a voltar a cabeça, sorrindo facetamente para quem quer que olhasse para ela.

— Tem seis peças, exclusive a cozinha — disse o Sr. Guppy —, e é na opinião de meus amigos, uma habitação bastante cômoda. Quando me refiro aos meus amigos, falo principalmente no meu amigo Jobling, que acredito me conhece — o Sr. Guppy olhou para ele com ar sentimental — desde a infância.

O Sr. Jobling confirmou isso com um bambolear das pernas.

— Meu amigo Jobling me prestará sua assistência na qualidade de escrevente e morará na casa — disse o Sr. Guppy. — Minha mãe irá igualmente morar na casa, quando o seu atual trimestre na estrada da Rua Velha tiver expirado. Por conseguinte, não haverá falta de companhia. Meu amigo Jobling é de natural e de gosto aristocrático, e estando além disso relacionado com as atividades da alta roda, me apoia plenamente nas minhas atuais intenções.

O Sr. Jobling disse “Decerto”, e afastou-se um pouco do cotovelo da mãe do Sr. Guppy.

— Ora, creio não ser preciso dar-lhe conhecimento, estando o senhor inteirado das confidências de Miss Summerson — disse o Sr. Guppy — (mamãe, queira ter a bondade de ficar quieta!), de que a imagem de Miss Summerson esteve anteriormente impressa no meu coração, e que lhe fiz uma proposta de casamento.

— Já tive conhecimento disso — tornou meu tutor.

— Circunstâncias — prosseguiu o Sr. Guppy — sobre as quais eu não tinha nenhum domínio, antes pelo contrário, enfraqueceram a impressão daquela imagem por algum tempo. E nessa ocasião o procedimento de Miss Summerson foi muito gentil; posso mesmo acrescentar, magnânimo.

Meu tutor bateu de leve em meu ombro e parecia divertir-se bastante.

— Pois bem, meu senhor — disse o Sr. Guppy —, eu agora estou naquele estado de espírito, e desejo para o mesmo uma reciprocidade de procedimento magnânimo. Desejo provar a Miss Summerson que me posso

erguer até uma altura da qual talvez ela dificilmente me julgaria capaz. Verifiquei que a imagem que eu supunha apagada no meu coração não está apagada. Sua influência sobre mim é ainda tremenda, e, cedendo a ela, estou disposto a passar por alto as circunstâncias sobre as quais nenhum de nós teve nenhum domínio e renovar a Miss Summerson aquelas propostas que já tive a honra de fazer-lhe em ocasião anterior. Peço licença para pôr a casa da Praça Walcot, o escritório e a mim mesmo à disposição de Miss Summerson para que ela os aceite.

— Deveras muito magnânimo, senhor — observou meu tutor.

— Muito bem, senhor — confirmou ingenuamente o Sr. Guppy — meu desejo é ser magnânimo. Não acho que, fazendo essa oferta a Miss Summerson, eu esteja praticando alguma façanha; não é essa tampouco a opinião dos meus amigos. Contudo, há circunstâncias que podem ser levadas em conta como uma compensação contra quaisquer deficiências de minha parte, conseguindo-se assim um equitativo equilíbrio.

— Tomo a meu cargo, senhor — disse meu tutor, rindo enquanto tocava a campainha —, responder às propostas que acabava de fazer a Miss Summerson. Ela fica-lhe penhorada pelas suas belas intenções e lhe deseja boa noite e que passe bem.

— Oh! — exclamou o Sr. Guppy, com o olhar parado. — Isso equivalerá, senhor, a aceitação, rejeição ou consideração?

— A decidida rejeição, se lhe apraz saber! — respondeu meu tutor.

O Sr. Guppy olhou incredulamente para seu amigo e para sua mãe (que subitamente se pôs colérica) e para o chão e para o teto.

— Deveras? — perguntou ele. — Então, Jobling, se você é o amigo que parece ser, creio que poderia levar minha mãe daqui, em vez de permitir que ela fique num lugar onde não é desejada.

Mas a Sra. Guppy recusou-se positivamente a sair. Nem queria ouvir falar nisso.

— Ora, vamos — disse ela a meu tutor —, que significa isso? Então meu filho não é bastante bom para o senhor? O senhor devia ter vergonha de si mesmo. Vamos, saia daqui!

— Minha boa senhora — retrucou meu tutor —, é pouco razoável exigir-

se que uma pessoa se retire dos seus próprios aposentos.

— Pouco se me dá — volveu a Sra. Guppy. — Saia daqui. Se não servimos para o senhor, vá procurar alguém que lhe sirva. Saia e procure.

Espantei-me com a rápida maneira pela qual o jeito cômico da Sra. Guppy se convertia em decisiva tendência a melindrar-se tão vivamente.

— Saia e procure alguém que lhe sirva — repetiu a Sra. Guppy. — Saia! — Nada parecia espantar tanto a mãe do Sr. Guppy e enchê-la de maior indignação como ver que não saíamos. — Por que não saem? — perguntava ela. — Que fazem aqui parados?

— Minha mãe — interveio seu filho, colocando-se sempre diante dela e empurrando-a para trás com um ombro, enquanto ela queria investir contra meu tutor —, por que não se cala?

— Não, Guilherme — retrucou ela —, não me calo. Só me calarei se ele sair!

Entretanto, o Sr. Guppy e o Sr. Jobling juntos cercaram a mãe do Sr. Guppy (que se ia tornando cada vez mais insolente) e levaram-na, muito a contragosto seu, pelas escadas abaixo, erguendo-se sua voz a um grau mais alto cada vez que ela descia um degrau, e insistindo em que deveríamos sair imediatamente para procurar alguém que fosse bastante bom para nós, e, acima de tudo, que saíssemos.

COMEÇANDO O MUNDO

Onovo período forense tinha começado, e meu tutor recebeu uma notificação do Sr. Kenge, comunicando-lhe que a causa entraria em debate dentro de dois dias. Como eu tivesse bastante esperança de que o testamento iria influir muito em todo o processo, Allan e eu combinamos ir ao Tribunal naquela manhã. Ricardo achava-se extremamente agitado e tão fraco e abatido, embora sua doença fosse ainda do espírito, que minha querida Ada necessitava muito ser amparada. Mas olhava para o futuro — bem mais próximo agora —, para o auxílio que lhe havia de vir, e nunca desanimava.

Era em Westminster que a causa ia ser julgada. Ouso dizer que ela já entrara em julgamento ali umas cem vezes, mas eu mesma não podia rechaçar a ideia de que agora se pudesse chegar a um resultado definitivo. Saímos de casa logo depois do almoço, para estar no foro de Westminster a tempo, e para lá caminhamos juntos — como isso parecia estranho e feliz! — através das ruas movimentadas.

Enquanto assim seguíamos, planejando o que faríamos em favor de Ricardo e de Ada, ouvi que alguém me chamava: — Ester! Minha querida Ester! Ester! — E logo avistei Caddy Jellyby, com a cabeça fora da janela dum pequeno carro que agora alugava para ir à casa de seus alunos (que eram muitos), como se desejasse abraçar-me a uma distância de cem metros. Escrevera-lhe eu um bilhete para lhe contar tudo quanto meu tutor havia feito, pois não tivera um momento sequer para ir vê-la. Voltamos, é claro, e a afetuosa moça achava-se em tal estado de entusiasmo — tão exaltada ao falar naquela noite em que me levava as flores, tão decidida a apertar meu rosto (com chapéu e tudo) entre suas mãos, a continuar num verdadeiro transporte de alegria, mimoseando-me com todas as espécies de nomes carinhosos, e contando a Allan que eu havia feito por ela o que nem eu mesma sabia — que me vi obrigada a entrar no pequeno carro para acalmá-la, deixando-a dizer e fazer o que quisesse. Allan, junto à janela, mostrava-se tão satisfeito como

Caddy, e eu tanto quanto eles; e me admiro de como consegui sair, como o fiz mais depressa do que entrei, rindo e vermelha, toda desarrumada, a olhar para Caddy, que nos espiava da janela do carro enquanto nos pôde ver.

Isso nos atrasou um quarto de hora, e, quando chegamos ao Tribunal de Westminster, vimos que a audiência já havia começado. E o pior foi que encontramos uma tão insólita multidão na Corte de Justiça, repleta até a porta, que não podíamos ver nem ouvir o que se passava no interior. Parecia ser alguma coisa cômica, pois de vez em quando ouviam-se risos e um berro impondo “Silêncio!”. Parecia ser qualquer coisa interessante, pois todos se empurravam e procuravam chegar-se mais. Parecia ser qualquer coisa que alegrava muito os profissionais, porque havia vários advogados moços, de cabeleira e suíças, fora da multidão, e, quando um deles comunicava aos outros o que ocorria, punham as mãos nos bolsos e riam a bandeiras despregadas, dando fortes passadas no chão do vestíbulo.

Perguntamos a um senhor que se achava ao nosso lado se sabia qual o processo em julgamento. Respondeu-nos que era “Jarndyce e Jarndyce”. Perguntamos-lhe se sabia o que estavam fazendo. Disse que realmente não sabia, que ninguém nunca soube, mas que, pelo que lhe era dado compreender, acabara. — Acabara por hoje? — perguntamos-lhe. — Não — respondeu ele —, para sempre.

Acabara para sempre!

Quando ouvimos essa inacreditável resposta, olhamos um para o outro, completamente perdidos de pasmo. Seria possível que o testamento tivesse afinal endireitado as coisas, e que Ricardo e Ada iam ficar ricos? Parecia bom demais para ser verdade. E era mesmo, ai de mim!

Nossa expectativa foi breve, porquanto a multidão logo se foi dissolvendo, e as pessoas vieram saindo como que aos borbotões, vermelhas e encalmadas, e arrastando consigo ondas de ar viciado. Estavam todos ainda muito risonhos, e se assemelhavam mais a gente que saía de um espetáculo cômico ou de prestidigitação do que de um Tribunal de Justiça. Ficamos de lado, vendo se descobríamos alguma fisionomia conhecida, e logo começaram a ser carregados para fora enormes maços de papel, maços em pastas, maços demasiado grandes para serem metidos dentro de pastas, imensas massas de papéis de todas as formas e informes, com cujo peso os carregadores cambaleavam, e que provisoriamente descarregavam de qualquer modo no

chão do vestíbulo, enquanto voltavam a buscar mais. Até mesmo esses serventes riam. Lançamos um olhar àqueles papéis, e vendo “Jarndyce e Jarndyce” por toda a parte, perguntamos a uma pessoa com cara de funcionário forense que andava no meio deles se o processo terminara. — Sim — respondeu —, tudo isso afinal acabou! — e também desatou a rir.

Nesse momento avistamos o Sr. Kenge, que vinha saindo da sala com um aspecto de afável dignidade, ouvindo o que dizia o Sr. Vholes, que se mostrava deferente e carregava sua própria pasta. O Sr. Vholes foi quem primeiro nos viu.

— Aqui está Miss Summerson, senhor — disse ele. — E o Sr. Woodcourt.

— Oh! deveras! Sim. Realmente! — exclamou o Sr. Kenge, tirando o chapéu para mim, com requintada polidez. — Como vai passando? Muito prazer em vê-la. O Sr. Jarndyce não está aqui?

— Não — lembrei-lhe que ele nunca vinha ali.

— De fato — disse o Sr. Kenge —, foi bom que *não* estivesse aqui hoje, pois sua — deverei dizer, na ausência do meu bom amigo, sua indomável singularidade de opinião — poderia talvez ter-se fortalecido, não razoavelmente, mas poderia ter-se fortalecido.

— Por obséquio, que se fez hoje? — perguntou Allan.

— Como diz? — indagou o Sr. Kenge, com grande urbanidade.

— Que se fez hoje?

— Que se fez? — repetiu o Sr. Kenge. — Muito bem. Sim. Ora, não se faz muita coisa, não muita. Fomos detidos no... deverei dizer... limiar?

— O tal testamento foi considerado um documento autêntico? — perguntou Allan. — Quer responder-nos a isso?

— Certamente o diria se pudesse — voltou o Sr. Kenger —, mas não chegamos até esse ponto, não chegamos até esse ponto.

— Não chegamos até esse ponto — repetiu o Sr. Vholes, como se sua voz grave fosse um eco.

— O senhor deve refletir, Sr. Woodcourt — observou o Sr. Kenge, usando uma trolha de prata, com persuasão e brandura —, que esta foi uma

grande causa, uma causa adiada, uma causa complexa. O processo “Jarndyce e Jarndyce” foi denominado, não sem razão, um Monumento de Prática Forense.

— E a Paciência sentou-se sobre ele durante muito tempo — disse Allan.

— Muito bem dito, senhor — respondeu o Sr. Kenge, com uma risadinha condescendente muito sua. — Mas o senhor deverá refletir também, Sr. Woodcourt — e foi-se tornando solene até quase tornar-se severo —, que sobre as numerosas dificuldades, contingências, magistras invenções e formas de processo nesta grande causa, foi consumido muito estudo, muita habilidade, eloquência, saber, inteligência, Sr. Woodcourt, alta inteligência.

Durante muitos anos, a... deveria dizer... flor do foro, e os... atrever-me-ia a acrescentar... amadurecidos frutos outonais da Chancelaria... foram distribuídos com prodigalidade em torno do processo “Jarndyce e Jarndyce”. Se o público tem o benefício e se o país tem o adorno desta grande ação de posse, ela deve ser paga em dinheiro ou no equivalente de dinheiro.

— Sr. Kenge — disse Allan, parecendo ter ficado inteiramente esclarecido num instante —, desculpe-me. Nosso tempo é pouco. Pelo que compreendi, todos os bens foram absorvidos pelas custas?

— Hum! Quero crer que sim — respondeu o Sr. Kenge. — Sr. Vholes, que diz a isso?

— Quero crer que sim — disse o Sr. Vholes num eco.

— E que dessa forma o processo prescreverá e se extinguirá?

— Provavelmente — tornou o Sr. Kenge. — Não é, Sr. Vholes?

— Provavelmente — repetiu o Sr. Vholes.

— Minha querida — cochichou-me Allan —, isso irá partir o coração de Ricardo!

Em seu rosto estava estampada uma tal apreensão, e ele conhecia tão perfeitamente Ricardo, cuja decadência progressiva era patente, que o que a minha querida Ada me tinha dito na plenitude do seu amor pressago soava como um dobre aos meus ouvidos.

— Se andam à procura do Sr. Carstone — disse o Sr. Vholes, que vinha atrás de nós —, poderão encontrá-lo no salão do Tribunal. Deixei-o ali

descansando um pouco. Até logo, doutor. Passe bem, Miss Summerson.

Ao lançar-me aquele seu olhar lentamente devorador, enquanto amarrava os cordões de sua pasta, antes de sair apressado atrás do Sr. Kenge, de quem ele parecia ter medo de largar a sombra benigna e conversável, deu um suspiro convulsivo como se houvesse engolido o último naco do seu cliente, e o seu vulto negro, rigorosamente abotoado, antipático, deslizou até a porta baixa na extremidade do vestíbulo que transpôs.

— Meu bem — disse Allan —, deixe ainda um pouco para mim o encargo que me confiou. Volte para casa com esta informação e siga logo depois para a de Ada.

Não consenti que me fosse levar até um coche, mas insisti para que fosse ter com Ricardo sem perder um instante, e me despedi para fazer o que ele dissera. Correndo de volta a casa, encontrei meu tutor e lhe contei pouco a pouco as notícias que trazia.

— Mulherzinha — disse ele, inteiramente insensível no que lhe dizia respeito —, que o processo tenha em todo o caso chegado a um fim é uma bênção maior do que eu podia esperar. Mas coitados de meus pobres primos!

Conversamos a respeito deles a manhã inteira e discutimos o que era possível fazer. À tarde, meu tutor levou-me até Symond's Inn e parou à porta enquanto eu subia a escada. Quando minha querida ouviu meus passos, saiu para o pequeno corredor e atirou os braços em torno de meu pescoço, mas logo se conteve e disse que Ricardo havia perguntado por mim várias vezes. Allan o encontrara sentado a um canto da sala de audiências, disse-me ela, como se fosse uma figura de pedra. Havendo despertado, desembaraçara-se à força e fez como se se estivesse dirigindo em voz áspera ao juiz. Mas uma golfada de sangue interrompeu-o, e Allan o trouxera para casa.

Quando entrei, estava deitado no sofá e tinha os olhos fechados. Havia em cima da mesa alguns medicamentos analépticos. O quarto estava muito arejado, achava-se quase às escuras, bem arrumado e em sossego. Allan estava atrás de Ricardo, observando-o muito sério. O rosto de Ricardo me pareceu inteiramente sem cor, e agora, que eu o via sem que ele me visse, observei bem, pela primeira vez, quão devastado estava. Mas parecia tão belo como há muito não o via assim.

Sentei-me em silêncio ao lado dele. Abrindo os olhos pouco depois,

disse em voz fraca, mas com o mesmo sorriso de outrora: — D^a Durden, dê-me um beijo, minha querida!

Foi um grande conforto e uma grande surpresa para mim encontrá-lo, apesar de seu abatimento, prazenteiro e animoso. Sentia-se tão feliz, disse ele, com o nosso ajustado enlace, que não lhe era possível encontrar palavras para exprimi-lo. Meu futuro marido tinha sido um anjo da guarda para ele e para Ada, por isso nos abençoava a ambos e nos desejava toda a alegria que a vida nos pudesse conceder. Quase senti meu coração partir-se quando o vi pegar na mão de Allan e apertá-la ao peito.

Falamos do futuro tanto quanto pudemos, e ele disse várias vezes que estaria presente ao nosso casamento se pudesse ter-se em pé. Ada havia de arranjar um meio de levá-lo, disse ele. — Sim, decerto, querido Ricardo! — Mas eu sabia, eu sabia por que lhe respondeu assim minha querida, tão cheia de esperança, tão serena e tão bela, ao pensar no auxílio que lhe havia de vir tão depressa!

Não era bom para ele falar demais; e, quando se calou, nós também silenciámos. Sentada ao lado dele, fingi costurar para minha querida, uma vez que ele tinha costume de gracejar comigo por me mostrar sempre atarefada. Ada inclinou-se sobre seu travesseiro, apoiando-lhe a cabeça em seu braço. O doente dormitava muitas vezes, e, quando acordava e não o via, perguntava, antes de tudo: — Onde está Woodcourt?

A noite tinha chegado, quando levantei os olhos e vi meu tutor, de pé na pequena sala.

— Quem é, D^a Durden? — perguntou-me Ricardo.

A porta ficava atrás dele, mas pelo meu rosto vira que alguém estava ali.

Olhei para Allan pedindo conselho, e como ele acenasse afirmativamente, inclinei-me sobre Ricardo e lhe disse quem era. Meu tutor percebeu o que se passava, num momento aproximou-se de manso, pondo-se ao meu lado, e segurou a mão de Ricardo.

— Oh! — disse Ricardo — o senhor é um homem bom, o senhor é um homem bom! — e reventou em pranto pela primeira vez.

Meu tutor, que era o retrato de um homem bom, sentou-se no meu lugar, conservando presa a mão de Ricardo.

— Meu caro Rick — disse ele —, as nuvens se desfizeram e o céu agora está claro. Agora podemos ver. Estamos todos mais ou menos desnorteados, Rick. Mas que importa? E como vai você, meu caro rapaz?

— Estou muito fraco, senhor, mas espero poder ficar mais forte. Tenho de começar a viver.

— Ah, realmente! Disse muito bem! — exclamou meu tutor.

— Mas agora não começarei da antiga maneira — disse Ricardo com um sorriso triste. — Agora aprendi uma lição, senhor. Foi dura, mas pode ficar certo que me serviu.

— Bem, bem — disse meu tutor, confortando-o —, bem, bem, meu caro rapaz!

— Estava pensando — continuou Ricardo — que não há nada na terra que eu gostaria tanto de ver como a casa deles — a casa de D^a Durden e de Woodcourt. Se puder ser transportado até lá quando começar a recuperar as forças, creio que ali me restabelecerei mais depressa do que em qualquer outra parte.

— Ora, é justamente o que tenho estado também pensando, Rick — disse meu tutor —, e nossa mulherzinha da mesma forma. Ela e eu estivemos hoje mesmo falando nisso. E posso afirmar que o marido dela não fará nenhuma objeção. Que acha você?

Ricardo sorriu e levantou o braço para tocá-lo, visto como ele estava atrás da cabeceira de seu leito.

— Nada digo de Ada — disse Ricardo —, mas penso nela, tenho pensado muito nela. Olhe para ela! Veja-a aqui, senhor, curvada sobre este travesseiro quando tanta necessidade tem ela própria de descansar, ela, o meu querido amor, a minha pobre mulher!

Cingiu-a entre seus braços, enquanto todos nós estávamos calados. Pouco a pouco foi libertando-a; ela olhou para nós, levantou os olhos para o céu e moveu os lábios.

— Quando eu for para a Casa Soturna — disse Ricardo —, terei muito que dizer-lhe, senhor, e o senhor terá muito que mostrar-me. O senhor irá, não é verdade?

— Sem dúvida, meu caro Rick.

— Obrigado. Só mesmo o senhor, só o senhor! — disse Ricardo. — Eles me contaram como o senhor a planejou e como se lembrou de todos os gostos familiares e de todas as preferências de Ester. Será como voltar de novo à velha Casa Soturna.

— E você voltará para esta de novo, segundo espero, Rick. Como sabe, agora sou um homem solitário, e será uma caridade vir morar comigo. Uma caridade vir morar comigo, meu bem! — repetiu para Ada, enquanto lhe corria delicadamente a mão pelo cabelo dourado e levava aos lábios uma de suas madeixas. (Penso que havia resolvido firmemente cuidar dela se viesse a ficar sozinha.) — Foi tudo um sonho confuso! — disse Ricardo, agarrando avidamente as duas mãos de meu tutor.

— Nada mais do que isso, Rick, nada mais.

— E o senhor, sendo um homem bom, pode acreditar que assim foi, e perdoar ao sonhador, ter piedade dele, ser compassivo e alentador quando ele acorda, não é mesmo?

— Posso sim. Que sou eu senão um outro sonhador, Rick?

— Vou começar a viver! — exclamou Ricardo, com uma luz nos olhos.

Meu noivo aproximou-se um pouco mais de Ada, e vi-o levantar solenemente a mão para advertir meu tutor.

— Quando poderei sair deste lugar para aquela amena região onde estão os velhos tempos, onde terei forças para dizer o que Ada tem sido para mim, onde serei capaz de relembrar minhas muitas faltas e cegueira, onde me prepararei para ser um guia de meu filho que vai nascer? — disse Ricardo. — Quando poderei ir?

— Querido Rick, quando você estiver bastante forte — respondeu meu tutor.

— Ada, minha querida!

Procurou erguer-se um pouco. Allan levantou-o de modo que ela pudesse estreitá-lo ao peito, que era o que ele queria.

— Causei-lhe muitos desgostos, minha querida. Caí como uma pobre sombra extraviada em seu caminho, casei você com a pobreza e a desgraça, espalhei aos ventos o que você possuía. Quer perdoar-me tudo isso, minha Ada, antes que eu comece a viver?

Um sorriso iluminou-lhe a face quando ela se curvou para beijá-lo. Lentamente encostou ele seu rosto no seio dela, enlaçou-lhe mais fortemente o pescoço com seus braços, e com um soluço de despedida começou a viver. Não esta vida, oh, esta não! A vida que conserta esta.

Quando, numa hora mais avançada, tudo era silêncio, a pobre e louca Miss Flite veio chorando ter comigo, para dizer-me que pusera seus pássaros em liberdade.

EM LINCOLNSHIRE

Paira certo silêncio em Chesney Wold nestes dias mudados, como paira sobre uma parte da história da família. Correm boatos de que Sir Leicester comprou o silêncio de algumas pessoas que poderiam ter falado, mas são boatos inverossímeis, fracamente cochichados e divulgados, e qualquer faísca de vida mais brilhante que mostrem logo se extingue. É sabido como certo que a formosa Lady Dedlock jaz no mausoléu do parque, cujas árvores se arqueiam tristonhamente sobre ele, e ouve-se à noite o chirriar do mocho nos bosques. Mas o que é completo mistério é saber donde foi trazida para ser depositada entre os ecos daquele solitário lugar, ou como morreu. Algumas de suas antigas amigas, encontradiças principalmente entre os feiticeiros de bochechas de pêssago e com gargantas de esqueleto, disseram certa vez por acaso, enquanto brincavam de uma forma espectral com enormes leques — como feiticeiras reduzidas a namorar a morte inflexível, depois de haverem perdido todos os seus outros adoradores —, disseram certa vez, ao ensejo de uma reunião mundana, que admiravam como as cinzas dos Dedlocks encerradas no mausoléu nunca se houvessem levantado contra a profanação que representava a companhia dela. Mas os falecidos Dedlocks aceitaram-na com perfeito sossego, e não se sabe que hajam alguma vez feito qualquer objeção.

Erguendo-se dentre os fetos da cavidade e acompanhando as sinuosidades da estrada destinada aos animais, entre as árvores, chega às vezes até aquele lugar solitário o tropel de cascos de cavalos. Pode-se então ver Sir Leicester — doente, curvado, e quase cego, mas de aspecto respeitável ainda — cavalgando ao lado de um homem robusto, firme na rédea. Quando chegam a um determinado lugar diante da porta do mausoléu, o cavalo de Sir Leicester para espontaneamente, e Sir Leicester, descobrindo-se, guarda silêncio por alguns momentos, antes de continuar o seu passeio.

A guerra com o atrevido Boythorn está ainda viva, embora a intervalos incertos, e ora ardente, ora fria, bruxuleando como uma chama instável. A verdade é que, quando Sir Leicester se instalou permanentemente em Lincolnshire, o Sr. Boythorn mostrou manifesto desejo de renunciar o seu direito ao caminho e de fazer o que Sir Leicester quisesse. Achando que aquilo era uma condescendência usada com a sua enfermidade e infortúnio, Sir Leicester sentiu tamanho ressentimento e se considerou tão altamente agravado, que o Sr. Boythorn se viu na necessidade de cometer uma flagrante violação para pôr o vizinho restabelecido. Semelhantemente, continua o Sr. Boythorn a pregar tremendos cartazes na disputada passagem e (com seu pássaro na cabeça) a vociferar contra Sir Leicester no santuário do seu lar. Da mesma maneira também o desafia, como de costume, na igrejinha, testemunhando um brando desconhecimento de que ele exista. Mas rosna-se que, quando está mais enfurecido contra seu antigo adversário, é que se mostra mais atencioso, e que Sir Leicester, na dignidade com que se revela implacável, não desconfia de que está de melhor gênio. Também pouco pensa em como ele e seu antagonista sofreram quase juntos, amarrados aos destinos de duas irmãs; e seu antagonista, que agora sabe disso, não é homem para vir dizer-lhe. De modo que a contenda prossegue com satisfação de ambos.

Numa das casas do parque — aquela casa avistada do solar, onde, em tempos que já lá vão, quando as chuvas cessavam de cair em Lincolnshire, Lady Dedlock costumava ir ver a filha do guarda — está alojado o homem robusto, o antigo cavalariano. Algumas relíquias de sua antiga profissão pendem das paredes, e a distração predileta dum homenzinho coxo que anda pelo pátio da estrebaria é trazê-las num brilho impecável. Mostra-se sempre muito atarefado, polindo, diante das portas do quarto de arreios, ferros de estribos, freios, correntes de barbeias, tachos de arneses, tudo quanto numa estrebaria precise de ser polido — levando uma vida de perpétua esfregação. É, por outra parte, um homenzinho cabeludo e quebrantado, parecido com um cão velho de alguma raça cruzada, que já comeu bastante do pão que o diabo amassou. Responde pelo nome de Phil.

Belo espetáculo é ver a majestosa velha governanta (agora mais surda, indo à igreja apoiada no braço do filho, e observar — o que raros fazem, porque a casa tem pouca gente nestes tempos — as relações de ambos com Sir Leicester, e as deste com eles. Aparecem visitantes na maior força do verão: por essa época do ano uma capa cinzenta e um guarda-sol,

desconhecidos de Chesney Wold em outras ocasiões, são vistos entre as folhas; duas meninas são encontradas uma vez ou outra pulando e brincando em retiradas covas de serrador e noutros recantos do parque; e o fumo de dois cachimbos sobe em espiral no fragrante ar da tarde, da porta do cavalariano. Então há um som de pífano dentro da casa, tocando trechos inspirados dos Granadeiros Ingleses; e, quando a noite cai, ouve-se uma voz áspera e inflexível dizer, enquanto dois homens passeiam juntos de um lado para outro: — Mas nunca digo isso diante da velha. A disciplina deve ser mantida.

A maior parte da casa está fechada e não é mais aberta aos turistas. Contudo, encolhido como está, Sir Leicester conserva sua pompa no comprido salão e repousa no seu antigo lugar diante do retrato de Lady Dedlock. Encerrada de noite entre largos biombos e brilhando somente naquela parte, a luz do salão parece gradualmente contrair-se e minguar até se extinguir. Mais um pouco, na verdade, e ela se extinguirá de todo para Sir Leicester, e a úmida porta do mausoléu, que fecha tão bem e parece tão hermética, se abrirá para acolhê-lo e dar-lhe paz.

Volúmnia, tornando-se com o correr do tempo mais rosada no corado de sua face e mais amarela no branco da mesma, lê para Sir Leicester durante as longas noites, e é forçada a valer-se de variadas simulações para ocultar seus bocejos, das quais a principal e mais eficaz é a inserção do colar de pérolas entre os róseos lábios. Tratados de largo fôlego sobre a questão entre Buffy e Boodle, mostrando como Buffy é puro e Boodle vilão, e como o país está perdido por ser todo Boodle e não Buffy, ou salvo por ser todo Buffy e não Boodle (deve ser um dos dois e não pode ser nenhum outro) constituem o essencial de sua leitura. Sir Leicester não se mostra muito interessado com a leitura e parece mesmo não acompanhá-la muito de perto, mas sempre desperta completamente no momento em que Volúmnia faz menção de parar, e repetindo alto e bom som a última palavra por ela pronunciada, pergunta com certo desprazer se ela se sente fatigada. Volúmnia, entretanto, no decurso de suas constantes idas e vindas pela casa — olha aqui um objeto, colhe ali um papel — deu com um memorando relacionado com ela e relativo “qualquer coisa que possa ocorrer” ao parente, o que não deixa de ser uma bela compensação para tão extenso curso de leitura, e até conserva a distância o dragão do tédio.

Os primos em geral conservam-se um tanto esquivos diante da tristeza de Chesney Wold, mas lá aparecem um pouco na estação de caçadas, quando se

houve o estampido de armas nas plantações, e alguns batedores e guardas espalhados esperam nos antigos pontos de encontro dois ou três primos desanimados. O primo debilitado, mais debilitado ainda pela melancolia do lugar, abisma-se num horrível estado de depressão, gemendo debaixo de penitenciais almofadas de sofá nas horas em que não está na casa, e protestando que aquele infernal calabouço era bastante para enfurecer qualquer cristão.

As únicas ocasiões importantes para Volúmnia, nesse mudado aspecto da mansão de Lincolnshire, são aquelas, raras e muito espaçadas, em que se tem de fazer alguma coisa pelo condado ou pelo país, e por isso dá-se um baile público. Então a coberta sáfide sai em traje de fada e, escoltada pelos primos, se encaminha prazerosa para o velho e gasto salão de reuniões que fica a vinte e dois quilômetros puxados e que, durante trezentos e sessenta e quatro dias e noites de cada ano comum, é uma espécie de sótão destinado a trastes de antípodas, cheio de cadeiras velhas e de mesas de pernas para o ar. Então é que ela cativa todos os corações pela sua condescendência, pela sua vivacidade moça e pelo seu jeito saltitante de andar por toda a parte, como nos dias em que o hediondo e velho general, com a boca muito cheia de dentes, não arrancava nenhum deles a dois guinéus cada um. Então aquela ninfa pastoral de boa família gira e rodopia por entre o labirinto das danças. Então os jovens campônios aparecem com chá, com limonada, com sanduíches, com homenagens. Então ela se mostra bondosa e cruel, imponente e modesta, vária, belamente caprichosa. Então ocorre uma espécie de singular paralelo entre ela e os pequenos candelabros de vidro de outra época, que adornam aquele salão de reuniões, os quais — com seus delgados pés, seus pingos escassos, seus nós enganadores onde não há pingos, suas hastezinhas nuas nas quais não se veem nem nós nem pingos, e seu frouxo tremeluzir prismático — parecem outras tantas Volúmnias.

Quanto ao resto, a vida em Lincolnshire é para Volúmnia um enorme vácuo de casa imensa abrindo para árvores que suspiram, torcem as mãos, curvam as copas e derramam lágrimas sobre os vidros das janelas, num abatimento monótono. Um dédalo de grandeza, menos a propriedade de uma velha família de seres humanos e de seus espectrais semelhantes, do que de uma velha família de ecos e trovões que saltam de suas centenas de túmulos a cada som e vão ressoar através da casa inteira. Um deserto de corredores e escadas que ninguém usa, e onde deixar cair um pente à noite sobre o chão

dum quarto de dormir é o mesmo que mandar um furtivo tropel de passos levar um recado a todo o edifício. Um lugar onde poucas são as pessoas que gostam de andar sós; onde uma criada dá um grito se uma cinza cai do fogão, vive a chorar em todos os tempos e estações, torna-se vítima de neurastenia profunda, avisa que vai sair e sai.

Assim está Chesney Wold. Com tão grande parte de si mesmo entregue às trevas e ao vazio; com tão pequena mudança no verão cintilante ou no nebuloso inverno; sempre tão sombrio e imoto — nenhuma bandeira a esvoaçar ao vento agora de dia, nem fileiras de luzes brilhando de noite; sem família indo e vindo, sem visitas que sejam as almas das frias e pálidas formas dos quartos, sem sinal de vida dentro dele —; paixão e orgulho, até mesmo aos olhos do estranho, morreram no solar de Lincolnshire, votando-o ao marasmo de um melancólico repouso.

FIM DA NARRATIVA DE ÉSTER

Durante bons sete anos de ventura tenho sido a dona da Casa Soturna. As poucas palavras que devo acrescentar ao que tenho escrito serão sem demora postas aqui. Depois eu e o ignoto amigo ou amiga a quem escrevo nos separaremos para sempre — não sem grande e dorida saudade da minha parte, não sem alguma também, ainda que pequena, da parte dele ou dela, conforme espero.

A minha querida Ada foi entregue aos meus cuidados, e durante muitas semanas nunca a deixei. A criancinha, de quem tanto se esperava, nasceu antes que a relva fosse plantada sobre a sepultura de seu pai. Era um menino; e eu, meu marido e meu tutor demos-lhe o nome do pai.

O auxílio com que a minha querida Ada contava lhe veio, posto que lhe viesse, de acordo com a Eterna Sabedoria, para outro fim. Ainda que tornar feliz e confortar sua mãe, e não seu pai, fosse a missão dessa criança, seu poder para cumpri-la foi grande. Quando vi a força da débil mãozinha, e vi quanto seu toque podia cicatrizar o coração de minha querida, reavivando dentro dela a esperança, percebi um novo sentido da bondade e da ternura de Deus.

Mãe e filho gozavam saúde, e pouco a pouco pude ver minha querida Ada passeando no meu jardim rústico com seu menininho nos braços. Eu já estava casada. Era a mais feliz de todas as criaturas felizes.

Foi por essa ocasião que meu tutor se reuniu a nós, e perguntou a Ada quando voltaria para casa.

— As duas casas são o seu lar, minha querida — disse ele —, mas a antiga Casa Soturna reivindica prioridade. Quando você e o meu menino estiverem bastante fortes para partir, venha tomar posse do seu lar.

Ada chamou-lhe “queridíssimo primo João”. Mas ele disse: “Não. Agora deve ser tutor.” Foi o tutor dela daí por diante, e do menino; e tinha uma

antiga ligação com o nome. Por isso ela passou a chamá-lo tutor, e desde então não mais deixou de o fazer. As crianças não o conhecem por outro nome. As crianças, digo, pois tenho duas filhinhas.

É difícil acreditar que Charley (ainda de olhos redondos e ainda avessa à gramática) está casada com um moleiro nosso vizinho. Todavia, assim é, e neste instante, levantando os olhos desde a mesa onde escrevo, de manhã cedo diante da minha janela de verão, avisto o moinho que começa a rodar. Espero que o moleiro não estragará Charley com mimos, pois está muito apaixonado por ela, e Charley se mostra um tanto vaidosa com o casamento, porque o rapaz está próspero e foi muito requestado. Pelo que diz respeito à minha criadinha, eu era capaz de supor que o tempo permaneceu durante sete anos tão parado como parado estava o moinho há meia hora, pois que Ema, a irmã de Charley, é hoje exatamente o que era Charley há sete anos. Quanto a Tom, irmão de Charley, tenho realmente receio de dizer o que ele aprendeu na escola, mas creio que chegou até os números decimais. É aprendiz do moleiro ou coisa parecida. É um rapaz bom e tímido, que está sempre apaixonando-se por alguém e sempre envergonhando-se disso.

Caddy Jellyby passou suas últimas férias conosco, e mostrou-se mais admirável que nunca; estava perpetuamente bailando com as crianças dentro de casa e fora dela, como se nunca tivesse dado uma lição de dança em sua vida. Caddy possui agora uma carruagenzinha própria e mora a umas duas boas milhas para lá da banda ocidental da Rua Newman. Trabalha muito, estando seu marido, uma excelente criatura, meio aleijado e impossibilitado de trabalhar demais. Contudo, está mais do que satisfeita, e faz de coração tudo quanto tem de fazer. O Sr. Jellyby passa as noites na nova casa dela, com a cabeça encostada à parede, como costumava fazer na antiga casa. Eu soube que a Sra. Jellyby dava a entender que sofreu grande mortificação com o ignóbil casamento de sua filha e suas ocupações; mas espero que já lhe tenha passado a repugnância. Desiludiu-se com Borriobula-Gha, que deu num fracasso em consequência de ter o rei de Borriobula querido vender, em troca de rum, toda a gente que não morria naquele clima; mas reiniciou suas atividades defendendo o direito de fazerem as mulheres parte do Parlamento, e diz-me Caddy que essa nova missão exige uma correspondência muito mais vasta do que a antiga. Quase me ia esquecendo da pobre menininha de Caddy. Não é mais um bocadinho de gente, mas é surda muda. Creio que nunca houve melhor mãe que Caddy; nos seus raros intervalos de lazer ela aprende

inúmeros processos de instruir surdos-mudos, para aliviar a aflição de sua filha.

Como já falei muito a respeito de Caddy, lembro-me agora de Peepy e do velho Sr. Turveydrop. Peepy está empregado na alfândega e vai indo muito bem. O velho Sr. Turveydrop, muito apoplético, ainda exhibe sua elegância pela cidade, ainda se diverte à antiga maneira e é ainda acreditado como sempre. Mostra-se constante na sua afeição a Peepy, e dizem que lhe deixa em testamento um relógio francês de sua predileção, que se acha em seu quarto de vestir... mas que não lhe pertence.

Com o primeiro dinheiro que economizamos, aumentamos nossa linda casa, acrescentando-lhe uma modesta Resmungadoria expressamente para meu tutor, inaugurando-a com grande esplendor na primeira vez que ele nos veio visitar. Procuro dar a tudo isso um tom alegre, porque vejo que o fim da história se aproxima; mas, quando me refiro ao meu tutor, não logro conter as lágrimas.

Nunca olho para ele que não ouça o nosso pobre e querido Ricardo chamando-lhe “um homem bom”. Para Ada e para o seu lindo filho é o mais amoroso dos pais; para mim é o que sempre foi, e que nome posso dar a isso? É o melhor e o mais querido amigo de meu marido, é o querido de nossas filhas, é o objeto do nosso mais profundo amor e veneração. Todavia, enquanto sinto que ele é para mim como que um ente superior, tenho com ele toda a familiaridade e me sinto tão à vontade que quase me espanto. Nunca deixei de ser chamada com os meus antigos nomes, nem ele com o seu; nem nunca quando ele está conosco, me sento em outro lugar que não na minha velha cadeira a seu lado. — D^a Trot, D^a Durden, Mulherzinha! — tudo como sempre foi; e eu respondo como sempre respondi: — Sim, querido tutor!

Nem por um momento mais percebi que o vento soprasse de leste, desde o dia que ele me levou ao pátio para eu ler o nome. Observei-lhe certa vez que o vento agora parecia nunca mais soprar de leste, e ele disse: — Não, de fato; afastou-se definitivamente daquelas bandas naquele mesmo dia.

Acho que minha querida Ada está mais formosa do que nunca. A tristeza que havia em seu rosto — e que já não está ali — parece ter purificado até mesmo sua inocente expressão, dando-lhe uma qualidade mais divina. Às vezes, quando levanto os olhos e a vejo com o vestido preto que nunca deixa de usar, ensinando o meu Ricardo, sinto — é difícil exprimir — a impressão

de que seria muito bom eu saber que ela se recorda de sua querida Ester em suas orações.

Chamo-o meu Ricardo! Mas ele diz que tem duas mães, e que uma delas sou eu.

Não temos dinheiro no banco, mas temos sempre prosperado e possuímos o suficiente. Nunca saio a passeio com meu marido que não ouça o povo abençoá-lo. Nunca vou a uma casa de qualquer condição que não ouça elogios a ele ou não veja brilhar a gratidão nos olhos de todos. Nunca me deito à noite que não saiba que no correr do dia ele aliviou dores e socorreu alguma criatura na hora da necessidade. Sei que dos leitos daqueles que eram incuráveis, muitas e muitas vezes se ergueram, na hora derradeira, agradecimentos à sua paciente assistência. Não é isso ser rico?

O povo chega até a elogiar-me como a mulher do médico, chega mesmo a gostar de mim quando ando pela rua, e a fazer tanto caso de mim que fico inteiramente confundida. Devo tudo isso a ele, meu amor e meu orgulho! Gostam de mim por causa dele, porque tudo quanto faço na vida faço-o por causa dele.

Na noite passada ou na anterior, depois de ter andado muito atarefada preparando tudo para receber a visita de minha querida Ada, de meu tutor e de Ricardinho, que chegarão amanhã, estava eu sentada no pátio — aquele pátio de lembrança sempre querida — quando Allan voltou para casa. Disse ele então: — Minha rica mulherzinha, que está você fazendo aqui?

E eu respondi:

— A lua brilha tanto, Allan, e a noite está tão deliciosa, que fiquei sentada aqui, pensando.

— Em que esteve pensando, minha querida? — perguntou Allan então.

— Que curioso você é! — exclamei. — Tenho quase vergonha de dizer-lhe, mas vou dizer. Estive pensando em minhas antigas feições... tais como eram.

— E o que pensou delas, minha abelha laboriosa?

— Estive pensando que era impossível que você me amasse mais do que me ama, se eu as tivesse conservado.

— Tais como eram? — perguntou Allan, rindo.

— Tais como eram, sem dúvida.

— Minha querida D^a Durden — disse Allan, dando-me o braço —, você nunca se olha ao espelho?

— Você sabe que sim. Já me tem visto fazê-lo.

— E não sabe que está mais bonita que nunca?

Eu não sabia disso; não tenho certeza de que o saiba agora. Mas sei que minhas filhas são muito lindas, que minha querida Ada é muito linda, que meu marido é muito formoso, e que meu tutor tem o rosto mais brilhante e mais benévolo que já se viu, e que eles podem muito bem dispensar-me de possuir grande beleza... ainda supondo...

créditos:

Digitalização / Revisão: Flamarion

epub: armazémCultural

